ALMA ENCANTADA

I

ANITA E SÍLVIA

ROMAIN ROLLAND

ALMA ENCANTADA

I

ANITA E SÍLVIA

Tradução
de
JAIME BRASIL

PORTUGÁLIA EDITORA
LISBOA

ANITA E SÍLVIA é o prelúdio duma obra em vários volumes, que terá por título

A L M A E N C A N T A D A

O Amor, o primogénito dos seres,

O Amor, que mais tarde gerou o Pensamento...

RIG-VEDA

ANITA E SÍLVIA

PRIMEIRA PARTE

ANITA sentara-se junto da janela, de costas para a luz, recebendo, no pescoço e na nuca, os raios do sol poente. Acabara de entrar. Pela primeira vez, havia alguns meses, passara o dia fora, no campo, deambulando e embriagando-se com aquele sol de Primavera. Sol perturbador como um vinho generoso, que nenhuma sombra das árvores nuas atenuava, avivado pelo ar fresco do Inverno que se ia. A cabeça andava-lhe à roda, as artérias batiam com força e sentia os olhos inundados de torrentes de luz. Vermelho e oiro, sob as pálpebras cerradas. Oiro e vermelho, por todo o corpo. Imóvel, amodorrada na cadeira, durante momentos, dormitou...

Um lago, no meio da mata, com uma placa de sol a cintilar. Em volta, um círculo de árvores de troncos musgosos. Deu-lhe vontade de se banhar. Sentiu-se despida. A mão fresca da água palpava-lhe os pés e os joelhos. Voluptuoso torpor. Contemplava-se, nua, no lago vermelho e oiro. Uma sensação de mal-estar, obscura, indefinível: como se outros olhos, ocultos, a espreitassem. Para lhes fugir entrou mais pela água dentro, a fim de que ela a cobrisse até o pescoço. A água, coleante, tornou-se num

abraço vivo; os limos longos enredavam-se-lhe nas pernas. Queria desprender-se e enterrava-se, cada vez mais, no lodo. Ao alto, por cima do lago, dormia a placa de sol. Firmou os pés no fundo e, encolerizada, num impulso forte, aflorou à superfície. A água estava agora cinzenta, parada, suja. Sobre a sua escama brilhante, sempre o sol... Anita agarrou-se ao braço dum salgueiro, pendente por cima do lago, para fugir daquela imundície húmida. O ramo, coberto de folhas, como uma asa, envolveu-lhe as espáduas e as costas nuas. A sombra da noite caía e o ar frio batia-lhe na nuca...

Saiu do seu torpor. Desde que caíra nele, apenas alguns segundos teriam decorrido. O sol desaparecia por detrás das colinas de Saint-Cloud. Sentia-se a frescura da tarde.

Anita, desentorpecida, levantou-se, um tanto friorenta, e franzindo o sobrecenho, despeitada, irritada pelo devaneio em que se deixara cair, encaminhou-se até o fundo do seu quarto, para se sentar em frente do fogo. Um amável fogo de lenha, cuja tarefa era mais distrair os olhos e fazer companhia do que aquecer. Do jardim entrava, pela janela aberta, com o sopro de ar molhado dum entardecer de princípio de Primavera, o melodioso chilrear da passarada, que regressava para ir dormir.

Anita sonhava. Desta vez, porém, tinha os olhos abertos. Reentrara no seu ambiente habitual. Estava em sua casa. Era Anita Rivière. Inclinada para as chamas que purpurejavam o seu rosto jovem — aflorando com o pé a sua gata preta, que estendia o ventre para os tições de oiro — reavivou o seu luto, por um instante esquecido. Recordou a imagem (fugida do seu coração) do ente que perdera. De luto pesado, na fronte e nas comissuras dos lábios os traços

ainda não extintos da passagem da dor, as túnicas das pálpebras ainda inchadas das lágrimas recentes, mas sadia, fresca, plena de seiva como a natureza jovem, esta robusta rapariga, não bonita, mas bem feita, de pesados cabelos castanhos, de pescoço moreno, de faces coradas, de olhos em flor — procurando trazer aos seus olhos distraídos e envolver os ombros nos véus dispersos da melancolia — parecia uma jovem viúva, que via fugir a sombra amada.

Viúva, Anita era-o com efeito no seu coração; mas aquele de quem as suas mãos pareciam querer reter a sombra era seu pai.

Havia já seis meses que o tinha perdido. Por volta do fim do Outono, Raul Rivière, novo ainda (não tinha feito os cinquenta anos), desapareceu, em dois dias, levado por uma crise de uremia. Não obstante haver muitos anos que a sua saúde, de que abusara, o tinha obrigado a cautelas, não esperava um descer do pano tão rápido. Arquitecto parisiense, antigo pensionista em Roma, belo rapaz, muito vivo e dotado duma fama pouco comum, festejado nos salões, cumulado de distinções pelo mundo oficial, tinha sabido coleccionar, toda a sua vida, sem parecer procurá-las, as encomendas, as honras e as aventuras. Tipo bem parisiense, popularizado pela fotografia, os desenhos dos magazines e as caricaturas — com a testa bem arqueada, reforçada nas fontes, a cabeça baixa, como a dum toiro que arremete, os olhos de glóbulos salientes, um olhar audacioso, os cabelos brancos abundantes cortados à Tito, a mosca sob a boca risonha e voraz, um ar espiritual, insolente, gracioso e descarado. Em Toda-a-Paris das artes e do prazer, não havia quem não o conhecesse. E ninguém o conhecia. Homem de dupla natureza, sabia adaptar-se à sociedade para a

explorar, mas sabia também construir, à parte, a sua vida privada. Homem de fortes paixões e de vícios poderosos que, sem deixar de os cultivar, sabia ocultá-los, para não escandalizar os clientes — tinha o seu museu secreto *(fas ac nefas)* que só mostrava a raros iniciados —, não ligava importância ao gosto nem à moral públicos, conformando-se, todavia, com eles na sua vida aparente e nos seus trabalhos oficiais. Ninguém o conhecia, nem entre os seus amigos, nem entre os seus inimigos... Os seus inimigos? Não tinha nenhum. Rivais, quando muito, a quem tinha custado caro atravessarem-se no seu caminho; mas eles não lhe queriam grande mal por isso. Depois de os ter vencido, tinha a arte de os afagar, a ponto de, como sucede com os tímidos a quem se pisam os calos, estarem prontos a sorrir e a pedir desculpa. Rude mas astucioso, conseguira o milagre de ficar em boas relações com os concorrentes a quem suplantava e as conquistas que abandonava.

Fora um tanto menos feliz no lar doméstico. Sua mulher teve o mau gosto de sofrer com as suas infidelidades. Embora, passados vinte e cinco anos de casados, pensava ele, tivesse tido tempo de se habituar, nunca ela se resignou a isso. Duma honestidade inflexível, de maneiras um tanto frias, como o era a sua formosura de lionesa, possuindo sentimentos intensos mas concentrados, não tinha nenhuma habilidade para o reter; e ainda tinha menos o talento, tão prático, de fingir ignorar o que não podia impedir. Demasiado digna para se lamentar, não pôde conformar-se a ocultar-lhe que sabia e sofria. Como ele era sensível (pelo menos supunha-o) — evitava pensar nisso; mas não lhe desculpava o não saber velar melhor o seu egoísmo. Havia muitos anos que viviam a bem dizer separados; mas, por um acordo tácito,

ocultavam isso aos olhos do mundo; a sua própria filha, Anita, nunca deu conta da situação. Não tinha procurado aprofundar a desinteligência entre seus pais; isso ser-lhe-ia desagradável. À adolescência bastam as próprias preocupações. Pouco lhe importam as dos outros!

A suprema habilidade de Raul Rivière consistiu em pôr sua filha do seu lado. Bem entendido, nada fez para isso; foi o triunfo da arte. Nem uma palavra de recriminação, nem alusões aos erros da Sr.ª Rivière. Era cavalheiro; deixava a sua filha o cuidado de os descobrir. Ela não deixou de o fazer, porque, também, estava presa do encanto de seu pai. Era o meio de não contrariar aquela que, sendo sua mulher, tivera a inabilidade de perder essa alegria! Nesta luta desigual, a pobre Sr.ª Rivière estava de antemão vencida. Completou a sua derrota morrendo antes do marido. Raul ficou só senhor do terreno — e do coração de sua filha. Durante os últimos cinco anos, Anita tinha vivido dentro do ambiente moral do seu amável pai, que a amimava e, sem ser por mal, lhe prodigalizava as seduções que lhe eram próprias. Mostrou-se tanto mais pródigo para com ela, quanto é certo que essas qualidades não tinham aplicação fora de casa, porque havia dois anos que estava retido no lar pelos prenúncios da doença que o devia levar.

Nada tinha, portanto, perturbado a cálida intimidade que unia o pai e a filha e enchia o coração, mal desperto, de Anita. Esta tinha vinte e três para vinte e quatro anos; mas o seu coração parecia mais jovem do que a sua idade; não era apressado. Talvez, como todos aqueles que têm diante de si um longo futuro e porque sentia palpitar em si uma vida profunda, ela deixava-a acumular-se, sem pressa de lhe fazer as contas.

Parecia-se com ambos os seus progenitores: tinha do pai o desenho dos traços e o sorriso encantador, que, nele, prometia muito mais do que ele supunha e que nela ficara puro, muito mais do que ela desejava — e da mãe, a tranquilidade aparente, o comedimento dos modos e a seriedade moral, a despeito dum espírito muito livre. Duplamente aliciante, pela sedução dum e a reserva do outro. Não podia adivinhar-se qual dos temperamentos predominava nela. A sua verdadeira natureza era ainda uma incógnita. Para os outros, como para ela própria. Ninguém sabia nada do seu universo oculto. Era uma Eva no jardim, semi-adormecida. Dos desejos que abrigava não tinha ainda tomado consciência. Nada os tinha despertado, porque nada tinha chocado com eles. Parecia que só tinha que estender os braços para os apanhar. Ela, porém, não o tentava fazer, meio adormecida ao seu zumbir feliz. Talvez não o quisesse tentar... Quem sabe até que ponto nos procuramos enganar? Evitamos ver em nós o que nos inquieta... Ela preferia ignorar esse mar interior. A Anita que conheciam, a Anita que se conhecia, era uma pessoa muito calma, razoável, ordenada, senhora de si, que tinha a sua vontade e o seu livre arbítrio, mas que não tivera, até então, nenhum ensejo de usar deles contra as regras estabelecidas, na sociedade ou em casa.

Sem negligenciar os deveres da vida mundana e sem estar fatigada dos prazeres que muito apreciava, sentia a necessidade duma actividade mais séria. Decidiu fazer estudos bastante completos, seguir os cursos da Faculdade, e fazer os exames para uma dupla formatura. Duma inteligência viva, que procurava aplicar-se, gostava das investigações exactas, especialmente das ciências, para que era bem dotada — talvez porque a sua sadia natureza sentia a ne-

cessidade de opor, por instinto de equilíbrio, a estricta disciplina dum método preciso e de ideias sem nebulosidades à inquietante atracção dessa vida interior, que receava defrontar e que, a despeito dos seus cuidados, a cada paragem do espírito inactivo, ia bater-lhe à porta. Esta actividade clara, limpa, regular, satisfazia-a de momento. Não queria pensar no que viria depois. O casamento não a atraía. Afastava dele o pensamento. Seu pai sorria das suas reservas; mas abstinha-se de as contrariar; aproveitava-se disso.

O desaparecimento de Raul Rivière abalou, até os seus fundamentos, o sólido edifício de que ele era, sem que Anita desse por isso, o principal pilar. Ela não desconhecia o semblante da morte. Vira-o quando, cinco anos antes, sua mãe a deixou. Os traços da sua máscara não são sempre os mesmos. Internada, havia alguns meses, numa casa de saúde, a Sr.ª Revière partira silenciosamente, como tinha vivido, levando consigo o segredo das suas últimas angústias assim como o das preocupações da sua vida, e deixando atrás de si, no inocente egoísmo da adolescência, com uma dor suave semelhante às primeiras chuvas da Primavera, uma impressão de alívio, que não se confessava, e a sombra dum remorso que, breve, desvaneceria a despreocupação de dias felizes...

Foi muito diferente o fim de Raul Rivière. Atingido em plena felicidade, quando julgava poder ainda saboreá-la por largo tempo, não aceitou a partida com filosofia. Acolheu os sofrimentos e a aproximação da morte com gritos de revolta. Até o último suspiro duma agonia anseada, lutou aterrorizado, como um cavalo que vence a galope uma subida. Essas imagens terríveis imprimiram-se na alma arden-

te de Anita como em cera branda. Ficou a ter alucinações, de noite. Na treva do seu quarto, deitada, antes de adormecer, ou subitamente desperta, via ante os seus olhos a agonia e o rosto do moribundo com uma tal violência como se ela fosse o morto; os seus olhos eram os olhos dele, a sua respiração a dele; não os distinguia; nas suas órbitas sentia o apelo do olhar desorientado. Esteve prestes a sucumbir. — Uma juventude robusta goza, no entanto, duma tal elasticidade! Quanto mais tensa é a corda mais longe alcança a flecha da vida. A enceguecedora luz dessas imagens perturbantes amorteceu, pelo seu próprio excesso, e a noite fez-se nas recordações. Os traços, a voz, a irradiação do morto — tudo desapareceu. Anita, embora fixasse até o esgotamento a sombra que havia nela, já não encontrava nada. Nada mais do que ela própria. Ela só... só. Eva no Éden despertava sem ter o companheiro ao seu lado, aquele que tinha sempre junto de si, sem tentar defini-lo, aquele que no seu pensamento tomava, sem que ela desse conta disso, as formas ainda imprecisas do amor.

De repente, o Éden perdeu a sua segurança. Entraram os sopros inquietantes do exterior: o sopro da morte e o da vida. Anita abriu os olhos, como os primeiros homens na noite dos tempos, com a apreensão dos mil perigos desconhecidos, que rondavam à sua volta, e o instinto da luta que era preciso travar. Subitamente, as energias adormecidas despertaram e, em tensão, apresentaram-se prontas. A solidão povoou-se de forças apaixonadas.

O equilíbrio tinha-se quebrado. Os seus estudos, os seus trabalhos já não eram nada para ela. O lugar que lhes concedera na sua vida parecia-lhe irrisório. A outra parte da sua vida que a dor acabava de atingir parecia-lhe duma extensão incomen-

surável. O choque da ferida tinha-lhe abalado todas as fibras. Ao lado da chaga, aberta pelo desaparecimento do companheiro amado, todas as forças do amor, secretas, ignoradas. Aspiradas pelo vácuo, que acabava de se abrir, acorriam dos fundos longínquos do ser. Surpreendida por esta invasão, Anita esforçava-se por desviar-lhes o curso; obstinava-se em conduzi-las todas ao objecto preciso do seu sofrimento; — todas, o vivo aguilhão ardente da Natureza, cujos sopros primaveris a banhavam de orvalho, — a vaga e violenta recordação da felicidade... perdida, ou desejada? — os braços estendidos para a ausência, e o coração impetuoso que aspira ao passado... ou talvez ao futuro? Assim ela só conseguia dispersar a sua dor por um perturbante mistério de dor, de paixão e de obscura volúpia. Sentia-se, por isso, ao mesmo tempo, consumida, revoltada...

Nessa tarde do fim de Abril, a revolta dominou-a. O seu espírito razoável indignou-se com os confusos devaneios que deixava pujar, havia longos meses, e cujo perigo era evidente. Quis refreá-los; mas não foi sem dificuldade; não a escutavam; tinha perdido o hábito de os dirigir... Anita, arrancando-se à contemplação do fogo da lareira e à insidiosa influência da noite que acabara por chegar, levantou-se e, friorenta, envolvendo-se num casaco de quarto que fora do pai, acendeu a luz no aposento.

Era o antigo gabinete de trabalho de Raul Rivière. Pelas janelas abertas, via-se, através da folhagem tenra e rara das árvores, o Sena nocturno na sua massa sombria, que parecia imóvel, o reflexo das casas — cujas janelas se iluminavam na outra margem — e do dia que morria por cima das colinas de Saint-Cloud. Raul Rivière, que era homem de bom gosto, embora se abstivesse de usar dele para satis-

fazer a insípida rotina e os caprichos ridículos dos seus clientes ricos, tinha escolhido para si, às portas de Paris, no cais de Bolonha, uma velha moradia Luís XVI, que não tinha mandado construir, contentando-se em torná-la confortável. O seu gabinete de trabalho deveria ter servido para entrevistas galantes. Havia o direito de supor que esta vocação não tinha ficado sem emprego. Rivière tinha recebido, ali, mais de uma visita amável, sem que ninguém desse por isso, pois o compartimento tinha uma entrada directa do jardim. Havia dois anos, porém, que essa entrada não servia para nada; a sua única visitante tinha sido Anita. Era lá que eles tinham as suas melhores conversas. Anita, indo, vindo, arranjando os móveis, deitando água numa jarra de flores, sempre em movimento, ou de repente imobilizada com um livro, enovelada num canto favorito do divã, donde podia ver em silêncio correr o rio acetinado, e seguir, sem interromper a sua distraída leitura, uma conversa distraída com o pai. Ele, sentado a um canto, num abandono de lassitude, de perfil, maliciosamente, espreitava, com o canto do olho, seus mínimos movimentos. Essa criança mimada que não podia admitir que, onde quer que estivesse, não fosse o centro de todos os pensamentos, não a deixava com alfinetadas, com perguntas espirituosas, trocistas, exigentes, inquietantes, a fim de atrair sobre si a atenção de Anita e de ter a certeza de que ela ouvia tudo bem... Até que, por fim, irritada e encantada por ele não poder passar sem ela, deixava tudo para se ocupar apenas dele. Então, Raul sentia-se satisfeito; e, seguro do seu público, distribuía com largueza os recursos variados do seu brilhante espírito. Embandeirava em arco e evocava as suas recordações. Bem entendido, tinha o cuidado de escolher os mais lisonjeiros; arranjava-os *ad usum Delphini*

ao gosto da princesa, em que descobria, subtilmente, as curiosidades secretas e as repugnâncias bruscamente acordadas; contava-lhe apenas o que ela desejava ouvir. Anita, toda ouvidos, sentia-se orgulhosa de tais confidências. Cria piamente que sabia de seu pai mais do que sua mãe chegara a saber. Da intimidade da sua vida, era — supunha-o — a única depositária.

Um outro depósito se encontrava, porém, em seu poder, depois da morte de seu pai: eram todos os seus papéis. Anita não procurava tomar conhecimento deles. O seu carinho dizia-lhe que não lhe pertenciam. Um outro sentimento murmurava-lhe o contrário. Era preciso, em todo o caso, decidir da sua sorte: Anita, herdeira única, poderia desaparecer por sua vez: e esses papéis de família não deviam cair em mãos estranhas. Era portanto urgente examiná-los, quer para os destruir, quer para os conservar. Havia já muitos dias que Anita se tinha decidido a isso. Quando se encontrava, contudo, à noite, no aposento cheio da presença bem-querida, só tinha ânimo para se impregnar dela, horas inteiras, sem se mexer. Receava, ao abrir as cartas do passado, ter um contacto muito directo com a realidade...

Era preciso, no entanto. Naquela noite, resolveu-se. Na doçura difusa daquele anoitecer demasiado suave, em que sentia, inquieta, fundir-se a sua dor, quis afirmar a sua posse do morto. Dirigiu-se para o móvel de pau-rosa, mais adequado a uma mulher galante do que a um trabalhador — uma alta cómoda Luís XV — onde Rivière acumulava, nas gavetas de sete e oito andares — que faziam dela como que uma redução antecipada e encantadora dos *sky-scrapers* americanos — as suas cartas e papéis íntimos. Anita, ajoelhando-se, abriu a gaveta de baixo; para melhor a examinar tirou-a do móvel; e, reto-

mando o seu lugar junto do fogão, colocou-a sobre os joelhos e debruçou-se sobre ela. Na casa, não se ouvia ruído. Vivia nela só, com uma tia velha que olhava pelos arranjos domésticos, mas que não contava para nada: irmã apagada do pai, a tia Vitorina tinha vivido sempre ao seu serviço, achando isso natural, e, presentemente, continuava, ao serviço da sobrinha, no seu papel de governanta — assim como os velhos gatos que acabam por fazer parte dos móveis da casa, aos quais ela se sentia ligada, sem dúvida, tanto como aos outros seres. Retirada cedo para o seu quarto ao vir a noite, a sua presença longínqua, no andar de cima, o vaivém abafado dos seus passos, não perturbavam mais os devaneios de Anita do que o faria um animal doméstico.

Começou a ler, curiosa, um tanto perturbada. Mas o seu instinto de ordem e a sua necessidade de calma — que queriam que nela e à sua volta tudo fosse claro e ordenado — impunham-lhe, ao pegar e desdobrar as cartas, uma lentidão de movimentos, um frio desprendimento, que, durante algum tempo pelo menos, poderiam deixá-la iludida.

As primeiras cartas que leu eram de sua mãe. O tom lamentoso lembrou-lhe logo as suas impressões de outrora, nem sempre benévolas, um tanto irritadas por vezes, com uma certa piedade para aquilo que ela julgava, na sua forte razão, um hábito de espírito verdadeiramente doentio: «Pobre mamã!...» Pouco a pouco, porém, prosseguindo na leitura, percebeu, pela primeira vez, que este estado moral não era sem motivos. Certas alusões às infidelidades de Raul inquietaram-na. Demasiado parcial para julgar mal seu pai, passou por alto, simulando não compreender muito bem. A sua piedade filial fornecia-lhe excelentes razões para desviar os olhos. Descobriu, contudo, a grandeza de alma, a ternura ferida da Sr.ª Rivière; e

acusou-se de, por tê-la conhecido mal, acrescentar algumas tristezas a essa vida sacrificada.

Na mesma gaveta, lado a lado, dormiam outros maços de cartas — (algumas mesmo soltas, misturadas às cartas da mãe) — que a tranquila leviandade de Raul tinha reunido juntamente, como, na sua vida de lares múltiplos, tinha feito com as suas correspondentes.

Desta vez, a calma que Anita se tinha imposto viu-se sujeita a uma difícil prova. De todas as páginas desse novo maço, faziam ouvir-se vozes, bem mais íntimas e certas do seu poder do que as da pobre Sr.ª Rivière: afirmando sobre Raul os seus direitos de propriedade. Anita sentiu-se revoltada. O seu primeiro movimento foi amarfanhar nas mãos aquelas cartas e atirá-las ao fogo. — Mas, depois, foi buscá-las.

Olhou, hesitante, as folhas já mordidas pela chama que acabava de retomar. Sem dúvida que, se tinha boas razões, pouco antes, para não se querer meter nas questões entre seus pais, tinha ainda melhores razões para querer ignorar as ligações de seu pai. Essas razões, contudo, não contavam para nada naquele momento. Sentia-se pessoalmente atingida. Não saberia dizer como, a que título, porquê. Imóvel, inclinada, franzindo o nariz, avançando o rosto com uma careta de despeito, como uma gata irritada, fremia no desejo de arremessar ao fogo os insolentes papéis que apertava na mão. Os seus dedos, no entanto, deslaçaram-se; não resistiu ao desejo de lhes lançar os olhos. Bruscamente, decidida, abriu a mão, desdobrou as cartas, desfazendo, cuidadosamente, com os dedos, as rugas que tinha feito... E leu, — leu tudo.

Com repugnância — mas não sem curiosidade —

via desfilar todas as aquelas ligações amorosas de que ela nada soubera. Formavam um tropel, fantástico e variegado. O capricho de Raul, no amor como na arte, era a «cor do tempo». Anita reconhecia alguns nomes da sua roda e recordava-se, com raiva, dos sorrisos, das carícias, que tinha recebido outrora de algumas das favoritas. Outras eram dum nível social menos elevado; a ortografia era tão livre como os sentimentos expressos. Anita carregou mais o sobrecenho; mas o seu espírito, que tinha olhos vivos e trocistas como os de seu pai, via a aplicação cómica daquelas que, atentas, um caracol caído para os olhos, mordendo a ponta da língua, faziam correr a pena sobre o papel. Todas essas aventuras, umas mais longas do que outras, mas nenhuma demasiado duradoira, desfilavam, sucediam-se: uma apagava a outra. Anita estava saturada delas — aborrecida, mas desdenhosa.

Não tinha chegado, porém, ainda ao termo das suas descobertas. Numa gaveta, cuidadosamente posta à parte — (mais cuidadosamente, notou, que a das cartas de sua mãe) — um outro maço de correspondência revelou-lhe uma ligação mais duradoira. Embora as datas estivessem negligentemente marcadas, era fácil verificar que essa correspondência abrangia um grande número de anos. Era de duas mãos — uma, cuja escrita, incorrecta e arrastada, se inclinava para baixo, parava a meio do maço — a outra, a princípio infantil, carregada, afirmava-se pouco a pouco e continuava até os últimos anos — mais ainda (e isto foi particularmente penoso para Anita), até os últimos meses de vida de seu pai. E essa correspondente, que lhe roubara uma parte desse período sagrado, do qual ela pensava ter sido a usufrutuária única, essa intrusa, duplamente intrusa, escrevia a seu pai: «Meu pai»!...

Teve a sensação duma ferida intolerável. Com um movimento de cólera, repeliu dos ombros o casaco de seu pai. Deixara cair as cartas da mão e, enovelada na cadeira, sentia os olhos secos e as faces em fogo. Não se analisava. Era demasiado apaixonada para saber o que pensava. Mas com toda a sua paixão, pensou: «Ele enganou-me!...»

Retomou de novo as cartas execradas; desta vez não as deixou enquanto não as leu até à última linha. Lia, soprando pelas narinas, de boca fechada, devorada por um fogo oculto de ciúme — e dum outro sentimento obscuro que surgia. Nem por momentos lhe acudiu a ideia de que, penetrando na intimidade daquela correspondência, apoderando-se dos segredos de seu pai, podia cometer um delito de consciência. Nem um instante duvidou do seu direito... (O seu direito! O espírito razoável estava longe. Uma outra força, despótica, falava!)... Pelo contrário, era ela que se considerava lesada no seu direito — *no seu direito* — por seu pai!

Acalmou-se, no entanto. Entreviu, por momentos, a enormidade da sua pretensão. Encolheu os ombros. Que direitos tinha ela sobre ele? Que lhe devia ele? — O imperioso tumultuar da paixão dizia: «Tudo». Era inútil discutir. Anita, entregue ao seu absurdo despeito, sofria com a ferida aberta e saboreava, ao mesmo tempo, o amargo prazer daquelas forças cruéis que, pela primeira vez, cravavam na sua carne o seu penetrante aguilhão.

Passou uma parte da noite na leitura. E quando decidiu, finalmente, deitar-se, já com as pálpebras cerradas, releu, durante muito tempo, as linhas e as palavras que lhe causavam sobressaltos, até que o sono pesado da juventude a subjugou, deixando-a sem movimento, estendida, respirando profundamente,

muito calma, aliviada pelo próprio despêndio de forças que tinha realizado.

Releu as cartas, no dia seguinte; muitas vezes as releu, nos outros dias. As cartas não podiam sair-lhe do pensamento. Agora, podia quase reconstituir aquela vida — aquela dupla vida que decorrera paralela à sua —: a mãe, uma florista, a quem Raul tinha dado os meios para abrir um estabelecimento; a filha, que trabalhava em modas ou talvez em costura (não se sabia muito bem). Uma chamava-se Delfina, e a outra (a jovem) Sílvia. A julgar pelo seu estilo fantasioso, descuidado, mas cuja despreocupação não deixava de ser agradável — as duas pareciam-se. Delfina parecia ter sido uma pessoa amável que, a despeito das armadilhazinhas postas, aqui e ali, nas suas cartas, não deveria ter aborrecido muito Rivière com as suas exigências. Nem a mãe nem a filha tomavam a vida sob o aspecto trágico. Além disso, pareciam estar certas da afeição de Raul. Era esse, sem dúvida, o melhor meio de a conservar. Esta impertinente segurança não irritava menos Anita do que a extrema familiaridade do tom delas para com ele.

Sílvia, sobretudo, prendia a sua atenção ciumenta. A outra tinha desaparecido; e a altivez de Anita simulava desdenhar do género de intimidade que Delfina tinha tido com seu pai; esquecia que, dias antes, a descoberta de ligações da mesma natureza lhe parecia uma grave ofensa. Agora, que entrava em campo uma intimidade muito mais profunda, qualquer outra rivalidade lhe parecia sem importância. Por um esforço de imaginação, procurava representar a imagem dessa estranha, que, mau grado o seu despeito, só o era por metade. O à-vontade sorridente, o confiante tutear daquelas cartas, em que Sílvia dispunha de seu pai como se ele fosse coisa sua,

indignavam-na; procurava fixar a desconhecida insolente, para a confundir. Mas a intrusazinha desafiava o seu olhar. Parecia ter o ar de dizer:

— «É a minha riqueza, tenho o seu sangue.»

Quanto mais Anita se irritava, mais esta afirmação penetrava nela. Combatia demasiado para não se ir habituando, pouco a pouco, ao combate e ao adversário. Acabou por não poder passar sem isso. De manhã, o primeiro pensamento que lhe acudia, ao despertar, era o de Sílvia; e a voz trocista da rival dizia-lhe agora:

— «Tenho o *teu* sangue.»

Ouvia-a tão nìtidamente, foi tão viva, uma noite, a visão da irmã desconhecida, que, no seu meio sono, Anita estendeu os braços, para a agarrar.

No dia seguinte, irritadíssima, protestando sempre, mas vencida, a curiosidade dominou-a e não a deixou mais. Saiu de casa, à procura de Sílvia.

O endereço estava nas cartas. Anita foi ao bulevar do Maine. Era de tarde. Sílvia estava na oficina. Anita não ousou ir lá procurá-la. Esperou alguns dias e voltou, uma tarde, depois do jantar. Sílvia não tinha ainda entrado, ou já tinha saído: não se sabia com certeza. Anita que, a cada visita, uma impaciência nervosa mantinha crispada todo o dia, regressava aborrecida com a decepção; e uma cobardia secreta aconselhava-a a renunciar. Era, porém, daquelas que não renunciam nunca àquilo que resolveram; — renunciam tanto menos quanto os obstáculos aumentam ou cresce o receio do que vai suceder.

Voltou, um dia do fim de Maio, cerca das nove horas da noite. Dessa vez, disseram-lhe que Sílvia estava em casa. Seis andares. Subiu-os, muito depressa, porque não queria ter tempo para encontrar razões que lhe permitissem voltar para trás. Chegou

lá acima com a respiração suspensa. Deteve-se no patamar. Não sabia com que ia deparar.

Um comprido corredor comum, sem tapete, de tijolos quadrados. À direita, à esquerda, duas portas entreabertas; dum compartimento para o outro, conversava-se. Da porta da esquerda, batia, nos tijolos vermelhos, um reflexo do poente. Era lá que habitava Sílvia.

Anita fez: «Toc! toc!» Dissseram-lhe: «Entre!», sem deixar de tagarelar. Empurrou a porta, a claridade doirada do céu bateu-lhe no rosto. Viu uma jovem, semi despida, em saia de baixo, espáduas nuas, pés nus em chinelas cor-de-rosa, que ia e vinha, voltando-lhe as costas elásticas e carnudas. Procurava alguma coisa, no toucador, falando sòzinha e pondo pó-de-arroz com uma borla.

— Então! Que há? — perguntou ela com uma voz que sibilava por causa dos ganchos que tinha ao canto da boca.

Depois, sùbitamente distraída por um ramo de lilás que estava numa jarra, mergulhou nele as narinas, com um murmúrio de prazer. Ao levantar a cabeça, fixou os olhos risonhos no espelho e viu, por detrás de si, no limiar da porta, Anita, aureolada pelos raios do sol. Fez, então: «Ah!», voltou-se, os braços nus erguidos em volta da cabeça, espetando ràpidamente os ganchos no cabelo já alisado, voltou-se, de mãos estendidas — e, sùbitamente, retirou-as, numa atitude de acolhimento, amável, mas reservada. Anita entrou, tentando, embora em vão, dizer alguma coisa. Sílvia calara-se, também. Ofereceu-lhe uma cadeira; e, vestindo um penteador de riscas azuis, já usado, sentou-se em frente dela, em cima da cama. Ambas se fitavam, aguardando cada uma quem começaria...

Como eram diferentes! Cada uma delas estudava

a outra, com olhos penetrantes, perscrutadores, sem indulgência, procurando: «Quem és tu?»

Sílvia via Anita, grande, fresca, o rosto largo, o nariz um tanto curto e achatado, a testa curta sob a massa dos cabelos dum castanho doirado, as sobrancelhas abundantes, os olhos grandes dum azul claro, um pouco à flor do rosto e que, por vezes, se tornavam estranhamente duros; a boca grande, de lábios grossos, uma penugem loira aos cantos, habitualmente cerrados, numa atitude defensiva, alerta, obstinada, mas que quando se abriam podiam iluminar-se dum encantador sorriso, tímido mas radiante, que transformava toda a fisionomia; o queixo, como as faces, cheio mas sem excesso, sòlidamente construído; a nuca, o pescoço, as mãos, cor de mel; uma bela pele, muito lisa, banhada por um sangue puro. Um tanto grossa de cintura, o busto um pouco quadrado, tinha seios volumosos e rijos; os olhos adestrados de Sílvia palparam-nos sob o vestido e detiveram-se depois nos ombros bem lançados, cuja perfeita harmonia formava com o pescoço, coluna doirada e roliça, a parte mais perfeita do corpo. Sabia vestir-se e estava arranjada com gosto, talvez demasiado para Sílvia, um cuidado acentuado: os cabelos bem lisos, nem um caracol solto, nem um gancho fora do seu lugar, tudo em ordem. — E Sílvia perguntava a si própria: «Por dentro, será o mesmo?»

Anita via Sílvia quase tão alta como ela — (tão alta, sim, talvez) mas de cintura fina, cabeça pequena para o corpo, quase despida sob o penteador, pouco peito, mas não magra, os braços roliços, sentada, balouçando-se, as duas mãos enlaçadas sobre os joelhos bem torneados. Bem torneados tinha também a testa e o queixo; o narizinho arrebitado; os cabelos castanhos claros, muito finos e nascendo até

muito abaixo das fontes, caracóis caindo-lhe para a cara e cabelinhos soltos pela nuca e pelo pescoço branco, muito branco e gracioso. Uma planta de estufa. Os dois perfis do rosto eram assimétricos: o da direita lânguido, sentimental, de gato que dorme; o da esquerda malicioso, à espreita, de gato que morde. O lábio superior descobria, ao falar, os caninos risonhos. — E Anita pensava: «Ai de quem ela morder!»

Como elas eram diferentes!... E, no entanto, ambas tinham reconhecido, o olhar, os olhos claros, a testa, a ruga do canto da boca — o pai.

Anita, intimidada, hirta, encheu-se de coragem e disse — com uma voz branda, que o excesso de comoção tornava gelada — quem era, o seu nome. Sílvia deixou-a falar, sem tirar os olhos dela, e depois tranquilamente, com um sorriso um tanto cruel, disse:

— Já o sabia.

Anita teve um sobressalto.

— Como?

— Já a tinha visto — várias vezes — com o pai...

Teve, antes de pronunciar as últimas palavras, uma hesitação imperceptível. Talvez, por maldade, quisesse dizer «*meu* pai». Mas teve a irónica piedade do olhar de Anita, que lia nos seus lábios. Anita compreendeu, voltou a cara, corou humilhada.

Sílvia não perdeu nada disso; saboreava, lentamente, esse enleio. Continuava a falar, sem pressa, afectadamente. Contava que, na cerimónia mortuária, se encontrava na igreja, numa nave lateral, e que tinha visto tudo. A sua voz cantante, um pouco nasalada, pormenorizava o relato, sem mostrar comoção. Mas se ela sabia ver, Anita sabia ouvir. E quando Sílvia acabou, Anita, erguendo os olhos, disse-lhe:

— Gostava muito dele?

Os olhares das duas irmãs trocaram uma carícia.

Foi, porém, apenas um momento. Já uma sombra ciumenta toldava os olhos de Anita, que continuou:

— Ele gostava muito de si.

Queria, sinceramente, ser agradável a Sílvia: mas a sua voz, a despeito disso, tomou um tom despeitado. Sílvia supôs sentir nela uma entonação protectora. As suas garrazinhas saíram então e disse com entono:

— Ah! sim, ele gostava muitíssimo de mim!

Fez uma pequena pausa; depois, com um ar complacente, lançou:

— De si, também ele gostava muito. Disse-mo frequentemente.

As mãos apaixonadas de Anita, as suas mãos grandes e nervosas, tremiam e crispavam-se. Sílvia fitava-as. Com a garganta seca, Anita perguntou:

— Falava-lhe de mim com frequência?

— Com frequência — repetiu a inocente Sílvia.

Claro que não dizia a verdade; mas Anita, pouco experiente em ocultar o seu pensamento, não punha em dúvida as palavras dos outros; e as de Sílvia atingiam-na em pleno coração... Então, seu pai falava dela a Sílvia, conversavam ambos a respeito dela! E ela, até o último momento, ignorara tudo; ele parecia confiar-se-lhe e tinha-a enganado; mantinha-a a distância, pois nem sabia mesmo da existência de sua irmã! .. Uma tal desigualdade, tão injusta, acabrunhou-a. Sentiu-se vencida. Não quis, porém, mostrá-lo; procurou uma arma, encontrou-a, e disse:

— Viu-o muito pouco, nestes últimos anos.

— Nos últimos anos — concedeu, contrariada, Sílvia — sem dúvida. Ele estava doente. Tinham-no fechado.

Houve um silêncio hostil. Ambas sorridentes, ambas se mordiam de despeito. Anita, rude e altivamente; Sílvia, com um ar falso como Judas, meigo,

amaneirado. Antes de continuarem a partida, contavam os pontos de cada uma. Anita, um tanto satisfeita por ter alcançado uma (bem fraca) vantagem, secretamente envergonhada dos seus maus pensamentos, esforçou-se por trazer a conversa para um terreno mais cordial. Falou do desejo que tivera de se aproximar daquela em quem revivia, também — «*um pouco*» —, seu pai. Bem o tentava; mas, a despeito de si própria, estabelecia uma diferença entre as duas partes, e deixava perceber que a sua fora privilegiada. Contava a Sílvia os últimos anos da vida de Raul e não podia impedir-se de mostrar quanto maior tinha sido a sua intimidade com ele.

Sílvia aproveitou uma pausa no relato, para dar a Anita, em troca, as suas próprias recordações da afeição paternal. E cada uma, sem o querer, invejava o papel da outra, procurando ambas fazer valer o seu. Falando ou escutando — (não querendo escutar mas ouvindo apesar de tudo) — continuavam a inspeccionar-se da cabeça aos pés. Sílvia comprazia-se comparando as suas pernas compridas, os seus artelhos finos, os seus pèzinhos nus, que brincavam nas pantufas, aos membros pesados e aos tornozelos espessos de Anita. E Anita, analisando as mãos de Sílvia, não se esquecia de notar as meias-luas bem tratadas de suas unhas demasiado cor-de-rosa.

Não eram apenas duas raparigas que se encontravam em presença uma da outra; eram dois lares rivais. Por isso, apesar da aparente indiferença da conversa, mantinham-se armadas de unhas e dentes, observando-se cuidadosamente. A feroz acuidade do ciúme fazia com que cada uma delas penetrasse cruelmente, ao primeiro golpe de vista, até o fundo da outra, descobrindo as taras, os vícios ocultos, de que nem teriam talvez consciência. Sílvia lia em Anita o demónio do orgulho, a dureza de princípios, a

violência despótica, que não tinham tido ainda ocasião de se exercer. Anita lia em Sílvia a secura fundamental e a sorridente falsidade. Mais tarde, quando gostaram uma da outra, fizeram tudo que era possível para esquecer o que tinham lido então. Naquele momento, a sua animosidade fazia-as ver com vidro de aumentar. Havia instantes em que se odiavam. Anita, entristecida, pensava:

«Isto não está bem, não está bem! Devo dar o exemplo.»

Os seus olhos davam a volta ao quarto modesto, mirando a janela, as cortinas de cassa, o tecto e as chaminés da casa que ficava em frente, o ramo de lilás no jarro da água de bordos partidos.

Com um ar frio, tanto mais quanto estava afogueada interiormente, ofereceu a Sílvia a sua amizade, o seu auxílio... Sílvia, negligentemente — com um sorrizinho mau — ouvia, deixava dizer... Anita, mortificada, mal disfarçando o seu despeito de orgulho e de paixão nascente, levantou-se com ar brusco. Trocaram uma despedida amàvelmente banal. E, com tristeza e cólera no coração, Anita saiu.

Quando chegava ao fim do corredor ladrilhado e descia já o primeiro degrau da escada, Sílvia correu para ela, arrastando as chinelinhas, uma das quais ficou pelo caminho, e, por detrás, lançou-lhe os braços à volta do pescoço. Anita voltou-se, com um grito de comoção e estreitou Sílvia num abraço apaixonado. Sílvia gritou, também, mas a rir, pela violência do abraço. As suas bocas juntaram-se impetuosamente. Palavras de ternura, murmúrios meigos. Agradecimentos, promessas de que se veriam em breve... Separaram-se. Anita, rindo de alegria, encontrou-se — sem saber como tinha descido — no fim da escada. De cima, ouviu um assobio agarotado, como para chamar um cão, e a voz de Sílvia que dizia:

— Anita!

Levantou a cabeça, viu lá em cima, num halo de luz, debruçada, a cara risonha de Sílvia:

— Apanha!...

Recebeu em pleno rosto uma chuva de goteletas e o ramo de lilás molhado que Sílvia lhe atirava, — atirando-lhe também, com as duas mãos, beijos...

Sílvia desapareceu. Anita, de cabeça erguida, continuava a procurá-la, embora ela já lá não estivesse. E apertando contra o peito o ramo de lilás molhado — beijou as flores.

A despeito da distância e ainda que algumas ruas, àquela hora tardia, não fossem muito seguras, Anita regressou a casa a pé. Estava capaz até de dançar. Uma vez em casa, fatigada mas feliz, não se deitou sem ter colocado as flores numa jarra, perto da cama. Levantou-se para as tirar de lá e pô-las — como em casa de Sílvia — no seu jarro de água. Novamente no leito, conservou a lâmpada de cabeceira acesa, porque não queria separar-se logo daquele dia. Deu acordo de si, três horas depois, em plena noite. As flores estavam onde as tinha deixado. Não sonhara, vira, realmente, Sílvia... Voltou a adormecer, sob o signo da imagem bem-querida.

Os dias que se seguiram foram preenchidos por um zumbido de abelhas que edificavam uma colmeia. Tal como, à volta duma rainha jovem, se agrupa um enxame. Em torno da sua querida Sílvia, Anita construía uma vida nova. A velha colmeia ficara deserta. A sua rainha estava bem morta. Esforçando-se por mascarar aquela revolução de palácio, o coração apaixonado simulava acreditar que o seu amor pelo pai emigrara para Sílvia e que ele lá o encontraria... Anita, contudo, bem sabia que se despedia dele.

Imperiosa exigência do afecto novo, que cria e

destrói... As recordações do pai foram, implacàvelmente, apartadas da sua vista. Os objectos familiares escondidos — com todas as atenções — nas sombras piedosas de quartos onde não corriam risco de ser frequentemente incomodados. O casaco de quarto do pai foi metido no fundo dum velho armário. Depois de o ter escondido, Anita tirou-o de lá, indecisa, encostou-o à cara; mas, de repente, rancorosa, atirou com ele. Ilogismo de paixão! Qual dos dois traía?...

Sentia-se absorvida pela irmã que tinha descoberto. Não conhecia nada dela, mas, quando se ama, essa incerteza é um atractivo mais. O mistério do desconhecido junta-se ao encanto do que se julga conhecer. De Sílvia, apenas entrevista, só queria reter o que lhe tinha agradado. Reconhecia, no seu íntimo, que isso não deveria ser assim. Quando, porém, honestamente, procurava evocar a sombra do seu retrato, ouvia as chinelinhas arrastarem-se pelo corredor, e os braços nus de Sílvia enlaçavam-se-lhe ao pescoço.

Sílvia ia chegar. Tinha-o prometido... Anita preparava tudo para a receber. Para onde a faria entrar? — Para ali, para o seu lindo quarto. Sílvia sentar-se-ia acolá, no lugar preferido, diante da janela aberta. Anita via os seus olhos curiosos e regozijava-se por lhe mostrar a sua casa, os seus *bibelots*, as árvores revestidas de verdura tenra e a vista lá ao longe, através dos canteiros floridos. De partilhar com ela a graça e o conforto de tudo isso, gozava com uma frescura de sensações completamente novas. Lembrou-se, porém, de que os olhos de Sílvia fariam a comparação entre a sua própria moradia e a casa de Boulogne. Uma sombra velou a sua alegria. Essa desigualdade pesou-lhe como se fosse a culpada dela. Não teria meio de a reparar, justamente, con-

vidando Sílvia a aproveitar-se das vantagens que a sorte lhe proporcionara?... Sim, mas isso seria manifestar vantagem mais sobre ela. Anita pressentia que não o obteria sem resistência. Lembrava-se do silêncio irritante com que Sílvia tinha acolhido as suas primeiras ofertas. Era preciso não magoar a sua susceptibilidade. Como proceder?... Anita estudou quatro ou cinco planos. Nenhum a satisfazia. Mudou dez vezes a disposição do quarto. Depois de ter arrumado, com uma alegria infantil, os objectos de maior preço, tirou-os de lá e só deixou os mais simples que tinha. Não houve um pormenor — uma flor sobre uma mesa, o lugar dum retrato, que não fosse motivo de discussão no seu espírito... Oxalá que Sílvia não chegasse antes de tudo estar em ordem: — Sílvia, porém, não tinha pressa nenhuma e Anita teve tempo de fazer e desfazer, uma vez e outra mais, os seus arranjos. Achava que Sílvia se demorava muito; mas aproveitava a demora para corrigir alguma coisa do seu plano. Inconsciente comédia. Enganava-se, atribuindo importância a esses pequenos nadas. Toda essa agitação, esse arrumar e desarrumar, eram o pretexto para esquecer uma outra agitação de pensamentos desordenados, que perturbavam a calma habitual da sua vida metódica.

O pretexto acabou-se. Por fim, tudo estava pronto. E Sílvia não chegava. Anita já a tinha recebido dez vezes, na sua imaginação. Esgotava-se a esperar... Não podia, no entanto, voltar a casa de Sílvia! Se tornasse lá e lesse, nos olhos aborrecidos de Sílvia, que esta passava bem sem ela! Ante esta simples ideia, o orgulho de Anita sangrava... Não; antes não a ver mais do que essa humilhação!... No entanto... Decidiu-se; apressadamente, vestiu-se para ir procurar a esquecida. Não acabara ainda de abotoar as luvas e já se sentia sem coragem; com

as pernas fracas, sentava-se numa cadeira do vestíbulo, não sabendo que fazer...

Justamente, nesse momento — caída perto da porta, já de chapéu na cabeça, pronta para sair, mas não se decidindo a fazê-lo — justamente, Sílvia tocou!!

Entre o toque da campainha e o abrir da porta não decorreram dez segundos. Uma tal prontidão e a vista dos olhos encantados de Anita foram bastantes para dizer a Sílvia que era esperada. Já, no limiar da porta, os dois se beijavam, sem dizer uma palavra. Anita, impetuosamente, arrastou Sílvia para o interior da casa, sem lhe abandonar as mãos, comendo-a com os olhos, rindo parvamente, como uma criança feliz...

Não se passou nada do que tinha previsto. Nenhuma das frases de acolhimento que tinha preparado serviu. Não fez sentar Sílvia no local que escolhera. Voltando as costas para a janela, sentaram-se ambas no divã, lado a lado, os olhos nos olhos, falando sem se ouvirem, dizendo apenas com os olhares:

Anita: — «Enfim! Já cá estás?»

Sílvia: — «Bem vês, sempre vim...»

Contudo, Sílvia, depois de ter observado Anita, disse:

— Ia sair?

Anita abanou a cabeça, sem querer explicar. Sílvia compreendeu muito bem e, inclinando-se, murmurou:

— Ias a minha casa?

Anita teve um sobressalto e, encostando a face à espádua de sua irmã, ciciou:

— Má!

— Porquê? — perguntou Sílvia, beijando com o canto da boca as sobrancelhas loiras de Anita.

Anita não respondeu. Sílvia sabia a resposta. Sorriu, espiando, maliciosamente, Anita, que, nesse momento, evitava o seu olhar. Que violenta rapariga!

O seu entusiasmo tinha-se quebrado. Uma súbita timidez abatera-se sobre ela, como uma rede. Ficaram sem se mover, a irmã mais velha apoiada no ombro da mais nova, satisfeita de ter tão ràpidamente estabelecido o seu poder...

Em seguida, Anita levantou a cabeça; e ambas, dominada a sua primeira comoção, principiaram a conversar, como amigas velhas.

Não tinham, desta vez, intenções hostis, pelo contrário, sentiam-se desejosas de se abrirem, uma com a outra... Oh! não ainda completamente! Sabiam que há em cada um coisas que não é preciso revelar. Mesmo quando as pessoas se amam? Precisamente, quando se amam! Mas quais, exactamente? Cada uma delas, embora confiando na outra, guardava os seus segredos, experimentava os limites do que a amizade da outra poderia suportar. E mais duma confidência, que começava cheia de franqueza, oscilava incerta no meio da frase, para acabar, gentilmente, numa mentirazinha. Não se conheciam; eram, uma para a outra, sob muitos aspectos, um enigma desconcertante; duas naturezas, dois mundos, a despeito de tudo, estranhos. Sílvia, para aquela visita — (tinha pensado nela mais do que desejaria confessar) — fizera-se o mais sedutora que podia. E podia muito. Anita sentia-se seduzida, mas, ao mesmo tempo, mal disposta por certos artifíciozinhos de galantaria, que não a deixavam à vontade. Sílvia notava-o sem tentar alterar nada, e aquela irmã mais velha, livre e simples, ardente e reservada, atraía-a e intimidava-a. (Ao ouvi-la falar, distraìdamente, ninguém daria por isso!) Uma e outra tinham uma grande subtileza na observação; não perdiam um olhar, uma reflexão uma da outra. Não estavam ainda bem seguras uma da outra. Desconfiadas e expansivas, queriam dar-se, sim; mas não queriam

dar sem receber! Anita era a mais forte. Mas os impulsos apaixonados eram também mais fortes nela. E traía-se. Quando dava mais do que desejava dar, era uma derrota que Sílvia saboreava. Pareciam dois negociadores que, desejosos de se entenderem, se mostram prudentemente circunspectos, espiando cada um os movimentos do outro, avançando cautelosamente...

O duelo era desigual. Ràpidamente, Sílvia percebeu a paixão imperiosa e suplicante de Anita. Melhor do que a própria Anita. Experimentou; com pèzinhos de lã, sondou-a, sem ter o ar de o fazer. Anita sentiu-se vencida. Sentiu prazer e vergonha.

A pedido de Sílvia, mostrou-lhe todos os seus aposentos. Não o teria feito espontâneamente; receava magoá-la, mostrando-lhe o bem-estar em que vivia; mas, para seu alívio, Sílvia não se manifestou nada descontente. Muito à sua vontade, ia e vinha, olhava e tocava, como se estivesse em sua casa. Talvez fosse Anita quem se sentia chocada com essa completa sem-cerimónia; mas, ao mesmo tempo, regozijava-se na sua ternura. Passando junto do leito de sua irmã, Sílvia deu na almofada uma pancadinha de amizade. Examinou, curiosamente, o toucador, com um volver de olhos passou em revista os frascos, atravessou distraìdamente a biblioteca, extasiou-se diante dum par de cortinas, criticou uma poltrona, sentou-se noutra, meteu o nariz num armário entreaberto, apalpou a seda dum vestido e, depois de ter dado a volta completa, regressou ao quarto de dormir de Anita, sentou-se numa poltrona baixa, junto do leito, continuando a conversa. Anita ofereceu-lhe chá, preferindo, porém, Sílvia dois dedos de vinho doce. Enquanto chupava um biscoito com a ponta da língua, Sílvia mirava Anita, que queria falar e parecia hesitante. Sentiu vontade de lhe dizer:

— Vá, fala!

Por fim, Anita encheu-se de coragem e, com um ar brusco que vinha da sua ternura reprimida, propôs a Sílvia que fosse viver com ela. Sílvia sorriu, calou-se, engoliu a dentada, molhou no Málaga as migalhas do biscoito e as pontas dos dedos, sorriu de novo, gentilmente, agradecendo com os olhos e com a boca cheia, abanando a cabeça como faria se falasse a uma criança; por fim disse:

— Querida...

E recusou.

Anita insistiu; usava duma violência imperiosa para forçar o consentimento. Era, então, a vez de Sílvia de não querer falar! Desculpava-se, por meias palavras, numa voz meiga, pouco à vontade, mas também com um tanto de malícia... (Gostava bem dela, da brusca e terna, da cândida irmã mais velha!...) E dizia:

— Não posso.

Anita perguntava:

— Mas porquê?

E Sílvia:

— Tenho um amigo.

Anita não compreendeu, durante um segundo. Depois, compreendeu demasiado, e ficou aterrada. Mirando-a de revés, Sílvia, sempre risonha, levantou-se e partiu numa chilreada de palavras e de beijos.

Anita ficou em presença dum belo sonho desfeito. Sentia um desgosto profundo, confuso, feito de sentimentos diversos misturados. Havia-os bem amargos, que preferia não conhecer, mas que, de vez em quando, lhe apertavam o coração... Ela, que se julgava livre de preconceitos, à ideia de que aquela linda irmã... Ah! era muito doloroso! Bem desejaria chorar... Porquê? Era estúpido! Ciúmes ainda?... Não!

Encolheu os ombros e levantou-se. Não queria pensar mais naquilo. — Pensava, contudo, a todo o momento... Caminhava, a largas passadas, de aposento para aposento, a fim de se distrair. Notou que voltava a fazer o mesmo percurso que sua irmã fizera. Só pensava nela. Nela e em ninguém mais... Decididamente, ciumenta? Não! Não! Não!... Bateu o pé, colérica... Não o admitiu!... Quer o admitisse ou não, o mal roía-lhe lá dentro. — Procurava explicações morais. Encontrou-as. Sofria na sua pureza. Na sua natureza complexa, rica de instintos em oposição, que não tinham tido ainda ensejo de questionar, não faltavam as forças puritanas. Não eram, no entanto, os escrúpulos que a incomodavam. Educada por um pai céptico e uma mãe livre-pensadora, fora de qualquer Igreja, estava habituada a discutir tudo. Não tinha receio de submeter um preconceito social ao espírito de análise. Admitia o amor livre; em teoria, admitia muito bem. Frequentemente, nas suas conversas com seu pai ou os seus companheiros de estudo, havia sustentado a sua defesa. Nessa atitude não figurava demasiado o desejo juvenil de parecer «avançada»; achava sinceramente legítima, natural e mesmo razoável a liberdade em amor. Nunca lhe passaria pela ideia censurar as raparigas de Paris, que vivem como lhes apraz; olhava-as com mais simpatia, sem dúvida, do que as mulheres do seu mundo burguês... Então, que havia, pois, que a magoasse? Sílvia usava do seu direito... Do seu direito? Não; do seu direito, não! As outras, sim; ela não... Permitem-se mais liberdades àqueles a quem não se coloca tão alto. Para sua irmã, como para si própria, Anita tinha, justas, ou não — mas sim, justas! — as mais rigorosas exigências. O amor único parecia uma aristocracia do coração. Sílvia havia caído, Anita queria-lhe mal por isso!... «O

amor único? O amor de ti própria! Ciumenta! Mentirosa.» Quanto mais ciúmes tinha de Sílvia, mais gostava dela. Quanto mais a detestava, mais a amava. Nunca detestamos tanto como àqueles a quem amamos!...

O encanto da irmã mais nova operava, tranquilamente. Era inútil irritar-se, pretender que ela fosse diferente; ela era como era. Anita sentia-se, pouco a pouco, dominada por um outro sentimento: a curiosidade. A despeito de tudo, o seu espírito procurava imaginar como vivia Sílvia. Pensava nisso demasiado. Acontecia-lhe pôr-se no seu lugar. Sentia-se confusa, por verificar que não se sentia lá muito mal. O despeito, a revolta indignada, que sentia contra si própria, tornavam-na mais severa para com Sílvia. Permanecia de mau humor e proibiu-se de voltar a casa de sua irmã.

Sílvia não se incomodou nada com isso. Que Anita não lhe desse sinais de vida não a inquietava grandemente. Tinha julgado já a irmã mais velha; sabia que Anita voltaria. Não lhe custava esperar. Tinha com que ocupar o seu coração. Em primeiro lugar, o seu amigo — que apenas ocupava um canto dele e não por muito tempo. E tantas outras coisas! Gostava muito de Anita. Mas a verdade era que tinha vivido perto de vinte anos sem ela! Podia, portanto, esperar algumas semanas mais... Adivinhava o que se passava no espírito da irmã. Sentia com isso uma espécie de divertimento, misturado com uns restos de hostilidade. Eram de duas raças rivais; de duas classes diferentes. Sem que o deixasse transparecer, Sílvia tinha feito, em casa de Anita, a comparação entre as suas vidas e as suas condições. Pensava:

— «Apesar de tudo, bem vês, a gente tem algumas vantagens. Tenho o que tu não tens... Julgavas

ter-me à tua disposição e não me tens. Anda, vá, vá, faz boquinha, faz beicinho!... Contrariei as tuas conveniências... Que pena, minha pobre Anita!...»

Rindo da contrariedade, que imaginava ler no rosto de Anita, beijava as pontas dos dedos e enviava-lhe um beijo. Embora reconhecendo que Anita sofria e que o bocado não era muito fácil de tragar, não estava zangada. E, como para uma criança que rabuja perante a colher cheia, murmurava, irónica e meiga:

— Vamos, meu menino! Abre a boquinha!... Pronto!. .

Não se tratava simplesmente de conveniências contrariadas. Sílvia sabia muito bem que tinha ferido Anita num outro sentimento ainda menos confessável. E a marota regozijava-se, porque se sentia, assim, senhora da irmã, de quem faria tudo que quisesse... «Pobre Anita! Podes debater-te!» Sílvia estava certa, absolutamente certa, de que a «tinha na mão». Trocista, mas, apesar de tudo, enternecida, segredava-lhe em pensamento:

— «Vá lá! Não abusarei muito...»

Não abusaria?... E porque não? É divertido abusar! Apesar de tudo, a vida é a guerra. Todos os direitos são para o vencedor. Se o vencido consente nisso, é porque tem conveniência!...

— «Ora! Veremos!»

Numa segunda-feira de manhã, Sílvia, que saira para fazer umas compras, entreviu Anita na Rua de Sèvres, um pouco à sua frente, caminhando no mesmo sentido. Divertiu-se a segui-la, durante algum tempo, para a observar. Anita caminhava a passos largos, como era seu costume. Sílvia, com os seus passinhos, vivos, elásticos, dançantes, era graciosa nas suas atitudes arrapazadas e desportivas; mas apreciava a

harmonia do corpo vigoroso da irmã. A cabeça erguida, sem desviar os olhos à sua volta, Anita parecia absorta. Sílvia alcançou-a e continuou a caminhar, no passeio, ao pé dela, sem que Anita a visse. Imitando a sua atitude e olhando de revés o rosto da irmã mais velha, que parecia velado por uma sombra de melancolia, Sílvia, sem voltar a cabeça, moveu os lábios, dizendo baixinho:

— Anita..

Era impossível ouvi-la, no meio do ruído da rua. Sílvia mal se ouvia. Anita, no entanto, ouviu-a. Ou melhor, teria tido o pressentimento daquela «sombra» trocista, que, havia alguns momentos, a escoltava em silêncio? De repente, viu, junto de si, o perfil gracioso, os lábios que se agitavam sem falar, os olhos irónicos que a miravam de lado... Deteve-se, então, num daqueles movimentos de alegria impetuosa, que tinham já uma vez surpreendido e seduzido Sílvia. Estendeu bruscamente os braços, num ímpeto de todo o seu ser. Sílvia pensava:

— «Vai atirar-se...»

Um momento apenas. Já senhora de si, foi quase friamente que disse:

— Bom dia, Sílvia.

As suas faces, porém, estavam escarlates; e a sua rigidez não se manteve ante a gargalhada da irmã mais nova, encantada da sua travessura. Riu, então, como ela:

— Ah! Apanhaste-me!

Sílvia tomou-lhe o braço e ambas continuaram a andar, ajustando amigàvelmente os passos de uma pelos da outra.

— Viste-me há muito tempo? — perguntou Anita.

— Oh! Há meia hora! — afirmou, sem hesitar, Sílvia.

— Verdade?! — exclamou a crédula Anita.

— Seguia-te os movimentos. Via tudo. Tudo. Falavas sòzinha.

— Isso não é verdade! Não é verdade! — protestou Anita. — Ah! minha mentirosa!...

Os seus braços apertaram-se. Puseram-se a tagarelar das compras que acabavam de fazer. Estavam ambas alegres. No meio do relato entusiástico duma exposição de roupa branca, no «Bon Marché», onde uma tinha ido, onde a outra devia ir, — no tumulto duma rua que atravessavam, esgueirando-se por entre os veículos, com o seguro instinto de duas parisiensezinhas, Sílvia murmurou ao ouvido de Anita:

— Tu não me beijaste!...

Um movimento brusco de Anita quase que fez com que ambas fossem atropeladas. Ao encostarem-se ao passeio, sem cessarem de andar, as suas duas bocas juntaram-se... Iam, agora, mais estreitamente abraçadas, por uma rua mais calma, que levava... Onde levava ela?

— Para onde vamos nós?

Detiveram-se, divertidas ao verem que, na sua tagarelice, se tinham perdido. Sílvia, agarrando Anita, disse:

— Almoçamos juntas.

Anita dizia que não — (o imprevisto encantava-a, mas contrariava-a um tanto ou quanto, porque era metódica) — falando da tia velha que, em casa, a esperava. Sílvia, porém, não se incomodava com essas pequenas coisas. Apoderara-se de Anita e já a não deixava. Obrigou-a a telefonar à tia e arrastou-a para um restaurante seu conhecido.

Isso foi para as duas raparigas, e sobretudo para Anita, uma diversão encantadora, esse almoço que Sílvia fazia questão de oferecer à sua irmã rica (esta compreendera-o). Anita achava tudo delicioso. Extasiava-se com o pão, com a costeleta bem passada.

Houve, por fim, uns morangos com creme, de que elas se regalaram, dando estalos com a língua.

As línguas estavam, porém, mais ocupadas a conversar do que a comer. Falavam, no entanto, apenas de coisas insignificantes, impregnando-se uma da outra, dos seus olhares, das suas vozes, do seu encanto radioso. O instinto tem os seus caminhos, que são os mais curtos e os melhores. Não era ainda o momento de tocar nos assuntos importantes. Andavam à volta deles, contornando-os alegremente, tais como as vespas zumbidoras, que dão dez vezes a volta a um prato antes de poisar nele. — Elas não quiseram poisar...

Sílvia ergueu-se e disse:

— Agora, é preciso ir trabalhar.

Anita fez a cara contrariada duma criança a quem privam, bruscamente, da sobremesa, dizendo:

— Estávamos tão bem! Não fiquei satisfeita.

— Eu também não — disse Sílvia, rindo. — Quando é que repetimos?

— O mais cedo possível, mas mais demoradamente... Isto acabou muito depressa.

— Então, será esta tarde. Vai esperar-me, por volta das seis horas, à porta do *atelier*.

Anita perturbou-se:

— Mas nós estaremos sós?

Incomodava-a a ideia de que poderia encontrar o «outro».

Sílvia leu-lho no pensamento:

— Sim, sim, estaremos sós — disse com ar de indulgência e uma ponta de ironia.

Explicou, tranquilamente, que o seu amigo tinha ido passar dois ou três dias na província, em casa da família.

Anita corou ao ver que Sílvia adivinhara o que estava pensando. Já não se lembrava de que na

véspera e de manhã estava resolvida a fazer-lhe sentir toda a sua desaprovação moral. No que dizia respeito a moral, só via uma coisa: «Esta tarde, «ele» não aparecerá.»

— Que felicidade! Poderemos passar todo o serão juntas.

Disse-o, batendo palmas de alegria. Sílvia balançava um pé como se fosse dançar, sorriu de prazer, dizendo:

— Todos ficam contentes.

Tomou um ar superior, porque acabava de entrar um cavalheiro, e disse:

— Até logo, minha querida.

E desapareceu como um relâmpago.

Encontraram-se, algumas horas mais tarde, à saída do enxame frívolo. — Tagarelando, mirando, correndo, acabando de se pentear diante dum espelho de bolso ou em face do vidro dum estabelecimento, as costureirinhas voltavam-se ao passar e com os seus olhares atrevidos, vivos e curiosos, miravam Anita, — e dez passos mais adiante, sempre correndo, olhando, tagarelando, voltavam-se para ver Sílvia que beijava Anita. — E Anita sofria, ao ver que Sílvia tinha falado dela.

Levou a irmã a jantar a Boulogne. Sílvia tinha-se convidado. Para poupar a tia, que faria «Oh!» e «Ah!», ficou assente que Sílvia seria apresentada a título de amiga. O que não a impediu de, no fim do jantar, quando a idosa senhora se retirou para o seu quarto já conquistada pelas gentilezas de Sílvia, que esta a tratasse por «Minha tia», como por brincadeira familiar...

Ficaram sós no grande jardim, por aquela clara noite de Estio. Ternamente enlaçadas, caminhavam a passos miúdinhos, aspirando o aroma que as flores

fatigadas exalam no final dum dia bonito. Como as flores, as suas almas exalavam os seus segredos. Às perguntas de Anita, Sílvia respondia, desta vez, sem nada ocultar. Contava a sua vida, desde a sua mais tenra infância, e, em primeiro lugar, as recordações do pai. Falavam dele já sem mal-estar e sem mútua inveja. Ele pertencia-lhes, a ambas, e julgavam-no com um sorriso indulgente, irónico, como se fosse duma criança grande, engraçada, sedutora, não demasiado séria, não muito prudente... — (Os homens são todos os mesmos!) — Não lhe queriam mal por isso...

— Olha, Anita, se ele tivesse sido um puritano, eu não estaria hoje aqui...

Anita apertava-lhe as mãos.

— Ai! Não apertes tanto!

Sílvia falou, em seguida, da loja de florista, onde ela, pequenina, sentada ao balcão, tinha tecido os seus primeiros sonhos com as flores caídas — conhecido as primeiras experiências da vida de Paris, ouvindo sua mãe e os clientes; depois, quando morreu Delfina (Sílvia tinha então treze anos), a sua aprendizagem em casa duma costureira que era amiga da mãe e que a tinha recolhido; — e depois, passado um ano, a morte da patroa, esgotada pelo trabalho (as pessoas esgotam-se depressa, em Paris!) as diversas peripécias da sua vida. Isto com pormenores crus, experiências amargas, tudo contado alegremente, visto com certo ar trocista.

Sílvia esboçava, de passagem, os tipos e os caracteres, picando como que com um alfinete, na trama do relato, um traço marcante, uma saída, uma palavra ou uma fisionomia. Não contava tudo; tinha experimentado um pouco mais a vida do que dizia e talvez não lhe agradasse recordá-lo. Ressarcia-se no capítulo do amigo — do último. (Se havia outros

capítulos, guardava-os para si). Um estudante de medicina, encontrado num baile do bairro: — (era capaz de se privar de jantar para dançar!) Não era bonito, mas era gentil, alto, moreno, de olhos alegres que se franziam nos cantos, as narinas arrebitadas, um nariz de cão manso, divertido, afectuoso... Descrevia-o sem o menor entusiasmo, mas com certa complacência, elogiando as suas qualidades, troçando-o também, um pouco, satisfeita com a sua escolha. Interrompia-se para rir de certas recordações que confessava e doutras que não confessava. Anita, toda ouvidos, perturbada, interessada, calava-se ou lançava de tempos a tempos uma ou outra palavra, pronunciada a custo. Sílvia segurava-lhe uma das mãos e com a outra mão livre, como quem desfia um rosário, acariciava-lhe as pontas dos dedos, uma a uma, enquanto falava. Percebia o mal-estar de sua irmã e divertia-se com isso.

As duas jovens estavam sentadas num banco, debaixo duma árvore; e, na noite que descera, não se viam. A endiabrada Sílvia aproveitou a ocasião para contar algumas cenas um tanto vivas e demasiado ternas, para intimidar a irmã mais velha. Anita adivinhava a sua malícia; não sabia se havia de rir se criticá-la. Preferia zangar-se: mas era tão interessante a irmã mais nova! A sua voz era dum timbre tão puro, a sua alegria parecia tão sã! Anita, respirando sem ruído, procurava não mostrar a comoção que lhe causava aquele relato de coisas amorosas. Sílvia, que sentia sob os seus dedos os sobressaltos da outra, parava para os saborear e imaginar uma malícia nova. Inclinando-se para Anita, a meia voz, cândidamente, perguntou-lhe se ela tinha também um amigo. Anita estremeceu (não esperava por tal pergunta) — e corou. Os olhos penetrantes de Sílvia procuravam ver-lhe os traços fisionómicos,

a despeito da sombra protectora; e, não o conseguindo, passava os dedos pela face de Anita...

— Está a arder — disse, rindo.

Anita ria, contrafeita, e corava ainda mais. Sílvia lançou-se-lhe ao pescoço.

— Minha tonta, minha pateta, como tu és criança! Palavra que és impagáve! Não me queiras mal por isto! Tenho que rir. Gosto muito de ti. Gosta um pouco da tua Sílvia. Não sou grande coisa. Mas tal qual sou, sou para ti. Anita, minha pequenita! Deixa ver o teu focinhinho, adoro-te!...

Anita, apaixonadamente, apertou-a nos braços, até quase a sufocar. Sílvia, libertando-se dela, disse, com ar de entendida:

— Sabes bem abraçar. Quem to ensinou?

Anita fechou-lhe a boca, rudemente, com a mão:

— Não estejas sempre a troçar!

Sílvia beijou-lhe a palma da mão.

— Perdão, não torno mais.

Com a face apoiada no braço da irmã, ficou muito sossegada, sem falar, escutando-a e fitando, sob a obscura transparência dum retalho de céu que se entrevia entre os ramos da árvore, na meia treva, o rosto de Anita, que se inclinava para ela e lhe falava baixinho.

Anita abria o seu coração. Por sua vez, contava a plena felicidade da sua juventude solitária, esse alvorecer de pequenina Diana, apaixonada mas sem sobressaltos, que gozava de tudo que desejava e não menos do que possuía, pois entre uma coisa e outra só havia a distância que vai de hoje a amanhã. E estava tão certa do amanhã, que saboreava antecipadamente o perfume do jasmim na caniçada, sem se apressar a colhê-lo.

Contou o tranquilo egoísmo daqueles anos vazios de acontecimentos, plenos de imagens de sonho.

Falou da intimidade, da absorvente ternura, que a ligava a seu pai. E, ao contar as suas recordações, sucedia-lhe esta coisa singular: descobria-se. É que, até aquele momento, não tinha tido ocasião de analisar o seu passado. Ficou, por isso, durante momentos, assombrada. Parava a súbitas no seu relato; ora tinha dificuldade em exprimir-se, ora falava com ardor, em linguagem colorida e rica de imagens. Sílvia, que nem sempre compreendia, divertia-se com isso, escutava menos do que observava a expressão do rosto, do corpo e da voz.

Anita confessava, agora, o doloroso ciúme que lhe causara a descoberta da segunda família que seu pai lhe havia ocultado, e a perturbação em que a lançara a existência daquela rival, daquela irmã. Com a sua ardente franqueza não dissimulava nada daquilo de que se envergonhava. A sua paixão revivia enquanto a evocava, a ponto de dizer:

— Odiei-te!...

Fê-lo com um tom tão arrebatado, que se deteve com medo do som da sua voz... Sílvia, menos comovida mas muito interessada, sentia trazer na sua face a mão de Anita e pensava:

— «Há fogo, lá dentro!»

Anita continuava na confissão dolorosa. E Sílvia dizia:

— Ela está louca, para me contar tudo isto!

Sentia, porém, crescer, por essa estranha irmã mais velha, um respeito, sem dúvida trocista, mas infinitamente terno, que lhe fazia passar meigamente o seu rosto pela palma da mão da irmã...

Anita, no seu relato, chegara ao ponto em que a atracção da irmã desconhecida se tinha apoderado dela, apesar da sua resistência, e em que pela primeira vez tinha visto Sílvia. Aí, contudo, a franqueza não pôde vencer a comoção do seu coração.

Tentou prosseguir, deteve-se e renunciando disse:

— Não posso mais...

Fez-se silêncio. Sílvia sorria. Ergueu-se, aproximou o seu rosto do de sua irmã e, apertando-lhe o queixo, murmurou baixinho:

— Tu és uma grande amorosa.

— Eu! — protestou Anita, confusa.

Sílvia levantara-se do banco e, de pé diante da irmã, apertou-lhe, ternamente, a cabeça contra o peito, dizendo:

— Pobre... pobre Anita!...

A partir daquele dia, as duas irmãs viram-se frequentemente. Não passava nenhuma semana sem se reunirem. Sílvia vinha à tarde, a Boulogne, surpreender Anita. Mais raramente, Anita ia a casa de Sílvia. Por uma convenção tácita, arranjavam as coisas de maneira que Anita não se encontrava com o amigo da irmã. Fixaram um dia para almoçarem juntas no restaurante, e sentiam prazer em marcar encontros, aqui e ali, em Paris. Sentiam tanto prazer, uma como a outra, em estarem juntas. Isso tornou-se uma necessidade. Nos dias em que não se viam, as horas arrastavam-se: a tia, velha, não conseguia quebrar o silêncio de Anita, e Sílvia, aborrecida, implicava com o amigo. A única coisa que tornava tolerável a espera era o pensamento daquilo que se diriam quando se encontrassem. Isso nem sempre bastava, e nunca Anita se sentiu tão feliz como numa noite em que, passava já das dez horas, Sílvia lhe bateu à porta, dizendo que não tinha podido esperar pelo dia seguinte para a beijar. O seu desejo foi retê-la muito tempo; mas a irmã mais nova — que jurara não ter mais de cinco minutos livres — partiu a correr, passada uma hora de tagarelice, durante a qual falou dum jacto, sem respirar, quase.

Anita quis que a irmã aproveitasse a sua casa, o seu bem-estar. Sílvia tinha, porém, uma maneira brusca de afastar todas as tentativas nesse sentido; metera na cabeça — na sua cabecinha teimosa — que não aceitaria nenhum favor de dinheiro. Em troca, não punha nenhuma dificuldade em aceitar um objecto de toucador, ou, melhor, em aceitá-lo por «empréstimo» — (mas o que lhe emprestavam, esquecia-se de devolver). Sucedera-lhe mesmo, uma ou duas vezes, surripiar qualquer coisa... Oh! nada de importância!... Bem entendido: nunca tocara em dinheiro! O dinheiro, isso era sagrado! Mas um *bibelot*, um *bijou* sem valor... A isso não resistia. Anita tinha notado essa mania de pequena *gazza ladra;* e incomodava-se com isso. Porque é que Sílvia não lhe pedia? Teria tanto prazer em dar-lhe! Fingia não ver. O grande prazer era a troca, entre elas, duma blusa, um *cache-corset*, roupa de baixo: a paixão de Anita alimentava-se com isso. Sílvia era perita em ajustar ao seu corpo os vestidos da irmã. O seu bom gosto modificava o gosto mais sério de Anita. O efeito nem sempre era muito feliz, pois Anita, sempre excessiva, exagerava por vezes a imitação mais para além do que ia bem com o seu feitio pessoal; e Sílvia, divertida, via-se obrigada a conter-se. Muito mais avisada, sabia, sem o dizer, aproveitar o que lhe ensinava a sóbria distinção de Anita, certas subtilezas do falar, dos gestos e das maneiras; mas a sua cópia era tão bem feita que dir-se-ia ter sido o modelo quem a imitara.

No entanto, a despeito da sua intimidade, Anita não chegava a conhecer toda a vida de sua irmã. Sílvia tinha a sua independência e gostava de a fazer sentir. No fundo não tinha inteiramente desarmado a sua hostilidade de classe; fazia questão de

que Anita visse bem que ninguém dispunha dela e que só entrava na sua intimidade quem ela queria. Além disso, o seu amor-próprio não deixava de notar que sua irmã não aprovava tudo que fazia, especialmente a sua ligação amorosa. Embora Anita fizesse esforços por aceitá-la, não sabia dissimular a contrariedade que isso lhe causava. Ora fugia do assunto, ou, quando era obrigada a falar dele, com o sincero desejo de ser agradável a Sílvia, havia nas suas palavras alguma coisa de forçado, que Sílvia bem percebia; e esta, com uma palavra, mudava de assunto. Anita entristecia-se. Desejava de todo o coração que Anita fosse feliz à sua maneira. Que essa maneira não era a que ela preferiria, eis o que não desejava mostrar. A verdade, porém, é que o mostrava. Quanto se têm sentimentos fortes, não se é muito hábil em ocultá-los. Sílvia não esquecia isso e vingava-se com o seu silêncio. Foi preciso um acaso para que Anita soubesse, muitas semanas mais tarde, certos acontecimentos importantes da vida de sua irmã.

Em boa verdade, era impossível fazer com que Sílvia concordasse na sua importância; e talvez eles resvalassem, com efeito, sobre a elasticidade do seu temperamento; mas podia ser também que o seu amor-próprio pretendesse mais do que de facto era. Anita, incidentalmente, soube a notícia de que «havia algum tempo» (impossível de precisar, era «história antiga»!...) o amigo já não existia, a ligação tinha-se desfeito. Sílvia não se mostrava muito abalada. Anita estava-o mais do que ela: mas não era de modo nenhum com pesar. Tentou, inàbilmente, saber o que se tinha passado. Sílvia encolhia os ombros, ria e dizia:

— Não se passou nada. Aquilo passou, ora aí está.

Anita congratulou-se; mas as palavras de sua irmã causavam-lhe uma certa pena... Que estranho sentimento! Como ela era mal formada!... Ah! aquela palavra «passar»... para as coisas do coração! E dizê-la a rir!...

Esta grande notícia (era-o para ela) foi, pouco depois, seguida doutra descoberta. Um dia que Anita manifestou a intenção de ir esperar a irmã, à saída do *atelier*, Sílvia disse-lhe tranquilamente:

— Não, não; já não estou lá...

— Como? — perguntou Anita, surpreendida — desde quando?

— Ora, há já algum tempo...

(Sempre a mesma maneira evasiva de contar! Tanto poderia ter sido na véspera como no ano anterior!)

— Que aconteceu?

— Aconteceu... o que acontece todos os anos: (assim como em Malbrough... «pela Páscoa ou pela Trindade...») logo após o «Grand Prix», vem a estação morta. As patroas dão-se tratos para nos fornecer, generosamente, o pretexto de nos porem na rua.

— Mas, então, onde estás?

— Ora, por aqui, por ali. Vou, ando, faço um pouco de tudo.

Anita estava consternada:

— Então tu estavas desempregada e não mo dizias!

Sílvia desempenhava o papel de «quem não liga importância», de quem está habituada! Negligentemente, explicou com um arzinho de superioridade, (nada zangada, no fundo, pela angústia causada) que arranjava vestidos baratos para casas de confecções, embainhava roupa, cosia calças de homem (e trocava ao dizê-lo). Anita, contudo, não ria. Insistindo no

seu interrogatório, descobria que sua irmã corria, à direita e à esquerda, para encontrar trabalho, e que o aceitava por vezes extenuante, desagradável. Agora, compreendia porque é que a irmã havia algum tempo já lhe parecia pálida... porque ela tinha estado muitos dias sem aparecer, dando maus pretextos, forjando mentiras absurdas, a fim de passar, sem dúvida, uma parte da noite a picar os dedos e a cansar os olhos em cima da costura... Sílvia continuava a contar, com os seus modos trocistas e uma indiferença aparente, as suas contrariedadezinhas. Viu, porém, que os lábios de sua irmã tremiam de cólera. Bruscamente, Anita explodiu:

— Não — exclamou —, isso é indigno! Não posso, não posso suportá-lo! Quê? Tu dizes que gostas de mim, tu mesma me pediste que fôssemos amigas e pretendes ser minha amiga e ocultas-me tudo de grave que te acontece!

(O beiço estendido de Sílvia significava: «Olha! que importância!...» — Mas Anita não a deixava falar, a torrente soltara-se).

— ...Tinha confiança em ti, supunha que me dirias as tuas penas, os teus desgostos, como te digo os meus, que tudo seria em comum... E tu mantêns-me distante, como se eu fosse uma estranha; não sei nada; não me dizes nada! Se não fosse um acaso, nunca saberia que te encontras em dificuldades, que andas à procura de emprego, que arruínas a tua saúde. Aceitarias qualquer trabalho, de preferência a dizer-mo, quando sabes que o meu maior prazer seria ajudar-te... Isso não está bem, nada bem! Magoaste-me. Isso é uma falta de franqueza, uma falta de amizade!... Não o tolerarei, porém, mais!... Não!... Para começar, virás para minha casa e ficarás lá até que o período de desemprego tenha passado...

(Sílvia abanava a cabeça).

— Tu... virás, não digas que não! Ouve bem, Sílvia: nunca to perdoaria. Se me dizes não, não voltarei a ver-te, nunca mais...

Sem se dar ao trabalho de se explicar, de se desculpar, Sílvia, sorridente e teimosa, repetia:

— Não, não, querida.

Divertia-se com a agitação de Anita, que não se podia dominar, que estava prestes a chorar e que de boa vontade lhe teria batido. Pensava: «Quando está zangada, é muito mais bonita!» Não mudava, contudo, de ideias. Teimava em demonstrar a Anita que ela, também, tinha a sua vontadezinha.

Vermelha de cólera, Anita insistia, suplicante, imperiosa:

— Fica!... Tu vais ficar... Quero-o... Está dito?... Ficas?... Tu ficas?... Responde!... Sim ou não?...

Com um sorriso exasperante, a teimosa respondeu:

— Não, querida.

Anita afastou-se, com arrebatamento:

— Então, tudo está acabado.

Voltando-lhe as costas, dirigiu-se para a janela, fingindo não ver Sílvia. A irmã esperou um momento, depois levantou-se e, com a sua voz trocista, disse:

— Até à vista, Anita.

Anita nem se voltou.

— Adeus — disse.

Tinha as mãos crispadas. Se tivesse feito um movimento, sabe Deus o que teria acontecido! Teria chorado, gritado... Ficou imóvel, altiva e glacial. Sílvia, contrafeita, um tanto inquieta mas apesar de tudo divertida, ao sair, ainda lhe fez, por detrás da porta, uma careta.

Não se sentia muito orgulhosa (um tanto envaidecida, no entanto) da sua tenaz resistência. Anita

não o estava mais do seu arrebatamento. Consternada, pensava que tinha cortado as comunicações. Em lugar de ser paciente, hábil, de conquistar Sílvia, quase que a tinha escarrado. Sílvia não voltaria mais, — disso não tinha dúvidas. Anita, com o seu dilema, tinha-lhe fechado a porta. Tinha-se proibido a si própria de a reabrir. Não podia, no entanto, depois do que dissera, ir procurar Sílvia! Seria confessar-se vencida. A sua altivez não lho permitiria. Não tinha mesmo o direito de o fazer; porque Sílvia tinha procedido mal... Não, não; não iria!...

Pôs o chapéu e correu a casa de Sílvia.

Sílvia acabava de entrar. Preocupada, examinava a situação embaraçosa. Achava-a estúpida, mas não via meio de sair dela, visto que não admitia a hipótese de se dobrar à vontade de Anita e não via que esta fosse capaz de se dobrar. No fundo, achava que a irmã tinha razão; mas não queria ceder. Sílvia não era insensível às tentações da fortuna. Aquela de que dispunha Anita tinha, sem que o parecesse, despertado nela a inveja. (Ninguém pode evitar isso, mesmo quando não é — ou quase que não se é — invejosa!... Pode-se porventura evitar, quando se tem um corpo jovem, cheio de belos apetitezinhos, de pensar no que se faria da fortuna e como seria melhor aproveitada do que pelos imbecis que a têm nas mãos!...) E — não o queria confessar — mas não o perdoava a Anita... No entanto, se isso era uma falta, Anita fazia tudo para que lha perdoasse. Justamente, porém, Sílvia não tinha vontade nenhuma de a perdoar... Oh! Tudo isso não era confessável! Cada um cultiva em si, bem ocultos, cinco ou seis monstrozinhos. E ninguém se gaba disso; parece até que não se vêem; mas não há, no entanto, uma grande vontade de os pôr de parte... Um sentimento mais confessável era que,

tentada por esses bens que não tinha, Sílvia queria dar-se o luxo de desdenhar deles... Na verdade, porém, esse luxo era sem encanto; e servia-se pouco dele. Não, decididamente, Sílvia não sentia um prazer muito intenso com a sua vitória; não havia de que se vangloriar se tinha vencido em seu prejuízo! O que tornava isso ainda mais desagradável era que a situação não tinha nada de brilhante. Sílvia lutava com muitas dificuldades. O número de desempregados era considerável; e, naturalmente, os exploradores abusavam. A sua saúde também não era boa. Os calores sufocantes dum mês de Julho tórrido, os serões, uma alimentação deficiente, o muito beber água, tinham-lhe produzido uma crise de enterite com disenteria que a enfraquecera. Sob as ripas do seu tecto, esbraseado pelo sol, com as persianas descidas, Sílvia, semi-nua, com a pele em fogo, procurando alguma coisa fresca para ter nas mãos, pensava que fazia fresco na casa de Boulogne. Como estava, à falta de outros bens, abundantemente dotada de ironia, ria-se da sua estupidez. Fizera-a bonita!... E dizer que ela e Anita estavam de acordo, no fundo!... Agora, tinham-se indisposto... Santo Deus! como se pode ser estúpido!... Nenhuma das duas cederia!...

Bem segura de que não cederia, de que seria estúpida até o fim, sorria e estendia o lábio pálido quando ouviu, no corredor, os passos impetuosos de Anita. Reconheceu-os imediatamente; pôs-se de pé dum salto: — «Anita voltava!... Excelente rapariga!...» Não a esperava... Sem dúvida que Anita era, das duas, a melhor!

Anita já tinha entrado. Corada de entusiasmo e do esforço que despendera, não sabia o que ia fazer; mas, logo que entrou, soube-o. Sufocada pela atmosfera de forno, que esbraseava a semi-obscuridade do

quarto, sentiu-se de novo presa duma cólera apaixonada. Dirigiu-se a Sílvia, que se atirou ao seu pescoço; afagou-lhe as espáduas húmidas com as suas mãos impacientes; e, sem corresponder aos seus beijos, disse, com voz irritada:

— Levo-te comigo... Veste-te... E não discutas!

Sílvia no entanto discutia, para não perder o hábito. Fazia o semblante de protestar. Deixava, porém, a irmã fazer o que queria. Anita vestia-a imperiosamente; calçava-lhe os sapatos, abotoava-lhe a blusa, punha-lhe, de modo brusco, o chapéu na cabeça, voltava-a como se fosse um embrulho. Sílvia dizia sempre: «Não, não, não»; soltava gritinhos indignados, pro-forma; mas estava encantada de se sentir violentada. Guando Anita acabou, agarrou-lhe nas duas mãos, beijou-as, imprimiu nelas a marca dos dentinhos e, rindo de contentamento, disse:

— Senhora tempestade... Nada a fazer! Submeto-me... Rapta-me!...

Anita arrastou-a. Tinha-lhe tomado o braço entre as suas mãos fortes, que o seguravam como uma tenaz. Subiram para um táxi. — Quando chegaram, Sílvia disse a Anita:

— Posso dizer-to agora: estava inquieta por vir.

— Porque foste tão má? — perguntou Anita, ralhando ainda mas feliz.

Sílvia pegou na mão de Anita e com o indicador curvo bateu na sua pequena testa arqueada.

— Sim, há aí maluquice! — disse Anita.

— É igual à tua — opôs Sílvia, mostrando-lhe num espelho as duas testas obstinadas.

Sorriram uma para a outra.

E — acrescentou Sílvia — sabe-se donde isto vem.

O quarto de Sílvia esperava-a, havia muito tempo. Mesmo antes de conhecer a existência da irmã, Anita tinha o ninho preparado para uma amiga que

viria. A amiga não viera: apenas se entrevira a sua sombra, uma ou duas vezes. A personalidade de Anita, muito diferente das outras, as suas maneiras, a um tempo frias e ardentes, a brusca impetuosidade dos arrebatamentos, que surpreendiam num temperamento aparentemente reservado, um não sei quê de estranho, de exigente, de imperioso que, sem ela dar por isso, ardia e lançava clarões, mesmo nos momentos em que ela era presa do desejo de se dar com uma humildade apaixonada — afastavam as raparigas da sua idade, que sem dúvida a estimavam e recebiam (pode dizer-se) a sua influência, mas prudentemente, a distância.

Sílvia era a primeira a tomar posse do ninho de amizade. Fê-lo sem sobressaltos, convencida de que não teria dificuldade para sair dele quando muito bem lhe parecesse. Anita não a intimidava nada. Não lhe causou nenhuma surpresa o quarto onde ficou instalada. Desde a sua primeira visita e por certos pormenores de engenhosa ternura, além da perturbação de Anita ao mostrar-lha, tinha adivinhado que deveria ser para si.

Desde o momento em que se tinha reconhecido vencida — para seu benefício —, não opunha a mínima resistência. Ainda debilitada pela sua crise de enterite, a jovem convalescente abandonava-se, feliz, aos mimos de que sua irmã a rodeava. O médico, que fora chamado, tinha-a encontrado anemiada e aconselhara uma mudança de ares, uma cura de altitude. Nem uma nem outra, porém, tinham pressa de deixar o ninho comum; e conseguiram, hàbilmente, levar o médico a dizer que, apesar de tudo, em Boulogne se estava do mesmo modo bem e que até, de certo, modo, seria preferível que Sílvia começasse por se reconstituir num repouso completo,

antes de ir pedir ao ar frio das montanhas um bom estimulante.

Sílvia pôde dar-se ao prazer de preguiçar na cama. Havia tanto tempo que isso não lhe acontecia! Era delicioso dormir, à sua vontade, dormir por todos os sonos atrasados, e — maior delícia ainda — ficar sem dormir, os membros distendidos, dentro de bons lençóis macios, com o corpo repleto de torpor e de felicidade, a procurar com o pé os cantos mais frescos da cama. E sonhar, sonhar!... Oh! não iam longe os seus sonhos! Andavam à roda, como aquela mosca no tecto. Não chegavam mesmo a precisar-se numa frase. Repetiam vinte vezes, numa língua pegajosa, uma história, um projecto, uma recordação de *atelier*, de amores ou dum chapéu. Ao meio, aflorava uma cabeça no lago do sono... «Ora, ora... Sílvia!... (protestava ela em sonho). Isto não é vida... Resolve-te a sair dela!»

Entreabrindo os olhos, descobria sua irmã que se debruçava sobre ela. — Fazia um esforço — (as palavras mal se ouviam) — para dizer:

— Anita!... Acorda-me!

Anita dizia:

— Dorminhoca! — e ria, abanando-a.

Sílvia fazia de menina pequenina:

— Oh! mamãzinha, que fiz eu, para ter tanto sono?

A grande afeição de Anita expandia-se em transportes maternais. Sentada em cima da cama, parecia-lhe que a cabeça que apertava contra o peito era duma sua filha. Sílvia deixava-a fazer, lamentando-se sempre:

— Mas como é que eu hei-de ficar em condições de retomar o meu trabalho, depois?

— Não trabalharás mais.

— Ah! Isso não; era o que faltava! — dizia Sílvia indignada.

De súbito desperta, separava-se da irmã, sentava-se na cama, com os cabelos em desalinho e fixava Anita, com um ar de desafio.

— Vejam! Ainda pensa que a querem guardar à força!... Mas, minha filha, vai-te embora! — dizia Anita, rindo. — Vai, se o coração to pede! Ninguém te prende!...

— Se é assim, fico! — replicava o espírito de contradição. E Sílvia tornava a meter-se na cama, fatigada pelo esforço que fizera.

Esta indolência, porém, só durou alguns dias; satisfeita de sono, veio, depois, o período em que não era possível vê-la quieta. Andava todo o dia, meio vestida, com as pantufas da irmã muito grandes para os seus pés nus, com o penteador da irmã que traçava como uma toga, de braços e pernas nus, indo de quarto em quarto, mirando, explorando tudo. Não tinha muito a noção do «teu». (Quanto ao «meu», era outra coisa!) Anita tinha-lhe dito: «Estás em tua casa»; tomara isso ao pé da letra. Metia-se por toda a parte. Experimentava tudo. Chapinhava, horas inteiras, no quarto de banho. Não deixava um recanto sem ser inspeccionado. Anita ia encontrá-la com o nariz metido nos seus papéis, que, de resto, depressa a aborreceram. A tia, espantada, recebeu a invasão da pequena seminua, que, depois de ter mexido em todos os móveis, deslocado todos os objectos e dito palavras ternas à sua proprietária (a qual seguia ansiosa cada um dos seus movimentos), deixava tudo em desordem e a anciã escandalizada mas encantada.

A casa andava cheia dum tagarelar contínuo, sem princípio nem fim. Em qualquer sítio, com qualquer vestuário, sentadas no braço duma poltrona, ou de pente na mão alisando os cabelos, ou sùbitamente paradas num degrau da escada, ou em penteador, de manhã, ao sair do *tub* — as duas amigas

falavam, falavam, falavam; e isso, uma vez que começava, podia durar horas ou dias. Esqueciam-se de se deitar; a tia protestava em vão, tossia, batia no soalho; elas procuravam falar em surdina, abafando o riso; mas ao cabo de cinco minutos... zás! a flauta de Sílvia subia aos agudos e ouviam-se as exclamações felizes ou indignadas de Anita, que se arrebatava sempre e que a irmã tinha o dom de fazer ir à serra...

Então, as pancadas no soalho eram já zangadas. Decidiam-se, por fim, a meter-se na cama; mas ainda levavam um certo tempo a despir-se! Os dois quartos eram contíguos, as portas ficavam abertas, e ambas saíam, constantemente, das suas fronteiras; falavam em saia de baixo, falavam sem saia e, duma cama para a outra, falariam toda a noite se o sono da juventude não viesse, finalmente, pôr um termo à sua linguarice. Descia sobre elas, de súbito, como um falcão sobre uma rola. Caíam no travesseiro, de boca entreaberta, no meio duma frase. Anita dormia como uma massa; o seu sono era pesado, frequentemente agitado, tempestuoso, repleto de sonhos; enrodilhava os lençóis, falava a dormir; mas nunca acordava. Sílvia tinha o sono leve, com um brando ressonar (se lho dissessem, revestir-se-ia duma dignidade ofendida), despertava, escutava, divertida, a algaravia da irmã, levantava-se algumas vezes e ia junto do leito dela, onde, a roupa erguida em monte pelos joelhos curvados, Anita estava prostrada. Inclinada, à luz da lâmpada — (porque Anita não podia dormir sem luz) — espiava, intrigada, o rosto cheio, pesado, mas estranhamente apaixonado, por vezes trágico, da adormecida, mergulhada no oceano dos sonhos. Não a reconhecia... — «Anita? Esta? É minha irmã?»

Tinha vontade de a despertar bruscamente, de lhe

lançar os braços à volta do pescoço: — «Estás lá, papão?...»

Estava, contudo, bem certa de que o papão estava ali, para querer tentar a experiência. Menos pura e mais normal do que a sua perigosa irmã, brincava com o fogo, mas não se queimava.

Estudavam-se uma à outra demoradamente, ao vestir-se e ao despir-se, comparando-se com curiosidade. Anita tinha ataques selvagens de pudor, que divertiam Sílvia, mais livre e mais franca. Às vezes, Anita parecia fria, dir-se-ia que quase hostil; tinha acessos de violência ou chorava sem causa. O sólido equilíbrio lionês, de que se orgulhava, parecia muito comprometido. E o mais grave era que ela não o lamentava.

As confidências eram mais íntimas, agora. Não seria possível reproduzi-las todas. As raparigas que se estimam chegam naturalmente, nas suas conversas, a audácias tranquilas que conservam na sua boca uma semi-inocência, mas que não teriam nenhuma repetidas por outrem. Nessas confidências denunciava-se a diferença dos dois temperamentos: a anormalidade sorridente, bonacheirona, tranquila, duma; a seriedade da outra, apaixonada, inquietante, carregada de electricidade. Produziam-se choques: a ligeireza gulosa e decididamente agarotada com que Sílvia falava de assuntos amorosos irritava Anita. Audaciosa no íntimo, era reservada nas palavras; dir-se-ia que receava ouvir o que pensava. Fechava-se, por vezes, num mutismo feroz, que não sabia explicar. Sílvia compreendia-o melhor do que ela. Em quinze dias de vida em comum conhecia melhor Anita do que esta se conhecia a si própria.

Não sucedia isso por as suas faculdades de inteligência se elevarem acima da média das duma amável filha do povo de Paris. Fora dum senso

prático, muito justo e lógico — de que não tirava todas as vantagens possíveis, porque preferia obedecer, de preferência, a um capricho —, não exigissem dela mais nada. Sem dúvida, tudo a divertia; nada, porém, a interessava a fundo, a não ser a moda, que não tem nenhum. Para tudo que dizia respeito à arte: quadros, música, leitura, não ia além duma honesta mediocridade e nem sempre a atingia. Anita sentia-se às vezes pouco à vontade ante a sua falta de gosto. Sílvia percebia-o e dizia:

— Uf! Fiz mais uma vez tolice... Bem, dize-me o que se usa na sociedade elegante!... (Falava dum quadro como se fala dum chapéu). —... Que se deve admirar? Quando o souber, fá-lo-ei tão bem como qualquer outra pessoa...

Outras vezes, porém, não se apresentava tão conciliadora; tinha um fraco por um herói de folhetim ou por um romance fastidioso, em que via a última palavra da arte e do sentimento. Obrigava, entretanto, sua irmã a descobrir o valor, ou antes as promessas artísticas, dum género que Anita se obstinava até então a negar sem conhecer: o cinema, pelo qual Sílvia estava perdida de amores.

Sucedia também que, incapaz de sentir a beleza dum livro que liam juntas, Sílvia compreendia, melhor do que Anita, a força de certas páginas, cuja estranha verdade desconcertava sua irmã, porque, mais do que ela, Sílvia conhecia a vida. E esta é o Livro dos Livros. Não o lê quem quer. Cada um trá-lo consigo, escrito da primeira à última linha. Para o decifrar, porém, é preciso que um rude professor, a Provação, ensine a sua linguagem. Sílvia tinha recebido as suas lições muito cedo; por isso, lia correntemente. Anita começava tarde. Mais lentas a penetrar, as lições deveriam, porém, gravar-se mais fundo.

O Verão foi, nesse ano, dum ardor excessivo. Pelo meado de Agosto as belas árvores do jardim estavam já queimadas. Nas noites esbraseadas, Sílvia estendia a boca para apanhar, na passagem, um sopro de ar. Estava restabelecida, mas continuava pálida e não tinha muito apetite. Sempre fora de pouco comer, a ponto de, se a deixassem, jantar muitas vezes apenas um gelado e fruta. Anita, contudo, velava... E Anita zangava-se. Tinha muito que fazer. Decidiu, por fim, a viagem, a ida para o campo, adiada de semana para semana, com a ideia reservada de que isso não se realizaria. Queria guardar sua irmã para si só, todo o Verão.

Foram para uma estância de Grisões, da qual Anita conservava, desde um estágio antigo, a recordação duma hospedagem boa e simples, num ambiente pastoril, repousante, da velha Suíça. Em alguns anos, no entanto, tudo se tinha transformado. O hotel tinha proliferado. Era agora uma cidade de «Palaces» pretensiosos. Tinham sido abertas estradas para automóveis nos prados; e ouvia-se, no fundo do bosque, ranger um carro eléctrico. Anita quis fugir. Estavam, porém, fatigadas por uma noite e um dia de viagem; não sabiam para onde ir; só tinham vontade de ficar estendidas, sem se mexer. Ao menos, onde estavam, se tudo tinha mudado, o ar conservava a sua pureza de cristal. Sílvia sugava-o com a ponta da língua, como aqueles sorvetes de Paris, que no meio do tumulto da rua, de pé junto do carrinho de vendedor ambulante, ela lambia num copinho de vidro. Combinaram deixar-se ficar durante alguns dias, até que fizesse menos calor. Depois, habituaram-se. E descobriram encantos no sítio.

A época tinha terminado. Um desafio de ténis atraíra uma juventude buliçosa de três ou quatro

nações. Havia bailes e pequenas representações. Um enxame zumbidor flanava, namorava, mostrava-se. Anita não ligava importância a isso. Sílvia, por seu lado, divertia-se a valer; e o prazer que sentia comunicava-se a sua irmã. Ambas estavam de bom humor e não tinham motivos para desprezarem os divertimentos próprios da sua idade.

Jovens, alegres, atraentes cada uma de sua maneira, não tardaram a ser rodeadas de atenções. Anita estava esplêndida. Ao ar livre e nos desportos é que ela levava vantagens. Forte, bem feita, gostando da marcha e do movimento, era no ténis uma excelente jogadora, com golpe de vista, perna ligeira, punhos sólidos — as suas réplicas eram como relâmpagos. Sóbria de gestos habitualmente, tinha, nas ocasiões necessárias, um vigor admirável e golpes fulminantes. Sílvia, maravilhada, aplaudia, ao vê-la correr; sentia-se orgulhosa de sua irmã. Admirava-a tanto mais quanto se sentia incapaz de a imitar; esta esbelta parisiense era inapta para todos os jogos desportivos, compreendendo muito pouco os atractivos deles. Era preciso fazer muitos movimentos! Achava mais agradável — e sobretudo mais prudente — ficar como espectadora. Não perdia, por isso, o seu tempo...

Tinha formado como que uma pequena corte e pontificava, no meio dela, como se nunca tivesse feito outra coisa em toda a sua vida. Esperta, sabia imitar das raparigas de boa sociedade, que observava, tudo que era de bom tom, picante e fácil de reproduzir. Com o ar de quem não quer a coisa, aparentemente distraída, tinha só olhos e ouvidos à escuta; não perdia nada. O seu melhor modelo era, contudo, Anita. Com um instinto seguro, sabia não só copiar-lhe muitos e muitos pormenores, mas modificar a cópia com pequenas variantes, e mesmo,

em certos casos, adoptar a atitude oposta — oh! apenas o que era preciso para parecer incorrecta por um maior requinte. Mostrava ainda mais inteligência ao abster-se de sair dos limites em que sentia o terreno sólido sob os seus passos. Nisso, era perfeita, nas maneiras, na compostura, no tom. Uma distinção delicada, avivada por uma pontinha de extravagância, Anita não podia deixar de rir, ao ouvi-la expor à sua corte conhecimentos que ela lhe tinha ministrado na véspera, e isso com um tom de superioridade encantador. Sílvia piscava-lhe, então, os olhos maliciosamente. Era preciso, porém, não levar longe de mais a conversação. Apesar de todo o seu espírito e da sua boa memória, corria o risco de revelar as suas lacunas; mas não deixava que isso sucedesse: vigiava as suas fronteiras. E, depois, sabia escolher os seus interlocutores.

Eram, quase sempre, jovens desportivos de países estrangeiros: anglo-saxões, romenos, mais sensíveis a uma falta às regras do jogo de que a um lapso de linguagem. O grande favorito daquele círculo feminino era um italiano. Portador dum nome sonoro duma velha família lombarda (extinta havia muitos séculos, mas o nome não morre nunca), tinha o tipo, muito espalhado entre a juventude, à moda da Península, e que é duma época mais do que duma raça: nele se encontram estranhamente reunidos o americano da Quinta Avenida e o *condottiere* de quatrocentos: o que dá ao conjunto, por vezes, um grande ar (de Ópera). Belo rapaz, alto e direito, bem construído, a cabeça redonda e a face barbeada, muito moreno, de olhos ardentes, grande nariz conquistador de narinas azuladas, maxilares fortes, Túlio, quando andava, arqueava os rins e deitava o peito para fora. As suas maneiras eram uma mistura de sobranceria, de obsequiosa cortesia e de brutalidade.

Um homem irresistível. Bastava-lhe curvar-se para apanhar os corações; mas não se curvava. Esperava que lhos fossem depor nas mãos.

Talvez por esta razão, Anita não lhe quis, justamente, oferecer o seu, porque ele tinha, primeiramente, lançado as suas vistas para ela. Campeão de ténis, apreciava as qualidades físicas da robusta jovem; conversando com ela, descobrira temas desportivos em que os seus gostos concordavam — o hipismo e o remo, que Anita tinha praticado com a paixão que punha em tudo. Sorvia, com o seu grande nariz, a plenitude de energia de que estava repleto aquele corpo de virgem; e desejou-a. Anita percebeu esse desejo e sentiu-se, ao mesmo tempo, magoada e cativada. A sua forte vida física, comprimida por anos de semi-claustração, despertava ao chamejar daquele formoso Estio, no meio daquela juventude que só pensava no prazer, entre a excitação daqueles jogos vigorosos. As últimas semanas passadas com Sílvia, as suas conversas livres, a excessiva ternura de que sentia cheio o seu ser, tinham lançado a perturbação na sua natureza, cujas forças conhecia tão mal e tão pouco. Contra um assalto dos sentidos, a praça estava muito mal defendida. Pela primeira vez, Anita sentia a mordedura da paixão sexual. Sentiu vergonha e cólera, como se a tivessem esbofeteado. Isso, porém, não era uma razão para que o desejo desaparecesse. Em lugar de fugir, fez frente à sedução com uma altiva frieza e o coração fremente. Ele, envolvendo sempre numa deferência perfeita o apetite rapace, cuja fascinação era evidente, tomou tanto a peito a conquista quanto mais se convenceu de que ela tinha percebido e se colocava na atitude defensiva. Era um outro desafio e muito mais apaixonante! Houve troca de duros embates, rudes passes de armas, sem que transparecesse nada

exteriormente. Quando ele se inclinava, com viril elegância, para lhe beijar a mão — quando ela lhe sorria, com altiva graça, Anita lia nos seus olhos: — «Ter-te-ei!» E os seus lábios cerrados respondiam: — «Nunca!»

Sílvia acompanhava esse duelo com o seu olhar de lince; divertindo-se com isso, veio-lhe vontade de tomar também parte nele. Que parte? Na verdade, não sabia ao certo... Pois bem, divertir-se; e imitar Anita sem nenhuma dúvida, não é preciso dizê-lo! O rapaz era bonito. Anita também estava muito bonita. Como sempre, um sentimento forte embelezava-a. A ardente altivez, a fronte de novilha que se prepara para arremeter, as ondas de púrpura e a palidez súbita, que Sílvia cria ver passar naquele corpo como arrepios... O homem brincava com o fogo... «— ...Nada a fazer, meu caro, não, não, tu não a terás se ela não quer!... Quererá ela? não quererá?... Decide-te, Anita! Ele está conquistado. Acaba com isso!... Tola!... Ela não sabe... Bem, vamos ajudá-la...»

Foi pelos louvores de Anita que começaram as suas conversas. Ambos a admiravam. O italiano, decididamente, estava conquistado. Radiante, de olhos brilhantes, Sílvia abundava nas suas opiniões. Era muito hábil nos elogios à irmã. Não o era, porém, menos em mostrar todo o seu encanto. E uma vez que o punha a descoberto não havia forma de o fazer parar. Bem lhe dizia: — «Agora, fica quieto. Basta. Vais demasiado longe...» ...Ele não a escutava; só havia que deixá-lo andar... Era tão divertido! Naturalmente, aquele idiota tinha-se entusiasmado logo. Como os homens são parvos! Julgam que todas ficam presas dos seus lindos olhos... No entanto, eram belos os seus olhos... E agora

que ia ele fazer, o peixe atraído por dois anzóis? Teria a pretensão de morder os dois? Que iria decidir?... «Pois bem, meu velho, escolhe!»

Sílvia não fazia nada para lhe facilitar a escolha, apagando-se para dar o lugar a Anita. Anita ainda menos. A partir desse momento, por instinto, redobrou de esforços para eclipsar Sílvia. As duas irmãs gostavam muito uma da outra. Sílvia sentia-se tão orgulhosa dos elogios feitos a Anita como esta da impressão causada pela irmã. Aconselhavam-se mùtuamente. Velavam pelos pormenores do vestuário uma da outra. Com muito tacto, sabiam valorizar-se recìprocamente, pela arte dos contrastes. Nos bailes do hotel, atraíam todos os olhares. A despeito de ambas os provocarem, esses olhares criavam uma rivalidade entre elas. Bem queriam defender-se disso, quando dançavam não podiam evitar de avaliar, cada uma, os êxitos da outra. Especialmente junto daquele que, decididamente, as preocupava muito mais do que teriam desejado... Ele preocupava-as muito mais, desde o momento em que deixara de saber qual o interessava mais. Anita começou a sentir um sofrimento indefinível quando viu Túlio tornar-se assíduo de sua irmã. Ambas dançavam bem, mas cada uma tinha a sua maneira. Anita fez tudo quanto pôde para afirmar a sua superioridade. Na verdade, dançava melhor, na opinião dos conhecedores. Sílvia, menos correcta, abandonava-se mais; e desde que percebeu a intenção de Anita tornou-se irresistível. Túlio, com efeito, não lhe resistia. Anita teve o desgosto de ver que era posta de lado. Após dançar umas poucas de vezes com Sílvia, saíram ambos, conversando e rindo, por aquela linda noite de Verão. Anita não pôde dominar-se. Teve que deixar a sala, por sua vez. Sem ousar segui-los, no jardim, procurou vê-los, da galeria envidraçada que dava para lá e viu-os, na alameda,

viu-os inclinados um para o outro, andando sempre, mas trocando beijos.

Esta mágoa não era nada ante a que veio em seguida. Quando, depois de regressar ao quarto, sentada às escuras, Anita viu entrar Sílvia, muito animada, soltando uma exclamação ao encontrá-la sòzinha na treva, — acariciando-lhe as mãos, beijocando-lhe as faces, fazendo-lhe as mil e uma meiguices do costume, — e ao dar como pretexto uma súbita dor de cabeça que a teria obrigado a deixar o baile, lhe perguntou como se passara o resto do serão e se tinha ido passear com Túlio, — Sílvia ingènuamente respondeu que não tinha ido passear e que não sabia o que tinha sido feito de Túlio, o qual começava já a maçá-la, porque não gostava dos homens muito bonitos, e ainda porque ele era enfatuado e um tanto negrusco... Depois de dizer isso, foi deitar-se, cantarolando uma valsa.

Anita não dormiu; Sílvia dormiu muito bem. Não suspeitava da tempestade que tinha provocado... Anita sentia-se presa de ideias terríveis. O que acabara de se passar era uma catástrofe. Uma dupla catástrofe. Sílvia era sua rival. E Sílvia mentia-lhe. Sílvia, a benquerida! Sílvia, a sua alegria, a sua fé!... Tudo ruía por terra. Não podia gostar dela mais... Não gostar dela? Podia ela, poderia ela não gostar mais?... Oh! como a sua afeição estava enraizada, mais ainda do que tinha pensado!... Pode-se, porém, gostar de quem se despreza?... Não era ainda nada a traição de Sílvia!... Havia alguma coisa mais... «Há... há... Vamos, dize o que há!...» Sim, havia aquele homem, que Anita não estimava — mas que amava agora — amar? não — que ela «queria». Uma febre de orgulho ciumento exigia que ela o retomasse, que o arrancasse a «outra» — sobretudo que não deixasse a «outra» arrancar-

-lho... («A outra» — eis no que, para Anita, se tornara Sílvia!!...)

Não dormiu uma hora durante toda a noite. Os lençóis queimavam-lhe a pele. Do outro leito próximo, elevava-se o murmúrio leve do sono da inocência.

Quando se encontraram frente a frente, de manhã, Sílvia, ao primeiro golpe de vista, percebeu que tudo tinha mudado; e não compreendeu o que se tinha passado. Anita, de olhos pisados, pálida, rígida, altiva, mas mais estranhamente bela — (ora mais bela, ora mais feia, como se, a um apelo invisível, todas as forças secretas se tivessem de repente erguido) — Anita, couraçada de orgulho, fria, hostil, fechada, olhava, escutava Sílvia — que dizia as suas loucuras como de costume — limitou-se a dar-lhe os bons-dias e saiu do quarto... A tagarelice de Sílvia suspendeu-se no meio duma palavra. Saiu, por sua vez, acompanhando com os olhos Anita que descia a escada.

Compreendera tudo. Anita tinha visto Túlio, que estava sentado no *hall*, e, atravessando a quadra, caminhava direita para ele. Túlio reconhecia também que a situação tinha mudado. Ela sentou-se junto dele. Conversaram sobre assuntos banais. De cabeça levantada, desdenhosa, Anita olhava em frente, evitando fixá-lo. Não havia, porém, dúvida: era a ele que ela fixava. Sob as suas pálpebras azuladas, esse olhar que se ocultava, como que para fugir a uma claridade demasiado intensa, dizia: — «Queres-me?»

Túlio que, com um ar satisfeito, contava uma história sem importância, contemplando as mãos, espreitava, de lado, como um carnívoro, aquele corpo de seios erectos, e perguntava: — «Também tu me queres?» — «Quero que tu me queiras», — tal era a resposta.

Sílvia não hesitou mais. Deu a volta ao *hall* e

foi ocupar uma cadeira entre Anita e Túlio. A irritação de Anita traiu-se por um olhar — um só: era o bastante. Sílvia recebeu esse olhar, carregado de desprezo, como uma chicotada. Bateu as pálpebras, fingindo, contudo, não o sentir; eriçou-se, porém, como uma gata que acabasse de receber uma descarga eléctrica; sorriu-se e dispôs-se para morder.

O duelo a três travou-se com aparente calma. Anita parecia ignorar a presença de Sílvia, não fazendo caso do que ela dizia, e falando, por cima da cabeça dela, a Túlio, que estava pouco à vontade; ou então, forçada a ouvi-la — porque a outra falava alto e forte — sublinhava, com um sorriso ou com uma palavra irónica, qualquer dos pequenos erros de expressão, que esmaltavam ainda as conversas de Sílvia (pois, apesar da sua esperteza, ela não conseguiria ainda ver-se livre deles). Mortalmente ferida, Sílvia já não via a irmã, via apenas a rival. Pensava: «Terás, também, a tua conta». E mordendo os lábios com os caninos: «Dente por dente, olho por olho... Não, os dois olhos por um...» Lançou-se, então, no combate.

Ah! imprudente Anita! Sílvia não se sentia, como ela, tolhida pela sua altivez. Todas as armas eram boas, desde que a fizessem triunfar. Anita, cheia de orgulho, julgar-se-ia degradada se deixasse entrever a Túlio uma sombra sequer do que desejava. Sílvia não se preocupava com semelhantes escrúpulos. Jogaria com o cavalheiro o jogo que o lisonjeasse mais... — «Que preferes? Gostas mais dum belo desdém ou antes que te admirem?...»

Conhecia bem o homem: animal vaidoso. Túlio adorava o incenso. Ela queimar-lho-ia em grande escala. Com uma impudência ingénua e tranquila, a velhaquinha fez o elogio das perfeições do jovem «Gatiamelata» de Palace: — corpo, espírito e vestuário. O vestuário principalmente, porque, como ela supunha,

era a isso que ele ligava mais importância. Sem dúvida que todas as homenagens lhe agradavam. Não lhe davam novidade nenhuma dizendo-lhe que era bonito, e, quanto ao seu espírito, o seu grande nome era garantia dele. O seu vestuário, porém, era obra pessoal sua. Por isso sensibilizavam-no os elogios duma parisiense. Com os seus olhos de conhecedora — que troçava, para dentro, de certas faltas dum gosto demasiado gritante —, Sílvia admirava tudo, de alto a baixo. Anita corava, de vergonha e de cólera; o truque da irmã parecia-lhe tão grosseiro que perguntava a si própria: «Dar-se-á o caso de ele acreditar?»

Túlio acreditava tudo: era fácil de convencer. Quando, de degrau em degrau, desceu da gravata cor de laranja ao cinto lilás e às peúgas verde e oiro, Sílvia fez uma pausa: tinha uma ideia em mente! Extasiando-se ante a pequenez dos pés de Túlio (que tinha grande vaidade nisso), exibiu os seus, que eram bem bonitos. Como uma galantaria de garota, aproximou-os dos de Túlio, comparou-os, descobrindo a perna do calcanhar ao joelho. Depois, voltando-se para Anita que, desdenhosa, estava estendida no seu *rocking-chair*, disse-lhe com um sorriso delicioso:

— Querida! Deixa ver os teus!

Com um gesto rápido, pô-lo bem em evidência, com o fuste dos artelhos grossos e as colunas um tanto pesadas das pernas. Isso durou dois segundos apenas. Anita arrancou a garrazinha maligna, que se retirou, satisfeita. Túlio tinha visto...

Não se limitou a isso. Durante toda a manhã, empenhou-se em fazer comparações, que não pareciam premeditadas, e das quais Anita não saía com vantagens. A pretexto de recorrer ao gosto indiscutível de Túlio, a propósito duma saia, duma blusa ou duma echarpa, arranjava as coisas de maneira a

atrair a atenção sobre o que ela não tinha de mais feio e sobre o que Anita não tinha de mais bonito. Anita, irritada, dando-se ares de não perceber, continha-se para não lhe bater. Sílvia, sempre encantadora, entre duas dessas partidas, juntava os dedos na boca e atirava-lhe um beijo. No entanto, por um momento, um relampaguear de olhos cruzava-se... Anita: — «Desprezo-te». Sílvia: «— É possível; mas é de mim que gostam». «— Não! Não!» — gritava Anita. «— Sim! Sim» — ripostava Sílvia. Trocavam olhares de provocação.

Anita não era capaz de ocultar por muito tempo a sua animosidade sob um sorriso, como uma serpente entre flores. Se ficasse mais tempo, explodiria. Bruscamente, deixou o campo livre a Sílvia. Partiu de cabeça levantada, lançando-lhe um último olhar de desafio. Os olhos trocistas de Sílvia responderam-lhe: — «Quem viver verá».

A batalha continuou, no outro dia e nos seguintes, sob os olhares da galeria divertida, porque os hóspedes do hotel tinham percebido; vinte pares de olhos desocupados estavam, maliciosamente, à espreita e faziam-se apostas. As duas rivais estavam demasiado ocupadas com o seu jogo para se preocuparem com o dos outros.

A verdade é que, para elas, aquilo já não era um jogo. Sílvia, assim como Anita, estava sèriamente presa. Um demónio havia que as perturbava e lhes irritava os sentidos. Túlio, encantado com a fortuna, não se dava ao trabalho de atiçar o fogo. Era verdadeiramente belo, não lhe faltava espírito, compreendia os desejos que tinha acendido: merecia ser conquistado. Ninguém o sabia melhor do que ele.

As duas irmãs inimigas encontravam-se, nos seus quartos, todas as noites. Odiavam-se; mas afectavam, no entanto, não dar por isso. Vizinhas de leito, de noite, a sua situação teria sido insustentável, se o dissessem: seria preciso um escândalo público, que deviam evitar. Arranjavam as coisas de forma a entrar, a sair, em ocasiões diferentes, a não se falar, a fingir que não se viam, ou — como isso era na realidade impossível — a dizer-se, friamente: «bom dia», «boa noite», como se nada houvesse. O mais

leal, o mais sensato, teria sido explicarem-se. Elas, porém, não queriam; não podiam. Quando a paixão se apodera duma mulher, não se trata já de lealdade e menos ainda de bom senso.

A paixão, para Anita, tornara-se num veneno. Um beijo que Túlio, aproveitando o seu domínio, numa tarde, na volta duma alameda, tinha violentamente imprimido na boca da orgulhosa rapariga, que não se tinha defendido — desencadeara nela uma torrente sensual. Com raiva e humilhação, lutava contra isso. Sabia, contudo, resistir tanto menos quanto era a primeira vez que a onda a invadia. Ai dos corações demasiado reservados! Quando a paixão faz a sua entrada, a mais casta é a mais pronta a ceder ..

Certa noite, numa daquelas insónias febris que a consumiam, Anita resvalou no sonho, crendo que estava desperta. Via-se deitada na sua cama, de olhos abertos, mas não podia mover-se, tinha os membros tolhidos. Sabia que Sílvia, ao lado, fingia dormir, e que Túlio ia vir. Já ouvia, no corredor, o sobrado a estalar e uns passos cautelosos que caminhavam. Via Sílvia erguer a cabeça do travesseiro, pôr as pernas fora da roupa, levantar-se e deslizar para a porta que se entreabria. Anita queria levantar-se também; mas não podia. Como se a tivesse sentido, Sílvia voltava-se, tornava para a cama; fitava-a, inclinava-se para ela, como para a ver melhor.

Não era nada como Sílvia; não eram semelhantes; e, no entanto, ela era Sílvia. Tinha um riso mau, que lhe descobria os caninos, longos cabelos negros, sem caracóis, hirtos e duros, que, quando se baixava, lhe caíam para a cara, metendo-se pela boca e pelos olhos. Anita tinha na língua o gosto dessas crinas rudes e o seu cheiro sufocante.

A face da rival estava mais próxima, cada vez mais perto. Sílvia abria a cama e metia-se dentro

dela. Anita sentia um joelho duro que fazia pressão no seu quadril. Sentia-se sufocar. Sílvia tinha uma faca; o frio da lâmina aflorava a garganta de Anita, que se debatia, gritava...

Encontrou-se na calma do seu quarto, sentada no leito, com as roupas da cama revoltas. Sílvia dormia tranquilamente. Anita, comprimindo as pancadas do coração, ouvia o respirar sereno da irmã; e tremia ainda de cólera e de horror...

Ela odiava... Mas a quem?... E a quem amava ela? Julgava Túlio, não o estimava; temia-o, e não tinha nenhuma, nenhuma confiança nele. E, no entanto, por esse homem, que não conhecia quinze dias antes, que não lhe era nada, estava prestes a odiar a que era sua irmã, aquela a quem mais tinha amado, a quem amava ainda... (Não!.. Sim!... a quem amaria sempre...) Teria sacrificado a esse homem, acto contínuo, todo o resto da sua vida... Mas como... Como era isso possível!...

Estava louca; tinha, porém, que reconhecer a omnipotência da loucura. Em certos momentos, um clarão de bom senso, um sobressalto de ironia, uma vaga da sua antiga ternura por Sílvia — levantavam-lhe a cabeça ao de cima da torrente. Bastava um olhar de ciúme, a visão de Túlio cochichando com Sílvia, para que mergulhasse novamente...

Era evidente que perdia terreno. Era justamente por isso que a sua paixão recrudescia. Era pouco hábil. Não sabia ocultar a sua dignidade ferida. Túlio consentia, como um príncipe generoso, em não fazer escolha entre elas; dignava-se lançar o lenço a ambas. Sílvia, lestamente, apanhava-o, não se fazia difícil, reservava-se para, mais tarde, fazer dançar Túlio à sua maneira. Não se perturbou nada ao ver esse D. Juan colher alguns beijos na latada de Anita. E

se isso não lhe agradou, não se julgava obrigada a mostrá-lo. Pode dissimular-se... Anita era incapaz de o fazer. Não admitia partilhas; e deixava bem ver a repulsão que lhe inspirava o papel equívoco de Túlio.

Túlio começava a mostrar-se frio para com ela. Tal seriedade apaixonada maçava-o, «*l'embêtait*» (julgava, como muitos estrangeiros, que esse termo era muito parisiense). Um certo sério era bom em amor. Muito, de mais, não prestava: seria uma estopada e não um prazer. Considerava a paixão como uma *prima donna* que, depois de ter cantado a sua grande cavatina, volta à cena, de braços estendidos, para saudar o público. Ora, a paixão de Anita não parecia dar conta de que o público existia. Representava só para ela e representava mal...

Era muito verdadeira, muito sinceramente apaixonada, para pensar em artifícios, em apagar os vestígios dos seus desgostos, dos seus tormentos, de todas as imperfeições quotidianas, que uma mulher mais atenta apaga ou atenua mais duma vez por dia. Não procurava mostrar-se vantajosamente. Tornava-se mesmo feia, à medida que se sentia vencida.

A triunfante Sílvia, certa de que tinha ganha a partida, mirava Anita desamparada, com uma ironia satisfeita, apimentada com uns grãos de maldade e — no fundo — de piedade...

— Ora bem, tens a tua conta!... Era isso que querias?... Fazes uma cara!... Pareces um cão batido...

Tinha vontade de correr a abraçá-la. Quando se aproximava, no entanto, Anita mostrava-lhe uma tal animosidade que Sílvia vexada voltava-lhe as costas resmungando:

— Não queres, minha filha?... Faça-se a tua vontade! Arranja-te!... Não sou má!... Cada um por si, e os outros que se governem... Apesar de

tudo, se esta idiota sofre, a culpa é dela! Porque se mostra ela sempre ridìculamente séria?...

(Era o que pensavam todos).

Anita acabou por abandonar o terreno. Sílvia organizou com Túlio um sarau, no qual deveria mostrar todas as suas graças e mais algumas ainda... (Era uma feiticeirinha de Paris que sabia, com uns trapos, metamorfosear-se, mostrando-se numa série de personagens todas mais bonitas que o original, mas que, completando-o, faziam que parecesse mais encantador do que eles, pois continha-as a todas).

Tentar lutar com ela, nesse terreno, seria um desastre para Anita. Esta sabia-o muito bem. De ante mão vencida, que poderia esperar, depois? Pediu que não contassem com ela para a festa, a pretexto da falta de saúde; o seu mau aspecto era suficiente desculpa. Túlia não se mostrou muito interessado.

Mal tinha recusado e já estava a sofrer por se ter despojado de todas as armas para lutar. Mesmo sem esperança, a luta é ainda uma esperança. Doravante, tinha que deixar sòzinhos Túlio e Sílvia, uma grande parte do dia. Obrigava-se a assistir, só para os incomodar, a todos os ensaios. Não os incomodava nada. Antes excitava-os ainda mais — sobretudo àquela desvergonhada da irmã, que fazia repetir dez vezes uma cena de rapto duma odalisca rendida pelo corsário byroniano, de olhos de fogo, rangendo os dentes, fatal, felino, prestes a saltar como um jaguar. Ele desempenhava o seu papel como se quisesse pôr a ferro e fogo todo o Palace-Hotel. Quanto a Sílvia, levava a palma às vinte mil huris que puxam a barba ao Profeta, no seu paraíso.

A noite da representação chegou. Anita, dissimulada na última fila da sala, felizmente esquecida

no meio do entusiasmo, não pôde estar até o fim. Saiu, torturada. Tinha a cabeça a arder. Amargava-lhe a boca. Triturava os seus tormentos. A paixão desdenhada devorava-lhe as entranhas.

Dirigiu-se para os jardins que rodeavam o hotel; mas não podia afastar-se dele. Rondava, em volta daquela sala iluminada. O sol desaparecera. A noite descia. Um instinto de animal fê-la farejar, ciumentamente, a porta por onde, com certeza, iam sair os dois. Era uma portinha de lado, que permitia aos actores, sem atravessar a sala, dirigirem-se para a casa onde se vestiam, numa outra ala do edifício.

Com efeito, saíram; e, sem irem mais longe, demoraram-se na sombra do jardim, a conversar. Oculta por detrás duma moita, Anita ouvia Sílvia rir, rir...

— Não, não; esta noite não!

Túlio insistia!

— Porquê?

— Primeiramente, quero dormir.

— Há muito tempo para dormir!

— Não, não; nunca é de mais!...

— Está bem; então na próxima noite.

— Nas outras noites, é a mesma coisa. E depois, não estou sòzinha, de noite. Vigiam-nos!

— Então, não será nunca?

E a atrevida Sílvia replicava, perdida de riso:

— Mas quem lhe disse que eu tinha medo do dia?! Receia-o, por acaso?...

Anita não pôde mais. Uma rajada de nojo, de furor, de dor, arrebatou-a, arrastou-a para a noite, para os campos. Talvez se ouvisse o ruído da sua correria louca e dos ramos quebrados, como à passagem dum animal que foge. Não se importava nada que a ouvissem. Nada existia para ela. Fugia, fugia... Para onde? Não o sabia. Não o soube nunca... Corria na noite, com um gemido. Não via

nada diante de si. Correu durante cinco minutos, vinte minutos, uma hora? Nunca o soube... Até que um pé se prendeu numa raiz e caiu, a todo o comprimento, dando com a cabeça num tronco de árvore. Então, gritou, rugiu, a boca mordendo a terra, como um animal ferido.

Em torno dela era a noite. Céu sem nuvens, sem estrelas, negro. Terra sem bafo, sem murmúrios de insectos, muda. Apenas o ruído dum fio de água nas pedras, correndo ao pé do pinheiro magro contra o qual a cabeça de Anita batera. Do fundo da ravina, que cortava abruptamente o planalto, subia o rugido colérico duma torrente. O seu pranto confundia-se com o pranto da mulher ferida. Pareciam ambos o eterno lamento da terra...

Enquanto gritou, Anita não pensou em coisa nenhuma. O corpo, agitado por soluços convulsivos, desabafava a sua mágoa, aliiava o fardo que, havia dias, a esmagava. O espírito calava-se. Depois, o corpo esgotado deixou de gemer. A dor da alma voltou à superfície. E Anita retomou a consciência do seu abandono. Sentia-se só e traída. O círculo dos seus pensamentos não ia mais longe. Não se sentia com forças de reunir o tropel das suas ideias dispersas. Não tinha ânimo para se levantar. Abandonava-se à terra, estendida... Ah! se a terra a quisesse receber!... O rugido da torrente falava, pensava por ela. Banhava a sua ferida.

Ao fim de algum tempo (que foi, sem dúvida, longo) de dolorosa prostração, Anita soergueu, lentamente, o seu corpo magoado. A contusão na fronte causava-lhe dores muito vivas; essas dores absorvendo-a aliviavam o seu pensamento. Molhou no regato as mãos arranhadas; pô-las sobre a fronte ferida, que ardia. Ficou, assim, sentada, apoiando as

fontes e os olhos nas palmas das mãos húmidas, sentindo-se penetrar por essa pureza glacial. Afastava-se assim da sua dor... Via-a sofrer como se fosse uma estranha; e já não compreendia o sentido daqueles furores. Pensava: — «Porquê?... Para quê?... Acaso vale a pena?...»

A torrente, na noite, dizia: — «Loucura, loucura, loucura... tudo é vão... tudo é nada.. »

Anita sorria amargamente, com piedade: — «Que queria eu? Nem eu sei... Onde está essa grande felicidade?... Tome-a quem quiser!... Não lha disputarei...»

Depois, surgiram, de súbito, às ondas, imagens dessa felicidade que, no entanto, ela tinha querido, e as cálidas vagas daqueles desejos de que o seu corpo — ainda que a sua razão o negasse — estava, e estaria ainda por muito tempo, possuído. No sulco traçado pelo seu agudo esporão, arrastavam atrás de si um relento de furores ciumentos... Suportou o seu assalto, em silêncio, curvada, como sob um vendaval que passa. Depois, levantando a cabeça, disse em voz alta:

— Não tenho razão... Sílvia é a mais amada... É justo. Ela é mais dotada para o amor e é bem mais bonita. Sei-o e gosto dela. Gosto dela por ser assim. Deveria, portanto, sentir-me feliz com a sua felicidade. Sou uma egoísta... Mas porquê, porque me mentiu ela? Tudo o mais, vá; mas isso não! Porque me enganou? Porque não me disse, francamente, que gostava dele? Porque procedeu comigo como se fosse uma inimiga?... Ah! E depois todas essas coisas que fez, que eu desejaria não ter visto, que não são muito limpas, nem boas, nem belas!... Mas, a culpa não é sua. Como poderia ela saber? Que vida, desde a infância, teve de levar!... E eu, tenho porventura o direito de a recriminar? Fui

franca? E era mais limpo o que havia em mim?... O que havia? O que há!... Bem sei que existe sempre...

Suspirou, cansada. Depois continuou:

— Vamos! É preciso acabar com isto! Sou eu a mais velha. E sou eu a mais louca!... Que Sílvia seja feliz!

Depois de ter dito: «Vamos!», ficou ainda algum tempo sem se mexer. Ouvia o silêncio e meditava, mordendo as falanges dos dedos magoados. Depois, respirou, levantou-se, sem falar, e pôs-se a caminhar.

Regressou, noite cerrada. A lua, que ia aparecer, estava ainda longe; mas para lá do horizonte, da voragem das trevas, sentia-se que ela surgia. Uma claridade ténue franjava a linha de alturas que rodeava o planalto como os rebordos duma taça; e, de minuto a minuto, acentuavam-se, num fundo aureolado, os seus perfis negros. Anita caminhava sem pressa; e o seu peito, que retomava a respiração regular, aspirava, lentamente, o perfume dos prados cortados.

Na sombra da estrada, ao longe, ouviu passos precipitados. O coração acelerou o seu ritmo. Deteve-se. Reconheceu-os; e pôs-se a caminhar, mais depressa, ao seu encontro. Do outro lado, tinham ouvido também. Uma voz inquieta chamou:

— Anita!

Anita não respondeu: não podia; estava sufocada; corria nela um caudal de alegria; o resto das suas penas, tudo desaparecera. Não respondia; mas caminhava depressa, cada vez mais depressa. A outra, entretanto, corria, e repetia com uma voz angustiada:

— Anita!

Na fosforescência indecisa da lua, que subia por detrás da grande muralha sombria, uma formazinha

indistinta surgiu da sombra, que começava a aclarar. Anita gritou:

— Querida!.. — e precipitou-se para ela, como uma cega, de braços estendidos.

Na pressa de se juntarem, os dois corpos esbarraram. As duas irmãs abraçaram-se. As suas bocas procuraram-se, encontraram-se...

— Minha Anita!

— Minha Sílvia!

— Minha querida! meu amor!

— Minha amiguinha!

As suas mãos palpavam, nas trevas, as faces e os cabelos, percorriam a nuca, o pescoço, as espáduas, tomavam posse do bem, da amiga perdida.

— Querida! — exclamou Sílvia, sentindo que a irmã tinha as espáduas nuas — não tens o teu casaco! não tens nada para te agasalhar!...

Anita só então reparou que estava apenas com o seu vestido de noite; e o frio apoderou-se dela: sentiu um arrepio.

— És louca! Louca! — gritava Sílvia, envolvendo-a, embrulhando-a na sua capa. As mãos, que continuavam a sua inspecção, verificavam os estragos.

— O teu vestido está rasgado... Que fizeste tu? Que te aconteceu?... E os teus cabelos caídos para os olhos... E aqui, aqui, que tens tu na testa?... Anita, tu caíste?...

Anita não respondia. Abandonava-se, chorava, com a cabeça sobre a espádua de Sílvia, Sílvia fê-la sentar num talude do caminho. A lua, vencendo a barreira dos montes, veio iluminar a fronte ferida de Anita, que Sílvia cobria de beijos.

— Dize-me o que fizeste... Dize-me que se passou... Meu tesouro, minha màzinha.. Fiquei tão inquieta quando fui ao teu quarto e não te

encontrei!... Chamei-te por toda a parte... procuro-te há mais duma hora... Ah! que aflita fiquei!... Temia, temia... Nem posso dizer o que temia... Porque saíste?. . Porque fugiste?

Anita não queria responder.

— Não sei — dizia —, sentia-me mal; queria... caminhar, respirar...

— Não, tu não dizes a verdade. Anita, dize-me tudo!...

Inclinou-se para ela, e mais baixinho:

— Meu coração, não é por causa desse...?

Anita interrompeu-a:

— Não, não.

Sílvia insistia:

— Não mintas! Dize-me a verdade. Dize! à tua pequenina! Foi por causa dele?

Anita, enxugando os olhos e esforçando-se por sorrir, disse:

— Não, asseguro-to... Tinha uma certa mágoa, é verdade... É estúpido isto... Mas acabou já. Sinto-me feliz por saber que ele te ama.

Sílvia deu um salto e bateu as mãos colérica:

— Assim, era bem por causa dele!... Ah! mas eu não gosto dele, não gosto desse indivíduo!...

— Sim, tu gostas dele...

— Não! não! não!

Sílvia batia o pé.

— Divertia-me namorá-lo, fazia isso por brincadeira; mas ele não é nada para mim, nada, em comparação contigo... Ah! todos os beijos dum homem não compensam para mim uma lágrima tua...

Anita sentia-se embriagada de felicidade:

— É verdade? Isso é verdade?

Sílvia saltou-lhe ao pescoço.

Quando se sentiram um tanto mais calmas, Sílvia disse a Anita:

— Agora, confessa: tu também gostavas dele!

— Não; digo-te e proíbo-te de que o penses... não posso já ouvir falar disso. Acabou-se, acabou-se.

— Acabou-se — repetiu Anita.

Regressaram, pela estrada banhada de luar, encantadas por se terem encontrado.

Bruscamente, Sílvia parou e, mostrando o punho à lua, gritou:

— Ah! o patife!... há-de pagar-mas!...

Como a juventude não perde nunca os seus direitos, riram ambas às gargalhadas dessas palavras de ameaça.

— Sabes que vamos fazer? — lembrou Sílvia, rancorosa. — Vamos fazer as nossas malas, imediatamente, logo que chegarmos; e amanhã, de manhã cedo, partimos. Quando ele se sentar à mesa, à hora do almoço, não encontrará ninguém... Os pássaros terão voado!... Oh!... e então... (riu). E eu que me esquecia!... Marquei-lhe um encontro, no bosque, lá em cima, às dez horas... Andará à minha procura toda a manhã...

Riu-se com gosto. Anita fez o mesmo. Parecia-lhe tão engraçado, a cara que faria Túlio, despeitado, furioso. As duas loucas!... As suas pequenas iam já longe.

— Contudo — disse Anita — não está bem, querida, comprometeres-te assim.

— Ora! que mal isso me faz — replicou Sílvia —. Não tem importância. Que — continuou, mordiscando a mão de Anita que lhe batia suavemente na orelha — deveria ser mais prudente, agora que sou tua irmã?... Sê-lo-ei, prometo-te... Mas tu, sabes, minha cara, tu não o eras muito mais.

— Não; é verdade — disse Anita, pesarosa —. E tenho medo de, em certos momentos, o ser ainda menos... Ah! — disse, aproximando-se ainda mais

da irmã — que coisa estranha, o coração! Não se sabe nunca, nunca, que tempestade se forma dentro de nós e nos arrebata... para onde?

— Sim — disse Sílvia, abraçando-a —, é por isso que gosto de ti. Essas coisas aparecem com força, em ti!

Estavam prestes a entrar. O tecto do hotel brilhava sob a claridade lunar. Sílvia passou o braço em volta do pescoço da irmã e disse-lhe, ao ouvido, com uma voz apaixonada e uma seriedade que não conhecia em si:

— Querida! Não esquecerei o que sofreste esta noite, o que sofreste por minha causa... Sim, sim, não digas que não! Tive tempo de pensar nisso, enquanto andava à tua procura, receosa de que uma desgraça... Se ela te tivesse acontecido!... Ah! que faria eu?!... Não teria voltado.

— Querida — disse Anita, comovida —, não tinhas culpa; não podias saber o mal que me fazias.

— Sabia-o muito bem, sabia que te fazia sofrer; e mesmo, escuta, Anita, e mesmo isso dava-me prazer!

Anita sentia o coração opresso; pensava que ela também, ainda havia pouco, sentiria prazer em ver sofrer Sílvia, em fazê-la sofrer até a alma. Disse-lho. Os seus braços enlaçaram-se.

— Mas que temos nós? Que somos? — perguntavam-se, envergonhadas e esmagadas, aliviadas, no entanto, por uma saber que a outra tinha sentido o mesmo...

— Amamos — disse Sílvia.

— Amamos — repetiu maquinalmente Anita, que continuou angustiada:

— É isto o amor?!

— E tu, fica sabendo — respondeu Sílvia — que ele ainda está no começo.

Anita, com energia, protestava que não queria mais amar.

Sílvia troçava dela; mas Anita, muito séria, repetia:

— Não quero mais. Não sou feita para isso.

— Ah, bem — fez Sílvia, rindo —, pouca sorte, minha pobre Anita! Tu, só deixarás de amar quando deixares de viver!

SEGUNDA PARTE

PRIMEIROS dias de Outubro, cinzentos e doces. Ar sereno. Chuva tépida, que cai, direita, sem pressas. Perfume quente e carnal de terra molhada, de frutos maduros no celeiro, de cubas no lagar...

Junto duma janela aberta, na casa de campo dos Rivière, na Borgonha, as duas irmãs encontravam-se sentadas, cosendo, uma em frente da outra. De cabeça curvada sobre o trabalho, tinham o ar de ir esbarrar, uma com a outra, as duas frontes bem contornadas e sem rugas — a mesma testa arqueada, mais pequena a de Sílvia, mais ampla a de Anita, caprichosa numa, obstinada na outra — a cabrita e a novilha. Quando levantavam, porém, as cabeças, trocavam um olhar de inteligência. As suas línguas descansavam, após terem tagarelado dias inteiros. Ruminavam a sua febre, os seus transportes, a embriaguez das palavras passadas e tudo que tinham tomado ou aprendido uma da outra, nos últimos dias. Desta vez tinham-se entregado completamente, com a avidez de tudo aproveitar e de tudo dar. Agora, calavam-se, para melhor pensar em toda essa riqueza escondida.

Bem queriam tudo ver e tudo ter; no fim de contas, continuavam a ser um enigma uma para a outra. Sem dúvida, para cada ser, outro ser é um enigma — e é

esse o seu atractivo. Quantas coisas havia numa que a outra não compreenderia nunca! Diziam-se intimamente (porque ambas sabiam): — «Que importa compreender? Compreender é explicar. Não é preciso explicar para amar...»

No entanto, isso importa muito! É que, se não se compreende, não se apreende completamente. E depois, amar, na verdade, como amavam elas? Não tinham, sem dúvida, a mesma maneira de amar. As duas filhas de Raul Rivière, por certo, herdaram ambas do pai uma seiva rica; mas recalcada numa, dispersa na outra. Nada de mais diferente do que o amor das duas irmãs. A ternura de Sílvia era risonha, garota, atrevida, mas no fundo muito sensata, agitava-se muito, mas não perdia nunca o norte; batia muito as asas, mas não levantava voo mais alto do que o seu pombal. O estranho demónio amoroso que possuía Anita — e do qual só reconhecera a presença havia seis meses — era comprimido, porque ela esforçava-se por ocultá-lo, visto ter medo dele. O seu instinto dizia-lhe que os outros não o compreenderiam. Era um Eros preso numa gaiola, de olhos vendados, inquieto, ávido e faminto, que sofria em silêncio contra as grades do mundo e corroía, lentamente, o coração onde estava encerrado!

Esse fogo mordente, incessante, sem ruído, fazia, insensìvelmente, voltear o espírito de Anita num zumbido de torpor ferido, que não deixava de ter certa voluptuosidade, tal como ela a encontrava nas sensações que a faziam sofrer: um tecido rico, roupas interiores apertadas, a mão que toca nas asperezas dum móvel ou no frio duma parede rugosa. Mastigando a casca amargosa dum ramo que mordiscava, ceía, por vezes, no esquecimento de si e do tempo, com perdas de memória, que duravam — sabe Deus — um quarto de segundo ou uma hora? e de que

saía precipitadamente, suspeitosa e envergonhada, percebendo o olhar invisível de Sílvia que, parecendo trabalhar, a espreitava maliciosamente, de lado, com o canto do olho.

Sílvia não dizia nada. Nem uma nem outra se davam por achadas; mas ondas de rubor subiam às faces de Anita. Sílvia, sem compreender bem, farejava, com o seu narizinho curioso, essa vida interior, que dormia ao sol e que, por sobressaltos bruscos, se enroscava como uma cobra entre os ramos. Considerava a irmã mais velha estranha, um tanto telhuda, diferente, na verdade, de todos... O que a surpreendia nela não eram tanto esses movimentos apaixonados, esses ardores, e tudo que adivinhava nos perturbados pensamentos de Anita, mas a seriedade quase trágica que ela lhes imprimia.

Trágica? Ah! bem, que ideia! Seriedade? E para quê? As coisas são como são. Tomam-se como são. Sílvia não ia preocupar-se com as mil e quinhentas fantasias que lhe passavam pela mente! Vêm e depois vão-se. Tudo que é bom e agradável é simples e natural. E tudo que não é bom nem agradável é-o também da mesma forma. Bom ou não, tem que se engolir: num instante, desaparece. Para quê estar com esquisitices?... Esta Anita, que emaranhada! Com a sua meada de pensamentos quentes e frios, uma rede de desejos e de medos e as teias de paixões e de pudores, misturados por todos os cantos!... Quem a desenredará?... O ser ela assim anormal, excessiva e incompreensível, divertia imenso Sílvia, intrigava-a, atraía-a; e não gostava menos dela por isso.

O silêncio prolongado era pesado de inquietantes segredos. Sílvia libertava-se disso, falando a torto e a direito... Depressa, muito depressa, e baixinho, o nariz sobre o trabalho — como se o tivesse a descompor —, murmurava uma ladainha de palavras lou-

cas, de sons inarticulados, geralmente em *i*, «quiqui-quiqui» de passarinho que pipila de prazer. Depois, retomava, sùbitamente, um ar grave, parecendo dizer: «Quem? Eu? Não fiz nada...» Ou então, mordendo a linha, cantarolava, com o seu fiozinho de voz, trauteando qualquer canção estúpida em que se falava de flores, de «pássaros tagarelas», ou uma cantiga brejeira, da qual, maliciosamente, com um ar de muita inocência, salientava um palavrão. Anita dava um salto e meio zangada, meio risonha:

— Vê lá se te calas!

Ficavam aliviadas. O ar desanuveava-se. Pouco importavam as palavras! As vozes, como as mãos, restabelecem o contacto. Encontramo-nos. Onde estávamos?... Cuidado com o silêncio! Sabemos onde ele, num segundo de devaneio, pode levar-te, levar-me, de repelão? Fala-me! Falo-te. Seguro-te. Segura-me bem!...

Amparavam-se. Estavam bem decididas, sucedesse o que sucedesse, a não se deixar mais. Acontecesse fosse o que fosse, isso não poderia atingir em nada este facto essencial: «Eu sou eu; tu és tu. Trocamos. Toca! Não voltaremos atrás.» Havia um dom mútuo, um tácito contrato, uma espécie de casamento espiritual, tanto mais eficaz que nenhuma coacção exterior — nem compromisso escrito, nem sanção religiosa ou civil — pesava sobre ele.

Que tinha que elas fossem tão diferentes? Enganam-se os que crêem repousar as melhores uniões sobre afinidades — ou sobre contrastes. Nem numas nem noutras; mas num acto interior, num: «Escolhi, quero e comprometo-me», de boa têmpera e sòlidamente forjado na bigorna duma dupla decisão teimosa, como a destas raparigas de fronte arqueada. «Tenho-te e já não disponho do poder; agora, nem de te deixar nem de me retomar... Quanto ao mais,

és livre para amar a quem quiseres, de fazer o que te agradar, qualquer loucura ou mesmo um crimezinho, se isso te aprouver (bem sei que não farás! mas apesar de tudo!) isso não altera em nada o nosso pacto...»

Explique-o quem quiser! A escrupulosa Anita, se ousasse ir até o fundo do seu pensamento, seria obrigada a confessar que não estava muito segura do valor moral de Sílvia e das suas acções futuras. Sílvia, que via claro, não poria as mãos no fogo para assegurar que Anita não seria capaz, um dia, de praticar actos desconcertantes. Isso, porém, era com os outros, não as interessava a elas ambas. As duas tinham a certeza de ter, uma na outra, confiança absoluta. O resto do mundo que se arranjasse como quisesse!... Fizessem o que fizessem, desde o momento que isso não pudesse atingir o seu mútuo afecto, perdoavam-se tudo, antecipadamente, de olhos fechados. Não seria muito moral; mas tanto pior! Haveria tempo para ser moral, doutra vez.

Anita, um tanto pedante pois conhecia a vida pelos livros — o que não a impedia de a descobrir em seguida (porque a vida não tem o mesmo som, escutada fora dos livros) — recordava-se dos belos versos de Schiller:

— Oh, meus filhos, o mundo é cheio de mentiras e de ódio; cada um só trata de si; todos os laços formados para uma frágil felicidade são incertos... O que o capricho une, o capricho desune. Só a natureza é sincera; só ela assenta em bases inabaláveis. Todos flutuam ao sabor de vagas tempestuosas... A inclinação dá-vos um amigo, o interesse um companheiro; felizes aqueles a quem o nascimento deu um irmão!... Contra este mundo de guerra e de traição, são dois a resistir juntos...

Sílvia não os conhecia, é certo! Teria mesmo achado que eram, para traduzir um sentimento simples, muitas palavras confusas. Olhando, porém, Anita, que não trabalhava, com a fronte pendente — e a sua sólida nuca e a sua forte cabeleira de ondas enroladas — pensava: — «Ela sonha, ainda, a pobre! está de novo mergulhada no seu cofre de loucuras. Que não terá esse cofre!... Felizmente, estou aqui, agora! Não lho abrirão sem mim...»

É que esta irmã mais nova tinha a convicção, talvez exagerada, duma superioridade de sensações e de experiências. Dizia a si própria: — «Hei-de protegê-la.»

Teria necessidade de se proteger primeiramente a si, porque, no seu cofre, as loucuras também não faltavam. A essas, contudo, conhecia-as de antemão; considerava-as como um senhorio considera os seus inquilinos. Se lhes dava moradia, não era de graça... E depois «faz o que queres e o que for soará!» Enquanto só se tratava de si, isso não tinha uma grande importância. As coisas sempre haviam de resolver-se... Proteger, porém, outrem era um sentimento novo e deleitoso...

Sim, mas... Anita, de fronte pendente, que não trabalhava, acariciava justamente o mesmo sentimento. Pensava: — «Minha querida louquinha!... Felizmente que cheguei a tempo para te guiar.» Formava, para o futuro de Sílvia, planos, sem dúvida encantadores, mas para os quais Sílvia não fora consultada...

Quando ambas tinham ruminado bem a felicidade uma da outra (e, bem entendido, a própria, ainda por cima)...

— Ora! a minha agulha partiu-se... Já não se vê nada...

...atiravam com o trabalho e saíam juntas para desentorpecer as pernas. Iam debaixo de chuva,

ambas cobertas pela mesma capa, até o fundo do jardim, sob as árvores lacrimosas, que perdiam as folhas. Mordiam, na latada, um cacho de uvas doiradas, melhor ainda se estavam húmidas, e conversavam, conversavam...

De repente, calavam-se, escutando, aspirando, o vento do Outono, o cheiro (apetecia comê-lo) dos frutos caídos, das folhas mortas, a luz froixa de Outubro, que começa a apagar-se às quatro horas, o silêncio dos campos entorpecidos que adormecem, a terra que bebe a chuva, a noite...

De mão na mão, sonhando com a natureza transida que acalenta a esperança, tímida e ardente, da Primavera — o enigma do futuro...

A sua intimidade, naqueles fracos dias de Outubro brumosos, como que envoltos em teias de aranha, tornara-se-lhes tão necessária que perguntavam a si próprias como tinham podido passar sem ela até então. No entanto, tinham passado e passariam ainda. A vida não pode encerrar-se, aos vinte anos, numa intimidade, por mais grata que seja, — sobretudo a vida de dois seres alados. É-lhes indispensável tentar o espaço, o ar livre. Por muito firme que se afigure a vontade do coração, o instinto das asas é mais forte. Quando Anita e Sílvia se diziam, ternamente:

— Como é possível que tivéssemos vivido tanto tempo uma sem a outra? — não confessavam: «É necessário, no entanto, que, cedo ou tarde, (que pena!) vivamos uma sem a outra!»

Porque outrem não pode viver por nós, em nosso lugar; e, por certo, não o quereríamos. Era, sem dúvida, profundo o desejo de mútua ternura; tinham, porém, ambas outra necessidade mais forte, que ia mais longe, às origens mesmas do seu ser: a ânsia de

independência. Elas, que tinham tantas características diferentes, possuíam justamente (pouca sorte!) esse traço comum. Bem o sabiam e era até essa uma das razões que as levavam a gostar ainda mais uma da outra, porque tinham-se reconhecido por isso. Mas então, que seria dos seus projectos de fundir as suas vidas? Quando uma se deixava embalar pelo sonho de que poderia proteger a outra, não ignorava que a outra não o consentiria, tal como ela própria. Era um sonho agradável com o qual brincavam. Fariam a diligência de que durasse o mais possível.

Não poderia mesmo durar muito tempo. Não era ainda nada serem as duas independentes É que essas repúblicazinhas, zelosas da sua liberdade, tinham, sem querer, como todas as repúblicas, instintos despóticos. Cada uma tinha a tendência, visto que as suas leis lhe pareciam boas, de as impor à outra. Anita, apta para poder julgar-se, censurava-se dessa intromissão no domínio de sua irmã; mas recomeçava. Tinha um carácter íntegro e apaixonado, que, embora contra-vontade, se inclinava para dominar. Esta tendência poderia atenuar-se durante algum tempo, sob o véu duma grande ternura; mas mantinha-se.

E preciso confessar, no entanto, que se Anita fazia esforços para se adaptar à vontade de Sílvia, esta não lhe tornava a tarefa fácil. Só fazia o que lhe dava na cabeça; e, em vinte e quatro horas, a sua cabeça tinha vinte e quatro vontades, que nem sempre estavam de acordo. Anita, metódica, ordenada, a princípio ria-se, mas depois impacientava-se com essas variações de opinião. Chamava-lhe: «Rosa dos ventos» e «Quero... Que quero eu?». Sílvia chamava-lhe: «Mau tempo», «Senhora mando eu» e «Meio-dia às doze horas», porque a irritava a pontualidade da irmã.

Embora se quisessem muito, era difícil manter de acordo, por muito tempo, a sua maneira de ser. Não tinham nem os mesmos gostos nem os mesmos hábitos. Porque gostavam uma da outra, Anita podia prestar um ouvido indulgente aos mexericos de Sílvia, que tinha olhos vivos para observar, melhor ouvido, mas má língua. E Sílvia podia muito bem parecer interessar-se, engolindo um abrir de boca trocista... — («Vá! passa adiante!») às leituras fastidiosas, de que Anita pretendia partilhar com ela o encanto...

— Ah! como isso é lindo, querida! — ou ante certas preocupações de pensamento absurdas, sobre a vida, a morte ou a sociedade... — «Ora! Ora!... Tralalalá!... Isso é que eles não têm mais que fazer!...»

— E tu? — perguntava Anita. — Que pensas disto, Sílvia?

— («Ora!!!» — pensava Sílvia).

— Penso como tu, querida.

Isso não impedia que se adorassem; mas embaraçava um tanto as conversas. Que haviam de fazer, dias inteiros, sòzinhas na casa triste, na orla dos bosques, em face dos campos despidos, sob um céu baixo de Outono que se confunde, no nevoeiro, com a planície nua? Sílvia bem dissera — e sentia-o — que adorava o campo; depressa, porém, tinha esgotado todos os seus encantos. Sentia-se desocupada, desorientada, perdida... A natureza, a natureza... Falando francamente: a natureza maçava-a. Não! que terra mais miserável!... Não lhe suportava as pequenas contrariedades: o vento, a chuva, a lama (a de Paris, em comparação, parecia-lhe agradável), os ratos a correr por detrás dos velhos tabiques, as aranhas que entraram para fazer os seus quartéis de Inverno dentro das casas, e aqueles animais terríveis, os mosquitos zumbidores, que se regalavam com as

suas pernas e os seus braços. Quase que tinha vontade de chorar de aborrecimento.

Anita, toda entregue à alegria da solidão e do ar livre, com a irmã bem-querida, invulnerável ao aborrecimento, ria desses pesares e procurava arrastar a irmã nas suas caminhadas pela lama, sem reparar no ar contrariado dela. Um sopro de vento anunciando chuva entusiasmava-a; esquecia a irmã e partia a passos largos pela terra lavrada ou pelos bosques, agitando os ramos molhados; só depois é que se lembrava da que ficara para trás. E Sílvia, carrancuda, olhava com desdém para a sua cara alegre e, com um arrepio, pensava: — «Quando iremos para casa?»

Enfim, no meio das mil e uma contrariedades da mais nova, havia uma coisa boa: as boas cores, que nada conseguia alterar. O ar do campo dava-lhes maior brilho. Sílvia gostava do seu ofício; gostava dele a valer. De boa raça operária de Paris, precisava do seu trabalho, da sua agulha e do seu dedal, para ocupar as mãos e o pensamento. Tinha o gosto inato da costura. Era, para ela, um prazer físico manejar, durante horas, um tecido, uma musselina de seda, pregueá-los, franzi-los, dar um jeito com a mão a um apanhado de fita. Além disso, a sua cabecinha — que não tinha a pretensão, graças a Deus, de compreender as ideias que se aninhavam na da irmã, — sabia que ali, no seu domínio, no reino dos trapos, tinha as ideias próprias, e para dar e vender... Pois bem: poderia renunciar às suas ideias? Crê-se que não há maior prazer para uma mulher do que usar lindos vestidos!... Para uma mulher, que tenha a vocação, é um prazer ainda maior confeccioná-los. Desse prazer, quando se experimentou uma vez, não é fácil privar-se.

Na forçada ociosidade em que a mantinha a irmã,

— enquanto esta passeava as suas belas mãos pelo teclado —, Sílvia sentia a nostalgia das tesouras e da máquina de costura. Todas as obras de arte, se lhas dessem, não valiam, para ela, o manequim sem cabeça, que se veste consoante a fantasia, que se torna e torna a voltar, diante o qual a gente se põe de joelhos, que se atira de mau modo e que se toma nos braços para fazer uns passos de dança quando a mestra sai. Algumas palavras, uma vez ou outra, deixavam bem transparecer o curso dos seus pensamentos. Anita, impaciente, ao ver iluminarem-se-lhe os olhos, já sabia que tinha de suportar mais uma história de *atelier*.

Assim, logo que, de volta a Paris, Sílvia preveniu que ia retomar os seus hábitos, a sua casa e o seu trabalho regular, Anita suspirou, mas não ficou surpreendida. Sílvia, que esperava uma oposição, ficou mais impressionada com o suspiro, com o silêncio, do que com quaisquer palavras. Correu para a irmã, que estava sentada, ajoelhou ao pé dela, abraçou-lhe a cintura, e estendeu-lhe a boca:

— Anita, não fiques zangada!

— Querida — disse Anita —, o que for a tua felicidade é a minha, bem sabes.

Mas tinha pena; e Sílvia também.

— Não tenho culpa — disse esta. — Gosto tanto de ti, asseguro-to!

— Sim, minha tontinha, não tenho dúvidas.

Sorriu, mas voltou a dar um suspiro. Sílvia, sempre de joelhos, tomou-lhe o rosto nas mãos e aproximando dele o seu:

— Proíbo-te que suspires!... Má! Se tu suspiras assim, não poderei ir-me embora. Não sou nenhum carrascozinho.

— Não, querida, não és... Não tenho razão; não

o farei mais... Mas não era para te censurar. É porque nos vamos deixar.

— Deixar?!... Essa agora!... Má!... Ver-nos-emos todos os dias. Irás ver-me. Virei, também. Guarda-me o quarto. Ou tens ideia, por acaso, de mo tirar? Não, não; é meu, não to devolvo. Quando me sentir fatigada, tenho tenção de ser amimada nele. E, sabes? certas noites em que não me esperares, a horas tardias, chego, e, como tenho a chave, entro e vou surpreender-te. Cuidado, se me fazes partidas!... Tu verás, verás, ainda vamos gostar mais uma da outra; será ainda melhor... Deixarmo-nos!... Julgas que queria deixar-te, que poderia passar sem a minha Anita querida?!

— Ah! marota! espertalhona! — dizia Anita, rindo — como ela sabe enfeitiçar! Grande mentirosa!

— Anita! não exageres! — fez Sílvia, severa.

— Pois bem! Seja mentirosa, apenas... Assim, já é permitido?

— Sim; assim, assim pode ser — concedeu Sílvia, magnânima...

Saltou ao pescoço de Anita e abraçando-a, a ponto de a sufocar:

— Minto, minto-te, como-te!...

Terna e astuciosa, tinha sempre meios de fazer com que a irmã lhe perdoasse. Pediu a Anita que a ajudasse a estabelecer-se por sua conta. Aquela «juventude» de vinte anos queria ser dona da sua casa, não ser mandada, e, por sua vez, mandar, — ainda que fosse só ao manequim. Anita ficou encantada por ter ocasião de dar dinheiro.

As duas irmãs fizeram os orçamentos juntas, discutiram longamente sobre as instalações, correram, durante os dias seguintes, para encontrar casa, depois para escolher os móveis e todo o material, depois para pôr tudo no seu lugar, depois para cumprir as

prescrições administrativas. Elaboraram, durante muitos serões, listas de clientes, fizeram projectos sobre projectos, diligências sobre diligências. A tal ponto que Anita acabou por ter a ilusão de que era ela que se ia estabelecer com Sílvia. Esqueceu-se de que as suas vidas iam separar-se.

As clientes não tardaram a aparecer em casa de Sílvia. Anita, nas suas visitas, exibia os mais lindos vestidos da costureirinha e fazia o seu elogio. Conseguiu enviar-lhe muitas das jovens da sua roda. Sílvia, por seu lado, explorava sem escrúpulos os endereços das clientes das suas antigas patroas. Era, no entanto, bastante prudente para não querer alargar, ràpidamente, o círculo da sua clientela. Seria pouco a pouco. A vida é larga. Há tempo para tudo... Gostava de trabalhar, mas não tinha a mania de certas formigas humanas — sobretudo femininas — que tinha visto matarem-se com trabalho. Achava que havia lugar para os divertimentos. O trabalho é um deles; mas não é o único. «De tudo, um pouco» era a sua divisa de pessoa comedida, mas gulosa e curiosa...

Em pouco tempo, a sua vida ficou tão ocupada que não lhe restava muito para consagrar a Anita. Sílvia guardava-lhe bem a sua parte, sucedesse o que sucedesse, fazia questão disso. Contudo, para o coração de Anita, uma parte era muito pouco. Não sabia dar-se por metade, por um terço ou por um quarto. Teve de aprender que as pessoas são, nas afeições, como os pequenos comerciantes — dão-nos a retalho. Custou a compreender isso e mais ainda a aceitá-lo. Estava ainda nas primeiras lições.

Sofria, sem o dizer, por se ver, pouco a pouco, eliminada dos dias de Sílvia. Esta não estava nunca sòzinha em casa ou no *atelier*. Pouco depois, deixou de o estar completamente, fora da sua profissão.

Voltara a ter um amigo. Anita afastou-se. A sua ternura pela irmã impedia-a, agora, de ter o despeito ciumento e a severidade de julgamento de outros tempos. Mas isso não lhe evitava a melancolia. Sílvia, que gostava suficientemente dela para ter, a despeito da sua ligeireza, a intuição da pena que lhe causava, arrancava-se, de tempos a tempos, à farândola das suas ocupações, sérias ou agradáveis, e, subitamente, no meio do seu trabalho ou dum colóquio, punha de parte tudo e corria a casa de Anita. Então, era um turbilhão de ternura que passava. Nessa hora, a ternura não era menor em Anita do que em Sílvia. Mas acabava por passar; e quando o turbilhão a devolvia ao seu trabalho ou aos seus prazeres, Sílvia estava satisfeita de Anita. Esta — reconhecida por aquele furacãozinho de terna tagarelice, de loucas confidências, de abraços risonhos, que a tinha visitado — suspirava, encontrando-se mais só e mais perturbada.

Não eram contudo as ocupações que lhe faltavam. Os seus dias eram tão ocupados como os de Sílvia. A sua vida, a sua dupla vida intelectual e mundana, interrompida depois da morte do pai, retomara o seu curso. As necessidades do espírito — que tinham recalcado, durante o ano decorrido, as exigências do coração — despertaram mais fortes. Tanto para preencher as horas vagas pela ausência de Sílvia como porque uma natureza rica de inteligência sente-se amadurecida para as experiências da vida passional, entregara-se de novo ao estudo das ciências. Surpreendia-se de consagrar a isso olhos mais atentos do que antes. Interessava-se pela biologia e projectava uma tese sobre as origens do sentimento estético e as suas manifestações na natureza.

Retomara as suas relações de sociedade; voltava ao mundo que outrora frequentara com seu pai. En-

contrava nisso um prazer novo. Prazer de curiosidade, de espírito mais aguçado para descobrir, naqueles que julgava conhecer, aspectos imprevistos que ninguém suporia. Outros prazeres ainda, de ordem diferente, uns que se confessavam, outros não: o prazer de agradar, obscuras forças de atracção (de repulsão também) que despertam em nós, que surgem à nossa volta, relações magnéticas que, sob palavras enganadoras, se criam entre os espíritos e os corpos, surdos instintos de posse que, por momentos, afloram à superfície, igual e monótona, dos pensamentos dos salões e que se apagam, invisìvelmente, mas frementes no fundo...

As relações e o trabalho só ocupavam, por enquanto, a mínima parte dos seus dias. Nunca a vida de Anita estivera tão povoada como quando estava sòzinha. Nas longas tardes e nas horas nocturnas em que o sono lança a alma na vigília, com os seus pensamentos alucinados, como a vaga que ao retirar-se deixa na margem miríades de organismos arrancados aos abismos nocturnos do Oceano — Anita contemplava o fluxo e refluxo do seu mar interior e a praia coberta. Era o grande equinócio da Primavera.

Uma parte das forças que se agitavam nela não lhe era desconhecida; mas ao mesmo tempo que a sua energia se decuplicava, os olhos do espírito tomavam consciência disso com uma nitidez exaltada. Os seus ritmos contraditórios davam ao coração uma embriaguez, uma vertigem... Impossível de apreender a ordem oculta nessa barafunda. O choque violento da paixão sexual, que tinha — como uma tempestade de Verão — agitado o coração de Anita, deixara um abalo duradoiro. A lembrança de Túlio estava bem apagada, mas o equilíbrio do ser ficara por muito tempo perturbado. A tranquilidade da sua vida, a ausência de acontecimentos, davam ilusões a Anita.

Podia acreditar que não se passava nada e repetir de boa vontade o grito indolente dos guardas nocturnos, nas lindas noites italianas: *Tempo sereno!...* A noite cálida chocava novas tempestades, e o ar instável fremia de rumores inquietos. Uma perpétua desordem. Os rebentos de almas novas, ao renascer digladiavam-se naquela alma em fusão... Dum lado, a perigosa herança paterna, aqueles desejos que — ordinàriamente esquecidos, adormecidos — se erguiam, bruscamente, como vagas de fundo. Por outro lado, as forças contrárias: a altivez moral, a paixão da pureza. Além disso, o culto da sua independência, de que Anita tinha sentido já o incómodo império, nas suas relações com Sílvia — e de que pressentia conflitos ainda mais trágicos um dia com o amor. Todo esse trabalho interior a ocupava e enchia completamente os seus longos dias de Inverno. A alma, como uma crisálida, encerrada no seu casulo de luz brumosa, sonhava o seu futuro e ouvia-se sonhar...

Sùbitamente, perdia pé. Produziam-se paragens de consciência, como no Outono anterior, uma vez por outra, na Borgonha, certos vazios em que se cai... Vazios? Não, não eram vazios; mas que havia no fundo?... Esses estranhos fenómenos, despercebidos, inexistentes talvez, antes dos dez últimos meses, e que se tinham revelado sobretudo depois da crise passional do Verão, tornavam-se mais frequentes. Anita tinha o vago sentimento de que essas clareiras da consciência se abriam também de noite, algumas vezes, enquanto dormia... em pesados sonos de hipnose... Quando saía deles, parecia-lhe vir de muito longe; não lhe ficava lembrança de nada e, no entanto, tinha a obsessão de se haverem passado coisas graves, em mundos inominados, para além do que é permitido e tolerado pela razão, coisas

bestiais e sobrehumanas, como as dos monstros gregos ou as das gárgulas das catedrais. Era uma massa informe que se agarrava às mãos. Sentia-se amarrada viva a esse desconhecido de sonhos. Sofria duma tristeza, duma vergonha, do peso opressivo duma cumplicidade que não podia definir-se. A carne ficava-lhe impregnada de alguma coisa de insípido, que se mantinha durante dias. Era como um segredo, que se guardava no meio das imagens fugazes do dia, oculto por detrás da porta da fronte sem rugas, sem pensamentos, de olhos indiferentes que olhavam para dentro, de mãos calmamente cruzadas sobre o ventre — um lago dormente.

Anita transportava esse sonho perpétuo por toda a parte para onde ia: no movimento das ruas, no torpor estudioso dos cursos e das bibliotecas, na amável banalidade das conversas de salão, avivadas por um grão de flarte ou de ironia. Mais de uma pessoa reparava, aos serões, no olhar ausente daquela jovem que, distraìdamente, sorria, menos do que lhe diziam do que daquilo que ela contava a si própria. Apanhava, ao acaso, algumas palavras no ar, e voltava a ficar distante, escutando não se sabia que pássaros ocultos no fundo da sua gaiola.

Tão ruidoso era o concerto do seu mundo interior que Anita se surpreendeu a escutá-lo num dia em que Sílvia, a bem-querida, estava a seu lado, rindo, entontecendo-a com a sua tagarelice, dizendo-lhe...

Que lhe dizia ela?... Sílvia percebeu; sacudiu-a, rindo:

— Estás a dormir, Anita!

Anita protestava.

— Sim, sim, vi-te, estavas a sonhar em pé, como um velho cavalo de fiacre. Que fazes tu de noite?

— Atrevida!... E tu, se to perguntasse?...

— As minhas noites? Queres saber? Muito bem! Vou contar-te. Não nos aborreceremos.

— Não, não — fazia Anita, a rir, já desperta.

Punha a mão na boca de sua irmã. Sílvia, porém, afastando-se, pegava-lhe na cabeça e fitando-a bem nos olhos:

— Tens uns belos olhos de sonâmbula... Deixa ver o que há lá dentro... Que sonhas tu, Anita? Dize! Dize! Dize o que sonhas! Conta! Vamos, conta!

— Que queres tu que te conte?

— Dize em que pensavas.

Anita defendia-se, mas acabava sempre por ceder. Era para ambas um intenso prazer de ternura — e talvez, também, de egoísmo — contarem tudo uma à outra. Nunca se cansavam disso. Anita procurava então desembaraçar-se dos seus sonhos, não tanto por Sílvia como para se aliviar a si própria. Explicava — não sem dificuldade, mas com um grande escrúpulo e uma grande seriedade, que faziam rir Sílvia — todos os seus loucos pensamentos: — os ingénuos, os cândidos, os complicados, os ousados, e mesmo por vezes...

— Ah, muito bem! Anita!... Quando te resolves!... — exclamava Sílvia, fingindo-se escandalizada.

Sílvia não tinha, talvez, uma vida interior menos estranha (nem mais nem menos do que nós todos), mas não dava por isso, nem mesmo se interessava, como uma pessoa prática que crê, duma vez para sempre, naquilo que vê, naquilo em que se toca, no sonho sensato e vulgar da existência terra a terra e que se afasta, por absurdo, tudo que a poderia perturbar.

Ria de vontade ao ouvir a irmã. Esta Anita, na verdade, quem o teria pensado! Com o seu ar inocente, dizia por vezes coisas extraordinárias. E, depois, estranhava coisas muito simples, que toda a gente sabia. Dava parte disso a Sílvia com uma

convicção cómica. Além disso, sabe Deus que ideias absurdas lhe passavam pelo cabeça!... Sílvia achava-a complicada, adorável, engraçada e nada decidida. Sempre aquela mania de tomar muito a sério aquilo para que bastava «cantar conforme a música!»

— É que isto — dizia Anita — canta uma meia dúzia de cantigas ao mesmo tempo!

— Ah! sim? É divertido! — comentava Sílvia. — É como na festa do Leão de Belfort.

— Que horror! — gritava Anita, tapando as orelhas.

— Eu, gosto imenso. Três ou quatro músicas, o tiro ao alvo, as buzinas dos carros, os realejos a vapor, os sinos, os assobios, toda a gente a gritar ao mesmo tempo... ninguém se entende, cada um grita mais alto do que os outros, e aquilo atroa; ri-se; é uma reinação...

— Povinho!

— Mas, minha «aristocada», és tu (acabas de o dizer) és tu que és assim! Se isso não te agrada, só tens que fazer como eu faço. Cá dentro, tudo está arrumado; cada coisa no seu lugar. Cada uma por sua vez!

Certo, falava verdade. Qualquer tumulto que houvesse na praça Denfert ou na sua cabecinha, Sílvia sabia encontrar o seu caminho numa como na outra. Era capaz de estabelecer a ordem na mais intrincada desordem. Sabia pôr de acordo as suas múltiplas necessidades, do corpo e do coração, da vida burguesa e da que não o era. Cada coisa no seu lugar. Como lhe dizia Anita:

— Um móvel com gavetas, eis o que tu és!... (e mostrava-lhe a famosa cómoda Luís XV, onde o pai guardava as cartas).

— Sim, — respondia Sílvia, trocista, — *ele* parecia-se comigo... (não era do móvel que falava)... no fundo, sou eu a *verdadeira*...

Queria fazer zangar Anita. Esta, porém, não dava o braço a torcer. Já não tinha ciúmes da heredita riedade de seu pai. Tinha a sua parte. Cedê-la-ia de boa vontade. Em certas ocasiões, era um hóspede bastante importuno!...

Anita não sabia como, mas no último ano tinha perdido o aprumo do seu espírito lógico e das suas pernas firmemente implantadas no mundo real; e não via como voltar a encontrá-lo. Teria dado muito para poder calçar os minúsculos sapatos de Sílvia que, sem uma hesitação, com passo decidido, faziam bater os tacões no solo. Não se sentia bastante amarrada à vida quotidiana, à vida de toda a gente e de todos os momentos. Ao contrário de sua irmã, sentia-se muito presa pela sua existência interior; e não o estava suficientemente por aquela que o sol ilumina. Seria assim, sem dúvida, enquanto ela não se sentiu atraída pela grande armadilha sexual, na qual os sonhadores caem mais depressa e mais mal do que outros. A hora insidiosa aproximava-se. A rede estava armada ..

Para uma alma um tanto feroz, e da espécie maior, essa rede poderia aguentá-la por muito tempo?... Enquanto não o sabia, girava à volta disso, sem dúvida sem pensar em tal; porque, se o pensasse, teria recuado com irritação e revolta. Não importa! Cada um dos seus passos aproximava-a mais do laço...

Tinha que o confessar: ela que, um ano antes, afectava para com os homens a tranquila segurança dum camarada, sem dúvida um tanto galante, amável, mas indiferente — porque não parecia desejá-los nem temê-los —, via-os agora com outros olhos. Mantinha-se numa atitude de observação e de expectativa perturbada. Depois da aventura com Túlio, tinha perdido a sua calma insolente.

Sabia já que não podia prescindir deles; e o sorriso de seu pai acudia-lhe aos lábios, quando recordava as suas declarações infantis a respeito do casamento. A paixão tinha deixado na carne o seu ferrão de vespa. Casta e ardente, ingénua e experimentada, conhecia os seus desejos; se os recalcava no fundo dos seus pensamentos, eles marcavam, nìtidamente, a sua presença pela desordem lançada no resto das suas ideias. Toda a sua actividade de espírito estava desorganizada. A trabalhar, a escrever ou a ler, sentia-se diminuída. Só podia concentrar a sua atenção num objecto à custa de esforços desproporcionados; ficava, depois, esgotada, entristecida. Bem tentava o contrário; mas o nó da sua atenção desatava-se sempre. Em tudo que pensava se infiltravam nuvens. Os limites muito nítidos — muito nítidos e muito bem iluminados — que fixara à sua inteligência, esbatiam-se no nevoeiro. O caminho recto que devia levá-la lá, interrompia-se, cortado a todo o momento. Anita, desanimada, pensava: «Nunca chegarei lá».

Depois de ter, outrora, atribuído à mulher, orgulhosamente, todas as capacidades intelectuais do homem, sentia a humilhação de confessar: «Enganei-me».

Sob o peso da lassidão que a oprimia, reconhecia (com ou sem razão) certas fraquezas cerebrais da mulher, que derivam, talvez, da secular falta de hábito de pensamento desinteressado, dessa actividade do espírito objectivo e liberto de si próprio, que exigem a ciência ou a arte verdadeiras — ou, mais ainda, da surda obsessão dos grandes instintos sagrados, cujo rico e pesado depósito lhe confiou a natureza. Anita sentia que, sòzinha, estava incompleta: incompleta de espírito, de corpo e de coração. Destes últimos queria, porém, falar o menos possível: demasiado eles acudiam ao seu pensamento.

Encontrava-se naquele momento da vida em que não se pode viver sem companhia: a mulher mais ainda do que o homem, porque nela não é sòmente a amorosa, é a mãe que o amor desperta. É certo que não dá conta disso; as duas aspirações fundem-se num mesmo sentimento. Anita, sem se fixar ainda sobre nenhum destes pensamentos, sentia o coração transbordante do desejo de se dar a um ser, mais forte e mais fraco, que a tomasse nos seus braços e bebesse do seu seio. Esta ideia fazia-a desfalecer de ternura. Queria que o sangue do seu corpo se convertesse em leite, para o dar... Bebe!... Oh, bem-amado! ..

Dar tudo!... Mas não! Não poderia dar tudo. Não lhe era permitido. Dar tudo!... Sim, o seu leite, o seu sangue, o seu corpo e o seu amor... Mas tudo? Toda a sua alma? Toda a sua vontade? E pela vida inteira?... Não, isso, bem o sabia, não o faria nunca. Mesmo que o quisesse fazer, não poderia. Não se pode dar o que não nos pertence — a alma livre. A alma livre não nos pertence. «Sou eu que pertenço à minha alma livre. Não posso dispor dela... Salvar a sua liberdade é muito mais do que um direito, é um dever religioso...»

Havia nestes pensamentos de Anita alguma coisa da rigidez moral que herdara de sua mãe. Tudo nela, porém, tomava um carácter passional; era capaz de aquecer com o seu sangue impetuoso as ideias mais abstractas... A sua «alma»! .. Esta palavra «protestante»! (Era ela quem falava... Empregava-a com frequência!...) Porventura a filha de Raul Rivière tinha só uma alma? Tinha um quarteirão e entre elas havia três ou quatro de força, que não se entendiam, muitas vezes, umas com as outras...

No entanto, esse combate interior não se travava num ponto determinado. Anita não tinha tido ainda

ocasião de pôr à prova as suas paixões contrárias. A sua oposição era uma luta do espírito, ardente, assaz emocionante, mas sem riscos. Não era forçada a decidir-se. Podia dar-se ao luxo de experimentar, em pensamento, uma ou outra solução.

Eram assunto de risonhas discussões com Sílvia, estes problemas de coração de que são ávidos os espíritos juvenis, nos períodos de ociosidade ou de expectativa, até o dia em que a realidade decide bruscamente por nós, sem se preocupar com os mais elegantes argumentos. Sílvia compreendia muito bem a dupla necessidade de Anita; mas não via nisso, pela sua parte, a mínima contradição. Só tinha que fazer como ela própria: amar quando isso lhe agradava; ser livre quando lhe apetecia...

Anita abanava a cabeça:

— Não!

— Como não?

Recusava-se a explicar.

Sílvia dizia trocista:

— Achas que isso é bom para mim?

Anita protestava:

— Não, querida. Bem sabes que gosto de ti tal como és.

Sílvia, contudo, não se enganava. Anita, por afeição por ela, recusava-se a criticar (suspirando, no entanto, baixinho) os amores livres de Sílvia. Não os queria, porém, para si. Não era apenas o puritanismo materno que veria nisso uma ofensa. Era a sua natureza «íntegra», a própria plenitude do seu desejo, que se recusava a dividir-se em trocos miúdos. A despeito do oculto apelo duma forte vida sensual, era-lhe impossível, naquele momento da sua vida, acolher sem revolta a ideia dum amor em que todo o ser, os sentidos, o coração, o pensamento, o respeito por si própria e o respeito por outrem, o

religioso arrebatamento da alma apaixonada — não tivessem igualmente o seu lugar no banquete. Dar o seu corpo e reservar o seu pensamento — não, isso não seria possível... Seria uma traição!... Então, só havia uma solução, o casamento, o amor único? Seria esse o sonho possível, para uma Anita?

Possível ou não, não custava nada sonhá-lo, antecipadamente. Não se privava disso. Tinha chegado à orla do bosque da adolescência, àquele momento final em que, saboreando ainda a sombra e o abrigo dos sonhos, se vêem abrir na planície, ao sol, as largas estradas brancas. Em qual delas imprimiria os seus passos? Não tinha pressa de escolher. O espírito atardava-se descuidoso, e escolhia-as a todas.

Uma rapariga feliz, sem preocupações materialistas, que irradia amor, com a alma cheia de esperanças, vê oferecer-se ao seu coração a possibilidade de vinte caminhos diferentes. Antes mesmo de perguntar a si própria: «Qual é o que prefiro?» abarca todo o ramo para lhe aspirar o perfume.

Anita saboreava, sucessivamente, pela imaginação, o futuro partilhado com tal, depois com tal, depois tal companheiro, deixando o fruto mordido, mordiscando outro, para voltar ao primeiro, palpando um terceiro, sem se decidir por nenhum. Idade de incerteza, a princípio feliz, exaltada, mas que depressa conhece as fadigas, as depressões desencorajadas e por vezes mesmo a desesperante dúvida.

Assim, sonhava Anita a sua vida — as suas vidas futuras. Confiava a sua incerta expectativa únicamente a Sílvia. Esta divertia-se com as indecisões lânguidas e inquietas de sua irmã. Conhecia-as, por experiência, muito pouco. É que ela estava habituada (gabava-se disso para escandalizar Anita) a decidir-se antes de escolher e a decidir ràpidamente. Depois, tinha tempo de fazer a sua escolha...

— Ao menos — dizia com o seu ar fanfarrão — sabe-se de que se fala!

Na sociedade que frequentava, Anita causava sensação. Era cortejada pela maior parte dos rapazes. As raparigas, muitas das quais eram mais bonitas, não viam isso com bons olhos. Tinham tanta mais razão para se magoarem quanto era certo Anita não parecer preocupar-se muito em agradar. Distraída, um tanto distante, não fazia nada para despertar o interesse ou lisonjear o amor-próprio dos homens que a cortejavam. Tranquilamente instalada num canto do salão, deixava-os aproximar sem parecer notar a sua presença, ouvindo sorrir (nunca havia a certeza de ela ter ouvido o que lhe diziam) e quando respondia limitava-se a algumas amáveis banalidades. No entanto, eles aproximavam-se todos e procuravam cativá-la: os mundanos, os brilhantes conquistadores e os simples rapazes sérios.

As despeitadas pretendiam que Anita escondia o seu jogo e que a sua indiferença era um artifício de calculada sedução. Notavam que, havia algum tempo, a correcção, um tanto fria, do vestuário de Anita, fora substituída por elegantes vestidos, cuja nota ousada conseguia hàbilmente — diziam — atenuar o aborrecimento da sua fealdade parada. As más-línguas acrescentavam que mais do que os seus olhos era a sua fortuna que cortejavam. Quanto aos seus vestidos, o encantador artifício não era da responsabilidade de Anita; o gosto e o espírito de Sílvia é que tinham feito tudo. Sem dúvida, Anita era um «bom partido»; mas se a sua pequenina corte certamente pensava nisso, havia muito de respeito nas homenagens que lhe prestavam, para que pudessem ser apenas atribuídas a considerações de tal natureza. Menos dotada pela fortuna, não a teriam menos,

— e talvez até mais — perseguido com as suas assiduidades.

O atractivo era mais profundo. Anita, sem ser sedutora, era suficientemente dotada pelos seus instintos. Fortes e exuberantes, não tinham necessidade de que lhes dissessem que era preciso fazer: a sua acção era certeira, porque a vontade não influía nela. Enquanto sorridente, indolente, como que envolta na sua vida interior, se deixava vogar, agradàvelmente, num devaneio impreciso, que não a impedia de ver e de ouvir, flutuando num vago voluptuoso — o seu corpo falava por ela. Uma poderosa atracção irradiava dos seus olhos, da sua boca, dos seus membros jovens e robustos, da frescura do seu ser impregnado de amor como uma glicínia florida. O encanto era tão forte que ninguém, vendo-a (a menos que não se tratasse duma mulher), teria pensado que ela era feia. Se falava pouco, bastavam algumas palavras, aqui e ali, numa conversação insignificante, para evocar horizontes espirituais imprevistos. Assim, não oferecia menos ao desejo dos que procuram a alma, do que aos apetites dos que tinham reconhecido naquele corpo meio adormecido (água que dorme) as riquezas dum prazer ignorado.

Anita parecia não ver; mas via muito bem tudo. É esse um dom feminino. Em Anita, completava-o uma força de intuição, que é a característica duma poderosa vitalidade e que, sem gestos nem palavras, compreende prontamente a linguagem de ser para ser. Quando parecia distraída, escutava. Sombria floresta dos corações. Estavam — eles e ela — à espreita. Cada um procurava uma pista. Depois de ter vacilado dumas para as outras, Anita escolheu a sua.

Os jovens entre os quais tinha que escolher pertenciam a essa burguesia rica, inteligente, activa, de ideias avançadas (julgavam-no pelo menos) de que

fizera parte Raul Rivière. Tinha passado, havia pouco, o furacão do Caso Dreyfus, que aproximara homens de meios e de pensamento diferentes, mas que um comum instinto de justiça social tinha reunido. Esse instinto, como se viu depois, não era muito resistente. A injustiça social limitou-se, para ele, a uma única injustiça. Exemplo disso fora, entre mil, esse Rivière, a quem as iniquidades do mundo não impediam de dormir — e que mesmo soubera concluir, sem rebates de consciência, frutuosos negócios com o Sultão, ao mesmo tempo em que Sua Alteza procedia friamente, ante o silêncio complacente da Europa, ao primeiro massacre dos Arménios — e que, muito sinceramente, se deixara perturbar pelo famoso Caso. Não se deve pedir demasiado aos homens! Quando se batem pela justiça, uma vez na vida, sentem-se esfalfados. Ao menos foram justos, uma vez: há que agradecer-lhes isso. Sabem agradecer-se, a si próprios. A sociedade a que pertencia Rivière, as famílias cujos filhos estavam agora enamorados de Anita, não tinham nenhuma dúvida sobre o mérito que conquistaram na sua campanha pelo Direito e sobre a inutilidade de o renovar por novos esforços. Ficavam, uma vez por todas, sendo o grupo do Progresso, mas de braços cruzados.

Com o espírito assaz tranquilo, aliás, no domínio internacional, numa hora rápida em que as lutas cívicas quase que tinham extinguido os ódios nacionais, à parte um velho tição de anglofobia que a guerra dos Boeres fazia fumegar ainda — dum patriotismo atenuado, muito pouco militarista — inclinados à tolerância e ao bom humor, porque estavam cheios disso visto serem do partido vencedor — davam a impressão duma sociedade em que a vida era fácil, a moral larga vagamente humanitária e certamente utilitária, céptica, sem grandes princípios, mas sem

grandes preconceitos... (Nunca fiando!...) Contavam as suas fileiras alguns católicos liberais, uns poucos de protestantes, um maior número de judeus e bastantes pertencendo à boa burguesia francesa, indiferente a religiões, as quais substituiu pela política. Havia variados rótulos, sem pôr de parte de modo nenhum o republicanismo que, por ter durado trinta anos, começava a tornar-se uma forma — a mais prática — do conservantismo. O socialismo estava representado também, mas por jovens burgueses, ricos e intelectuais, a quem tinham conquistado a boca de oiro e o exemplo de Jaurès, o qual estava ainda na sua lua-de-mel com a República.

Anita nunca se interessara sèriamente pela política. A sua forte vida interior não lhe deixava tempo para isso. Tinha, contudo, passado, como os outros, pela sua hora de exaltação durante o Caso Dreyfus. O seu afecto por seu pai modelara-a pelo que ele pensava. Sentia-se disposta, pelo impulso do seu coração e pelo instinto de liberdade que transportava no sangue, a estar sempre do lado dos oprimidos. Tinha, portanto, conhecido os momentos de apaixonada comoção quando Zola e Picquart defrontavam a Fera — a opinião desaçaimada. Não era impossível que, como mais duma rapariga, ao passar defronte da prisão do Cherche-Midi, o seu coração não tivesse batido por aquele que estava lá encarcerado. Esses sentimentos não eram, porém, raciocinados. Anita não tinha podido fazer um exame crítico do Caso.

A política repugnava-lhe. Quando se sentira tentada a vê-la de perto, logo se afastara movida por um misto de aborrecimento e de repugnância, que não procurava analisar. O seu olhar era demasiado franco para não ter entrevisto a soma de pequeninas coisas, de porcarias, que se repartem, pouco mais

ou menos por igual, dum e doutro lado. Menos sincero do que os seus olhos, o seu coração queria continuar a acreditar que o partido que defendia as ideias de justiça deveria ser composto pelos homens mais justos. E acusava aquilo a que chamava a sua preguiça de a impedir de conhecer melhor a sua acção. Era por isso que se obrigava para com eles a uma simpática expectativa — como durante a execução duma composição musical nova, garantida por um nome autorizado, um auditor respeitoso, sem a compreender, acredita nas belezas que, talvez, mais tarde, virá a descobrir nela...

Anita, leal, como era, acreditava na veracidade dos rótulos, ignorante de que em parte nenhuma a fraude é mais corrente do que no comércio das ideias. Atribuía ainda alguma realidade aos *ismos* de fabrico, cuja marca distingue os diversos produtos políticos, e sentia-se atraída por aqueles que se anunciavam como avançados. Uma secreta ilusão fazia-lhe esperar que seria desse lado que tinha mais probabilidades de encontrar um companheiro. Habituada ao ar livre, tendia para aqueles que o procuravam, como ela, fora dos velhos preconceitos, das manias seculares e do sufocante solar do passado. Não dizia mal da velha moradia. Diversas gerações tinham abrigado nela o sonho da sua vida. O ar, porém, estava viciado. Fique lá quem quiser! Era-lhe preciso respirar. Procurava com os olhos o amigo que a ajudasse a reconstruir, sadia e clara, a sua casa.

Nos salões que frequentava, não faltavam, parecia-lhe, jovens capazes de a compreender e de a ajudar. Com ou sem rótulo, muitos deles tinham um espírito esclarecido. A desgraça era que a sua esperteza não era orientada para os mesmos horizontes. Como diz o filósofo «o impulso vital» é limitado. Não se aplica, ao mesmo tempo, para todos os lados.

Infinitamente raros são os espíritos que projectam a sua luz à volta de si, continuando a caminhar. A maior parte daqueles que conseguiram acender a sua lanterna (e não são muitos!) têm a luz dirigida na sua frente, sobre um ponto, um único ponto, e em volta não vêem nada. Dir-se-ia mesmo que o progresso numa direcção se paga quase sempre pelo recuo noutra. Um que em política é revolucionário, em arte, é um conservador. E se se desfaz dum punhado dos seus preconceitos (daqueles que lhe interessavam menos) não deixa de apertar avaramente contra si os outros.

Em nenhum outro domínio eram tão nítidas as desigualdades desse caminhar aos solavancos como no da evolução moral dos dois sexos. A mulher que, esforçando-se por romper com os erros do passado, se encaminhava pelos atalhos que conduziam à sociedade nova, raramente encontrava o homem que queria também fundar um mundo novo. Este tomava outro caminho. E se os seus caminhos, escalando a montanha, acabassem, talvez, por se reunir no cimo, ao começo eram em sentidos opostos. Esta divergência era sobretudo flagrante, nessa época, na França em que o espírito feminino, por mais largo tempo mantido atrasado, estava prestes, havia alguns anos, a tomar um súbito avanço, de que os homens de então não davam conta. As próprias mulheres não tinham uma nítida consciência disso, até o dia em que o embate duma experiência pessoal lhes revelava o muro que as separava dos seus companheiros. O choque era rude.

Anita deveria, à sua custa, fazer a descoberta desse doloroso mal-entendido.

Entre aquelas almas flutuantes, que a rodeavam como um enxame, os seus olhos, os seus olhos

distraídos, que, sem que ninguém desse por isso, inspeccionavam cada uma delas, acabaram por fazer a sua escolha; mas não o tinham dito. Anita procura prolongar o mais possível a ilusão de que ainda hesitava. Quando já não há dificuldades para tomar uma decisão, é que é agradável murmurar: «Nada me obriga, por enquanto», e pela última vez deixar bem abertas as portas da esperança.

Eram especialmente dois aqueles de quem gostava de deixar suspenso o seu futuro — embora soubesse muito bem qual deles tinha escolhido. Eram dois rapazes de vinte e oito a trinta anos, Marcelo Franck e Rogério Brissot. Pertenciam ambos à burguesia abastada, de maneiras distintas, amáveis, inteligentes, mas de qualidades e caracteres diferentes.

Marcelo Franck, de família semi-israelita, tinha um desses tipos sedutores que dão por vezes os casamentos entre indivíduos escolhidos de duas raças distintas. De estatura meã, delgado, fino, elegante, de olhos azuis num rosto dum branco mate, o nariz levemente recurvado, uma barbicha loira; o seu perfil, um tanto alongado, lembrava o de Alfredo Musset. Possuía, também, um olhar espiritual, caricioso, ora terno, ora atrevido. Seu pai, rico comerciante de tecidos, homem de negócios, esperto e de paixões sólidas, tinha o gosto da arte moderna, patrocinava revistas de jovens e comprava quadros de Van Gogh e do guarda-fiscal Rousseau. Casara com uma linda toulousense, segundo prémio de comédia do Conservatório, estrela, durante algum tempo, dos elencos de Antoine e de Porel, que, tomada de assalto, e depois pedida em casamento pelo vigoroso Jonas Franck, abandonara o teatro em pleno êxito, para ir dirigir inteligentemente, ao mesmo tempo que os negócios de seu marido, um salão literário bem conhecido pelos artistas. Era um casal muito unido,

no qual, por um tácito acordo, cada um dava plena liberdade ao outro, sabendo ambos, aliás, evitar, no interesse comum, a maledicência. Assim, o casal tinha criado o seu filho único numa atmosfera de inteligência tolerante e esclarecida.

Marcelo Franck aprendera, no seio da família, que havia uma harmonia entre o trabalho e o prazer e que na sua sábia dosagem reside a arte da vida. Não cultivava essa arte menos do que as outras, das quais se tornara um excelente conhecedor. Pertencia à Direcção dos Museus Nacionais e tinha alcançado um renome precoce como crítico de arte. Tanto como os quadros, sabia observar as pessoas, com os seus olhos preguiçosos e penetrantes, insolentes e indulgentes. Entre aqueles que cortejavam Anita, era ele quem melhor lia nela. Anita bem o sabia. Algumas vezes, ao sair dum dos seus devaneios distraídos, quais, durante uma conversação, seguir pensamentos muito diferentes daqueles que exprimia, ela dava com os seus olhos curiosos, que tinham o ar de dizer: «Anita, estou a vê-la nua». O estranho era que não se sentia contrariada, ela, a pudica Anita, e que tinha até vontade de responder: «Como me acha assim?»

Trocavam um sorriso de inteligência, se a via sem véus, não tinha importância, porque sabia que nunca seria dele. Marcelo lia nela essa certeza. Não se perturbava com isso. Pensava: «Veremos!» É que conhecia o *outro*. O *outro*, Rogério Brissot, tinha sido seu camarada no liceu. Franck compreendia perfeitamente que Anita o preferisse... Para começar, pelo menos... (Depois?... Isso seria já outra coisa!...) Brissot era um belo rapaz, rosto claro, expressão franca, alegres olhos escuros, traços regulares, um tanto acentuados, a face larga, os dentes sãos, — barba rapada e uma abundância juvenil de

cabelos negros, levantados, sobre a fronte inteligente, pela risca do lado. Alto, o peito largo, as pernas compridas, os braços musculados, tinha à-vontade nos gestos e movimentos animados. Falava bem, muito bem mesmo, com uma voz cálida e musical, um tanto baixa e metálica, de que se gostava — de que ele próprio gostava.

Rival nos estudos de Franck, duma inteligência viva, fácil, brilhante, habituado aos triunfos do espírito, não apreciava menos os jogos corporais. Na Borgonha, onde as propriedades de sua família — bosques e vinhas — entestavam com a casa de campo dos Rivière, era um intrépido andarilho, caçador e bom cavaleiro. Anita tinha-o encontrado, outrora, mais duma vez, nos seus passeios. Nesse tempo, contudo, não lhe interessava um companheiro, gostava mais de andar sòzinha. Rogério, também, nesses meses de ar livre, à solta, fora de Paris, fazia de jovem Hipólito; preferia o seu cavalo e o seu cão a uma rapariga. Não tinham, então, trocado, ao cruzarem-se, mais do que breves cumprimentos e olhares. Destes nem tudo se tinha perdido. Ficaram-lhes agradáveis imagens e a vaga atracção de dois seres fisicamente bem construídos.

A família Brissot tinha pensado nisso. Assim como as pessoas, os bens pareciam feitos para se juntarem. No entanto, as relações de vizinhança, enquanto vivera Raul Rivière, tinham-se mantido diferentes, mas frias e assaz distantes. Por uma curiosa anomalia, Rivière — que era um espírito livre, não dando nesse domínio o seu quinhão a ninguém — tinha, como arquitecto, quase toda a sua clientela, até o Caso Dreyfus, no campo reaccionário e na aristocracia. Como era bastante hábil para ver que ela valia uma missa e mesmo (sem metáfora) para lá ir, quando isso lhe parecia útil para ser bem visto, passava por

reaccionário e até por clerical (o que lhe dava muita vontade de rir!) aos olhos dos republicanos radicais da sua província. Ora, os Brissot eram verdadeiros pilares do radicalismo. Essa família de toga — advogados, procuradores — que se orgulhava de ser republicana havia um século (era-o, com efeito, desde a Primeira República, mas esquecia-se de mencionar que o avô, ex-convencional, tinha recebido a Ordem do Lis, quando do regresso dos Bourbons) acreditava na República, como outros crêem em Deus Padre, e considerava-se ligada a ela pelas suas tradições: a nobreza obriga! Assim, entendera dever mostrar a censura da sua austeridade a Raul Rivière, conservando-o a distância. Isso, aliás, não o afectara em nada, pois não esperava deles nenhuma encomenda.

Veio o famoso Caso Dreyfus, no qual Rivière se encontrou, sem ter feito nada para isso, com os do partido do Progresso. Graças a tal, ficou, sùbitamente, reabilitado. Passou-se uma esponja sobre o seu passado. Descobriram-lhe mesmo altas qualidades cívicas e republicanas, que ele ignorava, mas das quais saberia tirar partido se a morte não lhe tivesse alterado os planos. Os dos Brissot não sofreram nada com isso. Esses grandes republicanos, que tinham sabido, no decurso dum século, conduzir a par o respeito pelos princípios e pelos seus interesses, eram ricos e, naturalmente, pensavam em sê-lo mais ainda.

Sabia-se que Rivière tinha deixado a sua filha uma bela fortuna. Seria interessante juntar a sua propriedade de Borgonha aos bens dos Brissot, que ela completaria agradàvelmente. Para pessoas, porém, que tinham os princípios dos Brissot, as questões de interesses vinham em segundo lugar. Mesmo quando sucedia pensar-se nisto primeiramente, no capítulo casamento, as qualidades da jovem deveriam entrar

em linha de conta. Ora, essa jovem, na emergência, correspondia a tudo que poderiam exigir. Anita satisfazia, pelo que sabiam dela, pelos seus modos sérios, por tudo que se conhecia da sua dedicação a seu pai.

Agradava pela sua inteligência e pela sua simplicidade. Tinha, em sociedade, uma perfeita compostura. Era sossegada, bastante espirituosa e de boa saúde. Sem dúvida, achavam que havia algo de afectado nos seus trabalhos na Sorbonne, nas suas investigações, nos seus diplomas. Pensavam, no entanto, que se tratava de passatempos duma rapariga inteligente que vive aborrecida, pronta a pôr tudo isso de lado, logo que tenha um filho.

Não desagradava aos Brissot mostrar que gostavam das luzes do saber, mesmo numa mulher, desde que, naturalmente, não fossem muito incómodas. Graças a Deus! Anita não seria a primeira intelectual da família. A Sr.ª Brissot, a mãe, assim como a irmã de Rogério, Adélia, gozavam da reputação — até certo ponto justificada — de serem mulheres de cabeça, tal como o eram de coração, que sabiam tomar parte na vida de pensamento assim como na de acção dos homens da sua casa. A intelectualidade de Anita era, ao menos, uma garantia (e esse era o ponto importante!) de que não havia pelo seu lado nenhum perigo clerical. Quanto ao resto, ela encontraria na sua nova família uma afectuosa tutela, que a saberia guardar de todos os exageros.

A jovem não sofreria nada em entrar no seio daqueles de quem usaria o nome. Já não tinha pais e sentir-se-ia feliz por ficar sob a égide duma segunda mãe e duma irmã um tanto mais velha, que já se preparavam para a orientar. É que as Sr.as Brissot, que eram boas observadoras, consideravam Anita, na verdade, muito simpática, muito distinta, doce, delicada, reservada, tímida (o que, desde o seu ponto

de vista, não era um mal), um tanto fria (o que era quase uma virtude).

Foi, portanto, com o consentimento de toda a família, prèviamente consultada, que Rogério fez a sua corte. Não lhe ocultava nada, certo de que o aprovariam sempre. Esse rapaz era idolatrado pelos seus. Pagava-lhes na mesma moeda. Na família Brissot praticava-se a admiração mútua. Existia uma hierarquia; cada um, porém, tinha o seu prémio. Havia que reconhecer que todos eram bem favorecidos, pelo que respeita ao espírito, como no corpo e na fortuna. Reconheciam-no de boa vontade, como pessoas bem educadas. Não o manifestavam àqueles a quem julgavam inferiores. Não havia, no entanto, meio de duvidar disso, pela serena certeza que se lia nos seus rostos.

De todas as suas certezas, Rogério era a mais certa. Era o seu mais caro orgulho e, sem dúvida, o mais justificado. A árvore dos Brissot nunca tivera fruto mais formoso. Rogério possuía os melhores dons da sua raça. Se tinha, também, os defeitos, estes não eram mais chocantes: a simpatia que irradiava, a sua juventude, faziam-nos esquecer. Era cheio de talento: tudo lhe era fácil, sobretudo a palavra. A eloquência era hereditária na família, que contava já uma grande figura do foro; e todos tinham, de nascença, o dom da palavra. Seria injusto pretender que, como os palradores do Sul, tivessem necessidade de falar para pensar. Tinham o hábito de discursar: isso era incontestável, As suas reais faculdades expandiam-se em frases; o silêncio tê-las-ia atrofiado.

O pai de Rogério — que tinha sido um dos mais ilustres palradores com que se honrou a tribuna da Câmara, e a quem os seus eleitores tinham feito a partida de não reeleger — sufocava com a sua elo-

quência reprimida. Rogério, que tinha então seis anos, dizia-lhe ingènuamente, quando estavam os dois sòzinhos em casa: «Papá, faze-me um discurso!»

Presentemente, era ele quem os fazia. A sua jovem reputação tinha ficado brilhantemente estabelecida, de entrada, nas conferências dos advogados no Palácio da Justiça. Como todos os Brissot, orientara os seus dons para a política. Os comícios do Caso Dreyfus foram para ele um excelente trampolim; meteu-se em campo e vogava a todo o pano. O ardor juvenil, a bravura, a palavra exuberante e escolhida desse belo rapaz, atraíram-lhe as simpatias entusiásticas das mulheres dreyfusistas e de muitos dos seus colegas mais novos.

Os Brissot, sempre desejosos de não ficarem para trás, no caminho do Progresso — mas sempre preocupados em não dar um passo mais à frente, antes de tempo — depois de terem, prudentemente, inspeccionado o terreno, guiaram o seu filho, a sua jovem glória, pela via do socialismo bem-pensante. Rogério, como se o seu faro lho indicasse, encaminhara-se para lá espontâneamente. Como a melhor parte da juventude do seu tempo, estava sob a fascinação de Jaurès e esforçava-se por modelar a sua acção oratória pela palavra esplêndida do grande retórico, cheia de visões proféticas e de miragens ilusórias. Proclamava a aproximação entre o povo e os intelectuais. Isso serviu-lhe de tema para discursos muito eloquentes. Se o povo — que não tinha folgas para os ir ouvir — não soube grande coisa deles, emocionaram os lazeres da juventude burguesa.

Com as cotizações e o auxílio pessoal dum grupo de amigos, Rogério fundou um círculo de estudos, um jornal, um partido. Gastou nisso bastante tempo e algum dinheiro. Os Brissot, que sabiam contar, sabiam, também, gastar a tempo. Agradava-lhes

ver o seu filho tornar-se o porta-voz da nova geração. Preparavam o terreno para as próximas eleições. Rogério tinha o seu lugar marcado na futura Câmara. Não o ignorava. Habituado, desde a infância, a ver os seus acreditar em si, acreditava também; e, sem saber ao certo quais eram as suas ideias, tinha uma fé absoluta nelas. Nenhuma presunção. Estava cheio de si, mas naturalmente! Tudo em que se metia lhe saía bem; já estava tão habituado que nem sequer pensava em envaidecer-se. Teria no entanto ficado assombrado, se sucedesse doutra maneira; os seus mais seguros dogmas seriam profundamente atingidos por isso. Como era simpático! Egoísta sem o saber e sem base, ingènuamente, bom rapaz, belo rapaz, disposto a dar, mas decidido a receber, não concebendo que lhe pudesse ser recusado nada, simples, gentil, cordial, exigente, aguardando que o mundo se colocasse a seus pés .. Era, na verdade, muito atraente.

Anita sentiu-se atraída por ele. Criticava-o bastante, mas nem por isso gostava menos dele. Sorria das suas fraquezas, que lhe eram infinitamente agradáveis. Parecia-lhe que, graças a elas, Rogério era menos homem e mais criança. No fundo rejubilava por que ele fosse uma coisa e outra. Um dos encantos de Rogério era não ocultar nada; mostrava-se tal qual era. O seu ingénuo contentamento de si próprio era duma perfeita naturalidade. Revelava-se tanto mais quanto estava apaixonado por Anita, ardentemente e sem reservas. Não era nada de amar só por metade; mas só via metade de tudo.

Enamorara-se dela, uma noite em que, num salão, se mostrara muito eloquente. Anita não tinha dito nada; mas tinha-o escutado maravilhosamente (pelo menos ele assim o pensava). Os seus olhos inteligen-

tes tornavam-lhe os seus pensamentos mais claros e alados. O seu sorriso dava-lhe o gosto daquilo que tinha dito tão bem, e ainda outro, mais doce ainda, de o sentir partilhado... Como ela era bela assim, a ouvi-lo! Que admirável espírito, que alma excepcional se lia naqueles olhos atentos, expressivos, naquele sorriso que tinha compreendido tudo!... Embora fosse só ele quem falava, tinha a ilusão de que conversava com ela. Em todo o caso só falava para ela; e sentia-se erguido acima de si próprio por esse diálogo interior, pela misteriosa permuta dessas réplicas mudas...

A dizer a verdade, Anita não ouvia com atenção. Bastante inteligente para apreender, prontamente, o sentido geral do pensamento de Rogério, seguia, distraída, como era seu costume, as belas frases sonoras. Aproveitava vê-lo muito ocupado em cuidar da sua eloquência, para o observar bem: os olhos, a boca, as mãos, e aquele movimento do queixo que fazia ao falar, e as suas belas narinas de potro fremente, e a sua maneira de carregar em certas letras, gentilmente, e tudo que isso exprime tanto exterior como interiormente... Anita sabia observar. Via o desejo que ele tinha de ser admirado, o prazer que sentia em agradar, e de ser considerado, por ela, belo, inteligente, eloquente, assombroso. E não pensava nada (sim! um tanto, um tantinho...) em achá-lo cómico. Enternecia-se, ao contrário, com tudo...

(— «Sim, querido, és belo, és encantador, inteligente, eloquente, magnífico... Queres um sorrisozinho?... Toma lá, querido, dou-te mesmo dois... com os meus mais ternos olhos... Estás contente?...»).

Ria, intimamente, de o ver, todo feliz e ufano, renovar os seus gorjeios, como um passarinho na Primavera.

Ele saboreava as homenagens, bebia-as puras, sem uma gota de ironia; queria ainda mais, nunca se saciava. E, embriagando-se com o seu canto, não o distinguia daquela que o admirava. Ela parecia-lhe a encarnação de tudo que havia nele de belo, de puro, de genial. Adorou-a.

Anita, a quem, desde os primeiros olhares, o amor tinha atingido, ao sentir-se envolvida por essa adoração, não lhe opôs a mínima resistência. Mesmo a terna ironia — com que ela protegia, como uma gorjeira, o bater do seu coração — caiu; e ofereceu o seu peito nu ao amor. Sentia uma tal sede de ternura! Que encanto poder apagá-la (prelibava já esse prazer) na boca daquele ente que a seduzia! Que ele lha oferecesse, antecipando-se ao seu desejo, com um ímpeto tão fogoso, isso enchia-a dum reconhecimento apaixonado...

O fogo tinha pegado bem. Cada um ardia do desejo do outro e alimentava-o com o seu. Quanto mais um se exaltava, mais esperava do outro: e mais o outro se esforçava por exceder a sua expectativa. Era fatigante. Tinham, porém, para consumir uma imensa energia juvenil.

De momento, Anita estava reduzida a um papel passivo. Não lhe deixavam desempenhar outro. Rogério invadia-a... Ela sentia-se submersa. Ele dava-lhe apenas tempo para respirar. A sua natureza expansiva, exuberante, tinha necessidade de dizer tudo, de lhe confiar: o futuro, o presente, o passado. E tinha que contar! Queria, também, saber tudo, tudo ter. Penetrava, à viva força, nos segredos de Anita. Esta tinha dificuldade em defender as suas últimas reservas. Um tanto escandalizada, mas feliz e contente, tinha a veleidade de resistir a essa invasão; mas o invasor era tão adorável!... Deixava-se ir, voluptuosamente; sentia, ao ceder a essa violação

do pensamento (*Et cognovit eam*... Ele não a conhecia ainda!...) secretos movimentos de revolta e de prazer...

Não é muito prudente revelar tudo de si próprio. Certas confidências das horas de abandono podem ser empregadas, mais tarde, como armas, pelo confidente. Mas isso não era uma preocupação para Anita e Rogério. Estavam naquela hora do amor em que nada do amado pode desagradar, nada causa estranheza. Tudo aquilo que confiava a amada, longe de surpreender o amante, parecia corresponder aos seus desejos não expressos. Rogério não vigiava mais atentamente — talvez menos ainda — as confissões indiscretas que os ouvidos indulgentes de Anita registavam no entanto, contra sua vontade, muito fielmente.

Fosse qual fosse o prazer que sentissem a pôr em comum o passado e o presente — presente e passado fundiam-se no sonho do futuro, do *seu* futuro. Embora Anita nunca tivesse dito nada, prometido nada, o seu acordo era de tal forma admitido, assegurado, exigido, que ela própria acabara por acreditar que o tinha dado. Com os olhos semicerrados, felizes, ouvia Rogério (ele era daqueles que se deleitam de amanhã mais do que de hoje) expor, com infatigável entusiasmo, a vida magnífica de pensamento e de acção que lhe estava reservada... A quem? A ele, Rogério. A ela, também, bem entendido, visto que fazia parte de Rogério. Anita não estranhava essa absorção; estava demasiado ocupada a ouvir, a ver, a beber esse maravilhoso Rogério, que falava muito de socialismo, de justiça, de amor, da humanidade libertada. Era verdadeiramente esplêndido. Em palavras, a sua generosidade não conhecia limites. Anita sentia-se comovida. Era perturbante dizer-se que poderia ser associada a essa

obra de poderosa bondade. Rogério nunca lhe perguntara que pensava ela. Subentendia-se que pensava como ele. Não podia pensar de forma diferente. Ele falava por ela. Falava pelos dois, porque falava melhor. Dizia:

— Faremos. . Teremos...

Anita não protestava. Antes, teria agradecido. Tudo isso era tão largo, tão vago, tão desinteressado que não via motivos para se sentir vexada. Rogério era todo luz e todo liberdade... Um tanto difusas, talvez. Anita preferiria, decerto, algumas precisões. Isso viria, porém, depois; não se podia dizer tudo duma vez. Era preciso fazer prolongar o prazer!... De momento, só havia que gozar daqueles horizontes limitados...

Ela gozava, sobretudo, da imagem encantadora, da ardente atracção dos seus dois corpos amorosos, pelos quais passavam súbitas ondas eléctricas, vagas de seiva sensual, que os invadiam a ambos, ricos das energias duma juventude casta, sãos, robustos e ardentes.

Nunca a eloquência de Rogério era tão expressiva como quando se interrompia e que, nas últimas vibrações das palavras que lhes abriam visões exaltadas, os seus olhares se encontravam: esse súbito contacto era como um amplexo. Então, acendia-se neles um tal desejo que a respiração se detinha. Rogério já não pensava em deslumbrar nem em falar. Anita não se preocupava mais com o futuro da humanidade, nem mesmo com o seu. Esqueciam tudo, tudo que os rodeava: a sala onde estavam; as outras pessoas. Não eram mais, nesses segundos, do que um ser único, cêra derretendo-se ao fogo. Mais nada do que o Desejo da natureza — único, devorante e puro, como o fogo. Por fim, Anita, com os olhos perturbados e as faces ardentes, arrancava-

-se à vertigem, trémula e embriagada, com a certeza de que, um dia, sucumbiria...

A sua paixão não era segredo para ninguém. Eram ambos incapazes de a disfarçar. Anita bem se calava: os seus olhos falavam por ela. A sua muda aquiescência era tão eloquente que aos olhos de toda a gente, como aos de Rogério, parecia tàcitamente comprometida.

Só a família Brissot não perdia de vista que Anita não o estava ainda. Anita aceitava, sem dúvida, as declarações de Rogério com um evidente prazer. Evitava, porém, responder-lhe. Era bastante hábil para desviar a conversação para um grande assunto, no qual o ingénuo Rogério se embrenhava a perder de vista, muito feliz por falar. Dessa vez ainda, Anita não tinha falado.

Depois de terem observado este manejo, duas ou três vezes, os Brissot, pessoas prudentes, decidiram intervir. Não era porque pudessem conceber uma dúvida sobre a determinação de Anita e a felicidade que lhe dava um tão brilhante partido; mas, enfim, sempre há que contar com os estranhos caprichos das raparigas! Conheciam a vida. Conheciam-lhe bem as armadilhas. Eram astutos provincianos franceses. Quando a decisão que se espera se demora, a prudência aconselha ir procurá-la. As duas senhoras Brissot meteram-se a caminho.

Havia um sorriso que se chamava, em Paris, na roda dos seus conhecimentos, o sorriso Brissot. Era untuoso e doce, afável e superior, mesureiro — com conta, peso e medida — sabendo tudo de antemão, transbordante de benevolência, perfeitamente indiferente; oferecia às mãos-cheias, mas as mãos continuavam cheias. As duas senhoras Brissot estavam repletas desse sorriso.

A Sr.ª Brissot-mãe, grande e opulenta mulher, de rosto amplo, faces cheias, bem nutrida, gorda, tinha um porte imponente, peito vasto, e umas palavras untuosas, excessivamente lisonjeiras, que não punham à vontade a sincera Anita. Isso não era, porém, só para ela (notou-o depressa, com alívio). Aquele tom elogiativo era distribuído a todos, com largueza. Acompanhava-se dum perpétuo à-vontade, que era, nos Brissot, uma marca cortês da certeza que lhes era própria e da bonomia com que aceitavam esse dom.

A menina Brissot, a irmã de Rogério, alta e forte também, era dum loiro muito pálido, tão descolorido que parecia quase branco, albino. Juntava a isso uma nuvem de pó de arroz nas faces e um traço vermelho nos lábios. Visava ao ideal do pastel Luís XV. Teria sido para Nattier uma Febe da Borgonha, gentil, clorótica e carnuda. Sua mãe tratava essa robusta rapariga por «minha pobre pequenina», porque a menina Brissot, que tinha uma saúde de ferro, ao ver a sua palidez, adquirira a convicção de que deveria ser de saúde delicada. Não explorava, porém, isso para se fazer amimar. Antes, empregava-o para melhor mostrar a sua energia e desdenhar das fracas criaturas do seu sexo que se lamentavam por qualquer doidoizinho. Na verdade, era admirável, activa, infatigável, lia tudo, via tudo, sabia tudo, pintando, percebendo de música, falando de literatura, estabelecendo, todos os dias, com a mãe, o programa de duzentas ou trezentas visitas, que deviam fazer num tempo determinado, assim como recebê-las, dar jantares, ir aos concertos, aos teatros, às sessões da Câmara e às exposições, sem fraquejar, sem denunciar fadiga a não ser por um suspiro virilmente reprimido, em determinados momentos.

Sabia, aliás, alimentar bem o corpo que castigava assim, comendo sòlidamente (como toda a família)

e dormindo a noite dum sono, sem sonhos. Preparava, deliberadamente, o seu casamento com um político, duns quarenta anos, que era nessa altura governador duma das grandes colónias de além-mar. Não pensara sequer em acompanhá-lo. Não queria deixar Paris, nem o apelido Brissot, senão quando o feliz eleito pudesse oferecer-lhe, em França uma situação digna dela. Além disso, sabia, em alto grau, não se deixar esquecer. Escreviam-se com regularidade cartas cordiais e de negócios. Esta corte a distância durava havia anos. O casamento viria na hora própria. Não estava nada apressada. O marido estaria um tanto amadurecido; mas isso ainda seria melhor, para o gosto da menina Brissot. Era uma pessoa ajuizada. Os Brissot tinham sido sempre pessoas de juízo. Esta menina Brissot era eminentemente política. Era por vocação — dizia sua mãe — uma Egeria. A Sr.ª Brissot admirava as luzes de sua filha. Esta admirava o génio doméstico e o espírito da Sr.ª Brissot. Lisonjeavam-se assim as duas. Beijavam-se diante de Anita. Era encantador.

Meteram, no entanto, uma surdina nesse culto mútuo, para agradar a Anita. Para ela desfizeram-se em cumprimentos sobre a sua pessoa, a sua casa, os seus vestidos, o seu bom gosto, o seu espírito, a sua beleza. O tom excessivamente elogioso desagradava um tanto a Anita; mas não se pode ficar sempre insensível à opinião lisonjeira que os outros têm de nós, sobretudo quando parecem ser os mensageiros do ente que se ama. Seria difícil duvidar de que não era assim, pois as Sr.ªs Brissot misturavam sempre o nome de Rogério a tudo que diziam. Entrelaçavam os seus elogios com os que dirigiam a Anita, faziam alusões sorridentes, persistentes, à impressão produzida nele por Anita, a palavras que ela lhe dissera e que ele se apressara a repetir com entusiasmo

(repetia tudo: Anita achava isso estranho, mas apesar de tudo tocante).

Acentuavam o brilhante futuro que o esperava e a Sr.ª Brissot tomava um ar convicto para dizer a sua esperança, a sua confiança, em que Rogério encontraria — teria já encontrado — a companheira digna de si. Não nomeava ninguém, mas compreendia-se onde queria chegar. Todas essas habilidadezinhas eram visíveis a vinte passos de distância, a olho nu. A verdade é que desejavam sê-lo. Era uma espécie de jogo de sociedade, no qual se devia andar à volta da palavra que cada um tinha debaixo da língua sem nunca a pronunciar. O sorriso da Sr.ª Brissot parecia espreitar a palavra, prestes a sair dos lábios de Anita, como se quisesse gritar:

— Até que enfim: um compromisso!

Anita sorria, abria a boca; mas a tal palavra não saía...

Anita foi convidada para ir a casa dos Brissot, aos seus serões familiares, na sua residência da Rua de Provence. Conheceu, então, o Brissot-pai, alto e gordo, de olho esperto sob uma floresta de sobrancelhas, rubicundo, de curta barba grisalha, com o ar dum procurador manhoso, paternal, que a cumulava de galantarias e de ditos de espírito antiquados. Tentava jogar também o tal jogo de sociedade; mas, nos seus circunlóquios, metia os pés pelas mãos. Anita ficou contrariada; e a Sr.ª Brissot fez sinal a seu marido para não se meter no assunto. Ele ficou, portanto, fora da partida, acompanhando-a a distância, um tanto trocista, concordando em que não tinha nada que se meter no caso e que as mulheres se desenvencilhariam melhor do que ele.

Astuciosamente, a Sr.ª Brissot convidou, a princípio, juntamente com Anita, três ou quatro amigos íntimos, depois dois, depois um e, por fim, nenhum.

Anita encontrou-se sòzinha, com os quatro Brissot. «Em família», dizia a Sr.ª Brissot, num tom cheio de promessas untuosamente maternais. Anita sentiu o laço, mas não fugiu a ele. Tinha muito prazer em estar com Rogério. Por ternura para com ele, era indulgente com a família; fechava os olhos a tudo que naquele meio a desagradava, surdamente. O fino instinto feminino advertiu disso as Sr.as Brissot... Por muito forte que fosse, o seu amor-próprio não prejudicava nunca os seus interesses. Resolveram, por um tácito acordo, pagar-se, falar menos, velar o seu pensamento e facilitar aos dois namorados frequentes colóquios que ninguém ia perturbar.

A causa de Rogério não poderia ser melhor defendida do que por ele próprio. Cada vez mais apaixonado, inquieto com a reserva de Anita, que não o teria impressionado tanto se sua mãe e sua irmã não lhe tivessem chamado a atenção para ela, Rogério nunca se mostrara tão atraente como desde que a sua confiança em si fora abalada. Já não discorria; a sua eloquência tinha desaparecido. Pela primeira vez na sua vida se esforçava por ler na alma doutrem. Sentado junto de Anita, os seus olhos humildes e ardentes devoravam, imploravam, aquele enigmazinho e procuravam decifrá-lo. Anita saboreava essa perturbação, essa timidez tão estranha nele, essa expectativa receosa que espreitava cada um dos seus movimentos. Sentia-se abalada. Em certos momentos, estava prestes a inclinar-se para ele e a dizer-lhe as palavras decisivas. E, no entanto, não as dizia. No último minuto, continha-se, instintivamente, sem saber porquê; evitava bruscamente a declaração que Rogério ia fazer e a sua própria confissão. E escapava.

Então, as armadilhas multiplicaram-se. Duma das salas próximas, a senhora e a menina Brissot obser-

vavam discretamente a infrutífera conversa. Às vezes viam-se a atravessar a sala, sorridentes e atarefadas. Lançavam, ao passar, uma palavra afectuosa, mas não se detinham. E os dois namorados prosseguiam na sua conversação.

Uma noite em que folheavam, distraìdamente, um álbum — que lhes servia de pretexto para aproximarem as cabeças, trocando a meia voz os seus pensamentos —, fez-se um silêncio; sùbitamente, Anita percebeu o perigo. Quis levantar-se, mas o braço de Rogério já lhe contornava a cintura; e a boca apaixonada do jovem apoderava-se da sua boca entreaberta. Tentou defender-se. Como poderia, porém, defender-se de si própria! A sua boca retribuiu o beijo, tentando furtar-se a ele. Libertou-se, por fim, ao ouvir, na outra extremidade da sala, a voz comovida da Sr.ª Brissot, que dizia:

— Ah! minha querida filha!...

E chamou:

— Adélia!... Brissot!...

Anita, estupefacta, viu-se, num instante, rodeada pela família Brissot, radiante, enternecida. A Sr.ª Brissot cobria-a de beijos, enxugando os olhos com o lenço, repetindo:

— Goste muito dele!

A menina Brissot dizia:

— Minha irmã!

E o Sr. Brissot, sempre desastrado:

— Até que enfim!... Levou tempo!...

Entretanto, Rogério, ajoelhado diante de Anita, beijava-lhe as mãos e com o olhar tímido, um tanto envergonhado, pedia-lhe perdão implorando:

— Não diga que não!

Anita, petrificada, deixava-se beijar. A súplica daqueles olhos, que amava tanto, acabava de a prender. Fez um último esforço para protestar:

(— Mas, não disse nada!...)

Viu, porém, passar pelos olhos de Rogério um desgosto tão sincero que lhe custava a suportar. Sentiu-se obrigada a sorrir; e o rosto de Rogério iluminou-se de felicidade. O seu irradiava também a alegria que ela sentia. Rogério ergueu-se, ébrio de felicidade. Trocaram, então, sob a bênção dos olhares dos pais, o beijo de noivado.

Quando Anita se encontrou só, em sua casa, à noite, ficou aterrada. Já não se pertencia. Tinha-se dado... Dado! Dado a sua vida!... O coração apertava-se-lhe de angústia. Exagerava a importância dos laços que acabava de aceitar. Não pertencia ao número das raparigas modernas, que, na presença dos noivos, discorrem tranquilamente acerca da ideia do divórcio. Não dava com uma mão, para tirar com a outra. Já não se pertencia. Era dos Brissot.

Sùbitamente, os Brissot apareceram-lhe como sendo o inimigo. Tudo que os seus olhos tinham visto, nas últimas semanas, se projectou na sua frente, em traços acentuados: todos aqueles esforços de aproximação, para a envolverem, a conspiração contra a sua liberdade, a comédia final que lhe tinha extorquido o seu consentimento, por surpresa... (Rogério, o próprio Rogério não fora cúmplice?...)

Eriçou-se, como um animal perseguido, que vê apertar-se o cerco à sua volta, que se sente perdido, e que está prestes a atirar-se de cabeça baixa contra os que o perseguem, para abrirem caminho ou morrer e vingar-se. Pela primeira vez, tudo que a desagradava nos Brissot, mas que ela procurava afastar do seu pensamento lhe apareceu aumentado, odioso, intolerável... O próprio Rogério!... Nunca poderia viver emparedada com aquele homem, naquela família,

naquela rede de interesses que não eram os seus, que não o seriam nunca. Decidiu romper...

Podia ainda romper, quando acabava de assumir um compromisso? Rogério permitir-lho-ia?... Era bem preciso que ele o permitisse! Não o poderia impedir... À simples ideia de que ele se oporia, Anita odiou-o. Naquele momento, a dor do outro não entrava em conta; não hesitaria em dilacerar-lhe o coração para retomar a sua liberdade... Depois, reviu os seus olhos implorantes. E sentiu-se perturbada... Não importa! O egoísmo da vida ameaçada, o instinto de conservação eram mais fortes do que tudo, mais fortes do que a ternura, mais fortes do que a piedade! Era preciso libertar-se e ai de quem se atravessasse no seu caminho!...

Toda a noite, na cama, voltando-se e tornando-se a voltar, devorada por uma insónia febril, viveu antecipadamente a cena que teria com Rogério. Repetiu, ensaiou todas as palavras que um e outro diriam. Tentou convencê-lo, discutiu, arrebatou-se, lamentou-o e detestou-o. Encontrou-se, ao amanhecer, esgotada mas decidida. Iria ter com Rogério... Oh, não! escrever-lhe-ia; era essa a forma de mais livremente dizer até o fim o que queria dizer, sem ser interrompida. Romperia com ele. Para evitar que os Brissot voltassem à carga, resolveu fugir de Paris, ir por alguns dias para um hotel dos arredores. Levantou-se, escreveu a carta, da qual cem vezes tinha feito, em mente, a minuta, e depois começou, apressadamente, os preparativos da partida.

Estava a meio deles, quando Rogério a foi surpreender. Não tinha pensado em proibir-lhe a sua ida a sua casa, por não esperar tão cedo a sua vinda. Rogério entrou, passando à frente, na sua amorosa impaciência, da criada que o ia anunciar. Trazia flores e estava radiante de felicidade e reconhecimento.

Estava tão terno, tão jovem, tão sedutor que Anita, ao vê-lo, não teve forças para lhe falar. Esqueceu todas as suas anteriores resoluções e sentiu o coração reconquistado ao primeiro olhar. Com a surpreendente má-fé do amor, descobriu, acto contínuo, tantas razões a favor do seu casamento como descobrira contra ele, minutos antes. Tentava lutar; mas a alegria ria nos seus olhos bistrados pelas inquietações da vigília nocturna. Fitava o seu Rogério, que a devorava com olhar embevecido, e dizia: «No entanto, decidi... Devo decidir... Que decidi eu?»

Como poderia saber, se havia aquele olhar que a bebia a grandes haustos até a alma?! Como poderia pensar, como reencontrar-se?! Já não sabia, sentia-se perdida... E, enquanto esperava, era tão bom sentir-se amada! Tudo quanto pôde fazer — com um imenso esforço — foi pedir a Rogério que não apressasse o casamento... Imediatamente, Rogério tomou um ar tão triste, tão aflito, que Anita não teve coragem para continuar. Como poderia desgostar um rapaz tão simpático? Apressou-se a tranquilizá-lo, a dizer-lhe que o amava. Froixamente, tentava manter o adiamento, que ele repelia com tanta energia como se se tratasse da sua vida. Finalmente, depois de ternas negociações das duas partes, consentiram em ceder cada um metade: o casamento foi fixado para meados do Verão.

Quando Rogério partiu, Anita, contemplando-se entristecida ao espelho, voltou a encontrar as suas indecisões... Como sair da dificuldade? Contemplou os seus preparativos de viagem interrompidos. «Bonito serviço!» — disse. Encolheu os ombros, riu... Rogério era encantador! Voltou a guardar a roupa branca e os objectos que tinha tirado para a mala... «Apesar de tudo — pensava — não quero, não quero!...»

Nervosa, deixou cair uma pilha de camisas...

Zás! E as escovas caíram em seguida... Deu um pontapé no monte, impaciente... Depois, apanhou tudo, curvada para o chão. No meio dessa tarefa, cansou-se e sentou-se no tapete, pouco orgulhosa da sua vontade... «Basta — disse, estendendo-se no chão —, tenho ainda quatro meses para pensar...»

Com a cara metida num almofadão, deitada de bruços, contava os dias.

Os Brissot, prudentemente, aquiesceram ao desejo de Anita de adiar o casamento. Não queriam comprometer a sua vitória, mostrando-se muito apressados. Pareceu-lhes, contudo, necessário não perder de vista Anita, durante os meses de espera. Não a podiam deixar entregue a si própria, a estranha jovem podia em qualquer altura escapar-se-lhes.

Aproximava-se o Domingos de Ramos. Os Brissot convidaram Anita a passar em casa deles, na sua propriedade da Borgonha, as festas da Páscoa. Anita aceitou, contrariadamente; desejava ir, mas tinha medo: medo de aumentar os laços que já a prendiam; medo de se deixar prender completamente ou de romper com tudo; medo doutras coisas ainda mais perigosas em que nem queria pensar. Não tinha empenho nenhum em abandonar o estado de amorosa incerteza em que se deixava embalar: se é certo que sofria algo com isso, achava-lhe, também, um certo encanto e queria prolongá-lo. Bem sabia, contudo, que isso não era leal e que não tinha o direito de o fazer a Rogério.

Decidiu-se, por fim, a abrir-se com Sílvia. Nunca lhe tinha falado do seu namoro com Rogério. No entanto, costumava contar-lhe tudo. De todos os rapazes que a tinham cortejado, falava-lhe frequentemente... Sim, mas aos outros não os amava! Por isso, o nome de Rogério nunca fora pronunciado.

Sílvia ficou muito admirada, chamou-lhe reservado e riu perdidamente quando Anita tentou explicar-lhe a sua indecisão, os seus escrúpulos, as suas atribulações.

— Ao menos — perguntou — essa ave rara é bonita?

— Sim — respondeu Anita.

— Gosta de ti?

— Sim.

— E tu gostas dele?

— Gosto.

— Então, que te impede?

— Ah! é muito difícil explicar! Como direi?... Gosto dele... Gosto muito dele... É encantador!...

(Começou a fazer a descrição de Rogério, embevecida, sob o olhar trocista de Sílvia. A certa altura, interrompeu-se...)

— Gosto muito dele... Muito mesmo... E, por outro lado, não gosto... Há certas coisas nele... Não poderei viver com ele... Nunca poderei... E depois... e depois, ele gosta de mim demasiado. Parece querer comer-me...

(Sílvia soltou uma gargalhada.)

— ...é verdade: comer-me toda, comer toda a minha vida, todos os meus pensamentos, todo o ar que respiro... Ah! É um bom garfo, o meu Rogério! Dá gosto vê-lo à mesa... Tem bom apetite... Mas eu não quero ser comida.

Ria também, de vontade; e Sílvia ria contra o colo da irmã, sentada nos seus joelhos. Anita continuou:

— É horrível sentir-se uma pessoa devorada assim viva, não ter mais nada seu, não poder guardar nada... Ele, porém, nem dá conta disso... Ama-me loucamente e tenho cá a ideia, vês, de que nem sequer procurou compreender-me, nem se preocupa com isso. Chega, pega-me e leva-me...

— Pois claro, assim é que é bom! — comentou Sílvia.

— Só pensas em tolices! — retorquiu Anita, apertando-a nos braços.

— Em que queres que pense?

— No casamento. É uma coisa séria.

— Séria?! Ah, não! não é tão séria como isso!

— Como?! Não é sério dar-se uma pessoa inteiramente, sem reservar nada?

— E quem diz isso?! Era preciso ser doido!

— Mas ele quer tudo!

— Ah! Anita! Grande tola!... Pateta!...

(Parecia-lhe tão simples dizer o que queriam, dar o que queriam, e guardar, sem o dizer, o resto! Usava duma ironia afectuosa a respeito dos homens e das suas exigências. Não os considerava muito espertos!...)

— Eu também não o sou — disse Anita.

— Ah! isso vê-se — replicou Sílvia. — Tomas tudo a sério.

Anita concordou, contristada.

— É pena, na verdade!... Gostaria de ser como tu. Tens sorte!

— Troquemos! Dá-me a tua! — disse Sílvia.

Anita não tinha vontade nenhuma de trocar.

Sílvia deixou-a mais reconfortada.

A verdade era que Anita não se compreendia! Intrigava-a a sua contradição. «É curioso! — dizia — quero dar tudo; mas quero guardar tudo!...»

No dia seguinte — era a véspera da partida — enquanto acabava os seus preparativos, uma estranha visita foi aumentar a sua inquietação, tornando mais nítidas as suas apreensões. Foi a visita de Marcelo Franck.

Após algumas palavras de amável cortesia, aludiu ao casamento de Anita, de que Rogério não fazia

nenhum mistério. Felicitou-a, gentilmente; embora o olhar e o tom das suas palavras fossem docemente irónicos, afectuosos. Anita sentia-se completamente àvontade com ele, como com um amigo perspicaz, a quem não há necessidade de dizer tudo ou de ocultar qualquer coisa, capaz de compreender as meias palavras. Falaram de Rogério, que Marcelo, sorrindo, dizia invejar. Anita sabia que isso era verdade, pois ele gostava dela. Não havia, porém, nenhum mal-estar entre eles. Fez-lhe perguntas a respeito de Rogério, a quem ele conhecia intimamente. Marcelo fez o elogio do amigo. Como ela insistisse para que ele lhe falasse duma forma menos banal, Marcelo, a sorrir, disse que era inútil descrever-lhe Rogério, porque ela o conhecia tão bem como ele próprio. Ao dizer isto, fixava-a com um olhar tão penetrante, que, perturbada, Anita desviou os olhos. Depois, fixando-o, por sua vez, ela esboçou um sorriso que mostrava terem-se compreendido. Falaram ainda, durante algum tempo, de coisas sem importância, até que Anita interrompeu, preocupada:

— Fale-me francamente — disse. — Acha que não tenho razão?

— Nunca acharei que não tem razão — respondeu ele.

— Não, nada de galanteios! É a única pessoa que pode dizer-me toda a verdade.

— Bem sabe que a minha situação é particularmente delicada.

— Bem sei; mas sei também que isso não tem influência na sinceridade dos seus juízos.

— Obrigado!

— Crê que fazemos mal, Rogério e eu?

— Creio que ambos vão enganados.

Anita baixou a cabeça. Depois, disse:

— Também o creio.

Marcelo não disse nada. Continuava a fitá-la e a sorrir.

— Porque sorri?

— Tinha a certeza de que pensava assim.

Anita, aproximando-se:

— Diga-me, agora, como me julga?

— Não lhe poderei dizer nada que já não saiba.

— Ajudar-me-á a ver mais claramente.

— É — disse Marcelo — uma amorosa revoltada. Perpètuamente amorosa (perdão!) e perpètuamente revoltada. Sente a necessidade de se dar e tem necessidade de se guardar...

(Anita não pôde ocultar um leve sobressalto.)

— Magoo-a?

— Não, não; pelo contrário! Como isso é verdade! Vá! Continue!...

— É — prosseguiu Marcelo — uma independente, que não pode estar só. É essa a lei da natureza. Sente-a mais vivamente, porque é mais viva.

— Sim; compreende-me! Compreende-me melhor do que ele. Mas...

— Mas é a ele que ama.

Não havia nenhuma amargura nas suas palavras. Olhavam-se, amigàvelmente, divertidos com a curiosa natureza humana.

— Não é fácil viver — disse Anita —, viver a dois.

— Sim; seria até muito fácil, se não tivéssemos buscado, desde o princípio dos séculos, complicar a vida com recíprocos aborrecimentos. Só há que os deitar fora. Naturalmente, o nosso excelente Rogério, como todo o bom francês, nem pensa nisso. Crêem-se perdidos se não sentem a pesar-lhe as complicações do passado. «Onde não há aborrecimento não há prazer...», sobretudo, quando se está aborrecido, agrada aborrecer o vizinho.

— Como imagina, portanto, o casamento?

— Como uma associação inteligente de interesses e de prazeres. A vida é uma vinha que se explora em comum: juntos a cultivam e juntos a vindimam. Não se é, porém, obrigado a beber-lhe o vinho juntos, sempre lado a lado. Deve haver uma mútua condescendência, que pede e dá ao outro o cacho de prazer, de que dispõem ambos, e que lhe deixa, discretamente, ir acabar a sua colheita para outra parte.

— Quer falar — disse Anita — da liberdade do adultério?

— Oh! que palavra desusada! Quero falar — respondeu Marcelo — da liberdade amorosa, a mais essencial de todas.

— É isso o que me interessa menos — disse Anita. — O casamento não é para mim uma encruzilhada, onde nos damos a todos que passam. Dou-me só a um. No dia em que deixar de o amar, ou em que ame outro, separar-me-ei do primeiro; não me partilharei entre eles e não suportarei a minha partilha.

Marcelo teve um gesto irónico, que parecia dizer: «Que importância tem isso?!...»

— Veja, meu amigo — continuou Anita —, afinal de contas, estou ainda mais longe de si do que de Rogério.

— Pertence, portanto, também, à velha escola: «Aborreçamo-nos uns aos outros»?

— A única grandeza do casamento — disse Anita — é o amor único, a fidelidade de dois corações. Se a perde, que lhe resta, fora certas vantagens práticas?

— Isso não é nada — respondeu Marcelo.

— Não é bastante — continuou Anita — para compensar os seus sacrifícios.

— Se pensa assim, de que se lamenta? Solda, fortemente, as cadeias de que tenta libertar-se.

— A liberdade que desejo — disse Anita — não é

a do coração. Sinto-me bastante forte para o guardar intacto àquele a quem o tiver dado.

— Está segura disso? — perguntou Marcelo, tranquilamente.

Anita não estava muito segura do que dizia! Conhecia também a dúvida. Era a filha de sua mãe quem falava naquele momento, não era toda a Anita. Não o queria, porém, admitir, sobretudo numa discussão com Marcelo. Disse:

— Quero que seja assim.

— A vontade nessas coisas!... — fez Marcelo com um sorriso subtil. — É como se disséssemos que uma luz vermelha é uma luz verde. O amor é um farol cujas luzes variam.

Anita, teimosa, insistiu:

— Não para mim!... Não quero!

Sentia, perfeitamente, e com a mesma força imperiosa, o desejo de variar e de ficar imutável, os dois instintos apaixonados de toda a sua vida. Mas, aquele deles que se julgava mais ameaçado, revoltava-se.

Marcelo, que conhecia bem aquela rapariga altiva e obstinada, inclinou-se polidamente. Anita, que se julgava com tanta exactidão como ele a julgava, disse, um tanto envergonhada:

— Enfim, eu não quereria...

Feita essa concessão à verdade, continuou, com firmeza, sentindo-se num terreno onde estava mais à vontade:

— Quereria que, em troca do dom mútuo duma ternura fiel, cada um conservasse o direito de viver segundo a sua maneira de ser, de caminhar pelo seu caminho, de procurar a sua verdade, de assegurar, se fosse preciso, o seu próprio campo de actividade, de, numa palavra, cumprir as leis da sua própria vida espiritual e de não a sacrificar às leis doutrem, mesmo do ser mais querido; porque nenhum ser tem

o direito de sacrificar a alma de outro, nem a sua a outrem.

— Está muito bem, querida amiga — disse Marcelo —, mas, para mim, sabe, isso de alma, sai da minha competência. Talvez isso seja mais da de Rogério. Tenho medo, porém, de que nesse caso ele não o compreenda da mesma maneira. Não vejo muito bem a possibilidade de os Brissot aceitarem, no seu círculo de família, a hipótese duma outra «lei espiritual» que não seja a da fortuna política e privada dos Brissot.

— A propósito — disse Anita, rindo —, amanhã vou para casa deles, na Borgonha, por duas ou três semanas.

— Pois bem — retorquiu Marcelo —, será uma excelente ocasião para confrontar o seu idealismo com o deles. Porque eles também são grandes idealistas! Apesar de tudo, talvez esteja enganado. Creio que se entenderão muito bem. No fundo, são admiràvelmente feitos para caminharem juntos.

— Não me desafie! — disse Anita. — É possível que venha de lá uma perfeita Brissot.

— Apre! isso não seria muito agradável!... Não, não, peço-lhe!... Brissot ou não Brissot, continue a ser Anita!

— Ai de mim! Bem desejaria deixar de o ser, mas não posso e tenho medo disso.

Marcelo despediu-se, beijando-lhe a mão.

— É pena, na verdade!...

Partiu. Anita dizia também a si própria que era pena, mas não no mesmo sentido em que o dizia Marcelo. Ele bem podia vê-la com exactidão, mas compreendia-a tanto como Rogério, que não a via. Seria preciso, para a compreender, almas mais «religiosas» — mais religiosamente livres — do que as de quase todos os rapazes franceses. Aqueles que são

religiosos são-no dentro da tradição do catolicismo, que é obediência e renúncia à livre acção do espírito (sobretudo quando se trata da mulher). E aqueles que são livres de espírito raramente pensam nas necessidades da alma.

Rogério esperava, com o carro, naquela estação-zinha da Borgonha onde Anita se apeou, no dia seguinte. Assim que ela o viu, as suas preocupações desapareceram. Rogério era tão feliz! Anita não o era menos. Estava grata às Sr.as Brissot por terem arranjado más desculpas para não a irem esperar.

Uma transparente tarde de Primavera. Um horizonte doirado rodeava as brandas ondulações de verdura fresca e de campos lavrados. A passarada chilreava, o carrinho de duas rodas voava pela estrada branca, que fazia reboar os passos do cavalinho fogoso. O ar vivo fustigava as faces coradas de Anita. Ia muito encostada ao seu companheiro que, guiando sempre, lhe sorria e lhe falava, inclinando-se, bruscamente, sobre a sua boca para roubar e receber um beijo. Anita não resistia. Amava-o, amava-o tanto.

Isso não a impedia de saber que, dali a pouco, recomeçaria a julgá-lo e a julgar-se. Uma coisa, porém, é julgar e outra é amar. Amava-o como àquele ar, como àquele céu, como àquele perfume dos prados, como a um pedaço de Primavera. No dia seguinte se faria luz no seu espírito! Queria ter uma folga naquele dia! Queria gozar aquela hora deliciosa, que não soaria duas vezes... Parecia-lhe voar, longe da terra, com o seu bem-amado.

Chegaram depressa, embora na última volta, ao subir a alameda de choupos, fossem a passo — parando mesmo, para deixar descansar o cavalo — e, ao abrigo da ramaria que ocultava a fachada do

solar, se abraçassem, os dois, demoradamente, sem trocar uma palavra.

Os Brissot foram encantadores. Souberam encontrar palavras duma grande delicadeza para evocar discretamente a lembrança de seu pai. Na roda da família, Anita, na primeira noite, deixava-se amimar, reconhecida, enternecida. Havia tanto tempo que estava privada do calor afectuoso dum lar! Queria ter essa ilusão. Todos concorriam para lha alimentar. A sua resistência fraquejava...

A meio da noite, despertou e ouvindo um murganho que roía, no silêncio do velho solar, o seu pensamento evocou a ideia duma ratoeira. Disse então:

— Estou apanhada...

Teve um movimento de angústia e tentou tranquilizar-se:

— Não, não, não o quero estar, não estou ainda presa ..

Um suor nervoso inundava-lhe as espáduas. Disse então:

— Amanhã, falarei sèriamente a Rogério. É preciso que ele me conheça. É preciso que vivamos lealmente — se podemos viver juntos...

No dia seguinte, contudo, sentiu tanto prazer em reencontrar Rogério, em se deixar envolver pela sua afeição, em respirar com ele a embriagante doçura da campina primaveril, em sonhar com a felicidade (impossível talvez, mas, quem sabe? quem sabe?... talvez próxima... basta estender a mão...) — que deixou as explicações para o outro dia... E depois, para outro... E depois, para o outro...

Cada noite, a angústia se apoderava dela lancinante, com sobressaltos no coração...

— É preciso, é preciso falar... É preciso para Rogério... Cada dia ele se acorrenta e me acorrenta

mais. Não tenho o direito de me calar. É enganá-lo...

Santo Deus! Como era fraca!... No entanto, não o era, na vida ordinária. O sopro do amor é como os ventos cálidos, cuja ardente acção nos faz quebrar e ter desfalecimentos. Era uma lassidão extrema de voluptuosidade obscura; um medo de se mexer, um medo de pensar... A alma, embevecida no seu sonho, receia despertar. Anita bem sabia que ao primeiro gesto que fizesse o sonho se desfaria...

Mesmo sem nos mexermos, o tempo mexe por nós e o caminhar dos dias basta para arrastar a ilusão que desejaríamos conservar. Podemo-nos conter, mas não se pode viver em comum, de manhã à noite, sem que, ao cabo de certo tempo, não nos mostremos como somos.

A família Brissot mostrou-se tal qual era. O sorriso era a fachada. Anita, que passara a ser pessoa da casa, via uns burgueses, atarefados e bizarros, que administravam os seus bens com um prazer ávido. Não se tratava nada de socialismo. Dos imortais princípios, só se recordavam da Declaração dos Direitos do proprietário. Era preciso impedir que estes fossem atingidos. A sua guarda estava ocupada constantemente em impedir as infracções. Eles próprios exerciam uma apertada vigilância, que lhes dava uma espécie de doloroso prazer. Pareciam praticar a guerra de emboscada contra os seus criados, os seus rendeiros, os seus vinhateiros, todos os seus vizinhos. O espírito de chicana, de demandas, que existia na família como em toda a província, manifestava-se com exuberância. Quando o pai Brissot conseguia apanhar na armadilha um daqueles a quem a armara, ria satisfeito. Nem sempre era o último a rir: o adversário, feito do mesmo barro borgonhês, não era apanhado descalço; no dia seguinte, ripostava por uma partida à sua maneira. E recomeçava-se...

Sem dúvida que, para estas manobras, Anita não era convidada. Os Brissot falavam delas entre si, na sala ou à mesa, enquanto Rogério e Anita pareciam ocupados um com o outro. A subtil atenção de Anita, porém, acompanhava tudo que se dizia à sua volta. Rogério, por vezes, interrompia os amorosos colóquios, para tomar parte na discussão que os apaixonava a todos. Aqueciam-se, então, e falavam todos ao mesmo tempo, esquecidos de Anita. Às vezes tomavam-na por testemunha de factos que ela ignorava.

Até que a Sr.ª Brissot, lembrando-se da presença daquela que os estava ouvindo, cortava de súbito a conversa e, voltando para ela o seu sorriso derretido, encaminhava a troca de impressões por caminhos floridos. Então e sem transição, voltava-se à afável bonomia do meio familiar. Era, duma maneira geral, uma curiosa mistura de circunspecção e grande liberdade de opiniões — assim como se misturavam na vida do solar largueza e mesquinharia.

O Sr. Brissot, alegre, fazia jogos de palavras. A menina Brissot falava de poesia. A esse respeito todos tinham alguma coisa para dizer. Tinham a pretensão de serem entendedores. O seu gosto datava de vinte anos antes! Para tudo que dizia respeito à arte, tinham opiniões estabelecidas. Apoiavam-nas noutras, bem assentes, do «seu amigo F.», que era do Instituto e arquicondecorado. Não havia espíritos mais tímidos — com autoridade — do que esses grandes burgueses, que se julgavam tão avançados em arte como em política, e que não eram nem numa coisa nem na outra, porque em ambas só apareciam — prudentemente — depois das batalhas ganhas.

Anita sentia-se muito longe deles. Olhava, ouvia e perguntava a si própria: «Mas que tenho eu de comum com esta gente?»

A ideia de que um ou outro podia pretender exercer sobre ela uma tutela já nem a revoltava — dava-lhe vontade de rir. Perguntava-se que teria pensado Sílvia se a tivessem gratificado com uma família daquele estofo. Que gritaria e que sonoras gargalhadas!...

Anita fazia o mesmo, por vezes, sòzinha, no jardim. Sucedia que Rogério, surpreendido, ouvia-a e perguntava-lhe:

— Que a faz rir assim?

Anita respondia:

— Nada, querido. Não sei. Tolices...

Procurava, então, retomar a compostura de pessoa ajuizada. Aquilo, porém, era mais forte do que ela; voltava a fazer o mesmo, e às vezes diante das Sr.as Brissot. Pedia-lhes perdão, e as Sr.as Brissot, indulgentes e um tanto vexadas, diziam:

— É uma criança! E preciso que gaste o seu riso!

Anita nem sempre ria. Por vezes, algumas sombras velavam o seu bom humor. Depois de horas de ternura, radiantes de confiança, junto de Rogério, tinha, sem transição e sem nenhum motivo, acessos de melancolia, de dúvida, de ansiedade. A instabilidade do seu espírito, desde o último Outono, longe de se acalmar acentuara-se naqueles meses de amor compartilhado. Era, por aguaceiros, uma invasão de instintos estranhamente opostos: irritabilidade, sobressaltos de humor, ironia maliciosa, orgulho sombrio, inexplicáveis rancores — Anita tinha que fazer para meter isso tudo em surdina. O resultado não era famoso, porque ficava, então, imersa numa tacitumidade hostil e inquietante.

Como conservava a sua inteligência lúcida, admirava-se dessas variações e censurava-se, o que não modificava a situação. O sentimento das suas imperfeições conduzia-a a uma indulgência — mais deseja-

da do que sincera — para com as daqueles «interesseiros»... (Outra vez!... Que impertinência!... «Perdão! não torno a fazer!...») Visto que eram a família de Rogério, deveria aceitá-los, se o aceitava a ele... A questão estava em saber se aceitava Rogério. O resto, santo Deus, o resto não tinha grande importância, quando são dois a defender-se.

Apenas, eram dois? Rogério defendê-la-ia? E mesmo, antes de perguntar a si própria se aceitaria Rogério, este aceitá-la-ia, sinceramente e com generosidade, quando finalmente a visse tal como ela era? É que, até então, ele só tinha visto a sua boca e os seus olhos. Quanto ao que ela pensava e queria — ela, a verdadeira Anita — dir-se-ia que não tinha muito empenho em saber; achava mais cómodo supor. Anita, no entanto, embalava-se na esperança de que, com a ajuda do amor, não seria impossível, depois de se terem visto corajosamente até o fundo do coração, dizer: «Tomo-te. Tomo-te tal qual és. Tomo-te com os teus defeitos, os teus demónios, com as tuas exigências, com a tua lei de vida. És aquilo que és. Tal como és, amo-te.»

Sabia-se capaz, pelo seu lado, desse acto de amor. Durante os últimos dias, tinha observado Rogério demoradamente, com aqueles seus olhos de flor, onde, sem que prestassem atenção a isso, tudo se fixava. Rogério, que não desconfiava de nada, mostrara-se, frequentemente, muito mais Brissot do que ela desejaria, preso pelos interesses e as querelas da tribo, e empregando nisso o mesmo espírito de chicana. Certos aspectos do seu carácter, duros, torcidos, não lhe lhe eram muito agradáveis. Anita não os queria, porém, julgar com severidade, como teria feito para outras pessoas. Esses aspectos pareciam-lhe imitados.

Rogério, em muitas coisas, afigurava-se-lhe como

uma criança grande, sujeita aos seus, a quem copiava servilmente, muito tímida de espírito a despeito das suas grandes frases. Embora ela começasse a verificar a pouca consistência dos seus projectos de renovação social e não se deixasse iludir com o seu idealismo oratório, não lhe queria mal por isso, pois sabia que ele não procurava enganá-la e que era o primeiro a iludir-se. Estava mesmo disposta, com uma terna ironia, a afastar do seu caminho o que pudesse perturbar a ilusão de que precisava para viver. E até o egoísmo ingénuo que ele exibia por vezes, duma forma pesada, não lhe repugnava e parecia-lhe sem maldade. No fundo, todos os seus defeitos eram defeitos de fraqueza. O divertido era que Rogério se apresentava como um forte... homem de bronze... *Aes triplex*... Pobre Rogério!... Era até comovedor. Anita ria-se disso, em segredo, reservando-lhe, porém, tesouros de indulgência.

Anita gostava muito dele. Via-o, apesar de tudo, bom, generoso, ardente. Era como uma mãe que acalenta os vìciozinhos, pouco graves aos seus olhos, dum filho querido, não o tornando responsável deles, pronta a lamentá-lo e a amimá-lo... Ah! e Anita não tinha sòmente para Rogério os olhos indulgentes duma mãe! Tinha também os olhos parciais duma amante. A carne falava e a sua voz era muito forte; a da razão podia dizer o que quisesse: havia uma maneira de a ouvir graças à qual essas censuras aumentavam os desejos. Anita via tudo muito bem. Assim como há, porém, uma forma de, inclinando a cabeça e semicerrando os olhos, harmonizar os planos duma paisagem, Anita, não obstante ver os traços desagradáveis de Rogério, olhava-os dum ângulo que os esbatia. Não estava longe de gostar até do que era feio, porque dá-se mais amando os de-

feitos daquele a quem se ama; quando se ama o que há de belo, não se dá, recebe-se. Anita pensava:

«Amo-te por seres imperfeito. Se soubesses que o vejo, irritar-te-ias. Perdão! Não vi nada... Mas eu não sou como tu: quero que me vejas imperfeita! Sou-o, sou-o; e quero sê-lo. O que tenho de imperfeito é muito mais meu do que o resto. Se me queres, quere-lo também. Quere-lo?... Não o queres conhecer. Quando te darás ao trabalho de reparar em mim?»

Rogério não tinha nenhuma pressa. Após várias tentativas inúteis para o conduzir por esse caminho perigoso, de que ele parecia fugir, Anita, num passeio, interrompeu o que iam dizendo, deteve-se, pegou-lhe nas mãos e disse:

— Rogério, precisamos de conversar.

— Conversar! — disse ele a rir. — Parece-me que não fazemos outra coisa!

— Não — observou Anita —, não se trata de trocarmos gentilezas, mas de conversar sèriamente.

Rogério fez uma cara um tanto apavorada.

— Não tenha medo — continuou ela. — É de mim que quero falar.

— De si? — perguntou ele, tranquilizado. — Então, só podem ser coisas encantadoras.

— Espere! Espere! depois de me ter ouvido talvez não pense assim.

— Que pode dizer-me, agora, que me surpreenda? Em tantos dias que temos passado juntos, não dissemos já tudo que tínhamos a dizer?

— Pela minha parte, tenho-me limitado a dizer *amen* — disse Anita a rir. — É o Rogério quem fala sempre.

— Oh! que má! — exclamou Rogério. — E não é de si que falo?

— Sim, é *também* de mim. Além disso, fala para mim.

— Acha que falo demasiado? — perguntou Rogério ingènuamente.

Anita mordeu os lábios.

— Não, não, meu caro Rogério, gosto de o ouvir falar. Quando fala de mim, fico a escutá-lo; e são tão belas as suas palavras, tão belas, que digo: «Assim seja!» Mas a verdade é que não é assim.

— É a primeira mulher que vejo lastimar-se de que lhe façam um belo retrato.

— Gostaria mais de que fosse parecido. Não é um belo retrato, Rogério, que vai levar para sua casa. Sou uma mulher, uma mulher viva, que tem a sua vontade, as suas paixões, os seus pensamentos. Crê que ela possa entrar em sua casa com toda essa bagagem?

— Recebo-a, de olhos fechados.

— Peço-lhe que os abra.

— Vejo a limpidez da sua alma, retratada no seu rosto.

— Pobre Rogério! Meu bom Rogério!... Cego que não quer ver.

— Amo-a; isso me basta.

— Também o amo e isso não é bastante.

— Isso não lhe basta? — perguntou ele com ar consternado.

— Não. Tenho necessidade de ver.

— Que quer, então, ver?

— Quereria ver *como* me ama.

— Amo-a mais do que tudo.

— Naturalmente! Não pode ser menos. Não pergunto, porém, *quanto* me ama, pergunto *como*... Sim, bem sei que me quer; mas que pretende fazer, enfim, da sua Anita?

— A metade do meu ser.

— Ora, aí está... É que, creia, meu amigo, não sou uma metade; sou uma Anita completa.

— É uma maneira de falar. Quero dizer: eu sou Anita e Anita é eu.

— Não, não, não seja eu! Rogério, deixe-me sê-lo sòzinha!

— Ao unirmos as nossas vidas não faremos uma só vida?

— É isso que me inquieta. Tenho medo de não poder ser inteiramente a mesma.

— Que é que a perturba, Anita? Que ideias são essas? Ama-me, não é verdade? Ama-me? É o essencial. Não se preocupe com o resto. O resto é comigo. Verá, arranjarei — eu e os meus que são seus —, arranjaremos tão bem a sua vida que não terá mais nada a fazer do que deixar-se conduzir.

Anita olhava para o chão e desenhava no solo letras com a ponta do pé. Sorria e pensava: «Não compreende absolutamente nada, este rapaz.»

Levantou os olhos para Rogério que, tranquilamente, aguardava a sua resposta e disse-lhe:

— Olhe bem para mim, Rogério. Não tenho boas pernas?

— Boas e belas — respondeu ele.

— Isso! — fez ela ameaçando-o com o dedo —, isso não é do que se trata... Não sou uma forte andarilha?

— Sem dúvida — respondeu Rogério — e gosto que seja assim.

— Pois bem, crê então que vou deixar-me conduzir?... É muito bom, muito bom, agradeço-lhe; mas deixe-me andar pelo meu pé! Não pertenço ao número daquelas que temem as fadigas da caminhada. Tirar-mas é tirar-me o apetite de viver. Tenho uma certa impressão de que o Rogério e os seus têm tendência para me aliviar do trabalho de resol-

ver e de escolher, instalam, prèviamente, em compartimentos determinados, muito confortàvelmente, — a sua vida, a vida deles, a minha vida — todo o futuro. Eu, não quereria assim. Não quero. Sinto-me no começo. Procuro. Sei que tenho necessidade de procurar, de me procurar.

Rogério mostrava um ar entre benevolente e trocista.

— E que quer, então, procurar?

Via naquilo caprichos de rapariga. Ela compreendeu-o e disse num tom de comoção:

— Não troce!... Não sou grande coisa, não tenho ilusões a esse respeito... Mas, enfim, sei que sou e que tenho uma vida... uma pobre vida... Não é muito longa, uma vida, e só se tem uma vez... Tenho o direito... Não, o direito não, se prefere! isso pareceria egoísmo... Tenho o dever de não a perder, de não a confiar ao acaso...

Em lugar de se comover, Rogério tomou um ar magoado:

— Acha que confiaria a sua vida ao acaso? Considera-a inútil? Não terá ela, porventura, uma bela, uma muito bela aplicação?

— Bela, sem dúvida... Mas qual? Que me oferece?

Rogério descreveu com ardor, uma vez mais, a sua carreira política, o futuro que o esperava, as suas grandes ambições pessoais e sociais. Anita ouvia-o falar; a certa altura, deteve-o (porque ele nunca se cansava de falar de tal assunto):

— Sim, Rogério — disse ela. — Certamente. É muito interessante. Para lhe dizer, porém, a verdade — não se magoe! — não creio tanto como o Rogério nessa carreira política a que se consagra.

— Como?! Não crê? No entanto acreditava quando lhe falava dela, nos primeiros tempos em que nos vimos, em Paris...

— Mudei alguma coisa — disse Anita.

— Que a fez mudar?... Não, não, isso não é possível... Mudará ainda de parecer. A minha generosa Anita não pode desinteressar-se da causa do povo, da renovação social!

— Mas não me desinteresso — disse ela. — Do que me desinteresso é da causa política.

— Uma e outra confundem-se.

— Não inteiramente.

— A vitória duma será a vitória da outra.

— Duvido bastante.

— É no entanto o único meio de servir o progresso e o povo.

(Anita pensava: «Servindo-se a si próprio»; mas censurou-se disso).

— Há outros.

— Quais?

— O mais velho de todos é ainda o melhor. Como aqueles que seguiam a Cristo, dar tudo, deixar tudo, para ir com o povo.

— Que utopia.

— Sim, creio-o. Não é utopista, Rogério. Julguei que era, a princípio. Já não creio, agora. Tem, em política, o sentido das realidades. Com o seu grande talento, tenho a certeza dos seus êxitos futuros. Se duvido da causa, não duvido de si. Fará uma bela carreira. Vejo-o já à frente dum partido, orador aplaudido, reunindo no Parlamento uma maioria, ministro...

— Pare! — atalhou Rogério. — *Macbeth, serás rei...*

— Sim, sou um tanto feiticeira... para os outros. O que é pena é que não seja para mim.

— Não é, contudo, muito difícil! Se chego a ministro, isso também lhe diz respeito... Vejamos, francamente, isso não lhe daria prazer?

— Prazer de quê? De ser ministro?... Deus do céu! De maneira nenhuma!... Perdão, Rogério, por si, isso dar-me-ia prazer, sem dúvida. Se estivesse a seu lado, creio que manteria o meu papel o melhor possível e que me sentiria feliz por poder ajudá-lo... Mas (não é verdade querer que seja franca?) confesso-lhe que uma tal vida não preencheria — de maneira nenhuma — a minha vida.

— Sem dúvida; compreendo-o. A mulher mais dotada para compartilhar uma vida de acção política — veja, por exemplo, a minha admirável mãe — não poderia limitar-se a isso. A sua verdadeira missão é no lar e a sua vocação própria é a maternidade.

— Bem sei — disse Anita. — Essa vocação ninguém mo-la disputa. Mas... (tenho medo de que não me compreenda) não sei ainda o que me trará a maternidade. Gosto muito das crianças. Creio que me prenderei às que tiver... (Não gosta destas palavras? Sim, parece-lhe fria...) Pode ser que me prenda até muito... É possível... Não sei... Não desejaria dizer uma coisa que não sinto. Para ser sincera, essa «vocação» em mim ainda não despertou completamente. Enquanto espero que a vida me revele aquilo que não conheço, parece-me que a mulher não deveria nunca, em nenhum caso, hipotecar a sua vida a esse amor do filho... (Não franza a testa!...) Estou convencida de que se pode gostar muito dos filhos, desempenhar lealmente essa tarefa doméstica, e guardar o bastante de si própria — como de direito — para o mais essencial.

— O mais essencial?!

— A alma.

— Não compreendo.

— Como se pode fazer compreender a vida interior? As palavras são tão obscuras, tão incertas, gestas! A alma... É ridículo falar da alma! Que

quer isso dizer?... Não poderei explicar o que é. Mas sei que é alguma coisa. É o que eu sou, Rogério. O mais verdadeiro, o mais profundo de mim.

— O mais verdadeiro, o mais profundo de si, não mo dá?

— Não posso dar tudo — respondeu ela.

— Então, não me ama.

— Sim, Rogério, amo-o. Mas ninguém pode dar-se completamente.

— Não ama bastante. Quando se ama, não se pensa em guardar nada de si. O amor... o amor...

Rogério deixou-se arrebatar num dos seus grandes discursos. Anita ouvia-o exaltar, em termos patéticos, o dom de si próprio, o prazer de tudo sacrificar à felicidade do ser amado. Pensava: «Meu caro, porque dizes tudo isso? Julgas que o ignoro? Crês que não poderia sacrificar-me a ti, se tal fosse necessário, e encontrar nisso a minha alegria? Com uma condição, porém: que não mo exijas... Porque o exiges? Porque pareces esperar isso como um direito? Porque não tens confiança em mim, no meu amor?»

Quando ele acabou, Anita disse:

— É muito bonito isso. Não seria capaz, bem o sabe, de exprimir essas coisas tão bem. É possível, porém, que no momento próprio não seja incapaz de as sentir...

Rogério exclamou:

— Pode ser! No momento próprio!...

— Acha isso pouco, não é verdade?... É mais do que julga... Não gosto, porém, de prometer mais... (talvez fosse menos)... do que poderei dar. Não sei antecipadamente... É preciso abrirmo-nos um crédito de confiança. Somos pessoas sérias. Amamo-nos, Rogério. Far-se-á tudo que se puder.

Ele levantou os braços de novo:

— Tudo que se puder!...

Ela sorriu e continuou:

— Quer abrir-me esse crédito? Tenho necessidade de recorrer a ele. Tenho muito a pedir...

Rogério foi prudente:

— Diga!

— Amo-o, Rogério; mas quereria ser verdadeira. Vivi, desde a infância, bastante só e muito livre. Meu pai dava-me uma grande independência, da qual nunca abusava, porque me parecia perfeitamente natural e porque era sadia. Adquiri, assim, hábitos de espírito, de que é difícil, agora, desfazer-me. Reconheço que sou um tanto diferente da maior parte das raparigas da minha classe. E, no entanto, creio que aquilo que sinto elas o sentem também. Ouso apenas dizê-lo e tenho uma mais nítida consciência disso. Pede-me que una a minha vida à sua... É esse o meu desejo. É, para cada um de nós, o desejo mais profundo encontrar um companheiro bem-querido. Parece-me que pode sê-lo para mim, Rogério... se... se quiser...

— Se quiser! Tem graça! Mas se eu não quero outra coisa!...

— Se quiser *verdadeiramente* ser meu companheiro. Isto não é uma brincadeira. Reflita!... Unir as nossas vidas não significa suprimir uma ou outra... Que me oferece?... Não dá por isso, porque há muito tempo o mundo está acostumado a essas desigualdades. Mas elas são novas para mim... Não vem para mim apenas com a sua afeição. Vem com os outros, os seus amigos, os seus clientes, os seus parentes, com o seu caminho traçado, com a sua carreira determinada, com o seu partido e os seus dogmas, a sua família e as suas tradições — todo um mundo que lhe pertence, todo um mundo que é o Rogério. E a mim, que tenho um mundo também, que sou também um mundo, — diz-se: «Deixa o teu

mundo! Atira-o fora, e entra para o meu!» Estou pronta a ir, Rogério, mas a ir toda inteira. Aceita-me toda inteira?

— Quero tudo — respondeu ele —, Anita é que há pouco dizia não poder dar-me tudo.

— Não me compreende. Digo-lhe: «Aceita-me livre? E aceita-me toda?»

— Livre?! — retorquiu Rogério, circunspecto. — Toda a gente é livre em França, depois de 89...

(Anita sorriu: «Que novidade!...»)

— ...Mas, enfim, é preciso entendermo-nos. É evidente que, desde o momento em que se casa, deixa de ser completamente livre. Contrai, por esse facto, obrigações.

— Não gosto muito dessa palavra — disse Anita —; mas não é isso que me mete medo. Aceitarei, alegremente, livremente, a minha parte das penas e dos trabalhos daquele a quem amo, os deveres da vida em comum. Quanto mais duros forem mais caros me serão, com a ajuda do amor. Não renuncio, por isso, aos deveres da minha vida própria.

— E quais são esses deveres? Segundo o que me tem dito e aquilo que julgo saber, a sua vida, querida Anita, a sua vida até aqui, tão calma, tão modesta, não me parece ter tido grandes exigências. Que reclama ela? É dos seus trabalhos que quer falar? Pensa em continuá-los? Essa espécie de actividade parece-me, confesso-o, pouco vantajosa para uma mulher. A menos que se trate duma vocação. É incómodo, em família... Não creio, no entanto, que sofra desse presente do céu. É demasiado humana e equilibrada.

— Não, não se trata duma vocação especial. Nesse caso, seria simples: bastava segui-la... O pedido, a exigência (como diz) da minha vida é mais difícil de formular, porque é menos precisa e

muito menos vasta. Trata-se do direito que se impõe a toda a alma vivente: o direito de mudar.

Rogério exclamou:

— Mudar? Mudar de amor?!

— Mesmo mantendo-se sempre, como quero que seja, fiel a um só amor, a alma tem o direito de mudar... Sim, bem sei, Rogério, «mudar» é uma palavra que o atemoriza... A mim própria inquieta-me... Quando a hora que decorre é bela, desejaria não me mexer. Apetecia-me ficar assim para sempre!... Mas, no entanto, não deve ser assim, Rogério; e, para mais, não pode ser. Não se fica sempre no mesmo lugar. Vai-se, vem-se, é-se arrastado; é preciso, é preciso caminhar! Isto não é contrariar o amor. A gente leva-o consigo. Mas o amor não deve reter-nos, encerrados na imóvel doçura dum único pensamento. Um belo amor pode durar toda uma vida; mas não a preenche completamente. Pense, meu caro Rogério, que, sem deixar de o amar, me posso encontrar um dia (encontro-me já) muito apertada no seu círculo de acção e de pensamento. Não procurarei nunca contestar para si o valor da sua escolha. É, porém, justo que ela me seja imposta? E não acha equitativo reconhecer-me a liberdade de abrir a janela, se não tenho ar suficiente — e mesmo uma fresta da porta — (oh! não irei muito longe!) de ter o meu domìniozinho de acção, os meus interesses espirituais, as minhas amizades próprias, de não ficar confinada no mesmo ponto do Globo, no mesmo horizonte, de procurar alargá-lo, de mudar de ar, de emigrar... (Não digo: se for necessário... não o sei ainda. Tenho, porém, em todo o caso, a necessidade de sentir que sou livre para o fazer, livre para querer, livre para respirar, livre... livre de ser livre... mesmo que não faça nunca uso da minha liberdade). Perdoe-me,

Rogério, talvez ache esta necessidade absurda e pueril. Não o é, asseguro-lho. É o mais profundo do meu ser, o sopro que me faz viver. Se mo tirassem, morreria... Faço tudo, por amor... Mas a obrigação mata-me. E a ideia da obrigação torna-me revoltada... Não, a união de dois seres não pode tornar-se uma prisão para ambos. Deve ser uma dupla floração. Desejaria que cada um, em lugar de ter ciúmes do livre desenvolvimento do outro, se sentisse feliz por ajudá-lo nessa tarefa. Senti-lo-á assim Rogério? Saberá amar-me bastante, para me amar livre, livre de si?...

(Anita pensava: «Assim, serei mais tua!...»)

Rogério ouvia-a preocupado, nervoso, um tanto vexado. Qualquer homem o estaria. Anita poderia ter sido hábil. Na sua ânsia de franqueza e no seu medo de enganar, estava sempre disposta a exagerar aquilo que no seu pensamento podia impressioná-lo mais. Mas um amor mais forte do que o de Rogério sentir-se-ia atingido. Rogério ferido, sobretudo, no seu amor-próprio, vacilava entre dois caminhos: o de não tomar a sério aquele capricho feminino e o da contrariedade que sofria ante aquela insurreição moral. Não tinha percebido o apelo comovente do coração de Anita. Só sentira uma espécie de obscura ameaça que atingia os seus direitos de proprietário.

Se tivesse mais esperteza no seu trato com mulheres, teria deixado de remissa o seu íntimo vexame e prometido, prometido... tudo que Anita queria. «Promessas de namorados, depressa o vento as leva! Para que regatear?...» Rogério, contudo, que tinha os seus defeitos, tinha também as suas virtudes: era, como se costuma dizer, um «bom rapaz», muito convencido de conhecer bem as mulheres, com as quais aliás pouco tinha praticado. Não teve a astúcia de ocultar o seu despeito. Quando

Anita esperava uma palavra de generosidade, teve a desilusão de verificar que, ao ouvi-la, ele só tinha pensado em si.

— Anita — disse Rogério —, confesso-lhe que tenho dificuldade em compreender o que pretende. Fala-me do nosso casamento como duma prisão, parecendo que só pensa em evadir-se dela. A minha casa não tem grades nas janelas e é suficientemente ampla para que se possa viver nela à vontade. Não se pode, porém, viver com as portas abertas e a minha casa foi feita para se viver nela. Fala-me de sair de lá, de ter a sua vida à parte, as suas relações pessoais, os seus amigos, e até, se compreendi bem, de poder partir do lar quando lhe apetecer, para ir procurar sabe Deus o que não teria encontrado lá até que lhe apraza, um dia, voltar... Anita, isso não é a sério! Não pensou bem no que disse! Nenhum homem poderia consentir a sua mulher tal situação, para ele tão humilhante, para ela tão equívoca.

A estas reflexões não faltava, talvez, bom senso. Há, contudo, ocasiões em que o bom senso seco, sem a intuição do coração, é um contrasenso.

Anita, um tanto magoada, disse com altiva frieza, que encobria a sua comoção:

— Rogério, é preciso ter confiança na mulher que se ama; é preciso, quando se casa com ela, não lhe fazer a injúria de crer que ela não terá da honra do marido o mesmo culto que ele próprio. Pensa que aquela que sou se prestaria a um equívoco humilhante para si? Toda a humilhação para si sê-lo-ia para ela também. Quanto mais livre fosse, mais se sentiria obrigada a velar pela parte de si próprio que lhe teria confiado. É preciso apreciar-se melhor. Não é capaz de confiar em mim?

Rogério sentiu o perigo de a afastar com as suas dúvidas. Dizendo a si próprio que, apesar de tudo,

não devia atribuir uma importância exagerada àquelas ideias de mulher e que havia tempo de, mais tarde, reflectir (se ela se lembrasse ainda), retomou a sua primitiva ideia, que era tomar aquilo por brincadeira. Julgou, portanto, que fazia muito bem, dizendo galantemente:

— Toda a confiança, minha Anita! Creio nos seus lindos olhos. Jure-me sòmente que gostará de mim sempre, que me há-de amar ùnicamente! Não lhe peço mais nada!

Aquela Cordèliazinha que não aprovava tal forma galanteadora de se esquivar a uma resposta leal, de que dependia o seu futuro, protestou contra o compromisso impossível de tomar:

— Não, Rogério, não posso, não posso jurar isso. Amo-o muito; mas não posso prometer aquilo que não depende de mim. Seria enganá-lo; e não o enganarei nunca. Prometo-lhe, apenas, não lhe ocultar nada. E se não o amar, ou se amar um outro, será o primeiro a sabê-lo — mesmo antes do outro. Faça-me o mesmo! Meu Rogério, sejamos verdadeiros!

Isto não lhe agradava nada a ele. A incómoda verdade não era visita da família Brissot. Quando ela batia à porta, apressavam-se a mandar dizer: «Saíram todos!». Rogério procedeu como de costume. Exclamou:

— Minha querida, como está bonita!... Vamos, falemos doutra coisa!...

Anita regressou desiludida. Tinha confiado muito numa conversa franca. Embora tivesse previsto uma certa resistência, contava com o coração de Rogério para lhe esclarecer o espírito. O que mais a afligia não era a incompreensão de Rogério, mas o facto de ele nada ter feito para a compreender. Parecia não

ter visto nada de decisivo para Anita no que ela lhe dissera. Era muito superficial, e via tudo à sua imagem e semelhança. Nada poderia ter magoado mais uma mulher dotada duma forte vida interior.

Não se enganava. Rogério tinha ficado surpreendido, irritado com as ideias de Anita; mas não as tomou de maneira nenhuma a sério, considerava-as sem consequências. Pensava que Anita tinha umas ideias estranhas, um tanto paradoxais, que era uma «original». Isso era pena, porque as Sr.as Brissot sabiam ser superiores sem serem «originais». É certo que não se podia exigir tal perfeição a todos. Anita tinha outras qualidades, que sem dúvida Rogério não considerava tão elevadas, mas às quais (há que reconhecê-lo) atribuía, de momento, muito mais importância. Nessa preferência, o corpo ocupava mais lugar do que o espírito; mas este também tinha a sua parte. Rogério apreciava muito em Anita o ardor impulsivo, que, quando não se aplicava em coisas que o incomodassem, não o inquietava. Anita, com a sua rectidão, tinha demonstrado que o amava. Estava convencido de que não poderia passar sem ele.

Não fazia a mínima ideia do drama interior que se passava junto de si. Na verdade, Anita amava-o tanto que não se atrevia a julgá-lo tão medíocre. Preferia supor que se tinha enganado. Fez outras tentativas e procurou transigir pela sua parte. Se Rogério não lhe reconhecia uma vida independente, que lugar lhe reservava, ao menos, na sua?... As novas verificações que fez desencorajavam-na. O simples egoísmo de Rogério confinava-a, em suma, ao salão, à mesa, ao leito. Prestava-se muito gentilmente a contar-lhe os casos que o interessavam; mas ela só tinha, em seguida, que os aprovar. Não estava disposto a reconhecer a sua mulher os direitos dum colaborador, que discutisse a sua acção política

e pudesse modificá-la, como não o estava para lhe permitir uma actividade social diferente da sua.

Parecia-lhe muito natural (sempre tinha sido assim) que a mulher que o amasse lhe consagrasse toda a sua vida e recebesse apenas uma parte da vida dele. No fundo, tinha a velha crença do homem na sua superioridade, que faz com que aquilo que ele dá lhe pareça dum grau mais elevado. Não o teria confessado, porque era bom rapaz e um amável francês. Se sucedia Anita pretender corroborar certos direitos da mulher com o exemplo do marido...

— Isso não é a mesma coisa — dizia, sorrindo, Rogério.

— Porquê? — perguntava Anita.

Rogério fugia à resposta. Uma convicção que não se discute arrisca-se menos a ser abalada. A de Rogério estava enraizada. Anita tomara um mau caminho para o fazer mudar de parecer. As suas concessões, os seus esforços para encontrar para ambos um terreno de entendimento, depois da sua inútil tentativa para lhe impor as suas ideias, eram interpretados por Rogério como novas provas do poder que exercia nela. Isso tornava-o mais senhor de si. Chegava a ser impertinente.

Sùbitamente, Anita irritava-se e as suas palavras tomavam entonações frementes... Então, Rogério contínha-se, voltava ao sistema que — parecia-lhe — dera bons resultados: prometia a rir tudo que ela queria. Pensava: «palavras leva-as o vento...» Anita, porém, magoava-se com isso.

Havia ainda outra questão grave. A intimidade entre Anita e Sílvia estava muito ameaçada. Era evidente que se ela, rapariga livre, seria dificilmente admitida num tal meio, a costureirinha ainda o seria menos. Nunca os Brissot, vaidosos, pretensiosos, admitiriam, para eles ou para sua nora, tão escandalosas

relações de parentesco. Seria preciso ocultar-lhas. Nem Sílvia nem Anita se prestariam a isso. Ambas tinham a sua altivez e cada uma se sentia orgulhosa da outra.

Anita amava Rogério; desejava-o com um desejo ainda mais ardente do que a ela própria confessava; mas nunca lhe sacrificaria Sílvia. Tinha gostado muito dela; e se esse afecto tinha, talvez, declinado, não esquecia que, em certos momentos, ele tomara aspectos de paixão (só ela o sabia; a própria só pressentia metade). Nas horas de mútuas confidências com Rogério, Anita tinha-lhe contado tudo. Rogério parecera-lhe, então, impressionado, comovido... Sim, mas desde que isso fosse uma coisa do passado. Não tinha empenho nenhum em ver prolongar-se essa fraternidade comprometedora. Estava até, no íntimo, disposto a acabar com ela, docemente, como quem não queria a coisa. Não desejava partilhar com ninguém a intimidade de sua mulher. *Sua mulher... «Este cão é meu...»* Como toda a sua família, tinha muito nítida a noção do que lhe pertencia.

À medida que a permanência de Anita se prolongava, esse sentimento de posse tornava-se mais forte — por mais que o rodeassem de afectuosos disfarces. Os Brissot tinham o que queriam. O despotismo doméstico da família acusava-se diàriamente por mil e um pormenores. A sua «ideia», como se costuma dizer, estava «feita» acerca de tudo: quer se tratasse da casa ou da sociedade, da existência quotidiana ou dos grandes problemas morais. Tudo estava fixado, bem atarrachado, duma vez para sempre. Tudo fora estabelecido: o que convinha aceitar e o que convinha repelir — o que era preciso repelir, sobretudo! Quantos ostracismos! Quantos homens, quantas coisas, quantas maneiras de pensar ou de actuar, condenados sem apelo, para sempre! O tom

e o sorriso tiravam a vontade de discutir. Pareciam dizer (e diziam-no, frequentemente, com toda a clareza):

— Não há duas maneiras de pensar, minha filha.

Ou então, quando ela tentava demonstrar que havia também a sua:

— Querida, como é engraçada!

O que tinha por efeito calar-lhe o bico, imediatamente.

Tratavam-na já como filha da família, mas como se estivesse ainda insuficientemente adestrada e precisasse de ser posta ao corrente dos costumes. Obrigavam-na a conhecer a ordem dos dias, dos meses e das estações Brissot, as suas relações na província, as suas relações em Paris, os seus deveres de parentesco, as suas visitas, os seus jantares, a cadeia sem fim das obrigações de sociedade, de que as mulheres se lastimam mas de que tão vaidosas são, porque, embora fatigando-as, esse movimento lhes dá a ilusão de que servem para alguma coisa.

Essa vida mecânica, essa hipocrisia nas relações, essas perpétuas convenções, eram intoleráveis para Anita. Tudo isso lhe parecia regulado de antemão: os trabalhos, os prazeres — porque também havia prazeres, mas prèviamente estabelecidos!... — Vivam as penas imprevistas, que escapam ao programa!... Não havia nenhuma esperança de sair daquilo, nem mesmo para as penas. Anita via-se emparedada! A pedra e cal: *cimento romano, argamassa* Brissot...

Anita exagerava o rigor daquela vida. O acaso, o imprevisto, desempenhavam nela um grande papel, como em todas as vidas. As Sr.as Brissot eram mais perigosas em palavras do que em factos; tinham a pretensão de dirigir tudo, mas não era impossível, depois de lhes apanhar o fraco, lisonjeando-as,

incensando-as, — fazer delas o que quisesse. Uma rapariga esperta poderia dizer, dando-lhes o seu justo valor: «Podem falar à vontade! Por mim só farei o que me der na cabeça!»

Não era difícil supor que uma energia tenaz, como a da Anita, nunca se deixaria subjugar. Anita, porém, passava por aquela crise nervosa das mulheres que, à força de muito fixar um objecto que as preocupa, vêem-no diferente do que é. Por algumas palavras ouvidas durante o dia forjava coisas monstruosas, à noite, quando estava sòzinha. Afligia-a a luta que precisava manter continuadamente, e repetia a si própria que não conseguiria nunca defender-se contra todos. Duvidava das suas forças. Tinha medo da sua maneira de ser, daqueles sobressaltos inesperados em que o seu espírito inquieto parecia ser atirado dum lado para o outro como uma péla, daqueles bruscos golpes de vento que não sabia explicar.

Sem dúvida, tudo isso provinha da complexidade da sua natureza exuberante, na qual o novo equilíbrio só lentamente se poderia estabelecer. Enquanto o aguardava, corria o risco de se entregar a todas as surpresas da violência, da fraqueza, da carne, do pensamento, aos acasos insidiosos do destino, emboscado, em determinado momento, por detrás das pedras do caminho.

No fundo, a sua perturbação provinha de não estar bem certa do seu amor. Não sabia bem... Não amava mais; e amava sempre. O seu espírito e o seu coração — o seu espírito e os seus sentidos — lutavam. O espírito via com muita clareza: estava desenganado. O coração, porém, não o estava ainda. O corpo irritava-se, vendo que ia perder aquele que desejava. A paixão murmurava: «Não quero renunciar!...»

Anita sentia essa revolta e isso humilhava-a. A

sua natural violência reagia com dureza e apelava para a sua altivez ferida. Dizia, então:

— Já não gosto dele!...

E o seu olhar hostil procurava em Rogério motivos para não gostar dele.

Rogério não via nada disso. Rodeava Anita de atenções, de flores, de galanteios. Julgava ter a partida ganha. Nem por um momento pensava na alma altiva, selvagem, que, veladamente, o observava, ardendo por se dar, mas a quem dissesse a misteriosa palavra de passe graças à qual se reconhecessem. Rogério não a dizia; e compreende-se porquê. Dizia, ao contrário, palavras irreflectidas que, sem que ela o mostrasse, feriam Anita em pleno coração. Um minuto depois, ele já não se lembrava do que tinha dito. Anita, porém, que parecia nem ter ouvido, seria capaz de o repetir dez dias, dez anos, mais tarde. Guardava sempre viva a lembrança e a ferida sempre aberta. Era bem contra sua vontade, porque era generosa e censurava-se por não saber esquecer. A melhor das mulheres pode perdoar as ofensas íntimas; não as esquece nunca.

Dia após dia, abriam-se rasgões na fina teia que o amor tecera. Não se dava por eles. A teia continuava estendida, mas o mínimo sopro fazia-a vibrar de inquietantes arrepios.

Anita, ao observar Rogério no círculo da família, os seus traços dos Brissot, a dureza, a secura, de certos dos seus conceitos, o seu desprezo pelas pessoas modestas, dizia:

— Está a distinguir. Daquilo que amei nele não ficará nada, ao fim de alguns anos.

Como o amava ainda, quis evitar a amarga desilusão, os conflitos degradantes que previa entre ambos, se se unissem.

Na antevéspera da Páscoa, decidiu-se. Terrível

noite aquela. Foi preciso vencer muitos desejos, calcar aos pés muitas esperanças obstinadas que não queriam morrer. Tinha, em pensamento, construído o seu ninho com Rogério. Tantos sonhos de felicidade, que se murmuram baixinho! Renunciar a eles! Reconhecer que se tinha enganado! Dizer-se que não era feita para a felicidade!...

Porque Anita dizia-o, no seu desânimo. Outra, no seu lugar, não a teria repelido. Porque não era ela capaz de a aceitar? Porque não sacrificaria uma parte do seu ser?... Mas não, não podia! Como a vida era mal feita! Não se pode passar sem uma afeição mútua e não se pode passar sem independência. Uma é tão sagrada como a outra. Uma e outra são tão necessárias como o ar que respiramos. Como conciliá-las?

Dizem-vos: «Sacrificai-vos! Se não vos sacrificais é porque não amais bastante...» Mas são, quase sempre, os mais capazes dum grande amor que são mais apaixonados pela sua independência. Porque neles tudo é grande. Se sacrificam ao seu amor o princípio da sua altivez, sentem-se indignos até do seu amor, desonram o amor... Não, não é tão simples como nos pretende fazer crer a moral da humildade — ou a do orgulho — cristãos ou nietzschianos. Uma força opõe-se em nós a uma fraqueza, uma virtude a um vício; são duas forças que se defrontam, duas virtudes, dois deveres... A única moral verdadeira, segundo a verdadeira vida, servia uma moral de equilíbrio. Mas a sociedade humana só conheceu, até hoje, uma moral de opressão e de renúncia — temperada pela hipocrisia. Anita não podia mentir...

Que fazer, então?... Sair do equívoco, o mais depressa possível, a todo o preço! Visto estar convencida de que lhe seria impossível viver dentro

daquela união, tinha que romper, imediatamente!...

Romper!... Imaginava o assombro da família, o escândalo... Isso ainda não seria nada... Mas o desgosto de Rogério... Sùbitamente, apareceu-lhe, na noite, a imagem bem-querida... Ante essa visão, uma vaga de ardor de novo arrastou tudo. Anita febril e gelada, imóvel no seu leito, deitada de costas, de olhos abertos, comprimia as palpitações do coração...

— Rogério — implorava — meu Rogério, perdoa-me!... Ah! se eu te pudesse evitar esta pena!... Não posso, não posso!...

Então, sentiu-se envolta numa tal onda de amor e de remorso que estava prestes a correr para se ir lançar aos pés do leito de Rogério, a beijar-lhe as mãos e a dizer-lhe:

— Farei tudo que queres...

Como?! Ainda o amava?... Revoltou-se contra essa ideia...

— Não, não! Já não o amo!...

Mentia a si própria, teimosamente...

— Já não o amo!...

Era em vão!... Amava-o ainda. Amava-o mais do que nunca. Pode ser que não fosse com o que tinha de mais nobre (mas que é nobre? que não o é?) Sim! com a parte mais nobre e com a que o era menos! De corpo e alma! Se bastasse não estimar para não amar! Como seria cómodo!... Sofrer, porém, pelo amado não dispensa de o amar; sente-se mais cruelmente que se é forçado a amá-lo!...

Anita sofria no seu amor ferido, pela falta de confiança, a falta de fé nela, a falta de profundo amor de Rogério. Sofria o amargo desgosto de tantas esperanças destruídas, que ela acalentava sem as revelar. Era porque amava tão profundamente Rogério que queria que ele aceitasse a sua inde-

pendência. Queria ser para ele não uma mulher que abdicava, passiva, na união, mas uma livre e fiel companheira. Ele não fazia caso disso. Anita sentia em consequência uma dor profunda, uma cólera de paixão ofendida...

— Não! não! já não o amo! não devo! não quero!...

O seu ímpeto quebrou-se; antes mesmo de acabar o seu grito de revolta, começou a chorar... na noite, e em silêncio... Com o gelo da razão, ai! tinha-se queimado... Aquilo que não queria dizer: tudo que era bem ela, mesmo a sua independência, que alegria não sentiria em sacrificar-lho, se ao menos ele tivesse um movimento de generosidade, um gesto, um simples gesto, para se sacrificar, antes de a sacrificar a ela!... Não o teria deixado fazer. Não pedia mais nada do que um movimento do coração, uma prova de verdadeiro amor.. Embora a amasse à sua maneira, essa prova Rogério era incapaz de a dar. Isso nunca lhe acudiria ao pensamento. Julgara o desejo de Anita uma exigência de mulher, que se ouve a rir, sem lhe atribuir importância. Que podia ela desejar? Porque diabo chorava? — Porque o amava? Bem, e então?...

— «Ama-me, não é verdade? Ama-me? É o essencial...»

Ah! estas palavras, também não as esqueceria!

Anita sorriu no meio das suas lágrimas. Pobre Rogério! Ele era como era. Não lhe quisessem mal por isso. Mas não mudaria. «Nem ele, nem eu. Não é possível vivermos juntos...»

Enxugou os olhos.

— Vamos, é preciso acabar com isto...

Após uma noite passada em claro – (só tinha fechado os olhos uma hora ou duas, ao amanhecer) — Anita levantou-se decidida. Com a luz do dia a

calma voltara-lhe. Vestiu-se, penteou-se, metòdicamente, friamente, afastando do seu pensamento tudo que poderia despertar as suas dúvidas, atenta ao que estava fazendo e que fazia meticulosamente, minuciosamente, mais ainda do que de costume.

Por volta das nove horas, Rogério bateu à porta, como todas as manhãs, para irem dar um passeio.

Partiram, escoltados por um cão que saltava alegremente. Tomaram um caminho que penetrava na mata. As árvores novas verdejantes cintilavam ao sol. Da ramaria saíam torrentes de cantos e gritos da passarada. Cada passo despertava voos, bater de asas, agitar de folhas, roçar de ramos, escapadas loucas através da floresta. O cão, excitado, gania, farejava, corria aos ziguezagues. Os gaios pareciam discutir. Na cúpula duma carvalheira, um casal de rolos arrulhava. Mais longe, o cuco ia e vinha, repetindo incansàvelmente a sua velha graçola. Era a explosão da crise primaveril...

Rogério, ruidoso, muito alegre e risonho, excitava o cão e parecia, também, um grande cão feliz. Anita, silenciosa, seguia-o a pouca distância. Pensava: «Vai ser aqui... Não, lá em baixo, naquela volta...»

Olhava para Rogério. Escutava os murmúrios da mata e pensava que tudo seria diferente depois de ela ter falado!... Tinham passado a volta e ela não falara... Disse então:

— Rogério...

com uma voz incerta, quase extinta, que tremia... Rogério não a ouviu. Não reparava em nada. A' frente dela, curvado, apanhava violetas; e falava, falava... Anita repetiu:

— Rogério!

desta vez com um tom de angústia que o fez voltar-se, surpreso. Imediatamente, notou a palidez do

rosto mortalmente sério; dirigiu-se para ela... inquieto. Ela disse-lhe, então:

— Rogério, é preciso separarmo-nos.

O rosto dele exprimiu a estupefacção e o pavor. Gaguejou:

— Que diz?... Que... diz?...

Anita repetiu com firmeza, evitando fitá-lo:

— É preciso separarmo-nos, Rogério; é doloroso, mas é preciso. Vi que era impossível, impossível ser sua mulher...

Queria continuar, mas ele impediu-a:

— Não, não, isso não é verdade!... Cale-se! Cale-se! Está louca!...

Anita insistiu:

— É necessário que eu parta, Rogério.

Ele gritou:

— Partir!... Não quero!...

Pegara-lhe nos braços, que apertava brutalmente. Reparou, então, no altivo rosto de Anita, teimoso e glacial. Sentiu-se perdido. Abandonou a presa; pediu-lhe perdão, rogou, suplicou:

— Anita! Minha Anita! Fique, fique... Não, isto não é possível... Mas que se passou? Que lhe fiz eu?

A ternura surgiu naquele rosto impenetrável. Anita disse:

— Sentemo-nos, Rogério...

(Ele sentou-se, dòcilmente, junto a Anita, sobre um talude de erva. Não tirava os olhos dela, bebendo-lhe as palavras.)

— ...Seja calmo; é preciso que tudo se explique... Peço-lhe, esteja calmo!... Creia que devo empregar todas as minhas forças para o estar também... Não podia falar, se não me forçasse a isso...

— Mas não fale! — exclamou Rogério — isso é uma loucura!...

— É preciso.

Ele quis fechar-lhe a boca. Ela furtou-se-lhe. A despeito da sua perturbação interior, a sua resolução parecia tão inabalável que se impôs a Rogério, o qual, renunciando à luta, esmagado e atemorizado, a ouviu falar, sem ousar fitá-la.

Anita, com uma voz aparentemente impassível, fria, indiferente, mas que tinha bruscos sobressaltos e que, uma ou duas vezes, parou para recobrar alento — disse tudo que tinha resolvido dizer: em termos claros, reflectidos, moderados, que pareciam, por isso mesmo, implacáveis...

Tinha querido, sinceramente, experimentar se poderiam viver juntos. Esperava-o, a princípio, e desejava-o de todo o seu coração. Viu que esse sonho não era realizável. Havia muitas coisas que os separavam. Diferenças de meio, de ideias. Punha toda a sem-razão da sua parte; confessava ter reconhecido que, decididamente, não podia viver casada. Tinha concepções de vida, de independência, que não se conciliavam com as de Rogério. Talvez Rogério tivesse razão. A maior parte dos homens, e mesmo das mulheres, pensava como ele. Sem dúvida, era ela quem não tinha razão. Mas com ou sem razão, era assim. Era inútil ir causar a infelicidade de outrem e a sua própria. Fora feita para viver sòzinha. Libertava Rogério de todas as promessas que ele lhe fizera e retomava a sua liberdade. Além disso, não havia nenhum compromisso entre eles. Tudo se tinha passado da forma mais leal entre ambos. Deviam separar-se, lealmente, como amigos...

Enquanto ia falando, tinha os olhos fitos na erva do chão; fazia tudo para não ver Rogério. À medida que falava, ouvia a respiração dele entrecortada, e teve grande dificuldade em ir até o fim. Quando terminou, arriscou-se a fitá-lo. Ficou estupefacta, por

sua vez. O rosto de Rogério era como o duma pessoa que estivesse a afogar-se: vermelho, respirando ruidosamente, não tinha força para gritar. Rogério agitou atabalhoadamente as mãos crispadas, procurando alguma coisa, caiu em si, e gemeu:

— Não, não, não; não; não posso, não posso...

E rompeu a soluçar.

Num campo próximo, ouvia-se a voz dum camponês e o ruído do ferro duma charrua. Anita, desorientada, pegou no braço de Rogério e arrastou-o para fora do caminho, para uma moita mais distante, no meio da mata. Rogério, sem forças, deixava-se conduzir, repetindo:

— Não posso, não posso... Mas que será de mim?...

Anita procurava, ternamente, fazê-lo calar. Rogério estava imerso no seu desespero: a perda do seu amor, a afronta ao seu amor-próprio, a humilhação pública, a ruína da felicidade que se prometera, — tudo se confundia. Aquela criança grande, que nunca encontrara nada que resistisse aos seus desejos, sentia-se esmagada ante a derrota. Era uma catástrofe, o ruir de todas as suas certezas. Perdia a fé em si próprio, perdia pé, não tinha nada a que se agarrar. Anita, comovida com aquele profundo desgosto, murmurou:

— Meu amigo... meu amigo... Não chore!... Tem, terá um belo futuro diante de si... não tem necessidade de mim...

Rogério continuava a lamentar-se:

— Não posso prescindir de si. Já não creio em nada... Já não creio no meu futuro...

E lançou-se-lhe aos pés:

— Fique! fique!... Farei o que quer... tudo que quiser...

Anita sabia muito bem que ele prometia o que

não poderia dar; mas aquilo enternecia-a. Respondeu, docemente:

— Não, meu amigo; di-lo com sinceridade, mas não poderia, ou sofreria muito e eu sofreria também; a vida seria para nós um permanente conflito.

Quando viu que não podia abalar a sua resolução, Rogério teve uma crise de lágrimas, a seus pés, como uma criança. Anita sentia-se penetrada de piedade e de amor. A sua energia quebrava-se. Queria aguentar-se, mas não podia resistir àquelas lágrimas. Já não pensava em si, pensava apenas nele. Acariciava aquela cabeça bem-querida, apoiada aos seu joelhos, e proferia palavras ternas. Levantou aquele pobre rapaz desolado, enxugou-lhe os olhos com o seu lenço, tomou-lhe o braço e obrigou-o a andar. Rogério estava tão prostrado que a deixava fazer, limitando-se a chorar. Os ramos das árvores, à passagem, fustigavam-lhe a cara. Caminhava pela mata, sem ver nada, sem saber para onde. Anita sentia subir em si a comoção e o amor. Amparando-o, ia dizendo:

— Não chore!... meu querido... meu pequenino... Isso aflige-me... Não o posso suportar... Não chores!... Amo-o... Amo-te, meu querido, meu pobre Rogério...

Ele repetia:

— Não...!

no meio das suas lágrimas.

— Sim, amo-te, mil vezes mais do que tu a mim... Que queres que faça?... Ah, fá-lo-ei... Rogério, meu Rogério...

Assim andando, tinham chegado à orla da mata e encontravam-se em frente do muro da propriedade dos Rivière, junto do velho solar. Anita reconheceu o local... Olhou para Rogério... Sùbitamente, a paixão invadiu-lhe o corpo todo. Era um tufão ar-

dente; uma embriaguez dos sentidos, como o estonteamento duma magnólia florida...

Correu para a porta, levando Rogério pela mão. Entraram na habitação deserta. As persianas estavam corridas. Porque saíam da luz, a princípio não viam nada. Rogério tropeçava com os móveis. Sem ver e sem pensar, deixava-se guiar por aquela mão ardente que o conduzia, na escuridão das salas.

Anita não hesitava; o seu destino arrastava-a... Para o quarto do fundo, — o quarto das duas irmãs, onde desde o Outono anterior flutuava ainda o perfume dos seus dois corpos, — para o grande leito, — onde ambas tinham dormido, — é que ela se dirigiu com ele.

E, num apaixonado arrebatamento de ternura e de volúpia — entregou-se-lhe.

Quando despertaram da sua fulminante embriaguez, os seus olhos tinham-se habituado à sombra. O quarto parecia claro. Pelas fendas das persianas, entravam raios de luz que lhes lembravam o dia magnífico que havia lá fora. Rogério cobria de beijos o corpo despido de Anita. Confessava-lhe o seu reconhecimento, em palavras arrebatadas...

Depois de as ter dito, calou-se sùbitamente, com o rosto apoiado no peito de Anita... Anita, silenciosa, imóvel, pensava... Lá fora, na trepadeira da parede, zumbiam as abelhas... E Anita ouvia, como um cântico que se afasta, o amor de Rogério esvair-se...

Já a amava menos. Rogério sentia-o, com vergonha e despeito; mas não queria convencer-se. No fundo, estranhava que Anita se tivesse dado assim. Ridícula exigência de homem! Quer a mulher; mas quando ela, sinceramente, se lhe entrega, quase que

encara o seu acto demasiado generoso como uma infidelidade!...

Anita inclinou-se para ele, levantou-lhe a cabeça, fitou-o nos olhos demoradamente, não disse nada e sorriu com melancolia. Ele, que sentiu esse olhar perscrutador até o fundo do seu ser, procurou compensá-lo. Pensou mostrar-se muito apaixonado e disse:

— Agora, Anita, já não pode partir: *devo* casar consigo.

O sorriso triste de Anita reapareceu. Lera bem nele...

— Não, meu amigo — disse ela — não *deve* nada.

Rogério caiu em si.

— Quero-o...

Mas ela retorquiu:

— Partirei.

Ele perguntou:

— Porquê?

Antes que ela lho dissesse, ele tinha compreendido bem as razões que Anita tinha para partir. Julgou-se, porém, obrigado a discutir de novo. Ela pôs-lhe a mão na boca. Rogério beijou essa mão, com uma cólera apaixonada... Ah! como a amava! Sentia-se humilhado pelos seus pensamentos. Tinha-os ela visto?... A mão doce e tépida, que lhe acariciava os lábios, parecia dizer:

— Não vi nada...

Duma aldeia longínqua, um repique de sinos chegava em ondas... Após um longo silêncio, Anita suspirou... Vamos, desta vez acabou... Disse a meia voz:

— Rogério, é preciso voltar para casa...

Os seus corpos desenlaçaram-se. Ajoelhado junto do leito, Rogério apoiou a cabeça nos pés nus de Anita. Queria provar-lhe: «Pertenço-te»; mas não conseguia afugentar os seus pensamentos reservados.

Saiu do quarto, deixando Anita vestir-se. Enquanto a esperava, debruçou-se no muro do pàtiozinho da entrada, ouvindo vagamente os ruídos do campo e saboreando a hora que passara. As ideias importunas tinham-se eclipsado. Gozava a felicidade do orgulho satisfeito e dos sentidos apaziguados. Sentia-se vaidoso. Pensava:

— «Pobre Anita!»

Emendou:

— «Querida Anita!...»

Ela saiu de casa, calma sempre, mas muito pálida... Quem pode dizer tudo que se tinha passado, durante os curtos instantes em que ele a deixara só: os assaltos da paixão, a dor da renúncia?... Rogério não viu nada, estava ocupado consigo. Dirigiu-se para ela, e quis recomeçar os seus protestos. Anita pôs um dedo na boca: Silêncio!... Na caniçada que rodeava o jardim, colheu um ramo de madressilva, partiu-o em dois e deu-lhe metade. Ao sair da propriedade, no limiar, colou a boca à de Rogério.

Regressaram sem falar, atravessando a mata. Anita tinha-lhe pedido que não quebrasse o silêncio. Rogério dava-lhe o braço, com um ar muito terno. Anita sorria, de olhos semicerrados. Era ele, desta vez, quem dirigia os seus passos. Já não se lembrava de que, havia uma hora, naquele mesmo lugar, tinha chorado...

No fundo da mata, o ladrar do cão que perseguia a caça...

Anita partiu no dia seguinte. Deu como pretexto uma carta que recebera, anunciando a doença súbita da sua velha parenta. Os Brissot não acreditavam nisso. Melhor do que Rogério, suspeitavam, havia algum tempo, de que Anita lhes escapava. Convinha,

porém, à sua dignidade não parecer admitir a possibilidade de tal e acreditar nas razões daquela brusca partida. Até o último minuto desempenharam a comédia da breve separação e do próximo regresso. Essa simulação era penosa para Anita. Rogério, porém, pedira-lhe que só anunciasse a sua decisão mais tarde, de Paris; e Anita reconhecia que ficaria embaraçada para a comunicar, de viva voz, aos Brissot. Trocaram, portanto, ao separarem-se, sorrisos, palavras doces, beijos, em que o coração não entrava para nada.

Rogério acompanhou, de novo, Anita à estação, no carro. Iam ambos tristes. Cavalheirescamente, Rogério tinha renovado a Anita o seu pedido de casamento; julgava-se obrigado a isso: era um *gentleman*. Era-o demasiado. Atribuía-se, também, o direito de fazer sentir a sua autoridade — no interesse de Anita. Julgava que Anita, ao dar-se, tinha abdicado, que a situação não era já idêntica para ambos, e que podia, agora, *exigir* o casamento.

Anita via muito bem que, se ele casasse com ela, considerar-se-ia mil vezes mais autorizado do que antes para a manter em tutela. Sem dúvida, estava-lhe grata pela sua correcta insistência. No entanto... recusou. Rogério ficou, no íntimo, irritado com isso. Já não a compreendia... (Supunha que a tinha compreendido, algum dia!) Julgou-a severamente. Não o mostrou de forma nenhuma. Ela, porém, adivinhou-o, com um misto de tristeza e ironia — e de ternura também... (Sempre era Rogério!...)

Quando estavam quase a chegar ela colocou a sua mão enluvada na mão de Rogério, que estremeceu:

— Anita!

Ela disse:

— Perdoemo-nos!

Rogério quis falar; mas não pôde. As suas mãos ficaram apertadas. Não se olhavam; mas sabiam que ambos continham as lágrimas prestes a correr...

Tinham chegado à estação: deviam conter-se. Rogério instalou Anita numa carruagem. Não ia sòzinha no compartimento. Tiveram que se limitar a banais cumprimentos; mas os seus olhos, àvidamente, fixavam a imagem do ser amado.

A máquina apitou. Disseram:

— Até breve!

Pensavam:

— «Nunca mais.»

O comboio partiu. Rogério regressou a casa já quando descia a noite. Tinha o coração cheio de dor e de cólera. De cólera contra Anita. De cólera contra si próprio. Sentia-se desfeito. Sentia-se — oh vergonha! — sentia-se aliviado...

Na estrada deserta, fez parar o cavalo e, com desprezo de si mesmo, com desprezo do amor, amargamente, chorou.

Anita voltou à sua casa de Boulogne e fechou-se nela. Enviada a carta aos Brissot, rompeu todos os laços com o exterior. Nenhum dos seus amigos sabia que tinha regressado. Não abria nenhuma carta. Passava os dias sem sair do andar que ocupava. A velha tia, habituada a não a compreender e a não se preocupar muito com isso, respeitava o seu isolamento. A sua vida exterior parecia suspensa. A outra vida — a íntima — não era por isso menos intensa. No seu silêncio, passavam tempestades de paixão ferida. Era preciso estar só para se entregar a elas, até o esgotamento. Saía desses transes quebrada, exausta, a boca seca, a testa a arder, os pés e as mãos gelados.

Períodos de torpor sucediam-se a esses pesadelos. Certos dias sonhava; e não tentava dirigir os seus pensamentos. Sentia-se invadida por uma massa confusa de emoções desordenadas... Uma sombria melancolia, uma amarga doçura, um gosto de cinzas na boca, esperanças perdidas, súbitos relâmpagos de recordações que lhe faziam saltar o coração, acessos de desespero, orgulho, paixão ferida, e o sentimento das ruínas, do irremediável, dum Destino contra o qual todos os esforços são vãos — sentimento opressivo a princípio, depois mais diluído, depois fundindo-se, pouco a pouco, num torpor, cuja longínqua tristeza era impregnada duma estranha voluptuosidade... Não compreendia...

Viu-se uma noite, em sonho, numa floresta cheia de rebentos. Estava sòzinha. Corria através das moitas. Os ramos das árvores prendiam-se ao seu vestido; os arbustos húmidos agarravam-se a ela; fugia deles, mas rasgavam-na. Viu-se, com vergonha, seminua. Curvou-se para se tapar com farrapos do seu vestido. Eis que notou, por terra, na sua frente, uma cesta oval, sob um montão de folhas cheias de sol — não amarelas ou doiradas — mas brancas, prateadas, semelhantes a uma troixa de roupa branca muito fina. Viu isso, comovida, e ajoelhou. Reparou então que a roupa começava a mexer. Com o coração a bater apressadamente, estendeu a mão — despertou... A sua comoção persistia... Não compreendia porquê...

Veio um dia em que compreendeu... Já não estava só... Nela surgia uma vida, uma vida nova...

As semanas passaram, enquanto ela acalentava o seu universo oculto...

— «Amor, és tu? Amor, tu que me fugiste quando julgava ter-te, voltas para mim? Tenho-te, tenho-te, não me fugirás mais, oh, meu prisioneirozinho, tenho-

-te no meu corpo. Vinga-te! Come-me! Roedor, rói o meu ventre! Nutre-te do meu sangue! Tu és eu própria. És o meu sonho. Visto que não te pude encontrar neste mundo, fiz-te com a minha carne... E, agora, Amor, tenho-te! Sou aquilo que amo! ..»

FIM

A seguir:

O VERÃO

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO
E IMPRESSO, PARA A
PORTUGÁLIA EDITORA,
NA CASA TRIUNFO, EM
SANTIAGO DO CACÉM

ALMA ENCANTADA

II

O VERÃO

ROMAIN ROLLAND

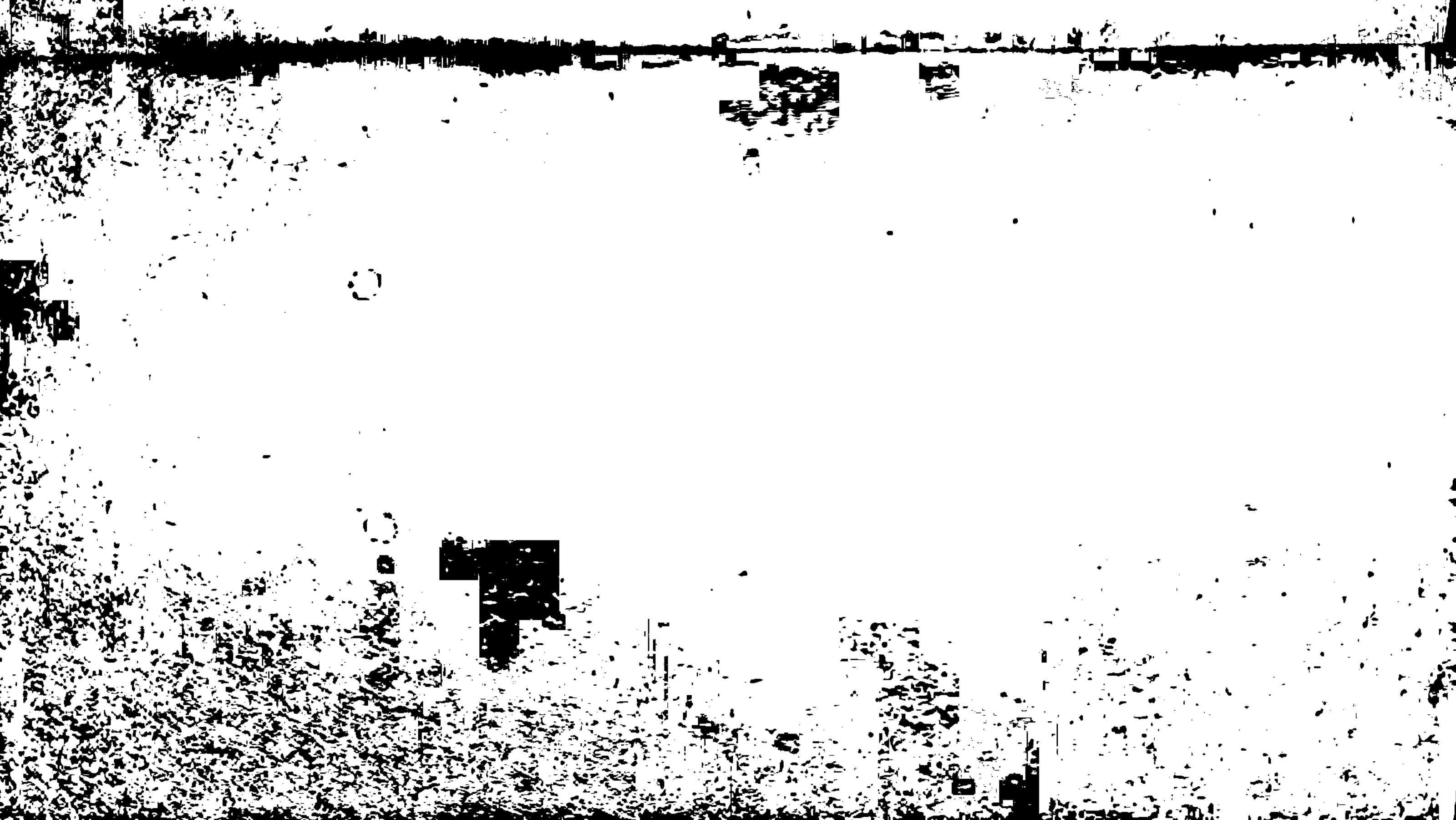
ALMA ENCANTADA

II

O VERÃO

Tradução de
JAIME BRASIL

PORTUGÁLIA EDITORA
LISBOA



PRIMEIRA PARTE

NA meia luz do quarto, de persianas corridas, Anita, sentada na cama e vestida com um penteador branco, sorria. Acabara de lavar o cabelo, que, esparso, lhe cobria as espáduas. Pela janela aberta sentia-se a imobilidade de oiro quente duma tarde de Agosto. Percebia-se lá fora, sem se ver, o torpor do jardim de Bolonha, adormecido ao sol. Anita partilhava dessa beatitude. Podia ficar horas, estendida, sem se mexer, sem pensar, sem necessidade de pensar. Bastava-lhe saber que não estava só. Nem tentava sequer fazer o esforço de falar com o «pequenino» que habitava nela, pois ele (tinha a certeza de ser ele) sentia o que ela sentia, entendiam-se sem se falarem. Ondas de ternura atravessavam o entorpecimento feliz do seu corpo. Depois mergulhava no sorriso sonolento.

Se o espírito estava amodorrado, os sentidos conservavam uma maravilhosa clarividência e acompanhavam, instante por instante, as mais subtis vibrações do ar e da luz... Evolava-se do jardim um suave perfume de morango... Anita deleitava-se com ele, tanto pelas narinas como pela boca. Os seus ouvidos atentos auscultavam os menores ruídos, as folhas afloradas por um sopro, a areia calcada por uns passos, uma voz na rua, um sino a tocar a vésperas e o barulho que subia do grande formi-

gueiro: Paris em 1900... O Verão da Exposição. Na balsa do Campo de Marte fermentavam, ao sol, milhares de cachos humanos... Bastante longe, bastante perto do monstruoso fervedoiro para sentir a sua presença e estar protegida contra ele, Anita gozava, por contraste, da sombra e da paz do ninho. «Vã agitação! A verdade habita em mim...»

O seu ouvido, subtil e distraído, como o dum gato, recebia, um após outro, os ruídos que passavam; mas deixava-os ir, negligentemente. Sentiu, no andar de baixo, tocar a campainha da entrada, e reconheceu os passinhos de Sílvia, sempre a correr. Anita preferia ficar só. Estava, porém, tão sòlidamennte istalada na felicidade que, viesse quem viesse, nada a poderia perturbar.

Sílvia soubera da sua chegada havia apenas oito dias. Desde a última Primavera que estava sem notícias da irmã. Uma aventura pessoal — que não a prendera muito — tivera-a, no entanto, bastante ocupada para não estranhar aquele longo silêncio. Logo que arrumou o seu caso e ficou com o espírito livre para poder pensar na irmã, começou a inquietar-se. Procurou a tia de Bolonha, para saber notícias.

Ficou muito surpreendieda ao saber que Anita regressara. Dispunha-se a ralhar com a esquecida; mas Anita tinha outros motivos de surpresa para lhe dar. Com velada comoção, contara-lhe, dum jacto, a história. Custou muito a Sílvia ouvi-la até ao fim. Que Anita, a ponderada Anita, tivesse feito aquela tolice e recusasse depois o casamento... não; era absurdo e não lhe entrava na cabeça! Como uma Lucrèciazinha, sentia-se escandalizada. Voltou-se contra Anita e tratou-a por insensata. A irmã ficou indiferente. De toda a evidência, nada a faria mudar de atitude.

Sílvia sentia não exercer nenhuma domínio sobre aquela teimosa e tinha vontade de lhe bater... mas, como podia fazer mal àquela cara simpática, que tudo ouvia com o mais calmo dos sorrisos? Depois, havia o secreto encanto daquela maternidade... Sílvia maldizia-a como uma má-sorte; mas era demasiado mulher para não se enternecer com ela.

Voltara, decidida a convencer Anita, a demonstrar o absurdo da sua resistência, a obrigá-la a aceitar o casamento — senão... «senão zango-me!...» Entrou como um pé de vento. Cheirava a guerra e a pó de arroz. Para experimentar forças, antes de dar os bons-dias à irmã, protestou contra aquela mania de passar o tempo encerrada, às escuras. Ao ver, porém, os olhos alegres de Anita, que lhe estendia os braços, correu para ela e beijou-a. Continuava, no entanto a ralhar:

— Doida! Doida! Doida varrida!... Com o cabelo caído sobre o penteador branco, parece um anjo... Ah! como a gente se engana! Santinha de pau carunchoso! Minha grande marota!...

Sacudia-a. Anita deixava-a fazer, com um ar lasso e satisfeito. Sílvia parou no meio da sua cantilena, pegou-lhe na cabeça, afastando-lhe o cabelo:

— Está fresca, rosada... nunca lhe vi tão boas cores. E com um ar triunfante! É mesmo caso para isso! Tu não tens vergonha?!

— Nenhuma! — respondeu Anita. — Sinto-me feliz, como nunca o estive, e tão forte, tão bem disposta! Pela primeira vez na minha vida, sinto-me completa: não ambiciono mais nada. Este desejo, que vai ser satisfeito, de ter um filho, data de muito longe na minha vida! Desde criança... sim... ainda não tinha sete anos... já sonhava com ele.

— Minha grande mentirosa, — interrompeu Sílvia. — Ainda não há seis meses me dizias que nunca tiveste vocação para a maternidade.

— Ah, sim? Eu disse isso? — perguntou Anita, incrédula. Depois, noutro tom, prosseguiu: — É verdade, disse. No entanto, não menti, nem então, nem agora... Como explicar? A verdade é que não invento.

— Conheço a táctica! — disse Sílvia. — Também, quando dou uma cabeçada, me vem logo à ideia que, desde o berço, não penso noutra coisa.

Anita fez um gesto de desagrado:

— Não, não compreendes. A minha verdadeira natureza, a que sinto hoje, é a que tive sempre. Não ousava, porém, confessá-la, antes de a hora chegar: tinha medo dum malogro. Agora... Ah! Agora, bem vejo ser ainda melhor do que esperava... Sou, plenamente, eu. Não quero nada mais...

— Quando querias o Rogério ou o Túlio, — disse Sílvia, maliciosamente, — também não querias mais nada...

— Ah! Tu não compreendes!... Isto não se pode sequer comparar! Quando amei (aquilo a que vocês chamam «amar»), não era eu que queria, era forçada a isso... Como eu sofria com essa força, que me empurrava e à qual não podia resistir! Quantas vezes rezei, para me ver livre dela!... Eis que, justamente, ele, o meu pequenino, veio em meu socorro no momento em que me debatia nos laços do sofrimento a que chamam «amor». Veio e salvou-me... Foi o meu libertador!...

Sílvia pôs-se a rir. Não comprendia nada das razões de sua irmã; mas não tinha necessidade de razões. A esse respeito, as duas irmãs estariam sempre de acordo. Começaram a falar, então, do pequenino que estava para vir (seria um rapaz ou uma rapariga?) e dos mil nadas, graves e fúteis, que dizem respeito à vinda ao mundo duma criança, a propósito dos quais as mulheres nunca se cansam de tagarelar.

Estavam a conversar assim, havia muito tempo,

quando Sílvia se lembrou de ter ido para dar uma rabecada e não para cantar um dueto. Disse:

— Anita, basta de loucuras! Cada coisa no seu lugar. Rogério deve-te casamento. Tens de exigir-lho.

Anita teve um gesto lasso.

— Para que voltar ao mesmo? Já te disse que Rogério mo ofereceu e recusei.

— Pois bem: quando uma vez se foi tolo, é preciso reconhecê-lo e mudar de rumo.

— Não tenho desejo de mudar.

— Por que não queres? Gostavas desse homem. Estou convencida de que ainda gostas dele. Que se passou?

Anita não queria responder. Sílvia insistia e procurava, indiscretamente, razões de ordem íntima, para o desacordo. Anita teve um gesto brusco. Sílvia ficou estupefacta. A irmã tinha uma máscara de maldade, a testa franzida, o olhar irado.

— Que tens tu?

— Nada! — respondeu Anita, voltando-se arrebatadamente.

Sílvia acabara de tocar numa ferida que ela queria esquecer. Por uma contradição, que não poderia explicar e que saía do fundo do seu ser, Anita, que se regozijava com a vinda do filho, detestava o homem que lho tinha dado. Não perdoava a si própria a surpresa dos seus sentidos e a emoção que a tinha levado a entregar-se e não perdoava, também, àquele que se tinha aproveitado disso.

Essa revolta do instinto fora a verdadeira razão oculta (tanto para ela como para os outros) da sua fuga para longe de Rogério e da sua recusa a voltar a vê-lo. No fundo, odiava-o. Odiava-o pelo que o tinha amado. Como a sua inteligência, porém, era leal, reprimia esses instintos, que considerava maus. Por que a forçava Sílvia a trazê-los para o campo da consciência?...

Sílvia olhava para ela; mas não insistiu mais.

Anita, retomada a sua calma, envergonhada do que deixara entrever e visto ela própria, procurando enganar-se, disse, com voz tranquila:

— Não me quero casar. Não fui feita para suportar esses laços exclusivos. Dir-me-ás que milhares de mulheres encontram maneira de se acomodar com eles e que exagero a sua importância. Sou, porém, assim; tomo tudo a sério. Se me dou, dou-me completamente; e, então, sufoco; parece-me que me afogo, com uma pedra ao pescoço. Talvez não seja suficientemente forte! A minha personalidade não é firme. Os laços muito íntimos, os liames, sugam a minha energia; e não me fica o bastante para mim. Esforço-me por agradar ao «outro», por me assemelhar à imagem daquilo que ele desejaria que fosse; e isso acaba mal: pois, por muito renunciarmos à nossa maneira de ser, perdemos o respeito por nós próprios, e não podemos viver assim, ou então revoltamo-nos e fazemos sofrer... Não; sou uma egoísta, Sílvia. Fui feita para viver sòzinha.

Embora não mentisse, só dizia os argumentos que lhe mascaravam a verdade.

— Acho-te graça, — disse Sílvia. — És a mulher menos apta a prescindir do amor.

— Odeio-o, — retorquiu Anita. — Ele não me atingirá, porém, de ora avante. Estou bem protegida.

— Boa protecção essa, — replicou Sílvia. — Não te protegerá nada e és tu quem o deverá proteger. Tu, que não queres ter laços, já reflectiste no entrave que será para ti essa encomendazinha?

— Que felicidade ter os braços ocupados, estes braços tanto tempo vazios!

— Falas antes de tempo. Quem o educará?

— Eu.

— E o pai? Tem direitos sobre o seu filho.

Uma nova vaga de irritação passou pelo rosto de Anita. «Direitos! Direitos sobre o seu filho!... O seu filho! O filho podia lá ser desse homem,

desse minuto de cegueira que ele já esqueceu e que me liga para toda a vida!... Nunca!... O meu filho é para mim!...» Disse:

— O meu filho é só para mim!

— Será de quem lhe agradar...

— Oh! Sei quem lhe agradará...

— Sedutora!... E se, no entanto, um dia, ele te acusar de o teres privado de um pai?

— Ocuparei um tal lugar no seu coração que não haverá lá o mais pequeno lugar para a lembrança de outrem.

— És um monstro de egoísmo.

— Já o disse.

— Serás castigada

— Pois bem, tanto pior para mim, se não me souber fazer amar por ele! Nada poderá impedir que o ame e que seja só meu.

— Se o amas verdadeiramente, deves pensar, primeiro, no seu futuro. Há muitas outras que são obrigadas, no interesse dos filhos, a suportar um casamento que lhes desagrada...

— Revoltas-me, — disse Anita, — ao elogiar essas mulheres que se condenam a um casamento de mentira, e algumas vezes de ódio, por amor dos filhos. Lembras-me aquela mãe que dizia à filha ter sofrido, por ela, um verdadeiro inferno ao conservar-se casada. A filha respondeu-lhe: «Pensas que o inferno seja um bom lar para uma criança?»

— A criança tem necessidade de um pai.

— Que sucede, no entanto, aos milhares delas que passam sem ele? Quantas nunca o conheceram! Quantas, o perderam na sua primeira infância e foram educadas apenas pelas mães! São, por acaso, inferiores às outras? A criança tem necessidade dum amor que a acalente. Por que não lhe há-de bastar o meu?

— Confias demasiado nas tuas forças. Sabes o que te espera?

— Sei, sei! É, à volta do meu pescoço, os bracinhos dum bebé.

— Sabes por que preço a sociedade te fará pagar isso? Vale mais a pena ser uma mulher casada, embora quatro vezes adúltera, do que aquilo que eles castigam com o nome de «mãe solteira». Ousar assumir as penas e os encargos da maternidade sem ter, prèviamente, recebido a estampilha do casamento oficial é coisa que eles não perdoam a uma mulher da sua classe!... Se fosse comigo, era outra coisa! Que nós outras façamos o que quisermos com o nosso corpo, não tem importância. Os burgueses até têm interesse nisso; e é essa a razão por que os vemos prontos a aplaudir, como em «Louise» (*), o amor livre das raparigas do povo. Uma jovem da burguesia é, porém, caça defesa. Tu és a sua propriedade; podem comprar-te, com um contrato lavrado perante um notário. Não podes dar-te, apenas com o céu por testemunha, e dizer: «Estou no meu direito!» Onde iríamos parar, santo Deus, se a propriedade se revoltasse contra os seus donos e dissesse: «Sou livre. Venha quem quiser plantar aqui!...»

Até indignada, Sílvia não podia falar a sério. Anita sorriu e objectou:

— Os costumes foram feitos pelos homens, bem sei. Condenam a mulher que ousa ter os seus filhos fora-do casamento sem se votar toda ao pai deles. Para muitas mulheres, isso é uma escravatura, porque não gostam dos maridos. Muitas, se fossem corajosas, ficariam livres e sòzinhas com os seus filhos. Procurarei sê-lo.

Sílvia exclamou, compadecida:

— Pobre ingénua! Viveste sempre protegida contra as asperezas da vida pelas duplas grades

(*) Obra de Gustave Charpentier, representada pela primeira vez em 1900.

dessa burguesia que te enclausura dentro dos seus preconceitos, mas, também, dentro dos seus privilégios. No dia em que saíres de lá, ela não te deixará mais voltar. Verás, então, o que é a vida!

— Está bem, Sílvia; é assim mesmo. Fui, como dizes, uma privilegiada; é justo que tenha, agora, a minha parte e que, por meu turno, saiba o que vocês sofrem.

— É muito tarde! É preciso aprender desde criança. Na tua idade, já não se pode... Felizmente, és rica, não saberás nunca o que são as dificuldades materiais; mas hás-de sentir as outras, as morais... O teu bando rejeitar-te-á... a opinião pública condenar-te-á; todos os dias sofrerás vexamezinhos... És dotada dum coração sensível e altivo, que sangrará muito.

— Pois, deixá-lo sangrar. Aprecia-se mais a felicidade quando temos de a conquistar. Não quero nada que não seja limpo e honesto... As opiniões dos outros não me interessam.

— E se o teu filho sofrer por causa delas?

— Pois eles atrever-se-ão?... Ah! Mas então lutaremos ambos contra esses cobardes!

Sentou-se na cama e agitou a cabeleira como um leão. Sílvia olhou para ela demoradamente. Quis conservar o seu ar severo, mas não pôde; riu-se, encolheu os ombros e suspirou:

— Pobre louquinha!...

Anita perguntou-lhe com meiguice:

— Hás-de ajudar-nos?

Sílvia beijou-a furiosamente, e disse, cerrando os punhos, ameaçadora:

— Ai de quem te tocar!

Assim que a irmã partiu, Anita, fatigada com a discussão, recaíu no seu sonho. Dessa vez, ganhara a partida a Sílvia! Contudo, da sua conversa, alguma coisa a inquietava: uma frase dita pela irmã... Poderia, realmente, o filho vir um dia a recriminá-la?

Deitada de costas, com as mãos cruzadas no ventre, escutava... Dentro dela, o pequenino começava a mexer-se. Anita, como de costume, falava bem em guardá-lo para si só. Rogava-lhe, instantemente, que lhe disesse se tinha razão e se ele estava contente com isso. Não queria fazer nada que lhe merecesse censura.

Então, o filho, naturalmente, respondeu-lhe que ela fazia bem e que estava contente. Disse-lhe querê-la para si, para si só, e que, para se consagrar a ele, ela devia ser livre e viver sòzinha com ele. Ela e ele. Anita sorriu de contentamento. O seu coração estava tão repleto de alegria que não eram precisas palavras. Com a cabeça pesada, ébria de felicidade, fatigada, adormeceu.

LOGO que o estado de Anita começou a ser visível, Sílvia obrigou a irmã a afastar-se de Paris.

Era o princípio do Outono; os amigos, que se encontravam em férias, não tardariam a voltar. Ao contrário do que poderia recear-se, Anita não opôs nenhuma resistência. Não tinha medo da opinião; mas qualquer motivo de dissentimentos, naquela hora, ser-lhe-ia intolerável: que nada perturbasse a sua harmonia!

Deixou-se conduzir por Sílvia até uma estância da Costa Azul; mas não ficou lá. Não encontrava ali o recolhimento de que precisava. A vizinhança do mar causava-lhe um mal-estar. Anita só gostava da terra firme; podia admirar o oceano, mas não podia viver em intimidade com ele; sofria a fascinação violenta do seu bafo; mas este não lhe era benéfico: despertava nela perturbações ocultas e fazia surgir outras que não queria conhecer... Ainda não! Por enquanto não!... Há seres de quem não se gosta, diz-se, porque se receia vir a amá-los (e, então, por que se amam?). Anita defendia-se contra

o mar, porque se defendia contra si própria, contra uma Anita perigosa, que desejava evitar...

Dirigiu-se para o norte, para perto dos lagos da Sabóia; e estabeleceu o seu quartel de Inverno numa cidadezinha do sopé das montanhas. Sílvia só soube disso depois da instalação feita. Retida em Paris pela sua profissão, só de longe em longe podia fazer algumas breves visitas; e inquietava-se por saber Anita sòzinha naquele recanto perdido. Para Anita, porém, por esse tempo não havia nenhum recanto suficientemente perdido, nem ela se encontrava nunca bastante só. Ter-se-ia deliciado com um eremitério. Quanto mais rica era a sua vida interior, mais necessidade tinha duma atmosfera límpida e sem ruído. Não sofria, como supunha Sílvia, por estar, no seu estado, abandonada a mãos estranhas.

Em primeiro lugar, tinha tanta afeição a dispensar que ninguém lhe parecia estranho; e, como a simpatia atrai a simpatia, para ninguém ficava estranha por muito tempo. Não era por a gente da terra, pouco curiosa, se preocupar em conhecê-la. Saudavam-se e trocavam, de passo, algumas palavras cordiais, à soleira da porta ou por cima das sebes. Estimavam-se. Sem dúvida, em caso de necessidade, não se podia contar muito com essa boa vontade. Era já o bastante, na vida de todos os dias, pois esses dias tornavam-se, assim, mais breves. Anita dava-se melhor com essa benevolente indiferença da boa gente desconhecida, que a deixava tranquila, do que com os cuidados tirânicos dos parentes e dos amigos, que se arrogam pesados direitos de tutela sobre nós...

Meados de Novembro... Sentada junto da janela, Anita, enquanto cosia, olhava para a neve nova nos prados e para as árvores empenachadas. Os seus olhos, porém, iam, de vez em quando, para uma participação de casamento... do casamento de Rogério Brissot com uma jovem da roda

política de Paris (Anita conhecia-a)... Rogério não perdera tempo.

As senhoras Brissot, vexadas pela fuga de Anita, tinham-se apressado a concluir um outro himeneu, antes que a derrota de seu filho fosse conhecida. Rogério, por despeito, ratificara a sua escolha. Anita não podia surpreender-se nem lamentar-se. Esforçava-se até por pensar que estava muito satisfeita com isso, por causa do pobre Rogério. A notícia, porém, impressionava-a mais do que desejava.

Tantas lembranças ainda se lhe agitavam na alma e na carne! Nessa carne, havia aquela vida despertada por ele... No fundo de sombra, as perturbações de outrora surgiam... Não, não, Anita não queria que elas aparecessem! Sentia uma aversão pela sua febre passada. Tudo que é sensual fatigava-a... Desgosto, revolta... E aquela animosidade... (dessa vez confessava-a!...) eco do ódio ancestral da fêmea contra o macho que a fecundou.

Anita cosia, cosia, e queria esquecer. Frequentemente, quando, enervada, via surgir no horizonte uma nuvem perigosa, recorria ao moinho de orações: o trabalho. Então cosia; e os seus pensamentos aquietavam-se, como era preciso... Naquele dia, também, eles se aquietaram. Após uma meia hora de aplicação muda, os cuidados desapareceram e o sorriso voltou. Anita, levantou a cabeça, que tinha inclinada para o trabalho e mostrou uns olhos tranquilos. Disse então:

— Assim seja!

O sol brincava na neve. Anita deixou o trabalho e vestiu-se para sair. Tinha os pés e os artelhos um tanto inchados; mas era preciso andar, e, uma vez na rua, sentia prazer nisso. Passeava consigo o seu companheirinho. Agora, ele já dava sinais de si. À noite, sobretudo, tomava as medidas do ninho, tacteava por toda a parte... «Santo Deus!

Como é estreito! — parecia dizer: — Isto nunca mais acaba?...»

Voltava a dormir. De dia, durante o passeio, portava-se com juízo. Dir-se-ia que olhava com os olhos da mãe, porque a esses olhos tudo parecia novo. Oh! Que frescas cores! A natureza acabava de as lançar à tela. Anita também as tinha bem bonitas nas faces. O seu coração batia com mais força e o sangue afluía-lhe ao rosto. Deliciava-se com os cheiros e os gostos; quando não a podiam ver, comia um bocado de neve do caminho... Delicioso!... Lembrava-se de que, em criança, fazia o mesmo, quando a criada não olhava para ela... Chupava também os caules, húmidos e gelados, isso dava-lhe, ao longo da garganta, um arrepio de gulodice.

Após ter, durante uma hora ou duas, caminhado pelo campo, pelos caminhos nevados, sòzinha e acompanhada, só e toda ela, sob o dossel cinzento do céu de Inverno, ouvindo o ramalhar da sua primaverazinha, voltava para a cidade, com as faces coradas, fustigadas pelo frio, e os olhos brilhantes. Não resistia, diante da pastelaria, à atracção de qualquer guloseima de chocolate ou mel («Como este pequeno é guloso!»).

Depois, ia sentar-se, ao cair da tarde, na igreja, diante dum altar, que era, como o mel, sombrio e cor de oiro. Ela, que não praticava, que não cria (que cria não crer), ficava, até que se fechassem as portas, a sonhar, a rezar, a amar. A noite descia. As lâmpadas do altar, a baloiçar frouxamente, atraíam no escuro os últimos pontos de luz. Anita, dormente, friorenta, um tanto arrepiada na sua capa de lã, aquecia-se ao seu sol. Uma santa calma se apoderava dela. Sonhava para o filho uma vida envolta em doçura, em silêncio e no amor dos seus braços.

A criança nasceu no princípio do ano. Foi um rapaz; Sílvia chegou precisamente a tempo de o aparar. Apesar das suas dores, que lhe arrancavam por vezes um gemido sem lágrimas, Anita, interessada, atenta, um tanto desconsolada, surpreendia-se de assistir ao acontecimento, mais do que de o produzir. A grande comoção que esperava não veio. Desde que começa o trabalho do parto, cai-se numa armadilha. Não há meio de escapar; tem de se ir até ao fim. Então, a resignação vem, e todas as forças tendem para atingir esse fim o mais depressa possível.

O espírito está lúcido, mas todas as suas energias se ocupam inteiramente em suportar as dores. Não se pensa na criança. Não há lugar para sentimentos ternos ou para exaltações. Todos aqueles de que, antes, o coração estava cheio eclipsam-se. É verdadeiramente um «trabalho», duro, apertado, trabalho de carne e de músculos, exclusivamente físico, sem nada de belo ou de benéfico... Até ao momento libertador, em que se sente sair do corpo um corpinho... Finalmente!...

Imediatamente, a alegria reapareceu. Anita, a bater os dentes, esgotada, prestes a cair no fundo dum oceano árctico, estendia as mãos geladas para agarrar e apertar contra o seu corpo, quebrado de fadiga, aquele fruto vivo: o bem-amado!

Desde então desdobrara-se. Já não eram dois em um, como antes. Era, sim, um fragmento de si, separado no espaço como um satèlitezinho a gravitar em volta dum astro, minúsculo valor adicional cujo efeito era, no entanto, imenso na atmosfera psíquica. Coisa estranha: nesse novo par, formado pela segmentação dum ser, o grande apoiava-se no pequeno mais ainda do que o pequeno no grande. Aqueles vagidos eram, na sua fraqueza, uma força para Anita. Oh! A riqueza que dá um amado que

não pode passar sem nós!... Anita, com os seios entumecidos, que aquele animalzinho sugava àvidamente, àvidamente injectava no corpo do seu filho a torrente de leite e de esperança de que estava cheio o seu peito.

Então, começou o primeiro comovente ciclo da *vita nuova,* essa descoberta do mundo, velha como o próprio mundo, e que todas as mães fazem, debruçadas sobre um berço. A infatigável vigilante espreitava, com o coração fremente, o despertar do seu «belo-adormecido-no-bosque». Nos seus olhos de safira — violetas escuras — Anita mirava-se, tanto era o seu brilho. Que via esse olhar, impreciso e sem limites, como o olho imenso do céu, do qual não se pode saber se é vazio ou profundo, mas cuja claridade azul do seu círculo sustém o mundo?...

Que súbitas sombras projectavam, nesse espelho puríssimo, nuvens de sofrimentos, furores invisíveis, paixões desconhecidas, vindas não se sabe de onde? «Vêm do meu passado ou do teu futuro? O anverso ou o reverso da mesma medalha? És o que fui? Sou o que serás? Que serás tu? Que sou eu?...» Anita interrogava-se nos olhos da sua esfinge. Olhava, hora a hora, para essa consciência que subia do abismo e revivia, sem o saber, nesse *homunculos,* o nascimento da humanidade.

Uma a uma, o pequeno Marcos abria as suas janelas para o mundo. Começaram a passar, pela superfície muito igual do olhar líquido, clarões mais precisos, assim como um voo de ave que procura onde poisar. Após algumas semanas, no arbusto vivo apareceu a flor do sorriso. Depois, as aves instaladas na moita começaram a ramalhar... Passara já o trágico pesadelo dos primeiros dias! Passaram o pavor da terra desconhecida e os gritos do ser brutalmente arrancado ao cerne maternal, projectado nu e magoado sob a luz cruel!...

O homenzinho, já senhor de si, tomara posse

da vida. Achava-a boa. Explorava-a, apalpava-a e saboreava-a gulosamente, com a boca, com os olhos, com os pés, com as mãos, com os rins. Festejava a sua presa, e a brincar, maravilhado, com os sons que saíam da sua garganta. Uma presa mais: a sua voz! Ouvia-se cantar; mas não gozava desse canto com mais delícia do que sua mãe. Anita embriagava-se com ele. Essa vozinha de regato fazia-lhe derreter o coração. Os próprios gritos agudos atravessavam-lhe o tímpano com uma estranha voluptuosidade.

— Grita bem alto, meu querido! Sim, afirma a tua vida!

Marcos afirmava-a, com uma energia que não tinha necessidade de ser encorajada. Alegria, cólera, caprichos, tudo servia para gritar em todos os tons. Anita, mãe noviça e deplorável educadora, achava tudo encantador. Não tinha forças para resistir aos apelos tirânicos. Preferia levantar-se dez vezes, durante a noite, só para não o ouvir chorar. De manhã à noite, deixava-se sugar por aquela ávida sanguessuga. A criança não se dava bem com isso, e a mãe dava-se muito mal.

Ao voltar a ver a irmã, na Primavera, Sílvia achou-a mais magra e inquietou-se. Anita exteriorizava sempre a mesma felicidade, mas a sua expressão tornara-se um tanto febril. As lágrimas subiam-lhe aos olhos por uma simples palavra afectuosa. Conveio não dormir o bastante. Não sabia fazer que a servissem convenientemente e estava desprevenida, ante as dificuldades práticas, e os cuidados a ter com a saúde da criança.

Ao dizê-lo, afectava rir da sua fraqueza; mas a sua confiança do princípio tinha desaparecido. Estava surpreendida por verificar que não era tão robusta como supunha. Nunca estivera doente. Não sabia qual o limite das suas forças e julgava poder dispor delas sem conta nem medida. Percebia que

esse limite era escasso e que não podia ultrapassá-lo impunemente... Que coisa frágil a vida!

Noutras circunstâncias, esta verificação não a impressionaria. Presentemente, a sua vida tinha-se desdobrado, e sobre essa coisa frágil uma outra se apoiava, ainda mais frágil... Santo Deus! Que se passaria, se ela desaparecesse. Nas suas noites de insónia, Anita muitas vezes ruminava esse receio... Escutava o sono da criança; e a menor alteração da sua respiração, um sopro um nada mais vivo, um lamento ou o silêncio suspendiam as pancadas do seu coração.

Desde que a inquietação entrou nela, instalou-se. Anita não voltou a conhecer a augusta calma das horas nocturnas, em que o corpo sem movimento e a alma alheada de pensar, a sonhar sem dormir, flutuavam como flores aquáticas, imóveis no lago da noite. Elisíaca quietude, cuja graça só a sente o coração, quando a perde... De ora avante, em cada momento, a alma desconfiada estará à espreita. No que parece mais seguro, dissimula-se uma ameaça.

Sílvia não se enganava. No sorriso corajoso de Anita, a rir da sua fraqueza, entrevia a perturbação física e a necessidade animal de se aproximar do rebanho. Decidiu que Anita devia deixar o seu retiro e ir instalar-se, a algumas horas de Paris, numa casa de campo, onde Sílvia poderia ir vê-la quase todos os dias, sem que a notícia do seu regresso se espalhasse. Anita não opôs quaisquer dificuldades em voltar, mas abertamente, para a sua casa de Paris. Não admitiu nenhuma objecção. Em vão Sílvia lhe mostrou não ser isso prudente e ir correr o risco de perturbar a sua tranquilidade. Anita teimou. O seu orgulho não suportava parecer que fugia perante a opinião pública.

Durante o ano feliz em que gerou o filho, não pensara nessa opinião. Vivia só com a sua feli-

cidade; não havia lugar para os outros. Havia alguns meses, porém, que, se a sua felicidade não diminuira, desejava dá-la a saber a toda a gente. Era-lhe penoso dizerem que tinha de a ocultar. À força de pensar nisso, sentiu-se vexada. Como?! Aquela jóia, que era o seu orgulho, tinha de dissimulá-la como uma coisa vergonhosa? Isso tinha o ar de renegar o seu filho!...

— Renegar-te, meu tesoiro!... (beijava-o apaixonadamente)... Não deveria ter fugido, deveria ter-te imposto, desde o primeiro dia. Basta, porém, de esconderijos! Direi, mostrando-te: «Vejam o meu lindo filho! Têm outro igual, digam, as outras mães?...»

REGRESOU a Paris e instalou-se. A filha de Raúl Rivière sabia que não seria muito fácil fazer aceitar a sua situação. Apesar do sentimento de desdém pelas bocas do mundo — que herdara de seu pai — não aprendera com este a submeter-se, aparentemente, aos preconceitos desse mesmo mundo, para melhor dissimular. Pretendia fazer-lhes frente e acabar por vencer.

A sua primeira experiência foi bastante favorável. A velha tia Vitorina, na ausência de Anita, ficara a tomar conta da casa, como era o costume havia longos anos. Essa velhinha de mais de sessenta anos tinha cores frescas, faces sem rugas e o cabelo encanudado em volta do rosto. Calma, doce, inofensivamente timorata, soubera conservar-se ao abrigo de tudo que a pudesse incomodar. Desde a sua infância, Anita vira sempre em casa a tia Vitorina, que a aliviava das maçadas domésticas, olhava pela limpeza, pelas comodidades, pela cozinha (porque era gulosa). Desempenhava o papel duma velha governanta da família, diante de quem se está à vontade, por ser

como um móvel da casa, e cujas opiniões não contam, porque em regra não as tem.

No decurso dos trinta anos que passou em casa de seu irmão, a tia Vitorina tinha podido ver e ouvir muita coisa extraordinária; mas não viu nem ouviu nada. Para que visse o que não desejava ver, era preciso obrigá-la a isso. Raúl bem o sabia. No seu círculo de íntimos, chamava-lhe a «surda-muda do serralho». Ria-se dela na sua cara, troçava-a, provocava-a, chamava-lhe «grande tonta!» Deixava-a choramingar e depois fazia-lhe festas, beijava-a ruidosamente nas duas faces, e fazia-se embalar por ela como uma criança. Vitorina guardara dele a lembrança de um coração de oiro — e, o que mais é, de um santo homem — o que teria divertido muito na sua sepultura, se para um Raúl Rivière, amador infatigável das coisas deste mundo, houvesse divertimentos no outro!

Não foi difícil para Anita gravar no espírito da tia Vitorina uma impressão sua não menos favorável. Herdara, com a casa, o culto que o velho gato de borralho votava ao seu proprietário. Tratava-se de não contrariar a tia nas suas ilusões. Anita vacilou muito, antes de se decidir. Mantivera a tia na ignorância da sua aventura. Dera por pretexto, para se ausentar de Paris, falta de saúde e o desejo de viajar. Por pouco verosímil que isso fosse, a tia pareceu acreditar; não era curiosa e receava as notícias que a pudessem inquietar. Foi, no entanto, obrigada a sabê-las por fim.

Após o nascimento da criança, Sílvia encarregou-se de lhe participar o acontecimento. A pobre mulher ficou desolada. Custou-lhe muito a compreender a situação, que nunca poderia ter previsto. Escreveu a Anita cartas tão aflitas, tão obscuras, que a sobrinha chegou a supor — a juventude não tem respeito por nada! — que era a tia Vitorina que dera à luz. Consolou-a, como pôde.

Sílvia estava convencida de que a velha tia deixaria a casa. Ora, deixar a casa seria a última ideia que acudiria à tia Vitorina. Quanto ao resto, o seu espírito agitava-se numa desordem inextricável. Sentia-se incapaz de dar um conselho. Tomara que lhos dessem a ela. Só sabia lamentar-se. Não se vive, porém, de lamentações; e, como é preciso viver, acabou por descobrir na desgraça de Anita um castigo do céu. Começava a habituar-se a essa ideia, na ausência da sobrinha, cujo afastamento a mantinha a distância do que de desagradável se passara, quando Anita anunciou o seu regresso.

Anita sentia-se comovida, ao regressar a casa. Sílvia fora esperá-la à estação. A tia Vitorina não pôde resolver-se a isso; e, quando ouviu abrir-se a porta da casa, subiu precipitadamente a escada, de que tinha descido metade, e correu a fechar-se no seu quarto. Anita foi encontrá-la lá a chorar. A tia, ao beijá-la repetia:

— Minha pobre pequena!... Mas como foi possível?... Como...

Anita, mais perturbada do que queria parecer, fingia-se muita senhora de si, e disse, a rir, mas com um tom brusco:

— Teremos muito tempo para to contar!... Agora vamos jantar!

A pobre senhora deixava-se levar; mas continuava a lagrimejar, enquanto Anita dizia:

— Ora! Ora!... Minha tia... não é preciso corar...

A tia procurava lembrar-se do que desejava dizer-lhe; era uma porção de coisas: lamentações, censuras, perguntas, queixas... De tudo isso, porém, não lhe acudia nada; só podia dar grandes suspiros. Anita, bruscamente, pô-la em presença do bebé, que dormia como um bem-aventurado, com todo o seu corpinho tenro, de cabeça inclinada.

A tia caiu em êxtase, juntando as mãos. A sua

velha alma serviçal imediatamente fez um novo contrato de prestação de serviços ao que passava a ser o dono da casa. Desde esse momento, atrelou-se, rejuvenescida, ao carro daquele pequenino deus. Por momentos, vinha-lhe à ideia que ele era, apesar de tudo, um objecto de escândalo e voltava à sua desorientação. Anita, que falava com uma indiferença afectada, espiava com o canto do olho o velho rosto que se alongava:

— Então?! Que é isso? — perguntava. — Tem de ter paciência!

A tia voltava, uma vez mais, às suas confusas lamentações.

— Pois sim, — dizia Anita, batendo-lhe nas mãos, — pois sim!... Finalmente, que querias tu? Que perdêssemos o nosso querido pequenino?

(Sabia muito bem o que fazia acentuando meigamente o «nosso»).

A tia, supersticiosa, protestava, perturbada:

— Anita, não digas isso! Valha-me Deus!... Como podes pensar semelhante coisa?!...

— Então, não faças essa cara! Visto que o nosso pequenino está aqui; visto ter vindo, que se pode fazer agora? Que podemos fazer de melhor se não amá-lo e sermos felizes?

A tia poderia retorquir-lhe: «Sim; mas por que veio ele?» Não tinha forças para o dizer. No entanto, a moral impunha-lhe que o dissesse como a sociedade, a religião, a dignidade e a tranquilidade. O seu mais íntimo pensamento, no fundo, que não ousava sequer confessar, era: «Meu Deus! Se, ao menos, esta infeliz rapariga não me tivesse dito nada!...»

Enfim, na impossibilidade de harmonizar tantos pensamentos contraditórios, a tia Vitorina acabou por renunciar a pensar. Entregou-se ao seu instinto e fez como as velhas galinhas que criam os pintos das outras. Aceitou o que se passara. Anita não teve, porém, de que se felicitar com isso. Há

conquistas que trazem mais contrariedades do que vantagens. Por intermédio da tia, não tardaram em introduzir-se as perturbações exteriores.

A tia era faladora e prestava atenção ao que a vizinhança dizia acerca do regresso da sobrinha. Vinha, a correr, lacrimejante, contá-lo a Anita. Esta fazia-a calar, afectuosamente; mas não deixava de ser impressionada por esses ditos de senhoras vizinhas. Quando a velha entrava, era ela quem se interrogava, inquieta: «Que irá ela contar-me ainda?»

Proibiu-a de falar; mas, quando a tia se calou, foi ainda pior, com as suas reticências, os seus suspiros e os seus ares compungidos. Anita acumulou, então, um despeito irritado contra essa opinião pública venenosa, que fingia ignorar. Se fosse prudente, teria evitado, pelo menos, a ocasião de a suportar. Era, porém, demasiado viva para ser prudente.

Só se é prudente depois de ter padecido por o não ser. A natureza humana é feita de tal sorte que Anita, embora simulasse voltar desdenhosamente as costas ao juízos do mundo, desejava saber o que diziam dela nas suas costas. Tremia, receosa, todas as manhãs, de que o dia não passasse sem lhe trazer o eco de algumas palavras desagradáveis; mas, nos dias em que essas palavras não iam ter com ela, estava disposta a ir buscá-las.

Pouparam-lhe esse trabalho. Recebeu da família, de primos, de primas, com quem só mantinha longínquas relações de parentesco, cartas escandalizadas e lições intoleráveis. A sua pretensão de se erigirem em juízes da sua conduta e em campeões, contra ela, da honra da família, deveria parecer menos irritante do que grotesca a quem sabia, como Anita, — bem instruída por seu pai da crónica secreta deles, — o que valia a rasoira desses Aristarcos. Anita, porém, não ria; punha-se nas suas tamanquinhas e ripostava com uma réplica

mordente, que juntava o rancor aos outros motivos de condenação e tornava esta implacável.

Esses censores ainda podiam invocar, para explicar a sua intervenção, os direitos, embora abusivos, mas costumeiros, da parentela. Que direitos, porém, possuíam, para a tratar com rigor, estranhos que nada tinham que ver se ela usava de si própria como entendia? Ao encontrar na rua uma amável mundana, cujo salão outrora frequentara, deteve-se para trocar com ela algumas palavras de cortesia. A outra examinara-a com olhos curiosos, deixava-a falar, limitara-se a responder-lhe e afastara-se com fria polidez.

Outra, a quem Anita escreveu a pedir um esclarecimento, não lhe respondeu. Prosseguiu no seu inquérito e dirigiu-se a uma amiga de sua mãe, uma senhora de idade, a quem respeitava e que lhe mostrara certa afeição. Prometia ir vê-la. Recebeu como resposta uma carta atrapalhada, a exprimir o pesar de não a poder receber: tinham de sair de Paris... Essas adagadazinhas repetidas tornavam a sua sensibilidade inquieta. Anita tinha medo de receber outras afrontas; mas o mais estranho era que esse medo impelia-a, nervosamente, a provocá-las.

Isso sucedeu-lhe com a sua amiga Lucília Cordier. As duas conheciam-se havia muito tempo. Na sociedade que frequentavam, Lucília era a preferida de Anita, e, embora não fossem muito íntimas, gostavam de se ver de tempos a tempos. Anita soube, pela tia, que a irmã de Lucília se casara havia pouco tempo. Não tinha, contudo, recebido nenhuma participação de Lucília. Escreveu-lhe para a felicitar. Lucília não respondeu. Anita devia saber já o bastante para não insistir. No entanto, insistiu, para ter bem a certeza, por estranho gosto pelo sofrimento.

Foi a casa de Lucília. Da sala, vinha um ruído de vozes. Era o dia das visitas. Lembrou-se disso

ao entrar. Era já tarde para recuar... A conversa parecia animada. Uma dúzia de pessoas, quase todas conhecidas de Anita. Quando ela apareceu, todas se calaram. Isso durou apenas alguns segundos. Anita, angustiada, mas convencida de ser um combate que se travava, entrou de sorriso nos lábios e, sem olhar para a direita nem para a esquerda, dirigiu-se a Lucília, que se levantou contrafeita.

Era uma loirinha, de olhos pequeninos, meigos, doces e finos, de cara franzida, focinhito de rato, com os dentes para a frente. Espirituosa, indiferente às pessoas e às ideias, dava-se ares de se apaixonar por estas e por se ligar àquelas, era prudente, pouco franca, fraca, gostava de agradar, fazia tudo para não ficar de mal com ninguém e procurava sempre que as coisas se arranjassem.

O procedimento de Anita, pelo que lhe dizia respeito, não a escandalizara muito. O seu curioso narizinho agudo, sempre à espreita, achava graça ao escândalo. A aventura, que considerava absurda, tê-la-ia simplesmente divertido se, sob o aspecto mundano, isso não a prejudicasse. Quando Anita lhe escreveu, a dizer que estava de regresso, Lucília pensou: «Que maçada! Que lhe vou dizer?»

Não queria magoar Anita; mas não queria também correr o risco de que pensassem mal dela. Por não encontrar solução, adiou sucessivamente a resposta. Preparava-se para voltar a ver Anita, mais tarde (não havia pressa nenhuma!) sem que a sociedade o soubesse. Isso não a impedia de censurar Anita e de adoptar a seu respeito, como essa mesma sociedade, ares escandalizados...

Eis que a brusca aparição de Anita a punha («É muito forte!...») na obrigação imediata de escolher! Lucília ficou mais irritada com Anita por lhe ter feito aquela partida do que por ter feito um filho... («Fizesse até dois, se isso lhe agradava, mas que não viesse maçar-me!»)

Com um fugidio faiscar de raiva nos olhos, ràpidamente disfarçado, apertou a mão que Anita lhe estendia, e respondeu ao sorriso dela com sorriso melífluo que Anita lhe conhecia (não se resistia a essa terna sedução). Isso não durou muito tempo. Com os olhos em movimento e o ouvido à escuta, Lucília percebeu imediatamente a ironia da assistência. Instantâneamente, a sua expressão tomou um ar gelado. Após algumas palavras de cortesia, retomou, com afectação, a conversa interrompida. Como por um tácito acordo, todas se puseram a falar.

Anita, deixada fora da conversação, sentiu-se repelida. Não o queria, porém, aceitar. Conhecia a fraqueza de carácter de Lucília. Armada com o seu altivo sorriso, sentada no meio de um grupo que, sem parecer vê-la, se mostrava muito ocupado na troca de impressões tão animadas como vazias de sentido, observava, com olhos tranquilos, a assistência. Os olhares que se cruzavam com o seu pestenejavam, para o evitar. Um par de olhos, porém, não teve tempo de escapar. Ficara preso ao olhar dela, com um despeito irritado. Anita reconheceu as largas faces rosadas de Maria-Luísa de Baudru, filha dum rico notário, casada com um magistrado, cuja parentela mantinha com os Rivières velhas relações de cordial sociabilidade e de profunda antipatia.

Maria-Luísa de Baudru encarnava, na sua imponente personalidade, os mais sólidos atributos da sua classe — a grande burguesia —: a ordem, a probidade, a ausência de curiosidade, a falta de caridade de coração e, sobretudo, de espírito, todas as virtudes legais, uma inabalável fé verbal, vazia de dúvidas e de ideias, e o culto religioso da propriedade, de todas as propriedades: a sua família, os seus bens, a sua pátria, a sua religião, a sua moral, a sua tradição, as suas negações. Em suma: o eu maciço e compacto, como um bloco que tapa

o sol. Nenhum espaço, ao lado, para o tonel de Diógenes!

Nada repugnava tanto aos Baudrus como a independência, fosse ela qual fosse: religiosa, moral, intelectual, política ou social. Aversão visceral! Confundiam todas as formas dela sob a injúria comum de «anarquismo». Tinham farejado sempre esse anarquismo nos Rivières. Por instinto, Maria-Luísa, como todos os seus, suspeitava de Anita. Não perdoava a esta a liberdade de que gozara na sua educação e na sua vida de rapariga. Talvez um grãozinho de inveja se misturasse a esse juízo severo. Uma unica consideração a retinha: a fortuna dos Rivières. A riqueza determina a estima, é uma das colunas — a mais firme — da ordem social. Sob a condição, porém, de não abalar a sua base: a família legal.

Os sustentáculos da sociedade velam pela sua conservação e não é bom mexer nisso. Anita tinha desrespeitado os dogmas fundamentais. O cão de guarda estava atento. No entanto, calava-se. Não ladrava em sociedade. O seu olhar, todavia, falava por ele. Anita leu no de Maria-Luísa de Baudru um desprezo irado. Os seus olhos poisaram tranquilamente nos daquele juiz bochechudo; e, fazendo com a cabeça um pequeno cumprimento familiar, forçou-a a corresponder. Maria Luísa, vexada por não poder resistir a essa exigência, cumprimentou-a. Vingou-se, porém, com um olhar ainda mais duro. Anita, indiferente, deixara já de olhar para ela; os seus olhos, que davam a volta à sala, fixaram-se em Lucília.

Muito à vontade, introduziu-se na conversação já começada, atalhou com uma reflexão o que dizia Lucília, obrigando-a a replicar. Houve que dar-lhe lugar. Não podiam evitar escutá-la, polida, curiosamente, e até com agrado, porque Anita tinha espírito. Não lhe respondiam, porém; fingiam-se distraídas, falavam de outra coisa. A conversação

baixava, voltava a acender-se aqui e ali, mudava de assunto.

Anita ouvia-se, no silêncio geral, a discorrer com um tom desprendido. Escutava a sua voz como se fosse a duma estranha. Como verdadeira mulher que era, delicada, sensível, altiva, não perdia nada dessas humilhaçõezinhas. Habituada desde a infância a ler e a manejar a linguagem mentirosa dos salões, sabia decifrar — sob o véu das faltas de atenção propositadas, dos sorrisos equívocos, da polidez sem franqueza — a intenção de ferir. Sofria, mas ria; e continuava a falar. As outras pensavam: «Que audácia, a desta menina!».

Lucília aproveitou a partida duma das visitas para a acompanhar à porta e afastar-se assim de Anita que ficou isolada, no meio dum grupo decidido a ignorá-la. Renunciou a prolongar a provação, e ia levantar-se para, por sua vez, partir, quando Marcelo Franck, atravessou a sala e se dirigiu a ela. Entrara havia pouco tempo, sem que Anita o tivesse notado, visto toda a sua atenção estar aplicada ao esforço de não ceder ao abatimento que aos poucos se apoderava dela. Marcelo, ao vê-la a falar, com uma comiseração não isenta de troça, admirava a sua coragem, e dizia para si: «Que a obrigava a vir fazer frente a estas malcriadas? Maluquinha!... É engraçado!...»

Marcelo decidiu estender-lhe um braço salvador. Cumprimentou-a amàvelmente. Os olhos reconhecidos de Anita iluminaram-se. Todos se calaram à sua volta. Todas aquelas caras desconfiadas a espiavam quando ele disse:

— Finalmente, grande viajante, ei-la de volta. Contemplou bastante o «céu azul do Mediterrâneo»?

Queria encaminhar a conversa para um tema inofensivo. Anita, porém (que demónio a impeliu: orgulho, instinto de luta ou simplesmente franqueza?), respondeu alegremente:

— No que respeita a azul, só contemplo, há meses, o dos olhos do meu filho.

Um sopro de ironia passou pela assistência. Houve sorrisos, olhadelas trocadas discretamente. Maria-Luísa de Baudru levantou-se, indignada; e, muito corada, o peito opulento inchado de colérico desprezo, quase a fazer rebentar o espartilho, arrastou a sua cadeira e, sem cumprimentar ninguém, dirigiu-se para a porta e saiu. A temperatura da sala desceu alguns graus. Anita ficou isolada no seu canto com Marcelo Franck que a fitou, e entre compadecido e irónico, murmurou:

— Imprudente!

— Imprudente... por quê? — perguntou Anita, em voz alta.

Com o olhar, pareceu procurar alguma coisa a seus pés. Depois, ergueu-se sem precipitação e, friamente, cumprimentou, cumprimentaram-na, e saiu.

Quem a visse na rua, a andar com o seu passo rítmico, de cabeça levantada, um ar frio, correcto, indiferente, não suspeitaria da tempestade de desdém que agitava o seu coração ferido. Uma vez em Bolonha, quando se fechou no seu quarto com o filho, parecia que o sufocava com lágrimas amargas. Depois, riu, num desafio.

NÃO faltavam, em Paris, meios inteligentes onde Anita pudesse ser dignamente acolhida, sobretudo numa sociedade que deveria ser familiar à filha do arquitecto Rivière: a dos artistas que vivem à margem do filisteísmo social e que, dotados, no entanto, do mais tradicional espírito de família, são despidos de preconceitos e até nas uniões livres conservam as virtudes burguesas. Anita, porém, dava-se pouco com as mulheres de artistas. De espírito muito ordenado, de modos reservados, nada boémia, apreciava pouco as suas

maneiras e a sua conversação, embora rendesse homenagem às suas grandes qualidades: coragem, boa disposição, tenacidade. É preciso dizê-lo: as relações, na vida ordinária, baseiam-se muito menos na estima do que numa comunhão de instintos e de hábitos.

Na verdade, também, Raul Rivière havia muito tempo que deixara pelo caminho os seus antigos companheiros. Logo que os seus triunfos lhe permitiram atingir a riqueza e as honrarias oficiais, esse homem de fortes apetites rompera com a *haud aurea mediocritas*. Demasiado inteligente para deixar de apreciar o convívio dos homens de trabalho, mais do que os dos salões e dos círculos parisienses, — que na intimidade criticava com cruel ironia — instalara-se nessa sociedade, porque poderia aproveitar-se dela. Continuara a ter escapadas, a ocultas, para outros meios muito variados, onde encontrava possibilidades de satisfazer a sua paixão dos prazeres e a sua desenfreada ânsia de independência, pois tinha uma dupla, ou mesmo tripla, vida. Poucos, porém, sabiam isso; e sua filha só conhecia dele a vida exterior e dos negócios.

O círculo de relações de Anita era, a bem dizer, limitado a essa grande burguesia, rica, bastante distinta, que, nova classe reinante, acabara por criar para si uma espécie de tradição, que lhe permitia, com os outros atributos do poder, adquirir luzes acerca de tudo; mas luzes de candeeiro com quebra-luz, que nada receiam tanto como ter de alargar o círculo de claridade sobre a mesa ou deslocá-lo, porque a mínima modificação correria o risco de abalar as suas certezas.

Anita, que, instintivamente, gostava de luz, procurava-a onde a podia encontrar: nos seus estudos universitários, que essa mesma sociedade julgara pretensiosos; mas a luz que recebia daí era bem froixa: luz das salas de aulas e das bibliotecas, nunca directa e sempre reflexa. Anita adquirira lá

essa ousadia de pensar, toda abstracta, que não excluía, entre os melhores dos seus camaradas, uma timidez para as coisas práticas e uma completa desorientação ante a realidade. Um outro véu se interpunha entre os seus olhos e a claridade exterior: a sua fortuna.

Por muito que o não quisesse, essa barreira separava-a da grande comunidade. Anita ignorava até que ponto se encontrava emparedada. É esse o reverso da riqueza: couto privilegiado, mas couto, prados murados. Isso não era tudo: desde o momento em que era preciso sair de lá, Anita, que, havia muito, admitia sem receios tal eventualidade, já não a aceitava.

Condenem-na os que reprovam a falta de lógica! O homem — a mulher ainda menos — não é feito duma só peça, principalmente nas idades de transição, em que os instintos de revolta e de renovação se embrecham com os hábitos conservadores que os paralisam. Não nos separamos, dum momento para o outro, dos preconceitos do meio e das necessidades contraídas. Nem sequer os espíritos mais livres. Há receios, dúvidas, e desejaríamos não perder nada, conservar tudo.

A sincera Anita, que tinha necessidade de ser livre e não queria mentir, não desejaria, no entanto, sacrificar a isso as vantagens adquiridas. Consentia em separar-se da sua roda social; não suportava ser repelida por ela. Não aceitava a deposição. O seu orgulho juvenil, a que a vida não fizera ainda baixar a crista, recusava-se a procurar asilo noutro meio socialmente mais modesto, embora ela o estimasse mais. Seria, aos olhos da sociedade, declarar-se vencida. Era preferível ficar isolada, a ser desclassificada.

Por medíocre que fosse esta preocupação, não era de todo desarrazoada. Na luta travada entre o convencionalismo duma classe e um dos seus membros revoltado que o desafia, a classe faz um bloco

contra o imprudente e repele-o para fora das suas fronteiras, incita-o a emigrar e espreita os seus desfalecimentos para justificar a sua sentença. Até na boa natureza, logo que aparece um sintoma de fraqueza ou que uma presa parece mostrar-se desprotegida, cobrem-na imediatamente as teias de aranha. Nisso não há nada de tortuoso, aliás, nada de traiçoeiro! É a lei da natureza, que está sempre a caçar. Cada um, chegado o momento, é caçador ou caça; Anita era caça.

Os caçadores apareceram. Com toda a simplicidade, Anita recebeu a visita do seu amigo Marcelo Franck. Estava sòzinha em casa. O filho saíra para o passeio de todos os dias, acompanhado pela tia. Anita, um tanto fatigada, ficara no seu quarto. Não esperava ver ninguém; mas, quando lhe entregaram o bilhete de visita de Marcelo, satisfeita, mandou-o entrar. Estava-lhe grata por ter tomado o seu partido em casa de Lucília. Evidentemente que sem se comprometer! Ela, porém, não pedia tanto!

Recebeu-o como a um velho amigo, muito à vontade, estendida numa cadeira de braços. Estava ainda vestida com a sem-cerimónia da manhã. Desde que era mãe, já não tinha aquelas preocupações de ordem e de minuciosa correcção de que Sílvia troçava. Marcelo não se contrariou com isso. Achou-a mais bonita, doce e fresca, um tanto mais gorda, com um terno langor e um brilho de felicidade no olhar. Anita falava com despreocupação. Tinha prazer em reencontrar o confidente perspicaz das suas hesitações, apreciava a sua inteligência, o tacto dos seus pensamentos; inspirava-lhe confiança.

Franck mostrava-se, como sempre, delicadamente compreensivo, cordial, mas, desde o começo da entrevista, com uma certa familiariedade nova que lhe desagradava. Recordaram-se do seu último encontro, antes das desagradáveis férias de Anita, na Borgonha, em casa dos Brissots; e Anita concordou que Marcelo previra bem o que deveria acon-

tecer. Só queria falar da impossibilidade do seu casamento com Rogério; mas corou, ao pensar que Marcelo compreendia outra coisa e acharia graça a isso. Marcelo, maliciosamente, dizia:

— Previu-o tanto como eu.

Ria do jeito que as coisas tinham tomado. Tinha o ar de ser um tanto cúmplice. Anita sentia uma confusão, que ocultava sob uma máscara de ironia. Marcelo insistiu:

— Previu-o muito melhor do que eu. Nós, homens, caímos no ridículo de pretender que podemos dispensar às mulheres a nossa preciosa prudência; e deixamo-nos apanhar, quando, com a sua voz sedutora e os seus bonitos olhos, nos perguntam ansiosamente que devem fazer. Elas sabem-no muito bem; mas lisonjeiam a nossa mania: gostamos de dar conselhos. No entanto, elas é que podem dar-nos lições! Quando prognostiquei que não a apanhariam na rede dos Brissots, não supunha, no entanto, que saíria das suas malhas de forma tão magistral. É duma bela audácia! Vamos lá!... Quando se decide a fazer uma coisa!... Felicito-a pela sua intrepidez...

Anita ouvia-o contrariada. Aquilo era muito estranho! Pretendia reivindicar o seu direito de proceder como procedeu; no outro dia, em casa de Lucília, estava pronta a proclamá-lo, contra o universo inteiro, sentia-se, porém, pouco à vontade ao ouvir elogiar o seu acto, naquele tom, por Marcelo! Sentia-se magoada no seu pudor e na sua dignidade. Disse-lhe:

— Não me felicite! Sou menos audaciosa do que supõe. Não desejei antecipadamente o que aconteceu. Não o previa...

Depois, presa dum escrúpulo e demasiado altiva para mentir, continuou:

— Ou, melhor: sim, tinha pensado nisso; mas era para o temer e não para o desejar. É isso que continua incompreensível para mim: como àquilo

que receava, àquilo que não queria, o fui procurar por minhas mãos?

— É natural, — respondeu Marcelo. — Aquilo que se receia hipnotiza. No fundo, não se pode dizer que aquilo que se receia não se deseja. Ousar, porém, aquilo que se receia é do que nem todos são capazes. Anita ousou. Ousou enganar-se. É preciso que nos enganemos na vida. Enganar-se é conhecer. É preciso conhecer... Simplesmente, embora ousasse, creio, minha pobre amiga, que poderia ter tomado certas precauções; o seu par parece-me muito culpado de a ter deixado suportar essa carga.

Anita, um tanto contrariada, retorquiu:

— Para mim, não é uma carga.

Marcelo pensou que Anita, generosamente, queria desculpar Rogério e disse:

— Ainda o ama?

— A quem? — perguntou Anita.

— Bem! — disse Marcelo a rir. — Já o não ama.

— Amo o meu filho, — replicou Anita. — O resto pertence ao passado. Ora, o passado não se sabe se chegou a ser. Já não se compreende. É triste.

— Isso tem o seu encanto, — observou Marcelo.

— Não o aprecio, — retorquiu Anita. — Não sou uma «dilettante». O meu filho, porém, é o presente e um presente que durará tanto como eu.

— O presente que nos repele e pelo qual será, um dia, por seu turno, do passado.

— Pior para mim! — replicou Anita. — Ainda será bom ser pisada pelos seus pèzinhos.

Marcelo riu desse tom apaixonado. Anita continuou:

— Não pode compreender-me. Não viu o meu Marcos, a minha minúscula obra-prima. Embora o visse, não saberia vê-lo. Sabe apreciar os quadros, as estátuas, os brinquedos inúteis. Não pode apre-

ciar a única maravilha: o corpo duma criancinha. Não serviria de nada descrever-lho...

Apesar de tudo, descreveu-o, demorada, amorosamente. Ria das suas expressões ardentes, exageradas, mas era a presa delas. Interrompeu-se ao reparar no sorriso indulgente, um tanto irónico, de Marcelo.

— Aborreço-o... Desculpe!... Não me compreende?

Sim! Marcelo compreendia. Marcelo compreendia tudo. Cada um tem o seu gosto. Não o discutia...

— Enfim, para resumir, — disse ele, — quis ser mãe sem autorização. Está em contravenção dos princípios e da família legal. Longe de o deplorar, desafia a autoridade.

— Qual autoridade?! — perguntou Anita. — Não desafio nada.

— Ora essa! A opinião, as tradições, o código de Napoleão.

— Não me preocupo nada com essas coisas!

— É o pior dos desafios, o que eles nunca perdoam... Seja! Rompeu com tudo, libertou-se do bando. Que vai fazer, agora?

— O que fazia antes.

Marcelo mostrou um ar céptico.

— Como? Julga que não posso viver como vivia antes?

— Para isso, não valia a pena!... E depois...

Marcelo podia lembrar-lhe a visita a Lucília: Anita não tinha grandes possibilidades de retomar, na sociedade, o seu lugar de antes. Ela bem o sabia, não era preciso que lho dissesse, e o seu orgulho ferido não tinha nenhum empenho em repetir a experiência. Estranhava, porém, a insistência de Marcelo em demonstrar-lho; habitualmente, ele era mais discreto.

— Pouco importa, — disse Anita; — agora, tenho o meu filho!

— Não pode limitar a ele a sua existência.

— Não creio que isso seja limitá-la, mas antes ampliá-la. Vejo nele um mundo, um mundo que vai crescer. Crescerei com ele.

Marcelo, com muito tacto e não menor ironia, tratou de lhe demonstrar que essa vida não poderia bastar a uma sensibilidade ávida e exigente como a dela. Anita ouvia-o, de testa franzida, o coração apertado. Mentalmente, protestava, irritada: «Não! Não!». Não deixava, contudo, de estar perturbada, ao lembrar-se de que, já uma vez, Marcelo previra com exactidão. Por que teimava em convencê-la? Por que se obstinava a demonstrar-lhe que devia aproveitar a sua liberdade de conduta, sem recear viver à margem da sociedade (dizia: «fora e acima das convenções burguesas»)?

Havia nela duas ou três Anitas, que eram inseparáveis. Habitualmente, só uma falava e as outras ouviam. Nesse momento, duas falavam ao mesmo tempo: a Anita sentimental, apaixonada, entregue às suas impressões e frequentemente vítima delas; e uma outra que observava e se divertia com as molas ocultas das almas. Tinha bons olhos. Via em Marcelo!

Os papéis tinham-se invertido. Antes, era ele quem lia os seus ocultos pensamentos. Hoje... Hoje, Anita possuía (desde quando?... sim, exactamente desde a sua «metamorfose»...) uma lucidez para ver as almas e os seus movimentos secretos, cuja novidade, a bem dizer intermitente, a surpreendia e a divertia no meio das suas preocupações...

Estendida na cadeira, com a cabeça inclinada para trás, os braços sob a nuca, a boca entreaberta, Anita olhava para o tecto; mas, com o canto dos olhos semi-cerrados, via Marcelo falar. Podia dizer, antecipadamente, as palavras que ele ia pronunciar; podia apostar no que se ia passar. Deixava-o avançar, num divertimento de curiosidade, um na-

dinha sarcástico, de que se censurava... («É preciso ver e saber, — como ele disse há pouco, — é preciso conhecer... conhecer...»). Anita aprendia a conhecer um amigo...

«Sim, compreendo-te!... Uma Anita caída da árvore seria ainda aproveitável. Marcelo abanava docemente a árvore, para acabar de a separar dela. Calculava com a desorientação de Anita. No entanto, amava-a... Nada interessante o nosso irmão homem!... Faz uma voz meiga. Eis que se enternece!... Agora... atenção!... Aposto que vai inclinar-se...».

Viu, com antecedência de alguns segundos, a barba loira de Marcelo inclinar-se para ela e a boca acariciadora que ia poisar. Quis poupá-lo à humilhação... Justamente no momento preciso, soergueu-se, e, com as mãos à frente, a repelir docemente os ombros de Marcelo, disse-lhe:

— Adeus, meu amigo.

Marcelo fixou aqueles olhos perspicazes, que o perscrutavam com malícia no fundo. Sorriu. Estava desolado. Era, porém, bom jogador. Não ocultava a si próprio que, o mais tranquilamente possível, acabava de ser despedido. No entanto, tinha a certeza de não ser indiferente a Anita. Compreenda quem puder! Escapava-lhe, a estranha rapariga.

MARCELO não voltou e Anita nada fez para o chamar. Ficaram amigos; mas ambos estavam despeitados. Precisamente porque Marcelo não lhe era indiferente, Anita era sensível ao que lera nele. Não se ofendia com isso: a história era banal... demasiado banal até! Não, Anita não queria mal por isso a Marcelo. Apenas não esquecia aquilo! Há assim perdões concedidos pela razão que o coração não ratifica... No seu secreto rancor, talvez entrasse a pena de ser forçada a

reconhecer, mais ainda pela tentativa demasiado livre de Marcelo do que pelo amargo acolhimento de casa de Lucília, que a sua situação mudara.

Já não se sentia protegida pelas atenções convencionais, que a sociedade concede àqueles dos seus membros que se mostram submissos, na aparência, às suas convenções. Tinha de defender-se sòzinha. Estava muito exposta. Fechou a sua porta. Não caiu em contar a Sílvia as experiências que, involuntàriamente, acabara de fazer; Sílvia previra-as e não deixaria de assinalar o seu triunfo. Conservou-as em segredo e fechou-se com o seu filho. Decidira viver só para ele.

Quando o pequenito voltou do passeio, à tarde, após a visita de Marcelo, a mãe acolheu-o com efusivos transportes. Ao vê-la, Marcos, riu e estendeu para ela as quatro patitas que não cessavam de agitar-se. Anita apoderou-se dele sofregamente, como uma loba faminta; comeu-o com beijos; parecia querer devorar todos os pedaços do seu corpo; metia os seus pèzinhos na boca; e, ao despi-lo, fazia-lhe cócegas, com os lábios, de alto a baixo...

— Aam, que te trinco!... E aquele tolo! —exclamava, a tomar o filho como testemunha. — Aquele tolo a ter o topete de me dizer que não me bastavas! Vejam que insolente!... Não me basta o meu rei, o meu Deus... E eu que sou, então? A mãe do bom Deus! O mundo é nosso! Ah, o que havemos de fazer juntos! Ver tudo, ter tudo, experimentar tudo, provar de tudo e tudo criar!...

Criavam tudo, na verdade! Descobrir ou criar não é a mesma coisa? Inventar é encontrar, em bom francês. Encontra-se o que se inventa, descobre-se o que se cria, o que se sonha, o que se pesca no viveiro do sonho. Era o momento para os dois, para a mãe e para o filho, das grandes descobertas. As primeiras palavras da criança, os seus trabalhos de exploração, em que tomava, com os seus membros, as medidas ao mundo. Todas as manhãs,

Anita e seu filho partiam à conquista. Ela gozava com isso tanto como ele, ou talvez mais. Parecia-lhe reviver a sua própria infância, mas com plena consciência, portanto, com perfeita alegria.

A alegria também não faltava ao garoto! Era um belo rapaz, sadio, gordo por todos os lados, um leitãozinho cor-de-rosa, bom para pôr no espeto (Sílvia dizia: «Que esperam?»). Tinha no seu corpo elástico e cheio, um excesso de força, como uma bola de borracha que quer saltar. Cada um dos seus novos contactos com a vida causava-lhe uma ruidosa alegria. O enorme poder de sonho, que existe em todas as crianças, ampliava esses achados e tirava deles vibrações alegres que se prolongavam em carrilhão. Anita não lhe cedia em nada; dir-se-ia um concurso: a ver quem era mais feliz e fazia mais barulho.

Sílvia dizia que Anita era doida, mas ela faria o mesmo. Após esse ruído, ambos tinham horas de silêncio absoluto. O pequeno, fatigado do movimento, dormia, aniquilado. Anita a cair de fadiga, teimava em não dormir, para gozar com o sono do filho. O fogo do seu amor,, reprimido no coração, — encoberto, como quando se ampara com a mão a chama duma vela, para não despertar o dorminhoco, — ardia numa longa labareda silenciosa, que subia para o céu. Rezava... Maria no estábulo... Rezava pela criança...

Houve ainda belos meses radiosos. No entanto, não como os do ano precedente. Menos límpidos, duma alegria mais exaltada, excessiva, um tanto exagerada. Um temperamento vigoroso e sadio como o de Anita deve criar, criar perpètuamente, criar com todo o seu ser, com o corpo e com o espírito. Criar ou então preparar a criação futura. É uma necessidade; e a felicidade reside em satisfazê-la. Cada período criador tem o seu campo limitado; a sua força ascensional segue uma trajectória, que, necessàriamente, decai.

Anita ultrapassara a parte mais alta da curva. No entanto, o ímpeto criador subsiste na mãe ainda muito tempo depois do parto. O aleitamento prolonga a transfusão do sangue; e laços invisíveis mantêm os dois corpos em comunicação. A abundância criadora da alma da criança compensa o empobrecimento da alma da mãe. O rio que diminui procura alimentar-se do regato que transborda. Faz-se torrencial para formar um todo com a pequena corrente. Esta, porém, ultrapassa-a e o rio fica para trás. A criança já se afastava. Anita tinha dificuldade em segui-la.

O filho não sabia ainda construir com a sua boca uma frase completa e já tinha os seus esconderijos de pensamentos, as suas gavetas de que guardava a chave. Sabe Deus o que escondia. As suas reflexões sobre as pessoas, farrapos de raciocínios, um bricabraque de imagens, de sensações, de palavras-brinquedos, cujo som diverte sem que se saiba o que dizem, um monólogo cantante que não tem continuação, nem começo. Tinha perfeita consciência, não talvez do que ocultava, mas de que escondia alguma coisa. Quanto mais procuravam saber o que pensava, mais malícia punha em não o deixar descobrir.

Divertia-se até, por vezes, a desnortear as buscas; com a boquita preguiçosa, como as mãos, que comia as sílabas, procurava já mentir para mistificar as pessoas. Era o prazer de provar aos outros e a si próprio a sua importância, rindo-se dos que queriam penetrar na sua «propriedade». Esse pedaço de gente, acabado de nascer, tinha o instinto fundamental do «meu», que não é teu. Os únicos bens que possuía eram pedaços de pensamentos; mas erguia muralhas para os ocultar dos olhares da mãe. Anita, na imprevidência comum a todas as mães, sentia-se orgulhosa por ele saber dizer, tão bem, «Não!» e por manifestar tão cedo a sua personalidade. Proclamava com orgulho:

— Ele tem uma vontade de ferro!

Pensava que esse ferro era ela quem o tinha forjado; mas contra quem? Para começar, contra ela, porque, aos olhos desse pequeno «eu», ela era o «não-eu», o mundo exterior. Sem dúvida, um mundo exterior habitável, tépido, brando e leitoso, que se podia explorar e que se desejaria dominar; mas exterior ao «eu». «Não o sou; tenho-o; e ele não me tem!...»

Não, ela não o tinha! Começava a senti-lo: aquele liliputiano entendia só dever pertencer a si próprio. Necessitava dela; mas ela tinha necessidade dele: o instinto do pequeno dizia-lho. É possível até que esse instinto, apercebido pelo seu egocentrismo, lhe dissesse que ela tinha muito mais necessidade dele, e que era, portanto, justo que ele abusasse disso. Santo Deus, era verdade; ela tinha muito mais necessidade dele!...

«Pois bem, seja justo ou não, abusa, monstrozinho! Podes fazer tudo que quiseres; mas não podes, ainda por muito tempo, passar sem mim. Seguro-te. Vá... um mergulho no banho! Protesta, carpazinha!... Tem um ar indignado e a boca aberta, como se, na sua dignidade, esta personagenzinha se ofendesse por ser manejada como uma trouxa... E volto-te, e torno-te a voltar! Santo Deus, que música!... Hás-de ser cantor, meu filho. Vamos, dá o teu «dó»! Bravo, tu é que cantas, mas sou eu quem te faz dançar... Não é uma vergonha abusar assim da tua fraqueza? Oh, que má que é esta mamã! Pobre petiz!... Ah, vingar-te-ás dela, quando fores grande... Até lá, protesta! A despeito da tua dignidade, toma, beijo-te as nàdegazinhas!...»

A criança debatia-se; a mãe ria. Bem podia ela segurá-la; mas só segurava a carapaça. O animal que estava dentro fugia para a sua toca. Cada dia que passava era mais difícil apanhá-lo. Era uma caça amorosa, uma luta apaixonante; mas era um combate e uma caçada. Era preciso estar sempre

atenta. Os mil cuidados quotidianos que exige uma criança ocupavam o dia todo. Embora simples e monótonos, não permitiam falar noutra coisa. Fora de «ele», sempre «ele», o espírito parte-se aos bocados. O mais insignificante pensamento é interrompido dez vezes. A criança absorve tudo; esse pedacinho de carne obstrui todo o horizonte.

Anita não se lamentava disso. Não tinha sequer tempo para o deplorar. Vivia numa plenitude de fadiga, sempre ocupada, que lhe causava um bem-estar, a princípio, e que, de dia para dia, se transformava numa obscura lassidão. As forças gastam-se enquanto a alma caminha. Não fica nunca onde a deixamos. Com passos de sonâmbula continua a sua rota e, quando desperta, não sabe qual é o seu caminho. Anita despertou, um dia, com a consciência das fadigas acumuladas em alguns meses. Uma indefinível sombra cobria a alegria que habitava nela.

Não a queria atribuir a outra coisa mais do que o esgotamento físico; e, para provar a si própria que nada mudara na sua felicidade, demonstrava-o por efusões mais ruidosas do que era necessário. Sobretudo, diante de testemunhas: como se tivessem medo de descobrirem aquilo que não queria ver. Essa alegria excessiva provocava, em seguida, quando estava só, uma depressão. Tristeza? Não. Obscuro mal-estar, inquietação vaga e o sentimento, reprimido, duma parcial insatisfação; não que esperasse fosse o que fosse do exterior (ainda passava bem sem ele), mas tinha pena de não aplicar uma parte do seu ser.

Certas forças do espírito estavam desocupadas havia muito tempo; a economia do ser sofria, com isso, uma perturbação. Anita, privada de convivência, reduzida a si própria, sentia surgir uma nostalgia que queria sufocar e procurava recorrer à companhia dos livros. Os volumes, porém, ficavam abertos na mesma página; o cérebro desabituara-se

de acompanhar o encadeamento das palavras; os contínuos cortes que fazia no pensamento, a constante preocupação da criança, deslocavam a atenção, que ficava a boiar, sonolenta, enervada, como um barco amarrado, que dança na corrente, sem poder andar nem fixar-se. Em vez de reagir, Anita ficava fechada em casa, a devanear, dormente, ante o livro aberto; ou então aturdia-se num dilúvio de palavras, fogosas e sem sentido, com o filho. Sílvia, ao ver que a irmã não conseguia gastar com o pequeno a sua múltipla energia, dizia-lhe:

— Deverias sair mais, fazer exercício, andar, como antigamente.

Anita, para evitar discussões, dizia que saíria; mas não arredava pé. Tinha um motivo, que guardava para si: receava encontrar os seus antigos conhecimentos e expor-se a qualquer manifestação de frio desagrado, que a ferisse. Era a desculpa que dava! Noutros tempos, teria desprezado essas mesquinhas ofensas. Tinha agora uma tendência neurasténica para fugir de todos os contactos. Então, por que não deixar Paris e ir viver para o campo, como lhe aconselhava Sílvia? Não negava as vantagens disso; mas não faria nada em tal sentido: era uma decisão a tomar e não queria sair do seu entorpecimento.

Deixava, portanto, correr aqueles dias imóveis, sem ondas, como um mar estagnado que vai secar. Entre-acto, paragem aparente no ritmo eterno da respiração: o fôlego suspenso. Na ponta dos pés, a alegria parte. A dor com pés de lã, aproxima-se. Ainda não chegou; mas um *nescio quid* previne: «Não te mexas!... Ela está detrás da porta»...

A dor veio; mas não não a que esperava. Podem prever-se a felicidade ou os desgostos; mas, quando vêm, o seu aspecto é sempre diferente daquele que previamos.

Uma noite em que Anita, suspensa entre o céu e o mar, nos confins da felicidade e da melancolia, contornava o promontório do sono, sem saber se estava do lado de cá ou do lado de lá, teve a consciência dum perigo. Antes de saber donde vinha e o que era, reuniu as suas forças para correr em socorro da criança que dormia junto dela. A sua consciência, que só dormia com um dos olhos, reconhecera que o filho estava ameaçado. Esforçou-se por acordar e pôs-se a escutar, ansiosa. Não se tinha enganado. Até em pleno sono, a mais leve alteração no fôlego do pequenino bem-amado era pressentida por ela.

A respiração da criança era entrecortada; mas, por uma misteriosa osmose, Anita sentia a opressão no seu próprio peito. Acendeu a luz e debruçou-se para o berço. O pequenino não acordara; mas tinha o sonho agitado. Não estava, porém, corado, o que pareceu à mãe um sintoma tranquilizador. Tacteou-lhe o corpo e sentiu que a pele estava seca e as extremidades frias; cobriu-o para o aquecer. O pequeno pareceu serenar. A mãe observou-o durante alguns minutos, apagou a luz e procurou persuadir-se de que o alarme não teria consequências. Após uma breve calma, a respiração desordenada voltou. Anita queria enganar-se:

— Não, não respira mais forte, nem mais depressa; sou eu que estou preocupada...

Como se a sua vontade pudesse impor-se à criança e obrigá-la a estar calma... Não havia, porém, meio de duvidar mais. A opressão aumentava, a respiração acelerava-se. Num acesso de tosse, a criança acordou a chorar. Anita desceu da cama. Tomou o filho nos braços. A criança ardia,

tinha as faces pálidas e os lábios violáceos. Anita afligiu-se. Chamou a tia Vitorina, que aumentou ainda a sua aflição.

Precisamente nesse dia, o telefone não funcionava, por motivo de reparações; e não podia chamar o médico. Não havia farmácia nos arredores. A casa de Bolonha ficava isolada; a criada mostrava-se pouco disposta a correr, pelas ruas desertas, àquela hora da noite. Devia esperar-se que rompesse o dia. O mal acentuava-se. Era caso para perder a cabeça! Anita estavas prestes a isso; mas, como era preciso não a perder — não a perdeu. A tia lamentava-se e andava à roda como uma mosca à volta do globo dum candeeiro. Anita disse-lhe, com dureza:

— Não serve de nada gemer! Ajuda-me! Ou, se não serves para nada, vai-te deitar e deixa-me. Sòzinha, hei-de salvá-lo.

A tia, estupefacta, voltou ao seu sangue frio; ao observar o doente, a sua velha experiência afastou das apreensões de Anita a que era mais terrível: a do garrotilho. Anita tinha ainda uma dúvida; talvez a tia também. Podiam enganar-se; e, sem ser o garrotilho, há tantas doenças mortais! Não as conhecer aumentava mais o seu terror... Estivesse, porém, o coração de Anita gelado de pavor, os seus movimentos eram calmos e fazia aquilo que devia fazer.

Sem saber nada, movida apenas pelo seu instinto maternal, fazia exactamente o melhor que podia fazer pelo seu filho: (o médico disse-lho, no dia seguinte) não o deixava estendido muito tempo, mudava-o de lugar, para combater as sufocações. O que nem a experiência nem a ciência lhe poderiam ter ensinado, o seu amor de mãe ensinou-lho; sofria o que ele sofria. Sofria talvez mais; e considerava-se responsável...

Responsável! O choque duma provação, sobretudo duma doença que atinge um ser querido,

provoca, às vezes, um estado de espírito supersticioso, em que se sente a necessidade de assumir a responsabilidade do sofrimento do inocente. Anita não só se censurava de não ter velado mais atentamente por ele, como de ter cometido imprudências. Descobria-se criminosos pensamentos secretos: um desinteresse (passageiro) pela criança, a sombra dum receio, inconfessado, de que a sua vida fosse absorvida por ele.

Tinha a certeza de que esse receio e esse desinteresse os tinha verdadeiramente sentido e reprimido? Sem dúvida, pois reapareciam naquele momento. Quem sabe, porém, se não os inventava, pela necessidade que temos — quando não podemos proceder com eficácia — de actuar pelo pensamento, que mais não seja para voltar contra nós as forças desconhecidas!... Voltava-as, também, contra o Grande Inimigo, contra o Deus desconhecido.

Quando reparava melhor naquele rostozinho tumefacto — ao transmitir-lhe o seu bafo, ao erguê-lo docemente nas suas mãos de gestos precisos — pedia-lhe, arrebatadamente, perdão de o ter dado ao mundo, arrancado à paz, atirado para esta vida, em que se é presa dos sofrimentos, dos acasos, dos caprichos malévolos não se sabe de que cego senhor! Eriçada como um animal à entrada do seu fojo, rugia, ao sentir aproximarem-se os grandes deuses assassinos, preparava-se para lhes disputar o seu filho e mostrar-lhes os dentes. Tal como todas as mães quando os filhos são ameaçados, era a eterna Níobe, que, para atrair sobre si o golpe mortal, lança o seu furioso desafio ao assassino... Dos que estavam junto de Anita, ninguém adivinhou essa batalha muda.

No dia seguinte, o médico felicitou-a pela sua presença de espírito nos primeiros socorros prestados ao doente, quando, em regra, a inquieta afeição prejudica, pela sua falta de jeito. Anita só tomou conta das palavras que o médico proferiu

acerca das epidemias de gripe e de sarampo, que devastavam Paris, e da possibilidade de o seu filho ter apanhado os germes da bronco-pneumonia. Ao recusar-se a deixar Paris, como lhe tinham aconselhado, tornara-se culpada por que expusera a criança! Condenava-se irremissìvelmente. Essa sentença teve, pelo menos, a vantagem de limitar o campo da sua responsabilidade e afastou os outros remorsos.

Logo que soube da doença, Sílvia apareceu, e ao doentinho não faltaram cuidados. Anita, contudo, recusava-se a abandonar o seu posto.. A custo repousava, sempre na brecha, de dia e de noite... os suores do corpinho do filho e as suas sufocações queimavam, molhavam a sua carne. A doença atingia-os, a ambos, igualmente. A criança parecia compreender, porque, nas ocasiões em que o medo dos acessos de tosse lhe contraía o peito, os seus olhos pousavam, pesados de recriminações e de súplicas, nos olhos da mãe e parecia dizerem:

— O mal volta outra vez! Ei-lo de novo! Salva-me!

A mãe respondia-lhe, apertando-o contra si:

— Sim, salvar-te-ei! Não tenhas medo! Ele não virá.

No entanto, o acesso vinha e o pequenito parecia que o estrangulavam; mas não era o único a sofrer. A mãe crispava-se com ele, para quebrar o laço. O pequeno sentia que ela lutava, que não o abandonava, a grande protectora; o som tranquilizador da sua voz, a pressão dos seus dedos, davam-lhe confiança, diziam-lhe:

— Estou aqui.

A chorar e a debater no ar os bracinhos, pensava:

— Ela vencê-lo-á.

A mãe vencia-o, ao inimigo. O mal cedia. O laço alargava-se e a criança, com o seu corpinho de ave a palpitar, abandonava-se às mãos que o tinham salvado. Como era bom respirarem ambos, após

aquele mergulho! A corrente de ar que passava pela boca da criança inundava a garganta da mãe e entumescia-lhe os seios de voluptuosidade gelada. As melhoras eram, porém, de curta duração. A luta prolongava-se com alternativas esgotantes. O estado geral melhorava, quando o pequenito teve uma súbita recaída, cujas causas se desconheciam. As suas fiéis veladoras não deixaram de aumentar os seus tormentos. Cada uma se acusava de ter tido um momento de inadvertência que poderia comprometer a cura. Anita dizia:

— Se ele morre, matar-me-ei.

Havia muitas noites que se desabituara de dormir. Mantinha-se firme, enquanto a criança tinha necessidade do seu auxílio; mas, nas horas em que o sono se apoderava dele e que o espírito, mais tranquilo, poderia aproveitar para diminuir a sua tensão, era precisamente quando a sua alma se mostrava mais trepidante. Vibrava como as linhas telegráficas ao sopro do vento. Era-lhe impossível fechar os olhos, pois não podia ficar, sem risco, face a face com o seu cérebro ansioso.

Anita acendia, então, a luz e procurava fixar uma série de pensamentos, para escapar à vertigem. Punha-se a discutir consigo própria ideias supersticiosas, infantis, extravagantes, ou que, pelo menos, pareciam assim ao seu espírito habituado aos métodos racionalistas. Dizia que se a desgraça descera sobre ela era por demasiado ter sido completamente feliz; parecia-lhe que, para o seu filho se curar, precisava de ser atingida por outro lado.

Era a crença, obscura e persistente, da dura compensação, que remonta à alvorada da espécie! Os povos primitivos, porém, para tornar favorável o feroz Deus mercador, que não dá nada por nada e vende tudo contra pagamento de contado, entregavam-lhe o primeiro filho. Era esse o prémio do seguro do resto dos seus bens. Anita teria, com a

sua vida e com todos os seus bens, redimido o seu primeiro filho! Dizia, então:

— Toma-me a mim, toda; mas que ele viva!

Imediatamente, pensava:

— Isto é estúpido! Ninguém me ouve...

Não importa! O velho instinto atávico continuava a farejar à roda a presença do Deus ciumento. Tenaz, a regatear àsperamente, dizia:

— Assinemos o contrato! Pago de contado. O filho é para mim. Escolhe o que quiseres do resto!

Como para justificar a sua superstição, os acontecimentos pegaram na palavra a Anita. Uma manhã, em que a tia Vitorina tinha ido a casa do notário, para receber uma quantia que ele já devia ter enviado havia tempo, regressou desolada. Anita tivera a alegria, nessa manhã, de ficar tranquilizada a respeito da saúde do filho. O médico acabava de sair e tinha, dessa vez, anunciado a completa convalescença. Anita, louca de felicidade, mas ainda receosa, não queria acreditar nessa nova dita. Nesse momento, viu a porta abrir-se e, num volver de olhos, reparou no rosto compungido da tia. O coração bateu-lhe apressadamente e pensou:

— Que nova desgraça vai aparecer?

A idosa senhora mal podia falar. Por fim, disse:

— O escritório está fechado. O dr. Grenu desapareceu.

Toda a sua fortuna estava nas mãos do notário. Anita esteve ainda um instante sem compreender; depois... (explique-o quem puder!) o seu rosto iluminou-se. Ficou aliviada. Pensou: «Era apenas isto!...» Eis a desgraça que salva! O Inimigo ficara com a sua parte... Depois, encolheu os ombros por pensar essa tolice. A despeito da sua ironia, continuava, porém, a dizer-«lhe»: «É bastante? Estás contente? Agora, paguei. Já não te devo nada.» Sorria... Pobre humanidade que se agarra ao seu pedaço de felicidade, o vê, sem cessar, escapar-lhe

e tenta fazer um pacto com a cega natureza que faz à sua imagem... «À minha imagem?... Esta natureza invejosa, rapace, cruel... Por acaso, pareço-me com ela?... Quem sabe? Quem pode dizer: «Não sou desse estofo?...»

ANITA estava arruinada. Não podia ainda avaliar a extensão da sua ruína; mas, passados os primeiros momentos de estupefacção, quando examinou friamente o caso, não pôde deixar de reconhecer que merecia bem o que se dera. Era muito capaz de se ocupar da administração dos seus bens. Tinha, como seu pai, a cabeça sólida. Os números não a intimidavam. Quando se descende duma linhagem de camponeses e pequenos burgueses, activos e espertos, é preciso muito boa vontade para perder a capacidade de tratar das coisas práticas.

A verdade é que fora poupada a todas as preocupações materiais, enquanto seu pai viveu; depois, atravessou uma longa crise, em que o trabalho interior da sua vida passional a mantinha cativa. Nesse estado um tanto anormal, que mantinha a sua afortunada ociosidade, sentia uma certa repugnância, que não era muito sadia, em ocupar-se dos seus bens. É preciso ousar dizê-lo: o idealismo da vida interior, que despreza o dinheiro como uma forma de parasitismo, esquece que só tem direito a isso se renunciou a ele; mas o idealismo que cresce em berço de oiro e pretende desinteressar-se dele é o pior dos parasitismos.

Para se livrar do aborrecimento de administrar a sua fortuna, Anita confiara a sua inteira gestão ao excelente dr. Grenu, o seu notário. Velho amigo da família, homem considerado, duma competência profissional e duma honorabilidade reconhecidas, o dr. Grenu, havia mais de trinta anos, vira passar

pelo seu escritório todos os negócios de Rivière É certo que Raul não deixava a ninguém a tarefa de tratar deles sem a sua intervenção. Por muita confiança que tivesse no seu notário, não lhe deixava fazer nenhum documento sem ter feito a revisão de todos os pontos e vírgulas. Tomadas, porém, todas as precauções, tinha confiança; e, para que um homem do seu faro tivesse confiança noutro, era preciso que esse outro a merecesse. O dr. Grenu merecia-a. No entanto, era homem de sociedade... (todas as precauções eram poucas).

O papel de confessor laico, que o notário é chamado a desempenhar no seio das famílias, levara o dr. Grenu a receber as confidências de muitos dos segredos íntimos de Rivière. Não ignorava quase nada das maroteiras de Raul e dos desgostos da Sr.ª Rivière. A esta soubera prestar ouvidos compadecidos, a ele tolerantes. Conselheiro da mulher, apreciava as suas virtudes; companheiro de Raul, apreciava-lhe também os vícios (que eram ainda virtudes gaulesas) e dizia-se que não desdenhava tomar parte nas suas patuscadas.

O dr. Grenu era um homenzinho grisalho, que andava à volta dos sessenta anos, de fina aparência, cores frescas e rebuscada correcção; malicioso, bem falante, boa pessoa, bom comediante, gostava de contar histórias, e, para que melhor o escutassem, começava com uma voz baixinha, cansada, um sopro que vai extinguir-se, e, depois, quando tinha conquistado do seu auditório um silêncio compassivo, desenvolvia, aos poucos, uma sonoridade que um grande tenor poderia invejar, e não se calava sem que tivesse proferido a nota final da sua canção.

Notário à maneira antiga, mas fraco, atraído pelas novas modas, bom *pater-familias,* velho burguês, ufano de contar entre a sua clientela actrizes, videirinhos e belas «pegas», a sua mania era dizer que era velho e mesmo de representar o papel de velho com exagero; mas tinha muito medo de que o acre-

ditassem e esforçava-se tenazmente, a ocultas, por demonstrar que era mais maroto de que os jovens e que lhes levava as lampas.

Conhecia Anita desde a infância, e, muito sinceramente, tomara a peito a administração dos seus bens. Achou natural que ela lhos confiasse, depois da morte dos pais. A princípio, por correcção profissional, tinha-a ao corrente de tudo, escrupulosamente. Não queria fazer nada sem o seu assentimento; e isso aborrecia Anita. Então, fez com que ela lhe desse procuração especial para tal ou tal caso, de que Anita ouvia (não ouvia nada) uma vaga exposição. Por fim, ficou entendido que, — visto Anita ausentar-se de Paris, às vezes sem deixar o endereço, — o dr. Grenu procederia como lhe parecesse melhor para os interesses dela, sem necessidade de a consultar.

Tudo caminhava assim muito bem: o notário encarregava-se de tudo, recebia as rendas de Anita e fornecia-lhe o dinheiro à medida das suas necessidades. Por fim, decidiu, para regularizar a situação, levá-la a assinar uma procuração geral... Passou muita água sob as pontes... Havia mais de um ano que Anita não vira o dr. Grenu, o qual lhe enviava, pontualmente, no fim de cada trimestre, as somas combinadas. Como vivia sòzinha, longe dos círculos parisienses e não lia jornais, Anita só soube do acontecimento muitos meses depois de ele se ter dado.

O velho dr. Grenu quis ser esperto de mais. Sem espírito de lucro pessoal, deixou-se seduzir pelo vício da especulação; para obter maior rendimento para os fundos dos seus clientes, empregou-os em empresas arriscadas, onde eles naufragavam. A fim de reaver o perdido, acabava de os afundar. Sem prevenir Anita, não sòmente dispusera de todo o dinheiro em metálico e de todos os valores mobiliários que tinha a seu cargo, mas ainda, por certos subterfúgios, que a elasticidade da procuração per-

mitia, tinha hipotecado as casas de Bolonha e da Borgonha. Quando estava tudo perdido, fugiu, ante o ridículo de se ter deixado enganar, que para ele ainda era mais desagradável do que a desonra.

Para cúmulo da pouca sorte, Anita, absorvida inteiramente pela doença do filho, não abria a sua correspondência havia muitas semanas. Não respondeu às cartas dos credores hipotecários, nem aos mandados judiciais que se lhes seguiram. Era nos dias da recaída do pequeno e Anita tinha a cabeça perdida. Sem compreender por que se dirigiam a ela e não ao seu procurador, remeteu os papéis, sem os ler, ao notário, o qual também não os leu, já sabemos por quê.

Quando, finalmente, o restabelecimento do filho lhe deixou o espírito bastante liberto para poder examinar a situação, a acção judiciária já estava tão avançada que, por falta de Anita ter satisfeito os pedidos dos credores, estes tinham o direito de pôr em leilão as propriedades hipotecadas. Anita, desperta do seu entorpecimento, fez frente ao baque fulminante. Com a sua energia, momentâneamente recobrada, e a inteligência prática, herdada de seu pai, a suprir a sua inexperiência, lutou com um vigor e uma clareza de espírito que o juiz admirou, embora tivesse de a condenar, pois os seus direitos não impediam que, em Direito, a sua causa fosse indefensável.

A própria Anita viu imediatamente que tudo estava de antemão perdido; mas o seu instinto combativo, que, a sangue frio, admitia a derrota, embora injusta, não a admitia sem resistência. Tratava-se, para mais, agora, dos bens do seu filho. Defendeu-os, passo a passo, com a tenacidade duma rude e teimosa camponesa que, as duas pernas fincadas à entrada do seu campo, barra o caminho aos intrusos e, embora saiba que eles acabarão por entrar, procura ganhar tempo. Que poderia Anita, porém, fazer?

Sem possibilidade de pagar a dívida exigida e como não desejava pedir o auxílio de parentes ou de antigos amigos, que, muito provàvelmente, lho teriam recusado duma forma humilhante, Anita não podia opôr-se à almoeda. Toda a sua energia, engenhosa e testaruda, só conseguiu obter que fosse suspensa a execução por um prazo limitado, sem nenhuma esperança de impedir que se tornasse completa ao termo desse breve adiamento.

Desculpava-se a Anita que se mostrasse abatida por essa catástrofe; mas Sílvia, que não era pessoalmente atingida, ora se desfazia em lamentações, ora se encolerizava e só falava em instaurar processos, processos... Dir-se-ia que, pelo contrário, Anita recobrara o seu equilíbrio, graças ao acontecimento. Aquela provação renovava o ar. Dissipou-se a brumosa atmosfera sentimental que, havia dois anos, amolecia o seu coração. Quando Anita teve a certeza de que a situação não podia mudar, aceitou-a, sem recriminações inúteis.

Não sentia nenhum alívio em acusar o dr. Grenu, como Sílvia, que despejava sobre a cabeça do notário as maiores maldições. O velho naufragara; ela também, mas ela tinha braços jovens e sabia nadar. Pode ser que nem tudo fosse desprazer para ela nesse pensamento. Por estranho que pareça, ao lado do aborrecimento da sua ruína, havia, no fundo, uma curiosidade do risco, e um secreto prazer em pôr à prova as suas forças inactivas. Raul tê-la-ia compreendido, ele, que, em pleno êxito, sentia veleidades de demolir a obra da sua vida para ter o gosto de a reconstruir.

Anita dispunha-se, portanto, a deixar a casa de Bolonha. Já a propriedade da Borgonha fora vendida atabalhoadamente, em condições irrisórias. Não havia dúvidas de que a venda total apenas cobriria a dívida e as custas, e que, se restasse um saldo disponível, não bastaria para manter Anita e os seus. Era preciso procurar novos recursos. De mo-

mento, tratava-se de reduzir as despesas e de procurar uma instalação muito modesta. Anita pôs-se à procura de habitação. Sílvia encontrou-lhe uma, no quarto andar da casa de que ocupava a sobre-loja. Os quartos eram pequenos e davam para as traseiras, mas eram limpos e sossegados.

Não podia pensar em levar para lá os móveis de Bolonha. Anita queria conservar apenas o estritamente necessário; mas a tia Vitorina suplicava-lhe, a chorar, que conservasse tudo. Anita demonstrava-lhe que não era razoável, na situação actual, assumir o encargo de pagar para que lhe guardassem os móveis. Era preciso fazer uma escolha; mas a tia implorava por cada objecto. Anita, com firmeza, fez a escolha: além do mobiliário que devia acompanhá-la na sua nova moradia, pôs de parte alguns móveis de especial estima da tia e mandou vender os outros.

Sílvia estava surpreendida com a insensibilidade de Anita. No entanto, não se podia duvidar de que a corajosa mulher não sofresse com isso. Gostava daquela casa, que tinha de deixar... Tantas recordações! Tantos sonhos! Ela, porém, reprimia-os. Bem sabia que não havia lugar para eles! Eram muitos, apoderar-se-iam de tudo; e ela tinha necessidade de toda a sua força, nesse momento.

Uma única vez, Anita cedeu ao seu assalto, por surpresa. Foi uma tarde, pouco antes de se mudar. A tia estava na igreja e Marcos em casa de Sílvia. Anita, sòzinha na casa de Bolonha, onde tudo cheirava já à abalada, de joelhos num tapete semi-enrolado, embrulhava um quadro tirado da parede. Ocupada com essa tarefa, enquanto as suas mãos activas iam e vinham, a cabeça fazia cálculos acerca dos futuros arranjos. Sem dúvida, porém, havia lugar para o sonho, porque o seu olhar, que, havia um instante, flutuava longe do espectáculo presente, fixou, no meio das suas brumas, um desenho do

quadro que as suas mãos embrulhavam e reconheceu-o.

Era um motivo de flores pálidas; quase delidas: asas de borboletas, pétalas secas? Pouco importava; mas os olhos de Anita criança tinham poisado ali e naquele bastidor bordado a tapeçaria dos dias que não voltavam mais. Essa tapeçaria, bruscamente, sobressaía na noite... As mãos de Anita deixaram de arrumar, o seu cérebro, por um momento ainda, obstinou-se em repetir números, de que perdera o fio, e depois calou-se. Anita deixou-se cair no sobrado, com a cabeça no rolo do tapete, o rosto nas mãos, os joelhos dobrados, e abandonou-se ao vento e á onda, fez-se à vela...

Não viajava num ponto determinado... Numa tal massa de recordações (vividas? sonhadas?) como distingui-las?... Vertiginosa sinfonia a de um minuto de silêncio! Encerra muito mais do que a substância duma vida. No pensamento activo, quando a consciência julga tomar posse do nosso mundo interior, só atinge a crista da vaga, no momento em que o raio a doira. Só o sonho percebe o abismo movediço e o seu ritmo torrencial, esses grãos inumeráveis arrastados pelo vento dos séculos, sementes de pensamentos dos seres donde saímos e que sairão de nós, esse formidável coro de esperanças e de lamentações, cujas mãos frementes se estendem para o passado ou para o futuro... Indefinível harmonia que forma o tecido dum segundo iluminado e para despertar o qual basta apenas um choque... Um ramo de flores pálidas acabava de o evocar em Anita...

Quando se arrancou a esse sonho, após um longo silêncio, ergueu-se precipitadamente e, com as suas mãos tornadas inábeis, rudes, trémulas, acabou de envolver o quadro começado, sem o ver. Não chegou sequer a acabar. Atirou-o para uma mala, incompletamente embrulhado e fugiu do quarto... Não, não queria ficar com os seus pensamentos! Era preferí-

vel afastá-los. Mais tarde, teria tempo de deplorar o passado, quando ela própria fosse o passado... Mais tarde, no crepúsculo da vida. De momento, estava demasiado ocupada com o futuro, devia conduzi-lo. Os seus sonhos estavam à frente... «O que está para trás de mim, não o quero saber; é preciso que não me volte...»

Caminhava, com passo apressado, hirta, de olhos fitos ao longe, nos anos... os anos... a vida que passa... a do seu filho... a sua... a vida nova... a Anita de amanhã.

ANITA tinha essa visão nos olhos, na noite da sua instalação na casa de Sílvia. Esta, logo que fechou o estabelecimento, apressou-se a ir aos aposentos da irmã, a fim de a distrair das atribulações que supunha existirem no seu espírito. Encontrou-a dum lado para o outro nos diminutos compartimentos, nada fatigada daquele dia extenuante, a esforçar-se por meter nos armários, muito pequenos, a sua roupa branca e os vestidos. Não o conseguia e subiu a um banco, com os braços carregados de roupa, olhava para as prateleiras cheias e meditava numa outra arrumação, assobiava como um rapaz (uma fanfarra wagneriana, que ela, distraìdamente, transformava de modo burlesco). Sílvia pôs-se a olhar para ela, dizendo:

— Admiro-te, Anita.

(Não o pensava, inteiramente).

— Porquê? — perguntou Anita.

— Se estivesse no teu lugar, a raiva que eu tinha!

Anita pôs-se a rir e, toda ocupada com a sua tarefa, fez-lhe sinal com a cabeça para se calar.

— Julgo que achei, — disse.

Meteu a cabeça e os braços dentro do armário, arrumou, desarrumou, tornou a arrumar...

— Bem dizia eu!... — comentou. — Não levaste a melhor!

(Falava com o armário cheio, arrumado, vencido). Desceu, triunfante, do banco. Sílvia falara em raiva? (Pegou-lhe no queixo).

— Quando éramos crianças, brincávamos a fazer casas com as pedras do dominó. Quando a casa caía, ficavas com raiva?

— Atirava os dominós para o chão, — respondeu Sílvia.

— Eu dizia: «Catrapus! Vou fazer outra!»

— Podes dizer que eras tu que abanavas a mesa!...

— Oh! Não digo que não! — replicou Anita.

Sílvia apostrofou-a:

— Anarquista!

— Ora vejam! — retorquiu Anita. — Tu não o és?

Sílvia não o era. Achava bem não ligar importância à ordem e à autoridade; mas precisava duma ordem e duma autoridade. Quanto mais não fosse, para os outros! Para ela também, aliás, pois não há prazer nenhum na revolta, se não há autoridade. Quanto a ordem, Sílvia estava servida; se troçava da ordem estabelecida é porque ela não era a sua. Que estivesse, porém, «estabelecida», não seria ela quem o censuraria. Uma ordem deve ser «estabelecida». Desde que ela estava também «estabelecida», feita patroa e a dirigir, por sua conta, os seus negócios, era a favor de uma ordem estável.

Anita fez essa descoberta com surpresa. Não foi essa a única. Só conhecemos bem outrem quando o vemos na sua actividade quotidiana, que descobre as molas ocultas e mostra ao natural os movimentos e os gestos. Anita só tinha visto Sílvia nos seus períodos ociosos de repouso despreocupado. Quem pode julgar uma gata enroscada num fofo almofadão? É preciso vê-la a caçar, com o dorso arqueado e o fogo verde dos olhos.

Anita viu Sílvia no seu campo, no pedaço que ela talhara na floresta parisiense. A patroazita tomara o cargo a sério e podia dar lições na arte de gerir os seus negócios. Anita pôde observá-la à vontade e de perto, pois, durante as primeiras semanas que se seguiram à mudança, tomava as suas refeições em casa de Sílvia. Ficara combinado que cozinhariam juntas, até que a instalação estivesse completamente terminada. Anita, por seu lado, procurava tornar-se útil, e ajudava-a em certos trabalhos do *atelier*. Via, portanto, Sílvia, a todas as horas do dia, quer com as clientes, quer com as operárias, quer sòzinhas; e notava na irmã a manifestação de sentimentos que não lhe conhecia, ou que se tinham acentuado havia dois ou três anos.

A meiga Sílvia, sob o seu encantador sorriso, já não podia ocultar, aos olhos penetrantes de Anita, um carácter um tanto seco, que, até nos seus arrebatamentos, sabia muito bem para onde ia. Dirigia um grupinho de operárias, com muito tacto. Com a sua subtil observação e o seu ar sedutor, soubera escolher e prender a si devotamentos em disponibilidade. Era assim a sua primeira costureira, Olímpia, muito mais velha do que ela, mais hábil no ofício, excelente trabalhadora, mas desprovida de ideias, incapaz de se defender.

Olímpia viera da província. Perdida em Paris, explorada, troçada pelos homens, pelas mulheres, pelos patrões e pelas camaradas, não lhe faltava inteligência para ver isso, mas sim força para resistir, e procurava alguém que, sem a enganar, aproveitasse o seu trabalho e a libertasse do encargo de se dirigir a si própria. Sílvia não fez nenhum esforço para a dominar. Bastava, apenas, velar pelo bom entendimento entre as dedicações rivais, que provocara no seu pessoal, usar hàbilmente do seu antagonismo, para estimular o seu zelo, e estabelecer, à semelhança dos governos hábeis, a união dos rivais sobre o patriotismo do trabalho em comum.

O orgulho das operárias do pequeno *atelier* e o desejo de serem notadas pela jovem patroa entregavam-nas ao seu astucioso domínio, que, frequentemente, as fazia trabalhar até ao esgotamento. Sílvia dava o exemplo; e ninguém se lamentava. Um sopapo afectuoso, uma piada engraçada, de que ela própria ria às gargalhadas, animavam as operárias fatigadas e obrigavam-nas a aguentar até ao fim. Orgulhosas da patroa, amavam-na ciumentamente. Sílvia, que alimentava esse fogo, ficava indiferente. À noite, depois de elas terem partido, Sílvia falava a seu respeito com a irmã, num tom de frio desprendimento, que desagradava a Anita.

Era, aliás, prestável em casos de necessidade, e, se as via doentes ou desgostosas, não as deixava sem ajuda; mas, doentes ou não, se não as via, esquecia-as. Não tinha tempo para pensar nos ausentes. Não tinha tempo para amar demoradamente. Uma perpétua actividade, todos os momentos tomados: alindar-se, arranjar a casa, comer, cortar, tagarelices, amores, divertimentos. Tudo, até os silêncios (nunca muito longos), em que, entre o movimento do dia e o sono da noite, se encontrava sòzinha consigo própria, tudo tinha um carácter preciso. Não havia um canto para o sonho. Quando se observava, era com os olhos nítidos e curiosos com que se espreitam os outros. Um mínimo de vida interior: tudo projectado em actos e em palavras.

A necessidade que Anita tinha de confissão moral não existia nela. Não se sentia à vontade nessa perpétua claridade. Nenhuma sombra, ou, se ela existia (existe em todas as almas), a porta estava fechada sobre ela. Sílvia não se interessava pelo que estava atrás da porta. Tratava de administrar com exactidão o seu pequeno domínio: gozar de tudo, do seu trabalho e dos seus prazeres, mas cada coisa a seu tempo, a fim de não perder nada, e, por consequência, sem paixões, sem grandes excessos, porque essa actividade e essa «passagem» perpétuas

não se prestam a isso e até, antecipadamente, suprimem as suas possibilidades. Não havia perigo de os seus amantes lhe fazerem perder a cabeça.

Na verdade, Sílvia só gostava, só gostava a valer, dum único ser: Anita... Como era curioso! Por que gostava dessa grande rapariga, que não se lhe assemelhava em nada, em quase nada? Ah! Esse «quase nada» era muito, era (quem sabe?) o mais importante: o sangue... Isso nem sempre tem importância entre gente da mesma linhagem; mas, quando a tem, que força secreta! É uma voz que nos diz: «Esse outro é ainda eu. Moldado numa outra forma, a substância é a mesma. Reconheço-me, mas sou outro, possuído por uma alma estranha...» Procuramos, então, reconquistar-mo-nos a esse usurpador... Duplo atractivo, triplo atractivo: da semelhança, da oposição e da guerra de conquista, que não é o menor dos três...

Quantas forças comuns entre Anita e Sílvia! O orgulho, a independência, a ordem, a força de vontade, a vida sensual! Nesses dois espíritos, um voltado para o interior, o outro para o exterior — os dois hemisférios da alma. Eram ambas constituídas quase pelos mesmos elementos; mas cada uma delas, graças a razões obscuras e profundas que se ligavam à essência da personalidade, reprimia uma metade e só queria ver a outra: aquela que emergia ou a que estava submersa.

A aproximação das duas irmãs numa vida comum inquietava a consciência habitual que cada uma tinha de si. A sua afeição mútua tingia-se de hostilidade. Quanto mais essa afeição era viva mais essa hostilidade se ocultava, porque se sentiam irredutíveis uma quanto à outra. Anita, mais destra em ler os seus pensamentos ocultos, e também mais sincera, era capaz de os julgar e de os reprimir. Passara já o tempo em que quisera absorver Sílvia na sua imperiosa afeição.

Sílvia, contudo, conservava sempre um secreto

desejo de dominar sua irmã mais velha; e não a contrariava que os acontecimentos lhe tivessem fornecido meio de afirmar a sua superioridade. Vingança das desigualdades da sorte durante a juventude das duas irmãs! Esse sentimento inconfessado e a sua ternura real faziam saborear uma satisfação, que dissimulava, ao ver Anita trabalhar, sob a sua direcção, no *atelier*. Quis prendê-la. Encarregava-a de receber as clientes, de desenhar as guarnições e os bordados; procurava persuadi-la de que poderia vir a ter um emprego importante e associar-se a ela, mais tarde, no seu comércio.

Anita, que percebia as razões de Sílvia, não desejava nada submeter-se. Deixava sem resposta o convite ou, instada por Sílvia, respondia que não era feita para aquela profissão. Sílvia perguntava-lhe então, irònicamente, para que profissão era feita. Anita ressentia-se com isso. Quando nunca se teve necessidade de trabalhar para viver e que a precisão nos força a isso, é penoso não saber para que trabalho servimos, nem até se, a despeito da instrução, somos bons para qualquer trabalho. Era-lhe, porém, preciso sabê-lo, pois não queria ficar a cargo da irmã.

Sem dúvida, Sílvia não lho levaria a mal, se era feliz em gastar com Anita, sabia o que gastava, pois a sua mão direita nunca ignorava o que dava a esquerda. Anita ainda o ignorava menos. Não podia suportar a ideia de que Sílvia, ao fazer as suas contas, a inscrevesse (embora mentalmente) a seu débito... O diabo leve o dinheiro! Entre dois corações que se amam, isso deveria acaso contar? Não contava nos corações de Anita e Sílvia; mas contava na sua vida. Não se vive só de amor. Vive-se também do dinheiro.

ERA uma verdade a que Anita não prestara atenção. Não lhe levou muito tempo para a aprender.

Pôs-se a procurar emprego, sem falar nisso a Sílvia. A sua primeira ideia foi ir procurar a directora do colégio onde fizera os seus estudos. Aluna inteligente, rica, filha dum pai influente, fora favorecida pela sr.ª Abraham e conquistara a sua simpatia. Essa mulher notável, uma das primeiras que organizou o ensino feminino em França, possuía raras qualidades de energia e de discernimento, completadas ou atenuadas (isso dependia dos casos) por um senso político frio, que muitos homens desejariam ter.

Desinteressada, no que lhe dizia respeito, não o era de modo nenhum nas coisas concernentes ao seu colégio. Era livre-pensadora, e não ocultava até um certo desdém anti-clerical que não a podia prejudicar junto da sua clientela de raparigas da burguesia radical e de jovens israelitas. No lugar, porém, dos dogmas postos de parte, tinha-se instalado uma moral cívica, que, a despeito de lhe faltarem bases e certezas, não era menos estreita e imperativa do que a outra. (Era-o talvez mais, pois quanto mais uma regra é arbitrária mais rígida se torna).

Anita, graças à sua situação social, era da intimidade da directora e falava-lhe com toda a franqueza. Divertia-se a criticar a famosa moral oficial; e a sr.ª Abraham, céptica por natureza, não punha dificuldades em achar graça às saídas da irreverente garota. Ria-se com elas, mas apenas quando conversavam à porta-fechada. Logo, porém, que as portas se abriam e que a sr.ª Abraham reassumia o seu título e a sua categoria oficiais acreditava piamente nas tábuas da lei laica, elaboradas pela moralidade raciocinante de alguns pedagogos republicanos. Isto queria dizer que, se a sua consciência nua era indiferente à moral con-

vencional, a sua consciência vestida — a sua consciência usual — censurava àsperamente a conduta de Anita. Conhecia-a, pois a aventura tinha corrido entre as pessoas da sociedade.

No entanto, não conhecia ainda a sua ruína. Quando Anita a procurou, não pensou em manifestar-lhe os seus pensamentos. Era preciso, antes, saber os motivos da visita e se o colégio não teria com ela qualquer vantagem. Mostrou-lhe, por isso, boa cara, embora um tanto reservada. Mal soube que Anita ia como pretendente, lembrou-se do escândalo, e o seu sorriso desapareceu. Pode aceitar-se dinheiro duma pessoa com quem não se está de acordo; mas não se pode, decentemente, dar-lho. Não foi difícil à sr.ª Abraham encontrar razões peremptórias para afastar aquela candidatura indiscreta. Não havia lugar no colégio.

Como Anita lhe pediu que a recomendasse a outras instituições, a sr.ª Abraham não se deu ao trabalho de fazer vagas promessas. Muito diplomata, quando tinha de tratar com aqueles a quem a roda da fortuna elevava, deixava de o ser, imediatamente, quando a mesma roda os punha em baixo. Grave erro de diplomacia! Pode suceder que aqueles que estão hoje, em baixo, se encontrem, amanhã, em cima; e o bom diplomata deve preparar o futuro. A sr.ª Abraham só se preocupava com o presente. Actualmente, Anita afogava-se: era lamentável, mas a sr.ª Abraham não tinha o hábito de pescar aqueles que caíam.

Não disfarçou a secura dos seus sentimentos; e, como Anita não abandonasse o seu tom tranquilo de à-vontade e de igualdade (ainda mais essa!) deslocada, a sr.ª Abraham, para a levar a ter uma noção mais exacta das distâncias, declarou-lhe que, em sua consciência, não a podia recomendar a ninguém. Anita, a arder de indignação, estava prestes a explodir. Um relâmpago de cólera passou-lhe pelo olhar, mas logo se extinguiu. O

desdém sobrepôs-se a ela. Deu-lhe vontade de fazer uma das suas garotices, um tanto diabólicas, de outrora, teve uma comichão de troça. Levantou-se e disse:

— Enfim, pense em mim, se fundar um curso de moral nova!

A sr.ª Abraham fitou-a surprenedida. A impertinência era evidente. Replicou secamente:

— Basta-nos a antiga.

— Não faria mal, no entanto, em alargá-la um bocadinho!

— Que lhe meteria dentro?

— Quase nada, — respondeu Anita tranquilamente: — a franqueza e a humanidade.

A sr.ª Abraham, escandalizada, retorquiu:

— O direito ao amor livre, sem dúvida?

— Não, — retorquiu Anita, — o direito ao filho.

Quando saíu, teve um encolher de ombros para a sua bravata inútil... Estúpida! Para quê criar uma inimiga?... Apesar de tudo, riu do ar vexado da sua antagonista. Uma mulher não resiste ao prazer de devolver a outra uma afronta. Ora! A velha Abraham só seria sua inimiga até ao dia em que Anita voltasse a reconquistar a sua situação social. Reconquistá-la-ia.

Anita dirigiu-se a outras instituições; mas não havia lugares. Não os havia para as mulheres. As democracias latinas foram feitas para os homens. Às vezes incluem o feminismo nos seus programas; mas desconfiam dele. Não têm pressa de fornecer armas àquela que é ainda, na aurora do século XX, a rival dominada; mas que não o será por muito tempo, graças à tenacidade da mulher nórdica. Para acolherem, a resmungar, a mulher que trabalha e pretende exercer os seus direitos, é precisa a pressão do resto do mundo.

Anita teria podido ser admitida em dois ou três empregos, se as suas susceptibilidades não lhos tivessem feito perder. Consentiriam em fechar

os olhos acerca da sua situação irergular, se tivesse consentido em dar dela uma explicação especiosa: viuvez ou divórcio, à sua escolha. Anita, orgulhosa, teimava absurdamente, quando a interrogavam, em dizer as coisas como elas eram. Após duas ou três diligências malogradas, desistiu de se dirigir às instituições de ensino ou à Universidade. No entanto, deixara simpatias nesta. Encontrara lá espíritos suficientemente largos para a ajudarem, sem lhe fazerem quaisquer observações. Receava, contudo, ter de sofrer uma humilhação. Era ainda noviça na miséria. A sua altivez não tivera ainda tempo de criar calos nas mãos...

Procurou dar lições particulares. Não queria, porém, pedi-las entre os seus conhecimentos da burguesia, aos quais preferia ocultar as diligências que fazia. Dirigia-se a essas agências de colocação — de exploração — clandestinas, que existiam então em Paris. Não tinha, todavia, habilidade para se fazer notar bem nelas. Era desdenhosa. Censuravam-na por se mostrar difícil. Pretendia escolher, em lugar de aceitar fosse o que fosse, como tantas infelizes que, embora providas de muito poucos diplomas, ensinam tudo que lhes exigem, a preços de fome, a trabalhar de dia e de noite.

Finalmente, encontrou algumas estrangeiras, por intermédio de clientes de Sílvia. Dava lições de conversação a americanas. Tratavam-na amàvelmente, propunham-lhe, às vezes, um passeio nos seus carros; mas davam-lhe um salário irrisório, sem lhes passar pela cabeça que deviam pagar mais. Não hesitavam em dar cem francos por um par de botinas; mas por uma hora de francês pagavam um franco. (Não era impossível, nesse tempo, encontrar vendedoras de lições a cinquenta centimos à hora!...).

Anita, que não tinha, no entanto, o direito de ser exigente, rejeitava estas pagas indecorosas. Apesar de, contudo, ter procurado muito, não des-

cobria coisa melhor. A burguesia abastada, que, na educação dos seus filhos, consente em despender, para que todos o saibam, o que exige o ensino quando o ensino é público, explora sòrdidamente os professores ao domicílio. Lá, ninguém os vê; e trata-se de pessoas muito humildes, para poderem protestar. Por uma que recusa, há dez a suplicarem que as aceitem!...

Isolada, sem experiência, Anita estava em muito más condições para se defender. Possuía, contudo, o espírito prático dos Rivières e, também, a sua altivez, que não admitia os humilhantes salários a que outros se sujeitavam. Não pertencia à espécie lamentosa, que geme e consente. Não gemia nem consentia. Contra o que se poderia esperar, essa atitude deu resultado. A espécie humana é cobarde. Anita tinha uma maneira calma, um tanto altiva, de dizer «Não», que fazia calar os que regateavam.

Não ousavam tratá-la como o faziam a outras; assim, pôde obter condições menos miseráveis. Isso, porém, não era nada. Eram precisas muitas fadigas, para ganhar o que gastava por dia. Os seus alunos estavam disseminados por bairros distantes; e não havia ainda, em Paris, autocarros nem Metropolitano. Quando voltava a casa, à noite, tinha os pés magoados, e as suas botinas gastavam-se. Era, no entanto, robusta, e gostava de conhecer a vida do trabalho pelo pão de cada dia. Ganhar o seu pão era para Anita uma nova aventura!

Quando conseguia vencer, num desses pequenos duelos de vontade com os seus exploradores, ficava tão contente do seu dia como aqueles jogadores que, pelo prazer de ganhar a partida, esquecem o insignificante lucro que ela lhes dá. Aprendia a conhecer melhor os homens. O que via nem sempre era agradável; mas tudo vale a pena ser conhecido.

Entrava em contacto com o mundo dos trabalhadores obscuros. Eram contactos insuficientes, é certo, sem profundidade! Porque, se a riqueza isola, a pobreza não isola menos. Cada um vive absorvido pelas suas penas e pelo seu esforço; vê no outro menos um irmão de miséria do que um rival, cuja fatia é obtida à custa do que lhe caberia...

Anita via esse sentimento nas mulheres com quem entrava em concorrência, e compreendia-o, porque era, entre elas, uma privilegiada. Se trabalhava, para não estar a cargo de sua irmã, esta, contudo, existia, e ela estava, assim, preservada dos riscos da miséria. Não conhecia a incerteza febril do amanhã. Gozava plenamente do seu filho, ninguém lho pretendia arrancar. Como poderia comparar a sua sorte com a daquela mulher cuja história soubera: uma professora demitida, porque tivera, como Anita, a audácia de ser mãe?!

A verdade é que ela fora, a princípio, tolerada no ensino, mediante a condição de dissimular a sua maternidade. Exilada num posto de desterro, no fundo da província, teve de separar de si a carne da sua carne. Não pôde, porém, deixar de correr para o filho quando ele adoeceu. O segredo foi divulgado e a virtuosa província troçou ferozmente disso. A autoridade escolar, bem entendido, confirmou a justiça popular e pôs na rua os dois desobedientes ao código.

Era a essas que Anita ia disputar os míseros ganhos! Evitava concorrer aos lugares que outra pretendia. Preferiam-na, precisamente por ela os procurar com menos afã, visto ter menos necessidade. Não se estima quem tem fome. Da mesma forma, as infelizes a quem ela suplantava tratavam-na como uma intrusa que as roubava. Sabiam que eram injustas; mas a injustiça alivia, quando se é vítima da injustiça. Anita descobriu a maior das guerras, a guerra dos trabalhadores — não

contra a natureza ou contra as circunstâncias, não contra os ricos para lhes arrancar o pão — a guerra dos trabalhadores contra os trabalhadores, para se arrancarem uns aos outros o pão, as migalhas caídas das mesas dos ricos ou do Creso avarento, o Estado...

Essa era a grande miséria. Mais sensível ainda entre as mulheres. Sobretudo, as daquele tempo, pois eram ainda incapazes de se organizar. Encontravam-se no estado de guerra primitivo: um contra um; em vez de associarem as suas penas, multiplicavam-nas... Anita reagia, com o coração a sangrar e, apesar de tudo, com uma chama de alegria no olhar, mantinha-se na sua ingrata tarefa, pela novidade dela, pela força que tinha de despender e com o pensamento no seu filho, que a iluminava toda.

MARCOS passava os dias no *atelier* de Sílvia. A tia Vitorina morrera, pouco depois da mudança. Não pudera sobreviver à perda do velho lar, dos velhos móveis, dos hábitos de meio século de quietação. Como Anita estava até à noite fora de casa, Sílvia levara o pequeno para casa. Ele era como que o gato do *atelier*, amimado pelas clientes e pelas operárias, ora a engatinhar por toda a parte, ora a trepar às mesas, a juntar retalhos e alfinetes, a dividir cadilhos, a dobrar novelos, repleto de doces e de beijos.

Era um rapazinho de três a quatro anos, de cabelos castanhos claros, como os de Anita. Ficara um tanto pàlidozinho, depois da sua doença. Sílvia poderia lembrar-se das suas primeiras experiências, quando, sentada no balcão de sua mãe, ouvia os clientes. As pessoas grandes, porém, do alto das suas andas, têm um campo de visão muito diferente para poderem saber a que se prendem os

olhos duma criança e os seus ouvidinhos cor-de-rosa... Tinham bem em que se ocupar, no *atelier!*

As línguas desenferrujavam-se, risonhas, atrevidas, descaradas. O puritanismo não era o defeito de Sílvia, nem do seu rebanho. Rir bem, falar mal e fazer correr a agulha... Não pensavam no pequeno. Podia ele compreender?... Não compreendia (era o mais provável); mas aprendia e não perdia nada. A criança aproveita tudo, tateia tudo, prova de tudo. Ai do que anda perdido! Metido debaixo duma cadeira, levava à boca tudo que lhe aparecia à mão: migalhas de bolos, botões, caroços. Metia também palavras. Sem saber. Justamente, para saber! Mastigava-as, cantarolava-as...

— Porquinho!...

Era uma aprendiza que lhe arrancava das mãos um pedaço de fita que ele chupava ou que, para experimentar, metia no nariz. Não lhe arrancavam, porém, os palavrões que aprendia. Não se servia deles, por enquanto. Não tinha nada que fazer com eles; mas não se perdiam. Arrastava-se debaixo dos móveis e das saias, onde entregava a curiosos estudos sobre os pés que se crispam e os respectivos dedos prisioneiros das botinas, e quando era trazido aos usos e à posição normal das pessoas grandes, ficava imóvel e tranquilamente sentado entre as pernas de Sílvia.

Às vezes, porque a tia raramente estava parada, enroscava-se noutras saias. Encostava a cabeça contra o tecido quente e, de cara voltada para cima, via aqueles rostos inclinados, os olhos franzidos, de pupilas móveis, vivas, brilhantes, aquelas bocas que mordiam a linha, via a saliva e o lábio inferior (parecia ser o superior), que é comprimido pelos dentes, e a divisão das narinas, que é vermelha e se agita ao falar; e aqueles dedos que corriam com a agulha... Bruscamente, uma mão acariciava-lhe o queixo e o dedal que ela tinha causava-lhe frio no pescoço...

Nada se perdia para ele: aqueles cálidos e frescos contactos, aquela tepidez branda, aquelas claridades que coram, e aquelas sombras que ambreiam os pedaços de pele, e aquele perfume feminino... Não tinha, sem dúvida, consciência disso, *ele;* mas a sua múltipla consciência, aquela consciência em facetas, que se espalha à volta da alma da criança, registava essas impressões à medida que iam passando... Aquelas mulheres não suspeitavam de que, dos pés à cabeça, a sua imagem se imprimia naquela placa sensível. Apenas via-as só aos pedaços; e faltavam-lhe alguns, assim como num puzzle em que todas as peças estão misturadas.

Daí derivavam as suas bizarras e fugazes preferências, tão vivas como variadas, que pareciam caprichosas e eram menos inconstantes do que parciais. Muito ousado seria quem dissesse o que em cada uma dessas mulheres o atraía! Como um gato caseiro, era mais a doçura das mãos do que a pessoa toda inteira o que apreciava. Era o conjunto dessas doçuras, o lar, o *atelier*. Era egoísta, com candura. (Na verdade, o construtorzinho tinha, primeiramente, de reunir o seu eu). Era sinceramente egoísta, até nas carícias. Era meigo porque queria agradar e porque encontrava prazer nisso. Portanto, só o era para aquelas que tinha elegido.

A sua grande favorita foi, desde o primeiro momento, Sílvia. O seu instinto de animal doméstico percebeu, imediatamente, que era ela o deus do lar, o senhor que dá comer, beijos e o estado do dia, e a quem convém fazer a corte. Melhor ainda é ser cortejado. O pequeno soube notar que esse privilégio lhe era reservado. Não duvidou, aliás de que fosse merecido. Recebia, portanto, sem surpresa, mas com satisfação, a homenagem agradável e lisonjeira que lhe era prestada pela soberana do *atelier*. Sílvia animava-o, adulava-o, extasiava-se com os seus gestos, os seus passos, as suas palavras, o seu espírito, a sua beleza, a sua boca, os

seus olhos, o seu nariz. Oferecia-o à admiração das suas clientes e pavoneava-se com ele, como se fosse ela quem o tivesse tido. Também lhe chamava, às vezes:

— Grande malandro! Idiota!

Uma vez por outra, assoava-o, limpava-o, dava-lhe uma palmada. Dela, porém, não achava isso ofensivo e até (embora protestasse em altas vozes) não era de todo desagradável. Não é batido quem quer pela mão da rainha! Por uma outra, santo Deus! Por uma dessas migalhas de *atelier,* nunca o teria admitido!... Depois, até sem cetro, Sílvia tinha para ele um encanto. No seu *puzzle* feminino, feito dumas e doutras, era ela quem lhe tinha fornecido o maior número de pedaços.

Gostava de se embrulhar no seu vestido, a cabeça contra o ventre dela, a ouvir a sua voz (ouvia-a rir através do corpo); ou então a trepar pelos seus quadris, até que chegava lá acima e, com os dois braços em volta do seu pescoço, esfregava o nariz, os lábios e os olhos ao longo da sua face doce e, junto da orelha, naqueles caracòizinhos, muito loiros, que cheiravam bem. O que os olhos são para o espírito dos grandes, o tacto é-o para o das crianças. É o talismã que permite ver através das paredes e tecer o sonho daquilo que se julgou ver, a ilusão da vida. A criança tecia a sua teia. Sem saber o que eram aqueles caracóis loiros, aquela voz, aquele riso, aquela Sílvia, e que ele era «eu», pensava: «Pertence-me».

QUANDO Anita regressava a casa, à noite, sentia-se faminta. Caminhara todo o dia num deserto sem água, num mundo sem amor. Durante o dia, caminhara com os olhos voltados para a fonte que encontraria à noite. Ouvia-a sussurrar; e, antecipadamente, molhava nela os

lábios. Era possível até que qualquer transeunte, na rua, supusesse ser para si o sorriso que essa linda mulher dirigia à imagem do seu filho. Como o cavalo que, de longe, fareja a aveia, os seus passos apressavam-se, à medida que se aproximava da casa de Sílvia. Quando chegava, ávida de amor, por mais fatigada que estivesse, subia a escada a correr. Abria-se a porta, e ela precipitava-se para o filho; arrebatava-o, apertava-o, beijava-o furiosamente, nos olhos, por cima do nariz, por baixo do nariz, fosse onde fosse, em tudo que apanhasse; e a sua impetuosa alegria manifestava-se com grande ruído.

O pequeno, que estava a brincar ou còmodamente instalado numa poltrona fofa, e se entretinha, muito sério, a fazer riscos de giz ou a entrançar linhas de todas as cores — não ficava muito contente com essa invasão. Aquela mulher muito grande, que entrava bruscamete, pegava nele, o apertava, lhe gritava aos ouvidos e o sufocava com beijos... não gostava muito daquilo! Disporem dele sem sua autorização indignava-o. Não o admitia. Debatia-se, aborrecido; mas isso ainda fazia que ela o abanasse mais, lhe fizesse mais cócegas, e risse e gritasse mais alto!... Tudo nela lhe era desagradável: aquela falta de atenção, aquele barulho, aquela violência...

Compreendia muito bem que ela gostasse dele, que o admirasse e, até, que o beijasse; mas podia fazê-lo com outras maneiras! Que espécie de pessoa era aquela? Sílvia e as suas empregadas eram mais delicadas. Quando brincavam com ele, embora rissem ou gritassem, não era com aqueles clamores e aquela brutalidade de o agarrar e de o beijar! Surpreendia-se de que Sílvia, que sabia tão bem meter na ordem as outras mulheres, não desse uma lição de boas maneiras àquela mal-educada e que não o defendesse contra os atrevimentos dela. Sílvia, pelo contrário, usava com Anita dum tom

de afectuosa igualdade, que não tinha para as outras, e dizia a Marcos:

— Vamos, sê mais gentil! Beija a tua mamã!

A sua mamã! Bem sabia que o era; mas isso não era uma razão! Sim, ela também era uma autoridade doméstica. Estava ainda muito próximo do calor do seio materno para não conservar na boca gulosa o gosto açucarado do leite e no seu corpo de passarinho a sombra doirada da asa que o abrigara. Mais próximo ainda, nas suas noites de doente, em que um inimigo invisível lhe apertava a garganta, inclinara-se para ele a cabeça da sua grande protectora... Sem dúvida, sem dúvida! De momento, porém, não tinha necessidade dela.

Se guardava essas lembranças, e centenas doutras, no sótão da sua memória, não tinha já em que as empregar. Mais tarde, talvez... ver-se-ia... Presentemente, cada momento lhe dava um novo maná; já tinha bastante que fazer em o recolher todo. A criança é ingrata por natureza. *Mens momentanea*... Supõem que ela tem tempo de se lembrar do que foi bom ontem? O que é bom para ela é o que é bom hoje. Hoje, Anita cometera o erro de se deixar eclipsar por outras mais agradáveis e até mais proveitosas aos olhos de Marcos.

Em vez de andar a passear, sabe Deus por onde, e de só fazer à noite aparições bruscas, por que não ficava ela, como Sílvia e as outras, todo o dia ocupadas com Marcos, a fazer-lhe a corte? Então, tanto pior para ela! Assim, condescendia apenas em suportar as efusões de Anita e em responder à chuva de loucas perguntas afectuosas que ela lhe fazia com alguns «sim», «não», «boa dia», «boa noite», aborrecidos e distantes. Depois, fugia à tempestade, limpava a cara e corria para os seus brinquedos ou para os joelhos de Sílvia.

Anita não podia deixar de ver que Marcos lhe preferia Sílvia. Esta via-o ainda melhor. Riam-se disso e fingiam ambas não lhe ligarem nenhuma

importância. No fundo, porém, Sílvia sentia-se lisonjeada e Anita ciumenta. É claro que não o diziam uma à outra. Boa rapariga, Sílvia obrigava a caprichosa criança a beijar Anita, que, contudo, sentia pouca alegria ao receber essas carícias obrigadas; Sílvia tinha alguma. Não confessava roubar no pomar do pobre, a quem, depois, oferecia, principescamente alguns frutos. O que não se confessa, para não ficar com a sobrecarga de escrúpulos incómodos, saboreia-se melhor à boca calada. Sem nenhuma malícia, Sílvia sentia mais prazer em afirmar a sua autoridade sobre ele quando Anita estava presente. A irmã, em ar de brincadeira, dizia desprendidamente:

— Longe da vista, longe do coração.

O seu coração, todavia, não achava graça nenhuma nisso. O coração não praticava a ironia. Anita só a tinha na sua inteligência; mas amava como um animal, cegamente. É triste ser mulher entre mulheres e ter de se ocultar. Rir-se-iam dela, se mostrasse o seu pobre coração faminto de ternura. Anita, diante das outras, representava o papel de indiferente, falava do seu dia, das pessoas que vira, do que tinha aprendido, dito ou feito — em suma, de tudo que lhe era indiferente (ah, completamente!...).

À noite, quando regressava a sua casa, ao seu quarto, sòzinha com o seu filho, podia entregar-se inteiramente aos seus pesares, à alegria e, também, à paixão torrencial! Já não tinha de tomar precauções; ninguém de quem se ocultar. Tinha o seu filho todo para si, todo inteiro. Abusava um tanto disso; fatigava-o com a sua louca ternura. Como então, longe de Sílvia, ele sentia não ser o mais forte; por cálculo, não manifestava o seu despeito. Até ao dia seguinte, tinha de suportar, sem o deixar parecer, aquela mãe extravagante. Usava duma certa táctica: fingia estar a cair de sono.

Não tinha de fingir muito; o sono vinha depressa,

depois dos dias bem cheios. No entanto, ainda não tinha chegado, quando ele, ao colo da mãe, manso como um cordeiro, de olhos fechados, parecia desfalecido. Anita tinha de interromper o seu marulhar, para o meter na cama; e o farsantezinho, naquele meio sono em que, de degrau em degrau (ou, antes, deslizando pela rampa) se deixava cair, ria à socapa, ao ver, com os olhos semi-cerrados, a crédula mãe, que, muda, o adorava.

Tinha o sentimento da sua superioridade, demasiado o sabia. Sucedia, às vezes que, num ímpeto, lançava os bracinhos em volta do pescoço da mãe ajoelhada. Uma tal surpresa pagava largamente Anita das suas penas. O pequeno, cauteloso, não a repetia com frequência e Anita tinha de adormecer insatisfeita de ternura. Não adormecia, porém, antes de dar muitas voltas na cama, a ouvir a respiração do pequenito e a remoer os seus pensamentos febris... Ele não a tinha beijado com transporte... e ela dizia: «Não gosta de mim...» Apertava-se-lhe o coração; mas pensava logo: «Que estou a inventar?...»

Reprimia imediatamente essa ideia. Como se poderia viver assim? Não, não era verdade... Pobre criança, a quem acusava!... Tratava de procurar nas suas recordações o que tinha de melhor: as gentilezas do filho, as suas meiguices. Ao evocar essas imagens, dava-lhe vontade de o arrancar da cama para o beijar... «Não, não o acordemos!... Como respira docemente! Meu tesoiro!... Como será bom mais tarde!» Como o presente era, na verdade, um tanto magro, Anita imaginava, para o completar, um futuro de intimidade maternal com o filho, conforme os seus desejos. Tinha necessidade de um ídolo, para absorver as forças do seu ser, que, havia algum tempo, voltavam a inquietá-la.

JÁ não era a inquieta melancolia, aquela depressão neurasténica, que precedera a doença da criança, e que dessa doença derivara, aqueles dias de vida desocupada, em que se sentia quebrada de forças e vazia de interesse: o mar estagna, antes do refluxo. Era o retorno do fluxo oceânico. Anunciava-se por um rugir de ondas, um tumulto nocturno. A maternidade tinha, durante um certo tempo, acalmado esses elementos apaixonados. A fadiga material duma vida de trabalho opunha-lhes uma barragem. Aglomerados, porém, na sombra, batiam contra o rochedo.

A alma, cujo crescimento sobe a serpentear ao longo dos círculos da vida, voltara a um estado vizinho daquele por que passara, quatro ou cinco anos antes, entre o Verão ardente do hotel dos Grisões e a Primavera de amor com Rogério Brissot. Vizinho, mas não idêntico. Volta-se ao passado, por cima; mas não se desce a ele. O ser de Anita tinha amadurecido. A sua perturbação já não tinha a cega candura da rapariga. Era uma mulher; os seus desejos eram agudos e claros. Se não o queria saber, era precisamente porque o sabia. A sua vontade não amadurecera menos do que a sua carne.

Tudo se tornara mais rico e tomara um acento apaixonado. Assim, o reaparecimento daqueles demónios familiares — tão temidos — foi um meio-dia de tempestade acumulada. Silêncio pesado, silêncio cheio de tumultos futuros, que sucedia à alegria descuidosa, aos desgostos sem importância da alvorada juvenil. Até então, as sombras passavam pelo rosto de Anita sem parar. Agora, estava coberto delas. Quando não se observava em qualquer reunião, ou quando não era distraída pela presença do filho, caía no mutismo, com um sulco fundo na testa. Se notava isso, eclipsava-se sem ruído.

Quem a procurasse, então, iria encontrá-la a arranjar o seu quarto, a fazer a sua cama, a bater os colchões, a esfregar os móveis ou os vidros, em-

pregando mais força do que a necessária e sem conseguir sufocar o espírito, que fazia um barulho confuso. Parava, no meio dum gesto, em cima duma cadeira, com o pano na mão ou debruçada no parapeito da janela. Então, esquecia tudo, não sòmente o passado, mas também o presente, os mortos e os vivos, inclusive o próprio filho. Via sem ver, ouvia sem ouvir, pensava sem pensar. Era uma chama a arder no espaço; uma vela batida pelo vento do largo. Sentia o grande arrepio que passava ao longo dos seus membros; e o navio vibrava com toda a sua mastreação...

Depois, do ilimitado, começavam a sair os aspectos das coisas que a rodeavam. Do pátio da casa, para o qual estava debruçada, subiam os ruídos familiares; reconhecia a voz do filho, arrastada, cantante. O seu sonho, contudo, não se interrompia; tomava outro curso... Era um canto de ave, numa tarde de Verão... Coração cheio de sol, que prodígios de amor tens ainda para dar! Pegar em peso no mundo!... Muito pesada presa!... A consciência abandonava-a; caía no abismo incandescente, onde já não era cântico, nem voz de criança, nem Anita... nada mais do que uma vibração poderosa de sol... e Anita acordava, encostada ao umbral da janela.

À noite, os sonhos obsidiantes, que tinham desaparecido depois do nascimento de Marco, voltavam. Apareciam aos grupos de três ou quatro, que se sucediam ininterruptamente. Anita passava de um para outro, escalão por escalão. Levantava-se, de manhã, quebrada, a arder, como se tivesse passado dez noites numa só; e não queria lembrar-se do que tinha sonhado... Os que a rodeavam reparavam na sua fronte preocupada e nos seus olhos absortos. Não compreendiam essa brusca mudança, mas não se inquietavam com ela. Atribuíam-na a causas exteriores, às dificuldades materiais.

Para Anita, esses períodos de perturabção eram uma época renovadora. Não lhes rendia essa justiça,

porque suportava o peso da sua gestação, mais angustioso do que o da maternidade. Era também uma maternidade: a da alma oculta. O ser está escondido, como uma semente no fundo da terra, no amálgama de húmus e de barro humano, onde as gerações deixaram os seus detritos. O trabalho duma grande vida é libertá-lo disso. É precisa a vida inteira para esse parto. Frequentemente, a parteira é a morte.

Anita sentia a secreta angústia do ser desconhecido que sairia dela, um dia, rasgando-lhe as entranhas. Com acessos de vergonha, encerrava-se num retiro tumultuoso, frente a frente com o ser imanente; e as suas relações eram hostis. O ar estava saturado de electricidade; baforadas que se erguiam e recaíam na imobilidade. Conhecia o perigo. Bem podia a sua consciência deixar na sombra o que a incomodava. «Na sombra» era ainda ela, era a sua vida interior. Sabê-la ocupada, de alto a baixo, por seres que não conhecia, não era nada tranquilizador... «Tudo isto... Sou tudo isto... Que quer isto de mim? Que quero?» Respondia a si própria: «Não tens nada a desejar. Tens tudo».

A sua vontade crispada dirigia toda a sua violência de amor para o filho. Esses retornos da paixão maternal não eram muito felizes. Anormal, excessiva, doentia (porque essa paixão provinha duma tentativa impossível de encaminhar para uma via, que não era a sua, instintos muito diferentes e que não se deixavam enganar), não podia deixar de conduzir a decepções.

Anita buscava o filho. Marcos revoltava-se contra esse açambarcamento. Não ocultava a sua má-vontade à mãe. Achava-a «maçadora»; dizia-o em monólogos coléricos, que, felizmente, Anita não ouvia, mas que Sílvia surpreendeu um dia, zangando-se com ele, mas rindo às gargalhadas. Marcos, atrás duma porta, a conversar com a parede, dizia, com gestos sacudidos:

— Estou farto daquela mulher!...

ESCREVEMOS sempre a história dos acontecimentos duma vida. Julgamos ver nela a vida e é apenas o seu revestimento. A vida é interior. Os acontecimentos só actuam sobre ela quando os escolhe; somos tentados a dizer até: quando ela os produz; e, em muitos casos, é estrictamente verdade. Vinte acontecimentos passam, em cada mês, ao nosso alcance; não têm importância para nós, porque não sabemos que fazer deles. Se um nos atinge, pode apostar-se forte que lhe poupámos metade do caminho; provocámo-lo. Se o seu choque solta em nós uma mola, essa mola estava tensa e esperava o choque.

Cerca do fim de 1904, a tensão moral de Anita decaíu e as transformações que se operavam nela parecia coincidirem com certas mudanças que, no mesmo momento, se operaram à sua volta. Sílvia ia casar. Tinha vinte e seis anos e saboreara suficientemente dos prazeres da liberdade; julgara chegado o momento de gozar dos do lar. Não teve pressa de escolher. O estofo dum amante não precisa de ser de muita duração, basta que agrade; mas um bom marido deve ser dum bom pano resistente. Sem dúvida, Sílvia entendia que deveria ser também agradável; mas há agradar e agradar.

Para escolher marido, não deve haver precipitações. Sílvia ouvia a sua razão social. O seu comércio caminhava bem. A sua casa — *Sílvia, Alta Costura* — alcançara, junto duma selecta clientela da média burguesia, uma reputação justificada de elegância e de estilo, a preços moderados. Sílvia chegara a um ponto dos seus negócios que não podia ultrapassar sòzinha. Para ir mais longe, precisava de chamar em seu auxílio outras forças, juntar ao seu *atelier* de costura feminina outro de alfaiate, que lhe permitisse alargar o círculo das suas operações.

Sem se abrir com ninguém, procurou à sua volta aquele que melhor pudesse corresponder ao que de-

sejava. Fez calmamente a sua escolha, e, feita ela, decidiu do casamento. O amor viria depois. Teria também o seu lugar; Sílvia não casava com um homem a quem não pudesse amar; mas o amor podia esperar. Os negócios estavam em primeiro lugar. O objecto da escolha chamava-se Selve (Leopoldo); e, à primeira vista, a patroazinha decidira do título, do nome-fanal da sua nova casa — *Selve & Sílvia.*

Embora o nome não seja nunca, para uma mulher, de mínima importância, Sílvia não era tão tola para se contentar apenas com um nome; Selve (Leopoldo) era um bom partido. Não muito novo, trinta e cinco anos bem puxados, perfeito homem, como se diz em linguagem popular — o que quer dizer, em suma: bastante feio, mas sòlidamente construído, dum loiro arruivado, de boas cores, era primeiro contramestre numa grande alfaiataria, hábil no seu ofício, ganhava bem, era governado e nada conquistador. Sílvia tirara informações; fechou-se o negócio... na cabeça de Sílvia. Não consultara Selve; mas o assentimento do eleito era a última das suas preocupações. Encarregar-se-ia de o obter.

Selve não pensava nisso. Amigo do seu bem-estar e dos seus hábitos, boa pessoa, nada ambicioso e bastante egoísta, estava decidido a ficar solteiro. Não pensava em deixar o seu lugar, secundário, mas lucrativo e sem responsabilidades, em casa dum patrão que sabia o que ele valia. Depressa Sílvia alterou os seus projectos e a sua tranquilidade. Encontrou-o — fez-se encontrada com ele— numa exposição de Outono, onde fora, como ele, para estudar as modas que contribuíam para lançar.

Estava rodeada de pessoas, e, sem prestar atenção a Selve, começou a distribuir os seus sorrisos e as suas maliciosas saídas a três ou quatro rapazes que a cortejavam. Em seguida, depois de Selve ter amargamente saboreado aquela graça e aquele espírito que não eram para ele, percebeu, sùbitamente, que era o alvo das atenções dela, que só se dirigia

a ele, sem fazer caso dos outros. Sensibilizou-o essa brusca reviravolta, que atribuíu aos seus méritos pessoais. Sem dar por isso, caíu no laço. Adeus boas resoluções!

Algum tempo depois disso, Sílvia pediu a Anita que lhe fizesse companhia, à noite, depois do jantar, à hora em que não havia ninguém no *atelier*.

— Pedi-te que viesses — disse à irmã — porque espero alguém.

Anita surpreendeu-se.

— Ora essa! Para que precisas tu de mim? Não o podes receber sòzinha?

Sílvia, alegremente, retorquiu:

— Acho mais conveniente.

— O respeito pelas conveniências levou tempo a chegar!

— Mais vale tarde do que nunca — replicou Sílvia, com ar muito sério.

— Vem para cá com histórias. Vai contá-las a outro!

Sílvia ripostou:

— Exactamente; a outro.

Anita ameaçou-a com o dedo:

— Ah, então é a outro? Muito bem; e quem é esse outro?

— Ele aí está.

Selve (Leopoldo) tocou a campainha. Pareceu descoroçoado por não encontrar Sílvia sòzinha; mas fez boa cara, como homem bem educado que era. Não lhe era fácil fazer-se valer sòzinho, em presença de duas mulheres, sofrìvelmente espertas, que eram valores entendidos. Sentia-se espiado por dois pares de olhos. Após algumas galantarias, um tudo nada pesadas, de que Anita, por cortesia, teve a sua parte, falou dos negócios, da profissão, da sua vida ocupada.

Anita, carinhosamente, fazia-lhe perguntas, com um ar interessado. Selve mostrou-se, então, mais confiante e contou as dificuldades da sua carreira,

os seus malogros, os seus êxitos, sem perder nenhuma ocasião de fazer valer os seus merecimentos. Parecia simples, cordial, medíocre. Jogava com as cartas na mesa. Mais prudente, Sílvia, antes de jogar, espreitava o jogo do parceiro.

Anita, depressa relegada para segundo plano, embora seguisse a partida, surpreendia-se menos com a habilidade da irmã do que com a modéstia da sua escolha. Sílvia não teria dificuldades em encontrar um partido mais brilhante. Não o quis. Desconfiava dos homens muito bonitos ou muito brilhantes. Não teria escolhido (escusado é dizê-lo) um boneco ou um parvo. *In medio*... Entendia dever escolher alguém que a secundasse e não que desempenhasse o primeiro papel. Sabia que cada um, no casamento, deve dar e quer que lhe dêem: é a oferta e a procura. Pelo seu lado, ela procurava continuar a ser patroa em sua casa.

Que pretendia ele, pela sua parte? Ah, o pobre rapaz! O que queria era ser amado, por si, pelos seus lindos olhos... Não tinha muitas ilusões; sabia que não era nem bonito, nem atraente; mas a sua fraqueza era querer casar por amor... Ridículo, não é verdade? Encolhia os ombros, porque não era tolo, aquele grande ingénuo, experimentado pela vida e céptico a respeito de mulheres, como o são três quartas partes dos franceses. As necessidades do coração são, porém, tão fortes! Estúpida necessidade!...

«Por que não hei-de ser amado assim? Não sou pior do que os outros que o são!»... Assim, era, alternativamente, ora humilde, ora presunçoso. Variava sempre. Isso não era hábil... Porque o deixava perceber! Ela bem o tinha visto, a espertalhona.

Aqueles grandes olhos azuis, de globos um tanto salientes, que perguntavam: «Ama-me?...» Sílvia fazia uns olhos ternos, que não diziam não, nem diziam sim, porque a incerteza alimenta o amor. Quando as duas ficaram sós, Anita disse à irmã:

— Não brinques muito com ele!

— Por que não? — perguntou Sílvia, mirando-se. — Parece-me que vale a pena.

— Então é sério?

— Muito sério.

— Não te vejo casada.

— Bom! Espero que me verás, até duas ou três vezes...

— Não gosto que te rias destas coisas.

— Então de que hei-de rir? Pareces do Exército da Salvação! Vamos, general Boot (pronunciava «Bote») não franzas a tua linda testa! Não penso em mudar, antes de ter experimentado. Caso para que isso dure; mas, se não durar, tenho de me resignar a outro.

— Não me inquieto por tua causa, — disse Anita.

— Palavra? Ele que to agradeça! Conquistou-te?

— Ele não te merece, Sílvia. Não queria, porém, que um dia fizesses sofrer esse pobre homem.

— Sofrer! Um faz sofrer o outro, fica uma coisa pela outra! Claro que sofrerá!... O pobre homem! Queria estar no seu lugar... Vamos, não te preocupes por causa dele! Julgas que não sei o valor do meu Adónis? Não é enorme, mas tem o seu peso. Conheço o artigo. Não lho digo; não se deve lisonjear os homens, porque isso é deixar-lhes crer que têm direitos sobre nós. Por mim, tomarei tento. Não cairei na tolice de me prejudicar para o prejudicar.

«Se não garanto que não o farei rabear (seria excelente, para emagrecer alguma coisa), só o porei à prova quando isso foi necessário! Bem entendido, mediante a condição de que não tenha de que me queixar! Por outras palavras: o menos que pode esperar é que lhe pague na mesma moeda. Costumo pagar de contado. Sou uma honrada comerciante: só engano os meus clientes no justamente indispensável para viver. A menos que eles não tenham a pretensão de me enganar a mim. Então, sou eu que os engano e, de que maneira!

— Pensar — exclamou Anita — que nunca se poderá conseguir que fales a sério!

— A vida seria insuportável, — retorquiu Sílvia, — se tivéssemos de dizer as coisas sérias sèriamente!

Leopoldo não tardou muito em voltar e Sílvia não o fez esperar muito. Ràpidamente, inspeccionou as posições do inimigo e reconheceu, por detrás das suas obras de defesa, as suas armas e bagagens, as suas munições, antes de se render. Levou-o, sem dificuldade, a aceitar os seus projectos. Até ao fim da vida, Leopoldo conservou a ilusão de que fora ele quem tivera a ideia de fundar a grande casa de costura: *Selve & Sílvia.*

O casamento foi fixado para meados de Janeiro, época em que o trabalho abranda mais. As semanas que o precederam foram um belo tempo para o *atelier.* Leopoldo, radiante, convidava todo o bando, levando-as ao teatro ou ao cinema. Tinham tanta necessidade de se divertir! Quando uma delas se casa, é como se trouxesse o casamento para todas. Cada uma das outras acolhe o visitante, murmurando-lhe: «Não esqueças! Para a próxima vez, é o meu turno...»

Anita deixou-se conquistar pela alegria geral. Em vez de sentir mais vivamente o vazio da sua vida, perguntava a si própria que era feito das suas penas. Tinham caído como uma camisa ao longo dos quadris. Oh, corpo jovem! O desgosto não adere à pele... Não era por aquele casamento lhe agradar. Gostava muito sinceramente da irmã, para não a ver, com certa melancolia, afastar-se mais de si. Não era um espectáculo agradável ver aquela bonita rapariga dar-se a um homem um tanto vulgar... Anita tivera a respeito de Sílvia outras aspirações. Dos nossos sonhos, porém, os outros não sabem que hão-de fazer. A sua maneira de serem felizes é a sua, e não a nossa. Têm razão...

Sílvia estava satisfeita. A afeição de Leopoldo, a admiração que ele lhe testemunhava, lisonjeavam a sua vaidade e aos poucos o seu coração. Como dissera à irmã, apreciava a seriedade de carácter daquele que escolhera. Seria um companheiro sólido, nada incómodo; embora ela não tivesse a intenção de abusar (nunca se sabe), tinha a certeza de não ter de aturar um fiscal da sua conduta demasiado meticuloso. Leopoldo não queria conhecer o passado de Sílvia. Tinha confiança nela e era-lhe grata por isso.

A experiência da vida não deixara a Leopoldo muitas ilusões, nem, sobretudo, muita intransigência. Ensinara-o a ter, para seu uso, e a aceitar, para o dos outros, como regra de conduta, um egoísmo cordial de bom homem céptico, afectuoso, nada exigente, que não pede aos outros aquilo que ele próprio não pode dar. Sílvia encontrava-se, em suma, muito mais próxima dele do que de Anita. Gostava mais de Anita; mas, se a irmã fosse um homem (dizia-lho a rir), não casaria com ela! Não, não, isso daria mau resultado!... Selve dava-lhe toda a segurança. Esta impressão repoisante dispensava-a de pensar nele; pensava na boda, nos vestidos que faria para si, no seu futuro lar, nos grandes projectos comerciais e isso dava-lhe um contentamento perfeito.

A boda realizou-se num dia de Inverno, radioso. Selve levou todos os convidados para o bosque de Vincennes. Foi uma festa cheia de alegria. Anita tomou parte nela e divertiu-se à grande. Noutros tempos, o lado ruidoso e um tanto vulgar desses divertimentos tê-la-ia chocado. Não sucedeu, porém, assim, naquele momento. Ria como aqueles excelentes rapazes e aquelas despreocupadas raparigas, que se entregavam ao prazer dum dia de folga, entre dois de trabalho. Tomou parte nos seus folguedos

e encantou toda a gente com o seu entusiasmo. Sílvia, que a conhecia fria e desdenhosa, via-a correr e divertir-se cheia de à-vontade. Ei-la que jogava à cabra-cega, com os olhos vendados, rubra de animação, a boca aberta e risonha, a cabeça levantada, dir-se-ia que para apanhar a luz que jorrava do alto, os braços estendidos, as mãos como asas, a caminhar a grandes passadas, a tropeçar, a rir alto!...

Aquele belo corpo vigoroso de cega apaixonada quem iria agarrar? Quem o agarraria? Mais de um dos que a viam pensavam nisso. Anita, porém, parecia só pensar no jogo... Que tinha feito das preocupações que ainda na véspera passavam no seu espírito? E do seu ar absorto, atribulado, em permanente tensão?... Sílvia atribuía a si o mérito de ter conseguido distrair Anita das suas atribulações, e congratulava-se com isso. Anita, contudo, bem sabia que a causa vinha de mais longe. Não estava livre de preocupações, por rir na boda; ria na boda por estar despreocupada...

Que se passara? Uma coisa estranha, que não fora obra de um dia, embora tivesse aparecido em certo dia, havia já algumas semanas. Fora um domingo, de manhã. Estava sentada, semi-vestida, em frente do seu toucador. Era ao domingo que podia cuidar de si demoradamente, pois nos outros dias tinha de sair cedo. Sentia-se lassa de fadiga acumulada durante a semana. O filho, mal se levantara, deslizara do quarto para ir ter com a tia. Interessava-se muito pelo casamento e divertia Sílvia com as reflexões que fazia a esse respeito, como se fosse uma pessoa experiente.

Leopoldo amimava-o; para fazer a corte a Sílvia, fazia-a ao cãozinho. Por isso, Marcos, adulado e muito senhor da sua importância, passava todo o tempo no andar de baixo, e só ficava junto da mãe contrariadamente. Anita sentia com isso uma certa amargura. Naquela manhã, contudo, o cansaço sobrepunha-se aos seus desgostos, e havia até um

sentimento secreto que lhos aliviava. No entanto, suspirou, por hábito. Saboreava essa fadiga e esse prazer confusos, de saber que podia descansar. Santo Deus! Estender-se a todo o comprimento, um dia inteiro de domingo, sem ter de se mexer... Domingo! Outrora, Anita não sabia avaliar o preço disso...

«Uma pessoa sente-se cansada, cansada! É bom não ter de se mexer! Era capaz de dormir mil anos... Embora mal sentada, numa posição incómoda, não faria um único movimento... Há um encanto na quietação. Tem-se medo de o quebrar. Não se mover! Está-se tão bem!...» Anita olhava, pela janela, para o tecto fronteiro, para o fumo que saía da chaminé do padeiro. O fumo dançava, impelido pelo vento, em volutas, claro e alegre, alongava-se, enrolava-se, corria num bailado caprichoso pelo céu azul.

Os olhos de Anita riam e o seu espírito dançava, também, nos prados do ar, e arrastada por loucos arabescos. Todo o peso da terra ficara em baixo. O espírito sentia-se nu, ao vento e ao sol. Anita cantava a meia voz... De repente, voltaram a aparecer-lhe os olhos encantados dum rapaz que a fitara, na véspera, no autocarro. Não o conhecia, não o voltaria a ver, sem dúvida. Esse olhar, porém, que surpreendera ao voltar a cabeça, sùbitamente (pois ele não supunha ser visto), confessava tão singelamente a sua sedução que, a partir desse momento, uma alegria nova entrou nela... Simulava não saber a causa dela... Como o seu espelho lhe devolvia a imagem do seu sorriso, viu-se com os olhos daquele que a amaria um dia... Para onde fostes, cuidados?... Ainda se ouviam zumbir ao longe, muito ao longe, às lufadas... «Basta! Basta! Para quê?!... É preciso resignar-se!»

Dizê-lo não era novo para Anita. Repetira-o vinte vezes. Ninguém acreditasse, porém, que pen-

sava o que dizia! Não se deve atribuir esse triunfo à razão. A razão é boa conselheira; mas nem sempre se dá ouvidos aos bons conselhos. O coração só se convence com os argumentos do coração. Estes, então, não faltavam. Presentemente, Anita consentia em ver o absurdo das suas exigências de amor maternal. Se consentia nisso era, porém, que outras aspirações reprimidas tinham ressuscitado. Uma vez dada essa aquiescência tácita, Anita sentia-se aliviada. A voz da juventude desperta dizia-lhe: «Não há nada perdido. Tens ainda direito a ser feliz. A tua vida começa...»

O mundo reanimou-se. Tudo retomou o seu gosto primitivo. Até nos dias tristes, havia luminosas abertas. Anita não tinha nenhum plano para o futuro. Entregava-se ao prazer de reconquistar esse futuro, fosse ele qual fosse... Sim, sim; era jovem, jovem como o ano... Tinha toda a vida na sua frente...

ERA um desses dias lindos do mês de Fevereiro precoce, que tanto encanto têm em Paris. A Primavera só existia, por enquanto, no céu e nos corações; mas tudo era puro, duma pureza luminosa, duma alegria límpida de criança que desperta. Os belos dias do ano iam aparecer; antes que os passarinhos voltassem, ouviam-se chegar, como do alto duma torre perdida no céu claro se vêem nuvens de asas, enxames de andorinhas que voltam, passam os mares! Já se sentem cantar no coração...

Como todos os seres sadios, Anita gostava de todas as estações. Adaptava-se a elas, partilhava das suas forças secretas. As da renovação exaltavam-na. Andava feliz por caminhar, feliz por trabalhar. Levava para o lar uma boa fadiga e um grande apetite. Interessava-se por tudo, cheia duma

curiosidade nova pelas coisas do espírito, que havia quatro anos pusera de parte, pelos livros, pela música. Algumas vezes, à noite, embora fatigada, saía e corria Paris de ponta a ponta, para aproveitar uma entrada num concerto. Sílvia invejava-a, porque a sua gravidez em começo não lhe permitia isso.

Nos seus passeios à noite, Anita mais duma vez era seguida. Notava-o, distraída, sonhadora, divertida. Bruscamente, era detida no meio do seu solilóquio pelo sentimento de que arrastava alguma coisa atrás de si. Acordava, olhava curiosamente para essa coisa que murmurava, e encolhia os ombros, ou, então fazia uma careta e continuava o seu caminho dizendo: «Que velho tolo!» O tolo era, muitas vezes, jovem; e Anita pensava: «Dentro duma dúzia de anos, Marcos poderá ser assim.»

Detinha-se indignada. O falso Marcos recebia então um olhar colérico, que se dirigia ao outro, e não insistia. Os olhos, porém, punham-se a rir. Aquela ideia de ver Marcos naquela situação, já rapaz grande, belo moço, apesar de tudo, divertia-a. O amor próprio maternal, no entanto, rejubilava. Reparava nisso e repreendia-se... Ou, melhor: era Marcos quem ela repreendia. «Atrevido! — ralhava. — Quando chegar a casa, puxo-lhe as orelhas.» (Puxava-lhas).

Essas aventurazinhas divertiam-na... Sim, as primeiras vezes; mas, quando aquilo se prolongava... «Que maçada! Já não se tem o direito de passear tranquila? Porque uma pessoa olha à direita e à esquerda, simplesmente, gentilmente, ou porque sorri, hão-de logo suspeitá-la de pensar no amor! Ah, o amor, bem o conheço, vi-o de perto! Os tolos que supõem que não podemos passar sem eles! Não imaginam que possamos ser felizes sem eles, felizes ùnicamente porque o tempo é belo, somos jovens e temos o pouco de que precisamos!... Pensem o que quiserem! Acaso penso neles?...

Neles!... Parece que nunca se viram a um espelho...»

No entanto, ela via-os; e, como se encontrava em estado de graça (isto é: de alegre liberdade) não os via por um prisma muito lisonjeiro. Ah, sem dúvida nenhuma! Perguntava a si própria como pode alguém enamorar-se do homem. Na verdade, não é um belo animal! É preciso ter perdido a cabeça para o achar sedutor... A filha de Rivière, que era uma boa francesa, da espécie clássica, que lia Rebalais e Molière, repetia a si própria o dito de Dorina a Tartufo.

Anita troçava do amor... (Ah! Como ela pretendia enganar-se!...). Provocava-o, trazia-o no coração. Parecia adormecido manhoso, mas esperava a sua hora. Aquelas escaramuçazinhas preparavam o verdadeiro ataque. O inimigo aproximava-se. O amigo... Como poderia ter sido possível desconfiar? Todos os outros, se quiseram; mas *ele,* que ideia!

Juliano Dumont tinha pouco mais ou menos a idade de Anita, de vinte e nove a trinta anos. De estatura meã, um tanto curvado, uma cara triste e que parecia feia, se não fossem os olhos bastante bonitos, escuros, doces, sérios, humildemente cariciosos quando fitavam; a testa alta, com uma ruga ao meio, o nariz forte, as faces de ossatura saliente, uma curta barba preta, a boca afectuosa que se dissimulava sob um comprido bigode (isso era em Juliano como que o propósito de ocultar aquilo que tinha menos feio), tinha o tom mate do marfim velho dum homem que se alimenta mais de livros do que de sol. Era uma fisionomia a que não faltava inteligência nem bondade, mas um tanto mole, adormecida, que a vida e as paixões não tinham ainda modelado. No conjunto, qualquer coisa de teimoso e de malogrado.

Era ainda mais ingénuo e mais novo do que

Anita, que o era já demasiado. Apesar da sua curta experiência, mais violenta do que extensa, ela nao sabia grande coisa do mundo do amor. É certo que a intuição que herdara de seu pai e as conversas de Sílvia, que às vezes valiam bem as da rainha de Navarra, não a deixavam ignorar nada. A lição, porém, é mal aprendida quando não é o coração que a estuda à sua custa. As palavras não são do mesmo estofo da realidade. Sucede que, ao encontrar na vida aquilo que se leu, não o reconhecemos. Anita, apesar de bem instruída, tinha de aprender quase tudo. Juliano, porém, tinha de aprender tudo.

Juliano vivera sempre longe do amor. Receia-se muito em França falar desta espécie de «inocentes», que excitam as graçolas dum povo espirituoso, mas que varia pouco as formas do seu espírito. Esses «inocentes» são numerosos. Seja por escrúpulo religioso, seja por puritanismo moral, seja por timidez fundamental, muitas vezes doentia, seja (e é o mais frequente) por um labor excessivo que absorve os anos da juventude, vida pobre, trabalhos duros, repulsa pelos amores vulgares e respeito pelo futuro daquela que virá (ou não virá), em todo o caso, sem dúvida, por frieza de temperamento, lentidão nórdica do coração a despertar, que não prejudica nada a força das paixões futuras e que, antes, as reune e mantém em reserva... eles são numerosos. A juventude feliz, que passa a seu lado, nem pensa neles. À volta desses inocentes, o vácuo. Ficam de parte.

Juliano não conhecia quase nada da vida, a não ser pela inteligência. Oriundo duma família burguesa, pobre, laboriosa, limitada estrictamente aos dois pais — o pai, obscuro professor que se matara com trabalho, a mãe, que se devotara inteiramente ao filho e a quem o filho era devotado — com um fundo religioso, católico praticante, crente, de ideias liberais; uma vida de trabalho contínuo, mo-

nótomo, friamente esclarecida por uma alegria severa da consciência e dos hábitos; sem nenhum interesse pela política, desamor à vida pública, culto da interior, escondida, doméstica; uma alma verdadeiramente honrada, modesta, que conhecia o preço das humildes e fortes virtudes e tinha, no fundo do coração, um perfume de poesia.

Era professor de ciências num liceu. Conhecera Anita na Universidade, quando ambos tinham vinte anos. Desde o primeiro dia, sentia-se atraído por ela. Anita, então, rica, festejada, radiosa de juventude e de egoísmo feliz, distraìdamente distante, intimidava Juliano. Os seus camaradas, mais ousados, apoderavam-se, em volta dela, do lugar que ele desejaria ocupar. Invejava-os, mas não tentava rivalizar com eles. Julgava-se inferior, feio, desajeitado, mal vestido, e exprimia-se com dificuldade, de modo a não poder dar uma ideia exacta da sua inteligência e da sua sinceridade. A consciência do seu físico desagradável tolhia-o tanto mais quanto era sensível à beleza; e a da Anita inspirava-lhe um respeito silencioso. Considerava-a bela.

Não tinha a liberdade de espírito dos seus companheiros que lhe faziam a corte e que, ao mesmo tempo, faziam apreciações pouco galantes dos seus atractivos e das suas imperfeições, das suas espessas sobrancelhas, dos olhos esbogalhados, do nariz curto. Juliano não via esses pormenores. Era o único, porém, entre aqueles rapazes, que apreendia a harmonia daquela forma viva, o único que a lia, pois toda a forma exprime um sentido interior, embora quase todos se detenham no desenho exterior. Juliano não separava, dos olhos, da testa, das fortes sobrancelhas de Anita, a energia do carácter e o vigor do espírito. Via-a de longe, numa visão de conjunto, simples, sumária. Via-a com justeza, com mais justeza, nesse relancear de olhos, do que quando, ao aproximar-se dela, procurou conhecê-la melhor. Era um desses espíritos presbitas, que não

podem ver de perto. Às vezes, têm génio, mas tropeçam a cada passo.

Juliano e Anita voltaram a ver-se, uma manhã, na grande sala envidraçada do primeiro andar da Biblioteca de Santa Genoveva. Havia cerca de dez anos que não se tinham encontrado. Juliano, prudentemente, afastara do seu pensamento a imagem que ressurgiu, naquele dia, diante de si. Levantou os olhos do seu livro. Do outro lado da mesa, a alguns passos de distância, viu-a a ler. No seu belo cabelo castanho, um gorro de peles; o casaco atirado para trás (era ainda Inverno, a Páscoa aproximava-se, e a sala, onde se infiltrava pelas grandes janelas o ar gelado da praça, não era aquecida).

Juliano conservara a gola do sobretudo levantada, mas ela, de pescoço a descoberto, não sentia o frio. Um cotovelo na mesa, a face apoiada nas costas da mão, Anita tinha a atitude familiar que ele lhe conhecera outrora, a fronte inclinada para diante, as loiras sobrancelhas franzidas e os olhos a correr pela página, enquanto mordia a ponta do lápis. Juliano voltou a sentir a comoção dos seus vinte anos; mas não lhe poderia vir à ideia levantar-se para lhe ir falar.

Por muito ardor que pusesse em ler, como punha em tudo, Anita entretinha-se sempre com mais de um pensamento. As ideias que fora procurar aos livros, e que verdadeiramente a interessavam, raramente se apresentavam sem um cortejo de imagens, que não tinham com elas grande coisa de comum. Punha-as fora; mas, de momento a momento, as imagens indiscretas voltaram a bater à porta. A mulher, por mais intelectual que seja, não se esquece nunca de si enquanto lê; a chama interior é demasiado forte. Anita interrompia a sua leitura, para abrir por um instante as comportas.

Como tivesse assim suspendido a leitura e passeado à sua volta um olhar um tanto vago, os

seus olhos encontraram os de Juliano, que a contemplava. A imagem de Juliano parecia-lhe fazer parte ainda daquelas que a habitavam. Depois, sùbitamente desperta — como quando de manhã, no travesseiro, se encontrava de um salto no meio da vida — levantou-se, contente, e, por cima da mesa, estendeu-lhe a mão.

Juliano, confuso, foi sentar-se, desajeitadamente, a seu lado. Puseram-se a conversar. Juliano falava pouco. Estava deslumbrado com uma felicidade tamanha. Anita é que fazia as despesas da conversação. Sentia-se satisfeita: era um passado feliz que ressuscitava. Juliano desempenhara nele um papel muito apagado. Fora um anel banal da cadeia. A farândola desdobrava-se, Juliano estava já longe... mas julgava ver-se sempre nos olhos risonhos de Anita; e, perturbado, não sabia que dizer-lhe.

Esforçava-se (o desastrado!) por disfarçar a admiração que ela lhe causava. Achava-a bela, mais bela ainda, mais próxima, mais humana, qualquer coisa de novo... Que era? Não sabia nada a seu respeito. Estava seis anos atrasado, na altura da morte do pai de Anita. Não soubera mais nada. Vivia retirado, a maledicência de Paris não chegava até ele... Perguntou se Anita ainda morava em Bolonha.

— Como?! Não sabe? Há muito que me mudei... Sim, puseram-me fora.

Juliano não compreendia. Anita explicou-lhe, a correr, com um ar divertido, que se encontrava arruinada por sua culpa, pela sua indiferença pelos interesses materiais.

— É bem feito! — acrescentou.

Depois falou de outra coisa. Nem uma palavra sobre a sua vida. Não que a pretendesse ocultar; mas os outros não tinham nada a ver com ela. Se Juliano tivesse, no entanto, insistido, feito qualquer pergunta, ter-lhe-ia respondido com franqueza. Ele,

porém, não perguntou nada, não se atrevia fazê-lo; estava com a cabeça perdida, absorvido por este único pensamento: «Ela estava pobre, pobre como ele...» Já o vento ardente da esperança o invadira. Para disfarçar a sua comoção, inclinou-se, com um brusco ar de camaradagem, para a brochura que Anita tinha diante de si:

— Que estava a ler?

Folheou. Era uma revista de ciências. Havia um maço delas ao lado.

— Sim, — disse Anita, — procuro pôr-me ao corrente. Não é fácil. Perdi o pé, nestes cinco anos. Preciso de ganhar a minha vida, de dar lições, e não tenho tempo. Aproveito as férias da Páscoa, em que não há lições. Procuro recuperar o tempo perdido. Como a dois carrilhos, como vê! (Mostrou as revistas abertas que a rodeavam). Desejaria absorver tudo; mas é muito, e não o consigo. Tenho de reaprender. Há uma quantidade de coisas que se passaram na minha ausência; fazem-se alusões a trabalhos que não conheço... Meu Deus! Como se caminha depressa... mas hei-de apanhá-los! Juro-o! Não quero ficar para trás, no meio do caminho, como uma inválida. Há boas coisas para ver, por aqui. Quero vê-las...

Juliano bebia as suas palavras. De tudo que ouvia, retinha apenas isto: ela ganhava a sua vida, com dificuldades; e ria... Subia na sua admiração a uma altura que a antiga Anita nunca tinha atingido. Arrastava-o até lá, porque a alegria, que ele não tinha, era ela quem lha dava. Saíram juntos. Juliano sentia-se orgulhoso por acompanhar aquela linda mulher; e ainda não voltara a si do espanto de ela se lembrar ainda tão bem dele.

Antigamente, Anita, apenas parecia notar a sua existência; e agora lembrava-lhe pequenas coisas esquecidas que lhe diziam respeito! Perguntara-lhe pela mãe, e isso sensibilizou-o tanto que o seu acanhamento se desvaneceu. Por sua vez, come-

çou a contar coisas que lhe interessavam; mas hesitava, as palavras saíam-lhe geladas. Anita ouvia-o complacente, levemente irónica; e tinha vontade de lhe sugerir as frases. Juliano estava ainda no princípio e começava a sentir-se senhor de si, quando ela lhe estendeu a mão, para o deixar. Teve apenas tempo para perguntar se ela voltaria à biblioteca e a alegria de lhe ouvir dizer:

— Amanhã.

Juliano regressou a casa confuso. Sentia-se envergonhado de si próprio; mas no dia seguinte repararia os seus erros. Não queria, naquele momento, pensar noutra coisa que não fosse o milagre daquela amizade. Por seu lado, Anita, que se enterrara na roda de Sílvia, sentia prazer em voltar a ver um camarada dos seus tempos de intelectual. Não que ele fosse muito vivo — francamente não era! — mas era sério, simpático, bom rapaz... e de gelo!...

No dia seguinte, não teve motivos para mudar de opinião. Juliano só aquecia longe dela em casa. Desde que voltava a vê-la, o gelo reaparecia. Ficou consternado com isso. Preparara tantas coisas para dizer (preparara uma conversa, como se fosse uma lição); mas, diante dos olhos de Anita, não tinha nada para dizer. Do discurso interior muitas vezes repetido, ficava um resumo insípido... Aborrecia-se consigo próprio, ao ouvir-se gaguejar. Só retomava um certo aprumo no terreno das ciências, quando não se tratava de si. Então, era preciso, claro, chegava até a animar-se.

Anita não pedia mais do que isso. Ávida de saber, assediava-o de perguntas, que divertiam Juliano pela sua inteligência, pronta a imaginar, a adivinhar, erradamente às vezes, mas (bastava uma palavra) para voltar ao ponto exacto onde a queriam levar... Gostava de ver aquele rosto atento, cujos olhos mergulhavam nos dele para mais depressa atingir o seu pensamento, e sùbitamente radiante... Tinha compreendido! A alegria do pensamento com-

partilhado, desse sol invisível e da imensa perspectiva que a sua claridade descobre, a alegria de irem juntos, em exploração, por caminhos novos, com ele a servir-lhe de guia!

Era delicioso conversar assim, naquele mercado do livro, naquela igreja do espírito! Delicioso para ele, mas não para os vizinhos! Falava alto, esquecido de que havia outras pessoas à volta. Anita fê-lo calar com um sorriso e levantou-se para sair. Juliano seguiu-a, mas como não tinha diante de si a sua mesa e os seus livros, voltou a ser na rua, o mesmo acanhado que Anita vira na véspera. Procurou levá-lo a falar de si; foi trabalho perdido!

Juliano não podia decidir-se a deixá-la; queria acompanhá-la até à porta da sua casa. Teimava nisso, enfatuado, crispado, brusco, à força de desajeitado; certos momentos, sem querer, chegava a ser indelicado... Era maçador! Anita, já aborrecida, pensava: «Como diabo me poderei ver livre dele?» Juliano percebeu, no canto da boca que se calava, uma ruga de troça. Parou sùbitamente e disse num tom penalizado:

— Oh! Desculpe-me. Estou a maçá-la! Sim, sei-o, bem o sei! Sou tão aborrecido!... Não sei falar. Estou desabituado. Vivo só. Minha mãe é boa, muito boa; mas não lhe posso falar do que penso. Muitos dos meus pensamentos a inquietariam; não os compreenderia... Nunca encontrei ninguém que se interessasse por eles... Também não o peço... Foi muito boa, ouvindo-me com indulgência. Deixe-me ir, a pretender contar-lhe... mas não é possível. Não devemos contar, mas guardar para nós... Não tem interesse e não é próprio dum homem... Viver e calar-se... Peço-lhe que me perdoe tê-la aborrecido tanto.

Anita sentiu-se sensibilizada. Havia naquelas palavras uma real comoção; aquela mistura de modéstia e de triste altivez impressionou-a; sentiu, sob o envólucro de frieza, muitas decepções e muita ter-

nura ferida. Num daqueles impulsos do coração a que não sabia resistir, pôs-se a sentir por Juliano uma afectuosa simpatia. Disse-lhe, com ardor:

Não, não; não o lamente! Agradeço-lhe ter falado. Fez muito bem em falar (corrigiu com uma pontinha de ironia, que dessa vez não tinha nada de cruel)... tentar falar... Sim... não é fácil; não está habituado... Pois ainda bem que não está habituado!... Prefiro isso. São demasiados os outros que o estão!... Não é, porém, proibido esperar que o habitui... Quer? Visto não ter ninguém com quem falar!...

Juliano estava muito comovido para poder responder, mas o seu olhar exprimia um reconhecimento ainda desconfiado. Embora a hora de ir para casa tivesse já passado, Anita voltou para trás, a fim de passearem ainda uns minutos juntos. Falava-lhe com um ar de maternal camaradagem, num tom simples e cordial, que era como que se poisasse a sua mão fresca naquela fronte dolorida. Sim, ele estava magoado, aquela criança grande. Com o seu ar brusco, tinha necessidade de ser tratado com doçura... Agora, recobrava alento... No entanto, era preciso voltar para casa!... Anita propôs-lhe que se vissem de tempos a tempos. Reconheceram que o trabalho que faziam na biblioteca poderiam muito bem fazê-lo no jardim do Luxemburgo, ou...

— Ou... porque não em minha casa?

Anita convidou-o para um dos próximos domingos e desapareceu, sem esperar pela resposta...

Ah! Como ele falaria bem, agora que ela já não estava ali!... Voltou a rever toda a cena; saboreava a bondade de Anita. Como aquele homem, ponderado no exercício da sua inteligência, era incapaz de guardar as proporções nas coisas do coração, passou, sem transição, para a ideia de que os seus sentimentos estavam destinados a encontrar eco naquela que... talvez...

ANITA não tinha a mínima suspeita do que se passava em Juliano. O físico ingrato do seu novo companheiro era, para ela, uma garantia segura contra o amor, e — pensava, trocista, — deveria sê-lo, também, para Juliano. Estimava-o; lamentava-o. Ser lamentado tornava-o simpático. Era-lhe agradável pensar que podia fazer-lhe algum bem; e isso tornava-lho ainda mais simpático. Nunca lhe acudiria ao espírito desconfiar dele, e muito menos de si.

Esquecera o convite que fizera; mas, no domingo seguinte, ele apareceu a lembrar-lho. A alegre surpresa que manifestou não era fingida. Juliano, que havia uma semana só pensava naquele momento, não viu a surpresa, para só ver a alegria; a sua aumentou com a dela. O tempo estava mau. Anita não tencionava sair de tarde. Como não esperava ninguém, estava muito à-vontade; os aposentos também não estavam arranjados. O pequeno tinha feito das suas. Embora se tenha, como Anita tinha, o gosto pelas coisas arrumadas, as crianças obrigam a renunciar a isso, como a tantos belos projectos que se fazem sem contar com elas.

Juliano julgou que tudo era intencional e feito para ele, vendo nessa «bela desordem» não, evidentemente, «um efeito da arte», mas um sinal da intimidade que lhe queria conceder. Chegou, com o coração aos saltos, mas muito disposto, dessa vez, a mostrar-se sob um aspecto que lhe fosse vantajoso. Queria parecer senhor de si; mas isso não lhe ia lá muito bem. Anita, vexada por ter sido surpreendida naquela desordem, ficou indisposta contra o intruso pelo seu à-vontade. Mostrou-se fria; e, sùbitamente, a alegria de Juliano desapareceu. Ficaram ambos, então, hirtos, tanto um como o outro: um sem ousar falar, o outro na expectativa, com um ar de maliciosa sobranceria... «Se pensas, meu caro, que hoje estou disposta a aturar-te!...»

Depois, deu conta do cómico da situação, observou, com o canto do olho, a cara compungida do conquistador, e riu alto. Aliviada, retomou o tom de camaradagem. Juliano não compreendeu nada disso; desorientado, mas aliviado também, voltou, por seu lado, ao tom natural. Entabulou-se então uma conversação amigável. Anita falava da sua vida de trabalho. Confessaram um ao outro que não eram feitos para as profissões que tinham. Juliano apaixonava-se pela ciência que ensinava; mas...

— ...Eles não podem seguir o que digo. Estão para ali, a olhar com uns olhos indiferentes, a pestanejar de sono... Há apenas dois ou três no olhar dos quais se vê passar alguma chama. O resto é uma pesada massa de aborrecimento, que, a suar sangue e água, chegamos (nem sempre) a agitar por um momento, mas que depois recai no charco. É preciso ir lá buscá-los! É uma profissão de puxar à nora!... A culpa, também, não é deles, desses pobres rapazes! São, como nós, vítimas da mania democrática, que pretende que todos os espíritos podem absorver, igualmente, a mesma quantidade de conhecimentos, e isso antes da idade normal em que poderiam começar a compreender! Em seguida, há os exames, esses concursos agrícolas, onde se pesam os produtos, abarrotados com uma mistura de palavras estropiadas e de noções informes, que a maioria se apressa a esquecer o mais depressa possível e que os desgostam de aprender para o resto da sua vida.

— Eu — disse Anita — gosto muito das crianças, até das mais rudes de entendimento; não há nenhuma que me seja indiferente. Desejaria tê-las todas, abraçá-las todas... Tudo, porém, tem limites; não é verdade? Basta uma...

(Mostrava o quarto desarrumado; mas Juliano não compreendeu e sorriu tolamente).

— ...É pena! Quando vejo uma que me agrada, apetece-me roubá-la. Mas todas me agradam. Há, até nas mais feias, qualquer coisa de fresco, uma

esperança infinita... Que posso fazer delas? Que me fazem a mim? Vejo-as a correr. Confiam-mas por uma hora. Depois, corro a ver outras. As minhas pequenitas, também, correm de mão em mão. O que uns fazem outros desfazem. Depois, não fica nada. Corre-se? Toda a gente corre. Esta vida é um campo de corridas. Nunca há um descanso. Morrem, estão já mortos? Ah! Os infelizes, que nunca têm um dia de recolhimento! Nem o concedem também a nós, que o desejaríamos...

Juliano compreendia-a! Não era a ele que tinham necessidade de ensinar o valor do recolhimento e o horror do tumulto. O acordo entre ambos aumentou, quando Anita disse que, felizmente, ainda havia, no meio da inundação, algumas ilhotas onde se refugiarem: os bons livros dos poetas e, sobretudo, a música. Os poetas tinham para Juliano poucos atractivos; a sua linguagem escapava-lhe, tinha por ela a desconfiança estranha, comum a muitos espíritos que amam o pensamento e, às vezes, têm uma poesia própria, mas não percebem as vibrações profundas da música das palavras. A outra música, pelo contrário, a linguagem dos sons, é-lhes mais acessível. Dessa gostava Juliano. Infelizmente, o tempo e os meios faltavam-lhe, para a poder ouvir.

— Também me faltam a mim, — disse Anita. — No entanto, faço o que posso.

Juliano não tinha essa força de vontade. Depois do seu trabalho, ficava sòzinho em casa, fechado. Não sabia tocar. Viu um piano no quarto e perguntou:

— Toca?

— Ah! Não tenho muitas possibilidades de o fazer, — disse Anita, a rir; — *ele* não mo consente!

Juliano perguntou, surpreendido, vagamente inquieto, quem lho impedia. Anita, de ouvido atento, percebia que uns passinhos soavam, a subir os degraus da escada. Correu a abrir a porta:

— Ei-lo, o grande maroto!

Puxou por Marcos, que vinha de casa de sua tia. Juliano cada vez compreendia menos.

— É o meu pequeno... Marcos, ao menos, dá os bons-dias!

Juliano ficou aterrado. Anita nem pensava que ele pudesse ficar surpreendido. Continuou, alegremente, segurando Marcos, que queria escapar-se:

— Como vê, não perdi de todo o meu tempo.

Juliano não teve presença de espírito para responder; preocupava-se com disfarçar a sua perturbação. Esboçava um sorriso bastante apatetado. Marcos conseguira fugir das mãos da mãe, sem chegar a dar os bons-dias (achava ridícula essa cerimónia) e esquivava-se a ela. Deixava a mãe falar, «falar para não dizer nada», pois sabia muito bem que, momentos depois, ela já se teria esquecido e estaria a falar doutra coisa... «as mulheres são assim...»

A alguns passos de Juliano, entre as pregas dum cortinado, cujo cordão torcia, Marcos observava o estranho, com olhos severos. Ràpidamente, à sua maneira de criança (que não era muito errada) julgara a situação. A decisão que tomou era sem apelo: não gostava de Juliano. Era assunto liquidado.

Juliano, para quem esse olhar da criança aumentava o pouco à-vontade, tentava retomar o fio da conversa, seguindo embora, o fio dos seus próprios pensamentos. Com isso, apenas conseguia enredá-los ambos. No entanto, tranquilizava-se. Froixamente, é certo. O á-vontade de Anita não lhe permitia supor que ela não fosse casada: isso era fora de dúvida. Onde estava, porém, o marido? Era vivo ou morto? Anita não estava de luto... Não, não se sentia muito tranquilo... Que era feito daquele homem? Juliano não ousava perguntá-lo directamente. Depois de dar muitas voltas, arriscou-se, finalmente (julgou-se com isso muito hábil) a dizer negligentemente:

— Há muito tempo que está sòzinha?

Anita respondeu, mostrando o filho:

— A verdade é que não estou só.

Juliano não conseguiu saber mais nada. Visto, porém, que ela admitia, assim, implìcitamente, que estava só (com o filho) e que o dizia alegremente, era porque o seu luto era remoto e já não pensava nele. A lógica interessada de Juliano concluiu, vitoriosamente: «O senhor Malbrough está morto...» Boa viagem a esse marido, que já não podia ser inquietante! Juliano atirou-lhe ainda uma pàzada de terra, voltou-se para a criança e fez-lhe uma careta que queria ser um sorriso. Marcos tornava-se-lhe simpático. Ele é que não era simpático a Marcos. Estava mais familiarizado com a constituição dos corpos atómicos do que com a do espírito duma criança. Marcos sentiu perfeitamente que esta manifestação de amabilidade não era natural. O resultado foi voltar-lhe as costas, a resmungar: «Não lhe dou licença de estar a rir para mim.»

Anita, que se divertia com os esforços inúteis de Juliano para agradar ao filho, julgou dever atenuar o desagradável acolhimento de Marcos. Fez perguntas a Juliano acerca da sua vida solitária, a princípio com um interesse um tanto distraído, mas que depressa deixou de o ser. Juliano, mais senhor de si, como sucedia sempre que estava sentado no claro-escuro dum quarto, contou a sua vida, dessa vez ingènuamente. Era simples, não tomava atitudes para se dar importância — quase nunca as tomava — apesar do seu desejo de agradar.

Na sua sinceridade, mostrava uma candura que não é habitual encontrar, em Paris, num homem da sua idade. Empregava, ao referir-se aos assuntos que lhe eram caros, uma delicadeza que velava a sua comoção. Nesses momentos de abandono, em que, encorajado pelo silêncio afectuoso de Anita, a sua verdadeira natureza íntima parecia aflorar, uma certa beleza moral animava o seu rosto. Anita

observava-o atentamente; já não era apenas uma amável indiferença o que sentia por ele.

A partir de então, passaram a ver-se, com regularidade, ao domingo e, mais frequentemente, nos dias de semana em que estavam de folga. Juliano tomava como pretexto os livros que lhe emprestava. Era preciso juntar-lhes algumas explicações complementares, para que a Anita custasse menos a compreender. Levava a Marcos brinquedos, bastante caros, mas mal escolhidos, de modo que o seu inimigozinho não lhe ficava grato, pois achava-os infantis e abaixo da sua dignidade. Nada abalava a boa vontade de Juliano, firmemente decidido a não ver aquilo que não lhe agradava. Como todos os espíritos solitários que desconfiam de toda a gente, desde o momento em que renunciam à desconfiança a favor dum eleito, não podem mais discernir, não querem: entregam-se.

O espírito de Juliano, engenhoso em enganar-se, acomodava à sua maneira as recordações que trazia de cada uma das suas visitas, tudo que Anita dissera e tudo que a rodeava. (Ele próprio, sem reparar nisso, embelezava-se, por influência!». As faltas de atenção de Anita, as suas respostas distraídas, até os silêncios de aborrecimento que ele por vezes causava, tudo lha tornava mais bela e mais atraente. Como em cada dia descobria pormenores novos que não concordavam com o retrato que antes fizera de Anita, retocava esse retrato, a ponto de o refazer dez vezes, de modo que já não se parecia em nada com o do começo. Juliano, contudo, não duvidava de que essa imagem fosse completamente fiel: estava sempre pronto a mudar o seu ideal de amor, tantas vezes quantas o objecto amado mudasse.

Anita percebera o amor que lhe inspirava. A princípio, isso divertiu-a, depois sensibilizou-se, sentiu-se um bocadinho reconhecida, muito, apesar de tudo («O menos bonito rapaz do mundo só pode dar aquilo que tem... Obrigada, meu bom Julia-

no!...») e, por fim, um tanto perturbada. Disse a si própria, honestamente, que não o deveria deixar ir por aquele caminho... mas aquilo dava-lhe tanto prazer, ao pobre rapaz! A ela, também, não causava pena... Anita era sensível à afeição; era-o aos mimos, às delicadezas, às lisonjas da ternura. Talvez demasiado, reconhecia-o.

O amor, a admiração que lhe lia nos olhos, eram uma carícia que gostava de saborear... Sim, concordava que não estava lá muito bem; mas era tão natural! Bastava-lhe fazer um pequeno esforço para se privar disso; fê-lo. Não teve, todavia, sorte: tudo quanto disse para afastar Juliano (disse, na verdade, tudo?) ainda o atraíu mais... Era uma fatalidade! Temos de nos submeter à fatalidade... Ria de si própria, enquanto Juliano, inquieto, perguntava se não era dele que ela se ria... «Hipócrita, hipócrita! Não tens vergonha?...» Anita não tinha vergonha. Pode resistir-se ao prazer de ver um coração que se entrega todo? Isso ilumina a vida e que mal pode fazer? Que perigo há? Desde o momento em que se está tranquilo, senhor de si, e que só se quer o bem, o bem do outro!

Anita não sabia que um dos caminhos ocultos por onde o amor se introduz é a terna vaidade de supor que se é necessário. Esse sentimento tão forte no coração duma verdadeira mulher, satisfaz a sua dupla necessidade de bondade, que confessa, e de orgulho, que não chega a confessar. É tão forte que prefere, às vezes, quando tem o espírito bem formado, àquele que deseja, mas que pode passar sem ela, aquele a quem ama menos, mas a quem pode proteger. Não é isto mesmo a essência da maternidade? Se o filho grande ficasse toda a vida pequenino!...

A mulher de coração maternal, como era Anita, atribuía de boa vontade ao homem que implorava a sua afeição um encanto que ele não tinha. O seu instinto predispunha-a a só ver nele as qualidades.

Estas não lhe faltavam. Anita rejubilava por ver a timidez de Juliano desaparecer e a sua verdadeira natureza, até então comprimida, surgir à luz do dia, com uma alegria ingénua de convalescente. Dizia a si própria que, até então, ninguém conhecera aquele homem, nem sequer a mãe, da qual ele estava sempre a falar e a quem ela começava a invejar. Ele próprio, o pobre Juliano, não se conhecia. Suspeitaria de que, sob aquela casca rude, possuía uma alma terna, delicada?... (Anita exagerava!).

Juliano precisava de confiança e esta faltara-lhe sempre: a confiança nos outros, a confiança em si próprio. Para acreditar em si, tinha necessidade de que outrem acreditasse. Pois bem, ela acreditava! Acreditava em Juliano por conta dele, mas de tal modo que terminou por acreditar por sua própria conta!... Ele desabrochava a olhos vistos, como uma planta ao calor do sol. É bom ser para outrem como o sol... «Desabrocha, meu coração...» Era do coração de Juliano ou do seu que falava? Não o poderia já dizer. Do bem que ela fazia, aproveitava também. Uma natureza opulenta morre por não poder alimentar os famintos... «Dar-me!»...

Anita dava demasiado. Era irresistível. Juliano já não dissimulava a sua paixão e Anita — algo mais tarde — reconheceu que não estava imunizada... Quando viu o amor prestes a revelar-se nela, esboçou uma fraca defesa. Procurou não tomar a sério os sentimentos de Juliano; mas ela própria não acreditava em si e só conseguiu tornar Juliano mais insistente, e, por fim, mais patético... Anita, então, teve medo. Suplicou-lhe que não a amasse e que ficassem bons amigos...

— Porquê? — perguntava ele. — Porquê?...

Anita não queria dizer... Tinha o medo instintivo do amor; conservava a recordação daquilo que ele a tinha feito sofrer; e a intuição advertia-a do que viria a sofrer ainda. Chamava-o e repelia-o; queria-o e

fugia-lhe. Às instâncias de Juliano, resistia sinceramente; mas, no fundo do seu coração, fazia votos para o seu adversário vencer a sua resistência... O combate ter-se-ia prolongado, sem um acontecimento que veio apressar o seu desfecho.

ANITA tinha com o marido de sua irmã relações de franca amizade. Esse bom homem, um tanto vulgar, não era destituído de carácter, nem de qualidades de coração. Anita estimava-o e Leopoldo testemunhava-lhe uma consideração algo cerimoniosa. Desde os seus primeiros encontros, considerava-a pertencente a uma espécie diferente da dele e de Sílvia. Anita intimidava-o. Por isso, sentia ainda mais gratidão pela benevolência com que ela o tratava. No tempo em que fazia a corte a Sílvia, Anita fora sua aliada; mais de uma vez acudira em seu socorro, quando era vítima das partidas da sua noiva, demasiado segura de si para deixar de abusar. Interpusera-se até, discretamente, mais tarde, nos mal-entendidos do casal e por ocasião dos bruscos caprichos, manias e diabruras, de que Sílvia tinha acessos para se desenfastiar, embora isso aborrecesse o marido.

Leopoldo, que não compreendia nada dessas coisas, contava as suas penas a Anita, que se encarregava de reconduzir Sílvia à razão. Chegava até a confiar a sua cunhada muitas coisas que não dizia a sua mulher. Sílvia não o ignorava, e troçava de Anita, que tomava isso por brincadeira. Leopoldo nunca se lamentara do lugar que ocupavam no seu lar a irmã de sua mulher e o rapazinho, por vezes bastante incómodo. Achava até que Sílvia não fazia o bastante para ajudar Anita, de quem admirava a coragem; e enchia de mimos a criança. Anita, que sabia, por Sílvia, o que Leopoldo pensava, estava-lhe reconhecida.

O período de gravidez de Sílvia não foi, para aqueles que a rodeavam, especialmente para o marido, uma quadra feliz. Frequentes desacordos se deram entre Leopoldo e a sua companheira. Não por Sílvia pretender passar sem ele. Tinha poucos cuidados com a sua maternidade e não queria modificar em nada a sua maneira de viver. Isso deu mau resultado. Aqueles meses de gestação estavam longe de ser para ela o que foram para Anita: um sonho agradável, e que terminou depressa, de entorpecimento feliz.

Sílvia não era pessoa para acalentar sonhos. Impacientava-se e entendia não dever renunciar a nenhum dos seus deveres, dos seus direitos e dos seus prazeres. Praticou excessos. A saúde ressentiu-se do seu estado nervoso e o seu carácter não ganhou nada com isso. Quando se está atormentado, tem-se vontade de atormentar os outros. Sílvia, ao sentir-se mal, achava que seu marido deveria sentir-se também; e encarregou-se disso. Perseguia-o com o seu mau humor irritante, maligno, perpètuamente variável e até (coisa inesperada!) ciumentamente amoroso, o que não a impedia de o injuriar! Havia dias em que ele não sabia a que santo se encomendar.

Lá estava Anita para ouvir as suas queixas. Subia para se lamentar até à casa da cunhada, que o ouvia pacientemente, e achava maneira de o fazer rir dos seus aborrecimentos. Esses conciliábulos repetiram-se e estabeleceram entre ambos uma cumplicidade de segredos comuns. Por vezes, diante de Sílvia, trocavam um olhar de entendimento. Honestos ambos, não tomavam nenhumas precauções um contra o outro e abandonavam-se a uma familiaridade que, se era inocente, não era inofensiva. Anita não supunha correr qualquer risco, e divertia-se a provocá-lo amistosamete. Leopoldo deixou-se ficar preso por isso: desejava-o;

já o estava até, há muito tempo, pela irradiação da força de alegria que se desprendia dela.

Anita estava então toda entregue à descoberta do amor de Juliano, que a perturbava deliciosamente. O resto do mundo estava mergulhado na bruma. Quando tinha visto Juliano e Leopoldo lhe falava, ouvia-o e respondia-lhe; mas era a Juliano a quem sorria. O cunhado não o podia adivinhar. Ele sabia o que queria. Resistia como homem honrado que era; mas um homem honrado é um homem: não deve brincar com o fogo.

Um domingo de Maio, foram os quatro, Sílvia, Anita, Leopoldo e o pequenito Marcos, passear para os lados de Sceaux. Depois de uma hora de caminho, Sílvia, um tanto fatigada, sentou-se no sopé duma coluna e disse:

— Vá, jovens, trepem, se quiserem! Por mim, fico aqui.

Ficou com o pequeno. Anita e Leopoldo continuaram o caminho alegremente. Anita, animada, alegre, camarada... Leopoldo, com a sua bonomia, era repousante para a tensão moral em que a trazia o amor de Juliano e as suas conversas intelectuais. O atalho serpenteava ao longo do muro duma grande propriedade e de um talude revestido de moitas floridas. Pelas aberturas do caniçado, viam-se os socalcos dos vergéis, cobertos de flores nevadas e róseas. Um céu encantador, sob o fino azul esverdeado, do qual as nuvens corriam apressadas. Um vento brincalhão mordiscava a pele como um cachorrinho. Anita ia à frente, a apanhar flores e a cantar. Leopoldo seguia-a de perto, e via-a curvada, com o torso robusto modelado pelo vestido, as mãos nuas, o pescoço nu, corados pelo ar mordente, e, no meio de espuma do cabelo, a concha rosada da orelha, cujo lóbulo parecia uma gota de sangue.

O talude erguia-se à direita e o caminho formava um corredor onde o vento se engolfava e lhe

ia bater na cara. Anita, sem se voltar, falou ao seu companheiro, que não lhe respondeu. Continuou, curvada, a colher flores e a falar. Como troçasse de Leopoldo por estar calado, percebeu, sùbitamente, o perigo desse silêncio. Deixou cair as flores... Ergueu-se... mas não teve tempo de se voltar, quando... quase caíu... O cunhado abraçara-a. Apertada brutalmente, sentiu na nuca uma respiração entrecortada e uma boca ávida que lhe beijava o pescoço e as faces.

Sùbitamente furiosa, endireitou-se, todas as forças desconhecidas do combate reunidas. Com o dorso sacudiu violentamente o homem que a tinha agarrado. Desfez o seu abraço e encontrou-se face a face com o agressor. Os seus olhos chamejavam de cólera. O homem, porém, não deixava a sua presa. Tiveram uma luta áspera de animais que se odeiam. Rude, mas breve. Anita (o instinto revoltado aumentava-lhe a energia) repeliu violentamente o cunhado, que vacilou e ficou diante dela, duplamente humilhado, a resfolegar, congestionado. Observaram-se com ira nos olhos. Não disseram uma palavra...

Bruscamente, Anita subiu o talude, passou por uma brecha da sebe, para o outro lado, e fugiu. Leopoldo, que caíra em si, chamava-a. Ela, a uns vinte passos de distância, não o deixava aproximar-se. Desceram a encosta, um de cada lado da sebe, a observar as distâncias, desconfiados, hostis e envergonhados. Leopoldo, com a voz alterada, suplicava a Anita que se aproximasse e pedia-lhe perdão. Anita não lhe dava ouvidos; no entanto, escutava-o. A angústia daquela voz atingia-a, através da barreira do seu rancor; moderou o passo...

— Anita! — suplicava ele. — Anita! Não fuja!... Não a quero perseguir... Vê? Fico aqui; não me aproximo mais... Procedi como um bruto. Estou envergonhado, envergonhado... Insulte-me, mas não fuja! Não lhe tocarei, nem com a ponta

dum dedo... Tenho nojo de mim... Peço-lhe perdão, de joelhos!

Ajoelhou-se, desajeitadamente, nas pedras do caminho; tinha um aspecto infeliz e ridículo. Anita ouvia-o, com dureza, imóvel, de perfil, sem olhar para ele. Ao lançar-lhe um olhar de viés, viu aquele homem humilhado; impressionou-se com aquela humilhação; o seu coração generoso tinha a faculdade de sentir as comoções dos outros como se fossem suas; corou da vergonha de Leopoldo. Fez um gesto em direcção a ele e disse:

— Levante-se!

Leopoldo levantou-se; mas ela, instintivamente, recuou alguns passos.

— Ainda tem medo, — disse ele. — Nunca me perdoará.

Anita retorquiu, secamente:

— Não falemos mais nisso. Acabou-se.

Desceram: Anita, muda e glacial; ele custava-lhe a guardar o silêncio. Estava mortificado e procurava justificar-se. Não era, porém, muito eloquente, o pobre homem! Não usava dum estilo nobre. Repetia, colérico:

— Sou um malandro!

Anita, ainda perturbada, reprimia um sorriso. O seu espírito em tumulto tinha dificuldade em acalmar-se. Sofria, ao mesmo tempo, com o desagradável e o burlesco da cena. Não tinha perdoado, mas estava prestes a lamentar o homem que se acusava ridìculamente a seu lado. Ele continuava a censurar-se; ela ouvia-o com rancor, compaixão e ironia. Leopoldo esforçava-se por explicar «esta porcaria de demência, que passa pelo corpo da gente»... Sim, essa demência, ela conhecia-a... Não era, porém, conveniente que lho dissesse. O homem tinha, no entanto, um ar tão infeliz que, apesar de tudo, Anita disse-lhe:

— Bem sei. É-se, por vezes, como doido. Não falemos mais nisso.

Continuaram o seu caminho, sem falar, tristes e contrafeitos. Prestes a chegarem ao lugar onde tinham deixado Sílvia, Anita fez um gesto, como se fosse estender a mão a Leopoldo; mas não a estendeu e disse:

— Já esqueci.

Leopoldo ficou mais aliviado, mas, ainda inquieto, perguntou, como um garoto apanhado em falta:

— Não dirá nada?

Anita teve um sorrisinho de piedade. Não, ela não disse nada; mas, no primeiro volver de olhos, o olhar penetrante de Sílvia percebeu. Não fez nenhuma pergunta. Falaram doutras coisas. Enquanto todos três, para disfarçar as suas preocupações, falavam ruidosamente, durante o regresso, Sílvia observava os outros dois.

A partir desse dia, Anita e Leopoldo nunca mais estiveram a sós. A ciumenta vigiava. Anita também se acautelava. Deixava, apesar de tudo, transparecer a sua desconfiança. Leopoldo, magoado, chocava um rancor inconfessado.

ABRIRAM-SE os olhos de Anita. Já não lhe era possível confiar nem nos outros nem em si própria. Já não lhe era permitido rir-se, como fazia antes, descuidosa dos desejos que pudesse fazer nascer, visto não os procurar. Na actual sociedade, com os costumes actuais, a sua situação de mulher sòzinha, jovem e livre, não só a expunha a perseguições, como as justificava. Ninguém comprendia que ela se tivesse libertado, de maneira audaciosa, para se encerrar depois numa viuvez, cuja constância era sem finalidade. Também se justificava com a maternidade. A maternidade, sem dúvida, era uma grande chama; mas uma outra chama ardia nela. Procurava esquecê-la, por-

que a temia; e imaginava que ninguém a via. Mas não! O fogo amoroso, a despeito dela, surgia.

Outros, se não ela própria, corriam o risco de ser vítimas dele. A aventura de Leopoldo acabava de lho mostrar. Achava-a horrível. Revoltara-se com ela. Os gestos do amor parecem, aos olhos do que não ama, como uma bestialidade grotesca ou repugnante. A tentativa de Leopoldo era ambas as coisas aos olhos de Anita. Esta, porém, não tinha a consciência tranquila. Atiçara aqueles desejos. Recordava-se da sua sedução irreflectida, das suas brincadeiras excitantes, das suas manhas... Que a impelira a isso? Aquela força reprimida,, aquele fogo interior, que é preciso alimentar ou sufocar.

Sufocá-lo, não se pode, não se deve! É o sol da vida. Sem ele, tudo fica mergulhado na sombra. Que ao menos, porém, não consuma aquilo que deve animar, como o carro entregue às mãos de Faetonte! Que siga no céu a sua órbita regular!... O casamento então? Depois de o ter tanto tempo afastado, a intuição dos perigos que a ameaçavam obrigava-a a reconhecer que um casamento de afeição e de estima, de calma simpatia, seria para ela um dique contra as vagas interiores e uma protecção contra os assaltos exteriores.

À medida que se convencia disso (tudo conspirava para a convencer: a sua segurança material e moral, o atractivo do lar e as solicitações do seu coração), opunha menos resistência às súplicas de Juliano. Procurava, para ceder a elas, todas as razões de o amar. Não tinha, contudo, esperado por elas para gostar dele. Já havia começado no seu espírito o trabalho de construção que dá do eleito uma visão exaltada. Juliano antecipara-se nisso; mas, como ela era mais rica e apaixonada, em breve o ultrapassou.

Sem se conter, entregou-se à fogosidade da sua natureza franca e não usou dos artifícios com que uma mulher hábil mascara a sua derrota, quando

o seu coração se prende, embora faça acreditar que continua senhora dele. Anita fizera dom do seu, e disse-o a Juliano. A partir precisamente desse instante, Juliano começou a inquietar-se. Conhecia mal as mulheres. Fascinavam-no e desorientavam-no. Preferia julgá-las a conhecê-las. Idealizava umas, condenava outras. Quanto àquelas que não entravam em nenhuma dessas categorias desinteressava-se delas.

Os homens muito novos (e Juliano era-o pela sua pouca experiência) são sempre apressados nos seus juízos. Como estão cheios de si próprios e dos seus desejos, só procuram nos outros aquilo que lhes agrada. Seja pelo lado moral, seja pelo lado carnal, os ingénuos como os devassos, quando amam é sempre em si que pensam e nunca na mulher; recusam-se a ver que ela existe fora deles. O amor — justamente a prova que lho poderia ensinar — só o ensina ao pequeno número daqueles que são capazes de aprender; mas, aprendem, em geral, à sua custa e da sua parceira, pois quando, finalmente, percebem isso, já é demasiado tarde.

A ingénua surpresa dos séculos que lastima a dualidade irredutível que é o amargo fruto do amor, esse sonho de unidade malogrado, é característica do desconhecimento inicial. Pois, que quer dizer «amar», se não é «amar um *outro*»? Sem possuir o egoísmo de Rogério Brissot, Juliano, por ignorância, não tinha menos dificuldade em compreender; possuía ainda vistas mais delicadas do universo feminino. Precisava que lá o conduzissem, prudentemente, pela mão.

Anita não era nada prudente, por natureza. O amor não lhe ensinava a sê-lo. Dava-lhe uma necessidade de confiança generosa. Agora, que tinha a certeza de amar e ser amada, não ocultava nada. Nada. Nada de aquilo que amava poderia afastá-la; para quê então esconder? De coração sadio, não corava de ser aquilo que era. Queria que

o homem a quem amava a visse como era! Notara bem a sua ingenuidade, a sua incompreensão, os seus retraimentos. Achava nisso um prazer terno e malicioso. Gostava de ser a primeira a revelar-lhe uma alma feminina.

Foi um dia surpreendê-lo na sua casa. A mãe é que lhe abriu a porta. Era uma senhora de idade, de cabelos grisalhos, bem lisos, de fronte calma, iluminada pela claridade atenta de dois olhos severos. Com uma delicadeza desconfiada, inspeccionou Anita e mandou-a entrar para uma salinha, limpa e fria, cujos móveis estavam resguardados com capas. Apagadas fotografias de família e de museus acabavam de enregelar a atmosfera da casa. Anita esperou sòzinha.

Após um murmúrio nos quartos vizinhos, Juliano entrou precipitadamente. Estava satisfeito e intimidado; não sabia que havia de dizer; e respondia uma coisa por outra. Estavam sentados em cadeiras incómodas, de costas muito direitas, que impediam qualquer atitude familiar. Entre eles havia uma destas mesinhas de sala, às quais não nos podemos encostar e em cujas saliências os joelhos se magoam. O frio do pavimento, encerado, sem tapetes, e as imagens mortas nos caixilhos, como plantas num herbário, paralisavam as palavras nos lábios e faziam baixar a voz. Aquela sala, decididamente, gelava Anita. Iria Juliano deixá-la ali todo o tempo da visita? Perguntou-lhe se ele não lhe queria mostrar o quarto onde trabalhava. Juliano não podia recusar; desejava-o, até; mas tinha um ar tão hesitante que Anita perguntou:

— Isso contraria-o?

Protestou que não, desculpou-se com a desordem, e fê-la entrar. Desordem, havia muito menos do que em casa dela, quando da primeira visita de Juliano. A de Juliano, contudo, era sem alegria. O aposento servia de gabinete de trabalho e de quarto dormir. Livros, uma gravura conhecida que

representava Pasteur, papéis em cima das cadeiras, um cachimbo sobre a mesa, uma cama de estudante. Reparou, por cima dela, num pequeno crucifixo com um raminho de buxo. Instalada numa poltrona mal estofada, procurava pôr o dono da casa à vontade e lembrar-lhe algumas das suas recordações de estudantes.

Falava livremente do que ambos conheciam. Juliano estava, porém, distraído, pouco à vontade com a sua presença e com a sua linguagem; parecia preocupado com o que se passava no quarto ao lado. Anita, embora intimidada pelo contágio, prosseguiu no mesmo tom e acabou por fazer-lhe esquecer o «parece mal». Juliano acabou por se animar e, por fim, ambos riam de boa vontade. O mal-estar reapoderou-se dele, no momento da partida, ao acompanhá-la à porta. No corredor, passaram em frente do quarto da mãe; a porta estava entreaberta.

A sr.ª Dumont fingiu não os ver, por discrição ou para não ter de cumprimentar a estranha. As duas mulheres só tinham trocado um olhar; mas eram já inimigas. A sr.ª Dumont sentia-se chocada com a visita daquela rapariga, atrevida, de maneiras livres, de voz clara, do seu riso, da sua vida: farejava um perigo. Anita, que percebera durante a visita, essa presença invisível entre Juliano e ela, nutria uma certa animosidade contra a mãe. Ao passar junto do quarto da idosa senhora, que lhe voltava as costas, falou e riu ainda mais alto. Ciumenta, pensava: «Hei-de tirar-to».

Uma semana mais tarde, Juliano foi, por sua vez, vê-la, à noite, depois do jantar. Tivera a primeira discussão com a mãe a respeito de Anita e queria afirmar a sua vontade. Estavam sòzinhos. Leopoldo levara o pequeno Marcos ao circo. Quando Juliano a deixou, pouco antes das onze horas, Anita propôs acompanhá-lo a pé, pelo prazer de respirarem ambos o ar fresco da noite. Ao chegarem à porta, inquietou-se por Anita ter de voltar para casa sòzi-

nha. Ela achou graça ao seu receio. Juliano quis ir acompanhá-la, por sua vez; Anita não protestou; tê-lo-ia assim por mais tempo!

Voltaram pelo caminho mais longo e encontraram-se na margem do Sena, sem saberem bem como. Era uma noite de Junho. Sentaram-se num banco. Os choupos ramalhavam por cima da água sombria, onde se reflectiam os clarões, vermelhos e amarelos, dos faróis das pontes. O céu estava longe e as estrelas pareciam exangues, como se a ventosa da cidade as tivesse sugado. A noite estava lá em cima e a luz em baixo.

Não falavam. As palavras já não podiam exprimir os seus pensamentos: mas, sem se verem, cada um adivinhava os do outro. O desejo de Juliano queimava o coração de Anita; mas a sua timidez acorrentava-o à imobilidade. Não ousava sequer levantar os olhos para ela. Anita, sem voltar a cabeça, sorria, a contemplar os reflexos vermelhos na água do rio, e via-o: não, Juliano não se decidiria!... Então, inclinou-se para ele e beijou-o...

Juliano regressou a casa embriagado de amor e de reconhecimento, mas com uma insidiosa ponta de surda inquietação cravada no cérebro... Uma frase cruel de sua mãe: «Estas raparigas pobres e atrevidas, que andam à procura de casamento...» Repelira-a, imediatamente, com cólera, mas a ponta do aguilhão ficara-lhe cravada na pele. Teve vergonha. Pediu, mentalmente, perdão a Anita. Sabia que era falsa a injuriosa suspeita. Acreditava nela religiosamente; mas sentia-se perturbado. Cada nova visita o perturbava mais. A liberdade de Anita, a liberdade dos seus modos, das suas ideias, as suas opiniões livres sobre todos os assuntos — sobretudo no que respeitava à moral social — a sua tranquila ausência de preconceitos, surpreendiam-no.

Era mesquinho na sua maneira de pensar, como na de vestir, de ideias um tanto curtas, inclinado à severidade. Pelo contrário, Anita era largamente

indulgente e alegre. Juliano não pretendia que fosse tão puritana como ele, naquilo que lhe dizia respeito; mas aplicasse aos outros uma outra medida, a deles, com uma tolerância irónica. Tolerância e ironia desorientavam-no. Anita bem o percebia, e, quando sobre qualquer assunto Juliano se pronunciava com um rigorismo injusto e excessivo, não tentava opor-lhe a sua maneira de ver. Sorria dessa ingénua intransigência, que não lhe desagradava. O seu sorriso inquietava Juliano, mais ainda do que as suas palavras. Tinha a impressão de que ela sabia mais do que ele. Era verdade; mas quanto mais? Que sabia, na verdade? Que experiência tivera?

Por seu turno, tal como a mãe (certas observações malévolas desta tinham contribuído para isso) aquele homem de vitalidade delicada, mas empobrecida, sentia-se vagamente alarmado com a saúde transbordante, radiosa, daquela mulher. Desejava-a ardentemente, mas tinha medo dela. Nos passeios que davam juntos, sentia-se fraco. O perfeito à-vontade de Anita, onde quer que se encontrasse, aumentava o mal-estar dele; a verdade é que o humilhava. Anita, no entanto, não reparava. Estava toda entregue ao seu cântico interior. O seu erro era não pensar que esse cântico ninguém o ouvia, a não ser ela.

Não via o olhar ansioso de Juliano, que perguntava: «De que ri ela?...» Anita parecia tão longe!... Juliano não se cansava de ver — via até melhor do que nunca — as suas grandes virtudes de espírito, a sua energia moral. Ao mesmo tempo, Anita continuava a ser para ele um enigma perigoso. Sentia-se presa de dois sentimentos opostos: uma atracção invencível e uma obscura desconfiança. Era como a reminiscência desse instinto primitivo que lembra ao homem e à mulher de hoje a inimizade original dos sexos, para os quais a união carnal era uma forma de combate. Esse instinto desconfiado de defesa é talvez mais forte nos homens, como Juliano, de aguda inteligência, mas de pouca experiência.

Como lhe era impossível ver com exactidão a mulher, via-a ora muito simples, ora cheia de armadilhas.

Anita prestava-se a essas oscilações de pensamento, com as suas alternativas de tudo dizer e de tudo calar, de tudo mostrar e de tudo ocultar, os seus impulsos de expansão apaixonada e os seus silêncios herméticos, que duravam por vezes metade dum passeio... Esses terríveis silêncios (e que homem não sofreu com eles?) durante os quais a vida que caminha a nosso lado parte para regiões que não conheceremos nunca!... Ordinàriamente, não ocultam grandes segredos! Quantas vezes, se pudéssemos entrar nesses lagos, veríamos que a água não passa dos calcanhares... Seja qual for a sua espessura, a toalha de água é opaca: o olhar não pode atravessá-la.

O espírito torturado do homem tem muito, então, com que forjar mistérios alarmantes. A ideia nunca acudiria a um Juliano de que possìvelmente era ele o responsável desses silêncios, pois quando uma mulher se cala é porque sente que o homem não compreende bem. O silêncio de Anita, ora irónico, certos dias, fatigado, noutros, tolerava uma falsa interpretação dos seus sentimentos por parte daquele que a amava, pois sabia que a falsa era a de que ele gostava e não gostaria da verdadeira... «Se preferes... Seja como tu quiseres!... Fica entendido. Não sou como sou. Sou como tu me vês...»

Estes silêncios condescendentes duraram apenas algum tempo. No dia em que Anita percebeu que as explicações francas eram talvez perigosas (por Juliano não estar em estado de as compreender) e que seria mais prudente calar-se, decidiu falar. Calar-se, para poupar a Juliano uma contrariedade inútil, sim; mas abusar disso, não. Se havia perigo em falar, tanto mais necessário era fazê-lo. Quanto maior era o risco, maior era o orgulho de quem o queria defrontar. Essa prova de amor alvoroçava-

-lhe o coração. Se ela desse resultado, ficaria a gostar ainda mais de Juliano; e se não desse?... Havia de dar. Não gostava Juliano dela?... Então, sucedesse o que sucedesse!...

Anita jogava um jogo franco; mas há homens que preferem que o parceiro trapaceie. Sílvia, posta ao corrente do amor de Juliano e do projecto de casamento, fizera um sermão a Anita: Pelo amor de Deus, que não lhe passasse pela ideia dizer toda a verdade! Claro, era indispensável que ele soubesse alguma coisa. Que mais não fosse, viria a sabê-lo no registo de casamento. Há, porém, sempre um meio de preparar a verdade. Visto gostar dela, fecharia os olhos. Era preciso que ela não lhos abrisse. Seria, na verdade, uma grande parvoíce! Mais tarde, teriam tempo de falar de todas essas coisas...

Sílvia falava por experiência. Queria o bem de sua irmã (queria o seu também, e não ficava aborrecida por vê-la afastar-se o mais depressa possível do seu lar); pensava que não se deve dizer a verdade a toda a gente, sobretudo a um noivo: basta já gostar dele! A verdade de Anita, sem dúvida, era inocente; mas os homens são fracos. Não podem suportar nenhuma verdade. Há que dar-lha por doses...

Anita ouvia Sílvia tranquilamente e falava de outra coisa. Era inútil responder-lhe, mas só faria o que entendesse. A moral de Sílvia não era a sua. Preferia não dizer o que pensava a esse respeito. Sílvia era Sílvia. Gostava dela... Se não fosse isso, com que olhos não teria fulminado quem lhe falasse assim! «Pobre Sílvia!... Julga os homens por aqueles que conheceu. O meu Juliano é doutra espécie. Gosta de mim tal como sou; gostará tal como fui. Não lhe devo esconder nada. Não lhe fiz mal nenhum. Se algum mal fiz, foi a mim própria...»

Decidida a falar, depois de pesar os riscos, mas confiada no coração generoso de Juliano, puxou a

conversação, um dia, para a sua vida passada. Por um comum pudor, tinham evitado sempre esse assunto. Mais duma vez, porém, Anita lera nos olhos de Juliano aquilo que ele ardia e tremia por perguntar, aquilo que queria saber e ignorar. Pegou ternamente nas mãos de Juliano e disse-lhe:

— Meu amigo, foi sempre para mim duma discrição tão delicada!... Agradeço-lho. Amo-o... Devo, porém, falar-lhe, finalmente, do que não sabe de mim, do que fui. É preciso que me conheça. Não tenho a pretensão de não merecer censuras.

Juliano fez um gesto receoso, como a protestar contra o que ela ia a dizer, como se quisesse impedir que o fizesse. Anita sorriu:

— Não tenha medo! Não pratiquei grandes crimes. Pelo menos, parece-me. Talvez seja, contudo, demasiado indulgente para mim própria. Porque o mundo julga-me doutra forma. Cabe-lhe a si julgar. Creio no seu julgamento. Sou aquilo que decidir que seja.

Começou, então, a contar. Mais intimidada do que desejava parecer, tinha preparado, antecipadamente, o que diria. Embora lhe parecesse que era muito simples de fazer, aquilo custou-lhe. Para vencer o seu constrangimento, fingia estar menos comovida do que realmente estava. Mostrava até, por vezes, uma pontinha de ironia para consigo a qual não correspondia à perturbação que o relato lhe causava; servia-se disso para se defender... Juliano não o compreendeu assim. Viu nessa atitude uma leviandade que o magoava, uma espécie de inconsciência.

Disse, de começo, que não era casada. Juliano receava-o, ou melhor, para dizer a verdade, tivera a tácita certeza. Esperava, porém, sempre que ela lhe provasse o contrário. Desde que Anita lho dizia, não havia possibilidade de dúvidas, e ficou consternado com isso. Muito católico no fundo (o seu liberalismo era superficial) não se tinha libertado da ideia do pecado. Imediatamente, pensou em sua

mãe, que nunca aceitaria aquilo! Previu as lutas a travar.

Estava muito enamorado. A despeito do pesar que lhe causava a confissão de Anita, mal-grado a real degradação que significava para ele a fraqueza passada, a «falta» daquela a quem amava, amava-a na verdade e estava pronto, para a ter, a lutar contra a oposição de sua mãe. Era, todavia, preciso que o ajudassem, que Anita o secundasse. Era um fraco; para sustentar a luta, tinha necessidade de reunir todas as suas forças, das quais a ilusão não era a menor. Precisava de idealizar Anita, e, se esta tivesse sido hábil, ter-se-ia prestado a isso.

Anita viu o pesar que produziam as suas palavras. Esperava-o; mas entristecia-se por isso. Não podia, porém, evitá-lo: visto que viveriam juntos, cada um deveria tomar a sua parte das provações e até dos erros do outro. Não suspeitava, contudo, do conflito travado nele; mas, se tivesse pensado nisso, confiaria sempre na vitória do amor.

— Meu pobre Juliano, — disse, — causo-lhe pesar! Perdoe-me. Também a tenho... Supunha-me melhor. Punha-me mais alto, muito mais alto, no seu espírito... Sou mulher. Sou fraca... Pelo menos, se me enganei, nunca enganei ninguém. Estava de boa fé. Sempre o tenho estado...

— Sim, — disse Juliano, precipitadamente, — tenho a certeza disso, não é verdade? Ele abusou de si?

— Quem? — perguntou Anita.

— Esse miserável... Perdão!... Esse homem que a deixou...

— Não; não o acuse! — disse ela. — Sou eu a culpada.

Não ligava a essa palavra «culpada» outro sentido que não fosse o duma afectuosa pena, pelo desgosto que lhe causava; mas ele apoderou-se da palavra àvidamente. Na sua desorientação, queria agarrar-se à ideia de que Anita era uma vítima se-

duzida e que estava arrependida... Tinha um grande empenho nesta noção de «arrependimento»; era uma espécie de compensação para o prejuízo que sofria, um bálsamo na sua ferida, que não a curava, mas a tornava mais suportável.

Isso atribuía-lhe uma certa superioridade moral sobre Anita, da qual, para ser justo, não faria nenhum uso. Finalmente, como não tinha nenhuma dúvida acerca do «pecado» de Anita, não a tinha, também, quanto à obrigação do «arrependimento». A sua consciência cristã estava imbuída duma e doutra. Os cristãos mais livres nunca se libertam disso.

Anita descendia doutra raça de almas. Os Rivières podiam ser puros ou impuros, no sentido que a moral cristã concede a estas palavras; mas, se eram puros, não era por obediência a um Deus invisível ou aos seus representantes demasiado visíveis e às suas Tábuas da Lei; era porque apreciavam a pureza como uma limpeza moral, como uma beleza. Se eram impuros, consideravam ser isso uma questão entre eles e a sua consciência e não com a consciência dos outros.

Anita entendia que não tinha contas a dar a ninguém. Ao confessar-se a Juliano, era um dom de amor que lhe fazia. Não lhe devia, honestamente, nada mais do que o relato da sua vida. A sua vida interior não a devia, porém, mostrar. No entanto, mostrava-lha voluntàriamente. Via, agora, ter Juliano preferido que ela embelezasse a verdade. Era, todavia, demasiado altiva para se aproveitar duma desculpa mentirosa, de que não sentia, aliás, a necessidade. Obstinou-se, pelo contrário, quando compreendeu o que ele desejava que dissesse, em fazer-lhe sentir que fora ela quem se dera ao amante. Juliano, aterrado, não a queria ouvir.

— Não, não! Não acredito! — exclamou. — É demasiado generosa! Para defender esse homem, que só merece desprezo, não se acuse a si!

— Não acuso ninguém, — disse Anita, com simplicidade.

A frase bateu-lhe na consciência; mas recusou-se a compreendê-la.

— Procura desculpá-lo.

— Não tenho de que o desculpar. Ele não é culpado.

Juliano debatia-se.

— Anita, peço-lhe, não fale assim!

— Porquê?

— Bem sabe que isso é feio.

— Não; não sei.

— Como? Não lamenta nada?

— Lamento apenas tê-lo desgostado; mas, meu amigo, então ainda não o conhecia; era livre, só tinha deveres para comigo.

Juliano pensava: «E isso não é nada?», mas não ousava dizê-lo.

— No entanto, lamenta o que se passou? — insistiu ele. — Reconhece que se enganou?

Juliano não a queria acusar; mas desejaria tanto que ela se acusasse!

— Talvez, — disse Anita.

— Talvez? — repetiu Juliano, desolado.

— Não sei, — replicou ela.

Anita via onde Juliano queria chegar... Talvez se tivesse enganado, se era enganar ceder a um impulso de amor e de compaixão sincera. Talvez. Sim... «Mas, se posso lamentar, no fundo do meu coração, um erro sincero, não tenho de me desculpar dele. O meu coração ficou sòzinho com a sua dor, sòzinho a alimentar-se dela, no silêncio. É ele só que pode lamentar-se. Ninguém tem nada a ver com as suas mágoas... As suas mágoas... Sejamos sinceros até ao fim! Não há mágoa nenhuma!...» Depois de ter reflectido:

— Não creio.

Talvez Anita exagerasse, como reacção contra o farisaísmo inconsciente de Juliano (pobre Julia-

no!...); mas nem sequer nos momentos em que mais o amava conseguiria dizer aquelas palavras de desculpa, que ele esperava. «Desejaria tanto dizê-las... mas não posso. Não é verdade...» Desculpar-se de quê? Tinha procedido não sòmente conforme o seu direito, mas segundo a sua felicidade. Por muito caro que a tivesse comprado, tinha-a tido: o filho.

Sabia (ela só) que esse dom do filho, longe de ser desonroso, como o pretende uma estúpida opinião pública, a tinha purificado, libertado por muito tempo das suas perturbações, introduzido no seu ser a ordem e a paz... Não, nunca cometeria a vilania, para assegurar o seu amor futuro, de condenar o seu amor passado. Conservava até um certo reconhecimento a esse Rogério, que fora apenas um agente do seu destino, tão inferior ao amor e à chama de vida que tinha acendido...

Juliano sentiu-o, ciumentamente.

— Ah, esse homem, — proferiu, — ainda o ama!

— Não, meu amigo.

— Não lhe quer mal!

— Por que havia de querer-lho?

— Pensa nele?

— Penso em si, Juliano!

— Mas não o esquece!

— Não sei esquecer o que foi bom para mim, até quando deixa de o ser. Não mo censure, pois é melhor do que eu!

Juliano tinha suficiente rectidão para apreciar a franqueza de Anita e para reconhecer, no íntimo, a sua nobreza. Aquilo era para ele um espectáculo inesperado, cuja estranha dignidade lhe revelava um mundo novo: a mulher nova. Uma outra parte do seu ser, porém, revoltava-se. Sentia-se ferido nos seus instintos de macho; estava horrorizado nos seus preconceitos católicos e burgueses. A ideia que fazia, e continuava a fazer, de Anita estava empeçonhada por suspeitas degradantes. Em lugar de

ter mais confiança na mulher que lhe confessava os seus segredos com inteira lealdade, confiava menos naquela cuja fraqueza passada lhe acabava de ser revelada. Duvidava da sua fidelidade futura. Pensava naquele outro homem vivo, que a possuíra, de quem passaria a ter o filho. Tinha medo de ser troçado. Tinha medo de ser ridículo. Estava mortificado e não podia perdoar.

Logo que Anita deu conta do perigoso combate travado no espírito de Juliano e viu ameaçada a esperança que alimentara, tremeu. Estava bem presa pelo amor que provocara. Toda a sua força de amar, toda a sua esperança de felicidade, estavam colocadas em Juliano. Na verdade, não se enganava muito. Juliano não era indigno dela, as suas qualidades eram reais e mereciam o seu amor. Por muito diferentes que fossem, poderiam viver juntos, com um certo esforço mútuo para se compreenderem e para se tolerarem, embora sofressem alguma coisa; mas seria pagar muito caro, com algum sofrimento, uma sólida ternura?

Anita ter-lhe-ia feito bem, revigorá-lo-ia, dar-lhe-ia uma grande lufada de confiança na vida, que lhe enfunasse as asas e o levasse até onde ele nunca chegaria sem ela. A delicada ternura de Juliano, o seu respeito pela mulher, a sua pureza moral, até a sua cândida fé religiosa, que Anita não compartilhava, dariam à sua apaixonada natureza um fundo de segurança, de paz do lar e da alma. Tinha a certeza disso. Ah! Pobres corações, que, por um mal-entendido que a sua paixão exagera, destroem o seu destino, embora o saibam e se censurem por isso, se censurem sempre, mas sem ceder nunca naquilo que os separa: justamente porque se têm em muita conta para fazerem a si próprios uma concessão moral que desdenhosamente consentiriam em fazer a indiferentes!...

Anita atormentava-se com as inquietações que provocara no espírito de Juliano. Juliano tinha

razão?... Ela não tinha a vaidade de crer na infalibilidade dos seus próprios juízos. Procurava compreender os dos outros. O seu carácter ainda não estava completamente formado; o seu instinto moral era firme, mas as ideias não se tinham fixado ainda. Atribuía-se o direito de fazer a sua revisão. Muito jovem, reconhecera a hipocrisia da moral dos que a cercavam.

Não encontrara nada em que se apoiar fora da sua razão, de que por vezes abusava. Procurava sempre; procurava outros pensamentos que pudesse respirar. Quando encontrava uma consciência sincera, como a de Juliano, perscrutava-a àvidamente. Aquela voz faria eco ao apelo do seu coração? Aspirava a crer, a revoltada! Procurava, procurava sempre, a sua pátria moral... Como ela desejava entrar na de Juliano, aceitar as suas leis, embora elas a condenassem! Não bastava, porém, desejar. Não podia. O que Juliano queria, não; não era humano! Disse-lhe ternamente:

— Compreendo que me julgue como o mundo me julga. Não o censuro por isso. Admito as forças conservadoras e o rigor das suas leis. Têm o seu lugar no conjunto e, bem o sei, as suas raízes são profundas na raça. É natural que lhes obedeça. Respeito-as por si... Não poderei, contudo, meu amigo, por mais esforços de vontade que faça, repudiar uma acção, embora condenada por todos, que me deu um filho... Caro Juliano, como renegar aquilo que foi a minha única consolação, a mais pura alegria, talvez, que o céu me concederá em toda a minha vida?... Não procure censurá-la, mas, antes, se gosta de mim, compartilhe da minha felicidade! Não há nisso nada que o deslustre!...

Ao falar, sentia não ser comprendida; e que o irritava ainda mais. Estava desolada com isso. Que fazer, no entanto? Mentir-lhe? Já era muito ter chegado a pensar nesse recurso humilhante... mas deixar cavar-se o abismo naquela afeição tão que-

rida?... Era como se a cova se abrisse no seu coração. Passava estes transes sempre que se encontrava na sua presença; que iria Juliano, agora, ler-lhe no rosto?

Este, com a cobardia dos homens que têm a certeza de serem amados; abusava. Sabia que lhe fazia mal com isso; mas fazia-lho. Por seu turno, experimentava as suas forças. Desejava-a menos desde que estava certo de que ela o desejava a ele... Tudo isso Anita compreendia, tudo! Arrependia-se de ter revelado a sua fraqueza. Entregava-se a um sentimento supersticioso: se o destino queria que ela fosse mulher de Juliano, sê-lo-ia, por mais que fizesse; por mais que fizesse, perdê-lo-ia, se era esse o seu destino... Secretamente, porém, desejava crer que, em troca da sua submissão, o destino a favoreceria. Juliano sentir-se-ia tocado... «Confio-me nas tuas mãos. Por isso amar-me-ás menos?...»

NO espírito de Juliano operava-se uma singular transformação. Amava Anita — não; desejava-a, como sempre — e daí, quem sabe?... (Ele, porém, não queria saber...) Em suma, queria-a sempre. No entanto, tinha agora a certeza, não sòmente de sua mãe nunca consentir no casamento, mas que ele próprio não se resolveria a isso. Por muitas razões: rancor, vaidade ferida, censura moral «que dirão?» repulsão ciumenta... Contudo, não queria insistir nessas razões... «Está bem, já sei, bem vos conheço! Não é preciso fazerem-se lembradas!...» O seu espírito procurava expedientes para satisfazer, ao mesmo tempo, a essas razões ocultas e aos seus desejos. Anita, anteriormente, afirmara-se, em amor, uma mulher livre. Não aprovava isso, não; mas, enfim, visto que ela era assim, porque não o continuaria a ser com ele, a quem amava?

Não lho disse assim, cruelmente. Alegou, porém, as impossibilidades do casamento (e apareciam sempre novas, à medida que ela as refutava); obstáculos insuperáveis: a oposição da mãe, a necessidade de viver com esta, a situação material difícil, Anita habituada à riqueza, à sociedade... (a pobre Anita reduzida a viver, havia dois anos, de lições!...), a diferença de espírito e de temperamentos... (Este último argumento surgiu no fim, ante a surpresa desanimada de Anita, que julgava ter vencido todos os outros...). Com uma obstinada má-fé, Juliano depreciava-se, para melhor se diferenciar. Dava vontade de rir e até de chorar! Era triste vê-lo procurar todos os maus pretextos para se esquivar.

Anita punha de parte a sua altivez, fingia não compreender, esforçava-se por encontrar respostas, lutava, febrilmente, para ele não a deixar. Juliano não a deixava. Não recusava tomá-la. Recusava dar-se... Quando Anita percebeu os fins de todos aqueles circunlóquios e aquilo que ele pretendia dela, sentiu, menos do que revolta, um profundo abatimento. Já nem lhe restavam forças para se indignar. Não valia a pena lutar mais... Era aquilo que ele queria!... Ele!... Que infeliz!... Então, não se conhecia? Não sabia, portanto, o que representava aos olhos dela? Se era amado, era pela sua sinceridade moral. Não tinha jeito nenhum, mas absolutamente nenhum, para fazer de D. Juan, de conquistador, de amante livre!

(Apesar do seu desgosto, o espírito de Anita conservava a sua lucidez irónica e não se esquecia nunca de salientar o cómico, até quando se misturava com o trágico da vida).

«Meu amigo — pensava Anita, com ternura, comiseração e desdém — gostava mais de ti quando me condenavas. As tuas ideias sobre o amor, um tanto estreitas, mas altas, davam-te esse direito. Já não o tens, agora. Que posso fazer dessa amostra

de amor que me propões hoje, desse amor sem confiança? Se a confiança nos falta, não há mais nada entre nós...» Cada amor tem o seu ambiente: onde um floresce, o outro murcha. O amor carnal prescinde da estima. O amor-estima não se satisfaz apenas com o simples prazer. «Ah! — clamava Anita, no fundo do seu coração, excitada de revolta. — Prefiro ser amante do primeiro que apareça e me agrade, do que de ti, de ti, a quem amo.»

Com ele, seria degradante. Ou tudo ou nada! Às sugestões de Juliano, Anita opôs uma recusa terna mais firme, que o irritou. Continuavam, no entanto, a amar-se, embora se julgassem severamente um ao outro, mas nenhum deles podia resignar-se à perda da felicidade que o outro lhe dava. Estavam assim, a chamar-se, a desejar-se, a oferecer-se, até incapazes de pronunciar as palavras que unem: um por fraqueza interior, por essa debilidade moral que, com raras excepções (haja um homem que o ouse dizer!) é própria do homem, mas que nunca reconhece; a outra pelo orgulho fundamental, que é próprio da mulher, e que ela também não confessa, porque os dois sexos foram de tal modo deformados pelas convenções morais duma sociedade construída sobre a vitória do homem que ambos esquecem o seu verdadeiro carácter.

O mais fraco dos dois nem sempre é aquele que na natureza se denomina assim. A mulher é muito mais rica de forças naturais; e, se está sob as redes que o homem lhe lançou, é uma cativa que não renunciou à liberdade... Juliano entrevia as justas razões de Anita e não tinha nenhuma dúvida sobre a sua rectidão, mas não podia violentar a própria timidez interior; obedecia à opinião pública, que, no entanto, considerava menos do que Anita. Sòzinho, teria aceitado o passado de Anita; mas não o queria aceitar aos olhos do mundo, e persuadia-se de que era ante o olhar da sua consciência. Não tinha coragem de tomar por mulher aquela a

quem queria; e chamava dignidade à sua pusilanimidade.

Não conseguia iludir-se completamente; e irritava-se com Anita por ela não se iludir também. Ao menos, deveria romper com ela; mas não se atrevia. Quando Anita falava de se afastar, retinha-a, hesitava; sofria e fazia-a sofrer. Não queria aceitar nem renunciar. Fazia a experiência cruel de alimentar esperanças que em seguida matava. Fugia-lhe quando ela se mostrava mais amorosa e tornava-se mais terno quando ela se resignava a perdê-lo. Anita tinha gritos dolorosos de ternura ferida. Mordia-se. Sílvia percebeu-o e acabou por lhe arrancar a verdade. Vira Juliano e julgara-o logo.

— É daqueles que só se decidem quando os forçam a isso. Os meios não faltam: arranca-lhe o seu consentimento! Mais tarde, ele to agradecerá.

Anita, contudo, custava-lhe muito pensar que Juliano, um dia, pudesse recriminá-la (embora não lho dissesse) por ter casado com ela. Quando já não lhe era possível deixar de ver a irremediável fraqueza de carácter daquele homem e a inutilidade de esperar uma decisão definitiva, na qual aquele espírito inquieto não procurava fixar-se, decidiu cortar o mal pela raiz.

Escreveu a Juliano com o fim de não prolongar mais um tormento estéril. Anita sofria; Juliano sofria também; e era-lhes preciso viver. Ela devia trabalhar para o seu filho; e ele tinha a sua carreira. Demasiado o desviara desta. Tinham absorvido as forças um do outro. Já não podiam mais! Visto não terem podido fazer um ao outro quanto bem desejavam, que, ao menos, não se fizessem mal! Que não voltassem a ver-se! Agradecia-lhe tudo que ele fora para ela.

Juliano não respondeu. Fez-se o silêncio... No fundo, debatiam-se o rancor, a mágoa e a paixão ferida...

O seu amor não era um segredo para nenhum dos que os rodeavam. Leopoldo notara-o, com uma irritação que não pudera dissimular aos olhos de Sílvia. A recordação penosa que lhe ficara da sua pouco brilhante aventura deixara-lhe um ressentimento involuntário, que não se tornara menos vivo — antes pelo contrário! — alguns meses depois. Sílvia, sempre alerta, notou as suas atitudes estranhas. Observou-o, e não teve a menor dúvida: o marido tinha ciúmes. Conforme a admirável lógica do coração, foi contra Anita que se voltou: tomou-a de ponta. O seu estado de saúde explicava, de certo modo, essas reacções exageradas. O mal era os seus reflexos se prolongarem para além do estado que os causava.

Sílvia deu à luz, em Outubro, uma pequenita. Foi uma alegria para todos. Anita mostrou-se tão apaixonada pela criança como se fosse sua. Sílvia não tinha prazer nenhum em vê-la nos seus braços; e a sua hostilidade, até então reprimida, não procurou mais disfarçar-se. Anita, que havia algumas semanas ouvira a sua irmã palavras desagradáveis, atribuídas ao seu mal-estar passageiro, não teve depois nenhumas dúvidas acerca da má vontade de Sílvia contra ela. Calava-se, e evitava contrariá-la. Esperava que voltasse a antiga ternura.

Sílvia restabeleceu-se. As relações entre as duas irmãs continuaram aparentemente as mesmas. Um estranho não encontraria nelas nada mudado. Anita, contudo, notava em Sílvia uma frieza hostil, que lhe fazia mal. Desejaria pegar-lhe nas mãos e perguntar-lhe: «Que tens? Que tens tu contra mim? dize-mo, minha querida!» O olhar de Sílvia, porém, gelava-a. Não se atrevia. Tinha a intuição de que Sílvia, se falasse, seria para dizer coisas irreparáveis. Valia mais calar-se. Anita sentia em sua irmã um propósito de injustiça, contra o qual não podia fazer nada.

Um dia, Sílvia disse à irmã que precisava de ter uma conversa com ela. Anita, com o coração em sobressalto, pensava: «Que irá dizer-me?» Sílvia não disse nada que pudesse ofender a irmã; nem uma palavra sobre as suas queixas. Falou-lhe de casamento. Anita, docemente, pôs de parte o assunto. Sílvia, no entanto, insistente, propunha um partido: um amigo de Leopoldo, uma espécie de corretor de negócios, vagamente jornalista, que tinha uma certa elegância, maneiras de homem de sociedade, variados expedientes (muito variados até), que vendia automóveis e publicidade, servia de intermediário entre os industriais e a clientela dos clubes e dos salões e recebia comissões dos dois lados.

Era preciso que Sílvia tivesse mudado muito a respeito da irmã, para lhe oferecer aquilo; e Anita ressentiu-se com a falta de afeição que denotava aquele pouco caso intencional. Deteve, com um gesto, a apresentação da candidatura. Sílvia levou isso a mal e perguntou se achava o pretendente indigno dela. Anita disse-lhe que não pretendia nada a não ser viver só. Sílvia replicou que era fácil de dizer; mas que, quando se quer viver só, é preciso, primeiramente, poder.

— Então, não posso?

— Tu?! Como?

— És injusta. Posso ganhar a minha vida!

— Com a ajuda dos outros!

Havia no tom, mais ainda do que nas palavras, uma intenção de magoar. Anita corou, mas não retorquiu; não queria ficar de mal com a irmã.

Nas semanas seguintes, o mau humor de Sílvia aumentou; todos os pretextos lhe serviam: o mínimo desacordo nas conversas, um pormenor de vestuário, um atraso de Anita ao jantar, o barulho que Marcos fazia na escada. Nunca mais saíram juntas. Se fora combinado um passeio para o domingo,

Sílvia partia, com Leopoldo, sem prevenir a irmã, a pretexto da inexactidão dela, ou, à última hora, decidia não sair.

Anita sentia que se tornava pesada. Falou, tìmidamente, em procurar uma habitação noutro bairro, menos afastado das suas lições. Esperava pelos protestos da irmã, com o pedido de que ficasse. Sílvia fingiu não ouvir. Anita foi cobarde e ficou. Agarrava-se àquela afeição, que sentia escapar-se-lhe. Não era apenas Sílvia que ela não queria deixar. Tinha-se afeiçoado à pequenina Odette. Por isso, suportou mais de uma desconsideração, sem se dar por achada. Espaçou as suas visitas. Ainda eram demasiadas para Sílvia, que não voltara ao seu estado normal. Um ciúme doentio dominava-a.

Uma vez, quando Anita, inocentemente, brincava com Odette, sem reparar numa advertência seca de Sílvia, que lhe mandara acabar com a brincadeira, a irmã levantou-se irritada e arrancou-lhe dos braços a pequenita, ao mesmo tempo que dizia:

— Vai-te daqui!

Havia nos seus olhos uma tal animosidade que Anita, surpreendida, lhe disse:

— Que te fiz? Não olhes para mim assim! Não o posso suportar. Queres que me vá embora? Não queres que volte mais?

— Até que enfim, compreendeste, — disse Sílvia rancorosamente.

Anita empalideceu e gritou:

— Sílvia!

Com uma raiva fria, Sílvia continuou:

— Vives à minha custa. Está bem; mas já basta. O meu marido e a minha filha pertencem-me. Encolhe as garras!

Anita, com os lábios muito brancos, repetia, com um acento de angústia:

— Sílvia!... Sílvia!...

Depois, sùbitamente, foi, por sua vez, presa dum arrebatamento e gritou-lhe:

— Desgraçada!... Não voltarás a ver-me!

Correu para a porta e saíu.

Envergonhada pelo seu excesso, Sílvia quis troçar: «Ora, à noite cá a temos.»

SEGUNDA PARTE

ANITA saiu de casa de Sílvia, no propósito de nunca mais lá voltar. Chorava. Ardia de vergonha e de cólera. Aqueles dois temperamentos apaixonados não podiam deixar de se amar sem passarem a odiar-se. Era impossível para Anita continuar a viver sob o mesmo tecto! Se tivesse meios de o fazer, ter-se-ia mudado no dia seguinte. Infelizmente para ela, teve de se vergar às necessidades de ordem prática: despedir-se do senhorio e procurar uma nova casa. No primeiro ímpeto da sua ira, teria dado a guardar os móveis e ido viver para um hotel. Não era, porém, o momento próprio para esbanjar o seu dinheiro. Economizara muito pouco, pois gastava-o à medida que o ganhava. Até sem recorrer ao auxílio da irmã, a convicção de poder apelar para ela, em caso de necessidade, dava-lhe uma segurança que a poupava a aflitivas preocupações quanto ao futuro.

Ao fazer o orçamento do que lhe era necessário para subsistir, teve, angustiadamente, de reconhecer que, entregue aos seus próprios recursos, os seus ganhos não chegavam. As despesas estavam antes atenuadas pela vizinhança das duas irmãs e pelo facto de fazerem em comum uma parte das refeições. O vestuário do pequeno era oferta de Sílvia; e, para o de Anita, esta só pagava o custo dos te-

cidos. Isto sem falar dos objectos emprestados, do que podia servir a ambas, de pequenos presentes, dos passeios do domingo, do modesto supérfluo que ilumina a uniformidade da vida quotidiana. Além disso, o crédito de que Sílvia dispunha no bairro permitia a Anita obter certas facilidades de pagamento.

A partir daquele momento, precisava de calcular com cuidado as suas despesas todas pagas a pronto. Logo de entrada, seriam consideráveis: mudança, pagamento adiantado ao senhorio, gastos de instalação. Um problema importante era tomar conta da criança. Para ganhar a sua vida, tinha de sair de casa; quem olharia pelo pequeno? Anita pensava que nunca poderia ter removido tantas dificuldades, se elas tivessem surgido mais cedo, quando Marcos era ainda pequenino. Que faziam as outras mães nas mesmas condições? Anita lamentava essas infelizes e sentia-se humilhada.

Meter o filho num colégio? Estava já em idade de ir para o liceu; mas recusava-se a enclausurá-lo numa dessas jaulas. O que ouvira dizer dos colégios antigos (as coisas melhoraram algum tanto depois), o que o seu instinto pressentia dessa promiscuidade física e moral, faziam-na encarar como um crime mandar para lá o seu filho. Julgava que o pequeno sofreria com isso... Quem sabe? Talvez ficasse muito satisfeito por escapar dela! Qual é a mãe, no entanto, que imagina ser pesada para o seu filho?... Não consentiu sequer em pô-lo num semi-internato. Dava como desculpa a saúde delicada de Marcos. O filho tinha necessidade duma alimentação especial e precisava de a mãe velar pelas suas refeições. Para estar, contudo, de volta à hora da comida, quando as suas lições a obrigavam a percorrer Paris de ponta a ponta, Anita tinha de suportar grandes fadigas: ir e vir; sempre em movimento.

Na verdade, as lições não bastavam. Havia sempre uma despesa urgente, com a qual não contava.

O pequeno crescia depressa. A mãe lamentava que ele não fosse como os feijõezinhos que nunca crescem mais do que a própria casca. Precisava de o vestir. Por seu lado, também tinha de andar apresentável; embora não fosse por vaidade, era a isso obrigada pela sua profissão. Tinha, portanto, de encontrar novas fontes de receita: trabalhos em casa, cópias, traduções (tarefa ingrata e mal paga), o secretariado de qualquer organismo, que lhe ocupasse uma ou duas manhãs por semana (mal retribuído também). Tudo junto, porém, deveria ser suficiente.

Precisava de ganhar por todos os meios e, como acumulava, tornou-se detestada pelas suas concorrentes esfaimadas, com quem teve de se defrontar de novo, na sua luta pelo pão. Desta vez, pior para elas! Nada de sentimentalismos! Era preciso caminhar. Ninguém se voltava para ajudar aqueles que caíam. Às vezes, ao cruzar-se na rua com uma cara crispada que a fitava com olhos hostis, lembrava-se de que seria alguma rival, a quem tivesse sido preferida e a quem, noutros tempos, de boa vontade teria prestado auxílio.

Tanto pior! Não tinha tempo para pensar nisso; era preciso chegar primeiro. Sabia agora como arranjar trabalho, sem ter de dar muitas voltas. Os seus diplomas, o seu título universitário, asseguravam-lhe uma superioridade. Não ignorava, também, que ainda tinha outra: o seu aspecto, a sua voz, os seus olhos, a sua maneira de se apresentar, a arte de domar as clientes. Entre ela e as outras pretendentes, raramente hesitavam. As sacrificadas não lho perdoavam.

A sua nova vida ordenava-se num plano de sadio vigor. Não havia lugar para os pensamentos inúteis. Cada dia estava cheio como um ovo, cheio e duro. Após o abalo das primeiras semanas, em que ainda não sabia se conseguiria viver e fazer viver o seu filho, Anita habituou-se, readquiriu serenidade e

acabou até por sentir um certo prazer por cada dificuldade vencida. Sem dúvida que, nos raros instantes em que a necessidade de actuar não tinha o seu espírito em tensão, ou quando, à noite, repoisava a cabeça no travesseiro, momentos antes de adormecer, acudiam-lhe ao pensamentos os cálculos do seu orçamento...

«Se fraquejasse?... Se adoecesse?... Não, não quero!... É preciso dormir...» Felizmente, estava fatigada, e o sono não se fazia esperar. Quando clareava o dia, já não havia lugar para os «ses» e para as apreensões, para o que enerva, enfraquece, dissolve a alma. A necessidade e o trabalho punham cada coisa no seu lugar. Umas coisas eram precisas; outras eram luxo... O que é necessário: o pão de cada dia. O que é luxo: os problemas do coração... Pensava-o ela! No entanto, pareciam-lhe, agora, secundários... Isso é bom para quem tem muito tempo! Anita não tinha nem muito nem pouco. Tinha justamente o indispensável: um pensamento para cada acto e nada mais. Então, senhora de si, sentia-se como um barco bem calafetado que é lançado às ondas.

Tinha, nessa altura, trinta e três anos, e nada gastara ainda das suas energias. Sentia que não sòmente não tinha necessidade de tutela, mas era mais forte sem apoio. As asperezas da vida avigoravam-na. O primeiro benefício foi ver-se livre da obsessão de Juliano, da nostalgia do amor, que, surda ou violenta, empeçonhara os seus anos anteriores. Descobria como fora insípida, com os seus sonhos sentimentais de meiguice, de ternura, de sensualidade hipócrita. Só pensar nisso lhe fazia mal. Ter de se defrontar com as asperezas da vida, suportar o seu contacto duro, por sua vez, era bom, vivificante. Toda uma parte do seu ser, a melhor talvez, sem dúvida a mais sã, renascia.

Já não sonhava. Já não se atormentava, nem sequer com a saúde do filho. Quando ele estava

adoentado, fazia-lhe o que devia fazer. Não pensava nisso com antecipação. Estava disposta para tudo; tinha confiança em si. Era essa a melhor medicina. Naqueles primeiros anos de trabalho infatigável, nunca esteve um dia doente; o pequeno, também, não lhe causou nenhuma inquietação séria. A sua vida intelectual não estava menos reduzida do que a sua vida sentimental. Quase não tinha tempo para ler. Deveria ter sofrido com isso... De maneira nenhuma! O espírito supria a tudo com os seus próprios recursos. Tinha já bastante que fazer com a arrumação das suas novas descobertas. É que, naqueles primeiros meses, Anita descobriu muito, descobriu tudo. No entanto, que tinha mudado? O trabalho? Conhecia-o (supunha conhecê-lo). A cidade? A gente era a mesma, hoje como ontem...

De um dia para o outro, tudo mudou. No momento em que começou à procura do seu pão, foi essa a primeira descoberta. Não fora sequer o amor, nem a maternidade. Trazia-os consigo. A sua vida não tinha, até então, revelado mais do que uma parte mínima. Apenas, porém, passou para o campo da pobreza, descobriu o mundo. O mundo é diferente, segundo o vemos de cima ou de baixo. Anita encontrava-se na rua, entre as fileiras das casas intermináveis, via o asfalto, a lama, a ameaça dos automóveis e a torrente dos que passam. Vê-se o céu lá de cima (raramente luminoso); mas apenas quando se tem tempo!

O que estava de permeio desapareceu: tudo que fazia parte da sua vida exterior, a sociedade, as conversas, os teatros, os livros, o luxo do prazer e da inteligência. Bem sabia onde isso estava e, sem dúvida, que gostava de tudo; mas havia outras coisas em que pensar!... Olhar a seus pés, na sua frente, desviar-se, ir mais depressa... Como corria toda aquela gente!... De cima, só podia ver o deslizar manso do rio, que parecia calmo, sem perceber a violência da corrente. A corrida, a corrida pelo pão...

Mil vezes Anita pensara no estado em que se encontrava actualmente, no mundo do trabalho e das dificuldades. Aquilo, porém, que pensara não se parecia em nada com aquilo de que fazia, presentemente, parte... Antes, acreditava no axioma democrático dos direitos da humanidade e parecia-lhe uma injustiça que a massa pudesse ser privada deles. Agora, a injustiça (se é que ainda era questão de justo e de injusto) era haver direitos para os privilegiados. Não há direitos. O homem não tem direito a nada. Nada lhe pertence. É preciso que conquiste cada coisa de per si, todos os dias. É a lei: «Ganharás o pão com o suor do teu rosto».

Os direitos são uma artimanha do combatente velhaco, para confirmar o saque resultante da sua vitória passada. Os direitos sao apenas a força de ontem entesoirada. O direito vivo, único, é o do trabalho. A conquista de todos os dias... Que visão imprevista do campo de batalha da humanidade! Ela não aterrorizava Anita. A valorosa mulher aceitava esse trabalho como uma necessidade; e achava-a «justa», porque se sentia «em forma» e era jovem e sadia. Se vencesse, tanto melhor! Se fosse vencida, tanto pior! (Não seria, porém, vencida...) Não renunciara à comiseração; mas tinha renunciado à fraqueza. O primeiro dos deveres é: «Não sejas pusilânime!»

À luz nova dessa lei do trabalho, tudo se esclarecia para ela. As crenças antigas eram postas à prova. Uma nova moral, sobre as ruínas da antiga, cimentava-se nessa base heróica. Moral de franqueza, moral de força e não de farisaísmo e de debilidade... Expunha a essa luz as dúvidas que a minavam, sobretudo aquela que lhe apertava mais profundamente o coração: «Tenho direito ao meu filho?» Respondia: «Sim, se consigo fazê-lo viver, se sei fazer dele um homem. Se posso, está bem. Se não posso, está mal. É esta a única moral; tudo o

mais é hipocrisia...» Esta sentença inflexível redobrou o seu vigor e a sua alegria na luta...

Meditava nisto, durante o dia, enquanto caminhava por Paris, a correr duma para outra das suas tarefas. Agora, que a actividade quotidiana estava completamente ordenada, o sonho retomava os seus direitos; mas um sonho claro, preciso, um sonho sem nevoeiros. Quanto mais tinha o tempo contado, mais o sonho aproveitava dos menores interstícios; subia como a hera e revestia as paredes dos dias.

Anita confrontava as suas concepções alargadas da verdadeira moral humana com as suas experiências de todos os dias. O trabalho e a pobreza abriam-lhe os olhos. Perscrutava com um olhar novo a mentira da vida moderna, em que não tinha reparado, até então, enquanto estivera mergulhada nela. A monstruosa inutilidade dessa vida — de nove décimos dessa vida — especialmente para as mulheres... Comer, dormir, procriar... Sim, é o único décimo útil; mas o resto?... Esta «civilização»?... Aquilo a que chamam «pensar»?...

O homem *(vulgus umbrarum)* é, na verdade, feito para pensar? Quer convencer-se disso, escolheu uma atitude para tal e julga-se obrigado a mantê-la como um gesto ritual. Contudo, não pensa. Não pensa ante o seu jornal, nem ante a sua secretária, ante a roda em que giram os seus actos quotidianos. A roda roda com ele, mas roda no vácuo. Pensavam, porventura, as jovens que Anita estava encarregada de instruir? Que percebiam das palavras que ouviam ou diziam? A que se reduzia a sua vida? Alguns instintos enormes e informes que se abrigam num torpor sob uma montanha de trapos. Desejar e gozar. O pensamento é também um desses trapos. Quem se engana? A si...

O exterior da civilização, o seu luxo, a sua arte, o seu movimento e o seu ruído (esse ruído! uma das máscaras que usam para acreditar que buscam um fim! mas que fim? correm para se atur-

dir...) que há detrás disso? O vácuo. Gloriam-se disso. Gloriam-se dos seus ouropéis, das suas palavras, dos seus guizos. Como são raros os homens em quem se manifesta o relâmpago da Necessidade!... A besta milenária não compreende, porém, nada das vozes dos seus deuses e dos seus sábios; isso é apenas para ela um guizo mais. Não sai do círculo do desejo e do aborrecimento... Oh! Como a sociedade humana, como o homem, é uma construção artificial! Mantém-se por hábito. Desmoronar-se-á sùbitamente...

Estes trágicos pensamentos não ensombravam a ardente Anita. É a chama interior que gera a alegria ou a tristeza, não são as ideias. Sob um céu límpido, uma alma anémica morre de melancolia. Uma alma vigorosa, exposta às tempestades, aceita alegremente as sombras como o sol. Bem sabe que eles alternam. Anita regressava, por vezes, a casa exausta e considerava, sombriamente, o futuro. Deitava-se, adormecia e, no meio da noite, um sonho divertido fazia-a despertar a rir.

Outras vezes, à noite, fazia serão, a fronte inclinada para o trabalho, os dedos a fazer a sua tarefa; o cérebro continuava a sua actividade, e, sùbitamente, surgia um pensamento burlesco — ei-la logo desanuveada! Devia ter cuidado, para não rir muito alto, a fim de não acordar Marcos. Dizia: «Sou uma idiota», enxugando os olhos. Sentia-se, porém, aliviada. Esses desabafos pueris, essas reacções súbitas, eram a herança salutar que recebera da sua raça. Quando o coração está cheio de nuvens, levanta-se o sopro da alegria e afugenta-as. Não, não tinha necessidade de distracções, de leituras! Tinha muito que ler em si própria e no mais absorvente dos livros: o seu filho.

MARCOS estava nos sete anos. Mudara de meio muito mais fàcilmente do que poderia supor-se. Desagradável ou não, tratava-se duma mudança. Ele próprio mudava, como um passarinho na Primavera... Infância ingrata! Todas as festas de Sílvia, todos os seus mimos (tinha tanta certeza do poder que exercia nele!) eram-lhe perfeitamente indiferentes. Passava bem sem isso. Quarenta e oito horas depois já nem sequer pensava no caso. Aquilo que agrada ou desagrada à criança nunca é o que supomos. Marcos apreciou, a princípio, a sua nova vida, o liceu, para onde sua mãe o mandara, a lamentá-lo, pelas horas de solidão em que ninguém se ocuparia dele.

Anita instalara-se num acanhado quinto andar da populosa Rua Monge. Escada íngreme, aposentos exíguos, barulho exterior; mas com espaço por cima dos tectos. Isto é que era necessário. O ruído não a incomodava; era parisiense, habituada ao movimento, quase tinha até necessidade dele, pois sonhava ainda melhor em pleno tumulto. Talvez o seu temperamento se tivesse também transformado com a maturidade. A plenitude da vida física e o trabalho regular tinham-lhe dado um aprumo, uma solidez nervosa, que nem sempre conhecera e que não durariam sempre.

A habitação compunha-se, do lado da rua, do quarto de Anita, que servia de sala (o leito era um divã), do quartinho de Marcos e de um desvão que formava ângulo entre duas empenas. Do outro lado do corredor, escuro até em pleno meio-dia, era a sala de jantar, que dava para o pátio, e a cozinha, onde o fogão e a pia de lavagens tomavam quase todo o espaço. Entre o quarto da mãe e do filho a porta ficava aberta; Marcos era muito pequeno ainda para protestar. Encontrava-se nessa idade indecisa que flutua entre a primeira infância assexuada e o primeiro despertar ainda incerto do homenzinho.

Já não pertencia a uma e não tinha ainda chegado ao outro.

Sucedia-lhe ainda correr da sua cama para a da mãe, nas manhãs de domingo, onde deixava, nos grandes dias, que ela o arranjasse dos pés à cabeça. Uns dias, tinha zangas pudibundas, noutros curiosidades. Tinha, sobretudo, acessos de isolamento, em que não queria ser perturbado. Fechava sorrateiramente a porta; mas a mãe abria-lha. Não podia fazer um movimento sem que ela o ouvisse. Era aborrecido! Podia, porém, estar sem fazer movimento nenhum. Então, a mãe esquecia-se dele, durante algum tempo; mas não muito!...

Felizmente, Anita não estava sempre em casa. Tinha de sair. Marcos ia para o liceu, que não ficava longe. A mãe acompanhava-o, de manhã e, quando estava livre (raramente), de tarde. Não podia, contudo ir buscá-lo para o levar a casa, porque era à hora das suas lições. O pequeno tinha de regressar sòzinho, e isso inquietava-a. Procurara arranjar com uma família vizinha que a criada desta, ao trazer para casa o filho dessa família, trouxesse também Marcos. A este é que isso não agradava nada; partia antes que o fossem buscar. Então, entre vaidoso e receoso, voltava só e fechava-se sòzinho em casa. Até que regressasse a mãe, aproveitava bem o tempo!

Anita zangava-se com ele pela sua independência; mas não a desgostava muito (embora não confessasse esse mau sentimento) que o filho prescindisse de companheiros. Desconfiava das camaradagens. Não queria que lhe estragassem o seu filho... o «seu» filho! Estava então muito convencida de ele ser seu? Sem dúvida, Anita fazia esforços para reprimir o seu amor egoísta.

Já não era como no tempo em que o filho era pequenino, a necessidade cega e glutona de absorver aquele serzinho na sua paixão. Agora, via nele uma personalidade; persuadia-se, porém, de ser a

chave dessa personalidade, que conhecia melhor do que ele as leis do seu bem-estar; e queria esculpi-lo à imagem e semelhança do seu Deus oculto. Como a maioria das mães, julgava-se incapaz de criar para si só o que pretendia, e sonhava criar para o que fizera com o seu sangue (o sonho eterno, eternamente malogrado, de Vótan!...).

Para o modelar, era preciso segurá-lo; não o deixar escapar!... Fazia tudo que era possível para o reter; demasiado até. Em cada dia, porém, o filho escapava-se-lhe um tanto mais. Anita tinha a impressão desanimadora de que, em cada dia que passava, o conhecia menos. Uma coisa conhecia bem: o seu corpo, a sua saúde física, as suas doenças nos seus mínimos sintomas. Possuía uma intuição que nunca a enganava. Tinha-o diante de si, lavava-o, apalpava-o, cuidava dele... daquele querido corpo frágil de andrógino... Dir-se-ia que era transparente... Que tinha lá dentro? Comia-o com os olhos, com as mãos, ele era todo seu...

— Meu Deus! Como gosto de ti, monstrozinho! E tu, também gostas de mim?

Marcos respondia, polidamente:

— Sim, mamã.

Contudo, que pensava ele, no fundo?

Marcos não tinha, aos sete anos, quase nenhum traço fisionómico da família. A mãe bem procurava investigar, procurar uma semelhança e esforçava-se até por inventá-la... Não, não se parecia com ela, nem na forma da testa, nem nos olhos, nem na boca, nessa saliência dos lábios característica dos Rivières e especialmente de Anita, como se a vontade, a força interior, fizessem levedar a massa. Talvez a única coisa fosse a cor da íris, mas perdida num mundo estranho... Que mundo? O do pai? Dos Brissots? Também não! Pelo menos, ainda não; mas Anita, ciumenta, dizia: «Nunca!»

No entanto, ter-lhe-ia desagradado assim muito

encontrar nas feições do seu filho qualquer traço de Rogério? Não sentiria até com isso um certo júbilo? Nutria pela recordação daquele a quem se dera uma mistura de rancor e de atracção inconfesada — atracção menos pelo verdadeiro Rogério do que por aquele que idealizara — pois fora, em suma, a esse ser ideal que se dera. Se o pudesse voltar a ver no seu filho, deveria sentir como uma vitória, a sensação de lhe ter arrancado aquela forma que amara, para a animar com a sua própria alma. Sim, admitiria que Marcos tivesse os traços fisionómicos de Rogério, desde que no espírito se parecesse com ela.

Não se parecia o pequeno nem com um nem com outro. A fisionomia de Rogério, a que faltava a originalidade dos Rivières, possuía uma beleza de linhas simples, regulares: era um livro fácil de decifrar. Aquele rosto de criança, porém... o significado daquelas feições... — como dizer? — era fugidio... Bonitos traços, delicados, mas desproporcionados, testa estreita; queixo efeminado, os olhos um tanto em amêndoa; o nariz... (com quem se parecia aquele nariz afilado, comprido e de asas finas?)... e aquela boca grande e fina, de lábios pálidos?... Até quando Marcos estava imóvel, solo movediço, tinha um ar incerto, mudável...

Sem dúvida, o rapaz procurava a sua forma; oscilava ainda, mas em que direcção se dicidiria? Ou tomaria a decisão de não escolher nenhuma? Era, depois da sua grave doença, uma criança de quem, à primeira vista, se diria ser nervosa, impressionável (talvez o fosse), mas quando a observavam melhor desorientava pelas suas maneiras tranquilas, o seu ar indiferente, a sua expressão fechada. Não era desagradável, nunca parecia aborrecido, nem dizia não a nada... «Sim, mamã...»

Percebia-se, porém, logo, que não se importava nada com o que lhe tinham dito: nem sequer ouvira... Não ouvira? Era difícil sabê-lo!... Olhava para

a mãe a ver o que se ia passar; ela também olhava para ele... Que esfingezinha!... Tanto mais esfinge pois não sabia que o era. Não se conhecia, tal como Anita não o conhecia. Essa seria a última das suas preocupações! Aos sete anos, as crianças já não procuram e não tentam, conhecer-se a si próprias. Pelo contrário, o rapaz procurava conhecê-la, a ela, sua senhora e serva. Tinha tempo para isso, visto a mãe se fechar com ele dias inteiros. Observavam-se mùtuamente. A mãe, contudo, não era boa observadora.

Anita enganava-se ao pensar que o filho não se parecia com ninguém do seu conhecimento. Marcos tinha no espírito surpreendentes analogias com o avô Rivière. Anita, no entanto, a despeito de tudo que supunha, conhecera muito mal seu pai. Deslumbrara-a muito para que tivesse podido ver o verdadeiro Raul Rivière. Tinha apenas algumas suspeitas, sobretudo depois que lera a famosa correspondência. Não quisera reter nada disso. Preferia conservar — embora restauradas — as suas afectuosas e ternas recordações, abaladas um momento. Além disso, conhecera o pai na sua última fase. Se o velho Rivière tivesse, contudo, podido voltar, para ver o que se passava e inspeccionar o bastardozinho, como o sabia fazer, teria dito: «Recomeço.»

Não recomeçava nada. Nunca se recomeça. Voltava, apenas, em alguns pormenores... Maliciosos caprichos do sangue! Nas costas de Anita, os dois compadres davam-se as mãos. Uma das características mais acentuadas que Anita transmitira do avô ao neto era a notável aptidão para dissimular! Não pela necessidade de mentir. Um Raul Rivière tinha bastante desprezo pelos seus contemporaneos e sentia-se bastante forte, para nunca ter receado, se isso lhe agradasse, mostrar-se a nu. (Tinha-lhe até agradado isso muitas vezes e citavam-se deles alguns ditos ferozes, que arrancavam a pele).

Não era isso! Era um prazer gratuito, um humorismo cómico, uma vocação para o teatro, o gosto malicioso de se disfarçar moralmente, para mistificar as pessoas.

O pequeno herdara isso, sem dúvida inocentemente. A sua alma ainda inconsistente, muito heterogénea, nada trocista no fundo, deixara-o resvalar, desde que nascera, nesse saco de malícias e usava dos órgãos que a natureza lhe dera. Da mesma forma que, se tivesse incarnado num animal de pêlo ou de penas, usaria do bico, das unhas e das asas, vestido com pedaços do fato velho de Rivière, encontrava o instinto e as manhas do avô.

Estava sempre na defensiva, ante as pessoas grandes, e sabia ler nelas o que lhe dizia respeito. O seu génio atento era dirigido para esse lado. Então, quando via aquilo que imaginavam ele ser, era-o; a menos que não tivesse a fantasia de as contrariar, porque o irritavam ou, então, para se divertir. Uma das suas preocupações era desarmar o mecanismo desses brinquedos vivos, procurar-lhes as molas ocultas, os pontos fracos, tacteá-los, brincar com eles, fazê-los «afinar». Não era muito difícil: são tão grosseiros e não desconfiam de nada.

Em primeiro lugar, a mãe. Intrigava-o. Continha um enigma. Ouvira alusões a ele, no *atelier* de Sílvia, quando estava sentado aos pés das costureiras, sem que elas pensassem nele. Não compreendia grande coisa; mas isso aumentava o mistério que procurava interpretar. Adivinhar, inventar... Naquele corpo de furão à espreita, imóvel, os olhos brilhantes, o espírito estava sempre em movimento.

Quando estava fechado com a mãe, às vezes dias inteiros, por causa do seu mau estado de saúde, das suas constipações no Inverno e da ávida afeição dela, o seu principal recurso era ela: espiava-a curiosamente, a cantarolar, a carpinteirar, nas suas outras ocupações, porque o espírito das crianças é, como as suas pernas, ágil e saltador, e, até quando

volta as costas, olha de viés e as suas orelhas de gato giram como cataventos ao som das vozes. Se essa atenção de fogos cruzados apanha três ou quatro coelhos duma cajadada, nunca perde a pista, diverte-se e sabe muito bem que no dia seguinte recomeçará...

O coelho deixava-se apanhar. Expansiva, arrebatada, pródiga nos seus sentimentos, Anita não poupava nada, gastava-se sem contar. Ora lhe falava como a um bebé e isso magoava-o, achava-a ridícula; ora lhe falava como a um camarada, como se ele tivesse mais idade e isso aborrecia-o, achava-a maçadora. Umas vezes a mãe esquecia-se a pensar em voz alta, monologava diante dele, como se o filho não a pudesse compreender, e considerava-a grotesca, censurava-a severamente ou troçava dela. Não a compreendia; mas não compreender nunca dispensou de criticar.

Adoptara uma atitude fictícia, que lhe era cómoda, porque a podia aplicar a todos os casos: a polidez impertinente e distraída duma criança bem educada, que dá a impressão de ouvir, porque é obrigada a isso, mas a quem a conversa não interessa nada: tem que fazer, e quando lhe falam espera que terminem. Noutras ocasiões, divertia-se a fingir de meigo, para lhe ser agradável. Sabia que sua mãe não deixaria de explodir de alegria. A pobre mulher acreditava, porém, nisso piamente. Quando a mãe caía nas suas armadilhas, Marcos sentia por ela um certo desprezo afectuoso; quando, ao contrário, procedia de forma que ele não previra, irritava-se, mas apreciava-a mais.

Marcos não podia representar o mesmo papel durante muito tempo. Uma criança é muito maleável e capaz de mudanças bruscas. Um minuto após ter feito olhos bonitos e enternecido a mãe com as suas efusões, não pedia licença para exibir cruelmente a sua indiferença. Anita ficava desorientada. Sucedia, às vezes, que não suportava a decepção, o

descontentamento, sobretudo nos raros momentos em que uma vaga suspeita a advertia de o filho teimar no seu papel. Então, com a sua violência (pedimos perdão disso aos modernos pedagogos) dava-lhe algumas palmadas, nervosamente...

Na verdade, atentava contra todos os princípios da dignidade da criança! Aos olhos duma anglo-saxónica, a pobre Anita desacreditava-se para toda a vida; mas entre velhos franceses não nos consideramos desonrados com isso... *Qui bene amat...* O adágio continua florescente nas famílias burguesas, que conservam algumas tintas de latim. Todos fomos «bem amados». Consideramos, no fundo, que três quartas partes disso foram merecidas, assim como o considerava o filho de Anita. No entanto, se, como ele, não gostamos, por isso, menos daquela que dá as palmadas, estas fazem-lhe perder algo do seu prestígio. Confessemo-lo: é talvez por isso que nós — Marcos, como nós — as provocamos!...

O rapaz sabia representar bem, depois, o papel de vítima; e Anita censurava-se pelo seu arrebatamento. Sentia a sua falta e procurava voltar a cair nas graças do filho. Ele esperava-o... Vitória da fraqueza! É uma arma que as mulheres sabem manejar muito bem; mas o mais mulher dos dois era, neste caso, a criança. Essa carne jovem, ainda toda impregnada do leite materno, é, por mais de metade, feminina e tem da rapariga as manhas e as espertezas. Anita estava desarmada contra isso. Ante aquele marotinho, era ela o sexo forte: o estúpido sexo forte, que se envergonha da sua força e procura que lha perdoem. As forças não eram iguais. O pequeno ria-se dela.

MARCOS não era, no entanto, apenas um hábil comediante que se divertia. Tinha, como seu avô, caracteres diversos. Bem poucos puderam ver o que se ocultava sob a máscara trocista do

velho Rivière. Que drama encobrem, por vezes, o cinismo desdenhoso e o apetite dos prazeres de certos triunfadores! Raul tivera sombrias fossas abissais, que não devassara nunca. Encontra-se disso, mais frequentemente do que se supõe, sob o riso gaulês. Cada um guarda-as para si. Anita, que também tinha as suas, não se revelara nunca a seu pai; e não conhecera as dele, como não conhecia as do filho. Cada um ficava emparedado dentro da sua vida interior, por um estranho pudor. Envergonhar-se-iam menos de estadear os seus vícios e os seus apetites (Raul fazia gala deles) do que do trágico das almas.

O rapaz tinha o seu quinhão disso. Uma criança que vive só, sem irmãos nem companheiros, tem tempo para vaguear nessas caves da vida. Eram muito profundas e vastas as caves dos Rivières. A mãe e o filho poderiam encontrar-se lá; mas não se viam. Passaram um junto do outro, mais de uma vez, julgando-se muito afastados. Ambos de olhos vendados, Anita pelo demónio da paixão que a dominava sempre, a criança pelo egoísmo natural da sua idade: ambos caminhavam nas trevas. Marcos, porém, estava apenas à entrada do subterrâneo e não procurava a saída, batendo contra as paredes, como a mãe; conservava-se encolhido num dos primeiros degraus e sonhava com o futuro. Incapaz de se explicar, construía a sua vida.

Não tinha de andar muito para encontrar a parede impenetrável contra o qual o eu, assombrado, se obstina: a morte. A parede erguia-se de todos os lados. A doença rodeava-a, como uma estrada de circunvalação. Debalde se procuraria uma passagem através dela. A parede era maciça e não tinha nenhuma brecha. Não fora preciso que ninguém dissesse a Marcos que a parede estava ali. Sùbitamente, na treva, resfolegara, como um cavalo, de crinas eriçadas. Não falava disso a ninguém; ninguém também lhe falava nisso. Estavam todos de acordo.

Anita, como as jovens de hoje, era uma péssima

pedagoga. Quando era rapariga, ouvira falar muito de pedagogia. Também falava nisso frequentemente, com ar entendido, e atribuía à maneira de educar as crianças muito mais importância do que as mães antigas, que tinham a esse respeito os olhos fechados. Quando a ocasião, porém, chegou para ela, com o nascimento do filho, encontrava-se desarmada perante as mil e uma surpresas da vida, incapaz de tomar uma decisão. Construira teorias que não punha em prática ou punha de parte após as primeiras experiências. Finalmente, deixava caminhar as coisas, fiada no seu instinto.

O problema religioso era dos que a preocupavam, sem que chegasse a uma solução prática para a criança. As suas amigas da juventude, da burguesia rica e republicana, eram, na sua maioria, educadas religiosamente pelas mães e sem religião pelos pais. Não chegavam sequer a sentir a contradição das duas concepções (as duas concordam, aliás, na sociedade, como muitas outras coisas contraditórias, pois nenhum sentimento tem para esse meio a terceira dimensão). Ela própria tinha ido à igreja como ao liceu; fizera a sua primeira comunhão como o seu exame final do curso, conscienciosamente e sem nenhuma comoção. As cerimónias a que assistira na rica igreja paroquial pareciam-lhe de ordem mundana. Separara-se delas ao separar-se da vida da sociedade.

A sociedade moderna (e a Igreja é um dos seus pilares) conseguiu de tal forma desnaturar, ao torná-las enfadonhas, as grandes forças humanas que Anita, a qual transportava no seu ser uma fé mais ardente do que a dum cento de devotas, supunha não ser religiosa. Confundia a religião com os moinhos de orações e as cerimónias dum exotismo arcaico, luxo da alma para os ricos, engano dos olhos e do coração ávido de consolo para os pobres, que mantém os alicerces da sua miséria e da sociedade. Desde que deixou as práticas religiosas, nunca mais

teve necessidade delas. Não percebia que quando sentia ardentes arrebatamentos de consciência e proferia monólogos apaixonados dizia a missa a si própria.

Não pensava, portanto, em dar ao seu filho aquilo de que ela prescindia. Talvez até a questão não tivesse chegado a ser debatida por ela, se (paradoxo!) Sílvia não a tivesse lembrado. Sílvia, que tinha tanta religião como um pardal de Paris, não se consideraria casada sem o concurso da Igreja. Achava indecente que Anita não tivesse mandado baptizar o filho. Anita nem pensava nisso. No entanto, fê-lo, para Sílvia poder ser madrinha. Depois, nunca mais pensou no caso. As coisas continuaram nesse pé, até que apareceu Juliano.

O facto de Juliano ter uma fé praticante não a transmitia a Anita, mas mostrava-lha digna de respeito e chamou a sua atenção para o problema que negligenciara: que devia fazer com Marcos. Mandá-lo à igreja? Ensinar-lhe uma religião em que ela própria não cria? Perguntou-o a Juliano, que se mostrou escandalizado e afirmou, com energia, ser uma necessidade para a criança instruí-la nas verdades divinas.

— E se não são verdades para mim? Terei de mentir quando Marcos me interrogar?

— Mentir, não; mas deixá-lo acreditar, se é no seu interesse.

— Não, não pode ser no seu interesse enganá-lo. Que autoridade terei quando ele o descobrir? Não estará no direito de me censurar? Não acreditará mais em mim. Sei, por acaso, se essa fé imposta não prejudicará mais tarde o seu verdadeiro desenvolvimento?...

Nessa altura, Juliano ensombrava-se; e Anita apressava-se a mudar de conversa. Como havia de proceder, no entanto? Não estava disposta, como lhe aconselhavam alguns amigos protestantes, a dar a seu filho um curso de todas as religiões, para

poder escolher quando tivesse dezasseis anos!... Anita ria disso às gargalhadas. Que estranha concepção da religião fazer dela matéria de exame!... No fim de contas, Anita não fizera nada. Quando passeava com Marcos, entrava nas igrejas, sentava-se num canto, a admirar, com ele, a floresta de troncos de pedra, a luz tamisada de bosque que se filtrava pelos vitrais, a apreciar a curva das volutas, o longínquo salmodiar, as toalhas brancas dos altares. Era como um banho de sonho e de recolhimento...

Marcos não se desgostava de estar assim, com a mão na mão da mãe, a ouvir e a falar baixinho. Era doce, era quente, bastante voluptuoso... A condição, porém, era isso não durar muito tempo! Aquela sonolência sentimental aborrecia-o. Tinha necessidade de se mexer e de pensar em coisas precisas. A sua cabecinha trabalhava, observava, notava aquela multidão que rezava e sua mãe que não rezava. Sem as exprimir, fazia as suas reflexões. Fazia poucas perguntas, muito menos do que a maior parte das crianças, pois tinha um grande amor próprio e receava dizer tolices. No entanto, perguntou, um dia:

— Mamã, que é Deus?

Anita respondeu:

— Meu filho, não sei.

— Então que sabes tu?

A mãe sorriu e apertou-o contra si:

— Sei que gosto de ti.

Sim, já o sabia; mas não era preciso ir à igreja para ouvir essa banalidade!... Não era muito meigo e não gostava nada daqueles devaneios de alma a que «estas mulheres» se entregavam. Anita, quando tinha a seu lado o pequeno, nas muitas preocupações materiais, uma hora de folga ganha no meio das tarefas que a não deixavam, sentia-se feliz. Não tinha muito que andar, para encontrar Deus: tinha-o no seu coração. Marcos achava, no entanto, que no

coração dela só havia lugar para ele, Marcos, e que tudo o mais era tolice.

Era preciso ver claro: no fundo, que era Deus? Aquele homem em frente do altar, com as suas saias de mulher e uma carapaça doirada? Era o bedel, de bastão e calções? Eram aquelas imagens pinturiladas — uma por capela — que careteavam sorrisos derretidos, como senhoras beijocadoras, de quem ele não gostava nada?...

— Mamã, vamo-nos embora!

— Não achas isto bonito?

— Sim; é bastante bonito. Vamos para casa!

...Que era aquilo de Deus?... Não tinha insistido mais para sua mãe lho dizer. Quando os grandes confessam que não sabem uma coisa é porque ela não lhes interessa... Prosseguiu, sòzinho, no seu inquérito sumário. As orações que ouvia: «Padre nosso que estais nos céus» (eis uma localização que provocava o cepticismo dos mais espertos dos garotos modernos, visto os céus estarem a caminho de vir a ser um novo campo desportivo); a *Bíblia*, folheada, como as outras velhas histórias, com uma curiosidade enfastiada; algumas perguntas feitas; algumas respostas apanhadas no ar, daqui e dali, negligentemente — «Deus, alguém invisível que criara o mundo...» Coisas que se dizem! Foi já há muito tempo; e não é muito claro. Era como sua mãe: Deus não o interessava. Um rei a mais ou a menos!

Aquilo que o interessava era a sua própria existência, o que a podia ameaçar e o que viria depois. Estúpidas conversas diante dele, em casa de Sílvia, tinham bem cedo despertado a sua atenção. O prazer de comoçãozinha que aquelas raparigas tinham ao falar de acidentes, de mortes súbitas, de doenças, de enterros e de dar à língua a propósito disso tudo!... A morte excitava-as. O instinto animal do pequeno eriçava-se, só ao ouvir falar nela.

A esse respeito, bem desejaria interrogar sua mãe; mas Anita, muito sadia, nunca falava da morte

e não se preocupava com isso nessa época da vida. Tinha outras coisas em que pensar! Ganhar a vida para o seu filho. Quando, de manhã à noite, há que pensar nisso, o Além parece um luxo. Só se torna essencial quando aqueles a quem amamos passam para o lado de lá. O seu filho estava deste lado. Se o perdesse, nem a vida nem a morte teriam qualquer importância para ela. Era muito apaixonada para se satisfazer com um mundo imaterial, com um mundo sem o corpo amado!

Marcos via-a vigorosa, intrépida, ocupada, sem pensar nas inquietações dele, e teria vergonha de revelar a sua fraqueza. Tinha, portanto, de descobrir sòzinho. Não era muito cómodo. Não custa muito acreditar, contudo, que o rapaz não se embaraçava com complicados problemas do pensamento! Reduzia a questão às suas próprias dimensões: a morte era os outros que desapareciam. Pois que desaparecessem, isso era com eles! «Posso, também, desaparecer!?» Sílvia, uma vez, dissera diante dele:

— Ora! Morremos todos!

Marcos perguntara:

— E eu?

A tia riu:

— Ah! Tu tens ainda muito tempo!

— Quanto?

— Até chegares a velho.

No entanto, Marcos sabia que também enterravam crianças. Depois, embora velho, seria ainda ele. Um dia Marcos morreria... Isso aterrorizava-o. Não haveria meio de escapar? Devia haver, em qualquer parte, como um prego numa parede, qualquer coisa a que se agarrar, alguém a quem estender a mão... «Não quero desaparecer para sempre...» A necessidade dessa mão poderia, na verdade, como a tantos outros, aproximá-lo de Deus, a mão estendida que a angústia dos homens deixa entrever na escuridão.

Desde, porém, que a mãe parecia não procurar esse ponto de apoio, ele também o afastava dos seus

pensamentos. Embora criticasse a mãe, sofria a influência das suas atitudes. O facto de ela estar calma, ante a expectativa do que a esperava, não o tranquilizava muito, mas obrigava-o a manter-se sereno como ela. Pode muito bem ser-se um rapazinho nervoso, fraquinho, algo medroso, mas para alguma coisa servia ser filho de Anita. «Desde que ela, uma mulher, não tem medo, também não o devo ter».

Apenas não lhe era possível, como faziam as pessoas grandes, deixar de pensar nisso. Os pensamentos vão e vêm, não se podem evitar, sobretudo de noite, quando não dormimos... Pois bem! Tinha, então, de pensar, mas era preciso não ter medo. «Como será, quando a gente morre?»... Não tinha, naturalmente, nenhum meio de o saber. Tinham-lhe evitado ver qualquer espectáculo fúnebre. Dispunha apenas de algumas visões de museu. Estendido na sua caminha, tacteava as paredes do seu corpo... Como seria?...

Uma palavra imprudente revelou-lho de súbito, como uma janela que se abre para o abismo que ansiava por ver. Um dia de Verão, passava o tempo à janela, e entretinha-se a apanhar moscas e a arrancar-lhes as asas. Achava engraçado vê-las depois a saltar. Não pensava que poderiam sofrer com isso; era apenas uma partida que lhes fazia. Eram brinquedos vivos que não custava nada partir... A mãe surpreendeu-o nessa tarefa. Com a violência que não sabia reprimir, sacudiu-o pelos ombros e chamou-lhe irritante e mau...

— Que dirias se te partissem os braços? Não sabes que esses animais têm dores como tu?

Marcos fingiu rir, mas ficou apreensivo. Nunca pensara nisso. Aqueles bichos eram como ele! Não se comovia, não tinha nenhuma vontade de se enternecer; mas via-os, agora, com outros olhos, inquietos, atentos, hostis... Um cavalo que caía na rua... Um cão atropelado que gania. Espiava tudo... A ne-

cessidade de saber era demasiado forte para que a comiseração despertasse...

Na Páscoa, — como o pequeno se estiolara durante o Inverno, frio e sem sol, cinzento, húmido, com a gripe benigna e insidiosa que lhe chupara a cor das faces — Anita decidiu alugar, por quinze dias, um quarto em casa duns camponeses, no vale de Bièvres. Só havia uma grande cama, para ela e para o filho. Este não gostava muito disso; mas não lhe pediram a sua opinião. Felizmente, durante o dia, estava sòzinho, pois a mãe ia para Paris dar as suas lições e deixava-o confiado à guarda dos que os hospedavam, os quais não o guardavam coisa nenhuma.

Marcos, em breve tratou de se eclipsar para os campos. Mirava, vasculhava tudo, procurava apanhar, nos animais e nas coisas, algum segredo que o interessasse, pois tudo, na natureza, era visto em relação a si. Errava pelos bosques. Ouvia os rapazes falar alto, a distância. Não procurava aproximar-se dos outros garotos da sua idade, porque não era bastante forte e desejaria dominá-los; mas sentia-se atraído por eles. Aproximou-se e viu cinco ou seis pequenos, em círculo à volta dum gato ferido. O animal tinha a espinha quebrada; e os rapazes divertiam-se a voltá-lo, a espicaçá-lo com as pontas das varas.

Marcos, sem reflectir, atirou-se para o meio do grupo, aos socos. Passada a primeira surpresa, os outros voltaram-se contra ele, bateram-lhe e troçaram dele. Marcos fugiu-lhes, mas ficou a pequena distância, escondido com as árvores, a tapar os ouvidos. Não se decidia a ir-se embora... Aproximou-se dos garotos, que o pressentiram e chamaram, trocistas:

— Eh lá! Ó tu que tens medo!... Chega-te para o veres esticar!

Aproximou-se mais. Não queria parecer que era uma menina. Além disso, queria ver. O animal, com

um olho a sangrar semi-arrancado, estava deitado de lado, os quartos traseiros rígidos, já mortos; os flancos arquejavam, a cabeça procurava erguer-se, rosnava desesperadamente. Custava-lhe a morrer. Os garotos riam como perdidos. Marcos olhava, petrificado. Bruscamente, pegou num calhau e pôs-se a bater furiosamente na cabeça do gato. O animal soltou um gemido rouco. Marcos bateu, bateu com mais força, como se fosse presa dum delírio. Ainda batia quando tudo tinha já acabado.

Os garotos olhavam para ele pouco à vontade. Um deles tentou ainda troçar. Ainda com sangue nos dedos crispados que seguravam a pedra, Marcos fixava-os, pálido, de testa franzida, com um olhar mau e a boca a tremer. Os outros foram-se embora. Ainda os ouviu, ao longe, rir e cantar. De dentes cerrados, voltou para casa. Não disse nada à mãe. De noite, porém, já deitado, gritou em sobressalto. Anita estreitou nos seus braços aquele corpo frágil que tremia...

— Que sonho mau é esse? Não é nada, meu anjo...

Marcos, no entanto, pensava:

— Matei-o. Já sei o que é a morte.

Terrível orgulho de saber, de ter visto e destruído! Havia ainda um outro sentimento, que não podia compreender, de horror e de atracção... O estranho laço que prende o morto e o matador, os dedos empastados de sangue, a cabeça esmagada... De qual dos dois é o sangue?... O animal já não resfolegava. Ele, no entanto, conservava ainda a sua angústia.

Felizmente, em tal idade, o espírito não pode conservar por muito tempo o mesmo pensamento. Teria sido perigoso se o pudesse fixar. Outras imagens vieram e a sua corrente refrescou o cérebro. A ideia, contudo, ficou lá no fundo. A sua presença traía-se, de longe em longe, por tétricos clarões, pesadas bolsas de ar subiam da vasa do pântano. Sob a casca mole do ser, havia um duro caroço

oculto: a morte, a força que mata... «Matam-me e mato... Não quero deixar-me matar... A vitória é do mais forte! Combaterei...»

Orgulho, obscuro orgulho que sustém a sua fraqueza como uma armadura... Donde lhe vem esse aço, se não daquela mãe de quem desdenha por causa das suas efusões e porque brinca com elas? Não o ignora. Até no tempo em que as suas preferências iam para Sílvia, que o amimava, sentia a superioridade de Anita. Talvez a imitasse. Tinha, porém, de se defender contra a invasão daquela personalidade que o amava demasiado, que atravancava o seu caminho e ameaçava a sua vida. Continuava prevenido contra ela e mantinha-a a distância. A mãe era também uma inimiga.

SÍLVIA desaparecera do horizonte. Pasados os primeiros meses de ressentimento, sentia uma ponta de remorso ao pensar nas dificuldades com que lutava a irmã. Esperava que Anita lhe fosse pedir auxílio: não lho recusaria, mas também não lho oferecia. Antes, porém, de lhe pedir alguma coisa, Anita deixar-se-ia sangrar até à última gota de sangue. As duas irmãs eram teimosas. Uma vez que se encontraram na rua, fingiram não se ver. Anita, porém, certo dia em que encontrou a pequenita Odette com uma costureira, não reprimiu um impulso de ternura: pegou na criança e ia-a comendo com beijos. Sílvia, pelo seu lado, ao ver um dia passar Marcos, que regressava da escola (e que fingia não a ver), deteve-o e disse:

— Então, já não me conheces?

Quer se creia quer não, o maroto tomou um ar altivo para dizer:

— Bom dia, minha tia.

Fizera sòzinho as suas reflexões; e, com razão ou sem ela, resolvera tomar o partido de sua mãe...

My country, right or wrong. Sílvia ficou varada. Perguntou:

— Então? Vais bem?

Marcos respondeu com frieza:

— Vai tudo muito bem.

Sílvia viu-o afastar, com um ar muito sério, corado pelo esforço que se impusera. O rapaz parecia bem, decentemente vestido. Que grande maroto!... «Vai tudo muito bem...» Teve vontade de lhe dar açoites!...

O facto de Anita ter podido tirar-se de dificuldades sem recorrer a ela, aumentava o seu ressentimento. Não perdia, no entanto, uma ocasião de ouvir falar da irmã, assim como não renunciava à ideia de a subordinar a si. Se não o podia fazer de facto, fazia-o ao menos em pensamento! Não ignorava nada da vida austera que a irmã levava; e não compreendia que Anita se condenasse a isso. Conhecia-a bastante para saber que uma mulher do seu feitio não era feita para sofrer aquele constrangimento moral, aquela privação de alegria.

Como era possível violentar assim a natureza? Quem a obrigava àquela viuvez? À falta de marido, não faltariam amigos, que se sentiriam felizes por distraí-las das suas penas. Se a irmã tivesse consentido nisso, talvez Sílvia a estimasse menos; mas senti-la-ia mais próxima de si. Não era a única pessoa que não compreendia Anita. Esta também não compreendia as razões da sua vida monástica, aquela espécie de medo feroz que a obrigava a recuar, não quando se oferecia sequer a possibilidade, mas apenas ante a ideia duma dessas alegrias naturais, que nenhuma lei religiosa ou social pode impedir (não cria na moral religiosa e... não era senhora dos seus actos?).

«De que tenho medo?» «De mim...» O seu instinto não a enganava. Para uma tal natureza, carregada de paixões, de desejos, de sensualidade cega, não havia voluptuosidade inocente nem brincadeiras

sem consequências: o mínimo choque podia entregá-la a forças que não conseguiria dominar. Tinha conhecido já o abalo moral causado pelos seus breves encontros passados com o amor. O perigo, agora, seria muito maior! Não resistiria a ele. Se se entregasse ao prazer, seria completamente arrebatada por ele e perderia a fé de que tinha necessidade...

Que fé? A fé em si própria. Orgulho? Não. Fé naquela coisa inexplicável e divina, que transportava em si e que queria transmitir, sem mácula, ao seu filho. Uma mulher como ela só podia escolher, fora da estricta disciplina do casamento, entre uma rigidez moral absoluta e o abandono completo e consentido aos instintos. «Tudo ou nada... Nada!» No entanto, por ondas — apesar dos seus arrebatamentos de altivo fervor — havia já alguns meses que lhe apertava a garganta esta angústia: «Estrago a minha vida...»

Marcelo Franck reapareceu. O acaso colocou-o no caminho de Anita. Já não se preocupava com ela; mas não a esquecera. Fizera bastantes experiências amorosas. No seu coração maleável, não tinham deixado vestígios marcados: apenas, como leves unhadas em volta dos olhos maliciosos, algumas rugas. No entanto, uma certa fadiga, um afectuoso desdém pelas fáceis conquistas e pelo conquistador.

Mal voltou a ver Anita, sentiu a mesma sensação de outrora — frescura e certeza — que atraía curiosamente aquele céptico fatigado. Explorava-a com os olhos: também ela tinha visto mundo! Havia no fundo do seu olhar clarões abafados, sulcos, naufrágios. Parecia, contudo, mais calma e mais segura de si. Marcelo teve como que a saudade daquela companheira sadia que, por duas vezes já, lhe escapara. Não era ainda tarde! Nunca parecera estarem tão perto de se entender.

Marcelo soube, sem lhe fazer perguntas, avaliar discretamente os seus recursos e as suas ocupações.

Pouco tempo depois, fez que lhe oferecessem um trabalho assaz bem retribuído. Tratava-se de organizar um ficheiro duma colecção particular de obras de arte de que estava encarregado. Era um meio de passar junto dela algumas horas por semana. Sabiam trabalhar e conversar, ao mesmo tempo. A intimidade de outrora restabeleceu-se ràpidamente.

Marcelo nunca fazia perguntas a Anita acerca da sua vida; mas contava a dele e era o melhor meio de saber aquilo que Anita pensava. As experiências da sua própria vida amorosa davam temas variados de conversação em que Marcelo se comprazia. Gostava de a ter por confidente, uma confidente que achava graça às confidências e o censurava um tanto por causa delas. Era o primeiro a rir-se de si próprio, como se ria de tudo. Anita escutava a rir as suas confissões livres, pois era de espírito livre para tudo que não a tocasse de perto.

Marcelo compreendia isso doutra maneira e sentia prazer em ver aquela inteligência esclarecida, indulgente em face da vida. Não encontrava qualquer vestígio de pedantismo moral, da intolerância da rapariga acanhada por excesso de virtude. Enquanto trocavam as suas reflexões irónicas, Marcelo pensava que seria encantador aliar-se àquela amiga tão rica de espírito, partilhar com ela a aventura da vida... Como? Como ela quisesse! Amante, esposa, como entendesse! Marcelo não tinha preconceitos. Assim como não atribuira importância à «maternidade de sueto» de Anita, não se importava com os encontros que ela tivesse tido depois. Não a atormentaria com uma vigilância exigente.

Não sentia nenhuma curiosidade a respeito da sua vida privada: a cada um os seus segredos e a sua parte de liberdade! Só lhe pedia que, na vida em comum, fosse risonha e sensata, uma boa sócia, nos interesses e no prazer (e no prazer envolvia

tudo: a inteligência, a afeição e o resto). Pensava tanto nisso que lho disse, numa bela tarde em que o sol, através das árvores, doirava as encadernações da biblioteca onde acabavam o seu trabalho. Anita ficou muito surpreendida!... Com que então, ele voltava à mesma; aquilo ainda não tinha acabado?... Disse-lhe:

— Ah, meu amigo, como é gentil! É, porém, preciso não pensar mais nisso!

— Sim; é preciso pensar, — disse Marcelo. — Porque não se há-de pensar?

«Sim, com efeito, por que não? — pensava Anita. — Sinto-me contente por conversar com ele, por vê-lo... mas não; é impossível! Isso nem sequer se discute...» Franck, em frente dela, sentado do outro lado da mesa, a barba loira a brilhar ao sol, estendeu os braços e pegou nas mãos de Anita:

— Pense nisso cinco minutos!... Vá!... Não direi mais nada... Conhecemo-nos há quantos anos?... Doze?... Quinze?... Não tenho necessidade de me explicar. Tudo que poderia dizer já o sabe.

Anita não procurou libertar as mãos; sorriu, fitou-o com os seus olhos claros, que o fixavam, mas que não conseguia fixar, porque partiam logo para além dele. Era para dentro de si que ela olhava. Pensava: «Isso nem se discute?... Deve discutir-se tudo! Porque é que há-de ser impossível?... Ele não me desagrada... É um belo rapaz, sedutor, assaz bom, inteligente, agradável... Como a vida seria fácil!... Eu, porém, não posso viver a sua vida, viver com ele... Marcelo agrada, e tudo lhe agrada; mas não aprecia nada: nem os homens, nem as mulheres, nem o amor, nem Anita. (Dizia-o como se falasse doutra pessoa, via-se de fora).

«Sem dúvida, não se poupa a atenções delicadas nem a respeitos mundanos; fornecemos até em quantidade. É possível até que me conceda um tratamento de favor... O grande céptico! Que toma a sério? Compraz-se com a sua absoluta falta

de fé na natureza humana. Calcula-lhe as fraquezas com uma curiosidade complacente e cúmplice. Creio que ficaria desolado no dia em que se visse obrigado a estimá-la... Bom rapaz! Sim, a vida seria fácil com ele, tão fácil que eu não teria então nenhuma razão para viver.»

Depois, já não tinha palavras, nem sequer para pensar; mas o pensamento prosseguia no seu caminho e a sua resolução fixava-se. Franck abandonou-lhe as mãos. Sentiu a partida perdida. Levantou-se, foi até à janela e, encostado à ombreira, filosòficamente, acendeu um cigarro. Estava por detrás de Anita, via-a imóvel, os braços ainda estendidos por cima da mesa, como se ele estivesse ainda na sua frente. A sua bela nuca loira e a curva agradável dos seus ombros... Tudo perdido!... Para quem, para quê, se reservava ela? Que nova tolice género Brissot?... Não; bem sabia que o coração de Anita estava livre... Então?... Contudo, ela não era de gelo! Tinha necessidade de ser amada e de amar...

Anita, sobretudo, tinha necessidade de crer... Crer no que se faz, se quer, se procura ou no que se sonha, crer no que se é, a despeito de todos os desgostos e desilusões, crer em si e na vida!... Franck destruía a estima. Anita suportaria melhor não ser estimada a perder a estima — a sua — da vida. Esta é a fonte da energia. Sem a sua vontade de actuar, Anita não seria nada. A atitude passiva da felicidade, para ela, seria a morte. A distinção essencial entre os seres é esta: uns são activos, outros passivos. De todas as passividades, a mais mortal para Anita era a do espírito.

Um espírito tranquilamente assente, como o dum Franck, na comodidade duma dúvida que nem sequer conhecia a dúvida e se entregava voluptuosamente ao culto indiferente do Nada... Um suícidio!... Não! Recusava... Que pensava então ela que seria a sua vida? Talvez nada de feliz ou de com-

pleto. Um malogro, provàvelmente; mas, malograda ou não, um ímpeto para um fim... Desconhecido? Ilusório? Talvez. Não importava! O ímpeto, esse, não era ilusório! «Embora caia no caminho, cairei no meu caminho!...» Reparou no longo silêncio e que Franck já não estava na sua frente. Voltou-se, viu-o, sorriu, levantou-se e disse:

— Perdão, meu amigo! Continuemos a ser o que somos! Está-se tão bem assim, amigos!

— E não se pode estar melhor, doutra maneira?

Anita abanou a cabeça: («Não!»).

— Muito bem! — disse Marcelo. — Eis-me reprovado no terceiro exame!

Anita riu e, aproximando-se dele, disse-lhe com malícia:

— Quer, ao menos, aquilo que recusei no segundo exame?

Lançando-lhe os braços ao pescoço, beijou-o... num beijo afectuoso; mas nada de confusões: um beijo de amigo...

Franck não se iludia. Disse:

— Pois bem, há ainda a esperança de que, dentro de vinte anos, seja aprovado no terceiro.

— Não, — disse Anita, a rir; — há o limite de idade! Case-se, meu amigo! Só tem que escolher; todas as mulheres o esperam.

— Menos uma: Anita.

— Eu! Fico para tia.

— Verá, verá... para seu castigo, há-de casar, passados os cinquenta anos.

— «Irmão, é preciso morrer»... Daqui até lá!...

— Daqui até lá, vida de freira...

— Não lhe conhece os encantos.

ANITA fazia-se forte. Nem tudo eram encantos. A sua vida claustral oprimia-a por vezes. Pertencia a essa espécie de monjas para quem não basta um mosteiro e um Deus para servir. O mosteiro resumia-se para ela no seu quinto andar e Deus no filho. Era nada e era muito. A sua conta era pequena; mas acrescentava-a com suprimentos de sonhos. Dessa moeda estava bem provida. Se a sua vida quotidiana era aparentemente mesquinha, Anita desforrava-se na sua vida imaginária. Lá, sem obstáculos e sem ruídos, continuava a fluir o eterno «encantamento».

Como se introduzir, porém, ao cabo, nesses retiros da alma? O sonho interior não é tecido com palavras. No entanto, para se fazer compreender, é preciso empregar palavras... Essa massa pesada e viscosa que seca na ponta dos dedos!... Anita sentia também a necessidade, para se explicar a si própria, de fixar por vezes o seu sonho em relatos feitos em voz baixa. Esses relatos, contudo, não eram transcrições fiéis — apenas uma transmutação — substituíam-se ao sonho, mas não se assemelhavam a ele. Na impossibilidade de poder acompanhar o espírito no seu voo, o cérebro fabrica contos que o ocupam e o enganam, sobre o grande espectáculo ou o drama interior...

Uma imensa planície líquida, um vale diluviano, que corre caudaloso, rios sem margens, de fogo, de água e de nuvens; todos os elementos se encontram ali confundidos; mil correntes se enleiam como uma cabeleira, mas uma força única enrola em volutas os seus longos caracóis sombrios, palhetados de clarões. É o Espírito tumultuário e o seu rebanho de sonhos, que conduz às pastagens tenebrosas da Esperança um pastor silencioso: o Desejo, rei dos mundos. A gravitação imperiosa impele-os para o declive ávido que, ora insidioso ora abrupto, os aspira.

Anita sentia correr o rio encantado, enrolava e desenrolava no seu fuso a trança das correntes aneladas, entregava-se a isso e brincava com a força felina que a arrastava... Quando, porém, a razão, bruscamente despertada, queria dominar, só encontrava uma Anita arrancada ao seu sonho que procurava um outro para se instalar. Então, inventava-os, pacientemente, com os elementos verificados dos seus dias, com as suas recordações, as figuras do passado, o romance da vida que já se viveu ou que se poderá talvez viver... Anita fingia acreditar que o grande sonho continuava; mas bem sabia que ele se fora. Não se inquietava com isso. Assim como o esposo do *Evangelho,* esse voltaria, à hora em que já não se contasse com ele.

Quantas almas femininas, cujo génio oculto se exprime como o seu, naquele rio interior! Quem pudesse ler-lhes no fundo encontraria lá, bastas vezes, paixões sombrias, êxtases, visões de abismo. No entanto, no vaivém tranquilo dos dias, burguesas correctas que tratam da sua vida, frias e sensatas, senhoras de si e até, por reacção — e por vezes com excesso, como Anita — aparentavam para os seus alunos ou para os seus filhos (Marcos, contudo, não se deixava enganar) uma aparência de razão fria e moralizante...

Não, não conseguia enganar o pequeno, que via longe, que lia nas entrelinhas e sabia, ele também, o que era sonhar. Todos os dias, tinha horas em que era como um rei, sòzinho em casa. Anita, sempre imprudente, sem prestar atenção a isso, deixava à disposição do filho uma quantidade de livros, salvados do naufrágio da sua biblioteca e da do avô. Havia-os de todas as castas. Decorreram cinco anos sem que ela tivesse tido vagar para fazer neles uma batida. O pequeno encarregou-se disso. Todos os dias, ao voltar do liceu, quando a mãe não estava em casa, Marcos ia à caça. Lia confusamente. Cedo aprendeu a ler depressa, muito depressa, e

galopava ao longo das páginas, na perseguição da presa.

Os seus trabalhos de estudante sofreram com isso. Era considerado como um mau aluno, distraído, que nunca sabia as lições e fazia os seus exercícios à pressa. O professor ficaria surpreendido se o pequeno caçador furtivo contasse o que os seus olhos apanhavam naquele coutado. Apanhava também «clássicos», com armadilhas; mas que outras peças mais! Tudo aquilo que colhia assim livremente, no desconhecido, tinha para ele um sabor de fruto proibido. Nada havia que o pudesse macular por enquanto, nesses encontros, ou até esclarecê-lo com brutalidade. Nas curvas perigosas, os seus olhos distraíam-se e passavam, sem terem percebido o laço, o apelo carnal; mas feliz, descuidoso, recebia no rosto um sopro quente de vida.

Naquela floresta de livros, as suas narinas aspiravam a aventura e a luta eterna, o amor... O amor... que é o amor para uma criança de dez anos? Toda a felicidade que não se tem, mas que se terá, que se conquistará... Como será o seu aspecto?... Com farrapos daquilo que viu e leu, procurava construir uma imagem. Não via nada. Via tudo. Queria tudo. Tudo ter. Tudo amar. (Ser amado! Para ele, é o verdadeiro sentido de amar... «Amo-me. Devem amar-me... mas quem?...»).

As suas recordações não o ajudavam nada. Estavam muito próximas para as poder ver bem. Na sua idade, não havia ainda (ou tão-pouco!) passado. É o presente que dá tema para mil variações... O presente? A criança erguia os olhos e via sua mãe. Em volta da mesa redonda, sob a luz quente do candeeiro de petróleo, estavam ambos sentados, à noite, depois do jantar. Marcos estudava (pelo menos, devia estudar) as suas lições do dia seguinte; Anita repassava um vestido. Nem um nem outro pensavam naquilo que faziam. Entregavam-se à sua máquina, ao servo complacente.

O sonho tecia a sua teia. Anita seguia-lhe o fio. A criança observava-a, a sonhar... eis um espectáculo interessante, mais do que as lições que os lábios repetem!... Marcos parecia não ter visto nada do que, nos últimos anos, se passara à sua volta. Nada saberia explicar daquilo que ocupava sua mãe; mas nada lhe escapava! O amor de Juliano. O amor por Juliano. Obscuramente, fora advertido disso. Um ciúme, de que nem chegara a ter consciência, rejubilara com a separação final, como um canibalzinho que dança em volta da vítima.

A sua mãe continuava a ser para ele. A sua propriedade! Importava-se muito com isso? Só a apreciou no dia em que um outro lha quis tirar. Olhava para ela: aqueles olhos, aquela boca, aquelas mãos. Prendia-se a cada um dos seus traços, à maneira das crianças que se perdem num pormenor como num mundo... (isto nem sempre é falso...). Uma sombra da pálpebra, uma comissura do lábio são misteriosas e vastas paisagens que fascinam o espírito da criança. Era como uma abelha... O seu olhar volitava ao longo da boca entreaberta... A porta vermelha... Penetrava até ao fundo, saía... À força de a perscrutar, esquecia aquilo para que olhava, a mulher... Torpor delicioso... Despertava, para se lembrar (ora!) da aula do dia seguinte, dum camarada mal tratado, duma nota má que tinha ocultado a sua mãe...

Depois, era absorvido pela claridade do candeeiro na sombra do quarto, pelo silêncio da casa no ruído de Paris: a sensação de ilha, de barca no mar, e a expectativa das margens, daquilo que ia encontrar nelas e do que meteria no seu barco, carregado com os seus bens, as suas esperanças, aquilo que conquistaria e os despojos da vida. Meteria lá sua mãe, o seu belo cabelo loiro e as suas sobrancelhas arqueadas... O pequeno Viking! Como ele gostava dela agora! Com o ardor dum amante, mas que tivesse conservado o dom da divina igno-

rância!... De noite, sem dormir, ouvia-a respirar... Toda aquela vida misteriosa o perturbava, o absorvia...

Assim, ambos sonhavam; ela, porém, vogava em pleno mar, já habituada às longas viagens. O rapaz partia; e tudo eram descobrimentos. Também tudo era novo para ele; por isso, via melhor e, às vezes, descortinava mais ao longe. Tinha momentos de séria surpresa! Não duravam muito. Era como os animais: bruscamente, o olhar penetrante vacilava: depois ninguém!... Nos minutos, contudo, em que fixava na sua mãe-companheira aquela jovem força nascente de atenção e de amor, encerrado com ela num silêncio caloroso, todo o seu ser se impregnava do perfume daquela alma. Adivinhava-a, sem compreender os mínimos sobressaltos; e, num relâmpago, tocava nos segredos do coração.

Em breve lhe perderá a chave. Desisteressar-se-á. Não quererá ver mais. Há dois seres nele: a luz do de dentro e a sombra do de fora. Quando o corpo da criança se desenvolver, a sombra crescerá com ele e cobrirá a luz. À medida que crescer, voltará as costas ao sol; parecerá mais criança quando for menos criança; quando chegar ao cimo, a sua visão será mais limitada. De momento, Marcos gozava da clarividência mágica à qual nem percebia. Nunca esteve tão perto de Anita, nunca o estará tanto, antes que passem muitos anos.

Cerca do fim desse período, a atracção tornou-se mais forte do que a desconfiança. Já não resistia ao ímpeto que o atirava, sùbitamente, com o rosto, os olhos e a boca apoiados no seio de sua mãe. Anita, com transporte, descobriu que o seu filho a amava. Já não o esperava...

Decorreram alguns meses, tão deliciosos como os dum jovem amor compartilhado. Foi a lua de mel da união do filho e da mãe. Encantadora pureza desse amor da carne, como todos os amores, mas de uma carne sem pecado. Rosa viva...

PASSOU. Passou a hora única. Passaram aqueles anos de estreita intimidade, de severa disciplina, de vida confundida. Anos ricos... Anita, em toda a sua força, intacta, não encetada. O filho, na plena floração do seu pequeno universo... A harmonia das almas, um sopro de ar basta para a abalar. A porta estava fechada?...

Certa manhã de domingo, Anita estava sòzinha em casa. Marcos fora jogar à bola com um camarada para o Jardim do Luxemburgo. Anita não fazia nada; gozava daquele momento em que podia estar quieta, sem falar, sentada numa poltrona, a saborear aquele dia de folga. A torrente dos seus pensamentos descrevia os seus meandros; deixava-se arrastar por ela, um tanto lassa. Bateram à porta. Hesitou, antes de ir abrir. Perturbar aquela hora de silêncio?... Não se mexeu. Bateram de novo, com insistência. Levantou-se contrariada. Abriu... Sílvia! Havia meses que não se viam!

O primeiro movimento foi de alegria, em Anita; a sua atitude cordial correspondia à de Sílvia. Depois, vieram à lembrança as queixas, as relações tensas. Sentiram-se pouco à vontade. Trocaram expressões de cortesia, inquiriram do seu estado de saúde. Tratavam-se por tu; e, nas perguntas e repostas, as fórmulas da linguagem eram as familiares; mas os corações estavam retraídos. Anita pensava: «Que vem ela cá fazer?» Sílvia bem o sabia, mas não tinha pressa em o dizer. Falava disto e daquilo e parecia preocupada com um pensamento, que procurava retardar, mas que, finalmente, saíu. A certa altura, bruscamente, disse:

— Anita, acabemos com isto! Dum lado e doutro há razões de queixa.

Anita, orgulhosa, não admitia que as houvesse do seu lado. Firme — muito firme — na certeza do seu direito e sem esquecer a injustiça da irmã, respondeu:

— Do meu lado, nunca houve nada.

Sílvia não gostava de fazer as coisas por metade. Disse, com um tom vexado:

— Quando se praticam erros, é preciso ter, pelo menos, a coragem de os reconhecer.

— Reconhece os teus, — retorquiu Anita, obstinadamente.

Sílvia zangou-se e despejou as velhas queixas acumuladas. Anita replicou-lhe com altivez. Iam dizer-se verdades duras. Sílvia, que não era paciente, fez um movimento para se ir embora. Voltou a sentar-se e disse:

— Grande teimosa! Não há maneira de a convencer de que não tinha razão!

— Poi se a tinha! — contestou a outra, intransigente.

— Ao menos, por delicadeza, para não ser só eu a não ter razão!

Riram ambas. Encararam-se já com olhos apaziguados e alegres. Sílvia fez uma careta a Anita, que lhe piscou os olhos. No entanto, não tinham desarmado.

— Diabrete! — exclamou Sílvia.

— Não concordo de maneira nenhuma... — continuou Anita. — Foste tu que...

— Bem, não recomecemos!... Escuta, vou ser franca: com razão ou sem razão, não viria aqui espontâneamente. Não esqueço, também, pelo meu lado...

Recomeçou, contudo, a despeito do que acabara de dizer, a lembrar, ciumentamente, meio trocista, meio séria, com um misto de rancor e de ironia, que Anita quisera voltar a cabeça ao seu marido. Anita encolheu os ombros.

— Enfim, podes ter a certeza de que, se fosse só por mim, não teria vindo!

Anita interrogava-a, curiosamente, com os olhos. A irmã respondeu:

— Foi Odette que me mandou.

— Odette?!

— Sim. Pergunta por que não voltou a ver a tia Anita.

— Como? Ela pensa em mim? — inquiriu Anita surpreendida. — Que a fez lembrar-se de mim?

— Não sei. Viu o teu retrato lá em casa. Depois, temos de admitir que lhe causaste impressão, quando te encontrou, não sei onde, na rua ou talvez em casa... Sedutora! Com os teus ares «não-me-toques» e as tuas maneiras reservadas, sabes açambarcar os corações! (Troçava só por metade).

Anita lembrou-se daquele corpinho tenro, colhido de passagem, no acaso dum encontro, erguido nos seus braços, e da boquita húmida que se colara às suas faces.

Sílvia continuou:

— Disse-lhe que estávamos zangadas. Perguntou-me porquê; respondi-lhe: «Ora!» Esta manhã, ainda na cama, quando a fui beijar, disse-me: «Mamã, não queria que estivesses zangada com a tia Anita». Respondi-lhe: «Deixa-te de tolices!»; mas mostrou ter tanta pena! Então, beijei-a e perguntei-lhe: «Gostas assim tanto dessa tia? Que é que ela te pode fazer? Que ideia! Pois bem! Se fazes questão disso, deixaremos de estar zangadas.» Bateu as mãos de contente, dizendo: «Quando virá ela?» «Quando quiser!» «Não! Eu queria que fosses imediatamente dizer-lhe que viesse»... É por isso que vim... Pestezinha!... Faz de mim tudo quanto quer... Agora, tens de ir. Esperamos-te para jantar.

Anita, de olhos baixos, não dizia sim nem não. Sílvia mostrou-se indignada:

— Espero, ao menos, que não te farás rogar!

— Não, — disse Anita, mostrando uns olhos radiosos onde havia uma lágrima.

Abraçaram-se, comovidamente. Numa manifestação de ternura e de cólera, Sílvia mordeu a orelha da irmã. Anita exclamou:

— Tu! Tu agora mordes?! Se ainda fosse eu, a quem tratam de desequilibrada! Mas tu? Estarás com raiva?

— Sim, estou, — respondeu Sílvia. — Como queres tu que não te odeie? Roubas-me tudo o que tenho: o meu marido, a minha filha...

Anita deu uma gargalhada.

— Ah! Quanto ao teu marido, podes guardá-lo bem; não me interessa nada.

— A mim também não, — retorquiu Sílvia, — mas pertence-me. Proíbo que lhe toquem.

— Olha, põe-lhe um cartaz a dizer isso!

— Em ti é que eu o poria... Monstro! Que tens tu, para os atrair? Gostam todos de ti.

— Agora cá!

— É verdade. Todos: Odette, Leopoldo, aquele tolo... E os outros... Todos... e eu também!... Detesto-te. Quer uma pessoa desfazer-se de ti, mas não pode. Não há meio! Tu prendes-nos a todos!...

Estavam de mãos dadas e riam, a olhar-se desta vez fraternalmente.

— Minha velhinha!

— Nunca disseste coisa tão acertada!

Era verdade, tinham envelhecido; ambas o notavam. Sílvia mostrou, disfarçadamente, um dente postiço, que mandara pôr, sem dar parte disso a ninguém. Anita tinha, nas fontes, madeixas brancas; mas não as ocultava. Sílvia chamou-lhe: «Presumida!» Ei-las de novo íntimas, como outrora... E dizer que, sem a pequenita, não voltariam mais a ver-se!...

À noite, Anita foi, com o filho, jantar a casa da irmã. Odette escondera-se e não havia maneira de a encontrarem. Anita pôs-se à procura dela e descobriu-a detrás duma cortina. Baixou-se, para lhe pegar, sentada nos calcanhares, a dizer-lhe palavras ternas e de braços estendidos. A pequenita voltava a cabeça e não queria olhar para

ela. Por fim, foi uma explosão; e atirou-se para os braços de Anita. À mesa, onde tinha tido a felicidade de ficar ao lado da tia, conservou-se de boca calada. O acontecimento sufocava-a. Sòmente, no fim, se interessou pela sobremesa. Bebeu-se pelas pazes feitas; e, por brincadeira, Leopoldo fez uma saúde pelo futuro casamento de Marcos com Odette. Marcos ficou vexado com isso; as suas ambições visavam mais alto. Odette tomou a ideia a sério.

Depois do jantar, os dois pequenos foram brincar, mas não se entenderam. Marcos mostrava-se desdenhoso, Odette sentia-se mortificada. Os pais, que conversavam, ouviram sopapos e lágrimas. Separaram os combatentes, que ficaram ambos amuados. Odette estava enervada pelas comoções daquele dia. Era preciso ir deitá-la; mas ela não queria, rabujenta. A tia propôs-lhe levá-la nos braços, e a pequenita aceitou. Anita despiu-a e meteu-a na cama, beijando-lhe as perninhas gordinhas. Odette estava encantada. A tia ficou junto dela até que adormecesse (o que não demorou muito). Quando voltou, encontrou Marcos ao colo de Sílvia. Disse à irmã:

— Queres trocar?

— Valeu! — respondeu Sílvia.

No fundo, porém, do seu coração, nenhuma delas queria trocar. No entanto, talvez Marcos conviesse mais a Sílvia e Odette a Anita; mas isso não era o «meu»! As crianças acomodavam-se melhor com a troca. Ouviram falar nisso por brincadeira e reclamaram a prática. Para lhes serem agradáveis, as mães concordaram: a troca fazia-se no sábado à tarde. Odette, em casa de Anita, e Marcos, em casa de Sílvia, passavam a noite de sábado e o dia de domingo. No domingo à noite, voltava cada um para sua casa. Durante o interregno, eram mimados escandalosamente.

Como era natural, voltavam para casa de mau modo. Reservavam todas as suas ternuras para

aquela que não era a mãe de todos os dias. Odette encantava Anita com as suas meiguices, as suas confidenciazinhas, as suas longas conversas. Anita estava privada disso. Marcos tinha o temperamento apaixonado de sua mãe, mas sabia melhor reprimi-lo. Não gostava de se confiar, sobretudo aos que lhe estavam próximos, porque abusam disso; com os estranhos, é menos perigoso: ouvem de fugida.

Odette era, como Sílvia, meiga, expansiva, mas de coração mais amorável. Dizia alto aquilo que Anita desejaria ouvir; a espertalhonazinha, como percebia disso, dobrava a dose: acordava os ecos do que Anita pensava quando criança. Anita imaginava-o, pelo menos; e gostava dela, em parte, por essa sugestão. Ao ouvi-la, sonhava com os seus primeiros anos, que falseava inconscientemente, pois projectava neles os ardentes clarões dos seus pensamentos actuais...

Que belas manhãs as de domingo! A pequenita ficava na cama grande (era uma festa, para ela, ficar a noite aninhada nos braços da tia, que recebia os seus pontapés sem protestar e chegava a conter a respiração para não a acordar...) Via Anita vestir-se e chilreava como um passarinho. Senhora da cama toda e, para afirmar a sua posse, atravessada no leito, fazia loucuras quando a tia voltava as costas.

Anita, que se penteava em frente do espelho, achava imensa graça ao ver atrás dele as pernas nuas da pequenita a debaterem-se e o cabelo negro esparso pelo travesseiro. Isso não impedia Odette de seguir cada um dos gestos da tia e de lhe fazer cómicas observações. No meio do seu palrar, fazia reflexões graves, inesperadas, que despertavam a atenção de Anita:

— Que disseste? Repete.

A pequenita já não se lembrava do que tinha dito... Então, inventava frases que não valiam as

primeiras ou era presa de bruscos arrebatamentos de ternura.

— Tia Anita! Tia Anita!

— Que queres? Que há?!

— Gosto de ti... Ah! Meus Deus, como gosto de ti.

Anita ria da energia que ela punha nessa afirmação, e dizia-lhe:

— Não acredito!

— Oh! Gosto de ti, loucamente!

(Apesar de sincera, também sabia, por temperamento, representar).

— Ah, sim? Pois prefiro que não seja loucamente.

— Tia Anita! Deixa-me beijar-te.

— Espera.

— Quero agora. Vem cá, vem!

— Pois sim.

Anita acabava tranquilamente de se pentear. Odette revolvia-se na cama, amuada, e atirava os lençóis para o chão.

— Ah, que tia má, sem coração.

Anita, a rir, atirava com o pente e corria para junto da sobrinha...

— Oh, minha atrevida, onde ouviste tu isso?!

Odette beijava-a com fúria...

— Vamos... acaba com isso... sufocas-me... Bom, agora desmanchas-me o cabelo!... Assim, não consigo vestir-me hoje... Monstrozinho, já não quero saber de ti!

A voz da pequenita suplicava, angustiosa, prestes a chorar:

— Tia Anita! Gosta de mim!... Quero que gostes de mim... Suplico-to... Gosta de mim!

Anita apertava-a nos braços.

— Ah! — exclamava Odette com acento patético. — Daria o meu sangue por ti!

Era uma frase dum folhetim que ouvira ler no *atelier)*.

Marcos, quando era testemunha daquelas efusões, fazia o beiço desdenhoso e, de mãos nos bolsos, ia-se embora, a encolher os ombros, com um ar superior. Desprezava aquele tagarelar, aquela sentimentalidade das mulheres que nunca se calam. Por isso, declarava aos seus companheiros:

— As mulheres são insípidas...

No fundo, sentia-se vexado com as manifestações de ternura que sua mãe prodigalizava a Odette. Quando era o alvo delas, repelia-as; mas não lhe agradava que outrem as aproveitasse. Sem dúvida, tinha a tia, com quem poderia desforrar-se. Com efeito, tirava a desforra; mas castigar a ingratidão da mãe, mostrava-se com Sílvia dez vezes mais amável do que o era com a mãe. Tinha de confessar: embora Sílvia o amimasse, aquilo não lhe agradava. A tia tratava-o como se ele fosse uma criança, e isso não o podia suportar.

Não gostava que ela, por supor agradar-lhe, o levasse todos os domingos à pastelaria. Sem dúvida que não lhe era indiferente a pastelaria; mas não gostava que lhe fizesse a injúria de admitir que atribuía grande importância a isso. Para mais, sentia bem que a tia o considerava insignificante, não se coibia de nada diante dele; e, se a curiosidade de Marcos ganhava talvez com isso, não sucedia o mesmo ao seu amor próprio, pois percebia bem a diferença.

Sim, agradar-lhe-ia que Sílvia se mostrasse a ele na sua intimidade, mas como um verdadeiro homem e não como um garoto. Finalmente... (isso, porém, não o queria confessar) ao ver de perto Sílvia perdera algumas ilusões. A despreocupada mulher não calculava tudo que pode despertar no cérebro puro e perturbável dum rapazinho de dez anos a imagem fabulosa que ele constrói da mulher e a chaga que causam as primeiras descobertas. Sílvia não pautava muito mais, diante dele, os seus gestos e as suas palavras do que o

faria na presença dum animal doméstico... (Nada nos diz também que o animal doméstico não se sinta às vezes ofendido com isso!)

Por instinto de defesa contra as decepções que lhe causava o seu ídolo de pés de barro, desenvolviam-se deploràvelmente nele certas ideias precoces, ingènuamente cínicas, sobre as quais é melhor não insistir. Esforçava-se por parecer (a seus olhos, pois não pensava, de momento, nos outros) um homem já gasto. No entanto, com todos os seus sentidos ainda cegos de criança ávida e inocente, aspirava, inquieto, o encanto enigmático e a animalidade do ser feminino. Sentia pela mulher uma atracção misturada com repugnância.

Atracção. Repulsão. Todo o verdadeiro homem a conhece. Àquela hora da vida, o sentimento que predominava em Marcos era a repulsão. Essa mesma repulsão tinha um gosto acre, que lhe fazia achar sem sabor os outros sentimentos e os seres da sua idade. Olhava desdenhosamente para Odette e achava aquela rapariguinha abaixo da sua dignidade. Era uma rapariguinha, com efeito; e, no entanto, muito mulher. A despeito das teorias dos ilustres pedagogos que dividem a infância em compartimentos distintos, um para cada faculdade, tudo se encontra já na criança, desde a mais baixa infância, tudo o que se é e será, o duplo ser do presente e do futuro (para não falar do passado, imenso, impenetrável, que comanda um e outro).

Apenas, para o entrever, é preciso estar sempre à espreita. No crepúsculo da alvorada, só aparece em fugidios clarões. Eles eram em Odette mais frequentes do que na média das crianças. Fruto precoce, muito sadia fisicamente, transportava em si um mundozinho de paizão, que excedia as suas dimensões... Donde vinha ele? De mais além de Anita ou de Sílvia? Anita reconhecia-se nela quando tinha a idade da sobrinha. Enganava-se, porém, porque fora muito menos precoce. Quando, em

confronto com Odette, reconstituía as paixões da sua própria infância, esquecidas de boa-fé, antedatava sentimentos que pertenciam aos seus catorze ou quinze anos.

Odette era um viveiro povoado por um ruído de asas febris. Amorzinhos invisíveis volitavam; o seu esvoaçar fazia deslizar sombras e claridades. Estava, alternadamente, contente e enervada; tinha, sem razão, vontade de chorar; depois, de rir às gargalhadas; depois ainda, uma fadiga, uma indiferença perante tudo; depois, não se sabia por quê, por uma palavra, por um gesto, interpretados à sua maneira, sentia-se de novo feliz, muito feliz!... Esmagada de felicidade, ou, melhor, embriagada, como um tordo que se empaturrou de uvas, falava, falava... Depois: pff!... Desaparecia, não se sabia o que era feito dela. Iam encontrá-la a um canto da casa das arrumações, escondida, a saborear a sua felicidade oculta, que ela própria tinha dificuldade em compreender. Aquele bando de passarinhos da alma ia, vinha, não se cansava de bater as asas...

Nunca se sabe até que ponto as crianças são completamente sinceras nas suas comoções. Como lhes vêm de longe, de muito mais longe do que elas, são as suas primeiras testemunhas surpresas; depois tornam-se em actores e representam-nas para as experimentar. Esse poder de desdobramento inconsciente é para elas um processo instintivo de preservação que lhes permite suportar uma carga, sem isso, esmagadora para as suas frágeis espáduas.

Odette tinha, ora por um, ora por outro — e às vezes por ninguém, — transportes apaixonados, aos quais dava espontâneamente uma expressão teatral, nem sempre em voz alta, mas baixinho, a monologar, para seu próprio desabafo. Mimar os sentimentos, amortecia-lhes o choque. Esses ímpetos dirigiam-se mais frequentemente a Anita ou a Marcos — a ambos misturados — e dizia, às vezes, Anita, quando deveria dizer Marcos, porque este troçava

dela, tratava-a desdenhosamente e a pequena detestava-o. Então, tinha acessos de sofrimento humilhado e ciumento e um desejo de vingança...

Como? Que mal lhe podia fazer? O maior mal possível! Onde poderia atingi-lo?... Infelizmente, tinha apenas as suas unhas de criança! Era desolador!... Visto não poder fazer nada (de momento), aparentava indiferença... Era, porém, desagradável nada poder fazer e era-o também mostrar-se indiferente quando lhe dava vontade de rir ou de chorar. Um tal constrangimento era contra a sua natureza, e Odette sentia-se abatida com isso. Ficava numa grande prostração, até que, bruscamente, um despertar imperioso da sua alegria de criança e uma necessidade de movimento a obrigassem a brincar.

Anita contemplava-a, adivinhava — inventava um tanto esses desesperos em miniatura — e lembrava-se compassivamente dos seus. Quanta febre ela não empregara também em amar, em desejar, em amargurar-se, e por quem e por quê? De que servia isso? Uma tal despreocupação com o objectivo! Desperdiçadora de forças! E essas forças de amar distribuía-as ao acaso! A uns muito, a outros pouco. Anita colocava-se, com Odette, entre aquelas que têm muito, e o seu filho entre os que não têm bastante. Era ele o mais feliz. Pobre pequeno!...

Marcos não era tão pobre como isso! Não tinha uma vida sentimental menos rica do que Odette, nem um entrechocar de pensamentos menos vivo (mas não o confessava), nem sentimentos menos violentos (mas o seu impulso tendia para uma direcção). Sim, ele era indiferente ao que interessava àquelas mulheres; mas o seu espírito era agitado por outras paixões. Mais rico cerebralmente e muito menos absorvido pela vida, mais tardia, dos seus sentidos, aquele homenzinho que sentia subir a maré obscura do desejo canalizava-lhe as energias, como um verdadeiro homem, para a acção e o domínio.

Sonhava com tais conquistas que a dum coração feminino lhe parecia demasiado pobre se, aliás, naquele momento da infância tivesse pensado nisso! Os rapazes das gerações precedentes sonhavam com soldados, selvagens, piratas, Napoleão e as aventuras oceânicas. Marcos sonhava com aviões, com automóveis e telegrafia sem fios. À volta dele, o pensamento do mundo dançava uma sarabanda vertiginosa; um delírio de movimento fazia vibrar o planeta; tudo corria e voava, fendia o ar e as águas, andava à roda em turbilhão.

Uma magia de invenções dementes transmudava os elementos. Não havia limites para o poder, e, portanto, não os havia para o querer! O espaço e o tempo... (Pronto, já passou!...) volatilizavam-se, escamoteados pela velocidade. Já não contavam; e os homens ainda menos. Contava era: «querer». Um «querer» ilimitado! Marcos conhecia mal os rudimentos da ciência moderna. Lia, sem compreender, uma revista científica que sua mãe recebia; mas estava, embora sem compreender, impregnado, desde que nascera, do milagre da ciência. Anita não reparava nisso, porque tinha aprendido a ciência pela via escolástica; não a tinha respirado, nem vivido. Via as figuras a giz e os números no quadro, pelo raciocínio.

Marcos fantasiava forças fabulosas. Justamente porque não estava tolhido pela razão, era arrastado para um lirismo tão vago e ardente como aquele que enfunara as velas dos Argonautas. Concebia extraordinários empreendimentos; perfurar o globo com um túnel dum lado ao outro; elevar-se sem motor no espaço; ligar Marte à Terra; e, carregando num botão, fazer ir pelos ares a Alemanha ou qualquer outro Estado (não tinha nenhuma preferência). Com as palavras misteriosas de *volts, ampères,* de rádio, de carburador, que empregava com ênfase, a torto e o direito, evocava os contos das «Mil e Uma

Noites». Como diabo o seu pensamento poderia descer de tão alto, até uma estúpida rapariguinha?

No entanto, o corpo e o pensamento são dois irmãos gémeos que não caminham a par. Do seu duplo crescimento, há sempre um deles (nem sempre o mesmo) que se atrasa no caminho, enquanto o outro galopa à frente. O corpo de Marcos mantinha-se o duma criança; e, enquanto o espírito vagabundeava lá por cima, um fio lhe prendia o pé e o puxava cá para baixo, para a brincadeira. Então, à falta de coisa melhor, condescendia em brincar ou, até sem condescendência, brincava com todo o entusiasmo com a estúpida rapariguinha. Eram esses os entreactos felizes.

Não duravam muito tempo. Havia muitas desigualdades entre as duas crianças. Não era sòmente a sua idade nem o facto de ela ser uma rapariga. O seu temperamento era muito diferente. Odette, sem ser bonita, e embora se parecesse com o pai, tinha os olhos de Anita, um rosto redondo agradável, bochechuda, e era uma criança robusta, sadia, cujo ardor dos sentimentos não perturbava o equilíbrio físico, e parecia antes o escapa natural do excesso de vida. Livrara-se de todas as próprias doenças da infância.

Marcos, pelo contrário, ficara marcado pela doença do seu primeiro ano. Embora, depois, a sua boa constituição tivesse levado a melhor, essa luta do organismo, em que, por vezes, ficara vencido, estragou-lhe uma parte da sua infância. Estava exposto aos mínimos resfriamentos, frequentemente retido com as recaìdazinhas de bronquite ou de febre. Sofria com isso o seu amor próprio, porque todos os seus instintos eram de orgulho e de força.

Cerca do fim de 1911, um ano após as pazes entre as duas irmãs, Marcos teve uma dessas doenças de Inverno, complicada de influenza, que inspirou algumas inquietações. Odette foi vê-lo. Ti-

nham-lho proibido, com receio do contágio; mas ela achara maneira de se esgueirar para o quarto, uma noite em que as duas mães estavam ocupadas num compartimento ao lado. Mostrou-se compassiva, e Marcos, um tanto febril, abriu-se como nunca o tinha feito. Estava inquieto.

— Que dizem elas, Odette?

(Imaginava que lhe dissimulavam a gravidade da sua doença).

— Não sei. Não dizem nada.

— Que disse o médico?

— Disse que isso não será nada.

Marcos sentiu um certo alívio, mas continuava desconfiado.

— É verdade? Não, não é verdade. Escondem-me alguma coisa... Bem sei o que tenho...

— Que tens tu?

Ele ficava calado.

— Marcos, que é que tens?

O rapaz fechava-se num silêncio orgulhoso e hostil. Odette sentia-se angustiada. Acabou por acreditar que ele estava muito doente, e a sua inquietação comunicou-se ao primo. Com o seu exagero apaixonado, que tomava formas melodramáticas, juntava as mãos e dizia:

— Ó Marcos, peço-te, não estejas *tão* doente? Não quero que morras!

Ele também não tinha empenho nenhum nisso. Gostava de ser lamentado, mas não pedia tanto! Ao ouvir dizer aquilo que receava, sentiu-se gelado de medo. Não o queria mostrar. Apesar de tudo, mostrou-o:

— Bem vês, tu escondias-mo!... Bem sabes... Estou muito doente?

— Não, não, não quero, não sei, não quero que estejas muito doente... Ó Marcos, não morras! Se morres, quero morrer contigo!

Atirou-se-lhe ao pescoço, a chorar. O primo estava muito comovido e chorava também, sem saber

se era por causa dela ou por sua causa. Ao ruído que faziam, as mães acudiram e, zangaram-se com eles e separaram-nos. Ambos se tinham sentido bem próximos um do outro nesse instante...

Na manhã seguinte, Marcos, contudo, reflectira. Já não estava inquieto; e até (para desfazer os seus receios, tinham troçado dele), sentira-se vexado, por se ter mostrado piegas. Voltava-se contra Odette, que o levara, com a sua inquietação tola, a dar mostras de fraqueza. Depois... (ouvia-a rir, via-a passar, a vender saúde...) não lhe perdoava aquela saúde. Tinha-a de mais. Invejava-a e sentia-se humilhado.

Depois de curado, conservou por muito tempo a mortificação de se ter traído aos olhos da sua prima. Irritava-se tanto mais com isso quanto era certo que tivera verdadeiramente medo. A prima bem o vira. Passada a comoção, Odette conservava disso uma recordação não muito favorável ao primo. Tinha-o visto sem andas, medroso, rapazinho; gostava mais dele assim, mas Marcos não lho podia perdoar.

MARCOS estava curado. Odette estava radiante. Fizera, toda ufana, no Verão anterior, a sua primeira comunhão. (Era na época em que a Igreja, à procura da inocência, tinha, com o seu grande nariz desconfiado, farejado o ar do tempo e julgado que já não havia disso, passada a idade dos sete anos). Odette julgava-se mulher e esforçava-se por parecê-lo, moderando a sua impetuosidade de cabrita presa à trela, mas que, numa cabriola, se escapa das mãos... Sílvia era feliz; os negócios caminhavam bem. Anita, que encontrara no lar da irmã um alimento à sua necessidade de afeição que a idade e as provações tinham moderado, parecia ter atingido uma zona de tranquilidade. Tudo era confiança.

Uma tarde quente... entre as três e quatro horas, do fim de Outubro... Um destes dias radiosos, em que a luz sem véus, assim como as árvores despidas, parecia nua. As janelas estavam abertas, para deixar entrar os raios do sol de Outono, que são doces e doirados como o mel. Era o dia seguinte ao do aniversário dos oito anos de Odette. Anita estava em casa de Sílvia. No quarto que dava para o pátio, viam e apalpavam tecidos, ocupadas atentamente nesse exame enquanto tagarelavam.

Odette estava no lado oposto do corredor, no quarto do fundo, que dava para a rua. Momentos antes, a curiosa tinha ido meter o nariz pela porta entreaberta, para ver o que elas estavam a fazer. Ralharam com ela e mandaram-a acabar a tarefa que lhe fora dada, antes de irem merendar. Marcos estava no liceu; esperavam-no após a última aula, dentro de meia hora.

O tempo corria igual, sem uma prega, sem uma ruga, sem pressa como se devesse durar assim toda a vida. Sentiam-se bem; nem pensavam sequer em saborear esse bem-estar; era natural! No pátio, saltitando na hera do muro, os pardais, felizes, pipilavam. As últimas moscas do Outuno zumbiam de contentamento, por poderem aquecer, nos derradeiros dias de sol, as suas asas entorpecidas... As duas irmãs não ouviram nada... Nada. No entanto, ambas se tinham calado, no mesmo instante, como se o frágil fio de que estava suspensa a sua felicidade se tivesse quebrado... Bateram à porta.

— Marcos, já? Não; é muito cedo.

Bateram de novo... «Há gente muito apressada!... Já vai!...» Sílvia foi abrir, e Anita seguiu-a, atrás dela apenas uns passos. No limiar, a porteira, sem fôlego, gritava, agitava os braços. A princípio, não compreenderam...

—A senhora não sabe... a desgraça que aconteceu... A menina...

— Quem?!

— Que foi? Que foi?!
— Caiu...
— Caiu!
— Está lá em baixo.

Sílvia deu um grito. Empurrou a porteira e correu pela escada abaixo. Anita quis segui-la, mas faltaram-lhe as pernas; teve de esperar que o coração a deixasse andar. Estava ainda lá em cima, debruçada na escada, quando da rua lhe chegaram aos ouvidos os gritos lancinantes de Sílvia...

Que se tinha passado? Provàvelmente, Odette, que não trabalhava de vontade, para se entreter e procura passar o tempo, fora à janela ver se Marcos vinha e debruçara-se... A pobre criança nem chegara mesmo a compreender...

Quando Anita, titubeante, chegou finalmente à rua, viu um grupo de gente e no meio dele Sílvia, como uma demente, com o corpinho deslocado nos braços, de pernas e cabeça pendentes como um cordeiro degolado. A cabeleira negra tapava o crânio fracturado; via-se apenas um nadinha de sangue no nariz; os olhos, ainda abertos, pareciam interrogar... A morte tinha respondido.

Anita ter-se-ia atirado ao chão, a gritar de horror, se a fúria selvagem de Sílvia não tivesse absorvido toda a dor do mundo. Estava ajoelhada na rua, quase deitada sobre a criança, que levantava, que abanava, com gritos de raiva. Chamava-a, chamava-a e insultava... Quem? Quê? O céu e a terra... Espumava de desespero e ódio...

Pela primeira vez, Anita viu em sua irmã as paixões furiosas que Sílvia abrigava, sem o saber, no fundo do seu ser e de que até então a vida lhe tinha poupado o emprego. Reconheceu-as como do seu sangue. O excesso daquela dor não lhe permitia entregar-se à sua própria. Era preciso ser, por reacção, forte e calma. Foi-o. Tomou Sílvia pelos ombros. A irmã, a vociferar, debatia-se. Anita, inclinada para ela, levantou-a. Sílvia, ao sentir essa

imperiosa doçura, calou-se e ergueu a cabeça; viu o círculo formado à sua volta, lançou um olhar feroz e, com a criança nos braços, sem uma palavra, dirigiu-se para casa.

Acabava de passar o limiar da porta, quando Anita, que a seguia, descobriu, à esquina da rua, Marcos, que regressava do liceu. A despeito do seu amor pela pobre pequenita, o coração deu-lhe um salto no peito: «Que felicidade que não tivesse sido ele!» Correu para o filho, a fim de o impedir de ver. Marcos, ao ouvir as primeiras palavras, empalideceu e cerrou os dentes. A mãe levou-o para longe da cena e disse-lhe que Odette estava gravemente ferida; ele, porém, com a intuitiva desconfiança das crianças, sabia que a prima estava morta.

Com os punhos crispados, tentava repelir esse terrível pensamento. Apesar da sua perturbação, estava preocupado com a sua atitude e com as pessoas que passavam. Notava que a mãe caminhava a seu lado, na rua, em cabelo, e que olhavam para eles. Sentia-se pouco à vontade com isso. Essa contrariedade contribuiu para o acalmar. Anita, ao vê-lo mais sereno, disse-lhe que fosse, sòzinho, para casa. Ela voltou a correr para junto de Sílvia, que estava prostrada, sentada num canto, perto do leito da filha morta, sem ouvir nada, sem compreender, a respirar ruidosamente como um animal ferido.

As costureiras de Sílvia ocuparam-se da criança. Anita lavou o corpinho da sobrinha, vestiu-o de roupa branca, deitou-o na cama, tal como nos dias já longínquos — ainda ontem — eternamente longínquos, em que ela ia ouvir as confidências da pequenita, feitas em voz baixa. Quando terminou essa tarefa, dirigiu-se a Sílvia e pegou-lhe na mão. Mole e fria, a mão abandonou-se. Anita apertou aqueles dedos, donde a vida parecia ter fugido. Não tinha a coragem de murmurar uma palavra de ternura, que não poderia penetrar aquela barreira de desespero.

Apenas o contacto fraternal dos seus corpos poderia transmitir, lentamente, à outra a sua compaixão. Abraçou-a, com a fronte encostada à face de Sílvia; e as suas lágrimas caíram gota a gota no pescoço da irmã, como para fundir o gelo que lhe envolvia o coração. Sílvia, muda, não respondia; mas os seus dedos começavam a corresponder à pressão fraternal, quando chegou o marido. Anita, então, deixou-a.

Foi ter com o filho e disse-lhe a verdade. Não foi novidade para ele. Não pareceu comovido. Tinha medo da sua comoção e queria conservar um ar calmo; mas era preciso que não fosse obrigado a falar. Assim que abriu a boca a voz começou a tremer; correu a ocultar-se no seu quarto, para chorar. Anita, que sentia, com a intuição maternal, a angústia que era para aquele coração de criança o primeiro encontro com a morte, evitou falar do assunto terrível e pegou-lhe ao colo, como quando ele era pequenino.

Marcos não estranhou, então, que o tratassem como uma criança e refugiou-se no calor do seio materno. Quando se acalmaram um e outro, a embalarem o seu medo e a sentirem ser dois para se defenderem, a mãe fê-lo deitar e pediu-lhe que se portasse como um homenzinho, que não tivesse medo, se ela fosse obrigada a sair e o deixasse sòzinho uma parte da noite. Marcos compreendeu e prometeu-lho.

Anita retomou, pela noite, o caminho da casa trágica. Queria velar a sobrinha morta. Sílvia saíra da sua fria insensibilidade. Não lhe voltara o furioso desespero do primeiro momento; mas o espectáculo que dava não era menos doloroso. Tinha a cabeça perturbada. Anita viu-lhe, nos lábios, um sorriso. Sílvia ergueu os olhos, ao senti-la entrar, fitou-a e, dirigindo-se à irmã, disse:

— Está a dormir.

Pegou-lhe na mão e levou-a até junto do leito:

— Vê como ela é linda!

O rosto estava radioso; mas Anita viu passar nos olhos daquela mãe, louca de dor, a sombra duma dúvida. Após um momento, Sílvia repetiu, baixinho:

— Está a dormir, não é verdade?

Anita encontrou a fitá-la uns olhos febris, que queriam que dissesse: «Está a dormir, sim.» Disse-o. Foram sentar-se no quarto ao lado. O marido estava lá, com uma das costureiras. Esforçava-se por conversar, para ocupar a sua atenção. O espírito ferido de Sílvia fugia, passava dum assunto a outro, sem nexo. Pegava num trabalho, que punha de lado, voltava a pegar e atirava-o para longe para prestar atenção ao quarto adormecido e repetia: «Como ela dorme!...»

Olhava em torno, para os outros, como para os... convencer. A certa altura, voltou para junto do leito da filha e, debruçada sobre ela, murmurou palavras de ternura. Anita achava isso atroz e desejaria que ela se calasse. O marido, em voz baixa, suplicou-lhe que não quebrasse aquela ilusão. A ilusão desfez-se por si. Sílvia voltou para o seu lugar, tornou a pegar no trabalho e não falou mais. Os outros falavam a seu lado, mas ela não os escutava. Por seu turno, calaram-se. Pairava um sombrio silêncio...

Sùbitamente, Sílvia soltou um grito, sem palavras. Apenas um grande grito. Deixou-se cair em cima da mesa, e bateu com a cabeça. Precipitadamente, afastaram as agulhas e as tesouras. Quando voltou a usar da palavra foi para insultar Deus. Não acreditava nele; mas era preciso ter alguém contra quem clamar vingança! Tinha um olhar torvo, e fustigava-o com injúrias grosseiras... Depois, veio o esgotamento. Levaram-na para a cama. Não se mexeu mais. A irmã ficou junto dela até vê-la amodorrada.

Anita voltou para casa desfeita. Nas ruas, o livor do amanhecer... Marcos estava acordado. Ela

deitou-se a tremer. No momento, porém, de se meter na cama (era demasiado tudo o que naquelas doze horas pudera sofrer e dominar!) correu em camisa e descalça para o quatro do filho e, apaixonadamente, beijou-lhe a boca, os olhos, as orelhas, o pescoço, os braços, as mãos, dizendo-lhe:

— Meu filhinho, meu querido filhinho... Tu, tu não me deixarás?...

Marcos estava comovido, contrafeito e atemorizado. Chorou com ela, mais por si do que pelos outros. Pelos outros também. Naquele momento, compreendia o que tinha perdido, chorava por aquela afeição de que tinha desdenhado. Lembrava-se daquela noite, quando estivera doente, em que Odette fora para junto dele. Sentia-se dominado pela ternura e pela tristeza; mas pensava: «Apesar de tudo, estou vivo!...»

ANITA tremia ante a ideia de ter de recomeçar um dia como aquele. Não teria forças para isso. Os dias que se seguiram não tiveram já a violência das horas precedentes. O sofrimento humano, quando atinge o máximo, tem de baixar. Morre-se ou habitua-se a gente. Sílvia voltara a si. Estava lívida, marcada por uma ruga dura das narinas aos lábios, que, depois se atenuou, mas deixou vestígios. Calma, activa, ocupou-se com as suas costureiras a cortar e a coser os vestidos de luto. Dava ordens, vigiava, trabalhava; e as suas mãos eram firmes e precisas como o seu olhar. Provou o vestido de Anita, que receava pronunciar uma palavra que lembrasse o enterro.

Sílvia, contudo, falava disso, friamente. Não confiava a ninguém o encargo de se ocupar de todos os pormenores. Olhava por tudo. Conservou a sua calma até ao fim da cerimónia. Apenas, com uma raiva fria e concentrada, opôs-se a qualquer acto

religioso. Não perdoava!... Até então, fora vagamente incrédula, despreocupada, mas não hostil.

Embora a rir um tanto, sentira-se, sem o confessar, comovida, no dia em que viu a sua filhinha toda vestida de branco para a primeira comunhão... Justamente! Fora traída... O cobarde!... Nunha lho perdoaria. Anita esperava que a tensão sobre-humana que Sílvia impunha a si própria acabasse numa nova crise, ao voltarem a casa. Não teve, porém, licença de ficar junto da irmã. Sílvia proibiu-lho, severamente. Era-lhe intolerável a presença de Anita... Anita tinha o seu filho!...

No dia seguinte, o marido, inquieto, foi contar a Anita que Sílvia não se deitara. Não chorava, não se lamentava, sofria em silêncio. Retomou, implacàvelmente, o seu trabalho no *atelier:* era um dever mecânico, mais imperioso do que a vida. Só se percebia o seu estado por certos incidentes: erros, que antes nunca lhe sucediam, um vestido cortado ao contrário, e que depois destruía sem dizer palavra; ferir-se nas mãos com as tesouras. Convenceram-na a deitar-se à noite. Ficava, porém, sentada na cama, sem dormir, e não respondia ao que lhe diziam.

Todas as manhãs, antes de aparecer no *atelier,* fazia uma visita ao cemitério. Isso durou quinze dias. Depois, desaparecia. Ao meio da tarde, as clientes vinham, esperavam. Um dia, à hora do jantar, ainda não tinha entrado. As dez e as onze horas soaram. O marido temia um acto de desespero. Cerca da uma hora, voltou para casa; e, nessa noite, dormiu. Não se soube mais nada. No dia seguinte, tornou a eclipsar-se; e no outro dia também. A partir de então, conversava, parecia aliviada. Não dizia, contudo, onde tinha ido. As costureiras murmuravam. O pobre marido encolhia os ombros, com compaixão, e dizia a Anita:

— Se ela me engana, não lhe quero mal por isso;

tem sofrido muito... Se isso a pode tirar da sua obsessão... pois bem, seja!...

Anita conseguiu apanhar Sílvia a sós: deu-lhe a entender, discretamente, a sua inquietação, as suspeitas e a pena que causavam as suas saídas. Sílvia, que a princípio não queria ouvir nada, parecia indiferente ao que pudessem pensar a seu respeito; mas sentiu-se impressionada com a bondade do marido e, presa dum desejo de desabafar, levou Anita para o seu quarto e fechou a porta. Sentou-se junto dela e, confidencialmente, a meia voz, com os olhos brilhantes, revelou-lhe que ia, todas as noites, a um círculo de iniciados, que se reuniam em volta duma mesa, falar com a sua filhinha.

Anita, horrorizada, sem ousar dizer o que pensava, ouvia Sílvia, que contava, com voz comovida, as respostas da criança. Não era necessário arrancar-lhe as palavras: Sílvia encontrava um prazer em repetir alto as frases pueris, em que vertia todo o sangue do seu coração. Anita não podia destruir uma ilusão que fazia viver a irmã. Leopoldo estava disposto a encorajá-la, com o seu bom senso simples: aquela era uma religião, como outra qualquer. Anita consultou um médico, que lhe disse ser preferível deixar abrandar o desgosto da irmã.

Sílvia parecia radiante. Anita perguntava a si própria se não era preferível o desespero desvairado àquela irrisória alegria que profanava a morte. No *atelier*, Sílvia já não ocultava as suas relações com o outro mundo; as costureiras pediam-lhe que contasse as sessões e sentiam com isso um arrepio de mistério, como na leitura dum folhetim. Quando Anita chegava, ouvia-as misturar as suas reflexões animadas ao relato da última conversa que Sílvia tivera com Odette. Uma aprendiza troçava, por detrás dum tecido que dobrava; e Sílvia, outrora hábil em se servir da ironia, não percebia nada, faladora, absorvida pela sua fantasmagoria.

Não se limitou a isso. Uma noite, sem dizer nada

à irmã, levou consigo Marcos. Voltara a ter por ele uma afeição exaltada. Assim que o via, o rosto iluminava-se-lhe. Anita não encontrou o filho em casa e adivinhou o que se passara. Absteve-se, contudo, de lhe pedir que o contasse, quando ele entrou, muito tarde, oprimido e enervado. O rapaz gritou, sobressaltado, em sonhos; a mãe levantou-se, acalmou-o e afagou-lhe a cabeça com mãos ternas.

No dia seguinte, Anita teve uma explicação séria com a irmã. Era o seu filho que estava em causa, e não olhava a mais nada. Não ocultou, dessa vez, a sua aversão por aquelas perigosas manias e proibiu, terminantemente, Sílvia de meter o pequeno naquilo. Sílvia, que noutros tempos teria replicado no mesmo tom, baixou a cabeça, com um sorriso equívoco, evitando encontrar os olhos irados de Anita. O seu instinto não estava suficientemente seguro das revelações, para as expor à crítica severa da irmã. Não discutiu; mas não prometeu nada. Calou-se, com uma meiguice dissimulada, como uma gata que ouve ralhos, mas que, ao cabo, fará o que lhe der na cabeça.

Não se arriscou, no entanto, a voltar a levar consigo Marcos. Tomava-o, porém, por confidente daquilo que ouvia nas sessões. Era difícil impedir os seus conciliábulos, àcerca dos quais Marcos guardava um segredo tão desconfiado como o de sua tia. Sílvia dizia a Marcos que Odette falava nele. Era isso que a prendia ao rapaz: Odette tinha-lho legado. Transmitia a mensagem dos dois primos. Marcos não tomava isso a sério. O bom senso crítico do avô punha-o em guarda contra tais absurdos; mas a sua imaginação exaltava-se. Escutava a tia com interesse e repugnância.

Embora se prestasse a essa comédia doentia, criticava àsperamente Sílvia, e estendia a sua condenação às mulheres em geral. Aquela atmosfera de túmulo era, porém, insalubre para um rapaz da sua idade. A farsada horrível da vida e da morte

obsidiava-o precocemente. Sentia-se rodeado dum cheiro a carne morta. Havia momentos em que sufocava. Como a sua razão não era ainda bastante forte para se defender, a vitalidade febril da pré-adolescência recorreu, para reagir, aos mais confusos instintos, que vagueavam à sua volta como animais na noite. Temível rebanho! Dir-se-ia que, por uma espécie de embriogenia, o organismo psíquico, na sua evolução, passa por toda uma série de formas animais e que precisa de franquear os estádios mais brutais, antes de se elevar pela sua sublimação até à inteligência e à vontade humanas.

Por felicidade, é breve essa revivescência das origens selvagens: é uma passagem de espectros. O melhor é deixá-los passar o mais depressa possível e pôr-se de lado, sem fazer nada que desperte a sua consciência tenebrosa. A hora, contudo, não é sem perigos, e a mais terna vigilância não basta para defender a criança É que o pequeno Macbeth é o único a ver esses espectros; para os outros — os mais próximos — ficava vazio o lugar de Banco. Distinguem a voz fresca, a fisionomia pura da criança; mas não descobrem as terríveis sombras que passam no fundo dos seus olhos límpidos. O próprio interessado, espectador curioso, mal os distingue. Como os reconheceria, se provêm dum outro mundo, esses instintos de posse, de violência e até... de crime! Nenhum pensamento perverso o aflorava, num desses dias, que não o tacteasse com a ponta da língua. Nem uma nem outra das duas mulheres que amimavam Marcos suspeitava do monstrozinho que tinham, em certos momentos, enrolado nas suas saias...

Aos poucos, no entanto, Sílvia apaziguava-se. Os relatos das sessões já não tinham um carácter misterioso. Falava delas sem comoção, num tom apressado. Não insistia muito. Em breve, só falava disso constrangida. Bruscamente, deixou de falar; nem respondia às perguntas... Teria tido uma de-

cepção, de que não se queria lembrar? Ou ter-se-ia aborrecido? Nunca o disse a ninguém. Nas longas conversas que, no entanto, continuava a ter com Marcos, o mundo oculto deixou aos poucos de ocupar um lugar, até acabar por desaparecer. Parecia ter cobrado o seu equilíbrio. A provação sofrida só se assinalava, aos olhos dos que a rodeavam, por um envelhecimento, uma expressão de modo nenhum dulcificada pela dor, mas, pelo contrário, mais material, de traços mais pesados e de formas mais cheias, o espírito de sempre, mas com mais expansibilidade. A forte necessidade de reviver vingava-se das agonias sofridas. Novos pesares e novos prazeres, as folhas caídas dos dias, a poeira do caminho, recobriram, pouco a pouco, a fossa aberta no coração.

ENGANOSA aparência... A vida retomara o seu curso na casa Rivière; mas a catástrofe abrira brecha nas almas. É um insignificante acontecimento na ordem geral das coisas, o desaparecimento duma criança. Estamos rodeados pela morte e esta não devia surpreender ninguém; desde que se repara, vêmo-la na sua tarefa e habituamo-nos. Cremos que nos habituamos. Sabemos que ela virá, um dia, trabalhar em nossa casa e antevêmo-lo com pena. Há mais, porém, do que pena! Que cada um se interrogue a si próprio! Poucos serão os que não reconhecerem a revolução que uma morte produziu em toda a sua existência! É uma transformação do ser... *Ante, Post Mortem*...

Um ser desapareceu. Toda a vida é atingida por isso, todo o reino dos seres, ontem reino da claridade e hoje da sombra... Oh, Deus! Se esta pedrinha, esta única pedrinha, cair da abóbada, toda a abóbada cairá! O nada não tem medida. Se este pequeno «eu» não é nada, todo o «eu» nada é. Se

aquilo que amo não é nada, eu, que amo, nada sou... É que sou apenas por aquilo que amo... A irrealidade de tudo que respira aparece de súbito. Todos têm consciência disso; mas não da mesma maneira; cada um com os seus meios — instinto ou inteligência — em face, a olhar a direito, ou a fugir com os olhos enviesados, de lado.

Na árvore da família, onde se tinha quebrado o raminho de Odette, os outros ramos continuaram a pujar. Contudo, em quatro, três, pelo menos, sofreram modificações no seu desenvolvimento. O menos atingido foi o pai. No dia do enterro, o seu desgosto afligia; resfolegava pela garganta e pelos flancos, como um cavalo caído. Quinze dias depois, porém, estava de novo absorvido pelos seus negócios e pelas fortes exigências da sua vida física; trabalhava, comia o dobro, viajava, esquecia.

Das mulheres, Anita é que parecia a verdadeira mãe. Não se consolava. O seu luto tornou-se mais severo, à medida que desaparecia o rasto da pequenita. Odette fora para ela a eleita, a criança criada não ao seu seio, mas pela sua necessidade de ternura. Pertencia-lhe mais a ela do que a Sílvia e do que o filho. Acusava-se de não a ter amado bastante, de lhe ter regateado carícias, de que o seu coraçãozinho ávido nunca se saciava. Persuadia-se de que era a única a conservar viva a memória da criança e que os outros a esqueciam.

Sílvia mostrava uma estranha alegria; andava atarefada, agitada. Falava alto, numa fatigante torrente de palavras, com saídas cómicas, umas frases frescas, que faziam rir às gargalhadas o povinho das suas costureiras e que Marcos saboreava, sornamente, quando se encontrava lá e as apanhava no ar.

O rapaz também se distraía, trabalhava menos, passeava, garotava, sempre à espreita de ocasiões de não fazer nada e de rir: o organismo defendia-se contra o medo interior... Quem dá por isso, de fora? Somos impenetráveis aos olhos dos outros, parece-

mos indiferentes e queremos desabafar mas não podemos... «Não há comunhão possível no sofrimento!»

Anita, cuja paixão pela morta a tornava injusta para os vivos, só via o egoísmo dos outros, que, por todos os meios, se agarravam à vida e deixavam ir para o fundo a pedra das recordações; e não lho perdoava.

Ora, um dia — um domingo em que Marcos fora, com Leopoldo, a um desafio desportivo — Anita, ao chegar a casa de Sílvia, encontrou a porta da entrada aberta. Entrou e ouviu uma lamentação pesada, que se arrastava. Sílvia, fechada no seu quarto, falava sòzinha e gemia. Anita retirou-se na ponta dos pés. Fechou sobre si a porta da entrada e tocou à campainha. Sílvia foi abrir; tinha os olhos vermelhos. Disse que estava com defluxo e falou com uma vivacidade ruidosa e vulgar. Pôs-se a contar uma das suas histórias escabrosas de que tinha grande provisão.

Anita tinha o coração apertado. Era possível representar assim?! Só representava, porém, metade. Muito mais do que aos outros, era a si própria que queria enganar. Um desespero profundo, sem saída, conduzira-a a uma espécie de desprezo cómico da vida. Se não queria ir abaixo, só tinha a alternativa: ou o esquecimento ou aquela máscara de cínica despreocupação, que acabava por se substituir à sua verdadeira fisionomia. Tudo é o mesmo que nada. Nada vale a pena. Honestidade, honra, patacoadas!... Não tomar nada a sério, rir da vida, gozá-la. Só o trabalho subsiste, porque é uma necessidade e não se pode passar sem ele...

Muitas outras coisas subsistiam sob a destruição. O instinto era em Sílvia muito mais sólido do que a inteligência. Até quando repelia tudo, Anita e o filho dela ficavam-lhe incrustados na pele. Formavam apenas um, todos três! Esse amor instintivo, quase material, não afugentava os maus sen-

timentos. Sílvia, que não era branda para si própria, não o era também para Anita. Mostrava-se agressiva e questionadora com a irmã, cuja seriedade moral e a taciturna tristeza, pesada de recordações, a irritavam numa muda censura.

Era, com efeito, uma censura. Anita não tinha a caridade de lho ocultar. Bem via que Sílvia fugia dos seus desgostos, como a caça do caçador, e lamentava a miséria da natureza humana, mas criticava-a por procurar salvar-se à custa dos seus mais caros tesouros e de estar sempre pronta a trair as suas mais sagradas afeições, para iludir a perseguição feroz da dor. Estava também ferida por isso, pois no seu próprio coração repercutia o apelo dessa vida fácil; mas ela repelia-a. Disso derivou o ter-se imposto, nos meses que seguiram à desgraça, uma austera disciplina do coração, um rigorismo moral, pessimista e altivo, que encobria a sua ternura ferida...

Após o sombrio Inverno, viera a Páscoa. Anita deambulava por Paris, numa manhã de domingo: o céu resplandecia, o ar estava imóvel. Com a alma envolta no seu luto, ouvia o apelo nostálgico dos sinos. Aquela rede sonora envolvia-a nas suas malhas e arrastava-a para fora das vagas do século descuidoso, até à praia onde jazia o seu Deus morto. Entrou numa igreja; e, feitos os primeiros passos, sentiu-se sufocada de lágrimas, que, reprimidas havia muito tempo, brotavam em jorros. Ajoelhada no recanto duma capela, deixou-as correr, de cabeça baixa.

Nunca sentira, como naquele momento, a tragédia daquele dia. Ouvia os órgãos e os cânticos de alegria... Aquela alegria!... A de Sílvia, que ria... No fundo, a alma chora... Ah! Bem o sabia, então: o pobre morto *não tinha ressuscitado!* Por isso o amor desesperado, dos seus, um amor de séculos, esgota-se a negar a sua morte... Essa pungente verdade quão maior não é e mais religiosa do que a

ilusória ressurreição! Engano apaixonado, desolador engano do coração, que não pode consentir na perda do seu bem-amado!...

Não podia compartilhar com ninguém os seus pensamento. Fechada dentro de si com a pequenina morta, defendia-a contra a segunda morte, a mais terrível: o esquecimento. Reagia duramente contra si e contra os outros. Como toda a reacção contra os pensamentos provoca, pelo choque, uma reacção contrária, a sua atitude de censura provocava aqueles que se sentiam atingidos a exagerar as suas atitudes e o mal-entendido alargava-se. Acabou por ser quase por completo entre o filho e a mãe. Marcos cada vez se afastava mais de Anita.

Havia anos que o antagonismo se anunciava; mas, até aos últimos tempos, ficara, da parte do rapaz, velado, dissimulado, prudente. Durante o longo período em que vivera frente a frente com a mãe, abstivera-se de entrar em discussões; as forças não eram iguais; antes de mais nada, era precisa a paz! Deixava falar a mãe. Assim, ela confiava-lhe, uma a uma, as suas fraquezas; ele, porém, não lhe confiava nada. Agora, que tinha encontrado uma aliada na tia, já não escondia o seu jogo. Outrora, quantas vezes a mãe, impacientada por ver aquele moluscozinho reentrar os seus pensamentos na concha, sempre que lhe iam tocar, dizia-lhe:

— Vamos, sai do teu buraco! Mostra o que tens lá dentro! Não sabes falar?

Marcos sabia. Anita podia considerar-se satisfeita! Agora, falava... Teria sido, porém, melhor que se calasse!... Discutia por tudo! Ah, já não fugia a contradizê-la. Não deixava passar nada que saísse da boca da mãe sem o discutir, e com que tom de impertinência! Aquilo aparecera de repente. Sem dúvida, Sílvia tinha nisso algumas responsabilidades, encorajara, maldosamente, aquela revolta. Aquela mudança de atitude correspondia à mudança de idade, à aproximação da crise da puberdade.

O rapaz transformava-se. Em alguns meses, adquiria outro carácter, modos caprichosos, brutais, entrecortados de «recaídas» do seu velho mutismo. Não era, contudo, o silêncio cortês, conciliador, um tanto velhaco, da criança que quer agradar. Sentia-se que, agora, era hostil, agressivo... as suas maneiras bruscas, a sua grosseira indelicadeza, a inexplicável aspereza com que respondia às coisas afectuosas punham a sangrar a sensibilidade de Anita. Bastante prevenida contra toda a gente, não o estava contra aqueles a quem estimava: uma palavra rude do filho magoava-a até às lágrimas. Não lho mostrava, mas ele não o ignorava. Continuava; dir-se-ia que procurava aquilo que podia desagradar à mãe.

Teria vergonha de proceder assim com estranhos, que lhe fossem indiferentes. A mãe, contudo, não lhe era, sem dúvida, indiferente! Queria-lhe, e como não! Era o fruto vivo que, quando o momento chega, se arranca do ventre da mãe. É feito da sua carne, e, para se apoderar dela, dessa carne, rasga-a. Marcos tinha no seu temperamento muitos elementos que pertenciam a outra raça diferente da mãe. Coisa estranha! Não era, contudo, por esses elementos que mais entrava em conflito com a mãe, era pelos que lhes eram comuns.

O seu ciumento desejo de independência não possuía ainda uma personalidade própria; e toda a semelhança com a mãe parecia-lhe um perigo de absorção. Então, para se defender, fazia-se diferente. Dissesse ela o que dissesse, fizesse o que fizesse, ele diria ou faria o contrário. Porque ela era apaixonada, ele fazia-se insensível; confiante, ele retraído; ardente, ele frio e cortante. Tudo que ela combatia, tudo que repugnava aos sentimentos de Anita (ah! como ela o conhecia!) era atraente para ele, e apressava-se em dá-lo a saber à mãe. Visto que fazia questão de moral, aquele garoto achava elegante passar por amoralista e, sobretudo, em proclamar: «A moral é uma invenção...»

A crédula Anita tomava-o a sério. Atribuía isso à deplorável influência de Sílvia, que se divertia a perturbar aquele cèrebrozinho pacientemente cultivado... Lançava naquele canteiro um punhado de más sementes! Não lhe faltariam razões para se persuadir que procedia no interesse do sobrinho... «Este pobre pequeno, metido numa estufa, comprimido num caixote!... Vamos dar-lhe ar!...» Embora gostasse da irmã, sentia um vivo e cruel prazer em violar-lhe aquele coração, que era o seu rebento. A observação interessada do rapaz por tudo que lhe dizia respeito percebera o duelo entre as duas irmãs, e, naturalmente, explorava-o. Por uma maligna astúcia, reservava os seus favores a Sílvia; e sentia-se satisfeito com o ciúme que despertava na mãe. Esta não o ocultava. Justificava-o, com mais razão do que Sílvia, com o interesse do filho.

Sílvia gostava do sobrinho e não lhe faltava bom-senso. O seu saber de peso-leve valia tanto como outro mais pesado; mas não era próprio dum rapaz de treze anos. O benefício que ele tirava disso prejudicava-o. Se a tia lhe aguçava o apetite da vida, não lhe inspirava o respeito desta. Quando, muito cedo, esse respeito se perde, tudo se perde! Sílvia não era feita para educar o gosto do sobrinho, a não ser nas coisas de vestuário. Levava-o a estúpidos cinemas, a *music-halls,* donde ele trazia cantigas absurdas e imagens que deixavam pouco lugar para os pensamentos sérios. O seu trabalho ressentia-se com isso. Anita zangava-se e proibia Sílvia de levar Marcos consigo. Era esse o melhor meio de selar a aliança entre o sobrinho e a tia.

O rapaz julgava-se perseguido; descobriu que, nos nossos dias, a profissão de povo oprimido é remuneradora; Anita aprendeu, à sua custa, que a de povo opressor não é nada agradável. O filho fazia-lhe sentir, a todos os momentos, que era uma vítima e que ela abusava da sua força. Pois, sim! Se ela abusava, era para o fazer entrar no bom cami-

nho! Não tolerava aquela ligeireza de linguagem, aqueles hábitos inconvenientes de fazer pouco de tudo, aquelas graçolas impertinentes. Para o submeter, impôs-lhe princípios severos. Ele bem sabia o que havia de lhe responder! Havia muito tempo que esperava a ocasião.

Num dia em que argumentava, contra uma interdição da mãe, com as palavras da tia, Anita, impaciente, disse-lhe que Sílvia tinha o direito de dizer e de fazer o que quisesse. Não tinham o direito de a julgar; mas o que poderia ser bom para ela não o era para ele. Não a devia tomar como modelo: «Nem tudo que ela faz se deve imitar...» O filho ouvia-a e, por fim, disse negligentemente:

— Sim, mas ela tem um marido.

Anita não respondeu imediatamente; não queria compreender... Que dissera ele? Não; não era possível!... Depois, afoguearam-se-lhe as faces. Sentada, com as mãos imóveis sobre o trabalho, não fez um gesto. Ele também não fazia nenhum movimento. Não se sentia muito satisfeito com o que dissera e com o que ia passar-se...O silêncio prolongava-se. Uma onda de cólera invadiu o coração violento de Anita. Deixou-a passar.. A compaixão, a ironia, tomaram o lugar dela. Teve um sorriso desdenhoso; e pensou: «Desgraçadinho!» Por fim, retomou a sua tarefa e disse:

— Achas, sem dúvida, que uma mulher sem marido, que trabalha para sustentar o seu filho, é menos digna de respeito?

Marcos perdeu o aprumo. Não respondeu nada. Também não se desculpou. Estava penalizado.

Anita não dormiu naquela noite... Assim, fora em vão que se sacrificara! Que a sociedade a censurasse, estava na ordem das coisas; mas que ele também o fizesse, ele, a quem tinha dado tudo! Como soubera ele? Quem lhe teria inspirado aquele pensamento?... Não lhe podia querer mal; mas sentia-se acabrunhada.

O filho dormia em paz. Não era que não tivesse remorsos; mas o sono era mais forte do que os remorsos. Uma noite bem dormida fá-los-ia esquecer, se não tivesse que os encontrar no olhar preocupado da mãe. Desagradava-lhe que a mãe não esquecesse, como ele. Tinha pena do que fizera; mas não podia resolver-se a dizer-lho. Como estava contrariado, segundo a lógica da criança, atribuía as culpas à mãe.

Não voltaram a fazer alusão à cena; mas depois dela não foram mais aquilo que eram antes. Havia um constrangimento nos seus amplexos. Anita já não o tratava como uma criança...

Como soubera ele? Conversas no liceu tinham-no feito reflectir acerca do nome que usava e que era o de sua mãe. Alusões antigas, apanhadas no ar outrora, no *atelier*, e que não compreendera, esclareciam-se agora. Certas palavras imprudentes de Sílvia à irmã, diante dele... O enigma que era para ele aquela mãe, que o irritava, mas o fascinava pela *aura* de paixões que, sem as poder discernir, o seu faro de cachorro pressentira!... Com tudo isso tinha construído vagas e fantásticas histórias, que não conseguiam aguentar-se de pé. O seu nascimento intrigava-o. Como havia de saber?...

A resposta que ferira sua mãe era, em parte, uma armadilha que estendia... No seu coração, misturavam-se curiosidade e rancor acerca do que se passara e ele ignorava. Nunca ousava fazer a esse respeito qualquer pergunta a Sílvia, porque era orgulhoso da sua mãe e suspeitava que ela não tinha procedido bem. Julgava-se, porém, no direito de estar contra ela, por lhe ocultar aquele grave segredo. Esse segredo era como que um estranho entre um e outro

Era verdadeiramente um estranho. Marcos não suspeitava sequer que em certos momentos fazia surgir ante os olhos de Anita o *estranho* — seu pai — ou, pior ainda, os Brissots! É que, no surdo com-

bate entre a mãe e o filho, este, instintivamente, servia-se de todas as armas que encontrava na sua natureza, em oposição a Anita. Assim, sem o saber, desenterrava por vezes e empregava contra ela atitudes provenientes do fundo dos Brissots: o famoso sorriso condescendente, aquela satisfação de si próprio, aquele filisteísmo brincalhão ao qual nada poderia abalar a certeza hostil! Era uma sombra, um reflexo na água. Anita reconhecia-os e pensava: «Sempre mo apanharam!...»

Era verdadeiramente um estranho? Não, não era. A arma, os gestos imitados, sim; mas a mão que os detinha era da mesma substância de Anita. Essa mão, revoltada, crispava-se na oposição entre dois seres muito aparentados, muito próximos, o que é um dos mil artifícios do Amor e do Destino.

MARCOS não tinha amigos. Aquele rapaz de treze anos, que se encontrava, de manhã e de tarde, nas aulas, com trinta outros rapazes, mantinha-se separado dos seus camaradas. Quando era mais pequeno, gostava de tagarelar, de brincar, de correr, de gritar. Havia um ano ou dois, tinha acessos de mutismo, crises de isolamento. Isso não significava que não tivesse necessidade de companheiros. Tinha talvez mais necessidade do que antes. Precisamente! Era de mais: tinha muito a pedir e a dar... Por toda a parte espinhos, naquela moita de Primavera! Um amor próprio eriçado, que um nada magoava e tinha medo de ser magoado, e, sobretudo, de o mostrar, porque era uma fraqueza e é preciso evitar dar uma presa ao inimigo (há um em cada amigo).

O que soubera, ou, melhor, imaginara, do seu nascimento, do passado de sua mãe, mantinha-o num constrangimento absurdo, ridículo, sombrio. Graças às suas leituras, estava convencido de ser

um filho «natural» (os seus livros românticos davam-lhe um nome mais vigoroso). Encontrara meio de fazer disso um motivo de orgulho. Não estava longe de farejar na arcaica injúria um selvagem relento de nobreza. Julgava-se mais interessante, diferente dos outros, solitário, um tanto danado. Não lhe desagradaria colocar-se entre os bastardos satânicos de Schiller e de Shakespeare. Isso dava-lhe o direito de desprezar a sociedade com tiradas altivas *in petto*.

Quando se encontrava, porém, nessa «sociedade» — nas aulas do liceu, entre os camaradas — sentia-se intimidado, vergado ao peso do seu segredo, suspeitava de que o pudessem adivinhar. As suas maneiras estranhas, o seu ar fatal, a sua voz aflautada, que começava a mudar, o seu focinhito de menina insolente como um franganito despertavam a atenção e a malícia dos seus companheiros. Chegou até a ser vítima de propostas vergonhosas dum malandrete que o perseguia com convites meio trocistas meio a sério. Ficou perturbado com isso. À noite, sentiu-se doente de revolta e de nojo. Não queria voltar ao liceu; mas não podia dizer as razões a sua mãe. Devia sòzinho fazer-se respeitar; dizia para si: «Hei-de matá-lo.»

O seu pensamento tumultuoso agitava-se com vagas alterosas. Chegara a hora em que despertam as forças genésicas, que o fascinavam e o apavoravam. A estranha inocência de sua mãe passava de lado, sem ver e sem saber. Ele morreria de vergonha, se ela soubesse e visse. Sòzinho, enojado de si, entregava-se, angustiado, às terríveis solicitações do instinto degradante... Que pode, porém, fazer uma criança, uma pobre criança, entregue a esas forças dementes! A monstruosa natureza mete num corpo de treze anos um incêndio brutal, que, por falta de alimento, o devora!

Só pode salvar-se — se é de boa raça — quando se lança completamente, por um excesso oposto,

numa exaltação ascética do espírito, que as mais das vezes arruína o corpo. A juventude destes tempos, mais feliz do que os seus predecessores, começa a praticar a disciplina viril do atletismo. Marcos bem desejaria fazer como ela; mas nesse domínio também a natureza era contra ele. Não tinha forças para isso. Ah! Como invejava os fortes! Como amava, ciumentamente, a sua beleza!... Até ao ódio!... Nunca seria como eles!...

Desejos, todos os desejos, puros, impuros, um caos!... Todos os demónios inimigos!... Seria a vítima do acaso (Ninguém podia fazer nada por ele!), sem um fundo de saúde moral, de honestidade, melhor: de grandeza que se ignora, esse não sei quê de divino, fruto das penas, da coragem e da paciência dos melhores da raça — que não suportará a vergonha dos contactos imundos, a afronta da decadência — que tem o faro inquieto do que é vil e cobarde, que o persegue no interior até aos últimos recessos do pensamento, que nem sempre escapa às porcarias, mas que não deixa nunca de as julgar, de se julgar, de se disciplinar e de se castigar...

O orgulho!... Louvado seja ele! *Sanctus!*... Em naturezas como a dele, o orgulho é a saúde. É a afirmação do divino na lama, o princípio da salvação. Quem, na solidão sem amor, lutará sem orgulho? Por que lutar, se não se acredita que se tem bens supremos a defender e que por eles é preciso vencer ou morrer?! Marcos queria vencer! Vencer aquilo que compreendia e o que não compreendia. Vencer o que ignorava e o que repugnava. Vencer o enigma do mundo e vencer a sua baixeza... Ah! Nisso, como noutras coisas, era sem cessar vencido! No seu esforço de trabalho, de leitura, de concentração, escapava a si próprio, sentia que se ultrapassava. Sempre lhe faltava a força...

Lá estava, no entanto, mas apenas formada, inferior à tarefa e à sua vontade. Sentia-se roído de desejos e de curiosidades, sadios, doentios, que

o solicitavam de todos os lados, ou, então, banhado de torpor, incapaz de fazer qualquer coisa ou de se fixar fosse no que fosse. Perdia o seu tempo; e tinha pressa. Preocupava-se já com o futuro, a escolha da carreira, pois sabia que tinha de se decidir um dia; e não tinha nenhum motivo para se decidir; flutuava no meio de tudo, com o mesmo grau de interesse e de indiferença, de atracção e de nojo. Quer e não quer; nem será capaz de desejar ou de não desejar. A máquina não estava regulada. Tomava velocidade, ou parava sùbitamente, ou voltava-se e ia para o fundo.

Então perscrutava esse fundo. Aquela criança que sofria e se angustiava era mais apta do que qualquer outra pessoa a perceber o vácuo e o aborrecimento dum tempo que caminha para a destruição. Tinha o sentimento agudo do abismo... A mãe, contudo, não via nada. Via apenas um rapaz aborrecido, pretensioso, revoltado, pueril, doentiamente susceptível, grandiloquente e construtor de enigmas, que gostava às vezes de dizer palavrões e a quem, noutros momentos, uma palavra mais livre espantava. Sobretudo, irritava-a o seu resmungar. Nem suspeitava o amargo sentido disso e ainda menos o que tinha de desafio à má sorte.

Marcos sentia cruelmente a injustiça que lhe era feita: era (ou julgava-se) sem força, sem beleza, sem talento, sem valor. Acabava de se acabrunhar e juntava a esses defeitos reais outros que imaginava; aceitava todas as aparências que podiam humilhá-lo... Daquelas operàriazinhas que passavam a seu lado, a rir, julgava que riam de si; não supunha que riam para o provocar e não achavam tão feio como isso o seu focinhito de menina espantadiça, que corava...

Julgava, também, ler nos olhos dos seus professores uma desdenhosa compaixão pela sua mediocridade... Sopunha que os camaradas mais robustos desprezavam a sua fraqueza e entreviam

a sua cobardia, porque, extremamente nervoso, tinha momentos de pusilanimidade; e, como era sincero, confessava-os e julgava-se desonrado por isso. Para se castigar, obrigava-se secretamente a imprudências perigosas que lhe causavam suores frios e o reabilitavam alguma coisa — tão pouco! — aos seus próprios olhos... Aquele pequeno Nicomedes era dele que às vezes troçava, dos seus defeitos! Acusava os outros de ser como era e, em primeiro lugar, a mãe.

Anita não compreendia o seu ar hostil... Como ele era egoísta! Só pensava em si... Só pensava em si?... Que seria dele se não pensasse em si? Se não se defendesse, quem o defenderia?

Ficavam sòzinhos e emparedados, um em face do outro. Passara a hora das efusões.. Anita começava a repetir a lamentação das mães: «Como ele era amorável, quando era mais pequeno!» Por seu lado, Marcos dizia que as mães só gostam dos filhos para seu devertimento. Cada um só a ama a si próprio... Não, cada um queria amar o outro; mas, quando se está em perigo, há que pensar em si. Pensar-se-á no outro depois. Como se poderia salvar o outro, sem se salvar a si? Como salvar-se, quando se deixa o outro agarrado ao próprio pescoço?

REPELIDA por seu filho, Anita tornou-se dura com ele. Com o coração voluntàriamente fechado ao amor, com o espírito tanto mais livre quanto lhe faltava um objecto que alimentasse a sua ternura, precisava de satisfazer a sua fome intelectual e a sua necessidade de actuar. Trabalhava todo o dia, lia ao serão, e à noite dormia calmamente. O filho, rancoroso, invejava e amesquinhava a saúde daquela mulher vigorosa e o poder que ela parecia ter de não se atormentar. Anita, contudo,

sofria com a privação de não poder compartilhar os seus pensamentos com um companheiro. Preenchia esse vácuo com o trabalho, o esquecimento activo. O trabalho pelo trabalho é, porém, tão vazio!... Aquelas forças que sentia em si, inúteis, onde as sacrificar?

Sacrificar!... Aquela necessidade de sacrifício!... Anita encontrava-a à sua volta, por toda a parte, lamentável às vezes, outras absurda! Como boa observadora, não deixava de explorar os rostos e as almas, todos os dias. Distraía-se das suas penas a perscrutar as dos outros. Talvez a curiosidade se sobrepusesse à compaixão naquele período em que o seu coração se tinha petrificado (assim o pretendia) ante o espectáculo do sofrimento e, sobretudo, das derrotas e das abdicações.

Entre as mulheres, como ela, em luta com a sociedade para lhe arrancar meios de existência, quantas não eram trituradas, menos ainda pela própria brutalidade das coisas do que pela sua fraqueza e a sua renúncia! Quase todas eram exploradas por uma afeição, e não podiam passar sem ser exploradas. Dir-se-ia que era essa a sua razão de viver e da qual morriam... Uma sacrificava-se a uma velha mãe ou a um pai egoísta; outra a um marido vulgar ou a um homem que a enganava; outra... «A outra sou eu!»... a um filho que não gostava dela, que a esqueceria e que talvez amanhã a traísse... «Ora! Que importa? Se encontro alegria em ser traída, enganada, esquecida por ele!... Se me agrada ser batida!...» Ah! Irrisão, engano!

Outras invejam, aquelas que não têm ninguém a quem se sacrificar! Elegem um cão, um gato, um passarinho!... Cada uma escolhe o seu ídolo! Se isso é indispensável, o bom Deus sempre vale mais! Ao menos, é de raça... «Também tenho o meu, o meu Deus, o meu Deus, desconhecido, a minha verdade oculta, e esta paixão que me impele a bus-

cá-lo... Talvez seja engano, também! Só o saberei quando chegar lá; e se é engano, ao menos é nobre e vale bem a pena...» Anita revoltava-se contra a falta de senso de certos sacrifícios. Não, a natureza não quer que o melhor se sacrifique ao mais indigno. «E, se ela o quisesse, por que havia de submeter-me a isso?... Não o quer, contudo! Quer que nos sacrifiquemos ao melhor, ao maior, ao mais forte...»

O sacrifício a todo o custo, ao pior como ao melhor, de preferência, talvez, ao pior, porque assim o sacrifício é mais completo, o sacrifício pelo sacrifício, sim, é conforme à idéia que fazem de Deus!... *Credo quia absurdam...* Tal senhor, tais escravos!... Esse Deus é bem aquele que, ao sétimo dia, descansou, por achar que quanto fizera era bem feito. Se o tivesse imitado, o carro do homem, à primeira volta da roda, teria parado. Cada avanço do mundo é feito contra vontade... *Fiat!* «Empurremos o carro; e, se ele tem de nos esmagar, quero ao menos que caminhe».

UM trágico encontro aumentou a aversão de Anita por essas imolações sem razão (que sabia ela disso?) dos que valem muito aos que valem menos.

Fora outrora concorrente, num curso para estrangeiras dum estabelecimento de Neuilly, duma jovem, cujo rosto rústico e voluntarioso a atraíra. Tentou estabelecer conversação com ela; mas a outra, desconfiada, só pensava em passar-lhe à frente. Nesse tempo, Anita, pouco habituada ainda a tais lutas que lhe repugnavam, defendia-se mal; e até, movida pelo desejo de conquistar uma amiga, deixara todas as possibilidades de triunfar à sua concorrente. Esta não lhe manifestou nenhum reconhecimento por isso. Nada tinha importância para ela a não ser o seu ganho. Era uma formiga

apressada, ávida de juntar... Anita não a interessava de modo nenhum.

Anita perdera-a de vista. Quando, seis anos mais tarde, o acaso as pôs em presença uma da outra, ambas tinham mudado. Anita já não estava disposta a fazer de generosa ou, antes, de desprendida... A vida é como é. «Não tenho meios de a modificar; preciso de viver; passarás depois de mim!» O embate deu-se. Não foi muito longo. Logo no primeiro encontro, a concorrente ficou *knock out*... Como tinha envelhecido! Anita ficou impressionada com aquela ruína.

Guardara a recordação duma morenita, de faces coradas, semeadas de dois ou três pontos negros, como os bolos de passas, camponesa, sólida, de pequena estatura, o rosto desenhado com traços finos e secos, que não deixaria de ser agradável, se não fosse um ar de aborrecimento, a fronte teimosa, os movimentos bruscos, sempre apressada. Encontrou uma cara magra e crispada, um olhar duro, uma boca amarga, umas faces cavadas, jovem, mas crestada como a erva queimada.

O lugar disputado era o de secretária dum engenheiro, que exigia apenas duas manhãs de presença por semana, para fazer a correspondência de negócios e receber as pessoas que o procuravam. Anita encontrou Rute Guillon na antecâmara e os seus olhos hostis cruzaram-se. Rute Guillon disse:

— Vem por causa do lugar? Já me foi prometido.

Anita respondeu:

— A mim não me foi prometido; mas venho por causa dele.

— É inútil, visto que será para mim.

— Útil ou não, venho. Será para quem tiver de ser.

Uns momentos depois, Anita era chamada ao gabinete do engenheiro e escolhida para o emprego. Era conhecida por ser trabalhadora, exacta e inteligente.

À saída, esbarrou com Rute, mas passou friamente. Rute deteve-a e perguntou:

— Tem o lugar?

— Tenho-o.

Anita viu as faces da outra corarem estranhamente. Esperava uma palavra violenta; mas Rute não disse nada. Anita continuou o seu caminho; a outra seguiu-a. Desceram ambas a escada. Ao chegar à rua, Anita voltou-se e lançou um olhar rápido para a sua rival vencida. O ar abatido de Rute abalou-a. A despeito da sua resolução de ser dura, dirigiu-se a ela, dizendo:

— Lamento. É preciso viver.

— Ah! Bem o sei! — disse a outra. — A sorte é para uns; mas para mim nunca!

O tom era outro. Abatimento sem animosidade. Anita fez um gesto para lhe pegar na mão; mas Rute retirou a sua.

— Vamos, não entristeça! Um dia é uma que perde; noutro dia é outra.

— Eu, é todos os dias.

Anita lembrou-lhe o seu primeiro encontro, em que Rute fora quem detivera o lugar. Rute não respondeu e continuou a caminhar com um ar abatido ao lado de Anita.

— Posso ajudá-la nalguma coisa? — perguntou Anita.

De novo, Rute corou. Altivez ferida, comoção? Disse secamente:

— Não!

— Não!

Anita insistiu:

— Fá-lo-ia de boa vontade.

Com um gesto familiar, pegou-lhe no braço. Rute, surpreendida, apertou nervosamente a mão de Anita debaixo do seu braço; e, voltando a cabeça, mordeu os lábios. Depois, separou-se bruscamente, irritada, e partiu. Anita deixou-a afastar-se e acom-

panhou-a com os olhos. Compreendia-a; sim, não temos o direito de manifestar compaixão por quem não a pede...

Alguns dias depois, ao entrar numa leitaria, viu Rute, que fazia compras. Estendeu-lhe a mão. Dessa vez, Rute correspondeu, mas com um ar gelado. Fazia esforços, no entanto, para parecer menos aborrecida. Disse algumas palavras banais. Anita, contente por esse progresso, continuou a conversa. As duas mulheres falaram dos preços daquilo que compravam. Anita surpreendeu-se, sem o mostrar, que Rute gastasse mais do que ela em ovos e em leite. Rute punha uma certa ostentação em pagar diante dela. À saída, Anita disse:

— Como a vida está cara!

Quase se desculpava dos ovos que tinha comprado:

— É para o meu pequeno.

Rute, muito ufana, disse:

— Eu, é para o meu marido.

Anita ignorava tudo da sua vida e perguntou:

— Está doente?

— Não; mas é duma saúde muito delicada.

Falava com certo orgulho dos cuidados que reclamava aquela saúde. Anita, prevenida da susceptibilidade de Rute, não fazia perguntas, esperava que a outra falasse. Rute não disse mais nada. Iam separar-se, quando Anita se lembrou... Ofereceu a Rute um trabalho — a revisão do trabalho duma estrangeira — que lhe haviam encomendado e não tinha tempo de fazer. Rute manifestou imediatamente uma viva gratidão: para ela, o dinheiro desempenhava um papel capital. Anita pediu-lhe o seu endereço, para o caso de aparecer outro trabalho que lhe pudesse dar. Rute hesitou, respondeu evasivamente. Anita, impaciente, atalhou:

— Era para lhe ser útil. Em todo o caso, eu habito...

Deu-lhe a direcção. Rute acabou por dar tam-

bém a sua, contrariadamente. Anita aborrecida, decidiu não voltar a ocupar-se dela.

Foi Rute quem a procurou, algumas semanas mais tarde. Desculpou-se de ter sido pouco amável. Dessa vez, desabafou e contou alguma coisa (não muito) da sua vida. Pertencia a uma família de lavradores ricos, mas zangara-se com o pai, porque queria ir para Paris e ser professora. O pai magoara-a no seu amor próprio e jurara nunca aceitar mais nada dele. Queria ganhar a sua vida sòzinha. Esgotou-se para o conseguir. A despeito da sua energia, estudar fatigava-a. Sofria diante dos livros como um animal a puxar uma carga. O sangue afluía-lhe às fontes e tinha de parar, congestionada.

Um começo de neurastenia obrigou-a a desistir dos exames. Atirou-se, então, às lições particulares. Conseguia ganhar, com dificuldade, a sua vida, quando se enamorou dum homem com quem casou, e que era para ela mais um fardo. Isto não disse ela a Anita, que o soube mais tarde. Era, contudo, bastante perspicaz para entrever logo uma parte da verdade, no decurso das perguntas discretas que fez à sua nova amiga. Soube que o marido não tinha nenhuma profissão. Era um «intelectual», um «artista», um «escritor». Não chegou a saber muito bem que escrevia ele. Versos?... Em matéria de poesia, Rute não tinha gosto mais apurado do que o duma burguesinha provinciana. A poesia, porém, inspirava-lhe respeito.

Rute não tinha nenhuma pressa de dar a conhecer o seu «artista». Escondia-o. A partir, porém, de então, viu Anita com mais frequência, demasiada até. Acabou por cumulá-la de testemunhos de amizade, de flores, de ofertas, raramente bem inspiradas, que contrariavam Anita. Não havia meio termo! Tudo ou nada, para aquela natureza apaixonada! Nunca tivera uma amiga. Nunca tinha desabafado com ninguém. Desde o momento em que decidiu dedicar-se a Anita, açambarcava-a. Anita, sa-

turada com aquela feição, compreendia que o marido a achasse pesada.

Ao cabo, Anita conseguiu ver, por surpresa, a ave rara. Era um homem maçador, insignificante, de olhos azuis vagos, que lhe deu a impressão de ser um devoto secreto do absinto. Muito fátuo e muito pouco senhor de si, completamente medíocre, mostrava-se inquieto com a opinião que Anita podia fazer dele. Não gostava da mulher, mas achava cómodo fazer-se amimar, tomava uns ares lânguidos, dolentes e amargos, a propósito da sua saúde, dos talentos desconhecidos, das invejas dos colegas...

Anita traspassava-o com os seus olhos claros. O homem foi prudente e moderou as suas lamentações, que a ironia silenciosa da sua auditora espreitava. Rute, porém, estava de boca aberta, incapaz de fazer um juízo, orgulhosa como Artaban(*)... «Deixemos-lhe as suas ilusões! Tem necessidade de amar alguém, de um homem a quem proteger. Tem uma alma de serviçal apaixonada. Meter-se-ia debaixo dos pés dele...» Sucedia, também, que ela questionava com ele duramente. Uma vez, ao subir a escada, Anita ouviu as intonações lamentosas do «poeta», que gemia: Rute esbofeteava o marido.

Anita já não duvidava de que a maior parte do dinheiro de Rute se consumia nos passeios e absintos de José, que também jogava nas corridas. Rute não se lamentava nunca. Procurava economizar o mais possível, para poder editar um volume de poemas, que José, aliás, não tinha pressa de escrever. Quando, um dia, fez as suas contas, descobriu ter sido roubada em mais de três quartos do dinheiro posto de parte: o marido roubara-se a si próprio!

Nesse dia, perdido todo o orgulho, Rute confes-

(*) Protagonista do romance «Cléopâtre», de La Caprenède, cujo carácter orgulhoso ficou proverbial. *N. do T.*

sou a Anita todas as suas misérias. Não falaria nisso, se se tratasse só dela; mas havia anos que se esgotava por ele (dizia: «pela sua glória!») e era ele que a destruía! Uma confidência trouxe outra e Anita acabou por conhecer quase todos os sofrimentos de Rute. A sua saúde estava muito abalada; Rute sentia-se mais fraca, cada vez podia menos concentrar as suas idéias.

Ao aproximar-se a morte, os olhos abriam-se-lhe. Descobria a inutilidade daquele homem e a sua máscara de afeição. José quase nunca parava em casa. Esquivava-se, achava desagradável o convívio duma mulher doente e aborrecida. Ao chegarem os seus últimos dias, Rute já não tinha nenhuma ilusão. Afirmava, contudo, um sincero orgulho, que não se arrependia de nada e seria capaz de voltar a fazer o mesmo...

— *Isto* mata-me; mas vivi *disto*.

Não cria em nada, não esperava nada, nem neste mundo nem no outro... Anita estava sòzinha junto dela, no seu leito de agonizante. Uma congestão cerebral tinha-a fulminado... José, que fugira à aproximação da morte, mostrou uma cara medrosa, alguns instantes depois. Teve uma breve comoção. Depois de ter lagrimejado, as suas primeiras palavras foram:

— Mas, meu Deus! Que será agora de mim?

Anita disse:

— Encontrará outra para o sustentar...

O homem lançou-lhe um olhar odiento. No entanto, deixou que Anita pagasse as despesas do enterro.

Anita, à cabeceira da morta, pensava: «Aí está!... Foi uma força de orgulho, de vontade, de devotamento ascético... De que serviu isso? Que desperdício! Fazer dom de si própria a um cão! A pobre Rute era dura... Não o foi bastante. É preciso ser-se mais duro ainda...»

REACÇÃO contra as ilusões do coração: maldito coração, que só existe para enganar!... «A minha cabeça e os meus sentidos querem e sabem; mas o meu coração é um cego. Sou quem o tem de guiar!...» Reacção contra o amor, contra o sacrifício, contra a bondade...

Há na vida de cada um, como na vida social, modas de sentimentos que se sucedem sem se parecerem umas com as outras. Até a sua principal lei é não se parecerem. Enquanto uma moda reina, todos se submetem a ela com uma grande seriedade; manifestam desdém e cobrem de ridículo as modas antigas, convencidos de que a moda presente é e será sempre a melhor... Anita usava então da moda da dureza...

Seja, porém, qual for o trajo, o ser humano continua sempre o mesmo: não pode prescindir dos outros. O mais altivo tem necessidade da sua parte de afeição; e, quanto mais as circunstâncias o obrigam a ser reservado, mais o seu pensamento traidor o obriga a entregar-se. Anita sentia-se forte. Forte da sua experiência e da sua inteligência; firme, prática, ousada. Tinha a certeza de viver à sua vontade, embora a trabalhar; mas o trabalho era também a sua vontade. Não receava que ele lhe faltasse. Não tinha necessidade da ajuda de ninguém. Não se preocupava com agradar ou desagradar.

Havia algum tempo que lutava com uma nova espécie de concorrentes: os homens. Dava lições a rapazes, para a preparação dos exames dos liceus. Conseguia triunfar, mas, com os triunfos, crescia a animosidade daqueles a quem era preferida. Consideravam-se roubados. Nada de delicadezas. Os menos despidos de atenções não eram os homens casados; as suas mulheres excitavam-nos. Caluniavam Anita... e que coisas insinuavam acerca dos meios de que se servia para obter os melhores lugares!

Anita, com o seu sorriso duro e atraente sempre

nos lábios, seguia a direito no seu caminho, sem fazer caso dessas opiniões. No fundo, porém, acentuava-se — invisível — a usura resultante daqueles anos de luta sem tréguas. Aproximavam-se os quarenta anos. O tempo passara sem que prestasse atenção a ele. Uma obscura revolta se erguia... Toda a sua vida perdida, uma vida sem amor, sem acção, sem luxo, sem a alegria criadora... De tudo que lhe faltava era talhada para poder gozar!... Para que pensar nisso? Agora, era demasiado tarde! Demasiado tarde?...

TERCEIRA PARTE

SOLANGE tinha um rostozinho redondo e rústico de madona gótica: um ar fatigado, infantil, olhos risonhos, nariz pequeno, boca graciosa, o queixo um tanto pesado, a pele fina e rósea. Gostava de falar de ideias elevadas, num tom sério, muito sério, a contrastar de forma cómica com aquela cara bondosa e risonha, que se aplicava a não o parecer. As suas palavras precipitavam-se, com medo de perder o fio das ideias graves. Sucedia, com efeito, parar a meio duma frase, com a cabeça esvaída: «Que queria dizer?...»

Raramente os seus ouvintes lhe replicavam, pois nem a escutavam. Não lhe queriam, porem, mal. Solange não pertencia ao número dessas faladoras que é preciso acompanhar nos seus discursos insípidos. Não era orgulhosa e estava sempre pronta a desculpar-se de os ter aborrecido. Embora por natureza incapaz de seguir um pensamento, tinha a paixão ingénua de pensar e uma imensa boa vontade. De tudo isso não se aproveitava grande coisa: os graves livros abertos, Platão, Guyau, Fouillée, bocejava na mesma página, semanas e meses.

Os grandes projectos, idealistas, altruístas, — obras de assistência social, novos sistemas de educação — eram brinquedos do espírito de que se esquecia pelos cantos, debaixo dos móveis, até um

acaso a fazer dar novamente com eles. Boa burguesinha, doce, amável, bonita, razoável, ponderada, um nadinha pedante, mas nada incómoda, agradável, que, sem grandes atitudes, imaginava ter necessidades intelectuais, e que, em suma, só precisava de falar de ideal e de muitas outras coisas, tudo no mesmo plano, tranquilo, limpinho, arrumado, sério, puro e nulo.

Mais nova do que Anita uns três ou quatro anos, sentira outrora por ela umas dessas atracções paradoxais que sentem pelas naturezas perigosas as naturezas sem perigo. É certo que tais fenómenos se produzem, de ordinário, a distância. Na realidade, pouco tinha convivido com Anita, no liceu, pois estavam em classes diferentes. Fora apenas por tê-la visto de passagem e por ter ouvido o que diziam as «grandes» que a pequena Solange se sentira atraída para ela por uma fascinação intimidada. Anita nem dera por isso. Solange tinha-a completamente esquecido, mais tarde. Casara-se e era feliz. Para o não ser, seria preciso ter como marido um monstro ou um homem apaixonado.

Vítor Mouton-Chevalier, graças a Deus, não era nem uma coisa nem outra. Escultor de profissão, a inspiração não o atormentava, porque possuía bens e muita fleuma. Não era desprovido de gosto; mas não sentia nenhuma necessidade premente de traduzir com a sua arte coisas raras nem de forma diferente da deste, daquele e daquele outro dos seus ilustres confrades de todos os tempos. Como desconhecia a ambição e era destituído de sentimentos mesquinhos (e talvez dos outros) gozava uma satisfação sem limites ao achar-se tão bem, tão completamente, exprimido (pelo menos, orgulhava-se disso) por Miguel-Ângelo, Rodin, Bourdelle e outros artistas menores, porque era eclético e tudo lhe servia.

Dadas essas felizes disposições, não valia realmente a pena fatigar-se a trabalhar, se isso não acrescentasse um gosto novo a esse prazer: a lison-

jeira ilusão de que pertencia à mesma família. Tomava de bom grado para si o enternecido respeito que se julgava obrigado a manifestar ante os heróis da arte e seus infortúnios. Participava nestes, de longe. O seu rosto satisfeito obrigava-se a expressões de austera melancolia ao ouvir sua mulher tocar ao piano, correctamente, a *Sonata Patética* (porque Beethoven também era da família). Solange correspondera plenamente às suas necessidades domésticas. Uma afeição tranquila, uma bondade fácil, um carácter brando, igual, complacente, um idealismo de trazer por casa, que não se arrisca a sair quando faz vento ou há lama, uma propensão a admirar — o que torna a vida de tal modo cómoda! — enfim, numa palavra que diz tudo: a *segurança* — o seu verdadeiro ideal inconfessado...

Os seus meios de fortuna e os seus sentimentos permitiam-lhes estar ao abrigo das preocupações materiais; não era para recear que se introduzissem no seu lar os cuidados. No entanto, introduziram Anita. Se pudessem prever os elementos de perturbação que trazia consigo essa *Frau Sorge*, sentir-se-iam muito pouco à vontade. Não o souberam, porém, nunca. Pertenciam ao número dos inocentes que brincam com um explosivo; teriam um ataque de nervos, se soubessem o que tinham nas mãos. Sem saberem nada disso, depois de terem brincado, foram sem ser por mal, depô-lo no jardim dum amigo. Depuseram Anita no jardim dos Villards.

LOGO que Solange reencontrou Anita, reencontrou, ao mesmo tempo, o velho sentimento que nutrira por ela: ficou encantada. Sabia, como toda a gente, a vida «irregular» de Anita, mas era boa — sem grandeza e também sem hipocrisia — e não a julgava mal. É preciso dizer que não a compreendia lá muito bem. Com a sua inclinação para a indul-

gência, que era um dos lados mais simpáticos do seu carácter amável, pensava que, sem dúvida, Anita era mais uma vítima, ou então tivera sérias razões para proceder como procedera. Como, em todo o caso, isso era com ela, indignava-se contra a opinião que a censurava.

Depois de ter voltado a ver a amiga, informara-se, soubera da sua coragem e abnegação, e concebeu a seu respeito uma admiração ordenada. Foi um destes arrebatamentos periódicos, que não lhe deixavam, por algum tempo, lugar para qualquer outro sentimento. Seu marido, a quem transmitia os seus entusiasmos, encontrou nesse mais uma ocasião para se enternecer com a nobreza de sentimentos de Anita e também de sua mulher e de si próprio. (Há porventura alguma coisa que nos faça saborear melhor a nossa nobreza moral do que comovermo-nos com a do próximo?).

Entre os dois esposos houve, a respeito de Anita, uma emulação de nobres intenções. Não podiam deixar sòzinha, desprovida de simpatias, aquela pobre mulher, vítima da injustiça social! Os Mouton-Chevaliers foram dar com Anita no alto dos seus cinco andares. Surpreenderam-na na labuta, a arrumar a sua casa. Acharam isso ainda mis impressionnte; e a frieza dela pareceu-lhes duma admirável dignidade. Não a deixaram sem lhe ter arrancado a promessa de que iria, com o garotito, jantar com eles num dia próximo, em toda a intimidade.

Anita sentiu pouca alegria com aquela amizade renovada. Bem percebia que seria fastidiosa. Os seus anos de solidão moral tinham-lhe dado um faro de selvagem. Não é conveniente afastarmo-nos muito da sociedade: é difícil depois voltar para ela, porque nos tornamos mais sensíveis ao seu cheiro de cadáver sob flores. No tranquilo interior dos Mouton-Chevaliers, Anita não se sentia à vontade. A felicidade

conjugal deles não lhe causava inveja... «Benigno, benigno, benigno...», como diz Molière... Não, obrigado! Para mim, não!...» Estava num momento em que precisava de fortes rajadas de vida... Pois bem, seria satisfeita! A benigna Solange ia procurar-lhas.

ANITA vestia-se para ir ao jantar. Devia encontrar, nessa noite, em casa dos Mouton-Chevaliers, aqueles amigos acerca dos quais Solange lhe azoinava os ouvidos, o dr. Villard — o cirurgião da moda, duma fama ruidosa — e a sua brilhante esposa. Anita estava preocupada... «E se eu não fosse?...» Era capaz de escrever duas linhas a pedir desculpa de não ir. Marcos, porém, que se aborrecia sòzinho com a mãe, rejubilava com todos os pretextos para sair. A mãe não o quis privar daquela distracção. Para mais, era absurdo fazê-lo... «Quê?!... Que a perturba?...» Era como um mau pressentimento... «Tonta!» O espírito racionalista que habitava nela com os instintos, que não faziam caso dele, obrigou-a a encolher os ombros. Acabou de se vestir e, com o filho pelo braço, foi a casa de Solange.

O instinto supersticioso não esperou muito tempo para alcançar a primazia. Na verdade, não é nenhum milagre ver um pressentimento realizar-se. O pressentimento é a predisposição para aquilo que se receia. Portanto, se o anuncia, não é por ser feiticeiro. Quando muito, será como os vedores (*): ao aproximarem-se duma fonte, um arrepio adverte-os da torrente subterrânea. No limiar da sala, Anita teve o aviso; franziu a testa e, ao entrar, recobrou a serenidade. Antes até de Solange lho apresentar, julgou,

(*) O autor serviu-se, no original, do jogo de palavras *sorcier* (feiticeiro) e *sourcier* (vedor), e escreveu: *Pour jouer sur les mots...*» frase que omitimos, por na língua portuguesa não haver a semelhança de termos. — *N. do T.*

num relance de olhos, o dr. Filipe Villard. Achou-o antipático. Sentiu um alívio.

Filipe não era bonito. Pequenino, entroncado, a testa saliente acima dos olhos, fortes maxilares, uma barba curta em bico, um olhar azul de aço. Muito senhor de si, tinha uma frieza cortês e imperiosa. Sentado à mesa ao lado de Anita, seguia duas conversações: a geral, que Solange conduzia com a sua maneira dispersiva, e a que, nos intervalos, mantinha com a sua vizinha. Para ambas tinha a mesma maneira de falar, breve, precisa e decidida. Nunca tinha uma hesitação: nem nas palavras, nem nas ideias.

Quanto mais o ouvia, mais Anita sentia crescer a hostilidade contra ele. Ao responder, mascarava-a com uma indiferença um tanto seca e distante. O seu interlocutor não parecia atribuir grande importância ao que ela dizia. Sem dúvida, julgava-a de acordo com os elogios insípidos que Solange lhe fizera dela. Era apenas polido. Isso não surpreendia ninguém. Estavam habituados às suas maneiras bruscas. Anita, no entanto, suportava-as irritada. Observava-o de lado, como quem não queria ver, examinava-o traço por traço, sem achar nenhum que lhe agradasse. A impressão total não era, porém, o total das impresões de pormenor. Ao chegar, imperturbável, ao termo do seu exame, voltou a sentir-se perturbada. Um movimento da mão, uma contracção do rosto... Temia-o. Pensava: «Oxalá que não veja!...» Solange falava dum autor, que, dizia, tinha o dom das lágrimas.

— Lindo dom! — disse Filipe. — As lágrimas, na vida, não valem grande coisa; mas, na arte, não sei de nada mais desagradável do que pretender engarrafá-las.

As senhoras protestaram. A sr.ª Villard dizia que as lágrimas eram um dos prazeres da vida e Solange considerava-as um adorno da alma.

— Então, não protesta também? — perguntou

Villard a Anita. — Não costuma abastecer-se também no mesmo fornecedor?

— Bastam-me as minhas, — respondeu — não preciso das dos outros.

— Tem então grandes reservas?

— Sabe algum meio de me livrar delas?

— Seja forte!

— Estou a aprender!

Filipe lançou-lhe um relancear de olhos, de lado. Os outros continuavam a protestar.

— Aí tem — disse Filipe a Anita — alguém a quem é preciso também ensiná-lo.

(Mostrava-lhe, com um volver de olhos, Marcos, cujo rosto móbil traía ingènuamente as diversas sensações que lhe causava a linda sr.ª Villard, sentada a seu lado).

— Receio — replicou Anita — que ele tenha já demasiadas disposições para isso.

— Tanto melhor!

— Tanto melhor para os que estiverem no seu caminho?

— Que passe por cima deles!

— Fala assim porque não será nada consigo!

— Só tem de se afastar.

— Isso seria contra a natureza.

— Não, o que é contra a natureza é amar muito.

— O seu próprio filho?

— Seja quem for, e, sobretudo, o seu filho.

— Ele precisa de mim.

— Olhe para ele! Parece-lhe que pensa em si? Renegá-la-á por uma migalha recebida da mão de minha mulher.

Os dedos de Anita crisparam-se na toalha... Ah, como detestava aquele homem!... Ele vira a crispação dos seus dedos...

— Não o fiz para renunciar depois a ele, — disse Anita.

— Não o fez, — retorquiu-lhe. — Foi a natureza que o fez, servindo-se de si e atirando-a fora depois.

— Não me deixo atirar fora.
— Luta, então?
— Luto!
Olhou-a de frente:
— Será vencida.
— Bem sei. É o que sucede sempre; mas não importa. Lutamos.

Sob a sua máscara de frieza, sorriam-lhe os olhos num desafio. Os olhos azuis do outro cruzaram-se com eles, num choque. Anita traíra-se.

Filipe era um violento. A violência era uma modalidade do seu carácter. Usava-a tanto na sua clínica, nos seus diagnósticos fulminantes e na segurança da sua mão, na sala de operações, como nos actos da sua vida e nas suas resoluções. Habituado a ler, com um olhar, até ao fundo dos corpos, desvendou, acto contínuo, completamente Anita: as suas paixões, o seu orgulho e as suas perturbações, o seu temperamento e a sua natureza forte. Anita sentiu-se descoberta. De elmo descido, viseira baixa, enraivecida de despeito, só deu, depois, aos olhares do seu adversário a sua armadura gélida.

Pelo aperto do coração, percebia agora que o inimigo estava ali. O inimigo? Sim, o amor... (Ah, a palavra banal, tão longe da sua força cruel!...) Ao brusco despertar do interesse que tinha percebido nele, opôs uma rigidez irónica, que mal velava a sua animosidade. Era acabar de se trair. Sentia-se demasiado verdadeira, demasiado apaixonada. Não podia fingir. A sua animosidade mostrava-a até ao profundo do seu ser. Filipe era o único a ver, e não tentou, sequer, reanimar a conversação. Já sabia bastante a respeito dela.

Com um ar despreocupado, contava à assistência uma daquelas histórias amargas e engraçadas, tiradas da sua rude experiência, e media com o olhar aquela de quem ia apoderar-se. Nenhum dos assistentes dera por nada. Os Mouton-Chevaliers verificavam, com mágoa, que Anita e Filipe não sim-

patizavam um com o outro: entre aqueles dois temperamentos não havia nada de comum. Na verdade, ao reunirem Anita com os Villards, só tinham pensado em aproximá-la da sr.ª Villard: «eram feitas uma para a outra». Por esse lado, tiveram o prazer de ver que não se tinham enganado.

Noémia Villard era uma deliciosa crioula, de ossatura fina, carne tenra e doirada como a dos pombos assados, olhos de corça, um nariz delicado, faces magras, com uma boquinha que avançava para apreender; seios jovens, pequeninos e puros, mostrados generosamente, os braços frágeis, a cintura esbelta, o pé pequeno, os membros esguios. Adoptara o papel das mulheres-crianças, com arrebatamentos, langores, entusiasmos, risos, lágrimas e palavras ciciantes. Parecia uma criatura frágil, expansiva, sensível e não muito inteligente. Era, porém, o contrário de tudo isso.

Cerebral e sensual, seca e apaixonada, observava tudo, calculava tudo, infatigável, indomável, frágil, sim, mas como o vime que verga e — pim! — vergasta. Feita de pedra e cal, sob um esmalte friável (só ela poderia dizer o que custa em energia manter esse delicado verniz). Quanto a inteligência, tinha-a para dar e vender; mas só a empregava no único alvo que lhe interessava: o marido, que possuía ciumentamente. Tinha sido, dos dois lados, um casamento de paixão da cabeça e dos sentidos: volúpia e vaidade. A decisão de Noémia antecipara-se até à escolha de Filipe, e à sua atenção.

Aquele homem que, seguindo o exemplo doutros ilustres confrades parisienses, levava, com igual ardor, uma esmagadora actividade profissional e uma vida mundana sem descanso, tivera tempo de «fazer», como se costuma dizer, numerosas paixões. A sua reputação vitoriosa contribuira muito para o amor louco e o decidido desejo que Noémia concebeu de se apoderar dele, mas para si só, e de o conservar. Filipe não se preocupava com a inteligência das

mulheres. Gostava delas bem feitas, sadias, elegantes e parvas. Costumava dizer que uma mulher nunca é bastante tola. Noémia não o era nada; mas não fazia mal! Uma mulher que quer apoderar-se dum homem pode fazer, ao espelho, o espírito, tanto como os olhos de que ele gosta. Embriagou Filipe com a sua carne jovem e a sua idolatria. Absorveu-o gulosamente.

Não é, contudo, uma sinecura a carreira de amorosa. É preciso empregar uma espécie de génio. Nunca há descanso! Filipe, após um longo período de servidão sensual, começava a fatigar-se. Noémia, maravilhosamente dotada para apreender no íntimo de seu marido os menores indícios de mudança de vento, estava sempre de sobreaviso. Sem que Filipe desse por isso, sempre numa expectativa ciumenta, Noémia sabia, com um movimento brusco, afastar o perigo, e, pelo atractivo dos sentidos e do seu espírito astuto, voltava a prender na sua rede o homem prestes a escapar-lhe. Ao princípio foi um divertimento; não o foi, porém, por muito tempo.

Ainda mais do que a Filipe, tinha de se vigiar a si, estar sempre atenta, sempre pronta a reparar os estragos imprevistos dos minutos pérfidos, o desgaste infalível dos anos. Noémia já não estava em toda a sua frescura; a delicadeza dos traços transformava-se em secura, o colo tornava-se espesso e a linha elegante do pescoço estava ameaçada. O artifício acudia em socorro da obra-prima em perigo e acrescentava-lhe até alguns encantos. Que tensão, porém, não era precisa! O mínimo momento de abandono poderia revelar o segredo ao olhar perscrutante do senhor, que não o esqueceria mais. Não deveria nunca deixar-se surpreender, de imprevisto!

Que tragédia, certa manhã, em que um dos minúsculos incisivos superiores se partiu! Noémia ficara, mais de metade do dia, invisível, oculta em casa do dentista, sem que, ao vê-la regressar, a exibir um sorriso impecável, Filipe tivesse outras sus-

peitas além das do ciúme... (isso porém é menos terrível do que um dente partido!...) Era preciso jogar um jogo firme. Filipe não era um desses maridos que se podem fàcilmente enganar acerca da qualidade da mercadoria. Era um observador profissional. Noémia sentia sempre apertar-se-lhe o coração quando ele pousava nela um daqueles olhares «raio X» (como ela dizia, a rir, para disfarçar), que eram como se tivesse de se submeter a uma inspecção médica. Perguntava a si própria: «Verá ele?...» Via; mas não o mostrava.

O artifício em Noémia parecia-lhe fazer parte da natureza dela; desde que o efeito lhe agradasse, achava tudo bem. Cuidado, porém, no dia em que o efeito falhasse! Noémia não podia nunca dormir sobre os louros colhidos. Tinha de os ganhar de novo, todos os dias. Era-lhe interdito parecer preocupada. Para agradar ao senhor, devia mostrar-se sempre alegre, jovem, radiosa. Por vezes, isso tornava-se fatigante. Em certos momentos de lassidão, quando sabia que não a viam, estendia-se num divã, uma ruga funda entre os olhos, um sorriso crispado que sangrava nos seus lábios carminados... Esses acessos de fraqueza não duravam, contudo, mais de um ou dois minutos. Era preciso continuar a representar e continuava.

Jovem, alegre, radiosa... por que não? Era-o; tinha-o. Não o deixaria escapar... Depois, contra um tirano, sem o qual não se pode passar e que abusa, há vinganças... Basta! Tinha os seus segredos... Falaremos nisso depois... Por agora, ria, e não ùnicamente com a boca; estava satisfeita, consigo e com ele, senhora de si, tinha-o na mão! Naturalmente, foi nesse momento que ele se lhe escapou... Foi em vão todo o seu talento! Tantos cuidados, inúteis! Vem sempre uma altura em que a atenção afrouxa. O próprio Argos dormiu. O animal enjaulado, o coração do amante preso, retoma a sua liberdade. Por uma desas aberrações em que se apraz a natu-

reza (a astuta medianeira lucra com isso) Noémia, por uma vez, viu sem desconfiança uma mulher e essa mulher era Anita.

Vivia na enganadora convicção de que Filipe detestava as mulheres intelectuais. Anita, portanto, seria a última àcerca da qual pudesse alimentar suspeitas. Segundo o retrato físico das suas rivais passadas e segundo o seu próprio, Noémia criara a imagem daquela que lhe poderia roubar o marido. Via-a pequenina, como ela, morena, certamente bonita, fina, elegante, capaz de tirar partido das suas vantagens. Filipe emitia a opinião humorística de que a mulher, visto ser exclusivamente feita para uso do homem, devia, na vida moderna, ser uma espécie de móvel de casa, muito bem arranjado, mas fácil de manejar, e que, sem ocupar muito espaço, mobilasse agradàvelmente a sala e o quarto de dormir. Não gostava das grandes mulheres e importava-se mais com a graça do que com a beleza.

Quanto às qualidades de espírito, dizia que, quando tinha necessidade disso, o encontrava nos homens, e que o único espírito que exigia à mulher era o «espírito de corpo». Noémia não o contradizia: correspondia a esse retrato. Anita não correspondia em nada. Alta e forte, duma beleza pesada, em repouso, quando nada a animava, e (quando não o queria) sem graciosidade, Juno-vitela sonolenta num prado, Noémia julgava-a tranquilizadora. O facto de Anita se mostrar glacial com Filipe aumentava-lhe a simpatia por ela. Por seu lado, Anita, muito sensível à graça feminina e inclinada a gostar de tudo que não se parecia consigo, ficou seduzida por Noémia; ao conversar com ela, demonstrou que também tinha, quando queria, um sorriso encantador.

Filipe não perdeu nada disso; e o seu entusiasmo nascente atiçou-se por aquela mulher de duas máscaras, uma das quais não era para ele... (Não era para ele?... O amor que se repele conhece os caminhos para entrar na praça onde o expulsam!...)

Ao mesmo tempo em que Anita proibia a Filipe perscrutar o seu pensamento e se entrincheirava por detrás da mais detestável das suas aparências, não lhe desagradava que ele visse, por cima do muro, o seu aspecto mais cativante... Sim, ele bem o tinha visto. Do outro lado da sala, enquanto expunha aos donos da casa uma recente experiência, observava sua mulher, que estava a trabalhar para ele.

Anita e Noémia prodigalizavam uma à outra todas as gentilezas, de que Noémia tinha sempre grande provisão. Isso inspirava a Anita um sentimento complexo a que a preocupação de Filipe não era estranha. O seu ouvido acompanhava, do outro lado da sala, aquela voz cortante que se sabia escutada... Odiava-o, odiava-o... Ele era o mais profundo da sua natureza reprimida — que queria reprimir — o mau e o forte: o duro orgulho imperioso, a necessidade de dominar, as exigências da vontade, as da inteligência e também do corpo sensual e violento, a paixão sem amor, mais forte que o amor. Como odiava em si essa fauna da alma, odiava-a nele. Era, porém, travar um combate desigual. Eram dois contra ela; ele e ela própria.

FILIPE VILLARD provinha da pequena burguesia do Franco-Condado. O pai tinha uma imprensa numa cidadezinha e, activo, mexido, audacioso, possuía, ao mesmo tempo, a energia e a falta de escrúpulos necessárias para triunfar numa cena mais vasta; mas não triunfou, porque, para isso, há uma linha de audácia que é preciso atingir e não ultrapassar e que ele ultrapassava sempre. Gerente duma folheca local, que navegava nas águas turvas da política, republicano gambettista, anti-clerical façanhudo, grande manipulador de eleições, duma vez carregou na nota das difamações e

chantagens autorizadas pela lei (não! o uso) e, condenado, abandonado por aqueles a quem servira, ainda por cima doente, viu-se arruinado, a tipografia vendida e com todos os ódios locais desaçaimados, desde que não tinha já meios de se tornar útil ou temido.

Debateu-se, então, furiosamente, como uma fera, contra a doença, a miséria e a maldade. Como a exasperação piorava o seu estado, rebentou, a exalar até ao último alento o seu rancor implacável contra a traição dos seus antigos companheiros. O filho tinha dez anos; e não perdeu nenhuma dessas impressões. A mãe, altiva camponesa dos planaltos jurassianos, habituada a lutar com o solo ingrato que o vento áspero morde, serviu como mulher a dias, lavadeira no rio, fez os mais rudes trabalhos, sólida como um animal de carga de Perche, a derrubar o trabalho com os seus quatro membros e a sua carcaça de ferro, ávida a ganhar, mas honesta, proba, dura para consigo e apertada.

Era temida e procurada; uma língua temível, que sabia conter; não se ignorava que era senhora, depois da morte do marido, de muitos segredos de famílias. Não fazia uso deles, mas tinha-os. Era mais prudente pagar-lhe os serviços do que não fazer caso dela. Sem escrúpulo de espírito e rigorosa na acção, um fogo sombrio (naquela raça, a Espanha deixou muito do seu sangue) uma paixão de energia sem limites, que, misturada à desconfiança gaulesa, não acredita em nada e procede como se a salvação ou a perdição fossem o mesmo.

Só gostava do filho. Feroz maneira de amar! Não lhe ocultava nada do que calava para os outros. Tratava-o como a um sócio. Ambiciosa apenas por causa dele, sacrificava-se, e ele devia sacrificar-se. A quem? À *sua* vingança. (*Sua?* Sim, a de ambos, a do filho e a da mãe eram a mesma!) Nenhuma ternura, nenhuns mimos, sobretudo nada de lamentações!... «Priva-te! Regalar-te-ás mais tar-

de...» Quando o rapaz chegava da escola (sabe Deus com que esforços de trabalho e de diplomacia obteve para ele uma bolsa de estudo no colégio da cidade, e depois no liceu do departamento!), quando ele voltava, batido e humilhado pelos burguesinhos, herdeiros imprudentes da malevolência oculta dos pais, dizia-lhe:

— Sê mais forte do que eles! Mais tarde, beijar-te-ão os pés. — Acrescentava: — Conta só contigo! Não esperes nada de ninguém!

Não contou com ninguém; e depressa fez ver que tinham de contar com ele. A mãe conseguiu manter-se agarrada à vida até que, terminados os brilhantes estudos do filho, este fez, em Paris, as suas primeiras matrículas em Medicina. Estava em vésperas de exame, quando ela adoeceu, com queixa do peito. Não quis que o incomodassem, antes de ter acabado o exame. Morreu sem o tornar a ver. Na sua rude caligrafia, torcida como as gavinhas na Primavera, com todos os pontos e acentos bem marcados no seu lugar, escreveu numa folha em branco, cuidadosamente separada duma carta do filho, para poupar papel: «Vou-me embora. Meu rapaz, aguenta-te firme, não te deixes ir abaixo!»

Filipe não se deixara ir abaixo. Voltara à terra para enterrar a mãe e encontrou em casa uma pequena quantia, poupada por ela dia a dia, que lhe permitiu manter-se ainda durante um ano. Depois, reduzido aos seus próprios meios, passava metade dos seus dias, e às vezes das noites, a ganhar o que a outra metade exigia para subsistir. Aceitava todas as tarefas. Fez dissecações para um empalhador, foi modelo dum escultor, criado supranumerário aos domingos num café dos arredores, ou no sábado à tarde nos restaurantes. Sucedeu-lhe até, num Inverno, em certa manhã de fome, ser admitido como auxiliar dos serviços de limpeza das ruas, para varrer a neve.

Não hesitou nunca em recorrer aos pedidos im-

pudentes, aos socorros caridosos, aos empréstimos humilhantes, que não se podem pagar e dão direito a certas criaturas, por uma moeda de cem soldos, a tratar quem a pede sem nenhuma atenção... (Irra! Não se arriscariam duas vezes a suportar o seu olhar!» Como não podiam, porém, pagar-se com desprezo, pagavam-se com ódio; e prudentemente, pelas costas, insultavam-no). Chegou a receber, durante alguns meses de trabalho intenso, o dinheiro que lhe oferecia uma rapariga do bairro. Não se envergonhava disso, porque não era para ele (matava-se com privações) era para o êxito. Necessidades, sem dúvida, tinha-as! Quereria abarcar tudo, mas continha-se. Mais tarde. Era preciso vencer, primeiro. Para vencer, é preciso viver. Viver de qualquer maneira. A vitória lava tudo. Devia alcançá-la. Sentia-se um homem de génio.

Despertava a atenção dos mestres e dos camaradas. Confiavam-lhe trabalhos, que, após leves retoques, eram assinados por homens que tinham triunfado. Deixava-se explorar, para conquistar direitos sobre aqueles que impediam a entrada aos recém-chegados. Não tinham muita pressa em deixá-lo entrar. Estimavam-no. A estima é uma moeda que dispensa as outras. Apreciavam-no, pudera! Com isso não engorda ninguém. A despeito da sua solidez jurassiana, estava prestes a sucumbir de fadiga e subalimentação, quando Solange o encontrou.

Fora numa das numerosas obras de beneficência, que ela patrocinava com uma generosidade sincera e intermitente, de coração e de dinheiro: uma clínica de crianças. Solange viu lá Filipe devotar-se com frenesi — o frenesi que tinha de vencer onde quer que houvesse uma possibilidade — à cabeceira de doentinhos que pareciam condenados. Passava lá as noites, e saía desses combates com um ar acabrunhado, extenuado; mas os olhos chamejavam-lhe de febre e de génio. Quando vencia, chegava

a parecer belo e mostrava-se mais do que bom junto do pequenino paciente a quem acabava de salvar. Gostava dele? É possível; mas não é certo... Contudo, face a face com o mal, a última palavra fora sua!

Solange, quando soube da situação de Filipe, passou por uma destas crises de «patetismo» periódico, em que todo o seu horizonte estava ocupado por um único objecto. Se queria aproveitar isso, não podia perder tempo; Filipe nunca o perdeu. Esse homem prestes a afogar-se agarrou-se à mão que se estendia para ele. Tomou também, ao mesmo tempo, o braço, e teria tomado o resto, se não tivesse percebido que Solange, nos seus arrebatamentos, não incluía a ideia de relações amorosas. Gostava de se exaltar, mas de forma que isso não perturbasse em nada a sua tranquilidade. Filipe nunca vira uma mulher interessar-se por ele, sem encontrar nisso também um interesse.

A boa Solange encontrava o seu prazer nela própria. Só pedia aos outros que não a contrariassem no conceito que de si própria tinha. No fundo, não se importava muito com conhecê-los. Afastava da sua vista tudo que, na outra pessoa, poderia desagradar, sob o pretexto de que isso não era «o seu verdadeiro carácter»; só considerava como verdadeiro aquilo que se parecia consigo. Conseguia assim construir um universo todo composto de boas pesosas anódinas, como ela. Filipe deixou-a proceder com um certo desprezo e um certo respeito. Não gostava dos tolos e considerava como tais os que não viam o mundo tal como era; mas uma bondade que pratica o bem de que fala não era para ele um espectáculo comum. Sejam quais forem os valores intelectuais ou morais, o essencial é que *valham*.

A bondade de Solange não era fictícia. Desde que soube das dificuldades e da actividade de Filipe, fixou-lhe uma pensão; até que tivesse terminado os

seus exames, procurou dar-lhe as possibilidades de trabalhar em paz. Fez mais: empregou as suas muitas relações de modo a fazer interessar-se por Filipe um dos mestres influentes da Faculdade (homem avisado, que não deixara de notar o valor inquietante daquele lobacho faminto) ou, então, fora para o seu interesse não ficar confinado *intus et in cute* e poder mostrar-se em plena luz. Finalmente, foi ela que, ao pô-lo em contacto com um rei dos azeites da América, desejoso de se imortalizar por procuração, lhe abriu a entrada ampla da fama, do outro lado do oceano, para as suas audaciosas proezas dum Palace-hospital do faraó.

É certo ter sucedido, no decurso dos anos de prova, Solange esquecer totalmente o seu protegido durante alguns meses e a pensão prometida acabar por distracção. Toda a sua boa vontade não consegue fazer que os ricos compreendam ser preciso, sempre, pensar em dinheiro. O dinheiro é uma preocupação de pobres. Solange mandava a Filipe bilhetes de entrada em concertos. Para lembrar a essa mulher encantadora, no seu camarote do teatro, a pensão em atraso, seria preciso ter perdido toda a vergonha. Filipe tinha-a perdido, pois às vezes não encontrava com que pagar uma refeição durante todo o dia. Solange mostrava, então, grandes olhos de surpresa:

— Como?... Ah! Querido amigo, como sou esquecida!... Logo que chegue a casa...

Prometia, mas esquecia ainda durante um dia ou dois. E enviava por fim, a desculpar-se o mais gentilmente possível. Filipe, enraivecido pela espera e pela humilhação, jurava que na próxima vez preferiria rebentar a voltar a pedir-lhe mais nada. Rebentar, porém, é bom para aqueles que não têm necessidade de viver e ele tinha-a... Voltaria a pedir, tantas vezes quantas fossem precisas... Solange não lhe levava isso a mal. Se se esquecia tão frequentemente («tinha tanto em que pensar!...»),

quando lho lembravam, sentia sempre o mesmo prazer em dar...

Que singulares relações as desse homem, jovem ardente, esfaimado de todos os bens da terra, com aquela mulher, pouco mais velha do que ele, elegante, bonita, doce, boa de trincar, que se viram os dois a sós, durante anos, sem nada de equívoco se insinuar na sua amizade! A tranquila Solange aconselhava maternalmente Filipe acerca do seu vestuário, dos pequenos problemas da vida de sociedade e da vida prática. O orgulho de Filipe não se envergonhava de receber ou pedir conselhos, até de se abrir, de contar as suas ambições e as suas decepções. Podia fazê-lo sem receio. Solange não percebia nada, nada de mal, nada de real. Que importava! Ouvia-o e dizia-lhe depois, com um bom sorriso:

— Quer meter-me medo, mas não o acredito.

Só acreditava no que não era verdadeiro. Aquele homem, implacável para todas as mediocridades, só abriu uma excepção, em toda a sua vida: para Solange. Abstinha-se de a julgar. Precedido duma reputação à americana, ruidosa, mas sólida e baseada em realidades indiscutíveis, regressara a Paris, havia sete ou oito anos. O apoio do seu cornaca, a rebocar na cola dos dólares insolentes as protecções oficiais, abrira-lhe caminho, a despeito da tripla barreira da rotina, da inveja e dos justos direitos daqueles que havia muito tempo esperavam vez para entrar. Justos ou não, passou-lhes por cima, a todos. Filipe não teria suportado honras e vantagens que não fossem merecidas; mas, desde que eram merecidas, não se importava com os meios para as alcançar.

Desprezava demasiado os homens para não aproveitar, quando isso era necessário, as suas desprezíveis armas, a fim de os traspassar com elas. Não negligenciou os reclamos da imprensa, próprios para ferir os ouvidos como os instrumentos metálicos que acompanhavam, outrora, nos tablados das aldeias, os arrancadores de dentes. Foi o homem das exi-

bições mundanas, das *premières*, dos *vernissages*, dos espectáculos de gala. Prestou-se às entrevistas sensacionais. Ele próprio escrevia (nunca se é tão bem servido como por si próprio), e, por um ou dois exemplos, mostrou aos seus contraditores que manejava com tanta facilidade a pena como o bisturi. Aviso aos amadores!... Nada de equívocos! A sua maneira de estender a mão queria dizer: «Aliança ou guerra?» Não deixava meio de se escaparem pela neutralidade.

Ao mesmo tempo, tinha um trabalho sem tréguas, não se poupava a si como não poupava os outros, indiferente ante os riscos, com resultados espantosos, impossíveis de negar, que faziam dos seus internos, no hospital que dirigia, partidários entusiastas; comunicações temerárias à Academia, que provocavam a incredulidade exasperada dos espíritos sensatos, que não gostavam de ser sacudidos; pugnas homéricas, de que saía quase sempre com a palavra decisiva e sempre com a última palavra.

Afugentava toda a timidez. Nenhuma consideração pelos indivíduos, quando o interesse da ciência ou da humanidade lhe parecia estar em causa! Queria fazer experiências nos criminosos, suprimir os monstros, castrar os anormais, realizar ensaios heróicos na carne viva. Detestava a sentimentalidade. Não se apiedava dos seus pacientes e não lhes permitia lamentações. Os seus gemidos não lhe interessavam. Onde podia, porém, salvar, salvava, rudemente; cortava ao vivo para curar o vivente. Duro de coração, mas de mãos doces. Temiam-no e procuravam-no. Tributava os ricos e não pedia nada aos pobres.

Vivia largamente e tomara o gosto pelo luxo que, aliás, podia, dum dia para o outro e sem custo, atirar fora por completo (mas esta vida, desde que a temos, é preferível gozá-la totalmente!) Sua mulher fazia parte do seu luxo. Gozava dum e doutra, e não lhes pedia aquilo que não lhes podiam dar. Não exigia de

Noémia que compartilhasse dos seus pensamentos, nem lhos comunicava. Noémia não se importava com isso: se tinha o resto, guardava, portanto — supunha — a melhor parte. Filipe decidira que, em todo o caso, era essa a que se devia dar às mulheres. Uma mulher que pensa é um objecto incómodo.

Por que foi, então, conquistado imediatamente por Anita? Por se parecer com ela. Por aquilo que lhe era semelhante da Anita daquele tempo e que só ele podia ver. Ao cruzarem as lâminas dos seus primeiros olhares, ao choque das suas primeiras réplicas, ferro contra ferro, disse: «Vê esta gente como eu. É da minha raça». Da sua raça? Não parecia, a julgar pelas aparências: Anita decaíra duma esfera social a que Filipe se tinha alcandorado, a pulso; encontravam-se num degrau da mesma escada.

Nesse momento, porém, estavam a par; sentiam-se ambos estranhos àquela sociedade, adversários dela, ambos como se fossem duma outra raça, outrora senhora do mundo, agora desapossada, dispersa pela terra, quase prestes a desaparecer. Quem conhece, afinal, os mistérios das raças e suas vicissitudes, esta mistura milenária em que, segundo parece, a humanidade se encaminha para o triunfo final da mediocridade?... Há, contudo, sobressaltos; por vezes, o antigo senhor do solo retoma, por um dia, os seus bens. Fosse dos seus bens ou não, Filipe reinvindicava uma parte para si. Por isso acabava de se apossar de Anita.

QUANDO Anita voltou para casa, de cabeça baixa, pesada, deitou-se sem dizer uma palavra. Procurava estabelecer o vácuo dentro de si; mas não adormeceu. Era preciso estar à espreita, para afastar uma imagem; desde que começava a

sentir-se presa duma certa sonolência, a imagem surgia. Para a esquecer, tentou pensar nas suas preocupações quotidianas: elas, porém, não conseguiam prender-lhe a atenção. Apelou, então, a fim de repelir a invasão ameaçadora, para um aliado que receava habitualmente evocar, por lhe recordar muitas inquietações passadas: Juliano e o mundo de pensamentos que à volta do nome amado, mais fictício do que real, a saudade e o sonho tinham reunido. Reapareceram, durante um momento, mas caíram gelados.

Obstinou-se em recuperá-los à força. Só tinha nas mãos um ramo fanado. Uma réstea de sol bebera-lhes a seiva. Ao pretender reanimá-los, Anita, com as suas mãos febris, acabava de os crestar. Agitava-se, inquieta, voltando e tornando a voltar a almofada. Era, contudo, preciso dormir, para trabalhar no dia seguinte. Tomou um comprimido e caíu no esquecimento. Quando, porém, três ou quatro horas depois, despertou, a preocupação mantinha-se; parecia até que, durante o sono, não a abandonara.

No dia imediato e naqueles que se seguiram, a sua perturbação persistiu. Ia e vinha, dava lições, falava, ria, como de costume. A máquina bem montada continuava a trabalhar por si. A alma, porém, estava inquieta. Num dia cinzento, ao atravessar Paris, de repente, tudo se esclareceu... No outro lado da rua, Filipe Villard passava... Voltou para casa cheia de alegria. Ao decidir-se a compreender as causas dessa alegria, ficou aterrada. Foi como se tivesse descoberto um cancro na sua carne!... Mais uma vez, caíra na armadilha! O amor?

O amor por um homem que seria para ela mais uma causa de sofrimentos inúteis, um homem que não conhecia, mas que sabia ser perigoso, sem bondade, um homem que não lhe pertencia, que pertencia a outra, um homem a quem não amava, visto amar um outro! Um outro? Sim, Juliano,

amá-lo-ia sempre. Pois bem, se o amava, poderia amar outro? Amava-o, sim... Como podia o coração dar-se a dois seres ao mesmo tempo? Dar-se integralmente a cada um deles, sem partilhas! Porque, quando se dava, o coração de Anita dava-se completamente... Tinha a sensação de se prostituir. Certo, dar o seu corpo parecia-lhe menos vergonhoso do que dar o seu coração a dois amores ao mesmo tempo. Não era sincera, leal para consigo própria? Justamente. Não sabia que tinha mais de um coração, que era mais de um ser.

Na floresta da alma coexistem renques de pensamentos, brenhas de desejos, vinte essências diferentes. Ordinàriamente, não as distinguimos: estão adormecidas. Quando passa, porém, o vento, os ramos batem uns contra os outros... O choque das paixões havia já muito tempo que revelara a Anita a sua multiplicidade. Era, ao mesmo tempo, a mulher escrava do dever e dum orgulho apaixonado, a mãe devotada, a amante apaixonada — a amante?... — as amantes... a floresta sob a rajada a erguer todos os seus braços para diversos pontos do céu...

Anita, porém, humilhada até ao acabrunhamento por essa força que dispunha dela sem a sua adesão, pensava: «Para que serve querer e lutar, durante anos, se basta um instante para derrubar tudo? Donde vem, então, esta força?» Repudiava-a, com furor, como se lhe fosse estranha. Não reconhecia nela a sua própria substância? Ah! Isso era o que a acabrunhava mais. Como evadir-se de si própria? Não era mulher para se curvar passivamente ante uma fatalidade interior, que desprezava. Decidiu sufocar um sentimento que a mortificava. Ajudada pelo seu trabalho, tê-la-ia conseguido, sem Noémia.

Recebeu uma carta com a grande letra daquela pessoa pequenina, que estudara a elegância caligráfica mundana, sem lhe conseguir disfarçar a seca

decisão. Eram algumas linhas amáveis, a convidá-la para jantar. Anita desculpou-se com as suas ocupações. Noémia voltou à carga. Exprimiu então o desejo caloroso de a voltar a ver e deixava à sua escolha o dia. Anita, decidida a não se defrontar com o perigo que pressentia, declinou de novo o convite, a pretexto da sua extrema fadiga ao chegar ao fim do dia. Considerava-se assim desquitada; mas o pequenino Pândaro, que, nas suas horas de aborrecimento e de malícia, é uma das mil formas do Amor, não deixou que Noémia repousasse enquanto não introduziu Anita no redil.

Anita, uma tarde, ao regressar das suas lições, quando ia preparar o jantar (é sempre a hora que escolhem os desocupados para fazer as suas visitas), viu aparecer Noémia, que a ciciar, lhe assegurava uma eterna amizade. Anita, aborrecida por se mostrar numa situação desfavorável, mas, a despeito disso, seduzida pela ternura daquela que, apesar de tudo, amava por ser um reflexo do «outro», resistiu às instâncias e recusou o jantar. Prometeu a sua visita, mas depois de saber, discretamente, das horas em que poderia encontrar Noémia sòzinha.

Noémia notou o cuidado que Anita punha em evitar Filipe; interpretou isso por timidez e falta de simpatia, o que lhe fez aumentar a sua. No regresso a casa, cometeu a imprudente tagarelice de contar a sua visita a Filipe, e insistiu com a encantadora perfídia das melhores amigas, em tudo aquilo que, na sua opinião, podia contribuir para depreciar uma mulher aos olhos de Filipe: a falta de comodidades, a desordem, o cheiro a tinta e a cozinha, em suma, uma Anita cozinheira. Filipe, que conhecia a corajosa história de Anita e conhecia ainda melhor o cheiro da pobreza, fez reflexões diferentes das esperadas por sua mulher; mas essas guardou-as para si.

Não foi, portanto, inteiramente por acaso que, poucos dias depois, Anita, ao sair de casa de Noé-

mia, encontrou na rua Filipe, que regressava ao lar. Como não a procurara, julgou que lhe era permitido não combater a secreta alegria que o encontro lhe causava. Trocaram algumas palavras. Enquanto estavam parados a conversar, passou uma mulher que Filipe cumprimentou e a quem Anita reconheceu. Era a inteligente actriz que desempenhava, então, o papel de Maslowa. Anita simpatizava com ela e a sua simpatia lia-se-lhe no olhar. Filipe perguntou:

— Conhece-a?

— Vi-a em «Ressurreição».

— Ah! — fez ele, com ar desdenhoso.

Anita surpreendeu-se:

— Não gosta da sua interpretação?

— Não é a sua interpretação que está em causa.

— É, então, a peça? Não gosta dela?

— Não! — respondeu Filipe.

Acrescentou, ao ver a curiosidade de Anita por conhecer as suas razões:

— Posso acompanhá-la, quer? É um tanto sem cerimónia; mas as cerimónias não foram feitas para nós.

Puseram-se a andar lado a lado. Anita, aborrecida e lisonjeada; Filipe falava da peça, numa mistura de animosidade e bom humor, como o próprio Tolstoi (estranha coincidência!) costumava fazer daqueles de quem não gostava. Interrompeu-se, divertido com a sua severidade:

— Não sou justo... Quando vejo uma obra, vejo aqueles que a vêem, vejo-a nas suas meninges; e o espectáculo não é agradável.

— É, em alguns, — disse Anita.

— Sim, há alguns que têm o dom de embelezar as misérias do mundo. Isso dispensa-os de as remediar. Esses bons idealistas passam horas muito agradáveis com os infortúnios dos outros, o que para eles é um motivo de comoções artísticas ou caridosas muito repousantes; mas preparam ainda outras

melhores aos piratas que os exploram. A sua sentimentalidade cobre com a sua bandeira as ligas patrióticas ou de repopulação, os lançamentos de emissões, as guerras coloniais e outras filantropias...

«É a época da lágrima no olho!... E não há outra mais seca e mais interesseira! A época do bom patrão (leu Pierre Hamp?) que faz construir, junto da fábrica, a igreja, a taberna, o hospital e o bordel... Dividem a sua vida em duas partes: uma de discursos acerca da civilização, o progresso, a democracia; outra de exploração e destruição sórdida de todo o futuro do mundo, de envenenamento da raça, de aniquilamento das outras raças da Ásia e da África... Depois disso, vão enternecer-se com a Maslowa e dormir a sesta ao som das brandas harmonias de Debussy... Cuidado com o despertar! Acumulam-se ódios ferozes. A catástrofe aproxima-se... Tanto melhor! A sua porca medicina só trata de conservar as doenças; é preciso recorrer à cirurgia.

— O doente escapará?

— Suprimo a doença; pouco me importa o doente!

Era um dos seus ditos. Anita sorriu. Filipe deitou-lhe um olhar de lado:

— Isto não lhe mete medo?

— Não estou doente, — respondeu Anita.

Filipe parou para a fitar.

— Não, não está doente. Respira-se a seu lado um odor de saúde... Isso compensa-me das minhas infecções físicas e morais! As últimas são as piores... Desculpe a minha diatribe! Acabo, porém, de sair duma reunião, duma disputa com um bando de tartufos, sobre a manutenção oficial das doenças, ou seja a Higiene. Estava cheio de cólera, sentia-me sufocar de raiva; e, quando a vi, os seus olhos claros, o seu andar seguro, tudo que há em si de altivo e sadio, quis egoìstamente respirar-lhe um bocado de ar. Aí tem! Já estou melhor. Obrigado!

— Eis-me então promovida a médico! Depois de quanto acaba de dizer deles...

— Médico, não. Medicina. Oxigénio.

— Tem uma maneira de tratar as pessoas!...

— É assim que as classifico: inspiração, expiração; as que renovam e as que matam, aquelas que é preciso matar.

— A quem quer matar mais?

— *Mais!...* — acentuou Filipe. — Acha que me bastam os meus doentes?

— Não, não! Disse isso sem querer — proferiu Anita a rir. — É o velho sangue clássico... Queria perguntar-lhe com quem estava zangado quando o encontrei.

— Preferia esquecê-lo, agora que estou a seu lado. Em duas palavras: trata-se dum quarteirão de casas insalubres, onde, desde o rei porcalhão, o Henrique da galinha-na-panela (*), se cultiva o cancro e a tuberculose. Rendimento garantido: nos últimos vinte anos, deu 80 %. Levei o caso à Comissão de Higiene, exigi medidas radicais: a expropriação e a demolição. Parecia estarem de acordo e disseram-me que redigisse um relatório. Feito o relatório, chego e encontro os oráculos virados do avesso... «Relatório impressionante, querido e eminente colega, belo documento, temos de ver isso; veremos; mas esses mortos morreram, realmente, em suas casas, morreram, na verdade, em consequência delas?...»

«Um deles apareceu-me com atestados (confeccionados como?) a estabelecer, com a cumplicidade de famílias compradas pelo senhorio, que o defunto já tinha obtido o seu bilhete de enterramento quando se instalou na sala de espera, ou então que

(*) Referência a Henrique IV, que, para conquistar a simpatia do povo de Paris, prometeu aos parisienses terem sempre galinha às refeições — *N. do T.*

o tumor fora consequência dum acidente. Outro combateu a ideia de que as casas velhas sejam menos sadias do que as novas. Disse que eram mais vastas e mais arejadas, dando como exemplo a sua... Sanear, mas destruir não; nada de excessos; basta uma boa lavagem; o senhorio compromete-se a mandar desinfectar... Além disso, somos pobres, não temos nada nas algibeiras, não há dinheiro para uma expropriação... Ah! Se se tratasse de construir um novo canhão!...

«Ao cabo, o cancro mata muito melhor do que um canhão. Para completar a farsa, um dos áugures pôs-se a falar de beleza. Parece que os tais pardieiros datam do tempo do Verde-Porco (*) e devem ser conservados em nome da arte e da história!... Também gosto da arte e mostrar-lhe-ei, em minha casa, algumas pinturas belas, antigas e modernas; mas a velhice não é para mim (a menos que não se trate da bela Fulana) uma marca de beleza. Belo ou não, não admito que o passado envenene o presente. De todas as hipocrisias, a hipocrisia estética é a que mais me repugna, porque da secura de sentimentos pretende fazer uma espécie de nobreza. Portanto, nesse capítulo, disse-lhas boas...

«No meio da discussão, um colega fez-me sinal e chamou-me de parte para me dizer: «Então não sabe? O insecto, o necróbio, que se alimenta dos cadáveres dos seus inquilinos, é amigo íntimo do presidente desta grande comissão do comércio e da alimentação que faz eleições e coligações, uma destas «eminências pardas» que reinam nos conventos e nos banquetes democráticos, o homem invisível cujas artes de pedreiro — de pedreiro-livre — atamancam o edifício desconjuntado da nossa República. Ora, esse amigo do povo não quer que desalojem o povo

(*) Alusão ainda a Henrique IV, a quem dão o epíteto de *Vert-Galant* — *N. do T.*

do seu túmulo...». Veja agora o mais bonito, tudo por filantropia...

«No fim, apresentaram-me um abaixo-assinado dos inquilinos, muito bem feito, a protestar contra a pretensão de os mudar de alojamento! Que queria que fizesse contra eles todos? Os áugures riem, diz-se; portanto, também ri. Disse, porém, que não se devia fazer monopólio duma coisa tão engraçada e, como não era egoísta, iria comunicá-la no dia seguinte aos leitores do *Matin*. Protestaram. Farei, porém, como disse. Sei o que me espera: um levante de trolhas. Os da Hipocracia, a quem outrora cardei, não perderão a oportunidade. Têm com que me atirar; mas, como diz: luta, senhora guerrilheira!... Lembra-se, no outro dia, em casa de Solange?... Isto parece diverti-la?

— Sim, é belo e gosto disso, lutar contra a injustiça. Quereria ser homem!

— Não é preciso ser homem. Também lhe coube a sua parte...

— Nunca me lamentei da minha parte na luta, mas da opressão. Combater num subterrâneo é o que toca a todos; mas o senhor é ao ar livre, no alto da montanha.

— Então! Esse bater de narinas! Parece um cavalo que sente o cheiro da pólvora. Conheço isso já; notei-o outro dia.

— Troçou de mim, naquela noite.

— De si, não. Parece-se muito comigo para poder troçar de si.

— Picava-me. Fez-me irritar!

— Sim, vi isso imediatamente... Não me enganara.

— Em todo o caso, ao princípio, mostrou-se tão desdenhoso.

— Palavra que não esperava encontrá-la — encontrá-la a *si*, — em casa de Solange.

— Diga lá: e o senhor? Por que se encontrava lá?

— Eu, é outra coisa.

— É pelo gosto da sentimentalidade?

— Cabe-lhe a vez de fazer troça... Pobre Solange!... Não falemos dela! Sei tudo que pode dizer; mas, Solange é tabu!

Anita não lhe fez perguntas, mas olhou para ele.

— Doutra vez, dir-lhe-ei... Sim, devo-lhe muito...

Tinham parado. Iam separar-se. Anita sorria.

— Não é tão mau como quer parecer...

— Por seu lado, talvez não seja tão boa!

— Pode tirar-se uma média...

Filipe fitou-a nos olhos:

— Quer?

Não estava já a brincar. Uma onda de sangue subiu às faces de Anita. Não encontrou uma palavra para responder. O olhar de Filipe tinha-a e não a largava. Disse-o? Não o disse? Nas seus lábios, Anita leu: «Quero-a...»

Cumprimentou e foi-se embora.

ANITA, ao ficar sòzinha, sentiu-se numa torrente de fogo. Caminhou direita na sua frente; mas dez minutos depois, encontrava-se no mesmo ponto em que o deixara. A andar, tinha dado a volta ao gradeamento do Jardim do Luxemburgo. Acordou a arder, com aquelas palavras de fogo gravadas num fundo negro. Fez um esforço para as apagar... Tinham sido pronunciadas?... Voltou a ver o rosto impassível. Procurava duvidar. A marca, porém, ficara. A sua resistência fraquejou e bruscamente cedeu... Está bem... Estava escrito... Sabia-o antecipadamente... Em vez de se revoltar contra si própria, como teria feito uma hora antes, sentia-se aliviada. A cartada estava jogada...

Entrou em casa com as ideias claras, sem febre, decidida. Sabia que o que Filipe desejava o desejava ela também. Era livre. Nada a detinha... A ideia de Noémia? Mas só lhe devia uma coisa: a verdade. Não mentiria de forma nenhuma. Recuperaria o seu haver... O seu haver? O marido da outra... mas a paixão cega sugeria-lhe que Noémia lho roubara. Não fez nada para abreviar o inevitável. Tinha a certeza de que Filipe iria. Esperou-o.

Filipe foi. Escolhera a hora em que a sabia só. Quando Anita foi abrir a porta, sentiu-se presa de terror. Devia, porém, ser assim. Abriu. Não mostrou nada da sua comoção, a não ser a sua palidez. Filipe entrou no quarto. Ficaram um em frente do outro, a pequena distância, de pé, a cabeça baixa. Filipe fitava-a com os seus olhos sérios. Após um silêncio, disse:

— Gosto de si, Rivière.

Aquele nome de Rivière, na sua boca, evocava uma torrente.

Anita, fremente, imóvel, respondeu:

— Não sei se o amo, não o creio; só sei que sou sua.

O clarão dum sorriso passou pelo rosto grave de Filipe.

— Está bem. Não mente... Nem eu.

Deu um passo para ela. Anita recuou instintivamente e encostou-se à parede do quarto, sem defesa, as palmas das mãos apoiadas contra a parede, as pernas a fraquejar. Filipe deteve-se a contemplá-la.

— Não tema nada! — disse ele.

No seu olhar duro havia ternura. Anita proferiu, como uma vencida, que aceita a derrota com calma e uma ponta de desprezo:

— Que quer de mim? É o meu corpo que quer? Não lho nego; mas é só ele que quer?

Filipe deu mais um passo e sentou-se num tam-

borete, a seus pés. O seu rosto roçava-lhe pelo vestido. Pegou na mão de Anita, que ela lhe abandonou, inerte. Cheirou-a, passeou os lábios pelos dedos, inclinou-se e colocou-a na própria cabeça, nos olhos.

— É isto que quero.

Anita sentia sob os dedos os ásperos cabelos em escova, a saliência da fronte e as fontes a bater. Aquele homem imperioso confiava-se à sua guarda... Inclinou-se para ele. Ergueu-lhe o rosto. Foi esse o primeiro beijo que trocaram.

Os seus braços rodearam Anita, caída de joelhos junto dele e que não resistia, como se estivesse vazia. O violento Filipe não pensava em aproveitar a sua vitória. Disse-lhe:

— Quero tudo. Quero-a toda: amante, amiga, companheira, minha mulher; totalmente.

Anita desenvencilhou-se. A imagem de Noémia surgira. Pouco antes, fora ela quem a banira do seu pensamento. Magoou-a quase que Filipe tivesse feito o mesmo. Movida por essa franco-maçonaria instintiva das mulheres, que, até quando são inimigas, se reconhecem ligadas contra a ofensa — comum — do homem, feita a uma delas, disse, então:

— Não pode ser. Uma outra já o possui.

Filipe encolheu os ombros:

— Não possui nada.

— Tem o seu nome e a sua confiança.

— Que lhe importa o nome, se tem o resto?

— Não é com o nome que me importo; mas com a confiança: dou-a e peço-a.

— Estou pronto a dar-lha.

Anita, que a pedia, quando ele lha ofereceu, revoltou-se:

— Não, não! Iria tirá-la àquela que partilha a sua vida há alguns anos, para a dar a mim, a quem vê pela terceira vez?

— Não tive necessidade de três vezes para a ver.

— Não me conhece.

— Conheço-a. Aprendi a ver depressa, na vida. A vida passa e jamais um momento aparece duas vezes. É preciso querer, imediatamente, ou não querer nunca. Passa, Rivière, se não a seguro, perco-a. Portanto, seguro-a.

— Talvez se engane.

— Talvez. Bem sei, quando queremos, enganamo-nos frequentemente; mas, se não queremos, enganamo-nos sempre. Nunca perdoaria a mim próprio o erro de a ter visto e de não a ter querido.

— Que sabe de mim?

— Mais do que julga. Sei que foi rica e que é pobre, que teve uma juventude cumulada pelas alegrias que a fortuna dá e que, arruinada, foi repelida do seu meio e não fraquejou, lutou. Sei que luta é essa, porque a vivi também, durante trinta anos da minha vida, todos os dias, corpo a corpo; e estive vinte vezes na iminência de sucumbir. Ora, soube aguentar. Eu estava habituado; conhecera a miséria abjecta desde o berço. O seu caso era outro: tinha a pele macia e fora amimada, adulada. No entanto, não cedeu. Não aceitou nenhuma transacção comprometedora. Não procurou fugir ao combate pelo emprego das suas armas de mulher: a sedução ou o simples expediente dum casamento de conveniência.

— Julga que me propuseram muitos?

— Foi porque compreendiam, até os mais tacanhos, que não pertencia ao número daquelas que se compram por contrato.

— Inalienável, sim.

— Sei que, depois de ter amado e concebido, se recusou a ser mulher do pai do seu filho. Não me interessa conhecer os argumentos do seu coração. Só sei que ousou reivindicar, perante uma socie-

dade cobarde, não o direito ao prazer, mas o direito à dor, o direito de ter um filho e de, na sua pobreza, o educar, sòzinha. Já era muito reivindicar esse direito; mas exerce-o, sòzinha, há treze anos. Como sei, pela minha experiência, o que representam treze anos de amarguras e preocupações quotidianas, vejo-a, na minha frente, intacta, direita, altiva, sem um vestígio de fadiga. Escapou às duas derrotas: a da prostração e a da amargura... (Desta não pude eu evitar a marca...).

«Sou um conhecedor da batalha da vida. Sei o que vale a têmpera de um carácter como o seu. Esse sorriso sério, esses olhos claros, a linha calma dessas sobrancelhas, a lealdade dessas mãos, essa tranquila harmonia e, por baixo, o fogo que arde, os frémitos alacres do combate, até quando se é vencido... («Não importa! Batemo-nos...»). Julga que um homem como eu não conhece o preço duma mulher assim? E que, depois de o conhecer, não esteja disposto a tudo para a conquistar?... Rivière, quero-a. Tenho necessidade de si. Ouça: Não procuro enganá-la. Embora queira o seu bem, não é para o seu bem que a quero, mas para o meu. Não são, portanto, vantagens que lhe ofereço. São novas provações... Não conhece a minha vida... Sente-se aqui, a meu lado, minha beldade de fronte severa!...

Sentada no chão, Anita levantou os olhos para ele. Filipe segurava-lhe as mãos e não lhas deixou, enquanto ia dizendo:

— Tenho um nome, tenho o êxito, tenho o dinheiro e aquilo que ele pode dar. Ignora, porém, como tive isso e como o guardo. Arranquei tudo à força. Forcei o meu destino, se há um destino. Cheguei onde cheguei, a despeito das coisas e dos homens. Nunca soube (nem quis) fazer que me perdoassem o meu triunfo, ou curar dos amores próprios feridos e dos interesses calcados à minha passagem. Os caros colegas contavam que, pelo

menos, o êxito seria para mim uma espécie de narcótico. Não sucedeu nada disso.

«Fizeram tudo para me cativar, mas sentem que não sou, que nunca serei, dos seus. Não posso esquecer o que vi do outro lado da barreira: a massa das patifarias e das injustiças. Tive tempo para meditar sobre as mentiras sociais, de que a casta intelectual (a despeito do que ela pretende e do que se espera dela) tem sido o melhor cão de guarda, (excepto alguns homens hábeis que, na intimidade da sua arte ou do seu pensamento, passam por não respeitar nada, mas que, saídos do seu quintal, tiram polidamente o chapéu à estupidez reinante). Tenho a insigne mania de não lhes fazer a corte.

«Pretendo até, neste momento, atacar algumas das suas sagradas imposturas, que juntam o seu peso ao da miséria e condenam milhares de seres a uma infinita desgraça. Vou fazer ladrar as três goelas de Cerbero, as três hipocrisias, da moral, da pátria e da religião. Contar-lhe-ei isso mais tarde. Também, serei batido, bem o sei, e bato-me, apesar de tudo, pela alegria — ou pela dor — e porque é preciso... Compreende por que as suas palavras daquela noite me trouxeram uma mensagem que não previa! As suas palavras são minhas. A boca que as proferiu deve também ser minha.

Anita deu-lha. Filipe segurou-lhe ternamente as fontes e as faces entre as suas mãos fortes:

— Rivière, tenho necessidade de si. Não pensava encontrá-la. Agora, que a descobri, guardo-a.

— Guarde-me bem! Tenho medo de fugir.

— Sei como a hei-de prender. Ofereço-lhe a minha vida rude, os meus inimigos, os meus perigos.

— Sim, conhece-me bem... mas nada disso pode ser para mim. Não posso dispor de nada. Pertence à sua Noémia.

— Que faria ela disso? Não quer saber de nada. Elimina da vida a verdade e a dor.

Anita fitou Filipe, que lhe leu nos olhos a pergunta que ela queria fazer.

— Pensa: «Por que se casou então com ela?...» Aquela mulher mente, sim, sei-o, tem a mentira metida no corpo, da raiz dos cabelos até à ponta das unhas... Pois bem, o mais curioso é que a quis por isso mesmo. Gosto dela por isso... Quando a mentira é uma arte assim perfeita, vale bem o teatro... (Não se sabe que no teatro, que em quase todas as artes, se mente, salvo alguns originais que contrariam os colegas, e então os colegas dizem que esses não são artistas, estragam a profissão...) Se o mundo é mentira, ao menos temos o direito de exigir que a mentira seja agradável. Em todo o caso, prefiro, para a minha satisfação e o meu convívio, aqueles que mentem agradàvelmente. Não me enganam. Vejo tudo. A graciosidade de Noémia é fabricada com o mesmo estofo dos seus sentimentos; mas a obra é bem acabada. Honra-me. Deleita-me, à noite, quando regresso a casa com os olhos sujos do meu açougue de carne podre. Torna-se para mim uma água cristalina. Lavo-me nela. Mente? Pois que minta! Isso não tem nenhuma importância. Se falasse verdade, não teria nada para dizer.

— Isso é duro. Ela ama-o.

— Sem dúvida. Eu também.

— Se a ama, que necessidade tem de mim?

— Amo-a à sua maneira.

— É o bastante.

— Bastante, para ela, talvez. Não é bastante para mim.

— Aquilo que ela lhe dá poderei dar-lho?

— Não é isso que está em jogo.

— Desejaria estar em jogo. A vida é um jogo.

— Sim, mas acredita. Pertence ao número dos jogadores que tomam a partida a sério.

— Sucede o mesmo consigo.

— Porque quero.

— Quem lhe diz que não é também porque eu quero?

— Pois bem! Queiramos ambos.

— Não quero uma felicidade construída sobre ruínas. Tenho sofrido. Não quero fazer sofrer.

— Tudo na vida se obtém pelo sofrimento. Toda a felicidade, na natureza é construída sobre ruínas. Tudo no fim é ruína. Que, porém, ao menos, se construa!

— Não me posso decidir a sacrificar outrem. Pobre Noémia!

— Ela teria menos compaixão, se estivesse no seu caso.

— É possível; mas ama-o. Para mim, é um crime matar um amor.

— Quer queira quer não, esse crime já está feito. A sua presença mata-o.

— Só pensa em si.

— No amor, só pensamos em nós.

— Não, não! Não é verdade! Penso em mim, em si, naquela que o ama, em tudo que ama e naquilo que amo. Queria que o amor fosse bom e desse alegria a todos.

— O amor é um duelo. Se olhamos à direita e à esquerda, estamos perdidos. É preciso olhar a direito, nos olhos do adversário que está na nossa frente!

— Que adversário?

— Eu.

— Sim, com efeito; mas não o temo. Noémia, porém, não é minha adversária. Não me fez nenhum mal. Posso entrar na vida dela para a destruir?

— É preferível mentir-lhe?

— Enganá-la?... Antes então aniquilá-la!... Ou aniquilar-me. Renunciar.

— Não pode renunciar.

— Quem sabe?

— A mulher que é não renuncia por fraqueza.

— Mas posso fazê-lo por força.

— Não reconheço a força de abdicar. Quero-a e sei que me quer. Desafio-a a renunciar.

— Não me desafie!

— Ama-me.

— Amo-o.

— Então?...

— Então... tem razão, não posso, não posso renunciar.

— Então?

— Então, suceda o que tem de suceder!...

NÃO tinha dito ainda nada à «outra». Anita prometera a si própria não ser de Filipe enquanto ele não tivesse falado a Noémia. A força da paixão obrigara-a, porém, a faltar à sua promessa. Não se pode marcar hora à paixão; ela é que a fixa. Agora, era Anita que continha Filipe. Receava a solução implacável. Filipe não sentiu nenhum escrúpulo em deixar Noémia na ignorância de tudo. Não a estimava bastante para se julgar obrigado a dizer-lhe a verdade. Se tivesse de a dizer, di-la-ia sem subterfúgios. Era um homem terrível, sem nenhuma bondade, quando uma paixão o dominava. O resto não existia. O amor que tivera por Noémia era o do senhor pela escrava cara; em suma, não fora para ele mais do que uma escrava.

Como muitas outras mulheres, Noémia aceitara essa situação: quando o escravo domina o senhor, nada pode igualar o seu poder. Noémia sabia-o; mas sentia-se forte com a sua juventude e o seu encanto, ainda por muitos anos. «Depois de mim, o dilúvio!...» Além disso, estava vigilante. Conhecera várias infidelidades passageiras de Filipe. Não lhes ligara grande importância; julgara-as bem: sem

consequências. Dava-se ao luxo de algumas vinganzazinhas, que não lhe confessava. Enganara-o, raivosamente, uma vez, uma única vez em que a infidelidade de Filipe lhe custara mais. Não tivera nisso grande prazer; ou talvez, até, um certo aborrecimento; mas não importava: estavam pagos! Depois, mostrara-se ainda mais meiga para o marido do que antes. Sentia prazer em dizer, para si, quando o beijava: «Querido, enganei-te. Para te dar uma lição! Tu *é-lo!*...»

O medo que tinha de Filipe o saber aumentava o seu prazer. O marido não sabia nada de preciso, nenhum facto concreto; mas lia nos seus olhos a mentira. Quer Noémia o tivesse enganado ou não, sabia que ela pensava nisso. Noémia via-lhe passar nos olhos um relâmpago: as mãos dele tê-la-iam desfeito; mas ele não sabia nada, jamais o saberia... e Noémia cerrava os olhos com um ar langoroso de pomba... O marido dizia-lhe, brutalmente:

— Olha para mim!

Tinha tempo, então, para compor um ar de candura, que o marido sabia ser falso, mas não resistia a ele. Não lhe queria mal por isso, embora, se a apanhasse em flagrante, a tivesse feito em pedaços. Não esperava da mulher aquilo que ela não podia dar: franqueza e felicidade. Desde que Noémia lhe agradasse, e enquanto lhe agradasse, tudo estava bem. Julgava-se, porém, no direito de romper quando ela lhe desagradasse.

Anita tinha mais escrúpulos. Era mulher e sabia melhor o que se passava no coração de Noémia. Noémia podia ser falsa, frívola e enganar Filipe; mas amava-o. Não, não era apenas uma brincadeira para ela, tal como ele dissera. Estava presa a ele como um pedaço da própria carne. Não apenas pelo liame do fogo da voluptuosidade; mas também pelo fundo do seu coração, bom ou mau. Bom ou mau. No amor, nada mais conta além da força do amor, esse íman imperioso que incrusta, corpo e alma,

um ser noutro ser. Agarrava-se a ele como o único objectivo da sua vida, aquilo que tinha querido, querido, querido, durante anos. Uma mulher nem sempre sabe por que se prende. Desde que se prende, não se pode, porém, soltar mais. Emprega nisso muito das suas forças e do seu desejo, para ter de os aplicar a um novo objectivo. Vive como um parasita do ser que escolheu. Para o arrancar ao outro, é preciso cortar os dois.

As suspeitas começavam a morder Noémia. Um quase nada, a princípio. Um ratinho a roer. Nada mudado na vida. Filipe era, como de costume, rude, sempre apressado, pouco falador, ouvia-a sem escutar, absorto, com os olhos a chamejar. Estava envolvido nesse momento no caso aborrecido que provocara: uma polémica violenta. Noémia sabia-o, mas não queria ser posta ao corrente dos seus aborrecimentos. Quando ele estava metido neles, não pensava em mais nada, não ligava importância à mulher. Não havia nada a fazer, se não esperar, deixá-lo jejuar; voltava depois com mais apetite. No entanto, jejuava já demasiado! Das outras vezes, Noémia limitava-se a negaças que provocavam repreensões de Filipe, irritado por ser distraído das suas preocupações. Embora protestasse contra a sua descortesia, ela não se zangava. Era como uma criança que brinca com petardos: quanto mais barulho fazem, mais divertem... As negaças de Noémia eram acolhidas com indiferença... O ratinho da suspeita roeu, roeu, e instalou-se. À força de roer, tinha atingido a carne viva. Um dia, Noémia gritou...

Estavam ambos deitados, lado a lado... Filipe tinha os olhos abertos; ela acabara de acordar, mas fingira estar ainda a dormir e observava-o. Sentiu, por instinto, que no rosto dele passava o reflexo doutra (porque o envólucro do pensamento é, contra nossa vontade, modelado pela imagem que o habita). Imediatamente, a sua atenção ciumenta em

alerta, a verruma do olhar, coado pelas pestanas, a perfurar, imóvel, mantendo o ritmo regular da respiração de quem dorme, inspeccionou ferozmente aquele homem tão longe, e tão perto, aquele homem que era dela, aquele estranho, cuja coxa tocava na sua e de quem a separava um mundo intransponível...

Não, não se enganava; o marido tinha outras preocupações, além das suas ideias. Preocupações? Viu-o sorrir... Pensava noutra!... Para o arrancar a esse fantasma e tirar a prova do seu poder, suspirou como em sonho e enrolou-se nele. O marido afastou-se friamente do corpo que o buscava, assegurou-se de que ela dormia, levantou-se sem ruído, vestiu-se e saiu. Noémia não fizera nem mais um movimento... mas, logo que a porta se fechou, ergueu-se, com o rosto decomposto, e bateu nos seios com os punhozinhos crispados, a reprimir um grito de angústia e cólera.

A partir desse momento, ficou atenta. Fremente, sempre em tensão, espiava, farejava. Doíam-lhe as unhas, tal era o desejo ardente de esgatanhar a inimiga... Oh! Mas sem ruído, docemente... Arranhar-lhe o coração! Não encontrava, porém, esse coração. Onde se ocultava?... Batia mato a explorar com febril minúcia, o círculo dos seus conhecimentos. O seu sorriso, juvenil e pintado, ocultava os dentes aguçados. Não perdia de vista as mínimas contracções do rosto de Filipe em presença das fêmeas; espreitava os olhos, as mãos, as inflexões de voz de cada uma. Conduzia, no seu íntimo, uma matilha à busca de caça... mas não dava com a pista... e a presa escapava-se-lhe...

Mantinha-se a estranha aberração que lhe fizera afastar Anita, duma vez para sempre, do campo das suas suspeitas. Esquecera-a, até, havia semanas. Anita não se mostrava. Considerava-se culpada; e, muito longe de se mostrar orgulhosa, sentia-se humilhada, perante Noémia, da sua vi-

tória oculta, da sua vitória roubada. Evitara voltar a casa dos Villards. Os pretextos não teriam faltado, se Noémia manifestasse o desejo de a ver; mas Noémia não se manifestou; estava demasiado atormentada para se lembrar de Anita.

Em vão tentara persuadir-se de que o capricho de Filipe passaria. Os evidentes sintomas da queda da sua afeição é que não passavam, acentuavam-se até: frieza e desatenção perante as palavras e os gestos, a própria presença da sua mulherzinha, total indiferença, ainda em certos momentos em que Noémia queria lembrar à força a sua existência, aborrecimento e mal dissimulado nojo, ao evitar contactos importunos...

Noémia tremia de furor e de amor desdenhado!... Já não podia dissimular a gravidade da doença. Afligia-se; mas era preciso esforçar-se sempre por não o mostrar. Sempre, sempre, mostrar-se alegre, senhora de si e dele, sempre a atirar-lhe o anzol que ele nem via! Consumia-se. Aquela oculta inimiga contra quem subia em si um ódio enraivecido!... Não a poder apanhar dava-lhe vontade de bater com a cabeça pelas paredes... Todas, tinha-as espiado a todas, em vão, todas, ...salvo Anita. Anita foi a última em quem pensou. Foi a própria Anita quem se denunciou.

Ia pela rua fora, quando, a cerca de vinte passos, viu Noémia, em sentido contrário. Noémia não a via; caminhava de olhar abstracto, cabeça baixa e o bonito rosto pálido e envelhecido pelas preocupações. Não estava a espiar-se nesse momento, também não observava nada à sua volta. Havia alguns dias, era como os monómanos que fazem girar a mó da ideia fixa, com uma raiva surda. Anita ficou assombrada; poderia passar a seu lado sem ser notada, ou voltar para trás. Precipitadamente, desceu do passeio e atravessou a rua.

Esse movimento, que interrompia a torrente contínua dos transeuntes, atraiu, maquinalmente,

o olhar de Noémia. Reconheceu Anita, que procurava evitá-la. Seguiu-a com os olhos e viu-a, no outro passeio, lançar-lhe um olhar furtivo e voltar a cabeça. Uma luz deslumbrante se fez no seu espírito... Era ela!... Parou, sufocada. Cravava as unhas na palma das mãos, rangia os dentes, eriçada como uma gata assanhada, com um clarão mortífero nos olhos. O olhar dum transeunte lembrou-lhe que estava num mundo onde se mente e que parecia ter saído dele. Regressou a esse mundo. Deu mais alguns passos e riu cruelmente. Apanhara-a...

ANITA ficara perturbada ao ver Noémia. Desde que se dera, o remorso dominava-a. Não se julgava em falta por amar a quem a amava; o seu amor era verdadeiro, era sadio, era forte. Não tinha necessidade de desculpas, nem de fingimentos. Nenhuma convenção social era superior a ele. Na febre da sua paixão, não chegava a admitir que tivesse deveras perante Noémia. Considerava-se a verdadeira mulher de Filipe e não reconhecia como tal a outra, que não soubera participar dos seus trabalhos e das suas lutas, dar-lhe a felicidade. Toda esse segurança, porém, não impedia que a outra fosse um travo à sua alegria e que, por sua vez, matasse a duma outra.

Esforçara-se por se convencer de que Noémia era demasiado fútil para sofrer muito e que se desinteressaria. Sabia, contudo, que não era assim; e o máximo que poderia fazer era afastar Noémia dos seus pensamentos. O egoísmo dos primeiros dias de posse permitiu-lhe fazê-lo. Depois do encontro com Noémia, isso já não era possível. Anita tinha a infelicidade de sair de si, a despeito das suas paixões, de ser aspirada pelas paixões dos outros, sobretudo pelos seus sofrimentos, que um simples olhar lhe revelava...

Entrou em casa tão preocupada como Noémia com o mal que a corroía interiormente. Não podia jogar com as palavras, armar-se com os direitos do amor. Noémia também amava; e sofria. Porventura o amor que sofre tem menos direitos do que o que faz sofrer?... «Não há nenhuns direitos! É preciso que uma das duas sofra. Ela ou eu!... Ela!...» A paixão de Anita não lhe permitia escolher... Mas não era nada agradável... Ao menos que esse sofrimento não seja agravado! É criminoso prolongá-lo, como estavam a fazer, deixar alastrar a ferida sem a queimar com ferro em brasa, para deter a sua extensão e pensá-la. Fugir a uma confissão franca, deixar a Noémia a tarefa de descobrir o seu infortúnio era cobarde e era cruel. Anita dissera, desde o primeiro dia, a Filipe: «Não me quero esconder.»

Como fora possível, de dia para dia, ter-se deixado enredar numa situação sem dignidade?... Sempre a fraqueza do seu coração... Dizia a Filipe: «É preciso falar-lhe.» Quando Filipe, porém, queria falar, impedia-o. Tinha medo da sua franqueza brutal. É que ele atirava fora aquilo de que não gostava, como a um limão espremido. Aqueles velhos laços incomodavam-no. Dizia, então: «Vamos! Acabemos com isto!» e Anita: «Não, não! Hoje, não!»

Via o mal que ele faria. «Santo Deus, como é triste assassinar um coração!» Filipe tinha muito mais em que pensar! O seu tempo estava cheio com uma luta encarniçada contra a opinião pública e a imprensa desaçaimadas. Não era o momento para Anita o afligir com as suas próprias preocupações. Metera-se numa luta perigosa. Tomara a iniciativa duma liga para a restrição da natalidade.

Filipe detestava a hipocrisia imprudente da burguesia imperante, que, nada preocupada com melhorar a higiene e diminuir a indigência das

classes trabalhadoras, só se interessa pela sua reprodução, a fim de não lhe faltar carne para as fábricas e os canhões. Pelo seu lado, abstém-se de diminuir o seu bem-estar e de complicar a sua vida a fazer muitos filhos! Não se inquieta nada se uma natalidade às cegas perpetua no povo a miséria, a doença e a servidão. Faz disso um dever patriótico e religioso. Filipe não ignorava os furores que provocava. Nunca, porém, um perigo o detivera. Encarava-os de frente. Excederam a sua expectativa.

Tornara-se odiado por uma multidão: os seus colegas, em primeiro lugar, os bonzos lesados no seu amor próprio, na sua doutrina e nos seus interesses, os seus rivais suplantados, muitos dos seus partidários, até, a quem deixava de dizer as verdades, pois não era homem para tomar com os que o louvavam compromissos de cumprimentos e o menor dos seus defeitos era o reconhecimento. Tomava para si aquilo que lhe era devido, dava aquilo que considerava merecido: não dava, por isso, grande coisa. Com excepção de Solange, o título de benfeitor não lhe merecia referências.

Não fazia tratamentos de favor! Podia, portanto, esperar ser muito atacado e mal defendido. Contrariava as manobras dos beneficiários de ideal. Todas as vezes que se organizava um nobre bando de flibusteiros filantropos, havia a certeza de que ele se atravessaria. Sentia um prazer escandaloso a cortar as vazas da gente de bem, nas suas trapaças. Por isso, criara, entre as pessoas respeitáveis, uma reputação *(sotto voce)* de espírito turbulento, destrutivo, anarquista. Esses murmúrios não tinham ainda ecoado na opinião pública, na monstruosa orelha de Pasquino: a imprensa de calúnias. Esperavam a sua hora. *Eccolo!* Que bela ocasião!...

Foi uma explosão de cólera patriótica. Todos os jornais se meteram na baralha. O eco da indignação pública chegou ao Parlamento, onde foram

pronunciadas palavras imortais a reivindicar o direito dos pobres às famílias copiosas. Alguns exaltados apresentaram uma proposta de lei que castigava toda a propaganda que incitasse, de forma directa ou indirecta, ao despovoamento. Os exageros duma imprensa libertária, em que o egoísmo do prazer se sobrepunha às razões humanitárias, forneceram argumentos para desacreditar a causa. Filipe encontrava partidários entre os inimigos da sociedade.

Respondia ele próprio, num grande jornal, abertamente, a todos os ataques, Essa tribuna, porém, corria o risco de lhe faltar, porque no jornal as cartas de protesto afluíam. Fez conferências, falou em comícios tumultuosos. A sua violência igualava a dos seus contraditores. Estavam à espera duma imprudência de linguagem que pudessem voltar contra ele. O rude lutador, porém, continuava a dominar os seus arrebatamentos, não se deixava arrastar para além da linha do que se propusera dizer. Criou uma imensa popularidade, feita de entusiasmos, de troças e de ódios. Na poeira dos combates, respirava à sua vontade. No meio da tempestade, que representava Noémia?

NOÉMIA apressou-se a voltar para casa. Recordava os primeiros encontros de Filipe com Anita, de que fora testemunha, a sua própria estupidez e a traição deles. Estava cheia de raiva. Logo que se encontrou entre as quatro paredes do seu quarto, deu largas ao furor. Foi como um furacão. Num volver de olhos, devastou tudo. Quem a tivesse visto a chorar convulsivamente, mal a conheceria com o lindo rosto alterado pela cólera, a morder e rasgar o lenço, a revolver os papéis da secretária do marido, e vingar-se dos seus sofrimentos no cãozinho, que a ia afagar, e no

papagaio, que esteve prestes a estrangular... Tivera, porém, o cuidado de se fechar à chave. O papel de Fúria queria desempenhá-lo à porta fechada, porque não a embelezava. Parecia mais velha, dura, amarrotada. Ao ver-se no espelho, sem testemunhas, assim, feia e má, não lhe desagradava nada, antes a aliviava: era a sua vingança. Depois teve pena de si, do seu rosto devastado, e, distraída por essa compaixão, rolou no tapete, a soluçar alto...

Aquilo não poderia durar sempre. Filipe ia regressar a casa; era preciso despachar-se, chorar depressa, chorar forte... Continuou a gemer; mas o mais forte da tempestade passara. O cãozinho, sem rancor, foi lamber-lhe a orelha. Beijou-o, a lamentar-se; sentada no tapete, acariciou um dos pés e calou-se. Pensava. Sùbitamente, tomou uma resolução: pôs-se em pé, levantou o cabelo que lhe caía para os olhos, apanhou os objectos dispersos pelo quarto, pôs em ordem os papéis revolvidos; compôs cuidadosamente o rosto e o vestuário e esperou.

Filipe foi encontrá-la tranquila e meiga. Empregava a princípio as armas mais simples. No decurso da conversa, procurou, com ar inocente, fazer passar algumas vilanias acerca da rival execrada. Disse, com voz doce, duas ou três atrocidades a respeito de Anita, do seu físico, bem entendido, pois o moral era secundário; até quando se ama o espírito, é o corpo que faz o amor. Noémia era especialista em encontrar na beleza duma mulher aqueles traços que a fazem ver feia e que, uma vez vistos, não se esquecem mais. Daquela vez, excedeu-se. Envenenar a imagem duma rival aos olhos dum amante é uma tarefa grata. Filipe não se deu por achado.

Noémia mudou de táctica. Defendeu Anita contra certos boatos, louvou as suas virtudes (o elogio é sem consequências!). Procurava fazê-lo falar,

desmascarar-se, ir para o terreno onde ela o esperava. Tanto ao bem como ao mal, Filipe mostrou-se, porém, indiferente. Noémia pôs então em prática as suas negaças amorosas. Procurou provocar o ciúme a Filipe, ameaçou-o, a rir, de que, se ele a enganasse, lhe faria os olhos verdes. Filipe nem se dignou sorrir, e, alegando ter que fazer, dispôs-se para sair.

Então a cólera dela não se conteve mais. Gritou que sabia tudo, que ele era amante de Anita. Ameaçou-o, injuriou-o, fez-lhe súplicas e falou de se matar. Filipe encolheu os ombros, e, voltando-lhe as costas, dirigiu-se para a porta. Noémia correu atrás dele, segurou-o pelos braços, forçou-o a voltar para dentro e, rosto contra rosto, a voz alterada, disse:

— Filipe!... Tu já não gostas de mim...

O marido encarou com ela e disse apenas:

— Não! — e saiu.

Se Noémia estava louca, tornou-se possessa. Durante algumas horas, foi presa dum furor insensato. Procurou todos os meios absurdos, ferozes, de se vingar: matar Filipe; matar Anita; matar-se. Desonrar Filipe. Difamar Anita. Fazer sofrer Anita. Aplicar-lhe vitríolo... Que prazer! Desfigurá-la. Atingi-la na sua honra. Atingi-la no filho. Escrever, enviar cartas anónimas... Rabiscou, febrilmente, algumas linhas; rasgou, voltou a escrever, voltou a rasgar... Daquela forma, era capaz de largar fogo à casa. Não o fez; acalmou-se aos poucos; concentraram-se as suas forças e o seu génio de mulher apaixonada entrou em acção.

Compreendera que não podia fazer nada contra Filipe, directamente... Ele lhe pagaria, um dia!... Naquele momento, era inacessível. Portanto, devia actuar em Anita. Resolveu ir a casa dela. Não sabia que ia fazer. Estava disposta a tudo. Meteu o seu revólver na mala de mão.

Pelo caminho, foi pensando em cenas que faria,

mas que imediatamente eliminava. O seu instinto levava-a a adivinhar respostas de Anita e a mudar de plano. No último momento, alterou tudo. Uma onde de raiva arrebatava-a ao subir a escada, a correr, sufocada; e apertava a arma, através do coiro do saco, com a mão crispada. Quando a porta se abriu e se encontrou em presença de Anita, apenas com um olhar, compreendeu... Um gesto, uma palavra violenta, e Anita, irritada, seria implacável para defender a sua paixão.

A cólera de Noémia eclipsou-se instantâneamente. Corada, como se estivesse apenas excitada por ter subido a escada muito depressa, atirou, a rir, os braços ao pescoço de Anita. Surpreendida com a irupção, contrariada com o abraço, Anita mantinha-se reservada. A outra entrara e, muito à vontade, fora até ao quarto de dormir, assegurara-se ràpidamente de que Filipe não estava lá e sentara-se no braço duma poltrona, a dizer palavras ternas a Anita, que se mantinha de pé na sua frente, altiva. No entanto, Noémia, enquanto ia falando, passara um dos braços em volta da cintura de Anita e brincava-lhe com o cinto. Sùbitamente, começou a chorar... Anita, no primeiro momento, julgou que ela estava a representar... mas não! Era a sério, eram lágrimas verdadeiras...

— Noémia!... Que tem?

Não respondeu; com o rosto apoiado contra o seio de Anita, continuava a chorar. Anita, impressionada com aquele desgosto, procurava acalmá-la. Por fim, erguendo a cabeça, entre soluços, gemeu:

— Não mo tire!

— Quem? — perguntou Anita, perturbada.

— Bem sabe!

— Mas...

— Bem sabe, bem sabe! Sei que o ama e sei que ele a ama... Por que mo tirou?

Mais lágrimas. Anita, com o coração apertado, escutava Noémia, lamentosamente, a lembrar-lhe a

sua confiança, a afeição que lhe votara; e não podia responder-lhe, porque ela própria se acusava; e aquelas queixas magoadas, sem nenhuma violência, atingiam o alvo. No entanto, como dizia amargamente que Anita abusara da sua amizade para a enganar, Anita procurou desculpar-se e disse como surgira aquele amor que, contra sua vontade, a subjugara.

Noémia, para quem tal confissão não tinha interesse nenhum, tratou de a desviar. Fingiu ajudar Anita a justificar-se, parecia acreditar que Filipe era o principal culpado e falou dele com rancor. Aliviava assim o seu desespero, procurava torná-lo odioso, ou pelo menos, suspeito, aos olhos de Anita. Esta, porém, tomou a sua defesa. Não admitia que acusasse Filipe de a ter provocado. Ele fora franco. Ela, e só ela, praticara a falta de o impedir de falar. Noémia, odienta, redobrava as suas acusações; Anita fazia-lhe frente. A discussão acendeu-se. Dir-se-ia que, das duas, a verdadeira mulher de Filipe era Anita. Bruscamente, Noémia teve consciência disso. Esqueceu toda a prudência e, cheia de raiva, gritou:

— Proibo-lhe que fale assim dele! Proibo-lhe!... Ele é meu.

Anita encolheu os ombros e disse:

— Não é seu nem meu; é dele próprio.

Com arrebatamento, Noémia repetiu:

— É meu!

Reivindicava os seus direitos. Anita respondeu-lhe duramente:

— Em amor, não há direitos.

Noémia gritou de novo:

— Tenho-o e guardo-o para mim!

Anita replicou:

— Ele tem-me a mim. A senhora não tem nada dele.

As duas mulheres fitaram-se com olhos de inimigas: Anita couraçada de egoísmo e dureza, Noémia com vontade de a esbofetear. Odiava-a total-

mente, da cabeça aos pés. Esteve prestes a insultá-la, a falar da sua lealdade, a castigá-la com as palavras mais cruéis, as palavras irremediáveis. Teria sido um prazer... mas conteve-se; perderia tudo com isso! Baixou-se, ràpidamente, para apanhar a mala de mão que lhe caíra, tirou dela o revólver e apontou-o... contra quem?... Nem sabia ainda... Contra si própria!...

Era uma comédia; mas Noémia, quando Anita se precipitou para lhe segurar a mão, debateu-se. As duas mulheres lutaram: Noémia caiu de joelhos e Anita ficou curvada sobre ela. Não era fácil segurar aquela desesperadazinha, que queria, verdadeiramente, matar-se, agora... Quando a arma roçou pelo peito de Anita, com que volúpia ia puxar o gatilho... Mas Anita, desviando-lhe o punho, fez que a bala se fosse cravar na parede. Noémia nunca soube a qual das duas visara.

Abandonara a arma e já não lutava. Viera a prostração nervosa. Caira a soluçar, aos pés de Anita. Teve uma crise de nervos. A intuitiva Anita suspeitara, a princípio, que Noémia representava uma comédia até um certo ponto (mas sabe-se lá até que ponto?). Sentiu-se surdamente irritada com aquela comédia do suicídio... mas como duvidar do sofrimento daquela pobre mulher desfeita em lágrimas?! Esforçou-se por se manter severa; mas voltou a cabeça, não podia; tinha vergonha das suas suspeitas; e, com o coração a transbordar de compaixão, ajoelhou junto de Noémia, segurou-lhe a cabeça, procurou consolá-la, disse-lhe, maternalmente:

— Minha filha... Vamos! Vamos!...

Pegou-lhe com os seus braços robustos e ergueu-a. Sentia contra si aquele corpo jovem, agitado pelos soluços, que se entregava sem defesa e pensava: «É possível que seja eu a causadora deste sofrimento?» Outra voz dizia: «Não comprarás o teu

amor pelo preço de todos os sofrimentos?» «Dos meus, sim.» «Dos teus e dos outros, que privilégio teriam os dos outros?»

Olhou para Noémia, que se deixava levar, semi-desmaiada... Tão leve!... Era um passarinho! Parecia-lhe que era uma filha; e, sem querer, apertou-a nos braços. Noémia abriu os olhos e Anita pensou: «Se ela estivesse no meu lugar, poupar-me-ia?» Noémia dirigiu-lhe um olhar quebrado. Anita deitou-a num sofá. De pé junto dela, colocando-lhe uma mão na cabeça (Noémia estremeceu a esse contacto odioso, mas não o mostrou), perguntou-lhe, como a uma criança que chora:

— Ama-o muito?

— Só o amo a ele!

— Eu também o amo.

O ciúme de Noémia explodiu, ao dizer com aspereza:

— Sim, mas eu sou jovem. A senhora é... (deteve-se), já viveu a sua vida, podia passar sem ele.

Anita repetia a si própria, com amargura, a palavra que a outra não chegara a proferir: «É porque estarei em breve envelhecida que quero reter esta derradeira hora de juventude e esta luz suprema; tenho-a e não a deixarei fugir... Ah! Se, como tu, tivesse na minha frente o tesouro da juventude!» Acrescentou, tristemente: «Perdê-lo-ia, sem dúvida, uma segunda vez.»

Noémia, que vira entristecer o olhar de Anita, teve medo de ter comprometido as fracas vantagens que alcançara e apressou-se a dizer:

— Bem sei que ele a ama e que é bela... (Anita pensava: «Mentirosa!») que me é superior em muitas coisas de que ele gosta. Nem lhe posso querer mal a si, porque, apesar de tudo, estimo-a... («Mentirosa! Mentirosa!» — repetia Anita). Não estou nas suas condições. Isso não é justo! Não!... Sou apenas uma pobre mulher que chora. Não sou mais

nada. Bem sei... mas amo-o. Amo-o e não posso passar sem ele. Que há-de ser de mim, se mo tira? Por que gostou ele de mim, se era para me deixar? Não posso! Ele é tudo para mim, o resto não é nada...

O tom não parecia de quem mentia, e Anita de novo se enterneceu. Era insensível aos direitos que Noémia invocava sobre o marido; não acreditava nos direitos de alguém sobre outrem, nesses contratos de propriedade mútua que se assinam por toda a vida. Sofria, contudo, pela crueldade da natureza, que, quando separa dois corações que se amaram, não arranca o amor de ambos eles ao mesmo tempo, mas tem cuidado de fazer que um deixe de amar antes do outro, para o que ama mais ser sempre sacrificado.

Era-lhe odioso colaborar nos tenebrosos planos de grande torturadora. «A vida pertence aos mais fortes. Sim. O amor não hesita. Para alcançar os seus fins, calca aos pés tudo o mais. Ai dos fracos!... Porque é, então, que não o digo? Queria, mas as palavras morrem-me na garganta. Não posso. Repugna-me... Será porque não amo bastante? Já estou «velha», como ela diz. Estou do lado dos fracos... Não! Não? Não! Engano!... Com que direito se atravessa ela entre mim e a felicidade? Não lhe cederei a minha parte de felicidade!... As suas lágrimas, que tenho eu com as suas lágrimas?... Serei contra ela!...»

Como olhava com olhos de maldade Noémia deitada no sofá, esta, espreitava-a por entre as lágrimas e pegou-lhe na mão, no braço pendente junto do espaldar, colou contra eles a sua face e suplicou:

— Não mo tire!

Anita procurou desenvencilhar-se; mas Noémia segurava-a bem. Soerguida no sofá, fazia subir as duas mãos ao longo do braço de Anita, forçando-a a inclinar-se e a olhar para ela:

— Não mo tire!

Anita fugiu àquelas mãos que se agarravam a ela e reagiu:

— Não! Não!... Não quero. Ele tem necessidade de mim.

Noémia, amargamente, retorquiu:

— Ele não tem necessidade de nada, a não ser de si próprio. Encontra o seu prazer, agora, em si, como o encontrou em mim. Não se prende a ninguém.

Criticou-o, dura, profundamente. Anita estava admirada da sua inteligência. Aquela criaturinha, que consideravam frívola, desatenta, com que acuidade de rancor e sofrimento lera até ao fundo de Filipe. Algumas das suas observações correspondiam bem às apreensões que a experiência despertara em Anita. Disse, então:

— No entanto, ama-o!

— Amo-o. Filipe não tem necessidade de mim; eu é que tenho necessidade dele... Ah! Julga que não me custa ter necessidade dele, dele, que não precisa de mim, dele, que me despreza e a quem desprezo? Não posso, porém, passar sem ele... Para que o conheci? Fui eu quem o quis. Qui-lo e tive-o... mas foi ele que me perdeu... Se pudesse... Ah! Se pudesse nunca o ter conhecido!... Ah! Não o quereria!... Falta-me a força de o deixar... Estou demasiado presa. Ele tem-me pelas entranhas. Odeio-o. Odeio o amor. Por que, por que se ama?

Calou-se, exausta, com os olhos desvairados, vacilantes, procurando, à direita e à esquerda, uma brecha para se escapar. Baixaram ambas a cabeça, aquelas duas mulheres escravizadas sob o jugo duma força selvagem. Noémia voltou a repetir a sua frase, num tom brando e insistente:

— Não mo tire! Não mo tire!...

Anita sentia haver nela uma vontade tenaz e viscosa como um polvo, que se agarrava aos seus membros com os braços armados de ventosas. Arrancou-se ainda a esse abraço e gritou:

— Não quero!

Pelos olhos de Noémia passou um relâmpago de cólera e os dedos crisparam-se-lhe. Disse, porém, com voz doce e lamentosa:

— Ame-o, então, e que ele a ame! Mas não mo tire! Conservemo-lo, para nós ambas!

Anita teve um gesto de repulsa. A raiva de Noémia ressurgiu:

— Crê que isso também não me enoja? Repugna-me! Detesto-a! Mas não o quero perder...

Anita afastou-se de Noémia e disse:

— Não a detesto. Sei que sofre e sofro também. É, porém, uma cobardia partilhar, em amor. Uma indignidade de amor. Posso ser vítima; posso ser carrasco; mas não quero ser cobarde. Para salvar aquilo que amo, não vou ceder-lhe metade. Dou tudo. Quero tudo; ou então, não quero nada.

Noémia, de dentes cerrados, gritava no seu íntimo: «Nada!» (Até ao oferecer a partilha, contava em não ceder nada). Num ímpeto, ergueu-se do sofá, correu para Anita, que estava de pé, caiu a seus pés e abraçou-lhe os joelhos:

— Perdão!... Sei, acaso, o que peço? Sei, porventura, o que quero? Mas sou tão infeliz; não posso suportar mais... Que posso fazer? Diga-me! Ajude-me!

— Ajudá-la! Eu?! — exclamou Anita.

— Sim. A quem me posso dirigir para obter um auxílio?... Estou desamparada. Sòzinha com um homem que, até quando ama, não lhe interessamos, não podemos desabafar com ele... Antes dele, uma mãe que só se preocupava de si, dos seus divertimentos... Ninguém para me aconselhar... Não tenho uma amiga... Quando a vi, pensei que viria a ser a minha confidente e foi para mim a pior das inimigas... Por que me fez isso?...

Anita, perturbada:

— Minha pobre filha, a culpa não foi minha! Eu não o queria...

Noémia agarrou-se a estas palavras compassivas.

— Sua filha, disse... Sim. Seja para mim uma mãe, uma irmã mais velha! Não me faça sofrer! Aconselhe-me! Diga o que devo fazer! Não o quero perder... Diga-me! Diga-me... Farei tudo o que me disser...

Só mentia em metade do que dizia. Estava tão habituada a fingir o que sentia que sentia aquilo que fingia. O seu amor, a sua dor, a necessidade que tinha de Anita, a esperança de a comover eram, em todo o caso, reais. Até aquela confiança que lhe testemunhava: a sua última cartada! Jogava-a num acto de desespero. Embora afirmasse a sua confiança, não perdia de vista a perturbação de Anita, cujo rosto não mentia. Anita fraquejava. A confiança de Noémia desarmava-a. Já não tinha forças para lhe responder. Contudo, não se enganava acerca da atitude dela.

O tom dulcíssimo de algumas inflexões esclarecia-a sobre a falsidade da sua adversária. Deixava-a falar. Lia-lhe no fundo da alma. Pensava: «Que farei? Sacrificar-me? Que disparate! Não quero. Não gosto desta mulher, que me mente e me odeia; mas ela sofre...» Acariciava a cabeça da inimiga ajoelhada, que continuava a gemer e a espreitá-la, que acompanhava a evolução da sua vontade vacilante como se segue a caça, com um estremecimento de medo e de alegria intensa, a resfolegar — sangrenta — e que, no momento próprio, apoiando contra a sua boca aquelas mãos que de boa vontade teria mordido, infatigável, repetiu:

— Não mo tire!

Anita, franziu a testa e quis repeli-la. Via nos seus olhos a astúcia e a dor, a mentira e o amor, uma vaga esperança... Sorriu, com lassidão, compaixão, pena dela — delas ambas — e de tudo... Voltou a cabeça e num instante de fraqueza, disse:

— Fique com ele!

Mal o disse, arrependeu-se; mas Noémia pôs-se

de pé num salto e abraçou-a, com protestos efusivos... (Nunca a odiara tanto! Apanhara-a, finalmente... Apanhara-a?...) Anita protestava já:

— Não! Não!

Noémia fingia não perceber. Chamava-lhe querida, dizia ser ela a sua melhor amiga e que lhe votava um reconhecimento e uma dedicação eternos. Ria e chorava. Não perdia, porém, o seu tempo com vãs efusões. Queria saber que faria Anita para afastar Filipe. Anita protestava:

— Não disse nada!

— Disse, disse, prometeu-me!...

— Uma palavra? A sua palavra!

— Arrancou-me à força...

— Não, só tem uma palavra; não pode voltar atrás com ela. Disse-me: «Fique com ele!» Disse-o, Anita. Diga que o disse! Não pode negar...

— Deixe-me! Deixe-me! — exclamou Anita, exausta. — Não me atormente! Não posso, não posso...

Sentou-se, de forças perdidas. Noémia, agora de pé, junto dela, continuava a insistir. Tinham-se invertido os papéis. Anita recusava-se a renunciar: o seu amor tinha raízes. Noémia não se importava com isso: Anita podia ficar com o seu amor, desde que não ficasse com Filipe! Queria que Anita acabasse. Imediatamente. Sem esperar por mais nada. Quanto a meios para acabar, podia sugerir alguns, pois tinha a cabeça cheia deles. Insistia, lisonjeava, suplicava, agarrava-a, beijava-a, entontecia-a com uma torrente de palavras, apelava para o seu coração magnânimo, rogava, intimava, exigia, ditava as respostas...

Anita, rígida e gelada, não dizia uma palavra. Não procurava, sequer, deter aquela torrente. Lábios cerrados, olhos incertos... Por fim, Noémia calou-se, ante aquela imobilidade. Pegou-lhe nas mãos, frias e húmidas, dizendo:

— Responda! Responda!

Anita, sem olhar para ela, murmurou:

— Deixe-me!...

Foi tão baixo que Noémia leu-lho nos lábios mais do que o ouviu. Perguntou, então:

— Quer que me vá embora?

Anita fez com a cabeça que sim.

— Vou-me embora. Mas prometeu...

Anita repetiu, fatigada:

— Deixe-me, deixe-me... Preciso de estar só...

Noémia, ràpidamente, compôs o cabelo ao espelho e, dirigindo-se para a porta, disse ainda:

— Adeus... Prometeu...

Anita fez um último gesto de protesto:

— Não! Não prometi nada...

Noémia sentiu de novo a cólera apoderar-se dela... Depois de tantos esforços!... O seu instinto, porém, disse-lhe que era preciso não ir muito depressa, não esticar muito a corda... Apesar de tudo, o tiro atingira o alvo! Retirou-se. Reconhecera a fraqueza da sua inimiga: havia de pisá-la aos pés.

ANITA esteve algum tempo sem se mexer do sítio onde Noémia a deixara. Ficara derreada, depois daquela longa cena. Teria reagido por outra forma, se o ataque não a tivesse apanhado já minada pela dupla fadiga da paixão e da tarefa de todas as horas; a febre contínua, a participação nas lutas de Filipe e na sua alma tempestuosa, aquele esgotamento de corpo e alma, os seus remorsos reprimidos e os seus tormentos ocultos. Esse desfalecimento é que fora a força de Noémia. Esta encontrara o terreno preparado e uma aliada na sua adversária.

A pessoa de Noémia contava pouco nas preocupações de Anita. Como mulher, não gostava dela. Como rival, ainda menos. Considerava-a falsa, pérfida, sem bondade. Ciumentamente injusta, ia até

negar o seu encanto, que a princípio tanto apreciara. Tudo lhe parecia postiço nela, tudo menos a dor. Fosse em Noémia ou noutra, pouco lhe importava: era uma carne que sofria e que ela fazia sofrer... e uma estranha compaixão se instalava no íntimo de Anita.

Essa disposição desenvolvera-se, nos últimos anos, ante o espectáculo das misérias, em contacto com duas mortes, as de Odette e de Rute. Delas lhe ficara um obscuro abalo, uma fraqueza, que considerava doentia. Talvez o fosse. Não se poderia viver, se sentíssemos assim os sofrimentos de todos! Toda a felicidade se alimenta da desgraça de alguém. A vida devora a vida, como as larvas que se alimentam duma presa viva. Cada um de nós bebe o sangue de todos. Anita bebia-o antes, sem pensar nisso. Esse sangue dava calor e alegria ao seu corpo. Enquanto foi jovem, não pensava nas vítimas. Dum dia para o outro, ao pensar nisso, gritou: «É preciso ser forte», porque começava a fraquejar. Bem o sentia agora: não podia ser forte, a não ser com intermitências.

Envelhecia. Dez anos mais cedo, aquilo que fazia a Noémia, tê-lo-ia feito sem um instante de dúvida... «A minha felicidade é o meu direito; ai de quem tocar nela!...» Não tinha necessidade de procurar pretextos. Agora, para arrancar a sua parte de felicidade à vida, era preciso encontrar outras razões fora da felicidade, que já não bastava. Tivera a força de afastar, sem escrúpulos, concorrentes menos felizes na luta pelo pão de cada dia: esse pão era o do seu filho; guiava-a o instinto animal que faz eriçar-se a fera para defender os filhos e que os alimentará da carne do próximo. O outro instinto animal, porém, o amor de si próprio — apanhar e guardar para si — esgotava-se, só se afirmava com intervalos. A maternidade, ao usurpar o seu lugar, tinha-o parcialmente destruído.

Ora, naquela crise, o seu filho não lhe poderia

prestar nenhum auxílio. Pior ainda: era uma inquietação e um remorso a mais. Anita não podia mentir a si própria: a sua paixão não contava com o filho. Sentia-se culpada perante ele e tivera o cuidado de lhe ocultar tudo. Conhecia o rapaz, percebera, no passado, os sentimentos de ciúme que lhe faziam mostrar as garras àqueles de quem ela gostava. Não o censurava por isso, sentia-se até feliz por ele querer ser o único a gostar dela... Agora, contudo, defendia o seu bem; contra quem?... Contra o seu próprio bem! Paixão contra paixão.

Não queria sacrificar nenhuma delas. Como ambas eram ciumentas, exigentes, imperiosas, tinha de esconder a uma o segredo da outra. Conseguira-o? Marcos detestava «o outro». No entanto, não sabia nada (ela tinha a certeza disso), mas, sem saber, o seu faro não o teria advertido? Tinha vergonha de se esconder e, mais ainda, tinha vergonha de que ele pudese desconfiar... Não, não suspeitava de nada; era por outros motivos que detestava Filipe...

Quanto a Filipe, não dava a honra a Marcos de se ocupar dele. Ao ligar-se a Anita, poderia ter tomado à sua conta dois ou três miúdos mais; nem sentimentalmente nem financeiramente isso teria importância para ele; não se lhe podia querer mal por isso. Via Marcos sem desprazer, não o achava muito estúpido, mas preguiçoso, pouco activo. Te-lo-ia, rudemente, metido na ordem, se ele lhe interessasse; mas não tinha nenhum motivo para se lhe afeiçoar e não o ocultava. Tinha uma maneira de falar do pequeno — e de falar ao pequeno — cuja brutal bonomia feria vivamente Anita. Habituado às coisas grosseiras da vida, não fazia a mínima ideia das atenções que exige um temperamento altivo e delicado e do seu pudor ofendido.

Diante da mãe, dava ao rapaz, em termos crus, rudes conselhos e prescrições de carácter médico que faziam corar a mãe e o filho; mas ainda mais a

mãe do que o filho. A teoria de Filipe era que não se devia ocultar nada à criança. Era também essa a opinião de Anita, assim como a de Marcos; mas há a maneira como isso se faz! Anita sofria na sua carne. Marcos, humilhado, acumulava rancores. Entre ele e Filipe só poderia haver desentendimento. Os seus temperamentos eram muito diferentes. Anita previa choques, desacordos permanentes. Terrível perspectiva para ela, mãe e amante apaixonada!

Nenhum apoio a esperar de nenhum deles, para se guiar. Tinha de decidir sòzinha, egoìsticamente. Então, não tinha o direito de pensar também em si? O direito não basta, se não nos agarramos «bastante» ao nosso direito. Fazia-o ela?... Sim, em certas ocasiões, como uma leoa, quando via a felicidade, a juventude, a vida, que iam desaparecer... A felicidade?... Não era questão de felicidade na união com um homem da espécie de Filipe! Talvez menos ou mais do que isso; incomparàvelmente mais, para uma mulher como Anita: uma vida cheia, inteligente, ousada, não uma vida repousada, adormecida na própria segurança, mas uma vida batida dos ventos do largo, com tespestades, acção, combates — com a sociedade, com ele próprio — vida de fadigas e de penas — mas vivida a dois, — a verdadeira vida, a vida digna de ser vivida e de se morrer no fim, cansado, mas feliz, por ter de deixar os dias ásperos e fecundos e por os ter vivido...

Era belo isso! Era preciso, porém, ter força... Tinha-a bastante para levar até ao fim, de cabeça levantada, o seu fardo bem equilibrado. Para o equilibrar, porém, necessitava de ser ajudada e talvez um tanto forçada. Que Filipe lhe pusesse o fardo à cabeça e lho impusesse! Que ele lhe dissesse: «Leva-o, por mim; és-me necessária...» Essas palavras fá-la-iam vencer todos os remorsos... Necessária era-o, porventura, a Filipe? Ele tinha-lho dito, nos primeiros tempos, quando a queria conquistar. Não o repetira depois. Anita desejaria ouvi-lo, uma vez

ainda, para se convencer. Via-o cheio de si, habituado a trabalhar sòzinho, a lutar só, a desenvencilhar-se só, e a ter orgulho disso; considerar-se-ia humilhado, se tivesse deixado que o ajudassem.

Então, Anita dizia: «Para que lhe sirvo?» O que o amor tem de benéfico é não apenas dar-nos a fé noutrem, mas dar-nos fé em nós próprios. Nisso, é caridoso, sentimento de que Filipe fazia pouco uso. Aquele grande médico dos corpos, como a maior parte dos seus pares, não se preocupava com as doenças das almas. Não pensava nada nas dúvidas que devoravam a mulher cujo corpo estava deitado a seu lado. Não deveria ter-lhe deixado o tempo de fazer a si própria perguntas. Era acabar com aquilo, casar com ela. Anita dizia-lhe baixinho: «Partamos juntos! Para voltar a ser senhora de mim!»

Filipe, agora, já não tinha pressa. Estava apaixonado, sim, mas por outras paixões, e que o interessavam mais: as suas ideias, os seus combates, a polémica que o absorvia no momento em que Anita queria que só pensasse nela. Não queria provocar um escândalo conjugal e enredar-se num processo de divórcio ruidoso, antes de sair do fogo da batalha presente. Estava resolvido a cumprir o que prometera; mas mais tarde. Anita que esperasse! Ele também esperava! Gozava-a. Acomodara-se à ideia de prolongar a situação. Gabava-se de impor a Noémia a mesma longanimidade. Gabava-se demasiado! Não queria ver o que uma tal expectativa tinha de intolerável para as duas mulheres.

«Naturalmente — pensava Anita, — um homem — um homem digno de que o amemos — nunca nos amará tanto como às suas ideias, à sua ciência, à sua arte, à sua política. Ingénuo egoísmo, que se julga desinteressado porque se encarna em ideias! Egoísmo do cérebro, mais assassino do que o do coração. Quantos corações não tem esmagado!...»

Anita não estranhava, porque conhecia a vida; mas sofria com isso. Tê-lo-ia, contudo, aceitado, se

se tratasse apenas de sofrer, talvez até com aquela secreta voluptuosidade de quem se sacrifica, própria das mulheres, e que de boa vontade o aceitam como um tributo ao amor. Não ao ponto, porém, de sacrificar o respeito por si própria e a honra do seu filho numa situação humilhante. Que Filipe não o compreendesse assim era-lhe doloroso. Sem dúvida, ele não era um espírito delicado. Bem sabia o que pensava da mulher e do amor. Devia pensar assim, pois assim o tinham feito a sua educação e as suas rudes experiências, e fora assim que ela o amara. Lisonjeava-se, porém, com a esperança de que o modificaria. Ora, verificava que, de dia para dia, perdia o seu poder sobre ele.

O pior é que o perdia também sobre si própria. Anita sentia-se dominada pelo demónio sensual, cada dia menos senhora da sua vontade, mais escravizada. O duelo da paixão só conserva a sua nobreza até ao dia em que há igualdade entre os combatentes; desde que há um vencido, o outro abusa, e o vencido envilece-se. Anita estava no minuto pungente que precede e decide da derrota: sabia-o e as suas forças não a manteriam por muito tempo. Filipe também o sabia. Mostrava-o a sua atitude. De nada servia desejar Anita como antes (talvez mais); tinha menos atenções com ela; usava brutalmente do que lhe pertencia, tratava-a como uma província conquistada.

Com os dias todos tomados pela sua vida de trabalho ordenada e tumultuosa e as noites por Noémia (porque queria salvar as aparências), só via Anita em encontros breves e ardentes, em acometidas. Nenhuma intimidade do coração. Cìnicamente, dizia ter ela a melhor parte. Anita queria fugir a esse rebaixamento, de que os seus sentidos eram cúmplices. Cada dia, porém, eles se tornavam mais imperiosos. Uma vez que quis subtrair-se à sua tirania, eles infligiram-lhe um desmentido cuja violência a assombrou. Uma mulher com aquele vigor

ardente, cuja férrea disciplina tivera acorrentadas, durante dez anos, as suas paixões, ao abrir-lhes a jaula, na hora mais abrasadora do tempestuoso Estio, corria o risco de ser aniquilada.

Só podia salvar-se se impusesse a Filipe o respeito pela esposa que desejava ser: *rei humanae atque divinae* — a igual. Pediu a Filipe, suplicou-lho angustiada, que renunciasse a ela, até ao dia em que pudessem, abertamente, amar-se e casar. Filipe recusou: não queria ser incomodado nas suas paixões nem na sua política; não queria passar sem Anita, nem casar com ela num momento que lhe parecia não ser propício. Simulava ver nos esforços de Anita para recuperar uma certa independência uma táctica bastante degradante para o prender mais a ela. Sabia, no entanto, o dom que ela fazia de si própria sem pensamentos reservados!

Anita foi como que esbofeteada com essa suspeita ultrajante, e de novo se deu, com um desespero apaixonado e desgostoso. Ele, porém, não queria ver nada. Chegava, exigia os seus direitos egoístas de amante, sem pensar que cada uma dessas vitórias carnais deixa no outro, quando consente, uma ferida. Anita considerava aquilo uma degradação. Já não se dava, prostituía-se ao amor. Se não saltasse fora da ladeira em que o seu corpo pesado rolava, estava perdida...

Uma tarde fugiu. Foi a casa de Sílvia e pediu-lhe que tomasse conta, durante alguns dias, do filho. Deu como pretexto a necessidade de se ausentar. Sílvia não pediu explicações; um simples olhar lhe bastou. Aquela mulher, duma curiosidade por vezes indiscreta, e sob tantos aspectos tão pouco compreensiva para os pensamentos de sua irmã, tinha o instinto do amor e das suas trágicas armadilhas. Assim como não confiara, nas horas da sua antiga intimidade com Anita, os segredos da sua vida passional (só falava de brincadeira), compreendia que Anita não lhe confiasse os seus. Sabia que

cada mulher tem direito às suas horas de silêncio, às suas grandes horas; e que ninguém a pode ajudar nelas; tem de se salvar sòzinha ou perecer sòzinha. Ofereceu a sua irmã o abrigo de uma vivendazinha que tinha nos arredores, cerca de Jouy-en-Josas. Anita, comovida, abraçou-a e aceitou.

Na habitação rústica, na orla dum bosque, encerrou-se durante quinze dias. Não dissera, sequer a Marcos, para onde ia. O seu refúgio só era conhecido de Sílvia. Apenas deixou Paris e o círculo enfeitiçado em que vivia, viu e julgou o desvairamento das últimas semanas. Ficou aterrada! Era ela aquela insensata, aquela miserável escrava, embriagada com a sua escravidão?! Que paixão assassina da alma!... O liame afrouxava. Respirava, naquela tarde, voltava a ver os prados, o bosque, a calma da terra. Havia dois meses que um véu opaco, vermelho, lhe ocultava o mundo. Até os que lhe estavam mais próximos — seu filho — lhe pareciam distantes...

Ao chegar àquela casa no campo, o véu rasgara-se aos raios do sol poente; ouvia os sinos, as aves, as vozes dos camponeses; chorou de alívio... A meio da noite, porém, (adormecera, quebrada) acordou em sobressalto. A angústia estrangulava-a. Sentia na garganta os anéis enroscados duma serpente. Passava os dias numa alternativa de humilhantes torturas, de ímpetos cegos e, sùbitamente, de aguda, de absoluta clarividência que esclarecia o grande engano. Tinha a permanente sensação da falta de segurança. Embora prevenida, armada, bastava um nada para voltar a cair. Prolongou a sua ausência.

Isso não era sem riscos para a sua situação. Aquele súbito eclipse fizera-lhe perder algumas lições. A clientelazinha que tivera tanto trabalho a reunir passava para outras mãos. Sílvia transmitia a sua irmã as cartas, as informações e acrescentava apenas as boas notícias da saúde do pequeno. Evitava dar conselhos: só Anita era juiz das suas acções.

Anita bem sabia que tinha de voltar para casa; mas retardava sempre a partida... Bem queria ficar; mas não podia evitar que o seu pensamento procurasse Filipe. Que fazia ele? Não a procurava?... Não recebera nenhumas notícias dele. Temia-as e desejava-as. Procurava varrê-lo do seu espírito e julgava conseguí-lo; mas ele não a deixava. Sùbitamente, apareceu-lhe.

Uma tarde, sob a latada que bordava o muro baixo do jardim, passeava, ociosa e preocupada, quando viu, por entre os arbustos, um automóvel aproximar-se. Pensou: «É ele!...» Escondeu-se ràpidamente. O carro deslizou ao longo do muro até ao extremo da pequena propriedade. Anita, com o coração apertado, ouvia o roncar do motor e percebeu que afrouxava. A trinta passos de distância, havia uma bifurcação, e o condutor hesitou. Anita, por detrás da cortina de folhas, arriscou-se a espreitar e viu, de costas, aquele homem indeciso, que se voltava a explorar o horizonte. Reconheceu-o.

Foi presa de terror: correu a esconder-se por detrás dum renque de buxo, deitou-se no chão, as unhas cravadas no solo, a cabeça baixa e uma onda de sangue nas faces, a pensar: «Vem buscar-me!» Queria dizer: «Não!», mas todo o seu ser gritava: «Sim!» Esmagava com os dedos os torrões secos e, com o rosto mergulhado no cheiro amargo do buxo, procurava calar o ruído do sangue nos ouvidos, para escutar os passos do outro lado do muro. Percebeu que o automóvel se afastava. Correu para o canto do jardim que dava para a estrada e gritou:

— Filipe!...

Numa volta, o carro desapareceu...

Anita voltou no dia seguinte para Paris. Sabia o que queria, o que iria fazer? Sílvia, olhou para ela com compaixão e disse:

— Isso não vai melhor... — e não lhe fez pergunta nenhuma.

Anita, reconhecida, ficou com o corpo quebrado,

sentada, sem dizer uma palavra, a um canto do quarto da irmã à procura dum reconforto naquela presença acalentadora. Sílvia ia e vinha, deixava-a entregue ao seu silêncio. Anita levantou-se por fim, para voltar para casa. Quando estava para sair, Sílvia, segurou-lhe a cabeça com as duas mãos, a comprimir-lhe as fontes, fitou-a demoradamente, abanou a cabeça e disse:

— Se não podes fazer doutra maneira, submete-te, não lutes mais! Isso passará. Tudo passa... O mal, o bem... até nós... E não vale a pena!...

Para Anita, porém, valia a pena. A questão não era apenas entre ela e Filipe; era entre ela e ela. Voltar para Filipe, confessar-se vencida por ele... encontraria nisso um prazer violento. O que a aterrorizava, contudo, era uma derrota mais profunda, mais íntima, de que só ela própria era testemunha. Transportava em si um inimigo mortal. Havia já muitos anos que não ignorava a sua presença, embora lhe agradasse, por orgulho e talvez por prudência, não pensar nele. Aquele gosto do desejo e da voluptuosidade, que uma vida precedente (a do pai?) preparara... Tudo que era a sua força e o seu orgulho de viver, a sua vontade, a sua alma sã, aquele ar puro e livre que lhe enchia os pulmões, era absorvido por isso. *Mors animae*... Anita, cuja razão talvez não acreditasse na alma, não queria, porém, que a sua alma morresse.

Levada a Paris por Filipe, como nos baixos-relevos assírios os cativos de corda ao pescoço, não viu Filipe, em Paris; fugia dele. Filipe, tão absorvido por Anita como ela o estava por ele, fora bater à sua porta na sua ausência. Indignou-se com aquela partida inesperada. Não admitia que ela lhe fugisse. Quis saber onde estava. Foi procurar Sílvia. Desde que a viu, declarou-se a guerra. Sílvia compreendera. Armada com uma desconfiança rancorosa, julgou Filipe, com os seus próprios olhos e não com os de Anita. Viu o homem perigoso como inimigo, mais

perigoso como amante, o homem que destrói aquilo que ama. Conhecia aquela espécie de homens e não queria nada com eles.

Às perguntas imperiosas de Filipe, que queria saber onde estava Anita, respondeu, friamente, não saber, mas tendo o cuidado de o deixar perceber que sabia muito bem. Filipe fez esforços para dissimular a sua irritação. Procurou agradar-lhe; Sílvia mostrou-se de pedra. Partiu, enraivecido. Não se deu ao trabalho de fazer buscas e nunca lhe passou pela ideia ir encher-se de poeira a passear de automóvel pelas estradas de Jouy-en-Josas. Não procurou Anita. Achava que não devia perder o seu tempo em investigações inúteis. Tinha a certeza de que Anita voltaria. O facto, porém, de ela lhe faltar, de se permitir inquietá-lo naquele momento, considerava-o imperdoável. O seu ressentimento e um desejo de variar atirou-o para sua mulher. Aproximação provisória e bastante humilhante para a substituta! Porque o era, à falta de melhor, pois esperava pela outra.

Noémia sabia não ser nada altiva quando tinha interesse nisso. Não perdeu o seu tempo. Aquela provação tinha-lhe revelado os seus erros passados. Reconheceu que para segurar um homem, não basta prendê-lo pelo amor, é preciso lisonjear o seu orgulho e as manias do seu espírito. Filipe ficou surpreendido pelo interesse que ela tomava pelas suas campanhas daquele momento e até por ter o cuidado de se informar a esse respeito. Suspeitou dos motivos disso; mas, quer o interesse de Noémia fosse real ou não, achava prazer naquilo.

Descobriu com alegria a inteligência de Noémia, que ela já não ocultava. Fora por esse lado que Anita a tinha batido. Serviu-se dessa arma e aperfeiçoou-a. Não pretendeu, como fizera Anita, julgar o fundo da questão. Deixava isso ao esposo e senhor. Limitou o seu papel a sugerir-lhe a táctica melhor para alcançar a vitória. Filipe admirava o seu en-

genho. Noémia, vencida a repugnância que lhe causavam essas disputas de homens, resolveu atirar-se para a liça. Nos salões, pôs-se a defender as teses do marido com ardor e conquistou adeptas.

Ganhou para a sua causa um certo número de jovens, encantadas por se afirmarem libertas dos preconceitos sociais. A esperta Noémia não tinha empenho nenhum em romper com eles. Embora lhes atirasse algumas setas, procurava alcançar indulgências no campo da moral e das pessoas de bem. Afirmava, gravemente, que o direito dos pobres a não terem filhos tinha a sua contrapartida no dever dos ricos de os fornecer ao Estado e à Sociedade. Para o dizer, era precisa uma certa audácia, pois, em sete anos de casada, Noémia não encontrara tempo de cumprir esse dever. Foi, porém, heróica: encontrou-o, então.

FILIPE não tardou em saber que Anita já tinha voltado. Tratou de a encontrar em casa, às horas em que a sabia sòzinha. Anita, porém, desconfiava disso e ele encontrava a porta fechada. A despeito da sua raiva e das outras diversões, a paixão de Filipe não diminuíra. A resistência de Anita exasperava-o. Não era homem que se deixasse despedir...

Anita encontrou-o, a poucos passos dela, na rua. Empalideceu, mas não lhe fugiu. Dirigiram-se um para o outro. Foi ele quem começou:

— Vá para casa... Vou consigo.

— Não — retorquiu Anita.

Dirigiu-se com ele para uma praceta exígua, ao lado duma igreja; apenas uma árvore poeirenta os ocultava aos olhos de quem passasse na rua. Estavam contrafeitos; Filipe disse, com aspereza:

— Parece que tem medo de mim.

— Não é de si; é de mim.

Filipe estava devorado pela paixão e pelo ressentimento. Quando o seu olhar duro se encontrou com o de Anita, que não o evitava, leu nele um sofrimento firmemente reprimido, e a sua cólera desapareceu. Foi com voz meiga que perguntou:

— Por que fugiu?

— Porque me mata com a sua presença.

— Não sabe então o que é amar?

— Bem o sei; por isso fujo. Tenho medo de o vir a odiar.

— Oh! Pode odiar, se lhe agrada! Odiar é ainda amar.

— Não, para mim. Não o posso suportar.

— Não é tão fraca que não possa suportar o bem e o mal do amor juntos.

— Não sou tão fraca, Filipe. Quero o amor todo inteiro. Corpo e alma. Não quero só metade.

— A alma não existe.

— A que votou, então, as suas energias? A que se sacrifica, desde que nasceu, se não é à sua ideia?

Filipe encolheu os ombros, dizendo:

— Ilusões!

— São elas que o fazem viver. Também tenho as minhas. Não as queira matar.

— Que quer dizer com isso?

— Quero que, até ao dia em que decidamos unir ou não as nossas vidas, evitemos ver-nos.

— Por quê?

— Porque não quero, não quero mais esconder-me, não quero entrar em partilhas, não quero, não quero mais...

Não disse, contudo, qual era a mais secreta razão: «Se não resisto agora, depois nem me ficará sequer a vontade de resistir; não me pertencerei mais; serei um trapo que se atira fora, depois de se ter sujado.»

Filipe, que era incapaz de compreender aquela revolta do instinto contra a servidão aos desejos mortais, só via naquilo uma desconfiança e uma

astúcia de mulher para o dominar. Se não o disse, não o ocultava. Quando leu isso nos seus olhos, Anita fez um movimento para se ir embora. Filipe, fremente de impaciência e do esforço que fazia para não se tornar reparado aos olhos de quem passava, agarrou no braço de Anita e, apertendo-o, disse, com uma voz que procurava abafar o seu arrebatamento:

— Pois eu não quero, não quero renunciar; quero ver-te... Cala-te! Não respondas!... Não podemos falar aqui... Irei, hoje à noite, a tua casa.

Anita reagiu:

— Não! Não!

Filipe repetiu:

— Irei. Não posso passar sem ti. Nem tu sem mim.

Anita rebelou-se:

— Eu posso.

— Mentes.

Lutavam, sem gestos, em voz baixa, mas violenta, a golpes de alma. Os seus olhares mediam-se. Foi o de Filipe que cedeu. Implorou:

— Anita!...

Mas ela conservava nas faces a bofetada do brutal desmentido e a vergonha de pensar que, na verdade, mentia. Ficou rígida, libertou a mão que ele retinha e partiu.

À noite, Filipe foi a casa dela. Todo o resto do dia o passara Anita no terror daquele instante e no medo que tinha de não ser suficiente forte para conservar a porta fechada. Não queria voltar a encontrar-se face a face com aquela paixão impiedosa. Convencera-se da impossibilidade de viver com aquela chama a arder no seu seio. Era preciso arrancá-la, enquanto tinha um resto de energia. Ainda tinha a bastante para isso? Amava-o; amava a queimadura que a consumia. Amanhã, amaria a vergonha e os ultrajes. Envergonhava-se de o confessar;

até na sua revolta contra ele, naquela manhã, havia um fundo de volúpia...

Reconheceu-lhe os passos ao subir; ouviu-o tocar e não se levantou da cadeira onde estava. Filipe tocou de novo à campainha, bateu à porta. Anita, de braços pendentes e com o corpo inclinado para trás, repetia a si própria: «Não, não...» Embora quisesse levantar-se para ir abrir, ter-lhe-ia faltado o ar... Não ouviu mais nada. Teria ele partido?... Levantou-se, antes de ter tomado qualquer resolução. Dirigiu-se para a porta, titubeante, a passos cautelosos. Uma tábua do soalho rangeu. Anita parou. Passaram alguns segundos: não se ouviu mais nada. Adivinhara, contudo, por detrás da porta, a presença de Filipe, à espera. Filipe sabia que Anita o escutava, do outro lado... Silêncio pesado. Mediam forças... A voz de Filipe, colado à porta, disse:

— Anita, sei que está aí. Abra!

Anita, encostada à parede, sentia desfalecer-lhe o coração. Não respondeu.

— Bem sei que está aí. Não vale a pena ocultar-se!... Anita! Abra! Preciso falar-lhe!...

Abafava a voz, para não o ouvirem na escada; mas uma onda de paixões diversas invadia-o; estava prestes a abanar a porta.

— Preciso de a ver... Quer queira quer não, entrarei...

Silêncio.

— Anita, magoei-a, esta manhã. Perdoe-me!... Quero-a. Que exige de mim? Diga-mo e fá-lo-ei...

Silêncio. Silêncio. Filipe cerrou os punhos. Tê-la-ia estrangulado. Rugiu, a boca contra a porta:

— É minha. Não tem o direito de me fugir.

Depois, disse:

— Pense bem! Se não abre, acabou-se tudo, para sempre.

Disse ainda:

— Anita, minha Anita!

Arrebatado, gritou:

— Cobarde! Tens medo de me ver! Só és forte por estares por detrás duma porta fechada.

Uma voz, do outro lado, replicou:

— Por que me tortura?

Filipe, surpreso, calou-se.

A mesma voz, cansada, continuou:

— Meu amigo, quer matar-me.

Filipe estava comovido; mas o seu orgulho ferido não o quis mostrar. Voltou a dizer:

— Que pede, então?

— Piedade.

O tom da sua voz abalou-o; mas não compreendeu.

— Para que precisa dela?

Anita retorquiu:

— Deixe-me!

A sua cólera reacendeu-se:

— Manda-me embora?

— Imploro-lhe repouso... Repouso!... Deixe-me sòzinha durante algumas semanas.

— Assim, já não me quer?

— Defendo o meu amor.

— Contra quê? Contra quem?

— Contra si.

— Loucura!... Abre!

— Não!

— Quero-o. Quero-te.

Anita mantinha-se erecta e altiva, mas fremente. O seu olhar desafiava-o, para lá da porta. Embora não a pudesse ver, esse olhar atingiu-o. Gritou-lhe, então:

— Adeus!

Anita ouviu-o descer e o sangue gelou-se-lhe. Filipe não perdoaria.

FILIPE não perdoou. Não voltou mais. Anita repetia a si própria: «Tinha de ser, tinha de ser...» mas não se resignava. Queria ver ainda uma vez Filipe, fazer-lhe compreender docemente (por que se tinha arebatado?) que não fugia dele, que defendia ciumentamente o seu amor; o amor de ambos e o seu orgulho comum, que ele queria destruir com uma inconsciência brutal. Desejava que lhes fosse permitido a ambos recolherem-se, tomarem pé no meio daquela torrente de paixão, que os arrastava com a sua lama e a sua espuma, para julgar e decidir em plena liberdade. Se ele a devesse escolher, que respeitasse nela a sua esposa e se respeitasse a si próprio...

Filipe não perdoava, contudo, que uma mulher a quem amava opusesse uma barreira à sua vontade. Noutra classe social, ter-lhe-ia batido. Metido na jaula da sua, obrigado a não dar pasto à sociedade que desejava dominar, a sua paixão ofendida tornou-se numa negação irritada da paixão. Na impossibilidade de o fazer à mulher que lhe resistia, queria destruir o sentimento que tinha por ela. Era também atingi-la — bem o sabia — no coração. Porque o seu instinto dizia-lhe que Anita, a despeito de tudo, amava-o...

Após três meses de amarga solidão, de diálogos consigo própria, ardentes e atormentados, de renúncia e de esperança, de altivez, de baixeza, de censuras interiores, após três meses de espera incurável e estéril, Anita soube um dia, por Solange, encantada, que a felicidade abençoara o lar dos Villards: Noémia encontrava-se grávida.

ANITA quereria refugir-se junto de seu filho, esconder a sua cabeça dolorida sob a asa do amor que, diz-se, não engana: o do filho pela mãe. Infelizmente, engana, como os outros. Anita não esperava de Marcos nenhuma manifestação de ternura, nem sequer de interesse. Nunca o rapaz lhe parecera mais frio, mais seco, mais indiferente. Dos tormentos que devoravam a mãe, não via nada. É certo que ela se esforçava por lhos ocultar; mas dissimulava-os tão mal! Podiam ler-se nos seus olhos cavados pela insónia, na, sua face, pálida, nas suas mãos emagrecidas, em todo o seu corpo minado pela cruel paixão. O filho não lia nada. Nem olhava sequer para ela. Só pensava em si e o que se passava em si guardava-o bem guardado. Só o via à hora das refeições, durante as quais não pronunciava uma palavra.

Os esforços que a mãe fazia para conversar com ele tornavam ainda mais obstinado o seu mutismo. Apenas conseguia arrancar-lhe, ao princípio e ao fim do dia, os habituais «Bom dia» e «Boa noite», pois ele considerava isso como ridículo e só consentia em fazê-lo (e não era todos os dias!) para não ter questões. Dava, à pressa, ao beijo de sua mãe, uma testa franzida e, quando não ia para o liceu ou tratar das suas coisas pessoais (de que não dava contas a ninguém), encerrava-se no seu gabinete de estudo — um quarto de arrumações, pouco mais de que um armário, entalado entre a casa de jantar e o quarto de dormir — e não queria que lá fosse ninguém incomodá-lo. À mesa, tinha o ar dum estranho. A mãe dizia, amargamente: «Se eu morresse, não verteria uma lágrima.»

Anita lembrava-se do seu sonho de outrora: o querido companheirinho fabricado com o seu próprio sangue, enroscado junto dela, sem falar, mas que adinhava, compartilhava de todos os segredos do seu coração. Como ele era falto de ternura! Por

que seria assim tão duro? Dir-se-ia, em certas ocasiões, que detestava a mãe. Porquê? Por ela lhe querer demasiado! «Sim, é a minha doença, amar demais! Não se deve amar muito. As pessoas não têm necessidade disso. Incomoda-as... O meu filho não gosta de mim! Está inquieto por me deixar... O meu filho, que é tão pouco meu filho! Não sente nada do que sinto! Não sente nada!...»

Naquela altura, o coração de Marcos estava iluminado de amor e de poesia. Estava loucamente apaixonado por Noémia. Era uma dessas paixões de criança, absurdas e devorantes. Mal sabia ainda o que queria da mulher; vê-la, aspirar-lhe o perfume, tocar-lhe, morder-lhe? Por certo, não duvidava que se tratava de posse; mas era ele que se sentia possuído. Marcos quase desfalecia, quando, na mãozinha que Noémia lhe estendia, aplicava os lábios e a ponta do nariz, aquele nariz guloso de cachorro jovem que farejava, na frágil flor do pulso, o mistério estonteante do perfume do corpo feminino.

Ela era toda, para ele, uma flor e um fruto vivos. Marcos ardia no desejo de lhe imprimir — muito docemente — os dentes na pele e vivia no terror de ceder um dia a esse desejo. Uma vez (oh, que vergonha!) cedeu... Que se iria passar? Corado e a tremer, aguardava os maiores infortúnios: a humilhação pública, as palavras indignadas e o despedimento ultrajante. Ela, porém, rira às gargalhadas, chamara-lhe: «Cachorrinho!», dera-lhe um sopapo por detrás da orelha, esfregara-lhe o nariz uma, duas, três vezes, no sítio da mordedura, acrescentando:

— Pede perdão!... Maroto!

A partir de então, Noémia deu-se ao capricho de brincar com aquele animal jovem. Não era por mal. Também não era por bem. Procurava provocar aquele moço apaixonado. Isso para ela não tinha importância. Não tomava o rapaz a sério; mas ele (como era, a despeito das aparências, autêntico filho de Anita!) tomou aquilo ao trágico. Desde o

primeiro momento em que a vira, Noémia fora para ele o paraíso perdido, essa maravilhosa imagem de mulher que surge ante o olhar ainda indeciso do adolescente.

A fascinante imagem da mulher era feita daquilo que era e do que não era; daquilo que ele via e do que não via, daquilo que não sabia; do que temia e desejava, do que queria e não queria, da terrível atracção que causa no corpo adolescente o apelo extático e brutal da natureza. Das linhas de Noémia, ele talvez não visse uma com exactidão: mas cada uma das linhas e cada um dos seus movimentos, as rugas do seu vestido e os caracóis do seu cabelo, a sua voz, o seu perfume, a cintilação dos seus olhos, tudo lhe fazia loucamente surgir do corpo e do coração desejoso vagas tumultuosas de alegria e de esperança, gritos de felicidade e uma vontade de chorar.

No mesmo dia em que Anita, desolada, o viu mais duro, hostil, glacial, e em que as suas inábeis instâncias para saber a causa disso tinham provocado uma resposta que a ferira, nesse dia, precisamente, o adolescente tivera a mais comovente revelação do seu sonho encantado. Havia uma semana que vivia em plena embriaguez. Noémia, a quem continuava a ver sem a mãe saber, e que se servia dele como dum espião, que a informava, inocentemente, de todos os movimentos no campo adverso, Noémia, que Marcos surpreendera uma vez na sala, enquanto conversavam, a mirar-se num espelho minúsculo dissimulado no lenço, divertira-se a passar-lhe pelos lábios pálidos o seu *bâton de rouge*.

Assim, o rapaz tivera na própria boca o gosto da boca amada. Ficara-lhe na ponta da língua, que chupara depois, sentindo-se todo impregnado dele. Aquele vermelho vivo, aquela boca sempre entreaberta, por o lábio curto — ou em contínuo movimento — não atingir o outro, carnudo como uma cereja, via-os agora por toda a parte. (Naquela manhã, ao sair de casa, ao bater a porta brutalmente,

resolvera fazer «gazeta» ao liceu, para ir passear). Viu-os a florir no vergel das nuvens daquele lindo céu de Verão, nos círculos caprichosos da água duma fonte, no sorriso distraído das mulheres que passavam. Não via mais nada.

Caminhava ao acaso, o cabelo loiro ao vento. Por distraído que fosse e com a cabeça cheia de loucuras, pôde com os seus olhos de lince descobrir ao fim da rua a tia Sílvia, que caminhava para ele. Apressou-se a voltar para uma rua lateral. Não se queria encontrar com ela. Não com receio de ser apanhado a fazer «gazeta», — ela até acharia graça nisso — mas quando tinha um segredo, com ela (já não sucedia o mesmo com a sua mãe) nunca tinha a certeza de não ser descoberto. Dizia-lhe o instinto que segredos daqueles não havia ninguém como a tia Sílvia para os descobrir.

A tia não o vira. Respirou, aliviado. Podia saborear o seu amor, toda a manhã. O seu passeio ao acaso, que o amor, no entanto, não impedia de fazer interromper, em frente duma montra, a ver uma gravata, uma bengala, um jornal ilustrado, levava-o, sem que desse por isso, directamente ao fim, como aqueles pombos de Paris que vão todas as manhãs por cima do amontoado das casas pardacentas procurar os grandes jardins e as velhas árvores frescas. O rapaz também as procurava. Precisava da sua sombra e do seu murmúrio. Desceu a direito o Monte de Santa Genoveva e achou-se, ao sair das velhas ruas populosas, nos espaços claros do calmo Jardim das Plantas, antes de ter dado conta de que era ali realmente que desejava ir.

Havia pouca gente, àquela hora. Alguns raros passeantes. Paris zumbia, ao longe, como um zângão, na vibração azul duma bela manhã de Verão. O rapaz procurou um banco oculto, junto duma moita de árvores, e fechou os olhos sobre o seu tesouro. As suas longas mãos febris de adolescente, apertadas contra o peito, pareciam querer obrigar o

seu coração dos olhares indiscretos. Que ocultava de tão precioso que mal ousava pensar? Uma palavra de Noémia, de que tinha feito um mundo e que ela dissera impensadamente...

No último dia em que a vira, embora não prestasse grande atenção à sua presnça, Noémia lançara-lhe ao acaso um sorriso, enquanto o seu espírito estava absorvido pelos grandes acontecimentos (a reconquista de Filipe, a humilhação de Anita, a vitória definitiva!... «Nunca se sabe! Nada é definitivo! Contentemo-nos com o dia de hoje!»), suspirara de fadiga, de enervamento, de prazer. Marcos perguntou-lhe que tinha. Divertida com o olhar alarmado e ingénuo do rapaz, disse, para o intrigar:

— É um segredo... — e suspirou ainda mais.

Marcos insistiu:

— Que segredo?

Um pensamento malicioso passou pela cabeça de Noémia, que replicou:

— Não o posso dizer. Adivinha-o!

Palpitante de comoção, o rapaz disse:

— Não posso adivinhar. Diga lá!

As pálpebras dela bateram, velaram os olhos langorosos:

— Não, não, não...

Corado, balbuciante, Marcos já estava com medo de saber. Ela, para prolongar a brincadeira, tomou um ar misterioso para dizer:

— Queres saber?...

Na sua perturbação, Marcos estava quase a gritar: «Não quero!»

Noémia continuou:

— Pois bem... Hoje, não!... Dir-to-ei um outro dia.

— Quando?

— Em breve.

— Mas em breve, quando?

— Em breve... Na próxima semana, quando vieres jantar.

A semana tinha passado. Naquela noite, pensava Marcos, ve-la-ia e saberia. Só vivia à espera daquele instante. Tinha-o vivido, antecipadamente, umas vinte vezes! Não ousava ir até ao fim da história. Era de tal maneira angustioso... Ficar, porém, a meio caminho, sabia-lhe tão bem! No banco do jardim, sentia-se sucumbir, enlanguescido. Numa igreja, soaram as badaladas do meio-dia. Por detrás da cortina de árvores, a areia duma alameda cheia de sol rangeu sob os passos duma pequenita que cantarolava. Pássaros exóticos, ao longe, num viveiro, pipilavam numa linguagem estranha e comovedora.

No Sena, muito ao longe, ululava lentamente a sereia dum rebocador. Sem o ver, sem ruído, passaram devagar na sua frente dois namorados: uma rapariga morena e um operário pálido, que se beijavam na boca e se comiam com os olhos. O rapaz, contendo a respiração, seguiu-os com o olhar até à volta da alameda, e, quando desapareceram, soluçou de prazer. Do prazer passado. Do prazer que viria ainda. Do prazer que estava neles, em tudo que o rodeava, naquele meio-dia de Verão e no seu coração ardente que os abraçava a todos.

Foi para casa aureolado por aquele minuto de êxtase, que ia mais além da imagem feminina que o provocara: a sombra de Noémia fundia-se num banho de oiro, e, para a poder ver, era preciso querer. Marcos queria-o, mas ela fugia-lhe; procurava enganar-se, e fingia reconhecê-la sob o disfarce daquela felicidade tão intensa que chegava a ser dolorosa, de tudo aquilo que transbordava em si: esperanças infinitas, resoluções heróicas, aquela força e aquela bondade que o suspendiam como se fossem asas, enquanto subia a quatro e quatro os degraus da escada. Apenas, viu, contudo, o olhar severo da mãe (chegava três quartos de hora atrasado para o almoço), a auréola desapareceu e instalou-se na nuvem sombria do silêncio.

Anita já nem tentava falar com ele. Transportava um fardo de amarguras que não podia aliar. O filho, sentado à mesa, na sua frente, parecia-lhe egoísta e distante. O rapaz comia vorazmente. Tinha apetite e pressa de acabar, para voltar de novo à sua fantasmagoria. A mãe pensava: «Não sou mais nada para ele do que uma pessoa que lhe fornece comida.» Já não tinha sequer a coragem de protestar; resignara-se. Ao terminar o almoço, Marcos lembrou-se de que não dera uma palavra. Sentiu um vago remorso; mas receava que, se começasse a falar, a mãe lhe fizesse perguntas. Meteu o guardanapo mal dobrado na argola, precipitadamente, levantou-se e teve o cuidado de evitar o olhar da mãe. Ia sair, quando, num impulso brusco, perguntou (tinha a certeza, visto Noémia ter-lhe dito, mas sentia a necessidade de ver confirmado aquilo que sabia):

— É hoje que vamos jantar a casa dos Villards?

A mãe, que ficara sentada numa imobilidade indiferente, disse, sem olhar para ele:

— Não vamos jantar a parte nenhuma.

No limiar da porta, Marcos parou, surpreso:

— Como? Disseram-me!...

— Quem to disse?

O rapaz, perturbado, não respondeu. A mãe ignorava as suas visitas a Noémia. Marcos procurou fugir á pergunta com outra:

— Então, é noutro dia?

Anita encolheu os ombros. Não se tratava já de jantar em casa dos Villards! Noémia dissera, por brincadeira, «na próxima semana», como poderia ter dito «nas calendas gregas...» Marcos deixou o fecho da porta e voltou para dentro, ansioso. A mãe olhou para ele, reparou na sua decepção e disse:

— Não sei.

— Como?! Não sabes?

Anita respondeu, evasiva:

— Os Villards estão para fora.

Marcos gritou:

— Não!

A mãe pareceu não o ouvir. Marcos pôs as mãos impacientes nos braços da mãe, estendidos sobre a mesa, e disse, suplicante:

— Não?... Isso não é verdade?...

Anita pareceu despertar do seu torpor, ergueu-se e começou a levantar a mesa.

— Para onde? Para onde foram? — clamava Marcos, aterrado.

— Não sei! — respondeu Anita.

Levantou os pratos e saiu. Marcos ficou atordoado perante o desmoronar do seu sonho. Não compreendia nada... Aquela partida súbita, sem o prevenir... Impossível! Ainda tentou ir atrás da mãe, para obter uma explicação... mas não!... Deteve-se... Não, não era verdade! Agora, compreendia... A mãe descobrira o seu amor. Queria separá-lo de Noémia. Por isso mentia; mentia! Noémia não tinha partido... Sentiu ódio pela mãe.

Saiu de casa, precipitou-se pela escada abaixo e correu, com o coração a bater desordenadamente, a casa dos Villards. Queria ter a certeza de que não tinham partido. Com efeito, não. O criado disse-lhe que o senhor acabava de sair e que a senhora estava fatigada e não recebia. Marcos insistiu com o criado para que lhe fosse pedir um minuto de atenção. O criado voltou: «A senhora pedia desculpa, mas era impossível». O rapaz insitiu ainda febrilmente: «Precisava de a ver, ainda que fosse um momento apenas, pois tinha a dizer-lhe coisas muito importantes...» Continuou a proferir palavras incoerentes, com uma voz aflautada, gaguejante e sufocada pela comoção, com gestos desordenados, muito corado, quase a chorar.

O olhar curioso e trocista do criado impassível fazia-o perder o fio das ideias. O criado foi-o empurrando para a porta. Marcos protestou tolamente, dizendo não lhe consentir que o empurrase. O criado

disse-lhe que se fosse embora e que, se não se calava, chamaria o porteiro para o pôr na rua... e fechou-lhe a porta na cara. Envergonhado e furioso, ficou no patamar, sem se dicidir a partir. Maquinalmente, encostado à porta, sentiu que estava mal fechada e cedia. Empurrou-a e entrou. Queria a todo o custo chegar até onde estava Noémia. No vestíbulo não havia ninguém. Sabia onde era o quarto dela, e seguiu pelo corredor. Ouviu a voz de Noémia, que dizia ao criado:

— Apre! O rapaz é maçador!... Fez muito bem em correr com esse seresma!...

Marcos deu por si de novo no patamar. Fugia. Chorava, rangia os dentes, desvairado. Sentou-se num degrau, sufocado. Não queria que o vissem, na rua, a chorar. Enxugou as lágrimas e compôs o semblante calmo que mascarava uma dor raivosa. Sem saber o que fazia, dirigiu-se para casa. Estava desesperado... Morrer, queria morrer! A vida já não era possível para ele. Era uma coisa feia, baixa e mentia, tudo mentia!... Não podia respirar.

Ao atravessar o Sena, pensou em atirar-se da ponte abaixo. Um outro desgraçado, porém, antecipara-se. As margens pareciam negras de moscas. Umas mil pessoas — homens, mulheres, crianças — debruçados nos parapeitos, viam, àvidamente, retirar um afogado. Que sentimentos os impeliam? Muito pouco o arrepio sádico; pouquíssima a compaixão. Para a enorme maioria, era a atracção do caso da rua, a curiosidade dos desocupados. Certo número talvez pensava em si, para ver como se sofre («Como poderia eu sofrer»), ver como se morre («Como poderia eu morrer»).

Marcos só distinguia os baixos sentimentos da curiosidade, que lhe causavam horror. Matar-se, sim, mas não na rua! Era como a mãe: tinha o seu pudor, era dum orgulho feroz, não queria dar-se em espectáculo àquela canalha, ser apalpado pelas suas mãos, violado na sua nudez pelos seus olhares sujos.

Cerrou os dentes e voltou para casa mais depressa, decidido a matar-se.

Encontrara um revólver, no decurso das buscas que fizera em casa, na ausência da mãe. Era o de Noémia, que Anita apanhara, após a partida dela, e, descuidadamente, metera numa gaveta. Marcos apoderara-se dele e tinha-o escondido. A sua resolução estava tomada. Como nos rapazes, quando o acto está à mão, a resolução segue imediatamente o pensamento, Marcos quis pôr logo a sua ideia em prática. Entrara em casa sem ruído, tal como tinha saído, e, fechado no seu quarto, armou o revólver, tal como vira fazer a um camarada do liceu, um tanto mais velho, que trazia na algibeira um desses brinquedos e, na aula de grego, com a pasta aberta entre as pernas, explicava dentro dela o manejo daquilo aos vizinhos atentos.

A arma estava pronta para disparar e Marcos preparou-se para isso... Onde se poria?... Era preciso que não falhasse. Ali, em pé, em frente do espelho... E depois, para cair?... Talvez, ali, sentado, com os cotovelos em cima da mesa e o espelho na frente... Foi buscar o espelho, pô-lo em cima da mesa e segurou-o com um dicionário. Assim, via-se bem. Pegou no revólver e apontou-o... Para onde? Para a fonte dizem que é o melhor... «Fará sofrer muito?...» Não tinha um único pensamento para sua mãe. A sua paixão, o seu sofrimento, os seus preparativos absorviam-no completamente... Viu os seus olhos no espelho e comoveu-se... Pobre Marcos!...

Sentiu a necessidade de dizer, de dar a conhecer, antes de desaparecer, aquilo que tinha sofrido neste mundo e como o desprezava... Necessidade de se vingar, de deixar pena, de provocar a admiração... Procurou papel, encontrou uma grande folha de papel almaço, dos seus cadernos, dobrou-a ao meio — (estava com pressa) e com a sua letra ainda incerta, da criança aplicada, escreveu:

«Não posso viver porque ela me traiu. São todos maus. Não gosto mais de ninguém e, então, prefiro morrer. Todas as mulheres mentem. São cobardes. Não sabem amar. Desprezo-a. Peço que quando me enterrarem ponham no meu caixão este papel: «Morro por Noémia».

Ao escrever aquele nome querido, chorou, meteu o lenço na boca para não fazer ruído a soluçar. Enxugou as lágrimas, releu o que escrevera e pensou gravemente: «Não devo comprometê-la.» Rasgou, então, a página e começou a escrever. Aquelas linhas desesperadas, a despeito dele, subiam em girândola. Ao chegar à frase: *Não sabem amar,* acrescentou: *Eu soube, e morro por causa disso.* Se não fosse a sua dor, sentir-se-ia satisfeito com a frase, que quase o consolava. Isso dispô-lo à bondade para com os que ficavam, e, generosamente, concluiu: *Perdoo a todos.*

Assinou. Ainda mais alguns segundos e tudo teria terminado. Estaria liberto; e via antecipadamente o belo efeito produzido. Enquanto se aplicava a passar a pena pelo risco pueril que sublinhava o nome, para o qual faltara a tinta, a porta do quarto abriu-se bruscamente. Só teve tempo de esconder, debaixo dos braços, a arma e o papel. Anita só viu o espelho em cima da mesa e supôs que Marcos estava a admirar-se. Não fez nenhuma observação. Parecia extraordinàriamente fatigada, e disse, em voz baixa, como se estivesse esgotada de forças, ter-se esquecido de comprar leite para o jantar. Pediu ao filho que fosse gentil e lhe evitasse descer e subir os quatro andares para o ir buscar. Marcos, que só pensava em evitar que a mãe visse aquilo que ocultava debaixo dos braços, respondeu bruscamente que não tinha tempo, que estava ocupado. Anita, com um sorriso triste, fechou a porta e saiu.

Ouviu-a descer lentamente a escada (tinha um ar quebrado). Marcos teve remorsos. Ficara impressionado com a expressão do rosto e do aspecto fatigado

da mãe... Atirou, ràpidamente, com o revólver para uma gaveta, escondeu sob um monte de livros o «adeus à vida» e saiu a correr. Apanhou a mãe na escada e, num tom rude, disse-lhe que ia ele fazer o recado. Anita subiu, com o coração mais aliviado. Pensava que o rapaz era menos mau do que parecia; mas sofria com a sua rudeza, as suas asperezas. Santo Deus! Não era nada terno!... Tanto melhor para ele! Pobre pequeno, sofrerá menos na vida...

Quando Marcos voltou, esquecera completamente a sua vontade de se matar. Não teve nenhum prazer em encontrar sobre a mesa, debaixo dos livros, o famoso «testamento». Apressou-se a fazê-lo desaparecer no fundo duma pasta. Afastou do seu espírito aquela ideia opressiva. Percebia agora que cruel maldade seria a sua para a mãe, cuja saúde inspirava cuidados. Traduziu, porém, mal o seu interesse pela saúde dela. Não soube perguntar nem ela responder. Por amor próprio, não quis mostrar a sua comoção; tinha o ar de se desobrigar, aborrecido, dum dever de cortesia.

Anita, orgulhosa como ele, não quis perturbá-lo e mudou de conversa. Caíram, então, ambos, no seu habitual mutismo. Aliviado da sua inquietação, Marcos julgou-se no direito de querer mal a sua mãe, visto ter-lhe feito o sacrifício de não se suicidar... Bem sabia já não ter nenhuma vontade de se matar; mas tinha necessidade de se vingar do que sofrera. Como não se podia vingar nos outros, vingava-se na mãe: tinha-a ali, à mão, e ela não lhe replicava.

Assim continuavam emparedados, cada um deles preso das suas penas. Marcos, a quem a sua tristeza começava a oprimir, via crescer a sua animosidade contra a tristeza da mãe. Sentiu-se aliviado ao ouvir a campainha da porta anunciar (reconhecera a maneira de tocar) a tia Sílvia. Ia buscá-lo para o levar a um espectáculo de Isadora, pois ti-

nha-se, sùbitamente, entusiasmado com a dança. A despeito do dever, a que se julgava obrigado, de conservar na alma e no rosto (sobretudo no rosto) a marca fatal da provação que acabara de sofrer, não pôde ocultar a sua alegria por poder escapar-se.

Foi a correr vestir-se, mas deixou a porta aberta, para não perder nada da alegre conversa da tia, que mal chegara, começara a contar uma história frívola. Anita, que se esforçava por sorrir, apesar de estar desolada, pensava: «Quem dirá que é a mesma mulher que rugia, há um ano, sobre o corpo da filha! Terá ela esquecido?»

Anita não invejava aquela elasticidade de sentimentos. O riso do filho, que, do outro quarto, respondia ao que Sílvia dizia, demonstrava um não menor dom de esquecer.. Ela, que considerava isso como uma falta de coração, ignorava possuir também esse dom maravilhoso e cruel. Quando Marcos apareceu, radiante, pronto para sair, a mãe pôde reprimir no rosto um ar de dura desaprovação. O rapaz vingou-se e exagerou a sua alegria, pois ficara vexado, mais do que se ela lhe tivesse dito qualquer palavra de censura. Mostrava-se tão ruidoso e apressado, ao sair, que se esqueceu de se despedir da mãe.

Já na rua, pensou nisso. Voltaria atrás? Ora, pior para ela. Estavam zangados. Sentia-se aliviado por deixar aquele rosto repreensivo e, sobretudo, aquela tristeza, aquela atmosfera deprimente da casa e os vestígios incómodos do que se passara naquele dia... Que dia imenso!... Grande como um mundo!... Em algumas horas, muitas vidas, o cúmulo da felicidade e o fundo do desespero... Sob uma tal carga de comoções, deveria ter ficado esmagado; mas, para a maleabilidade do adolescente, não pesavam mais do que um passarinho num ramo. A ave levantara voo e o ramo endireitava-se e balouçava ao vento. Tinham voado as alegrias e penas

daquele dia! Delas só ficara uma impressão de sonho. Para gozar as alegrias e penas novas apressava-se a esquecer as outras.

A mãe, contudo, que não sabia o que se passava nele, ela, que era, como ele, apaixonada, chamava tudo a si, e, ao ouvi-lo rir na escada, sofreu no seu coração a punhalada de o saber alegre por a deixar. Pensava que o filho a odiava, pois a sua paixão exagerava tudo, em todos os sentidos. Era uma carga para ele. Sim, isso era evidente. O filho pensava em ver-se livre dela. Se ela morresse, ele seria mais feliz... Mais feliz!... Ela também. Traspassava-a a ideia de que o seu filho, o seu menino, pudesse desejar a sua morte... (Absurdo? Quem sabe? No seu foro íntimo, no delírio dum momento, que criança não desejou a morte de sua mãe?...) O horror desta intuição, ao apoderar-se de Anita no momento em que apenas estendia uma mão desfalecida à vida, foi para ela um golpe mortal.

Durante todo o dia fora assaltada por um regresso furioso da paixão. Agora, que, tomada e executada a decisão, consumado o irreparável, cumprira o dever imposto pela sua vontade, já não sentia forças para fazer frente ao assalto do inimigo interior, e o inimigo precipitara-se como uma torrente. Sentia-se sua cúmplice. Tinha-lhe aberto as portas. Quando tudo está perdido, temos ao menos o direito de gozar do nosso desespero! «O meu sofrimento só me diz respeito a mim. Posso consagrar-me toda a ele! Sangra, sangra, coração! Apunhalo-te para te obrigar a voltar a ver aquilo que perdeste!»

Filipe... estava ali, na sua frente... A evocação era tão forte que o via, falava-lhe, tocava-lhe... Era ele, tudo aquilo que amava nele, a atracção daquilo que nos assemelha e se opõe, a união antagónica, ardente no duplo fogo do amor e do combate. Abraço e luta, tudo é o mesmo. Aquele abraço

ilusório tinha uma tal violência carnal que a possuída pelo amor, vergava como Leda sob o cisne. A torrente da paixão refluía desesperadamente. Apareceram, então, as angústias que conhece toda a vida feminina, feita para amar, e à qual é negada a sua parte no amor, naquele momento da vida em que, quando morre um amor, se julga ter morrido o amor.

Naquela noite em que Anita, sòzinha no seu quarto, abandonada pelo filho, com a sua paixão mutilada, agonizava no luto do seu coração, o pavor daqueles pensamentos — o amor perdido para sempre, a vida perdida sem amor — apertava-lhe a garganta, não lhe deixando um minuto de repouso, e, sempre repelido, voltava sempre. Anita tentava, em vão, ocupar o seu espírito: pegava num trabalho, punha-o de parte, levantava-se, sentava-se. Com a cabeça apoiada à mesa, torcia as mãos. A ideia fixa punha-a louca.

Estava naquele ponto de sofrimento em que a mulher, para escapar a si própria, é capaz de todas as aberrações. Anita sentia-se prestes a perder a razão e sentia no seu delírio um impulso selvagem, o terrível desejo de ir para a rua e, na raiva de se aviltar, de destruir o seu corpo e o seu coração torturados, prostituir-se ao primeiro que passasse. Ao tomar consciência desse pensamento bestial, gritou de horror; e esse horror fez que a ideia infame não a deixasse mais. Então, como o filho, pensou em matar-se. Sabia que não podia ser senhora dos seus actos.

Levantou-se e dirigiu-se para a porta; mas, antes de chegar lá, devia passar pela janela aberta: decidiu, então, quando chegasse lá, atirar-se da janela abaixo!... O estranho instinto de pureza que queria salvar a sua alma da poluição! Aquela alma ilusória! A sua razão não se deixava enganar pela moral corrente. O instinto, porém, era mais forte

e via justo... Entregue à sua dupla obsessão — a porta ou a janela — não olhava à sua volta.

Ao dirigir-se para a janela, bateu violentamente com o ventre no canto agudo dum móvel. A dor foi tão viva que lhe cortou a respiração. Curvada sobre si própria, as mãos no lugar magoado, saboreava como que uma amarga vingança em que tivesse sido o ventre o atingido. Desejaria triturar no seu corpo o tirano cego e embriagado, o deus-tigre. A reacção veio, então. Caída numa cadeira baixa, encaixada entre o móvel e a janela, as forças faltaram-lhe. Tinha as mãos geladas e a fronte coberta de suores; abrandaram as pancadas desordenadas do seu coração. Prestes a mergulhar no abismo, só tinha um pensamento: «Mais depressa! Mais depressa!...» Desmaiou.

QUANDO reabriu os olhos (Quando fora aquilo? Há quantos segundos?... Um abismo...) tinha a cabeça deitada para trás, como sobre o cepo da execução, o pescoço apoiado no parapeito. O corpo ficara encravado no canto do vão da janela. Ao reabrir os olhos, viu, por cima dos tectos sombrios daquela noite de Verão, as estrelas... Uma delas banhava-a no seu divino olhar... Um silêncio inesperado, imenso como o de uma planície... No entanto, os carros rodavam, em baixo, na rua; os vidros do bufete vibravam... mas ela não ouvia... Suspensa entre o céu e a terra... «Um voo sem ruído... Não acabava de acordar...»

Quis prolongar aquele momento. Tinha medo de voltar a encontrar o que deixara: a horrível lassidão, os tormentos, as armadilhas de amar; o amor, a maternidade, o egoísmo desenfreado no da natureza, que não se importava nada com as suas penas, que espreitava ao despertar para lhe torturar o coração... Oh, não acordar mais!... No entanto, des-

pertou. Viu que o inimigo tinha desaparecido. Fora-se o desespero... Fora-se?... Não, ainda lá estava; mas já não estava nela. Via-o fora de si. Ouvi-o roer... Oh, magia!... Uma música terrível que abria horizontes novos... Paralisada, Anita ouvia cantar, como se no quarto mãos invisíveis os tivessem evocado, os soluços, o *Fatum* dum Prelúdio de Chopin.

Sentia o coração inundado duma alegria que nunca esperara. Nada comum, além do nome, entre a pobre alegria da vida quotidiana, que tem medo da dor e que só existe porque a nega, e aquela imensa alegria que é também a dor... De olhos fechados, Anita ouvia. A voz calou-se. Houve um silêncio expectante. Sùbitamente, levantou de novo voo, da alma desgarrada, um grito de libertação, selvagem, num adejar largo... Anita, com os flancos arfantes, sobre a dura cabeceira, no limiar daquela noite dolorosa, dava à luz uma alma nova... O grito afastou-se numa volta, desapareceu no abismo do pensamento. Anita ficou muda, imóvel, por muito tempo. Por fim, ergueu-se. Tinha o pescoço dolorido, os membros entorpecidos. A alma, porém, estava livre.

Uma força irresistível impeliu-a para a mesa. Não sabia o que ia fazer. O coração enchia-lhe o peito. Não podia guardá-lo para si só. Pegou numa caneta e, num turbilhão de paixão, sem medida, num ritmo tropeçante, dum só jacto, deixou correr a torrente da sua dor:

Chegaste, enfim; beijo a tua mão.
Ébria de amor e de terror,
Beijo essa mão com que me prendes,
— Beijo a tua mão.

Eu adivinho, meu Amor
Que é teu destino aniquilar.
Mas vem! Destrói; eis-me tremente;
— Beijo a tua mão.

Mordes o fruto para em seguida o rejeitar?
Morde também o meu coração...
Bendita a ferida feita por ti,
— Beijo a tua mão.

Posse infinita! Quando possuis, na solidão
Deixas ruínas,
Mas, mesmo assim,
— Beijo a tua mão.

A tua mão que acaricia e me fascina
Matar-me-á, amanhã. Beijo-a, à espera
Do golpe assassino da tua mão.

Mata-me Amor, e dilacera,
Pois ao fazê-lo me libertas:
Quanto vier de ti, mesmo mal, será bem.
— Beijo a tua mão.

Cada um deses golpes — fundas chagas abertas —
Quebra um elo também.
Roubas-me a carne e as cadeias...
— Beijo a tua mão.

Ó meu algoz, despedaças, porém,
Deste corpo a prisão.
Livre, foge-me a vida...
— Beijo a tua mão.

Sou terra rasgada onde o grão
Da dor que semeaste
Germinará um dia.
— Beijo a tua mão.

Semeia a santa Dor! Tal uma espiga na haste,
Que em mim cresça e amadureça
Toda a Dor do Universo!
— Beijo a tua mão, beijo a tua mão (*)

Tempestade, vagas marinhas quebradas contra o rochedo, alma carregada de nevoeiros e de clarões eléctricos, numa poeira espumante de paixões e de lágrimas projectada para o céu... Após o derradeiro grito das aves selvagens, a alma caiu de chofre. Anita, esgotada, atirou-se para cima da cama e adormeceu.

QUANDO a manhã chegou, das penas da véspera só restava um punhado de neve que se derretia ao sol... *Così la neve al sol si disigilla...* e a doçura dolorida do corpo que lutou e sabe ter vencido. Anita estava repleta, repleta da sua dor. A dor é como a paixão. Para nos vermos livres dela, é preciso tê-la esgotado toda. Poucos, porém, têm essa audácia. Alimentam a sua fome, como um cão, com as migalhas dos seus festins. Só vencem a dor aqueles que ousam abraçar o excesso da dor e dizer-lhe: «Possuo-te. Conceberás por minhas obras.» Esse poderoso abraço das almas criadoras, que é brutal e fecundo como uma posse...

Anita encontrou em cima da mesa aquilo que escrevera. Rasgou-o. Aquelas palavras desordenadas tornavam-se-lhe insuportáveis, como os sentimentos que exprimiam. Não queria perturbar o bem-estar em que flutuava. Sentia uma impressão de alívio, como dum laço desapertado, dum anel da cadeia aca-

(*) A tradução do poema é de Maria da Graça Freire. — *N. do T.*

bado de se partir... Num relâmpago, teve a visão da cadeia de servidões de que a alma se despoja lentamente, uma a uma, através da série de existências, das suas e das dos outros (É a mesma coisa...) Perguntava a si própria: «Porquê, por que esta prisão eterna e este arrancar-se a ela? Para que libertação me impele a caminhada sangrenta do desejo?...»

Foi apenas um instante. Para que inquietar-se com o que viria? Havia de passar, assim como aquilo que tinha vindo. Bem sabemos que, suceda o que suceder, lhe passaremos por cima. Como diz o velho adágio popular, a velha expressão de prece e desafio: «Que Deus nos dê o frio conforme a roupa...» Anita sofrera a provação, a dum dia; dia a dia!... Estava aliviada, de corpo e de alma... *To strive, to seek'not to find, and not to yield...* Está bem. Está bem... Não perdi o meu dia... Amanhã se verá!...

Levantou-se. Estava nua. Por cima dos tectos, o sol matinal, o grande sol do Verão, banhava o seu corpo e todo o quarto... Sentia-se feliz... Sim, apesar de tudo! Tudo o que a rodeava era o mesmo da véspera: a terra e o céu, o passado e o futuro. Tudo, porém, que a afligia ontem, hoje era radioso.

Marcos voltara para casa a altas horas da noite. Depois de ter tido tanto prazer longe da mãe, sentia remorsos de a ter deixado sòzinha e de a ter feito esperar. Sabia que a mãe não se deitava antes de ele entrar; esperava um acolhimento glacial. Embora não tivesse razão — e precisamente por isso, — apresentava, ao subir a escada, uma atitude de desafio. Com um sorriso insolente nos lábios, embora não muito seguro de si no fundo, apanhou a chave que estava debaixo do capacho e abriu a porta. Não ouviu nenhum ruído. Ao pendurar o casaco no vestíbulo, esperou. Silêncio. Nas pontas dos pés, deslizou para o seu quarto e deitou-se sem fazer barulho. Sentia-se desoprimido. Ficavam para o dia seguinte as questões sérias! Ainda se não tinha despido completamente, quando foi presa duma ansiedade. Aque-

la imobilidade não era natural... Tinha, como a mãe, a imaginação viva e sempre pronta a inquietar-se... Que se passara?...

Estava a milhares de léguas de suspeitar das tempestades mortais que tinham naquela noite caído no quarto ao lado. A mãe era uma pessoa inexplicável, inquietante; nunca sabia o que ela pensava... Alarmado, em camisa e descalço, foi colar o ouvido à porta do quarto da mãe. Ficou tranquilo. Ela estava lá. Dormia, com respiração forte e espaçada. Entreabriu a porta, receoso de que estivesse doente, e aproximou-se do leito. À claridade da rua, viu-a estendida de costas e prostrada. O cabelo caído para a cara, cobria aquele rosto trágico que nas noites de outrora intrigava a sua companheira Sílvia. Uma respiração rude, violenta, opressa, erguia-lhe o peito e caía quebrada. Marcos, presa de medo e de ternura por tudo que adivinhava naquele corpo de fadiga e de dores, inclinou-se para o travesseiro e, em voz trémula, murmurou:

— Mãezinha!

Como se, no fundo do seu sono, a mãe tivesse percebido o apelo, fez um esforço para despertar e gemeu. O rapaz afastou-se, atemorizado. A mãe recaiu na sua imobilidade. Marcos foi deitar-se. O descuido próprio da sua idade, a fadiga daquele dia, foram mais fortes do que as preocupações. Dormiu até de manhã, num só sono. Ao despertar, acudiram-lhe as imagens e os receios da véspera. Surpreendeu-se por não ter visto ainda a mãe. De costume (isso até o irritava), a mãe entrava no seu quarto de manhã, para lhe dar o bom dia e o beijar ainda na cama. Naquela manhã, não foi. Ouvia-a, porém, no quatro contíguo, ir e vir dum lado para o outro. Marcos abriu a porta. Ajoelhada no chão, a mãe limpava os móveis e não se voltou. Quando Marcos lhe deu o bom dia, levantou para ele uns olhos sorridentes, dizendo:

— Bom dia, meu filho!

Continuou o seu trabalho, sem se ocupar dele. Marcos esperava que a mãe lhe fizesse perguntas acerca da forma como passara a noite. Detestava essas perguntas; mas vexou-o que a mãe não as fizesse. Depois de arranjar os móveis, a mãe foi para o quarto acabar de se vestir. Era a hora das suas lições e preparou-se para sair. Viu-a contemplar-se no espelho, as pálpebras pisadas, os traços do rosto ainda vincados, mas nos olhos uma claridade... e uma boca sorridente. Ficou surpreendido. Contava ir ver um rosto triste... estava até disposto, no fundo do seu coração, a lamentá-la. Ora, aquilo alterava-lhe os planos. A lógica daquele homenzinho sentia-se defraudada...

Anita também tinha a sua lógica. «O coração tem razões...» que só uma razão mais alta que a razão conhece. Daquilo que os outros poderiam pensar, Anita não se inquietava nada. Sabia já que não podia esperar que os outros a compreendessem. Quando amam, é de olhos fechados. Não os fecham com frequência!... «Sejam como lhes agrada! Tal como são, amo-os. Não posso privar-me de amar. Se não me amam, tenho no meu coração amor bastante para eles e para mim...» Ao espelho, Anita sorria, muito para lá dos seus olhos, ao fogo de que eram uma gota, ao eterno Amor. Deixou cair os braços com que arranjava o cabelo, voltou-se para o filho e viu o rosto preocupado do rapaz. Lembrou-se da noite anterior, levantou-lhe a ponta do queixo e, separando as sílabas, disse-lhe, trocista:

— Dançou, gosto muito disso! Muito bem, mas agora cante!

Riu, ao ver o ar apanhado do filho, fez-lhe uma festa nos olhos, beijou-o na boca, pegou na mala de mão que estava em cima da mesa, e saiu, dizendo:

— Até logo, meu pretinho!

Na sala de entrada, Marcos ainda a ouviu assobiar, despreocupadamente, uma canção (talento que

lhe invejava, embora o menosprezasse, porque a mãe assobiava muito melhor do que ele). Marcos estava indignado com aquela alegria indecente, depois do que se passara na véspera!... Não a percebia. Acusava, como ouvia fazer, a falta de seriedade das mulheres... *la donna mobile*...

Ia sair, quando no cesto dos papéis uma folha escrita atraiu a sua atenção. Num pedaço da página rasgada, decifrou algumas palavras, de longe, sem prestar grande atenção, com os seus olhos investigadores e penetrantes de animalzinho de presa... Aquelas palavras... Eram letra da mãe... Apanhou os papéis. Leu febrilmente... a princípio, palavra aqui palavra ali, ao acaso... Aquelas palavras ardentes!... Por estarem cortadas aos bocados, interrompidas no meio do seu entusiasmo, comoviam mais, eram mais fascinantes... Reuniu-as, vasculhou o cesto, até os bocadinhos mais pequenos, juntou tudo e teve a paciência de reconstituir a folha. Tremiam-lhe as mãos, por ter surpreendido aquele segredo. Quando ficou reconstituído e pôde ler o poema no no seu conjunto, sentiu-se perturbado.

Não compreendia muito bem; mas o ardor selvagem daquele cântico solitário revelava-lhe fontes ignoradas de paixão e de dor, exaltava-o e acabrunhava-o. Era possível que aqueles gritos na tempestade tivessem saído do peito de sua mãe?... Não, não podia ser! Não queria que fosse. Dizia ter ela copiado aquilo dum livro... Mas de onde?... Não podia perguntar-lho... E se não fosse copiado dum livro?... Vieram-lhe as lágrimas aos olhos e uma necessidade de gritar a sua comoção, o seu amor, uma vontade de se ir lançar nos braços de sua mãe, a seus pés, de lhe abrir o seu coração, de ler no dela... mas não podia...

Quando a mãe voltou, ao meio-dia, para almoçar, o rapaz, que passara toda a manhã a reler, a copiar os fragmentos rasgados e que os tinha escondidos num sobrescrito, no peito, não lhe disse

nada. Sentado à mesa, evitou até levantar e voltar a cabeça para a mãe, quando ela entrou. Quanto mais ardente a sua vontade de saber, mais rígido o constrangimento que o obrigava a dissimular a sua perturbação sob uma máscara de indiferença... E se aquelas palavras trágicas não fossem da mãe...

A dúvida voltava, ante o rosto tranquilo dela... No entanto, a outra dúvida, perturbadora, persistia... E se fosse ela?... Aquela mulher, sua mãe?... Ali sentada à mesa, na sua frente... Nem ousava encarar com ela... mas quando, de costas voltadas, ela ia à cozinha buscar um prato, Marcos inspeccionava-a, àvidamente, com olhos inquisidores, e perguntava: «Quem és tu?» Não podia aclarar a sua impressão perturbada, fascinada, inquieta. Anita não notou nada disso, cheia, como estava, da sua nova vida.

DE tarde, saíram, cada um para seu lado. Marcos via a mãe afastar-se. Lutavam no seu íntimo sentimentos contrários: admirava-a, irritado... Não compreendia a mulher! A mulher: todas as mulheres. Em certos momentos, tão próxima; noutros tão distante! É doutra raça... Nada nela se parece connosco. Não sabemos que se passa no seu íntimo, nem por que ri, nem por que chora. Podemos desdenhar dela, desprezá-la, detestá-la; mas temos necessidade dela e corremos-lhe atrás! Queria-lhe mal por ser causa daquela obsessão. De boa vontade a teria mordido — àquela nuca de criadinha que passava — como mordera o pulso de Noémia (Ah, como o queria morder, até fazer sangue!). A esta súbita lembrança, o seu coração deu um salto. Parou, pálido, e cuspiu com nojo.

Atravessou o Jardim do Luxemburgo, onde brincavam rapazes. Olhou para eles com inveja. A melhor parte do seu ser, os seus desejos secretos, iam

para a acção viril, a acção sem amor, sem mulheres, o desporto, os jogos violentos. Era, porém, débil: a injustiça da sorte, a doença da infância tinham-no posto, em face da sua geração, num estado de inferioridade. A vida sedentária, os livros, os devaneios, o convívio daquelas mulheres (as duas irmãs) tinham-no envenenado com aquele veneno de amor, transmitido por sua mãe, por sua tia, pelo seu avô, todo aquele sangue dos Rivières. Queria fazer correr esse sangue, abrir as próprias veias! Ah! Como invejava aqueles rapazes, de membros fortes, vazios de pensamentos, cheios de luz! Desprezava todas as suas riquezas, para só pensar naquelas de que estava privado. Os jogos e lutas de corpos harmoniosos. Na sua injustiça, não via o outro combate que a mãe travava a seu lado...

Anita caminhava. Sobre a cidade, o sol do Verão esparzia as suas ondas esplendorosas. O olhar azul do céu banhava os cimos dos edifícios... Seria agradável estar longe dali, no campo!... Não podia contar com isso. Não tinha meios para poder deixar Paris. Marcos iria, sem dúvida, com a tia, passar alguns dias numa praia da Normandia. Ela, porém, não podia ir. O seu orgulho não lhe consentia ser pesada à irmã. Além disso, conservava, desde o tempo em que frequentara as praias, uma aversão por essas feiras onde se acumulam aborrecimentos e namoros de curiosos desocupados. Ficaria sòzinha. Não lhe custava nada isso. Transportava em si o mar e o céu, os poentes por detrás das colinas, os nevoeiros lácteos, os campos estendidos sob o lençol da lua e a serena morte das noites.

Naquela tarde de Verão, a respirar o ar ardente, Anita ouvia o ruído das ruas entre vagas humanas. Atravessava Paris, com o seu passo apressado, firme, o seu andar alegre doutrora, bem cadenciado, vendo tudo à sua volta e, no entanto, muito longe... No meio da calçada poeirenta, abalada pelas rodas dos pesados autocarros, divagava, em pensamento,

sob as cúpulas das árvores daquela terra da Borgonha onde passara os dias felizes da sua infância...

As suas narinas aspiravam o perfume dos musgos e das cascas das árvores. Caminhava sobre as folhas caídas, no Outono; por entre os ramos nus, passava um vento de chuva, que lhe fustigava as faces com a sua asa molhada; o canto dum pássaro subia, mágico, no meio do silêncio; o vento de chuva passava... Naqueles bosques passava também uma Anita jovem, e o seu amante que chorava, e a vedação cheia de madressilva, e as abelhas à volta da casa abandonada... Alegrias e penas... Tão longe!... Sorria àquele seu retrato jovem, de quando apenas começava ainda a sofrer...

«Espera, minha pobre Anita, ainda vais no princípio... Não te arrependas de nada? De nada. Nem do que fizeste, nem do que não fizeste? De nada. Espírito tentador! Espreitavas o meu arrependimento? Não te dês a esse trabalho! Aceito tudo, tudo que tive e tudo que não tive, todo o meu quinhão, o bom e o mau. Enganamo-nos, é a vida... mas nunca é enganarmo-nos inteiramente, o amarmos... A despeito da idade que tenho, conservo um coração sem rugas... e, por muito que tenha sofrido, sou feliz por ter amado...»

O seu pensamento reconhecido dirigiu um sorriso àqueles a quem tinha amado. Havia nesse sorriso, juntamente com muita ternura, um bocadinho da ironia francesa. Anita via, curiosamente, ao mesmo tempo, o comovedor e ridículo de todos os seus tormentos, os seus e os dos outros... aquela pobre febre de desejo e de expectativa! Que esperava ela?... Acabou o amor, para mim! Será para outros! É a sua vez!

Entrevia os outros, seu filho, de mãos ardentes, inquieto por alcançar o futuro incerto; Filipe, insatisfeito pelo medíocre alimento que lhe oferecia a sociedade à fome devoradora; Sílvia, que se entontecia e aguardava o acontecimento que fosse preen-

cher o vácuo do seu coração; aquela multidão de pessoas que bocejavam o aborrecimento da sua vida; e aquela juventude inquieta, que divagava e esperava... Que esperava ela? Para onde dirigia as mãos estendidas? Liberta de si própria, Anita contemplava o conjunto dos que transportavam aquelas cargas, via o rebanho, a multidão das ruas, que corre, se precipita, cada um a ignorar os outros, cada um impelido pelos cães do pastor — sob a aparente desordem, o ritmo soberano — todos a julgarem dirigir-se e a serem dirigidos... Para onde? Para onde os leva o pastor invisível? O bom pastor? Não! Para além da bondade...

Anita deu as suas lições, como de costume, com paciência e atenção, ouvia com afabilidade, explicava com clareza, sem se enganar. Enquanto falava, o sonho continuava a envolvê-la. Para quem adquiriu o hábito, fácil é viver as duas vidas ao mesmo tempo, a que se passa cá em baixo, ao lado das outras pessoas, e a dos cimos, no sonho banhado pelo sol interior. Não se descura nenhuma; lêem-se ambas com um olhar, como à partitura que os olhos do músico abarcam. A vida é uma sinfonia; cada momento dela canta diversas partes. O reflexo dessa harmonia quente corava o rosto de Anita.

As suas alunas, naquele dia, ficaram surpreendidas com o seu ar de juventude e sentiram por ela uma dessas atracções fortes que as adolescentes sentem pelas grandes, pelas Anunciadoras, e que não ousam confessar-lhes. Anita não soube nada desse rasto de amor que deixava, naquele dia, a sua passagem pelo coração daqueles de quem se aproximava.

Voltou para casa, à tarde, no mesmo estado aéreo, sem peso, a alma leve... Não saberia explicar aquilo. Estranho enigma duma mulher a quem a sua própria irradiação envolvia numa alegria sem razão aparente e até contra a razão! Tudo que a rodeava, todo o mundo exterior, era apenas, para ela, em tais momentos, um pretexto para livres descobertas

em que se comprazia a apaixonada fantasia do seu sonho.

Nas ruas, cruzou-se com agrupamentos de pessoas preocupadas. Os garotos dos jornais corriam, a gritar notícias que os transeuntes comentavam. Anita não prestava atenção a isso. Num autocarro, viu passar alguém que lhe gritou qualquer coisa. Reconheceu-o: era o marido de Sílvia. Sem ter percebido, correspondeu-lhe com um aceno de mão, alegremente... Como todos pareciam agitados!... De novo, teve a intuição rápida duma corrente vertiginosa que arrastava e precipitava, como a matéria sideral se escapa e foge por uma fenda da abóbada, para o abismo que a aspira... Que abismo?...

Subiu para sua casa. No limiar, esperava-a Marcos, com os olhos brilhantes; e, por detrás dele, Sílvia, muito excitada. Tinham pressa de lhe dar a novidade... Que novidade? Falavam ambos ao mesmo tempo, cada um deles queria ser o primeiro...

— Que estão para aí a dizer? — perguntou, a rir.

Só percebeu uma palavra:

— A guerra...

— A guerra?! Que guerra?

Não ficou, porém, surpreendida... O abismo... «Eras, então, tu? Há muito que sentia o bafo que nos devora...» Continuavam a gritar-lhe aos ouvidos. Apenas para lhes ser agradável, despertou — a custo — do seu estado de sonambulismo...

— A guerra? Pois bem, seja! A guerra, a paz, tudo é jogo... Aceito o jogo!...

Era uma jogadora leal, a alma encantada!

— Desafio Deus!

FIM DE «O VERÃO»

A seguir: «MÃE E FILHO»

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO
E IMPRESSO PARA A
PORTUGÁLIA EDITORA
NA TIP. LEANDRO, LDA.,
TRAVESSA DO NORONHA, 28,
30 e 30-A — LISBOA

(— Mas, não disse nada!...)

Viu, porém, passar pelos olhos de Rogério um desgosto tão sincero que lhe custava a suportar. Sentiu-se obrigada a sorrir; e o rosto de Rogério iluminou-se de felicidade. O seu irradiava também a alegria que ela sentia. Rogério ergueu-se, ébrio de felicidade. Trocaram, então, sob a bênção dos olhares dos pais, o beijo de noivado.

Quando Anita se encontrou só, em sua casa, à noite, ficou aterrada. Já não se pertencia. Tinha-se dado... Dado! Dado a sua vida!... O coração apertava-se-lhe de angústia. Exagerava a importância dos laços que acabava de aceitar. Não pertencia ao número das raparigas modernas, que, na presença dos noivos, discorrem tranquilamente acerca da ideia do divórcio. Não dava com uma mão, para tirar com a outra. Já não se pertencia. Era dos Brissot.

Sùbitamente, os Brissot apareceram-lhe como sendo o inimigo. Tudo que os seus olhos tinham visto, nas últimas semanas, se projectou na sua frente, em traços acentuados: todos aqueles esforços de aproximação, para a envolverem, a conspiração contra a sua liberdade, a comédia final que lhe tinha extorquido o seu consentimento, por surpresa... (Rogério, o próprio Rogério não fora cúmplice?...)

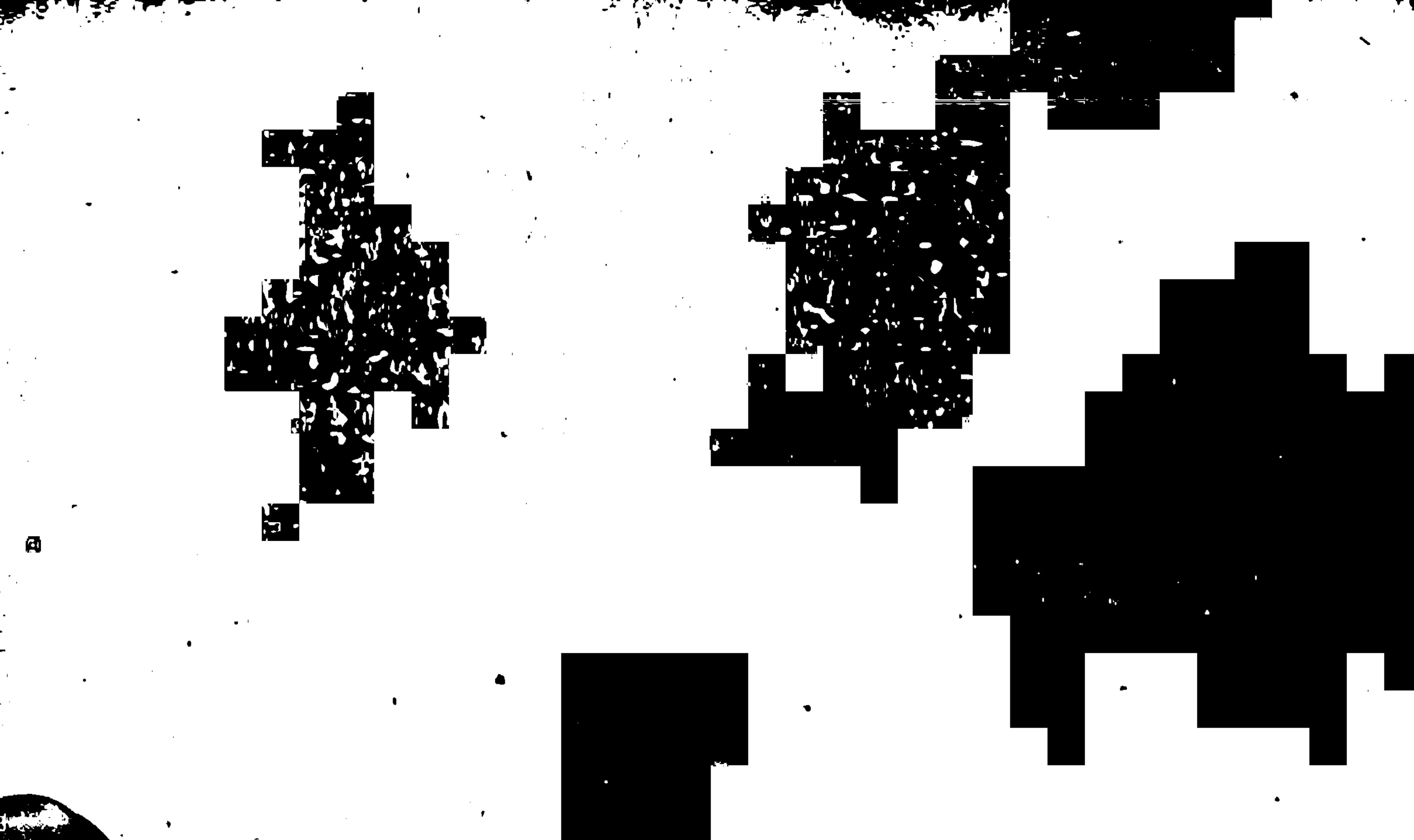
Eriçou-se, como um animal perseguido, que vê apertar-se o cerco à sua volta, que se sente perdido, e que está prestes a atirar-se de cabeça baixa contra os que o perseguem, para abrirem caminho ou morrer e vingar-se. Pela primeira vez, tudo que a desagradava nos Brissot, mas que ela procurava afastar do seu pensamento lhe apareceu aumentado, odioso, intolerável... O próprio Rogério!... Nunca poderia viver emparedada com aquele homem, naquela família,

naquela rede de interesses que não eram os seus, que não o seriam nunca. Decidiu romper...

Podia ainda romper, quando acabava de assumir um compromisso? Rogério permitir-lho-ia?... Era bem preciso que ele o permitisse! Não o poderia impedir... À simples ideia de que ele se oporia, Anita odiou-o. Naquele momento, a dor do outro não entrava em conta; não hesitaria em dilacerar-lhe o coração para retomar a sua liberdade... Depois, reviu os seus olhos implorantes. E sentiu-se perturbada... Não importa! O egoísmo da vida ameaçada, o instinto de conservação eram mais fortes do que tudo, mais fortes do que a ternura, mais fortes do que a piedade! Era preciso libertar-se e ai de quem se atravessasse no seu caminho!...

Toda a noite, na cama, voltando-se e tornando-se a voltar, devorada por uma insónia febril, viveu antecipadamente a cena que teria com Rogério. Repetiu, ensaiou todas as palavras que um e outro diriam. Tentou convencê-lo, discutiu, arrebatou-se, lamentou-o e detestou-o. Encontrou-se, ao amanhecer, esgotada mas decidida. Iria ter com Rogério... Oh, não! escrever-lhe-ia; era essa a forma de mais livremente dizer até o fim o que queria dizer, sem ser interrompida. Romperia com ele. Para evitar que os Brissot voltassem à carga, resolveu fugir de Paris, ir por alguns dias para um hotel dos arredores. Levantou-se, escreveu a carta, da qual cem vezes tinha feito, em mente, a minuta, e depois começou, apressadamente, os preparativos da partida.

Estava a meio deles, quando Rogério a foi surpreender. Não tinha pensado em proibir-lhe a sua ida a sua casa, por não esperar tão cedo a sua vinda. Rogério entrou, passando à frente, na sua amorosa impaciência, da criada que o ia anunciar. Trazia flores e estava radiante de felicidade e reconhecimento.

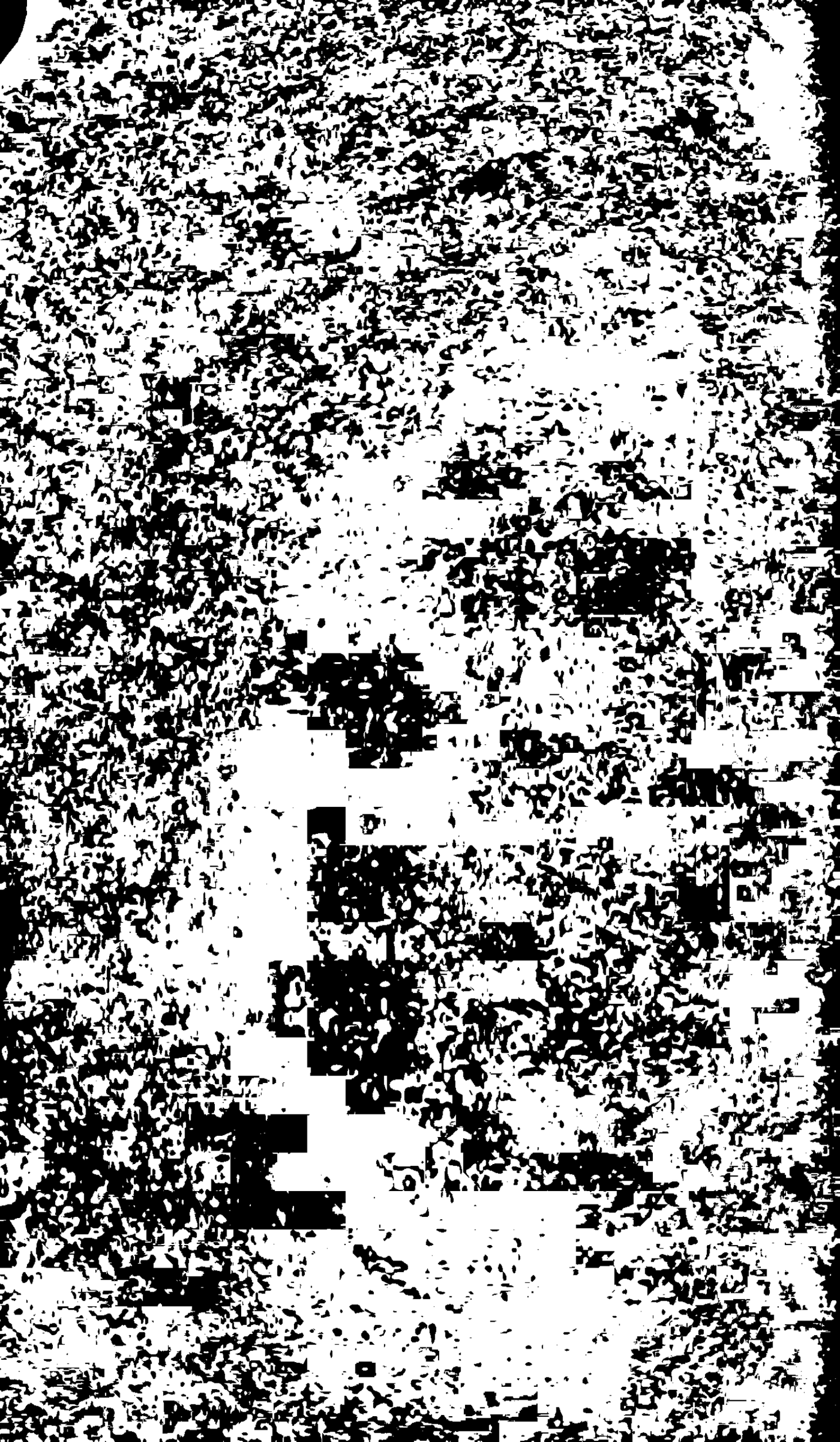


ALMA ENCANTADA

III

MÃE E FILHO

★



ROMAIN ROLLAND

ALMA ENCANTADA

III

MÃE E FILHO

★

Tradução
de
RACHEL BASTOS

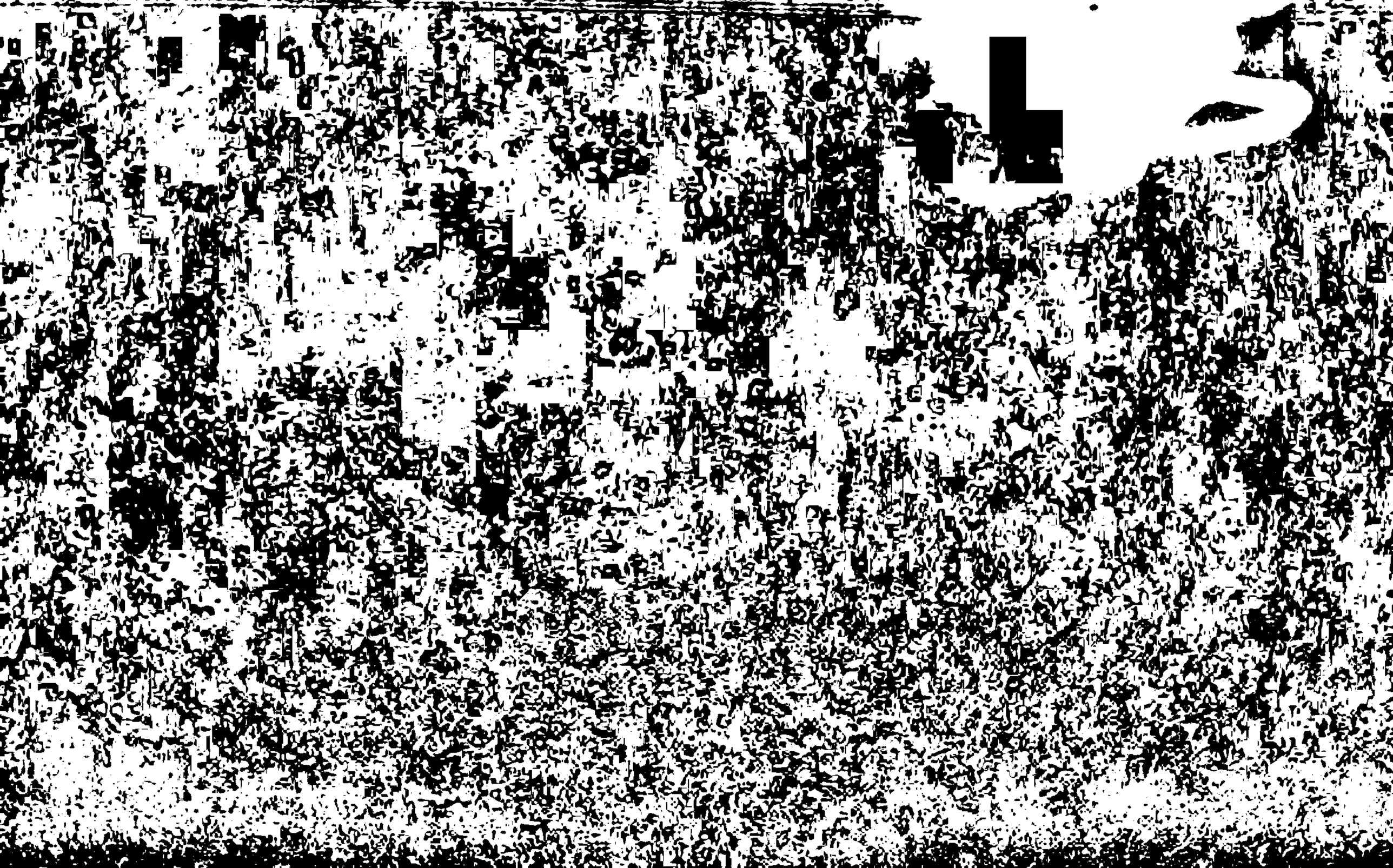
PORTUGÁLIA EDITORA
LISBOA

Pax enim non belli privatio,
Sed virtus est, quæ ex animi fortitudine oritur.

SPINOZA.
Traité Politique
V. 4

Porque a paz não é a ausência de guerra,
Mas a virtude que nasce do vigor da alma.

MÃE E FILHO



PRIMEIRA PARTE

A guerra não era coisa que assustasse Anita. «Afinal tudo era guerra... guerra dissimulada...»

—«...Não tenho medo de te ver a rosto descoberto.»

Todos os seus são, como ela, dos que recebem o facto com menos revolta. Ela, por essa conformidade fatalista que colhera à luz da sua recente provação:

« — Estou pronta. Suceda o que suceder!...»

Sílvia, sua irmã, por uma previsão secreta, de que reprime a custo o grito de impaciência:

« — Enfim!»

Enfim! O curso monótono dos dias vai alargar-se.

Alargar-se-á, também, o círculo dos amores e dos ódios...

Seu filho, Marcos, num sombrio entusiasmo que não manifesta; denunciam-no, no entanto, a febre das suas mãos e dos seus olhos... Apareceu então o trágico ideal que a sua fraqueza receava, mas que invocava nele a voz de instintos obscuros que a juventude não confessa; o apelo às forças dominadas, que jazem sob o tédio de uma época despojada das suas razões de viver!... Vê partir os mais velhos numa embriaguez de acção e de sacrifício, cuja onda em breve rolará muitas lamas; mas nestes primeiros dias a fonte permanece pura, — tanto quanto o pode

ser nos adolescentes, cuja alma é profanada por turvos elementos. Inclinado sobre a corrente, Marcos, com a ponta da língua, lambe a pureza ardente desta imolação, e o lodo, no fundo. Deseja e receia o amanhã que vão suportar. . Quando levanta os olhos, encontra os da sua mãe. Os seus olhares desviam-se. Compreenderam-se bastante para não deixar perceber mais. Mas sabem que caminham ambos sob a mesma nuvem negra.

Só um não partilhou do entusiasmo: o marido de Sílvia, Leopoldo, o único do grupo que partiu. Calculara que a sua classe, uma das mais antigas do exército territorial, não seria chamada imediatamente; que as convocações se escalonariam por grupos. Não tinha pressa. Mas um pressentimento dizia-lhe que a guerra o não esqueceria. E o facto deu-se mais depressa do que pensava. Era natural de Cambrai. Encontrou-se nos postos avançados. Para um homem da sua idade era uma honra que dispensava. Entretanto fez boa figura, ao partir. Bem precisava! Sílvia mostrou-se heróica, e, dos olhos das outras mulheres, pouca compaixão podia esperar. Cada uma tinha o seu homem, o seu marido, o seu amante, o seu filho ou o seu irmão, que partia. O facto de partirem todos ao mesmo tempo dava ao anormal um aspecto de regularidade. O único receio era que algum deles discutisse. Nenhum se arriscou a isso. Leopoldo nem pensou em tal. Tanto como a ordem de chamada, a aceitação dos seus era categórica. E essa ferazinha de Marcos que, com um olhar desconfiado, ciosamente espiava a sua fraqueza! . . . Leopoldo tomou uma atitude de desafio. À ceia de despedida o bom homem bebeu com todo o pessoal. Tinha pena de o abandonar. Mas, no que tocava os seus interesses, podia estar certo que Síl-

via saberia bem defendê-los. Quanto ao resto!... o melhor era, talvez, não pensar nisso. Sílvia nesse momento era como uma Lucrécia... Diabo de mulher!... Molhou-lhe a face com as suas lágrimas, ao deixá-la, enquanto ela dizia:

— É um passeio. Que magnífico Verão! Tem cuidado não te vás constipar!

Anita beijou-o (já era alguma coisa).

Teve dó dele, mas não lho mostrou para não o desanimar... «Não é assim? Tem que ser!...» E o olhar interrogador não encontrou no olhar afectuoso da irmã mais velha senão o inflexível:

— Tem que ser.

Era como se fosse um muro. Nenhuma saída senão para a frente.

Partiu.

A casa cheia de alto a baixo, como uma colmeia, despejava o enxame. Nenhum dos seus elementos deixou de oferecer o tributo próprio. Cada família tinha os seus homens a sacrificar.

No alto, nas mansardas, esses dois operários, chefes de família. No quinto andar, o filho dessa viúva, solteirão de trinta e cinco anos. No andar de Anita o jovem empregado bancário, casado recentemente. Por baixo, os dois filhos da família do magistrado. Mais abaixo o filho único do professor de Direito. Nas lojas, o filho do carvoeiro que ocupava a taberna, no rés-do-chão. No total, oito combatentes forçados; mas ninguém lhes pedira a opinião; o Estado moderno dispensa desse trabalho os seus livres cidadãos. O que eles acham muito bem: é um cuidado a menos!

De alto a baixo da casa, assentimento perfeito. Uma excepção apenas (mas ninguém repara): a jovem Senhora Chardonnet; a vizinha de Anita está recém-casada e muito fraca para protestar. Os outros não compreendem a razão por que toda a sua liberdade, o seu direito de viver, devem ser alineados às mãos de um senhor oculto, que os vai sacrificar. Mas à parte um ou dois, nem tentam compreender, não têm necessidade de consentir; são todos educados

no consentimento antecipado. Quando tantos consentem juntos, passam muito bem sem razões. Não têm mais que olhar-se, e fazer como os outros. Todo o mecanismo do espírito e do corpo se desliga, por si mesmo, sem esforço... Meu Deus! Como é fácil conduzir um rebanho ao mercado! Basta um pastor sem inteligência e alguns cães. Quanto mais numerosos são os animais, mais dóceis são de dirigir, porque formam massa, e as unidades fundem-se no total. Um povo é uma pasta de sangue que se coagula... Até às horas fatais do grande abalo, onde periòdicamente se renovam os povos e as estações: então o gelo desagrega-se e devasta o país, cobrindo-o com a sua carne em fusão...

Os hóspedes da casa não se parecem. A sua fé; as suas tradições, o seu temperamento, diferem. Cada uma destas células de alma, cada uma destas famílias, tem a sua fórmula química. Mas, em todas, a aceitação é a mesma. Todos amam os seu filhos. Como quase todas as famílias francesas, também estes construíram tudo sobre eles. Apenas entrados na vida, aos vinte e cinco ou trinta anos, transferem para os seus filhos, à custa de sacrifícios obscuros e quotidianos, as alegrias que não tiveram, e as ambições que renunciaram realizar pelas suas próprias mãos. E à primeira chamada, dão esses filhos sem recriminação...

A Senhora Cailleux, viúva, habita o quinto andar. Tem perto de sessenta anos. Tinha trinta e três, e o filho oito para nove, quando o pai morreu. Depois, viveram juntos, sem se separar. Numa dezena de anos, creio que não passaram um dia inteiro, que não fosse sob o mesmo tecto. Dir-se-ia um velho casal. Porque, apesar de não ter atingido os quarenta anos, Cailleux filho, Heitor, tem já o ar de um

funcionário reformado; e a sua vida acabou antes de ter começado. Não lastima, porém, a sua sorte. Não quereria outra.

O pai era empregado dos correios. O filho também o é. Duma geração a outra, nada se avançou, encontram-se no mesmo ponto. Mas, manter-se no mesmo ponto, não ter recaído, quanta soma de esforços, muitas vezes, isso representa? Quem não perde, ganha — quando se é fraco e pouco afortunado. Para educar o seu filho, a mãe, sem recursos, teve de servir como mulher a dias. É custoso para quem teve a sua casa de burguesa. Nunca se lastimou. Tinha agora recuperado o humilde paraíso perdido. Repousa trabalhando, mas para si e para o seu filho. Tem a sua casa em casa dele. Uma boa figura bovina de Berry, que melhor ficaria com o boné branco em pregas, do que com o chapéu de senhora que ao domingo coloca na cabeça grisalha de cuia espalhada. Uma grande boca desdentada, que não fala alto, mas que tem para o seu filho, e para os seus conhecimentos, um sorriso afectuoso e cansado. Tem as costas um pouco curvadas. É a primeira a levantar-se, e, de manhã, leva à cama do filho o café com leite. Quando ele está no escritório, arruma meticulosamente o quarto. Prepara as refeições, é boa cozinheira, e ele bastante guloso. De tarde conta-lhe o que se passou durante o dia. Não o ouve bem, mas sente-se feliz em o escutar. Vai ao domingo à missa da manhã. Ele, não. Ficou assim estabelecido entre eles. Não é incrédulo, mas não é crente. A religião é um negócio de mulheres. E a mãe ocupa-se dos dois. Depois do meio-dia, dão um pequeno passeio juntos, mas raramente vão para fora do bairro. Heitor é um velho precoce. Vivem satisfeitos, sem despesas, com as suas felicidades reduzidas, repetindo-se na ordem costumada. A sua

união é tão forte que ele não se casou nem se casará; não sente necessidade disso. Nem amigos, nem mulheres, quase que nem leituras: não se aborrece. Lê o mesmo jornal que já o pai lia. O jornal mudou muitas vezes de opinião. Mas Heitor não mudou, é sempre da opinião do jornal.

Pouca curiosidade. Uma vida automática; o que mais apreciam são as suas conversas monótonas, ou assistir em silêncio ao desenrolar previsto dos mesmos pequenos actos quotidianos e dos ritos. Não têm paixão, — fora da sua intimidade, que é um hábito apreciado. Que nada a venha perturbar! Mudar o menos possível. Pensar o menos possível. Só ambicionam viver juntos e tranquilos...

E este modesto desejo não lhes foi concedido. A guerra, com a ordem de marcha, veio separá-los. A mãe suspira e apressa-se a preparar a bagagem do filho. Não protestam. O mais forte tem razão. A grande força falou.

Os Cailleux moram no andar por cima de Anita. No andar de baixo é a família Bernardin. Pai, mãe, dois filhos, duas filhas. Católicos, realistas. Da Aquitânia. O pai é magistrado, um homenzinho entroncado, baixo, peludo como um javali, com uma barba curta e espessa a cobrir-lhe o rosto; é vivo e sanguíneo, dir-se-ia que vai rebentar. Porque nasceu camponês e alegre, sente-se sufocar na cidade, e estala dentro da pele. Gosta de comer bem; tem o riso gaulês: e a menor contrariedade fá-lo disparatar, batendo os pés, focinho baixo, em transportes de raiva, tão breves como violentos; interrompe-se, porém, de súbito; pensa na sua função e na confissão; no meio de um grunhido, reprime-se e toma uns ares untuosos.

Dos dois filhos, o mais novo, com vinte e dois

anos, acaba de entrar na Escola Nacional de Chartes. Cortou a barba em bico, tem um sorriso delicado e agudo, os olhos pisados e o olhar equívoco do fim de século XVI. É um belo rapaz que desejaria ter o ar perverso de um favorito do grupo do Senhor d'Épernon. — O outro filho, de vinte e oito anos, com a face cheia e rapada, o cabelo artisticamente lançado para trás, disposto em largas madeixas como ondas, a cabeça à Berryer, começa a educar-se como advogado nos processos dos «Camelots»... Quando o rei voltar, será ministro da justiça...

As três mulheres, mãe e filhas, giram num segundo plano. (Anita conhecê-las-á mais tarde). Apagadas, lendo pouco, saindo pouco, não indo nunca ao teatro, mas muitas vezes à igreja, ocupam o seu tempo em obras piedosas.

Os três homens receberam uma sólida e rigorosa educação clássica.. «*Roma, o único objectivo...*» Ser-lhes-ia mais fácil discorrer em latim, do que, saídas as fronteiras, perguntar qual o caminho em inglês ou alemão. Não se dignavam fazê-lo. Pertence aos bárbaros do Norte compreender a nossa língua.

Vivem no ideal do passado. Todos os três, bons cristãos, admiram sem reservas o paganismo de Maurras; é tão bom romano! São de humor alegre, joviais, e não detestam, quando estão sós, entre homens, as histórias picantes. A família reunida — os seis — vão à *missa*; é um espectáculo edificante. O seu horizonte é limitado, mas claramente desenhado: como as paisagens da França, de linhas nítidas e bem coordenadas, cujo círculo de colinas encerra, desde séculos, a velha pequena cidade não transformada. A paróquia de Paris é também uma cidade de província. Não há malquerença pelo que está para fora dos muros, apenas um pouco de ironia, sem conhecimento, *a priori:* ignoram-na, vivem só para aquele pequeno espaço

fechado; e acima há Deus, o Pã do céu, onde, nas torres brancas, tocam os sinos de S. Sulpício.

Entretanto, logo que o governo da República reclama os dois filhos, para alimentar com a sua carne as metralhadoras do inimigo, nenhum faz objecção: «*a maldita*» tornou-se sagrada. Sofrem todos os seis; mas não dão a perceber. Sabem que é preciso dar a César o que é de César. Deus não é exigente. Contenta-se com a alma. Abandona o corpo. E nem mesmo manifesta quaisquer direitos sobre a acção. Basta-lhe a intenção. E César aproveita-se. Fica com tudo.

No segundo andar, o Senhor Girerd, professor de Direito, viúvo há alguns anos, vive com o seu filho, do Sul também, mas diferente. Protestante de Cévennes. Julga-se livre-pensador: (ilusão comum a muitos doutores da nossa Universidade). Mas herege na alma, como diriam (como dizem) os jovens Bernardin, que zombam em família do seu ar engoiado e do seu aspecto de predicante do Senhor Almirante. [1] Um homem muito digno. Muito severo nos seus deveres, e cheio de preconceitos morais: (são os piores, porque não têm piedade). Com toda a estima que manifesta pelos seus vizinhos de cima, e a cortesia um pouco rígida, mas perfeita, de que nunca se separa, paga-lhes, como se costuma dizer, na mesma moeda. Apesar do seu desejo sincero de imparcialidade, o catolicismo parece-lhe uma tara, um vício de conformação, de que os indivíduos mais honestos, por mais que façam, conservam sempre os estigmas. Sem hesitar, vê nisso a causa da decadência das nações latinas. No entanto é um historiador

1 Trata-se do Almirante de Coligny, chefe dos protestantes franceses, vítima da Saint-Barthélemy. — N. do T.

escrupuloso, que se defende da paixão, no que diz e escreve, com risco de parecer frio e enfadonho: — é-o nas suas lições, documentadas, cheias de referências e de notas, que ele diz com uma voz fanhosa e monótona. Mas a sua crítica histórica é, sem o saber, falseada por ideias preconcebidas, que nem nota sequer, de tal modo se lhe tornavam evidentes, e pela ausência total de plasticidade que o impede de se adaptar aos diversos pensamentos. Este homem que leu consideràvelmente, que tudo viu nos livros, e pouco na vida, conservou sob os seus cabelos brancos um fundo de candura cómica, enternecedora — apavorante: pois que autoriza todos os fanatismos. Possui o sentido moral muito alto, e o sentido psicológico atrofiado. Aqueles que não se lhe assemelham, não os compreende.

O filho é como ele. Jovem doutor da Sorbonne, que acaba de defender, aos trinta anos, uma tese notável, este historiador vê o mundo pelo prisma das ideias. Das suas, bem entendido. As lentes precisariam de ser verificadas por um técnico. Nunca deu por isso. Tanto para ele como para o pai, «*o começo*» não é o facto. «*O começo é o princípio.*» A República é um princípio. As conquistas da primeira revolução têm a evidência de um teorema. E a guerra que se trava é a consequência obrigada da demonstração: deve estabelecer no mundo a Democracia e a Paz. Não dizem que seria, talvez, mais prudente começar por conservar a paz. Mas não duvidam de que quem a destrói sejam esses povos atrasados, que se recusam a ver e a aceitar a verdade. É preciso, pois, para o bem próprio e do mundo, forçá-los a isso.

Estes dois homens, pai e filho — dir-se-ia dois irmãos — que se parecem e se estimam, grandes e direitos, magros e altivos, vivem envolvidos numa ideologia que não deixa penetrar a mais leve dúvida. A

sua consciência está, com toda a honestidade, ao serviço da sua fé democrática. Não têm consciência disso. A sua consciência é a sua fé Crêem. Crêem. Creriam ainda sobre a fogueira. (Sobre o fogo estará o filho, na trincheira! E o pai também, com ele, com o coração a sangrar...) Crêem... E estes homens declaram-se livres-pensadores!...

O jovem Girerd é noivo de Lídia Murisier: uma encantadora e valorosa rapariga, duma rica família de Genebra, que se apaixonou por ele e a quem ama religiosamente. O amor de Lídia não é talvez religioso, é mesmo bastante profano; mas, para se lhe assemelhar, esforça-se por o ser, do mesmo modo que os seus risonhos olhos azuis procuram tornar-se sérios. Lídia será profana do fundo da sua alma, que não pede à vida senão as felicidades naturais: a terra, o ar e a água, e todas as estações; a saúde, o sol, o amor do bem-amado — se o bem-amado não procurasse a felicidade da vida fora da vida, nas ideias. Então aplica-se a procurá-la também ali, com ele. E assim, dòcilmente, esta pequena suíça, que, por si, nunca teria razão para tomar partido na contenda das nações, aprende de cor o catecismo republicano francês, Revolução do ano I e Direitos do Homem armado — a fé do seu noivo... Ah! se se escutasse, como o arrebataria nos seus braços para longe da contenda!

Como esta guerra a oprime! Como está longe do seu pensamento!... Mas não, não deve sentir assim, porque o seu bem-amado vê e julga de outra forma; é fraca, não tem razão. Para ser digna dele, deve fechar os olhos e ver pelos olhos dele.. Ó meu amor, quero crer; porque crês, eu creio...

A única da casa que se recusa a crer é Clarisse Chardonnet, a vizinha de Anita que mora no mesmo

andar. Não, não, o seu amor não é dos que se sacrificam, dos que sacrificam o amado à falsa fé do amado... Aliás, não é verdade! Fé, não a tem; é unicamente o respeito humano, o receio da opinião pública. É um empregado bancário medíocre, gentil, bonito rapaz, com finos bigodes louros e os olhos pálidos, um pouco sensaborão. O que se passa no mundo, a banca, a política — confessemo-lo! a pátria — são-lhe indiferentes, totalmente, absolutamente. A única coisa que lhe interessa, no mundo, é esta rapariga que seduziu (ou que o seduziu?) há três meses. Que meses!... Ainda se não cansaram. Os dedos tremem-lhes, quando evocam, enlaçados, as noites passadas. Como ela o prende, esta apaixonada!... Uma pequena operária de Paris, que o adora como a um deus, um deus que lhe pertence, o seu bem, o seu brinquedo, o seu gato, o seu animal familiar, a sua alma, se é que a tem, as suas entranhas, seu tudo, sua propriedade!... É uma moreninha magra, frágil, febril, com os olhos aveludados, lábios como um traço vermelho no rosto pálido que trata de pintar; a paixão sorve-lhe todo o sangue. — E ele complacentemente deixa-se adorar; não se admira, abandona-se à devoradora; e cada um é presa do outro, por sua vez. Não lhes vem à memória que o jogo pode acabar. A vida não tem outro sentido...

Mas, quando a guerra o vem procurar, deixa-se ir sem um protesto. No entanto, não é muito agradável, e ele não é valente. Tem vontade de chorar pelo que deixa e pelo que decerto encontrará. Mas receia ser ridículo e desprezado se deixar perceber a sua fraqueza. Amar demasiado não é próprio de um homem. Ela compreende-o e grita-lhe:

— Covarde! Covarde!

E soluça.

Ele revolta-se e escarnece, vexado:

— «Covarde», na verdade, é bem esse o nome que se deve dar ao homem que vai fazer de herói! «*Morrer pela pátria!*»...

A rapariga suplica-lhe que não continue. A palavra morte aterroriza-a. Pede-lhe perdão. É uma boa altura para ostentar a sua fanfarronada patriótica e, ao mesmo tempo, uma forma de criar coragem. Ela não se atreve a continuar no seu protesto; está muito só, não pode dizer o que pensa; o mundo inteiro (nada é!) e ele (é tudo!) poderão dizer que é uma heresia. Mas ela sabe bem que, em segredo, muito baixo, ele pensa como ela, o infeliz!... «*Morrer pela pátria!*» Não, não, pela galeria!...

Os homens são covardes! Não têm coragem para defender a sua felicidade. Que infelizes! Que infelizes!... Ela enxuga os olhos. Está-se em cena. É preciso sorrir, porque ele o quer. Chorar às escondidas... «Sim, e tu também!... A mim não me enganas. Tens, como eu, a morte no coração. Ó covarde, covarde, porque partes?»

E ele que lê no seu pensamento exclama:

— Que posso eu fazer?

Mas ela é mulher e apaixonada. Não entende. Não compreende o que a mortifica...

— O que pode fazer? Ficar.

O rapaz encolhe os ombros desanimado.

Ah! O mundo inteiro é contra ela... O mundo é contra ele também. Mas não lhe perdoa. Ele dá razão ao mundo. Submete-se. Porquê?

Os dois operários das mansardas também se submetem: Perret (seleiro e obra de marroquim) e Pellier (montador electricista). Estavavam preparados para ir contra a guerra. Mas como não se vai contra a guerra, é preciso ir com ela. Não há que escolher. São ambos socialistas e ambos partiram, portanto,

da mesma convicção. Mas é exactamente do ponto donde se parte que as pessoas começam a afastar-se. E eles já não estão ambos no mesmo caminho.

Perret, rijo como ferro, ainda há oito dias julgava que não haveria guerra:

— Tudo isto são intrujices de jornais e *bluff* destes jogadores de *poker*, ministros e diplomatas, à roda da sua mesa de jogo. Aliás se esses negociantes de gado nos... metê-los-emos na ordem. Nós cá estamos! Nós os da Internacional, Jaurès, Vaillant, e Guesde, Renaudel, Viviani, e todos os sindicatos. A divisão de ferro. E todos os camaradas do outro lado da fronteira, os da Alemanha... Ouve, Peltier! Nestes últimos dias, nós (os nossos) e eles, encontramo-nos, tudo está organizado, as ordens estão dadas. E se os patifes se arriscassem à mobilização, a mobilização lhes daríamos nós...

Mas Peltier escarnece, assobia de lado, nas suas barbas, e diz a Perret:

— És muito novo, camarada!

Perret zanga-se. Já fez trinta e sete anos, e trinta e sete anos de trabalho valem bem cinquenta das pessoas que não fazem nada. Mas Peltier replica tranquilamente:

— É isso mesmo! como trabalhaste muito não tiveste tempo de pensar.

E como Perret protesta, servindo-lhe ainda quente o artigo que acaba de ler no último número do seu jornal — o único que mente segundo a inclinação do seu entendimento —, Peltier encolhe os ombros, e diz, com ar fatigado:

— Quando se trata de falar!... Mas quando se trata de agir!... põem-se todos a andar.

Fugiram todos. Uma vez abatido Jaurès, como um toiro, dum golpe, pelo covarde *matador* que se

esconde por detrás da porta, houve esse grande cortejo que Paris presenciou aterrado, essa sombria festa fúnebre, esses discursos, esses discursos, toda essa chuva de discursos sobre aquele que já não podia falar. Estavam todos lá, os que choravam o homem estendido, e os que pensavam:

— É melhor que esteja lá dentro...

E o povo à espera da palavra vingadora, o santo e a senha que rompe a angústia, o relâmpago nas trevas. E de todas essas bocas que vomitam a sua mortuária eloquência, nada mais saiu que palavras de morte e negação. Exclamavam:

— Juramos que Jaurès será vingado.

E ainda a frase de juramento não estava proferida já a haviam traído; faziam-se os fornecedores da guerra que o assassinou; diziam ao povo:

— Ide matar! Façamos a União Sagrada sobre os corpos dos nossos irmãos.

E os da Alemanha disseram o mesmo.

O povo calou-se desorientado. E depois, após um momento, pôs-se a clamar e a marchar em filas. Raciocinar não é a sua função. Visto que os que ele encarregou de raciocinar por si, os seus guias, o conduzem à guerra, é porque é preciso ir. E Perret, agora, persuade-se que vai servir a causa do povo e a Internacional.

Depois da guerra, a idade de oiro... É preciso dourar a pílula!

Mas Peltier, desiludido exclama:

— Vai ver se eles vêm! A causa do povo; quero lá saber disso! Vou tratar mas é de servir a minha. O essencial é fazer como eles — (pensa nos grandes tubarões do socialismo, que o abandonaram): — cada um arranja-se...

Peltier arranjar-se-á...

De alto a baixo da casa, não há exaltação nos espíritos.

Acusam os Alemães de serem os agressores: (são-no, é certo! O facto não se discute). Ninguém vai para a guerra por gosto, mas estão resolvidos a dar-lhes uma lição. E, do íntimo da dor, que se concentra, muda, com os dentes cerrados, a consciência do sacrifício desperta o entusiasmo. Mas o ódio não nasceu.

Não se encontrarão vestígios dele senão talvez em Ravoussat (Numa), o «*Negociante de lenha e vinho a retalho*», em baixo. Esse homem corpulento, que arrasta os seus pés gotosos nuns sapatos enxovalhados, fala muito dos Boches, cuspindo injúrias, e inveja Clovis, seu filho, por ir furar a barriga a essas salsichas. O rapaz regozija-se; é como um jogo que o divertisse! Vai saborear a cerveja e as alemãzinhas. Riem e gritam... Mas eu vejo as inquietações que sufocas, e a tua cólera pelos riscos a que és forçado a expor o teu filho, o teu filho único...

— Se eles fossem maltratar-mo!...

Não importa! No conjunto, a atmosfera da casa é digna, sem furor, sem fraqueza, cheia de uma aceitação religiosa e viril. Mostram a sua confiança, como um arco estendido para o Deus desconhecido. As inquietações que têm guardam-nas para si.

Visitei tudo? Na minha volta à casa terei esquecido alguém?

— Ah! sim. No quinto andar, no pequeno compartimento ao lado dos Cailleux, o jovem escritor, Josephin Clapier, de vinte anos, cardíaco, reformado. Esconde-se. O seu instinto adverte-o de que se não deve mostrar muito. Por enquanto, lastimam-no. Mas a piedade é um empréstimo, de que é bom não se abusar. E Clapier é prudente. A sua consciência

não está tranquila... Há ainda esse olho alerta, em baixo: Brochon, que me escapava... No entanto, é difícil passar sem o ver: o marido da porteira. É agente da polícia. Esse não parte, há necessidade da sua vigilância e dos seus punhos; o dever retém-no preso à margem. Nem por isso deixa de combater; vigia os suspeitos, o inimigo da retaguarda. Mas mantém a sua casa com uma atenção paternal; o seu espírito faz-lhe honra. Tem pelos seus locatários especiais indulgências.

No entanto, o dever acima de tudo. Tem que vigiar Clapier. Clapier é pacifista.

Desta vez, tudo está bem, termino a minha revista pelo cão da casa. Entrei por toda a parte — excepto no primeiro andar, que está fechado. É sagrado. Pertence ao proprietário. E o Senhor e a Senhora Pagnon, ricos, velhos, aborrecidos, partiram para férias. Receberam os alugueres em Julho. Voltarão em Outubro... Um trimestre que passa...

E um milhão de vidas.

PARTIRAM os oito combatentes. Os que ficam sustêm a respiração para ouvir ao longe os seus passos. As ruas rumorejam. Mas sobre os corações, na casa, pesa, durante a noite, um silêncio trágico.

Anita está calma. Não há nenhum mérito nisso, pois nada tem a arriscar. Sabe-o, e sente-se humilhada. Se fosse homem partiria sem hesitar! — Sentir-se-ia, no entanto, tão firme se o seu filho tivesse cinco anos mais?... Quem sabe? Dir-se-ia que este pensamento a afronta. Com um rubor na fronte de cólera contra si, é mulher para lamentar não poder lançar consigo, no jogo, tudo quanto ama... Lamentar, sim, talvez... Mas lançá-lo? Seria possível?... Estará certa disso?... Suponha-se que a acreditamos! Se a desmentissem, franziria a sobrancelha de Juno irada. — Mas quando o pequeno passa junto dela, tem que se reprimir, para não o estreitar nos seus braços apaixonados. É seu. Pertence-lhe...

Embora tenha dentro de si, adormecidas, algumas possibilidades de acção, Anita não precisa de agir. Ela — (o seu filho e ela) — estão por algum tempo ao abrigo. A sorte concedeu-lhe o dom de observar. Aproveita-o. O seu olhar é livre. Nenhuma ideologia a perturba. Os problemas da guerra e da paz, até este momento, não a ocuparam. Desde os quinze anos

pouco mais ou menos que está absorvida completamente pelo conflito mais próximo: a luta pelo pão, e outra mais profunda: a luta consigo própria. É nisso que está a verdadeira guerra: a guerra de todos os dias; e as tréguas que consente são farrapos de papel. Quanto à de fora, a política dos Estados, essa passou distante de Anita. A Terceira República, ou antes — (porque este fraco regime, tal como o seu parceiro, o loquaz Imperador, nunca quis sim, sem querer também não, alternadamente, preconizando a pólvora seca e o ramo de oliveira) — a fortuna da Europa de que a Europa não foi digna, manteve quarenta anos (os quarenta anos de Anita) uma paz não perturbada, em que a guerra apenas foi vista por toda essa geração muito longe, esbatida sob o seu aspecto de cenário ou de ideia, — espectáculo romântico, ou tema de discussão moral e metafísica.

Tranquilamente impregnada da sua educação científica oficial, dos tempos em que a relatividade não tinha ainda feito abalar tudo, Anita está habituada a aceitar os factos como uma ordem de fenómenos que, uma vez estabelecida, determina as leis. A guerra faz parte das leis da Natureza. Sèriamente, não lhe ocorreu a ideia de negar as leis da Natureza ou de se lhes opor, pois que elas não dependem do coração nem mesmo da razão, mas dominam esta e aquele: devem-se aceitar. Anita aceita a guerra, como aceita a morte, como aceita a vida. De todas as necessidades recebidas da Natureza, com o dom enigmático e selvagem da vida, a guerra não é a mais absurda, nem talvez a mais cruel.

E quanto à pátria, o sentimento de Anita nada tem de excepcional; não é muito ardente, mas não o discute. Nunca pensou nele, na vida corrente, para fazer gala ou para o examinar. Também o aceita como um facto.

Ora, neste primeiro momento em que a guerra a faz vibrar, como o martelo do relógio sobre o sino, Anita tem a impressão de que é uma parte de si própria, uma vasta província adormecida, que desperta. E sente-se mais à vontade. Achava-se oprimida na prisão do seu individualismo. Solta-se e distende os seus membros ancilosados. Sai do sono do seu isolamento. É como se fosse um povo...

E todos os movimentos de um povo se fazem sentir nela. Desde o primeiro instante que tem a consciência secreta de que uma grande porta da Alma, que, habitualmente, está fechada — o templo de Janus — se abre... A Natureza sem véus, as forças que se mostram a nu... Que vai ver? Quem vai surgir? O quer que seja, está pronta, encontra-se no seu elemento.

A maior parte das almas que a rodeiam não são feitas para esta vida tórrida. Fermentam. Ainda a primeira semana de Agosto não está passada e já a febre se apodera delas. Anita maneja estes organismos sem defesa. A pele amarelece pela pressão do sangue viciado, pelo afluxo súbito de germes acres e pestilentos. Os doentes calam-se absorvidos. Fecham-se no seu quarto. A erupção mina.

Anita está calma. É a única, no seu meio, que se encontra descentrada; antes se sente «normalizada». Coisa espantosa: respira à vontade. É sem dúvida como essas mulheres — suas mães — do tempo das Grandes Invasões. Quando as vagas inimigas vinham assaltar as paliçadas da sua cidade, subiam para os seus carros, para cooperar na defesa. E os seus seios nus respiravam melhor ao amplo sopro da planície. Numa grande palpitação, o seu coração ansiava pela luta, pelo espadanar das ondas inimigas ao assalto; e, assim, elas beijavam os campos devastados, onde as rodas dos seus carros estavam gravadas, e

o horizonte, o círculo sombrio das florestas, as linhas flexíveis das colinas, e a cúpula livre do Céu que aguarda as almas livres.

Anita, sobre o carro, olha e reconhece:

— ...É assim...

Como diz o poeta indiano:

— «*E isto, és tu, meu filho.*»

O circo do mundo está cheio pela Alma invasora. Ela própria se reconhece nele... Eu, estas almas febris, Eu, essas forças ocultas, esses demónios descobertos, esses sacrifícios, essas crueldades, esses entusiasmos, essas violências... Eu, essas forças malditas e sagradas, que vão sair do fundo...

O que existe nos outros, está em mim. Até aqui escondia-me. Agora descubro-me. Era uma sombra do que sou. Até hoje, vivia o sonho nos meus dias; e o real estava nos meus sonhos recalcados.

Ei-lo, o real! O mundo em guerra... Eu...

Como exprimir por palavras o indizível, que cresce como mosto na cuba, nas vindimas, o silêncio e o sonho desta alma de Bacante? Este cachão que sobe, que ela observa e que aspira — e essa calma vertigem... Um drama terrível que se desenrola. Anita é uma das actrizes que o desempenham. Mas não chegou ainda o momento de entrar em cena; está pronta, mas livre; pode contemplar a torrente da acção. Aspira a esse momento único. Inclinada sobre a corrente, o seu olhar soçobra; mas detém-se à beira do abismo aguardando a réplica, que lhe dirá: Chegou a tua vez! Lança-te!

A torrente murmura e aumenta. As barragens despedaçam-se. É a inundação... A derrota, os massacres, e as cidades em chamas. Em quinze dias a humanidade do Ocidente tornou a mergulhar quinze séculos, no fundo. E eis, como nos tempos antigos, os turbilhões de povos, arrancados ao seu solo, que refluem diante da invasão...

O interminável êxodo dos refugiados do Norte caía sobre Paris, como uma chuva de cinzas, precursora das lavas. Dia após dia a gare do Norte despejava como um esgoto a sua lamentável onda. Sujos e extenuados, amontoavam-se em grandes grupos sórdidos, à entrada da Praça de Estrasburgo.

Anita, sem trabalho, e devorada pela necessidade de aplicar a sua força inactiva, atravessava estes rebanhos humanos, esta multidão de prostrados sacudidos por acessos, clamores e gestos desencontrados. O seu coração pulsava de indignação e piedade.

Entre esta multidão de infortúnios anónimos, onde perdia o pé, era-lhe preciso apoderar-se de um ser, sobre quem fixara as suas pupilas de míope e seu auxílio apaixonado.

No *hall* da gare, Anita, apenas entrou, viu numa cavidade da parede, entre dois pilares, — escolheu (o instinto escolheu) — um grupo: duas figuras, —

um homem deitado e uma mulher sentada no chão, sustendo-lhe a cabeça sobre os joelhos. Esgotados, logo que desembarcaram tinham-se deitado no chão perto da entrada. A vaga dos que passavam tropeçava na mulher que servia de muralha ao homem deitado. Deixava-se pisar. Só via aquela face de pálpebras cerradas.

Anita parou, e, abrigando-a com o seu corpo, inclinou-se para a observar. Não via senão a nuca, o pescoço dum branco leitoso, robusto, uma cabeleira ruiva, espessa, suja, cheia de manchas negras como fuligem, e as mãos que apertavam as faces cor de cera, do homem estendido. Um homem? Um rapaz de dezoito a vinte anos, a morrer. Primeiro, Anita julgou que ele acabava de expirar. A mulher, com uma voz pesada e ardente, repetia em tumulto:

— Não morras! não quero que morras!...

E as mãos, manchadas de lama e de contusões, apalpavam os olhos, as faces e a boca da máscara imóvel. Anita tocou-lhe no ombro. A mulher não se voltou. Ajoelhou junto dela, afastou-lhe os dedos para apalpar o rosto do rapaz. A mulher não deu indícios de notar a sua presença. Anita exclamou:

— Mas ele vive! É preciso salvá-lo.

Então, a outra agarrou-se-lhe e gritou:

— Salva-mo!

Frente a frente, Anita viu uma face sardenta, de traços vigorosos, onde sobressaíam a boca carnuda e o nariz curto, cuja linha formava, com o avanço dos lábios, como que um focinho. Era feia: tinha a testa estreita e a ossatura das faces e dos maxilares bastante forte. Mas essa boca exigente, e essa massa de cabelos ruivos, davam ao crânio o aspecto de uma torre colocada sobre a fronte estreita. Só depois se reparava nos olhos grandes e azuis — olhos flamengos —, de carne.

Anita perguntou:

— Está ferido?

Num murmúrio, a mulher respondeu:

— Marchámos dias e dias. Está extenuado.

— De onde vêm?

— De C... ao Norte. Vieram e incendiaram tudo. Matei... Do muro da quinta, desengatei a espingarda. E por detrás da sebe disparei sobre o primeiro... Fugimos. Desde que parássemos de correr para tomar alento, ouvíamos os seus passos, atrás, a galopar. Vinham como uma vaga. O céu estava todo negro... Aproximava-se uma saraivada de graniso... Corremos, corremos,... por fim ele caiu... trouxe-o para aqui.

— Qem é ele?

— Meu irmão.

— É preciso sair desta poeira. Estão a pisar-nos. Vamos; de pé! Tem algum conhecimento em Paris?

— Não conheço ninguém. Não tenho nada. Foi tudo destruído. Saímos sem dinheiro, sem roupa, a não ser a que trazemos vestida.

Anita não hesitou:

— Venham comigo.

— Para onde?

— Para minha casa.

Pegaram as duas no homem estendido; a irmã pelos ombros, Anita pelas pernas. Ambas eram robustas, e o corpo emagrecido não pesava muito. Encontraram no caminho uma padiola; um velho operário e um garoto ofereceram-se para a levar.

A irmã obstinava-se em segurar a mão do rapaz, o que estorvava os portadores e a fazia chocar com os transeuntes.

Anita tomou-lhe o braço e segurou-o com o seu.

Às oscilações da maca, sentia que os seus dedos se crispavam e quando os portadores depunham um

instante a sua carga, a mulher ajoelhava-se junto do irmão, passava-lhe as mãos pelo rosto com uma onda de palavras rudes e carinhosas, em cujo francês se misturavam vocábulos flamengos.

Chegaram a casa. Anita instalou-os na sala de jantar. A família Bernardin emprestou o leito de um filho. Com o colchão de Anita fizeram outra cama no chão. O doente não tinha ainda recuperado os sentidos; despiram-no e chamaram um médico. A irmã, que recusara deitar-se antes que ele chegasse, sucumbiu prostrada pelo sono e dormiu durante quinze horas.

Foi Anita que velou.

Os seus olhares iam de um rosto para outro; um cor de cera e cavado, como se fosse perder a vida; — o outro violento, tumificado, com a boca toda aberta respirando pela garganta; saíam em rajadas palavras incoerentes.

Anita modorrava no silêncio da noite, vigiando estes dois sonos: o da morte e o da loucura. E estremecia perguntando a si própria por que razão acabava de introduzir debaixo do tecto da sua casa uma tocha alucinada.

ATÉ aqui poucas eram as relações de uma casa para a outra. Quando muito, sabiam os nomes dos vizinhos contíguos. As primeiras semanas de guerra encurtaram as distâncias. Estas pequenas províncias como que entreabriram as suas fronteiras, aliando-se na nação comum. As suas esperanças e temores confundiram-se. Quando se encontravam na escada já não passavam sem se olhar. Habituaram-se a cumprimentar-se, trocavam mesmo algumas palavras. O individualismo sombrio não opôs mais a sua reserva de amor-próprio às questões delicadas; participavam as notícias dos que tinham partido, e da grande parente ameaçada, a pátria. À hora da chegada do correio, formava-se um pequeno grupo ao fundo de escada; as inquietações isoladas aqueciam na confiança mútua. O espírito benévolo, que tanto sabe criar como esquecer oportunamente os seus preconceitos, deixava tàcitamente cair, por um tempo, aqueles cuja grade lhe havia servido para os separar dos vizinhos. — O Sr. Girerd fazia agora sociedade com o Sr. Bernardin. E as Senhoras Bernardin, pessoas piedosas, amáveis mas timoratas, respondiam às perguntas de Anita com um sorriso obsequioso; tinham decidido esquecer — até nova ordem — as suas dúvidas a respeito da vizinha eni-

gmática e da sua maternidade, talvez irregular... Não se tinham aproximado, nem tornado mais tolerantes. Não aceitavam nada mais hoje do que ontem. Mas o que não se aceitava, fingia-se ignorar.

Sòmente a pequena Senhora Chardonnet se encerrava na sua dor; recusava-se a ver o olhar afectuoso de Lídia Murisier que adivinhava o seu tormento, e oferecia associar-se a ele com a sua esperança. Eram todos, de alto a baixo, passageiros do mesmo barco; e o tufão vinha. O perigo igualava-os... Não está a terra toda ameaçada! (Em breve o estará...) Ver-se-á enfim todos os povos, lutando contra a Natureza, tornar-se na humanidade!... Mas são precisas duas condições: uma, que a nenhum seja dada a ocasião de se evadir sem os outros; — a segunda, que a todos assista a possibilidade de fugir ao perigo: porque se assim não for, o homem abdicará. — Estas condições nunca estão reunidas muito tempo. No entanto, estavam-no agora.

A grande leva alemã vinha bater quase às portas de Paris. O governo tinha fugido. Todos da casa manifestavam o seu desprezo indignado pela fuga para Bordéus. Sílvia estava enraivecida. Lembrava-se das suas avós, quando o rei Luís deu às de vila-diogo. Não seria muito agradável para os nossos heróis de Château-Margaux, cair nestas bocas. Mas seria uma dívida a liquidar mais tarde. Havia outras coisas mais urgentes. Tia e sobrinho, Marcos e Sílvia, cavavam e transportavam em carros de mão, nos trabalhos de aterro, que Gallieni ordenava, para acalmar a agitação de Paris. Nenhum pânico. Esperava-se, descontando o melhor, prontos para o pior. Marcos acariciava na algibeira o seu famoso revólver; era capaz de esperar a entrada dos Alemães em Paris, só para o experimentar. Anita, com as mãos ardentes, tranquila na aparência, nunca se portou

melhor; sabe o que arrisca, ela e o seu filho, enfim... mas sente-se aliviada. — Os outros sentem igualmente. As angústias dos pais são atenuadas pelo pensamento de que estão associados, um pouco, aos perigos dos filhos.

Lídia Murisier acaba de ler, em casa de Anita, as cartas do seu noivo. As duas mulheres sentem-se atraídas antes de se terem falado. Anita ouviu o canto secreto da fonte, no prado. E Lídia leu, no sorriso comovido da irmã mais velha, que ela possui o segredo desta música, — só ela na casa. É-lhe agradável que a compreendam. Mas deste canto do coração nada se dizem. É proibido, neste ruído de armas, escutar demasiado a melopeia dos dias de paz, a flauta que chora a felicidade. Lídia lê as cartas do amado, que fala do dever exaltado dos soldados da Civilização. O jovem estóico associa-a à sua glória gelada, e a amorosa Lídia banha-se nela com uma alegria fremente. O calor do seu seio faz fundir a neve das ideias. É ainda criança; o sacrifício austero doura-se com a ilusão; o heroísmo é, ainda para ela, um meio divertimento. Sabe que é perigoso, mas crê, quer crer na protecção de um deus — do seu deus — que vela pelo seu amor. (O seu deus e o seu amor não têm ambos a mesma fisionomia?) Parece confiante, feliz, e ri às gargalhadas, como fazem as crianças. Depois, sùbitamente, chora, e não quer dizer porquê. Anita tem pena. Vê que ela se exalta com os pensamentos que receita, ardentemente, dum jacto — até que pára hesitando... (Não se enganou numa palavra? Desculpa-se então, com um sorriso confuso e encantador). Anita tem desejo de a tomar nos seus braços e de lhe dizer:

— Pequena, o que tu dizes não é teu. Encosta a tua fronte à minha boca! Quando te calas, ouço o teu coração...

Mas não é bom que o ouça. Ela tem razão. Continue a recitar as palavras decoradas que trazem o esquecimento!

As ideias adormecem o coração.

O entusiasmo reina em toda a casa. A exaltação atinge o auge, durante dias — os cinco dias — em que se desencadeia a batalha das nações. Os instintos naturais de defesa, de auxílio mútuo, de glória, de sacrifício, levantam voo...

E é o dia em que, na Praça de Notre-Dame, a multidão implora a Pucelle. E duma galeria da basílica o cardeal lança no ar a palavra:

— Vitória!

TUDO pára. O voo quebra-se. A alma recai.

Desde Outubro, a acção não avança. O perigo supremo passou. O espinho está para muito tempo enterrado na carne que se envenena. É preciso organizar-se para viver assim anos. Mas quem poderá, com ânimo firme, encarar estes anos? Mente-se. Mentem-nos. Para manter a exaltação, recorre-se aos meios factícios: os «boatos» da imprensa, — as suas astúcias e as suas atrocidades. (São bem suas: acolhe-as, inventa-as, com uma alegria de selvagem). E o público, como um borracho, é sacudido no seu torpor, por sobressaltos de ódio vermelho.

A casa cose no seu molho o sofrimento, a irritação, a impaciência, o tédio. O Inverno arrasta-se. A mórbida fermentação das almas aparece, à luz sombria.

Os dois refugiados do Norte, Apolline e Alexis Quiercy, continuavam em casa de Anita. Havia-os recolhido, por algumas semanas, até que o irmão estivesse restabelecido e tivessem encontrado alojamento e um emprego. Mas não o procuravam. Achavam natural estarem recolhidos em casa de Anita. Sentiam-se à vontade. Não se preocupavam com o que ela podia despender! Consideravam-se

como vítimas a quem a França era devedora. Sucedeu mesmo que Apolline se queixou do alojamento: sentiam-se muito apertados na casa de jantar. Não chegou até reclamar, para si, o quarto de Anita; mas, se lho tivesse cedido, teria dito simplesmente: «Obrigado!» Marcos estava desesperado. Sentia por esta mulher uma repulsa que o fascinava.

Hóspedes estranhos. Alexis passava uma parte dos seus dias estendido. Apolline não saía, e não era fácil decidi-los a tomar ar. Conservavam-se fechados, sem se moverem. Alexis era por natureza torpe. Tinha os cabelos loiros, plantados em baixo e frisados, a fronte estreita e abaulada, olhos pequenos, de um azul indeciso, os lábios intumecidos e a boca aberta, para respirar. Parecia-se com a irmã; mas ela é que era o macho. Falava pouco, absorvia-se num devaneio vidroso, ou engrolava as orações dum rosário. As rezas são um berço onde se embala o espírito sonolento.

O irmão e a irmã eram devotos, a seu modo. Deus pertencia-lhes: abrigavam-se nele como em casa de Anita. Os outros que se fossem embora. Inerte, mas tenaz, Alexis incrustava-se. Deixava o movimento a Apolline. Nesta rapariga, existia uma brutal energia que sufocava durante horas, sentada e curvada sobre o trabalho de agulha, onde os seus dedos impacientes corriam com firmeza. De súbito, atirava com o trabalho, levantava-se e batia com os pés; punha-se a andar; andava, andava à roda, no estreito espaço entre o leito e a janela, detinha-se, para mostrar o punho cerrado a um inimigo ausente, falava em lhe cravar os olhos com as suas unhas; e falava, falava, com uma voz que gemia, increpava e ameaçava. Por fim, bruscamente, atirava-se sobre o leito do irmão e estreitava-o, com uma torrente de

palavras apaixonadas a que ele misturava as suas dolentes e monótonas. Enfim, enfim! fazia-se silêncio. A morte parecia estar no quarto...

Esta vizinhança não era das mais repousantes. Mas ninguém ousava lastimar-se: lamentavam-nos; era necessário ser paciente para com os outros. Cada um tinha o seu sofrimento, e a estes coubera mais do que a sua parte: antes de fugir, tinham visto arder a casa com a mãe enferma, e fuzilar o velho criado; compreendia-se que o seu espírito estivesse abalado. Anita, incólume de experiências, julgava-se obrigada a suportar esta custosa presença. De todos, era ela a única pessoa com quem Apolline consentia em dar-se. As suas relações não iam muito longe. Esta natureza desregrada passava sem transição da hostilidade desagradável a um esboço de simpatia, para recair no mesmo ponto. Nos raros momentos em que ela se aproximava, dir-se-ia que sentia na natureza de Anita alguns traços de parentesco. Não eram esses, de nenhum modo, aqueles que Anita tinha gosto em reconhecer; sentia-se mortificada. Quando o véu recaía entre elas, sentia um alívio. Mas estes contactos eram raros; Apolline, quase sempre, egoísta, mergulhava-se no pântano da sua alma turva e violenta, donde se evolava um cheiro de febre. Marcos, o cachorro alerta, tinha-o aspirado com repugnância e com atracção. Odiava-a e espiava-a. E esta atmosfera de paixão mefítica pesava, nas noites sem sono, sobre Anita.

Dir-se-ia que, por debaixo das portas, filtrava, a todo o comprimento da escada, uma influência palustre. Sobre o mesmo patamar, porta com porta com Anita, Clarisse, encerrada, tiritava. Não queria ver ninguém. Detestava o mundo inteiro. Toda ela era frio e trevas. Todo o seu sangue estava — parecia

— parado. Sentia-se como uma casca de árvore gelada, empedernida. Apenas se reanimava o calor, por acessos, quando chegavam notícias do que tinha partido. Lia-as, com os olhos secos, o coração congelado: fora ele quem lhe roubara, abandonando-a, o sol das noites. Depois de ter lido, amarrotava o papel e conservava-o numa bola na sua mão. No entanto, respondia-lhe numa carta breve e incolor, onde nada transparecia do que sofria, nem do que teria querido fazer sofrer. Não dissimulava; era daquelas para quem o escrever não parece feito senão para falar do que está em volta — nada do que é mais profundo —; do que se faz — nada do que se pensa, nada do que se é. A si própria se dispensava de o dizer. Para conversar com o seu coração era preciso senti-lo bater, e o seu coração estava crispado sob o gelo. O próprio sofrimento era rígido, e como uma barra, o rancor.

Mas, na Primavera, o gelo fundiu. Um dia, Marcos ouviu-a rir. Clarisse ia e vinha no quarto e mirava-se. Encontraram-na na escada. Saía tarde. Estava vestida com gosto: filha de Paris, tinha o instinto da *toilette;* a linha do seu corpo era grácil e os seus movimentos flexíveis, como os de uma gata da qual tinha o fogo que dorme, e a frieza no olhar. Passava sem ruído, evitava deter-se; saudava com um gesto de cabeça; se lhe falavam, respondia, com reserva, uma palavra delicada, e afastava-se; nada queria participar do meu, do teu:

— «Vou no meu caminho, ide no vosso!...»

Era como uma estranha. — Perdoa-se tudo, mas nunca a recusa de comer no mesmo prato. A rapariga foi cercada pela malevolência dos pensamentos. Não se importava. Tinham mais que fazer que vigiar os seus passos. Só uma pessoa espiava os seus regressos na noite; e a sua imaginação trabalhava: — Mar-

cos. Sempre ele... Está bem rodeado! À direita e à esquerda do seu leito, estas virgens loucas. O seu corpo que abrasa... Um vento de luxúria sopra sobre Paris. A luxúria é irmã do ódio.

O ódio também pode ser casto. Estava associada, em casa da família Bernardin, ao Homem de Dor. A «*Oração pela Paz*», que o Santo Padre dirigia à cristandade, era abafada pelo Estado e pelo clero. Os dois compadres estavam de acordo: havia urgência em velar a voz do Altíssimo. Os fiéis estavam revoltados. O sangue galicano fervia nas suas veias. Bernardin, pai, piedoso, mas fogoso, rompia em ameaças contra o papa estrangeiro. Felizmente, havia em França homens santos para disfarçar o Verbo...

— «Santo Padre, Vossa Santidade ordena que roguemos pela paz... Muito bem! vamos explicá-la... Vossa vontade será feita, — contanto que seja a nossa!... A paz, a paz, meus irmãos...»

— «A paz, é a vitória», repete dòcilmente, depois do cardeal-arcebispo, a abóbada de Notre-Dame.

E as decorações douradas da Madeleine:

— «A paz, Senhor, a verdadeira, a vossa — isto é, a nossa — mas não outra, a do inimigo que queremos matar!...»

Não se trata senão de «definir!...»

A este respeito, as consciências cristãs tranquilizam-se. A família Bernardin declara-se satisfeita com o papa e com os seus pastores. No velho magistrado mistura-se curiosamente à edificação a alegria maliciosa de ter interpretado, ao contrário do verdadeiro sentido, um texto da lei. Curvado, diante do altar, com os olhos devotos, obstinados, deixa passar um sorriso pela sua barba rude...

— «Foi um belo trabalho... *Fiat voluntas tua!...*»

E o padre Sertillanges fazia chorar de êxtase as

pobres mulheres que viam o Cristo *poilu*, com os seus filhos, na trincheira do Gethsemani.

Por uma espantosa transfiguração, o campo de carnificina aparecia aos olhos avermelhados, aos corações aflitos, como o altar onde, no cálice de lama e de oiro, da dor e da glória, é celebrado o sacrifício do sangue divino.

E a primeira que o bebeu, até à embriaguez do desespero, foi a boca fresca, feita para beijar, de Lídia Murisier.

O seu bem-amado tinha morrido nos primeiros dias de Setembro. Durante muito tempo ninguém o soube. Lídia, confiante, lia ainda as suas cartas quando tinha desaparecido já, há quinze dias, todo o vestígio da sua substância. A pátria estava salva; não se podia imaginar que os salvadores o não fossem. — Em Outubro, a sentença de morte caiu sobre a casa. A sua crueldade não deixava nenhuma dúvida. A narrativa de um companheiro dizia o dia, a hora e o lugar. A sentença tornou-se pública. Na casa, nada pareceu mudar. M. Girerd tinha-se fechado a sete chaves. Sem a porteira, a quem nada escapava, ninguém o teria sabido. Lídia tinha passado como uma sombra; fora para junto do sogro; habitava agora com ele. Mas a casa parecia deserta. Não se ouvia o menor ruído. Anita passava à porta, — descendo a escada. O silêncio oprimia-a; não ousava quebrá-lo... Bateu; passado um momento, Lídia abriu. Na sombra do corredor não se viam as suas feições. As duas mulheres abraçaram-se, sem uma palavra. Lídia chorava em silêncio. Anita sentia correr sobre a face as suas lágrimas ardentes. Lídia tomou-a pela mão, levou-a para o seu quarto. Eram seis horas da tarde, estavam iluminadas apenas pela luz de outro quarto.

O Sr. Girerd devia estar lá; mas não se ouviam passos.

Anita e Lídia recostaram-se; davam-se as mãos e falavam em voz baixa.

Lídia murmurou:

— Parto esta tarde.

— Para onde vai?

Vou ter com ele.

Anita não ousava interrogar.

— Onde?

— Onde dorme o meu bem-amado.

— Como?

— Sim, o lugar onde se deu o combate está hoje livre.

— Mas como poderá entre tantos milhares?...

— É ele que mo indicará. Sei que tornarei a encontrá-lo.

Anita quis gritar:

— Não vá! Não vá... Ele vive em si. Não vá procurá-lo no horror do matadouro!

Mas compreendeu que Lídia não era livre: Anita tocava as suas mãos, mas era o morto que as agarrava.

— Minha pobre pequena, não poderei acompanhar-te?

Lídia respondeu:

— Obrigado.

E, mostrando a parte iluminada:

— Meu pai vem comigo.

Despediram-se.

À tarde, Anita ouviu nas escadas o passo sem peso, o passo sucumbido dos dois que partiam.

Dez dias depois, tornaram a entrar secretamente, como tinham saído. Anita não dera pela sua chegada e, quando, ouvindo bater, abriu a porta, deu com a figura de Lídia de luto com o seu sorriso doloroso. Parecia-lhe ver Eurídice, regressando sem Orfeu.

Apertou-a contra si e quase a levou assim para o seu quarto. Fechou-se. A pequena noiva tinha pressa de contar a sua viagem ao país dos mortos. Não chorava; havia nos seus olhos uma alegria exaltada; mas mais dilacerante ainda.

Murmurava:

— Encontrei-o... guiou-me... Vagueámos pelos campos devastados, por entre os túmulos. Estávamos cansados e sem coragem... Quando cheguei junto de um pequeno bosque, era como se me tivesse dito: «Vem!...» Um bosquezinho de pequenos carvalhos... Estava coberto de roupas ensanguentadas, de cartas e de farrapos... Um regimento tinha ali sido cercado... Eu deixava-me ir. Sentia-me conduzida. O pai dizia: «Para quê? Basta. Vem!» — Ao pé de um carvalho, num lugar isolado, baixei-me, e apanhei no musgo um pedaço de papel, guardei-o... A minha carta! A última que ele tinha aberto!... Estava cheia de sangue. Beijei a erva, deitei-me no lugar onde ele se tinha estendido; era o nosso leito; sentia-me feliz; teria querido dormir ali, para sempre. A atmosfera estava impregnada de heroísmo...

Lídia tinha um sorriso de êxtase desolado. Anita não ousava já fixá-la...

M. Girerd parecia petrificado. Inflexível, tinha retomado o seu trabalho. Não falava com ninguém. Mas no seu curso, nos seus discursos, em artigos veementes, pregava a cruzada implacável, encarniçava-se, matava a alma do inimigo, esbofeteava-a, separava-a da humanidade. Na casa, todos o cumprimentavam, mas tinham o cuidado de o evitar: o seu olhar, quando passava, parecia uma censura para os que ainda viviam. Sentiam-se culpados para com ele. E o seu instinto, para desencontrar um bode expiatório, juntava em feixe a acusação difusa, re-

solvendo-se a dirigir o golpe contra o homem lá de cima, — o que não tinha partido.

Clapier (Josephin), o cardíaco... Um mal irremediável! O coração de um verdadeiro francês é sempre suficientemente bom para morrer, batendo-se... Mas era um desses homens que atraíram sobre nós a guerra e a invasão: — os pacifistas!...

Um rapaz distinto, tímido, bom escritor, que não aspirava senão viver em paz, com a sua pena e os seus alfarrábios. Cada vez que se inclinava sobre o vão da escada, respirava o cheiro de suspeita que subia. Ao passar, as portas entreabriam-se, para o observarem. Mas todos simulavam não o ver quando ele saudava. Brochon, no seu cubículo, olhava para outro lado; mas na rua, logo que saía, Clapier notava que Brochon o seguia a trinta passos de distância. E, no patamar da sua escada, lia o insulto chocarreiro nos olhos das mulheres dos operários...

Inventava a toda a hora. Inventar era a sua profissão. A sua imaginação zunia como um vidro de bico Auer. Enlouquecia. Vivia só; e o esteticismo não basta para suportar por muito tempo o isolamento do pensamento. É preciso um carácter, e esta mercadoria não se encontrava no fundo do tinteiro, ainda que as boas palavras induzam a fazer boa figura. Se a faz má, as boas palavras obrigam a mentir. Não tiveram muito trabalho em adaptar Clapier e o seu pacifismo à tarefa viril que exigia dele o ambiente feroz da casa. Alistou-se na censura. Não era mau rapaz. Não desejava mal a ninguém. Mas, assim como os fracos, quando os desviam dos princípios da honra vão sempre mais longe do que os fortes, também ele mostrou demasiado zelo, exagerou. Denunciou os manejos do pacifismo. Trabalhou sem descanso para obrigar os seus antigos companheiros

a ir, como ele, a Canossa. Um renegado não gosta de renegar sòzinho. Ai daquele que lhe resista! O bom rapaz de mãos moles sentia crescer na extremidade dos dedos as garras do Estado. O seu coração cansado sentiu as palpitações do grande Corneille. Foi romano. Estava pronto a imolar os seus — se os tivesse.

Por este preço, conquistou as simpatias de Brochon. Mas nunca percebeu a razão por que bons patriotas, como Anita, lhe voltam agora as costas quando o vêem.

ANITA estava perturbada. Tinha perdido a segurança do princípio. À medida que os dias e os meses passavam, o mal-estar acentuou-se. Tinha pouco trabalho e muito tempo para pensar. Sentia à sua volta o Espírito monstruoso, que se apoderava destes seres, — os mais grosseiros, e os mais encantadores. Tudo era anormal, os vícios e as virtudes. O amor exaltado, o heroísmo e o medo, a fé, o egoísmo, e o sacrifício total, tudo cheirava a doença. E a doença progredia e não deixava ninguém indemne.

Anita estava tanto mais impressionada quanto não atribuía ao mal uma causa acidental: não pensava em culpar as vontades, as intrigas, as responsabilidades; não conhecia *esta* guerra; conhecia *a* guerra. Estava à parte dos seus combates, dos seus conselhos; não via a face da Besta; recebia no rosto o seu bafo envenenado. Mais do que nunca a guerra lhe aparecia como um facto natural — (a decomposição é natural, da mesma forma que a integração orgânica) —, mas um facto patológico, uma peste da alma. Não entrava nos hábitos, até ali, o patentear das doenças, mas esta expunha-se como o Santo Sacramento; adornavam-na com o ideal e com os Deuses, como adornavam de flores e de papel dou-

rado a carne do carniceiro. Nenhum destes pensamentos, mesmo os mais sinceros, estava puro de mentira e de servilismo para com o monstro, cuja lepra os roía. Anita reconhecia em si estes sintomas. Também ela ardia nestas paixões de assassínio e imolação — de tudo o que o coração e os sentidos não confessam, e que aureola o espírito, que mente. As suas noites estavam entregues à vida pesada e criminosa dos sonhos.

Mas talvez que Anita, se não tivesse tratado senão de si, não reagisse contra o veneno. Este estado era comum a todos. Tinha parte nele como nos perigos. Porque o teria ela repelido? Tê-lo-ia suportado com altivez, com sofrimento, interdizendo-se apenas o direito de dissimular. Tê-lo-ia suportado, se não tivesse visto os mais terríveis efeitos sobre aquele a quem queria mais do que à luz dos seus olhos.

Marcos fora atingido. Muito mais do que os grandes, porque a sua carne era mais tenra. Nada lhe escapava de tudo quanto se passava dentro ou fora de casa. Os seus olhos, os seus ouvidos, o seu faro, todo o seu corpo, semelhante a uma caixa de ressonância, captavam as ondas nervosas, que irradiavam destas almas carregadas de electricidade. Tinha um instinto inquietante, mais maduro do que a sua inteligência, que pressentia os dramas turvos da consciência.

Muito antes dos outros, tinha lido, sob a nuvem fuliginosa, o destino dos seus dois vizinhos, o irmão e a irmã — lido sem compreender, mas bem no fundo. Muito tempo antes da sua mãe, percebera a metamorfose que se operava em Clarisse Chardonnet. Ainda Anita se entregava ao desespero da abandonada, já ele via a muda, e a nova plumagem. Espiava-a através do tabique. Quando ela saía, lá estava

ele na escada, para respirar o seu rasto almiscarado. As menores transformações do seu trajo e modos eram registados. Fosse ele o marido ou o amante, não estaria mais ocupado.

Não era que amasse. Mas apaixonava-o uma curiosidade que não era inocente. Essas almas, estes corpos de mulheres... Ver o que há lá dentro!... Julgava-a culpada, antes mesmo que ela o fosse. Mas isso ainda a tornava mais atraente. Teria querido segui-la — não! — estar antes dentro dela. — O que se passará dentro desse peito?... Gozar os seus desejos, os seus tremores secretos, os seus pensamentos proibidos... Os seus sentidos não estavam ainda bem decididos .. Rapaz, ou rapariga?... E não se sabe ainda se se quer a rapariga, pelo ser, ou para a possuir.

Entrou uma noite, muito tarde, com a sua mãe.

Viu — julgou ver — na rua mal iluminada as pupilas brilhantes... Clarisse passava escoltada. Marcos teve uma exclamação de surpresa, baixou os olhos, com um estranho pudor para que ela não pudesse perceber que a tinha visto.

Anita, que ouvira a sua exclamação, perguntou-lhe o que havia. Apressou-se a desviar a atenção. Parecia-lhe que tinha o dever de proteger Clarisse. Mas depois censurou-se por não ter reparado bem. Seria ela? Não estava bem certo. Devorava-a... Ela? Não. A mulher desconhecida.

Esta obsessão enchia-lhe as noites. Fluía desta casa, da atmosfera da cidade em guerra, com uma terra com cio, e sob a tampa dum céu de tempestade, aquecido ao rubro. A expectativa, a inquietação, o sofrimento, o luto, a morte, excitavam o desejo. Clarisse não era a única destas almas possessas A filha de Perrel já não entra em casa. O pai não está lá para a defender dos sedutores; e, levantada

a lebre, a mãe não soube fazer outra coisa senão gritar e pôr a filha fora da porta. Nada disto Marcos perdia. -- O nome dela é Marcelina... É quase como se fosse ele..

Que garota descarada, com o seu olhar zombeteiro, olhando por baixo, com as suas pálpebras inquietas, o nariz arrebitado, o queixinho gordo, e os lábios salientes, aguçados!... Gostaria bem de os beijar, mas só ao pensamento desse contacto sente um arrepio por todo o corpo. Quando se encontram na escada ela chama-o pelo seu nome próprio e fixa-o, no intuito de o perturbar. E ele, que se mostra ousado para esconder a comoção, chama-lhe Perrette. Ela ri. Trocam olhares cúmplices.

Peltier não tem filhas. Mas a sua honra — se é que a põe nisso — não está menos desfalcada. A mulher, boa pessoa, alegre e prudente, calça meias de seda e botins com vinte furos de atacadores. Ganhou-os ela; trabalha na fábrica, mas bens de sacristão cantando vêm, cantando vão... Ele é bom patriota; a Senhora Peltier também. Só engana o marido com os Aliados. Prejudica-o? Não; combate com ele. É ela própria que o diz a rir. Esta fina gaulesa não se engana completamente.

Mas, meu Deus! o seu pobre homem não tem menos saúde por ela ter mais... Tanto pior para os ausentes! E tanto pior para o que foi e para o que virá! O presente é muito sôfrego. Arrebanha tudo, quer tudo, é tudo — É o *nada*. É o abismo.

Marcos deixa-se afundar. Louco, o que se inquieta com o futuro! Talvez que nem o haja! Se contares com ele, serás roubado. Toma! Serve-te dele na ocasião, não esperes que to sirvam. Tens dentes, mãos, olhos, um corpo maravilhoso, que está cheio de olhos, como a cauda de um pavão — que recebe a vida por todos os poros. Toma,

aqui o tens... Ama e conhece, goza e odeia!...

Corria Paris, faltava aos estudos, febril, curioso, desorbitado. A guerra, a mulher, o inimigo, o desejo, — Proteu de fogo com mil línguas, quantos bosques inebriantes a beber — até fartar! Quantos motivos para se exaltar — até à hora de recair extenuado, gasto pela vida!... Era bem difícil vigiar esse frango à solta. Cada um era vítima dos seus pensamentos. Anita esteve muito tempo sem desconfiar. Na sua penúria, que aumentava, não podia ficar de mãos ociosas. Já não tinha lições. As famílias burguesas economizavam austeramente no seu orçamento suprimindo o ganha-pão das professoras — essas inúteis! Anita aceitou um serviço de noite, por algumas semanas, em substituição, numa ambulância de Paris. Marcos aproveitou. Fugiu, errou, com o coração palpitante, farejando, mais ocupado em ver do que em saborear, muito inexperiente para se atrever, muito orgulhoso para se expor a ser troçado revelando a sua ignorância, — sem se deter, com as pernas cansadas, a boca seca, o fogo nas palmas das mãos, indo, vindo, voltando, andando à roda... Não tardaria em ser apanhado se, por acaso, na segunda noite em que batia mato num bar equívoco, numa sociedade que não era ainda para ele, uma mão, uma pequena mão firme, o não tivesse agarrado pelos ombros; e uma voz meio zangada, meio zombeteira, lhe não dissesse:

— O que andas aqui a cheirar?

Sílvia, a sua tia!... Mas ela própria que fazia ali? Como não lhe faltava atrevimento, perguntou-lhe:

— E tu?

Ela riu às gargalhadas, chamou-lhe: «Garoto!» e agarrando-lhe por um braço exclamou:

— Fizeste-me perder a minha noite. Mas primeiro o dever. Agarrei-te, levo-te comigo.

Em vão ele protestou. No entanto, acedeu em ir dar um passeio antes de entrar. Tia e sobrinho, frente a frente, dirigiram-se sarcasmos. Ela compreendia bem que o jovem animal tivesse desejo de correr, mas tinha bastante bom senso para prever os perigos duma liberdade precoce...

— Julgas, porventura, que te pertences, meu bezerrinho? que podes dispor de ti? Alto lá! És o nosso bem. Pertences à tua mãe. Objecto de museu. Temos que te conservar bem guardado.

Sílvia gracejava, repreendendo-o, e ele, revoltado, todo estremecia. Não sou livre, eu? E porque não tu?

— Porque eu sou casada, meu bom amigo!

Esta audácia cortou-lhe o fio. Sílvia olhava-o, irónica. O rapaz quis zangar-se mas acabou por rir.

— Está bem, fui apanhado! Mas tu também; também te apanhei.

Ela riu. Estavam a meias no delito. Ameaçaram-se com o dedo, com o olhar, e o rapaz foi reconduzido a casa. Mas Sílvia nunca revelou o segredo a Anita. Desconfiava da austeridade da irmã mais velha, e da sua seriedade. No íntimo, pensava:

— Não se impede o rio de correr. Coloquem-lhe uma pedra à frente: verão como salta melhor.

Bruscamente Anita abriu os olhos. Viu que não era bom deixar o pequeno só, no ninho. Renunciou ao emprego. Tomara-se de aversão por essa onda de mulheres que correm para o homem ferido, misturando o amor com a piedade, o amor no sangue, o amor no sangue!...

— Não te faças orgulhosa! Foi isso que tu sentiste.

De todas as hipocrisias, a pior. A besta humana civilizada tempera os seus instintos ferozes com um perfume de mentira. Anita respirava-o no filho que o

trazia nos fatos, nos cabelos, na penugem tenra do seu corpo... que o cheiro da morte não tenha tempo de o impregnar até ao coração.

Não era ùnicamente este turvo despertar da puberdade que a sobressaltava, este assalto dos sentidos, esta alucinação do pequeno fauno, que ele não podia dissimular. Uma mãe, que conhece a vida, sabe que há-de vir essa hora; e se não a vê chegar sem comoção, também se não admira; vela em silêncio e espera — com tristeza, com orgulho, com piedade — espera que o pequeno macho tenha vencido a prova necessária que acabará de o separar do corpo materno. Mas esta hora, que nos tempos calmos pode soar como as ave-marias no campo, num dia de Abril amoroso,— tinha pancadas roucas na tempestade destes povos delirantes.

Uma tarde, cansada do labor e das voltas dum dia, Anita sentou-se no Luxemburgo. O filho aproximava-se com os companheiros do liceu. Detiveram-se a discutir no meio duma rua do jardim. Algumas árvores os separavam do banco, onde Anita, oculta, assistia. Ouviu o filho, a sua voz ardente e zombeteira que celebrava os próximos tempos, em que se pagaria aos Boches dois olhos por um, e por um dente, toda a goela. Estes garotos aspiravam, antecipadamente, a carniça, o suor e o sangue da besta desventrada; faziam de homens fortes, sem escrúpulos:

— Os Boches violaram, degolaram, queimaram, fizeram bem! Nós faremos melhor. A guerra é a guerra. Isto será a festa. Naturalmente, nos nossos jornais, falaremos — para os idiotas, da civilização. Nós civilizaremos.

Aprovaram-no. Marcos sentia-se orgulhoso com o seu êxito.

Não acabavam de se gabar com as suas façanhas, «mulheres e raparigas que eles fecundariam — (isso

é que era pior! — com o nobre esperma dos Franceses!» ...Estes gaiatos não sabiam o que diziam. Eram homens. E os homens também não sabem o mal que fazem. Mas fazem-no.

Anita sentiu-se afrontada. O ultraje saiu da boca escarnecedora do filho, recebeu-o no coração — no ventre... «*Feri ventrem!...*» — Eis o que ela tinha gerado! Esse lobozinho! «Ele não sabia...» E quando soubesse, não seria pior?... Como arrancá-lo ao apelo imundo da Floresta?

Noutro dia, ouviu-o também, desta vez na sua presença, troçando sem pudor destes forjadores da paz e da guerra, dos homens de Deus e do Direito. O seu olhar agudo nada tinha perdido da hipocrisia heróica dos Girerd e dos Bernardin que, para ganhar a partida encetada, trapaceavam com a Cruz e com a Ideia.

Nunca tinha acreditado nisso, não acreditava em nada (de momento!) Estas crianças tinham tomado em aversão as palavras, as palavras, que ruminavam as grandes bocas, as línguas pastosas dos seus primogénitos: a Justiça e a República, o bom Deus, palavras... palavras... religiosas ou laicas, mas da mesma farinha...

— A mim não me enganam!...

Em lugar de se indignar, Marcos ria às gargalhadas. Achava bom o gracejo. O idealismo e a religião são excelentes como poeira nos olhos, gases asfixiantes. O mais forte é o mais velhaco...

— Viva nós! Não temos falta de pregadores, de professores, de charlatães de Igreja, da Imprensa, do Parlamento!... É agradável mentir «por Deus, pelo czar, pela Pátria!» *(Michel Strogoff)*. De todas as invenções do homem, a mais bela, é a dos bons Deuses!...

Este Maquiavel de colégio desenrolava com fan-

farrice o seu cinismo que se divertia. Anita indignou-se. Melhor seria ter conservado a calma. Mas se ele tocava no ponto mais sensível! Exaltada gritou:

— Basta!

Marcos, admirado, perguntou:

— Porquê?

— Não se brinca com essas coisas!

E o outro, velhaco:

— Só se faz senão *isto*.

— Só se morre senão por *aquilo*.

— Ah! esquecia-me que és do tempo em que se engolia a pílula. Peço-te perdão.

— Não to dou — respondeu Anita, cuja violência aumentava. — Acaba com as tuas ironias.

— É o meu modo de ser sério — respondeu Marcos.

Tinha o olhar mau, um sorriso contraído ao canto dos lábios. Continuou:

— E faço-te notar que presto homenagem a *essas coisas* (acentuava a última palavra).

— É isso que não te perdoo — disse Anita. — Essas *coisas*, o seu Deus, a sua fé, não creio nela. É uma desgraça. Mas respeito os que crêem. E quando os vejo usar de astúcia e trapacear com a sua fé, — essa fé que eu não tenho, sinto-me pronta a defendê-la, sofro por ela.

Marcos replicou:

Tens tempo a perder. É mais prático servirmo-nos dela. É uma força, como a estupidez humana. Empreguemo-la! Empreguemo-la. É preciso que tudo sirva a vitória. Tenho o direito de a utilizar, — visto que não creio!

Anita, com a cabeça baixa, avançou o rosto para ele, olhou-o nos olhos e disse-lhe:

— Não me forces a desprezar-te!

Marcos recuou um passo.

Anita ficou imóvel, com os olhos irritados e a fronte levantada; era bem ainda a jovem Juno, pronta a atacar, a Anita dos dias passados. As suas narinas dilatavam-se enquanto exclamava com rudeza:

— Eu posso suportar muito: os sete pecados, os vícios e a própria crueldade. Mas uma coisa, uma, te não perdoo: a hipocrisia. Servir-se de uma crença que se não tem, mentir a si próprio e às ideias, fazer de Tartufo da fé, — melhor seria nunca teres nascido! No dia em que eu te veja chegar a essa degradação, sacudir-te-ei de mim, como a lama dos meus sapatos. Por mais vil e mais baixo que sejas, sê verdadeiro. Prefiro odiar-te a desprezar-te.

Marcos calava-se, sufocado. Ambos tremiam de cólera. A aspereza daquelas palavras vergastara as suas faces. Quis replicar, zurzir por sua vez; tinha a respiração cortada. Não esperava esta tempestade. A mãe e o filho encaravam-se como inimigos. Mas o olhar do filho cedia, contra sua vontade; os seus olhos baixavam-se, para esconder as lágrimas de raiva que reprimia; afectava escarnecer; recorria a toda a sua força para que ela não percebesse a sua fraqueza. — Bruscamente Anita abandonou-o. O rapaz rangeu os dentes. Tê-la-ia matado.

A palavra tinha-o marcado como um ferro em brasa.

Anita, mal saiu, lamentou a sua violência. No entanto, julgou ter-se dominado. Mas havia já alguns meses que a tempestade se acumulava, e ela sentia que esta explosão não seria a última. Agora, as suas palavras pareciam-lhe odiosas. A sua brutalidade envergonhou-a quase tanto como a ele. Diligenciou fazer-se perdoar. Quando se encontraram juntos, mostrou-se familiar e terna. Marcos, porém, conservava-a a distância. Considerava-se insultado. Para vingar-se, afectou, visto que ela gostava que se fosse franco, dizer e fazer tudo quanto pudesse feri-la...

— («Ah! preferes a crueldade?...»)

Deixou de propósito e em desordem sobre a sua mesa — cartas ou notas para o seu «Jornal» — coisas atrozes sobre a guerra e sobre o inimigo ou expressões licenciosas. Espiava o efeito no rosto de sua mãe. Anita sofria, descobria o seu jogo, continha-se; mas um momento vinha em que se traía. Então ele triunfava e dizia:

— Estou na verdade.

Uma noite, enquanto a mãe dormia, saiu de casa. Só entrou quando era meio-dia, para a refeição. Anita tinha tido tempo de passar por todos os graus da inquietação, da cólera e da dor. Quando ele apareceu não lhe disse nada. Almoçaram. Marcos, surpreendido, aliviado, pensava:

— Está humilhada.

Anita quebrou o silêncio.

— Portaste-te, esta noite, como um ladrão. Tinha confiança em ti. Perdi-a. Não é a primeira vez que abusas dela. Sei-o agora. Não quero rebaixar-me, nem rebaixar-te, vigiando-te dia e noite. Usarias de astúcia, o que te tornaria mais velhaco. Levar-te-ei daqui. Aqui não posso defender-te. O ar é doentio. Não és suficientemente forte para resistir. Tudo quanto dizes e fazes, desde há alguns meses, mostra que aceitas todos os contágios. Partirás comigo.

— Para onde?

— Para a província. Peço um lugar num colégio.

Marcos bradou:

— Não!

Perdera a sua bela firmeza. Não queria abandonar Paris. Resolveu-se a pedir. Pousou a mão sobre a dela, solícito, meigo:

— Não o peças!

— Já está pedido.

Marcos retirou a sua mão, furioso por se ter

humilhado sem resultado. Anita fraquejava. O menor sinal de ternura vencia a sua resistência:

— Se me prometeres...

Marcos interrompeu-a bruscamente:

— Não prometo nada. Em primeiro lugar não me acreditas; acabas de o dizer: julgarias que te enganava... Mas olha! enganar-te-ei tão pouco que to digo na cara: recomeçarei. Não tens o direito de mo impedir.

— Na realidade! Então eu não tenho o direito de velar as tuas noites? — exclamou Anita.

— Ninguém menos qualificado do que tu! As minhas noites, a minha vida, pertencem-me!

Uma frase terrível fora pronunciada. Tê-la-ia ele compreendido? Anita empalideceu. Marcos também. A violência dos dois ultrapassava o seu pensamento. Mas não ultrapassava talvez as maldades obscuras e selvagens do instinto que sabe os golpes que desfere, e que os desfere com mão firme. São torneios fulminantes e mudos; a mão fere antes que o cérebro tenha calculado; e, por uma convenção tácita, ninguém diz:

— Tocado!

Mas o golpe acertou, e a alma envenenou-se.

A partir deste momento, cada palavra de discussão só serve para aumentar as distâncias. Anita via muito claramente os defeitos do rapaz, e humilhava-o. Então ele vangloriava-se. Negava-lhe toda a autoridade. Este tom imperioso, esta mortificante severidade, tê-lo-ia levado a dizer ou a fazer todas as loucuras. Não se quis dobrar. Anita não o poupou: ou iria com ela para a província, ou o meteria num liceu de Paris, como pensionista. Marcos gritou, encolerizado. Este poder absoluto que usavam contra ele, pareceu-lhe abominável. E, furioso, escolheu, por animosidade — ser internado.

— Que preferes tu?
— Tudo, contanto que não esteja ao pé de ti!

Triste despedida. Pairava o ódio entre eles... No fundo existia o amor. O amor ébrio de rancor. O amor ferido que sofre, que sangra, e que só deseja vingar-se...

SEGUNDA PARTE

A Universidade, dizimada, recorria às mulheres. Anita, munida dos seus dois diplomas de licenciatura, foi nomeada para um colégio de rapazes numa cidade do Centro.

Partiu nos primeiros dias de Outubro de 1915.

Como era bom o Outono! Durante as longas paragens do comboio, no meio dos campos, ouviam-se os tordos que cantavam nas vinhas; e os calmos ribeiros seguiam os seus cursos pelos prados, como se levassem à mão a sua longa cauda, ornada de folhas de ouro. Anita conhecia a região e os habitantes, a sua fala dolente, onde transparece a ironia. Sentia-se como que liberta da Alma empestada, de que tinha fugido, e censurava-se de lhe não ter também arrancado o filho.

Mas não tardou que a reencontrasse. Sobre essas férteis províncias, que dormitavam, estendia-se já a sombra da nuvem negra.

Nesta altura, travavam-se furiosos combates em Artois e em Champagne. Vinham para a retaguarda comboios de prisioneiros.

Ao passar numa gare, Anita viu, perto da estação, uma grande massa de gente que se comprimia, com grande algazarra, à volta das paliçadas que fechavam um terreno.

Tinham encerrado ali, por algumas horas, ou alguns dias, como se se tratasse de gado, um rebanho de alemães que transportavam há perto de uma semana, sem saber para onde, nem quando se chegaria: havia mais em que pensar. Toda a população da pequena cidade se tinha ali juntado — homens, mulheres, crianças — para ver os animais na jaula. Dir-se-ia um circo de passagem. Espectáculo gratuito. Os prisioneiros, mortos de fadiga, tinham-se deixado cair sobre o cascalho; a maior parte, mudos, insensíveis, passeavam os olhos abatidos sobre o círculo de olhares chocarreiros, que os espiavam pelas fendas do tapume; bocas joviais cuspiam-nos.

Alguns tinham febre. Eram como cães batidos, vergonhosos, odientos, medrosos, que tremiam. As noites frias e as chuvas tinham provocado a disenteria. Num canto do recinto, à vista de todos, sobre uma estrumeira, aliviavam-se.

Todas as vezes que isso sucedia ressoava a enorme risada dos espectadores.

Ouvia-se as mulheres guinchar, e os gritos agudos das crianças. Batendo nas coxas, movendo as ancas, contorcionados, mostravam muito abertas as suas mandíbulas em transportes de alegria. Não era maldade. Era uma ausência total de humanidade. O animal divertia-se... O riso de uma multidão em embriaguez é sempre bestial. Aquela ia até ao pavor. Dos dois lados da paliçada não havia mais que o gorila. O homem tinha desaparecido.

Subindo para o seu vagão, Anita fixava com uma repugnância alucinada as bocas peludas dos seus vizinhos e a penugem loura dos seus braços.

Esta obsessão perseguiu-a nos primeiros tempos, no velho colégio onde ia ensinar, numa jaula do Jardim das Plantas... «Jardim das Plantas!» que ironia! O mais pequeno tufo de verdura tinha sido

arrancado à terra amarela e áspera, como o deserto de Toledo. No extenso pátio, para onde se entrava por uma fresta estrangulada por quatro muros de prisão, apenas uma única árvore, um velho plátano, fraco, enfezado e torcido, persistia; as unhas dos garotos, pequenos animais, tinham-lhe arrancado a casca: nenhuma folha ficara ao seu alcance e o tronco estava todo sulcado pelos coices. Dir-se-ia que grandes e pequenos conspiravam para arrancar a vida. O Estado arranca-a aos filhos dos homens; e estes vingam-se na natureza. Destruir! Destruir!... A paz encarrega-se disso, como a guerra. É a metade da educação.

Do outro lado de um dos quatro muros, corria um canal empestado por curtumes. O fétido persistente insinuava-se no interior das classes humildes, onde o gado miúdo, amalhado, exalava mau cheiro. As suas narinas estavam calafetadas. Eram uns doze — vinte no máximo—que se enroscavam sobre os bancos duros, na atmosfera amarela da fuligem que se filtrava pelas vidraças esverdeadas do pátio, fumegando nevoeiros do fim do Outono. Um forno de fundição atulhado roncava (a madeira abundava, no país): quando se estava prestes a sufocar abria-se a porta (a janela nunca se abria); o nevoeiro entrava, juntamente com o cheiro das peles, — das peles em curtição. Achavam-no refrigerante, depois do das peles vivas.

Mas uma mulher, por mais habituados que estejam os seus sentidos a todos os requintes, aos cheiros sãos do asseio, sabe adaptar-se, mais fàcilmente do que um homem, às mais repugnantes necessidades. Vê-se nas doenças: os seus olhos, os seus dedos, não têm repugnância. O olfacto de Anita aceitou. Respira o fétido do chiqueiro, como os outros, sem franzir o nariz. Mas o que ela teve mais dificuldade em aceitar, foi o cheiro das almas. O seu espírito era menos submisso que os sentidos.

JÁ não era, pois, a Alma excitada pelas paixões, — a luta, o ódio, os tormentos. Tinha-lhe escapado... Pois bem! Deveria estar satisfeita! Mas apenas encontrava aqui a indiferença.

Aquela terra branda, nada sofreu. Dormita, gorda e madura, deitada no vale, como num leito de penas que o corpo cavasse, ajeitando a cabeça sobre a almofada das suas colinas, para melhor dormir, e sem sonhar para além do travesseiro Terra pacífica, raça moderada, de espírito prático, não atormentado. Deus aí não morreu por todos os homens. Não foi por ela que a humanidade foi crucificada.

Anita conhece-a de criança; foi de lá que saiu o sangue paterno, e também ela gozou, noutros tempos, a sua tranquila imobilidade. Mas hoje?... Invejava a sua saúde. Mas hoje?

A frase de Tolstoi vem-lhe à memória. Mas não é sòmente no que diz respeito às mulheres que ela é verdadeira: — «Todo o ser que nunca sofreu, aquele que jamais esteve doente, o povo são, muito são, sempre são, — é um monstro!...» Viver é morrer, cada dia, e cada dia lutar. Esta província morre, mas não luta. Corre beatamente, como os seus ribeiros calmos, ao nível das margens e dos dias, no seu bem senso egoísta e um pouco velhaco.

No entanto, houve tempo que esta terra abrasava. Velha cidade borgonhesa, com três altivas igrejas, de torres e flechas góticas, em pedra branca bronzeada, carcomida pelo tempo como uma armadura enferrujada, erguendo as suas silhuetas de cavaleiros de Cristo, acima da serpente do rio que se alonga, — com os seus renques de estátuas de santos decapitados, os coágulos de sangue enegrecido dos seus vitrais esburacados, — os seus tesouros da catedral, as tapeçarias de Haroun e as ourivesarias maciças dos imperadores Carlos, filhos de Carlos, pais de Carlos, — as ruínas das suas torres pontiagudas e das suas muralhas, do tempo dos Ingleses, tudo nela atesta a vida vigorosa de outrora, o sangue vermelho, o báculo de ouro dos grandes bispos, e as lutas épicas, o Duque, o Rei — os reis (qual será verdadeiro?) e a passagem da *Pucelle*...

Agora, as ruas estão despovoadas. Entre as paredes das casas burguesas, de portas estreitas erguidas sobre um degrau, bem fechadas, ouve-se de longe soar sobre o velho pavimento um passo indolente que se aproxima, — e, no céu, os gritos das gralhas, cujo voo pesado circunda de uma auréola negra os sinos de catedral.

A raça morre. É feliz. Não lhe falta lugar. A terra é saborosa, satisfaz-se o apetite, e as ambições são limitadas. Todos os aventureiros, duma geração a outra, partiram à conquista de Paris. Os que ficaram regozijam-se por ter mais espaço. O leito está vazio, podem mover-se mais à vontade. A guerra torná-lo-ia maior ainda. Exige os filhos. Mas não todos. A imaginação não é bastante viva para se afligir com muita antecedência. E o senso prático avalia os benefícios: vida fácil, boa comida, cinema, café, o clarim da caserna por ideal, e os mercados de gado para o positivo. São joviais, não se afectam nunca

cam o vaivém das notícias: avanço, recuo: não se deixam enganar. Dizem que os Russos fogem sempre diante dos Alemães:

— Esses homens, se continuam assim, vão tomar o Transiberiano, e voltar pela América!...

O bem-estar limou os ângulos, a dureza, a crueldade... (Alto... Atenção, irmão! Não nos fiemos muito!...)

Tudo está silencioso, como que adormecido. Anita, não estás contente? Não é essa a paz que procuravas?

— A paz?... Não sei. A paz?... Talvez. Mas essa não é a minha. Não é nisto que consiste a paz...

«Porque a paz não é a ausência da guerra. É a virtude que nasce do vigor da alma.»

E a paz entorpecida da velha província, abrigada no círculo das suas vertentes de vinhas e de campos, bem assente no Centro da França — onde mal soa o troar do canhão, de onde a vaga dos exércitos se desvia como um rio em seus circuitos se desvia dum maciço imutável (até dois anos mais tarde, quando os Americanos vierem instalar ali um campo, cujo movimento distrairá um instante para logo causar o tédio sonolento dos habitantes) — esta paz tem o cheiro de certas salas de colégio, onde, portas e janelas fechadas, ao som do roncar dum fogão, corpos e almas de garotos cosem a fogo brando.

OS alunos são, na maior parte, filhos de pequenos burgueses, ou de grandes camponeses, rendeiros dos arredores, — alguns notáveis (dois ou três por classe), velha burguesia togada, ou filhos de funcionários, a flor da localidade. Conhecem-se à primeira vista, ainda que sobre todos tenha passado o verniz da dissimulação que impõe às criaturas a educação do colégio e o acordo tácito em face do professor, — ainda que todas estas caras, por mais diferentes que sejam, tenham a marca do escultor que modelou a raça no barro do país: o mesmo que talhou as imagens na pedra das suas igrejas. Reconhecem-se bem. As suas cabeças, decapitadas, poderiam, sem dano, ser colocada nos nichos, sobre os ombros dos santos (que santos!) São autênticamente sobrinhos-netos da sua catedral.

É consolador. «*Velhinho vive ainda!...*»

Mas é também pouco tranquilizador. Porque, entre nós, os santos das catedrais são algumas vezes refinados patifes. Ou hipócritas. — Anita tem as duas espécies no seu recinto. Mas atenuadas. O velho vinho tem muitas garrafas.

À primeira vista, o que a impressiona nestes rostos de criança, na idade ingrata, ossudos, bochechudos, irregulares, feitos à faca, mal engendrados, são dois

traços: rudeza e astúcia. São da terra. O longo nariz Valois, um pouco desviado, os olhos, pequenos, brilhantes, refreados, pequenas rugas precoces nas fontes quando riem, e a goela de raposo, de caninos amarelos, que avançam de lado para gracejar ou para roer — uma borracha, as unhas, ou uma bolinha de papel... Anita sente-se caçadora em frente dos podengos. Caçador ou caça? Eles ou ela, quem será a caça? Espreitam-se uns aos outros. É preciso ter o dedo sempre no gatilho. Ai daquele que primeiro baixar os olhos!

São eles. — Depois de um primeiro exame em que se encararam — chacotas, ruídos, cotoveladas de quebrar as costelas, as pálpebras desceram. Mas os olhos espreitam, atentos. Ainda é pior! Não os podemos ver, ao passo que eles não deixam passar nenhum dos nossos movimentos, sem os sublinhar com uma careta, que se comunica ao outro extremo da classe, como um «sem fios». Têm o ar imóvel, inocente (nos dois sentidos); mas as suas pernas torcem-se debaixo da mesa, raspam no soalho com os pés, remexem com as mãos no fundo das algibeiras, ou sobre a coxa do vizinho, piscam os olhos ou fazem bochechas com as pontas da língua. Não vêem nada mas vêem tudo. Se a atenção do professor afrouxa, sente-se logo em toda a classe uma agitação.

Tudo isto, é moeda corrente, para os professores; mas Anita, apesar de estar na sua estreia — (até ali só dera lições particulares) — sente-se firme desde os primeiros passos; tem no sangue o instinto do mando. Pode estar a sonhar: ao menor choque que a advirta do perigo, está armada, e estes pequenos lobos e raposas, que espiam a sua distracção, e se arrastam para ela, com boca aberta de lado, estacam diante do fogo que se acende no olhar imperioso...

No entanto, contavam bem divertir-se à custa dessa mulher que lhe haviam dado por pastor!...

A mulher, para estes pequenos machos, tem o seu lugar marcado na casa e no balcão. Ali ela governa: vê-se a sua cabeça (tem-na boa), e algumas vezes a palma das mãos (tem-nas lestas!); — Mas, se sai, o que interessa é a metade inferior do corpo. Como a farejam!... Não sabem nada — a maior parte, — pouco mais que nada. — Muito poucos deram o passo inicial. Mas nem um quereria passar por ignorante. E como falam, estes pequenos aldeões! Se as mulheres suspeitassem o que se diz a seu respeito nestas coudelarias de adolescentes, — delas, e de todas as que a sua imaginação excitada pode apanhar e tocar, no círculo estreito dos seus dias, — irmãs, mulheres casadas ou não, patroas ou criadas, de tudo que usa uma saia, mesmo a túnica de Deus! Só a mãe, por uma trégua tácita, é mais ou menos poupada — nem sempre. Quando se apresenta uma que não tem ligação com alguém, que nenhum homem protege: marido, filho ou irmão, — essa criatura torna-se sua presa. A má língua atira-se-lhe. Sim, mas quando a presa é Anita, o bocado é mais duro de roer. Quem começa? E por onde?

Estranha mulher! Enquanto eles escarnecem por detrás das suas patas, espreitando, Anita tem um olhar preciso, duro ou zombeteiro, que lhes faz recolher o gracejo ao bico; e ficam estupefactos quando ela lhes diz, com uma inspiração diabólica:

— Agora, Pillois, limpa a tua boca! não cheira bem.

Ele pergunta: — o quê?

— O que acabas de dizer.

O rapaz protesta que não disse nada, que falou muito baixo para que ela o ouvisse.

— Mas adivinhei. Quando te quiseres aliviar vai

lá fora! Já que não posso mandar nos vossos pensamentos, ao menos quero que as vossas bocas estejam limpas.

Os rapazes ficam, um instante, pregados ao chão. Onde adquiriu ela esta audácia no tom e no olhar, estas réplicas que caem como uma bofetada? Fá-lo com a mesma mão firme com que agora acaricia tranquilamente as suas sobrancelhas loiras... O círculo forma-se de novo à sua volta. Anita sente-se explorada da cabeça aos pés por aqueles olhos que a observam de soslaio: enfrenta-os e, sem parar, faz perguntas inesperadas à direita e à esquerda, conseguindo prender a atenção dos rapazes. Demais sabe ela o que zumbe dentro desses pequenos crânios vazios, o enxame das moscas que saem, na Primavera, do muro de glicínias. Demais sabe... e, se não soubesse, eles se encarregariam de lho comunicar.

O gordo Changnois, filho dum negociante de cavalos, com quinze anos, mas parecendo ter dezassete, baixo, maciço, com rosto crivado de sardas, cabeça quadrada, cabelo loiro pálido e raso como o de um porco, mãos enormes com as unhas roídas até à raiz, rude e matreiro, chalaceador, conflituoso — quando cochicha, zumbe como um moscardo no fundo duma vasilha — olha de soslaio para Anita, aprecia as suas formas e os seus encantos, dá estalos com a língua, como um bom apreciador, e aposta, «meu velho!», que lhe fará uma declaração. Quando ela lhe fala, lança-lhe olhares amorosos, o que a faz rir à sua custa. Então, vexado, jura vingar-se. Arranjou-se de maneira a fazer-se surpreender enquanto desenhava os seus grafitos! E agora, aguarda o efeito. Tem o ar impassível, mas o seu colete treme com o riso contido. Os outros cãezinhos, prevenidos, ladram antecipadamente com os olhos fixos sobre a vítima, espiando a sua fronte, os seus olhos, os seus

longos dedos segurando o papel. Anita nem se move. Dobra o papel. Acaba o ditado; e Changnois, troçando, escreve como os outros.

Quando chega ao fim, Anita dirige-se a Changnois e diz-lhe:

— Vais voltar, por algumas semanas, para a propriedade do teu pai. Estás doente, aqui. O teu lugar é nos campos, no meio dos teus cavalos.

Changnois já não ri. O seu traseiro não tem vontade de tomar, de novo, conhecimento com as botas do pai. Protesta, discute; mas Anita mostra-se inflexível:

— Vamos, safa-te, rapaz! Isto é muito estreito para ti. Estarás lá mais à vontade, e coçar-te-ão o pêlo. Toma lá a tua guia para o Senhor Prefeito.

Anita escreveu na folha:

— «Para reenviar à família. Expulso.»

E depois, perante o espanto de toda a classe, começou:

— Meus rapazes, vocês perdem o seu tempo. Querem intimidar-me porque sou mulher. Estão atrasados uns poucos de séculos. As mulheres, hoje, têm parte nos trabalhos dos homens, substituem-nos. A vida dos homens é a sua. Não baixam os olhos... Querem fazer de homens? Nada de impaciências. Essa ambição está ao alcance do mais acanhado. A questão está em se saber se serão homens sensatos, competentes na sua profissão. Estou aqui para os ajudar. Mas se não querem, não os forçarei a isso. Jogo franco! Respondam! Sim ou não: querem?... Bem, então, para a frente!

Depois de algumas experiências, convencem-se de que não são os mais fortes. Então, sem que se troque uma palavra, firmam o tratado. No entanto é preciso que as fronteiras sejam respeitadas. De outro modo, o tratado seria ùnicamente um farrapo de

papel. Mas não. Sobre isto organizam-se relações normais. Os rapazes não discutem mais a força estabelecida. E como a sua aliança já não tem objectivo, mostram-se, como são entre si, ao natural — desunidos. No meio da tribo, Anita começa a distinguir as individualidades. Há algumas, não muitas — três ou quatro, sobre o total de seis classes — que atraem a sua simpatia; mas é preciso não o demonstrar. São crianças de uma massa mais delicada, que reflectem um pouco; vêem-se pensamentos mais finos transparecer sob a sua pele; são sensíveis a uma palavra que se lhes diga, a uma atenção, a um olhar; quase sempre são suspeitos aos outros, ou perseguidos. A sua relativa aristocracia atrai a hostilidade natural da tribo; e porque são sensíveis, fazem-nos sofrer.

Não se podia testemunhar-lhes preferência; pagá-la-iam, ou pior, explorariam com ela; estes pequenos comediantes, se se interessam por eles, julgam-se interessantes, procuram sê-lo e a sua natureza é falseada; são, apesar de tudo, da espécie dos outros, ingènuamente cínicos e devassos.

Anita tem que remeter-se à impersonalidade... Como ela desejaria tomar um nos seus braços, — à falta daquele que a não acompanhou!... Marcos, ausente, está sempre ali. Anita procura-o em cada um dos seus rapazes. Compara-o. E como não encontra nenhum — pobre mãe! — que o valha, procura enganar-se, imagina-o no seu lugar, diante dela, vê-o; lê naquelas almas para poder ler na do filho. São, à falta de melhor, espelhos, não muito deformados, do filho perdido, do filho pródigo, que voltará. Que reflectem eles?...

Ai! reflectem os grandes. O seu ideal não exige mais do que ser o que foram os seus antecessores, duma geração chama-se a isto: «preceder», a esta

força do passado, que caminha aos recuos!...) Se alguns têm, ao nascer, lineamentos próprios, já antes de entrar no colégio mal se distinguem; são marcados com o cunho dos seus proprietários — os pais — que são, eles próprios, marcados com o da parentela e da comunidade. Já não se pertencem. Pertencem à força anónima que, desde muitos séculos, reune em cidades estes cães de prados, repetindo os mesmos gestos, os mesmos latidos, repisando as mesmas frases comuns.

O colégio é a oficina que ensina a dedilhação da máquina de pensar. Que pode, para os libertar, uma iniciativa isolada? Seria preciso ensinar-lhes primeiro a não meter na cabeça os pensamentos dos grandes. Ora, eles levam o seu orgulho a disfarçarem-se em homens. Quanto menos pensam por si próprios, mais felizes e altivos se sentem.

E, meu Deus! com os grandes dá-se o mesmo. Regozijam-se, quando abdicam do seu julgamento pessoal, quer ele se chame Escola, Academia, Igreja, Estado, Pátria, — ou seja simplesmente a Espécie, — esse monstro de olhos sem luz, ao qual se atribui uma sabedoria providencial, e que se arrasta ao acaso, mergulhando a sua tromba voraz na vasa da maré de onde saiu um dia, e que logo o engolirá... (tantos milhares de espécies já aí têm soçobrado!... Quê, não chegaremos a resgatar a nossa?...)

Fogos-fátuos brilham por cima do pântano. Tem-se a ilusão, um instante, de os ver também brilhar nos olhos de alguns destes pequenos... Anita procura captá-los... Que pensam eles da vida? Que pensam da morte? Esta guerra, estas tempestades, que vêm bater contra a porta das colinas, ao longe no horizonte, — qual é a sua repercussão nesses pequenos cérebros fechados?

Não retinem senão *tataratá*, toques de clarim,

descarga de canhões e imagens da *Ilustração*, — um espectáculo longínquo e que, prolongado, aborrece: estão fartos!... Interessam-lhes mais as suas bolas e as suas apostas. Ou as suas intrigas de classe. E, quando são maiores, os negócios, ganhos e perdas da casa. No entanto têm parentes nas trincheiras. Muitos foram atingidos. Não se lembram deles?

Sem comoção. Mais para se gabarem. São heróis por procuração. As notícias que chegam da frente são prèviamente censuradas. Vêem as suas misérias sob um aspecto cómico. Baudin conta, rebolando-se todo:

— O meu irmão, lá nas trincheiras, diz que estão atolados em estrume até à boca.

Corveau diz que sangram os Boches com facas. Mostra como se faz. Viu matar um porco.

Narram, com olhos chocarreiros, os efeitos dos obuses. Os campanários, as árvores, as tripas e as cabeças, giram no seu pensamento, como brinquedos bárbaros. Mas suspendem-se no cenário. Sim, a carne e o sangue, imaginam-nos, sentem mesmo esse prazer que encontram os rapazes em chapinhar na porcaria... Mas o grito da alma não lhes interessa.

Os que voltam das trincheiras nada fazem para os despertar.

O irmão mais velho de Corveau está de licença e conta também:

— Tinha lá um companheiro que ganhava um dinheirão a vender as espoletas dos obuses que não rebentavam. Era lesto como um macaco para os desaparafusar, ia apanhá-los assim que esfriavam. Eu dizia-lhe:

«— Tem cuidado!

«E ele respondia-me sempre:

«— Isto já me conhece!

«Um dia, seguia-o eu a vinte passos, não me contive, gritei-lhe:

« Deixa isso! olha que ainda podes acabar mal...

«— Cagarola! respondeu-me.

«Pá! o obus estala-lhe no nariz... coitado!... Não ficou nada dele...

Ria às gargalhadas contando isto. E os rapazes faziam coro. Anita escutava estupefacta. Que havia sob este riso? A recordação de uma boa farsa? Uma excitação nervosa?... Não haveria ali nada dissimulado?

Anita tomou o zombeteiro de parte e disse-lhe:

— Corveau, é verdade que isso é assim tão divertido?

O rapaz fitou-a e tentou ainda mentir. Mas Anita não ria.

— Para dizer a verdade, não é agradável, não.

E ao fim de um instante fazia amargas confidências. Anita perguntou-lhe:

— Mas porque lhes não dizes?

O rapaz respondeu com desânimo:

— Não se pode. Não compreenderiam... E, depois, não quereriam... E depois, ainda, para quê? Não se pode fazer nada.

— Porque não se quer nada.

— Não nos compete a nós querer.

— A quem compete então, se não a vocês?

O rapaz ficou embaraçado:

— Aos outros, aos chefes — responde.

Inútil prosseguir, lembrar-lhe:

— Estes chefes, são-no porque vocês os fizeram. São vocês que os nomeiam...

Nessa mesma tarde verificou que ele recomeçava com o seu palavreado. Percebeu que tinha necessidade disso. Não era aos outros que queria enganar, era a si próprio.

Se estes não são capazes de ver e de querer a

verdade, como esperá-lo daqueles a quem a prova foi poupada, — estas crianças, por exemplo?

Não conhecem as coisas. Estão presas às palavras. O sentido não importa, contanto que as palavras ressoem. Anita pediu-lhes que escrevessem o seu ideal de vida. Bran quer ser oficial; um dos seus tios-avós também foi. Escreve com orgulho:

— «Não volta sempre o rio à sua nascente?»

Tornam-se fanfarrões. Os mais velhos, aqueles que, se a guerra dura ainda um ou dois anos, têm probabilidades de ser chamados, repetem as fanfarronadas que ouviram clamar a alguns velhos fantoches:

— As balas atravessam a gente, mas não quer dizer nada! Mortos, de pé!

O heroísmo futuro dispensa-os do esforço presente. Não precisam fazer mais nada.

— Depois da guerra — dizem — não haverá mais necessidade de nos esfalfarmos. Os Boches é que pagarão... Meu velho, serão atrelados... Pois então!... O meu pai disse que compraria uma dúzia deles, e que lhes poria ferraduras nos pés...

Os mais letrados, os filhos do juiz, do advogado, gargarejam a ênfase dos jornais. Lavedan é Corneille, e Capus é Hugo. Os outros ficam nas imagens falsificadas dos jornais ilustrados.

Anita tenta uma experiência. Lança uma sonda. Lê-lhes um capítulo de *A Guerra e a Paz* — a morte do pequeno Petia —, as belas páginas humedecidas pela bruma de Outubro, e pelos sonhos da velha árvore, que não acordará...

«Era por um dia de Outono, doce e chuvoso; o céu e o horizonte misturavam-se num único tom dum cinzento baço. Caíam algumas grossas gotas de chuva...»

Ao princípio estão desatentos. Troçam dos nomes russos. O do pequeno herói tem o condão de os

lançar numa crise de riso. Depois, pouco a pouco, o enxame das moscas fixa-se na borda da taça: calam-se e fazem calar os faladores; só um continua a inchar as faces, cada vez que se repete o nome, e persiste até ao fim na mesma inépcia. Os outros ficam suspensos... — Quando acaba a leitura há os que bocejam. Há os que se desforram da sua imobilidade, numa inquietação ruidosa. Há os que, constrangidos, descontentes, chicanam, fazendo de entendedores:

— Os Russos são doidos!...

Há os que, sem poderem explicar-se, dizem:

— É assombroso...

Há ainda os que não dizem nada. São os que foram tocados. Mas até onde e como? É difícil de o saber. Nunca se arrancará uma única palavra ao seu coração.

Anita olha com ternura para um pequeno ouvinte, louro, magro, de nariz comprido, traços finos, bem penteado, peito estreito, que tosse e olha para um e outro lado. É inteligente, tímido, não muito franco, como todas as crianças que conhecem a sua fraqueza e têm medo de se entregar. Anita suspeita a agitação da sua alma. Durante a leitura, quando levantava os olhos do livro, encontrava os da criança opressa, que se apressava a meter o nariz nos seus papéis. Este pequeno é capaz de pensar, às vezes, no sofrimento, porque ele próprio é doente e nervoso; o egoísmo é muitas vezes a chave da piedade. Quem sofre por si tem mais probabilidades de se compadecer com o sofrimento alheio.

Anita fá-lo ficar depois da classe. Pergunta-lhe se gosta de Petia, esse seu jovem irmão. Faz-se vermelho, fica perturbado. Ela evoca de novo o sonho da última noite da criança poética. Como era bela a vida!

a poderosa vida frágil! A vida que teria sido! a vida que não será! .. Terá ele compreendido? — O garoto abana a cabeça, desviando os olhos. Mas Anita viu-os: a luz brilhou...

— Já pensaste que podes um dia estar no lugar de Petia?

O rapaz protesta:

— Oh! eu não partirei. Não tenho saúde. Disseram-me que ficarei na retaguarda.

Sente-se consolado e orgulhoso da sua pouca saúde.

— E os outros? Os teus camaradas?

É-lhe indiferente! Procura na memória as frases que é preciso pensar. «*Morrer pela pátria...*» Os outros podem fazer-se matar. Retomou o aprumo. A luz apagou-se...

Quem sabe?

ANITA é injusta. Acha que não há razões para esperar. — Mas a verdade é que elas não faltam.

Este povo de gente boa, egoísta, ruminante, tem o direito de descansar. Há muito tempo que marcha. Fez as Cruzadas e a Guerra dos Cem anos. Nada disto, é certo, o rejuvenesceu, mas abona a sua raça. Tem visto tanto, agido tanto, sofrido tanto, passado tanto!... E ainda sabe rir! Que maravilha... Quem ri vive, e está longe de renunciar à vida...

Neste mundo descontente do que é, o que é o satisfaz. Nada rancoroso, nada invejoso do vizinho, convencido de que nada é melhor do que a sua terra e nada mais belo do que nela ficar; contrário à guerra, habituado às suas comodidades — quarenta e cinco anos de tranquilidade... E de um dia para o outro, pega no arnês de batalha sem respingar!... Como são dóceis, estes discutidores!

Estão prontos a tudo sacrificar — sem entusiasmo — porque «é assim»: porque «foi sempre assim...» — Segundo o ângulo por que os observamos, ou são absurdos ou comoventes. O seu fundo de aceitação burguesa, indiferente, tem os seus contras, mas também a sua grandeza.

Quanto às crianças, o que sabemos? O que se mostra não passa duma comédia. O verdadeiro tra-

balho realiza-se no fundo. Os olhos dos mestres e dos pais não vêem para lá da casca tenra. Nada conhecemos da criança senão o que lhe dá esse nome. Não vemos o Ser eterno, que não tem idade, cujo fogo mina nos recantos de cada alma, grande ou pequena... Nunca sabemos se o fogo se atearã ou não... Confiança... Paciência!...

Mas Anita não a tinha.

Era como um nadador robusto que quer atravessar um rio, e vai contra a corrente. Ou como esses migrantes, que rompem contra o vento.

Quando, em Paris, sentia à sua volta o cheiro da febre, ia tomar ar; opunha a vontade da calma. Aqui, perante esta indiferença espessa, ouve mais forte o apelo do sofrimento.

Sente-se inquieta. E se está descontente com os outros, é porque o está consigo própria. Os outros são o que devem ser, segundo a sua natureza. Mas ela, estará de acordo com a sua? Que faz aqui?

Há um ano que se entregou aos destinos que arrastam o seu povo. Encontrou nisso, primeiro, uma alegria violenta; em breve um hábito; agora, uma fadiga. Uma força interior, escondida, longínqua, protesta dentro dela. Não a distingue bem, sofre confusamente, sente-se culpada para com ela. E este remorso obscuro pesa sobre tudo quanto vê, sobre o pequeno mundo que limita o seu horizonte — essa humanidade em miniatura. Vê as taras dos homens sobre esses rostos de criança. Vê os seus destinos, o seu futuro medíocre, o beco sem saída da sua existência. Vê o seu próprio filho perdido na multidão anónima, nesse formigueiro que corre como uma onda sem saber para onde vai. Vê-se a si própria como uma formiga obreira, sem filhos, cumprindo sem alegria a sua tarefa mecânica. Parece-lhe que

todas estas crianças — mesmo o seu filho — saíram de uma rainha monstruosa e obtusa, a Natureza... Anita tem a boca má e a alma seca.

Tudo lhe falta. Não é só o seu filho que lhe falta cruelmente. — É ela própria.

TAMBÉM ela faz falta ao seu filho. — Mas isso não reconhece ele.

Separara-se dela, enraivecido por o ter abandonado, metido num cárcere, preso... preso!... Haviam de ver!...

Durante quatro semanas, não deu notícias à mãe. Ela escreveu-lhe uma vez, duas vezes, três vezes, primeiro maternal e severa, deixando perceber que, se ele quisesse emendar-se, lhe perdoaria — (perdoar! perdoar-lhe, a ele... Se era ele que não perdoava!...) — depois, zangada por não obter resposta e, por fim, inquieta, atormentando-se...

Marcos cerrava os dentes. Só se decidiu a responder quando Sílvia, a quem Anita pedia notícias do pequeno, foi ao parlatório falar com ele. Então, esforçou-se por engendrar uma obra-prima de secura. Nem uma palavra de censura ou de queixume. Nenhuma amargura. (Seria descobrir um pouco do seu coração!) Uma fria delicadeza. Um *pensum*, ao qual fingia sujeitar-se, daí em diante, pontualmente, todos os quinze dias, e que não deixava transparecer nada de si ou da sua vida, senão o exterior, — despojado de todo o cunho pessoal, de sabor, de cor. Em vão Anita insistia pedindo pormenores. Bem compreendia que o que ele desejava era fazer-lhe sentir o seu

rancor. Anita tão depressa se esforçava por o desarmar como se aplicava a responder com a mesma inflexibilidade. Mas chegava sempre o momento em que o amor recalcado fazia irrupção. O pequeno espiava estes momentos e triunfava. Ela arrependia-se, pois com a sua fraqueza só conseguira que ele escrevesse de uma maneira ainda mais frouxa e mais desprendida. Agora quando abria as suas cartas fazia-o com um sofrimento antecipado pelo que ia ler. Apesar de tudo, tinha uma esperança. Mas sempre vinha a decepção. Cansou-se de esperar e de sofrer. Quando chegava a ocasião de escrever (ele não respondia senão depois, carta por carta), adiava um, dois, três dias... Depois, vinha uma dessas explosões de censuras e de amor que não podia dominar... Por fim, calou-se, um mês... Visto que ele não se importava com ela!...

Com esse longo silêncio, Marcos quase ficou doente. Bem queria fazer de homem forte e desdenhar as suas cartas. Mas como ele as esperava! Não era sòmente o seu orgulho que saboreava a vingança de dizer:

— Não pode passar sem mim!...

Como lhe faziam agora falta esses eflúvios de amor, que o vento lhe trazia dos campos longínquos! Enquanto lhe chegavam regularmente, no próprio dia, fingia recebê-los com indiferença, como um dever. Mas logo que começaram a espaçar-se, reconheceu que lhe faziam falta; a impaciência ateava-se e, com ela, o desejo. Finalmente, quando chegavam, com a carta esperada, a sua alegria era brutal. Apesar disso recusava-se a reconhecê-lo!... (Trapaceiro!...) Preferia atribuir o prazer ao orgulho, que dizia, insolente:

— «Apanhei-a mais uma vez!...»

Mas, quando ela lhe não escrevia tinha que con-

fessar a humilhante verdade: «Sentia a sua falta...» Confessar? Não! Não!... «Nada sei, nada tenho que confessar...»

De noite, sonhava com ela. Mas nunca lhe aparecia terna ou amorosa, antes a via altiva, dura, sarcástica, ferindo-o, humilhando-o... quando acordava detestava-a, ardendo em raiva... de quê?... De lhe dizer coisas cruéis, de a sentir debaixo das suas mãos, de a fazer sofrer, de se vingar... Mas o contacto com as suas mãos fazia-o estremecer. Afastava a sua imagem... A imagem voltava... Essa bela boca desdenhosa... Procurava ultrajá-la na sua recordação. Pensava na vida livre que ela tinha podido gozar e que lhe proibira... Via também em sonho outras mulheres que de nenhum modo se lhe assemelhavam nem nos traços, nem nas maneiras, nem na idade, — e que no entanto identificava com ela: o que lhe permitia satisfazer, no abismo sem luz, os seus sentimentos recalcados, — a hidra das cem cabeças...

Que meses!... Febril e preso, neste curral de gado!... Preso!...

ENCERRADOS, estes pensamentos e estes jovens corpos em fogo! A prisão — o internato — é, para eles, mais perigosa ainda que a rua. O tédio perverte o espírito. A ansiedade, a expectativa, a luxúria, o temor, a crueldade corrompem esses pequenos animais. A nuvem de enxofre que pesa sobre a cidade sitiada entorpece os seus cérebros, envenena os seus membros. Vai-se desenvolvendo nos dormitórios em suor, onde a vigilância afrouxou. O prefeito deu o exemplo. Sai uma vez em cada três noites com a convivência do chaveiro. O vigilante ressona num quarto ao lado. Não importa que a galera esteja solta até de madrugada, contanto que tudo se passe em silêncio. Marcos escuta, sufoca e foge, desanimado. Salta de uma janela para o jardim da pensão — da prisão...

Noite sombria. Quatro muros. Por cima, o céu opaco. Um raio de projector prescruta as trevas... Marcos passou para outra prisão...

Aproxima-se do muro que ladeia a rua deserta. Casas sem luz. Tudo dorme neste bairro burguês, longe do centro e do ruído. Muitos dos seus habitantes abandonaram Paris. Marcos debruça-se... Muito alto! Arrisca-se a partir as pernas. Não importa; uma raiva impele-o a evadir-se, escarrancha-se no

muro! Suspende-se pelas mãos e procura com os pés uma fenda onde se amparar... Na rua ouve passos que se aproximam; tenta subir de novo... Demasiado tarde! Viram-no. Na sombra, em baixo, uma voz, pergunta:

— Queres saltar?

Marcos interroga:

— Quem é que está aí?

Mas já duas mãos, na extremidade duns braços levantados, lhe agarraram os pés, e a voz exclama:

— Desce! Estás seguro!

Marcos encontra-se na rua, com os pés no passeio. Em volta as paredes das casas melancólicas, e a noite envolvendo tudo. Terceira prisão. Era como um pesadelo. Uma caixa com compartimentos. Sai-se, entra-se, passa-se de um para o outro; mas sempre debaixo duma tampa que nunca se abre...

Marcos está junto dum desconhecido que o apalpa. São quase da mesma estatura. Um fósforo estala e a chama ilumina por um instante os dois rostos. É um jovem operário, não muito mais velho que Marcos.

Imberbe, de tez cinzenta, traços finos e expressão penetrante sob as pálpebras descaídas, pupilas móveis, um olhar curioso que foge, que apalpa mas que não se fixa, um sorriso equívoco ao canto dos lábios pálidos... A noite caiu de novo entre eles. Mas tiveram tempo de se apreciar. O outro agarrou Marcos pelo braço e disse-lhe:

— Onde vais?

Marcos respondeu:

— Não sei.

— Então vem comigo!

O rapaz hesita. O seu instinto adverte-o. Sabe bem quais são os perigos da selva. Não conhece o outro; mas pressente que é da selva. O coração

bate-lhe apressadamente. Mas a curiosidade é mais forte do que o medo. E depois, não é ainda valente, é audacioso. A bravura vem mais tarde, quando já se sabe avaliar as forças ou a fraqueza que ainda não se experimentaram. Anseia por arriscar-se. Desprende o seu braço da mão que o segura; e com ambas as mãos, por sua vez, segurando o outro, mas a distância, diz-lhe:

— Vamos!

sem perguntar para onde.

Correm toda a noite. Assim como primeiramente as suas mãos, também os seus espíritos se tactearam. Desastradamente, um pouco rudes. Têm medo um do outro; mas não o dão a perceber. Não medo físico. O primeiro contacto quase o dissipou em Marcos. Reaparece por acessos, quando caminham em silêncio, lado a lado. Marcos apalpa, na algibeira, a sua faca — arma inofensiva — que não saberia manejar. Conversam. A palavra tranquiliza-os.

Em pleno dia dificilmente se aproximariam. Mas à noite, nestas ruas de luto, com as luzes veladas como para um catafalco, as diferenças desaparecem, pertencem ao mesmo rebanho. Idênticos desejos os impelem. Os mesmos perigos os ameaçam. Fatigados de caminhar, ou, talvez, porque desejem observar-se antes de ir mais longe, sentam-se num banco duma praça obscura.

Chama-se Casimiro. Enrola um cigarro e oferece-o a Marcos. Este, que não gosta de fumar e que está aborrecido, aceita e fuma... Mas, que vergonha! não tem nada nas suas algibeiras, nem tabaco, nem dinheiro. Como fará daqui a pouco?... Esta preocupação impede-o de escutar. Mas apesar disso, ouve, e recupera a sua curiosidade. Confiança por confiança! Desabafam um com o outro...

Operário electricista. Trabalha numa fábrica de guerra. O ordenado que ganha por dia humilha o pequeno burguês que nada possui, que nada ganha, que não é capaz de nada senão de gastar. Casimiro não abusa da sua superioridade; conhece-a de há muito; talvez a trocasse por esta inferioridade burguesa que despreza a inveja desde que nasceu. Mas, esta noite, não pensa no desprezo nem na inveja. A atracção é mais forte. Esse rosto entrevisto há pouco, esse mundo humano desconhecido... Dá-se o mesmo com Marcos. Aspiram ambos a perscrutar-se. As barreiras estão levantadas. Não acabou Marcos de se evadir da sua classe? (Qual é a sua classe, a desta criança sem pai?) Entre eles, igualdade.

Mas Casimiro é o mais velho. — Não se trata da idade. Dentro de alguns meses pouca diferença farão. — É mais velho pelas aparências da vida dos subúrbios, umas sobre as outras.

Marcos cala-se, confuso e ávido de escutar. O silêncio é o que melhor lhe convém. Tem o ar de saber o que o outro ignora. E quando se arrisca a falar, é por palavras breves, sem ligação, num tom de ironia que ilude.

A ilusão não dura muito tempo. É preciso não a ver de perto, nem o seu rosto feminino à claridade da lâmpada do café, para onde Casimiro o arrasta. O seu embaraço e a sua ingenuidade revelam-se ao olhar do outro, esse olhar agudo e furtivo, em gavinha, que se agarra de lado, que o espreita, que o sonda, que lhe causa ao mesmo tempo um embaraço e um atractivo que o irrita... Quer fugir-lhe ou desafiá-lo; mas hesita entre as duas atitudes, não conhece uma nem outra; trai-se: entrega-se...

MARCOS partilhou as marchas de Casimiro na selva... Se Anita soubesse!... O que os olhos, as mãos, o corpo do seu filho têm tocado!... Mas há um estado de graça nestas pequenas almas duras cujo âmago nenhuma mancha atinge. São salvas pelo que deveria perdê-las: pela sua curiosidade. Querem ver e saber, querem tocar. — Sim, mas «*Noli me tangere!...*» Nunca se deixam tocar...

— «Toquei-te. Mas passo. Fico estranho para ti. Já o era antes de te conhecer. Sou-o mais ainda desde que te conheço. Sinto repugnância. De ti. De mim. De mim principalmente. Manchei o meu corpo, as minhas mãos, os meus olhos. Lavo-os com raiva. Mas o meu coração está intacto. A lama não o tocou...»

«...E nesta lama de Paris, quantos pedaços de metal precioso eu tenho apanhado!...»

Neste garoto da rua e da oficina, nos seus companheiros, neste aglomerado de almas que forma o povo das cidades, virtudes e vícios estão misturados. Podridão e ar salino.

Um sexualismo exacerbado pela febre quente do rebanho, — sentidos alerta, queimados, cansados antes de tempo, — uma bárbara curiosidade que pre-

cede, provoca e esgota os desejos, — um frenesim que esmorece antes de ter fecundado, — tudo experimentado e tudo gasto, — a carne manchada na sua flor, — a penugem da alma brutalmente esmagada, a erva pisada; por toda a parte do corpo, a marca do prazer sem alegria, profanado, como os bosques do arrabalde depois dos domingos de Primavera... Este é o aspecto devastado, o demónio carnal que chupa e esgota o pior da raça, o cancro que a rói no ventre, na sua força de agir e na sua fecundidade...

Mas sobre a terra devastada passam os ventos; depois do que consome, o que renova. Basta um aguaceiro para que se erga, por placas, a erva pisada, e reverdeça o trigo com a grama. — A liberdade é a lança de Aquiles. Mata e ressuscita.

Aquecido precocemente pelo sopro abrasador da forja social para onde o seu nascimento o havia lançado, — no mefitismo desta fonte caótica de alegrias e pesares igualmente brutais e mortíferos, — sob este regime destruidor, de higiene selvagem, de alojamento empestado, de imundície física e moral, de alimentação nociva, de bebida, trabalho e divagações desproporcionadas com a idade, — Casimiro queimava-se dos pés à cabeça.

O eretismo do espírito não era menos perigoso que o do corpo. Mas era mais fecunda, e formavam juntos um monstruoso equilíbrio, que cansava o ser antes da sua maturidade e o deixava esgotado no momento em que mais necessidade tinha da sua força plena para agir. Pelo menos impedia-o de se afundar na sentina carnal. Sim, mesmo esta louca tensão de todos os desejos, esta histérica liberdade, sem nenhum freio moral, mas sem os preconceitos que são o preço da moral ordinária, faziam por bruscos saltos do espírito caprino alcançar os verdes silvados na luz, onde apontavam os rebentos do

pensamento futuro. A cabra não ficava ali; descia dum salto; mas guardava nos dentes o amargor tonificante da salutar refeição.

Casimiro era anarquista. O orgulho dos autodidactas, cheios de uma ciência mal escolhida e pior digerida, o egoísmo dogmático e o cabotinismo, o gosto pelas vãs palestras, a aberração sexual, a destruição maníaca de todos os valores estabelecidos, uma jactância de imoralismo, a violência mútua das sociedades e dos indivíduos que se invejam, — fizeram sempre destruição no altivo edifício que requer, para o construir, mãos e corações puros, como os de Reclus e de Kropotkine. Esse nunca será habitado senão por um escol estóico. A multidão que nele se revolve degrada-o como degradou as basílicas de Cristo, povoando-as com os seus desagradáveis pequenos deuses, medianeiros de Deus.

Mas a palavra liberdade tem uma virtude mágica mesmo sobre as almas atoladas nos charcos dos seus desejos. É um sopro de heroísmo (ilusão?... que importa!) que nega a servidão, todas as servidões, a que estão amarradas... Lamentáveis epígonos do Titã revoltado contra o «*Sic volo jubeo*» do Tirano!... Nestes destroços encontra-se o fogo sagrado de Prometeu.

Marcos viu crepitar essa faísca, sob os seus passos.

Era a hora de excepção, em que os irmãos inimigos: anarquistas, socialistas, sindicalistas, revoltados contra a guerra, esqueciam as suas contendas para se unirem nesse campo. Eram tão poucos! Apenas um punhado! Todos os outros tinham desertado, — por fraqueza perante a opinião pública, com receio das sanções, por velhos instintos acordados de orgulho nacional, ou de sangue a beber, mas sobretudo por confusão, — a espantosa confusão de ideias

oratórias, de que estão enfartadas as democracias, como perus. Nunca os Jesuítas, nos tempos florescentes da casuística, fizeram um tão apaixonado uso do *distinguo*, que, aplicado a tudo, tudo conseguia embrulhar: a guerra e a paz, o direito e a iniquidade, a liberdade e a abdicação de todas as liberdades. O resultado mais certo era que a minoria de espíritos que tinham até ali tentado libertar-se tenazmente, voltavam ao banco dos forçados e remavam, de costas curvadas, sob o chicote. Não iam além de uma dúzia, em Paris, no fim de 1914, os irredutíveis que se mantinham livres. O seu número tinha engrossado depois, pouco a pouco, reunidos em dois ou três pequenos grupos, dos quais o mais sagaz era o de «*La Vie Ouvrière*».

Marcos assistia, aos domingos, a algumas das suas reuniões. Abalava-o o que ali ouvia.

Até esse momento, nunca tinha discutido a guerra. Era bastante perspicaz para não perceber a sua crueldade, a injustiça, talvez mesmo o absurdo. Mas por isso mesmo achava mais viril aceitá-la. Estava na idade em que a suprema virtude se reúne nesta palavra: a virilidade. E a força injusta, mais do que a justa, exerce uma atracção oculta: porque parece mais força, absolutamente bruta, absolutamente pura, tem mais perigos. Orgulhava-se em exaltar a implacável lei da luta pela vida que encerrava os homens no cesto dos caranguejos da eterna contenda. Nada de lamúrias. Ser o mais forte!... Precisamente porque era fraco, alardeava esse cinismo escarnecedor, que tinha revoltado Anita:

— Tanto pior para mim como para os outros! Tanto pior para os que caem! Tenho que me arranjar, ou pela força, ou pela astúcia, para ficar por cima!...

Agradava-lhe desprezar os protestos indignados

da mãe contra esta fanfarronice de crueldade. Classificava-os desdenhosamente de «sentimentalismo»: e mais nada!...

— Asneira, parvoíce! Coisas de mulher! Pinta lá o teu rosto! Eu tenho os meus dentes para aguçar...

É verdade que Anita mergulhava em plena confusão. Aceitava a guerra recusando-se a aceitar-lhe a ignomínia que é o hálito imundo do carnívoro. Detinha-se a meio caminho do pensamento; não se atrevia a olhar até ao fundo. Também lhe custava justificar as suas revoltas com razões de espírito. Bastava-lhe, para se guiar, o seu senso interior. Era demasiado pouco para Marcos. Um homem tem necessidade de ideias nítidas — falsas ou não — a fim de etiquetar as suas paixões.

Ideias nítidas, encontrou-as Marcos, às mãos-cheias, nos lógicos do pensamento operário. Todas as suas revoltas eram rigorosamente deduzidas e construídas sobre montões de algarismos e de factos. — A palavra sem enfeites, lenta, hesitante, monótona, de Merrheim, que procura o termo justo, que não vai além do pensamento, essa honestidade grandiosa que era, como Fócion, o machado da eloquência, a bonomia tranquila de Monatte, que se desinteressa de si e dos outros para seguir exactamente a sucessão dos factos observados; — a precisão de aço, a paixão comprimida de Rosmer, que receia, entregando-se, trair a ideia; — este calor gelado teve um efeito espantoso sobre o adolescente céptico, violento e febril. O carácter clandestino a que estas reuniões eram forçadas, o perigo incessante que pesava sobre estas pequenas catacumbas, a opressão de sentir a massa enorme das nações, que tinha na sua mão esses «fazedores» da justiça, esses rebuscadores de verdade e da sua luz velada, — levavam à revolta,

apesar da frieza dos chefes, um espírito religioso. Transfigurava, por clarões intermitentes, esses rostos baços, esses olhos fatigados.

E o orgulhoso burguesinho sentiu-se humilhado por estes obreiros que o excediam em coração.

PITAN — o tio Pitan, como lhe chamavam, muito embora não tivesse atingido os quarenta anos — era um homem pequeno, magro, ágil, com a cabeça muito grande em relação ao corpo.

A primeira coisa que chocava nele era a barba negra que lhe comia o rosto, e os lábios grossos escondidos debaixo dos pêlos do bigode. Era de cor amarelada, tinha o nariz achatado, os olhos castanhos escuros aveludados, onde a pupila se confundia com a íris, como um cão de água.

Quando, nas reuniões, Marcos passeava o olhar pela sala, encontrava estes olhos e seu sorriso grave. Pitan era dos raros, entre os companheiros, que parecia interessar-se pelos homens, não sòmente pela ideia (ou pelo seu próprio interesse), mas porque eram homens, por amor humano, — como um cão. O jovem burguês atraía-o; adivinhava o seu acanhamento. E o instinto de Marcos advertiu-o do terra-nova que vinha para ele nadando através da corrente. Juntaram-se.

Pitan tinha o ofício de deita-gatas. Possuía uma lojeca num arrabalde, onde fazia os trabalhos mais delicados; e a sua habilidade permitira-lhe juntar ao seu ofício a reparação de objectos de todas as qualidades, de madeira ou de pedra, ou ainda outros

da maior fragilidade. Como trabalhava por sua conta, podia mais fàcilmente dispor do seu tempo que os companheiros de fabricas e oficinas; e prodigalizava-o pela causa. Frontificava-se a levar de um extremo ao outro de Paris as convocações, os folhetos, a agitar os esquecidos, a despertar os adormecidos, a fazer o toque de chamada. Marcos aproveitou algumas tardes livres do liceu, para acompanhar Pitan. Depressa se sentiu fatigado. Nem o mau tempo nem a distância, contavam para Pitan. Caminhava, caminhava, com o seu passo de coxo, duro e seco, de velho soldado. Não se detinha enquanto a tarefa não estivesse acabada; nunca bebia. Troçavam-no pelos seus votos de temperança e de castidade: pois não se lhe conheciam ligações, e não era casado. Vivia com a sua velha mãe, que escondia ciosamente, e que o tiranizava. Filho de um alcoólico, presenciara, em criança, os estragos do mal, e tinha em si as suas taras, na sua constituição secretamente corroída. A isso devia, sem dúvida, o ser reformado. Mas era também a razão pela qual se abstinha do casamento. Ainda que esta vida não fosse alegre, parecia feliz. Entretanto algumas vezes se lhe espalhava no olhar uma sombra de melancolia. Tinha épocas de grande fadiga, durante as quais fugia, escondendo-se letárgico, com a língua presa, o cérebro como que paralisado. Algumas semanas depois, reaparecia com o seu sorriso dedicado e a sua actividade. Então, os camaradas, que não se tinham inquietado com a sua ausência, achavam natural encarregá-lo, pela causa, de todas as tarefas que evitavam para si. E Pitan tornava a partir, em correrias, regressando ao cair da noite, ou ao meio da noite, quando acabava de distribuir a última folha, — estafado, molhado, mas satisfeito.

Marcos não tinha forças para suportar isto. Pitan

compadecia-se dele: e, sem lho mostrar, encontrava sempre razões para fazer uma paragem, e respirar.

A palavra de Pitan era calma, lenta, sem interrupção: derramava-se como a água unida de um canal entre as duas represas dos seus períodos de mutismo; a impaciência de Marcos tentava em vão interrompê-lo: Pitan, sorridente, deixava-o falar, e depois, obstinado, punha-se a desenrolar o seu pensamento. Era insensível à ironia. Não a acrescentava ao valor da palavra, que era para ele uma necessidade de esclarecer o seu pensamento, esse pensamento que extirpava do barro do silêncio a que o seu espírito estava preso. Era-lhe necessário arejar esta pesada vida interior enterrada no lodo durante os seus eclipses de hemiplegia bisanuais. Para ele, pensar, era pensar em voz alta. E por isso, tinha necessidade de outra pessoa para pensar sòzinho. Este solitário nascera fraternal.

Falar não o impedia de observar, de escutar. Marcos reparou, muito tempo depois, que Pitan tinha retido, meditado e revolvido, como com uma enxada, tudo quanto até ali dissera.

Julgou vantajoso fazer alarde diante dele, como diante dos outros, dos seus dissabores de pequeno burguês, das suas revoltas de colegial, que se emancipa dos preconceitos e das obrigações da sua classe. Casimiro e os seus companheiros tinham-lhe prestado atenção, — sem renunciar à sua atitude de superioridade. Faziam-no com o ar de lhe conceder uma boa nota: o que lisonjeava Marcos, mas também o que o mortificava. Pitan não manifestou nem elogio nem desdém. Abanava a cabeça enquanto Marcos falava e depois retomava o seu solilóquio... Mas muitos dias depois, esperando a saída dos operários, à distância de uma fábrica, entre os muros altos alinhados, de onde se alongavam os pescoços ver-

melhos das gigantescas chaminés, e os círculos espessos do seus fumos, — Pitan, sem qualquer exórdio, disse:

— Apesar de tudo fazia melhor em estar na sua casa, Senhor Rivière.

(Era o único que o não tratava por tu.)

— Na minha casa, onde?

— Na escola.

Ele protestou:

— Mas, Pitan! Acha que faço mal em vir ter convosco, em aprender como vocês pensam e como vivem?

— Não, certamente, não lhe pode fazer mal, saber como nós somos feitos... Mas, Senhor Rivière, o caso é que nunca o saberá, nunca.

— Porquê?

— Porque o senhor não é dos nossos.

— É o senhor que diz isso, Pitan? Venho para me juntar convosco e sou repelido?

— Não, não, Senhor Rivière. Gosto muito de o ter conhecido e agradeço-lhe a sua simpatia... Mas isso não impede que o senhor seja sempre um estranho entre nós.

— Mas não o sois para mim.

— Vejamos!... Por detrás destas paredes há operários. O que conhece da sua vida? Podem dizer-lhe o que fazem, podem dizer-lhe o que querem, o que pensam, mesmo o que sofrem. Mas, sente-o o senhor em si? Se me doerem os dentes, o senhor decerto se compadecerá de mim, mas, se não tiver esse mal, não poderá sentir o meu.

— Mas tenho o meu mal, também.

— Certamente. Eu não zombo, como fazem aqueles que dizem que, ao pé do verdadeiro sofrimento dos que estão condenados a uma vida de miséria, o sofrimento burguês é um luxo, fabricado para os

desocupados. É luxo, pode ser — fora a doença e a morte, bem entendido —, ainda que a própria doença e a morte não sejam iguais para todos...

— Não são iguais?

— Não, meu filho. Estar doente e morrer tranquilo, no seu leito, sem ter que pensar no que sucederá aos nossos, — é luxo, também. Mas os que vivem no luxo não se apercebem disso; e, seja porque for que se sofra, real ou imaginado, o sofrimento é sempre um caso sério. Por isso, eu os lastimo todos, os vossos e os nossos. Cada um tem os seus aborrecimentos, que são feitos à sua proporção... Sòmente não se parecem.

— Somos todos iguais, Pitan.

— Mas a vida não o é... Ouça! o que é o trabalho para vós? — (Vós, os vossos, tanto os melhores como os piores; sim, mesmo as sanguessugas que vivem do trabalho dos outros) — Dizem que o trabalho é belo, que o trabalho é sagrado, e que aquele que não trabalha não tem o direito de existir... Muito bem. Mas fazem sòmente uma ideia do que é o trabalho por opressão, sem descanso, sem pensamento, sem esperança de o deixar, o trabalho asfixiante, que cega, que envenena, ligado à mó, como um animal que anda à roda, — até à hora de liberdade, que é a hora em que se rebenta? Porventura este trabalho é bom? Porventura é sagrado? E os outros que vivem dele, depois de o terem assim desonrado, não ficarão sempre como estranhos para nós?

— Mas eu não vivo dele!

— Vive, sim. A sua juventude preservada de cuidados, da fome, a sua escola, a possibilidade de aprender tranquilamente, durante anos, sem ter que pensar no pão de cada dia...

De súbito, Marcos lembrou-se, para se defender,

daquilo que nunca tinha ocupado o seu pensamento:

— Não é ao vosso trabalho que o devo, é ao da minha mãe.

Pitan, interessado fez-lhe contar a vida corajosa da mãe. Descrevendo-a, Marcos descobria-a; ao seu orgulho juntava-se uma confusão, que Pitan esclareceu dizendo tranquilamente:

— Muito bem, meu amigo, mas nesse caso a exaltada é ela.

Marcos não gostava que lhe apontassem o seu dever.

— Isso é comigo, Pitan. Não lhe diz respeito.

Pitan não insistiu. Sorria.

Os operários saíam da fábrica. Levantou-se e dirigiu-se-lhes. Conhecia muitos; trocou algumas palavras com eles enquanto distribuía as suas folhas. Mas esses homens tinham pressa de montar a sua bicicleta e ir cear. Apenas desdobravam a folha ou diziam simplesmente:

— Isto vai andando menos mal!

E, com as mãos nas algibeiras, nem mesmo a aceitavam. Três ou quatro pararam para conversar. Marcos conservava-se de parte e de mais o sentia:

— «Sou um estranho.»

Quando Pitan voltou para junto dele, Marcos, após um momento, caminhando a seu lado, pôs-se a falar:

— O que me disse não era novo para mim, Pitan. Já o tinha notado. Casimiro e os outros não são camaradas meus. Algumas vezes lisonjeiam-me; e outras humilham-me. Têm o ar de serem orgulhosos de mim e contra mim. Orgulhosos de me terem como refém da burguesia, a desprezar.

— Ah! ah! — (Pitan ria docemente) — é preciso agora não exagerar no sentido contrário. Mas tem uma certa razão. E é porque o senti que lho disse.

Marcos deteve-se, bateu o pé, e gritou:

— É injusto!

Voltava-se para que se não visse a sua fraqueza: as lágrimas quase a rebentar. Pitan passou o seu braço no dele; continuaram a caminhar.

— Sim — disse Pitan depois de ter meditado um pouco —, há muitas coisas injustas. Quase tudo é injusto nesta sociedade. É por essa razão que é preciso transformá-la.

— Não posso também trabalhar para isso?

— Pode e deve. Como nós. Cada um com os seus meios e cada um no seu plano. Mas na sociedade nova, na ordem proletária (lamento-o, Senhor Rivière) não entrará. Faz-me pena por si. É como isto!... Também eu não entrarei nela, porque nessa altura estarei morto.

— Mas os seus, os da sua classe?...

— Os da minha classe, sim. Esses entrarão.

Marcos desprendeu o seu braço do de Pitan e disse:

— Pitan, tanto o senhor como os seus são nacionalistas. Combatem a pátria. Mas é por uma outra pátria. E essa é tão ciosa como a antiga.

Pitan retorquiu com bonomia:

— Eu não sou cioso de nada, meu rapaz. Quer sejam louros, castanhos, grandes ou pequenos, brancos ou amarelos, — para mim, todos são iguais; ama-se, sangra-se, morre-se da mesma maneira. Eu sou por todas as pátrias. Nenhuma me incomoda... Mas veja! A nossa, a dos proletários, não lhe concedem o direito de viver. É bem preciso que ela o arranque aos vossos.

— Arrancando-nos a vida.

— Não lhes queremos mal. Mas a sua classe rouba-nos o nosso sol.

— Não fico com muito para mim — disse Marcos, tristemente.

— Mas dispõe do meio de o procurar. Nos seus livros, nos seus estudos, nos livres e tranquilos trabalhos do seu espírito. Vá, pois, procurá-lo, e em seguida dê-no-lo, a nós, que não temos meios para pagar essas custosas excursões! É o que pode fazer de melhor. Volte para sua casa, e lá, trabalhe para nós!

— Não é lá muito divertido — concluiu Marcos. — Viver sem companheiros!

— Somos companheiros de todos, não somos companheiros de um só!

— Que solidão! — exclamou Marcos.

Pitan parou e olhou com uma compaixão risonha para o rosto da criança que procurava esconder-se. Endireitou as costas, tomou uma boa baforada do ar empestado com o mau cheiro da fábrica e disse:

— Sim, é bom. É são.

Marcos franziu o nariz. Pitan tocou-lhe no ombro:

— Olha!...

(Pela primeira vez o tratava por tu.)

Da cintura da zona fortificada viam a vasta planície árida, os longos rolos de fumo das fábricas que se enrolavam pesadamente, como roupa branca na barrela, o vento gelado do Inverno na vasilha do céu lamacento e, por detrás, o formigueiro das casas, os milhões de vidas, a Cidade, — a severa tragédia. Feliz e sério, Pitan respirava à vontade:

— A solidão com todos, é todos serem irmãos de todos.

— E devorarem-se uns aos outros — disse Marcos, amargamente.

— Hão-de comer alguma coisa — respondeu simplesmente Pitan. — É a lei.. alimentemo-los, pois! Alimentar de si próprio os outros, é para isso que nascemos. E de todas as coisas boas, esta ainda é a melhor!

Marcos olhava a face terrosa do pequeno ven-

dedor ambulante iluminada por um fogo interior, e sentia-se tomado dessa muda alegria que sonha em se oferecer como pasto. Pensou que o próprio Deus cristão descera à Terra para se fazer comer... Ah! que bárbara humanidade!... Compreendia bem a sua grandeza. Mas era muito jovem ainda para sentir essa aspiração.

— Não! Ser comido não!... Antes comer!

ABALADO, mas desiludido por esses homens da outra margem, onde ele não podia tomar pé, era agora como uma ave suspensa entre o céu e a terra, não sabendo onde pousar. Fugira do ninho e não queria lá voltar; era também muito novo ainda para poder fundar o seu, — e onde? Enquanto não chega a hora de o construir, onde encontrar um abrigo? Sobre que ramo apoiar-se? A dúvida entrou nos seus preconceitos da véspera; e mesmo que se obstine a conservá-los, pois ainda nada tem para os substituir, sabe que estão destruídos. Neste mundo das ideias, que tem uma importância vital para um cérebro esquentado de adolescente das cidades, este rapazinho de quinze anos, só e perdido, não tem a que se prender.

Tornou a encontrar a Perrette, a que se evadira, como ele, da casa, — Marcelina e seus lábios carnudos. Desta vez, porém, não perdeu o seu tempo. Retomou, mais de perto, as conversações da escada. Procurou os seus braços para neles se refugiar. Por mais desligada que a rapariga estivesse do que abandonou, Marcos é para ela um mensageiro da sua terra. São da mesma casa. Chilreavam juntos na borda da mesma goteira. Na imensidade da cidade, os trânsfugas abraçam-se e reaquecem as suas penas.

Marcelina beija a boca desfalecida do seu pequeno amante. Como esse rapaz é ardente! Acabará por se queimar no fogo. Entrega-se furiosamente a esse mundo de prazer — mundo de sofrimento — que acaba de descobrir. Marcelina diverte-se; mas esta rapariga sem escrúpulos tem pelo querubim, ruborizado, impudente, que a devora, um não sei quê que a perturba e a espanta, — um não sei quê de maternal. Ela, que não liga importância aos sentimentos de família, sente como que uma responsabilidade sobre este jovem. Conserva-o sobre os seus seios, examina as suas faces pálidas, os seus olhos febris; primeiro riu, agora inquieta-se com as suas ausências nocturnas, com as suas entradas, húmido e transido, na madrugada gelada. Está mal agasalhado, é imprudente; tem uma tosse seca; é violento; está ardente; um golpe de vento o consumirá dum trago. Marcelina inquieta-se, e ao mesmo tempo brinca com ele. Marcos é ciumento e ela atormenta-o, não percebe que ele a incomoda. Sente escrúpulos, mas continua, simplesmente, a assassiná-lo.

É aqui que Pitan intervém, no momento próprio. Conhece todos, todos o conhecem; a sua cortesia, a sua ingenuidade, de que fazem troça, deram ao velho original o privilégio de dizer a toda a gente as verdades que ninguém gosta de ouvir; mas ouvem-nas; e quer lhe dêem ou não atenção, ninguém pensa em se ofender. Pitan diz à rapariga:

— Menina Marcelina, se guardais o vosso rapaz, não há-de ser por muito tempo; está com vontade de ir-se embora.

Marcelina responde:

— Tio Pitan, de mais eu o sei, e sofro bastante com isso. Vejo que se anda a matar! Mas que fazer? Não ouve nada do que se lhe diz. É cego e surdo. Tem uma boca esfaimada. Como uma criança de

mama. Não há nada que o sacie. É infeliz. É um louco. Sofre, e não há maneira de o consolar.

— O seu lugar não é entre nós. O que lhe falta, é a sua casa.

— Não a quer.

— Eu sei, eu sei, está na idade da revolta.

— Todos nós estamos.

— Não se lisonjeie, Menina Marcelina! No íntimo do coração sei que só aspira à idade em que, por sua vez, há-de aplicar umas bofetadas a uma ninhada de pequenos revoltados.

Marcelina riu e disse:

— E eu que as tenho para dar.

— Ocupemo-nos agora deste!

— Ah! neste é bom não tocar contra sua vontade. À menor palavra que se lhe dirige para o repreender, é como um pónei que nos escoiceia o nariz.

— Não conhece ninguém a quem o confiar?

— A mãe está longe.

— Eu sei. É uma mulher corajosa que lhe ganha o pão. Ignora tudo. Tinha pensado em escrever-lhe. Mas, pelo que pude ver, entendem-se mal, estão em más relações. Conheço isso: provàvelmente estão próximos de mais para se compreenderem. Essa mulher tem muito trabalho e os seus desgostos; não queria inquietá-la inùtilmente, se houvesse outro meio. Não terá este rapaz, aqui, algum outro parente que saiba segurá-lo e defendê-lo?

— Sim, justamente!... Espera, Pitan!... Há uma tia, conheço-a, não é lá muito virtuosa, pode compreender...

— Está bem — disse Pitan —, é preciso ir falar-lhe.

Marcelina fez uma careta. Não lhe agradava perder o seu pombinho. Mas era boa rapariga; pensou para consigo:

— Na ausência da outra, sou um pouco sua

mãe. Que faria se estivesse no lugar dela? Não posso conservá-lo comigo!... Meu garoto!... Para o salvar só há um meio: levá-lo à tia...

Mas durante uma noite ainda, o reteve nos seus braços. Depois foi a casa de Sílvia, e entregou-lho.

SÍLVIA atravessava uma crise, — a mais aguda por que passara depois da morte trágica da sua filha. Essa mulher que se aturdia loucamente e que a guerra lançara numa fúria de prazeres, acabava de ser chamada, por um golpe, à realidade. No entanto, tinha previsto este golpe, sem perturbação; mas o que não previra, de modo nenhum, era a repercussão que ele teria sobre si própria. — O marido, Leopoldo, tinha morrido prisioneiro num hospital da Alemanha. Eis a carta em que o pobre homem lhe anunciava, antecipadamente, a notícia:

«Minha querida mulher, perdoa-me, se te dou um desgosto. Não passo lá muito bem. Meteram-me no hospital mas posso afirmar-te que sou muito bem tratado pelos Alemães. Não tenho de que me queixar. As enfermarias são aquecidas. Porque, lá fora, ainda faz frio. Diz-se que aí há dificuldade no aquecimento, que falta o carvão. Como eu desejaria poder ajudá-los! Vejo-te, na oficina, os vidros estão orvalhados. Celestina fricciona os dedos entorpecidos no dorso do gato. Tu, tu nunca tens frio, vais batendo com os pés e empurrando a tua gente, para os aquecer. Mas no nosso amplo leito, quando te vais deitar, os lençóis estão enregelados. Enfim! ao menos,

de dia, podes passear, ir, vir; e já é muito quando a gente se pode mexer. Se eu pudesse fazê-lo! Sou obrigado a dizer-te que os médicos entenderam que deviam cortar-me a perna. Então, que queres! Não percebo nada disto, que remédio senão consentir! Mas como estou de tal maneira fraco e tenho receio de lhes ficar nas mãos, quis escrever-te antes, para te abraçar. Ainda que uma pessoa sempre tenha esperança de se salvar. Voltarei, talvez. Talvez não volte. Peço-te, minha querida mulher, não te aflijas muito; não é por minha culpa e fica persuadida de que farei tudo quanto puder para me sair desta. Mas se a má sorte o quiser, paciência, és ainda nova, podes tornar a casar, e, como não sou um objecto raro, fàcilmente encontrarás quem me substitua. Contanto que seja honesto, trabalhador e que te respeite. Não é que me alegre saber-te com outro. Mas preciso que sejas feliz. Não me importa como isso se dê, digo desde já que estará muito bem. Minha Sílvia, passámos muito, mal e bem, simultâneamente, trabalhámos rudemente, questionámos algumas vezes, mas fomos sempre companheiros firmes. Irritei-te muitas vezes; bem sabia que não era eu aquele que tu merecias, mas cada um é o que é, e eu fiz o melhor que pude. Não me queiras mal, se não fui bem sucedido, como desejava. Abraça Anita e Marcos. Nunca fomos para eles o que deveríamos ser. Quereria que olhasses um pouco mais pelo pequeno. Não temos filhos. Deverias tratar de o associar mais tarde à nossa casa... Não posso continuar. Não me sinto bem. E este papel, o que é que se pode dizer neste papel?... Abraço-te. Ah! Sílvia. Quereria poder estreitar a tua mão. Adeus, até mais ver. Teu marido fiel que pensa em ti, em vocês, e que pensará em vocês, de bem longe, mesmo debaixo da terra. Longe ou perto, penso que é sempre a mesma

terra, e que os teus pés caminharão por cima dela. Adeus, minha boa mulher, minha velhinha, minha linda, meu amor. Obrigado para todos. Tem coragem. Isso me dará também coragem para partir. — Ah! meu Deus!

Leopoldo.

«Há um recibo de Gribelin, cento e quinze francos, de onze de Junho de cartoze, que nunca foi pago.»

As últimas linhas estavam baralhadas. Uma lágrima caíra sobre o papel e fora esborrachada pelo polegar.

A notícia da morte chegou ao mesmo tempo.

Sílvia percebeu, então, que amava aquele que partilhara a sua vida havia doze anos. Não tinha apreciado nele senão um homem de bem e um bom associado. A morte revelava-lhe que a associação ia muito para além dos negócios. Confundidos os seus dias, tinham-nos entrelaçado tanto que nem os dedos da hábil costureira conseguiam separá-los uns dos outros; o fio que se quebrara, não distinguia se era o seu se o dele. Toda a meada estava quebrada.

Só agora dava conta da injustiça que praticara para com aquele que era como que uma parte de si própria... Como ela tinha sido parcimoniosa no amor que lhe dedicara! As infidelidades de que talvez ele não tivesse tido conhecimento... se ele soubesse... Mas o facto de ele as não conhecer, em nada diminuía o seu remorso: porque ela conhecia-as, e ela, agora, era ele. Tinha a impressão supersticiosa de que ele viria agora, depois da morte, dar volta à chave que permitia ler na sua vida. E o que acabou de a transtornar foi, aproximando as datas, lembrar-se do que tinha feito na noite em que ele, na agonia, procurava a sua mão. Bem dizia para consigo:

— Eu não podia adivinhar...

Bem dizia ainda:

— Mas ele de nada desconfiou...

De mais repetia:

— Para que serve pensar nisso? Não se pode modificar o passado...

Era justamente por causa disso! O mal que se faz a um vivo pode ser resgatado...

— Meu pobre homem, se tu voltasses não me censuraria eu tanto! Não é assim tão grande o mal que tenho feito! Nem tem uma tal importância! Se voltasses, pagar-to-ia em afeição. Mas agora que estás morto, fico com a minha dívida. Não posso reembolsar-te. Faça o que fizer fico com o meu erro. É como se fosse uma ladra...

Sílvia tinha, como toda a gente de Paris, o sentimento da injustiça muito arreigado. Sobretudo, como é natural, o daquela que nos fazem. Mas também, sinceramente, da que fazemos aos outros. Era-lhe bem triste ter que confessar que fora injusta para com o seu melhor companheiro.

Se fosse nova, teria mostrado mais elasticidade. Ter-se-ia conformado com o que não podia mudar. Quando se tropeça mas se tem ainda uma vida longa diante dos passos, pensa-se que se recuperará o perdido: a experiência da injustiça feita a um, irá beneficiar outros. Mas agora que o mais longo da estrada já foi percorrida, os erros que se praticaram guardam-se para si. Tomou-se o mau caminho, é demasiado tarde para mudar, nunca se conseguirá...

Sílvia deu um balanço sério à sua vida passada. Tudo desfilou ante a sua memória, desde os primeiros tempos do seu casamento: o nascimento da criança, a desinteligência com Anita, Ivone, a catástrofe e a vida que continua, a bondade de Leopoldo, tão natural que nem se dá por ela, a guerra, os amantes,

e o pobre homem que morre lá longe, só e traído... Não era lá muito alegre. Instintivamente procurou, para se reconfortar, os dois que lhe restavam: Anita e Marcos...

Chegara a este ponto dos seus pensamentos, quando Marcelina lhe veio fazer, sem disfarces, a sua confissão.

E na noite desse mesmo dia, alarmada por esta narração, quando se dispunha a ir procurar o pequeno ao seu liceu, entrou Marcos. Tinham-no expulsado.

OS acontecimentos sucederam-se. Uma noite em que regressava furtivamente à pensão, encontrou-se, frente a frente, com o fiscal culpado, que também entrava.

Agarrado vigorosamente, respondeu, de igual para igual, com uma fria insolência. O mestre estava preso entre o dever de usar de severidade e o receio de que o pequeno, disposto a tudo e que o ameaçava com o olhar, se fosse denunciado, causasse a condenação de ambos. Não era um homem muito escrupuloso. No entanto, foi o dever que venceu, ajudado pelo amor próprio. Marcos foi chamado à presença do director, e expulso. Nada dissera. Não se dignou pronunciar uma palavra para se desculpar, ou para acusar. No fundo, apreciava mais o mestre por não ter usado de rodeios.

Sílvia ficou surpreendida ao vê-lo entrar. Por este lado, também, a sua responsabilidade não era pequena. Anita tinha-lho confiado. Pedira-lhe para velar pelo pequeno, para a ter ao corrente da sua saúde, da sua conduta no liceu, para se encarregar dele nos dias de saída, para lhe tomar as rédeas. Sílvia, que reprovava a severidade puritana da irmã, e tàcitamente tomava o partido do pequeno contra ela, tinha-lhe soltado as rédeas. Dizia que era necessário

a juventude fazer as suas experiências; que nada é tão bom para a instruir, como as suas loucuras; que é justo que a mocidade deixe um pouco da sua lã nas moitas, e que não é tão estúpida que, depois das suas cabriolas, não saiba retomar o chão firme. Tivera mesmo a imprudência de o dizer ao pequeno:

— Sempre me tirei sòzinha das minhas dificuldades. Tens unhas e dentes como eu, e não és tolo. Saberás defender-te. Tens olhos para ver, e nada mais tens para contemplar, senão os macacos dos teus professores sentados à secretária, colados à pedra. Tens pernas para correr, que estão, seis ou sete dias, amarradas ao teu banco, diante dos livros de grego e de latim. Pois bem, no sétimo dia, diverte os teus olhos e as tuas pernas! Vai correr, meu amigo, e vê tudo o que te agradar! Instrui-te! Se te queimares um pouco, ficarás quite soprando nos dedos. E ao menos saberás o que é o fogo. Estarás, depois, prevenido contra o incêndio.

Não dizia a si mesma que era um método singular esse de ter confiança, depois da casa queimada. Repetia o que tinha ouvido sempre dizer à sua volta, nos meios populares: «Dar largas à natureza».

No fundo estava satisfeita por se ver livre do sobrinho, para ir aos seus negócios. Nunca lá faltava, Marcos conhecia-lhes a espécie. Não os contava, mas também não os escondia. Às vezes, ao domingo de manhã, quando Marcos vinha a casa da tia, não a encontrava ainda recolhida. Quando o não via, contentava-se com uma carta. Deixava-lhe dinheiro, para se divertir. Estavam algumas vezes três semanas sem se encontrar.

Assim como não era virtuosa, Sílvia também não era hipócrita: eram esses os seus menores defeitos. Pensando hoje na maneira como tinha executado as instruções da sua irmã, não se iludia sobre as razões

que dera ao sobrinho, as quais se acabam de referir; dizia para consigo que tinha muito simplesmente perdido a cabeça, que há cinco meses não pensava senão em si, e que, na sua loucura de divertimentos, esquecera totalmente aquele que lhe estava confiado.

Quando o viu, com a tez pálida e os gestos sacudidos, contando-lhe, com um riso forçado, a conclusão das suas façanhas, disse o seu *mea culpa*. Marcos esperava uma ironia ou uma repreensão, ou ambas as coisas. Admirou-se do seu silêncio:

— Que dizes tu a isto?

Sílvia respondeu:

— Nada tenho a dizer-te por agora. De mais tenho que dizer a mim própria.

Marcos não estava habituado a ver Sílvia perder o seu tempo a meditar:

— Que é que tens?

— Tenho que estraguei a minha vida. Estraguei a vida do meu marido. E estou em via de estragar a tua.

— Que tens que ver com isso? A minha vida pertence-me. Faço o que me agrada... E depois, pelo que ela vale, a vida!

— Vale o que vale cada um... E mesmo assim não é justo. Mesmo para aquele que menos vale, tem um preço infinito.

— Que fazem eles na guerra! Vai ver às trincheiras! A vida ali não tem grande valor.

— Bem sei. Nada lhes custa. Acabam de me arrancar a de Leopoldo.

— Leopoldo!...

Marcos ignorava ainda. A notícia chocou-o. Compreendeu a seriedade de Sílvia. Mas não pensava que o morto tivesse ocupado no seu coração um lugar tão importante.

Admirou-se de a ouvir dizer:

— É justamente por isso, porque sei agora todo o preço dessa vida, o assassínio que cometeram, — e que eu cometi também.

— Tu?

— Sim, o que fiz eu dessa vida, dessa afeição?... Que vergonha!... Vamos! Não merece a pena falar agora no que não se pode desfazer. Mas estás aqui e contigo ainda estou a tempo. Tenho que o remediar.

— O quê?

— O mal que te tenho feito — deixado fazer (é o mesmo; não me interrompas!...) E depois, tu sabes, meu rapaz, não te empertigues diante de mim! Não sou tua mãe. As tolices que fazes, e de que estás tão orgulhoso, conheço-as por experiência. Não há de que te orgulhares.

— Nem de que corar.

— Talvez. Não procuro humilhar-te. Não tenho categoria para isso. Fiz pior do que tu. Sei que nem sempre se pode resistir; seria inumano. Mas conheço o perigo; e soube sempre parar a tempo. Tu nunca o saberás, és de outra espécie, és como tua mãe, tomas tudo a sério.

— Eu! não creio em nada — disse Marcos, curvando-se.

— É tudo quanto há de mais sério! Eu, não me aflijo nem com o pouco nem com o muito; estou no momento presente, e isso me basta plenamente: o que faz com que eu olhe sempre para baixo; se me sucede cair, nunca é de muito alto. Tu, és como és: não fazes nada a meio; se te perdes, perdes-te a fundo.

— Se sou como sou, não posso impedi-lo. E isso é me indiferente!

— Mas não é indiferente para mim! E hei-de impedi-lo.

— Com que direito?

— Com o direito de que me pertences. Sim, a mim, meu rapaz! A tua mãe e a mim. Ela não to diria, ela que se sacrifica; mas digo-to eu. Não te educámos, não trabalhámos para ti durante dezasseis anos, para que tu destruas num dia, como um tolo, tudo quanto produzimos. Quando fores um homem, quando tiveres pago tudo quanto nos deves, poderás fazer de ti o que te agradar. Até lá tens a tua dívida. Como diz a cordoniz por entre os trigos: «Paga a tua dívida!»

Marcos, enraivecido, gritava que não tinha pedido que lhe emprestassem nada, nem era culpado de viver...

— Mas vives, meu amigo, e, enraivecido ou não, marcha para a frente! Estarei alerta, para velar por ti.

E sem permitir que a discussão se prolongasse...

— Basta sobre o assunto. Ponto final...

E depois de examinarem pausadamente o que se havia de fazer, Sílvia alvitrou:

— O melhor será, sem dúvida, que te vás juntar a tua mãe.

Marcos gritou:

— Não! Nunca! Odeio-a!

Sílvia olhou-o com curiosidade, encolheu os ombros e não respondeu. Pensava:

— Que louco!... Que raça de loucos!... O que lhe faria ela para que a ame assim?

Depois friamente recomeçou:

— Então, há só uma solução: ficas comigo. Irás como externo para outro liceu... Quanto ao que se passou, julgo que não tens empenho em que eu ponha a tua mãe ao corrente?.. Está bem, cá me arranjarei... Mas quanto ao futuro, lembra-te que daqui em diante sou eu que mando! Conheço todos os truques. Não tentes dissimular!... Serás livre às

tuas horas, — isto é, às que eu julgar conveniente conceder. Não te oprimirei. Conheço as tuas necessidades e os teus direitos. Não exigirei mais do que podes dar. Mas aquilo que puderes — tudo o que tu puderes, hás-de o dar, meu amigo: empresto-te o meu dinheiro! Sou o teu credor.

SÍLVIA escreveu a Anita, dizendo que, em virtude de uma epidemia, o liceu fora obrigado a fechar provisòriamente, e que ela resolvera receber o sobrinho em sua casa. Anita não ficou muito sossegada de saber Marcos sob o tecto da irmã, e saiu da sua província, de sábado a segunda-feira, para ver o que se passava, com os seus próprios olhos. Sílvia não se enganou acerca do motivo da visita. Era a primeira a admitir as dúvidas de Anita sobre o seu valor educativo, como guia de um adolescente. Mas confessou tão sinceramente os seus erros até ao presente, e o sentimento agudo da sua responsabilidade, que Anita ficou tranquilizada. Falaram durante muito tempo de Leopoldo; e as duas irmãs descobriram, pela melancolia das suas recordações, que estavam mais próximas do que nunca.

Anita não encontrou no filho as mesmas razões para se tranquilizar. O seu mau aspecto assustou-a. Mas Sílvia comprometeu-se a pô-lo a direito antes de três meses. Quanto a obter do pequeno a menor intimidade, nem pensar nisso. Apresentou-se à mãe com o mesmo ar rígido. Sílvia, tomando Anita de parte, pediu-lhe que não insistisse. Tivera já bastante trabalho para conseguir que Marcos não saísse de casa, durante todo o domingo, só para não ter que

falar com a mãe; tinha conseguido dele a promes
de que, ao menos, seriam guardadas as aparência
O resto... ver-se-ia mais tarde! O seu instinto dizia
-lhe que há birras de criança que devem ser cuida-
dosamente tratadas. Era um ponto doente. Sílvia
prometia a si própria remediar isso também; mas a
primeira condição era não parecer ocupar-se do
caso. — Anita estava muito apaixonada para poder
admitir a sabedoria da irmã. Sílvia não lhe deu parte
dela. Olhava-a como outra doente, que não tinha
menos necessidade de ser tratada; mas desta cura
não podia ela encarregar-se. Só Anita devia ser o
seu próprio médico. Tudo quanto Sílvia podia fazer,
de momento, era que, entre o filho e a mãe, o mal
se não agravasse.

Anita resignou-se a não arrancar o segredo da hostilidade do seu filho. E na noite de domingo partiu de Paris. Na sua aflição, levava, pelo menos, a impressão tranquilizadora das mãos hábeis entre as quais deixara o inquietante adolescente.

SÍLVIA serviu-se de toda a sua experiência, de toda a sua intuição, da sua diplomacia maliciosa, apoiada por um punho sólido de parisiense, enérgica e esperta, para conservar preso, durante os três meses que se seguiram, o gato bravo que tinha jurado domesticar.

Instalara-o no quarto próximo do seu, ao fundo do apartamento. Uma porta dava para o corredor de saída; mas Sílvia guardava a chave, e não a abria senão nos dias e horas em que permitia ao sobrinho receber os amigos no seu quarto. Marcos estava certo de que ali nenhum olhar indiscreto fiscalizava as suas visitas: era a trégua de Deus — ou, talvez, do diabo: Sílvia respeitava-a. Do mesmo modo não procurou conhecer o que ele fazia, lia ou escrevia, no seu quarto: estava no seu território, respeitava-o. Mas não podia sair — fora das horas de trégua — sem passar pelo quarto de dormir de Sílvia: as outras saídas estavam bloqueadas... É certo que, uma vez saído, poderia não tornar a entrar. Tinha-o dito uma vez, meio risonho, meio sério, para apalpar o terreno, seu Cérbero. Sílvia respondeu-lhe com o mesmo modo irónico, arregaçando os lábios sobre os caninos:

— Meu bom amigo, arrepender-te-ias.

— Que poderias tu fazer?

— Meter-te-ia na lista dos cães perdidos. Podes estar tranquilo; onde quer que estejas, a minha polícia te encontrará, e faço-te prender.

— Então tens agora relações com a polícia?

— Se for absolutamente necessário. Não recuo diante de nenhum meio... Mas não preciso dela. Tenho a minha própria polícia. Os teus amigos, meu amigo, não podem recusar-me nada.

Marcos saltou de indignação:

— O quê? o quê? Não é verdade!... Então estou vendido? Não posso ter um amigo sem ser traído! Não tenho um único só a quem me confiar!...

— Tens, minha jóia... Tens um bem perto de ti.

— Quem é?

— Eu.

Marcos fez um gesto de cólera, como quem repele.

— Não te basta?... Compreendo, pequeno pachá! Pois bem! é para tua penitência... Vamos, não te disputo o direito de amar e de ser amado. É o pão quotidiano de toda a alma vivente, mas esse pão quotidiano é preciso ganhá-lo. Trabalha! Faz-te um homem!... Porventura quererás ser, dos três Rivière, o único inútil, o parasita?... Olha para a ponta dos meus dedos! Vês como estão marcados pela ponta da agulha? Gosto que apreciem as minhas mãos, e estimo quem as aprecia, mas não as tenho poupado. — Não sou pretensiosa. Tenho gozado bem a vida. Mas não a recebi como presente. Adquiri-a dia a dia. Tenho trabalhado muito. Faz outro tanto!... E desfranze-me essa cara ofendida! Concedo-te a honra de ensaboar-te os ouvidos com o meu canto! Trato-te como igual. Dize obrigado!... e põe-te a andar, meu velhaco!...

Marcos fervia e espumava, de se ver tratado com esta desenvoltura. Teria mordido a mão que inso-

lentemente o sacudia pela trela, lembrando-lhe que estava sujeito a estas duas mulheres, que comia o seu pão, e que não tinha nenhum direito de se libertar desta servidão humilhante, enquanto lho não restituísse. Mas o que mais o desesperava era que também ele tinha o sentido da justiça — esse estúpido sentimento, enraizado nos Rivière — e que dizia para consigo que era verdade: às insolências de Sílvia, nada a responder! Tinha a sua honra de homem a salvar...

E depois havia outra razão, que ele não ousava confessar: — não faltavam encantos a essa mão que pretendia morder. Sílvia exercia sobre ele uma fascinação que o irritava.

Esta conhecia-a. Era uma das suas armas. Não tencionava desprezá-la.

As mulheres de Paris têm duas ou três juventudes. Tê-la-iam em maior número, se não fossem francesas, que sabem limitar-se. Sílvia estava na segunda. Não era a menos apetecível. Teria transtornado a cabeça a quem quisesse. Não o quis. Para com Marcos só utilizava o seu ascendente na medida em que ele era útil para estabelecer o seu domínio. A medida era honesta. Uma linha a mais, e arriscava-se a deixar de o ser. Era preciso ser Sílvia para não a ultrapassar.

De mais conhecia ela a sede de que enlanguesce a alma dum jovem, minado de desejos, de orgulho e dessa confusão intelectual que lhe ingurgitam na escola — quanta sede das carícias, da sombra e da fonte, que irrita e apazigua —, essa necessidade de apoiar, em sonho, a fronte febril num colo macio e redondo, que aquece, que refresca, que exala os perfumes do jardim na Primavera, e da rainha das flores, o belo corpo feminino! E conhecia também a ávida curiosidade da vida que têm estes lobozinhos.

Gozar, para eles, é quase inteiramente conhecer. E, muitas vezes, conhecer dispensa-os de gozar. Conhecer!... Essa caçada a cavalo!... É a vida é a caça...

— Pois bem, corre, meu amigo! Vamos passear. A marcha far-te-á esquecer a caça...

Estavam ambos no quarto de Sílvia, sentados à volta da mesa. Era noite. Marcos tinha acabado a sua tarefa. Prolongavam o serão. Sílvia, com os dedos sempre em movimento, modelava a curva e os relevos dum chapéu marcial e elegante. Não olhava para o rapaz, mas sentia-se observada...

— Olha! Sou digna de ser vista... mas ainda mais de ser escutada...

Os olhos do pequeno podiam devorá-la, à sua vontade, desde a ponta dos pés até às orelhas (tinha-as um pouco longas e aguçadas, como as de uma cabra). Mas não deixava ao pensamento o silêncio e o tempo de amadurecer os seus frutos proibidos. Não deixava de falar, segurava-o e guiava-o com uma cadeia dourada. Evitava interrogar Marcos, não procurava saber os seus segredos: a maneira de os conhecer era não lhos perguntar. Era ela que se punha a desenrolar, ao acaso, as suas passadas aventuras, a história humorística de alguma das suas loucas — e prudentes — temeridades, onde havia perdido algumas vezes a sua virtude, mas nunca a bússola. A língua maliciosa, humedecendo a linha que partia entre os dentes, apanhava de passagem as silhuetas das pessoas, os seus gestos, os seus ridículos, — sem poupar os próprios.

Tratava Marcos como confidente. Passeava-o em situações arriscadas. Mas o bom humor salvava tudo e também o alegre julgamento que desarmava as tolices e as perturbações dos sentidos. Tinha uma naturalidade perfeita: não se percebia se era um

sermão de moral ou não; era um espectáculo extraordinário: o espírito era mais forte do que o coração e os sentidos. — Marcos seguia, subjugado, rebelando-se, rindo impressionado, seduzido, dominado, o romance cómico da vida, contado por aquela observadora sem rival Parecia desinteressada das suas aventuras e desventuras, tudo lhe servia para contar... Ah! que bom companheiro!... Às vezes, em certas noites, Marcos sentia um furioso desejo de lhe beijar o rosto! Mas a fantasia passava-lhe, antes que tivesse tempo de a formular. Todo o seu impulso era destruído num instante pelo espírito zombeteiro, que o revolvia bem fundo. Nenhuma ilusão! Enfurecia-se de não poder, sob o seu olhar, tomar-se a sério. Mas mesmo enfadado ria-se. Rir junto com alguém, e compreender: é delicioso!... O riso, remédio tão eficaz para o orgulho como para o abatimento mórbido destes adolescentes, que tão depressa se arrogam todos os direitos, como negam a sua existência... O exagero das suas paixões, desenvolvidas muito depressa com o seu corpo onde cavalgam, sem proporções, a criança e o homem — a prega trágica que ele tinha de natureza e conservava diante do seu espelho —, eram, como a curva do chapéu de veludo, corrigidas pelo polegar da boa modeladora, que conhecia, por a haver praticado, a virtude tonificante do riso inteligente... — Não recomendamos o seu método a outros! Cada método vale o que vale aquele que o aplica. Quem se arrisque a imitar a maneira de Sílvia, sem conhecer o seu dedilhado, morde os dedos. Artigo de Paris...

A tia e o sobrinho eram dois parisienses. Ajustavam-se muito bem. A tranquila liberdade e a sã ironia desta confiança sem sombras, menos sãs que a luz, provocavam, pouco a pouco, a confiança de Marcos. Começou por contar as suas próprias ex-

periências, — mesmo a apresentá-las sob um aspecto que não lhe era favorável; e o sombrio rapaz não se importava que ela risse. Depois já não era sòmente o passado que confessava; descobria o presente, pedia conselhos, quando estava em vias de fazer uma asneira. Não que isso bastasse para o impedir. Mas pelo menos não fazia figura de tolo. Logo que Sílvia se assegurava de que nada seria capaz de o desviar, dizia-lhe:

— Vai, mas observa, grande parvo!

E depois, quando o mal estava feito, perguntava-lhe:

— Então? viste quem era o parvo?

Marcos respondia:

— Vi. Era eu mesmo. Tinhas razão.

Iam e vinham juntos em Paris. Sílvia nada ignorava, e ele nada lhe ocultava...

— «Chamo as coisas pelo seu nome...»

Nenhum falso pudor. A sua linguagem ousada, a honestidade do seu trabalho, a sua vigorosa probidade, formavam um equilíbrio de ordem e de liberdade, onde retomava fôlego e domínio sobre si o espírito desregrado do jovem. — E foi assim que, desta intimidade constante, que, aos olhos timoratos, não se apresentaria sem perigos, saiu uma franca camaradagem, onde não se misturava nada de equívoco, entre um noviço e uma experiente.

No entanto, este afecto não era o mais importante, para o adolescente. Distraía-o de outros pensamentos.

SÍLVIA nunca falava de Anita a Marcos. As duas irmãs escreviam-se; e Marcos, desconfiado, imaginava que Sílvia redigia um boletim hebdomadário sobre a sua conduta. Mas a espertalhona conhecia o indiscreto e fez-lhe a partida de deixar, espalhada sobre a mesa, uma das suas cartas, aberta, — segura de que ele a leria. Marcos verificou que não lhe dizia respeito. Deveria ter ficado satisfeito; ficou vexado. Não contar absolutamente nada, era mais do que desejava. Impaciente com a descoberta, perguntou:

— Mas o que é que têm que se escrever todos os dias?

— Somos amigas — respondia Sílvia.

— Que gosto tão esquisito!

Sílvia desatou a rir:

— De quem?

— De ambas.

Sílvia puxou-lhe a orelha.

— És ciumento?

O rapaz protestou com energia.

— Não? Fazes bem. Não teria remédio.

Marcos encolheu os ombros. Não se sentia disposto a acreditar mas estava intrigado. Como é que duas mulheres tão diferentes podiam ser irmãs e

amar-se?... O enigma da sua mãe voltou de novo a preocupá-lo.

Anita tinha-se resignado a não atormentar mais o filho com a sua afeição cheia de inquietações. Aconselhada por Sílvia, só a ela a confiava. Marcos, menos importunado pela mãe, sentiu confusamente a falta desta mortificação. E, quando chegaram as férias de Verão, acedeu ao desejo de Sílvia, indo visitar Anita.

Mas era ainda muito cedo para se encontrarem. Anita podia moderar a sua afeição, de longe. Não o podia fazer de perto. Fora muito privada. Há meses que morria de sede. Quando bebia uma gota, o fundo do seu coração gritava por torrentes de amor. Bem repetia para consigo as prudentes prescrições de Sílvia:

— «Se queres que te amem, não mostres o teu amor!...»

Como escondê-lo? Seria preciso que o amor não fosse muito grande. Mas para os dois, mãe e filho, ou tudo ou nada.

— E como era tudo para Anita, para Marcos foi nada.

No entanto o rapaz chegava carregado de sentimentos contraditórios, de rancor e atracção igualmente ardentes, que só ansiavam por expandir-se, como uma nuvem carregada de electricidade. Mas bastou encontrá-la, a essa mulher, cuja alma soprava como um grande vento: o fogo penetrou sob a nuvem e o céu esvaziou-se. Desde o primeiro contacto das mãos, dos olhares, essa afeição absorvente que o tomava como presa fê-lo recuar... Alto lá!... E foi, uma vez mais, o «*Não me toques!*» do Evangelho...

— O quê? mesmo para com os que te amam?

— Sobretudo para com esses!...

Marcos não o saberia explicar. Mas sabe-o a natureza. Não deve ainda entregar-se. Não chegou a hora.

Anita absorvia-o àvidamente...

— «Procura! A água fugiu. Podes cavar a areia com os teus dedos, com a tua boca...»

Estava sempre a observá-lo; o rapaz sentia esse olhar que examinava ansiosamente, um a um, todos os seus traços; e, como todas as mães, antes de tudo, afligiu-se com a sua saúde. As perguntas minuciosas impacientavam o rapaz. Desviava-as, com um sorriso desdenhoso. — De facto, a sua saúde resistia, apesar da aparência. Estava mais alto, o seu rosto emagrecera, a sua expressão era lívida, ávida, atormentada; uma penugem muito fina começava a despontar acima do lábio ardente. O seu aspecto doentio provinha das perturbações do espírito. Anita, que perdera contacto com o filho, já não sabia ler na sua alma. Via sobre essa boca, sobre essa fronte de adolescente, traços de um uso precoce, de experiência fatigada, de dureza, de ironia; e perguntava a si própria, com o coração confrangido:

— Que terá ele feito? Que terá visto?

Receava que essa carne sagrada conhecesse a ignomínia. Sentia-se responsável. Porque o havia abandonado? Mas se ele nada queria dela! Que fazer para defender aquele cuja alma está fechada? Entrar à força? Já ali se tinha despedaçado. Que fechadura obstinada! Duro metal: era o seu... E depois, que teria visto se entrasse? Apavorava-a essa ideia.

Marcos, que se sentia espiado, fechara as portas da sua alma. — Sim, era verdade o que o olhar da sua mãe adivinhara. Essas ignomínias. A sombra, sobre a pele virgem, da árvore da ciência. Sim, tinha visto e conhecido demasiado cedo... Mas Anita não notava as reacções da alma semeada, os des-

gostos, as dores leais, e esse parentesco de revolta e de arrebatamento apaixonado, que se disfarçam sob o pudor do coração, o instinto viril que quer que o filho do homem combata só, sem que o ajudem.

Visto que Marcos se recusava a que ela entrasse na sua casa, resignar-se-ia a viver a seu lado, porta com porta, sem intimidade. Não foi lá muito agradável. Anita já não notava a austeridade da vida que levava; mas Marcos sentia-a na epiderme, como o roçar uma roupa áspera; e achava pesada essa gravidade trágica, da qual ela já não se apercebia. Não pensou que lhe recusara a única luz que a teria podido alegrar, que destruíra ao nascer a flor do amor maternal. Lançada no drama interior, de que procurava evadir-se, traiu, sem querer, a inquietação do pensamento, por onde então passava; e Marcos pressentiu talvez demasiada semelhança consigo para não se afastar.

Não era na atmosfera entorpecida, na existência sem animação da pequena cidade, que Marcos encontrava recursos para se distrair das sombras da casa. O campo farto e alegre, na sua loura maturação, dormitava ao sol de Agosto. Seria bom estreitá-lo com braços de adolescente! Mas o pequeno parisiense ainda não era sensível à natureza. Muitos outros assuntos solicitavam o seu espírito e os seus sentidos! Ainda não tinha soado a hora em que os olhos se abrem para ler a música silenciosa escrita no livro dos campos. É preciso estar mais maduro para descobrir o valor da paisagem sem adornos e o seu perfume de violetas. Se ela se liga ao corpo, é contra sua vontade: o encanto opera, depois...

Anita arrastou-o consigo nalguns passeios. A presença de outro bastava para interromper o colóquio da alma com a natureza. Anita pensava alto;

gozava àvidamente a terra e o ar. Entrepunha-se entre eles e o rapaz:

— Não me tires o meu sol!

Gostava de caminhar. O rapaz via a sua robustez, a sua juventude desperta pelo ritmo rápido do passo e do sangue. Via-a correr, gritar, apaixonar-se por um insecto, por uma flor... Mais tarde, de regresso a Paris, estas imagens virão procurá-lo: essa alegria, essa onda de vida, essa boca, esses olhos, esse colo húmido — (uma vez, na sua alegria, estreitou-o loucamente; e ele fez de homem magoado com essas familiaridades...) Por enquanto, tudo o choca. Essa mulher fatiga-o. Cansa-se depressa. Sente-se humilhado. Não tolera que ela afouxe o passo para que a possa seguir. — Acaba por pôr fim aos passeios, com uma recusa sem réplica.

Nada mais lhe resta do que o tédio. Não se abstém de o demonstrar. Mas não se lastima. Não! Não dizia nada. Sacrificava-se...

De todas as atitudes, era essa a que Anita menos podia suportar...

«— Um sacrifício, meu amigo? Não o quero. Antes privar-me de ti!...»

Fez então uma última tentativa...

— «É Paris que lhe falta? Vamos pois para Paris!»

E lá passou com ele as três últimas semanas das suas férias, apesar da repulsa secreta que sentia em ali voltar.

Havia perto de um ano que não conservava lá relações, além de Sílvia, senão com a pequena viúva e virgem enlutada, Lídia Murisier, cujas cartas se tornavam mais raras e distantes. As duas mulheres estimavam-se; e no entanto era como se, na troca dos seus pensamentos, tivessem esbarrado com as próprias palavras — barreiras do coração —: um cons-

frangimento que não queriam profundar. Conservavam uma terna imagem uma da outra; e ter-lhes-ia sido doce beijarem-se, mas não desejariam um encontro em que se vissem forçadas a explicar-se. Logo à sua chegada, Anita soube que Lídia estava ausente de Paris por quinze dias, e ficou ao mesmo tempo triste e aliviada.

Não era que lhe causasse a menor apreensão o regresso à sua casa. Havia outras coisas que a preocupavam. Preferia não pensar nisso, antecipadamente... — Mas foi pior ainda do que receava...

Essa entrada na sua casa!... Como não a utilizava, deixara-a entregue aos dois refugiados, Alexis e Apolline, reservando para si sòmente o seu quarto de dormir e o do filho. Eles tinham, porém, invadido tudo. Consideravam-se agora como os donos da habitação; Anita apareceu-lhes como uma intrusa. Foi como se lhe fizessem um «favor» concedendo-lhe viver sob o seu tecto... Esta palavra «favor» condizia absolutamente com a expressão desagradável de Apolline, que só consentiu em animar-se um pouco quando soube que Anita não ficaria mais do que vinte dias. No entanto ainda formulou o desejo de não lhe restituir senão o uso de um quarto. Achava que, por três semanas, o filho e a mãe podiam deitar-se na mesma divisão.

Marcos, indignado, reivindicou os seus direitos, *manu militari*, fazendo sair do seu quarto tudo quanto pertencia a Alexis. O pior foi o estado em que Anita encontrou a sua habitação. Desordem, imundície, loiça quebrada, utensílios de cozinha requeimados e engordurados, paredes salpicadas de água, que tinha, em vários pontos, jorrado e apodrecido o soalho; deterioramento e rasgões nos móveis e nas cortinas... Nada tinham respeitado. As me-

lhores cobertas, a cama e seus pertences, tinham sido levados, sem cerimónia, do quarto de Anita para servirem aos invasores. Os retratos e as gravuras, de que tinha feito o seu horizonte doméstico, tinham sido removidos, substituídos, uns colocados no chão, ou voltados contra a parede, outros postos em monte na casa de arrecadações. Apolline tinha-os substituído por fotos de família com caras horríveis, e imagens religiosas de mau gosto beato. Mesmo os livros, os papéis — fora os que as raras gavetas fechadas à chave punham a salvo — tinham sido mexidos, não por curiosidade (Apolline nunca lia), mas por desfastio e febre dos dedos, cujo vestígio estava marcado pela molhadura das folhas e nas páginas que apareciam dobradas nas pontas. Em todas as divisões se respirava um cheiro a covil de animais. — Marcos, desgostoso, furioso, falava em lançar a fuinha pela escada abaixo. Anita tratou de o acalmar. Fez algumas severas observações a Apolline que foram mal recebidas; mas, logo às primeiras palavras, foi contida pelo sentimento opressivo do desarranjo de espírito, da crise trágica, no meio dos quais tinha caído.

O irmão e a irmã fugiam um do outro. Parecia que havia entre eles hostilidade, aversão, cólera ou medo. O regresso súbito de Anita obrigou-os a novamente terem quarto comum. Ouvia-se de noite altercações veementes, vozes abafadas, uma tempestuosa melopeia, de onde se destacavam, como explosões, as apóstrofes de Apolline, a sua respiração arrastada. Depois caía o silêncio pesado. Há uma semana que isto durava... A meio da noite, Apolline saiu do quarto a gritar. Anita levantou-se para impor silêncio. Encontrou-a no corredor, quase nua, arranhando-se com as unhas e lamentando-se; perdera a razão. Anita fê-la entrar no seu quarto e

esforçou-se por acalmá-la. Tornou a deitar-se. Apolline, diante do leito, abatida, despejava uma torrente de palavras com uma violência selvagem. Anita pôs-lhe a mão na boca, para que o pequeno, no quarto contíguo, não acordasse (há muito que ele escutava!...) E na onda desordenada, Anita, gelada, leu a verdade...

A noite passou. Apolline, ajoelhada sobre o tapete, ao pé da almofada, resmungava, calava-se, recitava orações furiosas. Acabou por adormecer, com a boca aberta, a ressonar. Anita não dormiu. Aos primeiros clarões da madrugada, observava a mulher adormecida no chão, com a cabeça caída, e uma expressão selvagem e medrosa de animal perseguido. Uma máscara antiga, de feições grosseiras, terríveis e grotescas, de Gorgona sem olhos, cuja boca é como um clamor mudo.

Sob o olhar de Anita, a Gorgona acordou. Apenas viu aqueles olhos que a examinavam, levantou-se, feroz, e quis afastar-se. Anita reteve-a pelos pulsos. A mulher resmungou:

— Que queres ainda?... Larga-me!... Arrancaste-me da boca o pão sujo de excremento. A minha ignomínia, o meu bem... Que queres mais de mim? Odeias-me, desprezas-me. Pago-te na mesma moeda. Sou uma porcaria. Valho mais do que tu!

— Não te odeio nem te desprezo — disse Anita. — Lastimo-te.

— Cospe em cima de mim!

— Não tenho que te julgar. O teu Deus se encarregará de o fazer. Estás louca e tenho dó. A demência paira sobre o mundo. Não se sabe se amanhã nós mesmos seremos atingidos.. Mas não podes ficar mais nesta casa.

— Expulsas-me?

— Tenho de defender o meu filho.

— Para onde queres que eu vá?

— Trabalha! Procura um emprego! Como podem, há dois anos, estar ambos sem produzir uma obra útil na desgraça do país?

— A nossa desgraça vale a sua. Que os outros paguem!

— E quem te ajudará se não te ajudares a ti própria! O teu mal, o cancro que te rói, foi a inacção que o causou. Só o trabalho te pode salvar.

— Não posso.

— O quê, tu, robusta e habituada aos rudes trabalhos do campo, tu, que sofres por não despender o teu vigor, encerras-te na ociosidade, como um lobo numa jaula, e por entre as grades estás a imprecar contra Deus!... Deus é o trabalho.

— Eu não posso mais. Falta-me o meu bem. Falta-me a minha terra. Levaram-me tudo, destruíram-me tudo: o meu bem, a minha terra, todos os meus. Nada me resta. Só ele me resta (Apolline aponta o quarto de Alexis.) Odeio-o! E ele odeia-me! E odeio a Deus, que o permitiu.

— E eu lastimo quem não crê nele. Tenho piedade dele. Vocês traem-no. Odiar, odiar, é a única palavra que enche as vossas bocas. Não conhecem outra. Se há um Deus, foi ele que te deu a vontade. Que fazes dela?

— Revolvo-a neste lameiro, nesta carne que ele me deu. Vingo-me nele. Ele está em mim. Destruo-me.

— O vosso Deus é como o escorpião. Se não pode destruir, destrói-se.

— É o Deus de Verdun, o Deus de hoje.

— Fazes-me mal. Deixa-me! Queres destruir-me também?

— Não te pesarei muito tempo.

E dizendo isto, fugiu.

Durante o dia, saíram de casa. Todo o prédio

respirou. A sua vizinhança era motivo de incessantes queixas. Anita, que desejara a sua partida, afligiu-se ao vê-los partir. Esforçou-se por conhecer a sua nova direcção. Apolline recusou-lha, como recusou, com um «não» brutal, a oferta de dinheiro que Anita lhe fez.

Nessa mesma semana, o seu vizinho do patamar da escada, o jovem Chardonnet, voltou com licença de quarenta e oito horas. Passou todo esse tempo, fechado, em casa. Ninguém o via.

Mas, por detrás da parede, Marcos escutava os seus passos e, com um olhar agudo, seguia o drama mudo do regresso.

Clarisse já não era a Clarisse do ano anterior. O turbilhão da loucura tinha passado sobre ela, desaparecera... E tornou a encontrar-se no redil, silenciosa, fechada entre as quatro paredes do seu aposento e essas outras ainda mais herméticas onde se sepulta o pensamento, indo e vindo, sem ruído, de um para outro quarto, sem fazer ranger um móvel, nem estalar o soalho... como uma gata... E ninguém teria podido ler nos seus olhos sem pupilas, aveludados e brilhantes por fora, sem luz interior, ou sob a pintura que disfarçava a palidez das suas faces, as recordações e os sonhos. Quando o marido esfomeado voltou para morder o fruto do seu jardim, já não encontrou o sabor da alma que tinha deixado; e ainda que ele fosse, em tudo, um pobre observador, viu logo que, por detrás da fachada, a casa tinha mudado. Que se teria passado? E como sabê-lo? A fachada que sorri não entrega o seu segredo. De nada lhe servia estreitá-la nos braços. Não alcança nunca o seu pensamento. Apenas possui o corpo. Que fez esse corpo? E este testemunho do corpo, o pensamento, que viu e quis? O que sabe? O que oculta?... Nada dirá nunca. Nunca o saberá.

Falam tranquilamente de coisas vulgares. E bruscamente, a voz do homem tem acentos coléricos. Sem motivo aparente. A voz recai. Calam-se. O homem tem vergonha de trair-se. Tem raiva de não poder arrancar-lhe o seu segredo. Estão unidos um ao outro. Ele levanta-se, sem uma palavra, e sai, fazendo bater a porta sobre o patamar. Clarisse não se mexeu; mas, ao fim de um momento, Marcos ouviu-a assoar-se: sabe que ela chorou.

Quando o marido parte, terminada a licença, nada dizem; o que teriam a dizer faria desabar a fachada da vida, que receiam aluir; porque, como viveriam, se no campo de ruínas, como uma planície bombardeada, que é a vida de agora, não tinham para assentar e prender o seu ninho, a fachada do passado, a imagem ilusória do que foram!... Dizem-se adeus. Têm os lábios secos. Beijam-se. Amam-se. São estranhos um ao outro.

Nesta mesma semana, a última que Anita passava em Paris, voltou Lídia Murisier.

Quando se viram, as duas mulheres reencontraram a sua antiga ternura. E seus lábios uniram-se antes de pronunciarem uma palavra. Mas desde que a palavra aflorou, foi como se ecoasse por detrás duma parede. Compreenderam ambas que a única porta para passar, se tivessem a chave, não a abririam. Era o mais doloroso: aquela barreira entre elas, que as tolhe de se tocarem, e que, no entanto, não tentam afastar.

Lídia perdera essa flor de franqueza e de espontaneidade, cuja graça poética perfumava cada um dos seus movimentos. Recalcara-a severamente, e cobrira-a com os seus véus de luto. Tinha oferecido ao morto a sua natureza sacrificada. A embriaguez do misticismo doloroso dos primeiros tempos não tinha durado. O seu encanto dilacerante e mórbido

apagara-se. Tais estados não podem prolongar-se senão por meios fictícios. O coração pede graça, o coração quer esquecer. Para o forçar a recordar-se, é preciso obrigá-lo e martirizá-lo. É o escravo ligado à mó, sob o chicote da vontade. Lídia inteiriçava-se no pensamento do morto:

— «Pensa nele! Pensa nele!...»

E não era bastante.

— «Pensa como ele!...»

Tinha abdicado de todo o seu próprio pensamento para seguir o daquele que queria arrancar ao esquecimento — ao *seu* esquecimento... (trágicas lutas das almas, no silêncio das noites, contra a morte que se apossa do tesouro do seu amor!...) Carregara-se deste idealismo de ideias secas e ardentes que era o tecido da alma dos Girerd: a sua boca falava por eles, a sua jovem boca de magoada ternura.

E era tão estranho e penoso ouvi-la!...

Anita escutava, gelada, e não podia responder. Sentia a falta de sinceridade voluntária, o esforço heróico e mentiroso da pobre rapariga, para acreditar no que não acreditava, para pensar no que não pensava. Não podia responder-lhe! Sabia que seria uma crueldade desmascará-la. Frágil planta quebrada, era esta armadura que a impedia de cair!... Mas apesar de Anita não ter dito nada que desvendasse os seus pensamentos, Lídia leu-os nos seus lábios fechados; e colocou o ferrolho na porta, já fechada, da parede que as separava.

Exaltava esta guerra que lhe tinha arrancado a sua felicidade e a sua vida; crispava-se a celebrar o futuro problemático que estes combates preparavam: esse messianismo confuso da justiça e da paz futuras pelas iniquidades e carnificinas de hoje, e sobre esses milhões de lutos — não! sobre o seu, sobre o corpo do seu bem-amado, florescendo do seu sangue

fera o único que contava!) — o advento irrisório deste reino de Deus: o Deus sem forma daqueles que já o não têm, dos homens do Ocidente que perderam o seu Deus e que querem um Deus, a todo o preço: a democracia universal...

Oh! terna boca dilacerada, como estas palavras soam falso, passando pelos teus lábios! O teu sorriso crispado é como uma ferida...

Declarava a sua fé, fazia alarde dela: adivinhara que Anita a perdera: (tivera-a alguma vez?); adivinhara o seu desengano de todas estas ideias, o seu afastamento de todas as paixões que cegam as pátrias nestes dias. — E Anita, que o não sabia bem até esta hora, reconheceu-o por essa oposição do instinto, que separava os seus caminhos, e dizia às duas mulheres:

— Sobre esta terra, não nos encontraremos mais!...

Mas sobre esta terra, para onde fugir? Que fizeram eles desta terra?...

A atmosfera de Paris — a atmosfera do mundo — era irrespirável, nesses últimos dias de Verão de 1916. A terra era uma goela aberta, que bradava pela morte. O seu sopro furioso cheirava ao cadáver da humanidade. As carroçadas de carnes maceradas do Somme e de Verdun não podiam saciá-la. Desde as degolações sagradas de povos pelos Aztecas, o céu nunca tinha sorvido semelhantes hecatombes. Na ronda da morte, duas novas nações vizinhas acabavam de entrar alegremente. Era a trigésima-segunda declaração de guerra, em dois anos. Os dançarinos sapateavam. A imprensa, às voltas, agachada sobre os calcanhares, dava estalos com os dedos, tocava tambor com os ossos, bramia. Na Alemanha, cantava o novo Cântico de S. Francisco, o hino do nosso irmão Ódio:

«Foram-nos dados: a Fé, a Esperança e o Ódio. Mas o Ódio é o maior dos três...»

A ciência, em França ciosa dos Noventa e três Intelectuais, queria ter os seus, e publicava este monumento de insensatez ignominiosa: *«Os Alemães e a Ciência»*, onde, exceptuando dois nomes, os maiores do pensamento, não sòmente renegam os Alemães da família da Europa, mas doutoralmente (Marphurius e Pancrace), analisando o seu cérebro, os seus ossos, os seus excrementos, os eliminavam da espécie humana. Um mestre da ciência queria que Berlim fosse arrasada, *«a fim de deixar, no centro desta terra de orgulho, um oásis vingador de escombros»*. Um professor de Direito estabelecia a legitimidade do recurso às represálias. Um dos porta-voz do catolicismo liberal da França, honesto e respeitado, felicitava os católicos franceses *«por não terem hesitado, em nome do Cristo, em nunca perdoar aos católicos da Alemanha»*. Um outro chefe de coro reclamava o imperador como sua parte no espólio, para o meter na fossa dos ursos do Jardim das Plantas. Porque o grotesco e o horrível estavam emparelhados. Tartufo e o Pai Ubu. Entre os menestréis, os mestres da dança, a hipócrita impudência trepava até aos cumes himalaianos. Um ministro hipócrita, numa sessão da Assembleia, exaltava, com voz húmida, entre as aclamações dos compadres extasiados, o desinteresse augusto dos jornais que ele pagava. E o palrador galês Lloyd, esse pequeno, pequenissimo Cromwell, atravessado de Cyrano, que tinha numa mão a Bíblia e na outra a espada (a espada dos outros), pregava aos irmãos Baptistas a nova Génesis. Comparando a Criação dos Primeiros Dias à da Guerra, de que ele era o Senhor, a sua ira caía sobre os filhos do pecado, que são os pacifistas: *«porque nenhuma desuma-*

nidade, nenhuma ausência de piedade, pode ser comparada à sua crueldade de querer acabar a guerra», a meio caminho. — Enquanto a América, impassível, arredondando as suas cifras, inundava o mundo antigo com os seus engenhos de morte. Porque a mão direita não é obrigada a conhecer o que faz a esquerda. E se está escrito: «tu não matarás», não está escrito em parte alguma que não deves honestamente fabricar instrumentos para matar, uma vez que sejam de boa qualidade, e que sejam bem pagos.

Anita, tapando os ouvidos, desdenhosa, desanimada, procurava refúgio junto de sua irmã. Mas Sílvia não se perturbava muito com a felicidade e a desgraça dos outros, — fora do círculo estreito daqueles que eram seus, dos que amava, seu único bem. A encantadora rapariga dizia:

— Querida, não vale a pena martirizares-te! Tem paciência. Põe os olhos em mim! Espero. Isto há-de acabar um dia. Mas não nos apressemos! É preciso que ainda continue uns tempos... Olha: um dos meus melhores amigos, belo rapaz, três galões, cruz de guerra — (acaba de ser morto) — disse-me um dia: «Temos que matar ainda um milhão de alemães.»

Anita fixava Sílvia nos seus olhos. Falaria ela sèriamente? — Mas decerto, visto que estava séria... Não! não era profundo o que dizia! Não falava com paixão. Ela não queria mal aos que matava, antecipadamente... Mas visto que era preciso!...

— Sabes — disse Anita — que, pelo teu milhão, devemos contar pelo menos meio milhão dos nossos...

— Ah! Que queres tu, minha amiga! É preciso que haja um pretexto!...

Um pretexto! Não era o que lhes faltava! Tinham mais de uma dúzia...

A vida mundana recomeçara. Os *tea-rooms*

estavam repletos e boas clientes afluíam, de novo, a casa de Sílvia. Já não havia a tensão de espírito dos anos passados, a viril atitude dos primeiros tempos de experiências, nem essas reacções mórbidas do ódio ou do prazer, que tinham agitado os sentidos, por intermitentes acessos de febre. Era muito mais terrível. A natureza habituava-se. Tinha-se adaptado às novas condições com essa plasticidade ignóbil e maravilhosa que permitiu ao homem introduzir-se, como um verme, pelos menores interstícios por onde fugia a vida, durante as convulsões da terra em gestação, no decurso dos milénios, enquanto sucumbiam as espécies menos capazes de abjurar e de se submeter, para abrir caminho. Se admirarmos a arte de restabelecer a existência normal na anormalidade dos tempos mais monstruosos, Paris era uma maravilha.

Mas Anita não estava disposta a render-lhe homenagem. Via-lhe o reflexo sobre o rosto do seu filho, e esse espelho sobressaltava-a. Marcos já não mostrava a excitação trepidante, os movimentos bruscos, as violências, e esse riso forçado que tanto inquietara a mãe no Verão antecedente. Não exteriorizava nada. Parecia indiferente. O seu rosto pálido, onde a febre recolhera e parecia ter-se depositado no fundo, dormia como um lago. A água estava turva mas sem uma prega. A superfície apresentava-se imóvel. Através dela nada se via. E de fora nada se reflectia também: dormia...

Parecia dormir. E dessa tempestade que torcia à sua volta, a floresta, dessas árvores derrubadas, desses sopros de morte, dessas pestilências, desses clamores — e dessa mãe que se inclinava ansiosa, à sua beira — parecia nada ver, nada sentir, nada compreender. Mas quem o poderia saber? Sob a camada oleosa que cobre a superfície do lago, fermenta uma vida...

Não chegou ainda o momento de a revelar. E se o fizesse, não seria aos olhos implorantes da mãe.

Só a Sílvia se entregava, um pouco, quando falava. Com ela sentia-se à vontade, e conversava tranquilamente. Com Anita preocupava-se em observar-se e em observá-la. Aliás, deixara de ser insolente e não se mostrava irritado como nas suas relações passadas. Era bem educado. Ouvia sem replicar. Esperava sem impaciência. Esperava sem impaciência que ela partisse.

ANITA partiu, desamparada. O filho era-lhe agora mais estranho do que quando questionavam. Podemos estar ligados a um adversário. Mas não ao indiferente. Tornara-se inútil ao filho. Os outros — Sílvia — bastavam-lhe. Quem abandona o seu lugar perde-o. Para ela já não existia.

Já não existe também no coração do seu filho. Nem no universo. Porque ela via por toda a parte aqueles com quem não estava. E não via aquele com quem estava. Todas as razões de viver, de querer viver, de acreditar, de querer acreditar, de combater, de querer vencer, tinham caído do seu corpo, como um vestido usado, como duma árvore as folhas do Verão passado. E entretanto ela *queria*. Não conhecia estes estados neurasténicos onde se dissolve e foge medrosamente a energia. De energia estava ela cheia. Sua opressão provinha de a não poder empregar. Que fazer dessa força, dessa necessidade de agir, dessa necessidade de combater, de amar, dessa necessidade — («Sim, eu também!...») — de odiar? Amar o que eles amam? Não! Odiar o que eles odeiam? Nunca! Combater? Mas por que causa? Sòzinha nesta derrocada, para quem, para o que se voltar?

Tinha retomado as lições no colégio havia uma

semana. Uma tarde de Outubro chuvosa e fria, regressara, cansada e absorvida. A pequena distância da sua habitação, notou, nas ruas, uma agitação desusada.

Tinham improvisado um novo hospital perto da sua casa. Os talhos de Verdun despejavam os seus feridos. Já não se encontravam açougues para neles dependurar a carne dos mártires. Pela primeira vez a pequena e esquecida cidade recebia a sua carga. E pela primeira vez, os que se lhe enviavam, eram alemães!

Nunca ali houvera, mesmo para os seus, até à guerra, hospital que fizesse face às necessidades. Empilhavam-nos — velhos destroços do trabalho ou da preguiça (no fim de contas todos vão para o mesmo montão de refugo!) — em locais estreitos, sórdidos, escalavrados, onde se amontoavam, desde séculos, a infecção e a porcaria. Ninguém se importava com isso, nem doentes, nem médicos. Estavam habituados... E eis que com o progresso (isto é, com a guerra) se afixavam pensamentos novos (ou antes, palavras): higiene, antisépsia... Tratava-se de tornar a morte salubre, multiplicando-a. Esconderam a sujidade dum novo hospital instalado num antigo pensionato, casando o cheiro do fenol com o do bafio, pondo as salas das aulas sob a invocação de Ambroise Paré, e dotando o estabelecimento com uma casa de banho — uma raridade!...

Os Boches iam estrear este luxo!... A pequena cidade protestou. Acabava de ser duramente experimentada. Os combates dos últimos meses tinham dizimado a mocidade da região. O luto entrara em quase todas as famílias. A apatia habitual tinha sido abalada até ao desespero. O próprio pessoal do hospital estava dividido, recusando-se uma parte a ministrar os seus cuidados aos inimigos. Uma petição redigida passava de mão em mão. A chegada do

comboio precedeu a resolução, que só depois foi conhecida. Ao saber a notícia toda a gente saiu de casa ..

O lamentável rebanho já tinha sido impelido para fora da estação. A avenida da gare enchera-se em alguns minutos, como um esgoto depois de uma chuvada. Eram, em geral, seres inofensivos, banacheiros, indiferentes, um pouco grosseiros, não maus. Mas os piores instintos imediatamente se atearam. A aparição do cortejo foi, de longe, anunciada por gritos prolongados. Aproximavam-se: duas carroças de destroços vivos; sobre as padiolas, farrapos humanos com a cabeça derrubada, braços pendentes rapando com as unhas a poeira do caminho. Um pequeno grupo, os menos feridos, caminhava adiante, com a cara ou os braços ligados. Na primeira fila, a alta e magra figura dum oficial alemão. Uma escolta insuficiente. A multidão, com os punhos erguidos, mulheres, com as garras estendidas, lançavam-se ao seu encontro.... União sagrada! Viam-se, misturados com o povo, pequenos comerciantes, burgueses, e mesmo, alguns passos atrás, senhoras da sociedade. Os desgraçados que chegavam detiveram-se um instante: os que vinham depois, forçaram-nos a caminhar; avançaram, empurrados, com o pavor nos rostos; julgaram que iam ser massacrados. Atiraram-lhes pedras. A multidão eriçou-se de bengalas e de guarda-chuvas. Gritos de morte, assobios. Naturalmente, o oficial era o mais visado de todos. Empurraram-no, arrancaram-lhe o capacete e arremessaram-no para o chão; uma mulher vociferante escarrou-lhe na cara. O homem cambaleou...

Anita foi em seu auxílio...

Tinha assistido, no meio da multidão. Observara tudo, impressionada. Nada tinha previsto, nada se propusera fazer. Nem mesmo tivera tempo para dis-

cernir o que se passava dentro de si... Avançou com a cabeça baixa, repelindo os furiosos que, à sua frente, bloqueavam o caminho, e abriu passagem. Ficaram sabendo quanto valia a força duma Rivière! E também a sua energia... Chegou perto do oficial alemão, e, com os braços estendidos, voltada para a multidão, apostrofou-a:

— Covardes! Sois franceses?

O efeito destes dois gritos foi como uma dupla chicotada.

Anita continuou, dum fôlego:

— Sois homens? Os feridos são sagrados. Todos os que sofrem são irmãos.

Dominava a multidão, com a voz e com os braços. Fixava todos à sua volta, com um olhar violento. Os homens recuaram, vociferando. Anita baixou-se, para levantar o capacete do oficial. Bastou um segundo para destruir o contacto com os que a rodeavam. A multidão, indecisa, reunia-se para lhe saltar ao pescoço... Quando uma senhora que trazia a farda da Cruz Vermelha se juntou a Anita, e exclamou, com uma voz frágil mas firme:

— Esta mulher falou segundo a honra. Os inimigos feridos estão sob a salvaguarda da França... Quem os ofender, desrespeita-a.

Todos a conheciam. Pertencia a uma das mais consideradas famílias aristocráticas. O marido, oficial, tinha sido morto em Verdun. O seu gesto foi decisivo. Mais duas senhoras enfermeiras tomaram lugar junto dela. Alguns burgueses apressaram-se a apaziguar os ânimos à sua volta. A mulher que, há pouco, tinha escarrado na cara dos prisioneiros, apiedava-se ruidosamente junto dum pequeno ferido, enquanto a multidão se afastava, resmungando, e deixava passar o comboio escoltado pela jovem viúva e Anita, amparando o oficial cambaleante.

Chegaram ao hospital sem que nenhum protesto se fizesse ouvir. O dever profissional e a humanidade retomaram os seus direitos. Mas na confusão das primeiras horas, agravada pela falta de enfermeiros — (os hesitantes voltaram, um a um, durante a noite) — o resto do pessoal estava esgotado; e Anita pôde ficar, sem que reparassem nela, até ao meio da noite. Com o auxílio da fúria de há pouco, dessa energúmena que agora se revelava uma valorosa mulher e se envergonhava da sua violência procurando fazê-la esquecer, despiu e lavou os feridos. E, tendo sido posto de parte um desses infelizes, por se tornar inútil qualquer operação, foi ainda essa mulher que se consagrou aos últimos momentos do moribundo.

Era um adolescente, magro e nervoso, de pele morena; tipo meio semita, meio latino, das margens do Reno. Tinha uma ferida horrorosa. O ventre aberto... «*Jam foetebat...*» Os vermes mexiam-se lá dentro. O rapaz era sacudido por sobressaltos, cerrava os dentes com a dor, ululava. Os seus olhos fechavam-se e abriam-se, procurando um ser, um objecto, fosse quem fosse na vida, um ponto firme no seu naufrágio, a que se agarrar. Encontraram os olhos de Anita, e não os largaram mais... esses olhos de piedade... na sua desgraça, ah! que luz inesperada! A esperança submersa ressurge do fundo da água, e o rapaz grita:

— *Hülfe!* [1]

Anita inclinou-se. Colocou a sua mão sobre a cabeça que se erguia, murmurou ao seu ouvido, em alemão, palavras compadecidas que foram como um orvalho sobre a sua pele seca e ardente. Ele agarrou-lhe a outra mão livre e introduziu-lhe os seus dedos. Anita sentia no fundo da sua carne cada estremecimen-

[1] «Socorro!»

to do homem que morria. Insuflava-lhe paciência. O rapaz engolia a sua respiração, para abafar um grito. Apertava mais fortemente a mão que o conservava por cima do abismo. Os olhos de Anita tornavam-se mais ternos, à medida que o via perecer.

— *Sôhnchen! Knâbelein! Mein armer lieber Kleiner!...* [1]

O rapaz teve um último sobressalto. Abriu a boca para chamar. Anita abraçou-o, e não desembaraçou a sua mão dos dedos da agonia, senão depois de o ver libertado.

Foi-se embora. Eram três da madrugada. Um nevoeiro gelado. O céu apagado. As ruas vazias. O quarto sem lume. Não se deitou até de madrugada. O horror do mundo estava dentro de si. O seu coração estava cheio de dor. — E, no entanto, mais aliviado. Tomava o seu lugar na tragédia da humanidade.

[1] «Meu filho! Meu rapazinho! Meu pobre e querido pequeno!...»

TUDO o que pesava sobre ela tinha caído. Sacudira-o de si com um movimento de ombros. E agora que o via a seus pés, compreendia enfim o peso que a esmagava...

Mentira. Mentira a si própria. Fugia do seu próprio olhar. Evitava fixar de face as ideias terríveis que a oprimiam. Aceitava passivamente a guerra fatal e a pátria. Aceitava com medo a desculpa de que ela fosse um fenómeno natural. E bruscamente revoltou-se contra a natureza selvagem da sua própria natureza renegada e amordaçada, a sua natureza traída, insatisfeita, que se vinga e que se liberta. E os seus seios, comprimidos por bárbaras ligaduras, quebram os laços, respiram. Reclama o seu direito, a sua lei, a sua alegria, — e o seu sofrimento também, mas o seu sofrimento próprio — a Maternidade.

Toda a Maternidade. Não sòmente a do filho!... Todos são meus filhos. Filhos felizes e desgraçados, que se esfacelam uns aos outros. Estreito-os a todos. O vosso primeiro sono, o vosso último sono, embalo-o nos meus braços. Durmam! Sou a Mãe universal...

Quando o dia veio, escreveu à outra mãe, a do

jovem morto, a quem tinha fechado os olhos. Transmitiu-lhe o seu último beijo. Depois retomou os livros da classe e os seus cadernos. Recomeçou o seu dia de trabalho, sem ter repousado, — com uma nova força e a paz no coração.

TERCEIRA PARTE

A atitude de Anita fez grande ruído. Discutiram-na em todas as casas Se não tivesse sido aprovada pùblicamente pela jovem Senhora de Mareuil, tê-la-iam condenado sem discutir. Sobre uma tal caução alguns aquiesceram. Muitos ficaram escandalizados. Mas, no fundo, conservaram uma irritação oculta. Admitindo que ela tivesse razão, não se poderia tolerar que uma pessoa estranha na terra viesse dar — e em que tom! — lições de dignidade.

Entretanto, todos se calaram quando souberam — (tudo se sabe em algumas horas na pequena cidade) — que a Senhora de Mareuil tinha vindo no dia seguinte visitar Anita, que a não encontrara e lhe havia deixado um convite. Anita estava sob a sua égide. Adiaram o rancor para a próxima ocasião. O reitor do colégio convocou a Senhora Rivière e contentou-se em lhe dirigir uma advertência discreta:

— «O seu patriotismo não estava em questão; que se abstivesse de o manifestar *extra muros!* Cumpra o seu dever, na sua categoria, como e quando vos mandarem. *Ne quid nimis! ..*»

À primeira palavra de Anita para responder, o reitor replicou com um gesto afável... «Não é uma censura: é um conselho!...» Mas Anita sabia que o conselho dum reitor é uma primeira intimação.

De momento o que tinha a fazer era pôr de novo a coleira e entrar na casota. O que devia ter feito tinha-o feito. O dia seguinte lhe diria o dever do dia seguinte. O de hoje poupou-lhe o trabalho de escolher entre dois. Porque logo que quis apresentar-se de novo no hospital, não a deixaram entrar. Ordens superiores impediam o acesso às enfermarias a pessoas estranhas às duas organizações locais da Cruz Vermelha e das Mulheres de França (aliás terrìvelmente rivais entre si, como o cão e o lobo). Mais tarde veio a saber que a interdição a visava especialmente.

Mas se esta porta se fechava à sua necessidade de servir, outra se abriu onde a sua nova maternidade devia encontrar um emprego. E ninguém podia prever os caminhos arriscados onde a conduziriam estas obrigações de que ia encarregar a sua consciência renovada.

Na sua primeira visita à Senhora de Mareuil, a jovem viúva que, sem sair duma reserva um pouco fria, testemunhava uma afectuosa estima por Anita, exprimiu-lhe o desejo que tinha um dos seus cunhados, grande ferido, tratado pela sua família, de ver a Senhora Rivière. — Anita aceitou o convite, imediatamente.

GERMANO CHAVANNES era aparentado com a Senhora de Mareuil, cujo nome de solteira era Seigy, apenas pelo casamento da sua irmã com um dos irmãos de Seigy. Mas as duas famílias estavam desde há muito em estreitas relações de interesses e de simpatia. Ambas tinham velhas raízes na região. As suas terras confinavam. As suas diferenças de opinião eram mais aparentes que reais. O republicanismo dos Chavannes tinha cores pálidas; o vermelho discreto dos primeiros tempos fora-se esbatendo gradualmente, e dele restava um cor-de-rosa que, se não ia até ao branco, se casava com ele muito agradàvelmente. A sua riqueza, razoável e sólida, não contribuía pouco para fazer desaparecer os fossos, que limitavam, mais do que separavam, as suas propriedades. (Em todos os tempos, em toda a parte, os proprietários são parentes.) Sobretudo o gosto da terra, que eles próprios exploravam — umas vinte quintas, como uma ninhada de pintos debicando na cidade —, o amor à terra e o culto da ordem, que, se não é a religião, é uma boa parte dela — (bem entendido, falamos da única religião que representa no Ocidente uma potência de ordem: a de Roma) —, estes traços essenciais que lhes eram comuns com os de Mareuil, de Thésée, de Seigy, e a pequena

nobreza rural na província, não tinham deixado subsistir diferenças entre eles, senão as que podiam lisonjear o amor-próprio de cada um, persuadindo-o que eram um sinal de superioridade sobre o seu vizinho. É o fraco de todos os homens. Os de Seigy e Chavannes eram bastante educados para não o deixar transparecer. Conservavam esse sentimento secreto para sua satisfação particular.

Que Anita Rivière fosse convidada para este meio, podia em boa lógica surpreender. Não a Anita, que não tinha o sentimento das distâncias. Mas à província. — De facto, não o estava senão por estes dois únicos membros das famílias Chavannes e de Seigy, a quem as circunstâncias actuais reservavam, nas suas casas, direitos indiscutíveis: a Senhora Louisa de Mareuil e Germano Chavannes. Ambos tinham pago duramente a sua dívida ao nome e à pátria. E ambos eram pessoas de excepção neste meio. Poucos dias foram precisos para que Anita o reconhecesse.

A casa dos Chavannes era uma velha moradia de paredes cinzentas, numa rua tortuosa, perto da catedral. Envolvia-a o silêncio, quebrado de longe em longe pela melancolia dos sinos e pelos gritos das gralhas. Passada a porta estreita, de carvalho envernizado, com ferragens bem brunidas, brilhando friamente na fachada poeirenta, atravessava-se um pátio lajeado, antes de chegar ao corpo principal da habitação. As janelas dos quartos davam para este pátio sem jardim, sem uma folha de árvore, sem um pé de erva, fechado pelas quatro paredes cinzentas. Parece que estes burgueses de província, depois de longos meses passados nos seus domínios, nas suas casas de campo, logo que entram na cidade procuram encerrar-se de tal maneira que a natureza os não possa encontrar. Os Chavannes não habita-

vam aqui senão alguns meses de Inverno; mas os acontecimentos, a guerra, o dever de participar activamente nos serviços públicos, a doença do filho, haviam-nos decidido a instalar-se na cidade, até que o futuro se decidisse.

A família estava então quase reduzida às mulheres. O pai tinha morrido. E todos os homens válidos, filhos ou genros, haviam partido. Restava um rapaz de sete anos, filho da jovem Senhora Chavannes de Seigy, que passava o tempo com o nariz contra as vidraças a espreitar os raros visitantes que entravam, escabeceando ao som dos sinos, aos gritos das gralhas; sonha com bandeiras, com bolos, com túmulos... Foi esse o primeiro rosto que acolheu Anita, à sua entrada na casa. E depois, sempre que voltava, encontrava a criança com os olhos ávidos e ociosos, que se eclipsava depois de a ter roçado.

A sombra banhava o quarto do primeiro andar, de tecto alto, e alcova funda. Um homem jovem, sentado perto da única janela, neste dia triste de Novembro, levantou-se da cadeira para saudar a Senhora de Mareuil e a visitante que lhe apresentava. Mas, ainda que ao primeiro golpe de vista se visse que, neste quarto, a morte tecia a sua teia, a sombra tinha poupado a máscara do ferido. Era um destes rostos do centro da França que parecem irradiar luz. Uma figura agradável, de traços regulares, nariz aquilino, boca bem desenhada, com uns olhos muito azuis e a barba loira.

Sorriu para Anita e agradeceu à cunhada com um olhar afectuoso.

A conversa, cortês, principiou por considerações vagas sobre a saúde e o tempo. Não passavam de prudentes comprovações. Mas após um momento a Senhora de Mareuil, discreta, eclipsou-se.

Então, Germano Chavannes, cujos olhos pene-

irantes tinham, em rápidos golpes de vista, estudado as feições de Anita, estendeu-lhe a mão e disse:

— A boa Luísa contou-me as suas proezas. Vejo que não pertence ao número dos que, acabado o combate, o prolongam sobre o inimigo abatido. Tem a fraqueza de poupar o vencido. Ouso, pois, esperar que lhe reste ainda alguma para este vencido.

— Vós? — disse Anita.

— Eu. Grande ferido. Grande vencido. Tenho todas as vaidades.

— Há-de se curar.

— Não. Deixe a ilusão aos outros e a mim! Para isso bastamos nós. É para outra coisa que eu tenho necessidade de si. A derrota para a qual peço a sua indulgência não é a do meu corpo, mas a do meu espírito. Não importa ser vencido, quando se acredita no vencedor.

— Qual vencedor?

— O destino que nos sacrifica... Não, não é isso... O destino a que nos sacrificamos.

— Quer dizer: a Pátria?

— Que é apenas um dos seus aspectos. A máscara de hoje.

— Eu também sou vencida, e não creio no vencedor. Mas não me entrego. Ainda se não pronunciou a última palavra.

— As mulheres são jogadoras. Mesmo quando perde ao jogo, uma mulher julga que acabará sempre por ganhar.

— Não, não o creio. Mas ganho ou perda, enquanto me reste, no jogo da vida, uma libra de carne para jogar, jogá-la-ei.

Germano examinou Anita, sorrindo:

— Não é daqui, pois não?

— E donde hei-de ser senão de França?

— De que província?

— De Borgonha.

— Há vinho no vosso sangue.

— Há sangue no nosso vinho.

— Pois bem, beberei dele voluntàriamente um copo, de tempos a tempos. Quer conceder-me, de vez em quando, quando tiver muita energia e um pouco de paciência, um quarto de hora de conversa?

Anita prometeu e voltou. Estabeleceu-se a intimidade.

Falou-se de tudo — menos de guerra. Desde as primeiras perguntas, o ferido suspendera Anita com um gesto. Caminho proibido. Não se passa!...

— Não, não falemos dela. Não pode compreender... não digo sòmente vós... mas todos que aqui estão... Aqui.. Lá... Dois mundos; o de cá, e o de lá... não se fala a mesma língua.

— Não a posso estudar? — perguntou Anita.

— Não. Nem sequer vós, com o vosso calor de simpatia. O amor não supre a falta de experiência. Não se traduz o que está escrito no livro do corpo.

— Porquê não experimentar? Tenho um tal desejo de compreender — não por curiosidade — mas para ajudar! Quereria aproximar-me humildemente das vossas experiências.

— Agradeço. Mas o melhor para nos ajudar é fazer com que as esqueçamos. Mesmo entre camaradas de guerra, nas nossas conversas, afastamos esse assunto, de comum acordo. As narrativas da guerra — livros e jornais — desgostam-nos. A guerra não é literatura.

— A vida também não.

— É justo. Mas o homem tem necessidade de cantar. E a vida é um tema que se presta às variações. Cantemos!

Não pôde continuar. Faltava-lhe o ar. Anita

susteve-lhe a cabeça. Quando recuperou alento desculpou-se agradecendo. Sobre a suas faces cavadas o sorriso reapareceu. Uma gota de suor deslizou-lhe na fronte. Ficaram calados. Olharam-se afectuosamente...

Germano Chavannes tinha pouco menos de trinta anos. Crescera no meio da burguesia provincial, bem pensante, liberal, mas imbuída de preconceitos de espírito, aliás sólidos e sãos, que formam, com o trabalho e o amor da terra, a ossatura destes países do centro. (Se não fossem esses preconceitos, a facilidade de vida e o deixa — andar dominariam esses homens.) — Germano sabia-o muito bem. A massa do seu corpo era feita desta água e desta farinha, mas o padeiro desconhecido tinha-lhe misturado um fermento que não era daqui.

Este burguês rico, cujo futuro parecia fixo, desde o seu nascimento, feliz, fácil, e pastando nos abundantes serrados das suas propriedades, tinha ido estudar a Paris, nas Escolas de Ciências Orientais e de Ciências Políticas. A carreira consular atraía-o muito menos do que «o convite à viagem». Entretanto, amava a sua terra — o céu e o ar, o falar, o comer, a boa terra, a boa gente... Mas não pensava senão em fugir! Esperando uma indicação longínqua, tinha percorrido a Europa em todos os sentidos. Estranho gosto, na opinião dos seus concidadãos caseiros! Mas gostos, cores (sobretudo quando se trata de um rico) não se discutem!... A guerra tinha vindo interromper os projectos de viagem. E agora, a doença: fora «gaseado»; os tecidos interiores eram roídos lentamente. Agora, só lhe restava a viagem em volta do seu quarto — (nem isso mesmo; há alguns dias que permanecia deitado) — a viagem interior. Não é a menos longínqua, nem a menos misteriosa... Terra

desconhecida. Explorava-a com consciência... Mas donde lhe viera esta vocação, este gosto de fugir?...

Explicava a Anita, no tom alegre e zombeteiro com que adornava os seus pensamentos:

— Eu vivia nos campos. Gostava de caçar, menos pela caça do que pelo contacto com a terra e os seres vivos, animais e plantas. Amar os animais não me impedia de os matar. Quando tinha na mão a perdiz ainda quente ou que apertava o ventre do coelho para que devolvesse o seu almoço de orvalho, sentia-me mais próximo deles, talvez que de mim — do homem. Não me enternecia. Fica-se sempre satisfeito com um bom tiro. Creio que se eles estivessem no meu lugar e eu no deles, não me teriam poupado. Mas eu procurava conhecê-los e a mim. Em seguida comia-os... Porque franze o nariz? Cheira-lhe bem? Um prato de perdiz com couves, talhadas de toucinho bem dourado, é uma refeição de deuses. Creio que não a teríeis desprezado... Mas os deuses, confessemo-lo, são animais estranhos.

— Medonhos animais.

— Não julguemos! Comamos! Sejamos comidos! (Por agora, é a minha vez.) E tratemos de conhecer!... Os deuses? Ficam muito distantes. O que tenho à mão. Os animais e as pessoas... — A minha primeira descoberta foi que, desde milénios, pessoas e animais viveram muito próximos, sem fazer diligência de se conhecerem... Sim, o seu pêlo e a sua carne... Mas o que pensam, o que sentem, o que são, — as pessoas não se preocupam com isso. Não são curiosas! Não gostam de ser perturbadas. Para economizar o seu pensamento, recusam-no aos animais... Mas eis que, abrindo os olhos, descubro, pasmado, que os homens entre si não se conhecem melhor. Em vão se misturam. Cada um vive cheio de si e não se inquieta com os outros.

«Meu vizinho! se o teu ritmo se harmoniza com o meu, tudo vai bem, és meu próximo. Se se afasta, és um estranho. E se o contraria, és o inimigo. Ao primeiro concedo generosamente o meu próprio pensamento. O segundo não tem direito senão a um pensamento do segundo grau. E quanto ao terceiro, assim com ono *«Malbourough» — «o terceiro não leva nada,»* — não tem direito a nada absolutamente: nego-lhe o pensamento, assim como aos animais. (Os Boches serão homens?)... De resto *«o outro»*, seja do primeiro, do segundo ou do terceiro grau nos três casos, não o conheço, nem faço a diligência por isso. Vejo-me, ouço-me, e converso comigo. Faço como a rã. *«Mo-á!»* ... Quando me enche a paixão, ou antes o sentimento da minha importância, a rã faz-se boi, e chamo-me Nação, Pátria, Razão, ou Deus. É um estado perigoso. Voltemos ao nosso charco... O pior é que nunca soube coaxar em repouso, abotoado até ao pescoço no impermeável da minha pele. No dia em que o demónio da curiosidade (ou antes da simpatia?) me tocou, quis conhecê-los — (nunca digo compreendê-los: quem se poderá gabar disso?) — mas, pelo menos, tocá-los, apalpar o calor vivo do seu espírito, como sob os meus dedos, o corpo tépido da perdiz. Apalpei-os, saboreei-os, amando-os. Matando-os. Porque eu também matei.

— Matou! exclamou Anita, afastando-se.

— Teve que ser. Não me queira mal! Paguei-o caro!...

ASSIM se ia confiando, velando com gaulesa ironia o trágico do seu pensamento, que parecia não ter esperança, nem piedade. Era o país das sombras. Mas o sol dos vivos ria sobre a terra. O contraste tornava mais sombria a sua visão do universo. Via o erro original da criação; mas não pensava que ela pudesse ser resgatada. O instinto apaixonado de Anita revoltava-se. Acreditava no mal e no bem, e projectava-os impetuosamente do seu coração sobre a tela do espaço constelado de vida. Tomara partido na grande peleja. Se não pensava em vencer, se vencer não era o seu fim, o seu fim era combater. O que julgava mal era mal; o mal era o inimigo. E ela não transigia com o inimigo.

Mas é muito fácil combater, quando se coloca todo o mal do outro lado, e todo o bem do seu. Os olhos azuis de Germano, que acariciavam afectuosamente esta alma inflexível e violenta, abrangiam um campo de batalha muito diferente! Krichna combate contra Krichna; e não está absolutamente certo que o resultado do combate seja a vida, ou a morte, a destruição total. Germano via a incompreensão mútua, via-a universal, via-a eterna. E não tinha a felicidade de participar nela. Tinha o dom funesto de dizer sim ao seu pensamento e de não dizer não ao pensa-

mento dos outros: porque o compreendia. E estava mais atento a penetrá-lo do que a modificá-lo.

Não fora sempre assim. Tinha entrado para a vida, com o seu eu inteiro, que também não procurava compreender, mas sim prender. Os seus olhos foram-se abrindo com os dedos das decepções. Contou uma delas tranquilamente a Anita. (Com essa não sentia nenhum constrangimento! Parecia-lhe uma companheira inteligente, que conhecia a vida, que devia ter passado por experiências análogas às suas.)

Amara uma mulher, amara-a tirânicamente. Pretendera amá-la segundo o seu pensamento e não segundo o pensamento dela. O que julgara bom para si julgava-o bom para ela. Se ambos se amavam, não era como se fossem um só? Ela amou-o e cansou-se. Um dia, entrando em casa, encontrou a gaiola vazia. O pássaro tinha fugido. Algumas linhas de despedida explicavam-lhe o porquê. A experiência foi rude, mas deu resultado. Reconheceu que os outros querem ser amados, não pelo que nós somos, mas pelo que eles são...

— Que pretensão, não é verdade? Mas é preciso aceitá-la... Depois disso tenho procurado...

Germano contava a aventura, como sempre, gracejando.

— Aceitar tudo daqueles que se ama — disse Anita — não é difícil, quando é um só que paga. Mas quando são eles que o fazem ou os vizinhos, podemos aceitá-lo?

— Refere-se à guerra?

— A guerra, a paz, que importa! Esta floresta de Bondy, onde os fortes comem os fracos, e encontram outros mais fortes que por sua vez os comem!

— Não há senão fracos, acaba de o dizer. No fim de contas, serão todos comidos.

— Eu estou com esses.

— Não acredito! Creio na sua vida e nos seus belos dentes!

— Só quereria ter lábios para beijar todos os seres. Mas visto que o Inominável colocou na minha boca estas navalhas, que seja ùnicamente para defender os meus filhos!

— Eis-vos a guerra personificada!

— Não, é contra a guerra que os defendo.

— São todos como vós... Digamos: os nove sobre dez! E privado dos outros nove, o décimo nada poderia.

— Sim, a guerra pela paz... Não é isso que quero dizer... Não acredita, julgo, nessa sinistra farsa?

— Não creio. Não. Mas eles crêem, e eu respeito a sua fé.

— A sua fé? Uma máscara, onde escondem os seus instintos de maledicência, de inveja, de orgulho, de cobiça, roubalheira, pouca vergonha.

— Não continue!

— Ainda há muito que dizer.

— Que conhece de toda esta mercadoria?

— Conheço todos os artigos. Tenho-os. Conservo-os no meu cofre.

Germano calou-se um instante, para envolver com um olhar de conhecedor aquela mulher que falava de paz junto do seu leito e, no entanto, soprava o fogo. Depois, disse (não disse exactamente as palavras que pensava):

— Tendes raça. Não vos falta!... Mas, dizei-me, Senhora Judite, visto que dais aos Filisteus uma parte das vossas virtudes, não fiqueis a meio caminho e dai-lhes generosamente a outra parte, a melhor.

— Que quer dizer?

— Sim, o vosso amor, a vossa fé, a vossa sinceridade... Rejeitai estes homens, rejeitai-os por junto,

como mentirosos e malfazejos. É fácil de dizer. Ah! Se fosse assim, a vida seria muito fácil, e eles não seriam tão fortes! Veja mais de perto!

— Não os quero ver.

— Porquê?...

— Porque não quero.

— Porque os vistes.

— Vi.

— Mas vistes como apaixonada... Compreendo: é o que vos constrange para agir... Mas agir ou não... primeiro é preciso ver! Empresto-vos as minhas lentes. Olhe por elas! Depois compreenderá...

ANITA viu; teve que ver, quer quisesse ou não. Germano não lhe fez grandes discursos sobre a humanidade. Não era este o seu estilo; e o homem, em geral, pouco valia a seus olhos. Não se interessava senão pelo que passa: um ser, uma hora. O que não passa, o que não morre, era, na sua opinião, o que não vive, o que está morto.

Falou-lhe sòmente da pequena cidade e da terra. Desde a infância que amontoara nas suas pastas uma provisão de retratos a lápis no velho estilo francês: — esboços de retratos, de linhas torturadas, onde palpitava o espírito. Homens da cidade, homens do campo, os seus homens... Ah! conhecia-os bem por dentro e por fora, face e reverso da medalha! Não havia que escolher. Expôs alguns da sua colecção que Anita julgou conhecer, — desses cuja estreiteza e egoísmo a sufocavam. Desses homens e mulheres que, no dia da chegada dos prisioneiros, se haviam portado como lobos enraivecidos. No entanto tinham a sua bondade e virtudes domésticas. Sob o opaco invólucro, estas vidas pesadas não haviam sido incapazes de actos de dedicação. E cada um destes sacos de ossos, por quem nenhum Deus parecia ter morrido, carregava a sua cruz. Anita bem o sabia!

Mas carregava também a sua; e, como eles, tinha tendência para crer que só a sua era verdadeira. Via de um lado carrascos, do outro vítimas. Germano forçava-a a ver que cada um, por sua vez, é vítima e carrasco. Este gaulês incrédulo fazia surgir diante dela uma extraordinária subida ao Gólgota: um povo de crucíferários que lança a injúria e a pedra ao homem sobre a cruz!...

— Mas é medonho! — exclamou ela. — Não é possível desenganá-los? Em vez de se lapidarem entre si, unir as suas forças...

— Contra quem?

— Contra o grande carrasco!

— Diga o nome!

— A Natureza!

— Não conheço...

Germano encolheu ligeiramente os ombros. Depois continuou:

— A Natureza?... Seria mais fácil tratar com um Deus! Um Deus seria capaz de justiça... (Pelo menos há os que se comprazem em esperá-la!...) Mas a Natureza, o que é? Quem a viu? Onde está a sua cabeça? O seu coração? Os seus olhos?

— Aqui. Os meus olhos. O meu corpo. O meu coração. Sou eu e o meu próximo.

— O seu próximo? Espere!... Não, não se vá embora! Aguarde um momento!...

Entrava uma visita. Um rapaz gordo, rubicundo. Tinha a face bonacheirona dos anjos bochechudos do pórtico de Burges. Trazia o capote azul. Era um companheiro de Germano, o filho de um rico proprietário da capital de um cantão vizinho. Estava de licença e tinha percorrido cinco léguas para se encontrar com Germano. Abraçou o doente. Saudou respeitosamente Anita e pôs-se a tagarelar. Estoirava de bom humor e de saúde. Trazia notícias deste

e daquele, cujos nomes burgueses e hílares eram como de criados de comédia. Companheiros de guerra. Havia mortos. Havia vivos. O acento fanhoso e cantante do país animava a conversa. O visitante preocupava-se em atenuar a crueza das expressões aos ouvidos de Anita (respeito pelas senhoras!) Fiscalizava-se a si próprio. Quando se dirigia a ela, era de uma maneira afável, untuosa e antiquada. Sentia-se enternecido, quando falava, à boca cheia, dos seus, da sua mãe, de uma irmãzinha que adorava. Tinha o ar de uma criança corpulenta, afectuosa, bem comportada, e gorducha.

Quando ele saiu, Germano perguntou a Anita:

— Que diz a isto? Não é mesmo como a manteiga? Poder-se-ia estender no pão.

— Não há fraude — respondeu Anita. — É leite muito puro, não desnatado. Exala o cheiro das ervas que abundam nos vossos prados.

— Que diria se o tivesse visto, este gorducho, bom filho, bom irmão, bom companheiro — (dar-lhe-iam a comunhão sem confissão, e tomá-la-ia sem receio; nunca mente; puro como ouro) — se o tivesse visto como eu o vi, num dia de assalto nas trincheiras, gracejando, com a sua faca de magarefe!

Anita fez um gesto de repulsa.

— Sossegue! Nunca o verá, poupo-vos a isso, fecho a janela. Tudo está fechado. Noite lá fora. Neste quarto, só estamos os dois.

Anita, ainda espantada, dizia:

— E pode rir! Estar em paz!

— Já não se lembra de nada.

— É impossível.

— Tenho visto outros que, depois de terem feito, de dia, coisas sem nome, dormem de noite como crianças. De remorsos, nem vestígios. Acrescentemos que seriam capazes, uma hora depois, de abraçar o

inimigo, que tinham degolado! E que esquecem tão depressa o acesso de bondade como outro qualquer. É muito difícil pôr as coisas de acordo; não têm tempo. É preciso guardar todas as forças para o instante presente, viver conforme as circunstâncias, aos pedaços, ao acaso, e sem seguimento, como um *puzzle* extravagante...

— Desgraçados!

— Não os lastime. Passam bem.

— É a mim que lastimo neles.

— Sempre o velho egoísmo! Guarde para si o seu *eu*, e deixe-lhes «o deles»!

— Não, não posso acreditar que seja a sua verdadeira natureza...

— «*Homo additus naturae*...» A natureza, edição revista e aumentada pela sociedade... Parece que a guerra é o exercício normal de um instinto natural, consagrado pelo uso. E quem sabe? É talvez também um exutório das forças destruidoras que estão depositadas no ser: depois de as ter satisfeito, sente-se novamente tranquilo.

— Você?

— Não estou em discussão. Estou riscado do quadro.

— Não! É a si que quero ouvir.

— Ainda não! Espere um pouco mais! A vez de Germano Chavannes virá... E primeiro, para o conhecer, tem que ver pelos seus olhos.

— Queria-o ver por dentro.

— Paciência! Bem a tenho tido!... Imagine a que foi precisa para aquele que se vê preso na rede, e não tem dúvidas sobre quem lha lançou!

— Se é assim, como se pôde associar ao combate?

— Podia responder-lhe: «Não me consultaram...» Mas se me tivessem consultado, seria a mesma coisa: teria escolhido a rede. Não quero lisonjear-me: o

que penso hoje, não o pensava então. Este dom deplorável que tenho, de ser poroso, que faz que filtrem em mim as almas dos estranhos, muitas vezes me tem feito esquecer a minha. É-se francês, vive-se em conjunto, tem-se curiosidade dos outros, pensa-se em voz alta, como dois, como vinte, como mil; e não se é mais, para qualquer eco, que uma caixa de ressonância. Não pode, ninguém poderá imaginar o maravilhoso entusiasmo que nos agitou nos primeiros dias... O «Chant du Départ». Não era ele que saía de nós. Éramos nós que saíamos dele. Pairava, como no Arco do Triunfo, o anjo gritador de Rude. Mas cem vezes mais belo; e teríamos dado a nossa pele para a roçar pela sua. Envolvia-nos com as suas asas. Não caminhávamos, éramos levados, íamos, pairando, libertar o mundo. Era a embriaguez, como no amor, antes da união... Que união! Espantosa burla!... Tudo é burla. O amor também nos sacrifica. Aos que vierem: ao futuro. Mas esta embriaguez da fé guerreira! Qual o seu fim? A quê, a quem nos sacrifica?

«Quando, perdidas as ilusões, nos começámos a interrogar, o sacrifício já estava consumado. O corpo inteiro estava preso na engrenagem. Não restava senão a Alma. A alma vencida. Da alma sem corpo, da alma contra o corpo, que se pode fazer? Martirizar-se? Já chegam os outros carrascos! Só nos resta saber, ver e aceitar. Formou-se o salto. Um, dois... Vamos! Até ao fim! A vida não oferece bilhete de ida e volta. Uma vez que se parte não se regressa mais... E quando o pudesse fazer não voltaria só! Vive-se em conjunto. Morre-se em conjunto... Sei que é absurdo, que esta morte de nada serve. Mas salvar-se só, não! isso nunca. Sou do rebanho. Sou o rebanho.

— E o rebanho segue-vos.

— Carneiros de Panurgo.

— E quando algum de vós se recusar a saltar?

— Esse não virá dos nossos prados.

— Quem sabe!

— Será dos vossos, Anita? O vosso pequeno carneiro?

— O meu filho! Meu Deus!... não me obrigue a pensar nisso!

— Vê que não ousaria aconselhar-lho?

— Que a guerra lhe seja — me seja — poupada!

— *Ámen!* Mas não somos nós que dizemos a missa. Só nos pedem que lhe respondamos. O rito sanguinolento cumpre-se. E nós somos apanhados.

— Que essa sorte me caiba a mim. Mas não a ele!

— Aprendereis a sabedoria das boas mães da França, da Alemanha, da eterna humanidade. Submetem-se aos pés da outra, a *Dolorosa*...

— Nunca! O meu filho é meu. Defendo-o.

— Contra todos?

— Contra todos.

— E contra ele?

Anita baixou a cabeça, ofegante. Germano tocara no ponto fraco: as suas perturbações, os seus temores, as dúvidas secretas que nem a si própria queria confessar. Nada revelara. Nunca falava do filho. Germano sabia ùnicamente que ele existia. Mas o seu silêncio falava por ela. Germano fingiu não a entender.

— Conheço os nossos irmãos mais novos! Os da classe 18... E os da classe 20? Esses não serão, como os outros, constrangidos pela ilusão! Não há perigo de decepções. Aceitam a guerra como um negócio. Nada de palavriados: direito, justiça, liberdade. Trata-se de ganhar. Cada um por si. Por si inteiramente. Por si, carniceiro. *Struggle por life.*

Life por struggle.[1] O cheiro da mulher, o cheiro da glória, o cheiro do sangue. E o desprezo por tudo. O sonho do tigre desperto.

— Você é o diabo! — exclamou Anita.

— Um pobre diabo — respondeu Germano. — Levanto-me da mesa sem ter comido.

— Lamenta?

— Não. Pertenço a uma espécie que fez o seu tempo. Não me lastimo. É preciso compreender. Compreender tudo.

— Mas isso é esmagador. Compreender tudo é não agir. O meu coração não se conforma. Sou mulher. Que me resta?

— A indulgência.

— Não é bastante! Quero ajudar. Quero salvar.

— Quem? Se eles não querem ser salvos?

— Queiram ou não! Quero eu. Sei bem que nada valho, que nada posso. Mas quero tudo. Tem que ser. Quando todos os deuses e todos os diabos, e os piores diabos que são os homens, quando o mundo inteiro disser: «Não!» eu direi: «Sim!»

— Martinha quer ser batida!...

— Não se fie nisso! devolvo os golpes.

— Todos esses esforços não deslocariam um grão de poeira sobre a pedra dura do destino.

— Talvez... Não... Mas alivia.

— Já vo-lo disse: sois Bellone. O vosso nome, Ana, é um nome falso.

— É o nome da avó de Aquele que venceu a morte.

— Mas morreu.

— E ao terceiro dia ressuscitou.

— Acredita nisso?

Anita deteve-se, estupefacta:

[1] Luta pela vida. Vida pela luta.

— Nunca o tinha acreditado, antes...

— E agora?

— Não sei... Isto trespassou-me.

Germano contemplava a estranha mulher, a quem misteriosos hóspedes visitavam, inesperadamente. Sentada próximo do leito, numa cadeira baixa, inclinava a fronte sobre as roupas, como prostrada. Germano passou suavemente a mão nos seus cabelos louros. Anita levantou a cabeça. Os seus olhos estavam espantados, mas calmos. A meia voz Germano perguntou:

— Então acredita?

— Em quê?

Anita era sincera. Não sabia.

— Creio que me é preciso agir, ajudar, amar — continuou ela.

— Bem — disse Germano. — Foi para isso que vos chamei. Não o quis dizer logo. Queria ver-vos, e ver em vós. Agora, já vi. Basta de falar sobre o que não sou! Perdoe-me esta ironia com que me disfarço. Agora abro a porta. Entre, irmã Ana!

— QUANDO o fogo se apodera de um bairro e nos sentimos demasiado fracos para salvar tudo, cedemos-lhe uma parte, abandonamos o que deve arder, cortamos as pontes, isolamo-nos no torreão, onde está encerrado o mais precioso. Salva-se a vida, a vida profunda. Ou aguarda-se que, sobre as cinzas, o fogo faça desabar a habitação... Consegui salvá-la. Mas o fogo vem. Socorro, Ana!

Germano não podia impedir-se de conservar ainda o tom de gracejo, mas o acento traía a ansiedade.

Anita tomou-lhe as mãos:

— Aqui tem as minhas mãos! O que é preciso salvar? Elas o irão buscar ao fogo.

— A minha alegria, a minha fé, e o meu eu. Aquele que amo.

— Aquela?

— Aquele... O meu amigo.

— Onde está ele? Porque não vem?

— Está prisioneiro.

— Na Alemanha?

— Em França.

— É «inimigo?»

— Vós o dissestes. O meu irmão, o meu amigo.

Prenderam-mo e disseram-me: — «Esquece, e mata! É o inimigo».

— E bateste-vos?

— Nunca contra ele. Quando eu estava na fronteira, sabia que ele não estava do outro lado. Antes de partir abracei-o em França. Cá ficou.

— Prenderam-no?

— Está no Oeste, encerrado num campo de prisioneiros. E há três anos — tão perto e tão longe! — que nada tenho dele, que nada sei dele. Viverá ainda? E eu, morro...

— Não se pode obter notícias?

— Não é aqui que posso pedi-las.

— Os vossos amam-vos. Que poderiam recusar-vos?

— Não lhes posso falar nele.

— Não compreendo.

— Compreendereis um dia... De momento, encontrei-vos. Tenho o prazer de vos falar nele. Falar dele com outro que possa amá-lo, é já quase falar-lhe. Amá-lo-eis?

— Amo-o em vós. Fazei que o veja! Falai-me dele!...

— Ele chama-se Franz, e eu Germano... Germano, o francês, e Franz, o alemão!... Conheci-o dois anos antes da guerra. Habitava Paris há muitos anos. Era pintor. Vivíamos no mesmo bairro. Os nossos quartos davam para o mesmo jardim. Tínhamos passado um pelo outro, durante meses, sem nos falarmos. Uma vez, à esquina de uma rua, de tarde, distraídos, chocámo-nos. Mas só mais tarde me lembrei disso... Na corrente giratória de Paris, que arrasta os homens e as mulheres como folhas, encontrámo-nos, tocámo-nos muitas vezes ante de nos vermos. Mas basta um encontrão para descobrir que

nos vimos... Um dia um amigo comum trouxe-mo. Reconheci-o...

Tinha vinte e três anos, mas aparentava menos. Trazia ainda impressa na sua expressão a mulher, — a mãe, que perdera em criança. Um rosto terno, comovido, inquieto, entregue a todos os ventos da esperança e da suspeita. Nele se viam passar, sem transição, as sombras e a luz. Ou o confiante abandono ou o desânimo sombrio. Umas vezes todo se oferecia outras fechava-se, hostil, inacessível. Mas eu era o único a vê-lo e a procurar a causa da sua atitude. Nenhum dos que com ele haviam tido contacto se interessavam em sabê-lo. Ama-se ou não se ama. Não se tem tempo de saber quem se ama. Eu também não me preocupara com isso durante muito tempo. Mas a vida acabava de me fazer pagar caro (já vo-lo contei). Tinha aprendido, à minha custa, que não devemos amar o próximo como a nós mesmos, mas como um outro, que é, que quer ser e que se deve descobrir...

Não, ele não se parecia comigo, o pequeno estrangeiro... Foi justamente por isso!... Eu tinha necessidade dele. E ele de mim...

Fora cruelmente reprimido no seu meio de infância e de educação: escola de fidalgotes militares, clericais, com o seu rigorismo e o seu anormalismo de casta anti-social. A sua natureza feminina foi aí brutalizada. Muito fraco e muito só para reagir, teve que vergar sob a violência dos costumes e dos pensamentos. Mas ficou marcado para toda a vida, como uma rapariga que fosse ultrajada no seu pudor. Tornou-se tímido e susceptível, sem confiança em si, sem vontade, mal adaptado, misantropo, com uma necessidade ávida de amar, de ser amado, de se entregar — e a dor constante de ser iludido. Porque naturezas como esta foram feitas para que se abuse

delas. Mostram muito ingènuamente o seu ponto vulnerável. Os homens não resistem ao prazer de lhe enterrar o aguilhão para os fazer gritar. Vale mais uma pessoa não se armar do que se armar a meio...

Por morte do pai, Franz saiu do seu país de origem. Foi para Paris e ali diligenciou esquecer o mau sonho da sua infância. Mas o passado que se sofre é como uma pele de *chagrin*. O tempo encolhe-a. A carne fica martirizada. No entanto, Paris exerceu a sua atracção sobre o jovem, privado de beleza plástica, dessa beleza que é ali como um elemento natural; o seu próprio amoralismo mais a valoriza. Mas Franz estava muito habituado à vida interior, para não lhe sentir a falta à sua volta. Sofreu a ironia e a secura do coração. Tinha crenças, vacilaram todas. Contra o cepticismo e o bafo do prazer, era incapaz de se defender só. Não era perigoso para os amigos que se entretinham a desemburrar o selvagem. Nada é perigoso para os que nada tomam a sério, porque nada os prende sèriamente. Mas ele, nada podia fazer; tudo, para ele, era sério... e soçobrava, com o desgosto mortal de não poder resistir.

Foi nessa altura que o encontrei. Os amigos, boas pessoas, mas pouco delicados, que mo apresentaram, amavam-no bastante: o que, nesta espécie de homens, era uma razão para o tratar sem cerimónias. Divertiam-se com as confidências que lhes tinham extorquido, e, bons rapazes, não guardavam só para si o divertimento; toda a sua roda aproveitava. Franz era exibido na sociedade, como uma curiosidade simpática e cómica. Naturalmente, os seus «patrões» (como se consideravam) exploravam a sua complacência e a sua timidez. A senhora pedia-lhe para lhe fazer algumas compras ou levava-o aos grandes armazéns

a fim de a aconselhar e levar os embrulhos. O marido infligia-lhe a leitura das suas investigações, encarregava-o de diligências ingratas junto dos escritórios de redacção. Era o *famulus*, em quem se descarrega tudo à vontade. Em troca, poliam-no, instruíam-no, enchiam-no de conselhos que ele não pedia, roubavam os seus pensamentos, desvendavam o pudor dos seus sentimentos secretos, expunham-nos, ridículos e nus, para seu bem: seria preciso ser um ingrato para se queixar.

Franz, porém, não se queixava de nada; mas, graças a Deus, foi, para seu bem, um ingrato... Vi-o imediatamente. Sob o sorriso constrangido com que devia aceitar as palavras lisonjeiras e irrisórias que o apresentavam, li o sofrimento irritado e a sombra do desânimo. Não tive necessidade de explicações para compreender. Num relance tinha medido a distância entre o seu patrão e ele. E quando o outro acabou de falar, dirigi-me, sem responder, ao que estava calado, — com a piedade e o respeito que teria sentido pelo jovem Orestes, caído às mãos dos bárbaros de Táuride. Gostava que tivesse visto a luz que se fez nos seus olhos, logo às minhas primeiras palavras. Por elas reconheceu a língua da pátria. A pátria que sobrevive a todos os filios: a da Amizade... E este respeito, que a alma de todo o ser humano deve aos seus companheiros, mas que é tão parcimoniosa em lhes conceder, sensibilizou-o até às lágrimas... Fingi não as ver e continuei a falar, para lhe dar tempo a dominar a sua perturbação. Compreendeu o meu intento: e quando retomou o seu domínio, encetou-se a conversa, grave e terna, sob os olhos de Toc, que não percebia nada. Apenas falávamos de coisas indiferentes. Mas a voz era tudo. Ao olhar que perguntava:

— És tu?

ela respondia:

— Sou eu, irmão.

Logo que chegou a casa escreveu-me uma carta exaltada. Tornei a vê-lo só, no dia seguinte... Na verdade, eu não medira a importância que teria para esse coração ávido o impulso de simpatia que eu lhe mostrara. E ainda menos o lugar que o recém-vindo ocuparia na minha vida. Tivera, como toda a gente, duas ou três amizades; nunca, porém, lhes tinha pedido nem dado muito. Gostávamos sinceramente de nos ver ou de nos prestar qualquer serviço; mas tàcitamente conhecíamos os limites que não era prudente ultrapassar. O egoísmo dos jovens acha-os naturais. Não esperam dos outros o que os outros não esperam deles. Um francês aceita a vida e os homens, — como ele é. Nada mais. Sabe contentar-se...

Ele nunca se contentava, o jovem Orestes, que eu libertara! Nunca o soube. Não media os seus sentimentos sobre a vida. Trouxe-me uma amizade feita num molde duma espécie desaparecida. Para a ajustar à minha, foi preciso elevar-me. Não fui muito bem sucedido; mas fiz o melhor que pude, pois que ele assim o queria. Porque ele dava-me tudo. E exigia tudo... E, meu Deus, eu creio bem que tudo — pouco ou muito — tudo levou...

DEPOIS desta longa descrição, que ele tinha feito sem pressa, mais para si próprio do que para Anita — afrouxando o passo em certos momentos, para melhor os reviver —, calou-se, meditando.

Anita, inclinada para ele, abstinha-se de fazer um movimento que pudesse quebrar o encanto. Os seus olhos, que reflectiam a miragem que passava, continuavam escutando mesmo depois de a voz se calar. Germano olhou-os. Alguns minutos se passaram em muda conversa. Anita entendia-a muito bem. Um pouco constrangido, Germano continuou, como para responder ao pensamento de Anita: (parecia querer desculpar-se)...

— Não é curioso? Desde que nascemos que vivemos connosco, que nos conhecemos, julgamos... Parece uma coisa muito simples e feita duma só peça, um homem! Assemelham-se todos, têm o ar de sair do armazém já feitos, completos... Mas, pela vida fora, como se descobrem seres diferentes, sob o mesmo estofo! Quem me havia de dizer que encontraria em mim uma alma desempregada de mãe ou de irmã amorosa?... Está a rir?...

— Rio de mim — disse Anita. — Também não me faltam almas sem emprego.

— Sim, vejo algumas. Sois a pastora dum pequeno rebanho.

— Bem feliz me sinto — retorquiu Anita —, quando não são as minhas ovelhas que me conduzem!

— É preciso que cada um viva — exclamou Germano. — Deixai-as pastar!

— E o guarda campestre?

Riram ambos.

— Diabo de sociedade! — disse Germano. — Não compreende senão o Código.

E depois de reflectir um instante, continuou:

— Assim se dá com a nossa pobre amizade. Haverá coisa mais humana, quando se vê um ser que se afoga, do que entender-lhe a mão, e, quando ele a tem agarrada, levá lo nos seus braços e velar por ele? Franz fora, desde a infância, privado de toda a verdadeira afeição, e a sua formara-se por detrás de uma barragem de sofrimento. Quando me tornou a encontrar, o dique abriu-se: foi uma torrente. Quis resistir. Mas será possível recusar a oferta de um coração nobre e simples que crê em nós? Ficamos reconhecidos por essa fé, que não tínhamos. Esforçamo-nos por nos tornarmos dignos dela. E eis que esta grande afeição me fez sentir quanto, também a mim, ela tinha faltado!... Quando nunca a sentimos, habituamo-nos a viver sem ela; e, prudentemente, nada mais esperamos da vida. Mas quando ela aparece, a que faz de dois espíritos uma completa harmonia, vê-se bem que a esperávamos melancòlicamente e não se concebe como era possível viver sem ela, — a Amizade!... Mas esta descoberta só se pode partilhar com os que a fizeram. Nenhum dos meus pôde compreender as razões da nossa intimidade... As razões? Nenhumas razões! Tem-se necessidade um do outro para se completar a si próprio. Só assim se é completo... É isso que os

outros não podem perdoar! Julgam-se lesados.

— Não tenho esse sentimento — disse Anita. — Na ausência do amor, que sempre me faltou, adopto o dos outros. Todos os que se amam, amam-me.

— Que apetite! — exclamou Germano.

Anita respondeu:

— Não tenho nada para comer.

— É justamente por isso. Felizes os que nada têm, porque tudo lhes será dado!

Anita levantou a cabeça, com um ar desiludido:

— É uma frase de rico. Persuade-se o pobre de que será o mais favorecido.

Germano tocou-lhe na mão:

— Não sois assim tão pobre! O vosso celeiro está cheio.

— De quê?

— De amor para dar.

— Não sabem o que hão-de fazer dele.

— Dê-me a mim um pouco! Saberei empregá-lo.

— Aqui o tem. Em que posso ajudá-lo?

A família Chavannes não vira com bons olhos esta amizade anormal, que não assentava na comunidade de qualquer interesse social: pátria, meio, carreira, e que mostrava, bastante impertinentemente, poder dispensá-la. Já antes da guerra, achava-se de mau gosto, no círculo provinciano, esta amizade com um alemão. Atribuíam-na, como outros gestos de Germano, ao seu desejo de se singularizar. Em lugar de procurar compreender, a mândria chocarreira da terra explica pela atitude o que, entre alguns dos seus, se afasta dos usos e dos costumes. Pelo menos, até à guerra, os usos e os costumes eram, excepto no que diz respeito à chocarrice, tolerar o que não se compreendia: porque não lhe davam importância. Mas depois de 1914, adeus boa indiferença, que torna a vida suportável na sociedade! Todos se arrogam um direito de fiscalização sobre cada um; e até os sentimentos foram submetidos ao visto. Proibição de amar sem passaporte! Não era permitido confessar uma amizade alemã. Aos olhos do cunhado e da irmã de Germano, seria menos exorbitante pernoitar com um ladrão de estrada. Eram boas pessoas, sólidas e acanhadas.

A Senhora de Seigy, cujo nome de solteira era Chavannes, mais velha que o irmão, sete a oito anos,

possuía a decisão de pensamento que faltava a Germano. Não tinha o menor embaraço na escolha: sobre cada objecto tinha a sua ideia — uma só — clara e delimitada, que se lia ao primeiro olhar, sobre os seus traços firmes, desenhados de um jacto, sem hesitações: o nariz comprido e delgado, caminhando a direito ao longo do rosto — sem desviar uma linha — e quando pára está decidido: contrai as narinas. A fronte curva, sem rugas. Os cabelos repuxados, destapando as orelhas e as fontes. As sobrancelhas delgadas e arqueadas, o olhar preciso. A boca pequena: porta estreita, que parece fechar-se às palavras. O queixo gordo, mas de tecido apertado; nem uma malha bulia: não há rugas neste rosto, só as linhas rectas da vontade. Está escrito de alto a baixo: — «Inútil discutir!» — Aliás, pálida e reservada. Perdei a esperança de a irritar! Está segura de si. É como um muro. Não se discute com um muro; contorna-se: limitar e fechar é o seu papel. O que ele encerra não é para vós: domínio privado, propriedade. Cada um em sua casa, e vós de fora!...

«A sua casa» era Seigy-Chavannes, em primeiro lugar — em seguida a cidade, depois a província e a França. Do conjunto a guerra formara um bloco: a pátria. Mas Seigy estava no centro. Era presidente da organização local das Mulheres de França. Julgava-se, pois, autorizada a falar em nome de todas as mulheres. E quem diz a mulher em França, diz a casa. A Senhora de Seigy-Chavannes não era mais feminista do que a maior parte das francesas, porque têm o poder de facto: não necessitava do direito, o direito parece-lhes uma muleta para enfermos. A Senhora Seigy-Chavannes considerava-se responsável por todos os homens da sua casa. Mas eles satisfaziam bem o seu orgulho. Um tinha sido morto. (O Senhor de Mareuil), o outro era grande ferido (o

irmão); e quanto ao marido, major de artilharia, estava, há seis meses, sob a tempestade de Verdun. Não era que ela fosse Corneliana. Amava os seus Horácios. Não desejava que morressem. Tratava-os com dedicação. Se dependesse dela, teria partilhado a sua sorte. Mas não lhes pouparia nenhumas das suas provas. A França, a terra, a cidade, Seigy, têm razão. Trata-se de provar a razão pelo facto. A razão nada é sem o facto. E o *meu* direito — (justo, injusto) — é *o* direito. Todo Seigy — e a França — morrerá, antes que eu renuncie... Essa mulher pertencia à linhagem das litigantes heróicas dos tempos passados. A guerra, a vida, a morte, é um processo. Nela perderei tudo quanto tenho, mas não transigirei...

É evidente que a uma tal mulher não se vai falar dos direitos da parte adversa! Sente-se orgulhosa do seu irmão que defendeu a França e defende-o vigorosamente contra a morte que chega. Mas seria mais fácil deixá-lo morrer do que oferecer a mão a essa vergonhosa fraqueza: uma amizade alemã. Ela mostraria conhecê-la, — se isso lhe agradasse. Mas agrada-lhe ignorar. E Germano aprova. Entre eles, entendimento tácito. Quem ama hesita expor à injúria — se não das palavras (a Senhora de Seigy sabe dominar-se), mas (o que é pior!) — dos pensamentos, o nome daquele que lhe é querido.

Só a Senhora de Chavannes, a mãe, conhece a persistência da ligação do seu filho; e, como o ama, fecha os olhos, mas não o aprova; e o seu silêncio afugenta as confidências, que Germano não tenta conceder-lhe. É uma mulher de idade, que seguiu, toda a sua vida, a lei de prudência de nunca contestar as opiniões reinantes, usos ou preconceitos. Talvez que o seu coração seja livre, ou o tenha sido. Mas há tanto tempo, que agora já o não deixa

falar! Depois de uma vida activa, em que tão pouco lugar foi concedido ao coração, dá-se um cansaço moral, que dispõe à quietação e que foge ao que pode perturbar. O coração não perdeu a sua ternura profunda; mas esta ficou submergida por uma imensa necessidade de repouso. Por isso, quando aperta a mão ao seu filho doente, fá-lo tanto para saber o que ele pensa, como para lhe rogar que lhe não fale nisso.

Anita é a primeira pessoa a quem Germano pode confiar a afeição e a inquietude, que o preocupam bem mais que a sorte das batalhas. E quando Anita, admirada, pergunta:

— Mas, e a Senhora de Mareuil?

(Sente-se atraída pela jovem viúva, que se conserva à parte, e pelo seu sorriso triste.)

Germano esboça um movimento de mãos, desanimado:

— A ela, menos que a ninguém.

Não que ela não fosse boa e pura. Germano amava a jovem cunhada. Uma afeição casta, que não tem necessidade de se exprimir. Mas entre eles, um mundo...

— Olhe bem para ela! — insiste Germano.

— Já tenho olhado — diz Anita. — Parece a boa Nossa Senhora de Marthuret.

Germano sorri:

— Essa terna ave de pescoço curvado, que com os seus olhos um pouco cerrados, os seus doces olhos míopes, alimenta o Filho, acariciando o seu pequeno pé? É a sua fronte curva, o nariz delicado, o queixo comprido, o fino sorriso do olhar juvenil e dos lábios adelgaçados. Mas a tristeza estendeu o véu à sua volta. Onde está o filho? Ela procura-o. Espera-o. Está no céu. Todo o seu amor partiu. Que

resta para nós, cá em baixo? É paciente, não se queixa, cumpre o seu dever. Mas, sem o querer — (porque não deseja entristecer-nos) — mostra bem quanto isto aqui é transitório. Para ela não somos mais que viandantes.

— Que importa! Se aos que passam ela oferece a esmola do seu sorriso?

— Oferece-o, sim. Sei o preço disso. Mas não se engane, Anita, esse sorriso quer dizer: «Aceitai!»

— É a sabedoria.

— Não a vossa.

— Eu nada sei.

— «Aceitai tudo — diz ele — a sorte, a morte, o afastamento dos que vos amam!» Ela não tem ódio, mas crê que a guerra, visto que existe, é mandada por Deus; portanto respeita-a. Não permitiria — (já o haveis visto) — que a desonrassem, com a crueldade, a deslealdade, o abuso da força para com o vencido. É verdadeiramente nobre. Mas é nobre, no sentido antigo da palavra. O que foi, deve ser, será sempre. Porque o que foi — mal ou bem — tem os seus brasões de nobreza. É de raça. É de Deus. Nada fará para o modificar. A honra consiste em aceitar.

— Não aceito. Eu não sou de raça. Rejeito, ou aceito.

— Aceita então a minha causa, que está perdida!

— As causas perdidas é que me interessam.

— Derrotista!

— Nunca! Ganhar contra a sorte, aquece o coração.

— E se perder?

— Recomeçarei.

— Mas eu, Anita, tenho pressa, não posso esperar que se recomece. Não tenho, como vós, uma vida ilimitada.

— Quem sabe?

— Não. Não me alimento de quimeras. Estou sobre a terra. Não estarei cá por muito tempo. Tem que ser hoje ou nunca.

— Pois bem, jogaremos tudo sobre hoje. Eu serei a parada. Mostre-me o jogo.

ANITA comprometia-se imprudentemente. Esta mulher, que tinha necessidade de agir, que não se satisfazia com o pensamento puro, com a intenção, e que, desde o princípio da guerra, não encontrara o caminho da sua acção, — descobria-a de súbito aqui, no dom absoluto de si à causa das afeições sagradas, do amor mais desinteressado: uma amizade entre dois homens estrangeiros. A efervescência das forças que existia nela, pô-las ao seu serviço, com a sua paixão própria, cujo carácter um pouco louco não precisa dissimular.

Ela própria o reconhecia e a sua razão dizia-lhe:

— Tu o pagarás!

— Pagarei mais tarde. Agora, compro...

— Mais do que tens.

— Havemos de ver!...

Loucura! Mas quê! Sentia a necessidade de dar-se; e ela nada pedia e não esperava recompensa. Era bastante para a sua felicidade dar a felicidade, — arriscar... Arriscar!... Era jogadora... (Germano bem o notara.) Noutros tempos, teria jogado a sua vida, com entusiasmo.

E, confessemo-lo, desde o momento em que o percebeu, Germano abusou. Não a poupou mais.

Esqueceu os perigos em que a embrenhava. A doença não usa de piedade.

Anita pôs-se em marcha; e conseguiu encontrar o rasto do jovem prisioneiro. Estava encerrado num campo de concentração, próximo de Angers. Por intermédio da Agência Internacional dos Prisioneiros, em Genebra, fez seguir uma carta; e o fio de vida foi reatado entre os dois amigos. Anita enviava e recebia, em seu nome, as cartas de um e do outro. Ia secretamente buscá-las e remetê-las, a casa de Germano.

Quando os seus olhos pousaram sobre as primeiras linhas da primeira carta de Franz, não pôde arrancá-los delas; era um grito de amor que enlaçava como dois braços. Procurou desembaraçar-se; mas faltou-lhe a força: e leu até ao fim. Quando terminou, abandonada a carta sobre os joelhos, ficou ofegante, como depois de um assalto. Difícil lhe foi esconder aos Chavannes a irradiação de felicidade que a envolvia. Mas, só com Germano, tal alegria a iluminava que ele compreendeu imediatamente; estendeu as mãos para ela, e, com uma voz imperiosa, que tremia de impaciência, exclamou:

— Dê-ma!

Anita afastou-se, enquanto ele lia. O silêncio caiu sobre o quarto. Anita, de pé, junto da janela, olhava, sem ver, para o pátio sem sol. Escutava o rumorejar da folhagem, com a respiração oprimida. Depois, tudo se calou. Na rua, por detrás dos muros, um carro de bois passava lentamente. Parecia andar sem avançar. Evocava a imobilidade das planícies do Centro, o tempo parado. O grito do boieiro, um grito de ave, pairava no ar. O rodar diminuiu lentamente. As velhas paredes sacudidas retomavam a sua imobilidade. E nas almas o tempo pôs-se novamente a correr. A voz de Germano chamou:

- Anita!

Esta veio para junto dele. Estava deitado, contra a luz, com o rosto voltado para a parede. A carta conservava-se aberta sobre o leito.

— Leia! — disse ele.

— Perdão! Já li — confessou Anita.

Sem a olhar, Germano estendeu-lhe a mão.

— Tem esse direito. Pertence-lhe. — E, sem uma palavra que traísse a sua comoção, pegou numa ponta do vestido de Anita e beijou-a.

A seu pedido, daí em diante, passou a ler as cartas dos dois amigos. A onda de ternura passava por ela, tomando a sua cor própria e o seu fogo. Cada um dos dois amigos amava só por si. Ela amava por dois e por si, era a árvore onde que se encontravam as duas aves. Escutava na sua folhagem o canto da ardente amizade. Um ar novo, um céu mais puro, banhavam os seus troncos aliviados. A idade e a guerra tinham desaparecido...

Duo estranho e maravilhoso! Quando Anita fechava os olhos, para melhor o ouvir, tinha a impressão que uma das vozes era de uma rapariga, a outra uma mulher maternal. Esta tinha os braços estendidos. Aquela lançava-se neles.

O primeiro canto de Franz tinha sido de libertação perdida. Enfim, o refúgio! Sufocava, há três anos, na repugnante promiscuidade das almas e dos corpos amontoados. Ninguém tinha, mais do que ele, a repugnância aristocrática... Nunca estar só! A pior das solidões! Perde-se a si próprio!... Franz não tinha a humanidade transbordante desses corações muito ricos que espalham à sua volta o que têm a mais... Perdido, ou não... «Rebanhos, bebei ou patinhai! Se não o fizerdes, a terra beberá!...» Franz temia partilhar a sua visão da vida com olhos incapazes de a reflectir. — E, por outro lado, faltava-lhe a magnífica plenitude

dos grandes artistas solitários, que se bastam, para quem o eu é um mundo. — Ele era um terno rapaz de vinte e sete anos, que se conservava *adolescente*, e que devorava a necessidade de derramar num coração acolhedor e mais forte a fonte do seu coração oprimido. O regato é demasiado fraco para atingir o seu fim, se não encontrar o rio de amor que o leva consigo. Dá-se por egoísmo. Porque dar-se é ainda receber. É encher com o seu fluxo uma alma que abre para vós o vale... Tinha-o encontrado. Exultava.

Mas pouco durou essa alegria... Em poucos dias o seu coração impaciente não sentiu mais que o afastamento. Gritou de desejo e de privação. As suas cartas sem concisão descreviam pouco, chamavam. Sem dúvida, a censura teria proibido pormenores sobre a vida no *campo*. Mas de todas as contrariedades, era essa a que menos pesava sobre o jovem prisioneiro. O seu eu absorvente tinha pouco tempo para pensar no dos outros. Contava-se a si próprio com uma confiança ingénua, tocante, excessiva. Possuía essa sentimentalidade febril, indolente e dolente, de certas almas da Áustria, um pouco mimosas, um pouco plangentes, que a graça e a juventude justificam. O seu canto era um *lied*, em forma de rondó perpétuo, duma ternura elegíaca. O rouxinol esgotava-se, mas escutava o seu canto. O seu coração sangrava. Chorava sobre ele. Mesmo aquele que amava mais que a si próprio, era a si próprio que amava nele — o eco vivo e a resposta que recolhe, e que prolonga, o seu frágil canto.

O canto de Germano era mais firme. A sua melodia ia, dum fôlego, sem quebrar. A linha era nítida, não se ornamentava com vocalisos e trilos. Dominava-se. Falava pouco de si. Não dizia nada — quase nada — do seu estado; porque pensava no

outro, e receava alarmá-lo. Mas as suas cartas eram cheias de perguntas sobre a saúde do amigo, a sua higiene, sobre a sua conduta para com os chefes e para com os seus companheiros. Consolava, aconselhava, apaziguava, e não se cansava de repetir as suas admoestações ternas e insistentes, à criança grande, que mal as escutava. Esta insistência minuciosa era um pouco ridícula. Mas que lhe importava que se rissem? E se Anita sorria lendo-as, era por encontrar neste homem as suas próprias obsessões, essa maternidade do coração que não sabe limitar-se na sua inquieta necessidade de proteger. Descobria nestes dois rapazes a eterna mulher que existe em cada ser, e que a educação do homem sufoca; Germano coraria de o confessar, mas ela sentia-se enternecida porque lhe reconhecia a pureza.

Nada de equívoco. Uma claridade de cristal. Uma paixão tão natural e tão fatal como uma lei de gravitação. Duas almas, dois mundos, cujas órbitas estão enlaçadas à roda do sol, como um fio pelas mãos do cordoeiro. Duas solidões que se conjugam, para criar um ritmo, e respirar. A solidão daquele que não compreende nada do rebanho dos homens, que está perdido na floresta dos macacos e dos tigres, que pede socorro. A solidão do que tudo compreende, que compreende demasiado: nada lhe interessa, ninguém se interessa por ele; e que um ser, um só, tenha necessidade dele para existir, dá à sua vida um valor de redenção. O salvador salva e é salvo pelo que salva.

Mas este refúgio, um e outro, porque o não procuravam nos braços daquela que a natureza nos deu, para aí verter o fluxo ardente dos nossos desejos e dos nossos tormentos — ou para misturar os seus com os nossos? A mulher... É o seu segredo. Anita apenas o entrevê. Em Franz, é

como que um afastamento, um receio. Em Germano, talvez uma decepção precoce, um rancor (não é ele o único a conhecer este sentimento, entre os companheiros das trincheiras!) Em ambos, o instinto verdadeiro ou falso, mas poderoso, de que a mulher é um mundo diferente. Germano tem por Anita uma afectuosa estima, confia-se a ela. Mas Anita não se ilude: sabe que ele se confia, porque a mais ninguém pode recorrer; está certo da sua lealdade em o servir, mas não tem a certeza de que o compreenda. Anita adivinha que, por mais de uma vez, as palavras que ele lhe dirige passam sobre si para o amigo invisível. E quando lê as suas cartas, mede a diferença das harmonias, entre as suas conversas com Germano, que são um contraponto de motivos diferentes, cordialmente entrançados — e o duo da melodiosa amizade, onde cada nota desperta, pelas suas harmónicas, um acorde fraternal. Mas não tem ciúmes por isso. Sente-se até aliviada. Há momentos em que mais se beneficia escutando um bom concerto do que tomando parte nele.

No entanto, Anita não é apenas ouvinte — visto que é em si que as duas vozes se juntam. É a alma do violino.

A família de Chavannes não queria conhecer esta misteriosa troca de pensamentos que passavam sob os véus da mensageira.

No entanto, os olhos investigadores do pequeno enfastiado de sete anos, que espiava e sonhava, tinham percebido a permuta das duas correspondências. Nada dissera, porém, levava uma vida solitária que não dava a conhecer às pessoas grandes. Registava, sem compreender, tudo o que observava, construindo depois curiosos romances.

Acreditava numa comunicação secreta de amor entre Anita e Germano, e, como se sentia atraído por esta mulher de cabelos louros que iluminava a casa, sentia um estranho tormento no coração: detestava-a e amava-a frenèticamente.

A Senhora de Seigy-Chavannes desviava os olhos, altivamente. Não queria saber nada.

A Senhora de Mareuil nada sabia, na realidade. A sua alma leal nunca suspeitaria o que a sua concepção rígida do dever faria condenar. Estimava bastante Germano para acreditar que ele sacrificava, como ela, o coração à exigência exclusiva da pátria. E no entanto, de todos, era ela quem melhor poderia compreender a doçura imperiosa desses laços de amizade. Mas como ousaria Germano reivindicar os

direitos desse sentimento diante dela, espoliada como tinha sido daquele que amava e que, sem um queixume, oferecia estòicamente ao seu Deus a sua dor e a sua renúncia?

A Senhora de Chavannes, a mãe, era a única que possuía o segredo de Germano. Não tinham podido ocultar-lho. Via-o escrever e reler as cartas; era a sua discreta depositária. Não podia aprovar nem censurar. Observava piedosamente o filho, que a doença devastava. Não o julgava. Queria que ao menos ele tivesse esta única alegria. Temia que o segredo fosse descoberto e que entre o doente e o resto da família se desse um conflito, em que o seu coração seria igualmente pisado de ambos os lados. Porque, se pensava que a família tinha razão, a verdade é que o seu filho era seu filho. Há a lei, e o que está para além da lei.

Por mais intratável que fosse a Senhora de Seigy-Chavannes, também conhecia — sem o confessar — esse direito privilegiado que vai contra o direito. Era irmã. Via a morte no rosto de Germano e calava-se diante Daquela que chegava. Era-lhe impossível ignorar que lhe ocultavam qualquer coisa. Mas arranjava-se de maneira a que lho continuassem a ocultar. Tinha o cuidado de se anunciar, falando alto, antes de entrar no quarto do doente, para que tivessem tempo de nada deixar ver do que nunca devia ser visto.

O seu ressentimento voltava-se contra Anita, cujas visitas se tornavam mais frequentes. Não o traía, porém, senão por uma frieza glacial, sem nunca se afastar da mais restrita delicadeza. Era o bastante entre duas mulheres que sabem igualmente o que quer dizer não falar. Consideravam Anita responsável pela aventura, em que, na realidade não era mais que um instrumento. Mas aceitava sem pestanejar.

Só ali ia por Germano. O resto era-lhe indiferente.

Mas o que não podia ver com a mesma indiferença era a sua impotência em ajudar os dois amigos.

As cartas do prisioneiro sofreram uma suspensão brusca. Uma epidemia no campo, e questões de represálias, fizeram bloquear toda a correspondência, durante algumas semanas. Este silêncio inquietador tornou mais febril o estado do doente. Ter perdido a fonte, depois de a ter reencontrado, exasperava a sede. E ele estava seco, ardente como um deserto. Cada dia que passava acolhia Anita com um olhar mais exigente e furioso. Queria-lhe mal por enganar a sua esperança. Esta excitação moral agravou a doença, que, por sua vez, redobrou a excitação. Depois de um período de imobilidade aparente, a intoxicação, que parecia localizada, reapareceu com um vigor crescente, atacando os órgãos interiores. Alguns dias de melhoras enganadoras eram seguidos de uma recrudescência brutal, e nunca se sabia de que lado a destruição iria atacar, porque tomava todas as formas. Quando se julgava tê-la repelido de um ponto, surgia noutro. O incêndio devora o coração da casa. Apagam-se as chamas do lado de fora, quando saem, mas não se atinge o lar senão depois da casa arruinada. — Foi visível para todos que não se venceria.

Germano sabia-o melhor do que ninguém. Esgotava-se em lutas secretas contra o inimigo oculto e sentia-se vencido.

O seu carácter alterou-se neste combate inútil. O doente, abatido, numa atitude de perpétua defesa, não tem contemplação com os outros; o seu egoísmo é o seu recurso. Não pensa senão em si, no seu mal, no seu desejo. Numa dessas noites em que Germano, sobre a sua fogueira, assistia, impotente, ao devastar do fogo, foi acometido de um violento

desejo de tornar a ver o amigo, antes de ser consumido.

Era contra vontade que a mãe deixava Anita entrar no quarto, mas o doente assim o exigia; mas não se falavam; a visita passava-se agora numa pequena demora silenciosa. Logo que Anita entrava, os olhos de Germano investigavam-na, depois extinguiam-se desiludidos; e toda a sua força se concentrava no sofrimento. Anita procurava em vão distraí-lo. Nada o interessava, pelo que tinha que deixar as conversas em meio. Mas quando, sentindo-se inútil, queria levantar-se para sair, ele retinha-a com um gesto, com uma severa censura. E essa censura não a podia ela repelir. Acusava-se de ter feito brilhar uma esperança, que não podia realizar.

Um dia — estavam sós: a mãe fora acompanhar o médico, que, mais uma vez, tentava enganá-lo — Germano agarrou o pulso de Anita e exclamou:

— Estou perdido!

Anita tentou protestar, mas ele repetiu:

— Estou perdido. Sei-o bem. Mas antes quero, quero vê-lo.

Com um gesto de desânimo, Anita ia para responder, mas Germano atalhou àsperamente:

— Quero.

— Que somos nós para querer? — respondeu ela.

— Sois vós que dizeis isso? Vós?

Anita baixou a cabeça, acabrunhada, e ele prosseguiu com um severo rancor:

— Todos os vossos protestos! Essa jactância de mulher! Mentis!

Anita não se defendeu:

— Meu pobre amigo. Farei tudo quanto quiser. Mas como? Por que meio?

— Encontre-o! Não me deixe morrer, sem o ter visto.

— Não fale em morrer.

— Morro, sim. Não me revolto contra a morte. Nada se pode fazer. É a lei... Mas a estupidez dos homens não a aceito!... Franz está perto de mim, ele, o meu único amigo; e não hei-de ver e tocar sua mão, estreitá-lo uma última vez! Seria monstruoso!

Anita calou-se. Pensava nos milhares de desgraçados que estendem os braços, do açougue das trincheiras onde se esgota a sua vida, para o lar longínquo, onde no leito solitário se agita, insane, a angústia dos queridos... Germano compreendeu o seu pensamento e replicou:

— Que os outros se sujeitem a isso! eu, não! Não tenho senão uma vida, e só me resta um instante. Não posso esperar. Quero aquilo a que tenho direito.

Anita, com o coração apertado, continuava silenciosa; as suas mãos compassivas procuravam acalmá-lo, mas ele repeliu-a, colérico, e voltou-lhe as costas. Anita saiu.

Mas quando, depois de uma noite de luta febril, ela voltou, encontrou o doente, imóvel, e ouviu-o dizer, com uma voz triste e calma — (uma calma mais opressiva que o furor da véspera!)

— Peço-lhe perdão. Eu estava louco. Falava na justiça do meu direito Não há justiça, e não tenho nenhum direito. Infelizes dos que caem! Não têm outra coisa a fazer senão enterrar a face na terra e encher com ela a boca, para abafar os seus gritos. O verme contorce-se debaixo do pé que o esmaga. Inútil! Calo-me e não resisto mais.

Anita, colocando a mão sobre a sua fronte húmida, replicou:

— Não! É preciso resistir. Ainda não está tudo perdido. Acabo de encontrar o seu médico. Aconselha a que o levem para um sanatório da Suíça. Aqui, o ar é *muito brando, tépido, húmido, anemizante;* e a atmosfera moral não é menos deprimente: faça-se o que se fizer, aqui, está-se infectado pela guerra. Lá, com a brisa das montanhas e o esquecimento que floresce nos seus cumes, haveis de melhorar. Foi ele que me disse.

— Mentira!... Sim, ele também mo disse. Como me sabe perdido, expede-me, para estoirar longe. Livra-se de mim... Mas eu digo: «Não!» Morrerei aqui!

Anita esforçava-se por convencê-lo. Mas ele repetia:

— Não!

Cerrou os dentes, recusando falar, enterrado na sua teimosa resistência.

Anita, inclinada sobre o leito, perguntou com um sorriso triste:

— É por causa de Franz?

— Sim. Se eu saísse de França, estaria ainda mais longe dele.

— Quem sabe? — exclamou Anita.

— O quê?

Anita inclinou-se mais:

— E se, pelo contrário, fosse esse o meio de estar mais perto?

Germano agarrou-lhe os punhos, mantendo-a curvada sobre si:

— Que diz?

Ela quis desembaraçar-se; mas ele não largava a presa. As suas respirações confundiam-se.

— É preciso ir para a Suíça. Aceite, meu amigo!

— Fale! Explique-se!

— Está a magoar-me. Deixe-me!

— Não. Explique-se primeiro!

Curvada sobre a almofada, numa posição instável, apoiada com as palmas das mãos sobre o corpo do doente, para não cair, Anita disse em voz baixa e apressada:

— Escute!... Não é uma coisa certa... Depende da sorte... Não devia talvez dizer... Mas vou experimentar. Estou pronta a arriscar tudo.

Germano cerrou os punhos:

— Diga, diga!

— Pensei esta noite... E, quando entrei aqui, e ouvi falar do projecto de viagem à Suíça... Se ele pudesse evadir-se!

Germano estreitou Anita, fazendo-a cair sobre o leito, com a face contra a sua. Beijava-a furiosamente, ao acaso, nos olhos, no nariz, no pescoço. Anita, surpreendida, ficou uns momentos sem poder fazer um gesto. Depois escorregou sobre o leito, e por fim levantou-se. Germano não tinha consciência do que fizera. Erguera-se sobre as roupas em desordem e gritava:

— Fá-lo-eis evadir! Irá ter comigo à Suíça!

— Silêncio!

Germano calou-se. Perturbados, ambos retomaram alento.

Quando Anita pôde novamente falar, fez-lhe sinal para que se deitasse. O doente obedeceu e ela pôs em ordem as roupas e a almofada. Dòcilmente Germano deixava-se aconchegar sem um movimento. Depois, Anita sentou-se ao pé do leito; e esquecendo ambos o que se tinha passado — (que importava ela ou ele!) — retomaram, a meia voz, o projecto que acabava de se formar.

ANITA voltou para Paris. Encontrou o seu antigo amigo, Marcelo Franck, que usava agora um belo uniforme. Alto funcionário das Belas-Artes, regressava não se sabe de que missão em Roma, sem perigo, mas não sem glória, e encontrava-se na ocasião colocado na retaguarda, numa repartição confortável, onde se encarregavam do salvamento de obras de arte. Não punha nenhum exagero de zelo ao serviço da guerra, que considerava estúpida, isto é, natural: porque a estupidez parecia-lhe a medida normal da humanidade. Sem exagero, portanto, interessou-se pela missão de Anita.

Imediatamente a recebeu com o sorriso de secreta compreensão, o sorriso de outrora. Exibia agora uma soberba calvície; mas fazia dela uma elegância mais. O rosto era jovem, os olhos vivos, belos dentes: muito à vontade no seu uniforme de guerra bem cingido ao corpo.

Estavam ambos sós. Trocadas as palavras de cumprimento, Anita expôs, por caminhos um pouco lentos, o objectivo da sua vinda. E olhava para os dentes de Marcelo que riam. Ele deixava-a falar, amigável e distraído, e o seu olhar espraiava-se sobre ela, de alto a baixo. Anita interrompeu a sua exposição e exclamou:

— Mas não está a ouvir o que eu digo!

— Naturalmente que não — respondeu Marcelo. — Depois de tanto tempo sem a ver, a minha atenção prende-se de outra forma. Perdão! Apesar disso estou a ouvir. Sei muito bem que não vem aqui para me ver, mas sim para me pedir alguma coisa; e sei muito bem que me sentirei imensamente feliz se vo-la poder oferecer. Por isso, porque sei antecipadamente que é um assunto arrumado, entretenho-me a olhar para si e pago-me adiantadamente.

— Não me olhe de mais! Estou velha!

— *«O Verão é o rei das estações...»*

— Diga antes, o Outono.

— A mais rica plumagem é das árvores do Outono.

— Mas aprecia-se mais as flores.

— Por mim gosto das flores e dos frutos.

— Sim, sim, eu sei que gosta de tudo... Quer ouvir-me?

— Fale, sou todo olhos!

— Disse muito bem que venho fazer um pedido. Depois de tanto tempo sem nos vermos, teria vergonha que a minha primeira visita fosse para lhe pedir auxílio. Mas não é para mim.

— É indesculpável.

— Seja — replicou ela. — Quando se trata de uma pessoa por quem me interesso, ponho a vergonha de parte.

— Outro que vos interesse, ainda é um pouco de vós.

— Talvez. Nunca se sabe onde começa e acaba o eu.

— O comunismo do eu! Pois bem, o que vos pertence, pertence-me. Dividamos! Conte-me a sua história.

Anita falou-lhe do jovem prisioneiro. Marcelo conhecia-o de nome. Tinha-o mesmo visto numa ex-

posição qualquer; duas ou três pequenas obras a que não ligara grande importância. Mas um pintor, qualquer que fosse, pertencia à sua secção. Não lhe foi desagradável ostentar aos olhos de Anita a sua influência e, ao mesmo tempo, a sua largueza de espírito. Obteve para ela a licença de visitar Franz no campo dos prisioneiros.

Anita aproveitou as suas férias da Páscoa, para esta pequena expedição. Em vez de as passar com seu filho, como ele esperava, partiu para Angers. Tratava-se primeiro de examinar a situação e, antes de tudo, conhecer Franz: porque todos estes projectos futuros estavam subordinados àquilo que ele fosse.

Há tantos dias já que o via através do amor do amigo, que a perturbava a ideia de o encontrar. À força de partilhar os pensamentos de Germano, acabara por desposar a sua afeição; vinha impregnada dele; os seus olhos já não eram livres: era ele que via. Terna plasticidade do espírito feminino, que a mulher conhece, que combate e cultiva: conhece-lhe os perigos, sente-lhe as doçuras, e, desde que afrouxa a vontade, enlanguesce e abandona-se à queda.

No compartimento do caminho de ferro que se aproximava de Angers, Anita acalmava, no seu peito, as pancadas do coração impaciente de Germano.

FRANZ pouco sofria no seu cativeiro. O campo em que se encontrava gozava de uma certa liberdade. Muitos prisioneiros trabalhavam na cidade e só estavam sujeitos à pontualidade para as chamadas da manhã e da tarde. A vigilância era suave: consideravam-nos inofensivos e estavam tão longe das fronteiras que seriam incapazes de as alcançar, se tivessem a fantasia de fugir. De facto, não pensavam nisso. A maior parte desses rapazes, instalados em França, antes de 14, sofriam por estar separados dos seus parentes da Alemanha, mas não tinham nenhum desejo de voltar aos seus riscos e combates. Nisto, os pequenos burgueses do país — esse fértil país do Oeste adormecido—compreendiam-nos perfeitamente. E não se escondiam para lho dizer.

Franz estava ocupado em trabalhos de pintura. A mulher do Comandante tinha recorrido a ele. Pintava de branco as portas do seu salão, e avivava as cores rosadas das nádegas das pastoras perseguidas por amores, com que um velho discípulo de Boucher tinha alegrado o tecto. A tarefa não teria sido desagradável, se a senhora não tivesse contado, entre as suas prerrogativas para com um boche sob prisão, a de o tratar como criado. Altivo e tímido, hipersensível, o aristocrático jovem sofria com estas

afrontas, que teriam resvalado sobre a pele couraçada dos seus companheiros. Foi talvez por isso que a dama começou a exagerar. Por muito vulgar que seja, a fêmea é sempre bastante fina para ler na sua vítima, quando se trata de satisfazer o instinto de crueldade.

Franz, acabado o dia, saía de lá estropiado. Em vez de tomar uma boa baforada de ar e de cachimbo, rejeitando os aborrecimentos, com o fumo, na doçura do crepúsculo, — (o céu estava, nessa tarde, terno e quente, como a face de um damasco) — Franz caminhava acabrunhado, quando Anita o abordou.

Fez um movimento brusco para a evitar. Era para com as mulheres de uma selvajaria que se aliava à atracção. Anita chamou-o pelo nome. Sem interromper a marcha, olhou-a de lado, com o olhar turvo e a sobrancelha carregada, inquieto e irritado, como se quisessem atentar contra a sua castidade.

Anita sorriu do jovem José, que defendia o seu manto, e disse:

— É Germano que me envia...

O rapaz parou surpreendido, e balbuciou:

— Germano Chavannes...

Investigava os seus olhos. Anita fez um movimento afirmativo com as pálpebras.

Franz agarrou-lhe a mão e arrastou-a.

Caminhava adiante dela puxando-a pelo braço, como uma criança; e Anita, surpreendida, não tentava desembaraçar-se, embora pensasse no perigo de ser notada. Mas a hora era tardia; só encontraram uma pequena camponesa, que riu ao vê-los. Por uma rua transversal, Franz alcançou os campos. Um muro meio desmoronado cercava um pomar. Numa brecha protegida dos olhares indiscretos por uma reentrância, sentaram-se tão perto um do outro que

os seus joelhos se tocavam. Inclinado para Anita, sem lhe largar as mãos, Franz implorou:

— Germano?...

À claridade de regato que precede a noite, Anita sentiu-se presa por aqueles olhos de mendigo exigente que, insistindo para ela falar, a impediam de o fazer. Observava esses olhos inconstantes, que tão depressa se recusavam desconfiados, como se entregavam imperiosamente, ou de súbito se extinguiam, vagos e sonolentos. Tinha os cabelos dum castanho claro; a fronte redonda, nariz fino, o lábio um pouco grosso, uma expressão pueril que flutuava indecisa entre a esperança perpétua da alegria ou do sofrimento. Uma criança.

Comparava-o com a imagem que Germano lhe tinha transmitido e admirava-se que ele tivesse inspirado uma tal afeição...

A impaciente pressão das mãos que a prendiam lembrou a Anita a resposta que ele esperava. Falou então do amigo longínquo, interrompida por constantes perguntas, detida na sua descrição da doença pela ansiedade causada, e procurando atenuá-la, derivando do cuidado do que estava ausente para o do que estava presente e que era preciso preparar...

O clarim do campo soou; e ambos se lembraram que já era a segunda vez. Tinham que se separar. Não foi sem custo que Anita obrigou Franz a recolher ao campo, prometendo-lhe, para o dia seguinte, uma longa conversa. No momento de se separarem, libertando as mãos que ainda conservavam juntas, Franz olhou para as suas, depois para as de Anita, e exclamou:

— As suas mãos tocaram-no!...

E levando-as ao rosto, aspirou-as profundamente.

ANITA depressa reconheceu a incapacidade de Franz para combinar um plano de acção prático e a executá-lo. Não que lhe faltasse audácia: estava pronto a arriscar tudo; pelo contrário, era preciso impedi-lo de recorrer à solução mais louca e mais desesperada. Às primeiras palavras sobre o projecto de evasão, inflamou-se com uma tal extravagância que Anita não continuou, guardando para si o que tinha imaginado: a irreflexão de Franz e a sua temeridade teriam destruído todo o plano. Era preciso preparar tudo sem ele, e não lhe dar parte do que havia, senão no momento em que se pudesse agir. E mesmo assim ainda não era certo que fosse capaz de operar sòzinho. Tinha que ser guiado pela mão, passo a passo. As probabilidades já fracas tornavam-se quase nulas. — E, entretanto, Anita não renunciava. Estava presa à promessa que tinha feito, e a essa estranha paixão de amizade que a batia com a sua dupla corrente, como uma ilhota, a um confluente. A ilhota está imóvel, mas, no turbilhão, é ela que parece mover-se. Estranha à agitação, Anita sofria a sua vertigem.

Existia, entre os dois amigos, uma exaltação de espírito que perdera todo o contacto com a realidade, — um laço da antiga cavalaria criado pela alma

apaixonada contra um mundo que o nega, sob o império de uma revolta excepcional contra uma excepcional opressão. Este espírito de cavalaria tomara um carácter heróico no mais velho, o mais forte, — em Germano — que protegia o mais fraco na peleja, e que, sucumbindo, trasladara para o seu jovem companheiro tudo o que lhe restava de amor à vida. No mais novo, isolado num mundo inimigo, tomava uma cor de adoração mística pelo amigo protector, a quem o afastamento tornara quase sobrenatural, como os santos patronos sobre os seus altares. A guerra tinha dado aos sentimentos esta deformação, que os exaltava. Numa época normal, ter-se-iam mantido nessa altura média em que decorre a vida quotidiana. O perigo e a febre tinha-os elevado até às esferas que não se atingem senão pelas asas da oração. Para os corações bem formados, que estão já meio desligados da vida, a amizade, como a oração, é um dos caminhos que conduzem ao divino. Nenhum dos três que comungavam nela — Germano, Franz e Anita — acreditava em Deus. E nenhum via que, tal como Júpiter nas suas metamorfoses, Deus tinha tomado neles a forma da Amizade. Estavam cheios dele. Ardiam por se sacrificar.

Dos três, é Anita quem tem uma situação mais singular. Não sente, nem por um nem por outro, nada que se assemelhe ao amor. Os seus sentimentos pessoais não ultrapassam a piedade maternal, essa inclinação de toda a mulher bem nascida pelo ser infeliz que sofre e que tem necessidade dela, — sobretudo quando esse ser é um homem, porque a sua força quebrada tem para ela maior atractivo. — Mas na incapacidade em que se encontram Germano e Franz de se juntarem e agir, Anita participa das emoções que ambos trocam por seu intermédio; amam-se nela, por procuração. E nela delegam, só nela, toda a acção.

Pesada empresa! Não estaria louca quando de tal se encarregou? Assim o julgava, quando se encontrava só; e queria retroceder. Mas a máquina estava lançada; e cada volta da roda mais a prendia.

No comboio de regresso, que a reconduzia a Paris, Anita começou a alarmar-se. Avaliava as dificuldades quase insuperáveis e os perigos que correria. Não via nenhum meio de satisfazer os compromissos que tomara tàcitamente com os dois amigos. Era como uma formiga que procura retirar uma palha presa debaixo dum bloco. Supondo que conseguisse tirá-la, esse bloco, suspenso sobre a sua cabeça, poderia esmagá-la, com a sua presa. Mas esse perigo nunca deteve uma formiga. E talvez fosse para Anita um estimulante mais. Para uma parte de si, a que não suporta a ameaça brutal. — Para o outro eu, mais fraco, eram minutos de terror:

— Meu Deus, para que aceitei isto? Não poderei desdizer-me, renunciar e fugir? Quem me obriga?

— Eu. Assumi esse dever.

Estava só, em frente dessa montanha do Estado. Afrontava o rosto ameaçador da pátria. Sentia-se sob o pé das grandes deusas irritadas. Mas se a podiam aniquilar, não a podiam submeter. Já não acreditava nelas. A partir do momento em que encontrara, espezinhadas pelos colossos desumanos, as afeições primitivas e sagradas: a amizade e o amor — todo o resto tinha desaparecido. O resto era a força. Contra a força, a alma!

Loucura? — Seja! Mas, desse modo, loucura é também a alma. Por essa loucura eu vivo, caminho sobre o abismo, como o apóstolo sobre as águas.

ANITA chegou na terça-feira de Páscoa; só dispunha de cinco dias para estar em Paris. O indiferente Marcos sentiu com isso uma amarga decepção. Seis meses mais cedo, dir-se-ia que lhe faltava a sua vítima, a que sofria por ele. (É humano! O coração que ama é feito para que se abuse dele..)

Mas Marcos já não estava disposto a abusar. Nem tão-pouco Anita a prestar-se a isso. A situação tinha mudado. Nos últimos seis meses, Marcos purificara severamente as suas afeições: amores e amizade. Restava-lhe mais palha que trigo. O olhar tornara-se-lhe duro, singularmente agudo, sem piedade para o objecto em que pousava — ele ou os outros, não importa!... Não os olhos um pouco míopes, quentes e iluminados de sua mãe. Nem os olhos de pardal malicioso da sua tia, que debica em cada ridículo que passa, e para quem tudo serve para rir e para comer. Não era acomodatício; escalpelava o objecto e, depois da operação, nada ficava das suas amizades de acaso; Marcos encarniçava-se a desfibrá-las para encontrar no fundo do grão o verme, o vácuo ou a corrupção. — Entre esses restos, um grão tinha resistido, um só: o coração da sua mãe. Tentara também dilacerá-lo com o bico, mas não o pudera atingir. Não sabia ainda o que valia a

farinha. Mas bastava que tivesse ficado intacto, sem vestígio de corrupção, para lhe inspirar o respeito e o desejo inconfessado de lá entrar... Estimava muito Sílvia; mas era com uma ponta de desprezo afectuoso que não deixava de ser retribuído por ela. Sabia que podia entrar com a sua cumplicidade, o que ele agradecia, porque gostava que fossem injustos, em seu proveito — (com a condição que se não deixassem enganar: era implacável para com os tolos). — Mas conhecia a diferença entre Sílvia e Anita. Anita era uma alma que merecia a pena conquistar. Porque também disso estava convencido há seis meses. que sua mãe o ama, mas que não a possui. O amor materno é um instinto forte e seguro; mas Marcos quer mais: mais do que amar, — conhecer e ser conhecido, possuir o mais secreto, o melhor, não a mãe, — mas o ser. A mãe é a mesma para todos: a chocadeira anónima. Mas cada ser tem a sua essência oculta, que não se parece com nenhuma outra, e que tem o seu perfume próprio Apercebia-se desse cheiro. Queria alcançar debaixo da vagem, o grão de insenso: — «Tu que és tu, que o não és senão uma vez! Quero o teu segredo!...»

— Para quê? Para o rejeitar, após a saciedade? Os corações dos adolescentes, esses pequenos roedores, têm a avidez de possuir e nada sabem guardar. Melhor é que o tesouro que cobiçam esteja ao abrigo dos seus dentes.

O de Anita estava fora do seu alcançe. Em vão se tinha oferecido com os seus belos lábios sorridentes; ela própria não possuía a chave do cofre onde repousava o segredo do seu ser; não podia, portanto, ofertá-la. Era uma felicidade para ela. Quantas vezes na sua vida o teria desperdiçado! O refúgio inviolado tomava para Marcos a atracção de um santuário a forçar.

Contava com as férias da Páscoa para o conseguir. Impacientava-se de a ver chegar. E quando, enfim, ela apareceu, mais de uma semana perdida!... Era preciso reatar depressa a intimidade, tantas vezes oferecida por ela, e por ele recusada. Esperava que uma vez mais a mãe lhe desse ocasião para o fazer, como nas últimas férias; e, depois de se ter feito rogar, desta vez, condescenderia...

Mas Anita tinha agora o espírito ocupado por outros pensamentos. Não lhe dava ocasião para falar. Marcos tinha os seus segredos? Muito bem! Podia guardá-los. Porque ela tinha os seus; e guardava-os.

Só restava ao filho observar a «estranha» — a mais próxima dele — e a distante — a sua mãe. Procurar ver do lado de fora, através das vidraças... Não há muito tempo, era ela que queria ver, e ele que se fechava. Humilhante mudança de posições!...

Anita, porém, não se escondia...

— Olha, se queres!...

Não se ocupava dele... era o mais humilhante! Mas tinha que suportar esta afronta inocente, porque a sua curiosidade, o ímã que o atraía, eram mais poderosos que o amor-próprio.

O que o impressionava, hoje, nesta mulher, era a sua calma e a sua solidez, no meio da poeira das almas redemoinhando aos ventos. A casa parecia-se com um barco naufragado. O maquinismo despedaçado, a equipagem extenuada, o tufão nos corações. O sinal da morte estava novamente inscrito — vermelho e negro — sobre as portas. Apolline tinha-se suicidado, pouco depois da última passagem de Anita; mas esta só depois o soube. Sílvia, voluntàriamente, tinha-lho ocultado. Em fins de Novembro, fora encontrado no Sena o corpo da louca. De Alexis nenhum vestígio: desaparecera no abismo do

esquecimento... Os dois filhos Bernardin também tinham desaparecido, mas nesse outro abismo, que se chama a glória, — esses barrancos épicos, para onde, na Andaluzia, se lançam os cadáveres dos cavalos furados pelos touros. Nenhum deles tinha sobrenadado na argila do Somme, que o polegar infernal das duas artilharias tinha longamente amassado. O sofrimento caía, em cheio, sobre a família Bernardin. Alguns segundos haviam bastado para devastar a sua raça. O golpe era recente, tinha apenas quinze dias. O Sr. Bernardin, pai, como um boi atordoado, tinha o olhar cruel; o seu furor e a sua fé haviam-se entregado a um rude combate; momentos houve, em que chegou a lutar com Deus. Mas Deus foi o mais forte; e agora, o homem, esmagado, cabeça caída, confessava-se vencido.

Na noite do dia seguinte ao da sua chegada, Anita encontrou-se com um rebanho dizimado, nas caves da casa, onde o sinal de alerta de um *raid* aéreo o tinha amontoado. Já não era a animação cordial dos primeiros tempos em que, procurando-se uns aos outros, punham em comum, a fim de as multiplicar, a sua fé e a sua esperança. Apesar do esforço que se impunham para conservar juntas as formas de cortesia e a aparência de um interesse mútuo, sentia-se que cada grupo de família, e em cada grupo, cada indivíduo se isolava no fundo da sua célula ressequida. Parecia pesar sobre todos uma fadiga irritada. A mais banal troca de palavras corteses traía, pelo acento, o sofrimento agressivo. Quase todas estas pobres criaturas tinham um longo crédito de agravos, decepções, lutos e amarguras... Mas a quem apresentar o extracto das contas? Onde se escondia o devedor?... Na sua falta, cada indivíduo pagava a sua parte dos ódios.

O descontentamento cego amadurecia, por toda

a França, nesse Abril de 1917. A Revolução Russa acabava de estalar. O céu reflectia a aurora boreal. Três semanas antes tinham chegado a Paris as primeiras notícias; e, na semana precedente, no Domingo de Ramos, o povo de Paris tinha-as tumultuosamente aclamado num comício. Mas não havia chefes, não era dirigido; nenhuma acção comum: uma multidão de reacções contraditórias, de egoísmos que sofriam e não sabiam unir-se: fácil seria destruí-los. O espírito da Revolução esmigalhava-se em revoltas isoladas. Durante essas semanas de Abril os exércitos trabalhavam ocultamente. O que queriam esses regimentos, esses insurrectos, não o sabiam eles melhor que a pobre gente da casa; e os seus carrascos aproveitaram-se disso. Mas o que todos sabiam é que sofriam; e procuravam em quem se vingar.

Este ressentimento transparecia nos gestos e na voz — mais do que nas palavras — dos que estavam metidos na cave. Em lugar de juntar os seus fardos, dir-se-ia que os comparavam e acusavam o vizinho de lhes deixar o mais pesado. Bernardin e Girerd andavam ambos de luto, cada um de seu lado. E, saudando-se friamente, não se falavam. A dor tem as suas fronteiras. Eles não as transpunham.

Anita exprimiu a sua viva compaixão a Úrsula e Justina Bernardin. Essas raparigas reservadas, que nunca tinham trocado uma palavra com ela, ficaram violentamente impressionadas com esse impulso de simpatia; coraram de comoção; mas, logo depois, a timidez e a desconfiança voltaram ao de cima; e, afastando-se, meteram-se de novo sob os seus véus de luto — no seu casulo. Anita não insistiu. Se os outros precisassem do seu auxílio, estava pronta; mas ela não tinha necessidade dos outros. Não procurava impor-se a si própria, nem às suas ideias.

Em volta dela, na cave, trocavam-se frases de cruel

fanatismo. Clapier narrava a estreia do filme «*Mortos, de pé!*» que expunha os crimes alemães, com a seguinte legenda:

—«*Qualquer que seja o teu inimigo, irmão, parente ou amigo, mata! Cada alemão morto é um flagelo de menos para a humanidade!*»

A Senhora Bernardin falava com doçura a uma vizinha da Liga denominada «*Lembrai-vos!*» fundada para eternizar piedosamente o ódio ao inimigo.— Anita escutava em silêncio. Marcos espiava o seu rosto. Nada, porém, transparecia. Nada também manifestava quando Sílvia sustentava, segundo o seu costume, tiradas patrióticas de mistura com a crónica escandalosa do bairro. Anita deixava-a falar, sorria sem responder, e mudava de assunto. Não traía nada do que se passava no seu íntimo. Mesmo a morte de Apolline, essa notícia brutal, que a devia ter sobressaltado, apenas se traduziu por um clarão de piedade nos seus olhos. Marcos, a quem esta tragédia tinha abalado profundamente, irritado pela reserva da mãe, procurou comovê-la; e, muito excitado, começou cruamente a contar o que tinha visto e sabido. Anita fê-lo calar com um gesto. Só tomava parte nas conversas quando queria. Eram vãos todos os esforços para a arrastar numa discussão.— Marcos sabia-o bem. Tinham bastado algumas palavras tranquilas para lhe fazer adivinhar o seu íntimo desapego pelo que apaixonava os outros—a guerra e a pátria. Gostaria de saber mais alguma coisa... Porque não falava ela?

Marcos fora agitado pela Revolução Russa. Assistira ao comício do primeiro de Abril. Tinha ido por curiosidade, mas acabara por sofrer o contágio da multidão; com ela aclamara Séverine, e escarnecera Jouhaux. Tinha visto russos chorar, ouvindo o hino da sua Revolução; e muito embora desprezasse as

lágrimas, não achara estas desprovidas de grandeza viril. Mas não sabia o que pensar. Algumas tentativas de conversa com os Moscovitas tinham-no também chocado, confundido e irritado; a sua intolerância geométrica, a sua vaidade nacional, que transparecia sob o seu internacionalismo revolucionário, a sua ironia imperiosa para a França e para os Franceses...

— Basta!... Já ouvi de mais. .

Marcos, que não perdia a ocasião de exercer a sua ironia à custa dos seus, não gostava que a usassem por ele e contra ele... E, depois, essa familiaridade humilhante, sem cerimónia!... Marcos era aristocrata, por instinto; não se sentia tentado pelo ideal de promiscuidade com esses rebanhos de «Judéo-Asiáticos» — (é ele quem fala, o animal!...) Depois de ter-se embalado, recua; sofreu toda a espécie de reacções, das quais umas não as discute: são o que são, e ele é como é. Ditadura da pátria ou do proletariado, — apresenta-se-lhe a escolha entre duas tiranias, entre duas insanidades da razão que decide. E o seu coração não é suficientemente humano e generoso, para decidir em favor do povo, — — ainda que fôsse à sua custa. Para preferir seria preciso compreender. E não é Pitan e os seus companheiros que o ajudarão a compreender! Pitan, naturalmente, liga-se a fundo à nova jangada, mas por razões tão obscuras que afastam o pequeno Rivière, em vez de o atrair: — o misticismo da catástrofe e da destruição, o pessimismo jubiloso, a embriaguez do sacrifício...

— Vai passear! Só se sacrifica sem compreender quem nada tem a perder! Eu tenho um imenso valor a salvar: o meu eu, a minha inteligência, o meu futuro, o meu espólio... Quando me tiver apoderado do que é meu, quando tiver visto tudo e vencido tudo, então!... Então, sacrificar-me-ei na luz... Sim, tal-

vez... Mas, na noite, com uma venda nos olhos?... Obrigado, meu velho! O sacrifício das toupeiras não é comigo... Oferece-me outro morrão que não seja «o reinado do proletário!»...

Anita possuirá outra luz? Marcos tenta, em vão, descobri-la. Para a provocar, professa, diante de sua mãe, algumas enormidades... Ela parece não ouvir, e a provocação cai no vácuo. Só resta a Marcos a vergonha de ter falado. Que mulher é essa que não pensa em nada?... Pensar é, para Marcos, uma erupção de urticária, uma irritação de pele. Só a alivia coçando-se, ou roçando-a nos outros. Pensar, era sempre, para ele, um acto agressivo. Pensar, era projectar o seu pensamento, descarregá-lo sobre outra pessoa. Tem que entrar dentro dela, quer queira ou não queira!... Anita parece indiferente a que os outros pensem, ou não, como ela...

Indiferente, não, não é; mas sente, por instinto, que há pensamentos que são como os rebentos das plantas. Melhor é que amadureçam lentamente! Se precedem a hora serão queimados, à primeira volta do frio. À sua volta, naquelas almas, ainda é Inverno. Ainda não chegou o momento de saírem do seu letargo. A sua letargia adormece os seus sofrimentos, as suas dúvidas. Um despertar demasiado precoce aniquilá-las-ia.

No limiar da porta, Anita ouve vociferar Perret, o operário, no andar de cima. Discute violentamente com um camarada. Voltara com alguns dias de licença, e a alma ulcerada. Tudo quanto viu na frente, tudo o que presenciou na retaguarda: a lama das vidas, o desbarato dos bens, a perda das ilusões, a desmoralização do seu próprio lar, a rapariga que se prostitui, a mulher que se pavoneia com o dinheiro tão depressa desperdiçado como ganho nas fábricas do crime, enfureceram-no de revolta contra os com-

panheiros, contra os chefes, contra o Mundo. E no entanto obstina-se com raiva no seu «Até ao fim!» Ao camarada anarquista que zomba da sua revolta e tenta abalá-lo, grita:

— Acaba com isso, ou prego contigo no chão!... O que queres de mim? Não achas que já tenho a minha parte na carga? Terás adiantado muito, meu idiota, quando me tiveres provado que eles nos enganaram a todos, que a pátria, como o resto, não é senão uma sinistra mentira, que nos mataram por nada? Em que queres tu que eu creia? Já não acredito na revolução. Não creio na religião. Não creio na humanidade: (é mais imbecil e mais oca que o resto!) Se já não tenho a pátria, onde queres que me agarre? A única coisa a fazer é dar um tiro nos miolos!...

Anita compreende Perret. Marcos não o compreenderia...

— Que dê um tiro nos miolos!...

A juventude não se compadece com a miséria do fraco, que precisa, para viver, de trapacear com a vida. Marcos não trapaceia. E como a sua juventude quer viver, apesar de tudo, ele e os seus camaradas, anarquistas, dadaístas, vingam-se agora pelo escárnio, sem medida e sem freio, de tudo o que existe, pelo ridículo levado até à extravagância, pelo excesso do absurdo; vingam-se, pelo contrasenso, da inanidade mortífera da razão...

Há, porém, uma coisa que ele não compreende: — que a sua mãe, que é livre (iria jurá lo!) de tudo que a cerca, não tenha nenhuma necessidade de atacar para se defender. Não critica. Não julga nenhum outro pensamento. Tem o seu pensamento próprio, a sua razão, a sua casa, e aí se mantém. Construiu os seus alicerces... Sobre o quê?

Anita é mulher. O seu coração está cheio de um

pensamento apaixonado. Não sonha em estendê-lo ao Universo. O campo da sua visão está inteiramente ocupado por uma acção precisa, árdua, e limitada. Não lhe importa resolver o enigma trágico que se debate no Mundo. Esse enigma, para ela, e essa tragédia, resumem-se no dever próprio que lhe foi imposto, ou antes, que se impôs: salvar o sentimento sagrado que a ocupa — a Amizade... Nem mesmo isso!... Os dois amigos, a cuja sorte a sua está ligada. Não a generaliza à sorte dos outros homens. Tem a sua parte no destino. Essa lhe basta; dedica-se completamente a ela. Para responder a este apelo, não há respeito humano, não há lei humana que não esteja pronta a transgredir: uma lei mais alta falou...

Se cada um fizesse o mesmo, no seu domínio restrito, seria a maior Revolução da humanidade.

REGRESSOU a Paris, sem nada ter desvendado do seu segredo, — a seu filho, menos que a outro qualquer. Porque, apesar do seu desejo de se aproximar dela, Marcos, segundo o seu hábito de autodefesa, tinha tomado constantemente a atitude contrária aos sentimentos que lhe supunha: apregoava o sarcasmo humilhante contra o pacifismo que atribuía à mãe.

Ela, porém, não tinha nenhum desejo de discutir esse assunto. A paz e a guerra, não eram consigo. Era demasiado longe! Tem nas suas mãos as mãos desses dois homens que se lhe confiaram e que ela deve reunir. Não são ideias, é a vida deles e a sua. E a sua está em jogo. Jogo absurdo! Para a razão, sim. Mas o coração tem as suas razões. E o coração falou.

Na sua passagem por Paris, não colheu para o seu projecto senão uma indicação. Incidentalmente, Marcos tinha falado diante dela de revolucionários russos em França, a quem os aliados recusavam passaportes para alcançarem o seu posto de combate. Nem por isso deixavam de seguir. Falava-se também de colóquios secretos, que trocavam, por vias ocultas, os franceses opositores à guerra, que viviam na Suíça, e os seus camaradas de França. Na rede de

arame farpado que encerra o pensamento francês e o impede de respirar, algumas malhas tinham cedido, e por elas circulava, ainda, a vida empobrecida: cartas e jornais iam e vinham por esses orifícios de ratos, abertos na fronteira.

Pitan segura os fios deste perigoso brinquedo, — que só é inofensivo para os governantes; porque não são algumas considerações livres que têm probabilidade de penetrar nos ouvidos betumados e na espessa carapaça deste grande sáurio: a Nação armada. Mas dão pasto à ilusão dos que, agrilhoados, se esforçam ainda por provar a si próprios a sua liberdade. — Anita fixa o nome de Pitan. Era preciso falar-lhe. Mas não é a Marcos que se dirigirá para o conseguir.

De momento regressou para o seu lugar na província. Tinha longos conciliábulos com Germano. Levou-lhe a mensagem directa, a presença invisível do amigo. Discutem juntos o grande projecto. Anita não lhe dá parte das suas dúvidas. Não vê ainda nenhuma possibilidade. Mas que Germano não o sonhe!

Trata-se neste momento de reavivar nele a vontade de viver e de o decidir à partida: por pouca esperança que ofereça esta mudança de ar, é a última probabilidade, deve-se tentá-la. Germano estava, porém, difícil de convencer, não queria partir senão na véspera da acção, quando estivesse completamente seguro do resultado. E o projecto era ainda muito vago. É preciso todo o egoísmo da paixão, para não ver os perigos mortais a que vai expor Anita e o seu amigo. Se os via, não era já com os olhos dos vivos: a morte já lhe subia até aos ombros. A fim de o sossegar, Anita oferece-lhe entretanto o simulacro das aproximações da problemática acção. Por intermédio de Marcelo Franck,

Anita consegue que o jovem austríaco beneficie de um tratamento de favor. Afastam-no do campo por motivos de saúde. Autorizam-no a morar na cidade, sem vigilância, sob pretexto de estudos que interessam à arte francesa. Estas desigualdades de tratamento foram, na guerra, menos raras do que se julga. Tal *privat-docent* de Berlim circula sem vigilância numa cidade do Centro. Sessenta internados alemães de categoria estão numa bela pensão de Carnac, com as suas mulheres ou as suas amantes, e têm liberdade de acção numa área de cem hectares. Depois de ter passado a efervescência dos primeiros anos de guerra, criou-se a convivência, em certas regiões, com os prisioneiros, que estão em via de se integrar no conjunto da vida normal da província; estabelece-se uma ordem tácita; e afrouxa-se a vigilância. — Franz colhe as vantagens. São, aos olhos de Germano, os primeiros passos no caminho da libertação.

Instado pelo médico, pelos seus e por Anita, consente em abandonar o país. Anita fê-lo compreender que não devia demorar mais a sua instalação na Suíça, para ali aguardar o fugitivo, depois da evasão. Germano desconfia:

— Não me engane, Anita! Mais vale deixar-me morrer aqui. Seria cobardia abusar da confiança de um moribundo, para o afastar, embalando-o com promessas que se não se podem cumprir.

— Ninguém pode prometer ser bem sucedido. Mas comprometo-me a arriscar tudo, por vós. Acredita-me?

Germano acredita.

Na véspera da partida tem o pressentimento de que ela se vai perder por ele. Está quase a dizer-lhe:

— Anita, considero-vos dispensada... Renuncio...

Mas a paixão prevalece... Não! Não renuncia! Enquanto houver uma esperança!...

Mas na ocasião da despedida, pede sòmente:

— Perdão!

sem explicar porquê.

Que ela se perca por eles! Não há mais que uma hora de dia...

Germano partiu no princípio de Agosto, sob a vigilância da mãe e da Senhora de Mareuil.

Anita encontra-se novamente só, com o impossível projecto que se comprometeu a tentar.

A ocasião é a pior para uma acção secreta. O perigo aumentou. Ao relaxamento de poder, nos primeiros meses de 1917, sucedeu um regime de opressão e delação. O governo, que se tinha miseràvelmente desmoronado diante das greves revolucionárias e das insurreições da Primavera, — depois de as ver abortadas, vinga-se do seu medo e da sua cobardia. Começa a era das falsas conspirações «derrotistas» cujo sistema hipócrita se generaliza em todos os países aliados. Uma vasta fábrica de calúnias enche com os seus fétidos fumos o céu da Europa e da América. Não é uma das menores indústrias da Guerra! «Inteligências com o inimigo»: a palavra tipo, a palavra mentirosa, que autoriza todas as baixas denúncias! «*A União Sagrada Contra a Traição*», a nova liga, fundada em Setembro, cultiva estas vergonhosas doenças do ódio mútuo e da suspeita. Cada um arma-se contra o vizinho. Espia-se a própria sombra.

Durante todo o Verão, Anita apalpa, sem avançar. Tudo lhe falta. Não pode voltar para junto de Franz, sem atrair a atenção, e a correspondência é lida. Como combinar um plano com ele? E que plano? Franz não hesitaria em atravessar a França a pé:

mas no dia seguinte seria detido. É preciso ir depressa e proceder de surpresa. Franz deverá embarcar num comboio de longo curso e encontrar-se com Anita, que o acompanhará até à fronteira. Mas os comboios para a Suíça são vistoriados à partida e à chegada. E quem conduzirá Franz, da cidade onde está internado, ao comboio libertador? E quem será o seu guia através da fronteira? Uma pessoa só não chega para efectuar tal projecto. E Anita não tem ninguém a quem se confiar...

O acaso vem em seu auxílio. — Está no seu quarto em Paris, para onde veio passar as férias. Tem nas mãos uma porcelana da China, que se quebrou, uma das raras recordações que lhe ficaram da elegante decoração da casa do passado: Bolonha, onde as duas irmãs gozaram os dias de mel da primeira amizade. E Sílvia está, justamente, a seu lado. E o belo prato quebrado com o azul profundo dos Alpes no horizonte, faz ressurgir a paisagem de outrora. Sílvia dá à sua irmã a direcção de um hábil operário, que poderá reparar o estrago. E Anita reconhece o nome de Pitan.

Vai à sua procura. Tem poucas esperanças de o encontrar. Sílvia tinha-o prevenido: Pitan anda sempre em viagem, a oficina está a maior parte do tempo fechada. Anita, no entanto, dirige-se à sua morada. E, excepcionalmente, Pitan encontra-se em casa.

Fica muito admirado com a visita. Não acredita no pretexto, embora as suas grossas mãos se tornassem doces e devotas ao contacto com os fragmentos da faiança — pétalas desfolhadas da frágil flor de fogo... Mas não se vem de tão longe para um concerto. Pitan, no entanto, não manifesta pressa nem surpresa. Delicadamente, fez assentar Anita e, de pé, diante dela (de pé, pouco mais alto fica do que Anita sentada), escuta-a e olha-a com os seus belos

olhos de veludo. Este homem, em cuja vida a mulher parece não ter entrado, não sente o mais leve embaraço quando fala com uma mulher; encontra-se, muito naturalmente, no mesmo nível. O que há de infantil e de instintivo, mesmo entre as mais devassas, aproxima-as dele. Este ingénuo é capaz de ler à primeira vista os seus artifícios e os seus desejos, hàbilmente disfarçados, e de não se admirar. Nunca as censura, e mesmo, quando lhe mentem, não as contradiz; quando é «não» e elas dizem «sim», a sua cabeça, ao ouvi-las, meneia com benevolência; mas os seus olhos sérios mostram bem que entende «não»; e, perante o seu sorriso afectuoso, não pensam em se zangar. Vêem nele um camarada — nem papalvo, nem cúmplice — sincero e indulgente, que as aceita tal como são, e que as respeita tal como são.

A confiança não pode ser vagarosa em se estabelecer entre os olhos do cão em riste e as pupilas claras, janelas sem cortinas. E o nome de Marcos, pronunciado por Anita, quebra o silêncio. O rosto amarelado de Pitan resplandece na sua barba.

— Estou a falar com a Senhora Rivière? — perguntou.

Por tudo quanto sabe dela, e pelo que adivinhou, tem pela mãe de Marcos um respeito que se apressa a testemunhar-lhe.

— Conhece-me? — disse ela.

— Conheço o seu filho.

— Não se parece comigo.

— Naturalmente, não. É como todos os rapazes. Faz tudo para não se parecer com os pais. É por isso mesmo que a reconheço.

— Creio que não gosta da minha companhia. Foge de mim.

— Não corra atrás dele! A vida é como uma

pista. O melhor é esperar. Quanto mais ele se afasta de vós, mais se aproxima.

Pitan torna-se expansivo. Anita ri. Estão em terreno conhecido: Marcos.

São amigos. Depois de ter falado dele, Pitan pergunta:

— Em que posso ser-lhe útil, Senhora Rivière? É a propósito dele?

Anita corou um pouco por ver descoberto o seu falso pretexto.

— Não, não é por causa dele. Mas, na verdade, vim pedir-lhe um conselho que decerto me poderá dar. Desculpe se não fui franca antes de lho pedir!

— Compreendi logo tudo... Não tenho nada que desculpar. Com a tal União Sagrada, o que conseguiram é que andássemos todos a desconfiar uns dos outros. «Não fale! Silêncio! Cautela com quem vos ouve!...» Quando a vi chegar (confissão mútua!) também tratei de conter a minha língua.

— Eu não a prendo mais — disse Anita. — Fareis de mim o que quiserdes.

Pitan não se envaideceu. Exclamou com bonomia:

— Comigo, não há perigo. Fale, Senhora Rivière! Não somos feitos um e outro para esconder o nosso pensamento.

Sem nada ocultar, com simplicidade, Anita expôs o seu projecto.

Pitan, ouvindo-a, teve um pequeno sobressalto; mas não a interrompeu, deixou-a falar.

Quando ela acabou, tossiu e disse:

— Mas, Senhora Rivière, sabe a que se arrisca?

— Isso não importa — respondeu tranquilamente Anita.

Pitan tossiu novamente. Pergunta a si próprio que motivo pode impelir esta mulher a comprometer a

sua vida e a sua honra. Hesita em falar. Anita, porém, adivinha-lhe o pensamento.

— Diga, Senhor Pitan, o que quer perguntar-me!

— Senhora Rivière, perdão! Mas não será melhor para esse jovem prisioneiro, por quem se interessa, ficar onde está, ao abrigo, em lugar de o expor?

— Não se trata da sua segurança, nem da minha.

Pitan prosseguiu sem rodeios:

— É então o outro a quem ama?

Anita fez-se novamente corada. (Como é jovem ainda, o seu sangue!)

— Não, não é por amor, asseguro-vos, Pitan! Já lá vai o meu tempo. Não é para a minha idade. Nem me passou isso pela ideia. Só penso na sua amizade — não na que eles têm por mim: nada conto a seus olhos — na sua amizade mútua.

— E é por ela?...

Pitan não acaba o pensamento. Anita insiste:

— Acha que não vale a pena o sacrifício?

Pitan contempla-a. Como para se justificar, Anita acrescenta:

— Um dos dois vai morrer... Portanto não há que discutir, não é assim, Pitan?

Pitan não discute. Compreendeu. A própria loucura do generoso projecto é bastante para o persuadir. Mas os seus olhos fitam Anita com veneração.

— Não pode meter-se nisso sòzinha — disse ele, depois de reflectir.

— Tem que ser — responde Anita.

Pitan reflectiu ainda; depois, inclinou-se diante dela, apanhou entre os dedos um pouco da poeira do chão, e fez com ela um sinal na testa.

— Que está a fazer? — perguntou Anita.

— Alisto-me no seu batalhão... Vejamos, Senhora Rivière — (Pitan foi buscar um banco e sentou-se perto dela, para falar a meia voz) — é-vos material-

mente impossível fazer tudo, ao mesmo tempo, aqui e lá. Um auxílio não é de mais... E acrescento, tem outros deveres a cumprir. O seu filho. Não deve arriscar — se se puder fazer de outra maneira — comprometer o nome dele e o seu futuro, expondo-se à prisão. Não lho agradeceria. Eu nada arrisco, senão a mim. Um homem só, hoje, no mercado, não vale nada. Deixe-me a mim — já estou habituado — encaminhar o assunto! Afrontarei todos os riscos e perigos. O que se puder fazer-se-á.

— Mas, Pitan — exclamou Anita, comovida —, nem mesmo conhece aqueles por quem se vai expor!

— Conheço a amizade — disse Pitan. — Ambos são amigos. São todos três amigos. Somos amigos os quatro. A amizade é um ímã. Seria preciso ser mais duro que o ferro, para lhe resistir.

— O Mundo de hoje resiste-lhe muito bem — retorquiu Anita.

— Todos sabem — replicou Pitan — que o Mundo de hoje é um Mundo de gigantes. Mas nós, Senhora Rivière, não olhamos para tão alto. Somos simplesmente homens vulgares.

Discutiram o projecto. E Pitan arrogou-se, sem réplica, a parte de leão. Combinaram que seria ele que se conservaria em comunicação directa com o jovem prisioneiro. E, chegado o momento, far-se-ia o seu guia, até o entregar nas mãos de Anita, no comboio para Genebra. Por intermédio de amigos seus, ocupar-se-ia também da passagem da fronteira. Mas primeiro era preciso estudar o terreno. Nada de precipitações. Nas semanas próximas, Pitan arranjaria um pretexto para ir fazer o reconhecimento do campo dos prisioneiros; encontraria Franz, e assentaria prudentemente os primeiros fundamentos... Pitan falava de prudência, mas apaixonava-se. O risco enorme que tal acto comportava, fazendo o incorrer

num julgamento sumário por crime de espionagem e de alta traição, não o intimidava. No seu foro íntimo (Quem sabe? era talvez uma atracção...) Pitan gostava de afrontar o perigo... O lado quimérico da empresa tinha-o conquistado. Entusiasmava-se já, com a cabeça baixa, os olhos brilhantes, o nariz sobre a pista, — quando se deteve, riu à socapa, e disse:

— Desculpe, Senhora Rivière! Somos dois loucos. No momento em que tudo está feito em migalhas, as cidades e os homens, eu entretenho-me a consertar as porcelanas quebradas, e vós, a colar de novo os pedaços da amizade... É caso para rir!... Pois bem! riamos os dois! Compadre Colas disse: — «Quanto mais loucos juntos, mais sábios...» Quem sabe? Somos talvez nós, mais tarde, que seremos os sábios!...

NO dia seguinte, Pitan começou o seu trabalho de aproximação. Mas o seu ofício de paciência tinha-o ensinado a medir os movimentos. Ia passo a passo. Decorreu todo o Verão.

Quando Anita voltou de Paris para o seu posto, não se podia ainda fixar a data da acção. Mas os fios estavam ligados sòlidamente entre os três conjurados. E, no dia em que Anita entrou de novo na sua província, Pitan partia para a fronteira suíça, a fim de preparar a outra parte do projecto.

Germano, no seu sanatório de Châteaux-d'Oex, naturalmente, impacientava-se. Não podia exprimi-lo livremente nas suas cartas De mais ainda o exprimia ele, inquieto e febril como estava.

Anita escrevia-lhe.

— Quer arruinar tudo?

Então, ele obrigava-a a repetir vinte vezes a sua jura:

— ... «Jurei. Sim. Possuis-me. Moribundo, que nos arrastas! Dás pouco apreço à nossa vida... Pobre de ti! Compreendo-te... Não procuro desligar-me...»

Anita tinha recomeçado um terceiro ano de curso. Mas a situação mudara muito para ela. A casa de Chavannes estava fechada. Não perdera só a con-

vivência dos amigos a quem se tinha ligado. A sua presença era uma protecção, de que beneficiara, sem o saber. O facto de ter sido admitida na sua intimidade avivara talvez a malevolência invejosa da pequena cidade; mas essa malevolência não se podia manifestar. Agora que o escudo que cobria Anita lhe fora retirado, não tinham já contemplações a conservar. Sabia-se que a irmã de Germano, a Senhora Seigy-Chavannes, única que ficara no país, não sentia nenhuma simpatia por Anita; depois da partida do irmão, não se tinham visto mais. As maledicências ocultas puderam aparecer ao ar livre. Durante dois anos, grão por grão, como a formiga, as mulheres tinham acumulado um monte de observações pacientes e sem bondade. Cada um levava as suas ao celeiro público: depois punham-nas em comum. Aproximaram as dúvidas sobre a vida particular de Anita e sobre a sua maternidade suspeita, observações sugeridas pela frieza equívoca do seu patriotismo e pela complacência que ela tinha alardeado para com o inimigo. Sem que estivessem sobre a pista, as suas viagens do ano passado, os seus passos mal conhecidos, começavam a dar que falar. Era a altura de passar a Pitan toda a parte activa das operações, visto que os seus movimentos eram espiados. Anita, no entanto, apenas se apercebia do aumento de frieza, que, aliás, não impedia o sorriso doce e as delicadezas melífluas nas bocas torcidas.

Mas nunca faltam amigos, quando se trata de nos comunicar o mal que se diz de nós. Contar uma má notícia a alguém que a ignora, é um prazer encantador. É para seu bem! O dever encontra aí a sua justificação juntamente com o prazer.

Disso encarregou-se a Trottée galhardamente. A Trottée (viúva Trottat, ou mais exactamente, Tortral)

era a lavadeira, que tinha esbofeteado o oficial alemão, e que, tocada bruscamente pela energia de Anita, manifestara, no hospital, um arrependimento ruidoso. Tinha quarenta anos: era boa mulher, mas tinha o coração ao pé da boca, e gostava da pinga. Depois do dia memorável, fazia gala de um pacifismo agressivo, nas barbas dos polícias bonacheirões, e testemunhava por Anita uma simpatia ruidosa, que esta de bom grado dispensaria. Mas habitavam porta com porta; a Trottée tinha a sua clientela: era preciso suportar a lavadeira e o bater da roupa.

Anita concedia-lhe muito em favor da velha sogra, que vivia com ela. Não se podia ser mais diferente que as duas mulheres: a Trottée, insolente, feita à faca, de ossos largos e gorda, e com um nariz borgonhês que se mete em toda a parte; e a mãe Guillemette, miúda, calma e franzina. Tinha para cima de setenta anos. Casada em segundas núpcias com um lavrador da região de Arras, recebera durante a guerra o baptismo do fogo. Todos os seus haveres, a sua casa, tinham sido destruídos; e o velho marido morrera de desgosto. Ela, tinha aceitado. Durante semanas, encontrou-se só, sob o bombardeamento dos seus compatriotas com soldados alemães; não mostrou nenhum ressentimento, nem contra os que destruíam os seus bens, nem contra os que atraíam a catástrofe sobre a sua cabeça. Lastimava os inimigos acampados no seu país, que partilhavam os mesmos perigos, e espantou-os com a sua dignidade. Quando percebeu que todo o esforço era inútil para iludir a sua sorte e que a sua vida de laboriosas economias se tinha perdido, indicou aos seus hóspedes os esconderijos onde tinha podido dissimular o pouco que lhe restava das suas provisões, o seu pequeno tesouro; e disse-lhes:

— Tomem conta disto, meus pobres rapazes!

Contanto que lhes aproveite, enquanto têm vida! Eu já sou muito velha. Não tenho necessidade de nada.

Anita tomou conhecimento deste caso por um dos feridos alemães, que estava em convalescença no hospital, e a quem eram permitidos pequenos passeios pela cidade. Estivera em casa da Guillemette, perto de Arras, fôra um dos hóspedes de passagem; e teve grande alegria em tornar a ver a velha, por quem conservava um respeito cheio de admiração.

— Agora — dizia ele — os vossos jornais, os vossos espantalhos, Barrès e Poincaré, podem falar em nome da França! A verdadeira França, conheço-a melhor que eles!

Anita gostava de se entreter com a Guillemette, tanto quanto o permitia a terrível trombeta da nora, a Trottée. Certamente a velha, de raça fina e maneiras discretas, não tinha mais prazer em ouvi-la do que Anita. Mas no seu velho rosto apenas transparecia um sorriso malicioso que lhe emprestava um certo encanto de juventude. Não se reconhecia o direito de reclamar. Cada ave tem o seu canto!...

A frequência de Anita em casa das duas mulheres depressa fora conhecida e comentada. Das duas, uma estava desacreditada, a outra considerada como suspeita, porque, tendo estado três anos em países ocupados, voltara sem animosidade contra os Alemães, que a haviam expulsado. Não deixaram também de saber que algumas vezes, de passagem, um prisioneiro alemão se demorava em casa de Guillemette e que Anita tomara parte em uma ou duas conversas. Era uma nota mais a juntar à conta. Mas Anita, diante de quem a Trottée tinha despejado o cesto dos ditos maledicentes que lançavam sobre ela, não se importava com uma censura a mais ou a menos.

O Dia de Finados aproximava-se. Dia sagrado

Verdadeira religião dos Franceses. Todas as outras não são mais que superfluidades, tardiamente reunidas, e que passarão. A este culto, que está ligado às entranhas da terra, todos os que dela saíram, e todos os que lá entrarão, participam: os de todos os credos e os que não professam nenhum. Anita não lhe era mais estranha que a Senhora de Seigy-Chavannes, ou que a Trottée. E, chegado o dia, seguiu, quase sem dar por isso, a multidão, que ia em família visitar o cemitério.

Um pouco antes da porta, encontrou a Guillemette, coxeando. Deu-lhe o braço. Entraram ambas. Todos os túmulos estavam floridos, e as ruas limpas. Mas num canto afastado, em direcção ao muro derrubado, entre as ervas daninhas, havia terra removida, nua, sem uma coroa, com cruzes de madeira. Era o campo dos condenados. Aí estavam os mortos inimigos, que o hospital evacuava. Como eram cristãos, foi-lhes permitida a entrada no vale de Josafate, mas tinham-nos separados dos outros, precedendo o Julgamento, que separava «*oves ab haedis*».

A velha Guillemette não tinha também o seu lugar marcado antecipadamente no paraíso. Confiou a Anita:

— Tenho ali um dos meus rapazes, um pequeno loiro com lunetas. Era muito delicado. Enquanto eu cozinhava, ia ao poço buscar-me a água. Falava-me do pai, da noiva. Vou conversar com ele um bocado.

Anita acompanhou-a. A velha não podia ler os nomes sobre as cruzes. Anita ajudou-a. Acabaram por encontrar aquele que se procurava. Guillemette dizia:

— Meu pobre rapaz, estás então aí? Não foste lá muito feliz!... Mas tanto faz aqui como noutro sítio!... Vês? a tua velha não te esquece... É verdade que não pensou em trazer-te uma flor! Mas sempre vou rezar uma pequena oração por ti.

Anita deixou-a ajoelhada. Estava impressionada com a nudez fria daquelas sepulturas, — parentes pobres, esquecidos voluntàriamente pela família dos mortos em festa. Voltou à entrada do cemitério, comprou ao guarda um braçado de flores e, sem reflectir no que o seu brusco impulso podia ter de ostensivo aos olhos dos que a viam passar, voltou para os mortos envergonhados, debaixo da terra despida, e aí semeou as suas flores. A velha acabava tranquilamente as suas orações. Anita tomou-lhe o braço e retiraram-se.

Só então notaram que na orla do terreno maldito um grupo as observava. Mulheres do povo, os respectivos filhos e pequenos burgueses, apontavam-nas, falando com animação. A alguma distância mais atrás, duas ou três senhoras seguiam a cena de parte. Quando Guillemette e a sua companheira, para passar, tiveram que atravessar esse grupo, não o fizeram sem encontrar espinhos. Uma mulher exclamava:

— Ir levar as nossas flores a esses devassos!

O sangue de Anita pôs-se a ferver. No entanto esforçou-se por se calar, e passou com ar altivo. Ninguém ousou apostrofá-la. Mas, com Guillemette, não tinham que se constranger. Injuriaram-na:

— Velha porcalhona! Vendida!

— Na verdade! — dizia a bisbilhoteira. — Como se não se soubesse das suas negociações com os Boches!

A velha sorria docemente... «Bonitas negociações! Tudo perdera!...» Anita não teve a mesma prudência. Tomou a defesa, atacando, conforme o seu costume. Disse que era ignóbil não saber calar as suas perfídias diante da morte, e que, debaixo da terra, todos eram iguais: que nenhuma diferença existia entre os que repousavam num ou noutro campo! — Protestaram. Levada ao extremo, declarou que res-

peitava tanto os mortos alemães como se tivessem morrido pela França: todos sacrificados e todos vítimas, igualmente...

Anita dissera o bastante, para que os três jornais locais, das três cores, desde o vermelho ao branco, lhe prestassem as suas homenagens, no número do dia seguinte, num artigo virulento, que relatava as palavras escandalosas duma professora da Universidade, funcionária do Estado, e chamava sobre ela as sanções do Governo.

O resultado não se fez esperar. Anita foi chamada à presença do reitor. É um inquérito sumário, cujo rigor ela não tentou atenuar, determinou a sua suspensão de professora. Anita não replicou. Fez a mala. Sentia-se cansada.

Aliás a hora da acção tinha soado. Precisava de ter as mãos livres.

PITAN estava pronto. O seu plano chegara ao momento preciso. Tinha verificado, no próprio local, todos os pormenores. Encarregou-se de ir buscar Franz ao seu campo e de o conduzir ao comboio, onde Anita o guiaria até à última estação antes da alfândega francesa. Aí, um amigo de Pitan viria receber o pássaro e, por caminhos desviados, conduzi-lo-ia à fronteira. Por um singular acaso, aí se encontrava um albergue, instalado sobre os dois países: uma porta dava sobre a França e a outra para a Suíça. Era fácil passar. O mais difícil de executar era a parte que Pitan reservava para si. Anita fora poupada. No entanto, o seu papel não era desprovido de perigos. Tinha que comprar em Paris dois bilhetes para a Suíça; ora, para os obter, era-lhe preciso apresentar no «*guichet*» da estação dois passaportes, regularmente carimbados com o destino e as datas fixadas. Pitan tinha-se comprometido a arranjar um passaporte, cujos sinais correspondessem aos de Franz. Mas, por uma razão ou outra, Anita nada recebera. O tempo fugia. O dia fixado aproximava-se. Anita decidiu-se a pedir ela os dois passaportes, um em seu nome, outro no do filho. Era uma ideia louca. Marcos não tinha a idade de Franz, e não se parecia com ele. Mas não se podia esperar

mais. Arrisquemos tudo por tudo! Anita contava, aliás, não utilizar o passaporte senão para retirar o bilhete.

Não lhe foi difícil obtê-lo, em Paris, por intermédio de Marcelo Franck, — quando a esse tempo, muitos outros, com mais direito do que ela a fazer a mesma viagem, perdiam semanas a mendigar uma autorização, que acabava por se lhes recusar! Belos regulamentos! Só com os inocentes se fazem valer. A única desculpa de Anita é que nem ela própria tinha a consciência da sua sorte. Quando queria uma coisa, queria-a tão fortemente que lhe parecia natural que ela se realizasse, e a sua convicção comunicava-se àqueles de quem dependia a realização. O pretexto invocado no caso presente era a saúde do seu garoto, que ia levar à Suíça. Marcelo não tomou mais informações, e ocupou-se das diligências.

Anita deixou a sua província, na véspera do dia combinado com Pitan. Preparara as coisas para que os dois factos se sucedessem imediatamente. Durante este curto lapso de tempo, não se fixou em ponto algum, como o pássaro sobre o ramo; e escapava à vigilância, aos olhos da província e aos de Paris. Porque nem aos seus ela deu a saber a sua passagem por Paris. Sílvia sabia ùnicamente que a irmã fora destituída do seu lugar, e tomara conhecimento da causa; mas ignorava a data da sua chegada Anita não se demoraria em Paris, senão o número de horas que lhe fossem necessárias para os preparativos da expedição; e esperaria o seu êxito, para se anunciar à família. (Se falhasse, depressa o saberiam!)

Chegou, pois, sem que ninguém o soubesse, na tarde de 9 de Novembro, depois do cair da noite; e alojou-se num pequeno hotel, na vizinhança da gare do P.-L.-M. A sorte ainda a favoreceu. A fronteira franco-suíça estava constantemente fechada des-

de o fim de Outubro, em seguida aos desastres italianos. Ainda o estava em 9 de Novembro. Em 10 reabriu — dizia-se, por vinte e quatro horas. Era o dia fixado. Anita, febrilmente, passou a manhã e quase toda a tarde em formalidades, expectativas, demoras intermináveis na Prefeitura da Polícia, e nos Negócios Estrangeiros, para retirar os passaportes e fazê-los visar; e comprou na gare os bilhetes do caminho de ferro. Depois que isto acabou, — (o dia de chuviscos, sem luz, declinava) — Anita voltou para o hotel, a fim de repousar, prevendo a noite aventurosa. Mas o quarto estava gelado. Anita atormentava-se, agora que nada fazia. A fadiga dispunha-a a ruminar, o que poderia fazer falhar a expedição: a fuga de Franz não seria logo notada? Chegaria a tempo à passagem do comboio? A ela própria deixá-la-iam passar daí a pouco com os seus dois bilhetes?... Silêncio! Depois veremos... Cada hora tem a sua acção! Silêncio ao pensamento!... Lembrou-se que não se tinha munido de provisões de boca: Franz chegaria extenuado... Tornou a sair por alguns instantes.

Passava das quatro horas. A luz do dia apagava-se. Um sopro húmido e mole pesava sobre a cidade. O corpo era trespassado por uma chuvinha igual e constante, que saía da calçada e das paredes das casas, como do céu invisível. Paris jazia debaixo do nevoeiro, como uma pessoa adormecida debaixo dos seus cobertores. Não se via a quatro passos de distância. Do véu molhado emergiam bruscamente os transeuntes com quem se cruzava, e que tornavam a mergulhar na nuvem. Para quem não queria ser visto, era uma segurança, mas era também uma armadilha...

E de súbito, o disco de bruma foi atravessado por uma jovem cabeça estupefacta, por um grito; e

ao mesmo tempo que o coração de Anita o reconheceu, uma mão mais rápida agarrava-a pelo braço; e, diante dela, Marcos exclamava:

— Mãe! és tu!...

Anita ficou muda de surpresa... Era a última pessoa que ela esperava encontrar!... Ele olhava-a feliz e curioso. E, sob o guarda-chuva de Anita, beijou-a. Os seus lábios e as suas faces estavam molhadas pela chuva. Anita, pouco a pouco, foi tomando posse de si. Entretanto o rapaz perguntava:

— Estás então de volta? Vens para casa?

Ela respondeu:

— Não. Estou de passagem.

Marcos, admirado, exclamou:

— Como!... Não ficas esta noite?

— Não, parto hoje ainda.

Marcos não compreendia:

— Quê?... Tornas a partir hoje?... Para onde, porquê, quando, por quanto tempo?... Desde quando estás aqui?... Vens de passagem? E não me avisaste!

Anita dominara-se novamente:

— Perdoa-me, meu filho! Mas eu própria não o soube senão no último momento.

Marcos continuava com as suas perguntas, com uma insistência irritada.

— Explicar-to-ei mais tarde. Aqui, não se pode, na rua, debaixo de chuva.

— Pois bem, entremos em nossa casa! Tens tempo, até à noite.

— Não, tenho que voltar já para a estação.

Marcos, irritado, observou-lhe:

— Pois bem, acompanhar-te-ei até ao vagão.

Anita devia voltar ainda ao hotel e não queria que o filho o soubesse. Não podia confiar-lhe o seu plano. Por mil razões! Ele não devia estar compro-

metido neste assunto. E que pensaria ele? Não tinha nenhuma confiança no seu carácter; julgava-o incapaz de compreender as suas ideias, e hostil. Não, ela não podia falar! Estava em jogo outra vida. Mas não falar era autorizar todas as suspeitas. Já as tinha despertado. Que imaginaria ele da sua passagem clandestina? Anita corava diante do filho.

— Volta para casa, meu rapaz — disse. — Chove cada vez mais. Ficas todo molhado.

Marcos encolheu os ombros:

— Tu não vieste sem embrulhos. Onde os deixaste? Vou eu buscá-los e trazer-tos.

— Não preciso de ninguém.

Ele sentiu a ofensa, mas fingiu não compreender. Queria saber aonde ia a mãe.

— Tens o teu bilhete?

Anita não respondeu. Ele tomava-lhe o passo. Percebeu que a espiava. Por mais que procurasse uma razão para lhe dar, não a encontrava. No canto de uma rua, parou e esforçou-se por tomar um tom autoritário:

— Separemo-nos aqui!

Ele repetiu teimoso:

— Na estação.

— Peço-te que me deixes — intimou Anita.

Marcos, porém, continuou a caminhar. A irritação tomou posse dela. Agarrou-o pelos ombros.

— Basta. Proíbo-te que me sigas.

O rapaz parou como se fosse esbofeteado. Anita sabia que ele não lhe perdoaria a ofensa. Mas começara, tinha que ir até ao fim, porque era o único meio de o afastar. Marcos, ferido, tornara-se injurioso:

— Que vem então fazer? Desconfia de mim?

— Sim.

Marcos voltou costas.

— Dá-me um beijo de despedida! — gritou a mãe.

Ele não se voltou, e, com as mãos nas algibeiras e os ombros encolhidos raivosamente, afastou-se, ulcerado. O véu do nevoeiro tornou a envolvê-lo.

Anita, que ficara um instante imóvel de comoção, lançou-se no seu encalço:

— Marcos! .. Meu Deus!...

Mas já ele tinha desaparecido.

Anita correu, chocando com os transeuntes no nevoeiro. Queria dizer-lhe:

— Perdão!... Depois te explicarei... Espera!...

Mas era demasiado tarde! Marcos estava longe. A noite, e o nevoeiro, tinham-no tragado. Passados instantes, Anita voltou para trás. Tinha que pensar no outro. O outro não podia esperar.

A questão da partida impediu-a de pensar mais tempo em Marcos. Tinha que fazer carimbar dois bilhetes, à entrada da estação. Mas os empregados filtravam os que entravam, um por um. Havia nove probabilidades sobre dez de não quererem picar senão um bilhete. Pela terceira vez a sorte estava com ela. Uma família acabava de passar. Pai, mãe, três crianças, uma ao colo do pai, a outra pela mão da mãe. A terceira, uma pequena de doze anos, ficou um pouco atrás. Anita tomou-a pela mão, sorrindo, e estendeu os dois bilhetes ao empregado que, distraído, não percebeu a troca. Ela tinha passado, dizendo palavras afectuosas à criança, que entregou aos pais.

Acumularam-se nos vagões. Os compartimentos estavam já cheios. Anita ficou de pé no corredor. Depois de muito tempo, o comboio partiu dentro da noite com todas as luzes apagadas, com receio dos aviões inimigos, de que se assinalava a incursão ameaçadora. O comboio parou na escuridão dos campos. A chuva persistente caía, sobre o tejadilho e nos vidros. Não havia o mais leve movimento. Era como se estivessem esquecidos no meio dos campos. Estava húmido e frio. Anita adormeceu de pé, apertada entre a parede e os vizinhos que a comprimiam. Sentia os joelhos e os artelhos doridos.

Morria de fadiga. Sonhou — um sonho entrecortado pelos solavancos do comboio que tornava a partir —, caindo depois noutros sonhos.

Sonhou com Marcos e Franz. Estava no quarto, — no seu quarto de província. Franz tinha vindo ter com ela. Iam partir ambos Fechavam as malas. Estavam prontos... A porta abre-se... Marcos... Franz desaparece no quarto ao lado. Mas Marcos viu-o. Tem o seu mau sorriso e a expressão fechada. Oferece-se para o acompanhar. Mas Anita sabe que ele quer entregar o prisioneiro, e, ao vê-lo dirigir-se ao quarto para onde Franz se retirou, Anita barra-lhe a porta. Marcos, desesperado, exclama:

— Deixa-me, minha mãe! Quero ver Franz. Temos que conversar.

Anita grita-lhe:

— Sei o que queres. Mas não passarás!

Desafiaram-se, cara a cara. Marcos espantava-a. O seu olhar irónico tinha um clarão cruel, e, afastando aquela que lhe impedia a passagem, exclamou:

— Hei-de-o apanhar, o teu amante!...

A indignação e o medo fazem surgir no cérebro de Anita um furor sem nome. Encontra-se com uma faca de cozinha na mão; e, um segundo depois, a faca ia ferir...

No esforço convulsivo para se arrancar ao seu crime, encontrou-se de pé, na noite do vagão. Ofegante, cheia de horror e de vergonha, sufocava... O insulto feito por seu filho, a desonrosa suspeita que os aviltava — (ele, ela, era o mesmo!) — o sopro de morte, acabrunhavam os seus membros que tremiam. E dizia para si própria:

— Será possível? Será possível que eu tenha concebido este pensamento, que isto estivesse em mim?...

Julgava-se duas veves criminosa para com seu

filho: pela suspeita infame, e pelo seu atentado. No entanto não podia impedir que o seu pensamento insistisse:

— Se as coisas tivessem chegado a esse ponto, lê-lo-ia matado?

A ideia de que falara muito alto e de que os seus vizinhos tivessem podido ouvir, gelou o seu delírio. Dominou-se, calcou os soluços que lhe subiam à garganta. E o rodar do comboio na noite reapareceu... Não! Ninguém reparara na sua febre. Cada um tinha a sua. E nas trevas protectoras, enxugou as lágrimas que a queimavam. As conversas dos dois vizinhos lançaram-na na acção.

Diziam que o comboio tinha mudado de trajecto, e que seguira pela esquerda, em vez de tomar a linha do Bourbonnais. Anita tremeu. O encontro estava perdido!... Com a fronte colada aos vidros, os seus olhos pesquisavam sem ver as massas de sombras que fugiam, e não reconhecia o percurso. Mas, à primeira paragem, teve um sobressalto. Era a estação convencionada...

Olhou... Dois camponeses. Alguns soldados. Não viu a pessoa que esperava. Ficou certa de que a combinação tinha falhado. Roída de angústia, tratou de percorrer o corredor dos vagões. Mas a custo se podia circular, entre os corpos amontoados... O comboio retomara a sua marcha, depois, parou de novo, entre estações, por causa de trabalhos na via; e, de novo, as luzes se apagaram. Às cegas, de cabeça baixa, Anita esforçou-se por subir a corrente coalhada; encontrou-se presa, sem poder avançar... O comboio pôs-se em marcha, a luz reapareceu; e Anita viu, à luz baça do candeeiro — de pé junto dela, no corredor, aquele que procurava!... Face a face... Na alegria que os iluminou, as suas bocas uniram-se... É demasiado o que têm para dizer! O

espírito desfalece, e o corpo fala... O irmão perdido encontra a irmã...

Julgava-se abandonado, sem esperança, incapaz de saber aonde ir, ignorando quando devia descer, para onde se dirigir; sentia-se enlouquecer. Anita apareceu-lhe como um anjo enviado dos céus. Estreitou-a a si como uma criança. E ela, feliz, chocava-o, como a galinha os seus pintos. Um junto do outro, contaram-se em voz baixa, por meias palavras, a sua temeridade. Pitan, astucioso, tinha evitado a ratoeira da estação; conduzira-o, através dos campos, até ao aterro onde os trabalhos obrigavam o comboio a parar; e lá, na noite escura, Franz subiu...

Uma hora mais tarde mudava-se de comboio. Revisaram-se os bilhetes. O maior perigo estava passado. Restava ainda o salto perigoso pela fronteira. Mas a confiança voltou aos seus corações. Presentemente, Franz não duvidava de nada. Sem transição, tinha passado de um extremo ao outro.

E a sua alegria de criança grande contagiara a companheira. Anita já não pensava na sua fadiga, nos seus cuidados, nos seus maus sonhos, no seu querido filho, nem nos cabelos brancos da sua cabeleira. Muito excitados, rindo, falando, eram como dois estudantes que se divertissem com uma boa farsa. Faziam de irmão e irmã. Franz entretinha-se mesmo com uma brincadeira que inventara sobre o seu ofício de relojoeiro e sobre os seus vizinhos de nomes extravagantes numa pequena cidade do Jura suíço. Quem soubesse a verdade e os visse rir, julgá-los-ia loucos. Mas os seus nervos tinham sido muito provados e havia muito tempo, depois, para a dor! ..

Acabaram por adormecer conversando. E, bruscamente, a cabeça de Franz apoiou-se no ombro de Anita, e sobre os cabelos de Franz tombou a face adormecida de Anita... Mas no meio de um sonho

sedoso como a sua almofada, o dever despertou-a:

— «Levanta-te!...»

(Ela resistia...)

— «Levanta-te! Estão a bater...»

— «Quem?»

— «Alguém que tu amas!...»

(Ela viu Marcos; mas designava a sua imagem por uma série de nomes diversos.)

— «...Perseguem-no. Levanta-te! Abre!...»

Anita fez um esforço, e recaiu como nas almofadas do seu leito. Depois, retomou a respiração, e saltou da cama. Os seus olhos abriram-se. Era dia. O comboio acabava de parar. Era aí que Franz devia descer.

Acordou-o precipitadamente. Desceu com ele. Entraram no bufete, como estava combinado. Um camponês grisalho veio sentar-se à sua mesa. Era plácido e vagaroso, tanto no seu falar como nos seus movimentos. Pediu notícias de Pitan. Ambos beberam café. Ao fim de um instante, os dois homens pareciam ter vindo juntos da terra para saudar Anita, à passagem. Despediram-se e dirigiram-se para o balcão. O camponês conhecia os caminhos e as pessoas. Trocou tranquilamente algumas palavras arrastadas com o dono do bufete. Depois saiu, sem se apressar, por uma porta do lado. Franz levava um cabaz de cervejas que acabava de comprar. Anita tornou a subir para o vagão. O comboio partiu.

Pelo vidro do compartimento, sob o céu apagado, entre os campos brilhantes de neve, que cercava a dura barreira dos montes, Anita distinguiu a estrada branca, onde se afastava, procurando uma fenda na sebe das nações — esses cárceres —, uma carripana que levava o amigo para o amigo moribundo.

FIM DO 1.º VOL. DE «MÃE E FILHO»

NOTA DO AUTOR

O autor solicita ao leitor que suspenda o seu juízo sobre este livro, até à leitura do segundo volume de **Mãe e Filho.** *Razões de ordem material obrigaram a dividir-se a obra em dois volumes. A acção, porém, é una.*

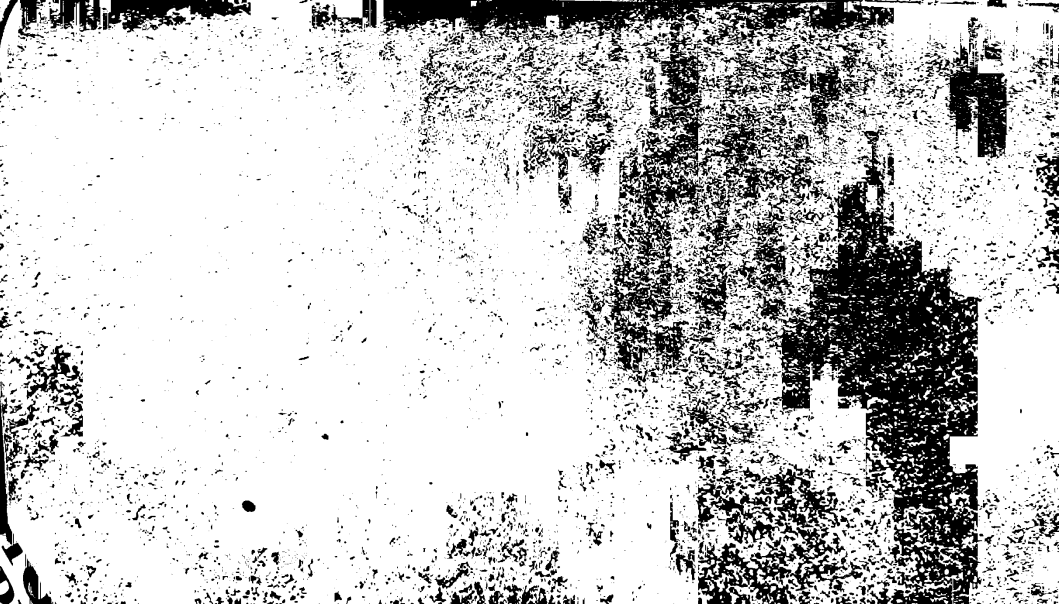
ESTE LIVRO FOI COMPOSTO
E IMPRESSO, PARA A
PORTUGÁLIA EDITORA,
NA CASA TRIUNFO, EM
SANTIAGO DO CACÉM

ALMA ENCANTADA

III

MÃE E FILHO

★ ★



ROMAIN ROLLAND

ALMA ENCANTADA

III

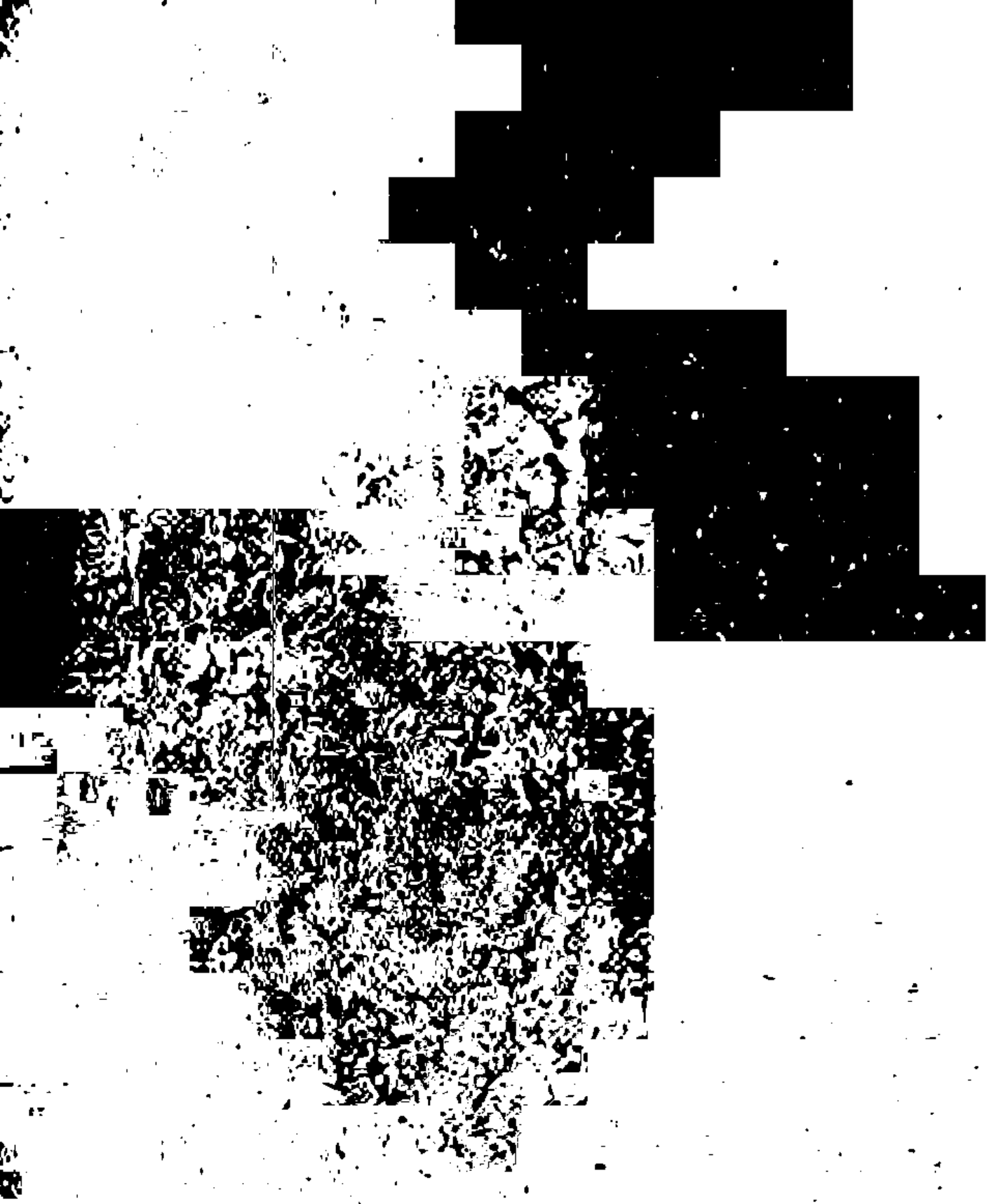
MÃE E FILHO

★ ★

Tradução
de
RACHEL BASTOS

PRO GRÆCIS GLORIA

PORTUGÁLIA EDITORA
LISBOA



Pax enim non belli privatio,
Sed virtus est, quæ ex animi fortitudine oritur.

SPINOZA.
Traité Politique
V. 4

Porque a paz não é a ausência de guerra,
Mas a virtude que nasce do vigor da alma.

MÃE E FILHO

QUARTA PARTE

A grande cidade estendida pelas duas margens do Léman, clara e fria, era, ao sol, fustigada pelo vento.

Anita, ao sair da estação, entrou no primeiro hotel e alugou dois quartos para passar a noite. Estava excessivamente fatigada, mas nem pensou em descansar. O estado de agitação do seu espírito não lho permitia, enquanto não soubesse que Franz estava salvo. Muito embora reconhecesse que ele não podia chegar antes da noite, passou toda a tarde à sua espera num jardim que lhe tinha indicado perto da estação. Ora se atirava, acabrunhada, sobre um banco, ora se levantava, andando dum lado para o outro, com as pernas moídas, transida pelas rajadas do vento, só se afastando do seu posto para não se tornar notada. O dia passou, a noite caiu e Anita teve de recolher. Da janela do seu quarto avistava o ângulo do jardim público e a porta. Esforçando o olhar, tacteava os vultos dos que passavam defronte da luz eléctrica. Pelas dez horas tornou a sair. Nas ruas o vento gelado deslizava como um carro. As estradas pareciam vacilar com o seu sopro, e Anita pensava que esses astros se iam apagar.

Eram onze e meia quando ele apareceu, — com o seu andar incerto, os seus passos precipitados e

o seu ar de grande criança assustada, que morde os lábios para não chorar. Passava junto dela sem a ver. Quando o chamou, o rapaz deu um grito de alegria. Com um gesto, Anita fê-lo calar; estava radiante. Vinha todo enxovalhado da lama dos caminhos. A um canto da rua, Anita sacudiu-lhe o fato para que o seu aspecto não despertasse a atenção. Franz deixava-se cuidar sem tentar desculpar-se, todo entregue à felicidade de já não se encontrar só, de tudo poder contar. Anita dizia-lhe que, depois de se recolherem, falaria. O frio da noite e do dia tinham-na constipado; mas, na sua alegria, nem nisso pensava. Uma multidão de viajantes saía da estação. A entrada de Franz no hotel não foi notada. Anita inscreveu-o no registo como sendo seu irmão.

Os quartos tinham comunicação. Anita fê-lo comer. Franz devorava, falando continuamente, não se cansando de contar todos os pormenores da evasão. Para que falasse mais baixo, Anita, inclinada para ele, enchia-o de bolos. Com os olhos chorosos da constipação, a cabeça pesada, assoando-se e espirrando, caía de sono. Franz não dava por nada. Não deixava de comer e de falar.

Apesar da sua fadiga, Anita não desejaria que ele acabasse; ouviram-se, porém, umas pancadas no tabique, e ambos se lembraram que não estavam sós. Então, Franz calou-se. E, bruscamente, a fadiga venceu-o: lançou-se sobre o leito, prostrado, e adormeceu. Mas Anita, febril, não sossegava, escutando o sono no quarto ao lado. A porta estava aberta. Anita saboreava a respiração regular do jovem companheiro, a alegria de o ter salvo. Tinha a garganta em fogo, o peito oprimido; e tapava a boca com as roupas para que não a ouvissem tossir.

De manhã, cedo, levantou-se para limpar os fatos, e saiu para telefonar à mãe de Germano:

— «Chegámos...»

Quando voltou, Franz ainda dormia. Hesitou em o acordar. Olhava para ele. Também olhou para si, no espelho: viu o seu rosto, avermelhado pela constipação e pelo vento, os olhos e o nariz inchados; ficou despeitada. Mas não passou de uma sombra. Encolheu os ombros e riu.

O comboio para Chateâu-d'Oex partia de manhã. Anita acordou o dorminhoco. Franz não se admirou quando a viu junto do leito. Ele que era um selvagem com as mulheres! Anita, porém, já não era para ele uma mulher; estava ao seu serviço. Que se ocupasse dele, achava natural. Estava pronto a conceder-lhe a sua confiança, — pronto igualmente a retirá-la.

Quando ela lhe disse que, à tarde, estariam ao pé do amigo, o seu rosto tornou-se sombrio: tão próximo do fim, tinha medo!... Depois a impaciência apoderou-se dele; e, precipitadamente, saltou da cama e vestiu-se diante de Anita: como se ela não estivesse ali.

Deixaram o hotel. Franz deixava-a fazer tudo: pagar, comprar os bilhetes, procurar o comboio, escolher os lugares; nem mesmo a ajudou a levar a sua mala. Mas parou para lhe comprar um ramo de violetas. Estava privado de sentido prático e mesmo de resistência; a multidão dos passageiros empurrava-o para o cais; se Anita não se voltasse para lhe fazer sinal e esperá-lo, tê-la-ia perdido. Era um homem indiferente ao que fazia. O seu espírito estava cheio das emoções que ia experimentar.

Anita diligenciou em vão distraí-lo. Durante o trajecto, ele nada via, escutava de revés. Teve então muito tempo para o contemplar. Franz só vivia para um pensamento: expectativa e pressa, felicidade e temor. Diante dele não via Anita, mas Germano. Cada volta das rodas mais o aproximava dele. Anita

via que os seus lábios se moviam, para falar ao amigo que vinha.

Quando chegaram a Chateâu-d'Oex, pediu-lhe que andasse um pouco mais devagar e foi esperá-lo para a Vila Chavannes, a fim de ir preparando Germano.

O doente, avisado, estava estendido sobre o canapé da varanda. A mãe estava junto dele. Quis levantar-se, mas não pôde ter-se de pé. Naqueles quatro meses de ausência, modificara-se terrìvelmente. Anita sentiu-se desolada; por mais que tentasse ocultá-lo, o seu primeiro olhar traíra-a.

Quando a viu entrar, Germano fez um movimento para ir ao seu encontro, mas reconhecendo a impossibilidade, resignou-se. Anita falou-lhe; ele olhava-a como se olha uma cortina que oculta o que se quer ver; e franziu as sobrancelhas, para afastar o obstáculo. Então, Anita desviou-se, e, voltando-se para a porta entreaberta, deixou aparecer o que os seus olhos procuravam. Franz entrou, cambaleando; deteve-se, viu, correu... Os dois amigos estavam finalmente juntos...

Durante a separação vinte vezes tinham imaginado este instante em que tornariam a encontrar-se... E nada se passou como haviam previsto...

Não se deram as mãos. Não se abraçaram. Não disseram nenhuma das palavras que, momentos antes, transbordavam... Trocado o primeiro olhar, Franz, detido no seu impulso, caíu junto do canapé, com o rosto escondido nas cobertas. Estava gelado de pavor, ao tornar a ver o amigo que deixara em plena vida, e que não reconhecia. Germano, apercebendo-se deste relâmpago de assombro, viu-se à sua claridade. E a morte abriu-se entre eles, separou-os...

Pálido e hirto, sentia nas suas pernas a cabeça

do amigo; acariciava-a, para o defender do terror inconfessado. Mas esse terror já se tinha apoderado dele. Ambos sabiam que estavam em caminhos diferentes, que já não pertenciam à mesma época. A pequena distância de idade que separava os seus passos tornara-se infinita. Um, era da geração dos mortos, o outro, dos vivos. Germano aceitava gelado, sem revolta, como um facto sem réplica, compreendendo que lhe cabia a ele, o mais velho, o homem do além, consolar o de cá... Meu Deus! como estavam longe!...

Franz soluçava. Germano disse para as duas mulheres, que primeiro afastara com um gesto de impaciência, e que se conservavam na sombra, à entrada da varanda:

— Bem veêm que ele sofre!... Levem-no daqui!

Anita arrastou Franz para o fundo do quarto; fê-lo sentar, segredou-lhe consolações, e repreensões maternais. O rapaz enxugou as lágrimas, teve vergonha e acalmou-se.

Reclinado sobre a almofada, de costas para o quarto, com o olhar mortiço, a vida esgotada, Germano fixava a face terrível das montanhas desoladas; não ouvia a sua mãe que lhe falava.

APÓS este primeiro choque, recuperaram-se as energias. Sobre notícias dadas, o espírito entregou-se a construir. E o coração curou apressadamente a sua ilusão ferida, visto que ela lhe era precisa para viver e para morrer.

Franz, dos dois o mais instintivo e, por consequência, o mais fácil em enganar-se a si próprio, conseguiu mais fàcilmente esquecer aquilo de que não queria recordar-se. À noite, no seu quarto (tinham-no instalado num chalet vizinho) escreveu ao amigo uma dessas cartas transbordantes onde procurava enganar-se a si e ao amigo sobre a impressão que lhe tinha causado no primeiro encontro. E quando o tornou a ver, tinha, de algum modo, conseguido que Germano se parecesse com a descrição que dele tinha feito. A intimidade voltou com o abandono; e, em Franz, a própria indiferença da juventude reapareceu. — Mas se ele esquecia, Germano de nenhum modo o conseguia. Já não tinha o futuro, para perder de vista o passado. Nada atenuava o que tinha percebido; guardava ardente a imagem do horror que o seu aspecto tinha imprimido nas feições do amigo, onde, por relâmpagos, ainda algumas vezes se reflectia. A meio de uma conversa, passava pelo rosto animado de Franz uma sombra, um leve es-

tremecimento do nariz ou da sobrancelha; era o bastante! O olhar agudo de Germano já tinha lido sob o véu de carne: Franz sentia a morte, e afastava-se dela. Em seguida reagia. Demasiado tarde! Não podia vencer a sua aversão, diante da cova.

Germano dizia amargamente para Anita:

— Franz está de saúde. Tem razão.

Entretanto, pouco a pouco, a ilusão acabou de tapar os buracos na sua teia de aranha. Franz conseguiu deixar de ver na face do doente o polegar que modela o rosto dos moribundos. Acabou por esquecer a hora iminente. Só via o amigo de outrora, aquele que amava. Germano, por seu lado, reanimava-se na sua presença; os seus lábios pareciam mais vermelhos, como se, às escondidas, os tivesse pintado. Anita fez-lho notar, gracejando, ao que ele respondeu:

— Está a rir? Pois bem, é verdade. Sou uma velha garrida... pobre rapaz! Tenho receio de o horrorizar..

Mas quando sentia chegar o sofrimento que não podia dominar, pedia a Anita que levasse Franz a passear para que o não visse.

Anita só podia demorar-se um dia ou dois em Chateâu-d'Oex. A sua intenção era juntar os dois amigos e regressar a Paris no dia seguinte. Mas quando viu a gravidade do estado de Germano, adiou a sua partida. Não podia abandoná-lo no limiar da porta do túmulo. Sem lho querer pedir (porque lhe era odioso ser pesado a alguém), Germano deixou perceber o desejo ansioso de que ela ficasse. Tinha agora medo de ficar só com Franz. Anita sentia que era necessária aos dois amigos. Transferiu, pois, para mais tarde, o seu regresso, apesar de todas as obrigações que a chamavam a Paris; a de aliviar, duma parte do seu fardo, o emi-

grante que ia abandonar o nosso Velho Continente, pareceu-lhe a mais imperiosa.

Tomava um pesado encargo. Tornava-se a confidente de ambos. Era o único ser em cujas mãos se podiam libertar dos seus secretos pensamentos: porque já não ousavam comunicá-los um ao outro. Franz era o mais indiscreto. Desde o momento que depositara confiança nela tudo lhe dizia, até mesmo o que é costume calar.

Anita não se enganava. Sabia que Franz e Germano não se lhe entregavam por ela ser Anita, mas porque estava ali junto deles, como uma mulher anónima, e que lhes era preciso um ouvido complacente e seguro a que se abandonar. Não havia nisto sinal de uma afeição por ela. Ocupavam-se ùnicamente um do outro, e cada um de si próprio. Mas apesar de o perceber, Anita deixava-se envolver pelo sopro invasor desta estranha intimidade. Os raios invisíveis do seu mútuo amor passavam através dela para irem de um ao outro.

Franz dizia para Anita — (passeavam juntos):

— Amo-o. Amo só a ele. Não lho posso dizer. Toma logo um olhar severo. Não o consente. Não pode suportar, diz ele, o sentimentalismo... Não é sentimentalismo; ele sabe-o, e sabe bem o que penso; mas desagrada-lhe ouvi-lo. Diz que não é moral. Eu, por mim, não sei o que é moral ou imoral. Mas sei que o amo, que é bom amá-lo e que não pode haver nisso nenhum mal. Amo-o ùnicamente, e a mais ninguém... Não amo as mulheres. Nunca as amei .. Sim, gosto de as ver, quando elas são perfeitas, como objectos bem feitos. Mas há sempre nelas qualquer coisa que me repele. No entanto há, também, um pouco de atracção misturada a essa repugnância. As mulheres são duma outra espécie. Não me admiraria se, como nos insectos, elas devo-

rassem o macho, depois de o ter esgotado. Não gosto de lhes tocar... Está a rir? Que disse eu?... Ah! perdão, esquecia-me... (apertava-lhe o braço). A senhora não é uma mulher.

— Que sou, então?

— É Anita!

— (Queres dizer, pensava ela, que eu sou tu, que sou tua, que não conto... anda, meu egoístazinho!...)

Franz reflectia:

— É curioso, depois de a conhecer, deixei de ver em si uma mulher.

— O cumprimento é duvidoso. Mas agradeço da mesma maneira, depois do que acaba de dizer!

— Não me quer mal?

Anita riu-se.

— Ti voglio bene. [1]

— Que disse?... Não percebi.

— Tanto melhor! Devia ter percebido!

— Diga outra vez!

— Não!

— Que pessoa tão estranha! Não a compreendo. Deveria sentir-me constrangido junto de si, e, no entanto, estou à vontade. Parece-me que posso dizer tudo.

— Assim eu posso ouvir tudo.

— É que eu vejo-a quase como se fosse um rapaz.

— Da mesma espécie, então? Amigos!

— É o que há de melhor. O único bem na vida. E olhe que não há muitos. Eu, só tenho um amigo. Mas quando amo um amigo, amo-o em absoluto. Desejá-lo-ia inteiramente meu. Não acha natural? Mas o não posso confessar. Mesmo ele não o quer ouvir. Neste mundo, só se pode amar por conta.

[1] Quero-te bem.

Anita, sem querer, premiu o braço que segurava.

— Compreende-me? disse Franz.

— Compreendo todos os loucos, retorquiu. Sou da família.

Estendido na varanda, com a cabeça para trás, fixando o céu azul carregado, Germano dizia para Anita:

— Que será dele sòzinho? Franz tem por mim um grande amor. É como se fosse uma mulher... Não como vós, a quem a rude lição da vida virilizou, mas um ser entregue ao fluxo incerto de um coração sem domínio. Até onde o pode arrastar o seu coração visionário, fraco e violento! Não direi de quantos perigos o tenho salvo. Mal o sabe ele porque é incapaz de os ver e apreciar. É imoral e puro. Os nossos valores de ordem ética não têm para ele o mesmo sentido que para nós. Muitas vezes me senti confuso. Devia ser severo; mas quando via o seu olhar honesto surpreender-se e entristecer-se, acabava por perguntar a mim próprio se não era eu que me enganava. É isto uma aberração da Natureza? Ou, antes, a verdadeira Natureza que não conhece os nossos dogmas acanhados?... Mas como, finalmente, são estes dogmas que regem o mundo, e visto que somos forçados a viver nele, é preciso ensiná-lo a submeter-se-lhes, senão a admiti-los. Admitir, não pode; nunca consegui que os compreendesse e desisti: fingiria para me agradar; e o único resultado seria fazer-lhe perder a sua sinceridade. Prefiro que não seja hipócrita. É mais puro... Mas sem ter necessidade de apelar para a adesão do seu espírito, pode-se obter a do seu coração, com toda a disciplina, por muito custosa que seja, uma vez ditada pelo amor!... É um apoio precário. Se o apoio falta, tudo falta ao mesmo tempo; e o ser vai

à deriva. — Quando eu não existir, que será feito dele? Seria preciso habituá-lo a esquecer-se de mim...

Germano interrompeu-se, sem deixar de fixar a sombra azul do céu, tão duro que parecia um mineral: a densidade desta luz compacta igualava a do seu pensamento. Depois continuou, com um sorriso amargo, mas no mesmo tom firme, frio e medido, como se falasse consigo próprio (nunca tinha olhado para Anita; era como se não se lembrasse que ela se conservava a seu lado):

— Sei bem que se habituará. Esquecer-se-á de mim... Julgámo-nos necessários... mas não há ninguém que seja imprescindível. Quando ele me perder, julgará tudo perdido. Mas o que se perdeu já não existe E nós continuamos a existir. Não se pode simultâneamente existir e não existir. A escolha depressa se faz. O vivo deixa afrouxar o laço do morto, que o incomoda. E se o laço resiste, dá-se-lhe uma canivetada inocente, de lado. Ele nada viu, e o morto cai. O outro então poderá viver. Franz viverá.

Anita pousou a sua mão sobre a do desencantado:

— Onde viver Franz, viverá o seu pensamento.

Germano retirou a mão, e continuou:

— O esquecimento virá. Quando tarda, vai-se ao seu encontro. Mas Franz não tem malícia. Não terá o trabalho de se incomodar.

Anita quis protestar. Germano replicou:

— Afirmo-o.

Mas Anita viu bem que o afirmava sem o acreditar. E não teve muito trabalho para lhe demonstrar o contrário. Posto que acolhesse os argumentos dessa mulher com um sorriso de ironia, tinha prazer em ouvi-los. A sua lucidez estava em conflito com a necessidade que todo o ser tem de se iludir. Ceder a essa necessidade era (bem o sabia) uma derrota.

Mas sentia-se feliz em ser vencido. No entanto, porque será mais verdadeira que a esperança, a verdade que mata?

Germano concordou com Anita:

— O seu coração não esquecerá... Talvez... Não logo a seguir. Levará algum tempo. Mas quem dirigirá esse coração acostumado a ser dirigido? O próprio desgosto da perda aumentaria a sua confusão. O desgosto serve de lição a certas pessoas, mas desvaira outras. Umas vezes, sem resistência, deixam-se sucumbir, outras, para se salvarem, aceitam qualquer distracção. Receio por ele. Quem o amará? Quem o poderá aconselhar? Anita, não o abandone! Ele tem confiança em si. Aconselhe-o. Mas seja indulgente. Há-de ter muitas surpresas. Muitas coisas poderão escandalizá-lo! Em todos os homens as há.

— Há-as também em mim. Meu pobre amigo — disse Anita —, é preciso muito para escandalizar uma mulher! Suporei que estou ouvindo uma que seja franca e que, como eu, tenha vivido.

Germano olhou-a, céptico:

— Uma mulher viveria cem vidas e não aprenderia nada da vida.

— Então, imperfectível?

— Conservou-se a mesma desde o princípio do Mundo.

— Os homens também não estão muito longe do tempo das cavernas!

Germano sorriu:

— Na verdade, tem razão. Não valemos mais. Somos da mesma época. Julgamo-nos muito fortes diante da morte e da vida; mas uma e outra apanham-nos sempre inesperadamente. Não aprendemos nada. Para mim, o inconveniente é mínimo, porque me vou embora da escola. Mas a Anita, que fica, tem tempo de apanhar com a régua nos dedos. Juízo e cabeça

fresca! A velha experiência de que é tão orgulhosa, pode-lhe fazer uma partida... Mas na terra dos cegos quem tem um olho é rei. Confio-lhe o meu rapaz. Se só tem um olho...

— Tenho dois belos olhos, respondeu Anita rindo.

— Não são feitos para ver, mas para serem vistos... Mas se não vê por si, cuide de ver por ele! É sempre mais fácil ter juízo por outro... Aconselhe-o! Ame-o!

E acrescentou:

— Mas não o ame demais!

Anita encolheu os ombros.

ANITA estava mais próxima de Germano que de Franz. Era da sua raça. Anita compreendia-o melhor. A experiência da sua vida provinha do mesmo humus; e o mesmo céu fizera amadurecer os seus pensamentos. Nada havia de obscuro nos sentimentos que descobria nele e ainda menos nos que sentia por ele. A sua amizade, os seus receios, o seu estoicismo, as suas apreciações da vida, a sua atitude sem afectação perante o sofrimento e a morte, as suas lamentações por morrer e o seu desapego, tudo era claro nele: como homem e sob o mesmo destino, Anita teria pensado e agido como ele... Parecia-lhe, pelo menos: porque, em Germano, nada lhe era imprevisto. (Mas poderia ela dizer outro tanto de si própria?...) Noutras circunstâncias, poderiam ter dado dois esposos excelentes, com uma grande estima e afeição mútuas, podendo contar um com o outro, e entregando-se lealmente todas as chaves das suas portas, — excepto uma, pequena, na qual nunca pensaram e cuja fechadura, se um dia a abrem, revela que ficaram estranhos um ao outro... Mas, por felicidade, quase nunca se apresentam as ocasiões de a abrir. E as boas amizades, que são honestas e discretas, jamais exigem o seu emprego. A amizade de Germano e de Anita era sem exigên-

cias e sem curiosidade. Cada um concedia ao outro o que o outro esperava.

Mas de Franz não se sabia que esperar. Era o que afastava nele, e, ao mesmo tempo, o que atraía. Por mais que o conhecessem, ninguém o conhecia; ele próprio se desconhecia. Tinha um ar infantil, ingénuo: e era-o; mas quando se entrava dentro dele não se davam dez passos sem se perder o caminho; era como se se andasse às cegas, sobre uma terra desconhecida. Anita tentava em vão abrir as portas, experimentando todas as chaves: nunca davam volta nas fechaduras.

Havia, no entanto, uma mais pequena que servia: era, justamente, a que Germano nunca usava; a chave do «*não sei quê*» (como se dizia no século do Grande Rei, para onde havia o maior cuidado em não olhar muito de perto!...) Anita também não se comprazia em fazer o inventário destes recantos da alma. Mas esta casa interior, desconhecida dos frequentadores, exalava um misterioso aroma, um zumbido de abelha, que só Anita percebia, enquanto ia e vinha, arrumando o armazém. Que ela ouvisse este ressoar de asas, fascinante e ameaçador, estabelecia entre ambos uma espécie de cumplicidade. Era como que um longínquo laço de parentesco que unisse estes dois estrangeiros. (Em questão de raças, os laços longínquos contam talvez mais que os próximos: os ramos estão mais em contacto com a haste do que com o tronco).

Por esse meio, Anita tinha acção sobre Franz e assim comunicavam. Sem palavras, só com as suas antenas de insectos cegos no claro-escuro. Uma grande parte da família dos seres têm esta vida subterrânea. Mas a vida em pleno dia atrofia as suas faculdades. Quando reaparece a ocasião de as utilizarem, experimentam uma satisfação que a si pró-

prios não querem explicar, e ficam reconhecidos aos que lhes permitem exercê-las.

Conversando sobre mil coisas, à luz do dia, sobre as quais era raro que concordassem, Anila e Franz escutavam o sussurro da água no vale. E lá muito no fundo do seu espírito, encontravam-se.

ACELERAVA-SE a destruição. Como uma fachada que se esboroa. Era preciso não ter olhos, para não ver. Nenhum disfarce poderia dissimular a miséria daquele rosto. Germano tinha renunciado a isso. Franz evitava olhar para ele...

Entrava... Entrava com ele o sopro da vida e dos campos. Trazia campainhas brancas, os seus últimos desenhos, giz e carvão, o ar gelado no seu vestuário, e as suas mãos sadias que se apressavam a fugir ao contacto húmido das mãos febris do moribundo. Franz falava com animação e Germano sentia-se galvanizado pelos eflúvios da mocidade. Os dois amigos afastavam a doença das suas conversas. Franz contentava-se com algumas perguntas precipitadas, que Germano rejeitava, com uma dura indiferença. Conversavam a respeito de arte, de assuntos abstractos, eternos, — do que jamais existiu... (Anita calava-se, escutava, admirava a loucura dos homens vítimas das ideias...) Ou então, Franz falando por dois, contava o aprisionamento, os anos passados no campo de concentração, os desgostos, que a distância apresentavam um aspecto mais agradável, ou os seus encontros do dia; os seus projectos, o que faria, passada a guerra — (E que se passaria entretanto?...) O seu olhar esquecido fitava o rosto

do amigo e fugia da pintura cavada das faces esvaziadas, como dependuradas nos maxilares... fugia medroso, procurando com uma pressa desastrada, qualquer outro objecto mais tranquilizador;... E Germano sorria, estóico, e ajudava-o a tomar pé na terra dos vivos. Era ele quase sempre que dizia:

— Basta de conversa! Agora, Anita, vá dar um passeio com Franz! Não deixem perder este belo dia...

E quando ela se aproximou para se despedir, acrescentou:

— Esta noite venha só, um momento. Tenho necessidade de si...

Sairam. Franz dizia precipitadamente:

— Não é verdade? Ele está hoje muito melhor...

Não esperava resposta. Caminhava a passos largos, aspirando o ar sem mácula, sem podridão, o ar puro, a plenos pulmões, peito arqueado, cabelos ao vento. As rijas pernas de Anita aproveitavam, não obstante, esta marcha; era a desforra do animal contra a opressão do corpo adormentado na atmosfera de doença, à cabeceira da dor. Mas Franz distanciava-se dela quase sempre, duma pernada; estava possuido de um frenezi pueril: corria, trepava a rampa abrupta, agarrando-se às moitas de pinheiros cobertos de neve. Ou então, ambos prendiam os seus skys; de asas nos pés, tomavam o seu voo sobre os campos brancos. Quando estavam repletos de ar, quase saciados; quando a onda de sangue dissipava as últimas sombras do pensamento, sentavam-se, ao Sol, sobre um rochedo que pendia, e contemplavam o vale. Franz ria, citando as notas e os acordes que compunham a harmonia, a cauda de pavão do céu que se abria no poente. Enquanto falava, desenhava; desenhava a largos traços, cobrindo uma página, depois outra: linhas e planos, som-

bras de árvores e cumes, como rostos de homens deitados, de lábios crispados e nariz afilado, — sem pensar no que fazia e enquanto ia falando. E Anita via os seus dedos falar, escutando a sua boca que tagarelava futilidades. Respondia irreflectidamente. E pensava, sem nomear, naquele que tinham deixado estendido... E, de súbito, sentiu-se hipnotizada sobre esses dedos que desenhavam, maquinalmente, uma cabeça que reconhecia — uma cabeça de morto... Calou-se. Franz continuava o seu canto. Uma nuvem passou sobre o Sol. E o silêncio foi um rasgão negro na luz. Franz deteve-se, olhou para os seus dedos, sufocou, como se uma serpente se levantasse... As suas mãos crisparam-se, fecharam-se sobre a folha, amarfanhando-a numa bola. O album rolou pelo chão.

E, de um pulo, Franz pôs-se de pé, e retomou o seu voo desvairado sobre os campos de neve, seguido por Anita, — sem falar...

Depois de cear, à noite, fiel à sua promessa, quando Anita voltou a casa de Germano, o doente acolheu-a com um rosto severo. Tinha sofrido um dia cruel. Queria mal àqueles para quem o dia tinha sido agradável. Censurou Anita por vir tão tarde; e perguntou-lhe, sem indulgência, se se tinham divertido muito; felicitou-a pela sua bela aparência e pelas suas cores, por esse sangue rico que lhe corria sob a pele. E parecia censurá-la por isso.

Anita não replicou. Compreendia. Desculpou-se humildemente:

— Perdoe, meu amigo!

Germano envergonhou-se. Com uma voz mais calma, pediu-lhe as notícias do dia. Deu-lhas. Eram bem sombrias. Longe de se esgotar, depois de quatro anos, a guerra retomava novas forças. Pesava sobre a França a ameaça de uma monstruosa ofensiva,

para a Primavera. Falaram do trágico amanhã. Germano projectava sobre o mundo a sua agonia. Parecia-lhe que a evolução humana tinha sido um êxito passageiro, devido a um prodigioso golpe de rins e a um acaso excepcional, de uma brusca «Variação» genial e enormal (duas palavras quase idênticas), que nunca se manteria. Todas as conquistas do génio, todos os progressos do homem, eram as palmas sangrentas, pelas suas vitórias à moda de Pyrrhus. Mas hoje, ele estava no fim da sua epopeia; a curva ascendente terminava, e o Titão caía no abismo, esgotado pelo seu esforço em se ultrapassar. Tal como Rolf, o cão de Mannheim, que aprendeu a pensar como um homem, e que, dois anos depois, recaiu na noite informe, urinando sangue. Porque o homem não é o único a tentar a prodigiosa aventura. Toda a natureza a experimentou. Por toda a parte se esboça a formidável ascensão do ser que se esforça por se evadir da fossa das forças negras. O desesperado trepa deixando o seu sangue em cada saliência da muralha. Mas o momento vem, um pouco mais cedo, um pouco mais tarde, em que ele deixa fugir a presa e rola no fundo do pesadelo com os olhos vidrados... O pesadelo está nos dois limiares: o do sono que começa e o do sono que acaba...

— Quem sabe? dizia Anita. Estará, realmente, acabado o sonho tumultuoso da vida, quando se cai?

— Ainda não está farta dele?

— A noite é longa. Torno a adormecer. Espero o dia.

— E se não vem?

— Sonharei sempre.

Germano estava muito desligado de toda a fé, para discutir. Nada contribuía mais para a sua visão de fatalismo desencantado do que, na sua destruição própria, a sua universal compreensão. Não negava

nada, nem a favor nem contra. Todas as loucuras que apaixonam as massas humanas, a religião, a pátria; todos esses combates em que elas se esgotam marcam a marcha do Destino. O Ser completa-se, destruindo-se. E o fim do esforço humano é: Nada...

— Meu amigo — continuou Anita — não olhe sempre a vaga, à roda de si, esse turbilhão vertiginoso, esses cachos de povos que se agarram, que tornam a subir e que tornam a cair! Olhe para dentro de si. O *um* só, o eu, é um mundo. Ouço no meu um «Sim» eterno.

— O meu, disse Germano, é um caixão. Já lá vejo os vermes.

— Está a deixar fugir a sua vida para o universo. Chame-a, do universo para si! Recolha-a sobre o peito, com os dedos!...

— Como em breve recolherei a mortalha...

— Não está sòmente aqui, neste leito. Está em toda a parte, em tudo o que vive. Esta noite serena, cujas asas sombrias chocam os sonhos de milhares de seres, está em si, pertence-lhe; na sua miséria, possui a riqueza dos que ama, a juventude de Franz e o seu futuro. Eu, nada tenho. E tenho tudo.

— A Anita tem o seu belo sangue, que a reanima.

— Ah! se eu lho pudesse dar!

Disse-o com um tal arrebatamento que, como uma taça cheia até às bordas, lhe aflorou por todo o corpo, esse sangue que o moribundo lhe invejava! Deus! Como ela teria desejado vertê-lo nele!...

Germano emudeceu. Quis falar. Foi surpreendido por uma sufocação. Esteve quase a expirar. Anita ficou junto dele toda a noite, conservando-lhe a cabeça sobre a almofada. A sua presença dava-lhe a força de ânimo para suportar. Porque nada tinha a ocultar-lhe, nada tinha a comunicar-lhe. Era inútil mostrar-lhe o seu sofrimento: ela sentia-o sob os

seus dedos. Numa trégua, Germano crispou a boca num sorriso, e disse:

— Contudo, é duro morrer.

Anita enxugou-lhe o suor da fronte.

— Sim, meu filho. Felizmente morrerei também. Não nos perdoaríamos se tivéssemos que viver, quando os outros morrem.

Germano mandou-a embora, de manhã. Durante estas horas em que ele não podia falar, teve tempo de pensar nela, na sua bondade, sem contar a sua abnegação e quanto dela tinha abusado... Pediu-lhe para lhe perdoar. Anita respondeu:

— Não imagina como é bom que um amigo abuse!... O que nos mata é que não use de nós quem amamos!...

Pensava no seu filho. Mas até esta altura nunca tinha falado dele a Germano; e ele também nunca se preocupara com isso. Foi nestes últimos dias, que, despojando-se, pedaço a pedaço, da sua preocupação, com a sua vida, pensou finalmente em conhecer a que a sua amiga guardava para si.

Tinha-a agora de vela quase todas as noites. Apesar de terem chamado, por carta, a sua irmã, só queria Anita e nenhuma outra. Germano abusava ainda; mas, para se tranquilizar, dizia a si próprio que não seria por muito tempo. E visto que Anita gostava que abusassem dela!... Mas sabia que um coração generoso é feito para que o explorem e inquietava-se com os cuidados, ao encontro dos quais ela caminhava.

Falava menos de si. Aliás tinha mais fadiga em falar. Obrigava-a a falar. Queria conhecer a sua vida privada. E agora que ia morrer, ela mais nada tinha a ocultar-lhe. Contou-lhe tudo, sòbriamente, com uma emoção velada. Como se fosse a história de uma outra. Ouvia-a sem uma palavra. Anita não

olhava para ele. Germano, porém, olhava para os seus lábios. O que ela não dizia, lia-o neles, e lia-o mais claramente do que ela própria. Esta vida penetrava-o à medida que a sua fugia. Por fim, encheu-a... Ainda que perto de morrer, amou-a, pela primeira vez. Amou-a sem reserva; e desposou-a no segredo da alma. Anita nunca o soube... Apenas sentia por ele uma ternura fraternal, a asa do amor nunca tocara ao de leve o seu ser. O rosto da morte atrai a piedade, a piedade apaixonada. Mas, instintivamente, o amor desvia os olhos. Germano sabia-o bem, e não o podia... Tinha-se dominado.

Apenas revelava a mudança que se produzira nas suas relações com aquela que era sua mulher, sem o saber, pelo direito que se atribuiu de dirigir, pela primeira e última vez, a incerteza de Anita na sua vida de família, e vis-a-vis de seu filho. Uma intuição viril fazia-lhe conhecer Marcos melhor do que ela, se bem que nunca o tivesse visto. Explicava a si próprio o mal entendido entre o filho e a mãe. E como não tinha tempo para os ajudar a resolvê-lo, reuniu todas as suas últimas forças para lhes traçar o caminho a seguir, e disse:

— Anita, está bem que eu me vá. Eu pertencia a uma raça de espíritos, que já não terá lugar na futura ordem. Uma raça despojada, tanto das ilusões do porvir, como das do passado. Compreendi tudo, e não acreditei em nada. Compreender demasiado, matou em mim o gosto de proceder. — É preciso agir! Não fraqueje. O seu instinto do coracão é mais seguro do que o meu pró e contra. Mas ainda não basta. Tem os seus limites. É mulher. Mas deu ao mundo um homem. Tem um rapaz que se choca hoje contra os limites que lhe impõe como, recém-nascido, se chocava contra as paredes do seu ventre para sair. Ensanguentá-la-á mais de uma vez. Cante,

como Joana d'Albret, o cântico do *seu* parto. Cante a brecha por onde ele sairá de si! Em meu nome diga-lhe que não se contente em compreender tudo, como eu, e em amar tudo, como vós... Que *escolha!*... É bom ser justo. Mas a verdadeira justiça não se demora diante da sua balança, a ver oscilar os pratos. Julga e executa a sentença. Que corte sem dó nem piedade!... Basta de sonhar! Que venha a realidade!... Adeus, sonho!...

Não se sabia se Germano falava consigo próprio ou com Anita.

Mas depois de a ter contemplado, uma última vez, voltou-se no leito, separando-se dos vivos; fixou a parede, — aferrolhado no silêncio Não abriu mais a boca até ao último arranco da morte, que lhe modelou o corpo na agonia.

ANITA não teve tempo para pensar no seu próprio desgosto. A aflição de Franz absorvia tudo. Era desordenada. Tinha que consagrar-se a ela ou fugir. Anita resolveu ficar.

Nas primeiras horas, as manifestações desta dor incomensurável mortificaram os assistentes. Não dominava a sua expressão, como fazem as pessoas civilizadas. Era um desespero de criança ou de amante. Franz não queria separar-se do corpo do bem amado. O seu amor era tão grande como o seu infortúnio. A família de Germano estava indignada. Afim de pôr termo a estes exageros e, sobretudo, para evitar o «que se dirá?» cuidaram de afastar Franz da casa, confiando-o à guarda de Anita, enquanto se celebrava, na pequena igreja da terra, a cerimónia fúnebre, antes de conduzir o corpo ao furgom do caminho de ferro, que o devia transportar para a sua terra natal.

Os Chavannes partiram, os vivos e o morto — o mais vivo — a luz extinta, da sua raça. Como nesses catafalcos do passado, em que se conduzia atrás do carro e dos brazões, a tocha derrubada. As despedidas a Anita foram breves e contrafeitas... A senhora de Seigy-Chavannes, a irmã, obrigou-se, com sinceridade, a exprimir a gratidão que lhe deviam pelos

seus cuidados dedicados; e, apesar da oculta antipatia, fez um esforço para a abraçar. Mas tal sacrifício pareceu pagar a dívida. Só a mãe, a senhora de Chavannes, molhou com as suas lágrimas as faces de Anita, e chamou-lhe: — «Minha filha...» — mas foi em segredo. Estava disposta a amá-la; por muito estranhas que fossem as suas opiniões, tê-las-ia tolerado; fora da religião, tudo quanto se pudesse pensar era-lhe indiferente. Mas era fraca... Primeiramente a sua tranquilidade! Não se devia fazer nada que arriscasse perturbar a casa... Disseram: «Até à vista!» Mas, tanto uma como outra, sabiam bem que nunca mais se tornariam a ver.

Anita esteve fechada com Franz, enquanto se desenrolava a dupla cerimónia da igreja e da partida. Seguiu-a com o pensamento. Via-se caminhando no meio do cortejo sobre o caminho gelado, onde, sob o céu toldado do fim de Fevereiro, floriam as primaveras. Escutava, muito longe, muito prolongado, o toque do sino velado no silêncio. E procurava que Franz nada ouvisse. Entretendo-o com as suas palavras, Anita ouviu o silvo do comboio que partia... Uma pontada no peito... Germano partiu... — E o amigo morto morreu duas vezes.

Era preciso pensar no que ficava. O outro já não tinha necessidade de ninguém. Até aquele momento, absorvera toda a piedade de Anita. Dora-avante já não havia que o lamentar. E a piedade refluía para o vivo. O morto tinha-lho confiado:

— Lego-lo. Toma o meu lugar! É teu.

Com Franz, a piedade tinha o campo livre. Não era como Germano, que se obstinava contra ela, e não queria ser lamentado. Franz desejava sê-lo. Não tinha pejo de mostrar a sua fraqueza, e Anita sabia agradecer-lho. Franz achava tão natural pedir o seu auxílio como ela achava natural dar-lho. Era uma

satisfação de que até ali fora privada. Tanto o seu filho, como Germano, lha tinham mercadejado muito!... Raça de homens orgulhosos, que cerra os dentes sobre as suas comoções, que têm vergonha do seu coração, e esconde, como uma desonra, a sua nostalgia do leite da ternura que ela sorveu, outrora, nos seios maternos!... Franz nunca se furtava a ela. Reclamava ingènuamente o que lhe era devido, a sua golada. Como os recém-nascidos cegos, apalpava com os lábios e com as mãos...

— Pois bem, bebe, meu filho! Bebe-me! Meto o bico do meu seio nos teus lábios...

E este desprezador das mulheres, a quem o leite materno tinha faltado — (perdera a mãe ainda de berço) — não pensava na mulher a quem sugava o leite, não gostava da mulher, gostava ùnicamente do seio. Era-lhe preciso acalmar a sua sede desesperada.

Anita não o ignorava. Não era para Franz nada mais do que uma ama da sua dor, que a embala e a adormece. — Não tinha por ele nada mais do que um amor materno, que aumentava cada dia — e a necessidade crescente que dele tinha em cada dia. Mas o amor materno abrange todos os amores. Se não os conhece todos pelo seu nome, não existe um só que não acaricie na sombra.

Franz entregava-lhe tudo. Entregava se todo a ela. Com um estranho impudor, achava natural que Anita se consagrasse a tudo o que era ele: — tanto ao seu desgosto, ao seu luto, como ao seu corpo, à sua saúde, à sua alimentação, ao seu alojamento, ao seu vestuário. Ama de leite e aia, confidente e criada para todo o serviço. Nada mais lhe era preciso, e nada mais representava para ele, apenas esperava dela os cuidados e os serviços do seu mister. Anita, tal como ele, achava natural. Franz agradecia-lhe apenas por delicadeza. Era ela que lhe agradecia,

tàcitamente, ele ter necessidade dos seus serviços.

O seu egoísmo encantava-a. Há egoísmos que são encantadores; e as mulheres têm por eles uma predilecção. Um homem que vos ama, por vós — fica-se-lhe agradecido. Mas um homem que vos ama, por ele, — como se lhes quer! Só pensa em si, não se entrega, prende-vos, explorava-vos e acha-vos boa...

— «Como é bom!», diz esta idiota...

Franz comia Anita, o mais gentilmente possível. Era terno, carinhoso e sedutor, em toda a inocência; deixava-se lamentar e cercar de cuidados; fazia-lhe o favor de lhe exprimir desejos que ela se apressava a satisfazer, — quando os não adivinhava, — descendo e subindo a escada da casa, dez vezes por dia, para lhe comprar laranjas, um jornal, um objecto em que ele tivesse falado, ou para levar à estação uma carta urgente. Anita sentia-se bem paga, quando, ao entrar em casa, após uma curta ausência, o via, impaciente, censurando-a por se ter demorado demais, ou quando, à noite, ao crepúsculo, vinha sentar-se na varanda, triste e dolente, ao lado dela, muito perto, como se tivesse necessidade de se aquecer contra as suas pernas; e bruscamente, chorava... Anita largando o seu trabalho, atraía a cabeça da grande criança para o seu ombro... e depois de ele ter chorado bastante — (que felicidade! este homem que não corava de a deixar enxugar as suas lágrimas!) — punha-se a falar. Aliviava o coração dos seus sofrimentos secretos, reprimidos desde a infância, e que nunca ousara confiar inteiramente nem mesmo a Germano, até ao desgosto que, noite e dia, continuava a sangrar: porque se censurava agora por ter fugido do amigo, na sua última doença, de o não ter amado bastante e de lho ter mostrado... Anita escutava-o tão bem! Franz sentia-se aliviado só pelo

contacto desta face de mulher contra a sua cabeça, por esta voz consoladora que, sem o interromper, misturava ao seu lamento doces palavras de piedade. E confessava-se do que jamais ousara expor. Anita não se admirava e, como se já tivesse feito a experiência pessoal, recebia, sem choque, a narrativa clara dessa vida interior, as suas confissões por vezes escabrosas, os seus desvios morais, cuja leitura num livro lhe teria repugnado. Escutava-o como no confessionário, cujo segredo é sagrado; e onde o que escuta é purificado pelo divino amor-caridade; não fica manchado nem revoltado com as confissões que lhe fazem; participa das fraquezas da natureza humana: a do outro é a sua; tem piedade, toma a sua falta sobre si. Ama o outro duma forma mais elevada, agora que com os seus dedos lhe lavou os pés.

PASSADOS os primeiros quinze dias de total abandono da alma à dor, em que o desespero surgia de súbito da prostração, agarrava o homem pela garganta e lha esmagava — (Anita mais de uma vez, de noite, veio, do seu quarto vizinho, acalmar os soluços daquele que sufocava sobre a almofada) — veio a calma... Primeiro, um período de meio torpor mortificado, e de lágrimas silenciosas, como o céu de passagem entre o Inverno e a Primavera, imóvel e fatigado, com o seu Sol interior e seus mudos aguaceiros... Depois, o casto despertar da convalescença, que tem vergonha de curar e que quereria esconder o bem-estar insolente do seu regresso à vida; o tempo das longas conversas a meia voz, durante horas, em que o coração tem necessidade de expandir a sua onda renovada, mas não o confessa — senão em segredo, se pode contar com um ouvido cúmplice...

Depois, saíram juntos, Franz apoiando-se no braço de Anita, — a passos lentos — por essas tardes tépidas e veladas, onde nas folhas mortas, sob as moitas calcinadas, começam a despontar as primeiras violetas; e já a tímida Primavera se anuncia sobre os montes, enquanto o vale ainda dorme, transido, no

azul-escuro dos nevoeiros e das sombras. Pensavam no amigo. Germano estava com eles. Dir-se-ia que esperava que se encontrassem juntos, para estar com ambos. Cada um o sentia presente, na presença do outro. Mas quando um deles se encontrava só, sentiam-no afastado; a presença invísivel tornava-se sombra distante. Franz, caminhando, encostava-se a Anita, para tornar a encontrar Germano. Agarrava-se ao braço da que vivia, para não perder a mão do desaparecido. Agora, era pródigo em afectuosas atenções, que realçavam a gentileza inata da sua aristocrática natureza. Amava Anita e esforçava-se por lho provar; já não podia passar sem ela. Anita sentia-se perturbada, mas sem ilusões. Era uma francesa que sabe ver bem os outros, mesmo quando é parcial em seu benefício. Mas uma francesa é mulher, e o que uma mulher vê em menor grau — (porque não procura vê-lo) — é ela própria.

O seu dever chamava-a a Paris, para junto do filho. Tinha-o abandonado muito. A longa agonia de Germano e a dor exigente de Franz, tinham-se apoderado dela. Durante três longos meses, Anita dera-se-lhe toda, não podia libertar-se sem desumanidade: (era, pelo menos, a desculpa que a sua consciência dava a si própria). Mas agora, o dever era não ficar mais. O dever encontrava-se do outro lado... O seu filho olhava-a com censura... Nunca ele tinha saído do seu pensamento. Apesar dos dias cheios de trabalho, nenhuma noite passara sem que o revisse, com remorsos. Atormentava-se com os perigos a que estava exposto.

No dia seguinte ao do *raid* de aviões de 30 de Janeiro, esteve quase a partir para se lhe juntar de novo. Não se escreviam muito, e as suas cartas, espaçadas, mostravam-se parcimoniosas de ternura. Anita, por falta de tempo e por uma frieza que pro-

vinha do seu oculto domínio; ficando longe dele, sabia que o prejudicava; e preferia não o confessar a si própria: então, atribuía o seu constrangimento às faltas que ele cometera para com ela. E Marcos não lhe perdoava o último encontro, a desconfiança afrontosa que o tinha esbofeteado. Nas noites seguintes, quando revia a cena, mordia a almofada de raiva. Mas, naturalmente, antes preferiria expor-se à morte do que deixá-lo suspeitar. As suas cartas para a mãe, frias, orgulhosas e espaçadas, aplicavam-se a mostrar que não se importava com ela. O pior era que Anita, absorvida pelos cuidados mais dolorosos, parecia não o notar! Respondia com qualquer bilhete banal e apressado. O correio contribuía também para o mal-entendido. A sua carta do primeiro de Janeiro levou mais de quinze dias a chegar. E uma crise terrível de Germano que, durante vinte e quatro horas, teve suspensas nele todas as forças emotivas de Anita, fez-lhe esquecer totalmente o aniversário do nascimento de Marcos. É fácil alardear desprezo pelo sentimentalismo. — Como ele chorou! Lágrimas depressa enxutas, mas que queimavam ainda; e Marcos não teria sabido dizer se eram de decepção ultrajada, ou de outro sentimento que o ultraje não permitia confessar. Anita nada soube. Quando, em seguida, se apercebeu do seu esquecimento, ficou desgostosa; mas julgou inútil confessar-lho... porque lhe pareceu (nova prova da sua insensibilidade) que o filho não dera por isso!... Ah! se ele tivesse sido como Franz, expansivo e amante!... Apesar da diferença de idade, Anita fazia entre eles frequentes comparações. Porque queria considerar Franz como um dos seus filhos, o que lhe servia de justificação para desculpar a afeição absorvente que a parte do outro tomava. Mas a desculpa era logo descoberta. Um instinto salutar, infelizmente tardio, impelia-a a

castigar-se de pensar demasiado no desgosto que teria, quando partisse. Mas o demónio do coração feminino sabe como vingar-se. Segredava-lhe que, se ela ficasse, teria remorsos de não ter partido; e que, se partisse, teria remorsos de não ter ficado. A última hipótese permitia-lhe acariciar o sentimento secreto. Sacrifica se o seu desejo inconfessado, a fim de ter, em seguida, razões para o indemnizar.

Para Franz a questão apresentava-se muito simplesmente. Soltava altos gritos quando Anita falava em o deixar. Não queria saber que ela tivesse outros deveres. Sentia-se lesado. Anita tornara-se-lhe um hábito necessário. Ficava louco só com a ideia de a perder. Anita, a quem esta exigência do coração não desagradava, lisonjeada secretamente por este monopólio, resistia fracamente. Transferia a sua decisão, de dia para dia. Franz escondia sorrateiramente os jornais, e Anita esquecia-se de os pedir. Nos dias 8 e 11 de Março, dois novos *raids* de aviões assolaram Paris; e Franz, que o sabia, absteve-se de lho dizer. Serviu-lhe de pretexto para a falta de notícias o encerramento da fronteira franco-suíça, durante a primeira quinzena de Março. Anita era culpada de não tratar de as obter por qualquer outra forma. Foi bem castigada. No dia 22 de Março caiu sobre ela um duplo raio. A nota marginal de um jornal deu-lhe a saber da explosão da Courtille, a vaga alemã sobre Paris. E uma carta de Sílvia, que datava de dez dias, informou-a de que Pitan estava preso.

Anita ficou transtornada. Não duvidou um momento que Pitan pagasse por ela, no caso da evasão. E, naquela altura, era crime de alta traição. Que se teria passado, no intervalo dos dez dias decorridos desde a expedição da carta? Nessas semanas de severa ditadura, exaltada pela aproximação do inimigo, as sanções eram imediatas, não se dava impor-

tância à Justiça: a Justiça era só a procuradora da vingança... Anita, havia meses que não se ocupava de política. Por dois entes, havia esquecido todo o resto do mundo. Condenou-se a si própria...

Fez os seus preparativos de partida apressadamente. Sabia que, regressando, corria ao encontro da sorte que ameaçava Pitan. Mas Anita não temia tanto esta sorte como o pensamento de o ter entregado, e de ter parecido fugir à sua parte de responsabilidade. Nem um momento a perder! Com o avanço alemão, a estrada de Paris seria cortada de um dia para o outro. Visto que havia perigo para o seu filho e para os seus, o seu lugar era junto deles.

Franz protestou em vão. O cuidado pela sua pessoa passava agora para segundo plano. Presentemente podia viver só, com o seu desgosto. A sua dor tinha formas mais serenas; estava no momento em que se restabelecia com ele a harmonia da vida. Tornava-se um elemento dela; não se arriscava a destruí-la, ocupava-a e sustentava-a, era um companheiro mesmo no isolamento.

Porém Anita não deixava o amigo ao abandono. Tinha sempre em consideração ousadas sugestões, sobre um espírito inquieto e inconstante, de uma solicitude muito completa, sucedendo a meses de inteira intimidade. Anita pôs-se à procura de uma companheira discreta que, sem o importunar, velasse um pouco por ele, e, de longe, pudesse tê-la ao corrente da sua saúde.

Numa casa vizinha, habitavam duas senhoras. Mãe e filha. Duas bálticas. Viviam isoladas. A mãe, sempre de luto, grande, forte, de andar aristocrático. A filha, com vinte e seis anos, quase sempre deitada, tinha uma cabeleira de oiro pálido, fina, espessa e entrançada. Nada bonita, de rosto gasto, era grande também, mas de estatura elegante, e fora atacada

duma tuberculose nos ossos, que estava em via de cura, depois de dois ou três anos de um tratamento rigoroso. Coxeava um pouco. — As duas senhoras davam um pequeno passeio de tarde; não iam muito longe; Anita e Franz, de regresso das suas excursões, encontravam-nas a curta distância da habitação e vinham em sua companhia para casa. Apoiada a uma bengala, a coxa, por amor-próprio ou por indiferença, não tentava dissimular a sua enfermidade. Trocavam ùnicamente palavras banais. Nem uns nem outros pretendiam conhecer os segredos do vizinho. Mas, de casa para casa, prestavam-se alguns serviços, e emprestavam-se livros.

Anita pediu à senhora de Wintergrün que se dignasse velar, discretamente, pelo seu jovem amigo, e distraí-lo da sua tristeza, de que confidencialmente lhe tinha falado. Nada disse, porém, a Franz, que mostrava pouco agrado em encontrar as duas senhoras. Bastou que Anita lhe mostrasse o seu desejo, de que travasse convivência com elas, para que logo recusasse; lá porque lhe consentia que partisse, não suportava que lhe arranjasse substitutos e que lhos impusesse.

Até à hora da partida esperou que Anita ficasse. Perdeu o último dia em amuos atormentando-a com imperiosos pedidos.

— *Aennchen*, tu não partes, não?... Diz; tu não partes, não é verdade? Peço-to... Quero...

— Mas, meu rapaz — dizia Anita —, e os meus que estão à minha espera?

— Que esperem!... «*Mais vale um toma que dois te darei...*» O primeiro toma sou eu!

Inútil tentar convencê-lo! Era como uma criança que repete: «Tenho sede» e não atende a nada.

Quando viu que a decisão de Anita era irrevogável, fechou-se no seu quarto e não falou mais.

Não respondia às perguntas. Embora a visse fatigada, deixou-a sòzinha fazer a sua mala, arrumar tudo. Anita viu chegar o momento em que o deveria deixar, sem que ele lhe dissesse adeus. Mas nos últimos minutos, quando Anita entrou em casa, em traje de viagem — (Franz estava sentado, abatido, num canto) — inclinou-se e quis beijá-lo na fronte; Franz levantou tão bruscamente a cabeça que a feriu na boca, e o lábio sangrou. Só muito tempo depois sentiu o ferimento. Ele, naturalmente, nada tinha visto e beijava-lhe as mãos repetindo tristemente:

— *Aennchen! Aennchen!*... Depressa! Volta!...

Anita acariciava-lhe a cabeça e prometia:

— Sim... Sim, hei-de voltar...

Por fim Franz levantou-se, agarrou nos volumes e acompanhou-a. Só Anita falava. De casa à estação, para ocupar o seu pensamento, fez-lhe recomendações familiares. Franz apenas escutava a sua voz. Depois de a ter ajudado a subir para a carruagem, subiu também e sentou-se junto dela. Continuava calado e sem a olhar. Anita temeu que ele se deixasse surpreender pela partida do comboio e que a seguisse. Mas cinco minutos antes, levantou-se bruscamente, e, sem dizer adeus, foi-se embora, com receio de não poder dominar a sua comoção. Inclinada na portinhola, Anita via-o afastar-se a passos largos. Espreitava os seus olhos. Mas Franz não se voltou. Desapareceu. Anita encontrou-se só na carruagem quase vazia, imóvel, sem ruído. E o seu lábio sangrava, e ela lambia o sangue...

AO chegar à fronteira, o presente retomou-a, — a sombra rubra da guerra, e o perigoso dever, a cujo encontro ela caminhava. Teriam sido dados os seus sinais? Seria detida aos seus primeiros passos em território francês?

A carta de Sílvia, prudente, não particularizava nada; deixava tudo temer ou ignorar, conforme se lesse, ou não, nas entrelinhas. — Mas a inspecção dos passaportes fez-se sem incidentes; e Anita passou.

Chegou a Paris. Ninguém a esperava. Precedeu de muitos dias a carta que a anunciava. O seu próprio pensamento inquieto tinha corrido toda a noite adiante do comboio. Era o Domingo de Ramos; e a notícia, conhecida no caminho, do bombardeamento de Paris pelo canhão misterioso, que parecia sair da imaginação de Júlio Verne, alarmava-a por seu filho. O bairro em que ele habitava estava sob a trajectória. Entrar em Paris, sob o fogo do inimigo, era já um alívio. Mas Anita só começou a tranquilizar-se quando viu a casa intacta, e quando, subindo precipitadamente, bateu à porta e ouviu (felicidade!) os passos de seu filho que vinha abrir.

Marcos ficou estupefacto. Por um instante todo o domínio sobre si mesmo cessou, nada restando da muralha fictícia que tinham levantado entre si. Abra-

çaram-se. E cada um foi tomado pelo arrebatamento que o outro punha nesse abraço.

Mas foi só um instante. Estavam tão pouco habituados a essas efusões que ficaram constrangidos, o que logo os fez separar e retomar os modos convencionais.

Existia um segredo entre ambos. — Anita, dentro do quarto, explicava, à sua maneira, o seu regresso. Marcos escutava, calava-se, e não perdia de vista um só dos seus movimentos. Era ele, desta vez, que estava em serviço de inspecção. Anita, constrangida, obrigava-se a falar. Um vago mal-estar levava-a a temer ser julgada pelo seu filho. Não se sentia isenta de culpas para com ele — e de várias espécies. Por isso se mostrou menos terna e mais segura de si do que na realidade estava. Na sua preocupacão em se observar, não soube observá-lo a ele. Não viu que o filho já não era aquele que deixara três meses antes... Como é sempre diferente aquele que conhecemos! Nunca se conhece senão uma imagem passada. E a imagem nova é um recém-chegado, de que se não tem a chave...

Na véspera da sua prisão, Pitan, que sabia a sorte que o esperava, tinha conseguido fazer chegar uma carta às mãos de Sílvia. Pedia-lhe para dizer a Anita que não se inquietasse, que ele tomava a responsabilidade de tudo. Nada mais. Era bastante. Sem nada saber de preciso, Sílvia, passado o Verão, tinha pressentido a estranha aventura. E ficou alarmada. Em que temeridade se teria metido a sua irmã? Impossível sabê-lo! Pitan estava no segredo. E na ausência de Anita, nada mais sabia do que esta lhe tinha escrito: que fora encarregada de conduzir um suíço ferido. Sílvia, com palavras capciosas, confiou o seu cuidado a Marcos. Este adivinhou o resto. A recordação do seu encontro misterioso, perto da estação

de Lyon, em Dezembro último — (não dissera nada a ninguém) — ressurgiu. Sobre isso tinha ele imaginado um romance. Sem o confiar à tia, esforçou-se, com ela, por reconstruir a história. Sílvia contou-lhe, pela primeira vez, as razões que tinham levado Anita a revogar a cena do cemitério, e o interesse que tomara por um prisioneiro. Marcos discorreu muito tempo sobre estes dados. E a figura da mãe apareceu-lhe sob outro aspecto. Reviu as suas ideias. O pacifismo que desprezara por insípido, bom para as mulheres e para os «efeminados», — tornando-se numa paixão, fazendo-se perigoso, tomou sabor. Imaginou uma aventura de heroísmo e de amor: um romance; experimentou nisso um ciúme pungente, um atractivo inquieto. Compreendia agora a suspeita da sua mãe, que tanto o tinha ofendido! E o pior era que, depois de se ter indignado até à raiva, teve de reconhecer que fora ele próprio, com a sua atitude, que autorizara essa suspeita. Era humilhante... Mas não se tratava de si. A sua mãe estava em perigo. Quando a viu entrar, não duvidou um instante, sequer, que ela viesse ao encontro do perigo. Este pensamento, para ele, sobrelevava todos os outros. Comia-a com os olhos. Mentalmente suplicava-lhe que lhe confiasse os seus perigos. Mas sabia bem que ela não o faria. Sofria e admirava-a. Admirava a sua altivez, a sua calma, o seu silêncio. Descobria-a enfim! — E temeu perdê-la, porque a sabia ameaçada.

Anita não notou nada. Um único dever a ocupava, e tinha pressa. Mesmo antes de ver a irmã e logo que se sentiu descansada e restaurada de forças, vestiu-se e saiu. Marcos balbuciou tìmidamente uma oferta de a acompanhar. Anita afastou-o com um gesto; e ele não insistiu. Mortificado, tremia de atrair-se uma nova ferida.

Anita foi a casa de Marcelo Franck, que se tornara uma rodagem importante da máquina de triturar e se introduzira no secretariado particular do ministro presidente.

Sem se dar ao trabalho de preâmbulos inúteis, Anita contou-lhe a história. Marcelo caiu das nuvens. O seu primeiro sentimento não teve nada de benévolo. Anita viu pela primeira vez um Franck sem o seu sorriso — esse cosmético de ironia que dava à sua expressão uma segunda natureza. E mesmo, por alguns instantes, esteve muito próximo a faltar à elementar cortesia. Só via uma coisa neste assunto: que esta louca se tinha metido em maus lençóis! Não achava graça nenhuma que o tivesse também arrastado. E estava pouco disposto a pagar-se com um simples jogo de palavras; não perdoava que o tivesse comprometido. — Mas o olhar irónico de Anita, que seguia os seus pensamentos nas suas feições, chamou-o ao seu papel de homem de sociedade. Ràpidamente Franck retomou o seu aspecto desprendido. A arrogância desta mulher que vinha afrontar os perigos envergonhava-o da sua cobardia. Foi pois o antigo Marcelo que perguntou:

— Mas, por amor de Deus, Anita, que diabo a impeliu, quando estava tranquila na Suíça, e que ninguém pensava em si, que diabo a impeliu a vir lançar-se na boca do lobo?

Anita explicou pausadamente que vinha substituir Pitan, ou reclamar a sua parte na acusação feita contra ele.

Marcelo ergueu os braços:

— Não fará isso!

— Venho pedir-lhe o nome do juiz de instrução que está encarregado do assunto, a fim de lhe apresentar a minha declaração.

— Não o consentirei.

— Julga que vou deixar condenar por mim um inocente?

— Pitan não está de forma alguma inocente; é um profissional, um empreiteiro do contrabando postal e da evasão, uma raposa velha. Não é o facto de se denunciar que o salva. E, além disso, ele não a nomeou.

— Porque é generoso. Não há razão para eu ser menos do que ele.

— Lembre-se que tem um filho.

— Justamente! Não quero que ele seja um poltrão.

— É uma loucura!

— Absolutamente. Mas, caro amigo, diga-me só o nome que vim procurar. E tranquilize-se! O seu não será pronunciado.

Marcelo pensava:

— «As promessas são boas! Uma vez sobre a pista, não será preciso muito para que a Justiça, de degrau em degrau, remonte até ao meu nome!»

Mas o seu amor-próprio ressurgiu. E exclamou:

— Não se trata de mim. É por si que me aflijo. Não conhece o «patrão». (Falava do «Homem que fazia a guerra»). É-lhe indiferente um julgamento sumário a mais ou a menos. Não é uma mulher que o detém! Gosta, por exemplo, de esbofetear todas as velhas convenções, as atenções complacentes, as sagradas tradições de respeito e de galantaria...

— Não me desagradava ser tratada assim. Ainda que fosse diante da forca!

Marcelo não teimou mais. Conhecia Anita.

— Bom!... Deixe-me examinar primeiro o assunto!

— O tempo urge.

— Não será perdido.

— O meu depoimento pesa-me.

— É bastante robusta para lhe suportar a carga

ainda um dia ou dois. E se fosse possível despronunciá-lo? Não seria melhor do que perderem-se ambos?

— E quem me garante que amanhã, ou no dia seguinte, eu não saberia, demasiadamente tarde, que Pitan tinha sido objecto de um desses julgamentos sumários, de que acaba de falar?

— Conheço o juiz de instrução. Tê-la-ei ao corrente de tudo. Não procuro enganá-la. Não me arriscarei a isso!... E, no caso pior, se, sem eu saber, sobreviesse uma sentença inesperada, ficava-lhe sempre, depois como antes, o recurso de se entregar. Nunca ninguém pôde impedir uma mulher de se perder.

— Não o temo, Marcelo. Mas não o desejo. Não tenho nem vocação nem apreço pelo heroísmo inútil.

— Graças a Deus, que ouço uma palavra de juízo!... E quanto a heroísmo inútil... Anita, falemos francamente, vou dedicar-me o melhor que puder à sua causa... Porque não me disse que ele era seu amante?

— Quem?

— Esse belo rapaz que salvou.

— Que loucura!

— Vamos! Creio que nos vai ainda tentar ocultar-mo? Não a censuro. Se isso é do seu gosto, acho que faz muito bem.

— Mas afirmo-lhe que não!

— Ora vamos!

Anita corou:

— Não, não, não e não!

Marcelo sorriu:

— Bom, não se zangue! Não lhe pergunto mais nada... Mas entre nós, a Misteriosa, confesse que ficaria bem embaraçada para explicar porque o salvou se não o amava?

— Porque...— começou Anita impetuosamente. Mas deteve-se, pensou que, qualquer coisa que dissesse, das suas verdadeiras razões, ele não acreditaria nada: não compreenderia... Está bem, seja! Que acredite no que quiser!

O sorriso de Marcelo triunfou. Não conseguem enganar-me!...

Marcelo era bom rapaz... O amor tornava agradável o trabalho... Esta Anita, da mesma maneira... Diabòlicamente comprometedora... Mas, no íntimo, sentia-se orgulhoso dela!...

MARCELO pôs-se imediatamente em actividade. Falou com o capitão juiz de instrução. Era um homem amável e distinto, que, sem esforço, se tinha elevado ao grau de desumanidade que o seu cargo exigia dele. O fanatismo nacional, de encomenda, e a curiosidade de diletante, associavam-se nele numa afável indiferença. Nunca era mais perigoso para os acusados do que quando se interessava por eles. E interessava-se por Pitan Achava-o muito simpático. Tinham tido, um com o outro, longas e afáveis conversas, donde ele procurava extrair o cânhamo da corda para o enforcar. Mas a corda era delgada, confessava-o com agrado e, ao mesmo tempo, com desgosto. O pequeno negociante fazia figura de doce iluminado, bastante inofensivo e muito desinteressado. Falava naturalmente, sentia-se feliz em expor as suas afectuosas quimeras; mostrava-se agradecido por quererem ouvi-lo e aguardava a força, com uma satisfação discreta de cão de olhos brilhantes que cobiçam o pedaço de açúcar; mas nada conseguira fazê-lo nomear algum dos seus cúmplices, nem fornecer qualquer dado mais preciso sobre os delitos imputados. Por gosto ou por subtileza ingénua e astuta, afastava-se sempre do assunto

na dissertação. Parecia não ligar nenhuma importância aos factos e muita às ideias.

O juiz mostrou a Franck algumas cartas que Pitan, já na prisão, tinha dirigido a um jovem amigo, e as deste, que se chamava Marcos Rivière. Franck sentiu um sobressalto: teria esse pequeno imbecil, por si próprio, descoberto o segredo? Dos Rivière tudo havia a esperar!... Mas tranquilizou-se, ouvindo o juiz que, com uma voz melodiosa, lhe lia pedaços dessas cartas, escritas em bom lirismo, que, às vezes, fazia pensar no jovem Schiller, em Flaubert, em Jean-Jacques, em Rimbaud. Pitan misturava Bernardin de Saint-Pierre com Edgar Quinet. O jovem manifestava ao velho uma afeição exaltada, uma indignação pelos abusos da força e o desejo ardente de partilhar a sorte reservada ao justo, qualquer que fosse. O velho, paternalmente, esforçava-se por acalmá-lo, dizia da sua alegria tranquila, da paz de que gozava: dir-se-ia que a sua prisão era retiro escolhido para o sábio, um eremitério laico concedido ao pensador, pela graça do Estado. Pela janela da cela, colocada alta e gradeada, o vento tinha trazido das ribas do Sena uma flor de castanheiro; e foi com ela que toda a Primavera entrou: Pitan tornara-se bucólico. A flor estava cuidadosamente espalmada entre as folhas da carta que o juiz tinha na mão. E os dois parisienses, trocando um sorriso divertido, diziam:

— O homenzinho também precisa de ser espalmado!

Mas nem o homenzinho nem o fogoso adolescente tinham traído o fundo do seu pensamento: este, a sua inquietação e os seus remorsos, acerca da sua mãe; e o outro, a sua vontade de a tranquilizar; compreendiam-se sem necessidade de grandes explicações; e os parisienses só viam nisso um diálogo do *Emílio*.

O juiz fechou o seu processo: e Franck perguntou.

— Em resumo?...

— Em resumo, tudo se reduz a este assunto extravagante da evasão. Não se compreende muito bem que interesse poderia ter prendido este velho Anacársis. Não conhecia pessoalmente o prisioneiro. Mandámo-lo procurar à Suíça. Foi recolhido por uma família francesa...

Franck prestou atenção.

— ...Pessoas honradas, acima de toda a censura: um filho ferido, todos os outros homens na frente, mortos ou vivos, três mulheres: a mãe, uma filha casada e uma governanta enfermeira. É permitido acreditar numa intriga entre o belo mancebo e a filha casada. História banal. O marido bate-se. Na retaguarda o moral sustém-se conforme se pode. É assombroso que uma tão boa patriota tenha ido escolher um Alboche!... Mas é provável que já se conhecessem antes da guerra.

Franck levantou-se completamente tranquilizado:

— De noite todos os gatos são pardos.

— Compreende que não se procura, para recompensar o zelo do combatente, desonrá-lo publicamente. A salvação pública não está empenhada nisso.

— E quanto ao velho?...

— Quanto ao velho, podem enforcá-lo, se quiserem, ou deixá-lo em paz. As razões a favor e contra igualam-se. Os dois pratos equilibram-se. E que um dos dois se incline, ou o outro, não tem importância. Às ordens do Estado!

«O Estado» era a arma de Franck. Foi ver o «patrão». Conhecia-o de há muito. Mas quem podia gabar-se de o conhecer? O diabo do homem fazia sempre o contrário do que se esperava. Um terreno

perigoso, semeado de armadilhas... Franck avançou prudentemente.

O acaso favoreceu-o. Em lugar de invectivas, com que ordinàriamente o javali irascível honrava os seus javalizinhos, encontrou o animal muito vivo: «tinha dormido bem»; agitava-se... O homem com rosto de mongol regressava de uma volta à frente: tudo caminhava bem; morria-se, ali mesmo, segundo a ordem, sem se fazer rogar. A linha de defesa estava consolidada, e a vaga alemã parecia detida uma vez mais. O rude velho regressava revigorado. A fadiga não tinha mais influência sobre o seu corpo do que o sentimentalismo. Acabava de despachar a parte mais considerável dos assuntos urgentes que os seus secretários lhe tinham desentulhado. Agora permitia-se, antes da sessão da Câmara, uma meia hora de recreio. Gostava da cavaqueira, e a sua pequena polícia, que lhe conhecia o fraco, tinha sempre as mãos cheias de escândalos. Logo suspeitou de um nas algibeiras de Franck, que se aproximava com um sorriso circunspecto e prometedor:

— Eis o Senhor de Frangipane — (ele pronunciava: «Franck-tjipane») — que traz a sua mercadoria!... Vamos, depressa, meu velho, descobre o teu cesto!

Franck, lisonjeado por aquela familiaridade, vexado com a alcunha, que lhe ia demasiado bem, imitou o tom faceto do «patrão» e, sondando o papão, começou a esboçar o retrato simpático e cómico de Pitan. Não teria ido muito longe, porque o ouvinte impaciente cortava a sua descrição com um malicioso:

— Uma bela alma... Não tens nada melhor para me contar...

— Se o contador se não lembrasse de bordar no estofo extravagantes desenhos, que improvisava ao gosto do seu público. E eis que Pitan se tor-

nava o amante tímido duma «honesta» dama, que era, por sua vez, a ardente amante do austríaco, que Pitan fizera evadir...

Desta vez o patrão entusiasmou-se:

— Quem é?... Quem é?... (perguntou agarrando o braço de Franck)... Aposto que a conheço!... É a mulher de X?...

(X era um dos seus ministros.)

Nos seus pequenos olhos passou um relâmpago de malícia feroz.

— Não?... Não?... Que pena! Tê-lo-ia atirado para S. Lázaro, em nome da União Sagrada!...

Nomeou ainda dois ou três. Não descansou enquanto Franck lhe não dizia o nome. Não foi sem custo: porque o perigo era grande. Mas já era tarde para recuar; estava preso pela língua...

Ao ouvir o nome de Anita Rivière, o velho soltou uma exclamação:

— Rivière...

Tinha-o conhecido. Rivière, o arquitecto, o boémio, o homem inteligente, o espírito forte, o dreyfusista... Eram do mesmo tempo, da mesma opinião, tinham disputado, mais de uma vez, galhardamente e com cínica ironia. Quanto à sua filha, tinha-lhe, em garota, beliscado muitas vezes as faces. Perdera-a de vista. Mas era-lhe simpática por ter socado Roger Brissot, «esse idiota!...» (Não podia suportar a virtude oratória dos Brissot. Tinha isso de bom; odiava até à morte a hipocrisia. Farejava-a por toda a parte, — e até mesmo na verdade...) Ficara encantado com o senhor murro aplicado à cara da viscosa tribo pelo punho de Anita, que se descolara dela, deixando o seu Roger com a cara esvaziada e o nariz num charco. E não fora o patrão quem contribuíra menos para o falatório, com a raiva concentrada dos Brissot, que fingiam não saber de nada. Era uma das suas

boas recordações! A distância, parecia-lhe que nesta excelente farsa os intérpretes eram dois: ele e Anita. Por isso estava agradecido à alegre rapariga. (Era assim que a via.) A sua nova aventura encontrou-o indulgente... Essa Rivière!... Que gaulesa!...

— Mas, diga, Frangipane, ela já não é muito nova... Deve ter... Espere... Oh! ainda melhor. Gosto disso, é uma mulher fogosa... Então, todo este barulho era para vir parar a este jogo das damas?... O que tem a política que ver com isso?... Decerto não quer arrastar essa boa francesa à presença de Foutriquier-Tinville? (Chamava assim ao seu acusador público.) Lamber-se-ia com ela... Não, não! Que se deite com o seu vienense! Teremos mais um soldado do Direito para a próxima... E quanto ao velho Pitan (ainda um nome bem francês), o mais feliz dos três, que saboreie a sua sorte!... Vais, meu rapaz, arquivar esse processo... Despronunciado!... E agora falemos de coisas sérias... Vamos à Câmara... Que é que eu vou dizer a esses bezerros?

O assunto foi dado por findo.
Anita estava salva.

MAS, por sua felicidade, Anita não soube de nada. Uma palavra de Franck informou-a sòmente de que tudo caminhava bem. Todavia não ficou satisfeita. Desconfiada, tinha, apesar de tudo, escrito ao juiz, pedindo para ser ouvida. Mais tarde o juiz mostrou a petição a Pitan, quando o libertou.

Regressando a casa, Anita encontrou Sílvia, que tinha acudido; informou-a dos seus passos. Então Sílvia disse-lhe das boas. Estava muito encolerizada, possuída de extraordinária loucura. Anita deixou-a falar. E Sílvia — visto que o mal estava feito e não tinha outro remédio senão aceitá-lo — pôs termo bruscamente ao assunto lançando-se ao pescoço da irmã e abraçando-a. Na realidade nem por um império quisera que Anita tivesse procedido de outra forma. E por saber que ela, Sílvia, nunca o teria feito, sentia orgulho no gesto da irmã mais velha. Essa vontade, essa calma impunham-se-lhe.

Por detrás do tabique, Marcos escutava, sem perceber bem, o murmúrio confuso da discussão das duas irmãs, a voz irritada de Sílvia, que um gesto de Anita fazia baixar de tom e pôr em surdina, depois os abraços furiosos, e o silêncio: Sílvia assoava-se; ela, a mulher de olhos enxutos, tinha chorado...

De pé, as duas mulheres, ternamente abraçadas, contemplavam-se; e Anita, beijando os olhos de Sílvia, contava-lhe, a meia voz, longamente, toda a história: a amizade de Germano, a evasão de Franz e a morte. Sílvia já não pensava em censurar a louca generosidade da irmã; não a media pela bitola comum, pela sua, e reconhecia, a Anita só, o privilégio de trabalhar e de existir, segundo uma lei superior à lei ordinária. Mas, por detrás do tabique, o rapaz não se conformava que o tivessem fora da confidência. Abstinha-se, no entanto, de a solicitar. O seu orgulho esperava que ainda o pusessem ao corrente.

Marcos remoía o seu ressentimento, no dia seguinte, quando Pitan chegou. Saía da sua tebaida. Anita ouviu a exclamação alegre do filho, que abria a porta, e deixou cair o trabalho. Marcos soltava exclamações de surpresa, apertando as mãos do visitante. Pitan ria consigo, com o seu cacarejo tranquilo e afectuoso. Ao vê-lo, Anita levantou-se e abraçou-o. Depois reparou na presença do seu filho e não ficou à vontade. Marcos ainda ficou mais contrariado; eclipsou-se sob pretexto de ir fechar a porta da escada, e deixou-os sós alguns minutos. Anita e Pitan trocaram ràpidamente palavras comovidas e risonhas. Marcos voltou; e a conversa entre os três manteve-se velada, a meias palavras. Quiseram reter Pitan para almoçar; mas ele estava com pressa de percorrer Paris, tinha que visitar os camaradas. Marcos saiu com ele. — Pitan — disse Marcos enquanto caminhavam juntos —: sei que escreveste à minha tia.

— Ah! respondeu o velho.

E ficou por aí.

Marcos engoliu a saliva:

— Dedicaste-te a nós. Foste generoso.

— Menos que tua mãe.

— Mas o que arriscou ela?

— Não te disse nada?

— Não.

— Então queres que to diga por ela?

Marcos estava vexado; mas Pitan tinha razão. Continuavam a caminhar. Marcos prosseguiu, depois de um esforço:

— Mas eu queria saber, ao menos... Estará ela ainda em perigo?

— De momento, creio que não. Mas, neste tempo de cobardes e de lobos, uma mulher como ela, destemida e franca, está sempre em perigo.

— Não haverá meio de a impedir de se arriscar?

— Não o devemos fazer. Pelo contrário, é preciso ajudá-la.

— Mas como?

— Arriscando-nos com ela.

Marcos não lhe podia dizer:

— Arriscar, sim. Mas como, se eu nada sei da sua vida e ela não me confia nada dos seus riscos e dos seus perigos?

Marcos exagerava ainda a amargura de se sentir afastado. E repetia para consigo:

— De todos, de todos, eu sou aquele em quem ela confia menos.

Como Marcos não replicasse, Pitan interpretou inàbilmente o seu silêncio, e disse-lhe:

— Meu rapaz, deves sentir-te orgulhoso pela mãe que tens.

Marcos gritou, irritado:

— Julgas que esperei por ti, para isso?

E voltou-lhe as costas, afastando-se furiosamente.

ALIVIADA de um grande peso, Anita tinha retomado em casa a sua vida tranquila e apagada.

A guerra, que continuava, e a ansiedade dos espíritos, pareciam não a impressionar. Partilhava os seus perigos: não era obrigada a partilhar os seus pensamentos. Tinha muito em que se ocupar. Por muito rigorosa que fosse a atenção de Sílvia, vigiando, na ausência de Anita, a manutenção de Marcos, há uma quantidade de pormenores mínimos, muito importantes, que o olhar da mãe está pronto a notar em tudo que diz respeito ao filho: o seu traje, e o seu bem-estar. Anita passava em revista a sua roupa branca e os seus fatos, maliciosamente encantada quando descobria uma falta que tinha escapado à observação exercida por Sílvia. Anita tinha muito que fazer em repor nas devidas condições, também, o aposento, de que, durante dois anos, as traças tinham sido as únicas possuidoras. Sílvia encontrava-a sempre em acção de coser e de arrumar. As duas irmãs tinham, todos os dias, longas conversas. Mas Marcos, que trabalhava no quarto contíguo, com a porta aberta, espiava-as; e o seu olhar de franganote, que observava de revés, não encontrava nestas conversas nenhum grão onde debicar: os assuntos íntimos tinham sido tratados de uma vez; agora, apenas

se ocupavam falando do trivial, das histórias do dia, de ninharias de mulheres, costura, preço dos géneros... Marcos, impacientado, fechava a porta. Como podiam elas, durante horas, repisar estes nadas? Sílvia, ainda se admitia! Mas Anita — a sua mãe —, que acabava de arriscar a vida e que talvez a tornasse a arriscar no dia seguinte; ela, de quem pressentia, sem os poder penetrar, os segredos que queimavam, — apaixonar-se tanto por esses nadas — o preço do pão, as restrições da manteiga e do açúcar — como por esse mundo escondido (de que apenas conseguia ocultar-lhe uma parte!...) Porque o seu ciúme via a claridade no coração da lâmpada. Talvez mesmo que ela própria a não visse. Mas, calada ou falando, era sempre iluminada silenciosamente...

«*Facet sed loquitur...*»

A lâmpada ardia sem ruído; em pleno dia ninguém a notava. Mas a ave de rapina fixava, sob invólucro de alabastro, a luz silenciosa... Donde vinha?... E para quem?...

Uma outra alma, nocturna, apercebia esta lanterna de pirilampo na erva, e errava, atraída...

Úrsula Bernardin, com quem Anita, distraída, acabava de cruzar na escada, tocou-lhe timidamente no braço, e murmurou:

— A senhora perdoe, mas permite-me que eu vá um dia falar-lhe em sua casa?

Anita ficou surpreendida. Conhecia a extrema timidez das duas filhas de Bernardin, e o cuidado que sempre haviam tido em evitá-la. Apesar da pouca claridade que havia na escada, viu o rubor na face confusa; no seu braço, a mão enluvada tremia. Anita disse, calorosamente:

— Agora mesmo. Venha!

A jovem, que já procurava desdizer-se, retomada

pelo receio, propunha transferir para outro dia o seu propósito. Mas Anita tomou-lhe o braço e arrastou-a:

— Estaremos sós. Entre!

No quarto de Anita, Úrsula Bernardin, com a respiração cortada, conservava-se imóvel e rígida.

— Viemos muito depressa? Perdão, esqueci-me... Subo sempre a escada a correr a dois e dois... Sente-se!... Aqui, não, no canto, contra a luz, está melhor. Descanse! Não tenha pressa de falar... Como respira!...

Anita olhava sorrindo e diligenciava tranquilizar a jovem sentada desastradamente, cheia de embaraço e de comoção, e cujo seio levantava pesadamente a roupa apertada. Anita, pela primeira vez, podia estudar este rosto e este corpo, rústicos, acanhados pela clausura burguesa. Os traços eram pouco delicados e as formas pesadas; mas na vida do campo, na actividade normal de uma quinta parecia outra, feliz e ocupada, rodeada de animais domésticos e de crianças; a sua figura, jovem e sadia, risonha e azafamada, sob o ardor do sol, com a testa suada e as faces banhadas por um dia de Verão, tornava-se bastante agradável... Mas o riso e o sol estavam fechados à chave. O sangue tinha refluído. Restava esse nariz achatado, esses lábios grossos, a forma pesada, linfática e crispada, que não ousava mexer-se e temia respirar.

Vendo que a rapariga não podia decidir-se a falar, Anita, para lhe dar tempo a corrigir-se, fez-lhe perguntas amigáveis. Úrsula respondia com dificuldade, perturbava-se, esquecia as palavras. O seu pensamento estava longe. Teria querido abordar outro assunto, mas apavorava-a a ideia de falar nele; sofria, e só tinha um desejo:

— Meu Deus, como fugir!

Por fim levantou-se e exclamou:

— Suplico-lhe... Deixe-me ir embora! Não sei o que se apoderou de mim. Perdoe-me tê-la incomodado...

Anita agarrou-lhe as mãos, rindo:

— Vejamos, sosseguel... Não se apresse... Meto-lhe assim tanto medo?

— Não, minha senhora... Desculpe, eu queria ir-me embora... Não posso falar... Hoje não posso.

— Bem, não falará. Não exijo nada... Sòmente peço que fique ainda alguns minutos; visto que quis subir à minha casa para me ver, aproveito a ocasião, não é preciso fugir! Há tanto tempo que vivemos uns ao lado dos outros sem nos falarmos! E agora não me demoro aqui. Vou-me embora. Deixe-me vê-la tranquilamente mais uma vez. Ande, mostre os seus olhos! Eu mostro-lhe os meus. Não têm nada que possa fazê-la assustar.

Úrsula, confusa e comovida, tranquilizando-se pouco a pouco, começou por desculpar-se desajeitadamente da sua timidez e falta de cortesia; que nunca esquecera as boas palavras de Anita, quando do seu luto, o ano passado; ficara muito comovida, quisera escrever-lhe; mas não se tinha atrevido. À sua volta não se apreciavam as pessoas que se davam com estranhos.

Anita respondia, benevolente:

— Sem dúvida... sem dúvida... compreendo...

Úrsula, afoitando-se pouco a pouco, balbuciou, corrigiu-se, e, fazendo um esforço, contou quanto tinha sofrido, desde há quatro anos, com a guerra, os ódios e todas as suas crueldades. Não conhecia Anita, mas parecia-lhe que ela as devia desaprovar também...

(Anita estreitou-lhe docemente a mão, sem falar.)

...Mas Úrsula não encontrava à roda de si

nenhum sítio onde pudesse respirar. Mesmo os seus próprios pais, apesar de muito bons, estavam sempre inclinados para os pensamentos de vingança — (Úrsula emendou) — não! de castigos sem piedade. A morte dos seus infelizes filhos tinha-os exasperado. Bastava uma palavra de paz para os enfurecer. A mais violenta era a sua irmã Justina, com quem partilhava, desde a infância, o quarto e as confidências. Todas as noites, antes de adormecer, Justina rezava em voz alta: — «Meu Deus, Virgem Maria, São Miguel, exterminai-os!...» Era aflitivo. Úrsula fingia que se associava a estas orações; se não acusavam-na de indiferença pelas desgraças do país e pela morte dos dois irmãos...

— Indiferente, não sou!... Ah! É justamente porque se é infeliz, parece-me, que se deveria querer que os outros o não fossem...

Úrsula anunciava desajeitadamente ideias comoventes. Anita, para quem elas não eram novas, aprovava-as e exprimia-as melhor. Úrsula sentia-se feliz a ouvi-la; calava-se, escutava. Por fim, mais confiante, perguntou:

— A senhora é cristã?

— Não.

Úrsula ficou aterrada.

— Ó meu Deus!... Mas então não pode compreender-me!...

— Minha filha, não é necessário ser cristão para compreender e amar tudo quanto é humano.

— Humano!... Não é bastante! O mal também é humano. E os homens... assustam-me! Veja as suas crueldades, essas abominações!... Só o sangue de Cristo os pode resgatar.

— Ou o nosso. O de cada um — homem ou mulher — que se dedique aos outros.

— Se for em nome do Cristo.

— Que importa um nome?

— Mas este nome é um Deus.

— E que seria um Deus que não estivesse em cada um dos que se dedicam? Se um só desses homens — eu digo: *um só* — estivesse onde Deus não está, quais seriam os limites de Deus? O coração ultrapassá-los-ia.

— Não, nada o ultrapassa. Todo o bem está nele.

— Então, basta o bem.

— Quem mo mostrará se me tirar Deus?

— Querida, por coisa alguma do mundo eu quereria tirar-lho... Guarde-o! Respeito-o em si. Julga que eu quereria enfraquecer a sua crença?

— Então, diga-me: também acredita nele?

— Minha filha, eu não posso dizer que acredito no que não conheço. Não quer que eu minta?

— Não, mas acredite, acredite, peço-lhe!

Anita sorriu afectuosamente:

— Trabalho, minha filha, não tenho necessidade de crer.

— Trabalhar é crer.

— Talvez. É o meu modo de crer.

— Se o Cristo não a ilumina, a acção arrisca-se sempre a ser um erro ou um crime.

— Parece-lhe que o Cristo tenha bastado, há quatro anos, para afastar o erro e o crime dos que crêem nele?

— Ah! não me fale nisso! De mais o sei! Há tão poucos cristãos verdadeiros! É o mais desolador! Não encontro dois entre todos os que conheço. Afligem-me. Matam-me! Desgostam-me e horrorizam-me. Tenho aversão a essa vida. Tenho horror a esses homens. Quereria resgatá-los. Não posso estar entre eles, não sei trabalhar como a senhora; a mim, toda a actividade me mete medo. Não sou feita para viver neste mundo. Vou partir, retirar-me

para um convento de Carmelitas. O meu pai consente, a minha mãe chora e a minha irmã censura-me; mas não poderei viver mais com os meus, parece-me que, a todo o momento, fazem sofrer a Nosso Senhor Jesus!... Meu Deus, que disse eu? Não me acredite!... Eles são bons, amo-os, não tenho o direito de os julgar... Não, não me escute!... Ah! se a senhora fosse cristã!...

Escondia o rosto entre as mãos.

Anita, maternalmente, acalmava-a, afagando com a sua mão a nuca inclinada de Úrsula.

— Pobre pequena. Sim, tens razão — dizia.

Úrsula levantou a cabeça:

— Não me desaprova?

— Não.

— Faço bem em ir-me embora?

— É melhor para si.

— E não me censura por me retirar em vez de trabalhar, como a senhora?

— Ainda é trabalhar. A cada um a sua missão! Eu não sou daqueles que negam a da oração. É bom que algumas almas guardem o fogo sagrado da contemplação divina que mantém abertas, entre o eterno e nós, as represas do rio de sangue. Rogai por nós, minha filha, que trabalhamos por vós! Talvez que nós sejamos o cego, e vós o paralítico!

Úrsula, agradecida, inclinou-se para lhe beijar as mãos. Anita abraçou-a, e levou-a até à porta da escada. Úrsula suspirava:

— Ah! que pena que não seja cristã!

Mas no limiar da porta ainda teimou:

— Tenho a certeza de que o é.

— Não o creio — respondeu Anita, sorrindo.

Úrsula, com o olhar radiante, disse:

— Deus escolhe os que quer. Não lhes pergunta o que querem!

ANITA não tinha recebido uma única carta de Franz, depois da sua partida. Estava inquieta mas não surpreendida. Nisso o reconhecia! A grande criança amuava-se; queria castigá-la: o seu silêncio era a melhor arma para se vingar, para a obrigar, talvez, a voltar mais depressa. Anita divertia-se com a tática, e — (malícia contra malícia!) — fingia não perceber. Escrevia-lhe uma carta por semana, num tom de serenidade, afectuosa, jovial, sem nada alterar aos planos que tinha estabelecido. Desejaria tornar a vê-lo, mas achou que seria insensato, agora, com todos os deveres que a retinham em Paris. Propunha-se aguardar o Verão, dando como pretexto as excursões pela montanha, que fariam bem a Marcos, de há muito enclausurado. Mas a demora pesava-lhe, mais do que ela queria. Estava meia decorrida a quarta semana depois do seu regresso a Paris, quando chegou uma carta de Franz... Enfim!... Anita, com um sorriso, fechou-se para a ler. Que censuras, que cólera ia sofrer!...

Franz nada lhe censurava. Não estava irritado. Mostrava-se perfeitamente calmo, cortês, bem educado. Estava de boa saúde. Persuadia-a a ficar...

Enquanto Franz não tinha escrito conservara-se

tranquila. Depois de ter recebido esta carta, começou a inquietar-se.

Ser-lhe-ia difícil dizer porquê. Anita deveria regozijar-se por o encontrar tão paciente. Mas foi exactamente por isso que deixou de o estar. Não pôde abster-se de lhe responder no próprio dia. Bem entendido, não deixava transparecer nada do que a preocupava, — (sabia-o ela?) — gracejava: visto que Franz não tinha pressa de a tornar a ver, não voltaria antes do fim do ano. — Anita esperava, para dois dias depois, um pretexto de Franz... Nenhum pretexto. Nenhuma carta veio.

Anita contínha-se. Contou as semanas que a separavam do Verão. Escreveu à Senhora de Wintergrün, sob pretexto de verificar o que Franz dizia da sua saúde. A Senhora de Wintergrün respondeu que o caro Senhor de Lenz passava o melhor possível, que os desgostos, graças a Deus, passam depressa nessa idade, que era amável e alegre, que, agora, habitava na mesma casa que elas, e que o viam como uma pessoa de família...

A carta procurava tranquilizá-la, mais do que seria para desejar. Dormiu mal na noite seguinte e nas imediatas. Encolheu os ombros e recalcou um pensamento. Mas o pensamento, tenaz e surdo, voltava. A sua dignidade resistiu ainda uma semana. Depois, uma manhã, ao levantar, cedeu. Anita resolveu partir. Não pôs objecções. Tinha que ser...

Entretanto, Marcos atormentava-se no desejo de se aproximar de sua mãe. Tinha deixado perder as primeiras semanas. Contava com um acaso, que não se apresentara. Agora, tentava provocar a ocasião. Mas só os dois o podiam conseguir; e ele era só a jogar: sua mãe não dava atenção à partida. Marcos não a abandonava, observava os seus olha-

res, precedia os seus desejos. Anita deveria ter notado as suas atenções: nunca lhas tinha dispensado, até ali. E talvez que ela as notasse, talvez as rejeitasse maquinalmente, para dias mais propícios, em que tivesse mais tempo... Mas, presentemente, não podia dispor desse tempo. Estava preocupada. Marcos diligenciava, em vão, fazer voltar para si este espírito fugidio. Perdia a coragem. Sòzinho nada podia conseguir. Era preciso que alguém o ajudasse... Então, retirava-se para um canto do quarto e, ali, esquecido, via-a de perfil, pregando nos seus fatos os botões arrancados: (porque Anita ocupava-se dele pensando nos outros... Ah! quanto mais gostaria que pensasse mais nele e desprezasse essas coisas!...) Marcos estudava o rosto pensativo... Que preocupações? Que recordação lhe vinha enrugar a face? Que imagem passava, correndo, sob a pele?... Noutros tempos, Anita teria fàcilmente notado o olhar pousado sobre ela. Mas os seus sentidos não estavam ali. Trabalhava com os dedos, meia adormecida. Quando notava o silêncio, esforçava-se para dirigir a Marcos uma pergunta maternal, cuja resposta ouvia distraìdamente; ou então obrigava-o a sair, para aproveitar o bom tempo. Era o momento em que ele teria querido falar. Levantava-se cheio de mágoa. Nada tinha a censurar-lhe. Anita era afável com ele, e distante. Marcos tinha vontade de a apertar nos seus braços, de a sacudir, de a morder na face, ou na ponta da orelha, até fazê-la gritar:

— Estou aqui! Abraça-me ou bate-me! Ama-me ou odeia-me! Mas volta para mim...

Ela, porém, não voltava.

Então, decidiu-se. Resolveu falar no próximo domingo, à noite, depois de jantar.

E foi nesse domingo que ela bruscamente lhe anunciou, de manhã, a sua partida... Já estava pre-

parando a mala. Com algum embaraço, pretextou notícias que a chamavam à Suíça, mais cedo do que pensava. Nada mais explicou e Marcos não lhe pediu para se explicar... Estava consternado.

Há uma semana que esperava este dia. Tinha dormido mal; repetira toda a noite as palavras que tencionava dizer. E agora... iam separar-se, antes que ele tivesse falado! Porque já não o podia fazer, na precipitação do último dia. Precisava de tempo, de uma noite de recolhimento e que ela estivesse toda entregue a ele. Como podia escutá-lo com o olhar distraído a seguir o ponteiro do relógio caminhando para a hora da partida!...

Marcos estava tão habituado a reprimir os seus sentimentos, que recebeu, sem um sinal de espanto, a notícia que o feria. Ajudou silenciosamente sua mãe nos preparativos de viagem. Só no último minuto, Marcos foi senhor da sua voz para dizer, com uma inflexão desembaraçada:

— Tinhas-me prometido ficar até às férias. Roubaste-me três meses...

(Era o pensamento que ele remoía com rancor!...)

Anita não compreendeu; viu apenas naquelas palavras uma expressão de cortesia familiar, na hora da despedida, para dizer: — «Fica!» — quando se está certo da partida, e respondeu no mesmo tom de amigável gracejo:

— Mas não, faço-te presente deles.

A injustiça feriu-o; mas não replicou. Para quê, agora? Aliás Anita apenas dizia o que, seis meses mais cedo, ele teria pensado. Como podia adivinhar a mudança que depois se operara nele?

Anita recordou-se mais tarde da sua expressão séria, olhando para ela, de pé, diante da porta do vagão. Sílvia acompanhava-a também; não cessava de falar. Anita respondia-lhe e, enquanto falava, olhava

para o filho, imóvel e mudo, fixando-a. Partiu levando consigo esse olhar, e, depois de se apagarem ao longe as duas sombras, das quais só uma agitava a mão, o comboio mergulhou na noite.

Marcos voltou com a tia Sílvia expunha o seu pensamento com franqueza, e diante dele não vigiava as suas palavras. Estava habituada (de mais, talvez) a tratá-lo como um homem. Sílvia dizia:

— Meu amigo, não contemos com ela. Há qualquer outro na sua ideia. Tem o coração louco.

Marcos sofria com essas palavras e interrompeu-a de uma maneira rude:

— Está no seu direito.

Sabia agora, por Sílvia, a história do prisioneiro; sabia que Sílvia, como os outros, misturava o amor com a aventura. Mas ele era o único a não pensar assim e era o único a acreditar que sua mãe obedecia a um móbil mais elevado. A ironia de Sílvia ofendia-o, como se alguém tivesse suspeitado da mulher de César. Mas estava decidido a não discutir, daria razão à sua mãe, qualquer que fosse o seu procedimento...

— Está no seu direito... «Não contemos mais com ela...» Não soube guardá-la. Perdi-a. *Mea culpa*...

Mas quando se faz a confissão, é para, depois, levantar a cabeça e dizer:

— O que perdi, cedo ou tarde, de vontade ou à força, recuperá-lo-ei.

ATÉ à hora da chegada, Anita conservou-se tranquila. Tinha agora a faculdade instintiva de afastar os pensamentos importunos; não os suprimia, reservava-os para mais tarde.

Sòmente na última estação se sentiu perturbada. Debruçou-se na janela da carruagem para ver aproximar-se a pequena gare conhecida... Sim, estava tudo igual ao que a sua recordação tinha deixado. A pequena estação estava lá. — Mas ele, não estava...

Ao passar a fronteira tinha-lhe telegrafado prevenindo-o do seu regresso. Mas, nesses tempos de guerra, o deus de sandálias tinha as solas de chumbo... E depois, nunca se podia contar com esse querido rapaz!... Anita não se admirava; mas mesmo assim sofreu uma decepção.

Dirigiu-se a sua casa. A meio do caminho deparou com Franz, que vinha ao seu encontro. A sua alegria bateu as asas, mas depressa desapareceu. Franz não estava só; a Menina de Wintergrün acompanhava-o. Franz, apressando um pouco o passo, beijou a mão de Anita e desculpou-se delicadamente do seu atraso. Anita gracejou atrapalhando as palavras; um olhar a observava. Voltou-se para Erika Wintergrün. Direita e altiva, a jovem esperava. Os olhos de Anita

encontraram os olhos azuis-escuros, que espiavam o seu embaraço. As duas mulheres, com um frio sorriso, trocaram algumas palavras amáveis. Puseram-se os três a caminho. Conversaram afàvelmente. Mas Anita nunca chegou a saber do que se tinha falado. Chegados a casa, deixaram Anita só, sob o justo pretexto de que devia descansar; e Franz, sempre cortês, reconduziu a jovem. Encontrar-se-iam à noite, em casa da Senhora de Wintergrün, que tinha convidado Anita para jantar.

Anita ficou, de pé, no seu quarto, defronte do espelho, com o chapéu na cabeça e capa de viagem. Olhava-se sem se ver. Pensava... Não, não pensava!... Teve um pequeno sorriso nervoso, sacudiu-se do seu estado de hipnotismo, mas para recair novamente nele, porque só se arrancou do espelho para se postar diante da janela, em face das montanhas e do céu, que não via; não tinha tirado o chapéu nem as luvas. A fadiga caiu sobre ela repentinamente... Na sua alma fez-se um vazio. No dia seguinte pensaria.

Teve que pensar, à noite, nesse jantar, — pensar em não deixar transparecer o seu pensamento. E assim ela a viu... Como essas amáveis conversas lhe eram penosas! Interrogavam-na sobre a sua viagem, sobre Paris, sobre a moral e as modas, os preços de alimentos, a duração da guerra. Falava-se, falava-se; era bem evidente que — (excepto Franz, talvez) — todos mentiam! Ainda que ambas fizessem por se evitar, sempre o olhar de Anita se cruzava com o olhar insuportável de Erika de Wintergrün, que a observava. Nem uma ruga do seu rosto deixou de ser registada por ela. Mas não encontrou tantas quanto teria desejado. Sob o aguilhão da luta, a fadiga de Anita desapareceu totalmente. A sua tez tinha retomado o brilho suave e dourado. Sorria, senhora de si, tranquila e rejuvenescida. Era a mais jovem que

se tornara mais velha. Os seus traços endureciam-se. Uma tensão febril reavivou a sua orgulhosa confiança. Sentiu a necessidade de marcar as suas vantagens. E, assinalando-as demasiado, comprometeu-as.

Falava a Franz com uma familiaridade exagerada. Anita teve um leve franzir de sobrancelhas, que não escapou a Erika de Wintergrün. Marcou um ponto. Quis marcar dois. Ao levantar da mesa, cometeu a falta presunçosa de tirar Franz, incerto e distraído, à Senhora Rivière, que ele olhava como se a descobrisse. Conduzindo-o para a pequena sala contígua, açambarcou-o. A Senhora de Wintergrün tentava ocupar a atenção de Anita, que seguia Erika com o olhar. Inclinada ao ouvido de Franz, com um riso forçado, Erika fingia confiar-lhe segredos maliciosos; e sobre Anita deslizavam os seus olhares de revés. A Senhora de Wintergrün murmurava:

— Queridos filhos! Não se podem separar...

E, parecendo interrogar a Senhora Rivière sobre Franz, mostrava-se informada, com exactidão, do seu estado de fortuna e da sua parentela.

Anita, perfeitamente calma em cada um dos seus movimentos, na realidade ardendo em cólera, estranhamente lúcida para tudo o que a rodeava, cega para tudo quanto se agitava dentro de si, levantou-se tranquilamente; enquanto conversava, ia examinando as fotografias do piano; maquinalmente, levantou a tampa do instrumento, a fim de ler a marca; os seus dedos correram sobre as teclas para o experimentar. A sua mão arranhou o teclado... Não foi sòmente o teclado que recebeu a ferroada. Cada um dos três sentiu o choque em pleno peito. A intrusa lançava-lhes em rosto:

— Estou aqui...

Um golpe de vento imperioso... Três potentes acordes. Três gritos de paixão irritada... Depois, o

silêncio, um queixume desenrolado no céu vazio, como um rasto de nuvens, os seus lentos arpejos descendentes... Como um fio de sortilégio que se afunda, arrastando as almas nas suas malhas...

Anita, subjugada pela sua própria acção, inclinada sobre o abismo sonoro, via sair dos seus acordes irreflectidos o *lamento* que preludia a abertura de *Manfredo*.

Franz tinha acorrido. Músico de raça e por natureza, não resistiu ao apelo mágico. Transtornado, olhava a Circe, evocando os espíritos...

Anita, há muitos anos que pouco tocava. Na sua mocidade, fora uma boa virtuose. Mas precisara vender o seu velho piano. Os anos de cuidados, e o trabalho incessante, só raramente lhe permitiam exercitar-se. Depois da guerra, sentira mesmo uma espécie de repugnância que a afastara da música; parecia-lhe que, entregando-se a ela, ofendia o sofrimento universal. Quando sucedia abrir um piano, era furtivamente, como para gozar o seu contacto. Mas quanto maior era a violência com que o fazia, mais o seu espírito a condenava. Nestes momentos, a música lançava-a sob a sua opressão dolorosa, como sob o amante, imobilizada, com a boca ardente; sentia bater a torrente, que a arrastava, só guardava a sua lucidez para seguir as margens que fugiam, e os redemoinhos vertiginosos: com o corpo ligado, paralisado, toda a sua força de liberdade se concentrava no olhar... Foi esse olhar turvo e duro que se ergueu das ondas do teclado e percorreu pesadamente os três rostos que a espiavam: Franz, maravilhado de comoção, dominado; — a jovem, roída de raiva e de medo; — a mãe desorientada, procurando compreender... O olhar sondou-os, enquanto o demónio da alma falava pelas mãos...

Na altura do prelúdio onde uma febre penetra o elegíaco *lamento*, onde o movimento se acelera,

onde a paixão se acumula e os sons anunciam o rebentar da onda, — nesse mesmo segundo em que o dique se rompe, Anita interrompeu-se; no meio da frase, os seus dedos pararam bruscamente sobre as teclas calcadas: os espíritos dos acordes prolongaram o seu voo quebrado, no silêncio... Depois, enroladas, recaíram as asas das vibrações.. Anita levantou-se. Julgava-se ridícula...

Cheio de entusiasmo, perturbado, Franz insistia para continuar. A Senhora de Wintergrün, sem calor, obrigava-se delicadamente a insistir. Erika calava-se, com a boca desdenhosa, os lábios crispados. Anita olhou-os com atenção; sorriu friamente e disse:

— Tenho que me retirar. Sinto-me fatigada.

Pousou o seu olhar sobre Franz, dominado:

— Venha acompanhar-me.

Ao partir, viu, nos olhos de Erika, a angústia e o ódio...

Caminhavam lado a lado, sob as estrelas geladas. Calavam-se. O abismo do espaço prolongava à sua volta o abismo da música. O Érebo da noite, e os peixes de fogo... não trocaram uma palavra até ao limiar da porta... Trevas... Eram um pedaço das trevas... Franz murmurou:

— Boa noite...

Então, viu, diante de si, a sombra móvel, que se fechou sobre ele. As suas bocas tocaram-se...

Anita desapareceu. Franz encontrou-se só, diante da porta fechada. Regressou, na noite...

Anita subiu ao seu quarto, sem pensar... Não! nenhum pensamento, ainda!...

Fazia frio. Estava escuro. A fadiga pesava, como uma laje pendente; e o afluxo opaco da sua noite interior afogava-a num tanque de nafta amontoada... Despiu-se, com mão pesada e apressadamente, sem

levantar do chão os vestidos. Com a cabeça na almofada e a luz apagada, via, no céu negro, a Ursa Maior. E no seu cérebro brilhou o relâmpago do já visto, o passado... Como uma pedra que se solta... caiu...

Mas, precisamente nesse momento — (um momento?) — o aperto do coração fez erguer a sua consciência. Reviu-se de novo sentada sobre o seu leito, apertando os seios com as mãos, gritando:

— Não, isso não é possível!...

Não é possível o quê?... E esperava que as palpitações do seu coração se acalmassem. Acalmavam-se mas voltavam de novo. E enquanto esperava viu que a Ursa Maior tinha desaparecido no horizonte. Só um círculo de prata emergia por cima do cume do monte... Sem ruído, com os dedos crispados martirizava o seu peito, e continuava a gemer:

— Não! não é possível...

Mas o quê?... De mais o sabia...

— Menti então a mim própria? Deixei-me prender?... Outra vez?... Seria possível que o amasse?...

Nesse caso, essa ternura de mãe, com que se entretinha, eis o que ocultava!... Razão tinham eles, esse Marcelo Franck, e Sílvia, esses espertalhões de Paris, cuja ironia farejava o avesso impuro da sua dedicação!...

— Deus sabe no entanto como eu me esquecia, como me entregava sem nada esperar, como me julgava desinteressada!... E o interesse, como um ladrão, introduziu-se em casa. Eu era cúmplice, fingia dormir, ouvia vir os passos furtivos da paixão. E dizia para mim própria: «Amo-o por ele...» — E amava-o por mim! Quero prendê-lo. Eu quero!... Ah! Que irrisão! Quem: «*eu?*» Quem «*quer?*»...

Eu, os meus cabelos grisalhos, eu, que juntei no meu corpo toda a poeira do caminho percorrido, a minha inútil experiência e os meus sofrimentos, vinte anos de distância entre mim e ele. — E de que maneira este rapaz avaliará este afastamento!... Vergonha e piedade.

Sentia-se esmagada de humilhação.

Mas levantou a cabeça, indignada:

— Porquê?... Foi porque eu quis? Foi por ter procurado?... Porque sou sacrificada? Porque sou queimada? Porquê esta sede de amor? Esta paixão sôfrega? Porque me foi dado um coração que não envelhece, num corpo que envelhece?...

Anita comprimia os seios. Onde atingir essa natureza — quem pode deter a aranha! Quereria fazê-la sangrar, na sua carne. Mas não se prende o oceano numa rede.

Sentia-se revoltada:

— Amo... amo... Ainda sou digna de amar!...

O ciúme de Erika mo diz. Fui eu que o libertei, é meu. Depende de mim que seja meu, se eu quiser. E quero. Amo. Estou no meu direito.

O seu direito! O ridículo da palavra, chocou-a. O direito, essa ficção do homem, fabricada de sociedade com ele. Esse estandarte vermelho do escravo revoltado na guerra inexpiável que, desde Prometeu, termina sempre, sempre, pelo esmagamento! Ou essa hipocrisia do mais forte que abate o mais fraco, enquanto não é abatido, por sua vez!... Em face da natureza, não existe o direito. A força, indiferente, alimenta-se de milhões de vidas. Entre milhões de outras, Anita era sua vítima. Podia retardar por um dia, por uma hora, a sua derrota, à custa doutras vítimas. Mas a derrota chegaria. E valeria a pena retardá-la, à custa do sofrimento de outras vítimas?...

Anita exclamou:

— Porque não?... Um dia, uma hora de posse, um instante, não é nada? A eternidade está num instante, como o universo está num ser... E o sofrimento da outra vítima, da rival de quem nos vingamos, não representa nada, nada? Nada, essa felicidade que nos foge, que a ladra nos arrebata, — arrancar-lha por sua vez, fazê-la sofrer, destruí-la!...

Um turbilhão de pássaros selvagens desciam com gritos roucos. Desabrido orgulho, alegria cruel de ciúme e de vingança... Sentia-se estonteada com o seu bater de asas e os seus clamores... De onde saíam eles?...

— Tudo em mim!...

Sentia nisso orgulho e terror, como que uma queimadura de chumbo derretido, uma alegria da dor até desmaiar, uma saciedade de agonia... Não fazia nada para os expulsar. Nada podia. Submetia-se, passivamente, à vaga de pássaros carnívoros, que disputavam os seus despojos num campo. Estavam em dois grupos, inimigos e semelhantes: a fome da Posse e o Sacrifício esfomeado. Porque o Sacrifício tinha, como o outro, unhas de ave de rapina e bico voraz. E o bem e o mal — (e quem, o bem? e quem, o mal?) — traziam a mesma libré de fulva crueldade.

Com os braços cruzados, nua, estendida, Anita esperava, como um animal estripado, sob o turbilhão dos corvos...

Enquanto esperava, ia olhando. Nada, nem o medo, nem a paixão, a impediam de ver. Via-se nua. E via que tinha mentido a si própria, desde o primeiro instante. Sabia que o amava, soubera-o sempre... Desde quando? Desde a frase de Germano: — «Não o ame de mais»? — Muito antes! — Desde a evasão? Muito antes, muito antes! E a sua admiração de agora, essa virtuosa admiração ao descobrir esse amor que acariciava há tanto tempo!...

— Comediante!... Como tu mentes!...

Anita riu, de desprezo. No rigor do seu tormento, a lúcida ironia reinvidicava os seus direitos. Eram dois a dialogar: o sentimentalismo que usa de astúcia, — e outro rude, que graceja, desmascara sem piedade, e que vê.

MAS ver a paixão, não a abrevia uma hora e torna-a mais amarga.

A noite passou. O dia afastou os pássaros despedaçadores. Mas ficaram empoleirados sobre as árvores, em volta, e ameaçavam-se. Nenhum dos bandos cedia. Cada um apregoava o seu direito. Esgotada, ensurdecida, Anita levantou-se. Não decidia nada. Os seus ouvidos zumbiam. Sentada, esperou...

Até que Franz apareceu. Pela janela, sobre a estrada, viu que ele chegava. Sabia que viria.

Veio até à porta. Olhou. Hesitou. Passou adiante... À distância de trinta passos, parou e voltou para trás. Através das cortinas, Anita observava os seus traços ansiosos, a sua incerteza ardente, a sua confusão. Chegado ao pé da porta, fez uma pausa, e avançou para entrar. Mas não entrou. Levantou os olhos para a janela de Anita, que se afastou para trás. E esta nada mais ouviu do que o tumulto dos dois corações. Mas o seu apaziguava-se; por uma acção lenta, a respiração regularizava-se. Via-o sob as pálpebras cerradas: a sua perturbação, o seu desejo, a sua fraqueza. Estava-lhe grata por isso — piedade — desprezo...

Quando se decidiu, após alguns minutos, a olhar

novamente para a estrada, já não o viu. Mas tinha a certeza de que estava postado na volta do caminho, e que espreitava, esperando que ela saísse...

Produziu-se então, no céu, um ruído de asas pesadas.

As aves afastavam-se. O bando que esperava os despojos da sua alma tinha-a abandonado. E a alma encontrou-se vazia, como uma casa sem mobília. A porta estava aberta. Os seres do exterior entraram. Entraram o tormento, o rosto crispado de Erika de Wintergrün, e o desejo cego de Franz... Anita conhecia agora a extensão do seu poder sobre essas fracas crianças. E usou dele. Contra si.

Contra si, mas não a favor deles. Examinava-os, com uma fria inteligência, que quer julgar com imparcialidade. Mas o julgamento é severo, quando se contenta em visar, sem bondade, a equidade. Examinava sem indulgência Erika e Franz. Procurava manter (pensava) um coração desinteressado que só considerasse as probabilidades de felicidade dos outros dois... Há, porém, muitos interstícios por onde o interesse, recalcado, encontra uma saída. Achava feia Erika Wintergrün. Não a achava boa. Tinha um diagnóstico agudo, de um pessimismo cruel, sobre o seu estado de saúde. Via-a despida. Não era a mulher que desejava para Franz... (Que desejava?... Que ironia!...) Para se vingar deixou de ser terna para ele. Passou-o pelo crivo. Quanta depreciação! Anita não tinha nenhuma confiança no seu carácter. Apreciava, severamente, a dureza dos seus sentimentos. Dava um crédito limitado ao futuro de uma tal união... Mas seria ùnicamente a razão que falava?...

O dia ia decorrendo. Anita conservou-se fechada toda a manhã. Não resolvera nada. Esperou o momento oportuno. Basta de pensar!... Fez-se o vazio. Silêncio...

Pelo meio da tarde, levantou-se e saiu. Resolutamente, os seus passos levaram-na a casa de Erika de Wintergrün.

Encontrou-a sòzinha no salão. O coração da jovem palpitou. Mas nada deixou transparecer. No entanto sentia o peito apertado. Vestida impecàvelmente, como se esperasse a visita, com os seus cabelos de ouro pálido, bem puxados, sem anéis, a fonte livre, voluntária, arqueada, a expressão orgulhosa e inacessível, Erika levantou-se sem pressa, e, correspondendo com um breve bom-dia à saudação de Anita, indicou-lhe uma cadeira, com um frio sorriso. Estava na defensiva. Mas o olhar experimentado de Anita sabia despir as almas. Enquanto trocavam banais cortesias, esse olhar observava a garganta magra que se contraía. A jovem crispava, no canto dos lábios, como uma flor provocante, um sorriso agressivo; e não conseguia dominar a tremura da sua boca pálida, as suas palavras chocantes, a sua perturbação, o seu rancor, o seu medo, a sua amargura. Desfrutou tudo isto lentamente, sàbiamente, — sem remorsos: conhecia agora a continuação da história... Mas o seguimento da história só dela dependia; e não estava apressada... Falaram de vestidos, das danças novas, do país e do tempo. E, com a ponta da língua, Anita humedecia os lábios delicadamente...

Por fim calou-se e esperou. Erika, em guarda, espreitava em silêncio o fingimento e a cilada. Depois de ter mastigado a flor acre desses últimos segundos suspensos, Anita, certa, de antemão, do efeito do que ia dizer, e saboreando antecipadamente a compassiva ironia, pronunciou pausadamente:

— Parto amanhã de manhã.

Espalhou-se um rubor pelo rosto de Erika. A própria testa se lhe fez vermelha, e as extremidades das

orelhas eram como gotas de sangue. Perdeu o domínio sobre si, e não pôde esconder a louca comoção que a tomava.

Anita, pela primeira vez, depois da sua chegada, sorriu. E Erika, espiando-a sem levantar os olhos, receosa, ainda desconfiada, e temendo um ardil, reconheceu que o seu sorriso estava isento de inimizade. Anita contemplou-a, não sem ironia ainda, mas uma ironia cheia de piedade. De si para si pensou:

— Como ela o ama!

Erika de Wintergrün, confusa, inclinou a cabeça — e de súbito apoiou-a no braço de Anita, que pousou a mão sobre o pescoço débil, os cabelos finos; acariciava-os, com um sorriso afectuoso. Na sua frente apenas via uma criança desarmada. Já não havia motivo para se desafiarem. Erika ergueu os olhos húmidos, agradecidos e felizes. E Anita murmurou para consigo:

— Sê feliz!

Adivinhavam-se uma à outra, mas já não se envergonhavam de o fazer, porque ambas tinham que se perdoar.

— Quando se casa? — perguntou Anita. — É preciso não demorar.

E falou-lhe de Franz; descreveu-o com uma afeição lúcida; advertiu-a dos perigos. Erika não os ignorava; também tinha o dom de observar. Falaram sem disfarce; davam-se as mãos. Erika não ocultava o que via em Franz, e o que receava; mas manifestava uma decisão de ferro em prender e guardar aquela alma sedutora e fugitiva, que ela tanto queria. Aceitava de antemão todos os combates secretos, as vigílias, os dias atormentados, com que esta felicidade conquistada, sempre a reconquistar, e jamais subjugada, deveria ser paga.

Anita apertou a mão nervosa da que falava, e sentia a energia feroz, que esta rapariga amorosa estava disposta, momentos antes, a empregar contra ela, para defender a todo o preço a sua felicidade ameaçada, — essa felicidade da vida, com a qual essa ferida da vida, essa doente, já não contava.

— «É justo», pensou.

E disse para consigo:

— Esta mão será capaz de dominar e conduzir aquele que lhe confio.

Erika, com os seus olhos árcticos, azul-esverdeados, de sobrancelhas pálidas, quase sem pestanas, ainda um pouco selvagem, examinava furtivamente as faces, a boca, o pescoço, a garganta e as mãos de Anita.

— «É bela... Mais bela do que eu...», pensava.

E o seu instinto, amadurecido pela longa doença, fazia-lhe entrever como seria duro renunciar, para essa mulher; como seria mesmo injusto.

Mas foi apenas um momento.

— «Justo ou não, a minha felicidade é minha!...»

Anita levantou-se e disse:

— Vai enviar-mo. Quero falar-lhe.

Erika de Wintergrün hesitou um segundo. Voltaram-lhe as suspeitas. Olhou, assustada, para a sua rival, que a fixava, e viu que Anita exigia uma confiança absoluta. Era preciso acreditar nela, ou cortar com tudo. Preferiu submeter-se e responder.

— Enviá-lo-ei.

Pela última vez, as duas mulheres se olharam fraternalmente. E, ao despedirem-se, trocaram o beijo de paz.

UMA hora depois, chegou Franz.

Não o surpreendera o facto de Erika o enviar a Anita. Não tinha o hábito de pensar nos sentimentos dos outros; absorviam-no demasiado os seus e esses mesmos eram variáveis. Mesmo se se desse ao trabalho de observar as duas mulheres, teria achado muito natural ser amado por ambas, e não se sentiria, por isso, obrigado para com elas. Procederia com toda a sinceridade!... Franz era sempre sincero. Terrível sinceridade de um ser, cujos momentos, sucessivamente, se evaporam!... Mas Franz nem dá por isso.

Só pensava agora na sua recente descoberta: — as mãos da feiticeira sobre o teclado, e o abraço, à porta de casa, sob o céu estrelado... Chegou, comovido, ardente, convencido da sua sorte, e mostrou-se tímido, ingènuamente vaidoso. — Mas logo às primeiras palavras, a firmeza de Anita desconcertou-o.

Não o convidou a sentar-se, recebeu-o de pé, lançou um olhar para o espelho, compôs os cabelos, e disse:

— Vamos sair!

Tomaram o caminho da montanha, que bastantes vezes tinham percorrido. Bons andarilhos como eram, andavam a passos largos. Anita ia silenciosa. Franz,

embaraçado ao princípio, depressa retomou o seu aprumo. Sentia-se alegre, leve, encantado com os novos joguetes do seu coração: as duas mulheres: (julgava-se seguro do seu amor). Como esses dois amores se conciliariam, era um assunto acessório, que não o preocupava. Tão inconsciente e tão cheio do seu egoísmo era, que, apesar de não querer por nada do Mundo despertar os ciúmes de Anita, lhe enumerou as perfeições de Erika de Wintergrün, e se extasiou cândidamente perante o belo acaso que o tinha conduzido ali, para nele encontrar a felicidade.

O coração de Anita contraiu-se, e os seus lábios iam dizer:

— Esse belo acaso, outro o pagou com a sua vida.

Mas não quis fazer sangrar a recordação, e disse ùnicamente:

— Como Germano teria sido feliz com esse acaso!

Mas fora ainda longe de mais. Franz ficou contrariado. Naquele momento, preferiria não ter que pensar nisso. Mas logo que lhe veio à memória essa recordação, uma sombra de dor sincera lhe passou pelo rosto. Mas foi apenas um instante. O seu espírito engenhoso em fugir ao que pudesse perturbar a sua tranquilidade, apoderou-se da última palavra de Anita; e respondeu-lhe:

— Sim, que felicidade seria, partilhá-lo com ele!

Tanto a melancolia como a alegria eram igualmente sinceras; mas ainda a frase não acabara e já só a alegria se instalara na sua alma. Não mais se pronunciou o nome do amigo. Anita pensava na frase desiludida do morto:

— Quando o esquecimento tarda, vai-se-lhe ao encontro.

Franz retomara a sua tagarelice de poeta amoroso. Amoroso de qual? Falava de uma e de outra. Mas

a presença de Anita absorvia o seu pensamento bem mais do que a imagem daquela de quem falava. Não tirava os olhos de cima dela, acariciava-a com eles, bebia o ar que ela respirava. Bruscamente parou, surpreendido por um aspecto da paisagem, que acabava de prender o seu olhar, guloso, de artista; e extasiava-se perante as linhas dos campos, as suas cores, a sua harmonia. — Mas Anita não parou. Caminhava, altiva, distraída, sem voltar a cabeça, com as sobrancelhas franzidas. Sentia um desdém irritado por esses espíritos de artistas, inconsistentes, onde cada minuto expulsa o minuto precedente: através dele, a vida e a morte passam, como por uma peneira...

Anita aproximou-se de um declive escarpado, que conduzia a um planalto rochoso, estreito e alongado, em forma de cadeira. Trepou-o de um fôlego. O céu, lá no alto, era claro e duro, como as pupilas de Erika de Wintergrün. Mas o vento da Primavera, fresco e forte, que varria os cumes, corria sobre o declive, vergando as hastes das ervas mais altas. Fustigava o rosto de Anita e o do seu companheiro. Numa cavidade de terras desmoronadas, ao abrigo de um grupo de árvores pequenas torcidas, sobre a vertente do monte, sentaram-se. As pastagens desciam ràpidamente a encosta inclinada, até chegar à torrente que corria no fundo. À volta, o círculo do céu de metal branco, orlado de uma franja de nuvens sombrias, amontoadas como ondas que se quebram nos penhascos dos cimos.

Anita sentara-se sobre o colmo que recebia os últimos raios do sol poente. As suas faces estavam afogueadas pelo açoite do vento e pela cólera que se levantava no seu coração. Lado a lado com Franz, não o olhava, olhava em frente, com a cabeça erguida, com um jeito de desdém que sorria. Res-

plandecia de força e de altivez. Franz contemplava-a; e seu gorjeio calou-se. O silêncio queimava. Do afastamento desdenhoso em que se tinha recolhido Anita, sentia sobre o seu corpo o fogo do olhar que a percorria. Continuava a sorrir. Mas um último golpe de paixão soprou sobre ela como o vento sobre a copa das árvores cujas asas a envolviam, e disse a esses olhos, que via sem os olhar:

— Descobres-me enfim!...

E dirigindo-se à rival ausente, em baixo, lá em baixo, sob os seus pés, àquela cujas pernas doentes não teriam sido capazes de trepar o declive escarpado, bradou-lhe:

— Se eu quiser!... Será meu. Vem buscá-lo, se és capaz...

Mas não o quis.

Uma onda de sangue passou diante dos seus olhos, com o incêndio do sol poente. Depois, o mudo frenesi caiu, como o sol por detrás dos montes. Teve um breve estremecimento, levantou-se, e, de pé sobre o planalto, ao vento, voltou-se para Franz, que a seguia como um cão. Os olhos do mancebo espreitavam, implorando, o seu olhar. Mas quando o encontraram, não viram senão uma frieza distante. Anita apercebeu-se do seu infortúnio, sorriu e, acalmando-se, observou-o com uma benevolência tranquila e maternal:

— Franz, tu não és mau—disse—, mas podes fazer muito mal... Sabes?... É tempo de o saberes, meu rapaz!... Não és o único a quem isso acontece... Também comigo se dá o mesmo. Produzimos o mal como uma macieira produz as maçãs. Mas esse fruto da nossa árvore, é preciso comê-lo só. Não o devemos dar aos outros!...

Perturbado, o rapaz procurava escapar ao sentido dessas palavras e ao olhar que o examinava. Mas

o olhar resistia, e as palavras penetravam-no. A sua natureza maleável recebia a marca de qualquer forte pressão. Quanto tempo duraria? Anita não se deixava iludir. Mas tinha-o sob os seus dedos e afeiçoava esse coração com uma terna severidade. Experimentava uma grande doçura em sentir sob a sua mão a fraqueza fremente dessa argila viva.

— Erika ama-te — disse ela — e tu ama-la. Está bem. Mas toma cuidado, pois tens uma perigosa ciência de fazer sofrer quem amas — com toda a ingenuidade, eu sei!... É o cúmulo da ciência... mas tens que esquecê-la. Sabes que sinto por ti uma afeição muito grande... Não sei mentir. E porque mentiria eu? O que te digo, já tu o sabes... Considero-te como um filho — e talvez mais... Quero a tua felicidade. Mas gostaria mais de te ver miserável, toda a vida, do que brincando com o amor, e, por leviandade, fazendo sofrer essa criança que te é entregue. Crê que ela te dá infinitamente mais do que tu lhe darás. Entrega-te tudo o que tem. Toda ela. Tu, não podes dar senão uma parte. Os homens, reservam-se o melhor, a parte de leão, para o seu monstro enjaulado, para o seu cérebro, esse papão, para as suas quimeras, para as suas ideias, a sua arte, a sua ambição, a sua acção. Não lho censuro. No seu lugar, faria o mesmo... Mas essa parcela que nos concedem, que seja pura! Que seja certa! Não tornem a tirá-la, quando a derem! Não enganem! Pede-se-lhes pouco. Mas exige-se esse pouco. Sentes-te capaz de lho dar? Penetra os teus pensamentos mais íntimos! Sonda o teu coração! Quere-la? Ama-la? Fica com ela! Mas entrega-te também! Dom por dom! Aprende a prender e a guardar — e a conservar! Alma de nuvem! Espírito do vento!...

Franz conservava-se suspenso, com a fronte baixa, sob aquelas rudes palavras e aquele olhar onde

agora despertava um sorriso. Por fim, Anita largou a presa, riu francamente, e disse:

— Vamos embora!

Desceram em silêncio. Ela, à frente. Ele com os olhos cravados na nuca de ouro brunido. O seu desejo era que a descida não acabasse.

Antes de chegar às primeiras casas, Anita parou. Voltou-se e estendeu-lhe as mãos. Assim como, na primeira noite, no campo dos prisioneiros, Franz inclinou-se para elas e cobriu-as de beijos. Anita libertou-as, e, pousando-as nos ombros de Franz, fitou-o nos olhos, e disse:

— Adeus, meu rapaz!

Entrou sòzinha em casa, e não esperou pela manhã do dia seguinte, como tinha prometido: partiu, de noite.

No dia seguinte, Erika e Franz vieram para se despedir. Encontraram a casa vazia. Sentiram um certo desgosto. — Mas ficaram aliviados.

QUINTA PARTE

ANITA não retomara o caminho de Paris. Desembarcou a meio caminho numa estação perdida, onde ninguém a viria procurar. Sentia-se desamparada. Tinha que regularizar as suas contas consigo própria. Necessitava de recuperar a sua direcção.

A fadiga dos últimos meses aparecia de súbito, esmagadora: essa tensão constante, esse último choque que tinha despertado o sentimento ardente da idade irremediável e a vã necessidade do amor, do amor inteiro, desse amor que jamais possuíra. Uma melancolia sem forma e esgotante. Toda esta abnegação, porquê? Agora que tudo dera e tudo abandonara, encontrava-se terrìvelmente livre. Os laços estavam quebrados. Mas onde segurar-se se eles a não seguravam? Já não tinha onde agarrar-se... Pior ainda: já não se possuía; não acreditava em si, e deixara de acreditar na sua crença na humanidade... Que pior desastre? Bem pior do que não acreditar na humanidade!... Quando se perde a fé, uma alma vigorosa depressa cria outra, e reconstrói o seu ninho. Mas quando é a própria alma que se perde!... Era de areia, desmoronou-se... Na sua sinceridade apaixonada, a intransigente Anita marcava a sua fronte com o sinal da mentira. A humanidade

enchia a sua boca; mas sob a sua teia, a aranha, com o coração ávido, espreitava a presa. Para ela, a humanidade era o homem... O homem... esse primeiro que chega, amável e insignificante!... Que ridículo!... E tinha ela despendido tantos arrebatamentos de fé e dedicação — e tantos riscos: os seus e os dos outros, arrastados atrás de si — para se deixar cair no laço! Esse entusiasmo de sacrifício, por esse engodo, por esse rapaz — (ele ou um outro! simples obra do acaso!) — adornara-o como um ídolo, e vestira o seu desejo, para que o prazer fosse completo, com esses ouropéis de idealismo, com esse santo nome, com esse nome falso de humanidade!...

Anita encarniçava-se contra si própria, caluniava-se... Dobrada sobre si, com o queixo sobre os punhos, os cotovelos dobrados, apertava sobre o peito a sua derrota humilhada...

Tinha-se escondido num pequeno burgo no meio dos prados. Não lhe sabia mesmo o nome. Descera, de noite, ao acaso e entrara na primeira hospedaria. Um desses grandes albergues, cujo vasto tecto se inclina sobre as minúsculas janelas de tijolos separados, floridas de gerânios.

Por detrás dessa cortina vermelha, à sombra do largo alpendre, a sua alma agitada, lentamente, apaziguou-se e entrou de novo no seu leito. Mas não foi sem se ter quebrado, mais de uma vez, de encontro às suas margens. Em vão dizia para si própria:

— Basta! Deponho as armas e não me defendo mais. Estou vencida. Aceito... Não achas bastante?...

Não; não era bastante. A natureza lembrava-lhe, por ataques súbitos, que o tratado só é válido depois de ela o ter assinado. Por mais de uma vez, Anita teve que recomeçar o combate contra a tríplice dor da paixão absurda, da eterna sujeição, e da juventude

desaparecida, — o fogo enganador, a fogueira irrisória, e as cinzas da vida. Amanhecia cansada, muda, destruída depois dos arrebatamentos das noites... Não era ela a única. Quantas calmas figuras que, de dia, parecem entorpecidas e longínquas, travam de noite grandes batalhas com a alma!

Chegara ao fim das suas contas. Estava em falência. Depôs o seu balanço. — Contra esta humanidade em ódio, que se dilacera e invectiva a morte, quisera erguer a sua alma de mulher livre e só, que se recusa ao ódio, que se recusa à morte, que santifica a vida, e que, sem querer fazer uma escolha entre os irmãos inimigos, abre os seus braços de mãe a todos os seus filhos... Era um grande orgulho. Ultrapassara a si própria. Não estava livre. Não tinha forças para estar sòzinha. Não era a mãe que se esquece pelos seus filhos. Esquecia o filho, o seu, o do seu sangue. Era a eterna escrava dissimulada, que se esconde e que, como uma cadela, segue àvidamente o seu desejo. Que desinteresse! Todo o seu idealismo era a isca, de que a natureza se servira para a fazer entrar de novo, sob o chicote, no canil. Não era capaz de se emancipar do moço dos cães...

— Pois bem, seja! Tenho que conhecer agora a humildade... Tentei... Não consegui... No entanto já é alguma coisa, ter querido!... Não pude... Um dia, talvez, outro melhor, mais forte, poderá...

Vencida e submetida — sob reserva das futuras revoltas —, decidiu-se regressar a Paris.

No seu compartimento do vagão, Anita estava sòzinha com dois homens, dois franceses: — um jovem tenente ferido na face, com uma faixa negra sobre os olhos e a cabeça ligada; — acompanhava-o um enfermeiro. Este último, era um labrego robusto, indiferente, insensível aos sofrimentos alheios: tinha

visto tanto!). Depois de ter instalado desajeitadamente o seu doente num canto, não se ocupou mais dele. Começou por mastigar alguns pedaços de presunto, bebeu pela garrafa e, depois de pôr tudo no seu lugar, estendeu-se a todo o comprimento sobre o banco em frente, e ressonou. O ferido estava sentado do mesmo lado que Anita. Ela viu-o apalpar, levantar-se com dificuldade, procurar na rede por cima da sua cabeça, não encontrar, tornar a sentar-se, suspirar. Anita perguntou-lhe:

— Procura alguma coisa? Posso ajudá-lo?

Ele agradeceu. Queria um comprimido para acalmar as dores da cabeça. Anita fez-lho tomar num pouco de água. Não tinham sono. Puseram-se a conversar, no meio do ruído do comboio aos solavancos. Sentada perto do doente, amparava-o; tinha estendido uma manta sobre os seus joelhos friorentos. O doente sentia-se reanimado por esta presença compassiva. E como quase todos fazem ao sentir-se abandonados, quando a piedade de uma mulher se inclina sobre eles, não tardou em se confiar, como uma criança. Descobriu-lhe o que nunca dissera a um homem, — nem talvez mesmo a ela, se pudesse vê-la.

Uma bala atravessara-lhe as fontes, de lado a lado. Ficara dois dias cego, no campo de batalha. A luz parecia voltar lentamente. Mas depois, novamente tinha enfraquecido. Apagara-se para sempre. Perdendo-a, perdia tudo. Era pintor. A vista era o seu bem e o seu pão. Não se sabia ainda se o cérebro teria sido atingido. A dor não o deixava...

Mas isso não era o pior... A alma agonizava. Chorava sem lágrimas, na sua noite, um suor de sangue... Nada mais tinha. Tudo lhe haviam tirado.

Partira para a guerra, sem ódio, por amor pelos seus, pelos homens, pelo mundo e pelas ideias santas.

la matar a guerra. Ia livrar dela a humanidade. Os seus próprios inimigos. Pensava em levar-lhes a liberdade. Dera tudo. — Tudo perdera. O Mundo tinha-o enganado. Conhecera demasiado tarde a enorme iniquidade, os ignóbeis cálculos dos jogadores da política, onde apenas fora uma peça sobre o tabuleiro. Já não acreditava em nada. Fora enganado. E para ali jazia, sem mesmo ter o desejo da revolta... Soçobrar depressa, soçobrar no pego, onde a vida se apagará, onde se perderá a lembrança de ter existido, — no fundo da fossa, que oculta o esquecimento eterno!

Falava baixo, com uma voz cansada e velada, que penetrava Anita de dor fraterna... Ah! como eram semelhantes, em seus destinos contrários! Esse homem que só tinha visto na guerra o amor, como ela só vira o ódio, — e ambos sacrificados, a quem? a quê? Trágica inanidade de todos estes sacrifícios! ...E apesar de tudo, e apesar de tudo!... no excesso da amargura — (perante um tal desastre, mal ousava confessá-lo) — que trágica voluptuosidade!... Não, não é por um nada que somos dilacerados, espezinhados, e esmagados, como um cacho de uvas! E mesmo que seja por um nada; ser vinho não é nada? Essa Força que nos absorve, que seria ela sem nós? Que terrificante grandeza!...

Inclinada sobre o cego, em voz baixa e ardente, exclamou:

— Todas as dedicações são mistificadas. Talvez... Mas então é melhor ser mistificado! Eu também o fui. Mas hei-de recomeçar. E você?

— Também!

As suas mãos estreitaram-se.

— Pelo menos, não nos aproveitámos do logro. É bom, ter sido mistificado!

O comboio parou. Dijon. O enfermeiro acordou

e desceu ao bufete, para beber. Anita notou que o ferido diligenciava levantar a venda.

— Que faz? Não toque aí.

— Não, deixe-me.

— Que quer fazer?

— Vê-la, antes que para mim seja noite.

Afastou a venda. E gemeu:

— Tarde de mais!... Não a vejo...

Escondeu o rosto nas mãos. Anita disse-lhe:

— Meu pobre rapaz! Vês-me melhor do que com os teus olhos. Não tive necessidade dos meus para te conhecer. Aperte as minhas mãos! Os nossos corações estão em contacto.

O doente agarrou-se-lhe aos punhos, como se tivesse medo de se perder, e exclamou:

— Fale ainda! Fale-me! Fale!

Essa voz era, para os seus olhos mortos, uma sombra sobre a parede. Àvidamente fixava-a, enquanto Anita desenrolava a imagem em ponto pequeno dos quarenta anos de esperança e de querer, de renúncias, de derrotas, de recomeços, — dos quarenta anos de real e de sonho (tudo é sonho), que tinham marcado o seu rosto.

— «Sim, tinham-no modelado bem — pensava ele. — A alma aflora...»

Via agora o mais belo dos seus quadros. Mas ninguém o veria senão ele.

Anita deixou de falar. Não disseram mais nada até ao fim da noite. Um pouco antes de chegar, retirou a mão, que lhe tinha abandonado, e disse:

— Não sou mais que um companheiro da tua miséria. Mas abençoo os teus pobres olhos, abençoo o teu corpo e o teu pensamento, o teu sacrifício e a tua bondade... E, por tua vez, abençoa-me! Quando o Pai esquece os seus filhos, cabe aos filhos, um para o outro, serem o Pai.

MARCOS recebeu, de manhã, o telegrama que lhe anunciava o regresso da mãe. Sobressaltou-se de comoção. Depois de o ter deixado, só lhe enviara uma carta, pela sua chegada à Suíça. Marcos escrevia-lhe todos os dias. Mas Anita não lera nenhuma das suas cartas. Tinham ficado na posta-restante da pequena cidade suíça, que Anita abandonara no dia seguinte ao da sua chegada; e na sua confusão, não se lembrara de dar uma direcção para as fazerem seguir. Este silêncio, que julgava voluntário, gelava-o.

Habitava a casa abandonada. Apesar de tudo quanto Sílvia dissera, recusou tornar a residir com ela. Julgava-se com idade suficiente para habitar na sua própria casa. Ali ficara com a ausente. Sentia-a à sua volta, espalhada por tudo. Procurava em vão reagrupar os seus vestígios invisíveis sobre esses objectos, esses móveis, esses livros e o seu leito. Sofria com a indiferença que Anita lhe mostrava. Mas não lhe queria mal; pela primeira vez na sua vida, não queria mal a um outro pela injustiça que lhe tinha feito. Era a si próprio que queria mal, pensava que ela era o seu bem, não há muito, e que a tinha deixado perder. Sentia um frio no coração. Essa criança ia deitar a cabeça sobre a almofada da

mãe, para melhor pensar nela. E quanto mais pensava nela, mais sentia a diferença entre ela e os outros que amava.

Tentara recuperar algumas amizades. Tinha-se aproximado de Pitan, quisera ler no íntimo... Ah! como era oco esse íntimo! Essa fé, esse heroísmo, essa dedicação de cão, como eram falhos de personalidade! Que sombra, que reflexo! Desde que se tratava de o obrigar a explicar-se, de atacar de perto o seu pensamento encoberto, via-se o cão em guarda diante das palavras brilhantes: teriam podido matá-lo no mesmo sítio, que não voltaria os seus olhos, em forma de bolas de loto... (Será inútil lembrar que Marcos era injusto! Era-o por natureza. Como todos aqueles para quem amar é preferir! A justiça era o que menos cuidado lhe dava...) Marcos não apreciava os escravos das palavras. Esse pequeno Diógenes andava à procura de um homem que fosse homem, que fosse ele próprio em todos os instantes da sua vida, e não um eco. E não falamos das mulheres! Essas são as eternas *serve padrone*. Usam da sua voluptuosidade para engodar os homens, presos com elas, na teia viscosa da mentira da espécie, de grande ventre e sem olhos...

Ora, ele só via uma delas — (ou antes, imaginava-a?) — que, desde a maior distância de que tinha recordação, se debatia contra a teia, desfazendo-a, evadindo-se, e, uma vez apanhada de novo, recomeçava... Sua mãe... Nesses dias de solilóquio, fechado no quarto deserto, de onde ela parecia ter partido para sempre, tornava a subir ardentemente o rio da recordação, esforçava-se por reconstituir a existência dessa mulher durante os últimos anos, essa vida solitária, a incógnita de sofrimentos e de alegrias, de paixões e de combates, que a povoavam. Porque tinha tomado bastante conhecimento desta alma,

para saber agora que nem um instante ela estava vazia. Deixara-a só, entregue ao seu mundo interior; agora, que direitos tinha sobre esse mundo? Habituara-se a combater sòzinha, a vencer, a ser vencida e a continuar, só, o seu caminho. Doravante, onde é que essa estrada a conduzia, longe dele?... Pensou tanto nisso e pensou tanto nela, que deixou de pensar em si. Desejaria sòmente aplanar-lhe o caminho, qualquer que fosse...

Foi nesse estado de espírito que o telegrama chegou. Foi como uma dessas explosões que marcavam os dias da cidade sitiada. Leu-o muitas vezes, a fim de se convencer. Esse regresso, que já não esperava, causava-lhe uma alegria receosa. O que é que a trazia? Abstinha-se de pensar que fosse por sua causa. As últimas decepções tinham-no tornado modesto. Um sentimento supersticioso sugeria-lhe a crença de que o melhor meio de obter o que se deseja é não o esperar.

Anita, à sua chegada, não encontrou o filho. O comboio trazia um atraso de oito horas; só entrou na gare de Lion ao meio da tarde. Marcos viera, mas tornara a sair, desencorajado, depois de uma longa espera. Estava impaciente. Quando, enfim, Anita chegou a casa, acabava ele de sair, para correr novamente à estação. Subiu ao seu quarto e esperou-o ali. Ficou sensibilizada por ver que ele a enfeitara com flores. Sentou-se, e encostou a cabeça ao espaldar. Muito fatigada, prestava atenção aos ruídos da rua e da casa. Adormeceu... Como num sonho ouviu um passo rápido que subia a escada. Marcos entrou. Deu um grito de alegria. Anita, ainda entorpecida, sorriu, pensando:

— Mas então, ele gosta de mim?

Fez um esforço para se levantar. As pernas

recusaram-se a obedecer. Estendeu os braços. Marcos lançou-se neles.

— Ah! Como eu desejava a tua chegada! Como vieste?

Anita não respondeu; acariciava-lhe as faces e os cabelos. Num rápido olhar, Marcos viu a fadiga e o sofrimento sobre o rosto exausto; e um instinto o advertiu. Susteve as perguntas e as palavras que tinha nos lábios. No seu abraço, levantara-a da cadeira... (como ele agora se tornara forte!... Mas ela, como estava fraca!...). Pôs-se de pé; e, amparada por ele, deram juntos alguns passos para a janela. A noite amarelenta descorava as suas faces.

— É preciso deitares-te imediatamente.. — disse Marcos.

Anita protestou; mas a cabeça andava-lhe à roda; deixou-se conduzir, quase levar, para o leito; obrigou-a a estender-se, tirou-lhe os sapatos, ajudou-a a despir-se. Não resistia: era bom abandonar-se a alguém que decidia por ela e que a amava...

...Que a amava... amava-a então?... Fadiga de pensar!... Guardaria isso para o dia seguinte... E ele, sentiu-se talvez feliz por ter um motivo para adiar a explicação. Uma única pergunta era urgente. Tinha-a na ponta da língua. Mas nada lhe dissera, quando sua mãe, deitada, se desculpou de estar tão cansada:

— É uma vergonha precisar de tantos mimos!... Perdoa-me, meu filho... Eu, que era tão forte!... Mas não tenho energia. Há umas poucas de noites que não durmo... Senta-te ao pé de mim. Conta-me o que fizeste hoje, como faltaste à minha chegada...

Marcos contou de uma maneira confusa as suas idas e vindas, mas ela não seguia o fio das suas frases; bem depressa, o próprio sentido das palavras lhe escapou; mas o som da sua voz acariciava-a

Os seus olhos fecharam-se. Ele interrompeu a sua narração, levantou-se, olhou-a e afastou-se, de má vontade. A sua pergunta queimava-o sempre... Voltou, hesitante, inclinou-se sobre o rosto da mãe. Anita reabriu os olhos... Compôs a sua almofada, desastradamente, e perguntou com precipitação:

— Ficas, desta vez?

Ela não compreendeu e olhou-o espantada. Marcos tornou a perguntar, com um ar que quis tornar natural:

— Ficas?

Anita sorriu.

— Fico...

e adormeceu.

Marcos afastou-se, aliviado

MARCOS tinha deixado a porta do seu quarto entreaberta. Escutava a respiração regular da sua mãe e pensava:

— Está ali... Possuo-a... Tenho tempo.

Houve, ainda essa noite, um alerta de aviões inimigos. Ouviu-se o ulular das sereias, o que produziu na casa a habitual confusão dos locatários, que se levantavam e desciam a escada. Marcos saltou do leito e veio para junto da mãe. Anita dormia tão bem que não se atreveu a acordá-la.

— Que me importa agora as bombas! pensou. Estamos juntos.

Nas outras noites de alerta, quando estava só, por mais que procurasse ser valente, tinha medo. E, neste momento (porquê?) era quase um prazer.

Na manhã do dia seguinte, Sílvia, com cuidado nele, apareceu. Quando soube da chegada de Anita, exclamou: «Grande maroto!» (Marcos escondera ciosamente o telegrama, para no primeiro dia ter a sua mãe só para si.) Mas Anita dormia ainda, e Marcos defendia o acesso ao quarto, como um dragão. O ruído da discussão acordou Anita, e Sílvia entrou. Tinha também muito que dizer; mas também ao primeiro olhar, viu que bastantes chuvas e ventos haviam atormentado a sua Rivière; e prudente, como

sempre, logo que se tratava do bem dos que amava, só falou do que a podia distrair: a experiência da vida tinha-lhe ensinado que o primeiro remédio, sempre que uma alma está perturbada, é não lho fazer sentir, para que por si, e pouco a pouco, a areia se deposite no fundo. Felicitou-a pelo seu belo sono que a impedira de ouvir as explosões da noite; e repreendeu Marcos, esse animalzinho, que tinha teimado, desde a partida de Anita, em deitar-se no quarto da mãe, em lugar de dormir em sua casa. Fingia atribuir-lhe intenções de escapadelas nocturnas. Mas o rapaz encolerizou-se e disse que lhe tinha dado a sua palavra que estava sossegado, e não admitia que alguém duvidasse: se se quisesse divertir contra a vontade de Sílvia, era bastante atrevido para lho dizer na cara. — Depois arrependeu-se de ter falado assim diante da mãe; e retirou-se, envergonhado. Logo que ele saiu, Sílvia, orgulhosamente, disse a Anita:

— Que má cabeça! Como se parece connosco!

Anita perguntava a si própria:

— Será que ele se parece comigo?

Daí em diante procurou entregar-se às ocupações domésticas; mas o cansaço moral não desapareceu, por muito tempo. Tinha-se esgotado. Marcos procurava suavizar-lhe todos os esforços. Aparentava não ver, mas encontrava-se sempre junto dela para lhe evitar uma fadiga, para remover um móvel, ou subir uma escada, a fim de colocar uma cortina. Estas atenções eram novas, — tanto para um como para outro. — Como todas as pessoas muito sinceras, temia que se visse nisso um excesso de zelo, manchado de hipocrisia familiar; fingia então desempenhar esses serviços com indiferença. Anita, sensibilizada e confundida, terminava o seu agradecimento mais frio do que o tinha começado. Conservavam-se ambos na

expectativa, atentos, afectuosos, falando pouco, observando-se de lado... Iria o outro falar?... Ambos receavam falar temendo uma nova decepção. Marcos evitava interrogar a mãe sobre a viagem e seu súbito regresso. E se ela recaía, por vezes sem o saber, num dos seus devaneios, Marcos desviava os olhos, com pudor, receoso de ler na sua alma; ou então, retirava-se para o quarto contíguo, para a não incomodar. Mas quando Anita lhe perguntou o que tinha feito durante a sua ausência, ficou pesaroso, lembrando-se que já lhe tinha respondido antecipadamente nas suas cartas. Amava-o assim tão pouco a ponto de as não ter lido?

E Anita teria ignorado sempre a existência destas cartas, se uma frase da irmã lha não revelasse. Sílvia vinha informar-se «da pequena família», como lhe chamava: tinha jurado não intervir na mútua descoberta dos dois corações que se desconheciam, para lhes deixar os cuidados e a alegria completas; mas achava-os muito morosos, pelo que lhes preparou uma armadilha. Chamou-lhes namorados. Marcos tinha-se ausentado. Anita protestou:

— Não digo tu, coração duro! (gracejou Sílvia). Agrada-te fazer sofrer, é o teu papel.

— Ah! tu podes bem falar! — respondeu Anita.

Sílvia sabia com que contava, e continuou:

— Sim; não és tu, mas o teu pequeno apaixonado que, durante a tua ausência, te escrevia todos os dias...

Anita já não ouvia o resto da conversa... Marcos escrevera-lhe todos os dias! Não se lembrara de reclamar essas cartas, que tinham ficado lá em baixo!... Sim, Sílvia dizia a verdade, o seu coração era duro... Escreveu imediatamente para devolverem as cartas. Mas era preciso que Marcos não o soubesse. Contanto que o pacote lhe não fosse devol-

vido! Anita esperou o correio, que tardou muitos dias; e teve ocasião de escamotear as cartas, das mãos da porteira, a alguns passos de Marcos, que seguia à sua frente. Esperou que ele saísse para as ler.

Eram oito. Um tesouro!... Logo às primeiras linhas, os olhos de Anita se embaciaram. Quis ler tudo, de uma só vez, mas não o pôde fazer. Contentou-se primeiro a pô-las em ordem, e a lê-las, devagar, uma por cada vez. Mas foi incapaz de se sujeitar a essa regra. Devorou-as. Sem parar, ao acaso, correu saltando linhas, voltando àvidamente às palavras de ternura. Logo que a primeira ânsia ficou um pouco apaziguada, colocou-as então por ordem e saboreou-as. Estava vermelha de amor e perturbação... Como tinha sido injusta para com ele!...

Não que ele fosse cheio de efusões. Repugnava-lhe o sentimentalismo — (tanto mais que receava estar infectada por ele); — e nas suas cartas, fugia propositadamente às palavras ternas que estavam prestes a sair da sua boca. Mas para uma mãe que conhecia as mínimas pregas dessa boca, esse constrangimento imposto era ainda mais comovente. Sempre que lhe escrevia evitava empregar a palavra: «Querida». Na sua primeira carta dizia:

— «Minha mãe, — tu não me amas...

(O coração de Anita crispou-se.)

«...Eu também não me amo. Nada tenho feito para que me amem. É pois justo. Mas não obstante sou teu filho! Sinto-me mais próximo de ti do que de qualquer outra. Não me tem sido possível dizer-to. Deixa-me escrevê-lo agora! Tenho necessidade de um amigo. Não o tenho. Preciso de acreditar que tu o és, mesmo que o não sejas. Não me respondas! Não quero que me digas que o és, por bon-

dade, por piedade. Detesto a bondade. Não quero que me humilhem. Não quero que me enganem. Não gosto de ti porque sejas boa. Não sei mesmo se és boa. Quero-te porque és franca... Não me respondas!... Seja o que for que penses de mim, é preciso que te escreva. Mesmo se a minha mãe não é minha amiga, escrevo à minha amiga, não escrevo à minha mãe. Sinto necessidade de me confiar. A minha alma é muito pesada e estou muito só. Ajuda-me. Sei que ajudas os outros. Bem me podes ajudar também! Basta que me ouças. Não te peço resposta... Tenho muito que te dizer. Já não sou o que era. Há um ano, tenho mudado, tenho mudado... Começando esta carta, queria contar-te o que tenho feito durante este ano e o que mudou em mim. Mas agora não me atrevo; há muitas coisas que me envergonham. Tenho receio de que te afastes mais, tu que estás já tão longe! Mas tenho que te contar tudo, um dia, ainda que me desprezes. Desprezar-me-ia ainda mais, se não to dissesse. Dir-to-ei. Mais tarde. Um outro dia. Por hoje, é bastante. Já te dei muito. — Abraço-te, minha amiga.»

Este tom de amor imperioso oprimia, inquietava, dominava Anita. As cartas seguintes revelavam o mesmo espírito violento. Não se decidia a comunicar o que mais lhe pesava. Em todas as cartas dizia:

— «Será desta vez? — Não, ainda não posso. Decididamente ainda não posso! Devo esquecer que és uma mulher. Meu amigo... Queres sê-lo? Podes sê-lo?... Mas não se perde a condição de mulher; e eu desconfio das mulheres. Não as aprecio muito. Perdão! No que te diz respeito, é diferente. Não desde há muito tempo! Até ao ano passado, julgava-te igual às outras. Sentia afeição por ti (nunca

to demonstrei); mas não tinha confiança. Agora, mudou. Há muitas coisas mudadas, muitas coisas que tenho visto, que tenho aprendido, que julgo ter adivinhado. A teu respeito, a meu, e a respeito de outros... Vês, tenho aprendido muito... demasiado!... E entre tantas coisas, muitas há que não são belas, e que me fizeram mal. Mas penso que é bom que as saiba, logo que existem. O Mundo é feio. Não gosto das mulheres. Desprezo os homens. E desprezo-me a mim mesmo. Mas a ti, respeito-te. Acostumei-me a ver-te. Soube, a teu respeito, coisas que nunca me disseste (tão pouco me tens dito!) e que a minha tia me contou. E soube doutras, que ela me não disse por nem desconfiar que existiam; é uma boa mulher, mas não pode compreendê-las... Mas eu, compreendo-as... (Julgo... Não! Estou certo...) E isto fez-me compreender muitas coisas, que não percebia... Ah! como tudo é confuso, tudo o que te escrevo!...»

(A caneta deixava cair borrões, furava o papel.)

«...Como é difícil, a alguém, exprimir-se, de longe ou de perto! Sente-se a língua presa. Parece-me que me explicaria melhor, se te tivesse diante de mim... E talvez não! Não sei... Os teus olhos, quando me olhas, indulgentes, protectores ou zombeteiros (de uma ou outra maneira me enraivecem tanto), distraídos ou longínquos... Olhar sempre para o longe... Olha-me, no coração, até ao íntimo, como teu filho, teu amigo, como um homem!...»

Anita via este olhar que a fixava, exigente, severo, e voltava os olhos, intimidada... O seu filho, um homem!... Não tinha pensado nisso. Uma mãe vê sempre no filho uma criança. Nestas cartas do adolescente, chocantes, incertas, irritadas, reconhecia o seu carácter. E, como nos tempos antigos, em que

a viúva ficava sob a tutela do filho mais velho, curvou a cabeça.

Mas depressa a ergueu...

— O meu filho. O homem que eu criei. A minha obra... Somos iguais.

ANITA continuava a ler, quase às escuras, sem ter notado que anoitecera... Marcos entrou.

Surpreendida, Anita, com as costas da mão, empurrou as cartas de cima da mesa e lançou-as para o chão. Não queria que o filho a surpreendesse a lê-las. Teria então que lhe confessar que as não lera antes.

Marcos admirou-se de a encontrar às escuras e quis acender a luz. Anita impediu-lho. Vieram para junto da janela, e ficaram, de pé, a conversar. Olhavam para a rua: as fachadas dos prédios iluminavam-se, sombras prematuras passavam. Estavam ambos constrangidos. Anita procurava pôr em ordem a nova onda de sentimentos que a invadia. Marcos, que desconfiava dela, guardava-lhe rancor por nunca ter feito alusão a tudo quanto lhe confiara. As palavras que trocavam eram frias e confusas. Havia silêncios. Ele contava-lhe o que soubera de tarde: as novidades, a guerra, as batalhas, os mortos... nada de interessante! Anita não o escutava...

Mas de súbito estreitou-o, nos braços, em silêncio. Marcos não resistiu, gelado de surpresa.

— Acende! — disse-lhe Anita.

Marcos voltou o botão da lâmpada eléctrica e viu as cartas espalhadas no soalho. Ela própria lhas

mostrou. Confessou tudo, tudo quanto tinha resolvido ocultar-lhe. Pediu-lhe perdão. E disse:

— Meu amigo...

Mas Marcos já não era o homem — aquele que em suas cartas mostrava um orgulho irritado. Era uma criança, que correu para o quarto a esconder a sua comoção.

Anita não foi ter com ele. Procurava também dominar-se. De pé, no mesmo lugar em que ele a havia deixado, permanecia silenciosa.

A chegada de Sílvia veio acalmar o enlevo que os prendia. Jantaram os três; e Sílvia, sempre alerta, não adivinhou nenhum dos seus pensamentos. Eram calmos e distantes.

Mas logo que ela se retirou, sentaram-se à volta da mesa, e, de mãos dadas, passaram horas a confidenciar em segredo, continuando ainda depois, de um quarto para o outro, quando, finalmente, decidiram deitar-se. Mas, ao meio da noite, Marcos levantou-se e foi, descalço, para junto do leito de Anita; sentou-se numa cadeira baixa, à sua cabeceira. Não falavam. Tinham sòmente necessidade de estar juntos.

No silêncio, a alma atormentada do prédio subia. Os lutos e as paixões da casa em fogo... No andar mais baixo, a família Bernardin decapitada de seus filhos, «*de profundis clamat*» para o silêncio eterno... Dois andares mais abaixo, o Sr. Girerd atormenta-se, viúvo de seu filho único, obstinado na sua idolatria patriótica, seu único recurso contra o desespero... No andar de cima, na família Chardonnet, o segredo obcecante, vergonhoso, inconfessado, queima como um ferro em brasa, a carne e o pensamento, tornando para sempre em dois estranhos aqueles que se amaram e estavam unidos para sempre...

No próprio aposento de Anita, do outro lado do corredor, um quarto vazio, cuja porta está cautelo-

samente fechada, conserva ainda o sopro abrasado da incestuosa que se matou... A casa é uma tocha fumegante, meio consumida. E dos restantes viventes, a essa hora da noite, nenhum dorme. A sua febre, a sua dor, a sua obsessão os devora...

Só eles, o filho e a mãe, sobrenadavam sobre a crista das almas incendiadas. Algumas palavras lhes mostraram que ambos pensavam nelas. Evitaram falar nisso; mas deram-se as mãos como receando perderem-se. Salvavam-se juntos no incêndio do *Borgo*...

Anita retomou o seu papel de mãe, dizendo para o seu pequeno Eneias:

— Agora, deita-te! Sê razoável, meu filho; não vás adoecer.

Mas Marcos sacudiu a cabeça, obstinado:

— Velaste por mim bastante tempo. Agora, é a minha vez.

Amanheceu. Marcos tinha adormecido, sentado, com a cabeça descansada nas roupas. Anita levantou-se, deitou-o sobre o seu leito, sem o acordar. E, no sofá, junto da janela, aguardou o dia.

DURANTE estas conversas da tarde e da noite, apenas disseram o essencial: que se tinham tornado a encontrar e que caminhavam juntos. Mas iam sempre adiando as confidências directas do coração e do espírito; e adiaram-nas ainda durante os dias seguintes. Pouco a pouco, Anita notou como, desde há um ano, o pensamento do seu filho tinha evoluído, relativamente à guerra e à sociedade. E, com comoção, leu entre as suas palavras — (porque tanto pudor tinha ele de lho dizer como ela de o escutar) — a descoberta que Marcos tinha feito da alma da sua mãe, e o culto que lhe dedicava.

Mas as confissões penosas, que lhe pesavam no coração, não se decidia ele a fazê-las. Anita não queria também provocá-las, mas compreendeu que seria para ele uma obsessão enquanto não se pudesse libertar delas: ajudou então o espírito febril, com as suas mãos de boa parteira.

Uma tarde, ao crepúsculo — a hora das confidências, quando mal se vê — estava junto dele, atrás dele, e disse-lhe:

— O teu coração está pesado. Dá-mo para eu o levar.

Marcos respondeu, baixando a cabeça:

— Queria poder fazê-lo, mas não consigo.

Anita atraiu-o para si e tapou-lhe os olhos com os dedos, dizendo:

— Estás só contigo.

Marcos pôs-se a contar, com custo, a meia voz. Relatou as experiências dos últimos anos, o bom e o mau. Resolvera falar firmemente, como se se tratasse de outra pessoa. Mas, nos momentos mais difíceis, a frase interrompia-se, e não sabia se teria coragem para continuar. Anita calava-se. Sentia sobre os seus dedos as pálpebras ardentes do filho e a sua vergonha. A pressão dos seus dedos dizia:

— Dá! Passa para mim a tua vergonha!

Não se admirava do que ouvia. O que o filho confessava; o que calava, não era novo para ela. O Mundo era *isto*, — o Mundo em que havia lançado o seu filho, — em que fora lançada pela força desconhecida... Lastimava-o, lastimava-se a si própria... Vamos! levantemo-nos! A vida é assim. Aceitemo-la!...

Depois de ter acabado, Marcos temia o que ela iria dizer. Anita, porém, inclinou-se sobre a cabeça curvada do filho e beijou-a.

— Poderás esquecer, agora? — perguntou ele.

— Não.

— Então, desprezas-me?

— Tu, és eu.

— Mas eu desprezo-me.

— Julgas que não me desprezo também?

— Não. Tu não.

— Ser homem é ser altivo, é ser vil...

— Não. Tu não!

— Meu filho, a minha vida não é pura. Tenho errado, erro ainda muito... Não são só as acções que contam! Para os seres como nós, o julgamento interior não é tarefa de um simples polícia, que só castiga os actos. O que se quer, o que se deseja, o

que se tem acariciado com os dedos do pensamento, não é menos humilhante do que o que se pratica. E é terrível o que nós, às vezes, pensamos!

— Também tu?... Aliás, já o sabia.

— Sabias, como?

— Sim, creio bem que é por isso... é por isso que te quero tanto. Não seria capaz de gostar de uma pessoa que não tivesse sentido, pensado, e querido, também, esse Mundo defeso.

De pé, por detrás dele, Anita apertou-o sem falar. Passado um momento, Marcos suspirou, murmurando:

— Agora, compreendo a confissão. Sinto-me aliviado.

— Sim, quando se pode dizer tudo, e se tem alguém que tudo possa ouvir. Mas eu, a quem farei a minha confissão? Não me é permitido falar.

— Não tens necessidade de falar...

E no silêncio da noite, Marcos recitou:

«Chegaste, enfim; beijo a tua mão.
Ébria de amor e de terror,
Beijo essa mão com que me prendes,
— Beijo a tua mão...»

Anita estremeceu... Esta voz do passado!. .

— Meu Deus! donde sabes tu isso?

Marcos não respondeu. Continuou:

«Mas vem! Destrói, Amor...» [1]

Anita tapou-lhe a boca com as mãos:

— Cala-te!

Confuso... Mas está tão longe!...

[1] Ver *O Verão* — pág. 436.

— Sou eu?... É outra... Eu fui essa outra... Está morta.

— «*Beijo as suas mãos*», disse Marcos.

— Como a conheceste?

Ele calou-se.

— Desde quando o sabes?

— Desde que *ela* o disse. Aprendi-o de cor.

— Então sabia-lo de cor? Trazia-lo perto de mim, durante todos estes anos?... Que traição!

— Perdoa!

— És um rapaz estranho.

— E tu, julgas que não és uma mulher estranha?

— Que sabes tu de mulheres? Não as conheces.

Marcos protestou, ofendido. Ela sorriu:

— Maroto! Não sejas orgulhoso da tua ciência! Da tua lamentável ciência... O que sabes delas, o que julgas saber, impede-te de as conhecer. Um homem não conhece da mulher senão o seu próprio prazer. Para conhecê-la verdadeiramente, é preciso saber esquecer-se. Não é ainda para a tua idade. — O que eu sou, meu amigo, milhares de mulheres o são. Não constituo uma excepção. As que lerem em mim, hão-de reconhecer-se. Mas fecham sobre si as portas da sua casa; e os que vivem perto delas não se dão ao trabalho de olhar de lado: o que se passa no seu interior não os interessa. Tu, maroto, viste, espreitaste, pelas fendas. E o que viste parece-te estranho. O que é estranho, é que o tenhas visto. — Mas o que viste, é a mulher, meu amigo.

— Pois então, a mulher não é coisa simples!

— E tu ainda menos. Existem muitos seres num.

— Mas nem por isso deixam de ser um só.

— Nem sempre.

— Em mim. Em ti. E é esse *um* que amo em ti. E quero que tu o ames em mim.

— Veremos! Não prometo nada.

— Dizes isso para me irritar. Mas obrigar-te-ei a isso!

— Sabes que o despotismo não tem poder sobre mim.

— Mas, no fundo, aprecia-lo.

— Se apreciar o déspota.

— Hás-de apreciá-lo.

Marcos sentia-se agora bem forte! Anita bem procurava tratá-lo sempre como criança; já não o enganava! Marcos tinha afirmado a sua vantagem sobre ela. Anita deixava-o tomar autoridade na sua vida comum. E sentia um secreto prazer em a suportar.

MARCOS fez como todos os homens. Abusou dessa autoridade apenas a conquistou.

Acabava de entrar. Anita estava sentada e cosia. Foi abraçá-la. Estava preocupado. Olhou para ela e afastou-se; fingiu procurar um livro na biblioteca; olhou pela janela, e voltou a sentar-se à mesa, diante dela; abriu, folheou o livro, como se lesse, — depois estendeu o braço, agarrou o pulso da mãe, e disse precipitadamente:

— Tenho uma coisa a pedir-te...

Havia muito tempo que o queria dizer; mas não se atrevera. Era por isso que, desta vez, se apressava a falar. Desde que ele entrara que Anita tinha percebido a pergunta que lhe queimava os lábios; e receava-a. Tentou iludi-lo. Fez menção de se levantar, para procurar um objecto, e disse, displicentemente:

— Então pergunta, meu rapaz!...

Mas Marcos reteve-a no seu lugar com firmeza. Anita tornou a sentar-se. Marcos não largava a presa. Tinha os olhos baixos, e, esforçando-se por tomar um ar resoluto, disse bruscamente:

— Minha mãe, há uma coisa de que nunca falámos... Todas as outras te dizem respeito, não tenho

o direito de te interrogar... mas esta, sim, pertence-me, também... Fala-me do meu pai!...

Marcos estava sob uma violenta comoção.

Não era de hoje que sofria pelo seu nascimento irregular. Esta circunstância tinha-lhe valido, nos seus contactos com a sociedade, bastantes desgostos, que feriam a sua susceptibilidade. Mas era demasiado orgulhoso para o confessar.

No liceu, logo aos primeiros meses, recebera — mas não sem retribuir — mais de uma ferida. Não eram profundas. Os estudantes de Paris têm outros cães a castigar além de se ocuparem com a conduta dos pais e mães — sobretudo durante uma guerra que destroçava toda a moral e toda a sociedade. O desprezo voraz pelas mulheres que afinava a maior parte desses rapazes ia até ao ponto de só as achar boas para a cópula: não seriam eles a reprovar-lhes a sua liberdade; recearam mostrar-se atrasados. Marcos apenas sofreu alguns ditos grosseiros, mas sem maldade, de um ou outro atrevido que talvez julgasse fazer-lhe um elogio. Ele é que não o tomara como tal. Tremia à menor alusão que pudesse, mesmo de longe, visar a mãe; era muito mais susceptível pela honra dela do que ela própria. A resposta, num caso desses, era fulminante. A soco.

Mais tarde, durante uma visita de quinze dias que fez a sua mãe, na província, surpreendia os olhares das bisbilhoteiras, que murmuravam espreitando-os, e a persistência de certas burguesas em não os olhar, quando passavam. Marcos não comunicara a sua mãe nenhuma destas impressões. Mas contribuíram pouco a pouco para a sua aversão pela província e para o seu propósito de não voltar lá mais.

Isto ainda não era nada. Passamos fàcilmente

sobre o que pensam e dizem as pessoas que não estimamos. É como se pisássemos a poeira. Passamos e escovamos os seus sapatos, cuspindo sobre o coiro, para os limpar melhor... Mas aqueles a quem estimamos? Aqueles de quem o nosso coração tem fome?...

Marcos completara os seus dezoito anos; e há alguns meses que os seus passos tinham atravessado a sombra de ouro do amor. Um terno sentimento tinha-se insinuado neste jovem coração sem reserva e agitado. Julgou apaixonar-se pela irmã de um amigo de estudos, que encontrara algumas vezes, na rua, com o irmão, outras sòzinha; ambos tinham conduzido o acaso para cruzar os seus caminhos; a atracção era recíproca. Marcos tinha ido visitar o amigo a sua casa. Mas nunca fora convidado. Não sentiria tão vivamente a afronta, se o amigo irreflectidamente não lha tivesse feito sentir. Depois, o embaraço do irmão, o modo desajeitado com que procurava evitá-lo, tinham acusado o carácter injurioso do voluntário esquecimento. A família julgava conveniente conservar o indesejável a distância. Esta pungente ferida fez com que Marcos descobrisse — inventasse, talvez — outros desprezos, de que não suspeitara. Reparou que nunca fora admitido nesses meios burgueses, que os seus amigos frequentavam. Nunca desejara sèriamente entrar neles. Mas agora parecia-lhe que a porta se lhe fechava sobre o rosto. Foi como se recebesse uma bofetada. Teve uma convulsão de revolta contra essa sociedade. Mas ainda que ele tomasse, com furor, o partido da sua mãe contra ela, intimamente queria mal à que lhe causava essas afrontas. E o seu pensamento ferido voltava sempre à mesma interrogação: — «Quem era o seu pai? Porque o tinham privado dele?»... Sabia que faria mal à sua mãe, perguntando-lho. Mas também

ele sofrera. Cada um tem a sua parte de sofrimento. Quis saber.

Anita tinha previsto o que Marcos ia dizer, mas contudo esperava que o não dissesse. Sem dúvida que lhe devia esses segredos do passado; prometera a si mesma revelar-lhos antes que ele o pedisse. Mas adiava para mais tarde, receosa... E eis que se deixou preceder...

— Meu filho — disse, perturbada —, ele nunca te conheceu. Porque... (já te disse que não estou sem mancha, aos olhos do mundo)... separei-me dele, antes do teu nascimento...

— Não importa — respondeu Marcos. — Devo conhecê-lo. Tenho o direito...

O seu direito? Também ele! Iria ele irritar-se contra ela?...

— Tens o direito.

— Vive ainda?

— Vive.

— Como se chama? Quem é? Onde está?

— Sim, dir-te-ei tudo. Mas espera um momento...

Anita estava oprimida. Marcos apiedou-se. Mas queria saber. No entanto ainda disse frouxamente:

— Não é pressa, minha mãe. Falaremos disso noutro dia.

Mas Anita não se deixou enganar sobre a sua impaciência mal disfarçada. Não quis aceitar a graça que ele lhe concedia. Retomou coragem e disse:

— Não. Esta noite. Tens pressa de saber. E eu que tu saibas. Como acabas de dizer, essa coisa pertence-te. Guardei-a comigo. Devo-te conta dela, há muito tempo. E a minha dívida, esta noite, acaba de me ser recordada.

Marcos quis desculpar-se.

— Cala-te — disse Anita. — Esta noite, pertence-me a mim falar.

Mas agora que ela ia na realidade falar, Marcos quase desejou que se calasse.

— Acende a luz. E dá volta à chave da porta, que ninguém nos incomode!

Apenas tinha começado, quando, com efeito, vieram bater. Sem dúvida Sílvia. A porta continuou fechada.

Sem aparente comoção, Anita fez, a largos traços, a narração do seu passado, os esponsais interrompidos. Expressava-se com um pudor altivo, que não descobre nada do que só a ela diz respeito, mas que nada oculta do que deve e quer dizer. Falando, tratava de repelir a obsessão daquele que escutava. Marcos não se manifestava. Escutava, gelado. Parecia que o filho e a mãe eram ambos estranhos aos acontecimentos longínquos, cuja imagem passava perante eles. Deus sabe, porém, com que ansiedade esperava — (sem consentir nada que a chamasse) — uma onda de simpatia! Marcos manteve-se impenetrável até ao fim da narração. Depois, quando ela estava à espera do veredicto, Marcos apenas observou:

— Não me disseste o seu apelido.

(Anita designara-o só pelo nome próprio.)

— Roger Brissot — respondeu.

(A frieza de seu filho gelava-lhe o coração.)

Só estava atento ao nome que ela pronunciara. Marcos conhecia-o bem.

— O deputado socialista! — exclamou.

A sua surpresa ocultava mal — ou nada ocultava da sua alegria.

Brissot tinha conquistado um nome brilhante entre os oradores do Parlamento. Fascinava a juventude. Essa fascinação, viu-a Anita no olhar de seu filho; e estremeceu. Mas, demasiado orgulhosa para o mostrar

e demasiado leal para depreciar o adversário, apenas confirmou:

— Sim, o seu nome é ilustre. Não tens de que te envergonhar.

Os lábios do filho sustinham a pergunta:

— Então porque me privaste dele?

Mas não o disse. Levantara-se; ia e vinha no quarto, sem falar. Anita seguia-lhe os movimentos. Lia no seu pensamento. E perdeu mesmo o desejo de se defender. Para quê? se ele próprio a não defendia?...

Anita caminhou direita ao perigo, não para o desviar, mas para o atrair.

— Queres conhecê-lo? — perguntou.

— Quero.

— Irás quando quiseres... Não te disse tudo. Ele sabe da tua existência. Sabe que és seu filho. E, sem dúvida, estará pronto a receber-te como tal.

Marcos, encolerizado, gritou:

— E nunca mo disseste!

Anita fechou os olhos extremamente pálida. Depois reabriu-os e, fixando-os sobre o seu filho, replicou:

— Esperei que fosses um homem, para to dizer. Vejo que o és.

Marcos, sem notar a altiva amargura, perguntou:

— Onde mora?

— Não sei; mas a sua direcção encontrá-la-ás fàcilmente.

Marcos, continuava a dar grandes passadas no quarto. Já não pensava nela. Pensava só em si, e, julgando-se lesado, concluiu sem piedade:

— Irei vê-lo amanhã.

PORQUÊ esta crueldade no coração dos jovens? — Uma vez no seu quarto, sòzinho, Marcos teve consciência dessa crueldade; mas saboreou-a. Sabia que fazia sangrar um coração que o amava — que ele amava —; e sentia remorsos. Mas o amargor do remorso aumentava a alegria. Marcos vingava-se. De quê?... Do mal que ela lhe fizera? Ou do muito que o amava? Se ela o tivesse amado menos, Marcos não se vingaria tanto. Nunca se teria mesmo vingado, se não a tivesse também amado. Anita estava nas suas mãos sem defesa e Marcos abusava. A única desculpa do abuso, a sua alegria inconfessada, era pensar que podia terminar o jogo quando quisesse.

Mas uma vez começado, quantos não teêm podido livrar-se dele!

Anita sofria... Amara-o demasiado. Sim. Muito egoìstamente... Como amar sem egoísmo?

— Esse ser, fi-lo de mim própria. É meu. Como esquecer-me de mim, amando-o!... No entanto, tinha que o fazer. Não pude, não posso... Estou castigada...

Sabia, de há muito, que este dia havia de chegar. E chegou por fim. Tinha esperado muito. Tremia de perder esse filho, que guardara ciosamente para si.

E perdera-o. Um único minuto bastou para o separar dela. Estava apavorada. Nesses corações de mancebos, toda uma vida de dedicação maternal é esquecida, por um minuto de gozo ou de esperança apaixonada. Previra esse momento, com o frio no coração. Mas a realidade excedia o pressentimento... Marcos não tivera para ela uma palavra terna, um gesto de atenção. Num momento, atirara-a borda fora. Nenhuma consideração pelo passado! Só o dia seguinte contava... — Anita passou a noite a representar-se esse amanhã, e a noite próxima, quando tudo estivesse consumado. Sentia-se vencida antecipadamente.

Não tentou lutar mais. Que ele fosse livre! Fosse o que fosse que ele decidisse, Anita estaria ao seu serviço. Pouco tempo lhe restava para o guardar, mas ajudá-lo-ia até ao último instante.

De manhã, quando o tornou a ver, nada alterou o que tinha decidido. Preparou-lhe os seus melhores fatos, vigiou a sua *toilette*, ausentou-se um momento, serviu o jantar; e enquanto estavam à mesa — (ela, esforçando-se por comer para que Marcos não julgasse que procurava ser lastimada; ele, comendo com pressa e voracidade, pensando nas horas que se iam seguir, e ansioso por que chegassem) — disse-lhe que tinha procurado a direcção que ele buscava; e aconselhou-o a ir procurar Brissot, não em sua casa, mas no seu gabinete de advogado. As suas razões eram justas; falava pausadamente. Marcos concordou. Estava-lhe agradecido pelo esforço que devia ter feito. Não lho deu, porém, a perceber. Não entrava no seu plano deixar-se perturbar agora por uma comoção. Queria primeiro ver por si próprio e julgar... Quanto à que ficaria esperando o seu julgamento e sofria... pois bem: que sofresse... Algumas horas de mais ou de menos!... Já devia estar

habituada! Depois teria tempo de ser meigo. Sim assegurava-o: decidisse o que decidisse. E ela, exactamente por ter sofrido, gozaria em mais alto grau a felicidade que ele lhe quereria dar... Estava demasiado seguro do seu poder sobre ela, agora. Anita podia esperar... Marcos tinha tempo!...

ROGER BRISSOT, desde 1900 que percorria uma carreira brilhante. Causas retumbantes, grandes êxitos no tribunal e, em seguida, no Parlamento, haviam-no colocado na primeira fila. Na Câmara, mantinha-se no limite dos dois partidos: radical, socialista, atento às correntes, sempre pronto a passar de um barco para o outro. Foi ministro muitas vezes e de todas as pastas: instrução pública, trabalho, justiça, e mesmo, durante algum tempo, da marinha — assim como os seus colegas, era-lhe indiferente o seu lugar nesta ou noutra cadeira: todos os lugares são para quem se senta neles, e não deixam de ser a mesma máquina, cujo manejo é sempre igual. Quando se lhe conhece o dedilhado, o resto — os administrados — é de pouca importância. O que conta, em resumo, é a administração.

Tratando de tantos assuntos, tinha enriquecido o seu material de ideias, ou melhor, o seu repertório de palavras, — sem muito saber da essência, porque estava demasiado ocupado em falar, para ter tempo de escutar. Mas falava muito bem. No entanto, havia um ponto, em que os seus conhecimentos eram bastante amplos: a criação do gado eleitoral e sua exploração. Sobre esse assunto, havia alguns, entre os homens do Estado da Terceira República, que

eram tidos como mestres; possuíam sobre a ponta dos dedos o teclado das massas, conheciam o segredo das teclas: fraquezas, paixões e caprichos. Mas nenhum as sabia dedilhar como o mais perfeito virtuose, nem fazer vibrar com mais sumptuosas sonoridades os acordes da democracia, as ideologias da goela de bronze, que cobrem, evocam e sobreexcitam as virtudes da raça e os seus ocultos vícios, do que o honrado Brissot. Era o grande pianista do Parlamento. O seu partido — os seus partidos (pois que se deixava solicitar por mais de um) — faziam, a todo o momento, apelo aos seus talentos para os concertos da Câmara, discursos retumbantes, cuja música, sobre os grandes editais brancos (votados por aclamações, à custa do eleitor), dava a volta à França. Nunca se recusava; estava sempre pronto; a sua competência era igual em todos os assuntos — com a ajuda, bem entendido, de secretários activos e informados: (havia uma equipa). A sua dedicação ao partido — aos seus partidos — e à sua glória, não tinham a par senão os seus pulmões. Nada os cansava.

Este zelo e esta voz, igualmente magníficos, foram bem úteis à República, durante a Grande Guerra. Ela mesmo os mobilizou. Roger Brissot foi encarregado de convencer o mundo, e o povo da França, das principais verdades, pelas quais deviam, até ao fim, arruinar-se. Foi enviado para missões longínquas. Esperava retomar, no fim da guerra, os seus galões de comandante de reserva, na cavalaria; e foi mesmo, nesta qualidade, adido algum tempo ao grande Q. G., sòlidamente situado no castelo de Compiègne. Mas haviam-lhe feito compreender que serviria o país mais eficazmente nas trincheiras da América; e aí gastou o seu esforço, sem o esgotar. Aliás, nas suas numerosas viagens e travessias, sempre no ca-

minho de Londres, Nova Iorque, Turquia, Rússia e quase todos os países neutros ou aliados, correu alguns perigos sérios. A bravura de Brissot era indiscutível; tanto podia ter participado na batalha de Argonne como na de Flandres. Sòmente, compreendia os deveres que o seu génio lhe impunha. A fim de o conservar à nação, deixou-se colocar ao abrigo. Mas no serviço falado despendeu-se nos mais largos voos. A sua voz forte encheu os ouvidos do Mundo. Ouviu-se em Londres, em Bordéus, em Chicago, em Genebra, em Roma, e até mesmo em S. Petersburgo, antes da revolução; em todas as cidades da França, na frente e na retaguarda, nas cerimónias fúnebres e nos aniversários. Era, no estrangeiro, a encarnação da eloquência francesa. Fez parte do grande ministério que se agrupou à volta de Clemenceau. Abominavam-se. Brissot nunca suportava, no homem com face de mongol, a ausência de escrúpulos e sobretudo de princípios. E Clemenceau escarnecia, descortês, «o alto-falante»...

— «A tua boca, bebé Virtude!...»

Mas todas as inimizades se calaram, perante a invasão. E os rivais de ontem, associando a sua inteligência e repartindo o bolo, formavam — Millerand e Briand, Brissot e Clemenceau — à roda do astro fixo, do eixo da Desforra, Poincaré o trapaceiro — uma radiosa constelação. Inesquecível época da União Sagrada, — desaparecida demasiado cedo! — em que os chefes políticos de todos os partidos, e mesmo sem partido, como os irmãos Aymon, cavalgavam a mesma garupa do velho cavalo de trabalho e de combate, a França, resolvidos a manter-se até que o animal ganhasse ou rebentasse.

A carreira de Brissot tinha sido sem nuvens — se se exceptuarem as que rivais invejosos diligenciaram lançar sobre o seu passado de orador, manchado

por alguns voos fogosos, decerto um pouco imprudentes para com o empíreo do pacifismo internacional. Mas quem fala sempre, é fatal que fale de tudo; e não é responsável por cada uma das suas palavras: seria esquartejado como um criminoso. E depois, o pacifismo é, como o seu nome o indica, uma poção cujo uso calmante é lícito, em tempo de paz, — proibido sòmente quando soou a guerra: porque só então seria eficaz. É o que o grande orador não teve dificuldade em demonstrar, — salvo a esses inimigos sem fé, que nada pode convencer, mesmo o zelo ardente que Brissot, Cornélio, pôs em denunciar os seus companheiros de ontem, pacifistas apaixonados, alemães disfarçados, que pretendiam continuar o seu jogo em tempo de guerra, com risco de enervar o povo fatigado e de nos desapossar do custoso fruto da vitória. É próprio dos grandes homens serem caluniados; Brissot era suficientemente forte para não se deixar assombrar pela injustiça. Ria, com esse pleno riso gaulês, que os seus admiradores comparavam ao de Danton: (comparação deslocada! porque Brissot nunca tinha, digamo-lo, esse estilo dos homens do mercado e esse tom desordenado). — Enfim, não era rancoroso e estava sempre pronto a obsequiar, amanhã, os seus inimigos. O essencial era que os tivesse vencido.

Tudo se compra neste mundo. Brissot pagava, em família, a sua sorte na política. Não era feliz na sua vida doméstica. A mulher que tinha desposado, rica, branca, gorda e anémica, uma galinha recheada de bons valores no Banco, era, sob todos os pontos de vista, para um homem como Brissot, uma companheira insuficiente. Possuía poucos recursos, tanto de espírito como de senso. Desprovida de personalidade, e também, infelizmente, sem a compensação que oferece essa pobreza, em certas nulidades, de saber

apagar-se, ela obstruía o horizonte da sua inexistência. Lastimava-se sem cessar, nada admirava, nem mesmo os talentos e a glória de seu marido. Tinha esse dom funesto e, sem dúvida, doentio, de não guardar de uma vida rica em vantagens senão os dissabores. Tudo recriminava. Falava contra tudo. Contra todos. Era, até certo ponto, a sua missão na vida. De resto, nada fazia para mudar nada de nada. Espalhava sobre tudo a sua bruma morrinhenta e desagradável, como uma chuva de Outubro. Todos quanto se aproximavam dela ficavam constipados. — Fàcilmente se acredita que esse clima não convinha ao robusto Roger Brissot, que reduzia a sua permanência em casa ao restritamente necessário; e livrava-se sempre dele, com vigorosos espirros. Ia encontrar climas mais felizes; e o ruído dos seus êxitos não pouco contribuíam para o ar triste da casa.

No entanto, nunca as suas despesas extraordinárias tinham impedido que esse homem de dever entregasse pontualmente à esposa o que lhe era devido. Não foi por sua culpa que a parcimoniosa só lhe concedeu uma filha. Brissot amava-a. A criança, engraçada, risonha, sã, de faces cheias e olhar satisfeito, — morreu. Sùbitamente. Consequências de uma operação sem perigo, ou antes, da anastesia de que não mais acordou. Tinha treze anos. A família Brissot ficou aterrada. Dessa vez, a mulher teve razões para acusar o mundo. Levou as suas lamentações até junto dos altares e aos confessionários. Entregou-se à devoção. Isso contrariou bastante a política de Brissot: o clericalismo não voltara ainda a estar na moda! — O pobre homem não tinha, para o consolar, nem Deus nem os homens de Deus. Fora duramente atingido; e sòzinho, em frente do retrato da sua filha sobre a mesa do trabalho, verteu lágrimas amargas. A guerra distraiu-o. Uma actividade arrebatada ser-

viu-lhe de refúgio contra o seu pensamento. Fugia de casa, da mulher e da sua morta. Fugia-lhes, e até em prazeres acabava de gastar o excesso de força que os labores da política não bastavam para despender. Os seus bajuladores encontravam nisso outro traço de semelhança com Danton e o seu bródio. Mas Brissot não se acalmava com essa vida. Era um homem de família, como quase todos os franceses; tinha necessidade das afeições domésticas; para eles nada as substitui; a ambição, a glória, o prazer, de que parecem tão ávidos, no fundo, não passam de um «*Ersatz*». Brissot não se consolava de não ter filhos.

Sabia que o filho de Anita era seu. Evitara sempre pensar nisso antes da morte da filha. A recordação de Anita não lhe era agradável. Afastava-a, mas um surdo rancor a mantinha em si: cicatriz de uma ferida de amor-próprio, e talvez de amor, mal curado. Perdera de vista essa mulher; mas não pudera livrar-se de, por duas ou três vezes, se informar indirectamente do que tinha sido feito dela. Não lhe desejava mal, mas sentia uma certa satisfação em saber que falhara a sua vida. Não quer isto dizer que não a ajudasse da melhor vontade se tivesse apelado para ele; mas esta secreta vingança, sabia bem que nunca ela lha concederia.

Em quinze anos, encontrara-a duas ou três vezes, na rua, com o filho. Nada fizera para o evitar. Fora ele que fingira passar sem a ver. Guardava dessas ocasiões uma impressão penosa que preferia não analisar .. Que lhe importava essa história longínqua, essa mulher que tinha possuído e que se lhe tornara estranha; essa viandante obscura — que lhe importava a ele, que possuía tudo?... Meu Deus! tudo se tem, julga-se possuir tudo, e não se pode impedir que, do fundo do passado, surja uma sauda-

de, como que um remorso envenenador dum nada que se perdeu! E esse nada torna-se tudo. E o tudo torna-se nada. É como se uma fenda imperceptível quebrasse o vaso da vida; tudo se derrama e foge...

Felizmente essas chamadas do passado eram raras, e Brissot conhecia bem a sua insinceridade para poder persuadir-se de que não as ouvia. Quando se deixa atrás de si uma hora sem glória, o melhor é dizer a si próprio que ela jamais existiu. Brissot tê-la-ia finalmente aniquilado no panorama da sua vida ocupada, se ela apenas abrangesse a sombra silenciosa dessa mulher e a sua enlaçada com ela. Mas havia outra, que não se deixava apagar: — o filho.

Depois que a sua filha morrera, este vivente perseguia-o. Encontrava-o incessantemente, no caminho do seu pensamento. Não conhecia as suas feições. Nos dois ou três encontros com Anita, não o pudera fixar: não estava certo de que a imagem apanhada de corrida fosse exacta. Uma única vez, julgou reconhecer, sentado próximo dele, no carro, o jovem que tinha visto pelo braço de Anita: o seu olhar estava ocupado por uma linda vizinha; e Brissot observava-o enternecidamente: o seu filho devia ser assim... Mas poderia ter a certeza?

Que falta lhe fazia esse filho! Para si, para a sua casa, pela sua necessidade de afeição, pela alegria natural de transmitir a alguém do seu sangue o seu nome, a sua glória adquirida, os seus bens e a sua missão! Para dar a palavra de passe ao lúgubre: «Para quê?» — o Caronte que recusa levar para a outra margem o homem sem filhos, a raça sem futuro, aquele que vai morrer e não mais renascerá...

Mas estes sofrimentos não se mostram aos outros; e ninguém o teria sabido se o acaso não tivesse feito que uma noite, em 1915, quando se encontrava numa partida galante com personagens amáveis, honestas

damas e curiosos, nenhum sendo profissional do jogo, encontrasse Sílvia; (foi durante o tempo, breve, mas pleno, em que ela se divertia). Estava com uma pessoa do conhecimento de Brissot. À ceia, os dois homens trocaram as suas parceiras. Brissot não reconheceu Sílvia; mas ela se encarregou de lhe refrescar a memória. Brissot manifestou uma inesperada comoção por a encontrar, apesar de noutros tempos não ter em grande conta a cunhada costureira, que não o lisonjeava muito. Sílvia não o ignorava, mas a aventura divertiu-a. O seu parceiro encontrava-se num estado em que não se é muito senhor do que se deve dizer ou calar. Sílvia fê-lo falar. Brissot enterneceu-se. Interrogou-a com avidez sobre Anita e sobre Marcos. Sem ocultar rancor por aquela, muito vivo para não patentear aos olhos da bisbilhoteira, que aquiescia, um despeito, um pesar, manifestou pelo rapaz um interesse faminto. Inquiriu da sua saúde, do seu trabalho, dos seus êxitos e dos seus meios de vida. Sílvia gabou o sobrinho, de quem se orgulhava. A fibra paterna ainda mais exaltada ficou. Brissot confiou a Sílvia a satisfação que teria em ver o seu filho, em tê-lo perto de si, consigo; e confessou o seu desejo de lhe assegurar o futuro.

Sílvia, no dia seguinte, contou à irmã o que se passara. Anita empalideceu. Ordenou-lhe que nunca falasse nisso a Marcos. Sílvia não tinha o menor desejo de o fazer; era tão ciumenta do rapaz como a irmã, e não queria também renunciar a ele. Mas não dava a perceber os seus verdadeiros sentimentos.

— Imaginas que lho ia contar? — respondeu. — O melhor que ele tinha, então, a fazer era abandonar-nos!...

Anita enfureceu-se. Não podia admitir que imaginassem que ela «lesava» o rapaz. (Sílvia disse cruamente a frase, rindo... — «Então! que tem isso?

Cada um cuida de si!...») Se o queria para si, era para o salvar. Queria defendê-lo de tudo que pudesse destruir o ideal que esculpia nele... Mas Sílvia sabia que, fazendo-o, também se defendia a si! Tê-lo criado quinze anos com tantas fadigas e cuidados, mais preciosos que as alegrias; ter feito dele um homem, e vê-lo levado por esse outro, que, sem ter tido trabalho, só gozaria o proveito, — esse homem que nunca se inquietou com os seus deveres e que viria, agora, alegar os seus direitos, os direitos do sangue... O inimigo!... — Nunca!

— Sou injusta?... Seja! Injusta, injusta... Sim! Sou-o... É pelo meu filho, é pelo seu bem!...

MAS o seu bem, o jovem Marcos, encarregava-se de decidir ele próprio! E não tolerava que os outros resolvessem por si.

Guardava ainda no coração um certo rancor contra a mãe, quando a deixou friamente por essa estranha aventura: a «busca» do seu pai. Estava mais perturbado do que parecia. Que iria encontrar? Não estava seguro do êxito do cometimento. À medida que avançava, sentia-se tomado pelo desejo de arrepiar caminho. A audácia do passo patenteava-se-lhe agora. Mas disse para consigo:

— Irei. Se for preciso, serei audacioso, até ao desaforo!... E tanto pior para a vergonha!... Quero ver. Verei.

Não estava muito distante da direcção indicada, quando o seu olhar foi atraído por um nome num cartaz... O seu nome! o nome daquele que procurava! O anúncio de um comício: essa tarde, Roger Brissot falava.

Foi ao sítio indicado. Um picadeiro. Muitas horas de espera. Em lugar de voltar para casa, sentou-se num banco da rua; com as costas voltadas para os transeuntes, fez e refez o seu plano. Como abordaria aquele cuja voz iria ouvir daí a pouco? Em que momento? Que lhe diria? Não estaria com preâmbulos. Dir-lhe-ia, simplesmente:

- Sou o seu filho.

Repetindo essas palavras, a sua língua ficou paralisada de terror... E — acreditá-lo-ia ele? — no meio da sua comoção, lembrou-se do Sr. de Porceaugnac, esse pequeno gaulês! Desatou a rir... Era um ardil do instinto oprimido, que procura uma diversão... O burlesco da cena agarrou-se impudentemente à sua comoção. Foi, assobiando, tomar um café. Mas, do canto do terraço onde estava sentado, não perdia de vista a porta do picadeiro. E logo que se abriu, foi um dos primeiros a entrar.

Introduziu-se na primeira fila, perto do estrado. Os lugares eram reservados. Deixou-se empurrar uma, duas, três vezes, tantas quanto foi preciso; tenazmente, voltava; incrustou-se. Estava de pé, para ver melhor, encostado a um pilar de ferro, justamente ao pé da tribuna, quando Brissot entrou, e sentia-se tão perturbado, a despeito das suas pretensões de insensibilidade, que só o viu depois de ele estar instalado. Sentiu esse choque que se sente quando se produz um acontecimento durante muito tempo esperado: não se encontra o que se imaginou nem nada que se lhe assemelhe; mas a sua realidade confere-lhe um tal relevo, que tudo quanto se imaginou desaparece, como uma bola de sabão. Não mais: «*Se fosse* assim... ou assim?...» — *Aí o tens!* está diante de ti, de carne como tu; não te é possível modificá-lo em toda a eternidade...

— Ele!... esse homem!... meu pai!...

Que golpe!... Primeiramente, qualquer coisa que diz: «Não!» Uma revolta. É preciso tempo para se habituar... E depois, bruscamente, o partido tomado. Não se discute mais. O facto está ali. Aceito. «*Ecce Homo!...*»

— E esse homem, sou eu... Eu?...

A ávida curiosidade lança-se sobre esse rosto,

define-lhe os traços, procura reconhecer-se nele...

Nesse homem grande e corpulento, de larga face barbeada, bela fronte, nariz forte, narinas benévolas, que tão bem aspirariam o excremento como a rosa, faces e queixo carnudos, boa saúde, com a cabeça lançada para trás, bombeando o seu peito forte, — mistura de actor, de oficial, de padre e de fidalgo-agricultor...

Cumprimenta à direita e à esquerda, saúda com a mão as pessoas que reconhece entre o seu público, e, enquanto parece escutar os que estão perto dele, espaneja-se, ri, responde alegremente, ao acaso, afectadamente, com maneiras afáveis, untuosas e cavalheirescas a cada um, a todos... O tumulto da sala, esse alarido de velho rancho, em que todos falam ao mesmo tempo, impede de se ouvirem as palavras... Sòmente, esse bordão de sino... Brissot está no seu elemento...

— Eu! Eu!... Isso!... Essa massa de carne! Esse riso, esses apertos de mão!...

Marcos, magro, pálido e altivo, como um tambor de Arcole, contempla esse homem grande, florido, exuberante, com olhar severo. Não obstante, é belo. Tem poder de atracção. Marcos não lhe escapa. Mas desconfia dele. Fareja-o. Não reconhece o cheiro. Espera que fale.

Brissot começa a falar... e Marcos abandona-se-lhe.

Brissot, com uma grande arte, tinha o cuidado de não mostrar logo de início todos os seus recursos. Conservava o instrumento, calmo, simples, *sotto voce*. Sabia que, para os verdadeiros virtuoses, um dos meios de impor o silêncio numa sala fremente é tocar *piano*. Outros apresentam-se logo dominando o instrumento, com acordes plenos de sonoridade, mas esses não têm *crescendo* para dar, e a atenção

desvia-se: acaba por cansar. Ele, não; apresentava-se muito franco, muito cordial, como outro homem qualquer, um companheiro: mas quando lhe estendiam a mão, era como se se lhe entregassem: obtinha o domínio, e então... Então, haviam de ver...

Marcos não via nada. Bebia. Ao princípio só ouvia as palavras. Ouvia a voz. Era quente, cordial, cheirando à terra da França, evocando o perfume dos campos familiares. Marcos reconheceu nela os *rr* carregados, da Borgonha, que a sua mãe tanto se esforçava por lhe arrancar da língua. Era um laço secreto que se revelava entre eles. A marca da tribo, o mais íntimo da carne e o mais indelével: a língua. Essas intonações rústicas, másculas e amorosas, apoderavam-se dele. Estava penetrado de gratidão afectuosa. Sentia-se bem. Era feliz. Sorria de prazer àquele que falava...

Brissot começou a notar o jovem, que o devorava com os olhos.

Quando falava, tinha o hábito de procurar na sala um ou dois ouvintes que fossem um bom reflector da sua eloquência. Escutava-se neles. Avaliava o efeito, a ressonância. E, rápido em se aproveitar desses índices, orientava-se, por eles, nos discursos, que improvisava segundo o cenário, — excepto alguns grandes trechos, que são como a cadência e os *rapláplá* da orquestra, nos concertos... O pequeno tambor de Arcole, que estava à sua frente — olhos ardentes e risonhos no rosto febril — era um soberbo reflector.

Ao ver-se nesse espelho, Brissot sentiu-se entusiasmar... Mas, de súbito, o reflector embaciou-se...

Marcos ouvia as palavras.

Brissot quebrara o encanto. O voo da sua eloquência acabava de revelar ao olhar penetrante do adolescente que as asas eram postiças. A admiração

do público, que o escutava de boca aberta, teve sobre Marcos, como efeito imediato, que ele se pusesse em guarda, e reagisse contra a sua própria comoção. Era daqueles que, por instinto, estão sempre em estado de defesa contra o contágio das multidões. Ficou indignado por se ter deixado sensibilizar como eles por essa bela voz; sentiu-se despeitado, resistiu; e, a partir desse momento, nada mais deixou passar da boca do outro, e do seu coração para ele, que não submetesse a um exame agressivo.

Diante do público conquistado, Brissot embocava o clarim dos Imortais Princípios. Cantava a missão heróica da terra da França. Era a bigorna eterna onde se forjavam os mundos, o altar do sacrifício, a hóstia das nações. Os campos Cataláunicos, Poitiers, o Marne e Verdun, Pétain, Bayard, Mangin, Carlos Martel, Joffre e Pucelle... Infatigável, oferece-se pela salvação dos homens. E vinte vezes imolada, ressuscita vinte vezes. Só no universo, defendendo-se a si própria, defende o universo...

Brissot falava do círculo de oiro e de ferro dos aliados. O seu amor cercava a França como os heróicos cavaleiros de Carlos Magno. Brissot estivera entre eles. Podia *de visu* celebrar o desinteresse sublime da República irmã, de bandeira estrelada, que, sem nada pedir, acudia para pagar a dívida a Lafayette e para vingar o Direito... A magnânima Inglaterra... A incorruptível Itália... Desde a idade das Cruzadas, jamais se vira um tal espectáculo!... Em lugar dos Cruzados a disputar a pedra tumular de um Cristo, a maior Cruzada, a de hoje, era o novo Cristo, a despedaçar o túmulo da humanidade escravizada... Etc.... Etc....

«A imensa indignidade, de que o monstruoso império boche era o único fautor e único responsável,

ia ser esmagada com ele. Todos os crimes políticos e sociais provinham dele, só dele, essa sentina: déspotas abjectos e massa degradada, *junkers*, falsos socialistas, negreiros, Picrocholes, Krupp, Hegel, Bismarck, Treitschke e Guilherme II. Bestial ferocidade, delírio de Sardanapalo, Nietzsche que se julga Deus e ladra como um cão. Os povos a gemer e o fumo das ruínas. A inocente Bélgica e a santa Polónia. Reims, Louvain, os negros abutres voando sobre cidades abertas, para massacrar, sem riscos, as mulheres e as crianças. Mas as aves brancas da França arremessam-se sobre esses carnívoros e, dispersando os seus bandos, vão, por cima do Reno, semear o castigo sobre a raça culpada... A libertação vem. Os povos livres da Europa, da Ásia, da África, vão, sob a égide afectuosa da livre França e da livre Inglaterra, beber à fonte da Liberdade. O último império continental desaba. A República abre as suas asas. O anjo de Rude. O génio do Arco do Triunfo da Estrela... Marchai, filhos da pátria!...

«Regresso da frente. Maravilha! Essas crianças riem. Os moribundos riem. Dizem: «Pouco mas bom! Não perdi o meu dia...» — Propõe-se-lhes evacuá-los para a retaguarda. Replicam: — «Nunca! Prendam-me aos arames farpados. Impedi-los-ei de passar...»

Marcos corava de vergonha; o seu olhar gelava-se... Como ele os «trata», esses bois!... Essas palavras ocas, esses meios vulgares, essas cobardes mentiras!... Fixa com um olhar de desprezo o orador, que escorre de suor e de eloquência. — E Brissot, sem compreender, pressente que um drama se trava no espírito desse auditor. Emprega todas as armadilhas para tornar a apanhar a caça. Sente-se desconcertado com o olhar que o julga. Já não se

atreve a olhar para ele. Mas enquanto continua a clamar:

A França...— A França unânime...

e desenvolve os seus arpejos, sem perturbação, como bom virtuose, guarda, preocupado, num canto do seu cérebro, a imagem do mancebo: já a conhece; procura onde a viu; mas, no arrebatamento da sua fase equilibrada, não se pode interromper para seguir os traços da memória.

Termina com um potente acorde, que os clamores da sala repercutem cem vezes. O público põe-se de pé, grita, aclama, sai para a estrada, para apertar as mãos do grande cidadão. Estão vermelhos de comoção, interpelam-se, riem, há lágrimas nos olhos. Brissot, feliz, acalmado, lança um olhar de lado para o recalcitrante:

— Declara-se vencido?...

O lugar está vazio. Marcos desapareceu.

Não pôde suportar até ao fim o fedor da eloquência. Saiu bruscamente. Mas encontrava-se ainda à porta da sala quando se desencadeou a torrente de aplausos. Volta-se, com o lábio contraído pelo desdém. Contempla um instante essa sala em delírio e o triunfador. Sai, e na rua cospe com desprezo: Fala alto. Faz um juramento:

— Juro, multidão ignóbil, não merecer jamais os teus aplausos!

Neste momento, Brissot, que na sala fala muito alto e ri com os seus admiradores, repõe, no seu verdadeiro lugar, a imagem que o obcecava. Acabava de reconhecer o adolescente do ónibus.

MARCOS caminhava a passos largos. Fugia. Fugia do lugar da desilusão. Mas a desilusão perseguia-o... Deus! como o Mundo estava mudado, desde que tinha percorrido esse mesmo caminho, de manhã! Apesar de não se querer deixar iludir, que esperança o agitava então! Que alegria, que comovida opinião sobre o homem que ia encontrar! Que desejo trazia consigo de o amar e admirar! Quando ouviu a sua voz, esteve quase a correr para ele e a beijá-lo... Beijá-lo!... Que repugnância!... Limpou os lábios, como se o tivessem tocado!...

— Retórico repugnante, fariseu, hipócrita!... Mentiroso, mentiroso, mentiroso! engana a França e engana-se a si próprio... A França, é o seu negócio; se ela gosta da mentira, se quer ser enganada, que se submeta!... Mas ele!... Não tem desculpa! É a degradação... Que desgosto, que desgosto por ele... e por mim!... Porque eu sou feito dele, sou o filho dessa mentira; essa mentira está em mim!...

Caminhava como um furioso. Chegou ao pé do Sena. Inclinou-se sobre a margem. Desejaria lavar-se até ao sangue, lavar até à carne, a fim de lhes arrancar a fétida mancha. Estava sem razão, sem piedade, como quando se está apaixonado, quando se tem

dezassete anos. Nem um instante pensou que esse homem pudesse ser bom, pudesse ser fraco, como a média dos homens; que, se tivesse conhecido o filho, o amaria decerto: porque, como a média dos homens, escondia sob o montão das suas fraquezas, das suas mentiras e das suas imoralidades, um recanto sagrado de sentimentos puros, de intacta verdade. Também não pensou que essa geração de velhos escolares, esses retóricos, esses palradores à antiga, (o falso antigo, a bugiaria galo-romano!) foi, desde a infância, habituada à verbosidade, e que é sua vítima, da mesma maneira que o comediante... «*Comediante... Trágico...*» Não é capaz, mesmo que queira, de encontrar o contacto com o real sob a montanha das palavras que o sufoca...

Mas isso é o que Marcos perdoaria menos! Um rapaz de boa linhagem, que parte à procura da vida, prefere o crime à impotência abjecta com o seu palavriado! Porque se o crime mata, a outra é nado-morta...

«De boa linhagem...» A linhagem de Marcos é a do mentiroso...

— Nunca!...

Sabe-o, sente-o, reconhece agora em si as suas imposturas, e surpreende-se a repetir gestos, intonações, que apanhou no outro; lembra-se de os ter feito naturalmente, antes de suspeitar da existência do modelo que reproduzia... Era escusado recusar a herança desse homem. Trazia-a consigo.

— Nunca! Nunca!... Nada entre nós! Nada dele! Se, não obstante, sou um duplo seu, se ele se repete em mim, se o recomeço, — mato-me!

Vagueou muitas horas, fatigado, sem comer. Veio a noite. Não pensava em voltar para casa. Como mostrar-se?... Confessar a sua decepção?...

Passou perto dele um ferido, mutilado na cara, com um olho esvaziado, a face escavacada, como se chumbo derretido a tivesse roído. Uma mulher do povo, de cabelos grisalhos, amparava-o pelo braço e cobria-o com o seu olhar amante e doloroso; cingia-se a ela...

E, no pensamento febril de Marcos, *ela* reapareceu: — a Mãe... A sua altiva imagem e o seu silêncio, a sua vida de provações e de paixões não profanadas, a sua alma intacta, sem mentira, o seu desprezo pelas palavras, a profundidade da sua solidão sem companheiro, e essa intransigente vontade, contra a qual tanto se tinha irritado, que muitas vezes amaldiçoara e que hoje abençoava, a sua inflexível lei da verdade... Como ela engrandecia, em face do homem que acabava de reconhecer e renegar, o homem da multidão... Agora, compreendia e acariciava a sua paixão ciumenta em o disputar ao pai, a sua injustiça...

— Injusto! Injusto... «*Beijo as tuas mãos...*» Bendita sejas!...

E a recordação da sua severidade para com ela, ontem e nessa mesma manhã, reflectiu-se-lhe na face... Tornou a partir a toda a pressa. Para ela. Tinha-a feito sofrer. Ia reparar. Graças a Deus, ainda tinha tempo...

QUANDO chegou ao patim da escada, a porteira deteve-o:

— Foi por um pouco! A sua mãe está ferida...

Marcos não quis ouvir mais. Subiu a escada a quatro e quatro. Foi Sílvia que abriu. O seu rosto era severo... Esfalfado, o rapaz perguntou:

— A minha mãe?

Sílvia observou-lhe:

— Decidiste-te finalmente a vir para casa?... Todo o dia te tem esperado.

Marcos repeliu-a, sem cerimónias, e passou.

Abriu a porta do quarto. Anita estava deitada, com a cabeça ligada. Marcos balbuciou um grito. Anita, vendo a sua comoção, apressou-se a dizer-lhe:

— Não é nada, meu filho... Sou uma pateta. Caí...

Mas, cheio de angústia, Marcos apalpava-a com as suas mãos trémulas. Sílvia afastou-o:

— Vamos, deixa-a sossegada! não a aflijas ainda mais!

E, com um ar rancoroso, contou-lhe o que se tinha passado. Anita, com o olhar fixo no rosto do filho, emendava a narrativa, atenuava o acidente, tentava gracejar, acusava-se...

O que ela lhe não disse:

Depois da partida do filho, ficara de cabeça perdida repetindo para consigo:

— Abandonar-me-á.

Não tinha nenhuma ilusão. Para o esperar até à noite, obrigou-se a trabalhar, pensando:

— Quer ele me abandone ou não, não me abandonarei a mim.

Apesar da sua extrema fadiga, impôs-se uma tarefa de limpeza. Esfregou o sobrado, bruniu os metais, e lavou os ladrilhos. Depois subiu a uma pequena escada de mão, para limpar os vidros da janela aberta que dava para a rua; acabava de prender as cortinas... Seria a escada que escorregou?... Teria tido uma síncope de alguns segundos?... Excesso de fadiga e preocupação, ou talvez um desses estranhos aniquilamentos de si própria, que por vezes sobrevinham, sem que se apercebesse, tão rápidos eram?... — Encontrou-se em baixo, no chão. Teria decerto caído à rua, se a escada, deslizando, não desse uma volta, tornando a fechar a janela, cujo vidro se quebrou. Anita tinha a fronte e o punho a sangrar; e quando quis levantar-se, uma dor no tornozelo advertiu-a de que o pé direito estava deslocado. Ao ruído dos vidros que caíam em pedaços na rua, a porteira subiu. Sílvia foi chamada.

Por muito rude que fosse a pancada de que estava magoada, Anita sentia-a menos do que a contrariedade. Esse dia era exactamente aquele em que daria tudo para não ter um acidente. Não queria, nesse dia, ter necessidade de socorro, nem sobretudo ter o ar de fazer apelo à piedade de Marcos: achava isso odioso e degradante, tanto para ele como para ela. Recorreu a toda a sua energia para se conservar de pé; mas a dor foi mais forte do que ela e

o coração desfaleceu: teve que se deixar meter na cama. Sentia-se humilhada.

— Que vai ele dizer de mim, quando voltar? — repetia.

E, como o sofrimento quebra a vontade, Anita deixou que sua irmã lhe arrancasse o segredo do seu tormento. Sílvia soube que Marcos tinha partido para encontrar o pai. Não queria lembrar-se de que era ela que tinha sido a intermediária. Julgou Anita estúpida por ter revelado tudo a seu filho. Mas não seria razoável censurá-la nessa ocasião; a sua irritação voltou-se contra Marcos. Assim como Anita, convenceu-se de que o rapaz as abandonaria. Sabia-o egoísta, vaidoso, pronto a sacrificar os outros ao seu prazer. Nem por isso lhe queria menos. Pelo contrário. Reconhecia-se nele. Era por isso que não lhe perdoava. Não lhe perdoaria nunca, se as abandonasse. Mas então?... Era coisa feita! A sua demora não era a prova de que estava em casa de Brissot, que jantava com ele? Não admitia nenhuma desculpa, nenhuma possibilidade contrária. Era mais injusta, ela só, do que Anita e Marcos juntos.

A sua animosidade transparecia em cada um dos seus olhares, em cada palavra que proferia, agora que ele estava ali. Marcos, pouco paciente, eriçava-se, agressivo, contra essa hostilidade. — Mas Anita, muito humilde, só pensava em fazer-se perdoar. Dir-se-ia que era culpada, por estar de cama. O tom de Sílvia feria-a, mais que Marcos. Impôs-lhe silêncio:

— Vamos — disse —, basta!... Basta de falar de mim! Isto não tem importância...

O que tinha então importância? — Marcos sabia-o. Anita também. Sílvia igualmente. Mas obstinava-se em ficar, e Marcos não queria falar enquanto ela ali estivesse. Anita suplicava-lhe com o olhar. Sílvia fingia não compreender... E, bruscamente, atirou com o

guardanapo de que se servia, levantou-se sem uma palavra, e saiu.

A mãe e o filho ficaram sós. Esperavam. Como, por onde começar? Marcos olhou para Anita. Ela evitava o seu olhar, tinha medo, não queria que os seus olhos a traíssem, não queria influir na decisão do filho.

Marcos ia e vinha no quarto. Baixava a respiração, antes de começar a narrativa do seu dia. Lançou ainda um olhar sobre a mãe, imóvel, fixando a janela defronte do seu leito. Parou... Foi direito a ela, caiu de joelhos, com a boca sobre as roupas, beijando os joelhos escondidos, e, os braços estendidos sobre o corpo da mulher, exclamou:

— Tu és o meu pai e a minha mãe!

Anita voltou-se para a parede, e chorou.

EPÍLOGO

«Tu dispões do navio Humanidade:
Atravessa pois o rio Dor!
Insensato, não é este o momento de dormir!...»

BODHICARGOVATARA.

A represa tinha todos os canais — todas as veias — abertas. As vagas de homens precipitavam-se. Os de vinte anos tinham partido. Eram chamados os de dezanove. Os de dezoito sê-lo-iam amanhã. A vez de Marcos aproximava-se.

A mãe e o filho não pensavam noutra coisa, mas não ousavam falar nisso. Anita não temia sòmente a guerra, temia o silêncio de Marcos. Receava saber o que ele pensava. Mas, se tinha medo, era porque o sabia.

A quem confiar os seus receios? Se se tratasse ùnicamente de si, tê-los-ia reservado. Mas tratava-se dele. A quem pedir conselho? Sílvia? De facto, às primeiras palavras, Sílvia, segundo o seu hábito, exclamou:

— A guerra? Antes de seis meses terá acabado. Os Boches já deram o que haviam de dar.

Anita replicou:

— Dizes sempre o mesmo de seis em seis meses.

— Desta vez, é certo — respondeu Sílvia com convicção.

— Não me basta a tua confiança — disse Anita.

— Nem a mim tão-pouco — retorquiu Sílvia —, visto que se trata de Marcos. Enquanto se tratava dos outros, um engano não tinha consequências! Mas,

para o nosso rapaz, um erro é um crime. Tens razão. Se a guerra continuar! Com esses imbecis, sabe-se lá? Quando tudo parece acabado, recomeçam. Agora são os Jonathans que entram na dança! Depois, a China e os Papous! Que dancem enquanto lhes apetecer! Mas quem não entra na sua dança é o nosso Marcos!

— Como?

— Não sei nada. Mas não o apanharão. Já basta que a guerra devore os nossos maridos, os nossos amigos, os nossos amantes: enfim, esses já gozaram o seu tempo! Mas o nosso pequeno, — pertence-nos, é nosso, não o deixo!...

— Todas as mães dão os seus filhos.

— Mas eu não dou o meu.

— O teu?

— O nosso. É meu e teu!

— Diz-me por que meios?

— Há mil.

— Indica um.

— Não nos faltam amigos... O teu Filipe Villard[1]... É agora cirurgião-mor, inspector-geral da armada!... Não terá dificuldade em o livrar.

— Julgas que irei pedir-lhe?

— E porque não? Custa-te a diligência? Orgulhosa! Seria capaz de fazer outras piores, eu!... Se fosse necessário, para salvar o meu rapaz, julgas que hesitaria em me entregar aos viandantes?

— Não há nenhum orgulho, injusto ou justo — replicou Anita — que eu não esteja pronta a calcar aos pés, pelo meu filho!... Mas pelo meu filho, pelo seu bem.

— Então isto não é o seu bem?

— O seu bem não é a minha desonra. Porque

[1] Alma Encantada: *O Verão.*

eu sou ele, e ele não mo perdoaria. Não me perdoaria a mim própria ter dado um passo que o humilhasse.

— Então salvá-lo é humilhá-lo?

— Se me salvassem assim, sentir-me-ia humilhada.

Sílvia encolerizou-se:

— Ora aqui está uma mãe!... Importar-me-ia eu bem que ele se sentisse humilhado, que nunca me perdoasse, uma vez que o tivesse salvo!... Pois bem, se não o fazes tu, faço-o eu.

— Proíbo-to! — gritou Anita.

— Não tens nada que proibir-me.

— Ah! — exclamou Anita. — Julgas que basta livrá-lo do perigo?

— O que receias, então?

Esse perigo, temia ela que Marcos o procurasse.

MARCOS fechou-se com os seus livros e os seus pensamentos. Apesar da viva intimidade que agora unia os dois corações do filho e da mãe, passava os dias no seu quarto, sem falar; e Anita respeitava a sua solidão. Esperava que viesse ter com ela. Tinha a consciência da transformação que se operava no filho. Trabalho de maturação e de purificação. A crise de quatro anos encontrava a sua solução.

Estava encarniçado em levar até ao fim o exame rigoroso de si próprio; e julgara-se — como os outros — sem piedade. A fim de se subtrair às solicitações ardentes da sua natureza que recalcitrava, tinha-se imposto uma rígida disciplina: vida rigorosa e severo pensamento. Os últimos combates travados não eram os menos duros. Saía deles magoado e calcinado, como de um banho de vergonha apaixonada e de consciência em fusão; mas das cinzas, o caroço, rijo, o incorruptível, estava livre.

Tinha submetido à prova todos os pensamentos que assaltavam o seu cérebro de adolescente, muito cedo amadurecido: os dos seus livros, dos seus filósofos, dos mestres de capela da sua geração. Bem pouco, bem mal, tinham resistido. Não restava, deles, nem quatro pitadas. Eram só palavras. Nada de carne.

Nenhum desses Verbos se encarnava. Excepto um, de ferro fundido e batido, produto da idade das máquinas, que fazia da humanidade uma outra máquina sem liberdade, onde uma classe esmaga a outra, cegamente, como um pilão. Nenhuma acção livre. Nenhuma acção da alma. Nenhuma alma livre que passe à acção. Nenhuma vontade que se desprenda do pensamento nebuloso e da massa aglomerada da matéria em movimento, — como o relâmpago.

Mas o fogo corre sob a nuvem, e sob a crosta resfriada, no ar, na terra, e na água...

Uma noite, pegou no seu Hændel. (Os Livros Santos, lia-os através dele). No *Israel* leu a seguinte frase:

«*Er sprach das Wort...*»

Compreendeu.

Gota a gota, a casa perdia o seu sangue.

Uma febre de lucro tinha-se apoderado, há quatro anos, do taberneiro do rés-do-chão — também negociante de madeiras — Numa Ravoussat. Alimentava-a bem. O manhoso protegia-se com uma tripla camada de toucinho; vermelho, suando e berrando, a arrastar os chinelos, estoirava de ouro e de saúde. Agora, feito o pecúlio, só esperava, para se retirar, como Filopémen, para as terras que comprara, o regresso do filho. — Mas o filho não voltou. A carcaça de Clovis, um dia, ficou presa nos arames farpados. Na manhã em que a notícia chegou, ouviu-se em baixo como que um mugido de um boi, morto por um magarefe desastrado... Inútil todo esse trabalho e todo esse dinheiro! Um ataque apoplético acabava de fulminar o corpulento homem. — Depois, lançou-se sobre as pilhas, com a língua pastosa, um olho deformado. Mas ninguém o ouviu mais. O tonel estava arrombado.

Em seguida, foi a notícia da doce Lídia, morta

pela epidemia da gripe, no hospital de Artois, onde, sob os fogos cruzados dos dois exércitos, cuidava dos feridos. Há muito que esperava essa hora! Tinha ido juntar-se ao seu noivo... Ah! Se tivesse acreditado nisso, como queria acreditar! Mas não é, como essa pobre gente o imagina, simples negócio de querer! Querer abre as portas do vestíbulo da alma, mas pára na última; e é a única que conta, para as almas que contam!... Meu Deus! Se se pudesse estar certa, sòmente, de um inferno, onde arder para sempre com o bem-amado!... Certa ou não, agora, estava libertada... Será ela a tenra flor do corpo, lançada hoje à terra, quem da sua carne amassa a carne das novas flores, que a mandíbula da morte roerá de novo?

Depois, foi o filho Cailleux (Heitor), quem voltou, glorioso ferido, sem nariz e sem queixo: (O Estado, generosamente, tinha-lhe feito presente de outro, privilegiado, garantido por dois anos, talvez três, com a condição de o poupar). Tinha uma tremura nas mãos, e as pernas vacilavam-lhe, como uma criança que aprende a andar. Mas era condecorado. A mãe envolvia-o com o seu bom olhar enternecido, feliz, apesar de tudo, e altivo. Apoiava-se no braço da velha, quando saíam, coxeando, a dar o passeio habitual. Custava-lhes a viver. Mas com paciência acabaram por prover às suas despesas. E Cailleux mãe e filho achavam que tinham tido muita sorte.

Mas Josefino Clapier, nomeado inspector do moral da retaguarda, empregava a sua saúde preciosa e mesmo a sua razão nesse nobre serviço encomendado. O defeito dos renegados é o exagero. À força de se envaidecer com a sua nova missão e de perseguir os seus ex-companheiros da véspera, a fé e as doutrinas pacifistas que tinham sido as suas, acabou por se achar perseguido! E julgava de facto que o

era, quando os que perseguia mostravam desprezo em lhe responder e lhe voltavam as costas. Bramava que a pátria era insultada na sua pessoa. Era perigoso para os outros. Era-o também para si. Foi-se embora, a passo largo, para os hospitais de alienados.

Mas Brochon prosperava, guarda da casa e, como os Euménides, chamado, por antífrase, guarda da paz.

Marcos, passando diante do cubículo, dizia para a mãe:

— Parece que estamos no Père-Lachaise. Vês o guarda do cemitério?... Vamos, minha mãe, subamos ao nosso *columbarium!*

— Subamos, meu pombo! — respondeu Anita, sorrindo.

Trocavam, com palavras encobertas, a sua tristeza, compadecida num, desgostosa noutro, pelo antro de Polifemo — a casa, a cidade, o mundo — onde cada um dos encerrados esperava, pacientemente, que chegasse a sua vez de ser comido.

— Agora — disse Marcos —, é a minha vez.

Anita agarrou-o pelo braço:

— Não! não digas isso!

Depois arrependeu-se de o não ter deixado falar. Enfim, era preciso saber o que Marcos projectava...

Marcos olhava-a, em silêncio, sobre um tamborete baixo, com os joelhos levantados e as mãos enlaçadas em volta; fixava-a demoradamente, com o seu olhar decidido. Anita envolvia-o na sua ternura... Como se sentia sua!... Mas Marcos já não abusava. Ela era a sua riqueza.

— É estranho! — disse Marcos sorrindo. — Nem um nem outro, antes da guerra, éramos pacifistas.

— Fora com essa palavra! — disse Anita.

— É verdade. Desonraram-na. Todos os que antes a tinham na boca a renegaram.

— Se, ao menos, tivessem tido a franqueza de a renegar! Mas traem-na e continuam a disfarçar-se com ela.

— Que a guardem! — disse Marcos. — Mas nós, que renegávamos a guerra, não éramos contra ela. Lembro-me que a princípio me era agradável. E tu, aceitava-la. Que foi que nos mudou?

— A sua cobardia — respondeu Anita.

— A sua mentira — retorquiu Marcos.

— Quando vejo — disse Anita — esse desprezo pelos fracos, os desarmados, os prisioneiros, o sofrimento humano, os sentimentos sagrados, esses baixos instintos explorados, essa opressão das consciências, essa cobardia perante a opinião pública, esses carneiros mascarados de heróis que se tornam em tal por espírito de rebanho, essa boa gente que é obrigada a matar, essa massa débil que se ignora e se deixa conduzir por um punhado de transviados, — o meu coração revolta-se de vergonha e de dor!

— Quando vejo — disse Marcos — essa guerra ignóbil que esconde a sua carranca; esse bando de máscaras, essa canalha do Direito rapace, que, atrás das costas, empalma o mundo nas algibeiras; essa escravatura atroz que se persuade que nos engana, gargarejando a palavra alterada de Liberdade; esse heroísmo hipócrita, — rio-lhes na cara!

— Não os provoques! — disse Anita. — Estão em maior número.

— Justamente! O mais cobarde dos tiranos é um milhão de cobardes juntos.

— Não sabem o que fazem.

— Pois até que o tenham aprendido, que os metam na cadeia!

— És muito severo, meu filho. Temos que ter piedade. Na cadeia estão eles! Sempre o estiveram! É a grande burla da democracia. Dizem-lhes, e eles

acreditam que são o povo soberano; e dispõem deles, como de animais para vender.

— Da Estupidez Soberana, não posso eu ter piedade.

— O mais estúpido é meu irmão.

— Irmão, é uma palavra que nada quer dizer! Eu sou irmão desse cão, que revolve na rua um monte de detritos. Mas que há de comum entre mim e ele?

— A vida.

— Sim, o que morre. Não é bastante.

— Que mais há?

— Perguntas-me, tu que a tens? Há o que nem a vida nem a morte pode morder: o grão da eternidade.

— Mas onde está esse grão? Infelizmente não conheço nada de eterno em mim.

— Mas tudo o que fazes, tudo o que tu és, não farias, não serias, se ele não existisse em ti.

— Sabes demasiado para mim, meu filho. Faço o que sinto. Faço-o honestamente, e engano-me muitas vezes. Mas confesso que, na minha idade, não o compreendo ainda. E não tenho, talvez, necessidade de o compreender.

— Mas eu preciso de o compreender. Tenho necessidade de ver onde vou, para ir onde quero.

— Para querer onde tu vais...

— Não importa! Quero ver.

— Pois bem, o que vês então? Que queres? Onde vais?

Marcos não respondeu.

Anita reuniu toda a sua coragem, e, com a garganta oprimida, perguntou-lhe:

— Se a guerra viesse buscar-te, que lhe dirias?

— Dir-lhe-ia: — «Não!»

Anita esperava o golpe, mas, quando o recebeu, estendeu as mãos, demasiado tarde para o afastar.

— Isso não!

Marcos disse tranquilamente:

— Queres que lhe diga: «Sim»?

Anita protestou:

— Ainda menos!

Marcos contemplou a sua mãe, debatendo-se: (há tanto tempo, no entanto, que devia estar preparada para responder!). Com respeito, com piedade, Marcos esperou que ela sossegasse o seu pensamento. Mas, em vez de argumentos, Anita só teve para lhe oferecer uma comoção apaixonada:

— Não! Não! não decidas nada! Não podes saber ainda e julgar por ti próprio. Espera! Seria criminoso jogar toda a tua vida sobre uma apressada negativa de criança que ainda não viveu!

— Mas tu, que tens vivido?

— Eu, sou mulher, não sei, não estou segura, ninguém me guiou, tenho seguido sempre o meu instinto e o meu coração. Não é suficiente.

— Não, isso não é suficiente. Mas quando o será? Mesmo no fim da existência, que homem poderá dizer, alguma vez, que sabe, que está certo, que examinou tudo? Estará então condenado a adiar para o dia seguinte, para agir? A adiar, de dia para dia, chega-se ao dia final, aviltado, degradado, prostituído, como a massa dos vivos. Quando terei o direito de existir?

Anita não queria entendê-lo. (Entendia-o demasiado bem!)

— Não tens o direito de te destruíres.

— Não é destruir o que eu quero. É construir.

— Construir o quê? E para quê?

— Para mim, primeiramente. Uma casa própria, onde eu possa respirar. Não suportarei viver, como esses outros, no seu chiqueiro de mentira... E, depois, forcei a nota, quando te disse, há bocado... Chamas-me duro. Sou-o de facto. É preciso sê-lo,

para ser capaz de ajudar esses homens, de quem tens piedade. E é para eles também que é preciso que a casa seja construída.

— Não é trabalho para um dia. Para construir, é preciso durar.

— É preciso que os fundamentos durem. A mais alta construção começa por uma pedra. «*Eris Petrus.*» Eu sou pedra.

— Tu és Marcos. És meu.

— Sou *de* ti. Sou aquilo que tu fizeste de mim.

— Mas sacrificas-me. Não tens o direito.

— Minha mãe, a culpa é tua. Quiseste que eu fosse verdadeiro. Que fosse um verdadeiro homem, um homem verdadeiro. Não sei se poderei. Mas quero experimentar... Sejamos francos! Todo o mal provém de que ninguém ousa ser sincero, para lá dessa linha onde os próprios interesses e as paixões estão ameaçados. Chegados a essa linha, encontra-se um desvio, e cada um engana-se a si próprio, como esses pacifistas. Querias que eu fosse sincero, mas não querias que o fosse, até ao ponto de arriscar a minha felicidade e a tua. Achas isto bem? Achas leal?

Anita teimou:

— Acho.

— O quê? Achas leal?

— Acho bem.

Marcos agarrou-lhe as mãos, que procuravam escapar-se. Mas ele tinha bom pulso.

— Olha para mim!... Tu não dizes o que pensas... Quero que me olhes... Responde-me! Não tenho razão?... Qual de nós dois é franco? Tu, ou eu?

Anita baixou a cabeça, e respondeu:

— Tu.

Marcos imediatamente gritou:

— É uma loucura! Não quero.

Anita acabou por encontrar os seus argumentos. Tratou de discutir:

— A franqueza consiste em ser franco em cada um dos seus pensamentos, em não enganar ninguém, sobretudo a si próprio, sobre o que se crê. Mas não exige de nós o impossível: que procedamos sempre e ùnicamente conforme o que pensamos. Só o nosso espírito é livre. O nosso corpo está acorrentado. Estamos encravados numa sociedade; sujeitos a uma ordem. Não poderíamos destruí-la sem nos destruir. Mesmo quando é injusta, temos o recurso de a julgar. Mas temos que lhe obedecer.

— Minha mãe, renegas a tua vida... Julgas que ignoro as tuas revoltas, as tuas lutas, a tua incapacidade de suportar a injustiça exercida sobre ti e sobre os outros? Minha grande desobediente!... Se o não tivesses sido, não te amaria tanto!...

— Não, não tomes o meu exemplo! Ah! é o meu castigo!... Não é justo... Já to disse, sabe-lo bem; tenho vivido às cegas, só tinha para me guiar esse sentimento inato, essas paixões de mulher e um coração muito exaltado, que salta bruscamente de noite, ao menor contacto... Um homem — o homem que eu fiz — não deve modelar-se por uma mulher. Pode, deve desembaraçar-se da turva natureza, e ver mais claro e mais longe.

— Espera! Voltaremos a isto daqui a pouco. Quando lá chegarmos, talvez me peças para voltar para trás. Por agora diz-me se renegas as tuas «desobediências»?

— Cada uma delas foi uma derrota.

— Mas cada derrota foi (confessa) uma libertação.

— Ah! Não fiz mais que mudar de cadeias. São muitas. Escapa-se de umas para cair sob as outras. Talvez que sejam precisas, as cadeias...

— Falas contra ti. Vejo-te até ao fim da vida a limar as tuas.

— Mas se estiver em erro? Se o instinto limitado se arriscar, quebrando-as, a fazer mais mal a si e aos outros homens? Se fosse preciso comprar a ordem com as renúncias?

— Minha mãe, não tentes por tua conta reatar a frase do genial egoísta, que preferia a ordem do Universo ao bem do próximo, e a tranquilidade da sua contemplação à acção perigosa contra o mal presente! O que é permitido a Goethe não nos é permitido a nós. A ordem eterna não nos basta. Respiramos nesta cá na terra. E quando está viciada pela injustiça, o nosso dever é partir a vidraça para respirar.

— Fica-se com as veias cortadas.

— Cai-se sobre a brecha, mas faz-se a brecha. Outros respirarão melhor.

— Meu filho, eu sei que não crês na humanidade (tens-mo dito cem vezes!)... Porque falas agora em te sacrificar por ela? Não tens ridicularizado muitas vezes a minha fé na humanidade, — a minha pobre fé, que recebeu tantas bofetadas que hoje já nem é tão altiva nem tão senhora de si? ..

— Perdão!... Não te ridicularizei! Seja o que for que acredites, estás, para mim, acima do que crês... Mas, é verdade, não aprecio esse «humanitarismo» e essa «humanidade», todas essas patranhas ocas, essas ideologias, essas ilusões de palavras. Vejo os homens, os homens, grandes rebanhos que vagueiam, que se apertam, que se chocam, que vão para a direita, para a esquerda, para a frente, para trás, levantando debaixo dos pés a poeira das ideias. Vejo na vida, na sua, na nossa, na do Universo, uma tragicomédia, cujo desenlace não foi escrito: o cenário compõe-se, sucessivamente, conforme a impro-

visação das vontades que conduzem o assalto. E eu pertenço ao assalto, fui designado para isso, — porque sou teu filho, porque sou Marcos Rivière, — já não me posso retirar. O meu orgulho está empenhado nisso. E quer o grupo a que pertenço perca ou não a partida, irei até ao fim dela, sem recuar!

— Que partida é essa? Em que campo devemos alistar-nos? No do novo? No do antigo? Quem sabe? Como sabê-lo? Talvez que o passado governe o futuro. Talvez que o futuro governe o passado. Quem nos esclarecerá?... Muitas vezes, no isolamento do pensamento em que vivia, quando sentia bruscamente invadir-me a certeza, dizia para comigo: — «Como viria ela, se o vencedor (o futuro deus) não estivesse em mim!» — Mas em seguida, quando via os outros homens, os povos, todos cheios, igualmente, de certezas, diferentes e opostas, essa louca fé na pátria ou na religião, na arte ou na ciência, na ordem ou na liberdade, e até no amor, onde se esgota a vida cega e arrebatada, como teria eu ainda a vaidade de pensar obstinadamente: — «Só a minha certeza é a verdadeira»?

— A minha certeza, só, é a minha. Não tenho duas.

— Tenho todas as dos que amo. E essa é a minha certeza, de os amar.

— Ama-los então tanto? São assim tão dignos de ser amados?

— Amar ou lamentar. É o mesmo.

— Não quero ser lastimado. Quero outro amor, um amor que escolha, um amor que prefira.

— Demais te prefiro eu, cruel criança! Daria o resto do mundo para te guardar.

— Pois bem; fica comigo e sê como eu: escolhidos! Sonhas demasiado. Flutuas, como o fluxo e refluxo, que sobe e torna a cair, sem avançar. É pre-

ciso avançar, custe o que custar. Destruir, para ir em frente no seu caminho!

— Mas se formos esbarrar num muro? Se nos encontrarmos aí só? Se o resto do mundo estiver do outro lado?

— Caminha só quem vai primeiro. Mas se vai só, é porque se reconhece pioneiro. Cada avanço do homem isolado será a estrada do mundo inteiro.

— É um *Credo*. Há quase tantos como homens. Creio mais nos homens que nos *Credo*. Quereria abraçá-los, a todos esses loucos, na mesma indulgente maternidade.

— Não querem. Recusam o seio. Estão fartos. É-nos preciso crer, agir, destruir, marchar, lutar, mas avançar... Tu sabes o que se diz da pátria: «Um acampamento no deserto...» Vamos mais longe, levando sobre as nossas costas as estacas e a tela da tenda!

— O meu acampamento está fixado. É a lei do coração Todos os deveres sociais, que variam negando-se, contam pouco, aos meus olhos, junto das afeições sagradas — amor, maternidade —, imutáveis, eternas. Quem as fere fere-me. Estou pronta a defendê-las, por toda a parte, onde estiverem ameaçadas. Mas não vou mais longe.

— Pois bem, eu vou mais longe, eu! Quando o dever social começa a prejudicar os sentimentos naturais, é preciso substituí-lo por outro, mais amplo e mais humano. A hora amadureceu. Toda a sociedade, toda a sua moral de código e de catecismo deve ser refeita: sê-lo-á. Todo o meu ser o exige: a nossa razão, as nossas paixões, protestam contra um opressivo erro de um Contrato Social, hoje prescrito. Algumas dessas grandes forças que apaixonam o coração dos homens e que as leis condenam, são um sofrimento, e algumas vezes um crime, porque a desumanidade das leis e do sistema impõem à natureza um quadro

que se tornou um borzeguim de tortura. Se milhares de jovens acolheram a guerra, como uma libertação, se o meu coração pulou selvàticamente com ela, foi porque esperávamos que libertaria os nossos membros. O estrangulante cinto de uma ordem de pensamentos e de convenções desusadas, de bem-estar sórdido e de mortal aborrecimento, arrebicado de idealismos fastientos: insipidez, hipocrisia! — (o vosso pacifismo de então, o vosso humanitarismo!) — atrofiava a natureza, matava-nos a alegria de viver; esse instinto poderoso, são e santo... *Sanctus*... Julgávamos que o cinto maldito ia estalar... Desgraçados! Desgraçados!... Apenas nos ofereciam, como libertação, a guerra imunda, onde nos afundar no sofrimento e na morte, ignóbeis e inúteis!... E o cinto apertou-se mais, e a nossa juventude é acorrentada, de pé, humilhada num cárcere de La Balue!... É preciso destruir, destruir a ordem morta e mortífera, a ordem contra a natureza, a ordem mais falsa do que a desordem. É preciso destruir para elevar a ordem, torná-la mais ampla, à medida dos homens que vierem e que vieram — dos homens: nós! Ar! Mais ar! Alarguemos o bem e o mal! Também eles cresceram connosco...

— Onde vês tu esses homens? Não vejo diante de mim senão a minha grande criança. E receio por ela. Porque o fiz eu viver nesta época tão dura?

— Não o lastimes! Não me lamentes! É a rajada. Viva o vento! E vive tu que fizeste os meus pulmões e as minhas asas!... Lembras-te desse «*Dernier Viking*», do pescador norueguês, de que lemos a moderna saga? Quando, por fim, salvo da morte, abandona as tempestades das ilhas Lofoden, pela imobilidade do ar das cidades, não pode ser feliz... Sim! Gosto mais de ser da minha geração do que da tua. A tua sonhava sem força com um frio pro-

gresso humano. Sobre esse pano de fundo, o presente projectado era cinzento, uniforme. A classe privilegiada pouco gozava dele. Pálidas faces, pálidos sofrimentos, ironia e doçura monótonas... tédio, tédio. Para os que penavam, debaixo, — para nós — era a eterna roda a girar na noite... — Hoje, a tempestade ruge, a casa está em ruínas; o dia, com o vento, entrou na nossa cave. De um minuto para outro, o edifício suspenso pode desabar sobre nós; sabemo-lo; mas, pelas fendas, vê-se o céu, as nuvens dissipadas, o vento. E, sem ilusão sobre a vida e os homens e o minuto que vem, vivemos, à borda do abismo absurdo e magnífico, a plenos pulmões. Que dure ou caia, elevemos sobre as costas o nosso universo de um dia.

— «Nós?» Quem os viu, esses «nós?» Onde estão? Quem são?

— O primeiro que actuará. Os outros nascerão dele.

— Mas ele morrerá.

— Sim.

— Não quero que sejas tu!

— Ainda agora, falaste dessa maternidade, que sonha estender-se a todos os filhos dos homens. Aí tens o seu emprego! Transporta para os outros o amor que me tens!

— Gabei-me disso, é verdade, mas não posso!... Ah! Quem o pôde, alguma vez! Seria desumano. Amo os outros em ti. Amo-te a ti nos outros. Eras tu quem eu procurava neles, logo que me faltavas. E agora que te tenho, hei-de sacrificar-te? Não tenho necessidade deles. Tu és o meu universo.

— Mas o universo gravita; tem o seu destino. É preciso segui-lo comigo. Mesmo se ele nos conduzir à cruz. Lembra-te da *Mater Dolorosa!*

— Mas ela própria não o quis! Foi constrangida.

— Somos todos constrangidos. Tu e eu.

— Por quê?

— Pela nossa lei.

— Porque hei-de suportá-la, se ela é contra mim? Revolto-me, não a aceito, como às outras leis.

— Não o poderás fazer. Não serás sincera.

— Pois bem, mentirei!

— Não poderás. E eu, não o quero.

Marcos olhou para sua mãe, deteve-se, e depois... (a sua voz tremia):

— Vês tu, há duas coisas, minha mãe, que eu não queria: é não ser sincero, e não ser valente... Talvez... (Hesitou).

— ...Talvez porque não sou valente e porque minto...

Anita tomou-lhe o rosto entre as suas mãos:

— Tu mentes?

Marcos fechou os olhos, e disse, em voz baixa:

— Sim. Porque, intimamente, tenho medo...

Anita apertou-o nos seus braços. Marcos deixou-se abraçar, sem se mover. Ficaram assim: a face do filho encostada ao seio da mãe. Ambos, na sua fraqueza, se sentiam fortes com a fraqueza um do outro.

Marcos desprendeu-se e disse para Anita:

— É escusado, por mais que faças, tu nunca mentes!

— Minto a mim própria.

— Tu não te enganas. És enganada.

— Sabemos nós, porventura, as astúcias do pensamento? Não tenho mentido a mim própria, bastantes vezes?

— Se o fizeste, é porque nenhum homem pode viver sem mentira.

— Se a mentira desaparecesse completamente da vida, a vida não desapareceria também? Não é ela que mantém a grande ilusão?

— Se não pode passar sem ela, se é ela a grande

Ilusão, é porque não é a verdadeira Vida. A verdadeira Vida está no além. É preciso descobri-la.

— Onde?

— Em mim. Em ti. Nessa necessidade de verdade. Como nos possuiria ela, se não soprasse em nós?

Anita sentia-se penetrada pela voz do filho. Mas teimava. Tratava-se da sua vida, da vida dele!

— Suplico-te! Suplico-te! Não te exponhas em vão! Para quê? Bem sabes que não se mudam os homens. Por mais que se faça por eles, hão-de ser sempre os mesmos: as mesmas paixões, os mesmos preconceitos, a mesma cegueira, que chamam razão ou fé, e que não é senão um muro — a sua casca de caracol: — é o que lhes basta para viver. Não sairão dela. Não procures quebrá-la. Tu é que ficarias destruído. Guarda a tua verdade! Não a descubras aos olhos dos que a não podem suportar! Para quê? Para quê? Ela mata os que a trazem consigo.

— Para quê? Para quê a tua vida? Não tens tu vivido, tu, conforme a tua verdade? Escutaste a tua verdade, ou o perigo? Arrependes-te de a ter escutado?... Responde! Responde!... Arrependes-te?

Anita debatia-se. Mas respondeu:

— Não!

Estava vencida.

— Sou eu, afinal, que o mato — pensava.

O filho olhou-a com ternura. E o seu jovem rosto abriu-se num grave sorriso:

— Não te aflijas, minha mãe!... Pode ser que nada disso suceda, que não haja nada; que a guerra acabe, antes... Nada está ainda decidido. Não sei o que farei. Não sei nada. A única coisa que sei é que, chegada a ocasião, serei sincero... Pelo menos, diligenciarei... Ajuda-me, e reza!

— Rezo. Mas a quem?

— À minha fonte. À tua alma. Eu sou a sua água.

PASSADAS várias semanas de espera e de sofrimento solitário — (não tinham falado mais nesse assunto; mas ambos pensavam nele, observando, a ocultas, o rosto um do outro; e o ouvido ansioso de Anita estava sempre atento às vibrações do ar, ao ronco do avião da hora mortal que viria levar-lhe o seu filho) — uma manhã, o canhão da cidade troou e um clamor elevou-se da rua, como uma maré-cheia. Mesmo antes de saber, os dois corações tiveram um sobressalto. E Sílvia, sem respirar, entrou gritando:

— Foi assinado o armistício!

Abraçaram-se.

Mas Anita, desprendendo-se, voltou-se, e, com a face nas mãos, escondeu a sua comoção.

Os outros dois, respeitando o véu com que ela se cobria, não fizeram um gesto para a erguer; esperaram em silêncio que se acalmasse a sua perturbação. Depois ambos se aproximaram ternamente de Anita; e Marcos, amparando-a, conduziu-a devagar para a janela da varanda e sentou-se junto dela. Sílvia, a seus pés, com as pernas dobradas debaixo de si, como um Buda, olhava-os, e sorria.

Estão todos os três sentados sobre um mundo de ruínas.

Anita, com os olhos fechados, escuta os sinos, os gritos, os cânticos da rua e sente contra a sua a face do seu filho... Sonha... O pesadelo acabou. O pesadelo da ameaça que pesava sobre essa cabeça querida e do sofrimento humano que pesava sobre o seu coração: a provação monstruosa, a guerra acabou... Não está ainda segura. Timidamente, retoma o gosto pelo ar. Respira...

Marcos também se sente aliviado. Não tinha prazer nenhum em ver aproximar-se a ameaça, mas não teria, por altivez, feito nada para a evitar. Não estava seguro das suas forças e da sua fé. Ouve gritar e rir essa multidão incoerente. Sabe que o pesadelo apenas foi adiado... Mais alguns anos ganhos, na sua idade, é um mundo! Saboreia as tréguas. Goza a vida futura. Sonha...

Sílvia vê-os sonhar. Não pensa no passado nem no futuro. O momento é doce e a alegria é completa. Terminaram, todos três, a perigosa travessia, os remos estão soltos nos costados da barca, que dorme sobre o mar apaziguado. Sonha. Que bela noite...

Mas a casa em luto cala-se; e o seu silêncio trágico contrasta com a quermesse da rua em festa.

No segundo andar, o professor Girerd, o homem obstinado no seu luto, o homem de pedra, embandeira as suas janelas. E agora, o objectivo implacável está atingido; e o deserto da sua vida não tem finalidade: pode desabar. — No terceiro andar, os Bernardin fecharam as persianas; as filhas e o pai estão na igreja, na sombra de uma capela. Mas a mãe ficou de cama, e extingue-se lentamente. A doença veio, provocada pela dor; e Bernardin, que reza, ignora que a sua carne macilenta, que já não se defende, alimenta o cancro. — No rés-do-chão, a taberna está cheia. Mas, ao balcão, não se vê Numa.

O patrão fechou-se no interior da loja. Está só, bebe, e chora embriagado.

Anita ouve subir, numa mesma harmonia, o luto e a dor das vidas destruídas, com o regozijo cego do formigueiro. Estão todos, com ela, entregues nas redes da ilusão. Precipitam-se nela, às cabeçadas, na capa vermelha do *matador*. Para uns, é a bandeira, o furor sagrado da pátria. Para os outros o meteoro da fé na fraternidade dos homens e no amor... E o seu filho, que pretende não ser fácil de enganar, o desprezador das «ilusões de palavras», não é de todos o mais iludido, ele que está pronto a sacrificá-la e a si à quimera de ser verdadeiro contra todos? Essa paixão da Verdade, que maior ilusão!... E todos se inebriam com os seus vapores. Sonham!...

Anita apercebe, então, como uma baforada súbita de vapores coloridos, o Sonho universal, em que estava mergulhada. Ergue, um instante, a cabeça ao cimo da água. Sacode a empresa insidiosa e violenta... Irá despertar?... Um segundo, a desilusão bate as asas no sonho. Nos cumes do espírito, pela fenda que se entreabre, um raio de luz se escoa.

Mas contra a sua face sente o calor da face, — a carne, fruto da sua carne, — o filho que a tem cativa pelo amor e pelo sofrimento, as provas futuras, a sorte que espera e prende...

— («Eu sei, eu sei...»)

...a sorte da *Mater Dolorosa*...

— («Não fugi. Aqui estou!...»)

Os seus olhos transportam-se sobre ele, o filho, sobre o querido sonho. E a sua alma ergue-se, de novo, pelos olhos dos vivos. Sorri, e recai...

«*Warte nur*...»

Cedo despertaremos.

FIM DE «MÃE E FILHO»

A seguir:

ANUNCIAÇÃO

(Anna Nuncia)

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO
E IMPRESSO, PARA A
PORTUGÁLIA EDITORA,
NA CASA TRIUNFO, EM
SANTIAGO DO CACÉM

ALMA ENCANTADA

IV

A ANUNCIADORA

(ANNA NUNCIA)

*

[redacted]

ROMAIN ROLLAND

I

ALMA ENCANTADA

IV

A ANUNCIADORA

(ANNA NUNCIA)

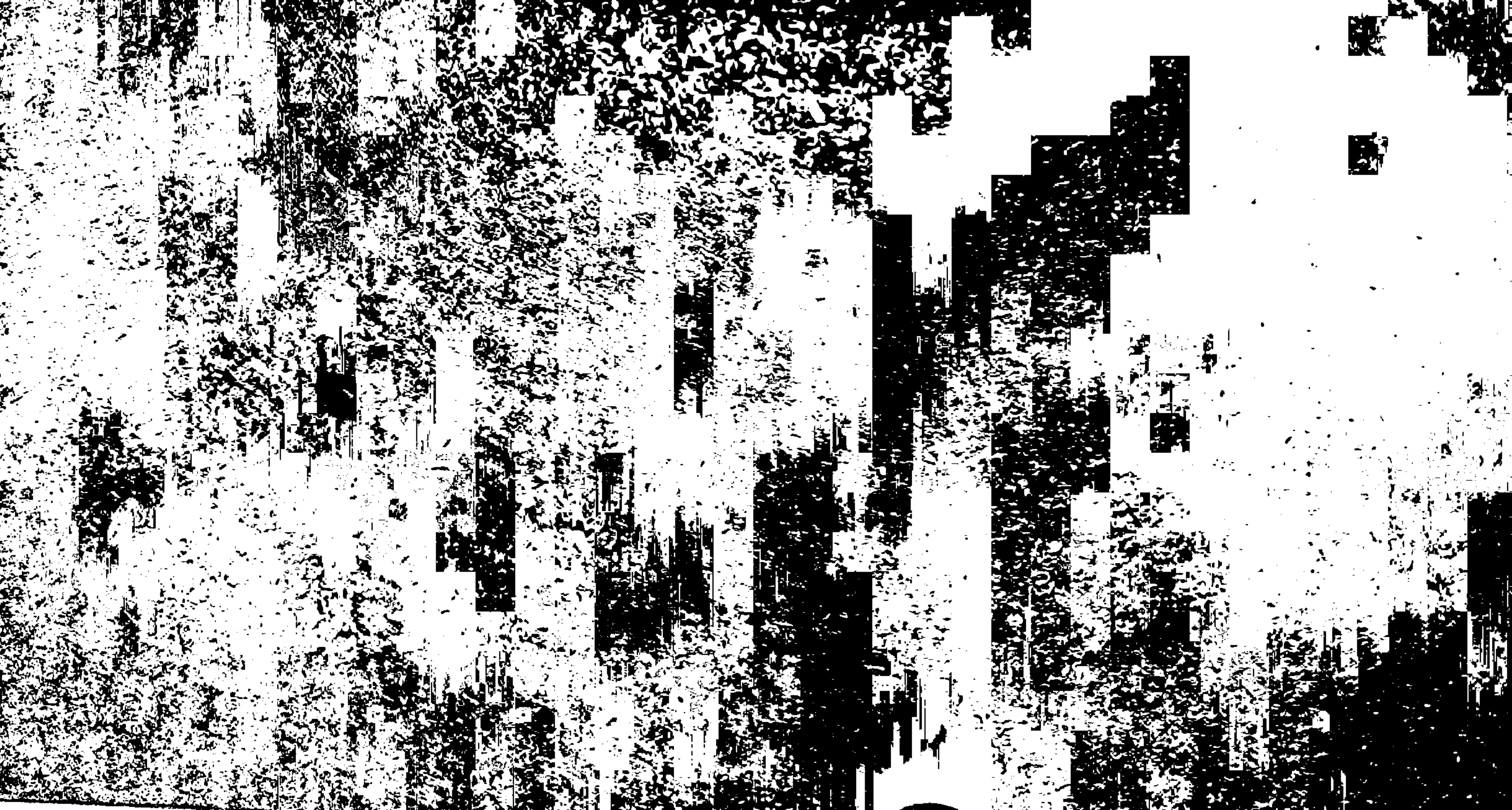
*

TRADUÇÃO REVISTA

POR

JAIME BRASIL

PORTUGÁLIA EDITORA
LISBOA



A ANUNCIADORA

LIVRO I

A MORTE DUM MUNDO

A Anunciadora compreende dois livros:

I. *A Morte Dum Mundo.*
II. *A Geração* (2 volumes).

A narrativa continua a das últimas páginas
de *Mãe e Filho,*
no dia do Armistício, 11 de Novembro de 1918,
em casa de Anita Rivière.

PRIMEIRA PARTE

Os Sete contra Tebas

FECHARAM a portada da varanda. O marulhar na rua inchava, em maré cheia, sobre a qual passavam rajadas. Uivos, gritos agudos, risos estridentes. Em vazios de silêncio, ouvia-se o pisar da enorme massa invisível. A fera retomava alento e dos seus flancos elevava-se um mugido de touro.

Sílvia não se podia conter. As narinas fremiam-lhe. Queria sair e tentara levar consigo o sobrinho. Dizia que num dia daqueles era impossível ficar fechada em casa. Pensassem os outros o que quisessem; era preciso ver e gozar. (Aquilo de que Sílvia gostava nunca ficava em meio...) Marcos, porém, recusou-se a acompanhá-la, demasiado colérico para sob o seu desprezo não transparecer algo de medo ou desejo.

Passara a tarde inteira com a mãe no aposento fechado onde cedo pairou a sombra de Novembro. De momento a momento, o barulho lá de fora avolumava-se. Sentado na beira da cama, Marcos mordia os nós dos dedos. Anita tentava ocupar as mãos e o pensamento; cosia à luz de um candeeiro, no canto do quarto mais afastado da janela. Compreendia, contudo, o que se passava no íntimo do filho. Deixou o trabalho e foi sentar-se junto dele. Pegou-lhe na mão que Marcos não retirou, embora continuasse, obstinadamente, de rosto voltado contra a parede. Fitou-o com um sorriso de compaixão, beijou-lhe o pescoço, sob a orelha, e mur-

murou: «Sai, meu querido!...» O rapaz abanou com força a cabeça: «Não!»

À noite, contudo, depois de uma refeição frugal que tomaram, a conversar sobre coisas indiferentes, Marcos lembrou-se de ter uma resposta urgente a dar, para o dia seguinte. Anita ouviu-o descer a escada. Embora se sentisse receosa, pensava: «É preferível que ele saia e lamente não ter ficado, a ficar com pena de não ter saído». Voltou a sentar-se junto do candeeiro, com a sombra irónica do seu sorriso experiente ao canto da boca... «O maior mal vem talvez do que queremos fazer e não fazemos...»

MARCOS não dera talvez três passos fora de casa quando se viu arrastado pelo turbilhão. Julgara poder atravessar para o outro passeio. Num instante, foi rolado, atirado dum para outro lado pelas vagas ascendente e descendente. Sem dar por isso, encontrou-se cinquenta metros abaixo, na direcção oposta. Levado, triturado, colado contra um amontoado de corpos que gritavam, tinha a impressão de ser despido, cilindrado, convertido na massa humana que se alongava do princípio ao fim da avenida. Procurou libertar-se com cotoveladas furiosas, ora com os ombros ora com os joelhos; mas foi recair colado, na vaga que subia, contra um grupo de mulheres excitadas, a gritar de prazer e de medo, empurradas brutalmente e empurrando, por sua vez, enraivecidas. Uma delas, loira e magra, de olhos esgazeados e boca muito aberta (até à raiz da língua), apertada de encontro a um rapaz que a apalpava, atirou-se a Marcos e colou a sua boca à dele num beijo húmido. O rapaz sentiu o sangue abrasado. Agarrou outra mulher que passava, enxugou os lábios nos lábios dela. Assim, enlaçando e enlaçado, passou de braços para braços, machozinho excitado, à caça, ávido de todas as mulheres que encontrava. Dominado pelo mesmo espírito daquela massa em delírio, que uivava a *Madelon,* dizia para consigo:

— É a paz. É a *minha* paz. É a minha parte da presa.

Como era mais instruído do que os outros, dizia as mentiras maiores: «*O meu beijo para o mundo inteiro!...*»

Não levaria a bem que o mundo lho recusasse... Deparou com outro galaroz maior do que ele que lhe afastou do bico o bico que pilhava. Não lhe interessava muito antes; mas enfureceu-se porque lho tiraram. Um murro no queixo lançou-o, aturdido, na vaga humana que se aluiu ao choque e o separou do homem do qual guardava nos dentes o gosto do pulso. Em vão se esforçou por o alcançar de novo...

O seu furor procurava uma desforra. Precisava dela imediatamente, ou rebentava. O acaso ofereceu-lhe a mais cobarde. Aceitou-a sem hesitar. Uma rapariga debatia-se a poucos passos dele. Compreendeu à primeira vista que devia tratar-se de uma provincianazinha que se perdera ao sair do hotel, caíra na torrente e nela se afogava. Tinha um rosto redondo, ingénuo, assustado; procurava fugir da onda por uma rua lateral; e a onda divertia-se com ela. Sem defesa contra as audácias torpes, os seus olhos aflitos chamavam por socorro. Marcos avançou para ela, como um gaviãozinho. O sulco que abriu na multidão, ao abater-se sobre a caça, deslocou a perdiz; fugiu para uma rua transversal, estreita e escura. Perseguiu-a e agarrou-a pelas ancas. Sentiu nas garras o corpo tenro, palpitante. Aprisionada entre os quatro membros, apertou-lhe as costas contra o ventre. Ela desfalecia, os joelhos vergavam-se-lhe. De pescoço medrosamente encolhido, inclinava a cabeça, semimorta de terror. À luz que vinha de um rés-do-chão viu esse pescoço branco e frágil, e mordeu-o. A vítima gemeu e cobriu o rosto com as mãos. Arrancou-lhe da face os dedos crispados (um dos quais passava através da luva muito velha), voltou-lhe a cabeça, levantou-lhe o queixo e beijou-a brutalmente.

Nesse instante, viu-lhe os olhos suplicantes; a estocada chegou-lhe ao coração, menos rápida, porém, do que a bicada que introduziu entre aqueles lábios moços e neles imprimiu a sua marca. Sentiu o sabor do sangue. Nos olhos, o choque desses olhos. Sobressaltou-se e largou a presa, que caiu. A rapariga estava na sua frente, meio ajoelhada, rosto escondido nas mãos, incapaz de

gritar, imóvel, aniquilada, com força apenas para tapar os olhos. A rua estava deserta. Uma curva ocultava a artéria vizinha cujo rumor crescente, semelhante aos projectores eléctricos que tornam a noite mais escura à volta do seu jacto de fogo, envolveu o silêncio no recanto onde se encontravam o caçador e a presa — as duas crianças. Marcos lançou um olhar perturbado ao corpo que tinha aos pés, e, sem pensar sequer em levantá-lo, fugiu...

Errou por um labirinto de ruas, à volta do Monte de Santa-Genoveva. Voltava, porém, sempre que dava uma volta brusca, à vasa ruidosa da Vitória, à tona da qual flutuava como um rato no esgoto. Só muito mais tarde conseguiu voltar para casa. No corredor via-se luz, através das frinchas da porta do quarto da mãe. Deitou-se às escuras. Nu entre os lençóis, a noite restituiu-lhe enfim a alma esbofeteada que lhe apertava a garganta a clamar: «Que fizeste de mim?» Continuava a pensar apenas em si próprio. De costas, enterrou a cabeça no travesseiro. Então reviu a sua vítima de pouco antes: aquele pescoço frágil, aquele corpo de rapariguinha profanada, aquela violação... De ambos, era ele, sem dúvida, o mais maculado... Assim, depois de todas as palavras altissonantes, das conversas cheias de elevação com a mãe, em que fazia profissão de fé de cavaleiro antigo a chicotear as raposas e os lobos da guerra que assolavam o mundo pela força e pela traição, desprezando o direito das gentes, apressara-se a fazer uso da força, da forma mais cobarde...

Voltava a ver a rapariguinha ajoelhada no chão; atirou fora a roupa; o pensamento de que fugira como um ladrão era um ferro em brasa. Esteve prestes a levantar-se e a correr ao local onde a deixara. Para quê? Para a ajudar a erguer? Idiota! Estava nu, sentado na beira do leito. Do outro lado da parede, a mãe voltou-se na cama... Susteve a respiração e voltou a deitar-se... Sentiu na sua boca a boca seca da rapariga. Mordeu-lhe de novo os lábios. Afogou-se numa nova onda de crueldade. «Não importa! Marquei-te! Se nos encontrarmos,

reconhecer-te-ei e tu não o poderás fazer...» «Ela vive e condena-me...» Tal pensamento era-lhe insuportável. «Se ela morresse!...» Comprendeu, com a mobilidade de espírito que saltava dele para os outros, sem cessar de girar à volta do mesmo objecto, por que motivo o homem que tocou no crime mergulha nele as mãos para não as ver... Em seguida, nova torrente de compaixão... «Que ela viva, que seja feliz!» Desejaria poder beijar-lhe os joelhos magoados.

Chegado a este ponto, não estava longe de voltar ao impulso brutal que o levara a agarrar a rapariga e recomeçar o ciclo escaldante da caminhada... Todo o resto da noite correu de um para outro extremo: compaixão e crueldade, ódio por si e por ela, remorsos, pena do que fizera e do que não fizera... Prosseguiu sem parança... Ao cabo, era a derrota, o único ponto fixo no caos. Batido! Ei-lo sem defesa contra o acaso. Não era senhor dos seus actos nem dos seus pensamentos. Desde o primeiro contacto com a vaga, a vontade dissolvia-se-lhe como uma medusa. Era-lhe impossível imaginar o que a vida faria dele dentro de um ano. Esta terrível realidade apavorou-o. Não! Não! Antes um crime! Ergueu-se na cama e bateu no próprio peito.

— Quero, quero! Que quero eu? Ser o que quero...

A voz terna da mãe murmurou do outro quarto:

— Dorme, meu lobacho!

Não respondeu. Sentiu cólera... «Espia-me...» Ternura... «Ela compreende...» Irritação, reconhecimento, os dois pratos da balança oscilavam... Nem um nem outro! «Estou e quero estar sòzinho...»

Não se moveu. De um e de outro lado da parede, mãe e filho conservavam-se de olhos abertos na noite. Por sua vez Anita pensava:

— Fiz mal em falar. É assunto que só a ele pertence e só ele o deve resolver.

Embora sem falar, os seus pensamentos aliados impregnavam-se mùtuamente, por ondas alternadas. Quando o alvorecer tocou nas vidraças, encontrou-os prontos a entregar-se ao dia, com as mesmas ilusões, os

mesmos abismos, a mesma ânsia de luta, marcados por mais uma derrota, mas a fitá-la de frente e desejosos de a recomeçar. As almas dos Rivières! Que derrota lhes embargaria a caminhada?

Enquanto o moço, ao sair da noite sem sono, de pé, a tremer sob o duche frio, retomava o seu aspecto normal, os seus olhos perscrutavam o sorvedoiro da época e da sociedade em que fora lançado, a sua extrema fraqueza, os desastres e as vergonhas que o aguardavam no percurso. Suspirava:

— Ir até o fim!...

«Ir até o fim» significava não cair no caminho. Ou antes: cair, sim, mas no fim! Desgraças, vergonhas, por que não? Passar, porém, seja como for! Passar? Oh Deus! Ter passado! Antecipadamente, mergulhava no repouso futuro... Não ser! Só se chega lá depois de ter sido. Pôs o revestimento de tecido sobre a pele moça, avermelhada pela luva de crina. De corpo enrijecido e de dentes cerrados, o lobo partiu à caça da vida.

NOUTRA época, essa caçada seria uma bela aventura! Apesar das armadilhas da natureza e de tudo quanto a sociedade inventou para amargurar a juventude, como acorrentá-la aos bancos de forçados das galés (escolas, exércitos), é sempre belo o alvoroço dos vinte anos. Os vinte anos de 1918 não eram, porém, à medida duma vida normal. Tanto valiam catorze como oitenta. Eram feitos de retalhos de todas as idades. Ao mesmo tempo demasiado e muito pouco para ser vestido... Ao menor movimento as costuras abriam; e, pelos rasgões, via-se a carne nua e os desejos...

Os homens de antes, que lhes deram origem, não reconheciam a nova geração. Para os filhos que tinham perdido os pais, esses homens eram desconhecidos a quem não estavam longe de odiar e que desprezavam. Até entre si próprios os jovens não encontravam pontos de contacto. Cada um era um *puzzle* diferente. Ainda se a vida fosse apenas um jogo! Muitos, para o crerem, esforçavam-se por fazê-lo acreditar aos outros. Não ignoravam, porém, que neste caso se tratava dum jogo terrível, um jogo de alucinados. Tudo fora destruído, e o vento que passava sobre as ruínas arrastava a podridão da morte. Como reconstruir o mundo? Sobre que solo, com que pedras, em que princípios? Não sabiam coisa alguma, não viam coisa alguma, no caos fumegante.

Só não faltavam braços. Era duro, porém, para braços de vinte anos só terem por único quinhão, para a

sua *giovinezza*, tão fugaz e tão ameaçada, o trabalho pesado de cabouqueiros sem ninguém para os guiar. Quem lhes garantia que, antes até de erguerem as primeiras paredes sobre o solo escaldante, novo tremor de terra não as faria ruir? Quem poderia acreditar na solidez dum mundo construído em bases criminosas e estúpidas? Tudo oscilava, coisa alguma oferecia segurança, a vida não tinha amanhã. No dia seguinte, o abismo podia abrir-se de novo, a guerra, as guerras exteriores e interiores. Só existia o dia de hoje. Quem não se agarrasse com os dez, com os vinte dedos — pés e mãos — ficaria perdido. Onde apanhar esse dia de hoje? Como enterrar nele as unhas? É impossível segurá-lo, não tem forma, é enorme, escorregadio, viscoso... Se alguém se aproxima demasiado desta massa em rotação, é arremessado a distância, como por uma funda, ou aspirado e atirado para o fundo. Quando esse alguém, contudo, se chama Marcos e tem vinte anos — vinte não, apenas dezanove — enraivece, não quer cair dentro nem fora; agarra no dia de hoje e penetra nele... para o possuir. Depois, pode rebentar como os machos dos insectos!...

Nessa febre, de mãos crispadas, há tanto cansaço! Que monstruoso fardo para os ombros dum moço! Que desmedida tarefa! Felizes os que vivem uma só vida, têm um só caminho e um só desejo a satisfazer! Em Marcos havia quatro ou cinco esfomeados a roer-lhe as entranhas. Precisava *conhecer, agarrar, gozar, agir* e *ser*... Essas raposinhas que ocultava contra a própria pele, como a criança espartana, mordiam-se umas às outras, mordendo-o. Não podiam saciar-se ao mesmo tempo. Que mais importava: *Gozar* ou *conhecer?* Primeiro *conhecer!* O moço Rivière não podia conceber deixar a vida, sem ver, sem saber. Erraria numa noite de desesperança, pior do que todos os infernos inventados, durante o resto da sua eternidade. (É em vão que se não acredita em nada para além da vida. O nada para um coração de vinte anos é a mais implacável das eternidades).

Como aprender? Aprender quê? Ignora-se tudo... Além disso, por onde começar? Surge uma infinidade de perguntas e tudo assalta simultâneamente. O ensino dos anos da guerra deixara lacunas irreparáveis. O espírito errava algures. O corpo também. Marcos estava mais tempo na rua do que nos bancos do liceu. Quando condescendia em sentar-se lá, o olhar vivo e duro da ferazinha enjaulada ultrapassava as paredes tristes e perseguia a caça de pêlo muito diferente do das velhas carcaças da Universidade. Por vezes, a voz dum professor, o choque produzido por uma palavra, provocava a sombra quente dum pedaço de vida: atirava-se a ele. Era, contudo, incapaz de situar esse fragmento do Real imenso. Faltavam-lhe os antecedentes, que, desatento, deixara escapar. Largava a presa; e tudo quanto se lhe seguia, toda aquela arquitectura, mergulhava no abismo. Se traçassem o mapa das noções aprendidas em qualquer disciplina, seria o mesmo que um dos antigos mapas de África, em que as manchas das regiões desconhecidas eram mais numerosas do que as outras, e os grandes rios eram cortados como caudas de lagartixas na boca dum gato: perdiam-se. A imaginação supria a falta e erguia, aqui e acolá, cidades, montes, de fábula e de areia. Havia séculos inteiros de história, rosários de teoremas, províncias quase completas de estreito domínio clássico em que o ensino da *Alma Mater* fecha medrosamente os alunos em velhos compartimentos, dourados, fanados, roídos pelas traças (que considera os mais belos do mundo!); havia léguas de caminhos do espírito cortados, dos quais o cérebro de Marcos não guardava um único vestígio. Apesar disso, não deixava de passar nos exames finais: tal como quarteirões de outros cábulas que sabiam tanto como ele e não tinham como ele, no olhar, o fogo insolente da inteligência.

Eram, então, indulgentes para os filhos e irmãos dos heróis (se não o eram, bem o podiam ser!)... Marcos, contudo, não tinha uma parcela de indulgência para os que tinham sido assim beneficiados. Nunca um bom

cavalo perdoa ao tolo cavaleiro que o poupa e não lhe aperta bem a cilha. A experiência daqueles anos demolira a autoridade dos homens e dos livros que dirigiram a geração anterior. Quanto se viu e se leu — pouco e mal — não estava de acordo com o presente. Embora estivessem mal informados das realidades da guerra e da paz que os mentirosos oficiais, os enganadores enganados, lhes ocultavam, os moços eram advertidos pelo seu instinto e pelos seus sentidos ainda frescos, que farejavam em todos os mestres a escravatura da inteligência ao Estado e a senilidade da retórica.

Embora na França ou fora se mantivessem energias livres e autênticas, a juventude ignorava-as. Tinham tido o cuidado de as desacreditar antecipadamente e não desejavam nada fazer uma revisão dos falsos juízos. A confiança dos jovens estava envenenada. Englobavam todo o pensamento do meio século anterior — e se fosse preciso de todas as épocas — sob a rubrica desdenhosa: — «Vento!... Odres cheios de palavras...» Não duvidavam de que, por sua vez, se tornavam odres cheios doutras palavras. Eram assim nove décimos da inteligência humana que não queriam ficar vazios; o vazio assusta-a; é certo que a natureza lhe tem horror; não pode resignar-se ao: «Não sei nada...» É preciso saber, ou, então, morrer.

Em primeiro lugar, é preciso comer. Ora, um Marcos Rivière não terá pão, se o não procurar. A menos que o tire da boca da mãe! O orgulho diz-lhe: «Basta! De futuro, comerei o pão que ganhar».

Nessa manhã tinha duas tarefas a realizar. Dois clarões na bruma que lhe enchia o cérebro, tal como a cidade: uma lição prática de conversação com um americano ruivo, de olhitos avermelhados, da delegação Wilson, que habitava no bairro da Muette; e um manuscrito de poemas impossíveis, cujo francês abrasileirado corrigira raivosamente, por conta dum homem de tez amarelada do Rio, que morava perto da Sorbonne... A porta do primeiro não se abriu. Um vizinho disse que o homem da camisa estrelada ainda não voltara; e, ao saber do que Marcos pretendia, informou, com ar malicioso, que o aluno começara a aprender francês por um método mais directo do que o seu. Marcos dirigiu-se, furioso, para o cliente n.º 2. A porteira fê-lo parar quando subia a escada: o senhor de pele cor de marmelo morrera vitimado pela gripe espanhola. Não deixara qualquer direcção. Marcos ficava, pois, herdeiro dos poemas.

A morte a ninguém surpreendia. No entanto, no dia seguinte ao troar dos canhões do armistício, dava a vaga impressão dum malogro. «Nada, então, está mudado?» A indignação de Marcos era contra o morto que, depois de lhe ter dado um trabalho absurdo, desertava sem pagar.

Franzia as sobrancelhas, raivoso, sombrio como uma nuvem. Um claro olhar de rapariga atravessou-o. Reconheceu os olhos cinzentos duma jovem morena, de tez mate, sua camarada de curso. O sorriso dela, malicioso, fez-lhe bem. Passou à sua frente. As suas pernas finas, com passo tranquilo e rápido, dirigiam-se para a Sorbonne. Foi atrás dela. A biblioteca da Universidade, nos últimos tempos, era uma espécie de quartel-general da juventude: ali se reuniam para pôr em comum as suas inquietações. Alcançou Henriqueta Ruche na escada. Os olhos maliciosos examinaram-no:

— Olhos pisados, má cor, aspecto abatido... Dia seguinte a festa!...

— A si não perturbou ela. Está com um aspecto estupendo.

— Dormi bem, felizmente.

— Não sentiu vontade de pôr o narizinho de fora?

— Da janela, vi o suficiente. A fossa das feras.

— Fui uma delas.

— É escusado dizê-lo!

— Obrigado — retorquiu Marcos, com ar despeitado.

A jovem riu.

— Julgava que tivesse dúvidas a esse respeito?

— Cada vez melhor...

Estavam à entrada da biblioteca. Henriqueta mirou-se no vidro e compôs o cabelo:

— Uma a mais ou a menos... Não é motivo para se preocupar...

A jovem entrou na sala de leitura. Marcos avistou alguns amigos. Esta não era talvez a palavra justa. Entre esses rapazes não havia verdadeiras amizades. Cada um vivia a sua vida interior. Pessoalmente, o moço Rivière conservava-se à parte dos rapazes da sua idade. Gostavam pouco dele pelo seu carácter taciturno, pela sua reserva, pelo seu ar desdenhoso, pelo desassombro das suas opiniões e pela superioridade demonstrada nas aulas e nos exames. De qualquer maneira, por essas mesmas razões, gozava de uma certa autoridade. A influência da mãe imunizara-o, antes de qualquer outra,

contra o contágio da imbecilidade colectiva; não esperara, como os demais, pelo fim da guerra para reconhecer o logro universal, e proclamá-lo. Este avanço sobre os outros, pago ao princípio com uma feroz impopularidade, valia-lhe agora, que tinham os olhos mais abertos, algum crédito. Eram suficientemente justos para reconhecer que Marcos tivera razão.

Naquela hora, a juventude tinha necessidade não de alguém, macho ou fêmea, para amar — o amor e o ódio eram mercadoria barata — mas de alguém em quem acreditar, alguém que visse claro. Eram quatro ou cinco rapazes que nada mais tinham de comum além da descoberta desse abominável embuste, do qual, por seu lado, cada um recebera a bofetada. A vergonha e a cólera por terem sido enganados, a necessidade de se vingarem, e, sobretudo, de se defenderem contra as mentiras futuras, agrupava-os, custasse o que custasse, à margem do resto do rebanho. Era preciso dar tréguas aos ressentimentos e às antipatias para associar as suas fraquezas e as forças, não de amigos, mas de aliados. Tacteavam juntos, como insectos cegos cujas antenas palpam a escuridão. Cada um, sem o mostrar, esperava dos outros o choque da palavra que lhe indicaria uma pista. Uns não sabiam mais do que os outros; mas vinham de meios diferentes: cada um trazia consigo, portanto, o reflexo de uma experiência que faltava nos outros e os diferentes recursos do seu temperamento.

Adolfo Chevalier, pequeno, cheio, tranquilo, era um moço burguês provinciano, duma antiga família do Berry, de magistrados, senhores de grandes terras. Espírito culto, de uma raça cultivada, como os seus vinhos e os seus campos, era o mais «sério» dos cinco (no velho sentido clássico), inteiramente francês pela inteligência, meticuloso e prolixo, cheio de preconceitos. Quando andava, estes batiam-lhe nas pernas. Caminhava, no entanto, de pernas afastadas, pachorrentamente. Os outros, trocistas, lembravam-lhe as armas de Bourges: *«Um burro num cadeirão...»*

Fernando Véron-Coquard esmagava-o com a sua cor-

pulência e o seu desdém. Alto e gordo, peito saliente, fazia tremer o soalho a cada passo dos pés enormes e as vidraças com as explosões da sua voz de baixo. Tinha um daqueles rostos da época, saídos da guerra, que dir-se-ia terem sugado sangue, em vez de leite. Ao vê-los ficava-se hesitante se a sua máscara lembrava a dos duques palafreneiros de Napoleão I, ou a de Coquelin a declamar no papel de Scapin (*) *imperator*. Era filho de um industrial enriquecido pela guerra — como ele próprio dizia, sem se incomodar — à custa de todas as ladroeiras. (Não se deve, sublinhava, falar de corda em casa de enforcado!) O desprezo que Véron-Coquard demonstrava pelo pai e pelos da sua igualha não excluía a afeição que tinha ao autor dos seus dias e, sobretudo, não implicava a intenção de renunciar aos bens de que beneficiava. Entre os roubados e os ladrões não hesitava. «Tanto pior para os idiotas e tanto melhor para mim! Se tivessem a minha energia, teriam já arrasado a sociedade. Talvez ainda o façam. Sou capaz de os ajudar. Entretanto, vou comendo. Não me privarei, por ninguém, do prazer de comer. Pouco nos importa o direito; já vimos a medida do que vale. A nossa única honestidade, hoje, consiste em não mentir. Se sou patife, reconheço-o e confesso-o. O primeiro trabalho de limpeza geral deve ser esvaziar os balões de patranhas, todos os idealismos. Wilson para o lixo!»

Adolfo sufocava. Este era um dos raros assuntos que o faziam sair da sua gravidade natural. Simão Bouchard salivava, com olhos fora das órbitas. Tinha uma certa dificuldade em falar e procurar as palavras; mas quando elas se escapavam, a golpes de catapulta, eram duras e maciças. O seu sabor fazia esquecer a enormidade. Simão e Véron parecia detestarem-se, mas andavam sempre juntos. Tinham nascido para se defrontarem. Esse filho de rendeiro, bolseiro do liceu, muito estudioso,

(*) Personagem de criado astuto da farsa «Les fourberies de Scapin», de Molière. *(N. do T.)*.

animal de trabalho desde os bancos da escola, cavalo de lavoura não castrado, tinha a estrutura dum cíclope e o espírito construído com argumentos laboriosamente adquiridos e assimilados; era, por dentro e por fora, espesso e pesado, mal talhado e rude. Acreditara, parvamente, na ideologia da guerra. Agora acreditava parvamente nos «Catorze pontos» intangíveis do Messias americano. Tinha sempre necessidade de ser enganado. Os que o enganavam não faziam, porém, bom negócio; porque, uma vez desmascarados, nunca mais perdoava; e os ódios sem expiação acumulavam-se no seu saco, ao qual não abandonava, no caminho obstinado para uma outra verdade.

Sainte-Luce (João-Casimiro) não se sobrecarregava com tal bagagem, nem (menos ainda!) com tal objectivo. O nome pomposo que usava era o único *impedimentum* que lhe pesava, mas estava firmemente resolvido a libertar-se dele na primeira ocasião. Devia-o à generosidade de um pai polaco, aliás a única que tivera depois de o ter lançado no ventre macio de uma estrela de cinema francesa, crioula das Antilhas, que se orgulhava do seu parentesco com a linda garça imortalizada por Prud'hon, Josefina Primeira. Chamavam-lhe Puck. Tinha um aspecto delicado, olhos de veludo e covinhas nas faces. Era azougado, subtil, ardente. Não precisava de pretexto para estar sempre em movimento. Coisa alguma o prendia, desprezava totalmente as convenções. Não perdia tempo com disputas; mas gostava de assistir a elas. Nascera espectador, nunca se cansava de qualquer espécie de espectáculos, mas era incapaz de os procurar. Um Puck a passear pela terra e a fazer travessuras. Véron chamava-lhe desdenhosamente Sainte-Puce. Puck poderia retribuir-lhe com dez a amabilidade. A sua fina indolência dizia-lhe, porém, que não merecia a pena. Mais valia deixá-lo ser o que era: simples animal bom para assar no espeto.

Assim, uniam-se, sem ilusões acerca uns dos outros, e até sem as ter sobre si próprios. Era isso, exactamente, que os unia. Com o mesmo espírito de ironia e de cor-

dialidade, acolheram Marcos, tambor de Arcole (*) de expressão inquieta e focinho de cachorro esfomeado. Não lhes interessavam as preocupações pessoais que podiam ocultar-se sob essa máscara; cada um tinha as suas e guardava-as para si. Individualmente, talvez Marcos os constrangesse, se alguma coisa fosse capaz de os constranger! Até na ironia, que em Marcos era implacável, tomava tudo demasiado a sério. Para eles, o importante era «marcar» (avanço ou atraso, não importa; os relógios não andavam certos). Para o fim comum, porém, minar o mundo de hoje a fim de encontrar uma saída, o olhar agudo de Marcos, a ruga de dureza ao canto da boca imperiosa, eram forças aliadas que apreciavam. Marcos era um dos seus.

À volta deles havia personagens secundárias: bons rapazes, incapazes de pensar por si próprios e que os escutavam e procuravam dizer uma ou outra palavra. Os cinco, contudo, raramente condescendiam em lhes responder; falavam entre si. Os outros fechavam o círculo à sua volta e serviam para transmitir e propagar os seus princípios.

Na outra extremidade da sala estava um grupo algo numeroso: eram os da «Action Française». Os dois grupos fingiam ignorar-se. Tinham um pelo outro um desprezo esmagador com sua pitada de ódio. Como todos falavam muito alto — apesar dos protestos do bibliotecário indignado, a que ninguém dava atenção — ouviam-se constantemente palavras provocadoras que os mantinham em efervescência. Não tinham outro intuito. Por sua vez, os agentes de ligação encarregavam-se de manter a exaltação nos dois campos. Felizmente, a alegria da juventude não estava morta nos seus corações. Por vezes a graça de uma palavra injuriosa sobrepunha-se à animosidade.

(*) Alusão ao rapaz que bateu a carga quando o general Bonaparte tomou aos austríacos, à frente dos seus granadeiros, a ponte de Arcole, na Primeira Guerra de Itália. *(N. do T.)*.

Havia também, à parte, com um sorriso de superioridade, os indiferentes aos assuntos públicos, aqueles para quem a guerra, a paz e os tratados eram apenas baixa política, da qual preferiam conservar-se afastados, para se ocupar da sua carreira, dos seus prazeres, dos seus assuntos pessoais. Eram como as donas de casa cuidadosas, que censuram as mulheres ociosas e desleixadas. Entre eles contavam-se verdadeiros valores. Um cão de água, de nariz no ar, míope, testa estreita e cabelo hirsuto, boca que parecia sempre pronta a gritar: «Heureca!»... Jocrisse (*) na banheira de Arquimedes... Feliciano Lerond, uma verdadeira vocação científica. Esta poupava-lhe o trabalho de ver o que se passava à sua volta. Para além da sua especialidade, seria um idiota autêntico, se não fosse uma certa esperteza de campónio que o salvava. Havia outros ainda, os falsos estetas, que se julgavam aristocratas de espírito e não se dignavam ocupar-se dos problemas sociais. Citavam pretensiosamente Valéry: «*Não podemos tratar de política sem termos de nos pronunciar sobre assuntos que nenhum homem sensato pode dizer que conhece. É preciso pois ser extremamente tolo ou infinitamente ignorante para ter opinião sobre a maior parte dos problemas que a política levanta...*» Orgulhavam-se de não a ter. Desprezavam todos os outros que os deprezavam a eles.

Finalmente, no outro lado da mesa, em frente dos Cinco, haviam-se instalado os olhos cinzentos sob as longas pestanas, o nariz fino e o sorriso de Henriqueta Ruche. Dispusera à sua volta os livros que nesse dia se propusera consultar. Não deixava por isso de estar atenta ao que se passava em redor, enquanto os dedos esguios, de unhas roídas, apontavam no papel o que lia. Conseguia ainda espaço, na cabeça bem ordenada, de

---

(*) Personagem de teatro de feira, ridículo e estúpido. *(N. do T.)*.

testa alta, para registar as confidências inúteis que lhe segredava a gorducha Elodia Bertin... Ocultava esse nome de baptismo (mas, como era incapaz de guardar um segredo, dizia-o a cada um em particular) e adoptara o de Elisabeth, transformado em Babette para se ajustar às exigências da moda e, por fim (abreviemos!) em Bette. Os Cinco concordavam em que este último nome se lhe ajustava como uma luva. Falava, falava, falava. Viam-na sempre de bico aberto e de queixo levantado.

Certas pessoas, como as inglesas, falam antes de abrir a boca; dir-se-ia até que falam sem abrir a boca. A Bette de Paris, porém, com medo de perder a oportunidade, tinha sempre a boca aberta, antes de falar, durante, depois, e enquanto tomava fôlego para recomeçar. Era bonita, meiga, redondinha. Fazia honra à casa de que era herdeira: os grandes armazéns de víveres do bulevar de Odessa. Já não honrava tanto a casa de Roberto Sorbon, na qual, Deus sabe por que motivo, se lhe metera na cabeça obter uma licenciatura. A inteligência atraía-a como um país longínquo. Na realidade, interessava-lhe menos o país do que os seus habitantes. A palavra «licenciatura» não significava pròpriamente para ela o quebra-cabeças de um exame extraordinário, mas o contacto com a juventude de espírito mais desempoeirado do mundo. A amizade de Henriqueta Ruche, a quem admirava perdidamente e que condescendia em ser servida por ela — contanto que fosse às horas e da maneira que mais lhe convinha — introduziu-a no grupo dos Cinco. Estes não se preocupavam demasiado com o espírito das raparigas desde que elas tivessem o de lhes agradar. Ora o espírito é prenda que não falta inteiramente, até às mais parvas, se tiverem nascido em Paris... É certo que não podiam esperar excessos de amabilidade por parte desses rapazes. Nem eles tinham tempo para isso, nem o amor estava em moda. Como diz Morand, as mulheres só possuem três peças de roupa para despir... É pegar, ou largar... Bette era daquelas para «pegar». Henriqueta não. No entanto, não a larga-

vam, embora a sua magreza de galgo não lhes aguçasse os dentes de jovens carnívoros. Véron, que devia ter já tentado ferrar os dentes no osso e partido algum, guardava-lhe rancor; chamava às duas raparigas: a Feia e o Monstro. Entre as duas, no entanto, nenhum dos Cinco hesitava. Era a feia (não o confessavam) que cobiçavam. Era para ela (também o não confessavam) que esses rapazes, cujos desprezos incluíam o da inteligência das fêmeas, alteavam a voz e tomavam ares, naquele seu torneio. Henriqueta não tinha dúvidas a esse respeito... Limitava-se, porém, a um sorriso de ironia, na extremidade dos lábios penujentos. Parecia ausente, mas coisa alguma lhe escapava; não falava, excepto para pronunciar de vez em quando uma palavra distraída de aquiescência, na torrente de tagarelice de Bette e, sem deixar de seguir o caminho dos dedos sobre o papel, não perdia um pormenor das expressões dos cinco rapazes.

O único dentre eles que surpreendeu esse olhar à passagem, foi Puck. A vadiar sempre, coisa alguma lhe escapava do que se passava à sua volta. Até as discussões de ideias não tinham maior interesse para ele além do de ver discutir; mantinha-se relativamente desocupado, para poder misturar-se com os espectadores. Passou-se para a outra margem e entabulou com o Monstro uma conversa que, através dela, se dirigia à Feia. A torrente de tagarelice levava malícia de um para outro lado. Véron, ciumento, dizia para Bouchard: «A Pulga corre para a Donzela». Os dois chamavam a Henriqueta «a Donzela de Orleães». De facto, era de lá (quer dizer: do lugar...), e pretendiam que ela também *ainda a tinha...* (quer dizer: a donzelice...) Esta era assunto de discussões entre eles. Não as ocultavam até na presença dela. Henriqueta nem pestanejava. Nem sim, nem não. Fixava-os, de queixo apoiado na mão, fria e desdenhosa. Fosse como fosse, admiravam-na. A rapariga sabia todos os seus segredos; eles nada sabiam dela.

Quando, um dia, se desencadeou um tumulto (Véron trovejara a ponto de partir os vidros: «Depois das hon-

rarias, a estaca para empalar o Tigre (*); quero espetá-lo nela...»), como um só homem todo o grupo da «Action Française» berrara, levantara-se, pronto a atacar. Depois disso, o bibliotecário conseguira erguer a voz mais alto do que todos eles e obrigá-los a evacuar a sala. Os cinco companheiros e a escolta reconheceram, então, que não podiam, de facto, voltar a reunir-se ali. Ao interrogarem-se acerca dos futuros encontros, ninguém se admirou quando Bouchard propôs: «Em casa da Donzela». Henriqueta concordou, como se isso lhe fosse devido.

(*) Clemenceau. *(N. do T.)*

HENRIQUETA era filha de um magistrado, homem de cabeça e de coração, pessoa íntegra, mas autoritário, orgulhoso, severo para consigo e para com os seus, verdadeiro «teimoso de Orleães», «espírito de vespa», como dizia um dos seus velhos companheiros da Liga. Por seu mal, a filha, a quem adorava e que o amava, era tão subtil e obstinada como ele, e disposta a não ceder um passo. Pensava sempre o contrário do que pensava o pai. Não apenas por espírito de contradição feminina, mas para viver. Quando um tirano pretende sugar o ar que respiramos e impor a *sua* verdade, embora esta seja a nossa, oprime-nos, mata-nos, odiamo-lo e preferimos seguir o caminho da oposição. O magistrado estava eivado de velhos princípios sobre a educação, a família, o Estado, as raparigas, as mulheres, o casamento e a moral segundo a Lei. Henriqueta Ruche libertara-se de tudo isso, como das vinte peças inúteis do vestuário feminino.

Reflectira. Através da insensatez do idealismo tirânico de que o pai se deleitava, era a realidade que a esperava, o futuro pobre, cinzento e frio duma rapariga da província sem fortuna. O pouco que tinham desaparecera durante aqueles anos de guerra. Os proventos do magistrado mal chegavam para cobrir as despesas. Que seria depois de ele morrer? Isso não a inquietava. Cumprira o seu dever. Os que lhe pertenciam, cumpririam o seu. Sem dúvida apareceria um outro magistrado de

província, novo ou velho, feio ou bonito, pobre como ele, que casaria com Henriqueta. A filha não encarava a vida dessa maneira. Acabara o tempo em que a mulher esperava, passivamente como a mãe, o amparo do marido. Certa manhã, a rapariga que todos os dias suportava os sermões moralistas do pai, respondeu com ar irónico e gelado, mas a ferver interiormente, em voz tranquila e nítida:

— O passado não volta!

O pai perguntou surpreendido:

— Que é o passado?

— Tu.

Seguiram-se dias e meses de mal-estar, em que o ambiente se tornara pesado. Ora soprava o vento com intensidade, ora chuviscava... A mais transida era a mãe, sem defesa entre os dois. Suportara durante toda a sua vida as exigências do pai, dos irmãos, do marido. Assistia desorientada, não sem medo e sem um certo sentimento de vingança, à sua própria revolta por procuração. A exaltação do marido embatia no muro de irónica indiferença da rapariga — a filha — que o escutava traspassando-o com o olhar frio, preciso, desarmante. As palavras ficavam presas na garganta: sabia que eram inúteis; pior ainda, os olhos que o fixavam diziam: «Nem tu acreditas!» Excedia-se, para acreditar. Não era o melhor meio para marcar a sua superioridade. Henriqueta nunca se exaltava. O magistrado do Ministério Público conquistaria mais fàcilmente quatro ou cinco cabeças de condenados à morte, sobrepondo-se à eloquência pegajosa dos advogados, do que aquela obstinada cabeça de rapariga, de cabelo cortado liso, que parecia um capacete. Tinha sido uma verdadeira tragédia na casa, no dia em que ela aparecera de cabelo acabado de sacrificar, nariz provocador, coração a bater apressado, liberto: Dalila que se tosquiara para quebrar as cadeias de Sansão. O velho burguês quase tivera uma apoplexia. Esse «don Diego» considerava-se desonrado ante o espectáculo da filha de pernas finas à mostra até aos joelhos, que a orla do

vestido tocava sem os cobrir... «*O tempora! O mores!*» Se o pai não se cansava de ralhar, a filha cansou-se depressa de o ouvir: «Quando trovejou e continua a trovejar, a chuva em breve se vai mostrar», como diz a Sabedoria das nações.

A Ruche de Orleães desencadeou a tempestade. Disse, calmamente, que «a discussão não faz crescer o pão», que perdiam o seu tempo, que ninguém podia amarrar os mortos aos vivos e queria fazer uma vida independente e ir estudar para Paris. Nada a demoveu: nenhum argumento, nem súplicas, nem ameaças. O pai não cedeu e ela partiu. Uma bela tarde, o pássaro fugiu do ninho. Escreveu do Bairro Latino. O medo do escândalo levou o pai a contemporizar. Henriqueta impôs condições. O magistrado as suas. Parlamentaram através de cartas geladas. Pai e filha amavam-se com ódio. Um impunha um regime de fome. A outra, por orgulho, recusava. Foram necessárias as súplicas da mãe para chegarem a um *modus vivendi*. Lembrou ao «teimoso» que era grave provocar uma «teimosa» e obrigá-la a procurar sòzinha meios de subsistência em Paris.

O pai impressionou-se. Na sua furiosa obstinação, esquecera-se do que o seu sangue era capaz, por obstinação! Apressou-se a assinar um acordo. Pensão módica, contra obrigação de trabalho sério verificado pelos exames. O contrato foi cumprido: Henriqueta Ruche, que se considerava livre de preconceitos (ou seja a velha moral), substituíra-os por uma virtude e um vício: o seu orgulho de mulher, concentrado, numa tripla essência. Entre ela e o pai, entre ela e a sociedadezinha provinciana que a censurava e a espiava, havia uma luta latente. Fez-lhes face. Coisa alguma tinham a censurar-lhe. Pelo menos aparentemente. Acautelara-se. Intimamente fazia o que entendia. Não devia contas a ninguém. O que todos viam era fazer os seus exames com regularidade. Os mestres afiançavam que a sua inteligência igualava, ou ultrapassava, a dos melhores alunos absorvidos por outros pensamentos. A inteligência converteu-se na sua única razão de viver. Mostrava-se

enigmática ante os que se lhe aproximavam e talvez até ante si própria.

Morava não longe do Val de Grâce, um dos locais mais fechados na rua St.-Jacques — velha corda de violino estendida sobre o cavalete do Monte de Santa Genoveva, com gargantas e cotovelos. A velha casa estremecia quando os pesados autocarros passavam. No rés-do-chão, ouviam-se telintar os objectos duma loja de ferragens e as garrafas dum armazém de vinhos. A porta estreita e a escada muito escura, de pedra gasta, conduziam a uma sobre-loja esmagada sob a varanda do primeiro andar. O único compartimento, sem vestíbulo, que constituía toda a habitação, dava directamente para o patamar. Primitivamente pertencera ao estabelecimento do rés-do-chão, com o qual comunicava por uma escada interior, aberta no soalho. A pouca claridade era ainda amortecida pelos pesados cortinados que a mãe lhe mandara. O compartimento comprido e encurvado, que acompanhava a fachada barriguda, tinha três janelas, das quais uma, em clarabóia, num dos ângulos da parede da frente, com dois degraus, correspondia ao nó da corda do violino.

Era essa a única parte do quarto que recebia luz suficiente. Talvez dantes aquele recanto fosse aproveitado para quarto de dormir, isolado do resto do aposento por uma cortina. Ruche fez dali o seu reduto. Colocou em evidência um velho tapete persa que trouxera do seu quarto de Orleães e que a família possuía, sem dúvida, desde o saque a alguma igreja no tempo da Revolução. Ali passava uma parte dos dias quando não corria as ruas de Paris; instalava-se, de pernas cruzadas, a fumar cigarros sobre cigarros. Sonhava de sobrancelhas franzidas e soltava uma gargalhada ante um ou outro pensamento (os amigos nada sabiam dela: guardava para si o riso telintante e os pensamentos). Quando estava fatigada, deitava-se, não ao comprido (o nicho era pequeno para o seu corpo de galgo), mas dobrada, de joelhos encolhidos, as mãos a segurar os pés cansados de andar. Trabalhava também acocorada no soalho,

livros à volta, caneta na mão, a aproveitar o último raio de luz que descia da clarabóia sobre as suas pupilas infatigáveis de aço fino, enquanto a noite inundava já o resto do quarto. Biombos nos quatro cantos dissimulavam outras tantas divisórias: a cozinha, o toucador, a casa de jantar. Chamava-lhe os quatro pontos cardeais.

Poucos móveis, desirmanados, divãs arranjados econòmicamente. Uma mesa comprida, coberta de papelada, que também podia servir de assento. Duas ou três cadeiras. Um caixote para lenha. (Raramente acendia o lume; o velho fogão servia para dar passagem às correntes de ar). As paredes estavam cobertas por panos de cores vivas curiosamente dispostos pelos olhos experientes de Ruche: tinha a paixão da cor; mas, tal como as mulheres húngaras do povo, fechava na gaveta os seus bordados mais gritantes; dir-se-ia que Henriqueta apreciava mais o sol aprisionado na penumbra do seu apartamento. Aqui e acolá, algumas fotogravuras de quadros de Gauguin, Matisse, Utrillo, evocavam, para quem os conhecia, as notas do seu teclado de luz. Uma cabeça de freirinha de lenda, de olhos piscos e nariz malicioso, que não deixava de ter semelhanças com a dona da casa, copiada, antes da guerra, da fachada da catedral de Remos, recebia à entrada os visitantes. O seu sorriso fino de Gioconda gaulesa era um aviso. Para acabar de os pôr à vontade (ou na defensiva), a pequena biblioteca portátil, por detrás do espelho, na parede da clarabóia bastante em evidência, mostrava os gostos franceses da locatária: Villon, os «Contos» de Voltaire e La Fontaine. A escolha não era desprovida de malicioso desafio; mas correspondia a um instinto de raça, verdadeiro e sem fraude.

Se o magistrado de Orleães, que na vida e no tribunal lançava os seus raios de papelão contra as irreverências do Código editado pelo Estado, visse sobre a mesa da filha essas puras jóias do atrevido espírito gaulês, não deixaria de lhes tirar o chapéu. É inútil Roma e a Judeia pretenderem encher a boca da França e o seu saco de memórias; o saco pertence à velha Gália e, no saco,

encontram-se as boas coisas que todo o francês reconhece e aprecia. Nas estantes de Ruche, em excelente vizinhança, Racine e Voltaire, Descartes e La Fontaine: a família francesa. Como o alimento duma jovem estudante, duma «caloira», se condimenta com um grão de pedantaria, juntara-lhes Lucrécio. Embora, porém, lesse o latim melhor do que a maior parte dos seus camaradas, suponho, aqui para nós, que Henriqueta não o lia e preferia ler a «Princesa da Babilónia». Acima de tudo, gostava de ler no coração dos rapazes. Foi sempre esse o livro favorito das raparigas. Nem todas, porém, conseguem lê-lo inteiramente. Ruche tornara-se mestra no assunto. Nenhum deles tinha dúvidas a esse respeito. Ela via-os na sua crua realidade.

Chegavam e instalavam-se, com o à-vontade dos moços. Não se importavam com a lama que traziam nos pés, com o fumo e o barulho que enchiam o compartimento (depois de saírem era preciso abrir as três janelas para limpar a atmosfera pesada e deixar entrar o arrepio glacial do norte). Dispunham do local e do tempo, como se ela tivesse obrigação de os servir, sem lhe agradecerem sequer. A dona da casa pagava-se por suas próprias mãos; era muito capaz de se dar ao respeito: se não davam por isso é porque ela estava tão senhora de si que não impunha nem exigia tal respeito. Talvez demasiado senhora, como é o erro da maioria das raparigas. A Henriqueta apetecia, porém, conhecer tudo o que se passava no pensamento daqueles machos jovens. Deixava-os à vontade, sem uma palavra, sem um gesto, um bater de pálpebras, que detivessem as suas expansões. Sentada tranquilamente, balouçava-se numa cadeira de viagem, com o cigarro entre os dedos, a vigiar as xícaras de café que Bette, palradora como sempre, lhes oferecia: (era ela quem alimentava os serões com o moca do pai). Limitava-se a entreabrir a boca irónica quando eles se dignavam interrogá-la. Ou então, sem que dessem por isso, encaminhava a discussão no sentido que desejava. Ora a atiçava, ora a apagava com uma sapatada negligente, com duas ou três palavras

imprevistas aplicadas na altura própria. Depois, voltava a entrincheirar-se na sua aparência indiferente, como se não fosse ela quem falara. Entre as suas pálpebras, franzidas como as da freirinha, havia, contudo, um clarão de presença: cão de caça à espreita...

A presença de Bette era-lhe muito útil para ocupar os olhos, e quiçá as mãos, dos colegas. O seu alheamento, porém, não lhes permitia ultrapassar os limites que tàcitamente lhes impusera. Eram obrigados a deter-se ao chegarem à extremidade. Lei de Ruche! Ultrapassado o limiar da porta, eram livres, eles e ela, como certo inglês, para violar os dez mandamentos, depois de passar o canal de Suez.

Em casa de Henriqueta, não se coibiam de falar. Ao sair dum mundo posto a saque pela Razão e pelo Direito, tinham de se vingar. Cuspir nas três virtudes: fé, esperança e caridade. Sentiam-se aliviados, quando cada um, finalmente a sós consigo, podia enxugar o rosto. Pobres rapazes! A dúvida é de todos os tempos. Cada nova geração repudia os ensinamentos dos mais velhos. Havia uma diferença entre o jogo de destruição em que se comprazem, em todos os tempos, os moços soldados da inteligência que serão mais tarde professores, magistrados, advogados, defensores da ordem moral e penal do amanhã, e a revolta convulsa dessa ninhada da grande impostura da guerra do Direito. A dúvida de antes era acomodatícia; harmonizava-se com a vida e com a razão; casava-se até agradàvelmente com o «É bom viver!» de que o velho Renan enchia a boca carnuda.

A dúvida actual era um tufão de areia e de fogo que nivelava tudo. Essa «tábua rasa», que não tinha, para um Descartes bronzeado ou para um Anatole France desossado, nenhum inconveniente, constituía para aqueles adolescentes uma alucinação mortal. Não podiam ler, ver ou escutar, sem farejar o veneno misturado com a intolerância da civilização: religião, moral, história, artes e letras, filosofia, lugares comuns de «idealismo» quotidiano. Com um esgar de desprezo funambulesco e furioso, cuspiam na quietude imbecil das gerações ante-

riores. Sob todas as formas de revolta, literárias, intelectuais ou sociais, era a mesma negação do valor do espírito humano, de quarenta séculos de civilização, da própria vida, das razões de viver. No entanto, como essa juventude não estava disposta ao suicídio, o seu instinto só encontrava uma única tábua de salvação: destruir. Mostravam esse desejo demoníaco de demolir e davam urros de satisfação, com entusiasmo de selvagens: cada ruína oferecia-lhes mais espaço para divagar. Quanto a arrancarem-se à dança do escalpo para seguir uma pista, ver-se-iam em dificuldades para escolher essa pista. Quando se nega tudo, para que actuar? Porque os pés, as mãos, a animalidade do homem — e também o pensamento — não podem passar sem acção. Que diabo de acção? Em que direcção caminhar?

Em todas as épocas, aos vinte anos, fala-se muito de acção; mas actua-se, sobretudo, por interposta pessoa. Não era, porém, fácil, no ano da morte de 1918, eleger procuradores. Nas épocas calmas, há sempre um certo número de favoritos, na tribuna ou nas letras, com os quais a juventude pode contar. Como esses cavalos de corrida não correm nem têm obstáculos para saltar, pode apostar-se neles à vontade. A guerra, porém, arrastara tudo e todos. O pouco que restava estava prestes a esbarrar com a paz. Ninguém correspondia à espectativa. Em poucas semanas, o assunto ficou liquidado. Os dois ídolos opostos esvaziaram-se, um do som, outro do sangue — o sangue dos outros —, que os enchia: Wilson e Clemenceau. O falso tigre transformava-se em cão de polícia. Do ingénuo professor de moralismo americano, em catorze pontos, nada restava. Foi a este que a justa injustiça dos povos desiludidos detestou mais. Nos cérebros já não havia ilusões... Estavam completamente vazios... O abismo... Fosse com o que fosse, era preciso enchê-lo de novo.

Os Cinco, à parte Véron, que tinha gasto as suas últimas forças de acção prática com as manifestações em frente da Sorbonne, a favor de Wilson, no dia seguinte esqueciam-no, vergonhosamente, e procuravam, em vão,

lições e exemplos vivos de energia a que se amparar. O único a quem respeitavam, Alain, porque a lealdade da sua palavra tinha por garantia a prova prestada na acção — a guerra — e o estoicismo da sua vida, professava a doutrina socrática, perigosa para caracteres menos bem temperados, de separar a liberdade do espírito do dever cívico de obediência. Ensinava a expor a vida, tal como fizera, ao serviço do Estado; mas a julgá-lo. A sua lição de lúcida energia, cuja voz, porém, não ultrapassava um reduzido círculo de intelectuais, tinha o inconveniente de poder ser interpretada pelos cobardes, sempre à espreita de pretextos para se manterem à parte da acção e dos seus perigos, como um protesto platónico da consciência, que se acomoda com as circunstâncias. «Obedecer e opor-se» é «obedecer» ou «opor-se»? O acto em si não comporta o jogo do sim e não. O acto é um machado que parte ao meio a *Janus bifrons*.

A lição de Alain, para ser compreendida, exigia, pelo menos, uma longa paciência na vontade tensa, um tempo ilimitado. Exactamente o que faltava àqueles rapazes: tempo e paciência. O mundo surgido, como Jonas, do ventre da guerra, caminhava com um ritmo de bólide. Mais rápido, mais rápido! O próprio Alain não podia acompanhá-lo. Tal como os melhores de antes da guerra, habituara-se a viver e a pensar no plano dos séculos. Dos Cinco, Adolfo Chevalier era o único cujo temperamento se adaptava à medida desse respirar longo e lento de camponês. Infelizmente, porém, não possuía uma estrutura moral bastante consistente, para receber, sem se deformar, a marca da mão firme de Alain. Procurava apenas, sofisticamente, uma justificação para filosofar em paz e comodidade. Simão Bouchard que, pelo seu físico, pela sua rudeza de energia, estava mais perto do homem Alain, apreciava mais o homem do que a ideia. A sua lealdade brutal, sem gradações, abandonou-o depressa, para seguir qualquer outra doutrina que lhe dava ocasião de actuar. Agir a seu modo: a murro. A Revolução atraía-o; mas nos seis primeiros meses decisivos, após

o armistício, esta não chegou a consciencializar-se e a tomar forma no Ocidente. Os partidos, desorganizados, marcavam passo, como um cego que tacteia as paredes, com a bengala. Nada se sabia de preciso acerca do que se passava na Rússia, bloqueada pelas tropas de Clemenceau. Foi pela revolta dessas tropas, no mês de Abril seguinte, que a verdade surgiu acerca do estrangulamento falhado de um grande povo que se liberta, pelos homens de Estado renegados da Revolução francesa.

Entre as decepções da juventude nos primeiros dias da Vitória — da Derrota — a mais triste (não o diziam por ser muito doloroso confessá-lo) foi o regresso dos combatentes, seus irmãos mais velhos. Esperavam da experiência deles — a única que não punham em dúvida, pois fora comprada a poder de sangue — lições de vida. Só em presença deles se sentiam humildes e se calavam. Esperavam ansiosos as palavras saídas da boca dos mais velhos, mas estes nada diziam. Calavam-se também. Fugiam às perguntas. Falavam do reencontro com a vida. Tinham pressa de se prender na rede das cadeias do quotidiano, de que os outros procuravam libertar-se. Foi mais triste quando alguns de entre eles, após poucos dias ou semanas, se ajustaram ao tom das convenções impostas pela opinião mentirosa e cobarde dos da retaguarda e, para melhor se adaptarem, fizeram como eles. Apenas um ou outro olhar, trocado entre camaradas da frente, revelava uma secreta franco-maçonaria do pensamento. Aos rapazes, porém, que tinham ficado e imploravam deles a palavra misteriosa, negavam-lha. (Teriam alguma coisa a dizer? A língua desabituara-se de falar. Para quê?) Foi essa a grande traição. Dir-se-ia que se vingavam dos pais e dos irmãos que os tinham mandado para a guerra e deixado agonizar por uma mentira.

Os Cinco (isto é, os Sete, incluindo na sua órbita, tal como no sistema solar, os dois planetas fêmeas) fizeram mais de uma experiência que lhes deixou a boca amarga. Uma noite, levaram a casa de Ruche um dos

veteranos que fora amigo de um irmão de Bouchard, morto em Éparges. Era uma glória do seu liceu, do qual saíra coroado pela esperança entusiástica (por vezes tão enganadora) que os êxitos escolares fazem nascer no espírito dos professores e dos camaradas, quando a guerra o arrebatou e o guardou do primeiro ao último dia, à parte três períodos de repouso forçado e de convalescenças, após ferimentos, em hospitais.

Heitor Lassus ganhara todos os galões de herói, do qual se espera que venha a ser um conselheiro viril e seguro dos mais novos. Bouchard falara aos companheiros das cartas escritas ao irmão, ou pelo irmão, durante os dois primeiros anos de guerra, em que os dois amigos proclamavam alto e bom som a sua vontade de modificar o rumo dos acontecimentos quando voltassem. Afinal um calara-se: o morto; e o que sobrevivera não falava. Fisicamente, não mudara muito: um ar mais viril, mais corpulento, a pele avermelhada como barro. Na aparência mais robusto do que dantes, não mostrava os sofrimentos, as perturbações do organismo sacudido por constantes abalos. Era simples e cordial. Sabia rir e os seus modos, um tanto bruscos nos primeiros dias, desabituado como estava do mundo dos vivos, depressa se recompuseram, sem ir até aos exageros brutais do orangotango, que os seus jovens companheiros entendiam dever imitar. Via-os representar o seu papel com afectuosa ironia.

Uma doçura fatigada sorria do fundo dos olhos, que, sem perder coisa alguma do espectáculo, dormitavam, meditavam, para recuperar as horas de dormir que lhe tinham sido roubadas, os dias, as noites de vida, simples e brutal, sem pensamento, sem fim, vazia de passado, vazia de futuro, pronta a transbordar, rio sem margens, no qual a presença constante da morte, e o seu torpe abraço, o separara havia anos, ao separá-lo da sombra dos salgueiros nas ribeiras, da frescura das águas, da vida imensa que corre, sempre igual e sempre diferente, da paz dos mundos que eternamente passam e voltam outra vez. Nenhum daqueles rapazes que à sua

beira se moviam suspeitava do que ia no seu íntimo; ignoravam as privações, estavam por demais habituados a chapinhar na água para lhe dar o justo valor. Para que abrir-lhes os olhos? Era tão fatigante! Mais tarde compreenderiam. «Aprendei à vossa custa! Aprendi à minha...» Aos pares de olhos, apontados como pistolas às suas fontes, que lhe perguntavam, com insistência, que fazia, que contava fazer, respondia indiferente e cansado:

— Retirar-me.

Os outros sobressaltavam-se.

— Para onde?

— Não importa. Para um canto qualquer: o campo ou o meu quarto.

— Que fará lá?

— Viverei.

— Como? Sem agir? Sem escrever sequer?

— Não tenho já nenhuma ambição.

— Será isso viver?

— Exactamente. Isso é que é viver.

— Explique-se!...

— Não há explicação.

— Foi tudo o que aprendeu lá?

— Para mim foi muito. Se pretendem saber mais, vão vocês próprios procurar. Paguei para saber.

Quando se foi embora, os Sete entreolharam-se, lívidos, vermelhos, furiosos, aterrados. Bouchard dizia, congestionado:

— Indecentes! A guerra castrou os nossos touros.

Quanto àqueles, muito raros, que durante a guerra tinham sido contra a guerra e haviam hasteado acima da turba o estandarte das suas opiniões, a quem os mandões dessa mesma guerra classificavam de «derrotistas», até a juventude mais livre, cônscia da imbecilidade dessa injúria, receava parecer merecê-la e desprezava, intimamente, os que não tiveram medo de se expor a ela. A estes últimos ser-lhes-ia preciso ostentá-la num gesto de luta e defesa, como tinham feito os revoltados da Holanda e faziam os mujiques na Rússia. A sua

fraqueza estava exactamente em serem demasiado prudentes e recusarem-se às violências de pensamento, a todos os excessos. Ora, o excesso era a temperatura normal de todos os rapazes, depois da guerra. Aos olhos de todo o Ocidente, intoxicado pelo espírito da guerra, não tocado ainda pelo clarão do Cristo da Índia (*), não-violência equivalia a falta de senso. Para esses jovens, ser viril era «violar», era «violência».

Os janotas, que clamavam «não ser bois» — esses vitelos em demanda de nova virilidade —, procuravam, nas pastagens devastadas do mundo, onde a erva começava a crescer, as vitelas para se acasalarem. As de duas pernas não faltavam. Essas, porém, não contavam. Havia muitas no mercado: muitas, é dizer pouco. Desejavam agarrar nas crinas de todas as ideias-forças, ideias-geradoras que deviam renovar a França e a Europa. Onde se encontravam? As mãos em vão tacteavam a treva. Desgostosos, abriam os dedos, deixavam-nas cair. Passavam horas a errar por entre o caos das coisas políticas e metafísicas. Misturavam tudo; inconsistentes em todos os pontos, caíam sempre nas generalidades, tão gerais que se enterravam até ao pescoço no terreno movediço. Fosse qual fosse o assunto, nunca sabiam a maneira de pegar nele, como começar. Não podiam tratar uma questão a fundo. Cada um sabia pouco mais do que os outros (pouco menos do que nada) em determinado ponto em que mediam o abismo da sua ignorância.

Afogavam-se. Apenas conseguiam fugir ao pântano por meio de uma ironia, cortante para os outros e para consigo próprios, pela negação e pela violência. De todos, era Marcos quem dava um tom mais sério às conversas e mais francamente confessava a sua ignorância. Afligia-se com amargura. Bette apreciava-o pouco, Ruche muito, mas, em segredo, observava. Bouchard encolhia os ombros com desprezo: — «Primeiro, agir! Depois, se

(*) Gandhi. *(N. do T.)*

verá!» — Chevalier franzia os lábios, calava-se, cônscio da sua ignorância, mas demasiado orgulhoso para o reconhecer. Véron bombardeava o vácuo. Sainte-Luce sorria. Troçava de Marcos e dos outros. Não deixava, porém, de fazer a sua escolha entre eles.

Depois de patinhar bem no desconhecido — a sociedade, os acontecimentos, o amanhã — esses jovens burgueses intelectuais voltavam à literatura como moscas ao mel. Era o seu halo luminoso. Besuntavam-se com o açúcar e os restos. Cada um tinha um canto da compoteira, cuja excelência exaltava, depois de se ter enchido. Véron era super-realista. Chevalier gostava de Valéry. Sainte-Luce descobrira Proust, Cocteau e Giraudoux. Bouchard, Zola e Gorki. Marcos, Tolstoi e Ibsen... Estava atrasado, mas os que o troçavam ver-se-iam em dificuldades para lhe criticar a escolha: desses nomes não conheciam muito mais do que o som. Nesse tempo, os jovens navegadores descobriam fàcilmente: tudo para eles era Novo Mundo. Tranquilamente, Ruche acabava de descobrir Stendhal; guardara-o só para si. A «vespa» não era generosa com o seu mel. Bette não descobria coisa alguma, mas aceitava tudo da boca dos outros: o açúcar e a canela. Por vezes, sentia dores de estômago; mas continuava a comer, corajosamente.

Em certos momentos, os Sete tinham amargos de boca. Calavam-se, amolecidos, saturados, a remoer, com o espírito a abarrotar, a olhar uns para os outros de olhos pesados, vazios de pensamento. Seriam, todavia, capazes de permanecer toda a noite a andar à volta da mesa, no quarto da rapariga, que, durante horas, tinham envenenado com os seus cigarros, a sua respiração, e o seu nada. Ficavam por cansaço, pela lei do menor esforço, porque se encontravam lá, aparafusados pelo assento, na espera eterna do que não vinha, pelo secreto terror de voltar de novo para casa sem nada. Era o instante escolhido por Ruche para lembrar que era a dona da casa. Levantava o queixo e dizia com firmeza:

— Basta! Tenho direito à vida. Já comeram todo

o ar que me pertencia; tenho de abrir a porta e as janelas. Vão-se deitar, seus animais!

Com um gesto decidido da sua mão fina de *quattrocentista,* empurrava-os para a escada. Encontravam-se no frio da noite, no nevoeiro e na lama. Tudo o que os separava vinha à tona. Dividiam-se: os que entravam em casa para dormir sem preocupações; e os que tinham de pensar no pão do dia sguinte. Véron e Chevalier acompanhavam Bette; ou, se um táxi passava, Véron fazia sinal, deixava Chevalier no passeio, e ia acompanhar Bette a casa (segundo dizia...). Os outros três seguiam juntos por alguns momentos. Fazia-se silêncio. Sainte-Luce tomava, indolentemente, o braço de Marcos. Este não experimentava qualquer prazer nisso e deixava cair o braço inerte. Sainte-Luce não resistia à tentação de dizer algumas piadas, mais condimentadas do que pareciam; precisava de esvaziar o arcaz de pequenas setas contra o palavreado e os palradores da reunião. Os outros dois, taciturnos, não o secundavam. Sentia que o mandavam embora, e, apesar disso, não lhes queria mal. Sem pontos de contacto com qualquer deles, divertia-o a certeza de não ser desejado.

Depois, no instante imprevisto, deixava-os, com um piparote na cara de cada um deles, aplicado com mão lesta. Antes que tivessem tempo de ripostar, Puck desaparecia na noite. Bouchard voltava-se, furioso, atirava, no nevoeiro, uma palavra contundente contra Casimiro. As injúrias aliviavam-no e os dois voltavam enfim ao assunto secreto, ao principal assunto das suas preocupações: «Como ser livre, como se tornar independente quando não se tem de comer?» Raramente Bouchard tinha a certeza de comer no dia de amanhã e muito menos nos seguintes. Marcos era sustentado pela mãe; e sabia que se tornava um problema para ela encontrar a subsistência dos dois: corava ao pensar que, apesar das suas boas resoluções, continuava a viver à custa de Anita; o que ganhava não chegava para pagar quotidianamente metade duma refeição. Tinha de continuar a pedir sustento a essa mulher que se esgotava... «Basta!

Custe o que custar, quero mergulhar no lago e nadar sòzinho...»

Ah! Como todos os outros cuidados intelectuais, todas as discussões de pouco antes sobre arte, letras, política, todo o esgrimir de lâminas ocas lhe pareciam, naquele momento, uma tola cena de opereta. Antes do belo, antes da paz, antes das ideias, antes da guerra, antes do futuro da humanidade, está a boca. Quando ela grita de fome... é preciso fazê-la calar! Alimentá-la!

ANITA já não aguentava a sua dupla carga: as suas forças não podiam mais! Os meios de existência rarefaziam-se na sua esfera. Toda uma classe média de trabalhadores intelectuais, à moda antiga, a parte melhor, mais honesta e desinteressada da burguesia liberal, estava a morrer a fogo lento, arruinada e dizimada pela guerra, pela bancarrota mascarada, pelo aniquilamento das suas laboriosas economias, pelos seus ordenados escassos e pela impossibilidade de se adaptar às novas condições, que exigiam uma raça nova, uma raça de rapina. Extinguia-se em silêncio, sem um grito de revolta, estòicamente, tal como o haviam já feito as suas irmãs da Alemanha e da Áustria, atingidas mais cedo. Não era a primeira vez que a história registava a derrocada — fatal depois das grandes guerras e das crises sociais — dum dos mais nobres esteios do velho edifício humano. A história, porém, não se ocupa disso. É feita pelos vivos, que caminham sobre os mortos, depois de os terem despojado. Tanto pior para os que caem! Que a erva e o silêncio cresçam sobre eles!

Anita não estava prestes a sucumbir. Tinha as pernas e os braços vigorosos. Era sólida e maleável. Sabia adaptar-se. Lutava, porém, à parte as condições opressoras que pesavam sobre a sua classe, com dificuldades especiais que a visavam pessoalmente. Na sua própria classe, entre essa burguesia intelectual que trabalhava pobremente, chocava a cada passo com más vontades. Estavam informados do seu «espírito» durante a guerra,

e não lhe perdoavam. Embora desconhecessem as circunstâncias da sua aventura, sabiam que mergulhara no «derrotismo internacional» (estas duas palavras juntas são o pecado sem remissão); abandonara impudentemente a Santa Vehme (*) da pátria e da guerra. Não voltaria a entrar lá! Ela própria fechara as portas atrás de si.

Sem ser necessário passarem palavra, encontrou, por toda a parte, portas fechadas e caras de pau. Nenhum lugar numa escola, pública ou privada. Não mais lições para dar nas casas burguesas que frequentava dantes. Não respondiam às suas cartas. Um dos seus antigos professores da Sorbonne, que lhe testemunhara sempre uma certa amabilidade, dirigiu-lhe em resposta o seu bilhete de visita com as iniciais das palavras: «a despedir-se». Estava ameaçada de morte... Têm duras cabeças teimosas esses burgueses universitários de velha cepa, com grandes virtudes e um espírito de abnegação que os aparenta aos seus modelos (muito estudados): os estóicos de Roma e os moralistas da antiga França! Cultivam, porém, a intolerância implacável do espírito, ajuramentada sucessivamente ao serviço do seu Deus, do seu Rei, da sua Lei ou da sua Pátria: e as suas narinas sorvem ainda o cheiro, se não de carne, da alma grelhada na fogueira do herético e do relapso, que se recusa ao seu *Credo*. Quanto ao mais, não os acusem de só crerem com a boca e de alijarem o fardo!

Não os confundamos com esses saltimbancos da pena, que fazem de Tirteus em casa, com as nádegas ao fogo da lareira, abrigados das granadas diante das quais teriam fugido, e das solas enlameadas dos soldados ansiosos por as marcarem nelas. Esses duros burgueses contribuíram com o seu sangue. Não havia uma só dessas famílias que não tivesse pago. Anita sabia-o. Não lhes censurava a sua dureza. Essa inumanidade da dor é humana — demasiado humana! — principalmente quando a dor não

(*) Tribunal secreto alemão do século XV, que espalhava o terror e era uma espécie de maçonaria. *(N. do T.)*

tem a certeza de não se ter enganado, de ter sido sacrificada num altar duvidoso por vis pontífices. Como reconhecê-lo seria a suprema desesperança, cerra os dentes e antes quer morrer do que confessar o seu erro. Desgraçado daquele que, pela sua oposição à tendência comum, pela sua recusa de obedecer, pela sua existência à margem do rebanho, faz brecha no *Credo!*

Anita recomeçou a corrida aos mil lugares de um dia ou de uma semana que tivera de fazer uns vinte anos antes, quando Marcos era ainda uma criança de berço. Agora, passados os quarenta, deveria ter mais dificuldade em se reabituar. Acontecia, porém, precisamente o contrário. Sentia-se mais leve do que aos vinte e cinco. Uma estranha euforia, que a tranquilidade moral produzida pelo fim da guerra talvez não explicasse por completo, devia ter as suas raízes num estado de equilíbrio fisiológico, tal como se produz às vezes nessa etapa da vida, semelhante a um elevado planalto entre duas difíceis subidas: a ascensão, a muralha escalada, os precipícios no fundo dos quais estivemos prestes a rolar, a sã fadiga dos músculos esforçados e o ar vivo das alturas bebido a plenos pulmões — tudo são motivos de prazer. O que vier depois, a seu tempo se pensará nisso!... «Não tenho pressa. O que tenho pertence-me. Esta golfada de ar pertence-me. Respiremo-la pois! O pesadelo, que oprimia a Europa e a mim, a carga de sofrimentos, desapareceram por algum tempo — um tempo que passará demasiado depressa — mas também passo, tudo passa — e esse tempo é preciso aproveitá-lo. A vida ensinou-mo...»

Estava na fase em que sabia finalmente o preço da hora presente. A hora era boa para mastigar, desde que se tivessem bons dentes. Não importava que a erva fosse eriçada de espinhos; era farta e sumarenta e, até quando amargava, isso só lhe realçava o gosto. Anita devorava o seu prado. Sabia que, alegrias ou desgostos, pouco lhe restava para farejar com o focinho e arrancar com a língua. Além disso, não se atormentava, como o filho (é o destino dos jovens, ela também sentira o mesmo),

com o dia de amanhã, com o fim dos tempos. Ele, no fundo, censurava-a por isso; os seus olhos diziam-lho às vezes amargamente. Achava que ela procedia como os outros do seu tempo, os egoístas, os míopes, os indiferentes, os de: «depois de mim, o dilúvio!»—todos os que ele amaldiçoava. Não a amaldiçoava, contudo, a ela; pois a mãe tornara-se-lhe, no decurso de provações comuns, como um pedaço de si próprio, e o seu rancor cedia perante a enigmática claridade daqueles olhos azuis, que sorriam do rosto carrancudo do filho. O que não compreendia nela, aceitava-o, embora não o aceitasse nos outros... Injustiça? Favor? Por que não? Sabe bem ser injusto em proveito de quem amamos. Nisso é que consiste a justiça. Aí não intervém a razão.

Por que riam aqueles olhos, até dos tormentos cujas sombras passavam no rosto do filho amado, até da desgraça dos tempos, até da sua própria dificuldade de viver? O presente não lhe oferecia verdadeiramente muitas razões para isso. Se lhe acontecia pensar no assunto, sentia-se tentada, ela própria, a censurar-se. Anita, no entanto, tinha um motivo misterioso, terrível, desses que não se confessam, pois são um ultraje a nós próprios e ao nosso coração, infligido por uma força implacável, vinda não se sabe donde, de sombrias profundezas. Misturada com todo o seu amor aos seres mais queridos, com todo o mar das suas paixões, com todo o renascer da sua vida acumulada na mocidade, Anita sentia chegar a estranha Indiferença... A Indiferença dos que tantas vezes usaram, com paixão, o sofrimento e a alegria, os laços da Ilusão. Quando esses laços afrouxam, se acaso ainda se sente a sua marca profundamente gravada na carne, é porque isso nos dá prazer e a sós connosco próprios apertamos a corrente; ela aperta porque continuamos a amar, aperta porque o desejamos, porque queremos que aperte... mas se não quiséssemos?... A gente sabe, a gente sabe!... É melhor nem pensar nisso. Não há, porém, outro remédio, bem o sabemos... Claros olhos terríveis e ridentes da Liberdade...

Não eram segredos que se confiassem aos jovens; e, quanto a si própria, era preferível, desde que pretendia agir, não os aprofundar. O facto, porém, de trazer o seu soro injectado no sangue, numa natureza robusta e bem equilibrada, não prejudica esse equilíbrio, antes o estabelece sobre elementos mais ricos. A acção nada perde com isso; torna-se mais firme, mais alegre, e ao mesmo tempo mais liberta do medo e da esperança. Não se saberia explicá-lo — a menos que se tratasse dum guia muito experiente — mas é sòmente a partir de certa fase que se começa a gozar plenamente da vida e da acção, porque a todas as febres que elas possam trazer está ligada para sempre essa luz exaltante, essa revelação («Não desvendes o teu segredo!») de que «tudo isto é um jogo».

Era uma disposição geral da época, um fenómeno do após-guerra. A acção tinha sido de tal modo terrível, tão intensas as paixões empenhadas, que era preciso, para poder continuar, afrouxar a alta pressão do espírito: «jogava-se» com a vida; «jogava-se» tanto com o terrível como com a alegria; «jogava-se» com o amor, com a ambição, com o ódio. «Jogava-se» instintivamente, sem contudo o confessarem... Tremendo perigo duma época que perdeu, por um tempo, o sentido dos valores da vida, e para a qual os mais graves se tornaram brinquedos! Poucas eram as pessoas que, umas mais, outras menos, não tomassem parte nesse espírito de «jogo». Anita, apta a sentir todos os sopros que passam, sofria também o contágio, trazendo para o jogo o seu estilo próprio. Estava predisposta para isso, a «Alma Encantada»!...

No jogo da vida, Anita, porém, deixava de se interessar apenas pelas suas cartas; via melhor no jogo dos vizinhos, não para lhes ganhar, mas para jogar o seu jogo. Se lhe ganhassem, acharia meio de que nem tudo fosse perda para si: sempre acabaria por recolher no campo deles, depois de feitas as paveias, um punhado de espigas de divertimento. Captava o cómico das situações desagradáveis que lhe cabiam em sorte e o ridículo

dos triunfadores que a exploravam. O lado borgonhês do seu temperamento tinha vindo ao de cima. Nada de puritanismo, nada de tendência melancólica para um pessimismo que as desgraças do tempo e o seu próprio azar poderiam justificar! Seguia o seu caminho, era franca e corajosa, e não tinha necessidade de endireitar quem ou o que, no seu caminho, fosse corcunda ou torto. Os seus olhos sorriam e diziam: «O mundo é como é. Sou como sou. Faça ele o possível para me suportar. Por mim, suporto-o bem!»

Até o filho querido, a mais cara Ilusão («Tesoiro! Também o és, como tudo o mais... Luz dos meus olhos... Sem ti veria ainda?...»), Anita já não pedia que fosse feito à sua própria imagem, pensasse como ela pensava, amasse o que ela amava... Ria, ao ver dentro dele, com os seus olhos livres e curiosos, esse mundo incandescente, com turbilhões de fumarada. Ah! Nem tudo lá dentro era belo! Evidentemente! Viam-se passar animais ferozes, cruéis e ávidos, ódio, orgulho e luxúria, todos os vícios da violência, mas («Louvado seja Deus!... Louvado Deus? Louvado o meu ventre, que te moldou!») nenhum vício de baixeza. Muitos lobachos... Ora! Fazem parte da floresta da juventude... «Correi! Mandei para a floresta o chefe da montaria: que aprenda o seu ofício!»

Ria para o filho querido, que respondia ao riso com olhos severos... «A tua mãe não tem coração — pensava ela, divertida — não é verdade, meu pobre Marcos? Tens diante de ti sofrimentos e combates e ela não tem pena de ti!... Deixa lá, ela sabe (e tu sabes) que é preciso passar por isso, mas passar sòzinho. Sairás disso pisado, dorido, ferido talvez, mas enrijecido. Não me interessa uma virtude sem riscos conservada no abrigo. Arrisca-te! Mergulha sete vezes seguidas no fogo! Quando saires de lá, dir-me-ás obrigado.»

Eis por que Anita compreendeu desejar Marcos evadir-se dela e da sua casa. Por mais liberdade que lhe desse, e embora se abstivesse prudentemente de o interrogar sobre tudo quanto não fosse ele o primeiro a falar, a

susceptibilidade de Marcos dizia-lhe que era vigiado. Os seus movimentos eram constrangidos e irritava-se com o entrave; porém, recuava perante o desejo colérico de o dizer a sua mãe. Anita não precisava que Marcos lho dissesse: a brusquidão rancorosa deste, os seus silêncios tempestuosos falavam por si. Antecipou-se. Tanto mais que as circunstâncias materiais tornavam difícil a vida em comum. As exigências dum novo aluguer obrigavam a abandonar o antigo apartamento, e a crise de habitação não deixava entrever nenhuma possibilidade de encontrar em Paris, por preço acessível, uma instalação que lhes conviesse. Enfim, o dinheiro faltava; a sua procura ia provàvelmente forçar Anita a abandonar Paris.

SURPREENDER-SE-ÃO talvez de que não tivesse pedido à irmã os meios para ficar. Sílvia, com efeito, tinha possibilidades de a ajudar e não teria recusado. É preciso, porém, lembrarmo-nos do espírito das duas irmãs e, apesar da mútua afeição, dos contactos irritantes entre esses dois temperamentos orgulhosos e rivais. Embora as duas se acarinhassem e reconhecessem uma à outra superioridade no seu domínio à parte, cada qual olhava (é claro!) o seu como o melhor. Sem darem perfeitamente conta disso, cada uma procurava estabelecer sobre a outra, no decurso da vida, a sua vitória moral. Nunca era com prazer que uma se resignava a pedir à outra que lhe desse lições. Ambas jogavam — oh! sem se aterem ao que estava em jogo! — e ambas queriam ganhar sem pedir novas cartas.

Anita, contudo, dera a Sílvia a satisfação, de orgulho e de afecto, de lhe pedir o adiantamento de alguns milhares de francos, poucos meses antes, para pagar umas dívidas urgentes, as despesas escolares de Marcos e umas rendas atrasadas. Conservava o espírito dos burgueses de outrora, que não dormiam enquanto tivessem uma dívida a pesar-lhes na consciência. Para sua contrariedade, não fez, porém, mais do que mudar de dívidas: não sòmente não tinha possibilidade de reembolsar a irmã, a não ser daí a muito tempo, como se via na necessidade de lhe pedir mais dinheiro emprestado. Sílvia rejubilava com isso. Projectava aproveitar a actividade de Anita e fazê-la tomar parte nos seus negócios. Havia

uns vinte anos que tentava conseguí-lo, sem nenhum êxito. Apesar do malogro, não desanimou. Sílvia, como Anita, era dessas que, quando têm na cabeça uma ideia que a vida contraria, podem calar-se toda a vida, mas nunca cedem uma linha, contando que a obstinação da vida afrouxará mais cedo do que a sua.

As circunstâncias, então, favoreciam-na. A hábil mulher ia de vento em popa; estava pronta para a manobra. Soubera tirar proveito da explosão de prazer, do delírio de luxo, de danças e divertimentos. A sua casa de modas, que lucrara enormemente no último ano de guerra, estava a caminho de se alargar com salões de exibição, chá, *dancings*, recitais, institutos de beleza, e até salas de fumo de ópio nas caves luxuosas. Fazia-se ali quase tudo que é possível fazer nos limites do bom gosto e da boa sociedade, porque a abadessa era demasiado filha de Paris, livre e fina, para permitir na abadia de Thélème (*) violências e grosserias. Quanto ao mais, a boa divisa: «Faz o que entenderes!» Nas altas esferas obsequiara um número de pessoas, gratas bastante para evitar que se vissem as suas coisas muito de perto.

Havia meio ano chamara para junto de si uma personagem que se julgara indispensável na dupla qualidade de associado e de amante. Indispensável, nada o era para Sílvia: jamais sentia necessidade dum substituto. «Por falta dum monge, o mosteiro não fecha...» Aceite, embora transitòriamente, a ligação mantinha-se. Sílvia encontrava nisso ao mesmo tempo interesse e prazer. *Utile dulci*... Era um dos grandes saltimbancos da moda. Um clarão de génio revelara-lhe que, para dominar o mundo, é preciso tê-lo preso pelo nariz. Improvisara-se o ás da perfumaria, célebre dum lado e doutro do Atlântico, tanto pela forma dos frascos como pelo conteúdo. A sua glória rivalizava com a de Foch. O cavalheiro não estava longe de pensar que representava uma honra

(*) O local imaginado pelo génio de Rabelais para reunir toda a abundância e os prazeres materiais. *(N. do T.)*

igual para a França. Feitas bem as contas, no seu género fora menos dispendioso. Vangloriava-se, a torto e a direito, de ser o Napoleão das mulheres: metade do mundo; deixava a outra metade ao Primeiro. Assinava os seus produtos: Coquille (Guy) (pois embora o seu verdadeiro nome, Cocu, dê sorte, segundo dizem, não é coisa que se proclame). Sílvia se encarregaria, mais tarde ou mais cedo, de honrar a sua assinatura!...

Por agora, mantinham-se ligados um ao outro pelos sentidos e pelo bom-senso, isto é, pelo interesse. Coquille fazia boa figura; e, graças a alguns favores hàbilmente concedidos a um dos primeiros agentes de negócios da imprensa cotada, não tivera nenhuma dificuldade em conseguir ornamentar a lapela com uma condecoração que correspondia a um aumento de 50 % no preço dos frascos de perfumes.

Sílvia era uma estupenda companheira. A fresca maturidade dos seus quarenta anos adquirira o brilho opulento das ninfas de Jordaens. O sangue aflorava-lhe à pele, à fronte e aos seios — um tanto excessivamente — mas ela não fazia nada para lhe diminuir o ardor. Era um dos seus atractivos. Desprendia-se disso, assim como dos olhos sensuais, um hálito de volúpia, que parecia banhá-la toda, espléndidamente despida. Quando se via ao espelho (então sem nenhuma bruma nos olhos, o olhar, de sobrancelhas rapadas, passeava de alto a baixo, claro, agudo e preciso, como o *Petit-Caporal* (*) à frente da sua companhia) procurava, irónica, as formas da Sílvia sem seio, a gata magra dos vinte anos, naqueles ombros fortes e no pomar daquele peito — bela colheita, cestos cheios — cujos frutos expunha, sem dissimular a sua orgulhosa plenitude.

Com efeito, estava suficientemente senhora de si para desafiar a moda que aliás fabricava, a qual passava um cilindro pela frente e por trás das mulheres. «Faça cada um o que entender. Seja pela Vénus «apige»! Cor-

(*) Apelido que os soldados davam a Napoleão I. *(N. do T.)*

tamos-te tudo que quiseres, minha querida...» mas não gratuitamente! Qualquer dos seus vestidos caseiros custava o preço da fazenda para uma família inteira. Anita ajudara a preparar os seus modelos de alto preço (e a conta ia aumentando), tirados das belas de Primatice e de «Fontainebelleau». Chegara até a desenhar-lhe alguns livres modelos para se divertir. Sílvia exagerara os elogios, esforçava-se por convencer a irmã de que o seu verdadeiro lugar era à frente da secção de desenho, ou que o seu espírito de ordem a designava para ter sob a sua superintendência as novas secções que se propunha montar. Efectivamente, a casa multiplicava-se por vários bairros de Paris.

Anita, porém, não estava disposta de modo algum a tornar-se satélite do astro Sílvia. Por mais suaves que fossem os perfumes da constelação, esse burburinho das modas e das voluptuosidades desprendia um cheiro demasiado forte para o seu gosto. Não criticava a maneira como Sílvia fazia fortuna, mas não queria tomar parte nessa fortuna. O seu orgulho já se sentia ferido por ter aceitado algumas migalhas: não teria descanso enquanto não lhas restituísse.

Acrescente-se (nisso tinha o cuidado de não falar) que o Napoleão dos frascos se permitira, certa noite em que se encontrara só com ela num corredor da loja, certas intimidades que não pôde levar muito longe, porque um simples gesto o fez bater em retirada. Se, no entanto, o espírito desdenhoso de Anita riscara o incidente da memória, a carne, ofendida, não perdoava. Numa mulher que só se dá inteiramente, a carne é orgulhosa e, mais ainda do que o pensamento, rancorosa.

O seu partido estava, pois, tomado: não aceitar nada da irmã. Deixava, todavia, ao filho a liberdade de não recusar. Não se sentia no direito de o privar dum auxílio, se ele assim o entendesse. Na sua idade, era a ele que competia assumir as suas responsabilidades. Anita disse-lho, mas evitou lançar sobre a irmã um descrédito que influísse na decisão de Marcos. Este era demasiado observador para não ler num pensamento que se lhe tor-

nara familiar. Compreendia e aprovava secretamente essa tranquila intransigência. Não estava disposto, contudo, a imitá-la. Pelo menos de momento. Não via por que razão, se lhe ofereciam a maçã, recusaria a oportunidade de a morder e de conhecer um mundo de aventura. Sabia bem que uma dentada em nada o comprometeria. O rapaz, bastante desconfiado (Marcos conhecia tão bem como a mãe a açambarcadora Sílvia e as suas artimanhas para lançar a fateixa às pessoas), decidira, em princípio, adoptar o sistema de aceitar dela o menos possível, pois sabia que a tia jamais esqueceria o dinheiro que dava, até àqueles a quem amava... Oh!, não era agarrada ao dinheiro, mas sim ao que podia agarrar com ele. Agradava-lhe pensar que, por esse preço, os que amava, os que desejava, lhe pertenciam. Jamais lhes lembraria isso, mas contava que eles se lembrassem. Era como se tivessem assinado com ela um contrato secreto; uma vez que o reconhecessem tàcitamente, nada mais queria; mas queria muito. Era isso que o rapaz, impaciente por sentir o freio, menos podia tolerar. Não o levaria a manjedoura.

Anita não sentia qualquer inquietação. Estava tranquila acerca da independência do seu potro. De antemão, a sua boca sinuosa sorria maliciosamente do filme invisível que passava: Sílvia, arregaçada, como uma pescadora à linha, lançava o anzol ao peixinho que, curioso, mas desconfiado, o toca com o focinho desdenhoso, e segue. A cana treme. A linha estica-se. Num puxão seco, a mão atenta fá-la saltar fora da água. O anzol está vazio. A isca desapareceu. O peixe também. Anita ria do nariz franzido de Sílvia: conhecia a sua beiça de despeito colérico contra quem quer que se opusesse à sua vontade. Marcos, que a observava havia momentos, perguntou-lhe:

— Mamã, de que te ris?

Anita fitou o seu rosto inquieto, sombrio, permanentemente alerta, como se o mundo inteiro não tivesse preocupação mais urgente do que procurar abocanhá-lo, e disse:

— De ti, «também».

— «Também»? Quem é o «outro»?

Anita calou-se. Não, não era isso que a inquietava ao deixá-lo sòzinho nessa floresta de Paris, porque, decididamente, ia partir. O acaso acabava de lhe oferecer uma oportunidade. Aproveitava-a. Depois de ter tentado uma meia dúzia de empregos, feito cópias, encomendas, rótulos para estabelecimentos, investigações nas bibliotecas por conta dum homem de letras que confeccionava biografias romanceadas (Anita levava-lhe os documentos, que ele deformava, a fim de fazer rir à custa do seu herói, libertino, nevrótico, grotesco, palhaço de circo shakespeariano, pois era assim que a nova classe de clientes, ignaros, ociosos e maldizentes, concebia a história: uma colecção de mexericos género porteira). Depois duma vintena de correrias dum extremo ao outro de Paris (conhecia a cidade palmo a palmo), Anita mantivera, finalmente, durante algumas semanas o lugar de secretária e de caixa num hotel do bairro da Étoile. Aí, também, não faria carreira: teria de reconhecer, com vergonha, que toda a sua instrução não lhe dava a necessária experiência para desembaraçar a meada da contabilidade.

No escritório, travara conhecimento com uma família romena que se lhe tinha afeiçoado. Desde as primeiras palavras trocadas, as três jovens votaram-lhe uma dedicação extrema: confiaram-lhe imediatamente os segredos dos seus coraçõezinhos. A mãe, também, não fizera mistério dos seus, e consultara-a sobre os estabelecimentos, as «toilettes» e as pinturas. Era o reino de Sílvia, junto da qual Anita a introduziu. Um tal parentesco não pouco contribuiu para o ascendente que a sua pessoa exercia. Até o pai lhe contava as suas aventuras galantes e lhe pedia conselhos sobre a arte de agradar às mulheres de Paris. Era um bonito homem, de cabeça redonda, com a cor escura das nozes e um ocre de bilioso, olhos opacos de argila negra, fronte baixa, queixo curto e um pescoço forte, que carregava terrìvelmente nos *rr*, com afectação. Grande proprietário na Valáquia,

enfeudado a um dos clãs da burguesia senhora das terras que explorava o país, fora delegado pelo seu grupo à Comissão das Reparações. As oscilações bruscas da política acabavam, porém, de provocar uma mudança da equipa que mastigava o feno na manjedoura; e Fernando Botilescu, de palha entre os dentes, bem saciado, voltava com os seus para Bucareste.

Juntamente com as caixas de farrapos que levavam de Paris, tiveram a súbita fantasia de levar Anita. A sua inteligência e o seu bom gosto de parisiense, a sua experiência variada da vida, os seus modos desembaraçados e afáveis, a arte natural da conversa, constituíam um motivo de secreta admiração e de inveja. Em menos de uma semana, persuadiram-se de que Anita era uma aquisição indispensável. As jovens, uma noite, lançaram-se-lhe alvoroçadamente ao pescoço por entre risos, lágrimas e beijos ruidosos, chilreando que não podiam separar-se dela. O pai propôs-lhe acompanhar a mulher e as filhas na qualidade de governanta, de amiga, de professora, de dama de companhia. Os limites dos papéis estavam mal estabelecidos. As condições oferecidas, no geral e no vago, estavam por igual insuficientemente definidas. Tudo, porém, fora apresentado com tal sinceridade que Anita, ansiosa por se ver longe de Paris, aproveitou a ocasião. Não era insensível à afeição transbordante das três afectuosas raparigas, que lhe punham a nu as suas almas primitivas e complicadas. A sua expansividade sem limites fazia um feliz contraste com a natureza concentrada de Marcos e a reserva que Anita se esforçava por observar nas relações com o filho.

Assim, pois, decidiu-se a deixar Marcos. Sabia os riscos que isso trazia. Eram imensos. Não havia, porém, nada a fazer. Não tem valor quem não é capaz de os correr. Quem diz vida, diz morte; é um duelo de todos os instantes. Anita pousou-lhe as mãos nos ombros. Num repente, observou-o até ao fundo. Naqueles olhos claros, Marcos viu-se nu, fez instintivamente um movimento brusco, como para ocultar as partes vergonhosas do seu pensamento. Anita, porém, vira-as... Demasiado tarde!

Marcos torceu o nariz e dobrou-se sobre si próprio, irritado. A mãe disse:

— Meu querido filho, sou um peso sobre os teus ombros... Sim, bem vejo... compreendo, não te defendas!... Gostas muito de mim, mas precisas da tua liberdade. É legítimo. Esta testemunha perpétua incomoda-te... Vou deixar-te livre. Poderás realizar sòzinho as tuas experiências. Quando fazemos a nossa aprendizagem da vida, os parceiros estão a mais; que deixem o lugar vago! Devemos poder errar sem público... Vai pois, e erra!... Sabes, como eu, que as tuas experiências serão muitas vezes à tua custa... Faz sòmente o possível para que o sejam mais vezes à tua custa do que à dos outros!... Sim, meu filho, falamos como velhos companheiros; posso dizer-te: tenho mais confiança na rectidão do teu coração do que na do teu espírito... Ao fim e ao cabo, prefiro que assim seja... És violento, orgulhoso, impulsivo, disposto a agarrar e a destruir... Não posso poupar-te às injustiças e aos danos... No entanto, (é a única coisa que te peço) poupa-os aos fracos, aos humildes, àqueles ou àquelas que mal podem defender-se!... Quanto aos outros, é com eles e contigo. Que se aguentem e tu também!... O grão é feito para ser malhado. Vai, para que te malhem... Como diz o provérbio: «Toda a morte tem a sua batalha e todo o grão a sua palha». Ainda não perdi a minha totalmente. És o meu grão. É a tua vez de passares pela eira! Para que Deus faça o seu pão... *Da nobis!*... Ele não no-lo dá; nós é que lho damos. Somos nós, com as nossas desgraças, que lhe peneiramos a farinha...

— Não admito ser comido — observou Marcos — sem comer também a minha parte.

Encobria com rudeza a comoção que lhe causavam as palavras da mãe. Esta fora direita ao fundo. Inútil explicar-se. Compreendiam-se por meias palavras. Ficaram ainda um momento encostados um ao outro, a observarem-se. Havia na ternura de ambos um desafio:

(— Amo-te. Mas não to direi.

— Não é preciso que mo digas.)

Anita tomou-lhe o queixo e riu:

— Pois bem, come a tua parte, meu lobacho. Por mim, tenho a minha.

Beijou-o.

Não era costume mãe e filho beijarem-se. Desconfiavam das efusões. Aquele beijo de adeus era assim mais significativo. A boca de uma dizia à do outro:

— Arde, se queres! Vê lá, porém, se não te sujas! Ficas marcado com o meu selo.

Na noite seguinte, ao acordar, o jovem, fremente, percebeu pelo menos assim a ordem. Era demasiado sincero consigo próprio para não saber que desobedeceria. A ordem era sua, não de outrem. Por esse outrem, que decidira por si, Marcos sentia, nessa última noite em que dormiam juntos debaixo do mesmo tecto, um respeito mais apaixonado do que o amor. Detinha a respiração para escutar a respiração que vinha do quarto ao lado. Sentia-se inundado de desejos confusos, de pensamentos pesados, desejaria partilhar os seus tormentos com ela; mas julgava-a demasiado recta, demasiado sã para poder compreendê-los; e a própria confiança que a mãe depositava nele o detinha no seu desejo de se confiar: receava desiludi-la.

Anita dormia. Bem sabia que o filho a trairia, se trairia. Quem vive, atraiçoa e atraiçoa-se entre um e outro canto do galo. Basta, porém, que seja capaz de ouvir sempre o canto do galo e diga todas as manhãs: «Fui vencido; mas recomeçarei...» Anita sabia que o filho jamais deporia as armas. Nada mais pedia. Anita dormia.

MARCOS encontrou-se mais tolhido do que aliviado com a sua liberdade. Esta foi sempre o mais caro de todos os bens. Naquele tempo, era ruinosa. Era preciso ser muito rico para a poder usar. Marcos sabia que não a teria gratuitamente, mas fazia todos os esforços para a conquistar pelos seus próprios meios. Anita teve certa dificuldade em lhe fazer aceitar, ao partir, uma pequena quantia que lhe permitisse esperar umas três ou quatro semanas, enquanto procurava trabalho. Não confiava muito na fanfarronice juvenil, mas não lhe desagradava que fosse ele próprio a tentar a prova e que a vida o punisse. O lago estava agitado, o seu patinho seria sacudido, mas um pato não se afoga num lago. Aliás, não tinha dúvidas nenhumas: mal voltasse as costas, Sílvia lá estaria, na margem, a chamar: «Pequenino, pequenino!...» O pequeno estava prevenido. Que se desenvencilhassem os dois!

Marcos tinha a pretensão de não precisar de quem quer que fosse. Recusou, negligentemente, a primeira oferta de Sílvia. Esta não insistiu. Tal como Anita, estava convencida da lição que uma rápida experiência infligiria ao fanfarrão. Marcos sentiu-se picado pela irónica indiferença como a tia aceitou a sua recusa. Ao reflectir no caso, pressentiu vagos motivos de inquietação, uma conspiração contra a sua liberdade. Isso só contribuiu para mais o estimular a defendê-la. Havia, porém, muita coisa a fazer, pois o inimigo vinha donde ele não esperava. O único a conspirar era ele.

Não sabia de modo algum como decidir da sua vida. No entanto, era urgente que decidisse. A vida actual é uma corrida aos empregos. São para os primeiros que se atirarem a eles! Para se atirar, porém, é preciso ter escolhido... «Não, atira-te! De contrário, encontrarás a mesa levantada...» «E se nada do que está em cima da mesa me tenta?...» «Então só te resta o que há debaixo. Serás cão.» «Preferia antes ser lobo, como «ela» disse». Isso, contudo, é um luxo. Os exploradores, os senhores do dia, reservam-no para si. Para os outros, os pequenos, as galés!

Onde encontrar um emprego à medida das suas forças? No algibebe, já não há daqueles fatos usados que se ajustam aos troncos juvenis. Para um rapaz intelectual e pobre, que possui os seus diplomas universitários, a Universidade oferece (oferecia ontem) uma natural saída: a sua vez de ensinar. Hoje em dia, porém, a Universidade está em baixo. Está pobre, e aceita a sua pobreza sem recriminações. Outrora, esta aceitação tinha o nome de nobre altivez. Hoje, as bocas jovens cospem nesse pão bolorento. Não estão longe de lhe chamar o pão dos falhados. Foi, no entanto, por esse preço que os nossos grandes sábios desinteressados enriqueceram a humanidade com os seus trabalhos. Sim, mas pelo menos, por esse preço, defendiam a sua independência. Hoje, é a sua domesticidade que defendem. Os anos de guerra mostraram na Universidade a melhor serva do poder. Ser ao mesmo tempo pobres e escravos, desinteressados e servis, era demasiado para a ironia desses jovens. Estavam em condições favoráveis para desprezarem o «idealismo». Como réplica, vangloriavam-se de precisarem de ser ricos e que o seriam... Dessem-lhes dez anos de espera!

Dos Sete, dois seguiram, não por escolha, mas por necessidade, o caminho, sem alegria, da Universidade. Bouchard, com cólera, com rancor, a morder o freio, a relinchar como um cavalo com cio; Ruche, fria, irónica e decidida, sem nada revelar dos seus pensamentos, das suas estepes de tédio... «Caminha e cala-te! Se

páras, nunca mais andas... Qual é o objectivo? Não sei. Haverá algum? Talvez que, ao caminhar, se encontre... Se não se encontrar, passar-se-á sem ele!...»

Marcos, hesitante, acompanhava-os no começo do caminho, mas estava decidido a abandoná-los na primeira volta. Sua mãe, ao deixá-lo completamente livre, obrigara-o, qualquer que fosse a sua decisão imediata, a aproveitar o treino para se licenciar. Era uma pobre carta no seu jogo, mas é de boa prudência não rejeitar nenhuma carta, quando se tem tão poucas. Anita viu também nesse objectivo determinado, sem contudo se iludir em excesso, uma disciplina salutar de alguns meses, durante os quais o espírito indisciplinado aprenderia a dar sòzinho os primeiros passos. Marcos preparava, pois, o exame, mas sem esperança, não só de passar, mas de ir até ao fim. A sua atenção estava demasiado distraída por uma multidão de assuntos. Esse era o meio de se fechar num reduto de conhecimentos poeirentos, onde não penetra um sopro do presente! À sua volta, o *orbis terrarum* do espírito crescia imensamente. Quem quer abarcá-lo, até só com um olhar apressado, não tem um minuto a perder, pois nada é seguro — tudo vacila, vive-se sem amanhã. «Amanhã, o abismo da guerra e das revoluções pode engolir-me. Condenar-me-ei ao ascetismo dum regime escolástico! Em nome de que fé? Só tenho uma fé: ver e apalpar. Depois, crer! Não será para os dias de hoje. Para hoje, ver e apalpar tudo que posso apanhar...»

Não era o único, nessa juventude, a possuir o prurido de impudentes pequenos Sãos Tomés. À sua volta, havia uma contradança vertiginosa de aventureiros do espírito... pobres aventureiros, que passeiam por todos os climas do espaço e do tempo o seu eu ridículo dum dia, com os seus preconceitos, e que não vêem nada de fora sem entortarem os olhos para dentro, para a Casba, Paris e o seu «Que dirão?...» Esses «viste-me?» que, dos Pólos ao Equador, pintam a cara para se exibirem!... As livrarias do após-guerra estão cheias duma desvergonha de escritos trepidantes, que cheiram a bar e a

gasolina, aos grandes expressos e à rádio. Fuzilam o pensamento, dão safanões na arte, na política, na metafísica, e beliscam a religião. Bêbados com um quartilho, não se deixam, porém, enganar, prontos a zombar do que elogiam ou desprezam, sinceros na sua necessidade de mudar, na sua voracidade insatisfeita que morde em tudo e deita fora a segunda dentada, com febre nas mãos, com febre nos pés, com fogo no rabo. A sociedade desfila, por toda a terra, em palanfrórios sobre arte, em telegramas de *globe-trotters*, num bazar de Enciclopédia romanceada. Tudo a monte. Cada um tira do monte. Sem parar, veste-se a manga dum fato, enfia-se a perna num sistema — muito curto! muito comprido! — rejeita-se, engolem-se as ideias sem olhar para elas, sem se lembrarem, uma hora depois, da cor dos olhos daquela com quem dormiram. Quem se preocupa em conhecer a alma viva que palpita no fundo dessa carne devastada? A sociedade desfila diante do espírito como um filme. A desfilada! As formas sobrepõem-se, confundindo-se umas com as outras. Os dedos não retêm nenhuma. Deixam-nas cair. A vinha está completamente dizimada por bandos de estorninhos. Este ano não haverá vinho.

Os estorninhos são cinzentos. A nuvem chilreia. Nesse turbilhão, são necessários esforços sobre-humanos para seguir uma ideia. Bouchard esgotava-se, de testa franzida, com o sangue a juntar-se-lhe por cima dos olhos; obstinava-se para fazer entrar nas suas duras meninges a argila compacta dos livros de exame. Não sentia o gelo polar da sua mansarda. Tinha a cabeça a arder. O seu forte estômago, porém, dava urros. Era preciso tapar a boca ao lobo, até que as meninges absorvessem a ração de argila designada para esse dia. Quando chegava ao fim, a língua pendia-lhe da boca. Saía para a rua como um danado. Procurava alguém que lhe pagasse de comer. Procurava Véron. Dizia, cruamente:

— Venho ajudar-te a gastar o dinheiro roubado. Em nome do povo, recupero-o.

Véron começava por rir. Pretendia pagar com o desprezo:

— Queres um osso?

— Quero a carne — replicava o outro. — Quanto à carcaça, podes ficar com ela.

Véron tinha um riso amarelo; mas, por orgulho, procurava não o mostrar. Quando se desempenha o papel de Catilina, é preciso alimentar a canalha. A esta hora, ainda não se sabe se a canalha terá forças para se erguer sobre as ruínas. A sociedade está desamparada. Bastariam algumas energias decididas para fazer irrupção pela brecha, antes de os defensores retomarem alento. Os únicos chefes aptos estão, porém, bloqueados, sem comunicação com o grosso dos indigentes do mundo, que os ignora. Clemenceau está em vias de estabelecer na fronteira da Roménia e da Ucrânia a sua barragem de tropas aliadas, de olhos vendados pelas mentiras da sua imprensa. No Ocidente, os «Sustentáculos da Sociedade» terão tempo de se reformar.

No entanto, nesses primeiros meses de 1919, o ar estava saturado de electricidade. Véron que, pelo meio em que se movia, estava melhor informado, farejava as possibilidades duma explosão. Era suficientemente sensato para não confiar aos seus íntimos o que sabia, o que contribuía para o manter ao abrigo de qualquer risco, o que o fazia antes falar do que agir. Não era desleal nem covarde: (nenhum desses jovens o era; arriscariam a pele com a condição de não serem enganados como os seus predecessores, esses infelizes — diziam: esses imbecis!) Precisamente, Véron não queria ser levado nem pela Revolução nem pela reacção. Estava pronto a destruir a sociedade, desde que essa destruição oferecesse garantias; se assim não fosse, Véron destruiria os destruidores. Tanto pior para eles! Merda para os vencidos! O desprezo dos fracos é a moral dos Vérons. Que não se metam debaixo das suas patorras!

Véron esperava ver se os auroques moscovitas saberiam abrir passagem. Enquanto esperava, em Paris, ia apalpar com Bouchard o ventre da Revolução. Não

precisava de muito tempo para diagnosticar que o fruto estava morto. Faltavam-lhe os órgãos essenciais. Na massa confusa dessa juventude revolucionária, ou que dizia sê-lo, não existia um preparado para actuar. Para uns, agir é simples, demasiado simples: é malhar. Atirar para o monte. Às cegas. Para outros, agir é discutir a respeito da doutrina. Estavam longe de ter terminado de o fazer e era bem possível que não tivessem empenho nisso. Os doutrinários mais fanáticos acham-se dispensados de actuar, pelo dever de manter pura a doutrina; a acção é sempre, mais ou menos, um compromisso. Nuns e noutros, nas pessoas da acção e nas da teoria, há uma ignorância crassa da realidade viva, da organização dos Estados gigantes dos nossos dias, do seu aparelho respiratório e digestivo, das suas quotidianas necessidades económicas, das leis vitais que regem os pulmões e os intestinos desses Gargântuas. Onde e como teriam esses pobres rapazes estudantes, operários, antigos combatentes, os meios de o aprenderem?

Véron, esse, estava familiarizado com os intestinos — com o dinheiro, os bancos, os negócios, o vaivém perpétuo do aparelho de exploração, da maquinaria monstruosa que, sem cessar, tritura a natureza e a faz passar de elemento a alimento, a excremento, a alimento... Ouvia e olhava para esses ingénuos, com cara de esperto. Riso de lado, piedade feroz. Contudo, não os largava. Ainda não! Oportunamente, a sua superioridade incontestável nessas discussões assegurar-lhe-ia o comando. Proporcionar-se-ia, contudo, essa ocasião? Além disso, não tinha a certeza de esses imbecis estarem dispostos a reconhecer-lhe tal superioridade. Logo se veria! Enquanto esperava, arrotava Marx, tratava Bouchard de pequeno-burguês, porque Bouchard tinha a boca cheia de Proudhon, esse labrego! Bouchard, que não gostava de graças, ficava perplexo um momento, depois barafustava.

Exibiam, para a galeria, um assalto de violências dum contra o outro, e de ambos contra a sociedade.

Dir-se-ia que se julgavam Danton e Robespierre, a disputar, na Convenção, as cabeças dos outros e as suas. Véron, porém, não era tão tolo que acreditasse em quanto dizia. Era preciso ser Bouchard para tomar tudo a sério. Quanto mais falava e se entusiasmava, mais mergulhava no abismo da sua seriedade. A palavra dita não o libertava, como a tantos outros que falam por falar, antes o prendia. Era grito que retesa o músculo e ergue o punho, como nos seres primitivos. Véron experimentava uma sensação diabólica ao vê-lo espetar-se raivosamente na lança do «picador». Excitava-o a isso e se, ao mesmo tempo, derribava o «picador», esse escaravelho metido na sua armadura, tanto melhor. Belo espectáculo. Véron não se recusava a descer à arena para ver de mais perto. Não poderiam censurá-lo por ter medo. Foi daqueles que incitaram com violência a manifestação a Jaurès, do começo de Abril, e tomara parte nela.

Marcos deixou-se arrastar por Bouchard às reuniões dos estudantes socialistas revolucionários. Voltou lá irregularmente, menos por gosto do que por curiosidade: (a curiosidade de espírito era, nele, uma paixão a que dera o nome de dever). Aplicava-se a ler Marx; mas não o lia bem. Folheava. O seu individualismo indisciplinado irritava-se perante a implacável necessidade desse materialismo histórico. Bem quis submeter, por ascetismo, o seu eu absorvente. O eu recalcitrava. Só aflorava o prado marxista com a ponta das ventas desdenhosas. A predominância humilhante do «económico» sobre o «psíquico» revoltava-o. Ele e a mãe, contudo, «pagaram» para saber o que custa defrontar o «económico» e que é preciso ter isso em conta. Ele e a mãe eram, contudo, desses românticos (diremos antiquados ou eternos?) cuja verdadeira razão de viver está em reivindicar a sua alma independente contra todas as fatalidades que a oprimem. Não está provado que o consigam, em nenhum lugar, em tempo nenhum, mas querem-no. Não seriam eles, se não tivessem essa vontade. O facto de a terem, embora vencida, é já bastante.

Até se um Destino a extermina, o Destino tem de contar com ela, pois é um facto que poderia bem durar tanto como ele. Marcos não estava em boas condições para ler livros que não lhe devolvessem o reflexo dos seus desejos. Os seus olhos eram hostis. Estava ainda longe do alto espírito objectivo a que chega a maturidade dos lutadores aguerridos em presença do inimigo. Não escutava o adversário até ao fim; interrompia-o, dizia-lhe: «Não!»

Havia ainda mais: não era sòmente o pensamento oposto que se recusava a seguir, para conhecer bem o que combatia. Era todo o pensamento que exigia esforço para ser ouvido. Não podia ler nada com sequência. Estava derreado de atenção. Tinha febre no pensamento. Não podia fixá-lo em nada. Começava vinte leituras ao mesmo tempo; não acabava nenhuma. À primeira mudança de capítulo, o seu espírito seguia outra pista. Havia tantas que se entrecruzavam que veria o seu espírito nu, como um cão louco a dar voltas numa floresta, a dilacerar-se e a tropeçar até cair para o lado, com chispas vermelhas a dançar nos olhos. Invejava a colérica obstinação de Bouchard e a disciplina de Ruche, indiferente e ordenada, dir-se-ia, como uma partitura. Esses faziam sòmente o que estavam a fazer: o resto, que aguardasse a sua vez! Não desejava, porém, ser como eles. Bouchard, que não andava nem desandava, fazia-lhe pena. A pontualidade trocista de Ruche irritava-o. Não a concebia no acto do amor; mas quando o fizer, será a horas certas e com o mesmo ar indiferente. Sentia desejos de a deitar da cama abaixo: (verdade seja que, em estado de sonambulismo, com o pensamento nela, já o fizera; mas ela não estava lá, graças a Deus...) A cama, porém, estava vazia, e o cérebro cheio. Quando as raparigas não estavam numa, estavam no outro. Acotovelavam-se com as ideias. Marcos suportava-as raivosamente.

Entregue durante a guerra aos seus instintos, conheceu a mulher demasiado cedo e demasiado cruamente; nada o deteve, nenhuma reserva, nenhum véu; foi lan-

çado, frágil e ardente, no corpo a corpo, como num cadinho de chumbo fundido. Saiu de lá queimado, ferido. Ainda estava em carne viva. Conservava cravada no fundo da carne a lança do desejo, a vertigem e o terror da volúpia. O seu organismo, de nervos vibrantes como um violino, fremia à menor pressão. Duma inteligência precocemente aguçada, dava conta do perigo, mas não o dizia a ninguém. Esteve tão só e durante tanto tempo que pensava dever um verdadeiro homem guardar para si os seus perigos e defender-se sòzinho. Era por isso que, ao ver-se livre em Paris e sem nada que o detivesse moralmente, evitava os contactos sexuais como o fogo.

Tinha medo — não delas — mas de si. Não sabia se depois ficaria senhor de si próprio. Sabia demasiado bem que não ficaria. Embora não sentisse inclinação para o ascetismo, que moralmente o cobriria de ridículo, via-se forçado a ele. Sentia-se constrangido a isso e ocultava-o. Ninguém o suspeitava (a não ser os olhos de Ruche). Para mais, era altivo e tirânico; como tantos que, ciosos da própria independência, o são, também da dependência, aos seus caprichos, dos que os rodeiam. Queria exclusivamente para si aquilo de que gostava. Não era tão ingénuo para não saber que não o teria. (Que faria, se o tivesse?) Então, dizia: «Ou tudo ou nada... Nada!» Nada até à próxima explosão! Tolstoi pretende que a carne assalta aqueles que a tratam excessivamente bem. Marcos teria argumentos para lhe responder! Eram raros os dias em que matava a sua fome; mas é nos ventres vazios que o fogo arde melhor.

Viu baixar ràpidamente o nível da sua pequena reserva de dinheiro; e, para sua vergonha, não era capaz de a preencher. Imaginava poder tirar-se de dificuldades pelos seus próprios meios, pois um rapaz sóbrio, activo, inteligente, poderia sempre ganhar em Paris o pouco que lhe era estritamente necessário. Parecia, porém, que esse pouco era ainda muito: não o ganhava. Por outro lado, poderia contentar-se com isso? Privar-se-ia, heròicamente, durante cinco dias; ao sexto, não resistia, a

caldeira explodia: num quarto de hora, gastava o dinheiro duma semana inteira. Um rapaz vive rodeado por tentações! Seria um monstro, se não as tivesse, monstro e meio, se não cedesse, às vezes, a elas. Marcos não era, certamente, nem um monstro, nem monstro e meio! Cedia. Depois, ficava sempre contrariado, não tanto pela sua fraqueza como pelo absurdo dela. A inutilidade ou inépcia do que desejou aterrava-o.

Que possuimos — ser ou objecto — no minuto seguinte ao da posse? Nada nas mãos! Nada no coração! Tudo nos escapou... Então, infligia a si próprio — muito mau remédio! — um novo período de austeridade. Naturalmente, explodiria, uma vez mais, enraivecido. Se sabia perder o seu dinheiro, não tinha talento algum para o ganhar. Faltava-lhe a condescendência servil para abrir caminho para o lucro. O filho de Anita não recebeu esse dom da natureza. Estava aferrado à consciência anacrónica (os trambolhões da vida ainda não tiveram tempo de o desiludir) do valor social dos intelectuais. Parecer-lhe-ia indigno abdicar e passava, infrutuosamente, os seus diplomas e a sua cienciazinha mastigada. Quem se preocupava com isso?

Bouchard dizia-lhe:

— Faz como eu. Crava o Véron! Aquele coirão deve servir para alguma coisa.

Marcos, porém, era demasiado orgulhoso para, em troca duma esmola, suportar as marcas da ultrajante superioridade que se arrogaria o seu credor.

— A sua superioridade?! Não tem nada que reclamar! Não lhe devo nada! Roubo-o! — vociferava Bouchard, e não se sabia se gracejava.

Marcos replicava-lhe, secamente, que quem rouba a ladrão, não deixa de ser ladrão. Bouchard respondia, de olhos turvos:

— Viver é roubar. Rouba ou rebentas!...

Sim, viver é sobreviver àqueles que, na eterna luta, nos disputam o próprio ar e o espaço. Não há um só ser que não viva à custa de milhões de outros candidatos à existência. Marcos sabia-o. Nenhum filho desses anos

ferozes o ignorava. Se todos, porém — excepto aqueles que estão marcados para morte — aceitaram o combate, havia ainda um certo número (louvado seja Deus!) que pretendia manter o espírito da cavalaria. Se ouvissem essa palavra, protestariam; teriam medo do ridículo. Só as palavras, contudo, estavam fora de moda; o espírito mantém, através de todas as modas, a indestrutível armadura das suas grandes virtudes e dos seus grandes vícios. Um Marcos teria sido Marcos até no tempo dos Merovíngios; e permanecerá Marcos até ao fim dos tempos.

Assim, pois, não iria pedir — embora imperativamente — o dinheiro a um Véron, a quem no fundo desprezava. Hesitava até em aceitar, nas reuniões em casa de Ruche, um desses bilhetes de teatro, concertos ou exposições, de que Véron tinha sempre os bolsos cheios, e que não lhe custavam nada. No entanto, ante certos programas doía-lhe muito essa «não aceitação» e disfarçava-o mal. Ruche notava-o; divertia-se com esses secretos combates entre um orgulho cioso da sua independência e uma cobiça infantil das distracções oferecidas: um e outro sentimento eram-lhe familiares e, por esse motivo, Marcos parecia-lhe mais próximo dela.

A rapariga concedeu a si própria, uma vez, o prazer maternal (mais uma palavra fora de moda, que ela repudiaria!) de aceitar de Véron um bilhete de concerto, que fez passar nos olhos de Marcos um desejo raivosamente recalcado. Quando ficaram sòzinhos, Ruche lembrou-se de que não podia aproveitar o bilhete e passou-lho: da sua mão já não tinha motivos para recusar. Só quando já estava a assistir ao concerto é que Marcos perguntou a si próprio, tomado de desconfiança, se seria para ela que Ruche teria aceitado o bilhete, quando na verdade se sentia incomodada com a música como com o bater da chuva nas vidraças. Ficou de tal modo contrariado que esse pensamento lhe estragou o prazer da noite. Outro qualquer ficaria agradecido a Ruche. Marcos sentia-se vexado por se ter traído diante dela...

Começava a pensar que, se era obrigado a aceitar,

seria menos humilhante aceitar o dinheiro de Sílvia do que as ofertas dos outros. Depois de o ter recusado não tinha, porém, coragem para lho pedir. Embora a caixa estivesse vazia desde a tarde anterior, mantinha-se firme, com o coração ainda mais crispado do que o estômago... A sorte quis que, nessa tarde, ao passar no seu automóvel, Sílvia o notasse com os seus olhos de pega (sobre o ramo) e o chamasse. Foi preciso fazer grande esforço para não correr logo para o carro... Apesar de tudo, correu! Teve, contudo, a satisfação de verificar que, pelo menos, retomara a seguir o seu ar condescendente, ao ouvir a palradora. Após ter contado os seus negócios, Sílvia informou-se dos do sobrinho e disse:

— Sabes, o dinheiro chove; queres algum? Tenho muito!

Marcos respondeu, com o ar mais desprendido, um tanto desdenhoso:

— Oh, meu Deus, se queres! Tenho muito em que o gastar.

Sílvia retorquiu:

— Maroto! Farias melhor se viesses divertir-te para minha casa.

Atafulhou-lhe os bolsos. Quando Marcos ia beijá-la, mostrou-lhe ao alto da face o sítio onde não pudesse estragar-lhe a pintura. Apertou-lhe o queixo. Achava-o pálido, com o rosto cavado, mas bonito, de olhar mais vivo, mais interessante: «não perdeu o seu tempo, desde que anda à solta no prado...»

— Promete que virás! Vamos, promete!...

Marcos replicou com impertinência:

— Prometo. Pagaste adiantado...

Sílvia largou-lhe o queixo, onde a marca dos dois dedos permaneceu.

— Maroto! — disse rindo. — Vem sempre! Verás, só pago depois...

Esperou que o automóvel desaparecesse, para ir devorar um bife no primeiro restaurante. O seu estômago elástico recuperou nessa noite as duas refeições perdidas.

Pensou que Sílvia estava bonita como o diabo. Que chama nos seus olhos! Que perfume! Passou a língua pelos lábios.

Não tinha, contudo, pressa de cumprir o prometido. Fez ainda ouvidos moucos quando, quinze dias mais tarde, recebeu um aviso telegráfico da tia: «Gaiato, e a tua dívida?»

Ah, não, não conseguiriam nada dele, se lho pedirem assim. Todos os dias, principalmente quando lia na imprensa do perfumista-rei que a sua bela tia oferecera, nos seus salões, uma festa principesca, com diversões, dança, música e a comédia da moda, aos senhores das finanças e da política, acompanhados das respectivas fémeas e escoltados pelos seus bobos da arte e da imprensa, ansiava por ir lá ver. Que lhe custava?

CUSTAVA-LHE mais do que confessava a si próprio. Não queria confessá-lo, mas não o podia ignorar.

Sabia que estava em perigo. Era como o jovem Hércules na encruzilhada. Se o próprio Hércules tomou o caminho da roca e do travesseiro, havia poucas probabilidades de um rapaz perdido em Paris, que chama por Onfale a cada esquina da rua, adoptar o caminho da renúncia. Marcos avaliou o prazer e as dificuldades, as escarpas a pique que era preciso escalar, e desde os primeiros passos sentiu-se tão fatigado! A cabeça andava-lhe à roda, os membros incomodavam-no, um langor insidioso corria-lhe pelas pernas. Como todos os jovens que o rodeavam, era a tentação do abismo, o abismo do esquecimento — o esquecimento, a mais forte isca da volúpia!... Escapar a si próprio... Furtar-se à tarefa... «Quem ma impõe? O destino destes tempos inumanos? Acaso pedi para viver nele? Rejeito-o!... Não posso. Esse destino sou eu. Sou eu que me ordeno que suba lá acima. Que probabilidades tenho de atingir o alto? E quando, após dificuldades esgotantes, chegar lá acima, gasto, esvaído da minha substância, que encontrarei? Encontrarei alguma coisa? Ou só o nada, do outro lado da aresta cortante?...

«Por toda a parte, nada e morte! Esta guerra que dizem terminada (e ainda dura) envolveu o espaço com a sua cortina de gases asfixiantes. Bloqueia o horizonte. *É um* facto — o único que se impõe a todos estes jovens. Todas as ideologias que a negam ou, por não o poderem,

pretendem celebrá-la, são prostitutas, faces para bofetadas. Açoito-lhes a cara! A guerra aí está. Sinto as suas garras no pescoço e, no nariz, o seu hálito putrefacto. Se quero viver, tenho de me desenvencilhar e fugir, ou então de passar através. Passar através é saber o que está do outro lado... Saber, poder! Poder-se-á?... Fugir é também uma forma, mais baixa, de saber. Saber que a batalha está perdida. Salve-se quem puder!... Um Marcos Rivière só pode salvar-se atravessando as linhas inimigas. Fugir para a frente!...»

Repetia-o a si próprio, para ter a certeza... Terá, realmente, a certeza? À sua volta, havia uma debandada de homens novos e velhos que fugiam a sete pés! Era uma torrente para a porta de saída: os *dancings*, os desportos, as viagens, o fumo do ópio, as fêmeas — o prazer do jogo, o esquecimento — a fuga, a fuga... Havia mil e uma maneiras de fugir; mas nem duas, em vinte, com lealdade para concordar que eram uma fuga. É preciso ser bastante forte para se desprezar e, desprezando-se, conservar o entusiasmo pela vida! Os mais ilustres evocavam, como Adolfo Chevalier, o refúgio na arte e no campo... A Primeira Écloga (a Segunda também)... Ah!, o bom exemplo dum vencido como eles, o doce Virgílio do após-guerra, poeta depois do jantar dos proscritores, dos novos-ricos... (Oh ironia! Foi essa a sombra cuja frágil mão o poderoso Dante escolheu para o guiar!...) O Mantuano ainda podia evocar o seu *Deus nobis haec otia*... Mas para os jovens Títiros e Coridons de hoje nenhum *Deus* surgiu. Era-lhes necessária uma forte dose de ilusão para imaginar que a próxima subversão do velho mundo esqueceria no seu ninho os que procuram esquecê-lo, hipnotizando-se, como a galinha diante do traço de giz, nas mesas de jogo da arte, onde o pagador é o esteticismo castrado, cujas mãos brancas, as sujas mãos, teriam o cuidado de não se expor à acção, ou convencidos de o velho lar, o antigo tecto da tradição, a secular vida doméstica e rural, que souberam abrigar os seus pais, poderem continuar a defendê-los contra os assaltos da tempestade. Como se

as tempestades, a vir, deixassem um só muro resistente de pé!

Desgraçados dos tocadores de trombeta, que se retiram da arena antes de a batalha estar decidida. Qualquer que seja o desfecho da batalha, o vencedor há-de calcá-los aos pés e os seus cantos desfar-se-ão em pó... Talvez, em segredo, calculem, porém, que o Dilúvio esperará que terminem os seus castelos na areia, para os varrer. Basta-lhes aproveitarem-se das últimas horas do dia que lhes resta. Iludem a sua própria vida. Ao menos, tenham o franco cinismo de o dizer: «Amanhã estarei morto. Amanhã já não terei boca. Só me resta o dia de hoje. Ainda como.» Esforçam-se, contudo, por encontrar uma ou outra (seja qual for) justificação ideológica...

Qual a razão deste logro? É que os intelectuais que abdicam têm necessidade de invocar razões para justificar a sua abdicação. A não ser que tenham razões para ela. Não podem fazer nada sem razões. O seu instinto desaprendeu de caminhar sòzinho. Covardes ou corajosos, precisam sempre dum «porquê». Quando se quer, este encontra-se sempre. Os fugitivos de 1919 nunca tiveram falta de motivos engenhosos e profundos para abandonar o campo de batalha!... Marcos desprezava os que fogem. Desprezava-os com uma violência que era uma defesa contra a sua própria tentação de fugir. Como, de antemão, temia não poder resistir, improvisava uma espécie de desculpa e reservava a sua implacabilidade contra os desertores que mentem, contra aqueles que se esforçam por dourar a fuga. A divisa do clã dos Sete: «Sê o que quiseres! Faz o que quiseres! Se queres, foge, mas diz: Fujo!»

Ninguém o dizia. Até os Sete já começavam a usar de equívocos. O primeiro, Adolfo Chevalier, exibia, *ore rotudo,* o dever de «*acomodação ao real*», para se retirar para as suas propriedades... «Arranjai-vos! Eu cá me arranjo. Sou realista...» (Uma palavra que fez fortuna nesse tempo. Permitia tratar dos negócios, pretendendo insuflar ao país o sangue novo dum pragma-

tismo são e viril, que se opusesse à ideologia oca das gerações precedentes... Não obstante, a ideologia dessas gerações não impediu nunca as pessoas hábeis de aumentar o seu pecúlio...)

Véron e Bouchard desmascaravam a virtuosa geórgica de Chevalier e esmagavam-no com os seus sarcasmos. Esses, contudo, também trapaceavam. Todo o seu palavreado revolucionário era um jogo que os dispensava da acção. Quando vociferavam entre camaradas, durante horas, contra a sociedade, quando pintavam o plano vigoroso duma futura manifestação, brincavam aos soldadinhos de chumbo.

O único que reconhecia a situação sem procurar mascará-la, era aquele de quem Marcos menos esperaria essa franqueza: Sainte-Luce. Este preparava, nas duas Escolas de Ciências Políticas e de Línguas Orientais, a sua carreira nos consulados. Não tencionava porém prender-se. Não ocultava que o seu objectivo era a evasão. Em lugar de a procurar fora da máquina, cujas correias e pilões depressa o tragariam, pretendia encontrá-la no coração. Queria o seu nicho no próprio centro do furacão e de lá, ver, conhecer, agir e gozar, sem ligações com nada. Livre e lúcido, pretendia furtar-se à servidão universal e explorar, cìnicamente, os interesses dos senhores do momento e aproveitá-los, mas sem ambição e sem lucro, à procura sòmente de agarrar o instante, sem jamais se deixar prender por ele, e sempre pronto a abandoná-lo, com a sua vida: pois os seres desta espécie estão desligados de tudo e de si próprios. Efémeros que dançam no turbilhão do instante... Não se dignava explicar-se aos camaradas, que troçavam dele. Véron dizia-lhe, bonacheirão e brutal:

— Tu vendes-te?

Bouchard dizia a Véron:

— A menina segue a sua natureza.

Adolfo, o rico, calava-se, desdenhoso. Não compreendia como podia alguém alienar a sua liberdade ao Estado. Marcos calava-se também, mas o seu silêncio não era ofensivo, pois adivinhava em parte as razões do fino

e felino rapaz, que não se dava ao trabalho de se defender. Para quê? Consciente, porém, da atracção (misturada de repulsa) que exercia sobre Marcos, Luce dizia-lhe, indicando os três áugures, com o seu belo sorriso que lhe abria uma covinha na face:

— Qual de nós será o primeiro a trair? — Imediatamente, com a mão pousada com ternura na de Marcos: — O último serás tu!

Marcos, a resmungar, retirava a mão. O elogio era para ele uma afronta. Os olhos de Luce acariciavam-no. Sabia que Marcos também o desprezava, mas o desprezo deste não o ofendia, não era injurioso. Dos camaradas, Marcos era o único a quem Luce reconhecia esse direito, pois julgava-o o único que jogava e jogaria franco até ao fim... Talvez Bouchard também? A franqueza desse bruto não tinha, para Luce, qualquer interesse. O aristocrático rapaz só considerava como seu «semelhante» um homem de espírito lúcido e fino como ele, em quem o pensamento vivo aflora à pele.

Debalde o carácter de Marcos lhe era oposto e hostil. Formavam um par. Marcos também o sentia. Com cólera, tinha de confessar a si próprio que, de todos, Sainte-Luce era o que mais próximo estava dele, o único próximo. Deixava o outro tomar-lhe o braço e confiar-lhe o que não confessava a mais nenhum: todo o maquiavelismo juvenil e dissoluto, duma experiência incompleta, mas precocemente aguda e desiludida. Não se sentia revoltado com isso. Ele próprio possuía demasiado o conhecimento inato desses instintos tentadores. O sangue de Anita, nele, estava ligado ao dos Brissot. Quando se desprezam os homens, não é legítimo que nos sirvamos deles e dos seus ídolos estúpidos? Os Brissot foram sempre mestres nesse jogo; eram tão hábeis que toda a gente juraria que se deixavam apanhar... Não havia, porém, perigo! A legião dos Brissot sabia retirar a tempo do jogo a sua parte — todo o seu pecúlio... Oh! Marcos conhecia-os bem! Tinha-os no sangue. Assaltava-o muitas vezes um desejo furioso de jogar aos «*Volpone*»... mas jogaria mal. Era demasiado impe-

tuoso, não resistiria ao prurido de trair o seu desprezo no meio do papel; e, para terminar, depois de ter espezinhado os outros, espezinhar-se-ia a si próprio... Sainte-Luce possuía a justa dose do desprezo, — risonho, amável, humano — tal como agrada aos homens (porque o desprezo agrada-lhes, quando se põe nele as formas e a dose moderada).

O mais estranho é que, por contradição que não era capaz de explicar, Marcos, no fundo, impacientava-se com a ideia de os salvar. Não queria, contudo, reconhecê-lo; e quando Luce lho dizia, irritava-se. Quando Luce, porém, irónico e cortês, acrescentava:

— És o melhor juiz. Se dizes que não, também o diremos...

Marcos era demasiado verídico para não dizer:

— Sim... Que estupidez! Salvar, salvar os outros, quando há tanto a fazer para nos salvarmos a nós próprios e quando os outros não se preocupam de que os salvemos!

Marcos sabia-o tão bem como Luce; mas nada podia contra isso: era assim. Eram forças opostas da sua natureza. A que lhe vinha da mãe, quem sabe se estaria errada; mas estava preso a ela pelo cordão umbilical. A inversa — sejamos francos! — também era verdadeira...

Se tinha vergonha de o expor à ironia dos outros, no mais íntimo do coração orgulhava-se disso, orgulhava-se mais desse erro do que das verdades dos outros. Ele dava-lhe gosto pela vida. Segurava-o pelo queixo acima das vagas. Sem ele, só se teria a si próprio, apenas o interesse por si, o ardor de conhecer, sem dúvida, de ver, e de alcançar, e de ser — mas apenas para si... Apenas!... Era aterrador!... Seria preciso ser mais forte do que um rapaz de vinte anos para poder suportá-lo sem convulsões. Luce suportava-o, não se detinha a olhar para o fundo; fugia, fugia à superfície...

Marcos não podia fugir em nada. Nem no prazer, nem no desgosto. O fundo emergia do mar como essas ilhotas vulcânicas que o fogo interior projecta e que de-

sabam num estremecimento perpétuo do abismo. Vivia num chão minado. Por isso procurava com os olhos, fora, uma mão — a mão dos homens — para se agarrar... Para o salvarem? Não, bem sabia nada ter a esperar deles... Para os salvar! Até quando se sabe ser uma ilusão, o pensamento de ter responsabilidades de almas que povoam a nossa solidão dá às naturezas generosas energias decuplicadas.

— Desempenha o teu papel — dizia-lhe Luce, indulgente. — Serei o público.

— Um público como tu — dizia Marcos com amargura — basta para matar a peça.

— No entanto, precisas dum.

— Então serei eu próprio. Serei público, actor e peça. Sei que sou o tecido dum sonho!

— Já é alguma coisa que o saibas! — aquiescia Luce, trocando com ele um olhar de inteligência. — É mais do que os nossos companheiros nunca suspeitarão.

No entanto, deixaram-se envolver na manifestação do primeiro domingo de Abril. Os espíritos, nesses dias, estavam sob alta pressão. A criminosa absolvição do assassino de Jaurès — esse segundo crime —, no mês de Março, foi uma bofetada para aqueles jovens. A seiva da violência subia no coração de Paris como a da Primavera. Até os mais calmos desses estudantes, os cordeirinhos cristãos, baliam atrás do Bom Pastor da Revolução. Os próprios pastores de bucólicas tocavam nos seus flajolés estribilhos de marcha: «*Formai os vossos batalhões!...*» Até Adolfo Chevalier, por si, que só concebia a acção (e a paixão também, diziam as más línguas) de caneta em punho diante da escrivaninha, resignou-se a tomar lugar nas filas dessa multidão, cuja promiscuidade fazia sofrer a sua delicadeza. Parecia não ter o ar de quem se esconde, pela primeira vez que actuavam (que fingiam actuar) e que isso oferecia perigo.

Encontraram-se, pois, seis dos sete (só Ruche, indiferente, sabendo de antemão o que ia passar-se, ficara em casa) na avenida Henri-Martin, entre o povo que rejubilava. Estranha comemoração dum grande morto, não uma vez, mas vinte milhões de vezes vencido, vencido nos vinte milhões de assassinados pela guerra, como ele, morto covardemente à traição pelos seus inimigos, e covardemente traído pelos amigos!... Sob o busto de Jaurès, vacilava a incerteza de Anatole France. Guiado por um instinto infalível, Chevalier, pelo braço de Bette, esgueirara-se para junto do velho, cuja presença nessa

fúnebre quermesse realçava a sua inteligência. O velho sentia gosto por encontrar, nessa vaga de pessoas, cujos rostos e gritos lhe eram problemáticos e longínquos, a rosada e radiosa Bette, na boca de quem podia pousar os olhos. Via-a tal como era, fresca e macia, deliciosamente tolinha, repousante para o espírito.

Nos grupos mais excitados, na primeira fila, Véron tinha à trela Bouchard, que dava uivos, e esperava o momento de o soltar. A alguns passos, Sainte-Luce e Marcos, ombro a ombro, trocavam as suas reflexões irónicas e não perdiam nada do espectáculo. Sem o saber, Marcos era para Luce um pedaço do espectáculo: pois via-o bruscamente sacudido pelos vaivéns da multidão. Debalde se ria dela amargamente. Estava deitado no seu leito e ela transmitia-lhe os seus frémitos. Sainte-Luce surpreendia no rosto do companheiro contracções, sinistros relâmpagos, uma ruga má nas narinas, os maxilares contraídos e, no queixo, a onda de furor acumulada, que engolia juntamente com a saliva. Fraternalmente, estava atento, preparado para lhe evitar qualquer imprudência. Sabia fazer escapar esse vapor comprimido pela válvula duma gargalhada por qualquer saída inesperada. Notava que um tal rosto era um oceanógrafo das correntes submarinas da multidão. Lia-se nele a tempestade com alguns segundos de antecedência...

De repente, Sainte-Luce leu nele o tornado. Antes de ter tempo de o notar, à volta de ambos estalavam tiros de revólver. A polícia carregava sobre os anarquistas que, de bandeira negra desfraldada, caíram sobre os agentes de Guichard (*) à cacetada, metralhando-os com as grades de ferro fundido feitas em bocados. Sainte-Luce e Marcos foram levados pela onda. Num instante, viram-se lançados no coração do tumulto e, sempre arrastados, atravessaram o cordão dos agentes. Durante o percurso, viram luzir lâminas de navalhas e rostos ensanguentados. Na sua frente, Bouchard atirava-se, às cabeçadas, à barriga dum golias da polícia. Ao desce-

(*) O Prefeito da Polícia de Paris, em 1919. *(N. do T.)*

rem os Campos-Elísios, o seu bando reduzido reorganizou-se em coluna; Chevalier, porém, tinha desaparecido... Como se nada fora!... Soubera, muito a propósito, subir para o poleiro de Anatole, com a sua companheira, para lhe servir de guarda-costas. Ao fundo da avenida imperial, novos combates esperavam os manifestantes; mas já não tinham força contra o número do inimigo. Foi preciso que o bando se deslocasse e procurasse, por pequenos grupos, voltar ao centro de Paris por artérias transversais, para se reunir na praça da Ópera. Marcos viu Véron passar por uma sarjeta e atirar para lá o revólver. Véron, que surpreendeu o olhar de Marcos, disse-lhe a rir:

— Tem direito a repousar. Já trabalhou bastante.

Bouchard, porém, recusou desfazer-se duma comprida faca que lhe enchia um dos bolsos e exibia apenas por bravata, pois os pesados punhos lhe bastavam. Sainte-Luce não largara o braço de Marcos, demasiado ocupado para dar por esse empecilho que detestava. Pálido e excitado, falava muito alto e não via que o experimentado piloto, ao leme, voltava o barco para a esquerda e lhe fazia transpor as platibambas da avenida, dirigindo-o para a saída. Como uma criança, divertia-se a sentir debaixo dos pés a relva proibida, e quis parar para cortar um ramo em flor a um castanheiro. A polícia, porém, previra o movimento e apressou a debandada. Por bem ou por mal, a dignidade colectiva teve de ceder às preocupações de salvação individual. Foi preciso fugir o mais depressa possível. Nas proximidades de Madalena, ao desembocar duma rua estreita, os quatro companheiros, seguidos dos raros sobreviventes — *rari nantes* — da coluna, chocaram com uma vaga de polícias à paisana que os atacaram com furor.

A luta foi curta, mas feroz. Marcos só teve tempo de ver Bouchard, que se atirara a um cacho de agentes, rolando ora por cima ora por baixo de um deles, espezinhado às calcanhadas. A larga caixa de Véron ressoava como a pele dum tambor sob os punhos que o esmurravam. Marcos sentiu-se puxado pelo braço tão

bruscamente que cambaleou. Esteve prestes a cair, viu uma maça de aço — o punho de um sabre — passar-lhe rente a uma das faces, arranhando-a, e encontrou-se a alguns passos, sempre agarrado por Sainte-Luce, o qual acabara de lhe evitar uma pancada mortal. Meteram-se, perseguidos, por um emaranhado de ruas, que formava teia de aranha em volta da avenida. As vitrinas das lojas fechavam-se ràpidamente. Marcos não via nada, o sangue corria-lhe da testa e a cabeça zumbia-lhe. Ouvia os perseguidores vociferar atrás de si. Deixava-se levar por Sainte-Luce, que não hesitava, conhecedor do seu caminho. Depois de ter feito uma ou duas manobras, ao canto duma rua, Luce tamborilou nos taipais corridos duma loja de modista de chapéus e chamou:

— Ania!

A cortina de ferro que fechava a parte de baixo da porta levantou-se imediatamente. Era preciso dobrar-se em dois para passar. Luce empurrou Marcos e seguiu-o de gatas. Mãos de mulher agarraram os rapazes pelas orelhas e puxaram-nos. A porta ondulada voltou a cair atrás deles. Estavam no escuro, de joelhos. Um agente berrava lá fora, martelando nos taipais. Marcos, ao tentar pôr-se de pé, ouviu contra a face um risinho que mal se percebia: «Psxiu!» Ao procurar apoiar-se, as suas mãos agarraram duas coxas redondas na curva do joelho. Ficaram mudos e sem se mexer; as raparigas abafavam os risos. Um apito chamou imperiosamente o homem que martelava obstinadamente à porta e que, a praguejar, foi juntar-se ao grosso das tropas. A longa batalha continuava. Havia outra caça a apanhar. A rua voltou a ficar silenciosa. Então, Marcos, cuja cabeça febril se acalmava, reparou que estava de joelhos, na treva, junto duma rapariga de joelhos, e que uma boca quente, que cheirava a âmbar, pousava sem cerimónia na sua, dizendo: «Bom dia!» Respondeu: «Boa noite!» A outra riu e disse:

— E agora, se nos víssemos?

Levantaram-se e acenderam, não a luz eléctrica, mas um castiçal, cuja chama esguia e fumarenta cabia numa

mão fechada. Apresentaram-se. Elas eram duas: Gisela e Melania, irmãs, de dezassete e vinte anos. A mais velha, moreninha; a mais nova, alourada e de pele branca como leite, ambas pintadas, é claro, e de rugazinhas de riso ao canto dos olhos vivos e focinhitos de doninha espetados. Melania era amante de Sainte-Luce. Provàvelmente, Gisela também. As coisas boas, como as más, repartem-se em família. Houve muitos ditos e risos. Contavam ambas a mesma coisa, ao mesmo tempo, ou repetiam-na uma a seguir à outra, nos mesmos termos e rindo ambas cada vez mais, como se a segunda vez fosse a melhor. Batiam palmas, divertidas com a aventura: essa boa ideia que tiveram de estar de pé em cima do banco, a olhar por uma fenda da vitrina, quando Luce, perseguido, batera!... Para acentuarem a sua alegria com um risco, persuadiam-se de que os «chui» voltariam em breve e fariam uma rusga.

— Enquanto esperamos pelo cadafalso — dizia Sainte-Luce — bebamos o último trago! — Cantava: — «Morrer por Melania é o que há de mais doce...»

Gisela, também estava preparada para alguém morrer por si e observava, intrigada, o rosto de Marcos, que se voltava com despeito. Fizeram um jantarzinho juntos, na semiobscuridade. Marcos humanizou-se, a ponto de, por fim, deixar que lhe metessem a comida na boca e chegou até a chupar o dedo de Gisela, envolto em chocolate. A jovem gritou que o cachorrinho a mordera! Marcos desculpou-se, envergonhado, e levantou-se, dizendo que, depois daquilo, voltava para casa. Os outros três protestaram. A rua ainda estava agitada, era perigoso. Gisela esgueirou-se pela fisga da porta e foi fazer um reconhecimento. Voltou, assegurando que a polícia barrava as saídas do bairro. Marcos não ficou convencido da veracidade das suas palavras e teimava em sair. Não lho consentiram. A arranhadela na face identificá-lo-ia à primeira vista. Gisela reparou que o seu casaco estava rasgado no ombro. Fez-lho despir a fim de o coser. Ao tirá-lo, descobrira, entre os buracos da camisa rasgada, que o ombro estava vermelho, azul, esverdeado e tri-

lhado. Por que não o dissera? Foi altura de ambas mostrarem a sua ciência de enfermeiras. Sentiam gosto nisso.

Não se pensava já em partir, naquela altura. Trataram da maneira de passar ali a noite. Nas traseiras da loja, pouco maiores do que um armário e sem janela, havia um divã-cama que se desdobraria em dois com a enxerga no chão... Em tempo de guerra!... Agora, cada um escolheria a sua... Marcos, terrìvelmente constrangido, irritado, desanimado, procurava todos os meios de se safar; mas não havia nenhum. As duas hospedeiras ofereciam-se, muito simplesmente, sem cerimónia. Era tudo quanto havia de mais natural. Não podia, pois, desgostar essas simpáticas raparigas e desempenhar o papel de José do Egipto (o papel não lhe agradava). Não havia meio de se explicar. Luce, que já fizera a sua escolha, ao ver o constrangimento de Marcos, disse-lhe, como bom camarada:

— Queres trocar?

Marcos sentia desejos de o esbofetear. Envergonhado e furioso, ajudava Gisela a voltar o colchão. A pequena murmurava-lhe ao ouvido:

— Não importa. Se não quer, fingiremos; dormirá cada um para o seu lado.

Marcos sentiu-se comovido. Apagaram a luz. «Dormir cada um para seu lado», era fácil de dizer! Só havia lugar por cima ou por baixo. Se estendessem a mão, tocavam na outra cama, onde os outros dois não esperavam nada para começar. Gisela, humildemente, desculpava-se:

— Sou feia.

— Não! — disse Marcos com convicção.

Não, realmente não era por isso. Gisela procurava compreender. Supunha que Marcos amava outra e queria permanecer-lhe fiel. Marcos não a desenganou. A pequena achava isso belo; não estava habituada a tais escrúpulos. Tagarelava com a cabeça no travesseiro, pueril, tocante, viciada e, no entanto, honesta. Marcos que, apesar de tudo, apoiara a boca quase ao canto

desses lábios palradores que se mexiam, saboreava o seu suco de amêndoa, agridoce. O menor movimento que fazia desencadeava os espíritos da terra. Não ousava mexer-se. Naturalmente, foi no próprio instante em que afirmou enèrgicamente: «Não!» que eles disseram: «Sim!»...

Depois ficou indignado, desgostoso consigo mesmo. Gisela, excitada, julgando sempre que ele pensava na sua bela traída, procurava consolá-lo; dizia: «Ela não saberá de nada». Marcos, porém, não podia mais! O ar daquele local sufocava-o. Gisela levantou-se, humildemente, para lhe abrir, em segredo, a porta da loja, enquanto os outros dormiam. No momento em que se esgueirou pela gateira, Marcos beijou-lhe os joelhos.

Encontrou-se na fria noite de Abril, coberto de suor, com a cabeça a arder. Sentia-se impotente para lutar contra a exigência dos seus sentidos despertos. No seu pensamento decorriam os acontecimentos do dia, o tumulto, a fuga e a perseguição, todo o filme do que se passara.

No dia seguinte, foi o tédio da acção falhada... Essa estúpida manifestação política, sem plano, sem direcção, sem sequência, fora apenas uma brutal parelha de coices da besta nos varais, incapaz de os quebrar. Só servira para magoar: o animal tinha as costelas partidas; só havia uma coisa a fazer: mandar chamar o esfolador!...

Bouchard desaparecera. Marcos foi o único a importar-se com ele. Os outros quase nem se preocuparam. Estavam todos aborrecidos e furiosos. Só pensavam em atirar as responsabilidades uns para os outros. Três ou quatro dias depois, Bouchard reapareceu, com o rosto inchado e um olho sèriamente atingido. Fora sovado ferozmente pela polícia, metido alguns dias na prisão e, provisòriamente, solto após o interrogatório. O assunto fora entregue ao tribunal correccional. Era punível com alguns anos de prisão por porte de arma proibida, ofensas corporais e sevícias aos agentes, insultos à autoridade, intuitos anarquistas e provocação ao crime. As portas do professorado ficavam-lhe fechadas e fora

inscrito no índice expurgatório da Universidade. Os camaradas prudentes afastavam-se. Obstinava-se, contudo, em retomar a sua afincada preparação para o exame — para a reprovação.

Véron, esse, troçava do caso. Nem sequer lhe tinham batido. Perguntaram-lhe como. Vangloriava-se, a rir, de ter untado as unhas aos «chuis». No comissariado, o nome do seu banco recomendara-o melhor do que se tivesse exibido as insígnias de deputado. Bouchard, esse imbecil, deixara-se apanhar. Não nos devemos deixar apanhar. Tanto pior para ele! Deve saber-se o que se arrisca...

— E tu, que arriscas? — perguntou-lhe Marcos rudemente.

Véron riu-se-lhe na cara e, todo fanfarrão e cínico, respondeu:

— A tua pele. Quando quiseres!

Sentiu, porém, que fora demasiado longe e acrescentou, bonacheirão:

— Ao fim e ao cabo, foi um serviço que os sorbonistas lhe prestaram, expulsando-o. Quem quer triunfar e é corajoso, só tem que se baixar para colher.

— É preciso ter as costas afeitas a isso — replicou Marcos, secamente.

— Se não estão afeitas, o cacete da vida logo as vergará — disse Véron.

Voltaram as costas um ao outro... Adeus!

Não tornaram a ver Adolfo Chevalier; mas a respeito desse ninguém se preocupava. Foi visitar as suas propriedades. Lia Montaigne. Que mais se lhe podia exigir? Olhos abertos. Boca fechada. Espírito livre e sem riscos, com o traseiro bem quentinho... Não acusarão esse clérigo de ter traído! Comprometer o espírito com a acção, isso é para os outros!

A jaula de Ruche despovoou-se. Quando lá voltou, Marcos encontrou-se sòzinho frente a frente com ela; não sabia que dizer-lhe. De cotovelos sobre a mesa, o queixo entre as mãos, Ruche varava-o com o olhar, com um sorriso estranho; dir-se-ia esperar... Que esperava? Mar-

cos irritava-se; mas quanto mais brusco se tornava, mais o sorriso se aguçava; não conseguia afrouxar a tensão das duas pupilazinhas que lhe vasculhavam o seu íntimo. Estranha Ruche. Qualquer coisa nela mudara. Não lhe interessava, porém, o bastante para procurar compreendê-la... Desagradava-lhe que ela pretendesse compreendê-lo... Porque, por mais que dissesse a si próprio: «Ela não pode saber nada de mim; a minha porta está-lhe fechada», não tinha a certeza absoluta de a jovem não o ver pelo buraco da fechadura.

Interrompeu-se então a meio da frase, levantou-se, lançando-lhe um olhar de cólera e partiu indelicadamente. Ruche não se mexeu. Assim que se viu na rua, Marcos disse para si que se subisse e abrisse a porta, fosse em que momento fosse, naquela noite ou dentro de oito dias, os seus olhos encontrariam de novo, do outro lado da mesa, a verruma daquelas pupilas entre as pestanas semicerradas e a boca irónica donde saía o fumo azulado do cigarro, que ardia entre os seus dedos longos. Bateu o pé em plena rua. Jurou que passaria muito tempo antes de lá voltar. Como a uma criança despeitada, passou-lhe, porém, no cérebro um desejo raivoso de abrir aquela insolente e os seus olhos atrevidos, como quem abre uma concha com uma faca para ver o que há lá dentro...

A sua solidão aumentou. Na pele sentia o incêndio ateado pela da pequena naquela noite. Isso fez-lhe passar alguns dias de agitação moral e física, durante os quais não conseguia encontrar o seu caminho. Atirava-se ao trabalho, como alguém que se atira à água; mas a água repelia o náufrago. Mais força! Nenhum gosto para nada. Agir, pensar? Pensar em quê? Para quê? Sempre, hora a hora, o buraco da vontade a alargar-se e a aspirá-lo como num sorvedoiro... Era como se sentisse colados ao flanco grossos lábios ávidos. A sua substância escoava-se, a energia fugia-lhe... A descida irresistível... A fuga, a fuga... Não!... Cravava as unhas nas margens... «Se caio, não tornarei a subir!... A torrente está lá em baixo». Por mais que fechasse os olhos, ouvia-a, e

sob as unhas, o estalido da areia que se esboroava, da pedra que se desprendia... Não se soltava, era solto...

Uma noite, Sílvia entrou e, com o calcanhar, fez rolar a pedra e a aranha que pendia na extremidade...

— Vamos, depressa! Vem comigo!... Basta de tempo perdido! Não me digas que o ganhas assim pasmado!... De boca aberta, sim, apanhei-te... Pois bem, manejarás qualquer coisa, em minha casa. Todos os Tédios mais caros, mais novos, das *Quat'z-Arts* (*) (são pelo menos um quarteirão) há de tudo na minha loja. Há «artistas»!... Se queres ver a Comédia (*Tutt'è burla!...*) dou-te a chave dos bastidores. Não é na cena que estão os melhores actores, nem os piores. Para poderes um dia desempenhar a tua parte na farsa, vê, vê! É rei quem vê.

(*) Designação da festa anual dos estudantes da Escola das Belas-Artes de Paris. *(N. do T.)*

SÍLVIA levou o sobrinho para o seu palacete da avenida de Antin, o seu pequeno Louvre, onde imperava o rei Coquille. As rainhas em França, a despeito da lei sálica, empunharam o ceptro mais de uma vez. Sílvia empunhava-o e deixava a roca ao seu Coquille, embalado pelo seu nome almiscarado no meio da sua corte. Julgava-se o imperador da época. Vivia rodeado de mulheres, de intrigantes e de artistas que o adulavam, se riam dele, recebiam o seu dinheiro, e a quem pretendia fornecer ideias de perspicácia e de beleza. Intrometia-se, còmicamente, em todas as artes. Aconselhava os pintores, que lhe impingiam as suas telas zebradas e os seus problemas geométricos. Viam-no cair em contemplação perante os ídolos negros, no seu jardim. Descobria belezas em botão, assim como talentos sorvados e falhados, bailarinos hindus, inspirados de Ménilmontant, ou *swamis* de Montauban. Era pegajoso como os seus cremes, e familiar até ao servilismo, com uma clientela de grandes damas, que não pagavam, e duas ou três cabeças coroadas — sem coroa — que, ao optarem entre a cabeça e a sua cobertura, preferiam perder esta. Tinha também opiniões sobre política, e, encorajado pelos aduladores, que eram os que mais o chupavam, meditava na aquisição dum grande jornal onde pudesse fazer ouvir ao mundo umas palavras (que palavras?). Teria grande dificuldade para as escrever, e até para saber quais eram. Os escreventes que tinha por conta se encarregariam, porém, de lhas fabricar.

A rainha, essa, reinava na costura e nas festas, cuja louca extravagância alimentava a crónica de Paris. Não se sentia descontente por ter associado a si o sobrinho no papel de ministro das distracções e prazeres ou, mais simplesmente, de informador das belas-artes — as artes menores, nas suas relações com a arte maior do divertimento. Porque, de belas-artes, Sílvia não sabia grande coisa, além do seu gosto natural e do seu instinto. Não era pouco: era quanto bastava para dizer, aqui e ali, disparates ridículos que, aliás, o gosto da época tomava por graças espirituosas. O entusiasmo do momento era o desdém do dia seguinte. Sílvia não se iludia a esse respeito; sentia o terreno vacilar debaixo dos pés. Gostava de se apoiar em Marcos, que a seguia desconfiado, mas seduzido. Como era de prever, nesse furioso carnaval de prazeres e de devassidão, em que se misturavam a arte, o amor, a intriga e a loucura, o rapaz perdeu pé logo aos primeiros passos. Pretendera ter a atitude, impossível na sua idade, de espectador impassível, que tudo quer ver sem tomar parte em nada, a fim de se tornar senhor da vida: um Julião Sorel (*) emagrecido pelo longo jejum, a quem dois dedos de vinho transtornavam a cabeça. As primeiras gotas, o cérebro começava a dançar.

Sílvia esperava isso. Não fez nada para o trair, mas também não o fez para o defender. Seguia pelo canto do olho os combates de Marcos; divertiam-na, agradavam-lhe, reconhecia nele a sua orgulhosa Anita; e, secretamente, vingava-se da mãe no filho... «Toma cuidado, ó torre!...» Valente torrezinha! Eriçava-se na sua armadura. Sílvia, escarninha, aplaudia-o. Era céptica. Esperava o desfecho. Sabia muito bem que essa armadura estalaria e todas essas muralhas, um dia, seriam tomadas de assalto. Pensava: «Que se pode contra isso? Quer se queira, quer não, mal ou bem, é preciso

(*) O protagonista do romance *O Vermelho e o Preto*, de Stendhal. *(N. do T.)*

sempre passar por lá. Que a juventude aprenda por sua conta e risco! Tanto pior para ela, se lá deixar a couraça! O animal é bom. Tirar-se-á de dificuldades. O essencial é que por lá passe. Não é homem, aquele que o não tiver feito». Sílvia não se atormentava. Aquilo era lá com Marcos. Seria prestar-lhe um mau serviço pretender fazê-lo por ele... Para si, tinha os seus negócios e os seus prazeres. Não havia tempo a perder! Aproveitava o seu Verão de S. Martinho.

Marcos estava sòzinho para fazer frente a tudo o que o assaltava: as raparigas bonitas, os pedantes, os intrujões, — toda a a marmelada amontoada na compoteira. Ele próprio era um fruto verde que tentava mais de uma boca escarlate. Era o sobrinho, o grande favorito da sultana; serviam-se dele para se servirem dela. Marcos não era tão parvo que o ignorasse. Era desconfiado, o rapazinho! Bem percebia que o pretendiam manobrar. Até nas mulheres, que o perseguiam descaradamente, via um jogo interessado. Não era, porém, assim, pois o jovem selvagem atraía-as. Atraía-as o seu acanhamento, as suas brusquidões e rudezas, que um súbito sorriso confuso e encantador iluminava — e, sob a testa franzida, um olhar desejoso, tímido, interrogador, que de repente se baixava como o duma virgenzinha, — uma virgem louca a quem embriagavam e começava a divagar... Um Lucianozinho de Rubempré (*)... Havia contudo sempre, no fundo de Marcos, o javalisinho que se volta quando o atacam, numa súbita trombada, como num relâmpago... Isso tornava-o mais atraente. Ficavam feridas. Duplo prazer! A caça abriu. As presas não tinham apenas de estar atentas às armadilhas, mas também às rabanadas de vento que passavam nele, de improviso, e o faziam atirar-se de cabeça para a frente. Tinha, porém, grande dificuldade em resistir. De cada vez saía da luta mais abalado.

(*) Personagem do romance *Ilusões Perdidas*, de Balzac. *(N. do T.)*

Previa o que estava para vir. Devia fugir... Dez vezes disse a si próprio: «Vai-te!», mas não fugiu... Apesar de tudo, era muito interessante! Havia demasiadas coisas a ver e a apanhar para os seus olhos de falcão, naquele coutado onde também era caçador e, do seu esconderijo, via passar todas as peças de caça, grandes e pequenas, de pêlos e de penas — apanhava até com a boca alguns bicos de pardalocas, à passagem; mas era perigoso: nesses momentos, a sua vontade soçobrava, arriscava-se a ser apanhado também... Sê-lo-ia... Não seria!... Afincava-se nessa ideia. Fugir, seria confessar a sua derrota... Ficava e, de dia para dia, o seu bornal de experiências enchia-se.

Não se tornou mais prudente. Tinha olhos de embriagado e na cabeça um turbilhão... Tudo em que acreditamos, ou não acreditamos, mas aceitamos para poder viver, todos os suportes da vida social, tudo desaba. Ah! toda a moral de anteontem (ontem, nem é bom falar nisso, era a guerra!), que resta dela? Os velhos pecados, os preconceitos, o próprio entrave da lei, sempre em atraso em relação à marcha da sociedade... seria muito pouco dizer que se calcam aos pés! Nem sequer é preciso fazer esforço. Caminhavam por cima disso sem pensar... É a derrocada da casa dos homens? O contrato social que se rasga? O regresso à selva?... Não, é o fim do contrato. Antes que se renove o arrendamento, riscam-se e acrescentam-se artigos. O velho edifício, estreito, doentio, cai em ruínas. É preciso refazê-lo e ampliá-lo. Nestas crises de crescimento, a humanidade doente tem necessidade de rejuvenescer o seu sangue viciado e depauperado, retemperando-se nas suas reservas de formidáveis energias animais. Os pais piegas e os poltrões choramingam: «Está tudo perdido!...» Está tudo salvo, ou há-de sê-lo. Nada, porém, gratuitamente! É preciso pagar o preço...

Marcos estava pronto a pagar o que fosse. Não seria demasiado para as suas posses? A sua inteligência era forte, muito forte, e conduzia-o para além do que o resto pode abarcar. Por mais que se veja, julgue e compreenda sem fraqueza, o cérebro não é um empíreo, está

preso ao ventre por todas as fibras; é traído, é entregue, e entrega-se ao inimigo... Enquanto esperava, defendia-se. Cérebro e coração estavam revoltados, tinham repentes de desprezo furioso contra certos espectáculos. Marcos permitia-se insolências de linguagem que irritavam o perfumista-rei na sua concha e faziam rir à socapa, ao puxar-lhe a orelha, o *Petit-Caporal,* Sílvia, com o seu boné de polícia ao lado:

— Desastrado! Vê lá se aprendes a portar-te convenientemente em sociedade!

Marcos reagia. Replicava com duras verdades. O que o indignava especialmente era o desperdício desregrado das suas festas. Dizia que isso era vergonhoso, quando havia milhares de pessoas sem ter que comer. Sílvia mal se comovia. Não tivera que comer anteontem. Agora, desforrava-se. Respondia-lhe, cínica:

— O excesso compensa o demasiado pouco. O excesso de uns e o demasiado pouco de outros equilibram-se... E depois, meu rapaz, que queres? O que não custa a ganhar não custa a gastar. É preciso desperdiçar...

Marcos dizia-lhe as últimas, tanto acerca da sua maneira de ganhar como da maneira de gastar, do comércio de luxo, de roupa branca e de pomadas dessa preparação para poucas vergonhas, e dessa exploração da clientela nos preços de venda (nos preços de roubo) tão exagerados como os caprichos desses animais desvairados: os imbecis dos compradores! Sílvia replicava que, se tivéssemos de viver da sabedoria dos homens e não da sua idiotice, podíamos apertar a barriga e, no fim de contas, ela e o seu Coquille faziam viver, não apenas ambos e o sobrinho (— Assoa-te, ranhoso!), mas exércitos de empregados. Marcos, vexado, replicava estùpidamente:

— Para que serve isso?

— Isso qué?

— Tudo o que fazes? Tudo o que eles fazem?

— Para nada. Para viver. Acaso a vida serve para alguma coisa? Sai-se do ventre, nasce-se, não se sabe porquê. Enchemos a barriga, comemos, amamos, agita-

mo-nos e não sabemos porquê. Morre-se, entramos não sei onde, não se sabe porquê... Só há uma coisa que sabemos porquê: aborrecemo-nos. Tudo o que fazemos cá em baixo tem como única finalidade não pensar que nos aborrecemos...

Marcos ficava chocado com a amargura sùbitamente revelada pela tia. Reparava no cansaço brusco que se lhe imprimia nas olheiras e nas rugas da boca extenuada. A mulher abandonava-se, num momento de fadiga; mas, em breve, tratava de se levantar, num repelão. Recalcava toda a pesada bagagem que arrastava nos seus alforjes e voltava para o campo com o seu ar de desafio e de ironia, onde passava um relâmpago de irritação. Aquele sobrinho idiota, com as suas parvoíces, fez-lhe ruminar a erva amarga do passado. Começava a estar farta dele. «Bazófias, meu menino! Faz de Catão! És como os outros! A primeira que vier caçar-te-á, quando quiser, fará de ti o que lhe apetecer. É preciso que te abatam a crista...» Sílvia retomava o seu jogo e a sua actividade violenta.

Marcos não era injusto para a tia. Sabia muito bem que Sílvia nunca cedia à ociosidade. Bem a via conduzir a par o trabalho e os prazeres; continuava a trabalhar duramente e a fazer trabalhar os seus empregados, não parava nunca. Em verdade, só apreciava o trabalho — qualquer que ele fosse — e desprezava aqueles animais de luxo, que «não fazem nada», a quem ela explorava sem nenhum escrúpulo em os roubar. Havia nela, como em muitas raparigas do povo de Paris, um fundo de petroleira da Comuna que, num dado momento, é capaz de, ràpidamente, incendiar — e com que prazer! — a sociedade. Não fazem, contudo, ideia exacta da Revolução social organizada. Uma Sílvia nem queria ouvir falar em tal coisa. A pequena burguesa e a petroleira coexistiam nela. O mesmo petróleo que serve para atear o fogo no Tribunal de Contas, serve para aquecer o fogão.

Quanto à lógica das ideias, uma Sílvia não se preocupava com isso. Era um temperamento anárquico, que pretendia fazer a justiça e injustiça à sua livre vontade,

sem a interferência do Estado e dos outros. Moral era o que lhe agradava. O que lhe agradava era, na sua impudência, muitas vezes mais recto do que o Direito. Detestava todas as farsas hipócritas da beneficência oficial e mundana; mas, sem o confessar, tinha também a sua beneficência, activa, precisa; e, para a fazer, não se fiava em ninguém. Mantinha na linha as suas empregadas, pois não admitia ociosas no trabalho; mas vigiava-as, ocupava-se da sua saúde. Fundou perto de Paris uma casa de repouso e de férias para elas. Casava-as e fazia às suas preferidas grandes presentes que eram pequenos dotes; mais ainda, tornou-se confidente delas, aconselhava-as, dirigia-as, à sua maneira imoral ou moral, mas sempre humana, que sabia o que exigem as fraquezas, sem, contudo, permitir que se servissem dela mais do que era justo. Faria bem em aconselhar-se também a si e em limitar a parte que tomava no incêndio.

Arrogava-se, contudo, o privilégio de um tratamento à parte. Fiava-se, um tanto de mais, no seu instinto e nas suas forças, de que abusava, impunemente, havia vinte anos... A impunidade não podia ser eterna. Sílvia acabaria por sentir sinais precursores, o abalo da sua saúde e sentia-os. Estava, porém, habituada a correr riscos... Além disso, havia nesse furor de actividade e de prazer— como Marcos, num segundo, entreviu — um fundo de amarga indiferença na sua vida sem filhos, um rancor contra a vida, cuja inutilidade não era preciso que o imbecilzinho do Marcos lhe fosse ensinar... «Estoira, carcaça! Mas até ao último alento trabalha, e goza!»

NUMA das festas no seu palacete — baile, fumos de ópio, pequenas lupercais — em que Sílvia, apetitosa e florida, decotada (como ela dizia: «até ao rabo»), diabòlicamente pintada e, finalmente, com a razão transtornada pelos «cocktails», uma verdadeira ninfa, lançava fogo à sua volta, o cérebro de Marcos fraquejou. Com a febre permanente na medula, bastava pouca coisa para o embebedar! Algumas vezes, a consciência da sua inferioridade, em vez de o tornar mais prudente, excitava-o, por bravata... Estava bêbado... Os olhos fechavam-se-lhe. Não via nada, não sabia nada, era arrastado para o fundo do turbilhão, levado pela cabra; nos seus ouvidos, o sangue fazia um ruído de trovão, o desejo rugia, e a razão embotada vacilava. Já não distinguia sequer na farândola a boca rubra que ria contra a sua boca... No entanto, mordia-a. Um estranho, um selvagem ciúme o abrasava... Perdera a consciência, encontrava-se, soterrado, num subsolo, a ouvir ao longe a algazarra e a música, sòzinho, perdido, sem conseguir pôr ordem nos pensamentos... Que se passou?... Não se recordava de nada, não sabia se estava a lembrar-se, se a inventar... No que inventava, o temor não era menos activo do que o desejo... Já não havia fronteiras entre o que foi e o que poderia ter sido... Sentia-se, igualmente, devorado por um e por outro, dorido, marcado no coração... Ao partir, fugindo medrosamente da quermesse que lá em cima, infatigável, desenrolava, sem cessar, os seus anéis, recordava-se da

boca sangrenta e ouvia as gargalhadas da diabinha de Jordaens. Evadiu-se na noite, a tremer, gelo e fogo, e o espírito, que se flagelava, a sangrar, sem chegar nem a saber nem a lamentar. Ódio e desprezo, sim, seja ao que for. A fogo, a sangue. Remorsos, não. Esquecimento, não. Era perseguido... Para se castigar, mergulhou na sua mansarda de estudante, no seu deserto. Não voltou mais.

Sílvia era incapaz de compreender a tormenta que se desencadeava no adolescente. Do turbilhão da noite não lhe restava, no dia seguinte, a menor tortura. Vira, nìtidamente, nos olhos do rapaz, esse furor súbito e ardente, essa borrasca de ciúme que lhe fez estalar os ossos e lhe imprimiu essa mordedura nos lábios... Era tudo... Era, ao mesmo tempo, sedutor e burlesco... Sílvia estava imunizada contra todas as perturbações que deixava na sua esteira, graças à solidez da sua natureza amoral, sem vícios profundos, indiferente às convenções, justas ou injustas, espírito de grandeza, olhar irónico sempre atento ao burlesco das situações. Tinha visto outrora a velha Sarah na «Fedra» e lembrava-se de Hipólito... Ah! que pardal!... O seu Hipólito, envergonhado, raspou-se... Isso fazia-a rebentar de riso... Que importância tem! Deus do Céu, como se é estúpido aos vinte anos!... São sempre os espíritos lunáticos que fazem um mundo desses nadas! Quando se dorme com o eterno, não temos de nos preocupar com uma pétala de rosa nos lençóis!... Sílvia piscava os olhos ao espelho. A rosa estava madura... Ria-se dela e dele, imparcialmente. A marota ria também da sua querida irmã Anita: que diria ela, se soubesse!... Não há nenhum perigo que o saiba. Hipólito correria antes, «*saído das portas de Trezena*», para se meter na barriga do monstro... «Vai, meu Jonas!...» Sílvia deixou-o correr. Ele voltaria...

Marcos, porém, não voltou. O teimoso rapaz acumulava em si a sua raiva. Não perdoava a sua derrota. Não apenas a dessa noite, que nunca chegaria a saber o que foi (era isso o mais pungente! Porque a «outra» sabia... Que sabia ela?...), mas a derrota de todos esses dias

que vendeu a um mundo inimigo: (não estivera por conta?) O pior, contudo, ainda era a derrota do prazer que saboreou nela. Com essa crápula de especuladores e prostituídos que vive da miséria do mundo, também ele se misturou! Também a si aplicava a injúria de «prostituído»... Nenhuma desculpa! Não se podia desculpar com a sua fraqueza. Conhecia-a melhor do que ninguém. Mentia a si próprio, quando dizia que seria o mais forte. Dizia-o, no próprio momento em que traía. Traía por cumplicidade com o obscuro desejo que o devorava de provar dessa floração do luxo depravado, de todos esses frutos dum mundo podre. Justificava-o mentirosamente pela desculpa dos direitos do espírito, que deve ver e conhecer para melhor combater.

Pois bem, tinha visto — e tinha-se visto — agora! Certamente, nada disso ficaria perdido. Voltava carregado de despojos. Nesses despojos, contudo, havia também o seu: «Marcos, o prostituído»... Calcava-o aos pés, juntamente com essa sociedade a que se ligara. Castigou-se. Por uma reacção de ascetismo furioso, fez o juramento de abolir de si todos esses instintos traiçoeiros que o haviam entregado ao inimigo. Impôs-se uma disciplina de rigoroso trabalho, de renúncia austera e de abstinência total da mulher. Vencer a sua natureza, forjá-la de novo, esmagando-a na bigorna. Belo meio, para acumular no fundo de si as revoltas do inimigo violentado! Nessa idade, porém, o inumano é muitas vezes o único meio de salvação. Porque, nessa idade, nos rapazes dessa têmpera, só há escolha possível entre os extremos. Marcos escolheu o da «armadura de ferro». Meteu o seu magro corpo jovem, a arder de febre e de fraqueza, numa couraça de implacável renúncia. Conservou-a, dia e noite, ajustada à pele. Conservava-a até para dormir — para não dormir *(Per non dormire...* a grande divisa!) — para se forçar a estar de olhos sempre abertos.

Sílvia, que tinha os seus informadores no Bairro Latino, soube que Marcos se encontrava em dificuldades materiais. Pretendeu auxiliá-lo, mas ele repeliu-a.

Durante dois ou três meses, periòdicamente, Sílvia persistiu. Marcos persistiu também. Não respondeu a nenhum bilhete. Ela dirigiu-lhe, sem uma palavra, um cheque. O último insulto!... Dinheiro dela, agora!... Riscou o cheque com um colérico: «Recusado!» e devolveu-lho na volta do correio. Sílvia sentiu vontade de lhe ir puxar as orelhas. O idiota do garoto!... Via-se a abrir a porta do seu esconderijo e a dirigir-se a ele, que lhe voltava as costas, de olhos raivosos, pálido de cólera, de boca cerrada... Fez bem em não experimentar! Não se sabia qual dos bicos ficaria cerrado. Talvez ele lhe dissesse palavras cruéis, difíceis de apagar jamais...

Por felicidade, Sílvia embrenhou-se de novo no torvelinho das suas tarefas. A máquina rugia. Já não era possível detê-la. Isso teria sido prudente: por duas ou três vezes, o sangue turvara-lhe a vista. Sílvia, porém, não tinha o hábito de se incomodar com as suas dorzinhas... Para a frente, dança!... De novo, o seu pé ligeiro deslizou para o meio da farândola. A farândola afastou-se. Durante seis meses, Marcos só ouviu falar da senhora Coquille através dos jornais. Sílvia esquecera-o totalmente.

MARCOS encontrava-se, pois, tão só quanto desejava. Se queria contar apenas consigo para se tirar de dificuldades, estava satisfeito o seu desejo. Não tinha a esperar nada de quem quer que fosse. Sua mãe estava longe e não tinha dinheiro para lhe enviar. Ela própria tinha dificuldade em conseguir que lhe pagassem. Escreviam-se pouco, Anita estava numa aldeia perdida: as comunicações eram difíceis e as cartas tinham atrasos inconcebíveis. Caída numa esparrela, atravessava as semanas mais críticas do seu exílio. Teria muito que contar — se o contar — quando conseguir safar-se. Até lá, boca fechada, como o filho, quando se deixava cair nalguma armadilha. Mãe e filho tinham a cabeça dura: «Isso só a mim diz respeito! Ninguém tem o direito de meter o nariz nos meus aborrecimentos.» Enviavam apenas um ao outro, todos os quinze dias, algumas linhas vagas, mas vigorosas, para lembrar: «Cá estou!» Eram menos as duma mãe e dum filho do que de dois companheiros. A mão firme da mulher de olhos claros apertava os dedos bruscos, sempre febris, do seu rapaz... Vai-se indo! Aguenta-se!...

Marcos não voltou a pôr os pés em casa de Ruche. O grupo de amigos estava dissolvido, espalhado aos quatro ventos. Cada qual tratava de si! Acabou por compreender que não era do intelecto que tinha a esperar o seu pão. Se queria viver, tinha de «ceder». Não importava o ofício, desde que o salário lhe permitisse subsistir!... Já era muito ter conseguido aceitar essa ideia.

Isso, porém, nada adiantava. Que importa querer «aceitar» se não nos oferecem nada! A sociedade ri-se na nossa cara: «Podes guardar a tua magnanimidade. Para que preciso de ti?...» Eram centenas à espreita do osso. Marcos chegava sempre atrasado. Nesses primeiros choques com os outros, sentia-se ainda retido por um certo pudor. Deixava passar os que estavam à frente, ou se infiltravam, os que pareciam fracos e dignos de comiseração, ou, pelo contrário, os demasiado atrevidos: porque, nesse caso, seria necessário pegar-se com eles e tinha nojo de sujar as mãos naquelas golas ensebadas. Às vezes, o sangue subia-lhe furiosamente à cabeça: não era dos outros que tinha medo, era de si... (O mata-mouros? «Agarrem-me!...»)

Não! a ironia não deve ser utilizada contra esse rapaz que se sentia bruscamente agitado pelas ondas interiores e tinha a angústia de saber que, nesses momentos, a sua vontade nada podia contra elas, que era levado de roldão. Era preciso tempo e mais de um malogro perigoso, antes de aprender, não a repeli-las — seria expor-se a ser destruído — mas a dirigi-las, utilizando-as como hulha branca, forças motrizes... Dessem-lhe tempo! Se viver, consegui-lo-ia um dia, talvez. Viver, porém, era precisamente o problema! Poderia viver? Por quanto tempo? Como?... Fez o giro dos editores e das livrarias. Depois de vinte tentativas inúteis, conseguiu um lugar, à experiência, na tipografia dum jornal, no turno da noite. Inexperiente, desajeitado, mal visto pelos companheiros de servidão, que farejavam nele o aristocrata e que, em vez de o ajudarem, lhe dificultavam o trabalho, foi excluído ao fim da terceira noite. Com grande dificuldade, conseguiu, por duas vezes, traduções de prospectos, cartas comerciais; trabalho sem futuro!

O seu conhecimento das literaturas encalhava diante dos termos usuais da vida de negócios. Um dia, Sainte-Luce, que o via rondar esfomeado, conseguiu que o contratassem num cinema a título de substituto, como arrumador. Teve a infelicidade de arranjar uma gripe que,

após a ter arrastado ao frio e ao calor, o obrigou a ficar de cama alguns dias. Depois, naturalmente, o lugar estava tomado e não encontrou mais nenhum. Sainte-Luce, que se interessou durante uma noite inteira pelas suas dificuldades, não tinha o hábito de se demorar num pensamento; depois do auxílio que lhe prestou, esqueceu-o; e não sabia onde voltar a encontrá-lo. Deus sabe como ele vivia, também! Nessa noite em que estiveram juntos (depois do cinema, Sainte-Luce levou-o a um *dancing* onde trabalhava, no fundo dum bar clandestino, onde estiveram a conversar, extenuados e febris, até de madrugada), Marcos soube, estupefacto, que o elegante Luce não era menos necessitado do que ele.

As relações com a mãe, a bonita *star*, a quem chamava José, e de que falava com uma incrível familiaridade, eram estranhas e espaçadas: andava sempre em viagem; quando se reviam de longe em longe, diziam amabilidades um ao outro, percorriam juntos as *boîtes* nocturnas e ela atafulhava-o de bombons, de presentes inúteis e de dólares, se ainda lhe restavam alguns. Luce gastava-os em outras prendas para ela, em jóias e flores, de que a mãe não sabia que fazer, mas de que nunca se cansava, e até em cães de luxo, macacos ou periquitos, toda a espécie de bugigangas, a que ambos achavam imensa graça. Em seguida, a mãe desaparecia por dois meses, deixava-o em Paris sem um soldo, sem se preocuparem mais um com o outro. Ou, de repente, lá se lembrava: Luce recebia um cheque, graúdo ou pequeno (geralmente nos dias em que não sabia onde havia de ir jantar). Então ria-se: no fundo, esse imprevisto divertia-o.

Bem longe de lhe ter rancor, agradava-lhe que a mãe fosse tal como era. Sentia mais prazer em saber-se saído dessa bonita rapariga, do que se lhe tivessem oferecido, em seu lugar, uma mãe séria e bem acomodada. Desenvencilhar-se-ia bem sòzinho! Nascera acrobata, tinha mil truques para, em caso de queda, cair sempre de pé, e um estômago tão complacente! Os dias de jejum quase não o assustavam! Bastavam a esse pássaro algumas

migalhas na palma da mão, contanto que a mão fosse bonita. De bonitas mãos nunca tinha falta. Elas próprias o procuravam. Poder-se-ia perguntar se, por vezes, Luce não aceitava delas, entre a comida e a dormida, um óbolo. Não fizera mistério disso a Marcos, nessa noite em que o amigo se mostrava surpreendido com a elegância que Luce arvorava nos maus dias. O encantador atrevido disse-lhe:

— Elas despem-me e vestem-me. Só tens de deixar-lhes fazer outro tanto...

Marcos, vexado, não soube que responder. Irritar-se? Teria sido despropositado. Sentia-se nìtidamente que toda a chuva escorregava pelas penas daquele pato! Não podia ser julgado à medida do filho de Anita. No tempo em que havia ainda um além em que, após o julgamento, se encerravam as almas humanas em três compartimentos separados, Luce não teria tido lugar em nenhum dos três; teria ido para onde vão as almas dos animais, para os viveiros da eternidade... Marcos não tinha a certeza da sua superioridade de alma de homem; mas era preferível afirmá-lo, se queria — e ele queria! — não ceder.

Em todo o caso, não podia esquecer que Luce lhe oferecera numa noite, sem hesitar, o fundo da sua bolsa e que fora o único dos amigos a fazê-lo. O nababo Véron contentara-se com abrir-lhe a sua caixa de charutos, num dia em que encontrara Marcos extenuado pela caça ao salário. Véron não tivera uma palavra para se informar da sua situação: estava-se nas tintas para isso. Marcos, embora a odiá-lo, agradecia-lhe por não fazer qualquer esforço para dissimular o seu egoísmo. Por isso mesmo, não sentira muita dificuldade em revelar-lhe os seus próprios sentimentos.

Véron, nesse dia, estava dum humor insuportável: trazia um braço ao peito. Marcos perguntou-lhe, irònicamente, se era algum ferimento de guerra. Véron disse um palavrão, falou dum furúnculo, injuriou qualquer coisa, uma macaca, cortou a conversa. Ao separarem-se, Marcos marcou-lhe encontro para o próximo serão de

Val-de-Ruche (do Val-de-Grâce); teria acrescentado: para a semana dos nove dias, pois não tinha nenhum desejo de voltar a essas reuniões. Véron desatou num riso insultuoso, escarrou de cólera, chamou-lhe «vitelo de Ruche», e cobriu a «donzela» de ignóbeis epítetos. Depois, como Marcos, surpreendido com essa fúria, lhe perguntasse que bicho lhe mordera, interrompeu-se bruscamente, lançou-lhe um olhar furioso e voltou-lhe as costas.

Marcos continuou a corrida aos empregos. Nessa luta pela vida, era ainda muito inexperiente. A altivez ensina mal a introduzir-se, como uma cobra, por todas as fendas da vedação que protege o guarda-comidas. Em compensação, porém, dá forças raivosas para resistir, nas piores horas em que o corpo está enfraquecido e o espírito minado pela dúvida. Embora Marcos dissesse a si próprio: «Sou e serei vencido», jamais o diria aos outros; dizê-lo, seria renunciar à luta. Nem por momentos a ideia do suicídio lhe aflorou ao espírito. Suicida-se alguém no campo de batalha? Não é a morte que falta! Nem sequer há o problema da escolha. Ela encarrega-se disso. Não, o que falta é a vida!... «Pois tudo isto que me rodeia, estas mulheres, estes homens, este turbilhão, este corpo a corpo, estes acasalamentos, isso não é a vida, é o seu bolor. Como alcançar, porém, a verdadeira vida, onde encontrá-la? Existe ela, ao menos?... Não sei. No entanto, um impulso irresistível impele-me para o norte, como a agulha magnética... Que é o norte? Um glaciar? Um abismo cavado nos gelos eternos?... Também não sei. O norte, contudo, existe. É preciso que me dirija para o norte. A força cega vê por mim. Quer por mim. A minha liberdade é querer o que ela quer. Certo ou errado, é a minha lei». No fim de contas, toda a sabedoria desse momento se resumia na do velho bom-senso gaulês: «*Não morrer, enquanto se tem vida!*»

De dia, Marcos fazia o ofício de caixeiro de vigia à porta duma mercearia, no passeio da rua Caumartin. De gola levantada, tiritava de frio nessas semanas cinzentas de Janeiro. À noite, impunha-se algumas horas para ler, escrever, meditar, procurar abarcar o mais possível o enigma do mundo. Este, porém, escorregava-lhe dos dedos entorpecidos, e a sua cabeça vacilava de sono. Quando podia, fazia um café muito forte para não dormir. Depois, sofreu-lhe as consequências. Perdeu a chave dos mergulhos no lago salutar do esquecimento. Durante dias consecutivos e noites alucinadas que se prolongavam, torcendo-se como os anéis duma serpente sem começo nem fim, arrastou o seu cansaço e as suas cãibras no estômago, as suas ideias fixas, os seus olhos queimados. Não pagara ainda a renda do quarto. Estava ameaçado de ser expulso. Vendera o que podia vender. Os raros objectos que ainda conservava, trazia-os consigo, na sua pasta de estudante; depois (teve também que desfazer-se dela), nas algibeiras: tinha medo que lhos roubassem durante a sua ausência.

Um dia em que, na semivertigem da insónia, estava plantado como uma garça, com o pescoço encolhido entre os ombros, ao canto da montra da loja, na avenida embebida de nevoeiro gelado, a olhar sem ver — ou a ver só depois de já ter passado — o desfile precipitado dos fantasmas na rua (ele próprio, como um fantasma, sentia-se roçar e deslizar) teve, de repente, a impressão de encontrar, numa face pálida, um olhar preocupado

que o espiava, e uma mão furtiva fechada sobre um objecto que se precipitava para debaixo duma capa... Saiu do seu entorpecimento e fixou, a alguns passos, a imagem duma rapariga que se imprimira nos seus olhos lassos: de braços escondidos debaixo dum abafo, viu-a enregelada diante da montra; tinha a certeza de a mulher ver o seu olhar pousado nela, era como a perdiz detida pelo cão: no mesmo instante, acabava de desaparecer o furto debaixo do vestido: alguns tomates. A rapariga esperava o que iria acontecer... Marcos, que sabia tanto como ela, aproximou-se. Estava muito perto, os braços igualmente colados ao corpo. Quase se tocaram, tinham ambos mais ou menos a mesma estatura, e a boca de Marcos estava à altura da face magra, de maxilares contraídos. A rapariga não abriu a boca. Era preciso, contudo, decidir-se. Fez um esforço e disse-lhe numa voz estrangulada:

— Vamos, dê cá!

Nesse momento viu, à porta da loja, um inspector que os observava. Apressou-se a ciciar à perdiz:

— Não, não se mexa!... Estão a espiar-*nos*...

O imprudente!... Mordeu os lábios... Tanto pior! *Alea jacta*... Marcos deu alguns passos para dissimular. A rapariga parecia examinar outros objectos. O inspector voltou para dentro. Marcos aproximou-se de novo. Com um olhar, percorreu a espinha magra, a cabeça redonda, a cara franzida da gata faminta. Num gesto brusco, meteu-lhe, debaixo do xaile no fio, três ou quatro bananas e disse-lhe, sem abrir os dentes:

— Alimenta mais!... Tome, desapareça!

A rapariga levantou a cabeça e lançou-lhe um olhar agudo; a gratidão era menos forte do que a surpresa: «Ah! com que então também és da confraria?...» Não havia tempo para explicações. A mulher desapareceu na onda da rua... Marcos dizia de si para si: «Sou o cão que volta a ser lobo. Abro a minha quinta às barrigas vazias...» Que jogo engraçado! Não hesitaria em repetir o que fizera. A ocasião era propícia. Nesse jogo, porém, Marcos não se sentia à vontade.

De volta a casa, encontrou Bette no caminho. Achou divertido contar-lhe a aventura. Tinha a certeza do que iria passar-se. Bette esqueceu de repente as suas românticas ideias de revolta antiburguesa. O seu sangue de merceeira subiu-lhe à cabeça e gritou indignada:

— Ah, não! Isso é demasiado forte!... Isso não se faz!...

Marcos riu-lhe na cara. Bette deixou-o, com um ar de majestade ofendida.

Não voltou para o lugar de sentinela no armazém. Nem sequer teve o trabalho de se despedir. Puseram-no à margem. Sem poderem formular uma acusação precisa contra ele, tornara-se suspeito. Os cães farejaram-lhe no pêlo um cheiro a selva.

Voltou a entrar, dessa vez mais do que nunca, na confraria da fome. Nenhum lugar em parte nenhuma. Nas algibeiras, também, nada para empenhar. Para cúmulo, uma noite, o que ele temia: encontrou a porta do quarto fechada; fora expulso. Era uma noite de fins de Fevereiro, por entre rajadas de vento norte que varriam a avenida e bátegas de neve que se derretia ao esfacelar-se no pavimento. Curvava as costas, embrulhado no casaco, a procurar oferecer o menor espaço ao assalto. De cabeça baixa, enregelava. Estava extenuado e ensopado. Dizia para si: «vou cair...» Chocou com uma mulher que ia a passar. Nem a viu, mas a mão dela agarrou-o pelo braço. Marcos despertou...

— Rivière!...

A mão não o largava. Ergueu os olhos esgazeados... Ruche... Não ouviu o que ela lhe dizia, no ruído da avenida e do vento a soprar com fúria. Puxou-o para o canto abrigado duma casa. Não soube o que ela perguntou, o que lhe respondeu. Não foi preciso, porém, mais para Ruche compreender. Sem lhe pedir sequer a sua opinião, levou-o. Marcos não discutia. Deixou-se levar, sem uma palavra, até à porta... Ah! a sua casa...

— Suba!

Marcos subiu.

— Entre!

Marcos entrou... A atmosfera morna do quarto, á fadiga, o jejum... Sentiu-se aturdido... Ruche empurrou-o para a única cadeira. Sentiu que lhe desabotoava o casaco encharcado de água e lhe tirava os braços das mangas. Ouvia-a falar, mas não compreendia; era como um murmúrio que se confundia com o da chaleira em cima do fogareiro. A rapariga ia e vinha; Marcos não procurava seguir-lhe os movimentos... os seus olhos fechavam-se... Reabriu-os por um momento... tinha de encontro aos lábios uma mão que lhe entornava na garganta uma golada quente, reconfortante. Uma voz boa dizia-lhe:

— Bebe, meu velho!...

Não tinha forças para olhar mais acima dessa mão, mas a imagem dela ficar-lhe-ia gravada, fixada. Longo tempo depois, quando voltava a pensar na Boa Samaritana, não era o seu rosto, mas a sua mão que via. Nesse estado de semiconsciência, parecia-lhe que era essa mão que falava. Assim que o golo de leite escorregou, a sua cabeça deslizou contra o espaldar da cadeira e pendeu, com o pescoço a doer-lhe, mas não fez o mais leve movimento, estava todo dorido por fora, mas com um calor por dentro... As boas mãos levantaram-lhe a cabeça, que pendia... Ainda um raio de consciência, depois mergulhou...

Quando voltou à superfície, algumas horas depois, estava estendido no escuro. No tecto do quarto filtrava-se, na sombra, uma pálida claridade da rua. Procurava compreender, imóvel, sem ruído, desconfiado como um animal que acabasse de despertar na floresta. Tacteava lentamente umas pernas à volta dele. Estava em cima dum colchão, despido, envolto em cobertores. Por baixo do colchão, o sobrado dum quarto. Por cima, a respiração dum peito, depois um roçar de lençóis, e a voz de Ruche:

— Estás acordado?

Então recordou-se de tudo e quis levantar-se, mas tinha os membros doridos. Ruche dizia:

— Não, não te mexas!...

Marcos perguntou:

— Onde é que estou? Onde estás? — sem reparar que a tratava por tu.

— Não te aflijas! Estás abrigado...

O rapaz continuava a dar voltas.

— Não; quero ver...

— Queres que acenda a luz? Só um instante...

Rodou o botão da electricidade. Marcos viu, por cima de si, a cabeça de Ruche, a piscar os olhos. Fizera-lhe, ao pé da sua, uma cama no chão. Sentou-se e a sua fronte chegava ao nível da outra cama; os seus olhos deram uma volta pelo aposento: Ruche estendida, a parede, a mesa, e os objectos... mas já Ruche apagara a luz...

— Não, ainda não!...

— Basta!

Marcos voltou a deitar-se; mas nos seus olhos todas as imagens se tinham gravado; e agora, uma após outra, encontrava o sentido delas. Calaram-se. Marcos, apalpando-se, disse:

— Ouve!

— Que é?

— A minha roupa!...

— Tirei-ta.

— Oh, Ruche!

— Estava que se podia torcer... Na guerra, como na guerra!...

— Oh! É vergonhoso! Vim asilar; incomodo-te; não sou capaz de me governar sòzinho, sou como uma rapariga...

— Pois sim! — disse alto a voz risonha —mas, pelo menos, podias não dizer mal delas. As raparigas sempre valem alguma coisa, às vezes.

— Sim, tu; mas, para encontrar uma como tu, é preciso andar muito.

— Era só dobrar a rua de Val-de-Grâce.

Marcos sentiu no rosto a longa mão que, do alto, pendia, que o procurava, que lhe acariciava a fronte, as sobrancelhas, os olhos, depois, traquina, lhe aper-

tava o nariz. Procurou apanhá-la, com a boca, como um peixe, sem tirar os braços da cama. Ruche disse-lhe:

— Tenho a certeza que não conheces o ditado da minha terra.

— Qual?

— «Quem nunca dormiu em Orleães, não sabe o que são mulheres».

O rapaz mexeu-se:

— Gostaria bem de saber.

A mão deu-lhe uma palmada e retirou-se:

— Não, meu amigo, não. Não são horas de ir à escola. São horas de dormir. Apaga tudo!

— Tudo?

— Tudo o que arde, em cima, em baixo. São horas de apagar o lume. Dorme!

Marcos guardou silêncio durante alguns minutos; depois:

— Ruche...

— Estou a dormir...

— Uma palavra... Que era aquilo, aquele objecto, que vi brilhar, além, em cima da mesa?...

— Nada.

— Um revólver?

— Sim.

Ruche riu:

— Não é para te matar, meu pateta.

— Também penso que não. Confias tanto em mim como em ti.

A rapariga respondeu para si: «Não será ainda altura de o dizer!» Marcos ouviu apenas o seu riso abafado. Mexeu-se de novo:

— Não tens confiança em mim, Ruche?

— Caluda! Dorme!... Sim, meu amigo, tanto quanto é possível ter confiança num homem...

— Ou numa mulher.

— Ou numa mulher... Sabes, não te queixes! O que te consinto já é muito... Em geral, porém, com os animais da tua espécie, é preferível confiar quando se tem uma arma na mão.

— *Para bellum!*... Que pacifista!... Aposto que nunca brincaste com esse brinquedo! Sabes ao menos como se brinca?

— Pois bem, meu menino, se apostas perdes. Que apostas?

— Qualquer coisa. O que tu quiseres.

— Combinado. Registo.

— Quando o utilizaste? Contra quem?

— Adivinha!

— Conheço-o?

— Não conheces outra coisa!

— Quem?

— Vi-vos o outro dia juntos à esquina do café Soufflot...

Fez-se luz no seu espírito: o braço ao peito...

— Véron!

Ruche sufocava o riso de encontro ao travesseiro.

— Véron! Véron? Esse grande varrasco!...

— Sim, os seus princípios dizem-lhe que, com a fêmea, a força é o argumento preferido. A toque de caixa, de archote aceso, dispôs-se a demonstrar-mo. Para lhe provar que estávamos de acordo, meti-lhe uma ameixa no ombro. «Quem é o mais forte, tiozinho?» Se tu visses o seu ar estupefacto! Ficou de boca aberta... Sim, mas depois, que chorrilho de insultos!...

— Ainda os diz — proferiu Marcos, a rir às gargalhadas.

Riram ambos como duas crianças.

— Agora, dorme! — disse Ruche, a limpar os olhos aos lençóis.

Marcos submeteu-se dòcilmente... Estavam já meio adormecidos... mas o rapaz arrancou-se ao seu torpor, levantou-se e sussurrou numa voz ardente e abafada:

— Ruche... Ruche...

— Oh! És aborrecido — fez a voz sonolenta, — não posso mais, morro de sono... Deixa-me em paz!

Marcos, porém, encostava a cabeça às pernas de Ruche, embrulhadas na roupa:

— Ruche... Ruche... Admiro-te... Venero-te...

— Não sejas idiota! Cala-te e dorme — disse Ruche, comovida.

Dormiram até de manhã. Quando um raio de sol perdido na velha rua lhe disparou a sua flecha nos olhos fechados e abriu as pálpebras, Marcos ouviu-a mergulhar na banheira, atrás do biombo. Para sair do leito, Ruche tivera de passar por cima dele. Ainda agora se ria disso, enquanto passava a grossa esponja que pingava sobre as suas longas coxas.

— Ruche!

— Não tenho tempo! Estou ocupada...

Um braço nu saudou-o por cima do biombo.

— De que te ris?

— De ti.

— Ri! Tens esse direito.

Num gesto irreflectido, por detrás da cortina, Ruche apertou contra a boca a esponja molhada para lhe enviar um beijo.

— Ah! Sou tão idiota como tu...

— Porquê?

— ...nada com isso!...

Não lhe apetecia protestar, nem mexer-se. Aquela boa noite, aquele bom despertar, aquele bem-estar... Estava ainda entorpecido... Contudo, não! Era vergonhoso... Endireitou-se como um junco...

— Vou levantar-me...

— Não, não, espera ainda. Tapa os olhos! Vou sair. Proibido olhar.

Claro está, ele olhou, viu a ninfa de alto a baixo. Do fundo do quarto, Ruche atirou-lhe tudo o que apanhou à mão: almofadas, toalhas, e as calças que tinham estado a secar durante a noite; ficou metido debaixo duma pilha de roupa.

— Mergulha e asfixia!...

Antes que Marcos se tivesse libertado, num abrir e fechar de olhos, Ruche estava vestida. Então, restituiu-lhe o ar e a luz.

— Agora, vai arranjar-te. Vou buscar provisões.

Ficou sòzinho e vestiu-se. Ruche voltou com o leite, o pão e fatias de fiambre. Enquanto tomavam o pequeno almoço, frente a frente, conversaram. Ruche contemplava, com os seus olhos de chinesa, onde a distância voltara a cavar-se, a cabeça jovem que, durante a noite, se roçara pelas suas pernas... O idiotazinho!... Trocaram um sorriso de inteligência. Sem o confessarem, tinham chegado, cada um por si, à mesma conclusão: «Não se podia repetir uma noite semelhante...»

— Ora bem — disse Ruche. — Não tens medo de fazer seja que ofício for?...

— São todos estúpidos — disse Marcos — mas nós também o somos, não temos o direito de nos fazer caros.

— Gosto de te ouvir isso: és demasiado orgulhoso para não julgares que fazes uma honra à necessidade, qualquer que ela seja, aceitando-a. Não lhe fazes boquinhas.

— Agora, já não.

— Sim, tu mudaste de há seis meses para cá. A boca grande fica-te melhor.

— A tua também não é má.

— «Tal boca, tal cepa...» Somos ambos da boa madeira de que se fazem as flechas.

— Que visa, porém, a flecha?

— Sim, receei muito, no ano passado, que a tua traspassasse o alvo abaixo da cintura.

— Fazes-me corar... Tens olhos em toda a parte?... Como soubeste?...

— Tinhas os olhos presos ao engodo.

— Já os soltei.

— Tê-lo conseguido, já não é pouco. Estimei-te a partir desse dia.

— Não podias dizer-mo?

— De que serve isso?

— Pode ajudar-nos, nos dias em que não nos estimamos a nós próprios.

— Há seis meses, isso não teria contado para ti.

— Pois bem, mas conta hoje.

— Pobre rapaz! É preciso estar a tinir!

— Não me digas isso, precisamente agora que começo a fazer o meu pé-de-meia!

— Sou, sem dúvida, a primeira migalha?... Ao teu próximo milhão!... Enquanto esperas, aceitarias, só pelo tempo de endireitar a vida, um lugar num restaurante de estudantes?

Marcos engoliu a saliva e disse afoitamente:

— Sim, se lá fores jantar de vez em quando.

— Porquê?

— Servir-te, ajudar-me-á.

— Terás muito quem te ajude.

Ruche apresentou-o à gerente, a quem conhecia, e Marcos, nesse mesmo dia, deitou mãos à obra, amparado pelo olhar e pelos conselhos de Ruche. Esta fez mais: depois de a onda dos clientes ter partido, puxou Marcos para o canto de uma mesa e serviu-o ela. Depois, tudo foi fácil. Quanto ao alojamento, adiantou-lhe o aluguer de um quarto num hotelzinho do bairro.

Pareceria que, dali por diante, deveriam encontrar-se muitas vezes. Nada disso. Nos primeiros tempos, Marcos foi, à noite, por duas ou três vezes, bater à porta de Ruche; nas duas ou três vezes, ela tinha saído. Ou então, estaria lá, acaçapada a um canto, de cigarro na boca, a segurar os pés com as mãos? A estranha rapariga tinha a sua vida própria, que não contava a ninguém; e o impulso de simpatia, que, uma noite, a aproximou de Marcos, não abria a este nenhum acesso privilegiado. Antes pelo contrário; o instinto de Ruche dizia: «Ah! Ele tirou o ferrolho? Ponhamos então a tranca!»

Nenhum prazer valia para ela a independência... Bela independência!... Como ela a utilizava!... Ridicularizava-se, enquanto apertava os dedos dos pés... «Pateta!... Seja! Pateta sou e quero ser. Os meus dedos são para mim. A minha pele é minha, como todo o meu ser. Tenho-me, de alto a baixo. Ninguém me tem... Espera um pouco, minha menina! Veremos... Então veremos... Apostamos!... Aposto...»

Era um dos seus divertimentos: apostar consigo pró-

pria. Temos a certeza de ganhar. Sobretudo quando se trapaceia... Não temos de que nos envergonhar!

Marcos teria sido capaz de compreender o seu instinto de defesa... «Defendo-me. Defende-te!...» Estava porém, demasiado ocupado em pôr a claro os seus próprios segredos para se preocupar com os de Ruche. Os seus preconceitos masculinos faziam-no aliás pensar que os segredos de uma rapariga eram «chichi de gato»!... Gostava muito de gatos; mas um gato é um gato; um homem é um homem...

Ruche, sem que Marcos soubesse, informava-se do que lhe acontecia, até ele parecer estar, aos poucos, a endireitar o barco. Então, desinteressou-se. Uma única vez, foi surpreendê-lo no seu quarto do hotel: não andava longe da meia-noite. Marcos exprimiu a sua surpresa de vê-la assim andar de noite. Flutuava nos seus olhos, precisamente, um certo clarão felino. Estava alegre, familiar, e no entanto estranha, fugidia como os olhos de um pássaro nocturno a voar num bosque, longe ou perto, sem ruído de asas: não se poderia dizer onde estaria no momento seguinte... Pela uma hora da manhã, a coruja levantou voo, sem que Marcos procurasse retê-la. Passaram meses, antes que voltassem a encontrar-se.

Foi por essa altura — princípios de Abril — que lhe voltou com os bandos de migradoras uma outra ave: Anita, evadida dos pântanos do Danúbio.

SEGUNDA PARTE

Anita na selva

ANITA estivera a ponto de ficar atolada nos pântanos. Deixara-se levar de Paris, despachada como uma encomenda de luxo. Era um alívio não ter, por algum tempo, nada em que se ocupar... Por algum tempo... Bem pouco foi. Anita não estava habituada a ficar quieta com as mãos. A impressão mais nítida que conservava da viagem de luxo, a passear pelo Norte da Itália e pelo Véneto *(sleepings, palaces,* autos, etc.) foi quando atravessou essas belas regiões, — que conhecia e amava desde a infância — com frieza e tédio. A princípio, admirou-se; depois, compreendeu: esse luxo isolava-a; perdera o contacto com a terra; só o retomava nos raros instantes em que podia evadir-se sòzinha e correr, pelo seu pé, nos atalhos ou nos campos. Os dedos dos pés às vezes estremeciam-lhe, quando pisava os espessos tapetes do hotel, cuja lã banal cobria obstinadamente a madeira e a pedra. Os seus pés queriam beijar, nus, a pele da terra. A sua escolta, porém, deixava-lhe pouco descanso. A tagarelice estouvada das três periquitazinhas enchia-lhe a cabeça dia e noite.

Em Bucareste, foi a princípio o caos e a algazarra ensurdecedora de um enorme viveiro — de Jardim Zoológico — uma inumerável família, parentes, amigos, toda a *gens* que se encontrava. Precisavam de gritar, beijar, explodir, dias e dias seguidos, noites e noites. Portas abertas. Tudo à mostra. Todos os segredos. Cabazadas

de intrigas, de namoros e mais coisas, eram despejadas a olho nu nos compartimentos, nos corredores. Poucas conversas havia entre homens e mulheres que não girassem à volta do fogo na lanterna, inflamada ao rubro, e aí não fossem dar. Anita, que se julgava obrigada a vigiar as suas pupilas, tinha muito que fazer nessa atmosfera superaquecida. Ela própria não estava protegida contra as perseguições: percebeu isso, com irritação, mas não talvez sem um irónico contentamento (oh! oh! aos quarenta e três anos!...). A sua qualidade de parisiense designava-a, apesar da idade, às atenções e aos assaltos. Fernando Botilescu que, no decorrer da viagem, a importunara com as suas incómodas galantarias, começava a inquietá-la um tanto.

Todavia, enquanto durasse a permanência na cidade o risco não era grande: o terreno era demasiado abundante em caça, para ocupar os nemrods; e Fernando tinha outras presas com que se entreter — sem falar da política e dos negócios, da caça às honras e ao dinheiro.

Passados dois meses seguiram para uma propriedade de Botilescu: terras planas isoladas, no meio de lagos e florestas, na planície valáquia, queimadas ora pelo sol, ora pelo gelo. Era no Outono. Espessos nevoeiros arrastavam-se sobre os pântanos, onde chilreavam as galinhas da água. O pesado automóvel atolava-se nas rodeiras dos caminhos cheios de covas, salpicando lama e sacudindo, violentamente, as cinco mulheres e o seu senhor e dono. Anita era a única cujas as costas fatigadas gemiam. Admirava a resistência das ancas romenas, que parecia não se preocuparem com isso; eram de bronze, como as gargantas das donzelas, que não deixavam um instante de falar.

A vasta mansão arruinada, metade solar, metade granja, estava assente sobre uma elevação de terreno que mal dominava, como uma toca de toupeira, a monótona extensão. Fora construída aos bocados, e cada andar estava a um nível diferente dos outros; os corredores, que serpenteavam, subiam e desciam a cada volta por degraus de pedra gasta que abanavam. Ficara desabi-

tada durante os anos de guerra e a natureza apoderara-se dela; a vinha-virgem, vermelha como sangue ao sol do Outono, e a hera pelada que se incrustava na fachada, haviam penetrado dentro de casa através dos buracos das paredes e da madeira carcomida das janelas, levando atrás de si invasões de bichas-cadelas e formigas. O tosco arranjo, feito apressadamente no último momento para a chegada dos donos, pouco perturbara a instalação das negras aranhas na penumbra e nas cortinas; os lagartos corriam, dormiam nas paredes dos corredores, e, às vezes, no rés-do-chão, ouvia-se o assobio de uma cobra. As pequenas e a mãe nem reparavam nisso; essa gente, habituada ao luxo do Ocidente, encontrava-se à vontade, sùbitamente, na incúria e no pó que cobria os sofás e os divãs. Anita sentia vergonha de confessar a sua repugnância e procurava aceitar a aventura pelo lado risonho.

Na primeira noite, apressara-se a apagar a vela, cujo pavio ardia com um cheiro gordurento, sem olhar demasiado para os cantos, e estendeu-se, com os rins moídos, num velho leito de madeira dura, que estalava, pintado de cenas românticas, amores, batalhas, onde dois casais poderiam dormir à vontade. Na falta destes, outros hóspedes, não menos incómodos, a habitavam. Despertada a meio do primeiro sono pelas queimadelas que lhe corriam pela pele, teve de abandonar o seu monumento histórico com o povo faminto que nele habitava e passar o resto da noite em cima de uma cadeira. Era passar de Caríbdis a Cila. Pelas janelas, que abriu, penetraram os esquadrões alados dos mosquitos. Ouviam-se as rãs no tanque e, lá ao longe, ao primeiro alvor da madrugada, os sinos rachados dos mosteiros.

Ninguém se surpreendeu que, nas noites seguintes, enquanto esperavam a chegada de uma cama nova mandada vir de Bucareste, Anita dormisse num colchão em cima do sobrado. É certo que as meninas lhe haviam oferecido lugar no seu leito. Dormiam no grande quarto ao lado, de punhos fechados, boca aberta, com um ressonar suave e regular, os joelhos levantados sob

os lençóis desfeitos, e as coxas nuas, invulneráveis às picadas. Na manhã seguinte, as faces, a fronte, o nariz inchados e os tornozelos tumefactos de Anita eram para elas um motivo de riso. Anita ria também, coçando-se como uma danada. Era preciso pagar o imposto de estrangeiro. Depois de a bicharia o cobrar, ficava-se imunizado. Há males que vêm por bem: era talvez prudente parecer feia aos olhos ociosos do patrão. Iludia-se, porém, se pensava que essas ninharias o detinham.

Fernando girava constantemente à volta dela. Sempre solícito em a servir, testemunhava-lhe excessivas atenções, que a aborreciam, tratava-a com afectação, como uma convidada da casa; mas quando as suas pesadas pálpebras se erguiam, Anita via luzir nelas clarões (logo amortecidos) pouco tranquilizadores. Não teria sido aconselhável encontrar-se sòzinha com ele em certos momentos. As atenções não valeriam de nada. Fernando tê-la-ia tratado como uma égua. Era assim que fazia com as raparigas da sua propriedade, que surpreendia a ordenhar as vacas na corte, ou chafurdando, a atar as canas cortadas no lago. Compunham-se depois, cacarejando, parecendo furiosas e satisfeitas como as galinhas.

Nem a mulher nem as filhas do patrão pareciam ignorá-lo; não ligavam nenhuma importância a isso; talvez, no fundo, se orgulhassem do seu sultão. Mais de um dos pequenos camponeses tinham a sua efígie marcada no rosto. O animal estava sempre com fome. As pesadas refeições, uma alimentação quase ùnicamente constituída por carne (Anita sentia-se enjoada com isso), os vinhos ricos e a *tuica* (aguardente de ameixa) não enchiam o buraco do estômago, que o ar livre e a ociosidade tornavam maior. A Sr.ª Botilescu preguiçava todo o dia, dormitava, descarregava sobre Anita as lidas domésticas.

Fernando gastava-se em longas caminhadas, corridas, caçadas; às vezes levava consigo a sua gente, a cavalo ou de automóvel. Anita, porém, vivia desconfiada desde o dia em que, ao passear com as pequenas, a colher flores no emaranhado dos pântanos, se encontrara sòzinha,

abandonada por elas, e aos seus chamamentos ouvira responder a voz dos gansos. Entrara na residência pela direcção oposta, e em breve se recriminou pelas suas suspeitas indecorosas perante o ar ingénuo das pequenas que lhe saltaram ao pescoço, gritando-lhe que a tinham procurado por toda a parte. A suspeita, repelida, obstinava-se, porém, à entrada, como um cão enroscado em cima do capacho. Certos olhares de lado, que surpreendera nas aduladorazinhas, mantinham-lhe um olho aberto enquanto dormia.

A sua experiente curiosidade francesa exercitava-se a espreitar os móbiles que poderiam agir sobre essas alminhas ingénuas e complicadas. Discernia, talvez melhor do que elas, o secreto rancor que poderia ter provocado ao contrariar-lhes os namoros em Bucareste. A mais velha, sobretudo, que lhe prodigalizava os mais ternos abraços, reservava-lhe um dos seus belos dentes, um desses incisivos afiados de raposinha, por baixo do sorriso adulador do grosso lábio sombreado. Mentiam? Não, se mentir é dizer o contrário do que se pensa. Pensavam o que diziam e vice-versa. Eram sinceras e astutas.

Gostavam de Anita e divertiam-se em fazê-la cair nas redes do papá. A mais nova não via nisso qualquer malícia: era para ela uma boa partida. Até a segunda, mais sensata, só pensava no ar vexado da governanta, bem apanhada. A mais velha, porém, Stefanica, sabia perfeitamente o que fazia; encontrava um duplo motivo de deleite em se vingar de Anita, de quem gostava, atirando-a para os braços de um pai cujas proezas lhe inspiravam talvez sentimentos proibidos. Guardava os seus sentimentos para si e não confessava claramente o jogo, lambendo antecipadamente os beiços. Anita, que por duas ou três vezes o vislumbrara, recusava-se a acreditar. No entanto, estava alerta.

Uma noite, quando ia deitar-se, reparou que a chave do seu quarto fora retirada da fechadura. Uns minutos antes, tinha-a visto lá; as pequenas estavam com ela. Asfixiavam-na com abraços, desejando-lhe boa noite.

Não teve dúvidas. O pêlo da loba eriçou-se. Disse de si para si: «Sou estúpida. Anita, minha filha, tresvarias. Estás excessivamente nervosa. A chave caiu. Embora elas a tivessem levado, querem pregar-te alguma partida, essas crianças. Não deves ligar importância a isso».

Deitou-se; mas, três minutos depois, saltou da cama. Ouvia os risos abafados das duas pequenas mais velhas, que dormiam no quarto ao lado. Foi junto delas, descalça, em camisa de noite. Quando entrou, a vela apagou-se precipitadamente. Acendeu-a. Elas fingiam dormir. Quando Anita as sacudiu, com voz irritada, desempenharam a comédia do acordar. Os seus olhos inocentes juravam por todos os deuses que não compreendiam: não sabiam de nada. Anita não perdeu tempo a discutir. Disse friamente a Stefanica:

— Sai daí. Quem dorme aqui sou eu. Vai dormir na minha cama.

A rapariga soluçou e disse, amedrontada:

— Não, não, não, não!

Anita fitou-a nos olhos e não insistiu; instalou-se ao lado dela nos lençóis. A noite prosseguia silenciosa. Calaram-se. Uma hora depois, o pavimento desconjuntado do corredor gemeu sob passos; a porta ao lado abriu-se; entraram no quarto que Anita abandonara. Erguida sobre o cotovelo, Anita escutava. Stefanica, que fingia dormir, escutava também; a sua respiração ansiosa traiu-a. Do lado de lá da parede, o homem excitado (Fernando encontrava-se quase todas as noites num estado de semi-embriaguez) estava furioso do malogro; revolvia os lençóis e bufava. Anita, invadida também pela cólera, agarrou Stefanica violentamente pelos ombros; intimava-a em voz baixa a confessar e atirava-lhe à cara palavras ignominiosas em romeno. (São as primeiras que se aprendem em todas as línguas, juntamente com aquelas que são necessárias para comer).

A rapariga continuava a negar obstinadamente, até que, no meio da disputa, a chave escondida debaixo do travesseiro caiu no soalho. O galã, ludibriado, abandonara o quarto, fazendo bater a porta com despeito, e

afastava-se com passadas de búfalo. As duas raparigas, transtornadas de vergonha e de comoção (só agora compreendiam com horror a sua traição), atiraram-se de joelhos, lacrimejando, beijando, molhando as mãos de Anita, a pedir perdão. Eram sinceras. Stefanica lamentava-se ruidosamente, batia os punhos contra o peito forte que ressoava, e quis passar o resto da noite deitada aos pés de Anita. Voltaram a adormecer, fungando com fortes soluços de crianças espancadas. Não podia querer-lhe mal; mas fiar-se nelas, nunca mais.

Anita quis partir no dia seguinte. As pequenas, porém, suplicaram-lhe que ficasse, com gritos e transportes de amor impetuoso. Fernando, aborrecido, sem alusões à incursão falhada da noite, conservava-se a distância respeitosa, com todos os sinais de arrependimento. Anita consentiu em abdicar da sua decisão. Sérias razões materiais opunham-se aliás a que a executasse: não tinha dinheiro algum; e quando reclamava o que lhe deviam, encontravam todos os pretextos dilatórios para não lhe pagar; o Inverno chegava e bloqueava a casa isolada; as viagens eram difíceis nessa estação: não podia ir-se embora assim.

Anita resolveu esperar até à Primavera. O alarme passado parecia ter assente os espíritos. Seguiu-se um tempo de repousante tranquilidade. A neve, estendida sobre os campos, punha nos corações a sua quieta brancura. Ao clarão do luar, o lago gelado despedia fosforescências de diamante. Davam passeios nos trenós de campainhas, com as frontes vermelhas do vento norte, as orelhas quentes por debaixo do barrete, o corpo, envolto em peles, contente pelo afluxo do sangue rejuvenescido, e os bicos dos seios a arder. A sujidade das choupanas de tectos de colmo e o fétido dos pântanos cobriam-se com a túnica sem mácula como um lençol branco. Anita procurava, não sem êxito, interessar as suas pupilas pela miséria dos camponeses de pêlo de lobo debaixo dos andrajos, cujas belas canções, cordões com medalhas, enfeites bárbaros e deslumbrantes nos dias de festa, velhos costumes e sensatez, a encantavam. Pro-

curava conversar com eles, e a sua desconfiança diminuía.

Sentia prazer em ver luzir sob a máscara dura de dácios cativos à volta da coluna de Trajano um sorriso claro de ironia, que julga e zomba, os Nicolaus Breugnons da sua Borgonha. Algumas vezes, também, ouvia-se o ribombar do trovão. Era ao longe. Uma palavra, um gesto, um rumor de voz. Os séculos de revolta acumulados contra o senhor... O senhor da terra sabia-o; mas há séculos que isso durava (com bruscas explosões); parecia-lhe uma lei natural, de que o mais forte (isto é, ele) usava, devia usar, em seu proveito. «Tens o cavalo debaixo de ti. Se escoucear, rasga-lhe a boca com o freio!...» Anita notara o duelo silencioso; e (para quem a conhece é inútil dizê-lo) era no cavalo que apostava. Quando se libertaria da sela?... Não lamentava ter ficado. Era bom retomar contacto com as forças elementares: essa velha terra, açoitada pelo vento do Inverno, cujas rajadas acordavam em turbilhões de neve as batalhas de Marco Aurélio e as vindouras, que dormitavam no coração dos Getas.

Esse clima violento e essas corridas ao ar livre davam-lhe, porém, um vigor e uma euforia cuja orgulhosa satisfação teria feito bem em amortecer: porque isso era, sem que o percebesse, uma isca atirada às barbas do lúcio. Estava toda na fogueira do fim do Verão da vida; em plena saúde e alegria orgânica, o espírito tranquilo, nesse momento, relativamente a Marcos, que ela sabia então sob a asa acalentadora de Sílvia. Tomou parte com entusiasmo nos divertimentos populares, em que as filhas de Botilescu a vestiram e se vestiram de pesados e sumptuosos trajos regionais: (porque a brutalidade das relações entre senhores e servos não excluía a familiaridade); mas o confronto entre as disfarçadas assim não favorecia as jovens patroas; e os rapazes não hesitavam: Anita dançou com os janotas e os conquistadores da aldeia. Não viu a cólera ciumenta nas caras franzidas das pequenas; nem reparou nos olhos inflamados do patrão, até que, arrancando-a a um bailarino da aldeia, Fer-

nando a fez dançar por sua vez. Então, disse que se sentia cansada e, uma vez terminada a dança, retirou-se. Nos dias seguintes, retomou a sua prudência. O alarme pareceu não ter razão de ser. A calma voltou.

Era um dia de fins de Março. O pulso da terra, ainda entorpecido, despertava. Uma febre oculta corria sob a neve espessa, enrugando-a; os extremos do lago gelado derretiam-se. Pelas noites, ouviam-se passar no silêncio dos céus os gritos de bandos de aves migradoras. A Quaresma fora enterrada, e, nos solares, os convites para festas sucediam-se. As três raparigas tinham ido com a mãe cear e dançar numa propriedade das redondezas. O pai, ausente havia alguns dias, estava, dizia-se, em Bucareste. Anita não acompanhara as suas pupilas: uns arrepios nos ombros, a cabeça pesada, um começo de gripe, retiveram-na em casa. A tarde caía, e a noite veio. Anita estava estendida no seu quarto e não fazia esforço para acender a luz. Por debaixo dela, numa sala do rés-do-chão, ouvia o tiquetaque de um velho relógio enferrujado que manquejava e, na planície sepultada na sombra, o chiar dos eixos mal untados de um carro.

Na semi-sonolência, o ruído duma fechadura despertou-a. Não procurou defini-lo; mas apoderou-se dela um mal-estar como o remoer surdo de uma gengiva inchada. A princípio, atribuiu-o à sua gripe. Depois, uma picada começou a lancinar a gengiva e o lugar sensível precisou-se. Não era dentro, era fora que estava o perigo. Lembrava-se de ter surpreendido Stefanica a telefonar com palavras precipitadas, cujo sentido obscuro lhe vinha agora ao espírito, e reviu os seus ares perturbados e misteriosos. Pensou que se encontrava sòzinha, no solar, com uma criadagem submissa, servil, capaz de tudo, surda e muda. Estremeceu, ao lembrar-se do ruído da fechadura que a despertara. Levantou-se, foi à porta e encontrou-a, desta vez, fechada à chave por fora. Precisamente nesse instante, ouviu o roncar de um automóvel que entrava. Tudo se tornou claro. O patrão infiltrava-se em casa como um ladrão. Correu o fecho interior, que mandara pôr, desconfiada. O homem iria; sabia-o.

O homem foi. Empurrou a porta, que resistiu. Detrás da porta, Anita, de pé e silenciosa, enraivecida como um rato apanhado na ratoeira, avaliava a resistência do obstáculo e via que não duraria muito. Ganhava tempo. Com uma voz fria, respondia, por palavras breves, à voz do homem que parlamenteava, enquanto olhava à volta do quarto à procura de uma fenda, como um rato. Havia apenas a janela. Abriu-a. O quarto ocupava, no primeiro andar, um ângulo da casa, que avançava até à extremidade do outeiro; a janela, de varanda circular, elevava-se por cima da encosta. Anita inclinou-se sobre o gradeamento de ferro forjado e mediu a distância. Reflectiu. Tacteou o cepo nodoso da velha glicínia desnudada que se enrolava às barras do gradeamento, torcendo-as como os anéis de uma serpente.

Voltou lá dentro, vestiu-se, calçou as suas botas de feltro de camponesa, pôs as suas grossas luvas, depois tirou-as, para se poder agarrar bem. Num gesto rápido, tirou de cima dos móveis os seus objectos mais essenciais. Teve até tempo de obedecer, em semelhante circunstância, ao instinto feminino de se ver ao espelho, enquanto enterrava as orelhas sob o quente barrete de astracão. Via os seus lábios irritados que replicavam com «sim» e com «não» de desprezo ao animal que se impacientava, abalando a porta nos gonzos. Por fim, após uma última vista de olhos circular, decidiu-se; no limiar da janela reconsiderou. Voltou atrás para ir buscar uma fotografia de Marcos que dependurara na parede por cima do leito, ao pé do travesseiro, e meteu-a no seio.

Transpôs a varanda, e, agarrada ao corpo anelado da glicínia, desceu, deslizando penosamente, arriscando-se a esfolar-se ou a deixar algum olho nas hastes pontiagudas dos ramos que lhe fustigavam duramente a cara. Em determinado momento, sentiu uma dor tão viva no antebraço que largou a mão. Por felicidade, tinha feito mais de dois terços da descida e a neve amorteceu a queda. Rolou ao longo da encosta,

e encontrou-se ao pé do cabeço, debaixo da grande sombra do solar atrás do qual se ocultava a Lua, com o vestido em farrapos, as mãos e as pernas arranhadas, mas de posse de todas as suas coisas. Depois de ter tomado fôlego, partiu através dos campos. Apressava-se, para poder orientar-se pelos últimos clarões do luar.

A Lua, porém, não tardou a desaparecer e fez-se escuridão completa que, se por um lado assegurava a fuga de Anita contra as perseguições, por outro a entravava, fazendo-lhe perder o sentido da direcção. Queria ir para Bucareste, onde o cônsul francês a repatriaria, mas conhecia mal a topografia da região, e a noite opaca tirava-lhe os seus pontos de referência. Caminhava, caminhava, à procura da sua pista, como um cão, de nariz no solo, do qual se desprendia uma fosforescência que a guiava, que a enganava. Metia os pés nos buracos de neve, patinhava nos pântanos, atolava-se, retirava-se, gelada, cheia de febre. Caminhou toda a noite, alucinada pelo coro infatigável das rãs, sem perceber que andava às voltas em redor do vasto lago. Aos primeiros alvores da madrugada, encontrou-se em cima de um aterro no meio dos pântanos; e por cima dos juncos, perfilava-se, a pequena distância, o maldito solar donde fugira. Retomou a sua marcha, extenuada.

Um jovem camponês a quem encontrou, a cortar juncos, a cara negra de lama endurecida, fitou-a e, em vez de responder às suas perguntas, fugiu com quantas pernas tinha, deixando ficar o molho de canas cortadas. Pensou que andavam em sua perseguição e que o rapaz iria denunciá-la. Procurou um caminho transversal por onde escapar, mas não encontrou nenhum: o interminável cabeço prolongava-se a direito, sem uma dobra que a pudesse esconder, como um dique entre duas fileiras de pântanos. Em vão apressava o passo. O rodar de um automóvel, que viu vir, anunciou-lhe a aproximação do perseguidor. Este vira-a também; em três minutos, tê-la-ia alcançado. Anita não hesitou: atirou-se para o charco.

A crosta de gelo cedeu. Anita mergulhou no lodo frio e viscoso e agarrou-se ao tronco dum salgueiro. Do ca-

beço, ouvia a voz enrouquecida de Fernando; estava inquieto e irritado; suplicava-lhe que voltasse. Do tronco lamacento a que se agarrava, Anita gritou-lhe: «Não!» e, teimosa, atirou-se ao pântano, onde desapareceu das vistas do caçador. Do rumo que levava só se via o agitar das plantas aquáticas à sua passagem de loba perseguida. Essa louca obstinação fez subir a raiva à face congestionada de Botilescu. Vociferou que, se não voltasse imediatamente, lhe atiraria em cima, pelo tino, como a um animal. Ela gritou: «Mata!» Estava igualmente ébria de furor. Enraivecia-se. Mergulhou até ao peito na lama, e as raízes lisas e fétidas deslizavam como sanguessugas negras e viscosas à volta da sua pele. Um gavião grasnava no céu lodoso. Anita pensava: «Não me possuirá! Antes ser devorada pelos ratos ou sanguessugas dos pântanos!»

Fernando, lá ao fundo, apavorava-se. Mudava de tom. Suplicava. Jurava pela sua honra (Anita ria-se disso!) que a respeitaria, que se punha às suas ordens, que aceitaria de antemão as suas condições. Não acreditava em nada do que ele dizia. Gata escaldada!... Fechava a boca com obstinação, não tanto para não lhe responder como para não engolir a papa fétida em que chafurdava. Jamais se teria rendido, se a lama não se lhe tivesse colado ao corpo paralisando-lhe os movimentos; ao querer desenvencilhar-se das raízes envolventes, estrangulava-se. Fernando, por fim, penetrou na brenha, com risco de afundar-se também para a salvar; conseguiu agarrá-la pelos sovacos, atolando-se no lodo, e arrancou-a daquele lamaçal. Levou-a para a margem.

Anita estava enlameada e negra da cabeça aos pés, mas conservava a sua intrepidez. Desafiava-o. O homem não sentia vontade de responder ao desafio. Admirava-a. Falou-lhe com respeito, com mágoa, por a ter forçado àquela fuga. Implorou-lhe perdão, suplicando-lhe que voltasse para o solar. Exprimia-se com uma humildade e uma ênfase oratórias, mas sinceras, que abriram um sorriso no rosto de Anita, endurecido pelo rancor e pela máscara de lama a estalar, ao dizer:

— Bem, passemos uma esponja! Ambos precisamos dela... Mas quanto a voltar, não! Não falemos mais nisso... Vou-me embora.

Fernando tomou um ar consternado, mas não protestou apenas por formalidade; não estava muito surpreendido. Esperava de tal modo essa decisão que trouxera no automóvel a mala de Anita e metera dentro todos os objectos que ela lá deixara. Ofereceu-se para a conduzir à próxima estação do grande expresso internacional. Pediu-lhe apenas, com o ar lastimoso de um colegial apanhado em falta, que lhe salvasse a reputação e lhe escrevesse uma carta a explicar as razões da sua partida precipitada por notícias urgentes do filho que a chamavam a Paris. Anita concordou e subiu para o automóvel.

Fizeram alto na primeira aldeola, na choupana menos sórdida, a fim de Anita mudar de roupa e lavar-se. Mandaram aquecer água numa caldeira, e Anita procedeu a uma lavagem completa, enquanto que, após a expulsão da petizada pelos donos da casa, Fernando, pudico e tímido, de costas voltadas, fazia guarda à porta. Anita, nua, a bater o dente, com a pele vermelha pelas fricções, teve um acesso de riso louco, ao lembrar-se do duque de que fala Saint-Simon, a passear de espada na mão diante da porta da igreja onde a dama dos seus pensamentos fazia as suas necessidades. Como a gripe e o frio mortal dos pântanos lhe revolviam as entranhas, não receou, borgonhesa que era, fazer o mesmo no pàtiozinho sob a égide do valoroso cavaleiro. *Honni soit qui mal y sente!* Se até Cleópatra teve a sua cólica...

Subiram novamente para o automóvel. A estação mais próxima ficava distante, e quando chegaram lá, por caminhos que o degelo tornara intransitáveis, foi para saberem que um grave acidente de caminho de ferro interrompia o Oriente-Expresso por alguns dias: a via férrea estava cortada à saída dos Cárpatos por inundações. Botilescu ofereceu-se para a deixar num hotel de Bucareste, enquanto esperava que as comunicações fossem restabelecidas. Anita, porém, recusou enèr-

gicamente; tinha pressa de partir. Embora fosse prudente procurar um quarto para tratar do resfriamento, a febre que lhe percorria os membros e a excitação da perseguição enchiam-na de uma impaciência irritada por abandonar o país. Tinha a obsessão mórbida de deixar ali os ossos.

Quando se debatera no meio do pântano, não pensava em ter medo. Depois, porém, o medo surgira. O lodo subia-lhe ao queixo: (o cheiro pútrido perseguiu-a durante noites; sentia-o nas unhas); receava que essa lama lhe enchesse a boca, sentia-se sufocada. Pediu a Fernando que a conduzisse a Constança e subiu para o primeiro barco pronto a largar. Era uma embarcação italiana que regressava a Brindes e fazia um percurso muito longo. Anita, porém, não deu a mínima atenção às objecções de Botilescu. Fechou-se na sua cabina; uma fadiga esmagadora prostrava-a; ficou sòzinha frente a frente com a sua febre, nada viu da travessia. Só tinha um pensamento: viva ou morta, regressar.

REGRESSARA a Paris. Chegou antes do telegrama que a anunciava e que se perdeu num cubículo de porteira: Marcos mudara variadíssimas vezes de poiso, e Anita não recebera, antes da partida, o seu último endereço. Teve certa dificuldade em encontrá-lo. Sílvia, a quem o perguntou, também não o sabia. Anita não ocultou o seu descontentamento pela indiferença da irmã. Sílvia, que sabia melhor o que se passava, respondeu que não era nenhuma aia. Tinha mais em que pensar! Anita, depois de a ter deixado bruscamente, considerou que a irmã estava muito mudada: o rosto inchado, com bolsas sob os olhos, um ar abatido, congestionado. Censurou-se de, na sua impaciência, nem sequer lhe ter pedido notícias da sua saúde. Sílvia, por seu lado, também não se sentia livre de censuras.

Foi Sainte-Luce quem pôs Anita na pista. Bom camarada, não disse que Marcos estava empregado num clube nocturno. Conhecia o amor-próprio do amigo e preveniu-o. Anita esperou o filho toda a noite, sem se deitar, no quarto de hotel onde ele dormia. De madrugada, Marcos bateu à porta. Tinha tanta pressa como ela em voltar a vê-la, mas, quando se viram, não houve qualquer efusão. Ao primeiro contacto, sentiram entre eles uma certa frieza. Não se achavam tal como se haviam separado. Ambos haviam sofrido choques e reagido diferentemente. Estavam aliás ambos enervados pela longa vigília. Anita dissimulava mal a impaciência um tanto desgostosa da espera e das suspeitas que lhe

causava essa vida nocturna de Marcos; e Marcos ficou irritado por isso e por a mãe cair imprevistamente na sua vida de falhado, de que não tinha a certeza de Sainte-Luce não lhe ter revelado a humilhação. Perguntou, num tom mais seco do que afectuoso, por que não se deitara. Anita ripostou, com mais doçura do que tinha talvez na intenção:

— E tu, meu querido?

Só tinha a responder que não vinha de se divertir; era, porém, demasiado orgulhoso para dar explicações; a mãe tinha o ar de lhe pedir contas, e ele não admitia que ninguém lhas pedisse, fosse quem fosse. Não se dignou responder à pergunta. Anita examinava-lhe a cor murcha, os traços pisados, rugas precoces, que lhe eram novas, aos cantos do nariz, onde a usura e o desgosto estavam impressos. O coração oprimiu-se-lhe, suspeitando uma vida de desordens e a marca delas no espírito. Marcos deixava-a imaginar o que lhe aprouvesse. O exame que fazia dela também não lhe agradava. Tinha o ar de passar muito bem de saúde, muitíssimo bem alimentada, a tez florida e, nos olhos, nos movimentos, uma alegria de viver que resplandecia sem dar por isso. Ninguém diria que saíra dos pântanos da Roménia e de uma perigosa gripe. O sangue das faces era enganador. Ocultava ainda um resto de congestão.

O que não enganava, no fundo, era que, apesar de todas as desventuras, não perdera o gosto pela vida. Não, realmente não! Sentia-se presa a ela, ao envelhecer. A incoerência, o imprevisto, as próprias catástrofes e a incerteza do amanhã aumentavam o sabor do repasto. Era diabòlicamente mais apetitoso que as ementas insípidas da juventude, a vida burguesa da França entre 1890 e 1900! Tinha bom estômago. Melhor do que Marcos; via-o bem. Que fazer? Não podia mostrar-se dispéptica, clorótica, para lhe agradar... O filho estava magro e roído de amargura, exasperado contra a sociedade, cuja devassidão imbecil e vícios sem vigor tinha de ver de perto e servir. Quando saía dessas cloacas de deboche, nem sequer podia comer, sem náuseas, o pão que ganhara:

cheirava-lhe ao suor das mulheres. Sentia desejos de pôr um cartucho de dinamite no rabo do mundo. Esse prurido de irritação exacerbava-se, ao contacto com os companheiros de escravatura, operários de quem recentemente se aproximara.

Um tomara sobre ele um certo ascendente, tanto quanto se podia falar de ascendente sobre um rapaz tão desconfiado como Marcos. Eugénio Masson não o era menos. Tinham-se conhecido, de noite, no Metropolitano, e depois, ao recolherem juntos do trabalho, pelas duas ou três horas da manhã, a pé, através de Paris. Masson era tipógrafo dum jornal, onde arranjou um lugar a Marcos, depois de este ser despedido do clube nocturno, onde o seu desprezo violento acabara por transparecer demasiado: (pegara-se com um cliente).

O jornal era aliás ultra-nacionalista, imperialista nos negócios, atacava todas as ideias de Marcos e de Masson. A direcção não se preocupava que os seus tipógrafos, fora da oficina, tivessem ou não ideias. Que fossem homens e pensassem, era coisa que não lhe interessava. Bastava-lhe que fizessem o seu trabalho! Pagava-lho regularmente. Era tudo o que Marcos e Masson podiam pedir-lhe. A revolta não estava amadurecida. Menos ainda a prática da não-cooperação, à maneira de Gandhi. Quem teria falado nisso em Paris? Quem teria feito apelo ao heroísmo da abnegação, que recusa o pão comprado por uma tarefa que contraria a consciência? No entanto, há mais heroísmo em disponibilidade no povo de Paris do que pretende a fraqueza dos chefes e do que ele próprio supõe! Por falta de aplicação, transforma-se em amargura.

A de Masson tinha sobre a de Marcos a superioridade de ser mais cruelmente justificada. O jovem operário era um «gaseado» da guerra; tinha a morte no sangue. Ardia de indignação contra o abominável egoísmo, contra a apatia de todos esses franceses que tinham atravessado semelhantes provas e não faziam nada para impedir o seu regresso. Era especialmente agressivo contra a casta de Marcos, os jovens intelectuais burgueses —

(os velhos também, mas desses nem valia a pena falar! As velhas carcaças, a morte se encarregaria de as varrer...).

Tratava com sarcasmo apaixonado o seu hedonismo de pensamento (porque ele lia), a sua indiferença perante os sofrimentos do mundo, esse falso escol que traiu, esses parasitas que não prestam para nada, essa bicharia que devora os restos das rapinas!... Marcos conhecia a verdade dessa acusação. Ele próprio (não havia muito tempo!) apanhara as migalhas debaixo da mesa. Na sua humilhação, o ressentimento contra Sílvia reacendia-se. Procurava, no entanto, por uma instintiva solidariedade, que já a sua consciência revoltada repelia, defender a razão de ser e os méritos da classe intelectual. Quando, porém, sob o áspero aguilhão dos insultos de Masson, procurava fazer sair da sua cómoda neutralidade atrás da muralha dos livros os melhores intelectuais que conhecia, quando queria fazê-los agir, verificava, com vergonha, que os juízos mais duros contra a gente intelectual não o eram suficientemente. Possuíam, quase todos, os meios — e muitos, o vagar — de ver mais claro e mais longe do que os outros.

Havia um povo pronto a seguir com reconhecimento o primeiro guia desinteressado. Nada, todavia, receavam tanto como ser seguidos por um exército demasiado decidido, que os empurrasse e os comprometesse. Fingiam olhar para outro lado... «Não vi nada...» A sua recusa por medo das responsabilidades era degradante. Era preciso marcá-la na fronte com um ferro em brasa. Até entre os jovens escritores que, para se darem ao luxo de ser «humanos», consentiam em não ignorar a acção política, nenhum dos que Marcos conhecia se entregava a fundo a um partido; tocavam três ou quatro instrumentos: radicalismo, socialismo, internacionalismo, nacionalismo, e faziam até, de tempos a tempos, a pretexto da velha França clássica, incursões pelo monarquismo literário, que dispõe de influências na Academia e na imprensa.

Depois de olhadelas equívocas aos transeuntes dum e doutro passeio, o assunto tratava-se segundo os ritos

das profissionais: encontravam, infalìvelmente, calçado para o seu pé. Paris oferecia todos os graus da prostituição intelectual, desde a casa de passe dos saltimbancos dos jornais, largamente pagos para envenenarem com as suas porcas mentiras o grande público, até às grandes pegas das academias e dos salões literários, que instilavam com arte o seu vírus de «servidão voluntária», mas não gratuita, e de paralisia geral.

A sua função tácita era impedir a acção. Para esse fim, tudo era bom. Até o pensamento. Até a acção!... Porque o paradoxal era que a paixão do desporto, no fim de contas, conduzia à inacção. A embriaguez de acção física e do movimento pelo movimento faziam arredar do seu leito natural as energias torrenciais e esgotavam-nas no ambiente dum estádio, ou, ao fim da sua corrida desesperada, atiravam-nas para o caixote do lixo. O menos atingido com isso não era o povo. Marcos tinha um argumento fácil para opor aos sarcasmos de Masson contra a abjecção dos burgueses intelectuais na irrisão dos trabalhadores embrutecidos pelo desporto. Este completava a obra destruidora dos jornais. Criava classes de intoxicados e de inúteis. Os grandes clubes compravam, como cavalos, manadas de profissionais, a quem chamavam amadores, e constituíam equipas de futebol. Milhares de trabalhadores, em pleno vigor, vendiam os seus músculos sem vergonha, levavam uma vida de luxo em hotéis de primeira e carruagens-cama, como internacionais de futebol, até ao momento em que, precocemente envelhecidos, com os músculos sem elasticidade e o seu valor mercantil reduzido a zero, eram lançados no rebotalho, como as carcaças dos gladiadores dos circos de Roma.

Ao menos, os gladiadores eram mortos. As vidas perdidas, nos novos estádios, sobreviviam. A plebe espectadora não se preocupava mais com isso do que a de Roma. Eram-lhe necessários outros atletas, e mais outros ainda! Despendia nesses espectáculos toda a paixão, toda a fúria, que poderiam, bem dirigidas, com um empurrão, deitar por terra toda a opressão social. Levava

um nacionalismo feroz aos desafios internacionais. Os jogos degeneravam em combates. Havia mortos e os «dianteiros» do *rugby* transformavam-se em limpadores de trincheiras. Fora para isso que os povos, sãos e salvos da frente, haviam passado sob o Arco do Triunfo!

Nisso se tornara o seu juramento de lançar mãos do leme da nau do Estado e refazer a sociedade! Nem sequer o «*panem et circenses*»... O pão, era preciso ganhá-lo, e os «*circenses*», pagá-los. A exploração da pasmaceira e da estupidez humanas fizeram progressos desde a plebe de Menénio Agripa. Não, Masson não podia orgulhar-se mais do seu povo do que Marcos dos seus burgueses! Quando queria catequizar os seus camaradas trabalhadores da tipografia, tratavam-no de chato... e não se davam ao trabalho de discutir. O único que consentira em responder-lhe, um antigo companheiro das trincheiras, encolhia os ombros:

— Que queres tu? Que a gente se deixe furar a pele, mais uma vez, pelo Direito dos outros? Que recomecemos? Estou farto. Não sou tão parvo que me preocupe com os outros. Preocupo-me comigo. Cada um trate de si!

Marcos e Masson, que verberavam amargamente o egoísmo das suas classes, não tinham o espírito de decisão para renunciar eles próprios ao seu libertarismo congénito, que era uma outra forma de egoísmo e reduzia a nada a sua revolta. Para um francês que se libertou dos preconceitos de massa, é um duro esforço entrar em quadros definitivos e aceitar a disciplina dum partido. A fraqueza do socialismo francês de antes da guerra foi a consequência dos seus laços extremamente frouxos, que reaproximavam condicionalmente os seus membros, sem os manter nos momentos decisivos. Se Masson trouxera da guerra uma lição, era a vontade de não mais se dar, em nenhum tempo, em nenhum lugar, a nenhum senhor, ao imperativo de nenhum partido, e de pertencer exclusivamente a si próprio... Assim, como contar com os outros? Pensar que os outros, até os camaradas da sua classe, embora oprimidos como ele, poderiam actuar

de acordo, e permanecer eles próprios, sem renunciar a si, ao serviço consentido dum comando, duma ditadura de partido, era a mais quimérica das esperanças. Os mais violentos impulsos colectivos são passageiros; a sua própria violência esgota-os; se um punho firme os não segura, afrouxam ainda antes de ter atingido o seu fim e afundam-se: a pedra atirada volta a cair por cima do ponto donde partiu. Havia já muito tempo que a França revolucionária perdera a prática da acção. A guerra acabara por enfastiá-la das regras do combate. Tudo o que recordava aos espíritos livres a caserna, era por eles odiado e rejeitado. Os conservadores e os nacionalistas eram os únicos que aceitavam a lição e dela tiravam proveito. Era um belo triunfo para a Reacção. A liberdade forjava o seu freio, ao recusar-se a consentir nos flancos os joelhos do chefe escolhido que a cavalgasse e conduzisse à vitória. Masson não pudera ficar em nenhuma organização sindicalista operária: as que subsistiam de antes da guerra tinham grandes dificuldades em se reformar; e as novas passavam o tempo a dar-se rasteiras. Quanto a Marcos, esse era o *autoipsismo* encarnado. Todas as suas fraquezas vinham daí; mas todas as suas forças, também. Parecia que jamais poderia renunciar àquelas, sem renunciar a estas e perder a razão de existir.

Não via nenhuma escapatória naquele beco sem saída, onde a sua crítica acerba da sociedade fazia os dois companheiros marrar contra a parede. Companheiros só o eram, apenas, na impotente negação. A acção, que alivia, faltava-lhes. Quem sabe se, no caso de poderem actuar, teriam sabido fazer um ao outro as concessões necessárias para coordenar a sua acção? Era toda uma aprendizagem a fazer. Onde a teriam feito? Não existia em França nenhuma escola de acção. Só havia mestres de palavreado. Quanto a isso, cada francês sabia o suficiente para o ensinar aos outros. Marcos e Masson tinham o desprezo das palavras. Falavam, contudo, em vez de actuar! Falavam, falavam da acção que não praticavam, que não podiam exercer. Saíam disso vazios e

desanimados, de si e do outro. Acção! Acção! Ó flancos da acção, a fecundar!

A sociedade não sabe suficientemente que esta puberdade insatisfeita da vontade é tão perigosa como a do sexo. Um povo são tem sempre necessidade dum alvo oferecido aos seus esforços. Se o que lhe oferecem não é nobre, arranjará um ignóbil. É preferível o crime ao vazio desanimador duma vida que seca, infecunda! Vários desses rapazes de 14 que conhecemos lançaram-se na guerra para escapar ao tédio degradante. Se esses, depois, odiaram a sua sangrenta orgia, outros vieram a seguir à guerra que, por sua vez, eram vítimas do cio enlouquecedor da acção. Se a fêmea lhes faltava, quebravam a cabeça contra as grades da gaiola, como as feras das jaulas que um longo suplício ainda não envileceu. Marcos e Masson giravam, rugindo, na sua fossa. Havia centenas de outros como eles, cada um isolado na sua, cada qual gritando no fundo do coração a sua agonia e o seu furor.

Foi aqui que o filho de Anita foi sustido pelo seu bom sangue. Esse sangue talvez não fosse o da sua raça. Não seria preciso aprofundar muito! O mal e o bem lá estavam misturados. Mas cada um de nós refaz o seu sangue no decurso da vida. Nos seus glóbulos, o orgulhoso esforço de Anita estava escrito. Debalde Marcos se mostrava um rapazinho desregrado, como o são quase todos os machozinhos de vinte anos, quando se apanham no estado de natureza lodosa e não filtrada. Com um pensamento (corpo e espírito) profundamente perturbado, e num tempo e em condições de vida moralmente assustadoras (nenhuma fé, dentro ou fora dos homens, nenhum apoio!), jamais cedia um mínimo da sua instintiva, da sua absurda, da sua heróica vontade de vencer... «Vencer a quem? A si? A si, quem? Eu? Este menos que nada? Este eu que me foge, que não conheço, tenho sequer a certeza de que existe?... Tenha-a ou não, eu quero, quero, quero! Hei-de vencê-lo. Não me deixarei soçobrar com ele...» Em certos momentos, falava de si, como de um outro, mas esse outro estava à sua

guarda. Até quando esse outro lhe escorregava dos dedos, fugia, caía, se prostituía, Marcos permanecia intacto contra ele, por ele, para o julgar, para o condenar, para o tornar a erguer, com elevados sentimentos que a sua ironia corrosiva, contudo, ridicularizava como fósseis: honra, orgulho moral, decisão firme de não descer da sua dignidade... «Que dignidade? Idiota! Idiota!... Do covarde burguês que me plantou e se pôs a salvo? Ou do ventre que se abandonou e me entregou a esta vida abominável onde não pedi para entrar!... Idiota!... Seja!... Queira ou não queira, estou lá! Ela lançou-me no combate: Não me rendo!» Pensava: «*Ela* (esse ventre) não se rendeu; e eu, fá-lo-ia? Serei menos do que uma mulher?» Julgava-se, esse jovem macho, infinitamente superior... mas no seu foro íntimo, bem oculto, havia um *Ave Mater*... *Fructus ventris*... não formulado. O fruto não atraiçoará a árvore...

Nesse momento, era a árvore que traía...

Marcos observava, com olhar severo, essa mulher, essa mãe, que lhe chegara do Oriente, e que evolucionava estranhamente no meio em fermentação de Paris. Anita era-lhe suspeita. Não reagia com a aspereza que ele teria desejado contra esse mundo que se tornara para si um inimigo pessoal. Acaso o aceitava ela? Não podia ler-lhe no fundo do coração. Na sua boca, porém, nos seus olhos, na sua pessoa, havia uma espécie de ociosidade activa, feliz, sem revolta, sem remorsos. Remorsos de quê? Desejaria que os tivesse do mundo, das misérias e das vergonhas dos homens, e que tomasse parte nelas?

Isso era bom para ele, ainda um principiante no jogo amargo em que sugamos todo o fel da vida, como se fosse apenas para nós que fosse destilado. A mãe tivera tempo de se familiarizar com esse gosto, ou esse desgosto. «O fel está misturado a todos os alimentos. Isso não impede que se coma! É preciso comer. Aceito a vida. Não tenho que escolher...» Marcos também aceitava

essa vida, mas com despeito, com rancor, com uma raiva refreada. Não podia suportar que sua mãe se acomodasse tão naturalmente, e até que parecesse tirar disso um prazer indecente. Que direito, porém, tinha de pretender impedir-lho? O direito que tàcitamente se arrogara: o direito de mais-que-filho, o direito do homem. Essa mulher era propriedade sua. Se lho tivesse dito, Anita rir-lhe-ia na cara. Sabia-o. Sabia que ela tinha razão e isso enraivecia-o ainda mais.

ANITA estava novamente sem trabalho, depois de experiências variegadas. Na última, pouco faltou para lá deixar o pêlo; outra qualquer, teria deixado lá uma boa parte da sua confiança em si e na vida. O pêlo de Anita, porém, era espesso. Quanto a confiança, não havia o risco de a perder: pois nem sequer se preocupava com tê-la. «Confiar? Em quem? Em quê? Em mim? Na vida?... Que fantasia! Que sei disso? E que necessidade tenho de o saber? Querer construir sobre o futuro é começar o edifício pelo telhado... Isso é bom para os homens!... A terra não está prestes a faltar-me. Hei-de saber sempre onde pousar os pés. Os meus bons e grandes pés! Têm sempre o mesmo prazer em caminhar...»

A sua robusta constituição parecia não conservar qualquer vestígio duma pneumonia, derivada da gripe, felizmente vencida no caminho de regresso, na Itália. Apesar dos seus quarenta e cinco anos, nem um prenúncio de mudança de estação. Sílvia que, mais nova, lhe experimentava sem resignação as incomodidades (e os que a rodeavam, ainda mais: pois o seu carácter não ganhava nada com isso, era inquieto e atormentado), estabelecia amargas comparações e parecia censurar a irmã. Anita ria e dizia-lhe:

— Aí tens o que vale começar muito cedo! A virtude é sempre recompensada.

Sílvia resmungava:

— Bonita virtude! Para a maneira como tu a utilizas agora!

— E que sabes tu disso?

Não, ela não fazia nada da sua virtude. Do vício, também não. Encontrava-se, na verdade, nesses anos, estranhamente indiferente, quer duma, quer doutro. Quando lhe acontecia pensar nisso, quase se sentia envergonhada: tentava; mas até a isso — a ter vergonha — sinceramente, não chegava: «Que tenho? Que é isto? Nem sequer a força de ser imoral? O pior de tudo: amoral... Que decadência!... Cora!... Cora!... Ah, não, basta! Estou já bastante corada assim... Não tanto como essa pobre Sílvia, com os seus toques de *scirocco* que lhe põem a fronte, as faces, o pescoço como um campo de papoilas... Que insolente boa saúde!...»

Certamente, Anita não inspirava compaixão; mas as suas condições não eram brilhantes. Vivia o dia-a-dia: tinha de reserva o estritamente necessário para algumas semanas de despesa, com severas restrições; fazia sòmente uma refeição por dia, nos restaurantes baratos, onde a alimentação não era nem abundante nem escolhida. Só Deus sabe, porém, como tirava bom proveito de tudo. Via bem que o seu bom aspecto se tornava objecto dum exame severo sempre que o filho a encontrava. Este teria querido pedir-lhe contas da sua escandalosa indiferença.

Indiferença era o nome que Marcos lhe dava, porque Anita não se apaixonava como ele, *contra* ninguém ou nenhuma coisa; os seus olhos um tanto míopes e salientes estavam ocupados em olhar para tudo, em tudo reflectir, sem tomar partido. Nada do que Anita via se perdia; guardava no fundo a imagem das coisas. Um dia, faria contas... Hoje não! Seguia o seu caminho, captando todos os reflexos à passagem. Continuava a desfrutar da estranha euforia, que persistia... por quanto tempo?... sem que fizesse nada para a conservar, como o não fizera para a procurar. O mais surpreendente não era tê-la experimentado durante alguns meses, ou anos, na calma que se seguira ao esforço crispado dos anos de guerra: toda a gente, nessa época, participava dela mais ou menos: fora uma revindicta

natural da vida contra a morte que se esgotara dois ou três anos depois: ardera como uma meda de palha, e o celeiro tinha ardido juntamente com ela; restavam apenas as quatro paredes oscilantes, abertas aos ventos e à chuva. O celeiro de Anita, esse, não conservava vestígios do fogo; era de bom grés, bem construído, e as colheitas estavam ordenadas; havia lá lugar quer para as do ano passado, quer para as do próximo. Era isso que surpreendia: que a sua euforia se prolongasse, quando a dos outros atingira o esgotamento ou o tédio, como depois duma fumaça de ópio. Anita não era, então, da mesma têmpera?

Longe disso! Era assente em energia e mantida pela actividade. Nada de estupefacientes! Agir... (Mas agir não é uma outra espécie de estupefaciente?) Que essa actividade desse ou não resultado, era de importância secundária. Quer sim, quer não, tudo era lucro. Porque a cada passo — até em falso — as suas antenas recebiam outras parcelas, outras e outras, desse universo em espasmos de morte e de renovação — dessa fértil campina alimentada pela decomposição do mundo. Porquê, porém, milhões de antenas, mais jovens e mais afinadas do que as suas, não recolhiam o mesmo prazer? Por que motivo esses jovens experimentavam antes uma espécie de vertigem e de horror, ou de furor, ou de medo alucinados? Só viam o cadáver enterrado. Ela não o via também? Sim, via-o. Via quer por cima quer por baixo. Tudo estava em ordem! Muita morte, muita vida. Uma é filha da outra... Então, já não condenava a guerra? Estava pronta a recomeçar a luta contra ela e contra os miseráveis que fizeram disso o seu jogo horrível de fanatismo, de vaidade e de lucros... Como conciliava, pois, tudo isso ao mesmo tempo?...

Não lhe pedissem que o explicasse! A sua natureza sabia-o, essa natureza de mulher, profunda, cega e segura, que participa das grandes leis de toda a natureza. A sua inteligência não o sabia, a não ser que fora atravessada, havia pouco, por alguns raios: esses raios, porém, foram demasiado breves para poder já distin-

guir-lhes o sentido claro... (*). Sim, como a natureza, Anita lutava apaixonadamente, contra tudo o que mata; mas também, como a natureza, ansiava, apaixonadamente, por tudo o que vive, com tudo o que vive, com todas essas chamas de vida nova que saem do campo dos mortos. Os seus olhos, as suas mãos, os seus movimentos, o curso natural da sua existência realizavam pura e simplesmente a harmonia da morte e da vida, cujas leis a sua razão não era capaz de formular.

Gostava de ver e de viver. Na vida dessa campina nova que crescia sobre o sangue dos mortos («Não estou também morta? E ressuscito...») tudo a interessava, até o pior. A borgonhesa não tinha má boca. Não se fazia esquisita! Direita e sólida; equilibrada, evidentemente. Quando se é sã e de boa planta, nem vale a pena falar nisso. O que não dá nenhum direito para dizer aos outros: «Sê como quero!» «Eh! meu amigo, sê como podes! Saberei adaptar-me... Não digo que não te censurarei... É um dos prazeres da existência... mas que isso não te incomode mais do que me incomodas! Vá, mostra-te ao natural, nu, ou vestido! Belo ou feio, interessas-me. Nem todo o alimento é da mesma qualidade. Desde, porém, que alimente, sinto-me satisfeita com tudo. Tenho fome...»

Era isso que punha Marcos fora de si... Esse insolente apetite, indiferente, dir-se-ia, à qualidade... Dessa alegria animal, tranquila, robusta, de tudo comer, o ser e os seres, ele não podia, contudo, defender-se, como o não podia a maior parte dos que contactavam com Anita. Embora fossem suficientemente inteligentes para perceber, nos seus olhos claros, que os varavam, o clarão da lúcida ironia, não podiam sentir-se feridos. Porque havia sempre no fundo — essas velhas crianças não teriam podido dizê-lo, mas sentiam-no — para todos eles, até para os piores, uma inconsciente maternidade.

(*) O leitor encontrará, no volume seguinte, a recordação, no espírito de Anita, da sua passagem pela Itália e das relações que ali teve, no seu regresso da Roménia. Não é tempo de os contar: o seu rasto, nela, parece apagado. As imagens dormem. Logo despertarão.

ANITA escolhia bem os seus filhos! Não os escolhia; aceitava aqueles que a sorte lhe punha nos braços... É uma maneira de dizer! Por melhores, mais cheios e musculosos que fossem os seus braços, não a concebo sustentando essa espécie de papão da Arvérnia ou de toiro de Assur, Timão, o pirata da imprensa. Com efeito, era ele quem a tinha na mão. Anita fora atirar-se na sua leva de forçados.

Um dia em que estava sem emprego, encontrara uma velha amiga de colégio, que não via havia vinte e cinco anos. Essa mulher, dum meio burguês, abastada antes da guerra, achava-se, como tantas outras da sua classe, reduzida ao mínimo, de mês para mês mais limitado, à medida que fugiam do cofre os últimos fiozinhos do escasso capital subsistente. Antes da guerra, repelira friamente Anita, depois do duplo escândalo que causaram, no círculo burguês das pessoas de bem, a sua vida irregular e a sua ruína. Depois da guerra, que a tornara viúva e arruinada, com mãe e três filhos, teve de descer da sua orgulhosa abastança e procurar, fosse onde fosse, fosse como fosse, o sustento diário. Os belos princípios, os diplomas e a honorabilidade da família eram um magro auxílio. Já não impunha condições à vida. Tinha de aceitar as que esta lhe impunha. Por muito feliz se considerava se a vida lhas impunha. A vida não se preocupa, porém, nunca com os seus náufragos! A pobre mulher, embora decadente, não se decidia a tomar partido. Conservava os preconceitos que fazem parte da espécie (nasce-se com eles, morre-se com eles). Isso era um trambolho para os

infelizes sobreviventes da espécie, que tinham de ir à caça do pão quotidiano na selva do após-guerra.

No dia em que encontrou Anita estava desesperada. O seu primeiro movimento foi o de um animal perseguido que se atira ao primeiro esconderijo. Já não pensava, é certo, nesse momento, que, outrora, condenara Anita. Outrora, estava sentada na margem e Anita metida na água. Agora, era ela quem estava na água; afundava-se. Voltava a encontrar essa nadadora que conseguira manter-se durante vinte anos. Agarrou-se a ela desesperadamente. Foi, pelo menos, o seu primeiro gesto... Mas que podia Anita fazer por ela? Sentiu-o imediatamente. Anita andava, como ela, à procura duma situação.

Anita viu a sua confusão e fê-la falar. As duas mulheres nada disseram do passado. Três frases bastaram para o liquidar. O presente absorvia tudo. Aquele arrojo do mar humano estremecia sob um choque recente; estava cheia de espuma. Não podia pensar em mais nada... Contou, numa voz entrecortada, sufocada pela revolta e pelo pranto, a última experiência donde saía. Encontrara um lugar de dactilógrafa num importante jornal de grande tiragem e goelas enormes, cuja gritaria ensurdecia Paris. Qualquer pessoa teria pensado que no interior daquelas mandíbulas não se podia estar em completo sossego. A inocente, contudo, nada previra.

Era ainda da época em que a burguesia tinha o respeito pelo papel impresso, em que persistia ainda o mito fabuloso (todavia já bem amolgado) duma imprensa liberal cujo exercício era um sacerdócio. Caíra na Caverna dos Quarenta Ladrões, com os *Afrits* combatendo com lanças e línguas. Todo o bando era chefiado por um rei dos *Afrits* mais horrífico do que todos os outros juntos, um minotauro cujos mugidos faziam estremecer um milhão de leitores: Timão (teria feito melhor se se chamasse: «Ubu») (*), sempre propenso a aspergir os seus hóspedes com a água do seu pote.

(*) *Ubu-Roi* é o título duma farsa de Alfred Jarry. *(N. do T.)*

A redacção, situada entre o patrão e o exterior, recebia a sua parte da rega: estava habituada ao baptismo; e de alto a baixo da escala, cada qual se sacudia sobre o que estava a seguir. A infeliz mulher, que se encontrava na parte inferior da escada, recolhia tudo. Nem uma gota se perdia. Às primeiras chuvas, tentou revoltar-se, horrorizada. Mas a revolta não foi longe. Ao primeiro olhar, tinham avaliado a vítima. Esta tinha o ar duma ave de capoeira assustada, que eriça as penas e corre a atirar-se, para o evitar, debaixo das rodas do automóvel. Foi um divertimento. Os automóveis puseram-se a roncar. Saíam roncos de todos os lados. Atiravam de uns para os outros a bola de penas. Calcule-se se a aturdida era capaz, neste estado, de ter a cabeça e os dedos concentrados no trabalho.

Não conseguia seguir, na algazarra, as frases entrecortadas que lhe ditavam; ficava para trás, desnorteada; não entendia o sentido das palavras, esquecia-se da ortografia, a suprema honra, o *pudendum* do espírito burguês! O resultado imagina-se. Não tinham nenhum respeito pela sua idade nem pela sua perturbação. Com as descomposturas que recebia, voltava doente para casa e deitava-se na cama a chorar. A enormidade das conversas, que se cruzavam por cima da sua cabeça durante o dia, continuava a ensurdecê-la durante a noite. Ofegava, meio louca, como violada pelas injúrias. A última náusea fora, nessa tarde, a palhaçada infame com que o rei *Ubu* regalara a redacção, a expensas dum pobre visitante, um velho padre mal aconselhado, que lhe fora fazer um pedido... A cena era demasiado ao gosto de Karagheuz para que possamos exibi-la aqui... O abade vira o diabo; fugiu. A ave de capoeira também, assim que pôde. Estava resolvida a não voltar mais.

Anita passara-lhe a mão por baixo da asa eriçada, escutava-a, sem falar, e, dando-lhe palmadinhas, procurava acalmá-la. Quando a outra acabou, disse:

— Então, o lugar agora está livre?

A outra engoliu os soluços:

— Não me diga que quer ocupá-lo?

— Por que não? Não lhe tiro o pão da boca.

— Não tornaria a comer daquele pão.

— Já comi doutros! É preferível não olhar de muito perto a mão do padeiro.

— Vi-as. Não posso mais comer.

— Hei-de vê-las e comerei.

Apesar das relações pouco familiares, a mulher aflita não pôde deixar de rir ao ver o bom humor de Anita, que a desafiava com o queixo.

— Está com apetite!

— Não posso impedi-lo — disse Anita. — Não sou um puro espírito. Primeiro, comer. Depois, o espírito não perderá nada com isso.

Muniu-se das indicações necessárias: o ordenado era bom, o trabalho não ultrapassava as suas faculdades; por grande acaso, tinha a sorte de conhecer, de outrora, um dos remadores da galé, um velho redactor (dançara com ele nos tempos em que namoriscava com Rogério, o seu marido perdido). Não esperou pelo fim da tarde para apanhar o lugar ainda quente. Dizia para consigo: «Tinha graça se hesitasse! O mundo é uma gaiola de macacos. Nasce-se dentro dela, não é possível evadir-mo-nos. Estes ou aqueles, todas as suas caretas nada têm de novo para me apavorar. Quanto ao grande orango-tango... Logo veremos! Estou com curiosidade de o defrontar...»

Sim, a curiosidade... Se tivesse sido Eva, Anita não hesitaria em comer a maçã. Não teria tido a manha de a fazer colher por Adão... «Sei, arrisco-me. Arrisco-me para melhor saber. A antiga moral recomendava que se evitassem os riscos; mas a nova ensinou-nos que quem não arrisca nada, nada tem — *não é nada*. Se o não sou, hei-de sê-lo».

Era um vício, ser curiosa? Talvez, mas em Anita era um vício corajoso. Porque, nela, a curiosidade era acompanhada dum desafio lançado ao desconhecido que ia procurar. Tinha um tanto a alma do Caveleiro errante. À falta de gigantes, defrontava os macacos. E depois, a sua desculpa para consigo própria (o magro D. Quixote

não a tinha), era a que os seus belos dentes lhe davam: comer. «Macacos, alimentai-me!»

Recompôs o porte e o andar, quando fez a primeira entrada. Sabia bem que a sua situação nos escritórios dum jornal seria, não a que lhe fariam, mas a que ela faria a si própria desde o primeiro minuto. Era fria, sorridente e clara aos responder às perguntas. Nem uma palavra a mais; mas, em vinte palavras, o enunciado claro das suas referências e dos seus conhecimentos (dos que interessavam ao trabalho: os outros, faria melhor guardá-los para si; o ignorante não nos agradece). Depois, sem se preocupar com os olhares e as conversas que a apreciavam, nem com o tom de chalaça dos que procuravam desorientá-la, atirou-se ao trabalho e executou-o destramente.

Aqueles homens não eram imbecis! O homem de Paris vê bem as coisas. Depois de avaliar os seios, sente, por baixo, o coração da mulher. Uns e outros, Anita tinha-os firmes. «Apresentar armas!...» De tácito acordo, aceitavam-na. Outorgaram-se ainda o luxo suplementar de proferir em voz alta uma cabazada de enormidades, a fim de pôr à prova os seus ouvidos; mas as boas orelhas da borgonhesa, que nada perderam, não ficaram nem mais nem menos vermelhas nas extremidades: — «Vá, papagaios!... Não tendes lá muita imaginação!... É só isso o que tendes para mostrar?... Então, posso dormir descansada!» Anita ria, no fundo, sem pestanejar, fazendo dançar os dedos no teclado da máquina, mas sem um zelo exagerado. Não se julgava obrigada a tomar um ar empertigado para atestar a sua aplicação ao trabalho. O velho subchefe, que a espreitava de lado como um lúcio e releu, depois, a sua cópia, também não julgou necessário prolongar os comentários; disse: «Está bem». Todos pensaram o mesmo. O caso ficou arrumado.

Faltava o patrão. Partira por alguns dias, numa das suas expedições misteriosas, em que envolvia povos em negócios (e mulheres também, por vezes: pois quando alguma lhe interessava não tinha descanso se não a

possuísse: partia à caça, e não fazia mais nada enquanto não estivesse saciado!). Dessa vez esteve ausente uns quinze dias. Anita teve tempo de se segurar na sela. Teve tempo, até, de esquecer a existência do patrão. Quando este regressou, só deu conta disso quando ele já tinha voltado a sair. Atravessara toda a sala, mas sem falar, com um passo pesado, a fronte carregada, o olhar mau. Os empregados levantavam-se à sua passagem. Anita, a ler e a bater o teclado, continuava a sua tarefa, sem olhar para a direita ou para a esquerda do papel. Embora seguisse exactamente cada uma das palavras, evocava, por dentro, recordações do passado que a divertiam. Sorria. Não escapou aos olhos do patrão. O seu olhar espesso pesou sobre ela dos pés à cabeça. Anita não se vergou, mas sem mérito, pois não o via. Foi sòmente no momento preciso em que ele saía que Anita teve a percepção, retardada, do silêncio; levantou os olhos e perguntou:

— Que se passa?

Os vizinhos riram:

— Foi ele que passou.

— Ele quem?

Estava a mil léguas... Teve um sobressalto quando soube. Disseram-lhe que ele a medira de alto a baixo. O velho subchefe fê-los calar. O patrão deixara a porta do gabinete aberta. Não parecia de bom humor naquele dia. Devia ter deixado as suas penas nalguma sarrafusca. Cuidado com a borrasca!... O silêncio voltou a cair. Ouvia-se, apenas, o discreto matraquear das teclas sob os dedos das dactilógrafas. Lá fora, o bramido da rua. Depois, soaram toques de campainha furiosos e murros na mesa do patrão. Anita ouviu, pela primeira vez, o ronco do orangotango. O velho subchefe precipitou-se.

Houve barulho quando entrou. A tempestade troava à sua volta. Na sala, baixando o nariz, os outros encolhiam-se. Mal chegara, o patrão, naturalmente, descobrira todos os erros acumulados na sua ausência. O velho subchefe saiu do gabinete mais depressa do que

entrara, como um cão com a cauda entre as pernas. Atrás dele, no vão da porta que enchia, surgiu a estatura enorme de Timão, no alto dos três degraus da escada. Tinha as mãos cheias de papéis.

— Cambada de idiotas! Vejam a porcaria que fizeram! — vociferava, atirando os papéis ao ar.

Todos enterraram a cabeça nos ombros. Só Anita o fitava. O olhar de Timão fulminou-a. Ela continuou a olhá-lo, enquanto passava a cópia à máquina: uma breve vista de olhos para a verificar, depois, fez, novamente, face à tempestade. Timão esteve vai não vai para explodir: «Baixa essas persianas!»

Anita não baixou os olhos. Timão ouvia, com muita regularidade, o seu matraquear. Desceu dois dos três lugares, com furor. Em seguida, reconsiderou, voltou as costas e entrou no seu covil.

Passado pouco tempo, a campainha soou de novo. Um contínuo, amedrontado, foi receber ordens e voltou com um maço de papel cheio de gatafunhos: era preciso passar a limpo um artigo do director. Anita teve de escrever à máquina a prosa imunda de Timão. Mal lhe passara os olhos por cima, teve um sobressalto; inclinou-se para o subchefe:

— Diga-me, chefe, pode limpar-se isto, não?

O outro teve um movimento de surpresa:

— Como? Limpar?!

— A porcaria, claro. Isto está cheio dela!

O homem levantou os braços e disse numa voz estrangulada:

— Desgraçada! Livre-se disso! — Acrescentou, com amarga zombaria: — É precisamente isso que lhe dá valor! — Depois, muito a sério: — Ah! Sim! Nada de idiotices! Metia-nos em bons lençóis! Passe tudo exactamente como está!

— Com erros de ortografia?

— Que lhe interessa isso?... Bem, apenas os maiores, mas isso com cautela! De maneira que ele não seja obrigado a notá-lo! O patife não o perdoaria...

— A verdade, porém, é que ele chafurda num montão de palavras que ignora! Faz uma confusão lamentável...

— Estou-me nas tintas!... Isso é lá com ele. Quero é que me deixem em paz. A começar por si!... Não se meta no que não lhe diz respeito!... Vamos, minha bela, não fique zangada!... Está entendido! Copie o que aí está!

Anita era teimosa. Ouvia o que lhe agradava. Batia com as pontas dos dedos, enojada. A prosa colava-se-lhe à polpa, era gordurenta. Sentia vontade de os limpar. Aquilo cheirava mal. Franziu o nariz... Apesar de tudo, aquilo cheirava a macho! Era forte. Por momentos havia dessas patadas que moem os ossos. Um grande animal... Era pena que ninguém ousasse, não podá-lo — era pegar ou largar — mas evitar-lhe os alçapões onde caía inglòriamente: erros enormes de linguagem, de história, de ciência, etc. Por que diabo se metia ele nessas coisas?... «Por que não ousarei?... Traí-lo-ei, se não ousar... Não vou passar aqui o tempo a tiritar de medo, como esses poltrões... Ousarei e ouso...»

Ousou. Corrigiu atrevidamente, não as imundícies de linguagem (essas são as cores do brasão, é preciso conservá-las), mas os seus erros. «Deixemos que o macaco seja macaco; mas não burro. Corto-lhe as orelhas. Fica com o resto!»

O subchefe não viu nada. Não teve paciência de verificar. Nada, porém, escapou a Timão. Não demorou muito. Mal lhe tinham levado o artigo, o furioso apelo fez-se ouvir de novo... O subchefe trotou até junto do cíclope, com ares de importância. Saiu quase a seguir, pálido de medo e de raiva e, com as suas perninhas de perdigueiro, foi direito a Anita, gritando-lhe:

— Sua idiota!... Não lhe tinha dito?... Pois bem, ande, vá!... O patrão quer vê-la... Ah! diabos de mulheres. Vai ouvi-lo!...

Rebentava de cólera... Anita levantou-se, puxou o vestido, dirigiu-se para o antro, esforçando-se por conservar o ar calmo. (Apesar de tudo, o coração saltava-lhe violentamente na gaiola!) Ninguém via isso; era o

essencial. Não subiu nenhum degrau mais depressa do que o outro. Hesitou um segundo, no cimo, e entrou.

Timão, sentado atrás da mesa, com o corpo inclinado para a frente, os grossos punhos poisados em cima dos papéis, via-a avançar, dando-se ares de *Condottiere* de Antonello, ou do *Duce*. Anita avançou. De pé e direita, deteve-se a três passos da mesa. O outro proferiu, raivoso:

— Então, é você? Quem a encarregou de lavar os meus lençóis?

— Não estão lavados, garanto-lhe! Apenas passajei os rasgões.

Os terríveis punhos feriram a mesa com tal violência que um jacto de tinta foi cair no vestido de Anita. Apoiado nas mãos, Timão levantou-se, como se fosse atirar-se a ela:

— Ainda troça de mim!...

Anita disse friamente:

— Por favor... Quer passar-me o mata-borrão?

Timão passou-lho maquinalmente; os rostos de ambos estavam tão próximos que sentiu contra a face dela a respiração furiosa. Anita evitou fitá-lo. Estava ocupada em chupar a nódoa de tinta com o mata-borrão. Disse, glacial:

— Vamos... Seja mais senhor de si!

O homem estava sufocado. Balançou-se ainda durante alguns minutos, apoiado nos dois punhos, e depois voltou a sentar-se pesadamente. Anita acabava a limpeza do vestido. Timão olhava para ela. Anita tornou a colocar o mata-borrão em cima da mesa.

— Os seus lençóis tinham buracos — disse-lhe. — Pensei que fazia bem em cosê-los. Talvez fizesse mal. É uma mania de mulher, não pode ver a roupa rota, sem que vá logo remendá-la. Se fiz mal, lamento-o e vou-me embora. Valerá a pena o senhor expor a toda a criadagem — designava por cima do ombro as secretárias — a sua roupa suja e esburacada?

Ao terminar, fitou-o em pleno rosto. Timão abriu a boca, prestes a estoirar; depois, a fronte enrugada dis-

tendeu-se, a boca violenta teve um rictus e disse, quase jovial:

— Vamos, sente-se ali, sua lavadeira!

— Não lavei nada, já lhe disse. Devolvo-lhe o maço tão... limpo como o recebi.

Anita sentou-se.

— Sim, quer dizer que sujou as mãos.

— Oh! o senhor pensa que as minhas mãos nunca mexeram em roupa suja? Não, não sou esquisita.

— Então explique, se faz favor, por que motivo se permitiu alterar aqui e ali!

— Tenho o direito de dizer a verdade?

— Parece que o toma sem o pedir.

— Pois bem, ao vê-lo arriscar-se a comprometer o efeito, num artigo de categoria, com erros de colegial, não é prestar-lhe um serviço corrigi-los discretamente?

Timão corou até às orelhas. Disse vexado:

— Mestra de escola, não? Onde esteve a ensinar?

— Nos pântanos da Roménia, a última vez.

— Que diz? Conheço-os. As minhas botas já por lá andaram.

— Deixei lá uma das minhas; e depois, por mais que esfregue, ainda devo ter lama debaixo das unhas.

— Tem corrido muito, segundo parece?

— Como o senhor, como todos, de há dez anos para cá; mas não criei musgo, como o senhor.

— Pelo menos não perdeu o seu. É peluda.

— É preciso, já que vivo. No nosso tempo, os que são calvos de alma ou de couro, a vida cedo se encarrega de os liquidar.

— Ainda há muita gente no caminho!

— Isso não deve estorvá-lo muito.

— Quer dizer que lhes passo por cima? Ah!, eles são piores do que a lama do Danúbio. Enterramo-nos até ao ventre. Não o viu no que escrevi?

— Sim, bem vi a marca dos seus dedos...

— Quando se baldeiam os homens à pá, não há tempo para nos perfurmarmos.

— Sim, quanto a isso, o senhor é um bom baldeador.

— É o primeiro elogio que me faz.

— Não me pagam para lhos fazer, mas para o servir.

— E é para me servir que me remenda?

— Naturalmente. Seria certamente mais cómodo deixá-lo apresentar-se, em Paris, com os buracos no fato. Uma vez, porém, que o sirvo, sirvo-o conforme os meus meios, bem ou mal, mas conscienciosamente, e não quero...

— Que mostre o rabo em Paris?... Mas, minha menina, não faço outra coisa! É a minha glória. Se a eloquência não fosse, com uma tipa do seu calibre, saliva perdida, desempenharia perante si o papel de Danton, que berra: «Mostro-lhes a cabeça de Medusa!...» Mas consigo, nada de perdas inúteis! Instale-se ali, naquela mesa, minha professora, e explique-me os meus erros de colegial.

Anita explicou-lhos, com camaradagem, sem dificuldades. Timão ouviu com muita atenção. Depois disse:

— Obrigado. Guardo-a. Ficará aqui para olhar pela minha roupa. Entretanto, aqui tem para reparar o prejuízo que fiz à sua! Mude esse vestido que as minhas patorras salpicaram!

Anita, porém, disse:

— Não, não recebo nada da sua mão. Quanto ao vestido, ainda serve muito bem para o trabalho. É mais prudente. O senhor poderia recomeçar!

ANITA ficou como secretária e dactilógrafa particular de Timão no seu gabinete. Tinha a mesa instalada a um canto. A porta estava quase sempre aberta. Entrava e saía gente constantemente. Timão não perdia nunca contacto com a máquina. Vigiava todos os seus movimentos; o seu ouvido de Dionísio (*) captava os mínimos ruídos. Isso não impedia que, no meio da algazarra, recebesse cinquenta visitas, tratasse vinte assuntos ao mesmo tempo, telefonasse, ditasse ordens e artigos e conversasse, por vezes, com a secretária.

Eram estranhas conversas, dum carácter súbito e brusco. Era preciso ser destra para apanhar a bola no ar e ripostar enèrgicamente. Podiam confiar na vista e no pulso de Anita: no seu tempo, fora campeã de ténis; e as suas articulações, que tendiam a ancilosar-se, retomaram ràpidamente a sua flexibilidade. Timão elogiava-a, sarcàsticamente: «para a sua idade...» (sabia quantos anos ela tinha; Anita não era mulher para lho ocultar). O homem tinha necessidade dessa esgrima, dessas réplicas. Anita não duvidava de que, no dia em que começasse a ceder, Timão a deitaria fora como um chinelo velho.

A sua vida não era calma. O patrão mantinha-a em actividade de manhã à noite. Espreitar, apanhar no ar

(*) Alusão ao desconfiado tirano de Siracusa. *(N. do T.)*

os seus pensamentos, desenredá-los, aclarar a sua expressão ao passá-la para o papel, de ouvido à escuta, pronta para o ataque e para a réplica... O braço estendia-se como uma mola e um bom punho fechado aplicava-lhe um murro em pleno queixo... Timão ria: «encaixo...» Era a vez de ela encaixar. À tardinha voltava a casa moída... É preciso recomeçar amanhã!... No dia seguinte, recomeçava. No fundo, isso fazia-lhe bem. Essa actividade incessante do espírito em vigília era para ela uma ginástica que a desenferrujava e combatia o engorduramento do cérebro próprio da idade. O perigo do lugar aguçava-lhe o gosto pela vida e os sentidos: eram mais vivos e firmes. Não se queixava do trabalho.

O homem perigoso que servia pagava-lhe. Não apenas em dinheiro (Timão pagava bem!); mas em confiança. Dentro em breve, entregara-se a extraordinárias confidências. Ele próprio, de resto, lhe arrancara algumas de que Anita era ordinàriamente avara; e, o que é mais, deixara-o agir, sem se melindrar com perguntas indiscretas. Com um animal dessa espécie, nada a ocultar (a não ser, naturalmente, o que não é do animal: para uma Anita o essencial). Para tudo o mais, que importava? Pudor era para ela uma palavra desprovida de sentido. Franqueza de parte a parte. Para quem quer que os ouvisse — para todos esses ouvidos de jornal, que apanhavam pedaços das suas conversas — Anita era amante do patrão. Enfureciam-se, admirando a espertalhona.

Ora o que, precisamente, era certo para Anita, como para Timão, é que a cama não entrava em linha de conta. Não se falava nisso! «Graças a Deus!», pensava Anita. «E ao diabo também!...», teria pensado Timão. Nem um nem outro se sentia tentado. Timão perseguia caça mais nova. Anita estava farta de ser perseguida... Não, não, o que precisamente os associava era essa tácita segurança de que, no que se refere ao animal, nada havia a recear. A força de Anita vinha do facto de Timão não ver nela uma dessas dactilógrafas perpètuamente à espera

do patrão, uma dessas caçadoras de aventuras. É certo que Anita estava pronta para, duma hora à outra, se ele dissesse uma palavra, se levantar da mesa, enfiar o cabelo debaixo do chapéu com o dedo e saudar com o queixo: «Adeus, patrão». Seria para sempre. Nada a retinha.

Era por isso mesmo que ele a conservava. Uma auxiliar cujo valor prático se pesou à primeira vista, que sabia receber exactamente o que lhe é devido (se não o soubesse, Timão tê-la-ia desprezado) e juntava à pontualidade do serviço a mais completa indiferença — que é o cúmulo do desinteresse — era demasiado raro para que se privasse dela estùpidamente. A ela, porém, que a retinha? Era apenas o lugar e o ordenado? Havia, também, ele. No fim de contas, Timão interessava-a. Sem nenhuma atracção, nada que os ligasse, sentiam ambos que não eram animais vulgares. Não pensavam da mesma maneira sobre nenhum ponto, mas ainda menos pensavam como toda a gente. Cada um havia feito o seu eu, não o tinha construído por conta alheia; fora talhado no seu próprio estofo, e por meio de tesouras que cortavam dura, mas exactamente, pela experiência pessoal. Por mais diferentes que fossem o corte e o estofo, reconheciam-se ambos companheiros de ofício. Podiam entender-se entre si por meias palavras. Falavam, também, abertamente.

Timão estava mais do que farto da covardia de todos aqueles dorsos que se curvavam sob o medo dos seus berros, de todos os traseiros que se ofereciam ao seu pontapé. Enfim um homem (era uma mulher: em alemão, há uma única palavra para designar aquele ou aquela que pertence à grande espécie); enfim um rosto humano, que nos olha de frente e diz: «Não!», e nos inflige tranquilamente a sua crítica ou a sua repreensão motivada — e que tem razão... (Não nos agrada, mas aproveita-se!...) Faz bem. É terra firme. Não nos enterramos. Podem assentar-se os pés em cima. A cabeça também. A enorme cabeça, que sentiria às vezes tanta necessidade de se apoiar!... Isso, porém, não se mostra

a ninguém. Basta olhar para aquele peito e dizer: «Amamentou um homem. Aqueles seios têm leite para a fome e são uma almofada para a tristeza». Sem dar mostras de se preocupar, Timão contava ao travesseiro, com a sua ironia muitas vezes cínica, as aventuras da sua vida. Mostrava-lhe, sem constrangimento, nua a sua «bela alma», que não era muito atraente; fora, porém, como todas, a dum homem que nasce; e, como todas, seria um dia a de um agonizante. Uma mulher verdadeira pode sempre compreender e compadecer-se. Evitava, porém, dizê-lo ao orgulhoso... Claro que o macho não liga importância à compaixão! Esta é uma ofensa; mas há certas ofensas (às vezes até ultrajes) que secretamente nos não desgostam. Basta ser hábil em ofender e que a ofensa venha a propósito, quando — embora a vontade proteste — a carne espera.

Timão gostava muito de certos franzimentos imperceptíveis ao canto dos lábios de Anita, ao ouvi-lo, nos quais havia um décimo de compaixão diluída, um décimo de desprezo e oito décimos de curiosidade inteligente, que está liberta de preconceitos. No total, o resultado era simpatia; mas independente. Era o seu preço. A palavra de Timão era: «Bate e encaixa, mas não cedas! Amigo ou inimigo, não te entregues nunca!...» Anita jamais se entregaria. Como tentara, Timão tinha a certeza disso... (O que não o impediria de tentar de novo...) Um pacto, meio secreto, meio declarado, ficou estabelecido. Tomara Anita para seu serviço pessoal.

Ditava-lhe, em grandes tiradas, cartas e artigos. Ela redigia. Podia polir as unhas do seu estilo; mas não cortá-las. Podia expurgar certos erros; mas não todos: não podia tocar naqueles que ele exigia. Porque na luta o homem não se preocupa com a verdade! Preocupa-se com «deitar por terra» o adversário. Não se dava ao trabalho de explicar tudo à secretária: ela que adivinhasse — e imediatamente — as suas intenções! Timão não deixava a tinta arrefecer. Mal saía do forno, era logo servido. «Queima os dedos! Toma cuidado, se deixas cair!...» A mão de Anita não vacilava...

O patrão expunha-lhe claramente os seus estratagemas de acção, a roupa suja dos seus artigos, a sua concepção do jornal e da vida. Sabia que não o aprovava, mas o aceitava como um espectáculo. Fora ele quem pagara o lugar. Ela não tinha o direito de assobiar. Timão dizia-lhe:

— Vontade não lhe falta! Bem vejo os seus lábios a avançar... Vamos, ande! Por uma vez, consinto.

Anita assim fez. Assobiou. Ele cortou-lhe, com o gesto, o assobio:

— Caluda!... Agora, copie exactamente o que eu disse!

Anita copiava. Era o punho de Timão que batia sobre a cabeça do mundo. Tinha uma desforra a tirar.

UMA dura desforra. O rancor duma infância de miséria e vergonha. Timão era filho duma criada de estalagem do Périgord e dum cliente de ocasião, a quem ela nem sequer vira o rosto, de noite. A mãe conseguira, intrèpidamente, ocultar o seu fruto até ao momento em que, labutando como um animal fatigadíssimo, o dera à luz sobre o soalho dum quarto, que esfregava de gatas. Encontraram-na, com a criança, banhada em sangue. Era demasiado tarde para devolver o indesejável para o sítio donde viera. Manifestava, pelos seus vagidos, um apego poderoso à vida. Assim que a mãe pôde novamente ter-se nas pernas, mandaram-nos embora a ambos, a ela e ao filho.

A existência que levou em seguida, não a contou a ninguém, e ninguém procurou sabê-la. Não houve nada que não aceitasse; nada lhe custava, por mais duro, por mais baixo, desde que lhe trouxesse de comer: possuía essa inexplicável tenacidade pela vida dos animais que, da vida, só têm o trabalho, mas não lhes acode ao espírito a ideia de a abandonar. Possuía ainda essa outra tenacidade da fêmea pelo seu fruto, enquanto este não está suficientemente maduro para se desprender dela. Depois, deixá-lo rolar! A natureza que se encarregue dele!

Quando o pequeno partiu para se assoldadar pela primeira vez, já tinha visto o bastante para estar calejado contra qualquer vergonha. A mãe não procurara ocultar-lhe as suas. Tê-lo-ia podido, na promiscuidade em que viviam? Empenhara toda a sua vir-

tude no único trunfo desse apego feroz à carne da sua carne, o que não a impedia de lhe bater. Bater é amar com força. Esta força não agrada aos delicados; mas Timão não o era, nunca o foi. Compreendia tudo. Compreendia que, como criança, era o último degrau da escada, o único sobre o qual a mãe, que servia de capacho aos outros, podia por sua vez limpar os pés. Era a ordem natural... Mas — santo Deus! —quando crescesse, saberia limpar os seus nas costas de toda essa pilha que pesava sobre ambos.

Não foi sem suor! Era preciso não ter asco. Porque ele conheceu primeiro a humanidade pelos pés. Criado dum hotel lôbrego, envolvido, embora não parecesse, nos segredos das criadas e dos clientes, teve um dia, uma hora, a sorte, à qual se agarrou, de ter na mão papéis comprometedores, esquecidos por um viajante que deixara havia pouco o hotel. Menos de um minuto lhe bastou para avaliar, obscuramente, a sua importância, pesar os prós e os contras, tomar partido. Alcançou o indivíduo na estação e de olhos nos olhos, sem uma palavra a mais (nada de chantagem! mas nenhuma dúvida sobre o assunto: o outro compreendeu...) o homem recuperou os seus papéis contra compromisso tomado, e mantido, no mesmo instante, de ligar ao seu serviço o jovem cúmplice. O rapaz, desconfiado, nem sequer teve tempo de voltar ao hotel para levar os seus trapos. Subiu com o outro para o comboio que partia.

Era um corretor de negócios internacionais muito estranhos, que se dissimulavam a coberto de um Gaudissart (*) muito reboludo e franco. Fizera-se angariador de fregueses duma firma metalúrgica para encomendas de artilharia, e andava numa roda viva entre as fábricas de canhões e os alvos, isto é: os povos, ou antes, os que se servem deles. As suas viagens levavam-no, frequentemente, aos Balcãs e ao Próximo-Oriente, a toda a parte onde a língua do homem sente desejos de lamber

(*) Personagem de caixeiro viajante da *Comédia Humana*, de Balzac. *(N. do T.)*

o sangue do vizinho. Os benfeitores da humanidade que se esforçam por enchê-la de brinquedos de morte tiveram sempre um faro canino para descobrir a clientela que arde no desejo de os utilizar. Em caso de necessidade, dispõem-se a fornecer-lhe, juntamente com os engenhos, os pretextos. Naturalmente, o obscuro e grosseiro, embora astuto, angariador de fregueses não via tão longe! Contentava-se com transmitir secretamente a oferta e a procura, descontando a sua comissão de ambos os lados. A política não o interessava. Mas o porquinho do Périgord tinha o focinho do caçador de trufas.

Cedo se habituou Timão a compreender que a política era a árvore junto da qual as trufas rompiam. Cultivou a árvore; através das suas viagens, das suas sondagens, das suas reflexões e das relações com aventureiros bem informados (toma lá dá cá) descobriu, primeiro *grosso modo*, depois de mais perto, a estrutura da árvore, os seus ramos e raízes mestras, os dentes podres que a sabedoria aconselha a conservar, evitando arrancá-los, todos esses tumores que são trufas para os que sabem cozinhá-las. Também não lhe foi preciso muito tempo para compreender que bastava um mínimo de talento para servir, como o patrão, os interesses duma única firma. Por que não duas? Por que não três? Por que não todas? É claro: traindo-as todas igualmente. A quem mais der! Ao que menos der, se te é oferecido, embolsa-o também! Prato de latão ou prato de prata, em todos a trufa é boa.

É claro que o moço trufeiro não aprendeu, logo de repente, a arte perigosa de montar várias selas ao mesmo tempo. O essencial, porém, é que o conseguiu. Tinha largas nádegas, e onde quer que se sentasse ficava pregado. O patrão não teve tempo de perceber isso. No momento oportuno, o outro, num abrir e fechar de olhos, liquidou-o. A história não diz muito bem como; mas o facto é que, num dia qualquer e algures, na Balcânia, o velho desapareceu do campo das suas proezas e nunca mais ninguém se lembrou de lhe procurar o rasto (que interesse havia nisso?).

Não tardou muito que o perigordense fosse descoberto por um outro animal da sua espécie, e que tinha sobre ele a vantagem do número: porque o homem de pêlo castanho e olhos claros pertencia a essa poderosa manada da «Intelligence», cuja franco-maçonaria misteriosa assegura por toda a terra o domínio do Império britânico (ou, talvez antes, da matilha, pois quem tem o jogo na mão acaba por se julgar senhor dele). Os dois animais farejaram-se longamente, e, em silêncio, de pêlo eriçado, examinaram se era mais vantajoso que um deles estrangulasse o outro. Tudo bem pesado, o mais gordo, que era também o mais instruído, viu que havia mais proveito em ligar a si um Trufaldino (*) dessa espécie.

Puseram, cruamente, as condições do contrato. As do Trufaldino não foram nada leves, e o outro não perdeu tempo a regatear: a matilha paga por bom preço aquilo que vale; mas o que comprou pertence-lhe. Para se apoderar do perigordense, era preciso segurá-lo bem. O comprador não tinha ilusões a esse respeito. Não as deixou ter ao comprado. Timão soube que vendia a sua pele: não era homem para se atormentar com isso, contanto que tivesse atingido um alto preço; o resto, ver-se-ia depois; serviria o patrão enquanto visse nisso o seu interesse; no dia em que o interesse arrefecesse, logo arranjaria maneira de escapar das suas tenazes; o perigo não o faria deter... (não se fala — somos pessoas sérias! — da assinatura no farrapo de papel).

Cada um sabia o que podia esperar; entenderam-se, em suma, convenientemente: com efeito, a transacção apresentava-se frutuosa para ambos. Salvo algumas pequenas traições, de segunda ou terceira grandeza, a que o perigordense, aqui e ali, se dava o luxo, para provar a sua independência, ou então para experimentar a mão. O outro não dizia nada, mas dava a entender que tinha visto: dupla habilidade! não fazia sentir a trela, mas segurava-a: a bom entendedor...! Timão sabia que o

(*) Personagem do criado astuto e mentiroso da comédia italiana. *(N. do T.)*

poupavam, e faziam bem: melhor de que ninguém, conhecia o seu valor. Bem enquadrado e instruído, revelou uma mestria, feita de audácia e de esperteza, em intrigas, cujos longos fios da meada emaranhada os seus senhores tenazes e orgulhosos desenrolavam e enrolavam à volta dos membros das nações. Não tardaram a reconhecer as suas aptidões especiais para o palavriado (o filho das Gálias tem na boca o seu melhor instrumento) e forneceram-lhe os meios de o exercer, comprando para ele um grande jornal francês, em Paris. Puseram-lhe o nome de: «France d'abord»! Não mentiam, era a sua pele que desejavam ter! Timão, cínico, (foi então que saiu do ovo), proclamava: *Havemos de tê-los.*

Teve-os. Não demorou muito. Na primeira ocasião, o instrumento da sua boca levantou-se, como o de Gargantua (*) por cima das torres da Notre-Dame. Inundou com o seu verbo os engole-petas, a parvoíce pasmada de Paris. Saído do seio deles, sabia o molho que convinha ao seu guisado. Cada um dos seus pratos punha a boca a arder. Correram para eles. Timão evitava adular. Acolhia os clientes com injúrias. Os fracos gostam de que os maltratem: essa rudeza parece-lhes uma homenagem rendida à sua virilidade; reacende assim os cotos de vela. O que importa é conhecer o ponto limite em que o chicote, em vez de agradar ao burro, o irrita.

Timão conhecia-o bem. Jamais, nos seus mais ásperos arrebatamentos, perdia de vista o manómetro, ou, se quiserem, a agulha do quadrante que pula sob o soco descarregado em cima da cabeça do negro. Era frio nos seus furores, nas suas ameaças, nas suas campanhas desenfreadas. Desde o ponto de partida que sabia o: «Até ali! Alto! Meia volta à direita!...» O javali tinha outros campos para devastar... Entendamo-nos! Se o «até ali» não arrancava a presa cobiçada (era muito raro; quase sempre a caça, apavorada, deixava um pedaço do lombo na boca do perseguidor; teria deixado

(*) Personagem e título da célebre obra de Rabelais *(N. do T.)*

a pele, se pudesse, para escapar), encontrá-la-ia uma outra vez. Timão nunca esquecia.

Sobretudo, tinha o cuidado de não esquecer a partida verdadeira que se jogava por detrás do biombo e o estrépito das disputas — as grandes batalhas internacionais das firmas, entre as quais tinha de servir a sua. O ultra-nacionalismo de linguagem era a máscara obrigatória do internacionalismo de interesses. Que lhe importava a ele, Timão, e aos seus pares (que não eram pares de Inglaterra... paciência... mais dia menos dia sê-lo-iam...), sim, que lhe interessava ser sob esta ou aquela bandeira que arrebatasse o mercado dos aços, e que isso fosse para a paz ou para a guerra?! O pavilhão não tinha nada a ver com o negócio; e o negócio acomodava-se com todos. Sim, nos começos, antes de grande guerra, que fez uma chacina de ideias quase tanto como de homens, Timão cultivava ainda, com os seus patrões, num canto do seu terreno de exploração, a flor nacional, rosa de espinhos, vermelha do sangue que custara; e era até nisso que o seu jogo nem sempre estava de acordo... Guerra das duas rosas... Trapaceavam.

A grande guerra ensinou-lhes, porém, que seriam bem tolos em limitar o seu campo aos ganhos e perdas duma única nação, quando tinham a possibilidade de totalizar, em seu proveito pessoal, a ruína de todas as nações. Se lhes restavam alguns escrúpulos, os aventureiros recém-vindos encarregaram-se de lhos tirar: estes saíam do fundo dos mares, que a violência do turbilhão levantara; eram como os bastardos sem leis de Shakespeare, que calcam o mundo sob os seus pés. Bastardos de raças, levantinos, malaios, feitos de misturas e da água suja dos quatro ou cinco continentes. Havia dificuldade em distinguir de que pátria ou de que ventres provinham ao certo. Nunca se haviam preocupado com isso, só nadavam bem entre todas as águas; e tanto pior para os aristocratas da mandíbula, que pretendiam escolher a sua presa na cama feitinha do seu viveiro.

Os novos tubarões pilhavam tudo. Ou se fazia como eles, ou era-se pilhado. Timão não teve dificuldade em

acertar o passo. Não era a preocupação das suas origens que o atrapalhava; o nome de *pátria* evocava-lhe antes o do *pai*, de quem tinha de se vingar. Como, apesar das intenções, nada é possível fazer para não pertencermos à carne duma raça, e visto a sua ser, pela mulher que o dera à luz, como a terra donde ela e ele haviam saído, mesclada da rude e fulva zombaria gaulesa, cujo odor indelével permanece nos dedos, vingava-se pela sua vigorosa ironia. Graças a ela julgava, a si e aos outros do bando, e nunca se deixava enganar, como alguns dentre eles, por padre-nossos e pios pretextos, religiosos, morais ou sociais, com que esses tartufos rodeavam as suas rapinas. Era implacável com a hipocrisia e, por momentos, sim, cheio de piedade (mas o desprezo prevalecia) por esses povos explorados, e prontos a acometer, por eles, contra os exploradores.

Isso não ia além das explosões e dos estilhaços de linguagem furibundos, sobretudo nas horas em que a bebida desencadeava os titãs comprimidos sob a montanha e fazia fumegar a cratera. Sabia bem que os titãs estavam vencidos, e não era desses palermas que dizem: *Gloria victis!* Contentava-se com o *Vae victoribus!*, porque os conhecia; e o que podia restar-lhe de honestidade, punha-o no ódio secreto, feroz, sem fundo, sem medida, que alimentava pelos seus cúmplices ou seus rivais.

Os vencidos não eram, porém, melhores; conhecera-os, também, aos explorados, a esses povos entre os quais a sua infância se arrastara; os pés deles não eram menos pesados para os que estavam por baixo. «Que permaneçam pois por debaixo!» Não, não era para temer que Timão oferecesse os seus largos ombros aos que queriam alterar a ordem social, embora nenhum deles julgasse essa ordem — essa desordem — com olhar mais apunhalante. Esse olhar, contudo, — precisamente — não pudera dissimulá-lo aos que, como ele, sabiam ver, entre as sobrancelhas, o que estava para além da fronte. Os seus patrões, ao empregá-lo, vigiavam-no. Inquietava-os.

Por isso mesmo, Timão tranquilizava um tanto Anita. Entendamo-nos: ela não deixava de estar alerta... mas encontrava nisso, por mais frágil que fosse, um motivo de indulgência e de esperança. Desde que um homem permanece livre e verdadeiro no fundo do seu espírito, embora esteja coberto de crimes, nem tudo está perdido ainda. Porque, por muito entregue que esteja nos seus actos ao mais vergonhoso interesse, na sua caverna conserva ainda o desinteresse. Esse desinteresse secreto, longínquo, essencial, o qual acaba às vezes por se confundir com o fatal desinteresse de tudo, era a invisível pedra de toque em que um e outro, sem outras explicações, se tinham experimentado e aceite ao primeiro contacto. Podiam ver e ouvir tudo de si, como do resto, sem se perturbarem. Não se arrogavam, no íntimo, um tratamento privilegiado. Não tinham hipòcritamente, como a canalha, duas medidas, uma para si, outra para os outros. Avaliavam exactamente, na escala, toda a paisagem, incluindo eles próprios. Os olhos estavam acima de tudo, porque é pelos olhos que o peixe apodrece primeiro. Sãos eram os olhos de Timão como de Anita.

O patrão não se enganou. Não escondeu nada a esses ouvidos, cuja concha recolhia, impassível, todos os estremecimentos do mar. Lançava lá tudo o que lhe pesava, o que via e conhecia da comédia humana, de que ele próprio era actor, e dos fantoches que a conduzem. Esses ouvidos eram o seu cofre-forte. Dizia-lho:

— Cuidado com o cofre!

— O tesoureiro é o senhor — respondia Anita. — O senhor é que tem a chave. Não tem mais que verificar. Encontrará o seu pecúlio completo.

— Nada perdido? Nada esquecido?

— Nem um cêntimo. A conta aí está.

Sim, Anita não esquecia nada do que lá tinha posto. Era perigoso. Para quem o era mais? A situação, nesses meios, dum depositário incómodo, ou que pode ser suspeito de o ser, não é segura. Bastava ver ali, sobre a mesa, esses punhos de estrangulador, para não ter dúvidas. Anita via-os, contudo, indiferente e nem sequer tinha o ar de pensar nisso. Timão estava envergonhado da sombra de suspeita que, num momento, havia passado. Não, nada sairia do cofre. Tinha a chave na algibeira.

O cofre ficou bem cheio. Anita fez a sua instrução política. Penetrou nos bastidores. Aprendeu a completar a frase do chanceler da Suécia, que os papagaios da história repetem, o qual dizia ser o mundo conduzido por muito pouca sabedoria; só falava, porém, dos manequins que estão em cena. Anita via os que puxam os cordéis. Sem dúvida, os soberanos, os parlamentos e os seus ministros, tudo a que chamam os poderes dirigentes, fazem figura de fantoches com discos gravados para entreter a galeria; toda a sua sabedoria junta não forneceria dez cavalos-vapor para fazer andar a máquina enorme dos Estados. Outros se encarregavam disso; atrás da cortina, são quem a põe em movimento, e a eles também, a esses badalos de sinos. Os mestres-sineiros são os Negócios e o Dinheiro. O tempo da política passou. O Económico reina. Não se pode dizer, sem dúvida, que seja a sabedoria que o domina. Porque ela nem sempre tem rosto humano. São muitas vezes *oktopus*, monstros anónimos informes, cujos milhares de tentáculos exploram, e que sorvem com as suas trombas cegas, na noite.

Os raros indivíduos cuja personalidade, geralmente pouco desejosa de se expor à luz, sobrenada ainda no *vortex* dos biliões, são quase todos, hoje, produtos arti-

ficiais, sem raízes e sem semente, sem ascendentes, sem descendentes, sem filhos, sem associados, sem futuro. Como eles e as suas obras estão destinados a desaparecer, só aspiram pela sua hora de superdomínio, mas desmedido. Um frenesi os arrasta. O sensato «amanhã» não intervém no seu destino para assegurar o equilíbrio e a sobrevivência. Têm o ar de quem diz: «Depois de mim, o dilúvio!» Pelo menos, o rei cínico e lúcido que o dizia, via vir o dilúvio, calculando, com uma secreta volúpia: «Quando ele vier, já terei partido.» Eles, os reis sem coroa, nada mais vêem do que o seu «hoje»; e nada, depois. Abririam as comportas do dilúvio, se soubessem que a vinda dele lhes traria os destroços para a pilhagem, antes de os rolar a si próprios, transformados também em destroços. O rei do petróleo, de há dez anos para cá, não levou por diante o duplo jogo de amotinar o mundo da reacção contra a revolução russa, e de procurar negociar com ela contra esse mundo?

Timão revelava a Anita os novos poderes que governam os povos. Falava com um desprezo sem limites dos velhos politiqueiros de profissão e do círculo estreito de paixões, de preconceitos e ideias mortas onde se movem cegamente. Nisso, Anita estava de acordo com ele. Os novos senhores realizavam um progresso sobre os antigos: repudiavam o nacionalismo antiquado, alijavam a sua bagagem esmagadora e imbecil de vaidades, de rancores, de ódios e orgulhos hereditários, transmitidos de pais a filhos durante séculos. Faziam saltar barreiras, trabalhavam para a fundação dum internacionalismo de negócios e de lucros.

Não é preciso muito tempo para descobrir que substituem a velha coleira usada, corroída, por novas cadeias muito mais escravizantes. Alargaram a prisão; mas é para lá fazerem entrar milhões de homens — não já apenas esses punhados de profissionais da política, que disputam entre si todos os papéis da comédia — mas todos os comparsas, os figurantes, e o próprio público, toda a sala. Já não é possível escapar. Tal como na guerra do futuro todos apanharão — os civis, as mu-

lheres, os velhos, os inválidos e as crianças —, assim também na prisão modelo do capitalismo internacional cada um terá o seu número, não se tolerará um único independente... Oh, sem violência! O mecanismo será tão perfeito que não haverá escolha entre o submeter-se ou o morrer de fome. Liberdades de imprensa e de opinião serão quimeras dos velhos tempos. Não haverá um só país para onde fugir à opressão dos outros. As malhas da rede apertam-se aos poucos à volta da terra.

— Não me apanharão — dizia Anita. — Irei antes com os ratos. Roerei as malhas.

— E onde irá? — perguntou Timão. — Já não há exterior para onde ir. Tudo é interior.

— Há a morte — respondeu Anita.

— Isso satisfá-la?

— Não!

Exasperava-se. Timão, divertido, insistia sobre a solidez da rede. Nem uma falha: e incluía nesta rubrica os escrúpulos morais em que o velho nacionalismo político ainda se enleava. A nova Internacional do dinheiro deixava aos povos que explorava e aos atrasados da política os seus velhos grous idealistas. Negociava indistintamente com o amigo e o inimigo. Especulava sobre a guerra e sobre a morte duma ou doutra nação — da tua — da minha... Assim, certa sociedade de torpedos tinha como associados os senhores da guerra, os grandes nomes da diplomacia, húngaros, alemães, Bismarck, Hoyos, os grandes barões das forjas anglo-saxónicas, Amstrong, Whitehead, sob a presidência dum almirante francês e na dependência dum levantino.

Alguns *condottieri* das indústrias, alguns *gangsters* da finança que levavam ao pescoço não a corda da forca, que lhes ajustaria bem, mas as gravatas de todas as ordens honoríficas do velho Ocidente, jogavam o seu jogo, não sem brilho, mas sem bússola, entre os *trusts* e os *holdings* da Inglaterra e da América, cuja mão pesava cada vez mais sobre um e outro continentes. O poder dos procônsules ou a esperteza dos aventureiros não excluía a sua mediocridade. Dirigiam muito menos as

forças enormes, em luta ou associadas, do que eram dirigidos por elas e pela sua mecânica posta em movimento. Esse jogo cego de forças económicas era ainda mais opressivo. Segundo um ritmo implacável de fluxo e refluxo, impunham, alternadamente, paz e guerra, fortuna e ruína.

Timão surpreendia Anita pela sua clareza cruel ao sondar os pensamentos mais íntimos desses senhores do mundo e a esterilidade dos seus acasalamentos com o Dinheiro. Era sobretudo o jogador que, nele, não tinha suficiente desdém pela incoerência dum tal jogo. Quando se pretende usurpar o comando, é preciso saber o que se quer. Eles não tinham nada na cabeça — além de dominar — quer dizer, na linguagem desses sacos, entesoirar. Venha pois quem lhes abra a pança! Embora os seus interesses estivessem do lado deles, e tudo, no seu destino, o fizesse um inimigo da Revolução proletária, Timão no íntimo era com uma satisfação cruel que via essas massas cerradas, profundas, organizadas, que se congregavam antes de se lançarem ao assalto.

Gritava-lhes, enrouquecido, do fundo da selva: «Atira-lhe! Ao ventre!»; mas isso não passava do sobressalto furioso dum momento. Não podia! Estava contra eles. Não *queria* compreendê-los, embora fosse capaz disso. Era dos raros da sua espécie que teriam podido fazer-lhe justiça. Se tivesse nascido do seu lado, talvez fosse um dos seus chefes. Esse pensamento aflorara-lhe talvez ao espírito; mas os acasos da vida tinham disposto de outra maneira, e o golpe falhara à nascença. Não falemos mais nisso! O seu jogo era outro. Qualquer que ele fosse, era preciso jogá-lo a fundo.

Fazia-o ele? Eis toda a questão. Com a sua plasticidade de simpatia, Anita aceitara, como um postulado, o ponto de vista de Timão para o julgar. Não pensava em opor-lhe, de momento, outras concepções sociais: a supor que Timão lho permitisse, não as tinha ainda suficientemente firmes, suficientemente seguras, nesses assuntos de Economia universal, em que o seu individualismo de largas asas, mas de espaço restrito, mal

tivera ocasião de se aventurar. Conhecia bem o centro do círculo — o cu profundo — mas muito mal a circunferência. Timão alargava-lhe os horizontes; e por pouco tranquilizador que fosse o espectáculo, a sua curiosidade de espírito, ávida, ardente, lançava-se nele como uma andorinha. Não tinha um velho mundo a defender. Nem velho campanário com o seu ninho. Apenas as suas asas e o ar livre. (Havia também o filhinho: Marcos; mas este já tinha penas, faria como ela...) Logo, para já, a sua única ocupação era ver. Tinha muito para ver.

Que duelos de forças! Que bestiário! E havia quem se queixasse do tédio dos tempos! Cambada de idiotas! Uma época tão rica!... Sim, não é lá muito cómoda. Arranha a pele e esfola-a. O sangue corre como água; mas é tão interessante! Não há tempo para pensarmos nos nossos males. Quanto mais nos dos outros. Famoso espectáculo!... Oh, não é nenhuma parada de teatro! O cenário avança, como a «demanda do St.º Graal»; mas o cenário não é a única coisa que avança. «São as minhas pernas, é todo o meu eu, e o mundo inteiro, que são levados com os meus olhos. Sinto bater contra as minhas faces o vento da terra que gira. Onde vai o seu giro? Para onde vamos nós? Não sei... Mas que corrida! Sabe bem viver à proa...»

Muito melhor do que todos esses homens, aquela mulher percebia, à primeira vista, a eclíptica onde a massa humana rolava, irresistìvelmente, levada por forças elementares. Sem tentar resistir-lhes, antes procurando, instintivamente, identificar-se com elas, Anita esforçava-se por desposar essa energia que tinha ali contra os flancos. Posto de lado todo o juízo de qualidade, moral ou imoral, a sua vontade seria ajudá-lo a realizar-se. Ele é Timão. Que seja pois Timão, mas completo!

Não o era. Anita não levou muito tempo a perceber isso, e foi a primeira a preocupar-se. Porque Timão só tinha, abaixo de si, uma criadagem à trela, mas sem dedicação; e na sua frente apenas rivais cuja preocupação era impedi-lo de dar toda a medida das suas possi-

bilidades. Ele próprio só se preocupava com isso por rompantes sem duração. Esse colosso estava intoxicado pelo veneno do poder. Não se é impunemente vencedor dum mundo infectado até à medula. Ao apertá-lo durante quarenta anos, couro com couro, a sua suarda, os seus piolhos e o seu tifo transmitem-se. Timão era um gozador, voraz, violento e sem freios. Tinha necessidade de saciar, e sem demora, os seus cios, as suas fantasias e ódios pessoais. Não sabia, não queria, moderar-se, como faziam outros grandes aventureiros, seus rivais e modelos, o Basílio, ou o rei dos petróleos, ou o dos fósforos (*), cujo desequilíbrio de forças parecia prudentemente contrabalançado por uma vida doméstica comedida, à parte, e que procurava não dar nas vistas.

Tratava-os por ratazanas, avarentos, mangas de alpaca. Eram, de facto excrescências da burguesia, cancros na sua pele, muito mais do que homens novos; mas Timão, que teria podido sê-lo, deixava-se deter no caminho pelos cipós no ventre e o lodo movediço debaixo dos pés. Anita enfurecia-se, porque se apaixonara curiosamente por esse destino que, no entanto, não lhe inspirava nenhuma simpatia. Não podia suportar, porém, ver desbaratar-se uma força da natureza que tivera na mão a vitória e a deixara ir-se. Timão, que o notava, divertia-se com o interesse que, mais do que ele, a sua secretária punha nisso. Estava-lhe grato. O facto de descobrir um público que lhe apreciava a força era para ele um estimulante que muita falta lhe fizera. Era, porém, muito tarde para tirar proveito disso!

Sim, sabia, como ela, que era mais inteligente do que os seus rivais, contra os quais lutava; via mais longe do que eles e mais certeiramente, mais a fundo. Via as fraquezas deles e o nada das suas construções. Fazia vê-lo a Anita por jactos de luz surpreendentes.

— E então, patrão?...

(*) Alusão a Zaharoff, Deaterding e Krugger, magnates das grandes indústrias na época em que decorre a acção. *(N. do T.)*

Timão examinava-lhe a boca fremente:

— Fale, Madame Sans-Gêne! (*)

— Por que não mete ombros a isso?

— Para os amparar?

— Para os alijar e construir em lugar deles.

— Mostre-me o terreno!

— A terra inteira.

— Não passa dum atoleiro.

— Não é capaz de o encher com os seus braços, de, se for preciso, secar os pântanos? Embora tudo estivesse no charco, não tem havido outros, pelos tempos fora, que edificaram as suas casas e uma vida nova na estacaria?

— Para quê? Para depositar, como eles fizeram, os seus girinos nos pântanos? Não, não, bem basta os que há! Não estou interessado em segui-los, nem em perpetuar a minha raça. Já basta uma vida! Não vou recomeçar; mas à que tenho, quero, pelo menos, espremer-lhe o sumo.

— E depois?

— Depois, m...!

Anita voltava a cabeça, irritada, de nariz torcido.

— Doem-lhe os ouvidos? — perguntava Timão, trocista.

— Não!... O coração. Dá náuseas. — Anita cravava-lhe o olhar no rosto: — Vale bem a pena julgar e desprezar esses que usurpam o poder, sem serem capazes de se servir dele, para fazer como eles!

— Vejo, porém, o que eles nem sequer se darão ao trabalho de querer ver.

— Que vê?

— O nada de todos eles. O meu. O seu. O nada de tudo.

— Fale do seu, se isso lhe agrada! — disse Anita, secamente. — Mas não do meu.

(*) Alusão à marechala Lefebvre, que fora lavadeira do regimento do marido e não tinha papas na língua ao falar com Napoleão. *(N. do T.)*

— Olha, olha, olha, olha! — exclamou Timão, interessado. — Pretende um tratamento especial?

— É o meu destino.

— Abandona-me, então, ao meu?

— O senhor é quem se abandona a ele. Não tem vergonha? Teve força para defrontar todos os riscos da vida e vai tropeçar covardemente contra o Nada!... Pff!... (Soprava com os lábios)... O Nada não passa de um inimigo mais, como os outros. Torça-lhe o pescoço!... Ri-se?... Entregar-lhe as armas!... O senhor causa-me pena.

Timão, satisfeito, olhava de soslaio a gata assanhada que parecia prestes a cuspir-lhe na cara. O seu olhar circunvagou:

— É pena — disse — que já não tenha idade para receber a minha semente! À falta de mim, talvez ela pudesse travar o combate que a tenta.

— Não preciso de si. Também tenho a minha semente, e esse combate, espero que ela o travará até ao fim.

— Tem o seu garoto. É verdade. Traga-o cá!

— Não — proferiu sacudindo a cabeça, resolutamente.

— Não sou digno dele? — desafiou Timão.

Anita replicou:

— Não!

Timão desatou a rir às gargalhadas.

— Agrada-me — disse. — Não tem medo. Fez-me falta uma mulher assim; mas agora é demasiado tarde! Perdeu o comboio...

— Tenho boas pernas — disse Anita.

— Então, vamos para a frente!... Vai ver que ainda sou capaz de lutar com vigor, à falta desse Nada — que se esconde, como um covarde anónimo — contra os que o representam!

SEGUIAM-SE horas de trabalho violento — trabalho de sapa, trabalho de minas, trabalho de circunvalação, à espera do sinal de clarim, ou do toque para a carga, e o assalto... Timão, espicaçado, apesar de tudo, pelas conversas com Anita, reentrava na liça e combatia galhardamente com os seus rivais... Que fazia uma Anita metida naquilo?... Perguntava-o a si própria, nos raros momentos em que o patrão a deixava respirar. Sentia, porém, uma tal fadiga, horas de sono em atraso! «Vão para o diabo os pensamentos! Deixem-me dormir! Amanhã voltaremos a encontrar-nos...»

Um outro Marcos, esse Marcos de quem ela se pavoneava, orgulhosamente, diante de Timão, não esperou pelo dia de amanhã. Não a deixou dormir. Que sua mãe se tivesse tornado a secretária de confiança de Timão, o tubarão, o pirata, lançara-o num estado de desespero, suscitara nele acessos de furor. Só o soubera pouco depois de se ter separado dela, amuado. Não fora nos meios de miséria, onde ganhava a vida, que ouviu falar das relações de Anita com Timão. A primeira notícia que teve disso chegou-lhe numa hora particularmente trágica.

Masson, o tipógrafo, seu companheiro, acabava de se suicidar. O infeliz vivia roído pelo duplo veneno da sífilis e dos gases, que trouxera igualmente da guerra. O corpo, queimado, era incapaz de suster o assalto furioso do espírito. As suas decepções e rancores eram

alcatrão no archote. Escarrava o sangue, em uivos inúteis para despertar, nos comícios, a indiferença dos antigos combatentes. Estes voltavam-lhe as costas, irritados; tinham-lhe rancor por lhes lembrar o que eles preferiam esquecer; e mais de um ocultava a sua contrariedade sob insultos. Voltava de lá esgotado, asfixiado pela dor e pela raiva impotente, o cérebro em febre, que a insónia acabava por enlouquecer. Uma visão alucinada fazia-lhe ver o regresso da guerra, que a hipocrisia duma paz de rapinas e a cumplicidade, por fraqueza, do povo da França tornavam fatal. O recomeço do inferno, donde julgara ter saído três anos antes, era-lhe impossível de suportar. A traição moral do seu povo tirava-lhe toda a razão de existir. Não podia fazer nada. Embora tivesse podido, por quem encontraria ainda energias para lutar? Por esses poltrões, poltrões da sua causa, poltrões da sua classe? Por esses covardes? Uma noite em que o desespero e a tosse o estrangulavam, cortou a garganta com a navalha das trincheiras.

Marcos foi vê-lo, na sua enxerga, embebida em sangue como uma esponja, o corpo esvaziado, a boca crispada, clamando ainda contra a traição dos vivos...

Foi nesse dia que encontrou na rua, junto da sua porta, a mãe que ia visitá-lo. Não viu a fadiga dos traços, os olhos com olheiras; viu o seu riso. Anita trazia-lhe dois bilhetes para um concerto; deu-lhos; sentia-se satisfeita por ouvir bela música com o filho. Disse-lho, feliz e cansada por ter andado tão depressa. Marcos teve um sobressalto, riu sarcàsticamente, e disse, de mãos enterradas nas algibeiras: «Não!» Anita não compreendeu, pensou que ele tinha alguma rapariga de quem não queria falar-lhe; e disse-lhe:

— Se tens algum amigo com quem gostarias de ir ao concerto, toma, meu filho! Irei doutra vez.

Marcos arrancou-lhe os bilhetes da mão, amarfanhou-os e atirou-os na valeta. Numa voz sibilante, que fazia esforço para não gritar, soprou-lhe no rosto:

— Não quero nada de ti!

Anita ficou interdita, com o coração gelado. Marcos não lhe deu tempo para falar:

— Nada do que venha desse patife de quem comes o pão, desse assassino...

A mãe fez um gesto para se defender:

— Meu querido, não julgues antes de ouvir!... O pão que como é bem ganho...

Pegou-lhe no braço afectuosamente. Marcos libertou-se com violência:

— Não me toques!

Anita fitou-o. Marcos tinha um tremor convulsivo.

— Estás louco, meu filho...

O rapaz gritou (rosnava como um cão furioso, com o rosto quase encostado à boca da mãe para os transeuntes não ouvirem):

— Há sangue nas tuas mãos.

Voltou-lhe as costas e afastou-se a passos largos.

Anita ficou parada no lugar onde o filho a havia deixado, de braços pendentes, a vê-lo afastar-se. No seu espanto, o seu olhar claro perscrutava aquela explosão de ódio e distinguia elementos de *fas atque nefas*... Um ciúme inconfessado... Compreendia mal aquela apóstrofe de melodrama. Olhou as suas mãos de dactilógrafa. Era tinta, e não sangue, que havia nas pontas dos dedos. Não vira o sangue do morto, que existia ainda debaixo das unhas de Marcos... Sorriu tristemente, encolheu os ombros e voltou para trás...

Se ele soubesse quais eram as suas relações com Timão! Como poderia explicar-lhas? Explicava-as ela a si própria? Que fazia naquela galera, naquela guerra de corsários, que não era a sua, e cujo alvo, disputado entre bandos de rapaces, era a terra, a água e o ar de que viviam ela, o filho e milhões de humildes trabalhadores? Quisera ver. Apesar do nojo e da aversão, estava presa pelos olhos, estava interessada pelo jogo. Imaginava-se, quando pensava nisso (nunca de dia: não tinha tempo; raramente de noite: dormia, ébria de fadiga; de longe em longe: apenas alguns minutos de

insónia... Assombro, terror... «Que faço... Para onde vou?...») Imaginava-se como um explorador numa floresta, que concluiu um pacto com uma das feras e se abriga atrás dela; que vê à sua volta os combates dos monstros; cuja sorte está ligada à do enorme animal que deita abaixo o muro da floresta e calca os tigres e as serpentes. Gritava-lhe: «Olha à tua direita, cuidado à tua esquerda! Levanta a tromba! Esmaga e acomete!» Apenas por um triz a pesada pata não a esmagava também. O perigo constante libertava Anita dos escrúpulos da sua consciência. Pensava apenas: «Sair da floresta!...» Não era, contudo, apenas ela, descobriu-o então, que estava presa nessa floresta, era a Europa, o Mundo. Então, apreciava a massa poderosa e as defesas do elefante, que lhe abria o caminho. Não tinha tempo de o julgar, como o faria uma vez fora da floresta. Não tinha tempo de ser moral. Precisava de seguir as enormes pegadas. Um único instante de negligência, ou de fraqueza, e seria devorada pelos outros! «Avança, avança, mas observa e regista». Regularia depois as contas consigo própria e com o universo...

Tinha sérias suspeitas, desde o começo, de que, cedo ou tarde, o filho lhe pediria contas, e apressava-se a fornecer-lhas. Não lhe teria dito (isso não se diz) que quando, no meio da turba dos impotentes, dos águas-mornas, que não são nada, que nada sabem querer nem fazer, se tem a sorte de encontrar uma força inteiriça, provinda da árvore do mal e do bem, a mulher lembra-se sempre do Apelo de que saiu o imenso esforço, o decorrer da história humana. Até a mais casta, a que entrega, não o corpo, mas o espírito, oferece-se ao homem que fecunda, ao que quer e actua, e orgulha-se de dirigir a sua acção e canalizá-la.

Mais humildemente, tinha a preocupação da boa empregada que, seja qual for o trabalho a que se encontre associada, não pode suportar que esse trabalho seja mal feito, e se apaixona por ele. Ter um Timão debaixo das mãos, a sua energia e os seus meios e, por escrúpulos impotentes, recusar semelhante instrumento,

não, não seria para uma Anita... A boa empregada não recusa nunca o trabalho... Não lhe teria dito tudo isso. Sabia demasiado bem que, com tais explicações, nada explicaria ao espírito do filho, esse duro espírito de rapaz intolerante. Ter-lhe-ia, porém, falado no bem social que poderia advir da vontade de combate dum Timão e dessa força, bem orientada. Dir-lhe-ia que a sua presença junto dele talvez não fosse inútil, até para a causa das massas trabalhadoras e dos espíritos independentes. Se esperava ter uma discussão muito viva com Marcos, não previa aquela erupção. Marcos também não a previra. Fora assaltado pelas forças selvagens que rondavam à sua volta, no fundo da sua alma, e, agora, já não lhe permitiam voltar atrás.

Anita escreveu-lhe um bilhete afectuoso, que nem sequer fazia alusão à brutalidade dele, não censurava nada, se preocupava apenas com o seu estado de saúde e lhe propunha um encontro, para conversarem. Teria querido explicar-se lealmente. Se as suas explicações o não tranquilizassem, ter-lhe-ia sacrificado a sua situação junto de Timão. Não iria, contudo, confessar-se culpada, como aquele rapaz violento o teria exigido: não tinha nenhuma razão para isso. Ele não se preocupava com a razão, nem com a justiça, nem com nenhuma consideração... Nada de deferências! A sua exaltação queria que ela rompesse, sem discussão, com esse homem a quem odiava — e imediatamente — com o ar de pedir perdão por isso!

O filho enviou-lhe um *ultimatum* em três linhas imperiosas, sem um único termo afectuoso. Anita leu, suspirou, e o seu sorriso tornou-se também duro. Também tinha o seu orgulho, como ele. Não obedecia a intimações. Pelo coração ou pela razão, obtinham tudo dela: mas nada pela ordem expressa. Fechou a carta, deixou-a sem resposta, e retomou a sua marcha na floresta atrás do escudo vivo do mamute... «Quando tiveres disposição para falar polidamente, meu querido Marcos, estou à tua espera. Não esperes por mim!...» Marcos fazia o mesmo. Esperava... Podiam esperar ambos! As duas

cabeçorras eram tão duras uma como a outra. Nem uma nem outra seria capaz de dizer: «Enganei-me.»

Timão é que não esperava. Era preciso segui-lo. Não havia tempo a perder em estéreis debates de consciência! Os seus sentidos todos não lhe bastavam para não se deixar distanciar. Caminhemos!... «Onde me levas? — Caminha sempre! Logo verás...» Ele próprio saberá? Embora não o soubesse, tinha um faro infalível. Não era apenas instinto. Timão havia armazenado um montão de lições, da experiência e dos livros, porque lera muito mais do que se julgava, e vorazmente. Muito mais ainda do que nos livros, absorvera nos vivos. Possuía-os a fundo. Ao primeiro olhar, sabia o que cada um valia, o seu ponto fraco, os seus limites — e o preço. Não tinha respeito algum pelos animais sem carapaça; as carnes moles, os desarmados: para ele eram coisa vil; abusava deles sem remorsos. Quanto aos fortes que lhe ofereciam resistência, era um duelo sem tréguas. Todas as armas eram boas para ambas as partes. Se a velha Europa estivesse madura (eles estavam em vias de a apodrecer, como a um fruto sorvado na palha), fariam frente aos *gangsters* de Chicago.

Anita impunha-se-lhe, tanto mais que não pregava moral inútil. Timão sentia-a inquebrável, intangível e, contudo, isenta de preconceitos. Não recuava diante dos piores obstáculos. Julgava-os com um olhar claro e peremptório, sem fazer intervir nenhum princípio. Não tinha necessidade de muletas morais ou religiosas. Tinha os seus olhos de mulher, altivos e tranquilos. Não pestanejavam. Não mentiam, nem a ela, nem àquele a quem observassem. A ausência de ilusões não alterava em nada a sua solidez alegre. Gostava de viver, mas não teria (tinha a certeza disso) prolongado a vida por uma hora, se lhe tivessem posto qualquer condição que lesasse os seus direitos («Os seus direitos!» — desafiava Timão... — «Esmagá-los-ei entre dois dedos!...»; mas bem sabia que, embora esmagado, o olhar altivo continuaria a desafiá-lo, como o ferrão duma abelha)... Dura tipa, armada, como ele, magnìficamente, para a luta!...

Anita não se empenhava por si própria, por ela só, na luta. Era mulher. Para que se interessasse, precisava dum homem por quem lutar: filho ou amante, ou, à falta disso, patrão. Um homem com quem fizesse corpo. Era assim que Timão a via, brutalmente. Anita ter-se-ia revoltado com a afronta. Timão, porém, não considerava isso uma afronta. Julgava-a com os seus olhos de macho, para quem a mulher só vale o que vale em relação ao homem. Não pode ter existência por si só. Que aquela Anita, feita para a luta, necessitasse dum homem para se incorporar nele, como a lâmina procura o cabo e a mão que segura a faca, isso fazia-o estimá-la ainda mais. Apreciava a lâmina, como bom conhecedor. Por isso apenas, poupava-a. Não a empregava para cuidar das unhas. Quando a tinha na mão, era levado a vigiar a sua própria acção. A simples presença dela era um freio, detinha-o no limiar de certos abusos.

A natureza, contudo, só se detém para melhor dar o salto. Quando se trata da natureza dum Timão, é preciso ter cuidado com o salto. Entre os seus vícios, cuja colecção não era pequena, Timão possuía o da bebida. Não era sensível à qualidade dos venenos; praticava a grosseira intemperança do carregador, que aguenta bem o vinho como a pipa. Nunca estava em jejum; e o seu génio, se assim se pode dizer, só pujava quando bem regado. Era suficientemente senhor do seu balseiro para lhe conhecer o grau e calcular até que ponto podia *coram populo* deixar subir a fermentação, não sòmente sem perigos, mas até com proveito para as suas operações demagógicas: porque tirava partido dos seus fervores, como os que fazem do vapor servo das nossas manias. Precisava, também, de longe em longe, duns momentos de descarga, em que a caldeira expulsava o excesso de pressão: sem o que, cautela com as explosões! Geralmente, organizava essas experiências à porta fechada, tanto quanto possível fora de Paris, em lugares protegidos e desconhecidos: se houvesse alguns estragos, era fácil fazê-los desaparecer.

Anita sabia o suficiente, pela sua experiência ainda fresca dos Balcãs, para imaginar o que se passava e cujo eco, medroso, chegava ao jornal aumentado, deformado, invejado, durante essas ausências do patrão. Quando este voltava, pesado e sombrio como uma nuvem que acabasse de romper-se e subisse da terra transformada

em bruma espessa, Anita franzia o sobrolho, hostil, gelada, e aparentava a impassibilidade duma máquina que executa tudo quanto o dono lhe exige. Timão sabia muito bem o que Anita pensava. Teria procurado fazê-la falar; mas Anita fechava-se e não era prudente abrir a porta. Uma vez lá dentro, ela não respondia pela maneira como sairia. Era precisamente o que o tentava.

Durante vários meses, tàcitamente, reconhecera, como ela, essa convenção duma porta de segurança, bem fechada, entre ambos. Não desejava introduzir nessas regiões da sua vida, nesses terrenos de caça, essa mulher de faro demasiado fino. Anita tê-lo-ia estorvado: poupava-a. Depois, aos poucos, mais seguro dela, reservava-se menos; sentira até desejo de fazer o que evitava: meter-lhe o nariz nesses pântanos e ver de certo modo a careta que ela faria. No fundo, sempre o mortal prurido de degradar o que secretamente se estima por se ter recusado... Começou por provocar o silêncio de Anita; procurava picar a sua curiosidade ou o seu amor-próprio. Dizia-lhe:

— Hem? Tem medo?... Prefere não saber?... Oh, a Virtude é mais cómoda... Não nos arriscamos a ser tentados...

— E por quê? E por quem? — replicava ela, desdenhosa.

— É demasiado senhora de si. É fácil! Gostava de a ver um dia perder a cabeça.

— Já vi de mais. Graças a Deus, já passei da idade. Não tenho vontade de voltar atrás.

— Uma vez ultrapassada a barreira, que lhe custa olhar para o outro lado? De que tem medo?

Anita lançou-lhe um olhar turvo.

— Bem sabe de quê.

— Talvez; mas gostaria de lho ouvir dizer.

— De o desprezar.

Timão riu, escarninho:

— Pensava que isso era coisa assente, há muito.

— Não para além do que posso suportar.

Anita tinha o queixo assente nos punhos. Divertia-o... De qualquer modo, sentiu vontade de a esbofetear. Levantou-se e começou a andar, para fazer passar a fantasia. Parou diante de Anita:

— Quero ver então até onde lhe é possível... Da próxima vez em que for para a pândega, levá-la-ei.

— Não, não! Patrão, não faça isso!... Peço-lhe... Não é uma brincadeira... Falei-lhe sem reflexão, magoei-o, peço-lhe perdão...

Timão desatou a rir; e retomaram o trabalho. Anita pensou que ele se tivesse esquecido; mas ele, dez dias depois, disse-lhe:

— Esta noite não vai para sua casa. Levo-a comigo a La Garenne no meu automóvel.

Anita protestou. Timão não quis saber de nada.

— Não tem ninguém à sua espera. Está às minhas ordens. Preciso de si.

Anita disse-lhe:

— Patrão, é grave. Reflicta um pouco!... Pode sair-nos caro, a si e a mim.

Timão, trocista:

— A mim?!

— Sim, a si também. Pois suponho que não é tão estúpido que perca gratuitamente uma auxiliar como eu, na qual tem confiança.

— Se tenho confiança, porque a havia de perder?... E depois, minha filha, se se julga insubstituível, engana-se.

— Bem! como quiser!

Entregou-se à máquina, de boca cerrada. Estava decidida, ao fim do dia, a despedir-se. Ao mesmo tempo, o seu amor-próprio ciciava-lhe: «Tens pouca coragem! Foges. Não tens força?...» Teria feito melhor em não o escutar. Há algo do diabo, nas mulheres. Timão sabia-o. Não dizia nada; mas o seu olhar desafiava: «Tens medo... mas de quê, minha pobre velha?...»

Anita não teria, contudo, cedido se, ao entardecer, quando acabaram o trabalho, não tivesse entrado uma rapariga, muito jovem, muito frágil e muito bonita.

Tinha ainda o ar duma criança. Anita viu que Timão estava à sua espera. Estava muito intimidada. Adornada como um relicário, parecia inexperiente e constrangida nos seus bonitos e novos atavios. Timão disse a Anita:

— Acabou-se a tarefa!... Prepare-se!

Saiu por momento. Anita, levantando-se, enterrava o chapéu na cabeça, resmungando muito alto entre dentes:

— Podes esperar, que não irei.

Ia a sair de rompante, quando a visitante, a quem não prestara a mínima atenção, a deteve tìmidamente pelo braço e murmurou:

— Oh!, a senhora não vem?

Anita fitou-a:

— Em que é que isso lhe interessa?

A pequena, sem se explicar, dizia, apertando-lhe o braço:

— Venha!

Anita, ainda mal humorada, fixava a pequena, sossegou, sorriu desse brusco acesso de confiança. Observou-a melhor. Havia nos olhos dela um apelo mudo. Por um dos seus absurdos impulsos, sentiu-se imediatamente a galinha choca que abre as asas. Foi só um relâmpago; mas foi nesse momento que Timão, voltando ao gabinete, compreendeu com um olhar a situação e, zombando a frio, disse a Anita:

— Será o pau de cabeleira.

Anita ainda não se tinha decidido, quando se encontrou fora de casa, diante da porta aberta do automóvel. Aquela pequena que, sem a conhecer, confiava nela, implorava a sua ajuda... Subiu.

Não reteve grande coisa do que se disse pelo caminho. O patrão ia repimpado na frente, bloqueando o assento dianteiro com a sua massa. As duas mulheres iam sentadas atrás. Não falavam. A pequena crispava os dedos irreflectidamente nas pregas do vestido de Anita. Esta aproveitou um minuto em que Timão, lembrando-se que tinha de expedir um telegrama, fizera parar o automóvel em frente duma estação dos correios de província, para arrancar à sua companheira algumas

explicações. A pequena era duma família de operários italianos, das Marcas, imigrados no Languedoque. Um alcoviteiro descobrira-a numa confeitaria e acenara-lhe com um prémio num dos concursos de beleza organizados por senhores-rufiões, empresários dessas realezas.

À falta do prémio, a compensação viera sob a forma dum contrato num *music-hall*, donde quisera fugir a sete pés, na primeira noite em que se viu exposta, nua, aos olhares vorazes da sala. Em lugar de fugir, caíra num estado tal de inibição que parecia paralisada: nada a fazia mover, nem os risos, nem os empurrões do seu empresário. Se o espectáculo dessa moreninha, de pescoço curvo, cabeça inclinada para o ombro, braços desajeitadamente colados ao corpo, desencadeara a hilaridade dos espectadores, não escapara ao olhar de Timão: escolhera a vítima. Durante algumas semanas, tinham-na aliciado, preparado, enfeitado, numa pretensa casa de modas; e, na data combinada, faziam-lhe entrega dela. A pequena não sabia nada de Timão a não ser o que ouvira dizer dele em termos misteriosos: era o suficiente para tremer; e o aspecto de papão acabara por a intimidar.

É certo que não tinha dúvidas sobre o que a esperava. Era preciso não exagerar a inocência da vítima. Se não sabia, ao oferecer-se em sacrifício, o que ele seria exactamente, estava pronta para o sacrifício. Tudo para sair da pobreza! A Ifigénia não ignorava que não sairia dela sem pagar; mas a sua imaginação de aldeãzinha não previra que espécie de homem era o cobrador. No primeiro impulso (não se fazem cálculos!), lançara-se para a protecção que lhe aparecia. Era absurdo, pois não conhecia Anita; mas os animais perseguidos farejam à sua volta a menor parcela de piedade. Tudo isto foi adivinhado, muito mais do que expresso, numa desordem de palavras precipitadas, onde o italiano se misturava ao francês. O que acabara por conquistar a confiança da criança foi o facto de Anita lhe responder logo na sua língua. Foi como se lhe chegasse o sopro do seu Adriático. Beijou-lhe as palmas das mãos:

— *Bella, buona signorina, mi rimetto nelle sue mani, come nelle santissime della Madonna!...* (*).

Timão voltara.

Ao fim de três horas, por uma noite negra, chegaram a um solar numa floresta, rodeado por vários quilómetros de cerca. Impossível saber o nome do lugar. Timão possuía vários desses pavilhões de caça e de prazer, disseminados pela França e pelo estrangeiro. Foram imediatamente recebidos e rodeados por uma criadagem silenciosa. Depois de as mulheres serem conduzidas a aposentos separados, a fim de arranjarem a sua «toilette», foram buscá-las, respeitosamente, e levaram-nas aos salões do rés-do-chão, onde era o jantar. Havia uma mesa posta com duas dúzias de convidados, homens e mulheres de diversos países. Ninguém se preocupava com apresentações. Os homens conheciam-se, e, quanto às mulheres, não importava que as conhecessem, nem talvez que fossem conhecidas, a não ser em particular. Anita recordou-se do nome de três ou quatro rostos duros, que vira desfilar pelo gabinete do patrão; e, é claro, eles reconheceram-na. Não foi sem surpresa que a viram ali. Não sabiam quais eram exactamente as suas relações com Timão e, na dúvida, testemunharam-lhe deferências um tanto canhestras. Anita recebia-as como se lhe fossem devidas, e as que vinham erradas devolvia-as pelo mesmo caminho, com um gesto de cabeça indiferente, um tanto altivo, como se nada ouvisse. O seu olhar não perdia tempo.

Explorava as vidas ocultas atrás dos rostos. Catalogava-as, ajudada pela recordação das suas conversas com Timão e dos retratos que este lhe fizera. Reconhecia um senhor de idade, de crânio enrugado, que parecia sorrir e espreitar por todas as pregas do seu *occiput*, tanto como pelos olhinhos de bordos avermelhados, magro, arqueado, friorento, o ar dum pequeno-burguês aposen-

(*) «*Minha boa senhora, entrego-me nas suas mãos, como nas mãos santíssimas da Virgem!...*» (*N. do T.*)

tado. Era um rei dos metais americano. Outro, era um grande burguês, bem francês, empolado, emproado, com ares de tabelião e de major à paisana: proprietário de fábricas e deputado. Mais além, um belo rapaz, de tez bronzeada, ombros largos apertados na casaca, um sorriso sedutor e olhos de aço, que trocaram com Anita, ao primeiro contacto, uma alegre saudação de camarada: de que nação era ele? Falava todas as línguas, com um acento irlandês, um ar muito franco, másculo e meigo... Uma palavra de Timão a Anita designou-lhe o famoso agente da *Intelligence Service*, que, sob todos os disfarces, faz e desfaz reinos, no Oriente.

Não faltavam outros agentes, naquela respeitável companhia. Havia-os que ostentavam um grande nome: um gentil-homem de belas maneiras, crânio estreito e alongado, altivo, cortês, distraído. Outros eram menos ilustres, tresandavam a dólar; um deles acabava de inundar, numa conferência genebrina de desarmamento, a imprensa alarmista à qual o Almirantado americano encarregava de assegurar o êxito dum programa de novas construções navais. Um gorducho, cheio da eloquência do Sul, que rescendia a alho e a cravo, aliava D. Quixote a Sancho, expandia-se em efusões e protestos de dedicação, apertava as mãos nas suas humedecidas, beijava ruidosamente com a boca espessa as palmas das mãos de Anita, desfazia-se em mesuras, fazia-lhe o elogio de Timão, com ênfase, com êxtase, e quase com lágrimas nos olhos; misturava nas conversas à mesa o erótico com o místico: um hábil burlão, pirata de jornais... Não poderia dizer-se ate que ponto a canalhice cedia o passo à sinceridade: nem ele próprio o sabia sempre. Porque a nobreza de alma e a imundície estavam nele, não se sabe por que determinação divina, unidas para toda a vida. Só se separariam no Juízo Final. No entanto, havia vantagens para os senhores e rivais em empregar-lhe os talentos; havia sobretudo perigo em se recusarem a empregá-los. A assembleia inteira não era muito tranquilizadora. As pândegas, como a

daquela noite, eram, porém, para todos, uma trégua. Quando se é homem, é preciso gozar, de tempos a tempos, da companhia dos outros homens, embora inimigos, contar as suas aventuras e as suas façanhas. Não eram as próprias rivalidades, no fim de contas, a sua melhor razão de viver?

Sentiam prazer em se encontrar por algumas horas, depostas as armas, à volta duma mesa, observando-se por cima dos pratos e dos ombros nus das mulheres, sem menosprezar o conteúdo dos vestidos e dos pratos (à parte o dispéptico rei dos metais americano, para quem vinhos e as mulheres parecia não existirem, e que, entregue à sua dieta, chupava meticulosamente o seu ovo escalfado e se refrescava com águas minerais).

Não descrevemos as mulheres: estas faziam parte da refeição, e a ementa não nos interessa. Eram belas ou feias, mas todas escolhidas, nem todas jovens, mas todas próprias para excitar o apetite; nem todas venais: muitas tinham uma profissão, de teatro ou de caneta; mas todas tinham a vocação. A pequena noviça de Ancona era o primor da mesa. Anita era uma surpresa, nesse meio. O próprio Timão parecia experimentar um certo constrangimento; lamentava tê-la trazido.

Foi ela, porém, quem salvou a situação. Amável e senhoril, fez as honras da mesa. Dir-se-ia que a casa era sua. Timão deixou-a à vontade. Sentada diante dele, tinha dum lado o velho senhor enrugado, muito ocupado com a sua saúde, que lhe falava dos seus netinhos, de obras de caridade, de creches: dir-se-ia um Vicente de Paula; do outro lado, o belo moço que, ao ouvido da vizinha, não tinha pejo de tratar o bom ancião de velho jacaré e contava alegremente alguma aventura entre os Árabes ou na Índia e se mostrava muito entendido em vestidos, cosméticos e perfumes... Os vizinhos, porém, não impediam Anita de observar o resto da mesa; e, embora não parecesse, dirigia, quer o serviço, quer o andamento das conversas. Os criados só precisaram de alguns minutos para receber as ordens do seu olhar; e o mais engraçado é que os convivas haviam apanhado

o tom, sem parecer que ela lho tivesse dado. Por pouco a música obedeceria à correcção académica.

Anita era assaz boa gaulesa para não conhecer os justos direitos duma assembleia livre, e até, já que também tomava parte nela, para não os tomar como seus. Sabia contar calmamente, sem insistir, com a sua voz quente e bem timbrada, histórias maliciosas. Mais de um, entre os homens que a escutavam, tinham suficiente agilidade de espírito para apreciar a moderação das suas palavras. Timão sentia-se secretamente lisonjeado pelo êxito da sua poldra, que não havia previsto; via-a a uma nova luz; apreciava, como bom conhecedor, a «senhora honesta» que, sem ultrapassar o risco do excessivo ou do demasiado pouco, se batia tão destramente com a língua — e com o paladar — pois Anita não se mostrava enjoada diante dos pratos. Era boa para todos os combates, e em todos conservava o equilíbrio. O engraçado do caso é que, sem esforço, o fazia conservar aos outros.

De qualquer modo, não tinham ido ali só para aquilo! Por fim, ao levantar-se da mesa, Timão tomou Anita à parte, e com deferências que nunca lhe patenteara e alguns toscos parabéns que não deixaram de a lisonjear (que mulher é insensível a isso?), convidou-a a privar-se da sequência talvez ruidosa do serão e ir repousar nos aposentos que lhe haviam sido preparados. Anita compreendeu, imediatamente, que a convidava a deixar-lhes o campo livre; Timão insistia um tanto demasiado sobre os direitos que a sua idade lhe dava ao repouso, depois de um dia fatigante. Sob a rude falta de galantaria, havia uma atenção afectuosa e até um tom de respeito a que ele não a habituara.

Anita lia-lhe no olhar que procurava evitar-lhe o risco provável de incidentes, onde a sua presença estaria deslocada. Estava-lhe grata por isso. Tanto mais que a primeira intenção de Timão, ao levá-la, fora a de lhe impor a afronta. Havia ali essa pequena por quem Anita prometera velar; mas (não exageremos a ingenuidade!) Anita percebia que era um papel ridículo: não se ia

ali para guardar as meninas! Não era no momento em que Timão, entregando-se-lhe, parecia dizer: «Perdão, o teu lugar não é aqui! Tu é que tinhas razão», que iria responder-lhe: «Fico para salvar a virtude...» De quem? Daquelas cabras? Depois, só teria que ir alistar-se no Exército de Salvação... Riu e disse alegremente:

— Obrigado, patrão, por me render no posto de sentinela. Dou-lhe o santo e a senha.

— Qual é?

— Cabeça serena!

— Cabeça serena. Sim, é a expressão que se lhe ajusta. Vá deitar-se, sr.ª Serenidade!

Separaram-se afectuosamente. Antes de abandonar o salão, para tranquilidade de espírito, procurou com os olhos a sua protegida. Descobriu-a num grupo, a rir, a fumar, um nadinha excitada (dois dedos de bebida transtornavam-lhe a cabeça); não prestou nenhuma atenção à saída de Anita. No limiar, cruzou-se com o senhor idoso americano, que não estava mais interessado do que Anita no resto do serão e que, como ela, se ia entregar, virtuosamente, ao repouso. Brindou-a com uma breve saudação de entendimento e com um piscar de olhos de aprovação.

Anita retirou-se para o seu quarto, no primeiro andar, ao fim duma ala tranquila da casa, cujas janelas davam para o grande parque. Estava fatigada e sentiu prazer em estender a sua «Serenidade» (achava-lhe graça) nos lençóis frescos. Não estava descontente com o serão. Não se saíra lá muito mal, para a sua idade, dum jogo que não deixava de ter os seus perigos... «Para a sua idade!...» Fora a idade que a ajudara a safar-se. Mas, para os outros, como acabaria o jogo? Segundo as regras normais, aquele que perde ganha!... «Ora!, sou bem estúpida em pensar nisso...» Sem escolher, tirou duma pequena estante envidraçada, ao pé do leito, um volume finamente encadernado, para se distrair; leu algumas linhas, sorriu, reflectiu, e, com os dedos ainda nas páginas, adormeceu...

Passou uma hora, talvez duas, sem que fizesse qual-

quer movimento. Quando emergiu do sono (era ainda noite plena, noite de Estio, clara, sem lua), sentiu como um apelo longínquo e um certo remorso. O leito macio tragava-a, dizia-lhe: «Não te mexas! Deixa-te estar!» Mas começava a sentir uma vaga inquietação. Apoiou-se no cotovelo... A agitação não vinha apenas de dentro. Havia ruídos e clarões indistintos na noite. Aplicou o ouvido. Não foi preciso muito tempo para compreender... «A cabeça serena é que eles já não têm!...» Encolheu os ombros e voltou a afundar-se... De qualquer modo, aquilo estava animado!... Ouviam-se uivos e um concerto de cães ululantes... Levantou-se e abriu a janela...

O quarto ficava num ângulo da ala esquerda, numa reentrância; e à sua direita, a massa principal do edifício, muito próxima, ocultava-lhe a perspectiva dos jardins. Percebia apenas, no cimo das cortinas de árvores, o reflexo de luzes que corriam, e o estrépito de uma trombeta de caça, juntamente com os uivos que redobravam. Gritos agudos... Vestiu-se à pressa, e, saindo do quarto, procurou no corredor uma janela donde se visse... junto da escadaria principal, encontrou uma varanda que dava para a frontaria. Olhou e julgou sonhar...

Batedores, de archotes na mão. Cães a ladrar, seguros pela trela, a dançar uma dança de S. Guido. Em cima da relva, mulheres nuas, a correr a toda a brida... A caça de Diana... Ali, porém, era Diana a caçada... Dum bosquezinho, desembocaram, no meio de risos e fanfarras, quatro batedores vestidos de vermelho, transportando aos ombros, como uma corça atada de pés e mãos a uma vara, uma ninfa nua, de cabeça pendente que, para falar verdade, não gritava no estilo dos deuses: uma opulenta moça de Jordaens, que espumava de raiva e se debatia. O cenáculo dos espectadores joviais ria às gargalhadas e ripostava por palavras que não eram das mais apuradas...

O primeiro sentimento de Anita, ao ver da varanda a caça nocturna, foi: «Idiotas!... Eis o que inventaram!... Estes laparotos (nunca o termo foi tão bem

aplicado!) que se lembram de brincar aos Borgias!... Estas cabeçorras excitadas com imagens de folhetim!... A poesia deles: Dumas Pai e Octávio Feuillet... São doidos!... Os últimos românticos da «Tour de Nesle»...»

O seu desprezo, porém, não teve tempo de se comover com a estupidez deles... Eis que levavam para a borda da relva uma outra vítima, que, essa, tomava a «Tour de Nesle» a sério!... A pequena náiade do Adriático, morta de medo, ocultava o rosto nas mãos e ostentava a sua fina e frágil nudez... Anita compreendeu, perfeitamente, que o jogo cruel se manteria, que a matilha ululante não arredaria pé, e que a caça de Diana não custaria às ninfas mais do que o medo; (vergonha e pudor não entravam em linha de conta: eram pagos...). Isso, porém, era já demasiado para a pobrezinha, vergada pelo terror, prestes a cair de joelhos, rodeada pelos pulos dos cães e pelo coro brutal de homens avinhados. Anita teve um sobressalto de cólera quando viu Timão aplicar as largas costas da mão nas nádegas gorduchas da figurinha de Saxe, buzinando-lhe aos ouvidos:

— Safa-te! Senão as tuas nádegas ainda vão servir de jantar aos meus cães!

Anita não se concedeu um segundo para reflectir. Descia já a correr a escadaria, sem reparar que tinha os pés descalços. Desembocou na esplanada onde estavam reunidos os convidados, no próprio instante em que a pequena, aterrorizada, fugia a sete pés sobre a relva, no meio das aclamações dos espectadores encantados. Timão segurava o seu enorme cão pela coleira e esperava o momento de o soltar. Anita conhecia-o, sabia que não oferecia nenhum perigo; era um grande cachorro folgazão que remexia tudo, mas não feroz. A corça em fuga, porém, não o sabia. Anita abriu violentamente passagem entre os assistentes espantados, estacou sùbitamente diante de Timão e agarrou-o pelas bandas da casaca:

— Basta, Timão! Estás bêbado!

Timão arregalou uns olhos terríveis e, largando o animal que se lançou na carreira, assentou um murro na boca de Anita. A mulher recuou sob a pancada, mas

fez-lhe frente e, no brusco silêncio que se produziu, articulou:

— Tens o vinho cobarde!

A boca sangrava-lhe. Timão ia a erguer de novo o punho terrível, mas viu aquela boca, e o punho voltou a cair. Por detrás, em quatro passadas, dirigindo-se a ele, o belo rapaz da *Intelligence* segurava-lhe o pulso nas suas tenazes. Timão permanecia mudo e petrificado... Na relva, a pequena berrava por socorro. O grande cão apanhara-a, e, com as duas patas em cima dos ombros, lançara-a por terra, enrodilhara-a, rebolara com ela; e, todo satisfeito, o cão pulava, com a língua de fora a latir...

Anita lançou a Timão um último olhar de desafio, voltou-lhe as costas e correu para a criança amarfanhada. Não teve dificuldade em libertá-la: o cão deixava-a fazer o que queria, dançava à volta dela, contente, à espera de que o afagassem. Não foi fácil, porém, tranquilizar a rapariga assustada. Julgava-se já morta. Anita ergueu-a, com esforço, limpou com as mãos e a roupa esse corpo jovem molhado pelo pranto, pelo orvalho nocturno e pela saliva do vencedor, e envolveu-a como pôde no seu roupão. Nuas ou seminuas ambas, levou-a para casa ainda a tremer, apertada contra si. A esplanada ficou vazia pouco depois. Timão dera ordens e desaparecera.

Restavam apenas alguns criados com archotes na mão, que se apressaram a abrir-lhes passagem e, no *hall*, a distância, alguns curiosos a contemplar, de soslaio, a estranha reaparição de Juno, boca a sangrar, fronte altiva, que não se dignava dar pela sua presença. Conservava a franganita acaçapada debaixo da sua asa. Um velho criado muito correcto, a quem já nada podia espantar, acompanhou-as, respeitosamente, no elevador, até ao quarto de Anita. Esta, a quem a pequena suplicava que não a abandonasse, fez deitar a sua protegida no seu leito.

Só então Anita reparou — pelo círculo vermelho deixado na jovem fronte, ao beijá-la — que tinha a boca ferida. Lavou-a e examinou-a: um dos seus rijos

dentes, um canino, estava partido. Ferimento de guerra. Tivera muita sorte por o resto do queixo ter resistido! O inimigo, porém, fugira. Ela dormia no campo de batalha. Deitou-se junto da pequena, que, depois de ter chorado longamente, adormeceu num sono agitado. Não dormiu um minuto. Sentia dores lancinantes na cara e pontas de fogo nos olhos. Teve tempo de ruminar o plano do dia seguinte.

O dia seguinte principiara. A aurora anunciava-se. Anita levantou-se, antes das seis horas, fez a sua «toilette», tocou, deu ordens, preparou-se, depois acordou a companheira, que voltou a cair em cima do travesseiro:

— Upa! Dormirás no automóvel!...

Quase foi preciso vesti-la. A mão de Anita conduziu-a. Encontraram em baixo, diante da porta, o potente carro de Timão. Anita falava, agia como dona. Quer pelo seu tom o impor, ou por Timão ter dado antes as suas instruções, inclinavam-se como se ela de facto o fosse. A pequena voltou a adormecer quase em seguida, carregada de desgostos e dos vinhos da noite; Anita aconchegou-lhe a cabeça nas almofadas; e, de olhos fatigados, viu, como em sonho, deslizar, tal numa fita de cinema, a estrada branca entre as sebes, os campos, as cidades, a fumarada e, também, os seus combates com a vida. Deixou a sua pupila, finalmente acordada, na sua residência em Paris, e voltou para casa a fim de dormir um sono bem ganho.

O sono pesado era interrompido por clareiras onde ressurgia, no zumbido da sua confusão, a consciência nítida de um único pensamento bem definido: «Acabou-se, Timão!...» No entanto, não ficou de maneira alguma surpreendida quando, ao cair da noite, depois de ter dormido enfim tranquilamente, foi arrancada ao seu torpor pelo toque da campainha. Não hesitou entre os nomes dos visitantes, e, levantando-se para abrir, pareceu-lhe naturalíssimo ver enquadrada na ombreira da porta a possante estatura de Timão. Não trocaram o mínimo cumprimento. Anita fez o gesto: «Entre!...» e passou à frente. Timão seguiu-a e teve de pôr-se de lado para

atravessar o corredor estreito. Num gesto rápido, Anita fechou a cama aberta, mas não deu nenhum olhar ao sepelho. Apertou apenas o «robe de chambre», indicou um tamborete a Timão, sentou-se na cadeira ao pé da janela e, sem uma palavra, esperou. Nada no rosto de Timão traía as suas intenções. Estava sombrio e carrancudo. Sabia o que tinha a dizer. Tencionava não alegar desculpas. Quando viu, porém, nessa cara de olhos severos, a boca inchada, esqueceu o que ia dizer; não viu mais nada além dessa boca e, desajeitadamente, para dizer alguma coisa, pediu notícias da sua saúde. Anita disse friamente: «Bem», sem se dar ao trabalho de acrescentar mais nada. Como, após alguns momentos de observação, Anita visse os olhos dele sempre colados à ferida, apontou para ela.

— Bonito trabalho!... Está contente?... — disse a mostrar o dente partido.

Timão cerrou os punhos, com raiva, e resmungou contra si:

— Malandro!...

Anita continuava a examiná-lo. Timão disse:

— Insulte-me!

Anita retorquiu, desdenhosa:

— É inútil. O senhor encarrega-se disso por mim.

— Que posso fazer? Pagar-lhe o dente? Não basta... Se um dos meus dentes de cão pudesse substituí-lo!...

— Não — disse Anita —, não falemos de cães!

Timão agitou-se, perturbado.

— Que quer? Uma indemnização?

— Faria melhor, para começar, se me pedisse desculpa.

Pedir desculpa não estava nos hábitos de Timão. Ou esmagamos os outros ou somos esmagados. A desculpa que se pede ou se dá não tem utilidade: é tempo perdido. Teria achado mais natural que Anita lhe partisse um dente. Ela viu a sua hesitação e disse:

— Mas não a peça, se essa ideia não parte de si! Faço questão nisso! Prefiro preveni-lo de que o facto não alterará em nada a minha decisão.

— Qual?

— A de não trabalhar mais consigo.

Timão moveu as suas temíveis sobrancelhas; viu-se que se travava um combate sob a sua fronte e nas mãos que se crispavam. Depois disse:

— Não posso forçá-la a isso... Ah! Não digo que se pudesse... — As suas mãos recomeçaram a agitar-se. Anita viu-o transformado em Assurbanípal, e ela vergada aos seus pés... — Mas se, no entanto, lho pedisse?...

Esteve a ponto de lhe dizer: «Quanto quer?», mas o seu instinto advertiu-o de que falar em dinheiro, naquele momento, seria o meio mais seguro de comprometer tudo. Disse e ficou surpreendido de se ouvir dizer:

— Se lho pedisse!... Se eu...

Havia momentos que fixava o pé nu de Anita meio saído da pantufa, que ela balouçava, de pernas cruzadas, distraída, altiva. Antes que tivesse tempo de reflectir, inclinou-se, agarrou-o e aplicou-lhe em cima a boca de lábios grossos.

Anita também não se deu tempo para pensar. Não moderou a sua repulsa. Retirou o pé violentamente, com fúria, do focinho que se permitia, embora por homenagem, apoderar-se dele, e, ao retirá-lo, arranhou-lhe fortemente os lábios. Estava furiosa. Timão também ao rugir:

— Desagrado-lhe assim tanto?

Anita disse num murmúrio:

— Sim!

Ah! Como gostaria de desfazê-la!... Mas dominou-se, e a cabeça enorme, vencida, inclinou-se:

— Perdão!

Anita viu-se, por sua vez, no lugar de Assurbanípal. Era ela quem esmagava sob o calcanhar a cabeça rapada do rei negro. Visão de um instante, apenas... Foi como se o tivesse feito. Os dedos dos seus pés fremiram de satisfação. Em seguida disse, calma:

— As honras do pé... Acabou a caça... Vamos, Timão, acabemos com esta história!

Timão levantou a cabeça... (Essa danada mulher confundia-o...) e viu a boca de Anita — a ferida —

iluminada por um sorriso duro... De qualquer modo, a ponte cortada estava restabelecida. Atravessou-a.

— Pego-lhe na palavra. Acabemos com isto!

— Não disse isso. Ainda não pus as minhas condições.

— Não se vai embora — proferiu Timão com firmeza.

— Não disse nada.

— Acaba de falar em condições. Aceito-as. Portanto, já não se vai embora.

— Está bem, ficarei — retorquiu Anita, encolhendo os ombros — até que os assuntos em suspenso estejam regularizados.

— Bem! — concordou Timão. — Não será tão cedo.

Anita lamentava a imprudência do que dissera. Timão viu-o e acomodou as coisas:

— Não quero que fique contra vontade. Se lhe é muito penoso suportar-me depois da cena de ontem à noite, compreendo: deixe-me! Preciso de si, é para mim mais do que uma secretária, é um freio. Não é nada agradável, bem sei, ser um freio para um animal da minha espécie. Reconheço-o. Tem todo o direito de dizer: «Basta!...» É livre. Não sou digno de si.

Anita ficou sensibilizada. Replicou:

— Fico, Timão. Tanto pior para si! Tanto pior para nós ambos! Ou o freio ou os dentes têm de rebentar.

— Na próxima vez, faça o possível para serem os meus.

NADA foi alterado, aparentemente, na situação de Anita no jornal. Retomou o seu lugar à mesa, junto da secretária de Timão; mas não tardou muito a notar-se a mudança de tom e as atenções do patrão. Escusado será dizer que a boca ferida dera muito que falar, e sobre a noite no solar circulavam histórias fantásticas. Nem todas estavam de acordo; mas o facto, estabelecido sem contestação, era que a mulher havia tido a última palavra no caso... Uma bela espertalhona!... Como ela sabia esconder o jogo!... Conservava a linha, afectava o mesmo zelo atencioso em executar as ordens do patrão, não lhe exprimia jamais a sua opinião em público antes de ele lha ter pedido, e, diante de terceiros, continuava a tratá-lo por «senhor». Sabia-se que, à porta fechada, Anita o tratava por tu e tinha discussões com ele, em que Timão aprendera — o mais difícil para um déspota da sua espécie! — a ouvir sem interromper. Vingavam-se desse poder oculto (de que deveriam, no entanto, felicitar-se, pois produzia em Timão um efeito calmante), por insinuações atrozes. Sem as conhecer, Anita conhecia suficientemente a malevolência humana para as imaginar; mas chegara a um estado de desdém ameno que a tornava indiferente a elas. Não era a virtude que Timão menos admirava nela: porque o seu desdém por ele era impressionante. O mistério estava em que, sem procurar tirar proveito da situação, Anita tomava a peito os interesses de Timão.

Os interesses, ou o interesse? (Na época clássica ter-se-ia dito pomposamente: «a glória!...»). Sim, ela desejaria ver aquela força, acumulada sobre um nada, erguer ao menos a sua pirâmide ao de cima das areias. Teria desejado empregar nisso o ascendente de que momentâneamente (por quanto tempo?) desfrutava. Secretamente, elaborara um plano de acção para que procurava encaminhá-lo. De viver no meio de todas essas intrigas que os grandes barões salteadores da indústria e dos negócios elaboravam, a sua instrução política havia-se esboçado; e o seu instinto levava-a, sem bem saber ainda, para os partidos que procuravam assegurar a defesa e a desforra dos explorados. O que se passava na Rússia, deformado, não tanto pelos relatos pueris dos turistas ignaros que percorriam o país e o descreviam em quinze dias, como pelas invenções envenenadas dos intrujões profissionais da imprensa inimiga, permanecia um enigma para Anita, mas um enigma que a seduzia. Sentia perfeitamente que apenas lá existia o contrapeso necessário à esmagadora massa da Reacção que obrigava o Ocidente a dobrar as costas; e, sem um desígnio ainda maduramente deliberado, procurava arrastar para esse lado da balança o peso decisivo de Timão. Via-o ele? É provável. Lia, talvez melhor do que ela própria, no tactear desse pensamento, cujo pendor sabia onde a conduziria. Como não tinha pressa, porém, de a empurrar para lá, afectava enganar-se a esse respeito. Dizia-lhe a brincar:

— Fazes de cornaca, empoleirada ao pescoço do elefante. Queres conduzi-lo. Mas conduzi-lo para quê? Sabe-lo ao menos? A desfilar pelas ruas, para me fazer aclamar por uma multidão de idiotas? Estou farto disso. A fazer de mim a muralha de defesa da cidade? Que cidade? Um homem como eu não tem nenhuma. A construir o quê? Um arco de triunfo para passar por debaixo, como esse pigmeu do Napoleão? Tudo o que se constrói são túmulos e não necessito de túmulos para me emparedar. Preciso de espaço para me mover enquanto for vivo. Ando para a direita, para a esquerda, na floresta,

e destruo tudo o que me estorva. Baixa a cerviz! Cuidado com a cabeça!

— Embora sejas feito só para destruir, pelo menos, Timão, sabe destruir! Não ao acaso! Abre caminho! Vai até ao fim! Ficas parado a calcar o chão! Decide-te! Anda para a frente!

— Qual frente?

— Sabe-lo melhor do que eu. Não faças que não percebes. Vês perfeitamente que se trava um grande duelo. De que lado estás?

— Do meu.

— Não é lá grande coisa! Pelo menos, isso sê-o integralmente. Quer seja não, quer seja sim, nada de metades!

— O jogo é jogo. Conforme a sorte, assim a cor muda.

— Jogo a minha sorte. Jogá-la-ia, se estivesse, como tu, à mesa de jogo.

— Sim, vejo-te diante da mesa de Mónaco, de narinas cerradas. Jogarias lá até a camisa.

— Não jogo nunca, porque me conheço. Não era a camisa que jogaria. Seria a minha vida.

— É isso, minha querida. Não te enganas. Ao pé de mim, jogas a tua vida, ou jogá-la-ás. Espreitam-te.

— Joguei mais de uma vez a vida. Ora! Tenho sempre a certeza de ganhar...

— Como todos os jogadores!

— E tu, não és jogador? Acabas de dizê-lo.

— Só jogas a pele. Podes jogá-la. É tua.

— A tua, de quem é?

— Não jogo sòzinho. Em qualquer partida, é preciso contar, não apenas com o adversário (isso é um prazer!...), mas também com os parceiros. Jogo interdependente.

— Chamas ser livre andar para cá e para lá na floresta.

— É a isso que chamo floresta.

— Devasta-a!

— Falas como mulher. Não posso mais do que cortar

um pedaço. A floresta, porém, cobre o mundo. Cerca-nos... Isso que me importa?

— A mim importa-me. Se ela me cercasse, deitar-lhe-ia o fogo.

— Arderias com ela...

— Contanto que ela arda!...

— Viva a Revolução!... Queres um bilhete para Moscovo?... Ela arde bem, a floresta vermelha!... Não digo que eles não tenham razão. Dizem que a terra produz melhor depois de queimada... mas não há-de ser a terra onde eu estiver. Estou nesta. Aqui fico.

Não, não era fácil fazê-lo sair da selva social do velho mundo. Estava demasiado ocupado em talhar a sua parte, que era de tomo. Só a adquiriria, porém, se concedesse, também, alguma coisa (toma lá, dá cá) aos outros grandes flibusteiros. Estavam ligados pelo seu próprio duelo. Ferro contra ferro. Anita aprendeu que se pode ser senhor do mundo e ser menos livre do que alguém que não tem nada, desde que esse alguém possua uma alma, ou — o que é o mesmo — julgue que a possui. Esses são raros. A maior parte não a tem, ou —o que é o mesmo — não o suspeita. Anita estava na posse de alma (como quem diz: na posse de marido). Não que atribuísse a isso uma questão de sobrevivência, uma certeza para além da morte. Quando se é verdadeiramente uma alma, não se tem a mentalidade sórdida do proprietário que se agarra a ela e treme sempre à ideia de que lha roubem. «Não possuo a minha alma. A minha alma possui-me». Timão teria podido replicar-lhe: «Portanto, também não és livre!» É verdade. Quem o é? Somos todos pedras de um tabuleiro. Quem nos manobra?

Nem todas as pedras têm o mesmo valor. Anita era a rainha do tabuleiro em que Timão era a torre. Ela influía na partida. Era só isto: que ao seu contacto o minotauro se humanizasse, se mostrasse capaz, aqui ou ali, de movimentos generosos. Certamente, estes nunca lhe faltaram (dava-se a esse luxo de longe em longe), mas tratava-os como doentes, à força de quinino, à força

de cinismo: havia nele o duplo estofo de um canalha e de um herói, e não se sabia qual dos dois era o sósia, pois podia, de um momento para o outro, virar a capa do avesso; em geral, até à regência de Anita, era o canalha que se exibia mais frequentemente.

Ela soube obrigá-lo a empregar o outro lado da capa. Obteve dele, sem grande esforço, um largo apoio a um certo número de obras de interesse público, menos caridosas (ele desconfiava disso) do que profissionais, educativas, favoráveis ao desenvolvimento da actividade dos grupos e dos indivíduos. Para os casos de auxílio particular, Timão dava carta branca a Anita, que, no entanto, lhe apresentava as contas regularmente. Ele, porém, limitava-se a passar-lhes a vista e Anita sabia que era preciso não o aborrecer. Uma das primeiras a beneficiar disso fora a corçazinha adriática, que haviam repatriado e estabelecido na sua cidade do Sul da França; estava já casada e amamentava uma corçazinha que dormia contra o seu seio, e estremecia talvez ao ouvir o uivo do cão ao fundo dos bosques...

O maior serviço que Anita prestava a Timão era dirigir a sua acção, de nada deixar ao acaso, de visar o seu fim, e, atingido o fim, visar mais longe, sem deixar que outros apanhassem a lebre, nem perder o tempo com caprichos. Naturalmente, Anita orientava-o na sua própria direcção, que, de instintiva, se tornava de mês para mês mais consciente: no sentido de uma transformação social internacional organizada à volta do centro do ciclone. Em pouco meses, o resultado foi evidente: os parceiros estavam inquietos; não precisaram de muito tempo para remontar às origens. Anita teve estranhas promessas da parte dos interessados em orientar os planos secretos de Timão e em fomentar os seus desregramentos: efectivamente, não alimentavam ilusões sobre o prazer que o seu aliado e associado teria, se pudesse, em torcer-lhes o pescoço; e receavam a sua inteligência. Era-lhes útil que ele despendesse metade das energias pelo caminho. Anita teve de compreender por palavras veladas que lhe ficariam gratos em olhar por

isso. A ironia glacial da sua resposta tirou-lhes toda a vontade de insistir. Timão riu muito, quando o soube; e um clarão vingativo acendeu-se no olho do elefante. Anita empregou ùtilmente o seu rancor, para duplicar o esforço de ambos; e, no entusiasmo, Timão tirou aos seus rivais um magnífico negócio de que eles se julgavam seguros.

— Estás a tornar-te perigosa — dizia Timão a Anita. — Eles raptar-te-ão, para vencer a tua honestidade. Será preciso que case contigo, para te conservar.

— Seria o meio mais seguro de me perder — replicava Anita. — Nada disso, Timão!

— Oh! Não insisto! — troçava ele. — Podes, porém, crer que não recuarão diante de nenhum meio para te suprimir. Se estivéssemos em Chicago (daqui a dez anos estaremos como lá), já o teriam feito.

Anita não lhe dizia que, se não o tinham feito, pouco faltava. Recebera, recentemente, uma caixa de tâmaras de San Francisco. O remetente era desconhecido. Eram tão belas que teria feito com elas o seu almoço; mas teve uma desconfiança... Levou os frutos ao laboratório de análises de uma bacteriologista, uma polaca, que escrevia artigos para o jornal de Timão. A análise revelara uma instilação de daturina. Anita deitara a caixa fora, sem falar no assunto a Timão. Recebera, também, uma caixa de caviar da Turquia, que nem sequer se dera ao trabalho de verificar. Depois, as remessas haviam cessado. A pista estava descoberta. Anita espreitava de que outro canto podia surgir o perigo. Timão também espreitava, sem lho dizer. Nenhum dos dois julgava útil inquietar o outro, mas a sua atenção estava alerta, e o perigo mútuo, o encargo secreto que se atribuíam de preservar o companheiro, aproximava-os.

Uma noite, depois de uma viagem de automóvel, ao saírem da pousada dos Vosgos onde tinham jantado, o condutor do carro de Timão, um homem de confiança que estava ao seu serviço havia vários anos, sentiu uma indisposição súbita e violenta. Inútil aprofundar as causas; só havia uma coisa a fazer: deixá-lo nas mãos do

médico. Como Timão tinha a todo o custo de regressar a Paris, encontrou, muito a propósito, um outro motorista para o substituir. Desconfiado, depois de o examinar recusou-o e fez um exame minucioso do carro: verificou, então, que faltava um parafuso essencial. Procurou, por um preço que desafiava toda a veleidade de recusa, o único automóvel da aldeia, e partiu com Anita por um rumo diferente do previsto. Pelo caminho, permutaram as experiências de ambos nos últimos meses. A partir dessa altura, Timão só confiava em Anita para verificar tudo durante as suas expedições secretas. Ensinara-lhe o manejo do automóvel e até um tanto o do avião, para o substituir em caso de necessidade.

Às ameaças que via acumularem-se sobre ele, o seu furor plebeu reacendeu-se. Respondeu atacando. Contraminou as manobras dos seus adversários. Descobriu, com uma alegria selvagem, os ardis políticos e financeiros do Petroleiro Real, como chamava (era o nome mais suave, pois usava outras apóstrofes) a *sir* Henry da Batavia. Encontrou-se assim, de dia para dia, cada vez mais comprometido no combate contra todo o clã da coligação anti-soviética. Não era que ele não detestasse o comunismo; mas odiava e desprezava os seus adversários.

Não tinha por onde escolher. Travava-se uma luta de morte. Sentia-se rodeado pelos espiões e os polícias deles e tinha contra estes os seus, que algumas vezes eram os mesmos. Nos anteriores quinze anos, as coisas da política e os negócios andavam de tal modo ligados à polícia dos Estados ou dos particulares que todos esses animais acabaram por fazer um corpo comum. Já não se distinguia, no amálgama, o que prendia do que era preso. Uma interchantagem neutralizava-os, a maior parte das vezes; e era uma sorte! Não vemos, nos nossos países, prefeitos de polícia facciosos que se mantêm contra todos os ventos, por causa dos arquivos secretos de que se servem contra os políticos de todos os partidos, indistintamente, e os enforcados, que, por sua vez, seguram o chantagista pelo laço da corda de enforcar?...

Fabricam-se assim, entre inimigos, os mais estranhos pactos secretos. Esses pactos já não existiam para Timão. Rasgara os «farrapos de papel». Colocara-se fora da própria lei da selva. O *trust* britânico que o mantinha deixou falir o jornal. Timão fê-lo passar, imediatamente, para o campo adversário, o grande *trust* americano, que o pôs novamente de pé, e atacou os aliados da véspera. A partida, contudo, era sangrenta. Os seus novos aliados só o utilizavam para os seus desígnios. Arriscava-se a ser esmagado entre os dois. O chão de Paris já não era seguro para ele. Pôs de pé um novo empreendimento, um vasto cartel de indústrias, que devia ser dirigido contra a hegemonia dos negócios anglo-saxónicos, e que necessitava da sua deslocação ao estrangeiro.

Foram meses de intenso labor, ao qual Anita se encontrou estreitamente associada. Não tinha tempo para se preocupar com as perfídias que, na imprensa, começavam dissimuladamente a visá-la. Timão, mais preocupado do que ela pelo que lhe dizia respeito, enfurecia-se, e possuía meios de conter em respeito os sem escrúpulos. Anita não tinha razão alguma para preferir os meios de Timão aos do inimigo... *Capuletti! Montecchi!...* Os bandidos são os mesmos.

— Por favor, Timão — dizia — poupa-me à protecção dos teus *bravi!*

— Preferes que te difamem?

— Ora! Deixa-os falar!

Encolhia os ombros. Que lhe interessava o que dissessem?... Sim, num ponto ela era sensível. Tinha o seu calcanhar de Aquiles. Era acerca do que poderia pensar o seu rapaz a seu respeito. Por causa dele, a opinião desdenhada voltava a primeiro plano. Podiam chegar zunzuns aos ouvidos de Marcos. Tinha de estar muito atenta para não fornecer nenhuma base à suspeita de que tirava do seu emprego no jornal de Timão vantagens equívocas. Como lhe era insuportável enganar Marcos, recusava, embora Marcos nada viesse a saber (nunca mais fora visitá-la) todos os presentes que Timão

lhe oferecia e que, por si, achava justo e natural aceitar... Por que não? O seu trabalho e os seus riscos não os pagavam largamente? É preciso confessá-lo, tinha pena sobretudo dos vestidos que uma ou duas vezes recusara. Quem poderia sentir prazer na sua recusa? Se estivesse só em causa, teria deixado murmurar o mundo. De uma vez, porém, de uma única vez, em que aceitara um vestido, simples, bonito, bem talhado, que a tentava, tivera a pouca sorte de deparar com Marcos. Com que olhar ele a examinara da cabeça aos pés! Ficara toda ruborizada. Apressara-se a voltar a casa para despir o funesto vestido e arrumara-o no guarda-roupa para não mais o tirar de lá: (Às vezes entreabria o guarda-vestidos com ternura e despeito, para o ver).

O mal, apesar disso, estava feito. O filho ciumento não esquecia. Proibira formalmente Timão de renovar os seus presentes. Condenava-se a conservar o seu modesto modo de vida e o seu quarto acanhado. Imaginava muito bem os olhos inquisidores de Marcos, se lhe aparecesse, a inspeccionar tudo. Timão, a quem Anita não ocultara as razões de uma «abstinência» que não correspondia aos seus gostos (de bom grado desfrutaria de algumas comodidades, pois uma espinha de cinquenta anos aprecia-os melhor do que umas costas novas). Timão ria-se e exclamava:

— Com os diabos! Terias menos escrúpulos em enganar um marido!

Anita respondia no mesmo tom:

— Com certeza. Isso compreende-se. O marido aceita o que lhe dão. O que Deus dá, pode retirá-lo; mas o que o próprio Deus não pode é desligar-se do seu filho. O filho saiu-lhe de casa; mas a sua casa é do filho. Deve-lhe contas dela. Devo-lhe contas da minha. O marido não passa de um locatário. O proprietário da minha casa é o meu filho.

— Pelo uso que faz dela!... Sou o administrador; faço-a valer.

Anita olhou severamente para Timão:

— Não sou nenhuma casa de renda... Não te ocupes

da minha casa! Tenho a chave dela e guardo-a... Meu velho Timão, agradeço-te; ocupemo-nos antes da tua. Tu pagas-me para a gerir. Não percamos o nosso tempo com bagatelas!

Timão dizia-lhe, depois de dias, às vezes de noites, de trabalho tenaz, quando a obrigava a uns breves momentos de repouso:

— Acabarás por me fazer estimar a humanidade.

Anita respondia:

— Não é de estima que ela precisa. É de ar e de pão. Procura não esmagá-la muito! Vós sois muito pesados, muito pesados, Timão! Já não se pode respirar. Para que quereis vós tanta terra? Um buraco chega, no cemitério.

Timão decidira estabelecer o seu quartel-general em Bruxelas. De lá fazia frequentes expedições à Alemanha, a Londres e a outros lugares. Anita consentira, não sem hesitações, em acompanhá-lo. Timão abdicara de todo o seu orgulho para lhe pedir que o seguisse. Já o tinha visto em más horas (eram talvez as boas) com um sombrio desejo de tudo quebrar, de fazer desabar a casa sobre ele, para esmagar consigo esses homens. Lassidão, desânimo, certos desastres pessoais de que ele não falava: uma mulher que se matara, uma bela actriz parisiense na flor da idade, por quem se havia apaixonado, que possuíra, comprada, levada num cruzeiro no seu iate, e que, um dia em que o jugo do dono era excessivamente pesado, se afogara, para lhe escapar... O homem implacável ficara abalado até aos alicerces.

Ele, que passara por tantas ruínas que provocara sem sombra de remorsos, trazia esta, inexplicàvelmente, no coração. Talvez porque o choque viera numa hora de abatimento. Talvez porque fora atingido profundamente por essa paixão, que tratara como uma aventura sem importância, e cujo valor único só reconhecera depois de a ver destruída. Confiara isso ùnicamente a Anita e outras confidências se seguiram, que mostraram à ouvinte o que de mais desprezível e o que de melhor, de humano, escondia o ciclope. Ao confessá-lo, Anita contraíra obrigações com ele, e direitos também. Timão reconhecia-lhos implìcitamente. Era prudente não abusar.

Anita evitava-o, mas utilizava essa influência para orientar, com precauções, a actividade de Timão no sentido social que julgava justo. Por mais suave que fosse a pressão da sua mão, nada escapava a Timão, mas sentia prazer em deixá-la actuar: isso não era contrário ao mais secreto dos seus instintos; só lhe faltava crer suficientemente para o desejar. Que Anita acreditasse, não lhe desagradava: sentia-se um tanto refrescado, na aridez escaldante da sua vontade lançada ao acaso; podia bem conceder-se essa satisfação de actuar como se de facto acreditasse.

Aos poucos, entregava-se ao seu jogo. Tornou-se, dentro da fortaleza capitalista, o exército que vai engrossar as fileiras inimigas, o bárbaro incorporado nas legiões de Roma, que se apressa a abrir as portas à invasão. Contrariava hoje, sem se dar ao trabalho de dissimular, a coligação imperialista que, na falta de intervenção, que falhara, procurava abafar a Rússia pelo bloqueio económico. Timão obrigava-os a rompê-lo, concluindo tratados comerciais com a Rússia, que não eram aliás só para interesse desta, pois tirava largamente proveito disso.

Os seus rivais, exasperados, não queriam deixar-lhe esse privilégio e eram forçados a solicitar, por sua vez, acordos com esse mundo proletário, que sentiam vontade de esmagar. As suas defecções faziam brecha na coligação. Os ódios acumulavam-se contra ele. Queriam partir-lhe as costelas. Timão sabia-o. Não era nesse momento, quando ele ia lançar-se na fornalha, organizar a sua máquina de guerra, o seu Cartel de Aço, feito para quebrar a dominação da omnipotente máquina anglo-saxónica, que Anita podia abandoná-lo. Ela era a única pessoa da sua intimidade em quem Timão poderia confiar.

Anita teve certa dificuldade em se decidir. Não queria afastar-se outra vez do filho. Embora o afastamento moral, na aparência, persistisse entre eles, tinham tido tempo de fazer as suas reflexões e mesmo o seu *mea culpa*. Anita estava pronta a evitar a Marcos o primeiro

passo; mas depois do caso do vestido, o tolo carrancudo amuava metido no seu buraco. Iriam pois separar-se nesse estúpido mal entendido? O tempo passava. A vida passa e vamo-nos para sempre... Uma manhã, Anita escreveu-lhe:

«*Meu querido filho: Vou partir de Paris por alguns meses. Não irei para longe desta vez. Pouco maior será o afastamento do que aquele em que vivemos, de há um ano para cá. Todavia, não posso partir nem ficar sem te dar um beijo. Não queres trazer-me o teu rosto? Se julgas ter alguma coisa a perdoar-me (creio que te enganas, mas não insisto em ter razão), não podes perdoar-mo? Perdoes ou não, vem dar-me um beijo!*»

Ainda não tinha recebido estas linhas, quando o acaso os pôs em presença. Ao passar diante da igreja de St.º Eustáquio, Marcos viu que davam lá as «Béatitudes», de César Franck. Ansiava por ouvir música. Era uma sede de alma ressequida. À entrada dos lugares mais baratos, na ábside, acotovelava-se uma multidão ruidosa. Marcos esgueirou-se até lá, e, aproveitando a confusão, penetrou sem pagar; atrás dele, ouvia alguém que o interpelava; furou através da multidão; outros como ele forçavam o dique; esqueceram-no. Mergulhou, como os demais, no lago da música, melancólica, pura, simples e serena, como os olhos de um velho. Uma luz sem sol, de dia que termina, flutuava, semelhante aos pés de Cristo a caminhar sobre as águas. Conhecia mal essa música; já estava longe da juventude e o seu sentido da arte era demasiado seguro, para não perceber, vivamente, a beleza de uma alma diferente da sua e a falta pungente, nele, de esperanças, até de sofrimentos, que sustentavam essa época passada, aureolada, como o seu Deus, pela coroa de espinhos. Pensava, não sem inveja: «Feliz dor, que traz em si a prometida alegria!» O coro cantava: *Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados...*

Sùbitamente, por mais que resistisse, pôs-se a chorar. Voltou o rosto para o pilar a que estava apoiado, tapando os olhos com a mão. Se alguém o viu, não pensou em

sorrir; mas o orgulhoso rapaz sentia-se envergonhado; fungou, fez uma careta, e limpou as lágrimas sentimentais com os dedos... Nesse momneto, ao endireitar-se, com os olhos rasos de água, notou a alguns passos, do outro lado do pilar, o mesmo orvalho, as mesmas lágrimas que corriam no rosto doloroso da mãe... Anita estava ali. Não o tinha visto... Dissimulou-se, e, do pilar que o abrigava, espiou-a, perscrutou-a; apanhava na sua rede toda a comoção que surgisse...

Aquela música despertava no coração de Anita ecos diferentes dos despertados em Marcos. Era ela própria, era a sua vida de outrora que ressuscitava. Toda a obra que perdura é feita da própria substância do seu tempo; o artista não foi sòzinho a construí-la; reproduziu o que sofreram, amaram, sonharam, os seus companheiros, todo o grupo. Anita também dera o seu sangue a essa música. Revia-se nela, como um retrato que se compara ao velho rosto, alterado pelos anos vindos depois. Sentia nessa música os gritos de dor do homem que desespera da justiça, e a voz do Juiz que consola. Lembrava-se de os ter ouvido outrora na Estrasburgo alemã, nove anos antes da guerra. Os alemães de então, abertamente orgulhosos do triunfo, não entendiam o sentido desse poema da justiça oprimida. Anita, perdida entre essa multidão de grandes corpos loiros, fartos de alegria e de vitória, pensava:

— Nós, vossos vencidos, entendemos, compreendemos essas santas palavras; e, por esse facto, nós, vossos vencidos, somos os vossos vencedores, temos a melhor parte...

Agora, a situação estava invertida. O povo que sofria de injustiça — o povo de Anita — tornara-se naquele que pratica a injustiça. O canto de desespero e de consolo das «Béatitudes» já não era escrito para ele. O Cristo da derrota passara para a outra margem. Oh! os homens só têm o sentido da justiça na medida em que esta se concilia com os seus interesses! Anita crescera numa geração que se alimentara do generoso *Gloria Victis!* Via com aflição que, vitoriosa, no fundo do

seu duro egoísmo, a sua nação retomara, sem o formular, o lema do Breno gaulês. A invisível roda do destino, porém, girava, girava, e levaria aos dias sombrios... Anita estava traspassada pelas sete espadas das recordações, da negação, da vergonha, do remorso, da ironia cruel, do terror da expiação que via aproximar-se, e da renúncia resignada ante a vida. Escondido atrás de um dos pilares, o filho colhia no ar cada um dos seus pensamentos, bebia-os, identificava-se com ela, experimentava exactamente como sendo seu o que era da mãe, tinha a certeza disso, sentia simultâneamente a mesma amargura e sabia por que razão aquelas lágrimas corriam; por que, nos seus olhos, as mesmas lágrimas eram reprimidas.

De súbito, um ardente transporte arrastou-o para ela. Fendeu a multidão e, por detrás, agarrou a mão da mãe. Anita teve um sobressalto; ao voltar a cabeça, olhou por cima do ombro, e, quase a apoiar nele o queixo, viu a cabeça do filho. Beijou-o com os olhos reconhecidos; trocaram um olhar fraternal; e, de mãos nas mãos, sem uma palavra, ouviram até ao fim o oratório.

Só quando saíram da igreja as suas mãos se soltaram, mas os seus corações não se desprenderam. Não houve uma palavra de explicação acerca do sucedido, nem de censuras, nem de perdão: ambos tinham passado uma esponja. Falavam do que ambos acabavam de sentir, da amargura da vitória... Ah!, se os vencidos alemães suspeitassem, se soubessem, como uma França sob a mordaça é açoitada pela injustiça, a hipocrisia, a rapacidade dos políticos que decretam em seu nome! Em todos os povos, porém, é o mesmo. Quase nenhum povo do após-guerra tem já forças para reagir. São um areal onde se somem as boas vontades. Marcos dizia:

— Cada passo que damos enterra-nos mais. Afundamo-nos arrastados pela parte inferior.

Anita, de mão pousada no seu ombro, respondeu-lhe:

— Podemos evadir-nos pela parte superior! Se temos as pernas presas, libertemo-nos com a cabeça e com o

peito! Libertar-se é obra da vida. Ela só será completa com a morte. Enquanto a maior parte é de mortos vivos, que se deixam engolir vivos pela fossa, arranquemo-nos às sanguessugas do pântano! (Anita pensava nas da Roménia). Faz como eu! Não te canses jamais! Ajuda a sair os que se afundam!

Marcos sentia a lama do pântano que lhe chegava aos sovacos. Se não estivesse na rua, teria lançado os braços, como uma criança, ao pescoço de Anita. Sentia-se reconfortado com a presença dela. Fitava-a com amor e orgulhava-se das suas palavras. Como pudera duvidar? Tomou-lhe o braço e apoiou-se; não tinha vergonha — era bom! — de carregar todo o seu peso sobre ela.

Foi então que a mãe lhe revelou que ia de novo ausentar-se de Paris por algum tempo. Marcos sentiu uma mágoa penetrante, um medo de criança. Anita notou-lhe um estremecimento. Disse-lhe:

— Precisas de mim? Queres que fique?

O seu orgulho ressurgiu imediatamente e afirmou:

— Posso ficar sòzinho. Também o estiveste!

Pensava nas longas lutas do passado, quando sua mãe se debatia em Paris. Anita sorriu:

— Não estava sòzinha: trazia-te nos meus braços.

Marcos sorriu, por sua vez, e disse:

— Espero um dia poder pagar-to.

TERCEIRA PARTE

A rajada do crime

Por essa altura, Sílvia lembrou-se do sobrinho. A sua fúria de negócios e de prazeres caíra, repentinamente, tal como havia surgido. Sérios abalos na fortuna e na saúde indicaram-lhe, claramente, que eram horas de se arrumar... «Não serve de nada correr. É preciso saber...» parar a tempo!... Excessos de boa mesa e de bons vinhos davam-lhe olhos injectados de sangue e bruscos repentes de cólera ou de risos loucos... Numa ceia, esteve à beira de uma congestão. Sílvia notava-o, via claro, e até no meio dos seus acessos, quando perdia a direcção, dizia para si: «Estás a descarrilar! Aperta o freio...»

O freio, contudo, recusava-se a obedecer. As artérias do pescoço e das fontes batiam, as ideias começavam a divagar... Alto!... Uma noite, decidiu-se, fechou a loja, vendeu a casa, liquidou tudo. O imbecil de Guy Coquille rebentara, como um ovo podre, na falência de um banco e nos negócios de Estado, pois era o tempo em que os perfumistas, pela vaidade de desempenhar um papel na política, tinham por conta, como às raparigas da vida, os governos, que, aliás, faltavam à palavra dada e os enganavam sem vergonha, depois de terem embolsado. Bem feito! Não era isso que perturbava o sono de Sílvia... O seu sono, porém, estava alterado. Toda a má-

quina precisava de descanso, de ser desmontada e oleada... Purgou-se, pôs sinapismos, fez chupar o excesso de sangue por meio de sanguessugas, e começou a viver burguêsmente a vida de família.

Possuía uma, que arranjara já feita, e cuja adopção acabou por regularizar legalmente: Três crianças, entre os catorze e os dezassete anos. A mãe, Perpétua Passeréan (mudara o seu nome tão popular em Belleville, pelo sevilhano de Carmen, que lhe assentava como um chapéu de palha num burrico), havia sido uma das suas velhas companheiras de trabalho e de aventuras. Recordava-lhe as primeiras armas, os seus duros começos em Paris. Era uma fidelidade de vinte e cinco anos. Sílvia não esquecia os velhos cães, embora fosse um cão um tanto maníaco, patudo, porcalhão, que ela maltratava, como à pegajosa Perpétua, a qual, sem rancor, lhe lambia a cara.

Perpétua fizera um mau casamento, de que o bom Deus a livrara, sem a livrar da sua extravagância. O marido, devasso, bebedor, desaparecera na guerra. Carmen apressara-se a substituí-lo. Sem possuir o perigoso equilíbrio de Sílvia, copiava-lhe as fantasias e o exemplo desastroso. Fora presa de vários amantes, deixara-se explorar por um jogador, que, finalmente, a levou (sem a obrigar a isso, o que é o cúmulo da arte) a vender-se a outros para o manter. Quanto ao resto, boa mulher e trabalhadora, sem abandonar o seu gosto pelos prazeres. Nunca perdera, até nos piores momentos, o seu fatalismo bem humorado.

Para concluir: quando teve de se despedir deste mundo, o seu fim foi edificante nos braços de um padre honrado e muito humano, sem poder, contudo, sinceramente, arrepender-se dos seus pecados. Disse-o, com toda a franqueza, ao cura, que pareceu nada compreender; mas, dòcilmente, e por ordem dele, fez o seu *mea culpa,* «a fim — dizia — de lhe fazer a vontade». Viu-se morrer sem comoção. Verteu, no entanto, uma lágrima ao pensar nos filhos; mas ficou completamente tranquilizada por os deixar a Sílvia. Conversou com esta,

quase até ao último momento, sobre a boa vida que tinham levado (a despeito dos pecadilhos), do bom trabalho, e dos amantes.

As três crianças, dotadas por ela com os nomes suaves de Bernadette, Colombe e Ange, haviam reagido, cada um segundo o seu ritmo, ante o exemplo dessa vida de acaso, oferecida sem véus à sua experiência precoce. Os dois mais novos, Ange e Colombe, eram gémeos; à morte da mãe, tinha entre treze e catorze anos. Bernadette tinha dezasseis. O rapaz, sensato, aplicado, possuía o espírito de família, mostrava aspirações piedosas e místicas, que os padres não deixaram de aproveitar: preparava-se, cedo, para ser sacerdote. Exercia certa influência na irmã gémea, uma moreninha de belos olhos, ternamente tola e sensual. Faziam os dois vida à parte. Amavam-se em Deus. Era Deus que o piedoso Ange amava em Colombe. Colombe, porém, possuía já o instinto ingénuo, que teria toda a vida, de, para amar Deus, amar um rapaz: este era a imagem daquele. A esse poema de amor, casto e guloso, assaz inocente, assistia a mais velha com uma indiferença irónica.

Bernadette não possuía alma semelhante a essas. Vivia em si e para si. Não partilhava nada com os outros. Tratava de si. Não se preocupava muito com conhecer-se e ninguém a conhecia. Estava marcada, pelo seu contacto de adolescente com os meios da Paris enlouquecida pelo escape orgíaco dos anos de 1919-1920. Vira essas aves desvairadas queimarem-se no fogo; e, contra o fogo, o seu instinto tinha-a acautelado. Não as condenava moralmente. A moral tinha um lugar mínimo nos seus pensamentos. A questão, para ela, era de ordem, de razão, de limpeza, sobretudo exterior: corpo e casa, a apresentação na vida... Sofrera demasiado com o troixe-moixe da vida da mãe.

Era por isso que, sem verdadeira religião no íntimo, aceitava da religião a armadura exterior. Via nela uma força de limitação necessária para evitar experiências desastrosas, como haviam sido as da mãe. Não pensar em mais do que é prudente deixar entrar na vida era,

nela, uma regra instintiva de salvação pessoal. Isso não prejudicava em nada — antes pelo contrário! — o seu sentido frio e agudo do real, que era estreito, cru, e ordenado, como o duma pequena burguesa do bairro do Maine. Também não tinha mais influência sobre a sua vida passional, cujas chaves guardava para si. Com mão insensível, mantinha apertados todos os cordões da sua escarcela.

Não era incapaz de afectos, até às vezes ardentes, mas só aplicava a sua energia, o seu interesse, ainda naqueles que a tocavam de mais perto, naquela zona da vida deles que lhe parecia contígua à sua. Pouco lhe importava o além: os jogos místicos dos dois irmãos mais novos, os caprichos turbulentos de Sílvia, a vida de espírito de Marcos, que a tia (voltaremos a isso) lhe fazia dançar diante dos olhos. Não tinha vontade alguma de discutir o que eles pensavam. Não metia nisso o seu nariz, pequeno, afilado, recurvado como o dum açor, que, no entanto, se ela quisesse, no primeiro momento, teria mergulhado no fundo do tacho. Cada um, contudo, tem o seu tacho! Bernadette estava muito entretida a escumar o dela. Era aliás bastante avisada para não saber que é decente não deixar ver demasiado aos outros esse interesse demasiado exclusivo por nós próprios. É preciso mostrar que nos interessamos por aquilo que interessa aos outros.

Até a própria Sílvia se enganava, pelo menos no que lhe dizia respeito. Quanto aos outros, não se afligia muito que a sua pupila manobrasse tão destramente os cordelinhos: (não gostava dos que se deixam enganar e ela não era desses). Bernadette, que lhe descobrira o fraco, dava-lhe parte das suas observações maliciosas, cujo aguilhão media segundo as disposições secretas de Sílvia para com, ou contra, as pessoas. Para esta, reservava os seus mimos de gata magra a roçar-se pela barriga das pernas do dono que segura o prato. Nem tudo era falso no seu romrom e no seu dorso arqueado: a gata magra amava a mão que segurava o prato. Aos dezasseis anos, Bernadette adorava a sul-

tana das «Mil e Uma Noites» que Sílvia era aos olhos do jovem povo da agulha, em Paris.

Se não tinha estofo para lhe imitar os prazeres e fantasias, sentia-se capaz de lhe apanhar a fortuna, e estava-lhe grata por a ter arranjado para seu proveito. Sílvia não lhe ocultava que era sua intenção instituí-la sua herdeira universal, já que Anita e Marcos se obstinavam em nada querer aceitar dela. Como se aferrava nesse empenho, decidira meter Marcos no leito de Bernadette, para o forçar a aceitar a sua fortuna. Pretendia casá-los. Caiu na tolice (as mais finas são tolas a esse ponto) de o comunicar a ambos. O resultado foi diferente, para um e para outro. A fria Bernadette inflamou-se como um archote. Marcos, desdenhoso, afastou-se. Talvez tivesse (quem sabe?) aceitado, se o deixassem procurar. Indignou-se, contudo, por disporem dele sem o consultar. A partir de então, não viu mais nada de Bernadette, física e espiritualmente, a não ser aquilo que o irritava.

Bernadette, no entanto, não era desprovida de atractivos. A sua magreza era grácil e bem feita, um bocadinho morena de mais, mas apetitosa. (A magreza é, ou pode ser, mãe da volúpia). Possuía, sobretudo, a arte parisiense de tirar partido dos seus defeitos. Um nadinha de pintura, uma «toilette» simples e de bom gosto, uma linha perfeita... Não era esse um dos menores títulos na estima de Sílvia. Teria podido ser uma Tanagra, à parte a cabeça de pega parda. A própria cabeça, contudo, a cabecinha redonda e encarapinhada, não prejudicava a linha; tinha estilo, embora um estilo assaz comum. Brilhavam-lhe, aliás — quando queria (sòmente quando Marcos olhava para ela) — dois olhos esverdeados, que se faziam ternos e cheios de espírito e cujo apelo seria capaz de despertar um morto. O resultado era Marcos escoucear, e tanto mais quanto, mau grado seu, vibrava com isso; e sacudia, com cólera, o aguilhão.

Sílvia não compreendia por que motivo o sobrinho não aceitava a felicidade que se lhe oferecia: um fino e sólido artigo de Paris (Sílvia era entendida nisso!): não

era mercadoria ordinária; mas de bom estofo, feita para durar — a túnica gastaria o corpo, antes de se gastar — uma rapariga séria, activa, sensata, dotada (além da herança) duma inteligência viva, clara e prática, que, ainda por cima, trazia a esse macaco cabeçudo uma virgindade integral e um coração completamente novo para o amor, um coração que se consumia apenas por ele... o bonifrate!

Bernadette derramara sobre ele a sua ternura e recusava-a. Sílvia ralhava-lhe — encantada, no fundo —, por se apaixonar por esse rapaz malcriado, feio, tolo e orgulhoso, pobre como Job, e como Job impertinente (Bernadette também pensava o mesmo, mas ainda gostava mais dele por isso) a quem honrava ao casar com ele... Não teria sido aconselhável que Bernadette tomasse isso muito ao pé da letra e o repetisse, como da sua lavra. Sílvia dir-lhe-ia, então, que nem sequer servia para desatar os cordões dos sapatos do sobrinho. Sentia imenso orgulho nele, e só a ela, que, em pequeno, lhe vestira e despira os primeiros calções, assistia o direito de o diminuir. Era seu, da cabeça aos pés. Por que diabo, porém, aquele animal se recusava a deitar-se na cama que ela lhe preparava? Depois de ter censurado Bernadette por amar excessivamente Marcos, censurava-a por não saber fazer amar-se. Para o orgulho de Bernadette, isso era o que mais lhe custava.

Debatiam juntas os meios de apanhar o ingénuo. Visto ser para bom fim, todos os processos eram lícitos: até maquilhar o pensamento, como se maquilha o rosto. Sílvia ensinava a Bernadette a maneira de prender o peixe no anzol: era preciso interessar-se pelas preocupações dele, intelectuais ou sociais... (Pobre louco! Todo o homem o é mais ou menos!...) Bernadette aplicou-se, conscienciosamente, a tirar partido dessas lições. O resultado, porém, dos seus belos esforços foi a situação, que já não era boa, tornar-se pior. Não se fabrica um espírito, como se fabrica um corpo.

A pequena burguesa não era estúpida, dentro dos seus limites naturais; quando saía deles, porém, palrava

de cor, recitava, sem pôr os pontos e as vírgulas: a pega parda tornava-se periquito. Marcos não tinha a polidez de ocultar as suas impressões. Bernadette, mortificada, não se demorou nesse terreno movediço; mandou passear, sem lho dizer, Sílvia e os seus conselhos; voltou para as suas posições, e com razão. Quando nos batemos, porém, ter razão é muito pouco; o que é preciso é ter a vitória. Bernadette não a teve.

Tentou, mas já sem procurar ajudá-lo à missa, oferecer a Marcos toda a faculdade de dizer ele próprio a missa (a que quisesse, era-lhe indiferente!), enquanto ela velaria, arrumaria, limparia a capela. Para ele, o púlpito e o altar. Para ela, a conservação das pias de água benta. O assunto não ficaria, assim, solucionado a contento? Ele seria livre para dizer e pensar tudo o que lhe apetecesse. Ela ocupar-se-ia do aspecto material. Já não era pouco! Era o suficiente, para ela, desde que conseguisse o marido. O resto não lhe interessava.

O resto, porém, era a única coisa que interessava a Marcos... com uma rapariga nos braços, bem entendido — bela ou feia —, mas que lhe agradasse. Bernadette não lhe agradava. Marcos não fazia nenhum caso das vantagens materiais que ela lhe oferecia como isca. Pior ainda: desconfiava disso! A segurança total, para um Marcos, era como acabar antes de começar. Só lhe interessava o que se escapa e é preciso alcançar perigosamente. A segurança duma Bernadette era obtida sem grande custo. As suas poucas necessidades intelectuais fizeram-na fechar-se no seu quintal antes dos vinte anos — menos o pàtiozinho de casa burguesa — sem se preocupar com o que se passava fora do bairro. Era como esses pequenos-burgueses da rua Cassette que, em plena Comuna, não queriam saber dos combates que incendiavam os outros bairros...

Marcos, esse, aspirava a pólvora e farejava o sangue dum extremo ao outro da cidade! Sentia ruir debaixo dos pés todo o universo do pensamento. Precisava de viver atolado até ao queixo nas revoluções da terra, assistir, prestar o seu auxílio ao monstruoso parto...

Bernadette não ignorava as convulsões; todas as raparigas de Paris as lêem no jornal, depois das pequenas notícias da cidade, dos casos do dia, do folhetim, da moda, dos desportos e dos anúncios, quando têm tempo! É preciso primeiro fazer o que se tem a fazer, não se vive para nos divertirmos!

«Perder horas a discutir sobre o que se passa na China ou em casa desses ladrões dos nossos títulos russos, os bolcheviques, isso era bom para os homens!» Elas curavam apenas do seu trabalho, das suas contas, da sua mesa e da sua cama, da sua casa limpa e arrumada, sem se preocupar com as extravagâncias do exterior: essas passarão, tal como vieram... A Bernadette as teorias pareciam-lhe estranhas. Contentava-se com todo o conjunto de convenções — morais, sociais — postas à prova, cimentadas pelo labor e a economia de sólidas gerações burguesas. A religião lá tinha o seu lugar, uma religião católica, nada exigente, com ou sem fé, sobretudo prática e pontual, que contribuía para a ordem e a consolidava. Nisto, Bernadette distinguia-se da incrédula Sílvia, que nunca pudera impedir-se de troçar dos padrecas. Deixara, no entanto, a sua pupila à vontade e segredava-lhe ao ouvido, com um ar indulgente, que, numa mulher, a beatice, em pequenas doses, oferece, «em suma», ao marido, a garantia duma maior segurança doméstica.

O que não era, «em suma», tão seguro como isso!... Bernadette, aparentemente moderada, sem surpresas, fria e sensata em três semanas do mês, tinha perturbações estranhas na outra semana. Mudava de temperamento; nunca julgava, nunca considerava com os mesmos olhos nem com os mesmos lóbulos, as coisas e as pessoas; perdia o governo do carro: cuidado com os aterros e as árvores da estrada! A máquina parecia tentada a ir esbarrar lá com o nariz... Como os riscos eram crónicos, Bernadette aprendera a senti-los chegar; e arranjava-se de modo a, quando eles vinham, os evitar o mais possível; fazia uma força extrema para se conter, para dissimular.

No seu íntimo, e em horas como essas, ódio e amor, desejo, inveja e ciúme, todos os impulsos vindos do ventre ou da fronte, as piores fantasias dum temperamento insatisfeito e sem freio, rondavam, espiavam. Estaria sempre a dois dedos das mais inconvenientes invenções. As pessoas, contudo, só davam por isso pelas ondas coradas que bruscamente lhe invadiam o pescoço, ou, refluindo, lhe deixavam nas faces palores esverdeados. A rapariga estremecia, magoava a boca com o freio, sentia-se prestes a desmaiar, e parava na devida altura. No fundo, contados todos os riscos e inconvenientes, era uma volúpia que era a única a saborear.

Marcos estava longe de o suspeitar. Quem sabe se, ao descobri-lo, não teria talvez começado a interessar-se por ela? Era desses homens que são tola e instintivamente atraídos pelo perigo, o obscuro, o abismo turvo: pois a noite quente é prometedora de riquezas que o dia muito igual desvaloriza; e nada há que eles mais temam na vida do que o uniforme. Nesse ponto, Marcos era, para sua desgraça, bem filho de Anita!... (Mais de uma vez a mãe sofrera com isso, e o maior remorso era que o filho também padecesse, por ela...) Se Marcos tivesse visto no fundo de Bernadette a vida informe e reptilínea que agitava a lama do pântano (que se agita no fundo de quase todos nós), ter-lhe-ia concedido mais atenção do que a concedida à calma superfície do pântano, à fria vida da pequena-burguesa monótona.

Sílvia, menos prudente do que Bernadette, a quem esta suplicava que não se metesse no assunto, debalde apregoava ao sobrinho as vantagens duma mulher que administrasse com sábia economia o seu estrito domínio doméstico, e que o deixasse livre fora dele. Esse ideal familiar de «proprietário» que recebe as rendas e a mulher em cupões e guarda os títulos fechados no banco, já não convém à nossa época, que não pode fechar-se em casa: precisa de contínuas deslocações, é a idade do *Wanderer* que regressa. Pode a mulher ser, para «o Viajante», o companheiro de viagem que partilha a sua perpétua instabilidade, a insegurança diária do corpo e

do pensamento? Eis a questão. Se a tivessem posto a Bernadette, esta teria respondido, com um suspiro de renúncia à casa, mas firmemente, visto que o amava:

— Sim, quero-o. Logo, posso-o.

Tê-lo-ia podido, pelo menos por algum tempo. Era corajosa. Teria defrontado todos os perigos pelo que ambicionava, pelo que amava. Por mais sincero, contudo, que fosse esse «Sim!», apenas o corpo a teria seguido: o espírito, não. Teria prometido para além do que dispunha. Esforçar-se-ia em vão: estaria perdida, fora de si própria, e, fatalmente, teria reagido: (estava no seu direito). Teria sido uma pedra atada aos pés do homem, a puxá-lo para trás. No fim de contas, a terrível força de inércia da mulher sobrepujaria o entusiasmo do macho, que arrastava o empecilho na subida.

O instinto de Marcos era mais previdente do que os cálculos de Sílvia para fazer a felicidade dele, contra sua vontade. Sílvia também não se importaria de lhe atar as patas para evitar que ele quebrasse o pescoço. Entre as duas mulheres, a marechala e a recruta, havia, sem o dizerem, entendimento secreto sobre isso. O nariz de Marcos, desconfiado, farejava-o. Não era preciso tanto para que antipatizasse com Bernadette. Quanto mais a tia lhe entoava loas, mais ele lhe respondia com injúrias. Isto foi tão longe de parte a parte que Sílvia, depois de lhe ter proposto a transacção, num dos seus ataques apoplécticos, vermelha como um pimento, bateu a porta com fúria no nariz de Marcos:

— Vá para o diabo, seu traste!

O rapaz não se fez rogado e Bernadette ficou sentada em cima das suas brasas como a Borralheira, heròicamente, de rosto frio, a chocar o fogo e o rancor debaixo das saias.

Um dia, Marcos, sem ter na algibeira mais do que alguns francos para as despesas da comida, foi gastá-los no café em bebidas (oh! fazia-o sem excesso, pois a sua insensatez não dispunha de meios para se exercer...) Quando, porém, se encontrava, como nessa manhã, lasso, deprimido, sem apetite, sem coragem para tragar uma carne de má qualidade, mal apresentada, que lhe repugnava, preferia tomar um café forte com conhaque, que lhe servia de estimulante, embora em detrimento do estômago. Acrescentava a esse o estimulante da leitura dos jornais. Na primeira página dum diário, o seu olhar caiu sobre um retrato sensacionalmente deformado; todavia reconheceu, imediatamente, a fronte baixa, com toucinho nas sobrancelhas, sulcada de enormes pregas, aquelas ventas de gorila colérico... Simão... Simão Bouchard... Sim, era ele! Por cima do retrato, lia-se, em letras gordas:

«*Um assassínio no expresso. O bandido foi preso...*»

Marcos engoliu o seu cálice de conhaque. Leu sem ver. Releu, esforçando-se por mastigar cada palavra. O facto não deixava nenhum lugar para dúvidas. No expresso de Paris à fronteira italiana, entre Dijon e Mâcon, de noite, um passageiro adormecido fora estrangulado no seu leito do vagão-cama. O assassino, surpreendido ao sair do compartimento, saltara com o comboio em andamento e rolara pelo balastro, onde o tinham apanhado, com a cara inchada e um fémur fracturado. A vítima era uma personalidade conhecida de Paris, um

banqueiro, membro de numerosas sociedades. O assassino, um intelectual transviado, um anarquista, um comunista... A imprensa burguesa nunca chegou a distinguir entre uma coisa e outra... (faz-se mais estúpida do que é; o seu interesse é confundi-los). Está claro, «a mão de Moscovo estava metida no caso...»

Marcos, transtornado, deixou em meio a xícara de café e saiu. Não sabia o que fazia. Pela avenida, repetia para si: «Simão!... Simão!...» sem reparar nos transeuntes, com os quais o seu instinto de sonâmbulo o fazia roçar durante a marcha, mas sem chocar com eles. Revia, confusamente, os dias passados com Bouchard, e, por sistema inconsciente de defesa, como se estivesse no tribunal, eram sobretudo os primeiros dias que revia, os primeiros tempos do seu conhecimento, quando Bouchard mal acabara de chegar da província, inculto, incorruptível, intacto e duro como uma pederneira. Marcos sentia nele uma integridade de autêntico cavalo do Perche, que não ilude acerca de nada, nem da solidez do pescoço, do lombo ou das quartelas. Em comparação com ele, como Marcos se sentia mal protegido, permeável, entregue a todos os germes da putrefacção que rondam nas grandes cidades! Se as bruxas de Macbeth lhes tivessem dito: — «Um de vocês será degolado no cadafalso», Marcos, perplexo, teria levado as mãos ao pescoço. Confiava tanto no outro e tão pouco em si! Que fizera o outro? Que haviam feito dele? Haviam, quem? Todos! Todo esse mundo atroz do após-guerra. Nós em primeiro lugar...

O seu olhar chocou, na esplanada dum café, com os olhos grandes de Véron-Coquard que o viam aproximar-se, com ar de troça. Marcos atravessou a fila de mesas e, sem se sentar, disse-lhe com voz oprimida:

— Véron, já sabes?

Véron não interrompeu a sua risota. Disse:

— Já sei. O idiota deixou-se apanhar. Já esperava isso! Vão sangrá-lo...

Marcos viu tudo vermelho. O sangue de Simão subiu-lhe aos olhos. Atirou-se sobre Véron, e, agarrando-o

pelo gordo pescoço, colou-o contra a parede do café, gritando:

— Assassino!... Foste tu, foste tu que o mataste!...

Véron-Coquard libertou-se, furibundo; esmagou os magros peitorais do outro com os grossos punhos e atirou-o contra uma mesa, onde Marcos se sentou em cima dos pires e da cerveja entornada. No tumulto de protestos, o intruso foi expulso, num abrir e fechar de olhos. Do passeio, onde começava a juntar-se gente, Marcos via Véron que, de olhos fora das órbitas, lhe apontava o dedo, tonitruando:

— Vê lá, malandro, não recomeces! Senão mando-te prender...

Dois agentes da polícia atravessavam a avenida. Marcos, com as pernas a tremer de cólera, encarou Véron por cima da sebe humana que os separava, e disse:

— Com que então, agora deste em «chui»? É completo!

Véron vociferou, virou tudo de pernas para o ar e ia acometê-lo de novo. Marcos esperava-o de braços cruzados. A mão duma mulher, porém, meteu-se de permeio. Uma rapariga, que o conhecia, levou-o, dizendo:

— Estás louco, rapaz; anda embora! Não quero que dêem cabo de ti.

Só o largou depois de terem dobrado a esquina da rua. Marcos não ouvia nada do que a rapariga dizia. Só duas ruas adiante, ao lembrar-se, viu as pálpebras lassas e inchadas, a pintura sangrenta nos lábios alongados que lhe haviam dirigido um sorriso de adeus fraternal. Pensou: «Se esta samaritana tivesse encontrado Simão, talvez ele se tivesse salvo».

Procurou em vão lembrar-se do seu nome, mas a onda escaldante da tragédia repeliu-a, com a sua imagem, para a sombra eterna. Continuava a repetir: «Simão... Simão...» O riso alvar de Véron fez-lhe subir de novo a raiva ao coração. Monologava: «Esse canalha perdeu-o. Meteu-lhe na barriga o álcool, o furor do oiro e das mulheres, como as raposas da Bíblia, de

rabo a arder, e abandonou-o nos trigais, louco de tortura. Agora, o miserável esfrega as mãos com o suplício e o incêndio...»

Também Marcos sentia nas suas longas mãos comichões de assassino. Deu conta de que olhavam para ele, fez um violento esforço sobre si próprio, cravou as unhas nas palmas das mãos, e, de repente, mais calmo, examinou o caminho a seguir. Os camaradas não podiam deixar soçobrar Bouchard, sem um auxílio! Era preciso tocar a unir... Os companheiros! Onde estavam eles? Existiam ainda?... João-Casimiro estava em Praga, segundo adido na embaixada. Adolfo Chevalier, secretário particular de um ministro, sempre em viagens e em banquetes... Preocupavam-se lá com Bouchard!... Era preciso obrigá-los.

Onde os apanhar? João-Casimiro, nem era bom pensar nisso! Marcos, no entanto, rabiscou-lhe numa estação de correio um bilhete-carta incoerente e imperioso, feito, principalmente, para o ferir. Depois de o ter lançado na caixa, sentiu desejos de o voltar a tirar. Demasiado tarde!... Tarde ou cedo, não se podia contar com ele... João-Casimiro não perderia uma recepção por um homem naufragado. Marcos pôs-se, então, à procura de Adolfo Chevalier. Por muito pouca simpatia que este tivesse manifestado sempre por Bouchard, professava, pelo menos em espírito, o culto da camaradagem. Como camarada, talvez tivesse interesse em abafar, tanto quanto possível, o escândalo do caso. Por intermédio das mulheres dos ministros, poderia conseguir alguma coisa...

Marcos correu ao Ministério da rua de Grenelle; de lá, foi impelido como uma bola de bilhar para o luxuoso apartamento de Chevalier, na Avenida do Bois, mas não o encontrou. Finalmente, dirigiu-se ao Palácio da Justiça e conseguiu apanhá-lo em conciliábulo de importância, rodeado de togas perorantes, que flanqueavam, ávidas, as bocas de arenque seco de três ou quatro jornalistas. Chevalier, sem se interromper, fez-lhe um sinal protector com a mão. Quando terminou a sua

frase, levou-o consigo a grandes passadas, de ouvido distraído e ar atarefado:

— Então, meu caro? Que tens para me contar?

Após estas palavras, interrompeu-se e disse:

— Perdão! — e foi apertar a mão dum senhor que passava.

Marcos esperou. Chevalier não tinha pressa em voltar. Marcos continuava a esperar. Chevalier compreendeu que aquele animal o esperaria até à noite. Voltou e deteve Marcos, que queria retomar a sua exposição. Fez um grande gesto patético, que queria dizer: «Que desgraça!», mas que dizia também: «Que maçada!»

— Sim, sim — fez Chevalier — é triste... mas que podemos fazer?... Quem tem a palavra, agora, é a lei.

Abanou o queixo, solenemente, sorriu à direita, à esquerda, depois gaguejou:

— Estou com pressa... Perdão... E como vai essa saúde? Um destes dias, convido-te para almoçar... Adeus, meu caro!

Escapou-se. Marcos ficou pregado ao chão. Não havia nada a fazer. Todo o animal permanece fiel à sua natureza. O cão é cão. O gato é gato. O lobo é lobo. Se sou lobo, que faço aqui?...

Voltou para casa... mas não podia ir fechar-se sòzinho com aquele peso em cima de si. Por mais fatigado que estivesse, procurava pretextos para retardar o momento de voltar para o quarto. Pôs-se a pensar em Ruche. Deixara de a ver havia muito tempo. Entre ela e ele, estabelecera-se uma certa frieza. Coisa curiosa: esse arrefecimento começara na própria manhã da noite em que Ruche se mostrara caritativa para ele, em que, duma cama à outra, as mãos deles se prenderam. Evitavam-se. Quando se encontravam, Ruche afectava não o ver, ou mostrava um sorriso hostil. Marcos, sem compreender, não desejava esclarecer o motivo.

Naquele momento, contudo, tinha necessidade duma mulher, duma camarada, no coração da qual (embora

hostil) descarregasse o que o oprimia. Uma mulher é sempre uma mulher, uma mãe, uma irmã: por mais fria que possa ser a sua cabeça, o seu ventre é quente, vibra com todas as paixões do homem, compadece-se; pode pousar-se nele a fronte, quando é muito pesada de levar. Ela é o ninho.

Subiu à sobreloja da esquina da rua, sob a massa do Val de Grâce. Bateu.

— Entre!

Era tarde. O quarto estava às escuras. Ao fundo, Ruche estava estendida no seu nicho, de pernas nuas, as suas longas pernas de galgo, que a saia curta arregaçada punha a descoberto; uma pousava nos degraus da alcova. Não fez qualquer movimento para a tapar. Indiferente, via Marcos avançar a passos lentos. O rapaz, cujas pupilas dilatadas se habituaram aos poucos à escuridão, antes até de a ter visto, distinguira o estalido e o odor: a rapariga ia fumar ópio. Não perdeu tempo a discutir isso. Tinha primeiro que descarregar o seu fardo. Falou, falou, antes que ela o tivesse interrogado. Contou tudo, Simão, Véron, Chevalier, todas as suas agitações do dia, os seus furores e a sua dor, o seu horror. Não esperava dela nenhum conselho. (No entanto — quem sabe? — filha de magistrado, Ruche podia, melhor do que ele, ver claro no andamento do caso). Apenas uma simples palavra, um grito de piedade; menos ainda: a mão estendida, que aperta a mão que procura um apoio na escuridão, e diz: «Meu amigo!...»

Ruche não disse nada, não fez nada, ouviu, esperou. Marcos esperou. Nada mais. Via-a agora sem sombra, deitada de costas a todo o comprido, a cabeça mais baixa do que o ventre, um braço e uma perna pendentes, imóvel, impudica, indiferente, a fixá-lo com um olhar frio. Marcos lia nesse olhar o que sempre suspeitara... Recusara-se, porém, sempre a acreditar, sobretudo em face dum desfecho tão trágico: uma antipatia de mulher por Bouchard, muda, profunda, implacável, sem apelo. Ruche detestara-o sempre.

Sufocou... Os lábios delgados da mulher estendida,

riscados por um sulco vermelho, entreabriram-se friamente para dizer:

— Queres fumar?... Não?... Então vai-te embora!

Marcos saiu sem uma palavra. Atrás de si, ouviu estalar os tacos do sobrado sob os pés descalços, e, nas suas costas, o ranger da chave na fechadura, com duas voltas.

Quando entrou em casa e fez as contas do dia, não sabia qual dos três odiava mais: se Véron, Chevalier ou Ruche... Só mais tarde, muito tarde na noite, o rosto de Ruche, que ele se obstinava em evocar, a fim de melhor poder detestá-lo, lhe apareceu devastado. Quando estava em frente dela, só vira a dureza dos olhos, o ódio que corrói. Via os traços. Ela também estava corroída... Tanto pior! Tanto melhor.

Os dias seguintes passaram sob o jugo de obsessão perpétua. Forçava-se a trabalhar; bem precisava! Vivia dominado pelo seu ofício; mas operava-se nele uma divisão do espírito: o trabalho era todo executado maquinalmente; o pensamento era todo absorvido por uma ideia. Não possuía nenhum meio de actuar. O único alívio foi escrever a sua mãe, que não podia aconselhar-lhe nada. Comunicavam, porém, um ao outro, as suas amarguras. Era um pacto tàcitamente concluído entre ambos. Marcos sentira o coração inundado de orgulho e gratidão, quando Anita, espontâneamente, lhe escrevera coisas que não é costume uma mãe confiar a um filho: as coisas verdadeiramente reais, as coisas verdadeiramente cruas da sua vida e dos seus combates, tal como faz um companheiro a outro companheiro. Não lhe dissera nada da comoção que sentira; mas pagara o seu quinhão ao assaltá-la, depois, com confidências.

Essa confiança, da sua parte, ia muitíssimo longe, e Anita às vezes ficava desorientada; mas também não lho comunicava. Compreendia que não era imprudência,

mas prova de consolação: Marcos entregava-se, com as suas vergonhas, de pés e mãos atados. Não o podia julgar possuído de qualquer doentio exibicionismo moral, à Rousseau. Adivinhava-se ele a corar e a dizer: «Desta vez, ela desprezar-me-á... Tanto pior! Devo dizer...» Agora, tinham a certeza ambos: nada do que se confessassem, o outro renegaria. «O meu é teu; o teu é meu...» É uma grande fortuna, no caos dos tempos que correm, uma tal comunhão de sangue. Marcos e Anita deveram-lhe, em mais de um momento, a salvação. Quando o sangue reflui no coração, pela fadiga ou o desgosto, o ritmo regular das válvulas que se contraem lança de novo o sangue nas artérias. Nem sequer é necessário que a resposta tenha chegado. Basta o apelo para que se produza a sístole. Bastava ter escrito, para Marcos se sentir aliviado por uma noite.

Seis dias mais tarde, teve a surpresa de ver entrar João-Casimiro. Era o último que poderia esperar! Balbuciou:

— Recebeste?...

— Recebi a tua carta — respondeu João-Casimiro. — Deveria ter lido o caso nos jornais; mas fizeste bem em me escrever. O acontecimento escapara-me.

— Donde vens?

— De Praga, naturalmente. Tomei o avião para Estrasburgo. Há já três dias que estou aqui. Não vim ver-te mais cedo porque fui direito ao mais urgente. Não me levas a mal?

— João-Casimiro!

Marcos abraçou-o.

— Creio que não perdi o meu tempo — prosseguiu o outro. — Mas digo-te desde já: receio que nada possamos fazer.

— Seja o que for que possamos, tudo o que for possível, devemos fazê-lo.

— É o que penso; mas o possível não vai longe. Já sabes o que há a esperar dos amigos.

— Quem to disse?

— Procurei-os. Encontrei o teu rasto às suas portas.

Marcos expandiu-se em invectivas contra eles. João-Casimiro disse:

— Eles são como são. Continuas a ter ilusões?

— Não tenho nenhuma. Obstino-me a crer que estou enganado a respeito dos homens. Ainda são piores, porém, do que julgava. O pior de tudo são as mulheres.

Algumas palavras brutais e deprimentes deixaram ver o ódio obsessivo e atroz que vira e palpara no silêncio de Ruche. João-Casimiro disse:

— Sim, mas ela talvez tenha razões para odiar.

Marcos ficou surpreendido:

— Como? Que razões? Contra Simão?

— Contra Simão ou contra outro qualquer, tu, eu, que importa?! Ruche odeia alguém, ou todos os homens... Olhaste bem para ela? Que tem as suas razões, está-lhe gravado no rosto.

Marcos ficou atónito com a perspicácia daquele homem que passava por cima de tudo sem se deter. Reviu, instantâneamente, o rosto devastado de Ruche, mergulhou no fundo, e disse para si: «É verdade!...» Perguntou:

— Que pensas tu?

Com um franzir de lábios, João-Casimiro afastou o assunto:

— Não penso nada. Não tenho tempo de pensar. Todos somos apanhados no laço, um dia. Ruche deixou as suas penas por aqui e por ali. É lá com ela. Com penas ou sem elas, sairá de dificuldades. As mulheres safam-se sempre. Ocupemo-nos de nós, do nosso caso!...

— Tornaste-te duro com elas — disse Marcos. — Outrora passavas por estar do lado das mulheres.

— É por isso mesmo. Andámos enrolados. Conheço-as. Enrolaram-me. Enrolei-as. Acabamos sempre por ficar de pé... Pensemos antes nesse imbecil, que encontrou meio de partir as pernas antes de lhe quebrarem o pescoço!... Se sou mulher, como dizes, é na medida em que me interesso pelos idiotas dos homens como tu, como ele... Não protestes! Tu és como ele — duma raça mais fina — mas também inteiriça, também limitada em

tudo quanto vocês empreendem. Quando vocês caem na ratoeira não são as penas que lá deixam, é o corpo inteiro. Metem-me dó! Sente-se por vocês um certo desprezo; mas é talvez por isso que gostamos de gente assim...

Marcos tê-lo-ia de boa vontade esbofeteado. Do fundo da sua garganta, ciciava: «Esta menina!...» Depois, engoliu a saliva: «*Ela* tem razão...» Ao lembrar-se de que, «*ela*» ou «*ele*», João-Casimiro não hesitara um instante em vir de Praga para socorrer o amigo naufragado, abrandou o olhar furioso que dirigia ao sorriso equívoco do malicioso rapaz, e disse:

— Falámos de mais! Vamos ao facto.

— O facto — retomou João-Casimiro tranquilamente — é que vi Simão... Sim, consegui, não sem bater a diversas portas (não são as mais altas que se abrem mais fàcilmente) que me entreabrissem a da sua prisão, ou antes, da sua enfermaria, onde estão a recolar-lhe os bocados, a fim de que esteja inteiro para o grande dia. Procurei falar-lhe. Às primeiras palavras, cobriu-me de insultos. Por baixo das ligaduras, só havia, livres, um olho e o focinho: um olho de rinoceronte, pequeno, duro e encravado sob o corno da órbita. Logo que o olho me viu, o rinoceronte escoucinhou. Espezinhava tudo, eu, tu, Véron, todos os amigos. Recusa-se a receber qualquer de nós. Foi preciso rodar os calcanhares.

Marcos perguntou, de coração oprimido:

— Eu também? Proferiu o meu nome?

— Disse-o. Não te aflijas! Estás no bloco. Do lado dos vivos. Ele já tem marcado na fronte: «do lado dos mortos».

— Não haverá nenhum meio de o salvar?

— Não creio. Vi o seu advogado e alguns outros. Procurei interessá-los. Que se pode fazer, porém, quando o animal se recusa a deixar-se salvar? Recusa-se até a falar com o advogado, e declara que nas audiências o há-de injuriar...

A instrução do processo não se arrastou. O facto era claro. Não havia nada a negar, e o acusado confessou tudo. João-Casimiro veio de Praga, uma vez mais, para a audiência do julgamento. Embora a sua intervenção fosse inútil, os dois amigos queriam comparecer como testemunhas. Penoso dever para Marcos, para quem era insuportável exibir-se em público. Sabia que se mostrava sempre inferior a si próprio: a sua brusquidão e orgulho paralisavam-no. A ideia de se encontrar face a face, naquele sinistro espectáculo, com o antigo companheiro, de afrontar talvez as suas invectivas e censuras, metia-lhe medo. Teria querido fugir, ou, como uma criança, tapar os olhos e os ouvidos até ao «está terminado»... Quanto mais medo sentia, porém, mais corajoso era: pois enfurecia-se consigo: «Anda, poltrão!» Foi.

Sentia tudo vago à sua volta, não viu nada, não reteve nada da sua entrada na sala das testemunhas, do tribunal rumoroso. João-Casimiro, completamente à vontade, guiava-o, trocando ora com um, ora com outro, um cumprimento ou uma palavra cortês. Não se sentia, contudo, muito mais tranquilo do que Marcos quanto ao seu encontro com Bouchard. A vez de ambos chegou depressa. As testemunhas de defesa não eram numerosas. Quando foi introduzido na colmeia da morte, Marcos, retesando as pernas, que lhe pareciam sacos de areia, cerrava os dentes, dizendo: «Não olhar! Sobretudo para *ele*. Não *o* ver!... Foi, contudo, a *ele* quem viu logo, no

primeiro momento. Desde que o viu, ficou preso; não podia apartar os olhos de Simão.

A voz impaciente do presidente teve de lhe lembrar que falavam com ele. Voltou, precipitadamente, ao papel que esperavam de si. Estava de tal modo perturbado, que não se lembrava do seu próprio nome. Ouvia risos nas suas costas. O presidente reprimiu-os e procurou tranquilizá-lo. Aos poucos, retomou o aprumo: tinha vergonha de o terem julgado com medo. O que o abalara fora, lá ao fundo, aquela cara que o fixava, o rosto conhecido e tão mudado pelas agressões do destino (inclusive as da polícia); teria ficado na dúvida se o seu olhar não tivesse encontrado o olho feroz do rinoceronte: (João-Casimiro vira bem! O rinoceronte, porém, só tinha um olho: estava completamente zarolho, agora).

Os dois olhares tinham-se encontrado. Marcos vira o movimento brusco de Bouchard para se erguer — logo assentado novamente no banco pelos gendarmes — e o jacto de furor, o primeiro jacto, que jorrara do olho único. Marcos baixara os olhos. Estava aterrado. Parecia-lhe que era culpado e a voz de Bouchard ia esmagá-lo. Não vira o segundo jacto. O olhar de raiva abrandou sùbitamente, e o olho de Simão só tinha por ele um desprezo cordial e ríspido. Marcos, porém, esperava a cada momento que o seu depoimento fosse interrompido por uma apóstrofe. Foi preciso um certo tempo para retomar a sua calma.

Finalmente, depois de ter gaguejado como uma criança, tranquilizado do lado do cíclope, e do outro lado picado àsperamente pelos risos abafados que acolhiam as suas impressões de linguagem, mais alimentados do que evitados pelas ironias do presidente, Marcos respingou. Como todos os tímidos, quando a mostarda lhes sobe ao nariz, espirrou fogo por todos os lados. Saltou de repente todas as barreiras da prudência. Fez, não sòmente a defesa (que não lhe pediam), mas o elogio de Simão, com uma violência provocante.

Às primeiras tentativas para o deterem, replicou, como um galaripo eriçado e atacou a sociedade. Uma

seca e enérgica intervenção do representante do Ministério Público fê-lo baixar a proa. Desorientado, forçado a retratar-se, o galaripo caiu, do seu pobre voo, de asas cortadas, no pântano, onde voltou a chafurdar. O depoimento, encurtado, acabou sem brilho. Quando saía, abatido, Marcos lançou de novo um olhar envergonhado a Simão; o olho de Simão seguia-o com uma ironia afectuosa; tinha o ar de dizer: «Pobre rapazinho!» Confuso, comovido, Marcos cumprimentou-o, arrojadamente, com a cabeça. Simão, com um gesto protector e familiar, acenou com a mão, a despedi-lo.

No seu estado de perturbação, Marcos não soube o que se passou depois, o acolhimento que o polifemo dispensou a João-Casimiro. O velho ódio não desarmara. Assim que viu o fino rosto de andrógino, Simão, com o corpo inclinado para a frente, uivou. Inundou com um escarro o velho amigo. Em quinze palavras, cobriu-o de ignomínia. O seu advogado, precipitando-se, procurava tapar-lhe a boca. O presidente tonitruava que o faria sair, se continuasse a insultar as testemunhas. O outro replicava, insolentemente, que «proibia que o defendessem», tratava todas as testemunhas de «cães perdigueiros», e aquela de «cadela». Finalmente, conseguiram fazê-lo calar, e consentiu em ouvir, mas a fazer chacota.

João-Casimiro, pálido, desdenhoso, começou a depor, numa elocução nítida e fria, bem pontuada. Afectava uma objectividade indiferente, cujos pormenores calculados podiam servir todos para a defesa do acusado. Rebaixava-o, representava-o como um camponês transviado, uma vítima da nobre e estúpida ilusão democrática, que arranca à gleba o homem da terra, inculto, e o entrega, nas nossas escolas, a exercícios de pensamento que o seu cérebro não pode receber sem perigo. Disse que era preciso substituir o antigo dito de Barrès: «Os desenraizados», que fizera época, por este mais exacto: «Os desorbitados», e que o verdadeiro responsável da desordem era o sistema, não os instrumentos por ele forjados.

Uma tal tese lisonjeava a vaidade secreta dos burgueses que o escutavam: sentiam-se muito satisfeitos por se atribuírem, *in petto*, o privilégio de permanecer os detentores da razão civilizada. De tempos a tempos, enquanto falava, João-Casimiro passeava o olhar frio e fino pelo pretório, roçava sem pressa, indiferente, a face resmungona de Simão, inchada de raiva, media-o como um objecto, e voltava a outros objectos, acabando de burilar as suas curtas frases impecáveis. Uma palavra lisonjeira do presidente e as ondas mudas da simpatia geral acolheram o fim do depoimento.

Produziu-se, então, um lance teatral. O pai do acusado queria ser ouvido. Embora tivesse sido intimado na sua aldeia de Causses, não contavam muito que esse labrego se arrancasse aos seus campos pedregosos para ir realizar uma tarefa tão ingrata. Decidira-se no último momento. Esperava-se, naturalmente, que ele tomasse a defesa do filho. Antes, porém, de a primeira palavra ter saído, toda a sala estremecera. Os dois homens — pai e filho — estavam de pé, em frente um do outro, e, torcendo os lábios, olhavam-se terrìvelmente. Uma rajada de ódio soprou por cima de todas as cabeças. Num silêncio de morte, depois de ter levantado a mão e prestado juramento, o velho falou.

Era, como o filho, pesado e quadrado, talhado num bloco à enxó, o busto espesso assente em membros curtos, podados; na extremidade, aparafusadas, as mãos como tenazes; os pés, que não se viam, deviam agarrar-se ao chão da mesma maneira. Não se pensava em olhar para a cabeça. Ela era um membro como qualquer dos outros quatro. O bloco gritou (a rouquidão e a raiva reprimida impediam-no de falar em voz pausada):

— Senhores juízes, não venho aqui para pedir que poupem esse homem. Venho dizer-lhes: «Vinguem-me dele!» Desde o dia em que saiu do ventre da sua pobre mãe, que morreu disso, tem sido a minha doença. Só me tem causado aborrecimentos. Demasiado orgulhoso para trabalhar com as mãos, tinha vergonha de ser camponês, preferia antes refastelar-se nos bancos, não fazer mais

nada do que atafulhar a cabeça com os malditos livros cheios de peçonha, que lhe ensinaram a insultar tudo a que se deve respeito. Pergunto a mim próprio em que pensam os senhores de Paris, ao envenenar assim os nossos rapazes.

«Se dependesse de mim, botava-os a todos no estrume, a todos esses papéis e aos seus escrevinhadores de limpar o rabo! Ao menos para nos consolarmos, dizíamos que essa porca mercadoria acabaria talvez por lhe render alguma coisa. Gabava-se de estar a caminho de se tornar, dum dia para o outro, ministro de qualquer coisa. Tornou-se mas foi no que os senhores vêem: carne para carrasco! Uma coisa leva à outra... talvez! Ele ficou a meio caminho. Guardem-no bem! Não o reclamamos. Já nos apoquentou demasiado... Não há ninguém do seu conhecimento, na família ou na terra, a quem não tenha procurado surripiar dinheiro. Se se contassem todos os meios de que esse traste se servia para ordenhar as pessoas, seria o suficiente para o fazer já embarcar para o degredo. Só comigo é que a coisa não pegou. Conheço-o. A mim não me fazem o ninho atrás da orelha!

Simão abriu as goelas enormes e gritou-lhe:

— Fizeram, fizeram!... Velho cabrão!...

Uma explosão de riso nervoso sacudiu a sala. Aliviava a tensão. O alvo — o velho — marcava: «Atingido!» Em vão se debatia e vociferava. Acusava assim melhor a estocada aplicada. No meio da algazarra que se seguiu, antes de o presidente conseguir restabelecer o silêncio, foi fácil reconstituir a tragicomédia de aldeia, que instigava furiosamente à luta o velho Teseu, casado segunda vez, e o seu filho Hipólito. O velhaco sujara-lhe o ninho; e, o que é mais, entrevia-se que Fedra lhe devia ter aberto, não apenas o leito, mas a bolsa. O velho recusava-se teimosamente a reconhecê-lo. Ser roubado enraivecia-o ainda mais do que ser enganado. Negava tudo, porém, desastradamente e era o ladrão quem o proclamava.

A partir desse instante, foi claro para todos que o pai ia entregar-lhe a carne ao carrasco. Esperaram...

Não tiveram muito que esperar. Quando lhe foi restituída a palavra, o velho, cerrando os punhos, brandiu-os:

— Não respondo a essas porcarias. Estou farto! Já não conheço esse malvado. Desonrou-nos a todos. Peço perdão a Deus de o ter mijado. Senhores juízes, ele é vosso. Fazei o vosso dever. Já fiz o meu. Limpai-me dele!

Como uma só peça, voltou-se uma última vez para o filho, de fronte baixa e olhar turvo. Escarrou para o chão, deu meia volta, e, a trote curto, cabeça para a frente, desapareceu. No burburinho, ouviu-se o delegado que o tratava de «romano», e Simão, a rugir e a estoirar de riso. Houve em seguida uma pega entre ele e o presidente. Simão queria descarregar o seu rancor contra o pai — o qual, enquanto o filho lutava contra a miséria, teria preferido vê-lo estoirar a ele do que ao porco —, o avarento lázaro cuja dureza o impelira ao crime. Pretendia, para se vingar, não sòmente denunciar as gatunices do velho perante o fisco, que defraudara, mas exibir, sem pudor, a história obscena com a madrasta.

O público bem gostaria de ouvir; mas o tribunal interpunha-se: cobria com o seu escudo o Código (à falta da virtude, pois teria sido muito difícil encontrá-la!) O doido furioso recusava, insolentemente, calar-se; achincalhava o presidente, e ter-se-ia atirado ao seu advogado, se não estivesse seguro pelas algemas. A fim de pôr fim a essa disputa, foi preciso levá-lo para fora da sala. A acusação e a defesa decorreram, depois, sem interesse. Mandaram-no chamar para a leitura da sentença, da conclusão da qual ninguém duvidava. Por unanimidade, foi: Sim: «Culpado... em minha alma e consciência». Sem circunstâncias atenuantes, era a pena de morte.

Simão, muito vermelho, mas impassível durante a leitura da sentença, dardejou o seu olho de brasa ardente sobre o júri, mediu-os todos, um por um, ferozmente, e depois disse:

— Só tenho pena duma coisa, é que não haja em

França uma dúzia como eu, para vos furar a pança a todos.

Imediatamente arrastado para fora do pretório, urrava:

— Assassinos!... Atiro-lhes com a minha cabeça. Comam-na!

O público rugia juntamente com ele. Parecia presa de loucura. Jamais espectáculo algum o dominara tanto. O verdadeiro «teatro do povo», tão procurado, ei-lo! Ao menos mata-se a sério! A matilha não se engana: cheira-lhe a sangue. Ladravam. Havia fêmeas prestes a tombar em convulsões. Sem distinção de classe, confraternizavam. Marcos, lívido, arrastado por João-Casimiro, foi agarrado por uma Bette irreconhecível, excitadíssima, que derramava um chorrilho de palavras incoerentes, ria e chorava. Em dado momento, João-Casimiro, que a espiava, agarrou-a, quando ela ia desmaiar. Fê-la sentar num degrau da escada. Bette recuperou, quase imediatamente, o pouco que lhe fazia as vezes de espírito, mas foi para ser tomada de náuseas. Marcos não estava longe de as sentir também. Conseguiram fazer-lhe descer a escada; mas em baixo, a um canto, vomitou.

Fraternalmente, João-Casimiro segurava-lhe a cabeça. Queria acompanhá-la a casa, mas não podia abandonar nem um, nem outro. Meteu-os num táxi e deu a morada de Bette. Esta, porém, recobrou um vigor inesperado para protestar: quis que a deixassem em casa de Ruche. No trajecto, vomitou uma vez mais. João-Casimiro levou-a a casa de Ruche; voltou a descer, juntou-se a Marcos no táxi e levou-o ao seu quarto, no hotel. Marcos, desfigurado, deixou-se conduzir; não ousava descerrar os dentes: tinha o coração à flor da boca. Encontrou-se, sem saber como, no quarto de João-Casimiro, em cima da sua cama. João-Casimiro dizia-lhe:

— Deita-te!

Marcos teve vergonha. Mostrou-se duro. Disse:

— Desempenharam bem o seu papel. O espectáculo valeu a pena!

João-Casimiro não se deixou enganar. Era demasiado fino para ir discutir com ele o assunto. Via ferver o seu café numa elegante cafeteira de viagem. Fez-lha admirar. Enquanto sorviam o aroma das xícaras, tomou o seu sorriso de Arlequim para perguntar:

— Que te pareceu a parva?

— A Bette? — perguntou Marcos, admirado.

— Sim, a parva da Bette?...

— Não compreendo.

— Olhaste para ela?

— Pobre rapariga! Tem mau aspecto. Emagreceu.

— Mas não da barriga!

Marcos abriu a boca... Compreendera... Não falaram mais de Simão.

Dois dias depois, à noite, Marcos recebeu a visita dum homem novo, cujo rosto feio, desagradável, famélico, não lhe era estranho. Antes que o identificasse, o visitante apresentou-se: o advogado de Simão. Não era muito hábil na maneira de exprimir-se e a sua palavra não possuía qualquer atractivo. Mostrava, porém, uma comoção sincera. Disse que o seu cliente se recusara a assinar o pedido de comutação da pena, e que o desenlace estava iminente, mas que Simão, instado em vão para exprimir a sua última vontade, o chamara no próprio instante em que ia retirar-se, para lhe dizer que gostaria muito de ver Marcos. Marcos, não sentia gosto nenhum nisso. A angústia subira-lhe de novo à garganta. Com voz surda, disse:

— Está bem, irei vê-lo, se é possível.

Esperava que não fosse. O advogado disse-lhe que conseguira a autorização necessária e que, se Marcos consentisse, iriam imediatamente à prisão: estava um táxi lá em baixo à espera. Não se podia contar com o dia seguinte. Marcos levantou-se:

— Nesse caso, vamos!

O advogado via a sua perturbação, e compreendia-a. No táxi, procurou manifestar, desajeitadamente, a comiseração que lhe inspirava o seu cliente; sabia a causa perdida de antemão: fora por isso, aliás, que lha tinham entregado. Aceitara-a, pois conhecera, também, o desespero a que a miséria, a sede de gozar, sempre insatisfeita, e o feroz abandono dos pais, podem levar,

em Paris, um camponês pervertido do após-guerra. A sua amargura era profunda, mas sem vigor. O homem nascera vencido. Não convinha a ninguém colocar-se sob a sua égide. Marcos, que escutava sem dar muita atenção, afastava-se instintivamente.

Fora dada ordem na prisão. Entraram. À porta da cela, o advogado apertou a mão de Marcos e deixou-o sòzinho. Marcos entrou, como se fosse para a cova. Uma luz branca, despojada de vida, caía da vidraça ao alto, coada e baça. Não havia ali sombra. A sombra é a vida.

O morto estava de pé, a um canto. Foi para Marcos, que permanecia pregado à entrada e que, sem querer, recuou meio passo, deu com as costas contra a porta fechada. Simão percebeu o medo, e riu:

— Tens medo?... Então, meu rapazinho, acalma-te! Não é a tua pele que vão apanhar... A tua pele, meu felizardo, é tua.

Marcos corou. Disse com vergonha e dor:

— Simão, julgas que tenho em muita conta a minha pele? Santo Deus, pelo que ela vale!

Num tom bonacheirão, Simão disse:

— Não vale muito; mas, ainda assim, conserva-a. Fica-te bem.

Estava de pé em frente de Marcos, de pernas afastadas, braços oscilantes. Marcos, que não ousara ainda fitá-lo, levantou os olhos e viu a cara gorda, de crânio rapado, que lhe sorria sem malícia. Sentiu um impulso. As suas mãos receosas, que se disfarçavam atrás das costas, estenderam-se. Simão agarrou-as.

— Uma porca maçada, a que te impus!... Heml meu caro?... Eu já sabia! Foi mesmo por isso que o fiz... Tinha apostado a minha cabeça comigo mesmo em como não virias... Vieste. Perdi. Alguém ganhou...

— Simão — disse Marcos, com voz trémula — em que posso ajudar-te?

— Em nada. Em estar aí. Em me provar que há ainda, neste bordel do mundo que vou deixar, um rapazinho que ainda não se vendeu por completo, que não se renega, que não me renega... Tu tremes sem razão...

Sim, tu tremes... Como na audiência... Não foste forte! Meteram-te medo. Tiveste medo, apressaste-te a pedir perdão, a retirar o que tinhas dito... Não importa, disseste-o... Sòzinho contra os lobos, os ratos peludos, os porcos... Não foi lá muito mal, para um rapazinho como tu! Fiquei contente contigo. Tens no bucho mais honestidade do que todo o rebanho junto.

Marcos sentia-se mais humilhado do que lisonjeado. Fez um movimento imperceptível para se encrespar e disse amargamente:

— Obrigado pelo atestado de honestidade!

— Julgas que não sou qualificado para to passar? Enganas-te, meu menino. Sei-o por experiência!... Não considero honesto um carneiro capado. Podes ter sujado o pêlo na sânie e no sangue, és honesto se não foges, se não dizes covardemente: «Não fui eu», se lhes escarras nas ventas: «Eu! *Me, me! adsum qui feci!*», (*) se aceitas a tua responsabilidade.

— Tu aceita-la?

— Aceito. Se fosse preciso voltar a fazê-lo, fá-lo-ia... Fá-lo-ia melhor.

Marcos não tinha vontade de discutir. Murmurou:

— De que servia?

— De que serve viver? Viver é matar ou ser morto.

— Não! — gritou Marcos fazendo um gesto com as mãos para se proteger, como uma criança.

Simão examinou-o com um sorriso de comiseração.

— Vitelo de leite! Precisas sempre da teta da vaca... Vamos! Os cornos já despontam, porém, na tua testa.

— Na arena, o toiro está sempre condenado de antemão.

— Pois bem, procura ao menos que o espectáculo seja belo! Estripa o matador!... Eu, feito idiota, deixei-me ficar encornalhado na barriga dos cavalos... Tu farás melhor.

(*) *Fui eu, fui eu que o fiz!* — «*Eneida*», de Virgílio. *(N. do T.)*

— Foi para me dizer isso que me mandaste chamar?

— Por que não? — disse o cíclope, empertigando-se todo. — É o meu testamento à sociedade!

— Legas-lhe um monstro?

O olho único teve um clarão de alegria, humanizou-se. Simão comprimiu nos seus rudes punhos os magros braços do jovem amigo:

— Pobre monstrozinho! Ele tem medo da sua sombra... Faças o que fizeres, conheço-te, combaterás... Queiras ou não queiras!... Quem toiro nasce, toiro morre. Não o podem castrar... Isso é contigo! Já não preciso de me ocupar disso... Se te pedi que viesses cá, meu rapaz (não vou mentir numa hora destas), foi porque, por mais curtido que se esteja, se tenha o coração mais duro do que os punhos, se odeiem os homens e se lamente não ter podido fazer ir a barraca pelos ares, no momento de nos evadirmos sente-se por minutos uma fraqueza nas pernas e, na língua — a língua seca do toiro —, o desejo de lamber uma vez, uma vez ainda, o pêlo dum outro garraio...

Marcos olhou-o; teria querido sumir-se. Sentia os braços tremerem sob a pressão dos dedos de Simão, que lhe sussurrou, com desajeitada ternura:

— Custar-te-ia muito beijar-me?

Marcos beijou-o, mais morto do que vivo.

— Obrigado. Agora vai-te embora! — disse Simão. — És o único de quem gostei.

Marcos não conseguiu encontrar a porta. O pulso de Simão, fraternalmente, conduziu-o até ela. Nem sequer teve forças para se voltar e dizer adeus ao homem que ia morrer.

No dia seguinte, a cabeça caiu.

Durante esses dias, Marcos expandia, mais do que nunca, todos os seus pensamentos nas cartas à mãe. Para as almas afins, a ausência é o maior benefício: liberta-as do pudor; quebra entre elas todas as barreiras. Era uma estranha correspondência. Não se diria ser dum filho e duma mãe. Sentiam-se ambos à margem da sociedade. Não estavam apenas libertos, no fundo do coração, dos seus preconceitos, da sua moral convencional e das suas leis (milhares de homens e de mulheres, hoje em dia, fazem o mesmo); haviam construído, com instinto seguro, as suas leis próprias, o seu pacto moral de aliança e de união: o pacto secreto da mãe e do filho na floresta, inscrito pela natureza.

À medida que o pequeno crescera, as relações tinham mudado de carácter; insensìvelmente, a mãe dera lugar de relevo ao primogénito: estavam agora na mesma margem e o curso de água já não corria entre eles: matavam a sede nela, lado a lado; cada um levava ao outro a sua caça, as suas experiências da floresta: partilhavam-nas, novas ou antigas; e não eram as mais antigas que pareciam ao jovem as menos novas; nem as mais novas eram para a mais velha as menos substanciais.

Marcos contou-lhe todo o drama. Este passara tão de perto pela sua vida, que lhe parecia ter o cutelo, ao cair, silvado junto dos seus ouvidos. Disse-lhe que, se o golpe não o atingiu, foi uma questão de acaso: Simão

poderia ter sido Marcos, e Marcos, Simão; o desespero, a demência, o crime, rondam em cada um de nós: uns resistem, outros sucumbem, sabe-se lá porquê. «Foi ele, poderia ter sido eu. Não tenho o direito de condenar ninguém...» Não ficou surpreendido ao ver Anita responder-lhe: «Não, nem tu nem eu temos o direito de condenar esse infeliz» e de lhe falar de Simão com uma comiseração compreensiva. Acrescentava, porém, e o seu coração sobressaltou-se: «Não é, contudo, verdade, meu filho, que ele poderia seres tu e tu terias podido ser ele. Tu és o que és: tu... O meu fruto... Pode ser arrancado da árvore; mas não pode ser bichoso... O crime e a vergonha rondam, sim, eu sei, à tua volta, à minha. Não entrarão, porém, no nosso íntimo. Serias tentado em vão... (Já o foste... Não mo disseste, mas desconfio... e quem te diz que não o fui também?...) Graças a Deus, não querem nada connosco.»

Marcos sentiu um calor por todo o corpo e estremeceu... «Já o foste...» Ela, também, «já o fora!...» e dizia-lho!... Com um gesto, a mãe acabava de varrer o seu medo secreto. Se ela roçara os mesmos abismos e estava tão senhora dos seus passos, seria estranho que ele, um homem, o não estivesse! Para a experimentar, ia, contudo, mais longe do que nunca nas suas confidências. Falava-lhe de certas horas dessa demência em embrião no fundo dos rapazes, que o fazia acordar em sobressalto, ofegante, de dedos crispados, à beira da infâmia. Depois, pensava: «O que eu disse!...»; mas ela respondia:

«Estiveste à beira. Viste o fundo. Está bem. Nunca mais serás apanhado de surpresa. Fiz o meu Marcos para que ele se arrisque; mas fi-lo, também, para que resista. Arrisca-te. Arrisco-me e arrisquei-me. Nem a toda a gente é dado perder-se». Acrescentava, com o seu livre sorriso, grave e malicioso: «Experimentei vinte vezes. Nunca o consegui. Não serias mais hábil. Resignemo-nos, meu querido, e beija-me!»

Quando chegou a estas linhas, Marcos bateu os pés de alegria. O sobrado do quarto abanou. Assoprou a

vergonha com os lábios, com uma baforada de fumo do cigarro. «Vai para outros pulmões!» Nesse dia, pelas ruas, aspirava, por bravata, o ar sujo. Dizia: «Tenho o meu ar. Tenho a minha terra firme debaixo dos pés. Tenho, no meu sangue, a minha Rivière.»

Não nadava, contudo, em oiro. A vida foi-lhe dura nesse Inverno. A sorte não favorecia a coragem de Marcos; e a sua saúde sofreu com as privações. Recusava-se a apelar para a mãe, e teve até o absurdo amor-próprio de repelir a oferta de dinheiro que ela lhe fez. Em primeiro lugar, não tinha a certeza de que a mãe se não privasse dele; em segundo, o tolo do galaripo não se resignava a aceitar o dinheiro duma mulher... A mãe é, por acaso, uma mulher?... Sim, para ele era!... A sua carta de recusa estalou secamente: «Não insistas!» Anita não insistiu... Os estúpidos dos homens... mas sentia-se bem contente por ele ser assim.

Se não aceitava o dinheiro de Anita, pensava sempre nela. Se não a tivesse trazido em si, nesse duro Inverno, ter-se-ia sentido muito só e transido. Aquecia-se a essa chama, como a um fogo que ninguém via. Nem sequer ela, segundo julgava. Anita, porém, estava demasiado ligada a ele pelas fibras mais secretas, para não ver luzir em certas palavras, tensas e ásperas como blocos de carvão, o grão de fogo concentrado. Adivinhava ser, obscuramente, o objecto duma exaltação violenta e pura, quase religiosa. Embora a considerasse absurda, sentia no peito uma humilde gratidão. Os combatentes têm necessidade duma ilusão de amor e de veneração... «*Non sum digna*... mas agradeço-te, meu jovem cavaleiro...»

Essa estranha comunhão, inexpressa entre eles, guiou o jovem combatente nas águas negras e geladas desses meses de solidão e de tortura, sem se afundar... Sentia, porém, os pés muito frios! Certa noite, ia já atrasado e batia-os com força na rua, quando julgou ver, através do nevoeiro, num canto do passeio mal iluminado, uma forma conhecida. Fez uma manobra brusca

para a ver sem ser visto. Não se enganava: era ela, era Ruche. Encostada a um quiosque de jornais, encerrado, de maneira que a luz do candeeiro a não atingisse, espiava a porta duma casa. Parecia estar à espreita da caça, acaçapada, o busto projectado para fora do abrigo. Marcos parou, dissimulando-se a alguns passos. A rua estava deserta. Um relógio marcava uma hora da manhã.

Ruche não se mexia. Tinha o olhar cravado na porta fechada... A porta entreabriu-se. Ruche preparou-se para saltar; o braço direito irrompeu-lhe da sombra, elevou-se, mas imediatamente voltou a dobrar-se... O homem que saíra não era o que ela esperava... Acaçapou-se de novo, a ouvir os passos do estranho que se afastavam. Marcos voltara a dobrar-se também; mas vira o braço, e agora sabia. Aproximou-se sem ruído, contornou o quiosque e agarrou-a. Ruche teve um sobressalto de terror e de cólera, debateu-se, sem um grito, mas cravando-lhe as garras. Marcos começara por lhe arrancar a arma, torcendo-lhe o pulso. Imobilizara-a com força contra a parede, a resfolegar junto da nuca da mulher que, inclinada, lhe mordia a mão:

— Ruche! Sou eu! Marcos! Ruche, minha amiga, não tenhas medo!... Queres largar-me?

Após uma luta breve, mas violenta, a frenética, vencida, cedeu. Os seus últimos estremecimentos acalmaram-se numa crise de soluços. Marcos apertou-a, com a boca em pranto, contra o peito...

— Vamos! Vamos...

Levantou-lhe o queixo; como não podia alcançar o seu lenço, limpou-lhe as faces e o nariz com os dedos, num gesto de ama de leite. Ruche, desalentada, deixava-o fazer. Marcos enterrou-lhe bem na cabeça a boina que lhe caíra; compôs-lhe o casaco desapertado e em desordem, e, quando a viu sem resistência, pegou-lhe no braço, pôs-lhe a mão sob o cotovelo e levou-a. Ruche deixava-se conduzir como uma sonâmbula... Aonde iam? Não sabiam. Ela não tinha opinião a dar. Onde ele ia, ia ela, sem ver, atravessava a rua, voltava à

direita, à esquerda, dòcilmente. Que lhe importava? Ter-se-ia sentido bem da mesma maneira no fundo da água. Marcos falava maquinalmente, sem que nem ela nem ele ouvissem o que dizia. Perguntava a si próprio: «Que hei-de fazer?»... Levá-la a casa? Deixá-la sòzinha naquele estado não seria, nem humano, nem prudente. Os seus passos encaminharam-no para o hotel da rua Cujas, onde habitava. À porta decidiu-se.

— Sobe!...

Pensou em voz alta:

— Cada um por seu turno!

Era a sua vez de dar guarida à desesperada rapariga. Ruche não fez qualquer objecção, o mínimo gesto de recusa ou de aquiescência. Subiu.

No quarto miserável, sujo, em desordem (teve vergonha de ela o ver assim, mas Ruche não via nada...), a rapariga permanecia pregada ao chão. Marcos fê-la sentar em cima da cama; executava todos os movimentos que ele lhe mandava fazer, sem reagir, os braços pendentes e as duas mãos de palmas para baixo. O rapaz franziu a testa, mordeu os lábios e resolveu-se. Tirou-lhe a boina, desapertou-lhe o casaco, descalçou-lhe os sapatos e deitou-a em cima da cama. O corpo tinha agora uma reacção nervosa, estremecia sob uma vaga de frio. Marcos murmurou:

— Mete-te na cama!... Faz o que te digo, minha velha!...

Soergueu-a para abrir os lençóis por debaixo dela. Ruche deixou-se despir, de olhos abertos, o olhar ausente. Os seus ombros magros não sentiam o contacto dos dedos desajeitados que a despiam. Marcos cobriu o leito com todo o vestuário pesado e quente que encontrou na sua mala. Enquanto lhe aquecia uma bebida na sua lâmpada de álcool, sentara-se ao pé da cama, e, introduzindo um braço por debaixo dos lençóis, aquecia-lhe com as mãos os pés gelados metidos nas meias. Estavam ambos absorvidos na mesma imobilidade de esgotamento. O crepitar da água da chaleira que se derramava sobre a chama, despertou-o.

Levantou-se, fez um grogue e ergueu-lhe a cabeça, a fim de lhe fazer engolir algumas goladas. O líquido, a princípio, voltou a sair-lhe da boca e escorreu-lhe do queixo ao longo do pescoço; a quentura despertou-a. Fitou Marcos, finalmente, com olhos que consentiam em vê-lo. Contemplou os olhos inquietos dele, o copo fumegante que segurava, os seus modos desastrados que procuravam introduzir-lhe na boca uma colher. Ruche abriu o bico e engoliu, como uma criança. As suas faces readquiriram uma certa cor. Afastou o copo com um movimento apenas esboçado. Marcos, aliviado por a ver voltar à vida, apertou-lhe as têmporas com as mãos e disse-lhe:

— Agora dorme! Sentes-te bem quente?

Quase a seguir reparou na fronha suja do travesseiro debaixo da cabeça da rapariga e encheu-se de confusão. Em vez de a ocultar disse:

— Desculpa!

Foi buscar uma toalha limpa para a pôr entre o travesseiro e a cabeça. Essa vergonha ingénua despertou Ruche por completo. Depois de ter levantado um canto da toalha, sorriu, tirou-a, deixou-a cair no soalho, e, encostando a face contra o travesseiro, fechou os olhos.

Marcos esperou ainda um momento; depois, vendo-a tranquila, instalou-se como pôde em cima de duas cadeiras e apagou o candeeiro.

Na escuridão, a voz de Ruche disse:

— Ouve lá! Como vais passar a noite?

— Não te preocupes! Estou bem.

— Não podes dormir em cima duma cadeira.

— Não seria a primeira vez.

— Então, pelo menos, encosta a cadeira contra a cama, para não caíres!

Instalou-se em cima das duas cadeiras ao longo do leito, de pés levantados para a cabeça de Ruche, e a cabeça quase apoiada aos pés desta.

— Sim, aperta-mos — disse Ruche. — Isso faz-me bem.

Marcos apertou-lhos.

Após um momento, a rapariga disse:

— Tu és bom.

— Não sei... Não me parece...

— Quando eu digo «bom», é por comparação.

— Com quem?

— Com os outros cães.

— Também o sou.

— E eu, uma cadela.

— Sim, era-lo, esta noite.

— E nem sequer ter sido capaz de lhe abrir a barriga!

Dava pontapés na cama.

— Vamos, basta! Não esperneies! Estás segura.

Marcos apertava-lhe com força os tornozelos.

— Escuta, Marcos, é preciso ao menos que saibas, já que a sorte quis que entrasses na minha teia.

— Não preciso de saber nada... Saber quê? Uma estúpida história de amor enganado, se pode chamar-se a isso amor...

— Sim, eu chamo... Que me interessa que se chame assim ou de outro modo?... Ele desejou-me e desejei-o. Possuiu-me e possuí-o. Agora repele-me, está satisfeito. Deseja outra, possui outra. Quero matá-lo...

Marcos ralhou:

— Então, ó Ruche, acaba lá com essas tolices! Espero que não irás recomeçar?

Ruche engoliu a saliva, respirou profundamente duas ou três vezes, depois disse:

— Sim; acabou-se. A tentativa falhou; não a posso repetir... mas tenho necessidade de te contar, para desabafar, para me vingar...

— Minha pobre amiga, essas històriazinhas não me interessam. Cala-te!... Além disso, estou tonto, a morrer de sono...

Ruche riu nervosamente:

— Tanto pior!... Morre... mas ouve!... É-me indiferente que te interesse ou não. Também a mim me desagrada. Esfregar-te-ei o nariz. (Agarrara-lhe a cabeça pelas orelhas e esfregava-lhe o nariz contra o lençol)...

Tu foste o terra-nova, tiraste-me da água, contra minha vontade... Tanto pior para ti! Para completar o salvamento, é preciso que absorvas a minha bolsa de fel.

— Está bem! — disse Marcos, resignado.

Não tardou, contudo, a dormitar. Ruche, sentada no leito, inclinada para ele, recitava furiosamente a sua cantilena, e, para despertar a atenção adormecida, sacudia-lhe de tempos a tempos a cabeça que os seus dedos febris palpavam. O sono, contudo, era o mais forte. Marcos percebia apenas esse sussurro como uma canção de embalar, um tanto agitada... Pensava numa noite no mar... A última coisa de que tinha consciência era dos dois pés que remexiam, remexiam nas suas mãos, se dobravam como mãos enquanto ela falava...

Embora soubesse que Marcos já não a escutava havia muito tempo, Ruche foi até ao fim da sua história. Só então, saciada e limpa, parou. À paragem brusca desse moinho de palavras, Marcos fez um movimento a meio do sono. A cadeira em que tinha as pernas oscilou. Ruche agarrou-o pela cintura e, com os dois braços passados à volta dos quadris, puxou o dorminhoco para cima da cama, ao lado dela. Marcos estava todo vestido, mas descalço. Ruche pousou-lhe os pés em cima do travesseiro, junto da cara, com a cabeça voltada para os pés e juntou-se a ele no sono. Assim passaram a noite, lado a lado, ela nos lençóis, ele por cima. Estavam ambos esmagados de fadiga. Formavam bloco. Dormiram como se pode dormir nessa idade, sete horas de enfiada, sem um movimento. Eram quase onze horas da manhã quando acordaram no mesmo sítio, os dois juntos.

Marcos, estupefacto, sentou-se na cama dum salto, viu contra os pés a face de Ruche, retirou-os precipitadamente para debaixo de si, balbuciando:

— Desculpa, desculpa!...

Ruche riu e disse:

— Obrigada! — e sentou-se, como ele, sobre os calcanhares.

Ali ficaram a olhar-se, acocorados em cima do leito, como dois bonzos.

— Tenho vergonha de ti — disse Marcos.

Ruche esfregou o nariz contra o nariz dele.

— Envergonha-te, envergonha-te, estúpido gaiato!... Nunca tive um travesseiro melhor... Que belo sono! Estou lavada, esvaziada de todo o fel que me infectava. Tenho a certeza de que não ouviste nada, que não retiveste nada de tudo quanto te disse a noite passada...

Marcos procurou na memória:

— Nem uma palavra.

— Não interessa! Recebeste o pacote inteiro. Faças o que fizeres, meu amigo, hás-de encontrá-lo aos bocados, um dia ou outro: porque eu meti-to pelos ossos do crânio: tinha a boca colada por cima, enquanto falava.

— Bonito presente!

— Que queres? Só nos sentimos aliviados quando esvaziamos a nossa carga sobre outrem.

— Estás aliviada?

— Absolutamente. O estômago vazio. O coração livre. Limpa e fresca.

— Então, está bem. Não digo mais nada.

— Fazes bem. Porque se te atrevesses agora a fazer alusão a qualquer coisa da noite passada, eu negaria. Nego... Experimenta!... Não se passou absolutamente nada.

Desafiava-o. Marcos permanecia boquiaberto perante o aprumo desse rosto sorridente e repousado, que não conservava o mais leve traço das convulsões da noite.

— Benditas mulheres! — disse ele. — Têm sete almas e sete caras.

Ruche disse:

— É muito pouco.

Tomou-lhe as faces entre as mãos e beliscou-lhas:

— Meu lindo menino!... Meu rapazinho!... Como estás magro!... Quanto te devo!... Fazes sequer uma ideia?... Não, não tentes! É melhor que seja só eu a dar conta disso.

— Eu, porém, sei perfeitamente...

— Vejam só isto!... O presunçoso! Tolo vaidoso!...

Agora, vai fazer render os serviços prestados... Pretenderá talvez que lhos pague...

— Pois evidentemente. É preciso pagar.

— Judeu!... Diz o preço!

— Que te comprometas comigo a nunca mais recomeçar.

— Todas as vezes que recomeçar, virei antes pedir-te autorização.

— E se a recusar?

— Obedecer-te-ei.

Ao gracejo sucedera, bruscamente, um tom de voz firme e sério, e olhos francos que diziam:

— Acabou-se a brincadeira!

— Combinado! — disse Marcos. — Prometeste.

Deram-se as mãos.

— Agora — proferiu Ruche, estendendo as pernas — vamos comer! Tenho uma fome...

Saltou para o chão. Marcos estava confundido. A sua bolsa estava vazia. Ruche já calculava e disse-lhe descaradamente:

— Estás por minha conta. Sou eu quem paga!

Marcos protestava enèrgicamente.

— Meu menino, ou me fazes a vontade, ou então, nada feito! Recomeço a minha matança.

Marcos discutia.

— Cala o bico! Abri-lo-ás diante do prato.

— Ruche, queres humilhar-me.

— Pois claro que quero. É excelente para a tua saúde. Tu estoiras de orgulho. É preciso que o sangre. Limpaste-me. É a minha vez!... Mas diz-me, nunca comeste com o dinheiro duma mulher, pois não?

— Claro que não!

— Óptimo! Comerás do meu.

Esfregava as mãos, fez uma pirueta, agarrou-lhe o braço, beliscou-lho na escada e saiu com ele para a rua.

No restaurante de estudantes, devoraram a carne a sangrar. Ruche acrescentou ao habitual uma sobremesa, um queijo de Brie muito amanteigado e um vinho velho de Beaune. Os seus olhos brilhavam maliciosamente e

desafiavam-no. Marcos não respondeu ao desafio. Deixava-se manobrar, resignado — muito satisfeito —, a consciência muda e entorpecida, como um cão de guarda saciado. Era bom matar, ao menos uma vez, a fome!

Quando saíram, Marcos tinha de ir para o trabalho. Ruche disse-lhe:

— Dá-me a tua chave!

À noite, encontrou-a instalada no quarto, a remendar-lhe as camisas e as peúgas. Todas as gavetas e a mala estavam vazias. Papéis, peças de vestuário, atravancavam o leito, as duas cadeiras e o chão. Não estava tudo limpo, longe disso! Marcos atirava a roupa suja para um canto do armário. Ruche tirara tudo, arrumara, contara, examinara, e dera mesmo uma lavagem à roupa na bacia. Em frente da janela, numa corda, roupa de flanela e lenços escorriam.

Marcos sentiu desejos de se meter pela terra abaixo. Nada lhe era mais sensível do que deixar ver as suas misérias de corpo e as vergonhas da roupa interior. Deixou-se cair no leito, tapando os olhos com a mão. Repetia em tom queixoso:

— Ah! não, não, não!...

A voz de Ruche, com bonomia, disse:

— Vamos, vamos!... Então não achas isto naturalíssimo?

Marcos gemeu:

— Todos esses farrapos...

— Por isso mesmo. Estavam a precisar grandemente das minhas mãos.

— Não! Sujá-las nessas porcarias!

— Se julgas que não estão habituadas! Quando se é mulher, vêem-se outras piores!

— Não é bem assim! Não, não. Não tinhas o direito...

— Tenho o direito que tomo. Era preciso que, depois da noite passada, retomasse o ascendente sobre ti. Retomei-o. Dispus-me a isso esta tarde!... Dissera-te: «Hei-de lavar-te»... e lavei-te... Meu porcalhãozinho!...

Marcos desaparecia do quarto, cheio de vergonha.

Ruche mandou passear o trabalho que estava a fazer, agarrou Marcos pelo braço, trouxe-o de novo:

— Meu menino... Gosto mais de ti, assim...

Marcos continuava a voltar a cabeça. Ruche agarrou-lha pelo queixo, fê-lo rodar sobre o seu eixo:

— Grande bruto!... Somos irmãos... irmãos de misérias...

— Irmãos porcos — disse Marcos, a grunhir e a rir, comovido.

— Isso que tem?

Marcos ajudou-a a juntar a roupa. O dia declinava. Era preciso acender a luz.

— Basta por hoje! — disse Ruche. — Ainda ali deve haver para uma tarde. Voltarei amanhã.

— Como? — disse Marcos — Vais-te embora?

— Evidentemente. Volto para minha casa.

Ruche viu a sua mágoa.

— Sim, meu amigo. Não se arrisca duas vezes a bela aventura desta noite.

Marcos tinha um ar pesaroso. Ruche riu:

— Não achas? Quando uma coisa dessas acontece por acaso e não dá mau resultado, seria tentar o diabo recomeçar.

— O diabo gostaria muito de ser tentado.

— Pois sim!... E a diabinha?!

— Então?...

— Então, não.

— Tens razão. O que se passou foi demasiado bom.

Ruche ajeitava o cabelo com o dedo debaixo do capuz, vendo-se ao espelho pendurado na janela; via Marcos por detrás de si.

— Apesar de tudo, és bom rapaz.

— Também não és tão má como pareces!

— Sou-o suficientemente, garanto-te, para os meus amantes.

Voltara-se em atitude ameaçadora.

— E então, nós?

— E então, nós... Precisamente!... Que sorte em não o sermos!... Vamos, não faças esse beicinho de amuado!

— Amuado não!

— Sim, mentiroso!... Anda, diz comigo: «Que sorte!...»

Marcos deu-lhe as mãos, Ruche tomou-as.

— Que sorte em seres tu, em ser eu, e em nos darmos as mãos!

A seguir, trocista:

— Era os pés que nós dávamos.

— Andaste em cima de mim, e eu por cima de ti. Se não somos amigos nem amantes, Ruche, então o que *somos?*

— *Somos* a terra. Estávamos enterrados no lamaçal, retomámos o pé, retomámos terra. Agora, vamo-nos. Para despedida — uma vez sem exemplo — podemos beijar-nos.

Beijaram-se em plena boca, como dois gaiatos.

— Sempre voltas? — perguntou Marcos.

— Assim é preciso! Farroupilha, tenho de te remendar os trapos... Além disso não dissemos nada, hoje. Amanhã, falamos.

NÃO falaram nada, no dia seguinte. Quando Marcos voltou do trabalho, atrasado, Ruche já se tinha evadido. Deixara o monte de roupa bem arrumado e um par de peúgas em cima da mesa, com dois buracos à mostra, onde deviam caber, pelo menos, seis dos dez dedos. Era como um descarado bilhete de visita a dizer: «Voltarei amanhã».

Voltou. Era sábado. Tinham a tarde para conversar. Ruche sentou-se em cima da cama. Marcos estava escarranchado numa cadeira. Deixavam os cigarros queimar-lhes os dedos, esquecidos de os fumar. A intimidade viera muito naturalmente, sem a procurarem. Ruche esvaziava-se dos seus mistérios. Bela fanfarronice essa dos seus amantes! Nunca tivera mais nenhum, além do da emboscada da tal noite. Concordava zombeteiramente, com um cinismo de alarde, que na sua vida libérrima, em Paris, onde correra atrás dos perigos, nunca pudera decidir-se a saltar o risco: uma repulsa quase física detinha-a sempre, no último instante.

— No entanto — afirmava — sou normal, estou sã, tenho necessidades, não tenho medo de as satisfazer, percebi isso com aquele idiota!... Por que havia de ser logo precisamente com aquele animal, aquele grande cavalo... (a minha vontade era partir-lhe um chicote nas costelas...) em vez de ser com um qualquer que me agradasse... por exemplo, tu?...

Marcos deixava-a falar. Depois, disse:

— No fundo, és uma mulherzinha francesa, que te obrigas a desempenhar um papel para o qual não estás preparada. Obstinas-te nisso por despeito, por desafio aos teus velhos. O teu lugar seria ao lado deles, na tua província... (Ruche protestava)... Não és feita para espiar os amantes, de noite, com uma pistola aperrada. És feita para ter na tua cama um marido, um bom, um único, para toda a vida, e fabricarem juntos, conscienciosamente, filhos, catervas deles... Estou a vê-los dependurados das tuas mamas...

— Não as tenho. Põe aqui a mão!

— O melhor leite é o das vacas pequenas.

— Nem sequer sou uma vaca! Uma cabra magra a correr pelos campos. Julgas que ela se deixará prender a uma estaca para toda a vida!?

— Conservarás, se quiseres, a cabra na cabeça, a cabriolar, a morder, a roer nas outras estacas. Enganarás, mentalmente, mais de dez vezes o marido... Até, santo Deus, não vejo inconveniente em que o enganes uma ou duas vezes. Uma ou duas vezes, em toda a vida, não é assim uma coisa por aí além!...

— Havia de ser contigo, meu grande sem-vergonha!

— Não, não, não se trata de mim.

— Mas diz-me, Marcos, diz-me francamente, nunca pensaste nisso uma só vez, desde que nos conhecemos?

— Em quê?

— Em que te enganasse?

— Não, palavra que não. Pensas nisso?

— Tento neste momento, mas não consigo.

— Não fomos feitos para nos jungirmos.

— Compreendemo-nos, no entanto, tão bem! És o único que viste em mim, e eu vejo-te... É por isso precisamente! Só podem unir-se aqueles que não vêem nada.

— É precisa a noite para se enlaçarem.

— Tê-la-ás, fá-la-ás, tenho a certeza disso. Cairás na rede da que mais te puder prejudicar. Não aceitarias uma sempre igual, tranquila, em quem confiasses. Haveria luz a mais!

— Talvez seja verdade.

— Cada um dos dois sabe melhor o destino do outro, o que o outro deve fazer para seu bem. Naturalmente, o outro não o fará.

— Então não vi lá muito mal (não concordas?) o que devias ser, o que és?

— O que não sou. Sim, esta vida que levo em Paris, disseste bem, é a minha destruição. Nasci Ruche, uma *ruche* (*) muito minha, ao sol de ardósia do meu Líger. Estas enormes termiteiras, com os seus cogumelos de pensamentos envenenados, enchem-me de nojo e de horror. A minha vontade era deitar-lhes fogo. Venham os gases acabar duma vez com estas porcarias!

— Pois bem, vai-te! Foge! Volta para o campo!

— Não posso.

— Porquê?

— Por causa do meu velho. Ele desafiou-me.

— Julgas que a lição que lhe deste não basta para que se porte com juízo?

— Oh! já não tenho medo dele! Está doente. Ficaria quietinho. Só teria medo duma coisa: que eu partisse outra vez.

— Então?

— Então, ele é que tem de dar os primeiros passos.

— Queres que te peça perdão?

— Que estenda a mão!

— Se não o fizer, não te mexes?

— Não, claro que não!

— Cabeça de burra!...

— Cabeça de cabra!...

Marcos recomeçou as suas exortações. Ruche escutava-o calada. Achava *in petto* que ele tinha razão; mas estava resolvida a manter a sua atitude.

Para mudar de conversa (seguia, porém, obscuramente o seu pensamento), Ruche falou-lhe de Bette.

(*) Jogo de palavras entre o nome Ruche, e *ruche*, colmeia, cortiço. *(N. do T.)*

A gravidez estivera quase a ter um desenlace trágico. A pequena-burguesa tonta, que continuava ingènuamente a negá-la, quando era tão evidente como o nariz na cara, não soubera aceitá-la, nem evitá-la. Por triste felicidade, uma queda numa escada aliviara-a; mas a sua vida também lá ia ficando.

— E quem era o engraçado? — perguntou Marcos.

— Nem ela própria era capaz de o saber exactamente. Boa, fraca, simples, tola, divertiram-se à sua custa enquanto quiseram.

— Quem?

— Todos, Véron, Simão, Chevalier, todo o bando. És o único que não aproveitaste.

— Minha pobre Ruche! Compreendo o teu ódio.

— Não; até odiar é um erro. É preciso saber que há apenas uma lei na selva: ser o mais forte. Desgraçados daqueles que se deixam enrolar!

— Não podemos estar sempre na defensiva.

— Ataca, então! Não há outra escolha!

— E nós, neste momento, Ruche?

A rapariga foi ajoelhar-se diante dele, e poisou-lhe a face nas mãos:

— Tréguas de Deus.

Marcos acariciou-lhe docemente a cabeça:

— Pois bem, é preciso aproveitar. Salva-te, Ruche! Foge da selva! Acabarias por deixar cá os teus ossos, os teus ossinhos brancos. Isso seria lastimável. Vales muito mais do que dizes. É inútil procurares diminuir-te. Não te acredito...

Ruche beijou-lhe a palma das mãos.

— Que temos todos nós? Estamos malucos...

— Está tudo transtornado. A guerra, as guerras, a selvajaria dos novos tempos, que destruíram todos os velhos ninhos, estabeleceram a loucura no reino das formigas. Tu, que podes, refaz o teu! É o mais seguro. Penso que não te contentarás com o teu ninho; mas precisas de um. Para construir, é preciso começar pelo princípio. Faz a tua célula, o teu favo, e depois o cortiço.

Ruche levantou-se, suspirou, passou as mãos pelo cabelo, assobiou, espreguiçou-se e disse:

— Padre Marcos, devias ir pregar o catecismo.

Riu-lhe na cara, puxou-lhe pelo nariz e foi-se...

Ruche não fez nada; deixou passar o tempo. Um dia, voltou, vestida de luto:

— O velho morreu. Tinhas razão. Esperei de mais. Vou-me embora. Demasiado tarde!...

Falava sem comoção. Marcos, porém, viu o seu desgosto e a amargura dos remorsos.

— O que está feito está feito — disse o rapaz, apertando-lhe a mão. — Minha Ruche, olha na tua frente!

— A tua Ruche, sim, está bem, há-de refazer-se. Procurará consegui-lo... É contigo, meu velho, que me preocupo. Tu ficas... Promete-me que, pelo menos, um dia provarás!

— De quê?

— De Ruche. De mim. Da minha família Da minha casa.

— Prometo, Ruche. Faz o teu mel.

Abraçaram-se.

MARCOS mergulhou de novo no balseiro. Estava então nesse furor de juventude — «em que o teu coração se funde no furacão, em que tudo soa em ti, e vibra, e freme...» —, nessa participação nas forças elementares que o jovem Prometeu de Francoforte (*) proclamava, de cabelo ao vento, no seu *Canto do Caminhante na Tempestade*. Marcos não possuía, oh! não, os seus magníficos dons líricos. Menos ainda possuía os seus privilégios de jovem e grande burguês, que conhecera todas as fomes do espírito, mas jamais a do estômago e a miséria do corpo esgotado, que se extenua para ganhar o seu pão. Tinha o sentimento da sua força torrencial, da sua comunhão com a Natureza, boa ou má: a mesma carne...

«Aquele que não abandonas, Génio,
Nem a chuva nem o vento
Podem abalar-lhe o coração.
Aquele que não abandonas, Génio,
Cantará em face da nuvem chuvosa,
Cantará em face da tromba de granizo,
Como tu, cotovia,
Como tu, lá no alto...
Aquele que não abandonas, Génio...»

O génio — o demónio — não abandonava... Batia as asas, furioso. No entanto, (basta de mentiras, poetas!)

(*) Goethe. *(N. do T.)*

a cotovia, lá no alto, só voa e canta porque está farta do grão pilhado em baixo. Nunca lhe sentiste a falta, Prometeu do Meno! Marcos tinha, porém, de procurar o seu na bosta, como os pardais de Paris. (Até a bosta se torna rara, na cidade que fede à gasolina dos automóveis).

Consumia-se loucamente, sem poder nunca encontrar o alimento e o repouso indispensáveis para manter um corpo jovem que arde por todos os poros. Ao fim e ao cabo, arranjara por algum tempo um emprego, mal remunerado e fatigante, de colocador e montador de aparelhos de rádio. (Como todos os rapazes da sua idade, — até os menos inclinados para as ciências — Marcos mexia nas «mecânicas» com desenvoltura).

Encontrava-se pois envolvido no grupo dos que manobram essa máquina inverosímil de fabricar a massa cerebral do novo género humano, atafulhando-o duma salada de ruídos, sons musicais e respectiva bicharada (chamam-lhes parasitas), de chiadeiras, gritos estridentes, roncos, descargas eléctricas, assobios que furam os tímpanos, uma torre de Babel de sermões e reclamos de boticários ou de tribunos, uma feira na praça do «cá vou eu!» da política e do palco, *jazz* e corais, *paso-dobles* e sinfonias, justapostos, superpostos, em dois, em três, em cinco andares, um desfile de cornetas e de clarins («Meu Deus, como gosto dos militares!») com a Nona de Beethoven — uma parada eleitoral numa melopeia de Debussy, — ou o vozeirão dum caixeiro-viajante tulosino, a duetar com o *vocífero* dum tenor de Milão... O desfile abracadabrante de todos os países, por classes de onda, que faz da carta da Europa um *puzzle,* onde todas as línguas, todas as raças, são trituradas sob o cilindro numa pasta única que só tem nome em Cafarnaum... É preciso, também, pensar, contudo (não há mal sem bem!), no êxtase alucinado dos pobres velhos Schulz abandonados, pregados no lar, que tão divina mensageira, expedida dos confins do mundo, visita no seu leito...

Marcos, extenuado, sujeito todo o dia ao manejo

dos odres de Eolo, saía do balseiro dos sons com os ouvidos pululantes de vibrações febris. Parecia que se tinham aberto nos seus ouvidos de jovem Siegfredo todos os ruídos da selva. Não eram, porém, os belos bosques frescos das margens do Sihl, onde se espraiava o ouvido mágico de Wagner. Marcos ouvia as harmonias saírem de barras de ferro de cima dum camião, dos carris que o pesado «eléctrico» abana, de tudo o que o rodeia, de de tudo em que toca, da folha que pisa, dum tinir de vidros que o sobressalta, do ar que zune nos seus ouvidos... Acabou-se o sossego!... Nenhum buraco onde sumir-se, por mais pequeno que seja, em nenhuma parte... É então esta a música das esferas, que nos prometiam os grandes mentirosos da Grécia e de Roma, de orelhas entupidas, tão pouco músicos (não ouviam nada!)? Santo Deus! Quem nos restituirá o silêncio, a morte sem ouvidos, o abençoado túmulo!

Marcos acabava de se desequilibrar, a tomar éter, que um viciado lhe dera a provar. Tinha cãibras e pesadelos, uma consciência exacerbada, desagregada, que perdia o seu eu, ou o encontrava multiplicado, aos pedaços, em turbilhões vertiginosos, sem ponto fixo. Era aliás uma doença da consciência europeia, consecutiva da supertensão sem medida, sem freio, sem proveito dos anos de guerra, e que os intelectuais cultivavam, como cultivam todas as doenças de espírito. (O espírito, em si, não é já uma doença?) Encontravam-se, desde os mares do Norte aos da África, em Joyce, em Proust, em Pirandello e nos auletes de todas as flautas que fazem dançar a burguesia-fidalga, os novos-ricos da inteligência.

O espantoso não era encontrá-la neles, mas que os profissionais do pensamento, os professores e os críticos, se contentassem em anotá-la, incensando-a, para se mostrar «em dia», em vez de reagir vigorosamente para salvar a saúde do espírito europeu, que a razão de ser deles era preservar. Marcos, pouco atraído pelo snobismo neurasténico do andrógino franco-semita, de olhos de veludo, ou pela desvergonha paralítica do irlandês, era antes

entregue ao contágio do mal do eu decomposto do alucinado siciliano Pirandello, porque, neste, a decomposição é acompanhada duma violência explosiva, que se liga ao acto e o desencadeia. O seu temperamento era aparentado com isso. Esse delírio mental, porém — inofensivo no escritor que dele se esvazia (sobretudo quando já atingiu a maturidade) —, tem repercussões num corpo de jovem ainda mal formado, febril, minado, esgotado por fadigas, jejuns e tormentos que correm o risco de o matar.

O corajoso rapaz lutava o melhor que podia, sem implorar misericórdia, sem pedir auxílio. Ofegante, de punhos crispados, com o busto debruçado no abismo, assistia a essa terrível dissolução dum mundo na cova, aspirava o hálito mefítico que exalava o cadáver duma civilização, prestes a cair de horror maldito e de asfixia, mas traspassado pelos tiros de violentas descargas. Apelava, contudo, e esperava, com uma fé cega e furiosa, que da boca do cadáver surgisse o caule direito e verde com a semente da vida nova, do novo mundo que ia vir. Porque ele viria! Era preciso que viesse...

«Sinto a sua ardência nas minhas entranhas. Ou morro, ou o semeio. Embora morra, semeio-o. Ele brotará!... Ele é — eu sou, — vivo ou morto, a onda de substância, a onda de espírito que se renova, o eterno Ressurgir...»

O hotelzinho do Bairro Latino transpirava febre. À noite, era o zumbido dum enxame de moscas. Ouvia-se tudo, de alto a baixo: o bater das portas, o ranger das camas e do sobrado, os risos idiotas das raparigas embriagadas, as discussões e as posses em cima dos colchões. Era como se cada um tomasse parte nisso. Todos por um! Vivia-se afogado no suor de todos aqueles corpos. Procurava-se um lugar seco nos lençóis. Todo o rebanho por lá passara...

Marcos acabara por encalhar ali, por miséria, por esgotamento, por asco até. Há um momento em que o asco é tão forte que nos abandonamos a ele, nos submergimos: já não escolhemos entre o mais e o menos fétido: nós próprios fedemos... Alugara um quarto no canto mais afastado da escada, ao fundo do corredor, o penúltimo, ali onde o ruído chegava mais abafado; mas assim como o ruído, a luz e o ar. Os vidros amarelos da janela, quase sempre fechada para evitar o cheiro nauseabundo, davam para a parede suja dum pàtiozinho onde jamais penetrara um raio de sol.

O último quarto do seu lado era ocupado por uma pessoa taciturna, ausente como ele durante o dia, que voltava tarde, se fechava, trabalhava, lia até altas horas da noite, quase não dormia, como ele: (Marcos percebia os menores movimentos através da parede delgada como uma folha). O hóspede não fazia qualquer ruído. Não teria conhecido o som da sua voz se, durante o sono, não tivesse falado, gemido, gritado mesmo. Era voz de mu-

lher, volúvel, sacudida, de modulações ricas, queixosas e irritadas. Nos primeiros tempos, acordado pelo fluxo de palavras numa língua que não compreendia, pensara que ela não vivia sòzinha, e batera com cólera contra a parede. Ela calava-se, então, e ouvia-a, depois, durante muito tempo, voltar-se na cama como ele, sem sono.

Lamentava a sua brusquidão, pois sabia demasiado o valor de algumas horas de sono em quem trabalha, para não sentir remorsos de ter interrompido o de outra pessoa. Imaginava (não sem razão) que a mulher a quem acabava de arrancar ao seu monólogo estava crispada com o receio de recomeçar. Na verdade, a estranha, a quem o brutal despertar esbofeteara, sentia as faces a arder na escuridão. Não que se preocupasse com incomodar os vizinhos. Tinha um desprezo total pelo que a rodeava; mas sentia cólera contra si própria por se ter denunciado durante o sono. Por isso, evitava voltar a adormecer até de manhã.

Com o tempo, habituaram-se um ao outro. Marcos impôs-se tolerar essas torrentes de palavras durante a noite; acabou até por encontrar nisso uma companhia: a voz era bela, grave, um tanto velada, áspera por vezes, por vezes dolorosa: Marcos sentia compaixão. Mais uma para quem a vida tinha sido um fardo demasiado pesado! Não sabia que ele próprio oferecia à outra um espectáculo da mesma natureza. Ela ouvia-o falar e agitar-se atrás da parede. Não fazia, porém, nada para o despertar, e Marcos, ao acordar, não sabia que tinha falado. Muitos outros, em casa, monologavam, agitavam-se em sonhos, e no seu ressonar arrotavam palavras informes. Todos esses corpos fatigados, a cozer no balseiro do sono, digeriam pesadamente a sua alma corrompida, enlameada, ferida, ávida e lassa, imploravam misericórdia ou ladravam à caça.

O delírio das noites tornava-se crónico para o organismo esgotado de Marcos. Pobre, subalimentado, num quarto insalubre, abusava das suas forças, matava-se com trabalho, defendia-se contra o desejo e, sugado por ele, com fogo no ventre e na cabeça, obstinado em pôr

ordem e domínio no caos, travava o seu combate de todos os instantes num deserto, afastado dos olhos de qualquer ser humano. Essa solidão mortífera entregava-o aos sobressaltos duma febre ardente, que absorvia todas as energias do corpo e do cérebro. Já não conseguia repousar.

Abusara dos narcóticos. Agora, mal caía no sono, começava a divagar. Por clarões de consciência, via-se no fundo do buraco e esforçava-se, desesperadamente, para sair de lá. Acordava, desvairado, morto de cansaço, desanimado, perseguido por alucinações do ouvido. Tudo fazia ruído, os menores objectos em que tocava, a barra do leito, a vidraça, o travesseiro. A sua febre captava as vibrações imperceptíveis e ampliava-as desmedidamente. Dizia para si angustiado: «Dou em louco». Lutou, durante noites seguidas; e de dia, aniquilado pelo refluxo da febre, acampava, prostrado, no campo de batalha. Na última noite, não se rendeu, erguido no leito, gritava: «Não!» Arrancava o inimigo das fontes e da nuca, com as unhas...

A porta abriu-se... Mãos de mulher agarraram-lhe os pulsos. Estupefacto a princípio, depois irritado, sacudiu-se. As mãos, porém, apertavam como um torno. Enfureceu-se. Baixou a cabeça, mordeu-as. Os seus dentes entraram na carne por baixo do polegar. A outra mão que o apertava libertou-se e aplicou-lhe um murro por baixo do queixo. Marcos largou a mão e encontrou-se, aturdido, de cabeça caída no travesseiro; e uma rapariga, inclinada para ele, com um joelho sobre a borda do colchão para ter um ponto de apoio, segurava-o pelo pescoço e dizia-lhe numa voz cantante:

— Calma, meu rapaz!...

Tinha olhos castanhos palhetados de ouro. Marcos fixava, hipnotizado, as chamas douradas da íris. Depois, o seu olhar embotado caiu sobre a mão pequena e musculosa que tinha junto ao rosto, cuja pele, dum castanho dourado, apresentava, por cima do índex, a risca pálida duma cicatriz. O seu faro febril percebia, numa mistura de avidez e de asco, o odor sulfuroso dessa pele.

Teve um último assomo de energia, retesou o corpo para se libertar, mas ficou pregado, e, de rosto muito vermelho, a boca aberta, procurou o ar como um peixe fora de água, lançou um olhar de apelo desesperado às centelhas douradas daqueles olhos e desmaiou.

Estava nu, o corpo atravessado no leito sujo e em desordem, e uma perna pendendo sobre o sobrado. A intrusa passou os braços por baixo das pernas e pela cintura magra do jovem corpo abandonado, voltou a deitá-lo nos lençóis sujos, examinou-o, apalpou-lhe a fronte; depois foi ao seu quarto buscar o seu travesseiro para lhe levantar a cabeça, e instalou-se.

A rapariga era de estatura média, talvez baixa. De aparência frágil, não o era, porém. Tinha o corpo magro, mas robusto, de forte arcaboiço, de seios chatos, mas de quadris largos e braços musculosos. De tez pálida, face larga, a caixa craniana redonda e ossuda, mostrava um rosto de gata que nunca será domesticada. Olhos fixos nunca turvos, até durante as perturbações que se apoderavam dela: havia pedra lá dentro. Era dura a prega da boca voluntariosa, cujo lábio inferior, um tanto grosso, era, às vezes, mordido, com uma sombra de recordações amargas e de implacabilidade. Desprendia-se dela toda uma energia que atraía, inquietava e enleava. (Era conveniente não se fiarem demasiado nisso! A energia tinha eclipses. Era uma alma periódica...)

Era russa, refugiada em Paris. Quando encalhara lá, dois anos antes, tinha vinte anos. Dezasseis, no começo da Revolução. Dos dezassete aos vinte, vivera vinte vidas, e quantas mortes? Fora varrida nas torrentes da guerra civil. Aos dezoito anos, criança ainda, era mãe; e na Ucrânia, num dos assaltos a Ekaterinoslav por um bando de Makhno, viu o filho, o seu pequenino macho, morto no seu seio. Aos dezanove anos, fora arrastada na debandada do exército de Wrangel, e atravessara, na Turquia, as abomináveis etapas do êxodo, as vergonhas atrozes do negócio feito pela hospitalidade da Europa com esses rebanhos humanos que a reacção europeia

utilizara a princípio, empurrara para o abismo e, depois, abandonara.

Conhecera o histerismo do ódio, que quer vingar-se e fazer sofrer por sua vez. Conhecera os sobressaltos da revolta frenética contra as crueldades, que lhe tinham feito execrar tanto as do seu partido como as do inimigo. Conhecera os desvarios dum corpo delirante e moído pelo sofrimento. Conhecera as horas de horror de si própria e do mundo, de vida abominável, de impossibilidade de existir. Conhecera, inexplicàvelmente, o esquecimento total de tudo o que vira e vivera e os cruéis recomeços.

Esses anos terríveis eram um turbilhão vertiginoso de que perdera quase a consciência. Tábua rasa, durante o dia! As noites vingavam-se. O passado apenas era um sonho alucinado. Afastava-o dos seus calcanhares. Dizia para si: «Quem era?» Semeara atrás de si tantos dos seus «eus», usados, enlameados, decapitados!... O novo eu passava-lhes por cima. Fora em vão que escarrara sobre a vida. A vida vivia nela, e queria viver: era uma mulher de ancas fortes e tinha vinte e dois anos.

O seu pai fora professor de História do Direito na Universidade de Cazã, um alto representante respeitado da antiga *intelligentsia*, que fora o estribo da Revolução e que a Revolução depressa ultrapassara, quebrara, lançara na pior reacção. Em poucas semanas, a *intelligentsia* da Rússia, como uma bússola doida, saltara de Kerensky a Denikin, do socialismo revolucionário para os conluios imperdoáveis com a contra-revolução branca. Não tivera tempo de retomar alento e caminho. Louca de inquietação e de furor, cega pelo furacão, encontrara-se, com espanto, entre os que ela desprezava como à lama dos seus sapatos, Sentia-se desonrada; mas já não podia arrancar-se de lá; estava pegada pelo sangue coalhado; a própria língua estava presa.

Já não restava outra saída a não ser enterrar-se no lamaçal até deixar de ver e de sentir, até morrer. Fedor Volkov tivera a sorte de morrer aos primeiros passos da sua via-sacra (só há cruz para os justos: Cristo teve por

companheiros no madeiro dois homens que estavam lá por engano); feito prisioneiro numa retirada, deixou-se fuzilar sem uma palavra, não perdoando nada, nem aos inimigos nem aos amigos, — nem a si próprio, —de dentes cerrados, amaldiçoando o mundo... A noite, enfim!...

Havia também um irmão jovem, de catorze anos, que adorava a irmã Assia (*) que partilhava os seus sonhos de amor e de génio, o qual, ao primeiro toque de ruenir, partira com um grupo de jovens loucos, alunos do liceu como ele, mal armados, para combater os bolcheviques. Tinham sido todos exterminados.

Assia continuava sòzinha no caminho da debandada, em que cada paragem estava marcada por um sofrimento e uma vergonha. Mais de uma vez, tivera de abrir fogo. Teria entregado a sua alma, de cada vez que a caminhada louca parava, se o furor de viver que existe nos seres jovens e o delírio que alimenta os seus cérebros lhe não tivessem vendado os olhos como um véu vermelho e enterrado as esporas nos flancos. Assia sabia-o. Queria-o. Sufocava de nojo e de desprezo por si própria. Já que, para viver, era preciso engolir o desprezo, ela empanturrava-se dele.

Quando pudera, enfim, alcançar o porto de abrigo do Ocidente — a praia de areia entre rochedos, onde os provocadores de naufrágios acabavam de roubar aos náufragos os seus despojos, Paris, o areal rumoroso, onde, atirados pelo oceano, os caranguejos amontoados no cesto se devoravam — a jovem conservara-se totalmente à margem. Aos primeiros contactos com os imigrados, que tinham estabelecido ali o seu campo desde o começo da Revolução, Assia retraíra-se, gelada: eram para ela mais estrangeiros do que os próprios estrangeiros; tinham perdido a ligação com a vida; já não compreendiam nada de nada; e continuavam a perorar,

(*) Abreviatura familiar do nome russo Anastasia.

a disputar, a decretar, sem perceberem que estavam mortos. Todas as vezes que os via, sentia um arrepio de repulsa alucinada: «Mortos... estão mortos... Como é que eles não o sentem?...»

Eles sentiam-no, numa convulsão desesperada. Vociferavam contra Deus, contra o diabo, contra o czar e contra a morte: a morte dos seus, a morte dos outros, a morte da humanidade inteira. Já que a Europa e o mundo não queriam salvá-los, era preciso que a Europa, que o mundo, perecessem com eles. A loucura do crime apoderava-se desses cérebros que soçobravam na demência mística e no delírio do álcool. Assia fugia deles. Odiava as suas fanfarronadas, o seu frenesi e a sua inutilidade. Evitava, odiava, tudo o que lhe recordasse o passado. Mergulhara no abismo enorme da solidão, que é o maior de todos no coração duma grande cidade.

Aquela cidade já não compreendia aqueles russos que abrigava, como eles — como ela própria — não compreendiam aquela cidade que desprezavam, embora vivessem nela. Assia estava à margem dos vivos. Tinha a sensação de pertencer a um mundo submerso; mas não podia ser submergida. Era duma substância indestrutível: apenas a forma pode mudar. Como as vidas submarinas que se adaptam a todas as pressões, teria visto sem olhos e respirado sem pulmões. Nada poderia desalojá-la antes da hora própria: nem sequer a sua vontade. Assia permanecera dois anos num isolamento quase completo, desprovida de recursos, a viver de inverosímeis meios de acaso, a alimentar-se, em certos dias, com uma maçã que roubara no mercado e outros dias com coisa nenhuma. Ou então, quando ganhava algum dinheiro, comia para metade da semana, com a voracidade duma loba.

Tinha o estômago dos cossacos: que se comprime ou distende, segundo têm ou não que meter lá dentro. Era incapaz, aliás, dum esforço regular. Quando se dispunha, fazia o trabalho duma equipa. Nenhum serviço lhe desagradava: lavara o pavimento dum café coberto de escarros; permanecia firme nas suas pernas de aço liso

catorze horas a fio, a fazer carretos numa casa ou a levar para uma loja pacotes cujos fios cortavam os dedos, dum extremo ao outro de Paris, com sapatos onde entrava a água. Acontecia que, nessas noites, ao voltar a casa, não se deitava. Ficava a ler até de madrugada, sentada numa cadeira sem fundo, metida na sua roupa que cheirava a cão molhado. Apenas tirava as meias e refrescava os pés inchados no pavimento. Sucedia, também, que às vezes abandonava o emprego, sem dar uma justificação, e ficava todo o dia na cama, deitada de costas, pernas dobradas, joelhos levantados, a sonhar, a não pensar em nada, a pensar em tudo, com a testa franzida, a encher os lençóis amarfanhados com a cinza dos cigarros.

Depois, de longe em longe, sentia, sùbitamente, uma fome irresistível de se misturar aos seres humanos. Corria toda a noite sem objectivo, entrava nos lugares barulhentos, nos *cabarets* e nos *dancings,* mas à sua maneira de cadela selvagem, que fareja, passa e volta a partir no meio da noite. Não se preocupava nada com parecer bem, mas possuía um gosto bárbaro pelas cores. Nenhum homem pensaria, porém, em troçar disso, pois a expressão, o movimento, davam-lhe estilo. A aparição não passava despercebida. As outras mulheres faziam-lhe má cara, ao verem-na feia, e observavam-na pormenorizadamente. Enfureciam-se, pois sabiam bem que, à sua passagem, não havia um só homem que não se voltasse.

Se Assia quisesse, teria vivido do seu corpo. Nenhum preconceito retinha esse corpo magro, ardente, faminto, ao qual a vida parecia já não ter nada a ensinar. Nem uma só vez, porém, o vendeu. Também não deu a nenhum outro esse corpo faminto. Tinha um horror mudo do passado e um rancor selvagem contra o que esse corpo sofrera. Sofrimento, revolta, luta encarniçada contra a sua natureza. Necessidade inconfessada de expiação, a chaga incurável que traz ao lado um ser orgulhoso, um ser são, que a vida indigna ultrajou. Os efeitos dessa ferida são muito semelhantes aos da renún-

cia religiosa. Punia-se pelos sofrimentos, pelas afrontas recebidas.

Nesses dois anos de solidão terrível em Paris, condenou-se a uma castidade ascética. O mundo inteiro não teria podido obrigá-la a quebrar o seu voto não formulado. Nem sequer as crispações do estômago, que a falta de comer atenazava em muitas noites. Pelo contrário! Quanto mais a necessidade lhe roía os flancos, mais ela se couraçava na sua recusa. Estava defendida pelo seu áspero orgulho de vencida, que não tinha mais do que esse penhor a salvaguardar, para não se degradar até ao último ponto. Empenhava-se em não ceder, até na pior das necessidades, embora não lhe atribuísse de modo algum o preço que lhe atribuía a antiga moral. Era esse o sinal dos últimos restos da sua liberdade. Na sua desconfiança receosa de que lho arrancassem, essa sem-deus condenava-se a uma Tebaida, sem água e sem o amor, dum monge bravio e fanático dos primeiros tempos.

Procurava para a sua fome um *ersatz* num estranho intelectualismo, intermitente, mas, por acessos, tão atenazante como a fome do estômago, a qual quando se satisfazia aliviava a outra. Então, ia passar horas a ler um livro por abrir no mostruário dum livreiro, nas galerias do Odéon, onde soprava o vento gelado do Inverno; e os empregados embuçados, que batiam os pés, deixavam-na ler. Acabaram por conhecê-la e agradava-lhes vê-la. Assia, escrupulosa, voltava a pôr o livro no seu lugar, depois de o ter lido e metido na cinta donde o havia tirado. Trazia, porém, um gancho do cabelo escondido na manga, de que se servia como faca de papel quando o vigia voltava as costas.

Leu assim livros inteiros, tratados, e até certos folhetos de Marx que, na sua corrida de três anos, perseguida pela Revolução, só conhecera por referências furiosas, como uma das sete cabeças do Dragão. Passou com ele vários dias, a devorar àvidamente cada capítulo, página por página. Evitava pilhar o volume, como fazia aos tomates e às maçãs à porta das mercearias. O rapaz nu

que nesse momento velava no seu leito de hotel, mal suspeitava de ter sido a ela que agarrara pelo pulso, certo dia, à porta do armazém da rua Caumartin.

Não teria tido qualquer escrúpulo em levar também um livro, de que a sua fome necessitava, se não devesse reservar a possibilidade de voltar a comer o feno na manjedoira do livreiro. Teria igualmente podido arrancar uma página ou duas do livro que lia. Era dessas bárbaras perigosas (todas as mulheres o são, mais ou menos) que, na sua avidez de adquirirem qualquer parcela de saber, não hesitam em lacerar um livro precioso emprestado numa biblioteca. «Por que não? Os livros são feitos para que os devore...» Visto ter de assegurar o alimento para o dia seguinte — as migalhas da mesa do livreiro — a prudência aconselhava-lhe a ter tanto cuidado com os livros que folheava como com o próprio livreiro. Confiavam mùtuamente um no outro. Em seguida, voltava a casa para ruminar a ração, de barriga vazia, mas com o cérebro cheio. Para enganar as suas cãibras de estômago, mastigava a casca seca e os caroços de laranja do dia anterior.

Ao cabo de dois anos deste regime de quaresma heróica, entrecortado de alguns petiscos ocasionais, ainda não estava morta, refizera uma vida nova. Possuía essa inquietante elasticidade dos eslavos, a quem os séculos ensinaram a suportar tudo e a resistir. Tinha esse miraculoso poder de ressurreição, que é um dom das almas eleitas: (quando digo «alma», digo «corpo»: há corpos que — dir-se-ia — nem a idade nem a morte os atingem: nenhuma ferida, nenhuma mancha; quando chega o desgaste, o invólucro usado parte-se e cai, e um outro completamente novo se mostra à vista)...

A alma feminina é um filme. Como imagens, as almas sucedem-se nela e rodam (são rodadas). Almas às vezes estranhas umas às outras. Até as mais estáveis, até uma Anita, assistiam diversas vezes em si a esse desenrolar. Numa Anita, porém, e em geral na mulher do Ocidente, nunca se produziam cortes tão nítidos duma para outra alma. Num segundo, em Assia, havia

um eclipse total da alma dominante: esquecimento completo. Uma outra alma, outros quereres, apareciam; não se mostrava de modo algum surpreendida com isso; identificava-se com eles imediatamente; eram seus, ela era deles, durante todo o tempo do eclipse.

Depois, sem choque e sem surpresa, encontrava-se ao mesmo nível da primeira psique que abandonara. Era um perigo permanente; mas era, também, uma garantia e um repouso, pois a primeira alma voltaria! (Tinha a certeza...) No tempo em que vivera submersa, retomara forças e frescura: ressurgia como debaixo dos lençóis depois dum bom sono...

Assim, Assia, sem laços que a prendessem, sem lugar fixo, sem deus, sem ilusões, sem nada do que faz viver, vivia, inquebrável, de arco tenso todas as manhãs, firme e renovado, para a caça de cada dia. Das experiências deprimentes da vida pelas quais o seu espírito e a sua pele se roçavam, a epiderme não conservava a sânie, nem a sua alma o gosto de nada. Era fundamentalmente sã. Por mais que a razão tivesse minado tudo, o instinto desenterrava o jovem futuro debaixo da mina.

A sua crítica livre, desenfreada, e a saúde selvagem da sua natureza, que ia sempre direita ao fim, que não se perdia por caminhos escusos, haviam-na aproximado aos poucos — a princípio sem que tivesse consciência: depois: («Que me importa? Sigo o meu caminho: o caminho também é para os cães!...») — das concepções da Rússia nova. Quando se encontrara em contacto com alguém vindo de lá — como uma antiga companheira de colégio, presentemente comunista, dactilógrafa na embaixada dos sovietes, — reconhecera, sùbitamente, a sua terra e o seu clima espiritual. O seu orgulho de vencida que se negava a sê-lo recusara-se a admiti-lo. Quer o admitisse, porém, quer não, o facto era esse: imigrada, via, julgava, os imigrados e o Ocidente, o mundo moral e social em conjunto, com os olhos dum russo da Rússia revolucionária.

Impedia-a de participar na vida do seu país, acima de

tudo, uma altivez individualista, que a solidão do exílio tornara ainda maior. As circunstâncias da sua vida haviam imprimido à sua natureza essa marca indelével; mas o próprio fundo dela aspirava a misturar-se com essas massas humanas em fusão. Daí os acessos intermitentes de nostalgia febril e inane.

Então, eram esses dias de imobilidade, prostrada sobre o leito, de que falei. Foi num desses momentos que percebeu, através do tabique, a presença invisível do jovem vizinho. Na paralisia dos membros estendidos, o ouvido conservava uma acuidade amplificada, e mergulhava como uma antena de insecto gigante, por entre as fendas, no quarto do rapaz. Explorava-o a tactear, e reconstituía, pedaço a pedaço, o antro e a fera.

Marcos, iludido pela imobilidade da vizinhança, abandonava-se, sem suspeitar que todos os seus movimentos eram palpados: a antena sem olhos, tenaz, vasculhava-o de alto a baixo. A febre de Marcos não monologava apenas em sonhos. Quando se julgava sòzinho, não vigiava a sua efervescência: transbordava de apóstrofes apaixonadas, de montes de frases saídas da sombra como cristas de ondas ao sol, de diálogos de Jacob com o Anjo. O ouvido atento mergulhava, como a gaivota, sob a espuma soalheira das palavras que irrompiam do fundo do coração. Primeiro atenta apenas ao timbre da voz e à imagem da boca, que a voz evocava como o cheiro evoca o fruto; depois, da boca, passando sobre o resto do corpo, que ela procurava identificar na noite. Farejava-o. Não por atracção, mas por instinto animal de fêmea e por ociosidade.

Quando terminou a sua inspecção e, depois de farejar, palpar, provar, tomou posse do ser alado, sentiu o desejo, mas sem pressa, de conhecer *de visu* o indivíduo que construíra. Não o procurou; mas uma noite, encontrou-o na escada; arranjou-se de modo a que, na sombra, ele a não visse; mas Assia viu-o e reconheceu imediatamente o rapaz da rua Caumartin, a tenaz que se fechara no seu pulso e depois se abrira. (Naquele momento, à sua cabeceira, inclinada para Marcos a

arder em febre, Assia observava a bela pata de dedos longos que a haviam segurado no seu torno, e acariciou-a com a mão). Quanto ao mais, a imagem real não lhe pareceu muito diferente da que criara. Em tais casos, o real é substituído, instantâneamente, pelo fantasiado, a ponto de o espírito julgar que nunca o viu de outro modo.

O certo é que, a partir desse instante, o seu interesse pelo vizinho aumentou, e seguiu o destino dele com uma atenção auditiva penetrante. Ficou surpreendida com a seriedade dessa vida jovem, e a sua experiência pessoal abriu-lhe os recantos ocultos dessa solidão inumana, como a sua, e os sofrimentos, a que o orgulho estóico proibia o acesso. Como, então, se impunha não dormir, uma parte das noites, para não confiar os segredos do seu sono, seguiu os do outro sono e a maré da febre que subia. Viu cair sobre esse corpo jovem o mal infalível, que descrevia, como o gavião, os seus círculos, estreitando-os a cada volta. Esperava o momento de intervir. A hora chegou. Entrou.

Vira demasiadas doenças, nos anos de êxodo atroz em que fora varrida nos redemoinhos do exército em debandada — tivera de tratar, por meios de fortuna (do infortúnio mais abjecto) todas as misérias e todas as vergonhas dos corpos feridos —, para nenhum mal a apanhar desprevenida. Não julgava útil chamar um médico. Decidiu que ela bastava. Marcos curar-se-ia ou morreria da mesma maneira nas suas mãos como nas dum diplomado da Faculdade. Por julgar, aliás, o rapaz segundo ela própria, pensava que a primeira coisa era evitar-lhe o hospital; ora o hospital seria a primeira coisa que um médico ordenaria... Não! Quem morre quer morrer só. É o último luxo.

Usou de revulsivos enérgicos. Aplicou-lhe sinapismos nas coxas e gelo na cabeça. Velou-o, alimentou-o, lavou-o. Para ela, não havia tarefas desagradáveis. O quarto estava sujo e o ar viciado. A luz da janela que dava para o pátio era bloqueada pelo muro da frente, tão próximo que, quem se inclinasse, tocava nos seus flancos cobertos de pústulas. O quarto do canto, onde habitava a russa, beneficiava duma janela para a rua. Assia abriu — forçou — a porta interior que ligava os dois quartos, e transportou o doente para o seu. O rapaz era maior do que ela; as longas pernas magras de Marcos pendiam e uma das mãos roçava o sobrado: tinha o ar dum jovem Cristo levado para o túmulo.

Assia caminhava com as pernas afastadas, o lábio inferior comprimido, boca fechada, sobrancelhas fran-

zidas, envolvendo o corpo abandonado nos seus braços com olhos severos. Um não sei quê de maternal despertava sob o seu seio árido donde o leite da ternura humana tinha sido arrancado com a boca do filho morto. A onda estancada voltava a subir por pulsações. Instalou o rapaz inanimado no seu leito. Quando, na noite que se seguiu, num relâmpago de consciência, Marcos reabriu os olhos, chamando: «Mãe!» como os que se afogam, viu-se num quarto estranho e, inclinada sobre ele, uma bela boca consoladora que lhe dizia com meiguice: «Sim, meu filho...», e lhe beijou os lábios secos.

Assia limpou o quarto abandonado. Durante as semanas que precederam a doença, a sujidade acumulara-se e os papéis estavam espalhados por todos os cantos. Teve tempo de os arrumar durante as suas vigílias. Havia ali muitas cartas. Leu-as. O homem que estava deitado no leito era presa sua, momentâneamente; mas só o momento presente é que conta; o antes e o depois não são nada. Todos os despojos do prisioneiro faziam parte do saque.

Muitas cartas eram da mãe. Da sua caligrafia firme e elegante, que se alçava em largos movimentos de asa regulares, como um pássaro senhor do seu caminho, surgiu Anita. A sua figura apaixonada desenhou-se no quarto escuro, ao fundo dos olhos de Assia. A cada página que os dedos da invasora voltavam, o desenho, altivo e terno, precisava-se. Em breve, ficaram as duas frente a frente, a medirem-se. Não disseram nada uma à outra. Assia, uma vez dobradas as cartas, farejava a mulher desconhecida. Media a sua energia de amor e de combate: a força vital. Revia-se nela. Não se enganou. O homem deitado no quarto ao lado tomou ainda mais valor para si, por ter saído daquela mulher.

Pelas cartas da mãe, reconstituía as do filho. Penetrava os últimos recônditos desse coração tempestuoso, sempre em luta, os seus acessos de cólera contra o mundo e contra si, a sua pureza natural, e as suas impurezas quotidianas, que o faziam empinar-se de nojo,

as suas fraquezas e derrotas, que o tornavam mais próximo dela e mais humano... e a franca intimidade com essa mãe, cuja viril compreensão explicava o homem a ele próprio e o tranquilizava. Sentiu ciúmes dessa mulher. Foi para ela o primeiro sinal de que amava o homem.

Assia percebeu o sinal. Nada lhe escapava do que a sua natureza procurava, sorrateiramente, esconder-lhe. Encolheu os ombros e levantou-se. De pé, junto do leito, examinou o corpo estendido, que se debatia sempre sob a opressão. Apesar dos cuidados, o mal não cedia, redobrava. O desenlace fatal ameaçava. A mão de Assia acariciou a fronte escaldante, depois, introduziu-se debaixo dos lençóis e apertou-lhe ternamente os pés. Reflectiu, lançou um olhar para as cartas deixadas sobre a mesa. Saiu, e telegrafou à mãe.

ANITA encontrava-se em Inglaterra com Timão. Quando recebeu o telegrama breve e brutal, sem assinatura, cambaleou. Timão tirou-lhe o papel das mãos e leu (Anita não tinha forças para falar): aquele homem duro, que teria visto morrer um povo sem pestanejar, mostrou uma bondade inesperada. Anita, no seu desvairamento, atirara o casaco para cima dos ombros, queria correr à próxima estação, esquecendo tudo, dinheiro, passaporte, vestuário. Timão deteve-a, fê-la sentar afectuosamente:

— Vamos, menina! Não percas a bola! Prepara-te, mas tranquilamente. Em menos de quatro horas, estarás ao pé do teu rapaz.

Telefonou para o aeródromo para que aprestassem imediatamente o seu avião. Acompanhou Anita no seu automóvel até ao aeroporto. Tranquilizou-a durante o percurso, com uma brutal bonomia, que a não convencia, mas a sensibilizava. Ao deixá-la, estava mais comovido do que desejaria deixar ver. Disse-lhe:

— Salvá-lo-ás; mas quando o tiveres salvo, volta! Aguentarei eu até lá?

Anita disse (as palavras aterrorizavam-na, mas esse terror era longínquo, estava ocupada com outros pensamentos):

— Nada te ameaça...

Timão replicou:

— Sim; eu. Quando me encontrar a sós comigo. Bem sabes. Teria resistido até hoje, sem ti?

Timão bem via que o pensamento da mulher não estava ali. Disse:

— Vamos! Obrigado! Fizeste mais do que poderia esperar de ti. Não te lembres de tudo aquilo que, em mim, te sujou os olhos!

— Lembro-me da nossa amizade. Essa teve sempre as mãos limpas.

— Pois bem, então aperta!

Anita apertou-lhe a mão. O motor do avião roncava. Fitou o rosto de atleta do homem, como que martelado a murro, marcado com os dedos brutais das paixões (algumas nobres, outras vis, nenhuma faltava ao apelo), a cabeça de toiro e os olhos pesados, cujo olhar espesso se embebia da sua imagem, a fim de ela ficar absorvida pela esponja deles. Anita aproximou dele o seu rosto, e disse:

— Beijemo-nos!...

A porta do quarto estava aberta. Assia não se importava que alguém entrasse. Não havia nada que roubar no seu quarto. Tinha os vizinhos na conta de nada. Quando viu, porém, a mãe entrar (ao primeiro olhar, reconheceu-a), ficou surpreendida; não esperava tão cedo a sua vinda. Não trocaram uma palavra. Anita foi direita à cama. Sem se dar tempo para tirar o casaco, atirou-se ao filho; mas como uma mãe sabe fazê-lo: de braços arrebatados e as mãos suaves como uma brisa que acaricia os caules ressequidos dum prado. Ao seu contacto, os membros febris pareceram experimentar um certo alívio. Os lábios do doente mexeram-se. Suspirou. Anita repousou com precaução sobre o travesseiro a cabeça escaldante, que soerguera. Ao voltar-se, para tirar o casaco, viu a outra mulher, que se deixara ficar, bem decidida a não ceder o lugar. Breves olhares entrecruzaram-se, firmes e duros. Anita perguntou:

— Foi a senhora que me telegrafou?

Assia respondeu sem mover a cabeça:

— Fui eu.

Anita estendeu-lhe a mão. Assia tomou-a. Ambas as mãos estavam frias. Assinavam o pacto. Anita dirigiu-se ao quarto do lado. Convidou Assia a segui-la, com um gesto, e disse-lhe:

— Conte!

É natural que uma mãe tenha direitos; mas os que Assia se arrogara chocavam com os dela. O seu instinto reagiu contra aquela voz e aquele gesto involuntàriamente imperiosos. Houve alguns segundos de muda luta entre as vontades das duas mulheres. As suas consciências mal o perceberam, mas as suas forças estavam tensas como as do cavalo sob a mão que lhe aperta o freio. Depois, o cavalo cedeu. Assia falou. Expôs brevemente o andamento da doença. Não disse nada sobre as relações existentes entre ela e Marcos. Sentiu, contudo, um prazer obscuro em fazer saber a essa outra que o leito onde o filho dormia era o seu. Anita, cujo olhar rápido estudava os dois quartos enquanto ela falava, não teve dúvidas nenhumas de que essa mulher fosse amante de Marcos. Para o seu espírito sem preconceitos, a partir daí, Assia deixou de ser uma estranha. A sua atitude abrandou. Assia, não procurou explicar a causa disso. Permanecia fria e rígida perante esses olhos graves, que se tinham suavizado.

As duas mulheres não pensavam em fazer-se compreender uma pela outra. Havia ali aquele homem para salvar. Ambas se aliaram para sua defesa. Uniram as experiências de ambas. Anita ficou surpreendida com a maturidade de Assia e a segurança da sua prática. Com uma frieza pronta e precisa, a rapariga, sem hesitar, fazia os gestos necessários. Nem um a mais; nem um em falso. Diante da mãe, agia como se estivesse sòzinha, sem se embaraçar com os mais íntimos desvelos. Manobrava aquele corpo, digno de pena e abandonado, como num leito de hospital a carne que sofre é propriedade do enfermeiro. Anita, chocada e cativada, observava essa aparência de inumanidade, mas reconhecia nela a verdadeira eficácia. Sofria por sua vez o

ascendente de Assia e obedecia dòcilmente quando esta, numa voz breve, lhe dizia:

— Vamos! Segure essa perna! Levante a cintura! Não vê?...

Embora tivesse o hábito, também, desses cuidados (que mulher da Europa não fez a sua aprendizagem de enfermeira durante a guerra?), as mãos de Anita traíam a sua comoção, ao tocarem o corpo do filho. Admirava a exactidão impassível dos movimentos de Assia. Essa impassibilidade surpreendia-a tanto mais quanto ela descobrira, imediatamente, a violência inscrita nessa figura e as suas paixões. Melhor do que Assia, antes de Assia o ter definitivamente reconhecido e aceite, compreendeu, por clarões que lhe perpassavam na face, que essa mulher tomara posse do seu filho.

Alternaram-se na vigília. Uma após outra ficava de vela junto de Marcos, e tinha em seguida o seu tempo de repouso. Assia, que não dormira nas noites anteriores, caiu na cama como uma pedra. Anita teve tempo de ruminar os seus pensamentos a ouvir a respiração dos dois seres, a de um, irregular e sacudida, a do outro, apressada e penosa como se tivesse pressa de comer a sua parte. Com efeito, à hora marcada para a rendição, Assia levantou-se bruscamente, foi tomar o seu lugar à cabeceira de Marcos e forçou Anita a ocupar o seu no leito que abandonara, ainda quente do seu sono alucinado.

Quando, após vários dias de ansiedade, Marcos retomou o conhecimento, o seu olhar ainda turvo iluminou-se, ao encontrar o rosto terno da mãe. Sorriu-lhe, e isso foi para ela uma delícia. O olhar que tacteava por cima do ombro de Anita, encontrou as sobrancelhas franzidas, os olhos palhetados de Assia, e ficou imóvel, espantado, interrogando, interrogando-se, procurando compreender; olhou novamente para a mãe e esta leu neles a interrogação. Atrás dela, Assia não dissera nada... Então, não se conheciam? Anita observava em silêncio. A reserva desconfiada de Assia não permitia que a interrogassem.

Continuava a ajeitar o travesseiro de Marcos, a dispor deste, como se tivesse direitos sobre ele. Marcos, mudo, deixava-a actuar, sem ousar perguntar nada. Fascinado por essa presença que não podia explicar, procurava encontrar a chave do enigma nos vislumbres esparsos das suas noites de febre. Tinha a estranha apreensão de que, se formulasse uma pergunta, a aparição se desvaneceria. Após esforços aturados, o espírito encontrava a pista. Fez-se dia na penumbra. Precisava, porém, de ter a certeza e, para poder confirmá-lo, sentia-se constrangido pela presença da mãe. Finalmente, aproveitou um instante em que esta se afastara e em que Assia se inclinava sobre ele, para ciciar:

— É a vizinha do lado?

Assia retorquiu:

— Você é que é do lado. Está no meu quarto.

Marcos não reparara na mudança... O seu olhar deu a volta ao quarto. A cabeça, ainda fraca, foi inundada por um afluxo quente e a sua fronte ruborizou-se. Assia pousou nela a sua mão firme:

— Vamos! Está quieto! Pensarás nisso noutro dia.

Sempre inclinada, como para erguer o travesseiro, explicou, em palavras breves que não admitiam réplica, os acontecimentos:

— Havia mais ar neste quarto. Trouxe-te para cá. Agora, caluda!... Não se pensa mais nisso.

Falava a meia-voz, brusca; mas Anita ouviu o tratamento por tu imperioso, que pregava o filho, fascinado, ao travesseiro. Quando Assia, ao voltar-se, cruzou o olhar com o da outra mulher, leu nele a surpresa. Pouco lhe importava! Não tinha nada a ocultar. Não lhe apetecia, porém, falar. Anita, respeitando esse silêncio, esperou que a estranha lhe dissesse alguma coisa quando lhe apetecesse.

Ficaram assim todos três, a observarem-se, um tanto desconfiados. Marcos estudava lentamente aquele corpo, que lentamente o envolvia numa inexplicável atracção. Cada um dos traços, isolado, lhe era estranho, lhe parecia quase hostil; mas o conjunto era como uma rede que se estreitasse sobre a sua vontade, malha após malha, inextricável. Irritava-se, encarniçava-se em descobrir-lhe as razões, adicionava todas as suas críticas; só chegava a um total diferente das unidades adicionadas.

Descobria que não teria desejado apagar um pormenor, mudar nada. Cada um era uma malha necessária da rede. Aquela mulher não era fragmentável como as outras de quem gostamos por uma boca, um nariz, uma garganta. Existia, amava-se ou odiava-se, por ela toda, pelo animal único, sem par, que era, que se impunha pela sua força de ser. Cada um dos seus traços, belos ou feios — sobretudo feios, talvez — cativava tanto mais quanto era marca própria, que a designava... «Tu... e nenhuma outra...»

Por uma convenção tácita, Marcos falava-lhe o menos possível directamente, e nunca se arriscava a tra-

tá-la por tu, como ela continuava a fazê-lo com um à-vontade insolente — (dir-se-ia uma ponta de desafio). Anita servia-lhes de intermediária. Tinham ambos bom ouvido para ouvir dum quarto para o outro o que cada um a sós dizia à mãe. Como Assia o sabia, estava, porém, alerta e iludia os pacientes esforços de Anita para a conhecer. Era muito engenhosa para se furtar, mas sem rudeza, porque os olhos sinceros e a cordialidade de Anita conquistaram-na.

Libertava-se, por rodeios subtis, que pelo espaço dum momento haviam aberto perspectivas, desvanecidas antes que fosse possível descobri-las, e aumentavam ainda mais a incerteza. A decepção do seu jovem auditor era compensada pelo prazer que lhe causava a voz cantante e balouçada. Aquilo era mais belo e mais saboroso do que o mais belo corpo. Marcos saboreava-a, de olhos fechados, como se a saboreasse com a boca e com as mãos. Era quente e carregada de volúpia. Depois, quando voltava para a sua cabeceira a mulher que lhe dizia: «Tu», sacudindo-o com mãos doces, que ateavam o fogo, voltava-lhe as costas para evitar a tentação de lhe abrir aquela boca voluntariosa e entrar lá dentro...

Quando Marcos estava sòzinho com a mãe, era menos hábil em dissimular. A convalescença e o desejo, que subia com a seiva nos seus membros jovens, revelavam-se ingènuamente aos seus olhares. Talvez em segredo lhe não desagradasse que os da mulher desconhecida pudessem mergulhar neles, por cima do ombro da mãe, a quem ùnicamente parecia falar. Anita não se enganava. A confiança trasbordante que o filho lhe testemunhava, só em parte lhe dizia respeito... — «Meu manhoso!... Toma! Beijo-te a meias com a outra... Mas isso não te convém...»

Marcos falava de si, sempre de si... Não se gabava. Dizia o mal e o bem. Punha, contudo, nisso uma paixão violenta e insaciável. É trapacear ser apaixonado ao falar de si. Quer se diga bem ou mal, absorve-se todo o ar e toda a luz. Come-se o outro. Ou diz-se-lhe: «Come-me!» (é a mesma coisa). Marcos oferecia-se,

ávido, natural, sem querer ou poder confessá-lo, à boca fechada e obstinada da desconhecida: «Abre-te! Come!» Como essa boca estava faminta, não perdia um só bocado. Mastigava nos seus dentes robustos esse espírito escaldante, violento, amargo e terno, como um pomo ainda verde. Era são e fresco para o paladar.

Em toda essa vida em botão, desordenada, contraditória, exibida por Marcos, o qual se acusava, com sinceridade arrebatada que comovia e fazia sorrir as duas mulheres («Pobre cachorrinho!»), não havia nada sujo. Nenhuma das imundícies da valeta se pegara ao seu pêlo («Deixa-me lavar-te!»...), mas um corpo novinho ainda, como o dum recém-nascido: a convalescença contribuía para isso, pois é um renascimento... Assia, impassível, vibrava, no silêncio do quarto ao lado. As mãos ardiam-lhe com o desejo de tocar naquele jovem corpo nu. Amava, naquele rapaz cândido e atrevido, a sinceridade de torrente das montanhas e os seus ímpetos contraditórios.

Nessas contradições de pensamentos e — mais ainda — de instintos opostos que arrebatam o ser e o expõem às mais deploráveis aventuras, Assia não deixava de proceder por sua própria conta. Estava contudo habituada, conformava-se: era da sua natureza. Marcos obstinava-se em evadir-se e magoava-se nas paredes. A áspera indiferença de Assia, motivada pelo desprezo de si própria e da vida, que a demência dos acontecimentos marcara com o seu ferrete, deixava-se dominar pela seriedade trágica que o rapaz manifestava no jogo. Sentia desejos de o embalar contra o seu seio, àquele brutinho, violento e verdadeiro até ao absurdo, e que se amava pelo seu absurdo.

Estava próxima dele pelo seu comum isolamento de espírito, o desprendimento do meio, cujo incurável erro e vaidade eles haviam penetrado. Assim como Assia quebrara as amarras entre ela e todo o campo da imigração russa, sem poder passar ao outro campo, que matara os seus, que a perseguira e ultrajara, que odiava com toda a violência do seu orgulho calcado aos pés, assim Marcos

repelia com furor todos os movimentos da sua geração francesa, toda essa juventude, da qual ele punha à mostra a incoerência, a frivolidade, o egoísmo e arrivismo, ingénuos, cínicos ou hipócritas, a mentira da arte, a mentira do pensamento, a mentira da acção, a mentira da política: falso «intelectualismo», falso «realismo», falso «europeísmo», todas as máscaras e mentiras do servilismo («Intelligence service!»), da impotência e do interesse...

Era atrozmente injusto; mas teria sido inútil provar-lho. Marcos sabia-o, queria sê-lo; tinha sofrido demasiado; tomara parte nisso; tinha necessidade de se vingar, de arrancar esse risco da sua pele. Anita nem procurava discutir. Dizia:

— É o sangue mau que se vai. Consola-te... Crava os dentes! Crava-os também em mim, se isso te faz bem! Já não seria a primeira vez que me mordias o seio.

Assia não teria recusado que ele lhe mordesse o seu. Aqueles dentes jovens e cruéis agradavam-lhe. Sabiam odiar e amar, como os seus. A injustiça de Marcos, que ela era capaz de reconhecer, era-lhe mais querida e mais consoladora do que os jogos de equilíbrio desses macacos amarrados pela cintura que andam à cata de dinheiro e de êxitos. Não era um animal muito vulgar um francês que despia, com esse impudor vingativo, a hipocrisia da sua mãe França (não, mãe não, mas madrasta!).

É certo, que os Franceses sempre se vangloriaram (os demais povos também) de serem os únicos a acusar-se uns aos outros, enquanto os demais povos se glorificam. Isso não passa, contudo, para eles (para os outros povos também), duma maneira disfarçada de se glorificarem, atribuindo-se o perigoso privilégio de saberem criticar-se a si próprios. A sua crítica, porém, não vai longe. Envolvem-na com vapores de incenso. Saem de lá agradàvelmente perfumados: pois excluem-se das suas censuras.

Marcos não se excluía de maneira nenhuma. Flagelava, com toda a força, os seus compatriotas nas suas próprias costas. Assia que, como todos os Eslavos, praticava a auto-análise, com essa áspera volúpia que

levanta os últimos véus (a confissão é uma mania que desenvolve o senso psicológico em detrimento do moral, nos melhor dotados desse povo) apreciava, como boa conhecedora, esse despojamento de si, esse olhar livre e essa alma nua. Não deixava de pressentir que Marcos a despia por ela. Era verdade. Um obscuro instinto animal impelia Marcos a deixar-se ver e farejar por aquela que o instinto lhe fazia desejar... «Mostro-me nu; mostra-te também...» Assia ouvia o apelo. Sentia-se percorrida, em lufadas quentes, pelo desejo de lhe responder, de se desabotoar e gritar-lhe: «Olha!»

Conhecia-o de muito mais perto do que ele a ela. Já não havia em Marcos nada de secreto para si. Cada pormenor desse corpo estava gravado no fundo dos seus olhos. Agora, que a vida renascia nele, essa vida afluía também ao corpo gémeo de que os seus olhos se haviam apoderado. A imagem impressa queimava. O prisioneiro apoderava-se dela por sua vez. Tornava-se importuno. O homem e a mulher — as duas crianças — espiavam-se, com um olhar de soslaio, que não perdia o menor movimento. Embora, mudos, (Marcos calara-se, à espera da resposta ao seu apelo), ouviam subir neles o desejo. O ouvido hipersensível do convalescente escutava-o subir na mulher; mas, à medida que esta o sentia, tornava-se mais dura e fechada.

Veio uma noite em que o homem teve a certeza de que a mulher confiaria o seu segredo. Esta andava à volta dele, aproximava-se, depois afastava-se. O crepúsculo espalhava-se no quarto. Anita saíra, ficaram sós. A mulher hesitou, decidiu-se, aproximou-se bruscamente e inclinou-se, como tantas outras vezes, para pôr os lençóis em ordem; mas dessa vez Marcos teve a certeza de que os braços de Assia iam fechar-se sobre ele, que a boca dela ia mergulhar como o gavião; e, de rins tensos, a carne eriçada, esperava, prestes a morder...

Num movimento brusco, Assia endireitou-se; recuou até à parede, encostou-se a ela e disse friamente:

— Estás curado. É tempo de cada qual voltar para o seu quarto.

Marcos ficou esmagado. Com o espanto, a voz fugiu-lhe. Depois, o despeito devolveu-lha. Atirou as pernas para fora da cama e disse, numa voz estrangulada:

— É já!

Assia encolheu os ombros e proferiu, sem se mexer:

— Basta que seja amanhã.

— Esperar para quê?

Não fez um gesto para o reter. Marcos pisava já o sobrado, levando atrás de si os lençóis onde, na sua cólera, os pés descalços se tinham enredado. Anita voltava. Surpreendeu-se. Marcos disse:

— É caso arrumado.

O silêncio impenetrável de Assia aquiescia. Anita não insistiu, compreendia. Disse:

— Seja! A mudança não levará muito tempo. A única coisa a mudar são os lençóis.

— Mudá-los para quê? — observou Assia. — Estes ou aqueles... Já passámos o tempo dessas delicadezas.

Na sua raiva fria, Marcos agradeceu-lhe. Entrara já para o outro quarto. Depois, reflectiu que essa indiferença era, na sua frieza, ainda mais insultante e voltou as costas à assistência. Anita, a sorrir dos dois amuados, disse a Assia, sempre encostada à parede, de rosto franzido:

— Minha filha, abusámos indignamente da sua hospitalidade. Perdoe-nos! Nunca poderei amá-la o bastante por tudo o que fez pelo meu filho.

Assia resmungou:

— Não fiz nada.

(Sentia-se profundamente tocada por aquela voz, por duas palavras).

— Salvou-o — disse Anita.

Estendeu-lhe os braços. Assia atirou-se neles, de cabeça baixa, que foi afundar-se no seio da mãe. Impossível erguer aquela fronte obstinada. Anita só podia beijar-lhe os cabelos. Disse:

— Agora, tratemos das nossas coisas! A partir deste momento, esse rapagão é capaz de sair e penso que é melhor procurar-lhe um outro alojamento mais saudável.

— É a minha opinião — disse Assia.

Marcos rosnou:

— Há tempo para isso!

— Esperar para quê? — proferiu Assia, de lábios contraídos.

Marcos, furioso, reparou que Assia lhe retorquira com as mesmas palavras que ele lhe dissera pouco antes.

— Muito bem! — replicou o rapaz. — Então, amanhã.

— Dá-me tempo para procurar — atalhou Anita.

— Não é preciso procurar — disse Assia. — Indicar-lhe-ei, se quiser, um quarto vago na rua de Châtillon que uma pessoa minha conhecida deve ter abandonado por estes dias.

— Veremos isso amanhã — concordou Anita.

Estendeu a mão a Assia, que se retirou para o seu quarto e se fechou; lançou um olhar enternecido e irónico ao filho e deu-lhe as boas-noites, fazendo por não notar o seu mau humor. Voltou para o seu quarto, que alugara no mesmo hotel, dois andares mais abaixo.

Marcos ficou só. Teve tempo de chocar o seu despeito. Teve até tempo de perder toda a altivez, para só conservar o desgosto. O desejo, porém, ficara. Revolvia-se numa sede furiosa. A fonte estava ali, mesmo ao pé. Apenas uma parede o separava dela. Uma parede de caliça, uma parede de obscuros mal-entendidos. No dia seguinte, porém, seria uma cidade inteira. Não se deu tempo para reflectir. A sua mão bateu na parede. Mal acabara de o fazer e já o lamentava. Desejaria gritar: «Não venhas!»

Não foi preciso dizê-lo. Assia não foi. Nada se mexeu, do outro lado da parede. Marcos, indignado, confuso, mordia os punhos... Esperou... A noite veio. Por cima dos telhados, o relógio fatigado da Sorbonne deu onze horas, meia-noite, uma hora. Marcos remordia-se, de face contra a parede, o corpo enrolado febrilmente nos lençóis, os joelhos levantados como um cão enroscado... Que queria ele? O amplexo brutal? Não. Não saberia dizer que era... Daquela mulher, o que

ela trazia no seio, o que ocultava, o que ele farejava naquela vida, naquele espírito, o mal, o bem, queria tudo.

Precisava daquele regato, para o juntar ao seu. Que rolava nas suas águas? Não sabia. Precisava dessas águas. Precisava de tudo... Para o ter, seria preciso o amplexo brutal. Era o único caminho. Todo o sangue do rapaz se revoltaria, porém, se lhe dissessem que era isso que ambicionava. Gritaria: «Não!», e seria sincero. Como o regato que se precipita para o rio, não corre para ele, corre para o mar. É precisa essa transfusão de sangue, do seu afluente, para não morrer antes nas areias... A boca de Marcos queria beber o sangue de Assia... Sùbitamente, essa boca de lábios secos colou-se contra a parede; ciciou:

— Assia!...

O ouvido mais fino não teria conseguido ouvi-lo. Passaram alguns minutos. Repetiu, mais forte:

— Assia!...

Silêncio de morte. Marcos odiou. Odiou até perder a respiração. Voltou a cair em cima da cama, de mãos no pescoço, procurando arrancar o nó invisível que o estrangulava... Depois, o ar voltou, afluiu. Antes até de ter ouvido, vira... A porta abriu-se, a mulher entrou.

DESDE que Anita saíra, Assia ficara, às escuras, acaçapada no leito, muda, imóvel. Ouvira tudo, desde o primeiro toque na parede, que a fizera inflamar de cólera, até ao primeiro cicio imperceptível, que a fizera desfalecer de doçura. Era sucessivamente, e por acessos, quase ao mesmo tempo, fogo e gelo, um jacto de sangue escaldante que se derrama e que um impulso de êmbolo faz recuar, e a insensibilidade mais completa... Estava resolvida a não se mexer... Porquê? Que lhe custava aceitar esse homem, se o desejava? Aceitara outros... mas aquele, não! Sentia-se presa e não o queria estar. Não queria entregar-se outra vez à ilusão... Como amava verdadeiramente dessa vez (recusava-se a reconhecê-lo), preocupava-se, não sòmente com ela, mas com ele, e com o mal que lhe faria, pois sabia (isto consentia em reconhecê-lo) que não era inofensiva.

Quem a possuísse, possuiria com o corpo, a alma, a alma atormentada, a alma extenuada, a alma faminta, os pés magoados, a arder, que caminhariam até ao último alento, possuiria o passado, possuiria o futuro... Era muito para os ombros jovens do rapaz febril, que na treva revia e estreitava!... Tacteava a espinha flexível. Sentia-a, debaixo da mão, arqueada até quebrar... Afastava-a, mas a sua mão voltava. Não podia desprender-se... À força de dizer: «Não»!, de a repelir e procurar, as suas mãos, os seus braços e os seus joelhos arrastaram-na. Encontrou-se, descalça, à entrada do outro quarto, indignada, em luta contra a violência que lhe era feita, a odiar aquele que a odiava, prestes a gritar, numa voz hostil: «Que me quer?...»

Correu para ele...

Depois, o nó dos seus corpos desatou-se. Os espíritos, porém, permaneciam ligados. Um contra o outro, sentiam bater o mesmo sangue, que espalhava pelos membros o seu calor calmo, a sua onda de oiro. Marcos, embriagado com a sua presa, dizia, rindo e estreitando-a:

— Tenho-te, tenho-te!... És minha...

Assia, muda, pensava: «Não sou tua. Não sou minha, nem de ninguém.» Apertou-o, no entanto, nos braços... A fina espinha, a cintura flexível... Parecia-lhe que poderia quebrá-los... Sentia-se inundada de ternura. Baixou-se impetuosamente e cobriu-o de beijos.

O jovem companheiro suspirava, passeando os longos dedos que tremiam sobre a face ardente, cujos lábios vorazes os abocanhavam. Inebriado de reconhecimento, falava, chilreava como um pássaro, confiava-se em palavras ingénuas e sem nexo, derramava o fundo do seu coração, confessava cândidamente o seu isolamento. O mais secreto do seu ser e do seu destino entregava-os nas mãos dessa mulher desconhecida, que o escutava, de face apoiada no seu peito.

Assia ouvia-o, enternecida, com amargura e ironia. O rapaz entregava-se, imaginava que a conhecia; mas não sabia nada dela, nada da sua vida, nada das cicatrizes e das marcas indeléveis que lhe imprimira o passado, nada do resíduo da alma no fundo do vaso, nada do fundo... Se Marcos pudesse adivinhar-lhe o pensamento, teria respondido:

«O fundo conheço-o melhor do que tu. Se não posso contar os dias e as noites que passaram à sua superfície, toquei nesse fundo.»

Quem poderia dizer qual dos dois tinha razão? O esporão do amor penetra até para além da consciência. É verdade, porém, que ele é cego. Toca, prende, mas não poderia dizer o que prende, não vê nada. No entanto prende... Quando os vidros fuscos do quarto ficaram iluminados por um dia ainda mais fusco do que habitualmente — a chuva caía — Assia inclinou-se para o jovem companheiro, que adormecera finalmente pela manhã. Ela não fechara os olhos... Observou aquelas faces fatigadas, a boca feliz, o frágil corpo abandonado. As suas pernas estavam entrelaçadas, não podia libertar-se; pensou: «Que é meu? Que é dele? Agora estamos misturados...»

Cheia de fadiga e de volúpia, sentia vontade de repetir... Resistia, contudo. Dizia para si: «Não! Não pode ser! Que vai ele fazer comigo? Que vou fazer com ele? Que cada qual retome o que é seu!...»

Libertou-se. Era difícil. Marcos reabriu os olhos. Aquele olhar quase a fez desfalecer. Violentou-se. Fechou-lhe as pálpebras com a boca e disse:

— Dorme... Tenho de sair um momento; mas não te deixo: levo-te e fico contigo...

Marcos voltou a mergulhar no sono, demasiado abatido para responder. Assia escapou-se. Dizia a verdade: levava um pedaço dele incrustado no fundo do coração. Era demasiado tarde para fugir. Foi bater à porta de Anita. Disse-lhe:

— Falei-lhe dum quarto vago. Vou mostrar-lho. Venha comigo.

Anita, já vestida, arrumava as suas coisas na mala e parecia pronta para a partida. Voltou-se para Assia. Bastou-lhe um olhar para ouvir soprar naquele peito os grandes ventos quentes. Não era já o vento gelado da noite anterior; a tempestade continuava, mas o vento mudara. Disse:

— Vamos!

Assia não ouviu a tempestade de dor no peito da outra mulher. O seu olhar ardente leu um telegrama aberto sobre a mesa:

«Faleceu Timão».

As palavras, apenas lidas, apagaram-se. Que lhe importava?... Saíram. Caminharam. Trocaram a princípio algumas breves observações inúteis sobre a chuva que caía. Depois, calaram-se ao atravessar o Luxemburgo, entre as duas portas gradeadas das ruas do Abbé-de-l'Épée e Vavin. Os tabuleiros de relva verdejante brilhavam sob a chuva miùdinha. Bruscamente, Assia parou, puxou uma cadeira e disse a Anita:

— Sente-se! Preciso falar-lhe.

A chuva caía, fina, tenaz, penetrante. Nem um transeunte. Estavam ao pé da pastora e da cabrinha esculpidas na pedra. Anita não discutiu. Sentou-se na cadeira toda molhada e Assia, junto dela. Anita trazia um impermeável, Assia um simples xaile vermelho, muito usado, com o qual nem sequer procurava tapar os ombros; o seu vestido cinzento de lã e algodão, decotado, absorvia a água. Anita inclinou-se e partilhou com ela o seu guarda-chuva. Assia disse:

— Não se preocupe comigo! Já apanhei outras e o vestido também!...

Nem por isso Anita deixou de continuar a resguardá-la. À medida que Assia contava, as duas mulheres, ombro com ombro, presas igualmente pela narrativa, apertavam-se uma contra a outra e as cabeças de ambas acabaram por se roçar. Assia principiara *ex abrupto:*

— Há cinco anos que me arrasto por todas as valetas da Europa. Não tenho medo de mais um banho. Conheço esse gosto de lama, o gosto de fuligem que a vossa chuva tem! A água das grandes cidades não lava, suja. Já não me preocupo, porém, com defender a alvura da minha pele. Não há um só lugar que não esteja manchado. Reuniu o cheiro de todos os rebanhos. Sente-o? (Pôs-lhe o xaile debaixo do nariz...) Rolou no lodo espesso da Ucrânia, na imundície milenária de Constantinopla e nos seus mercados atrozes, antes de vir aqui apanhar a poeira da vossa espantosa indiferença...

— A minha? — murmurou Anita.

— A do vosso Ocidente.

— Nada mais tenho de meu — replicou Anita — do que a mim própria.

— Pois tem sorte! — exclamou Assia. — É mais do que nunca tive... Escute! Tenho de falar... Se o que vou dizer a enoja ou aborrece, vá-se embora... Não a prendo. Não prendo ninguém... Experimente, porém...

Anita calou-se. Olhava de perfil para a rapariga de fronte saliente que, de cabeça erguida debaixo da chuva, a testa franzida, o olhar duro fixo em frente, não via nada diante de si, toda voltada para dentro, e que descia à prisão das suas recordações.

— A senhora tem — disse Assia — mais do dobro da minha idade; mas a mais velha das duas, sou eu. Vivi tudo.

— Sou mãe — proferiu Anita docemente.

— Eu fui-o — disse Assia numa voz surda.

Anita estremeceu. Com precaução, murmurou:

— Já não tem o seu filho?

— Mataram-mo nos braços.

Anita abafou um grito. Assia fixava um canto do xaile manchado:

— Veja! Repare... Os carniceiros!... Sangraram-no, como um cordeiro...

Anita, sem palavras para se exprimir, pousara a mão no ombro de Assia, num gesto instintivo:

— Minha pobre filha!...

Assia afastou o ombro e disse secamente:

— Deixe!... Não temos de nos comover... O que eles fizeram, talvez eu o tivesse feito.

Anita gritou:

— Não!

— Quis fazê-lo — prosseguiu Assia. — Jurei, desde então, matar todos os filhos deles que me caíssem nas mãos... mas não pude... Quando vi o homem que, para me vingar... foi a ele que estive prestes a matar!

Calou-se. Durante alguns minutos, não se ouviu mais do que a chuva miúda que caía, caía, e escorria por elas. Anita pousou a mão no joelho de Assia.

— Fale!

— Porque me interrompeu? — Continuou: — Não nascera para tempos como aqueles. Tive de os suportar. Os tempos vieram. Violaram-me. Não sou a única. Éramos milhares de raparigas que arrancaram dos nossos leitos e ensanguentaram... Chegará a vez às vossas raparigas do Ocidente... Todo o sangue do nosso coração, das nossas ilusões, se esgotou. Muitas estão mortas. Eu vivo. Porquê? Não sei. A senhora sabe-o?... Quem me diria, quando eu agonizava, que viveria hoje ainda? Se alguém mo dissesse, ter-lhe-ia escarrado a minha alma na cara. Teria gritado: «Não!» E vivi!... E vivo!... E quero viver!... Não é terrível? Que querem de nós? Quem nos quer, quando nós não nos queremos?

— O nosso destino — disse Anita. — O destino das almas que têm um longo caminho a percorrer. Conheço-o. O das mulheres que não têm o direito de atingir a morte antes de ter passado pelo triplo sacramento do amor, do desespero e da vergonha. Fale!

Assia falou da sua morna infância enlanguescida no ninho da calma vida doméstica. Essa esgotante doçura de vida, que precede tantas vezes o golpe brutal do fim... Bondade, fraqueza, dissolução: o perfume de lírio dos charcos... Adocicados eflúvios de amor sincero — que não custa nada — por uma imprecisa humanidade, e de sensual indiferença acariciada em silêncio, enquanto o verme do espírito rói, no ramo, o fruto maduro que vai cair.

É preciso força para ser mau. A simples ideia da crueldade era o suficiente para produzir convulsões. Compraziam-se na atmosfera pesada, mole, quente, enjoativa, das belas maçãs que apodrecem no celeiro... Diziam-se tolstoianos e apreciavam, numa linguagem embotada, Scriabin e os saltos elásticos do andrógino Nijinsky. Aceitavam-se, porém, as brutalidades proféticas de Stravinsky, como pimenta... Sem dúvida, a guerra chegara. Tinha chegado, porém, «lá ao longe»... «Lá ao longe...» era tão longe! Como um cenário em

último plano. A rapariguinha de quinze anos via despontar a flor dos seus seios, e ouvia, na sua moita, o canto do pássaro do amor que se exercita... A pastoral egoísta continuava.

No campo, para onde se haviam retirado os seus, a vida decorria sem pesares, nem privações. No grande jardim em desordem, cheio de framboesas, de groselhas e de ervas daninhas, as duas crianças, o irmão e a irmã, a trincar sementes de girassol, confiavam um ao outro as experiências e as esperanças de ambos; saboreavam até ao enjoo os «pirojkis» e os poetas Blok e Balmont. Divertiam-se com o estetismo, temperado com umas pitadas de teosofia, e cultivavam um «narodnikismo» (*) todo verbal de piedade vaga, de fé mole e idílica no pobre povo, ignorante, inculto, rico de sabedoria obscura e de bondade que dormem como uma toalha de água sob a sua crosta.

O idealismo de gabinete, que era a religião do pai, confiava na boa Natureza, no Progresso humano que segue sem percalços o seu bom caminho, na sabedoria dos acontecimentos, da própria guerra e da derrota, para realizar sem grandes esforços a idade de oiro: a Santa Rússia da razão liberal e das luzes do coração burguês: Korolenko, o bom génio, o presidente com que se sonhava para a República ideal do futuro... Nem sequer na véspera do grande assalto de Outubro, em Petrogrado, acreditavam na gravidade da ameaça; estavam tão convencidos da sua força que nem sequer tomaram precauções para a defesa. Acordaram vencidos, antes de ter combatido...

A face do mundo mudara. Dum extremo ao outro do país, foi como um tremor de terra. Tudo desabava. A enorme deslocação de ar dispersava em farrapos milhares de ninhos. Bandos de pássaros loucos rodopiavam ao acaso, caíam. Encontravam-se, a fugir, no redemoi-

(*) O *Narodnitchestvo* foi o grande movimento pré-revolucionário dos intelectuais russos, «dirigido ao povo» (*Narod* = = povo: «Populismo»).

nho dos exércitos. Dum dia para o outro, todos os véus da vida, as últimas roupagens foram arrancadas. Viu-se com espanto a camada de rancor e de ódio coagulado no coração desse povo, ainda ontem afável e gemente.

Viu-se a besta, os seus olhos loucos, a sua boca sangrenta, a sua respiração de morte e o seu cio... Um criado em quem se confiava, que vira crescer as crianças com uma humilde e familiar solicitude, revelava-se, um dia, brutalmente ameaçador, e queria violar a menina... Foi a fuga por entre os kerenskystas misturados com os brancos. Entre eles, no seu próprio campo, era a erupção dos mesmos instintos. Bruscamente, a última linha de defesa, a torre, foi invadida: na jovem irromperam as mesmas loucuras. A besta soprava no rosto das pessoas que se viam semelhantes a ela...

— Fui-o também! E — o que é mais terrível — fui-o sem dificuldade. De repente... É preciso então acreditar que o era, e que toda a máscara de cultura que nos estava colada à pele nos pesava, e que as nossas unhas ansiavam por arrancá-la?... Meu pai olhava-me com terror... Os velhos já não podem mudar de pele... A sua presença impunha-me um último resto de constrangimento. De pouco serviu! Estava grávida, quando ele morreu. Felizmente para ele, morreu antes de o ter visto... Com ele, enterrei aquela que eu fora. Deixei-a apodrecer com ele atrás de mim, no meu caminho. Perdi-a, perdi até o seu nome, até o sentimento da minha identidade. Durante dois anos, não passei duma anónima, duma louca arrastada pelo galope furioso do rebanho... Ainda hoje, neste momento, os meus olhos estão cheios de poeira. Que vi eu? Que fiz? Que sofri?

— Deixa isso, infeliz! — disse Anita, apertando com a mão o joelho de Assia. — Não relembres!

— Quero lembrar! — rugiu Assia. — Não terei dó de mim. Disse-lhe: se for demasiado sufocante para as suas narinas, vá-se embora!

Assia não lhe perdoou nada; não se perdoou nada. Contou o horroroso êxodo, a descida cega em espiral, com saltos e quedas, ao fundo do abismo. Não se poupou

a nenhuma humilhação. Não manifestava nem desgosto nem vergonha. Falava com uma precisão seca e apressada, de cabeça erguida, o olhar duro: a chuva escorria-lhe ao longo do nariz, como se fossem lágrimas. Anita, comovida, retinha a respiração, admirava o sóbrio poder da narrativa, implacável, firme, precisa, sem uma correcção (nem no sentido da alma, nem no sentido da arte), que projectava no aquário dessa manhã de Abril afogado o filme da sua corrida alucinada.

Tão fascinada estava pela magia das imagens que nem pensava em avaliar-lhes a qualidade moral e seguia, de coração palpitante, a caçada infernal, sem saber já se o perfil achatado que fixava era o da Diana cita ou o da caça. A água do guarda-chuva, que a sua mão distraída deixava inclinar, escorria-lhe para o ombro. Um guarda do Luxemburgo ia a passar e olhou para as duas mulheres, que não o notaram; a alguns passos voltou-se, considerou as suas posições rígidas, abanou o queixo e foi-se. Há tantos maníacos! Está-se habituado, em Paris...

Assia contava as vergonhas e as afrontas do exílio, os trabalhos servis e degradantes, excelentes para acabar de quebrar tantas almas ainda orgulhosas da emigração, ou as lançar no frenesi do desespero. Haviam, porém, superexcitado a sua e tinham-na estimulado um selvagem impulso de orgulho e de desprezo, a solidão feroz em que se murara, e a revelação que tivera, durante esse terrível período em que se afastara voluntàriamente da vida dos homens, a afirmação exaltada do seu eu isolado e perdido, do poder incompreensível desse eu desconhecido que lançava ao mundo um desafio e o encarava de frente, numa luta feroz de dois anos, em que conseguira defender-se, não apenas contra os outros, mas contra as suas próprias armadilhas, as suas vagas do fundo.

Dizia menos do que Anita adivinhava e era a incrível energia, sem bússola e sem centro, que se obstinava, porém, a procurar sòzinha esse centro, sem o encontrar, que procurava, procurava a sua direcção e o seu sen-

tido, entre as exigências e as humilhações sórdidas do baixo trabalho quotidiano e nos terrores da fome, de preferência à papa que poderiam ter-lhe oferecido à custa da sua sujeição a um partido ou a um homem. Esse duro orgulho, esse diamante puro e esse furor de independência que a salvaram, discerniu-os Anita imediatamente com olhos experimentados, entre o caos dessa alma de mulher que um cataclismo devastara; e soube ver na aluvião os filões de força moral e espiritual que recobriam as ruínas dum mundo.

Viu-os melhor do que Assia que, no ardor da sua confissão arrebatada, se encarniçava contra si própria. Assia falava, falava, e a outra escutava, escutava, pensava... Há quanto... quanto tempo? Era uma hora ou mais? No intervalo duma frase a outra caíram, como um punhado de grãos de chumbo no prato côncavo duma balança, as badaladas do relógio do liceu próximo... Assia parou, perdeu o impulso e passou a mão pela fronte molhada... Uma vez que saíra do abismo, já não sabia o que fazia ali, por que contara tudo aquilo. Disse rudemente:

— Que faz aí, a ouvir-me?...

Não foi preciso Anita responder. A memória ressurgia. Assia acrescentou:

— Há anos que não metia os pés lá dentro... Que me deu esta manhã? Que fiz?

Respirou; maquinalmente, torceu o cabelo ensopado de chuva, sem se inquietar que os pingos lhe escorressem pelas costas abaixo, e disse:

— Ah!... Pronto!... Agora já sabe quem sou. Pegue no seu filho e leve-o!

— Está bem — disse Anita. — Vamos procurar-lhe um quarto.

— Mas já! Que ele não me volte a ver, nem eu a ele!

— Que perigo há?

— Gosto dele.

— Ele também gosta de si?

Assia encolheu os ombros:

— Quando gosto, também me querem.

— Que posso fazer, então, se ele gosta de si?

— Pode. É a única pessoa que tem poder sobre ele. Conheço-o e conheço-a. Conheço os laços que os unem, mais estreitos e mais íntimos do que os habituais entre mãe e filho.

— Como sabe?

— Li as suas cartas.

Anita ficou sufocada. Assia nem sequer pensou em se desculpar:

— Esperei demasiado. Quis afastá-lo, ontem à noite. Era muito tarde. O mal agora está feito.

— O mal?

— Ele dirá o bem... eu também, se me escutasse, se não soubesse o que sei, o que vejo aproximar-se... Vamos, leve-o enquanto ainda é tempo; e despache-se! Amanhã, não responderei por mim... Tirar-lho-ei e causarei o seu mal. Não quero; mas é fatal.

Anita perguntou:

— E quanto a si?

— Quanto a mim quê?

— Qual é o seu bem? Qual é o seu mal?

— Em que pode isso interessar-lhe?

— Peço-lhe que responda.

— Isso não tem importância.

— Tinha-me dito que gostava dele.

— Naturalmente! Se assim não fosse, para que lhe falaria nisto?

— Costuma então repelir de si aqueles de quem gosta?

— Nunca gostei de ninguém antes dele... Sim, depois de tudo o que acabo de lhe contar, encolherá os ombros; também os encolho... Basta, porém! Isso não tem nada a ver com a questão. Não conta para si.

Anita olhou para Assia, a quem a chuva traspassara. O seu vestido estava ensopado como uma esponja. Os seios sobressaíam debaixo da roupa colada ao corpo. Parecia moldada por um penteador, ao sair do banho. Toda a cor das suas faces desaparecera. Cerrava os dentes, pálida, gelada. Anita levantou-se:

— Vamos para casa! Falaremos disso tudo no meu quarto.

Atirou-lhe à força o seu impermeável para cima dos ombros e levou-a. Assia procurava resistir; mas depois do seu grande dispêndio de energia, estava esgotada. Não devia ver-se na sua vontade de romper com Marcos um desinteresse, por amor, para salvar Marcos dela. O amor duma Assia, por mais ardente que fosse, não podia ser desinteressado. Pensava realmente (e não mentia!) em salvá-lo. Estava estupefacta com essa renúncia: era uma traição do amor!... Pensava, porém, antes de mais nada em salvar-se a si! Era-lhe inexplicável que se tivesse deixado possuir de novo pela paixão, quando jurara a si própria não voltar a entrar na roda que a tinha despedaçado.

Dos seus contactos passados com a paixão ficara-lhe um medo e um horror até ao ódio dessa servidão. Teriam, porém, sido tão violentos, se não lhe tivesse ficado ainda a vertigem? Estava tentada a cair lá outra vez. Sentia o perigo do abismo e a sua invencível atracção. Marcos era o abismo. Apoderara-se dela por completo: de todo o seu corpo, que ardia como um archote, de todo o seu coração, que se consumia pelo querido rapaz, pela ternura, pela compaixão que lhe inspirava, por uma secreta maternidade, por um misto de superioridade que domina e de inferioridade que faz apelo à protecção.

Já não era capaz de se desligar dele, por si só, depois da noite passada. Era-o, contudo, ainda o suficiente para recorrer a Anita, a fim de que a desligasse. Esse esforço, porém, quebrara-a. Anita amparava-a pelo braço e reconduziu-a ao hotel. Pelo caminho, Assia teve ainda um assomo de energia. Parou, deteve-a, em plena rua, no meio da balbúrdia. Gritou-lhe com cólera:

— Livre-me do seu filho! Leve-o!

— Seria inútil — disse Anita — pois depressa iria ter com ele!

— Isso é comigo! Proceda de forma a que se não possa ir buscá-lo.

Anita sentia tremer o braço crispado de Assia debaixo da mão e contra o seu flanco que estremecia. Depois, a tensão dos nervos quebrou-se e ficou apenas um embrulho molhado, pesado e dócil, que levava no braço. Chegaram a casa. Anita disse a Assia que fosse mudar-se. Esta, porém, deixara a chave no quarto fechado por dentro. Para penetrar lá, era preciso passar pelo quarto de Marcos e receava que ele a visse nesse estado. Anita fê-la entrar no seu próprio quarto e foi ao de Assia buscar roupa para ela mudar.

Assia teria desejado impedi-la; Anita tinha umas certas dúvidas de que o que ia procurar existisse. Atravessou o quarto do filho nas pontas dos pés. Este dormia ainda, como um bem-aventurado. Parou um instante a examiná-lo. Marcos não devia ter feito um movimento desde que Assia o deixara. Anita explorou sem ruído o armário bolorento de Assia; a pobreza dos trapos que lá encontrou causou-lhe pena; a sua limpeza relativa testemunhava, pelo menos, a tenacidade da luta travada, para manter a cabeça levantada acima da lama. Anita sabia por experiência o que isso era.

Quando voltou, encontrou Assia no mesmo sítio em que a deixara, de pé, encostada à parede. À volta dos seus pés formara-se uma pequena poça. Anita agarrou-a por um ombro e arrancou-lhe a roupa colada ao corpo. Assia saiu do seu torpor para fazer um movimento brusco do corpo, que a libertou, mas o pulso de Anita voltou a segurá-la:

— Esteja quieta!... Levante o braço!... Vamos! Despachemo-nos!...

Assia resmungava:

— Tolices!... Julga que não dormi já vinte vezes encharcada, como hoje?

Anita, sem lhe responder, falou do sono de Marcos e, instantâneamente, o corpo rebelde imobilizou-se. No espelho picado de manchas, dependurado na parede em frente, viu reflectir o sorriso de Assia, a que o seu correspondeu. Era o filho de ambas. As duas mulheres estavam de acordo... Os dedos ágeis de Anita despiram

Assia da cabeça aos pés. Um corpo robusto e flexível, que, se não correspondia às leis da beleza estética, era feito para o movimento, para a luta, para o amor, para o parto. Articulações sólidas. A pele muito morena, clara, lisa, com veios de oiro velho. Reluzia com a água... Anita enxugou-a. Assia deixava-a fazer. Não tinha nada a esconder. Mostrara tudo: o de dentro e o de fora. As duas mulheres falaram, enquanto Assia estava nua.

— Por que gosta de Marcos?

— Gosto dele porque gosto.

— Pergunto porquê?

Assia havia compreendido:

— Porquê? Como gosto dele? Gosto de Marcos como se gosta, quando se tem fome. Não é, porém, ùnicamente fome do corpo. Essa fome enganamo-la. Enganei-a por mais de uma vez. Há, contudo, outra fome, que não se pode enganar e que não se engana: tenho fome de verdade, tenho fome de limpeza. O seu filho é verdadeiro, é limpo de pensamento. É limpo, como a senhora... Sim!, sei o que estou a dizer. A senhora também o sabe... Julga que nos enganamos nessas coisas quando nos debatemos, como eu, durante seis anos, no atoleiro das almas de hoje? E que, quando encontramos uma intacta, que emerge, não nos atiramos logo a ela?

— O meu filho não é talvez, nem mais inocente, nem mais intacto do que Assia. Ele errou muito. Continuará a errar. Para desgraça dele, fi-lo de natureza inquieta; e se tenho confiança suficiente na lealdade natural e na vontade dele para crer que atingirá um dia a harmonia, isso não será sem riscos, nem será amanhã...

— Bem sei, bem sei! E para que quereria eu a harmonia? Sim, graças a Deus que lhe falta! Vi-o, ao seu filho, nu como a senhora me vê, nu de carne e de alma. Desde que o espio, e durante a doença, não há nada que ele me não tenha confiado... Não, o seu cordeiro não está imaculado! Sei-o... Se o estivesse, não gostaria tanto dele. Não gosto (nem a senhora) dos cordeirinhos brancos que balem, com um pingo de leite

no nariz. Não se é um homem (a senhora, eu, ele) — se não defrontamos a vida no seu covil e se não deixarmos lá pedaços da pele. É preciso passar pela imundície e pelos espinhos! A senhora passou por lá. Marcos também; mas não ficou lá. É são. É franco. É verdadeiro no seu ódio. É verdadeiro no amor. Tem em si demasiada amargura sã, para a podridão poder entrar com ele...

— É como Assia.

Assia parou de repente no seu entusiasmo. Fixou, espantada, Anita, que a fixava. As duas mulheres olharam-se em silêncio. Anita, finalmente, abriu a boca. Assia esboçou um gesto, para a impedir de falar.

— Recuso-me — disse Anita, pesando as palavras, com ar deliberado — a afastá-lo de si.

Assia quis falar. Com a mão, Anita intimou-a a calar-se:

— Sei o que arrisco. Arrisco dos dois lados. Porque agora, em vez de uma, tenho duas obrigações para comigo: Assia e ele. Aceito-as. Tenho confiança nos dois. Fiquem juntos!

Assia, paralisada de comoção, ouvia sem compreender... O sentido das palavras passava, através do seu pensamento, gota a gota, congelava, como nas estalactites... Pôs-se a tremer, nua ainda, debaixo da camisa que Anita maternalmente lhe vestira... Baixou a cabeça, voltou-se contra a parede, apoiou nela a fronte e os braços, e, de rosto escondido, como uma criança, começou a soluçar.

ANITA deitara-a em cima da cama. Cobriu com o seu casaco as pernas nuas de Assia, que tiritava. Dizia-lhe:

— Apanhou frio...

— Não, não é do frio — disse Assia. — Deixe-me ficar assim, ao pé de si, ainda um momento, peço-lhe!

— Então, meta-se na cama.

Assia segurava-lhe as mãos. Anita sentou-se junto dela:

— Oiça! Parto hoje. O homem, o patrão, o amigo, de quem era a auxiliar, acaba de desaparecer sùbitamente. Regresso ao meu posto, donde desertei. Estarei ausente algumas semanas. Entrego-lhe Marcos. Entrego-a a Marcos. Velem um pelo outro!... Compreenda-me bem, minha filha. Não faça confusão. Digo-lhe: velem, permaneçam juntos, mas esperem antes de se prender. Defendam, um e outro, a sua mútua liberdade! Defenda a dele, se ele, sòzinho, não bastar para isso. Observem-se lealmente. Será preciso muito tempo antes que possam ver, não no fundo do outro, mas no fundo de si próprios. Aproveitem esse tempo! Sejam francos!...

— Sou-o e sê-lo-ei — afirmou Assia. — Compreendo-a. Não faço confusão nenhuma... A senhora, que sabe amar, deve calcular com certeza que, como gosto dele, tenho receio de, enganando-me, o enganar... mas se ele gosta de mim e se engana, serei suficientemente forte para lhe abrir os olhos?... Teria sido mais ajuizado, talvez, afastá-lo.

— E se lhe pegasse na palavra? — perguntou Anita.

— Não, não!... Não faça isso!... Eu já não poderia... É demasiado tarde, agora.

Meditou um momento, teve vergonha da sua fraqueza e acrescentou:

— Dir-lhe-ei, porém, tudo. Marcos não ignorará nada.

Anita sorriu melancòlicamente:

— Não, minha filha, não a aconselho a isso.

A mulher deitada teve um sobressalto e, atirando a roupa, sentou-se na cama e, com os olhos fitos em Anita, proferiu:

— A senhora! A senhora aconselha-me a não lhe dizer toda a verdade!

— Sim, é estranho da parte duma mãe, não é verdade?...

— É estranho da sua parte.

— Obrigada. Sim, julgo ser verdadeira, julgo tê-lo sido sempre, sobretudo quando me era inconveniente sê-lo. É isso que, hoje, me dá o direito de a aconselhar. Quer dizer a Marcos tudo o que foi...

— O que sou — disse Assia.

—Ainda o é? Ou passou por isso, como os seus pés, agora lavados, pela lama dos caminhos?... Seja! Guardo, também, a recordação da lama por onde os meus pés passaram. Mantenho-me solidária com a que fui. Não gosto daqueles que, ao ressurgir a imagem do que foram, dizem: «Não conheço essa pessoa». Se Assia, porém, a conhece, isso é consigo. Não é obrigada a dá-lo a conhecer aos outros.

— Aos outros não — emendou Assia, — mas a ele.

— Passe ainda — concordou Anita, com um fino sorriso em que havia uma certa ironia amarga, — passe ainda se, dizendo-lho, se arrisca, heròicamente, a afastá-lo de si! Se ele gosta de si, contudo, como está convencida disso (demasiado convencida), não o afastará, mas far-lhe-á uma ferida. Essa ferida, bem amarga sem dúvida, será um laço a mais que entrará na sua carne. Marcos não gostará menos de si e dir-lhe-á: «Esqueço

tudo». Não esquecerá nada. Dentro de um ano, dentro de dois, dentro de dez anos, a ferida reabrir-se-á e tornar-se-á purulenta. Quando Assia já não souber quem era essa mulher que, cheia de dor e de cabeça perdida, no meio da morte, se entregava, na noite, a fim de se agarrar na queda a um corpo, qualquer que ele fosse, que vivesse e a mantivesse aferrada à vida, ele, Marcos, vê-la-á, com os seus olhos de ave nocturna que o amor pede emprestados ao ciúme, e forçá-la-á a rever-se nos seus olhos. Condená-la-á a permanecer ligada, por toda a vida, a essa carne do passado que já terá despido — que nós todas despimos — como um velho vestido. Eles querem que conservemos, apodrecidas sob a nossa pele, as nossas velhas almas, que, graças a Deus, deixámos cair à medida que nos renovamos. Os homens, minha filha, são incapazes de compreender essa força de rejuvenescimento perpétuo que há em nós e é o nosso dever.

A sua voz, sem se elevar, adquirira um acento de serena amargura. Assia, silenciosa, contemplava-a, surpreendida. Anita não a fitava e, havia alguns instantes, já não falava para outrem, mas para si. Lembrou-se, porém, da existência de quem a ouvia e, voltando-se para ela, trocou um sorriso de entendimento:

— *La donna è mobile...*, eis o que eles dizem de nós. Eis o que eles diriam, se me tivessem ouvido. Não compreendem que, numa verdadeira mulher, o verdadeiro não varia. Nada do que vivemos perece, se alimentou a nossa vida; faz parte do nosso sangue; só deitamos fora o que é inútil e impuro...

Assia confessou:

— Não esperava vir encontrar uma aliada.

— Nunca a encontrei — disse Anita. — É por isso que me compadeço daquelas que a não têm.

— Seja-o pois para mim! Não abusarei. Peço-lhe que me ajude, não jamais contra Marcos, mas por ele. Já que não quer que lhe conte tudo (sinto que a senhora tem razão, mas não prometo calar-me!) é a si que entrego, nas suas mãos, tudo o que me pesa. Hoje descarreguei-me do mais pesado; mas ainda há mais: rece-

berá tudo. É livre de o utilizar, na hora que escolher, contra mim, pelo seu filho. Não a desmentirei.

Anita teve um assomo de malícia:

— Muito bem! Tenha cuidado! Agora tenho-a nas minhas mãos.

— Pois tenha-me! Assim o quero. Faço-a juiz. É a minha única maneira de lhe pagar o que recebi de si.

— Que recebeu?

— Não faça que não sabe! A senhora sabe... O que me deu, nunca ninguém mo deu... Não o amor: esse tive-o, tenho-o e tê-lo-ei... Muito mais: a confiança. A senhora teve fé em mim. Sabe o resultado? Restituiu-ma... se alguma vez a tive... Tenho fé agora, fé em mim. Obrigada! Ressuscito...

Saiu da cama, e, lançando-se de joelhos, beijou impetuosamente as mãos de Anita.

— Comprometo-me — acrescentou — a recusar a Marcos que case comigo e a obrigá-lo a permanecer livre como eu...

Anita, agarrando-a pelos sovacos, levantou-a, com um sorriso irónico:

— Não custa prometer quando não sabemos se podemos cumprir...

Beijou-a, apalpou-lhe as costas e os ombros e disse:

— A tua pele já está seca... Veste-te!... Ele espera-nos.

Assia estava firmemente decidida a não casar com Marcos. Não era uma questão de lealdade com Anita. Era uma vontade bem determinada, uma recusa da sua natureza a deixar-se amarrar. «Gosto de ti, dar-te-ei hoje a minha vida, a minha morte; mas não te dou o meu amanhã. Ninguém me prende!...»

Anita, que não tinha as razões de Assia para se iludir, sabia melhor o que isso era, o que isso seria...

Os dois amantes, lealmente, repetiam-se: «Amamo-nos, permanecendo livres»; mas faziam tudo o que podiam para o não serem. Encarniçavam-se em prender o outro e em prender-se.

Anita, de regresso, após três semanas passadas em Londres por causa das investigações (Timão, ao dirigir-se de Londres para Bruxelas, desaparecera misteriosamente, teria caído do avião. Crime ou suicídio? Uma mão secreta arrebatara todos os papéis que poderiam ajudar a explicar as circunstâncias), Anita, que os seus deveres para com o morto, a arrumação das ruínas e os seus remorsos (se o não tivesse deixado sòzinho, teria ele morrido?) haviam retido durante essas semanas, Anita, roída por esses pensamentos, mas guardando-os fechados só para si, fora encontrar, em Paris, Marcos e Assia presos nos lagos da paixão que, dia após dia, tecera a sua rede à volta deles.

Agora, que podia ela fazer? Separá-los? Demasiado tarde! Adverti-los dos perigos? Eles conheciam-nos. O que ela própria sabia — o que era talvez a única a

saber das duas crianças, — prendia-a também na mesma teia. Essa Assia que, nas suas confissões desenfreadas, como uma inundação, lhe confiara tudo — não sòmente o pior, mas o bom, o raro, o mais secreto, o que uma mulher orgulhosa mais dificilmente revela — inundara-lhe também o coração.

Soubera ver num relance e apreciar, como boa conhecedora, na sua nudez, a moça bravia e a violenta disciplina que tivera a energia de exercer sobre si, durante esses anos de exílio em Paris, a sua solidão e miséria aceites sem transigir, a sua violenta necessidade de verdade, essa lealdade de espírito para consigo. Nada podia ser mais sensível a Anita: ao pé dessa virtude perigosa, a «pureza», no sentido burguês, era para ela secundária. Que Assia houvesse tido e pudesse ter ainda desvarios de paixão, eram rajadas de vento à superfície, que não atingiam o essencial: a integridade de alma, sincera e segura. Passava uma esponja... (Sabia, porém, que o filho a não passaria e esse era um dos perigos...)

Perigos, certamente, não faltavam; abundavam e não estavam todos do mesmo lado. Marcos era igualmente perigoso; mas dum perigo diferente do de Assia. Não teria querido pôr-lhe nas mãos (como Assia dizia, mas sem acreditar nisso) uma rapariga nova e inexperiente. O rapaz tinha falta de freio e de equilíbrio, falta de prudência e de justiça, falta de bondade e de verdadeira humanidade. Anita via tudo isso. Julgava o filho, que era demasiado jovem e marcado por uma experiência precoce, incompleta e violenta. Poderia ser sensato e verdadeiramente bom, mais tarde, aos quarenta anos: então, talvez fosse capaz de compreender e guiar uma mulher jovem.

Naquela altura, acabariam por se enlouquecer mùtuamente, far-se-iam sofrer e corriam o risco de se destruírem. No entanto, não era bom que Marcos permanecesse sòzinho. Essa solidão numa tremenda luta contra um meio envenenado era, uma vez que se prolongasse, antinatural, e as suas forças jovens arrasadas não seriam suficientes para resistir. Precisaria duma ajuda, uma

companheira já virilizada pelo corpo a corpo com a vida, uma irmã mais velha, de certo modo mãe, de certo modo irmão, que soubesse pensar as suas feridas e, em caso de necessidade, bater-se a seu lado.

Assia podia sê-lo? Podia. Saberia sê-lo? Havia motivos para duvidar. Que razões havia para esperar duma rapariga desinteresse no amor, se o homem não o tem, embora a paixão faça crer que sim? (Esta é o oposto do desinteresse; dispõe do outro como de si). Só a idade e a longa e dolorosa experiência podem ensiná-lo aos que são susceptíveis de aprender. Pois bem, por que não o aprenderiam estes? Anita tinha confiança no filho. E na outra? Por que não? Assia conquistara direitos à sua confiança. Até (e principalmente) ao confiar-lhe o que, por sua natureza, podia afastá-la o mais possível dela. Pelo menos, os riscos eram francos, estavam nus, não estavam vestidos de pequenas virtudes, como em tantas mulheres e raparigas, que não se sabe o que ocultam sob a água calma.

Os riscos eram compensados por virtudes mais sólidas e, como eles, francas, como eles, nuas. Arriscar por arriscar, se ela fosse Marcos, Anita sabia bem o que escolheria. Podia pois confiar na escolha que ele faria. A censurar-lho, tê-lo-ia feito de má fé. Se a mãe tivesse querido poupar ao filho os tormentos que previa, não podia poupar-lhe a alma atormentada e o destino que lhe traçara... «Sigam o seu destino, meus filhos!» Era trabalho perdido barrar-lhe o caminho; era mais prudente e mais eficaz estender-lhe a mão, fazer apelo às suas forças mais nobres, confiar nelas; dizer-lhe: «Creio em ti. A minha fé obriga-te».

Anita sorriu quando Assia, perturbada, ora brusca ora a desafiá-la, a pedir, ao mesmo tempo, o seu consentimento ou o seu perdão, lhe anunciou o que, desde havia algumas semanas, Anita esperava:

— Retomo a minha promessa... Não! Não retomo nada, não prometi nada... Preciso do seu filho. Ele precisa de mim. Vamos casar.

A mãe sorriu, sem retorquir, a fitá-la no negro dos

olhos. Assia, à espera de que ela falasse, falava para arrombar a porta desse silêncio que a inquietava. Dizia estar a sua decisão tomada, não havia nada a objectar-lhe que não soubesse já. Via, claro como o dia, que a sua união não estaria livre de dissabores, que ambos se prejudicariam mùtuamente, que ela o prejudicaria... «Sim, é possível. É talvez certo; mas não podia ser de outro modo. Estava escrito...» (A fatalidade intervinha sempre, nela, em última instância, quando a vontade de resistência pessoal esgotara toda a sua violência). Anunciava-o a Anita e deixava-a livre para se opor, porque sabia que Anita já não tinha nenhum poder para o fazer...

— Então, por que não fala? A senhora cala-se, olha para mim... Vamos, diga alguma coisa!...

— Depois de tudo quanto acaba de me dizer, que necessidade tem de que fale? Precisa de Marcos. Marcos precisa de si. De que mais precisa ainda?

— Preciso de si. Que diga: sim!

— Se lhe dissesse não, não daria importância a isso. Não se deu ao trabalho de mo disfarçar. O «não» só a faria aferrar-se mais ao anzol. Engoliram o anzol. Não há nada mais a fazer, meus pobres peixinhos! Só lhes resta digerir a isca. Ela é feita tanto do que os separa como do que os une, das diferenças de temperamento, das duas raças (elas são uma parte da atracção): terão tempo de sentir as suas espinhas arranhar-vos a garganta! Teria sido talvez mais prudente se não tivessem enganchado as entranhas no engodo.

«Que necessidade tinham de se casar? Ter-se-iam amado melhor... Já que está feito, está feito. Isso só se desfaria rasgando as entranhas; e as minhas também sangrariam. Tudo o que lhes diria, ou nada, é a mesma coisa. Então, meus filhos, amem-se muito! À sua maneira, e não à minha. Sei que são, um e outro, melhores do que mostram. Cada um isolado é fraco, fraco... Procurem fazer das duas fraquezas uma força! Confio-te ao meu rapaz; confio-te o meu rapaz, minha filha.

Assia apoiou a boca no ombro de Anita e não encontrou mais nada para dizer senão:

— *Mamotchka...*

Ficaram ambas, face contra face, sem se mexer. Assia, com a sua extrema lucidez e a sua lealdade de domínio intelectual (inoperante contra os assaltos da sua natureza), ruminava o que Anita acabava de dizer. Concordava que era verdade. Era absurdo ela, para quem o casamento era uma instituição antiquada, ir passar debaixo das suas forcas, para se ligar. Embora o casamento, em lugar de ser, como era, uma porta sem ferrolho, que o divórcio abre à vontade, fosse, como outrora, uma gaiola sem saída, estou convencido de que ambos, Assia e Marcos, o teriam preferido! Há horas de amor em que se aspira à prisão perpétua. Diz-se ao tempo: «Não passarás...» É a ânsia de forçar a natureza...

Anita conhecia-a. Ela, que sentia bater contra a sua face a fonte de Assia, entendia, compreendia o que se passava debaixo dessa fonte. Na sua aquiescência ao que teria podido impedir, entrava — além dum certo *Amor fati,* que era fruto da idade, a aceitação das grandes correntes que nos arrebatam e nos escapam por escaparem ao entendimento — infiltrava-se, uma misteriosa percepção do destino de Marcos. Essa mulher, que a intimidade com Timão esclarecera acerca da realidade social e da iminência do grande Conflito, via obscuramente o lugar do filho marcado na frente de combate — do outro lado! Pressentia-o, sem o formular, muito antes de Marcos e Assia darem conta disso com clareza (estavam demasiado ocupados pela paixão!). Ia adiante deles, e esperava, numa consciência crepuscular, que, dessa união, o destino se precisasse. Sentia que tal união, quaisquer que fossem as provações e os reveses domésticos, estava na linha exacta da sua caminhada para a frente, tanto para as provações como para os reveses! Para a frente!

Os dois amantes olhavam-se, e os seus olhares eram como a taça duma fonte onde se derrama a água que jorra. Cada um abria um espaço vazio para receber a torrente do outro. Afogados de alegria, cada qual se sentia cheio do ser do outro. Para se encontrarem, estreitavam-se. Diziam um ao outro:

— Tenho-te! Tens-me! Não mo restituas! Não to restituo... Ah! como é bom termos trocado! Como amo a vida, agora que a vida é a tua vida! Tenho-a. Como saberei guardá-la!

Aquelas duas crianças, até ao presente, só se tinham, exclusivamente a si, para salvar!... Já não era pouco! Em que combates e por que preço tinham conseguido arrancar-se à destruição dum mundo agonizante!... Valia, porém, a pena combater tanto, sofrer tanto, tantas renúncias, tantas afrontas e vergonhas, e recomeçar cada dia, por esse único eu, esse eu pobríssimo, esse eu desnudo, sujo, escaldante, quebrado, cansado, que nos possui, nos obsidia, e que não amamos!...

Ah!, agora, que sentimento tão exaltante, tão embriagador, que afluxo de sangue, agora que se diz: «Salvar o outro!... Ele é meu...» «É meu, ou eu é que sou dele? Anexei-o, ou foi ele? Não se tratará dum engano da paixão, que não confessa o seu egoísmo?» Em todo o caso, é um egoísmo maleável, um individualismo a dois. A porta abre-se sobre o mar; mas abre-se ao fundo do fiorde. É preciso que o barco do amor transponha a porta...

O barco do amor, porém, não está tentado a sair. Os grandes ventos desabaram bruscamente no recôndito abrigado do fiorde. O barco imobiliza-se na sua poça de oiro.

Donde poderá vir a salvação? De que borrasca imprevista, cujo turbilhão tenha o seu centro no próprio coração do amor? Será preciso, então, que a luta se reacenda no seio do par? Será preciso que o ódio sopre no amor, para o amor renascer, para as suas velas incharem de novo e a sua proa mergulhar a relha no mar?... Vamos, avança! Duro cavaleiro que cavalgas a vida, pica os seus flancos com as tuas esporas! Pica os flancos destas crianças! O mundo só caminha sob a espora. É preciso caminhar. Se páras, cais... Tu não cairás! Erguer-te-ei pela dor.

DOR dum mundo! À mesma hora, nações morrem de opressão e de miséria. A grande fome acaba de devorar os povos do Volga. Sobre Roma elevam-se o machado e os feixes dos lictores negros. As prisões da Hungria e dos Balcãs abafam os gritos dos torturados. Os velhos países da liberdade, França, Inglaterra, América, deixam-se violar e sustentam os estripadores. A Alemanha assassinou os seus «precursores». No bosque de bétulas ao pé de Moscovo a pupila clara de Lenin extingue-se, a sua consciência soçobra. A Revolução perde o seu piloto. A noite parece cair sobre a Europa.

Que contam os destinos de duas crianças — as suas alegrias, as suas tristezas — essas duas gotas de água fundidas numa só — neste mar?... Apura o ouvido! Ouvirás rugir o mar. O mar está inteiro em cada gota. Todos os seus tormentos se repercutem nela. Simplesmente, se cada gota soubesse, quisesse ouvir!... Vem cá, debruça-te! Põe o ouvido na concha gotejante que apanhei na praia! Um mundo chora lá dentro. Um mundo morre...

Oiço, contudo, também, o vagido da criança.

Setembro de 1932.

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO
E IMPRESSO, PARA A
PORTUGÁLIA EDITORA,
NA GRÁFICA SANTELMO, LDA.,
RUA DE S. BERNARDO, 84 - LISBOA

ALMA ENCANTADA

IV

A ANUNCIADORA

(ANNA NUNCIA)

★★

ROMAIN ROLLAND

ALMA ENCANTADA

IV

A ANUNCIADORA

(ANNA NUNCIA)

★ ★

Tradução de
JAIME BRASIL

PORTUGÁLIA EDITORA
LISBOA

A ANUNCIADORA

LIVRO II

A GERAÇÃO

I

A Anunciadora compreende dois livros:

I. *A Morte Dum Mundo.*
II. *A Geração* (2 volumes).

I

PRIMEIRA PARTE

Combate

OS primeiros tempos do amor de Assia e Marcos foram embriagadores. A sua lua de mel era ardente como um sol. Havia, nesse mel um fogo oculto, um álcool. De que plantas as duas abelhas o tinham sugado? Não fora sòmente das flores da Primavera. Tinham ambas provado dos sucos do Estio, grande parte dos quais era assaz acre e devorante. O jovem amor, ao misturá-los no seu alambique, transformara-os num filtro maravilhoso. Tudo era novo, tudo era puro, tudo era chama. Há alguma coisa que a chama não purifique e renove? (Que restará, porém, depois?)

Passavam os dias e as noites como pássaros loucos, de boca na boca, agarrados, a beber o ar um do outro, e presos por todas as suas garras, como dois aríetes que penetram até ao coração da praça forte. Ficavam os dias e as noites encerrados, com a janela do quarto entreaberta. Recusavam-se a sair, negavam-se a abrir. Devoravam-se; esgotados e jamais saciados.

Anita, que conseguia forçar a porta, encontrava-os no leito — não se davam ao trabalho de o esconder — embriagados, alucinados, felizes, moídos, ardentes de febre e de volúpia. Assia, abra-

çada à cabeça do seu rapaz, desafiava Anita com olhos ávidos e desconfiados. Anita, porém, olhava para eles com ternura, apertava nas suas mãos as duas cabeças e dizia, a abanar a sua, sorridente, mas preocupada:

— Meus pobres passarinhos... Não comam todo o seu trigo! Guardem alguma coisa para a má estação!

Anita bem sabia que não a ouviam. Saía na ponta dos pés, triste e feliz. Demasiado entrevia o futuro; mas era admirável que tivessem aquele presente! Já era algo de ganho! Vigiava para não ser perturbado. Sem lho dizer (Assia soube-o, depois; Marcos, despreocupado como um homem, nunca o soube), Anita ocupava-se do arranjo da casa, pois, naquelas semanas de desvairamento, parecia-lhes muito natural que os arranjos da casa se fizessem por si próprios, sem eles se ocuparem de nada. A mãe era a sua mulher a dias, que arranjava tudo, invisível e muda.

Quando Assia começou a emergir da embriaguês entorpecedora e a sua cabeça pesada, ao fazer um esforço para despertar, aplicou o ouvido ao sussurro da sombra activa que ia e vinha pela casa, o seu amor próprio despertou, talvez antes da gratidão (os enamorados acham natural que todos os sirvam de joelhos). Recobrou o uso das pernas, para ir reivindicar o seu direito ao governo doméstico. Anita, que varria a sala de jantar, viu-a entrar, descalça, em camisa, de olhos a piscar como uma corujazinha saída da sua torre que se encontrasse sùbitamente ao sol. Riu, deixou cair a vassoura e correu a abraçá-la.

Assia séria — não emergira ainda ao ponto de rir — deixou-se abraçar como uma princesa que condescende e, sentada nos joelhos de Anita, observa-a, gravemente, a segurar-lhe o queixo. Apoiava o polegar na face e fazia-a voltar o rosto, para a

examinar de perfil. Depois, segurou as duas faces com as mãos e mergulhou o seu olhar nos olhos dela. Nesse contacto, as pupilas de aço dilataram-se, os dedos duros abrandaram, a mão ainda húmida acariciou a boca de Anita e Assia disse:

— Obrigada.

— Não quero agradecimentos — proferiu Anita.

— Não me preocupo com o que quer. Quero eu. Obrigada!

— Obrigada porquê?

— Pelo que fez!

— Está bem assim? — perguntou Anita estreitando-a contra si.

— Exactamente como eu gosto!

Os dois olhares risonhos defrontavam-se. Não seria cómodo desafiá-los. As duas comadres não tinham medo de louvar as boas coisas deste mundo. Anita, porém, disse, com alegre humildade:

— Nós, as mães, só os fazemos por metade. A ti, agora, cabe completá-lo!

— Venho de trabalhar nessa tarefa.

— Oh! Não é obra para uma noite. É uma tarefa difícil. Terás de usar nela as mãos. És paciente?

— Não o sou nada!

— Ai, ai, ai!...

— Basta que ele o seja!

— Não respondo por isso.

— Então, devolvo-lho. Enganaram-me sobre a qualidade da mercadoria.

— E se te pegasse na palavra? Se o recuperasse?

—Ah! Sim?! Experimente! — proferiu, e recuou com ar provocador.

— Paz, paz, minha bela! — exclamou Anita. — Não há nenhum risco. Tomaste a praça; ocupa-a. Está na ordem das coisas. Levaste-me o meu filho; levar-te-ão o teu.

— Oh! Daqui até lá! — exclamou Assia. — Faço a minha colheita e como-a. Mais tarde, alguém se ocupará da semente.

— Toma cuidado não venha o Verão muito cedo!

— Não o temo. Gosto do fogo.

— Já passei por ele — retorquiu Anita.

— Farejei-o — proferiu Assia, agitando o nariz. — Pelos cantos ainda cheira a queimado.

— O fogo apagou-se.

— Tem a certeza disso? Vou revolver as cinzas!

— Não, isso não! Não me apetece nada recomeçar. Cada um por sua vez. O fogo agora é para vocês! Poupem-no.

— Há sempre muito!

Anita tinha as suas dúvidas; mas não era prudente exprimi-las. A gente nova sabe tudo melhor do que os outros. Oxalá o deus do fogo vele por ela. Não se lhe pode pedir nada. Não ouve coisa nenhuma: não tem ouvidos nem olhos. Só tem uma língua, não para falar: para queimar. Não deixa nada sem ter consumido tudo; está sempre faminto. É preciso, sem trégua, levar-lhe novo alimento.

Marcos e Assia tinham mais fogo do que Anita supunha. Os seus corações continuaram a arder, durante meses ainda, após a grande fogueira do começo. Retomaram a vida de trabalho quotidiano; baixaram as pálpebras sobre a chama do desejo; mas logo que as erguiam, flamejavam. Os seus olhos vorazes comiam-se como os do par da Farnesina. Parecia não ficarem jamais saciados...

Depois, dum dia para o outro, o fogo extinguiu-se e fez-se noite...

A catástrofe não os atingiu ambos ao mesmo tempo. Foi um após o outro. Assia foi a primeira a receber o golpe. Dispunha-se a sair. Marcos acabara de a deixar. Tinham questionado. O estore do quarto estava descido. Lá fora, o sol e o barulho da rua. Assia, sentada na cama, sentia-se vazia de ideias, fatigada, um tanto triste, aborrecida. Estava calor no quarto. Levantou o estore. O sol entrou. Viu-se ao espelho, com os braços levantados, a arranjar o cabelo. A claridade do dia incomodava-a e piscou os olhos. No breve segundo em que as pálpebras baixaram e se ergueram: um mergulho...

Quando Assia reabriu os olhos, já não estava no mesmo lugar; os dois instantes que se seguiam não se continuavam: havia entre eles um hiato monstruoso. A mulher, com olhos de cego que busca o seu caminho, não encontrava já a sua sombra nem o seu sol: já não encontrava o seu amor. Teve uma vertigem. Teve uma vertigem e caiu num banco junto à parede. Não tivera forças nem para separar as mãos juntas por cima da cabeça, que a esmagavam como um capitel. Olhava na sua frente, aterrada, mas não via nada, não pensava em nada.

Sentia-se «nada». Nada no coração. Nada no espírito. O vácuo absoluto. Nem o vestígio do pas-

sado. Quando procurou recordar-se, agarrar-se a alguma coisa (caía do alto de uma torre), o seu sangue pareceu gelar. Tudo se tornara estranho: aquele homem, aquele corpo que tinha tocado no seu, aquela recordação dos seus transportes, aquela mulher nua que se entregava, aquela Assia... «amar... amar...» Repetia, sem as compreender, as duas sílabas mortas. Nenhum frémito, nenhum sentimento correspondia a elas... Disse para si: «Estou louca. Bem sei que o amei!...» A sua consciência alucinada replicava: «Como?... Que é isto? Não compreendo...»

Passou horas, perdida no vácuo, sentada a um canto, sem se mexer. Veio a noite. O relógio de uma igreja lembrou-lhe que o «outro» ia regressar. Teve um sobressalto. Lavou-se, penteou-se e arranjou a cara. No fundo dos seus olhos, tristes e duros, viu ao espelho aquele «nada»! Lançou-lhe um véu por cima. Não o podia mostrar nu... Compaixão pelo outro ou medo de si própria?

Marcos não reparou em nada (os apaixonados estão cheios de si); e aquele egoísmo de olhos cegos cavou ainda mais o abismo. O rancor que Assia sentiu com isso rasgou o véu que velava o seu olhar. Marcos mergulhou nele e viu, estupefacto, o deserto. O véu, porém, fechou-se e não tentou reabri-lo. Às suas perguntas, a mulher respondeu:

— Nada.

Marcos absteve-se de insistir; tinha medo. À noite, teve nos seus braços um corpo morto, corpo que, no entanto, vivia e se prestava, passivamente, ao que ele queria, mas corpo vazio do seu ser: daquilo que ele conhecia, do seu bem, e que já lá não estava. Graças a Deus, não viu um outro ser oculto na sombra, cujo olhar gélido o espreitava. Se não o viu, porém, sentiu esse frio. No meio do amplexo, abandonou o corpo que se lhe abandonava. Embora a mulher ficasse imóvel, pareceu-lhe uma pedra que, solta das suas mãos, caía. Um ao lado

do outro, na cama, abafavam a respiração e fingiam dormir; mas cada um espiava o outro, com o coração e os membros contraídos... «Que ser é este, a meu lado?...»

Assia, persuadida de que Marcos dormia, aproveitou isso para se evadir. Muito lentamente, voltou-se e opôs-lhe o muro das suas costas. Marcos seguia cada um dos seus movimentos como os de um animal desconfiado que foge e perguntava a si próprio, angustiado: «Que lhe fiz eu?»

Assia sentia-lhe o bafo nas costas, mas na sua frente tinha o leito vazio e a noite livre. Fugia na floresta... Felizmente, o sono fingido mudou-se em verdadeiro; abateu-se sobre aquelas duas crianças e imobilizou-as na sua carreira. Quando o dia chegou, reencontraram-se, doloridos, mas aliviados. Sorriam um para o outro sem ousarem fitar-se. Marcos aprendera a temer Assia; Assia a temer-se a si própria (era pior... pois não tinha a certeza do que viria!...).

Depois, foi a vez de Marcos. Abriu-se o abismo. No dia seguite, na hora após os momentos amorosos, em que o pensamento estava ùnicamente habitado pelo desejo e pela alegria da amada, cavava-se nele uma ausência total de amor: a amada não era mais do que um peso morto. A indiferença era tão esmagadora que estava, a um passo, do nojo e, a dois, do ódio. A revolução interior parecia tanto mais terrível quanto era certo efectuar-se sem ruído e sem choque: dava-se por ela depois de já estar realizada. Marcos assistia a isso assombrado. Na sua lealdade apaixonada, acusava-se e condenava-se; mas não podia fazer nada. Fora posto em presença do desastre, dos factos consumados. Todas as forças que lhe restavam não eram de mais para dissimular as ruínas aos olhos da outra. Não eram, sequer, bastantes, pois Assia, advertida pela sua própria experiência, farejava as ruínas.

Passaram por esse transe, cada um por sua vez,

mas nunca juntos. Isso durava, umas vezes, horas, outras, dias. Parecia que, ao repetir-se, o fenómeno tinha tendência para se prolongar: já não possuía a violência do primeiro embate; mas era mais triste e esmagador. Tirava o gosto de viver. Nunca tiveram a energia para falar um ao outro nesses assaltos. Ocultavam-nos como uma doença vergonhosa. No silêncio, a enfermidade tornava-se crónica; instalava-se.

A única que poderia instruí-los, Anita, fora posta de parte por ambos. Por seu lado, evitava imiscuir-se no lar dos filhos. Conhecia o feitio desconfiado da nora e só podia obter a sua confiança se não a buscasse. Era, aliás, enganada por ambos. Depois de ter previsto e esperado as inevitáveis baixas de temperatura que se seguem às altas pressões, no momento em que a depressão se produzira, não dava por ela, pois os filhos punham-se de acordo para lha ocultar. Jamais aquele casal parecera tão unido aos olhos dos outros como naqueles dias em que o amor vacilava nas suas bases, pois tinham vergonha de confessar o que lhes parecia uma enfermidade: um mal sem causa!

Nem um nem outro, eram, no entanto, noviços no amor. Já o tinham saboreado até à saciedade. Nenhuma das suas experiências anteriores, tivera, porém, a intensidade daquela. Não era, até então, o verdadeiro amor que estava empenhado, mas antes o jovem desejo que parte à caça, a alegria da festa, nada de malsão, mas nada de profundo, a imprevidência da natureza que se ensaia e se engana alegremente porque tem tempo para tudo! Quando a natureza, por acaso, se deixa prender no seu próprio jogo, irrita-se e atira as cartas para a mesa, como fizera Marcos, com despeito, quando Sílvia o empurrara para a armadilha.

Naquele caso, contudo, não havia nenhuma armadilha, nenhum jogo. Tratava-se do «total» da vida, livremente oferecido e aceite. Tinham dito

tudo e tudo mostrado um ao outro; haviam tomado tudo e dado tudo. Lançaram no seu amor a torrente inteira das suas vidas. Era justamente por isso (mas não o podiam compreender) que, depois de terem dado tudo, não lhes restava nada! Nem uma gota! Quando a cheia do amor estava a diminuir, o leito da torrente da vida ficava a seco e pereciam exaustos.

Só mais tarde chegariam à sageza que compreende e se compadece, que se desculpa mùtuamente e procura, em tais ocasiões, um retiro onde esperar o fim do refluxo e a subida da própria maré. Na verdade, não é nada mais nem menos o ritmo da vida e as suas oscilações, tanto mais amplas quanto a vida é mais pròdigamente despendida. A cada retirada sucede um novo ímpeto, a menos que a violência dos choques repetidos não estique a corda do arco e que a mola do coração não afrouxe. O arco era bom; mas o arqueiro perdera a confiança em si. Até quando se abria a fonte da vida, não podiam esquecer os períodos da secura e como se tinham, então, visto um ao outro.

Não eram enamorados de olhos vendados que tivessem medo de se ver. Em todos os momentos do seu amor, tinham-se visto tais como eram; sem véus, nus, com as suas fraquezas, as suas fealdades e os seus vícios (há-os em todos: nos mais belos e nos melhores). Tinham ambos olhos penetrantes e caprichavam em ver tudo e em mostrar tudo. Quando chegaram os períodos de morte do amor, não descobriam no companheiro nada que já não conhecessem. Era, porém, a maneira de ver que contava! Quando amavam, amavam as próprias fealdades; amavam-nas (secretamente) talvez mais ainda do que as qualidades; o amado parecia mais próximo, mais fácil de tocar, mais abandonado ao outro.

Quando o amor se eclipsava, que mudança de sombras e de relevos! As mesmas linhas deforma-

vam-se, o grotesco e o odioso acentuavam-se; que miséria! Como tinham podido amar-se?... Suportar aquilo que deviam ver e conservar junto de si, toda uma vida! Chegado o fim do eclipse, bem podiam procurar tranquilizar-se ao descobrir, à luz do dia, os sítios conhecidos e amados; a verdade é que não esqueciam jamais o que tinham visto. O olhar inquietante de Assia encarniçava-se a tactear o rosto e os movimentos do seu amante, que se sentia observado e a observava por seu turno. Depois, caíam nos braços um do outro; amavam-se com mais intensidade, com uma espécie de furor concentrnado: furor contra si próprios, medo de se perderem. «Perdão! Perdão!»... A vaga, porém, voltava a cavar-se, inchava, descia, subia... Sabiam que jamais a podiam reter. Já não tinham nenhuma segurança...

Sem dúvida!... Não se constrói nada sobre o amor. Sabiam-no, ou deviam sabê-lo: a vida é um estaleiro onde o trabalho não cessa nunca; não há lugar para quem passeia! Direito ao amor, seja, mas como o direito ao pão! É preciso pagá-lo com trabalho: quem não trabalha não tem o direito de comer: quer do amor, quer do pão. É a lei de bronze. Se uma praga de parasitas consegue ainda escapar a ela, encontra nisso o seu próprio castigo. O pão roubado fica-lhe na garganta. Morre enojada do seu prazer. Não! Ninguém vive, ùnicamente, de pão e de amor... Trabalha e cria!

EMBORA o tivessem querido, Assia e Marcos não dispunham dos meios para passear, de mãos dadas, e enternecer-se com o vaivém do termómetro do amor. Tinham ambos de ganhar o seu pão. Marcos estava ao serviço duma firma de venda e instalação de aparelhos de rádio. Assia fazia traduções do russo para uma casa editora. Traduzia e dactilografava também cartas comerciais, para uma empresa de exportação. Só se viam às horas das refeições e, por vezes, regressavam a casa bastante tarde, à noite. O trabalho, porém, não era de modo nenhum «o outro pensamento». Acumula-se num reduto sem ar onde fermenta... O «outro pensamento» é a inextinguível aspiração da caravana que caminha pelos areais tristes e ardentes, em direcção à fonte, na noite estrelada... «Oh noite!... Oh fonte!... Tenho de te encontrar morna, salobra e turva! A minha sede redobra, insatisfeita...».

Enlaçavam-se, todas as noites, com um frémito de expectativa e uma necessidade mais devorante. Deixavam-se insatisfeitos e, não ousavam confessá-lo, desiludidos. Enquanto, porém, Marcos se enraivecia na perseguição e, à medida que ela lhe fugia, queria, cada vez mais, possuir a amada, que não houvesse um único recanto da sua terra e do seu pensamento onde não entrasse; a mulher reve-

lava-se, retomava consciência, com orgulhosa amargura, dos limites do amor nela: «Abro-te a minha porta, porque quero. Entra! Até aqui, porém; não irás mais longe!»

Assia descobria, para além das portas do seu coração, espaços ilimitados, onde ninguém tinha o direito de entrar. Ela própria não os tinha explorado; perdiam-se nos longes: «A alma»... «O meu corpo, o meu coração é teu...» mas a «alma» não! A «alma» é minha... É minha? Ou é dela e sou sua?» Era justamente a alma que ele queria! Essa «alma» em que ela não cria! Como boa russa de após 1917, alimentada com a papa materialista, segundo a fórmula oficial, cortara a alma como cortara o cabelo. Já não empregava essa palavra vazia de sentido. Dizia: «Eu, as minhas necessidades, os meus direitos».

Quem lhe trouxera à memória essa velha palavra, essa canção longínqua? Fora Anita. Acabara por ver claro no mal entendido que se cavava entre os seus dois filhos e eles lhe ocultavam. Estavam, porém, demasiado apaixonados para serem cautos. O que ocultavam mostravam-no com os olhares. De testas franzidas, crispados, tinham o ar, em frente um do outro, de dois animais jovens que se desafiam, que se recusam e se querem: «Pertences-me!» «Pertenço-me...» Se lhe pegassem, porém, na palavra, a que se recusava ter-se-ia atirado para o outro, a gritar-lhe: «Pega-me!»

Ah! Como Anita conhecia bem esses combates! Recordava as lágrimas de Rogério, nos bosques e os ladridos longínquos do cão que perseguia a caça (*). Compreendia e lamentava o filho e secretamente murmurava-lhe: «Coragem!»

Um dia em que Assia, sòzinha com ela, chocava

(*) V. «Anita e Sílvia», 1.º vol. de «Alma Encantada».

a tempestade e se obstinava num mutismo amuado (estava convencida de a sogra não a compreender e, se a compreendesse, não lhe dar razão), Anita, que parecia não olhar para ela e sorria para uma touquinha de recém-nascido que estava a fazer a ocultas, trauteou a meia voz:

El corazon te daré
También te daré la vida,
Y el alma no te la doy,
Porque esa prenda no es mia.

O ouvido de Assia pôs-se à escuta. Tinha a facilidade eslava. Apanhara algumas palavras:

— Que é isso?

— Percebeste?

— Que é isso?

— O nosso cântico de guerra.

Assia pôs a sua mão na de Anita:

— O nosso cântico? O «meu»!

— Vê se o és capaz de repetir em francês!

Assia, hesitante, traduziu, corrigida por Anita:

— «Dou-te o meu coração / Dou-te a minha vida / Mas não te dou a minha alma / Porque essa prenda não é minha.»

Deteve-se, surpreendida, e perguntou:

— Quem disse isto?

— *Una niña bonita*, como tu e eu... Queres mais?

Trauteou:

Una niña bonita
Se asomó a su balcón...

Continuou a cantiga que, traduzida, diz: «Ela pediu a minha alma / Dei-lhe o meu coração / Ela pediu a minha alma / E eu disse-lhe que não».

Assia, calada, engolia a saliva e cravava as

unhas na mão de Anita, que se inclinou para ela e lhe beijou o cabelo, murmurando:

— Não lhe digas adeus!

Assia recuou, irritada:

— Como sabe? Que sabe?

— Criei-o ao meu peito. Sei como o meu rapaz é guloso!

— Ainda bem que o é! — exclamou Assia. — Se não tivesse fome de mim, não o queria.

— E se tem fome de algo mais do que o teu leite?

— «Dou a minha vida»... — disse Assia, a repetir a canção espanhola.

— ...«Mas a minha alma não ta dou» — continuou Anita.

— Faço mal?

— Não; tens razão.

Assia atirou-se para Anita e pegou-lhe nos braços:

— Tenho razão? É a senhora quem o diz?

— Sim, sou eu.

Assia beijou-a furiosamente.

— Atenção! Podes picar-te — advertiu Anita, afastando de si o trabalho e a agulha; depois, continuou com doçura: — Justamente por teres razão, é preciso usar de indulgência com o meu rapaz. Ele não sabe! Eles não sabem, essas pobres crianças! Somos nós quem sabe e devemos compreendê-los e amá-los tais quais são.

— É tal como é que gosto dele! Se fosse outro, não lhe quereria bem.

— Então, por que o atormentas e te atormentas?

— Porque ele me atormenta.

— É uma criança. É o teu filho. O homem que nos ama é nosso filho. É preciso embalá-lo, dar-lhe o seio. Se nos morde, o cachorrinho, é porque está a afiar os dentes em nós. É cão de boa raça.

Assia percorreu com as mãos os braços de Anita.

— Que procuras?

— As marcas dos seus dentes.

Anita retirou os braços:

— Indiscreta!

— Conte-me!

— Que queres que te conte?

— Uma das suas histórias com os seus cães.

Anita repetiu o fim da copla: *Y el alma no te la doy / Porque esa prenda no es mia.*

— Então, não a podemos partilhar com ninguém? Essa alma é preciso conservá-la ùnicamente para si?

— Não para ti!

— Então para quem?

— Para ela.

— Não compreendo — proferiu Assia.

— Eu também não — concordou Anita — mas e assim.

Assia deixou-se cair no sobrado com a face encostada às pernas de Anita. Meditava e, por fim, disse:

— Sim, é isso... mas não é nada animador... Essa estranha que está em mim, que manda em mim, esse pensamento que me invade e me escapa... que é que me habita?

— É preciso não nos afligirmos com isso. Cada um de nós é habitado por muitos. Nem todos os locatários são bons. Não podemos fazer nada contra isso. É preciso de tudo para fazer o mundo. A questão é ser um mundo, isto é: saber organizá-lo. Ainda não o sabes; mas aprenderás.

— Que hei-de aprender? Que o pensamento não se transforma em acto? Mas entre uma coisa e outra há apenas uma linha. Quanto a mim, quando se é franco, o pensamento equivale ao acto. A mulher que, na cama com o marido, pensa no amante, bem sabe que o engana, tanto como na cama do amante.

O bom senso irónico de Anita travou a tempo:

— Está bem, minha filha. Ele é enganado.

O pensamento basta. Ao menos, porém, que substitua o acto! De um ao outro, só há uma linha, como dizes; mas para o marido, para os outros e até para nós, essa linha é muito importante... Peço-te: poupa o meu Marcos; não ultrapasses a linha!

Assia, que sabia apreciar a ironia, riu com gosto:

— Não se trata disso! Gosto do meu Marcos, para aquém e para além da linha.

— Talvez não gostes sempre dele para aquém.

— Porquê?

— Tu o disseste: o nosso pensamento muitas e muitas vezes nos escapa. Não sigamos atrás dele, pois voltará... Enquanto esperas, minha filha, é inútil que o teu companheiro saiba quando o teu pensamento atravessou a ponte.

— Devo mentir-lhe, eu? Não, isso nunca!

— Não é mentir poupá-lo a sofrimentos inúteis. Trava os teus combates sòzinha! Depois, dir-lhe-ás os resultados.

— Então, devo guardar para mim as minhas serpentes?

— Devora-as! Cada um deve comê-las sòzinho; ou, se as tens em demasia, cá estou eu. Convida-me para o teu repasto!

— Não se sabe nunca quando fala a sério.

— É a sério, sim, mas não ao trágico. A natureza é o que é. Não serve de nada protestar. É preciso conhecê-la e esforçar-nos por a governar. Se não o podemos fazer e se a barca é arrebatada, então, só resta aceitar e, segundo os gostos de cada um, rezar ou rir.

— Rir?

— Por que não? É a nossa derradeira vitória.

— Filha de Viking!

— É muito possível! Sílvia dizia-me, quando eu era jovem, que parecia um toiro da Normandia. Recordo-me de ter pastado nos belos prados, ao sair da barca que trazia os guerreiros loiros do Norte.

— Roer a erva e rezar, isso não representa nada

para mim! Rir, convém, mas à custa do inimigo, bater-me com ele, sem aceitar nada!

— Aceita ou não! Êle ri-se da permissão!

— Quem?

— Aquele que vem.

Ao fazer um esforço para se levantar, a fim de interrogar o rosto de Anita, as mãos de Assia encontraram no sobrado a obra que a sogra fazia e que caíra. Maquinalmente, apalpou-a e depois disse, surpreendida, ao olhar para ela:

— Que está a fazer? Uma touca? Para quem?

— Para aquele que vem — retorquiu Anita.

Assia voltou-se para ela:

— Quem lho disse? Marcos jurara-me não dizer nada.

Anita acariciou-lhe a face com a mão pendente:

— Ninguém mo disse; mas pensei que vinha a caminho e preparei-me. Deve ter as pernas compridas, o lebrèuzinho. Os pais, vocês ambos, têm corrido bastante!

Assia ria e roçava o rosto contra a mão que o acariciava.

— Se corre! Sinto no meu ventre as suas patinhas... Corre, vai correr... Ah! meu Deus! Irei ficar-lhe acorrentada? Não quero, não sou feita para o choco.

— Que receias? — inquiriu Anita. — Visto que tu própria não tens a tua alma, quem, portanto, a poderá acorrentar?

ANITA, contudo, só podia guiar os seus filhos até meio caminho. Para além disso, sabia tanto como eles. Achava-se desorientada. Tomava parte, sem que lho dissessem, na mesma crise do pensamento, precisamente por as suas naturezas serem aparentadas. Embora cada um caminhasse com o seu passo e por outros atalhos do caminho, acabavam por ir dar ao mesmo beco sem saída. A religião inexprimida de toda a vida de Anita era o seu altivo individualismo. Alimentara-se dessa chama que, mais pura nela do que na maioria, lhe servia de alimento comum com os principais da sua geração, sobretudo com os mais livres e os mais fortes, com todos quantos elegera ou aceitara como amantes, amigos ou aliados. Para eles e para ela, a tara irremediável, o pecado, era qualquer alienação, embora parcial, do livre eu. Tudo antes que ter de renunciar a ele! Até as dificuldades materiais e a solidão.

Isso ainda era pouco. Anita sentia-se inclinada até a aceitar o excesso contrário. Sentira-se mais de uma vez atraída (não gostava de o confessar) para o associal, o *condottiero*. Daí os seus arrebatamentos, as suas alianças, inexplicáveis aos olhos das pessoas sensatas que a conheciam, com um Filipe Villard e um Timão. Essas pessoas sensatas fi-

cariam bem surpreendidas (ela também, talvez) se a sua consciência, a sua verdadeira consciência, a que não se preocupa com a moralidade, lhes tivesse dito: «Estou mais próxima deles do que de vocês». Antes ser lobo do que carneiro! Seja como for, o que importa é não ser carneiro! Era o horror obscuro, incoersível, pelo rebanho!

Infiltrara esse horror, com o seu sangue, em Marcos. Não era, talvez, o menos belo dom que lhe fizera. Em todo o caso, esse dom não lhe facilitava de modo nenhum a vida. Marcos nunca pudera ligar-se pelo pensamento a nenhum partido. Tal como sua mãe nunca pudera consentir em encerrar-se no leito de um casamento, o rapaz recusava-se a encarcerar o seu espírito nos lençóis de uma doutrina. Não concebia esse masoquismo da maioria que se obstina em se acorrentar de dorso curvado, deformado, nas jaulas à La Balue! (*) Que tinha a fazer com todas as suas rixas entre «ismos»: materialismo, socialismo, comunismo, etc.! Eram tudo coleiras de cães à trela.

Assia também fugia à trela, fugia dos muros que limitam, fugia do canal, do leito traçado, fugia de tudo que prende, embora, por muito querer salvar o seu eu, viesse a perdê-lo como um regato que enche, salta as margens e se perde nos campos. À força de correr, o riacho perde a sua inclinação e a sua corrente. Cuidado, não vá acabar em pântano que estagna, sem limites, ao sol!... «Cuidado, Marcos! Esta princezinha da febre, este regato sem leito, que foi fazer a teu lado?»

Assim procurara, como Marcos tentara também, realizar juntos o isolamento a dois, o indivi-

---

(*) Alusão ao cardeal de La Balue, ministro de Luís XI, que o mandou meter numa jaula de ferro, por espaço de onze anos, a pretexto de ter conspirado com Carlos, o Temerário. — *N. do T.*

dualismo de duas faces como Jano. É o instinto da vida, o eu, o eu! Tem sempre fome. É preciso alimentá-lo... «Alimentá-lo de ti. Quero ser tu. Ser? Ter-te!»... As duas faces de Jano não se ajustam, porém, nuca com nuca, mas boca com boca: os dois sorvedoiros. Qual deles devorará o outro? Ou a laranja é dura e amarga, e resiste; ou é mole, e é chupada. «Depois, que resta para a minha sede? A casca? Atiro-a fora... Não é preciso muito para voltar a sentir a minha solidão e a minha sede...» Não foi preciso muito para Marcos e Assia sentirem na língua o duplo gosto amargo e seco, esse amargor que provém, nos seres sãos e sinceros, da consciência (mais franca em Assia e mais reprimida em Marcos) da inutilidade social das suas vidas.

Anita via o seu filho entristecer quando a visitava, não muito frequentemente, pois o rapaz sentia-se pouco à vontade ao falar-lhe e receava o seu olhar demasiado atento, embora quisesse persuadir-se de que a mãe não podia ler nele. Tinha a tendência masculina de atribuir, desdenhosamente, às mulheres uma impotência congénita para saírem de si próprias, uma miopia perturbada de sonâmbulas, que caminham envoltas nos fumos cálidos dos seus sonhos. Quando ia a casa da mãe, mantinha-se mudo, ou falava de coisas indiferentes; mas Anita via as rugas precoces que se cavavam na sua fronte crispada e respondia-lhe distraìdamente. Os pensamentos de ambos não prestavam atenção às suas palavras, seguiam cada um o seu caminho. Sem querer, Anita, uma vez, suspirou. Marcos perguntou-lhe:

— Que tens, mãe?

— Uma certa fadiga. Isto não é nada.

— Quando poderás descansar um bocado?

— Quando os meus filhos forem felizes.

— São-no — retorquiu Marcos.

Anita sorriu e fitou-o nos olhos. O primeiro movimento do filho foi desviar os seus. Depois, irritou-

-se com essa fraqueza e o seu olhar sustentou o da mãe. Tinha o ar de a desafiar. Anita pôs-lhe a mão no braço e sentiu que os músculos se contraíam; disse-lhe a rir:

— Queres lutar?

Feliz com esse pretexto para desviar o seu pensamento, Marcos libertou os seus braços, agarrou nos da mãe e apertou-lhos afectuosamente, como nos seus brinquedos de lobacho. Anita gritou. Doía-lhe; mas fazia-lhe bem. Rendeu-se e disse:

— Estás forte, meu filho... Que tenaz!

Marcos deixou-a:

— Oh! Fiz-te doer?...

— Não é nada... Que bons braços te dei... Estás bem treinado... Não basta, porém, estar bem treinado e ser forte!... É preciso conhecer o adversário. Conhece-lo?

Anita já não falava de si. O filho não a compreendeu. Estavam quase fronte contra fronte. A mãe encostou a sua, docemente, à do filho e repetiu:

— Conhece-lo, meu grande lutador? Conheces bem o adversário?

— Quem? Tu?

— Eu ou ela. Aquela que te ama mais e a quem amas... Estás bem preparado?

Marcos sentiu-se desorientado e confessou:

— Não compreendo.

Começava a estar inquieto. A mãe ergueu-se, segurou-lhe a cabeça nas mãos, para o filho não lhe fugir e com ele preso pelos olhos aos seus, mudou de tom. Já não ria! Sem elevar a voz um tom acima do outro, disse-lhe, inflexível («não te devo poupar...»):

— Toma cuidado... Aquela que amas, e te ama o mais possível, odiar-te-á, quando a hora chegar, e odiá-la-ás. O ódio ainda não é nada! É o nojo... A tua simples presença causar-lhe-á re-

pulsa. Ocultar-to-á e ocultá-lo-á a si própria... Isso durará, isso pode durar, uns instantes ou então dias... Isso sucederá nos mais ardentes arrebatamentos do amor ou estes poderão suceder-lhe. Ou então isso instalar-se-á com permanência, sem ruído, debaixo da placidez da vida quotidiana, num período mais ou menos longo e sem que o acordo tácito, renovado de dia para dia, seja modificado. O mal, contudo, estará dentro do coração bem querido. O teu próprio coração não escapará a isso. Sentirás, nos teus momentos ou nos teus dias, os mesmos ímpetos, as mesmas mordeduras.

«O pior será as tuas horas não serem as suas: o erguer-se da alma em revolta não é sempre à mesma hora nos dois quadrantes. Pode ser à noite, quando te aproximares dela com o amor o mais ardoroso, que o seu coração te detestará. Pode ser à noite, quando o seu corpo se prender ao teu com arrebatamento, que a tua alma furiosa rugirá: «Vai-te embora!»... Não lho dirás, porém, e ela não to dirá, pois cada um de vocês terá vergonha de si e compaixão pelo outro... Vergonha e compaixão... É bem assim! É o primeiro passo. Graças a esse passo, os vossos desgostos não serão completamente perdidos.

«A maior parte dos seres, com a condição de serem dotados de uma certa humanidade, chegam a isso e não vão muito longe. É preciso, porém, que tu, meu Marcos, dês mais um passo. É preciso aprender a olhar de frente para o adversário, como olhas para mim neste momento (não te mexas!) e lhe digas: «És assim e gosto de ti assim. Amo-te, a ti que me repeles, a ti que me odeias, mal grado teu. Perdoa-me! É a lei feroz da revolta. É tão sagrada como a do amor. Talvez te amasse menos se não fosses capaz de o ouvir...».

Anita cessou de falar, mas continuava a apertar a fronte do filho e sentia bater-lhe as fontes sob os seus polegares. Marcos suspendera a respiração.

Depois afastaram-se um do outro e os seus olhares evitaram-se. A meia voz, o filho disse oprimido:

— Tenho medo... não estou preparado...

— Meu pobre filho... — retorquiu Anita — eu também não!... Nunca o estive a não ser depois da batalha travada... É, porém, já qualquer coisa ter um exército de reserva... Dou-te o meu.

Marcos replicou no mesmo tom:

— Esse exército mete-me tanto medo como o adversário.

Anita riu:

— Meu querido filho... desculpa-me...

Marcos levantou-se para se ir embora. Quando ia a sair voltou-se:

— Mãe!... Podes ainda amar a vida?... Mas é um monstro!

— Há belos monstros — disse Anita.

— És um deles — proferiu Marcos, a gracejar.

— Sou da sua raça e não me envergonho. Trata de não teres vergonha da minha!

— Se tivesse a certeza de não te envergonhar!

— Envergonhar de quê? Visto que provéns de mim, tudo que vem de ti é da minha conta. Não protesto a minha assinatura. Aceito tudo; o presente e o futuro.

— Até as porcarias?

— Servem para fazer adubo — proferiu Anita jovialmente.

— Tenho uma mãe cínica — murmurou Marcos com um ar ingénuo — que ainda por cima cita Labiche! (*)

(*) Eugène Labiche (1815-1888), o comediógrafo francês, célebre pelas suas réplicas espirituosas.

— Citaria de melhor vontade Rabelais (*); mas poupo-te, minha menina...

— Essa agora, essa agora! — exclamou Marcos vexado. — Julgas que tenho medo das palavras e das coisas?

— Ora! Mostras-te enjoado perante a vida!

— Sinto-me enjoado de mim. Estou no meu direito!...

— Não! Não estás... Volta para o teu campo! Tudo deve servir para o adubar: o estrume e até os vermes e os gafanhotos. Crava a tua pá, como o homem nu, em cima dos velhos livros de Lamerre. Ara o teu campo!... Não esqueças também o de Assia!

— A esse respeito — retorquiu Marcos — não preciso, minha querida senhora, que me dêem lições!

O filho e a mãe riram-se. Ao descer a escada, Marcos pensou: «Se ao menos Assia fosse assim».

(*) François Rabelais (1494-1553), o célebre escritor francês, autor de «Gargantua» e «Pantagruel», de linguagem cheia de vivacidade. — *N. do T.*

ASSIA não estava assim muito longe de Anita! Menos do que de Marcos. Todas as mulheres têm entre si — brancas, negras, amarelas, verdes — laços que as ligam. Se apresentam o ar de não os ver é porque, na maior parte do tempo, são rivais e roubam-se, umas às outras, o homem (até sem o amarem, só por um instinto a que as melhores resistem, mas não ignoram). Assia, desde o primeiro dia, sentira muito melhor do que Marcos, o domínio de Anita sobre ele. Naturalmente, a sua primeira tarefa era tirar-lho. Não importava serem aliadas e até que, sinceramente, gostassem uma da outra; o instinto de cada uma dizia: «Este homem pertence-me».

A única diferença era que Anita afastava, froixamente, esse instinto, quando tomava consciência dele, ao passo que Assia só se servia da consciência para lhe acrescentar um aumento de imperioso egoísmo que não admitia partidos. Era isso que, na crise de amor que atravessava com Marcos, a clarividência de Anita só lhe podia ser de medíocre auxílio... Até que ponto, aliás, não haveria uma certa traição, mal grado seu, quando a mãe desvendava tão cruamente ao filho as ameaças do coração feminino? Assia julgava-o ao menos assim. É traidora à «sua» pátria a mulher que entrega ao

homem os segredos da mulher no amor... Todas o são, por seu turno; mas nenhuma o perdoa às outras...

A desunião do jovem casal começara; mas Assia não queria ceder um palmo do terreno conquistado a Anita. Pelo contrário, parecia encarniçar-se na posse do terreno, à medida que soprava nela o vento da dúvida: «Porque vim encurralar-me dentro destes muros?» A criança que tinha no ventre fazia, também, parte da conquista. Aquele inocente!... (Era-o menos ela? Ambos eram cegos...) O filho é a bandeira do vencedor, mas o homem que a ergue não se lembra que é a haste, e que ele também fica preso.

Sim, mas Assia só tarde deu conta de que, por sua vez, estava também presa. Metera a cabeça na mesma coleira. Quem os prendia? Aquele corpinho saído do seu corpo e que lhe acorrentava Marcos e a acorrentava igualmente. Prendia-os ambos ao estranho, ao anónimo, ao sonho obscuro que temiam e se recusavam a aceitar: ao corpo social, com a sua massa esmagadora de servidões. Estavam ligados, ligados pelo seu pujar a esse pólipo inextricável de raízes e radículas, à fatalidade desse cego encaminhamento da seiva, aos seus erros e aos castigos que o esperam. Não os podiam observar, de fora, com um desprendimento desdenhoso, e tinham ido lançar-se-lhe nas redes.

Fora apanhada na armadilha a *niña*! Isso não se confessa nunca, mas Assia sentia a garganta apertada como se uma corda lhe envolvesse o pescoço... Que era ele, ele, o estrangulador, esse recém-nascido com as mãozinhas em farrapos! Inclinada para ele, Assia espiava-o com olhar perturbado e rancoroso. Fora apanhada de imprevisto. Não era, no entanto, a primeira vez que fora mãe... Sim, havia essa terrível recordação que recalcava, essa vìtimazinha, esse fruto sangrento...

Repelira-a para o esquecimento, metera-a bem

para o fundo da água... Tinha de ser!... Se não o tivesse feito, cairia em convulsões... Havia, porém, a certeza de que não voltaria à superfície, que não tinha já voltado?... Não seria ele, o recém-nascido, que despertava ali, no seu leito?... Há destes relâmpagos loucos que traspassam sùbitamente o crânio alucinado duma mulher. Seria inútil raciociná-los. Anita não o tentou. Tudo que podia fazer era procurar não pensar nisso, deixar correr, fazer como se não o soubesse. Resistir seria ver tudo de frente... Se visse de frente, o seu sangue gelava... Encolheu-se com a face escondida no travesseiro... «Não vi nada; não sei nada...».

Dali a momentos, porém, recomeçava a espiar, com um olhar de través, o recém-nascido... Toda a vida de Assia era feita desses recalques e dessas explosões na caverna do ser, que cobriam com as suas nuvens e a sua fita de arco-íris, o movimento perpétuo da existência quotidiana, a única que lhe era permitido ver. Estava, portanto, numa atitude de defesa, em face daquele desconhecido, do filho, mais de medo (até de hostilidade, por breves momentos) do que de amor.

O instinto maternal era pouco desenvolvido nela e a catástrofe do começo tinha-o estrangulado numa obscura autodefesa. Não teria podido viver com aquela terrível chaga aberta e a ânsia de vida tinha-a suturado grosseiramente. O surdo alvoroço da maternidade sufocada, fora interpretado num outro sentido, com a cumplicidade da consciência. O seu apelo fora, como em tantas outras mulheres, desviado para o amante. Tinha, antes, pensado pouco na criança. Quando pensava nela era no homem que pensava. Ela tinha a sua semente; ele estava nela; era dela... Era nela que pensava. Ela era o par; era tudo... Aí está!... Ela não era mais nada... Ele viera, aquele que era tudo... Aquele verme! No combate da geração, Assia sentia-se em segundo plano, simples soldado, regressado à

fileira... Quanto a Marcos, não falemos disso! Ficava relegado para as bagagens...

Quem era aquele novo senhor? Donde vinha? Da noite, da morte, daqueles tumultos da Ucrânia em que o outro corpinho desaparecera? Para onde ia? Aonde a levava? Para que outros tumultos? Era um «senhor escravo» por sua vez, um elo da cadeia que a ligava a todo um conjunto de fatalidades, passadas, presentes e por vir e a essa escravização à sociedade de que julgara ter quebrado o jugo!... Assia olhava para o filho com surpresa, com terror, com repulsa, com ódio e, bruscamente, com torrentes de amor... que fariam saltar todas as barragens.

Foi o arrebatamento inaudito desses ímpetos que encheu o céu de Assia como uma tempestade, mas como as tempestades que, ao passarem, deixam na atmosfera uma perturbação nas estações. Assia teve semanas imprevistas de paixão cega, exclusiva, animal, pela criança. Nada mais existia para ela. Marcos era o marido da aranha. Se o devorasse era por ele estar a mais. O rapaz soube desempenhar o seu papel. Teve o bom senso de se apagar. Não lhe disputava o seu verme de leite. Como muitos homens, sobretudo quando são jovens, sentia nojo pelo fruto do ventre amado. A criança só começa a interessá-los depois de um ano, de se ter lavado... De quê? Das suas impurezas? Tens o direito de falar!... Do abismo obscuro do Informe?... Têm necessidade de reconhecer nele os delineamentos e os limites: o homem.

Foi a partir do momento em que os viu que a torrente de paixão de Assia decresceu. Já não era o senhor misterioso a quem interrogava a sua expectativa alucinada. Era um homenzinho muito ordinário que não tinha nada daquele que ela perdera nem quase nada dela, que se parecia a esses pequeninos franceses que Assia via, todos os dias, sem interesse, expostos ao pálido sol do Luxem-

burgo por formigas obreiras, e que não eram de modo nenhum do estofo do seu sonho. Que traição!... O pequeno era sadio, normal, e exigente; não deixava que o esquecessem. A sua voracidade era ainda aquilo por que prendia mais sòlidamente Assia, pelo seio. A mãe gozava uma satisfação animal ao sentir aquela boca gulosa a esvaziar-lhe o peito. Sim, ele segurava-a por esse lado e segurava-a bem. Surdamente, a mãe detestava-o por isso e pensava: «Quando e como me libertarei disto?»

Assia oscilava entre o rancor e o amor. A descoberta mais feliz que fez foi a de que não poderia ser mais, de ora àvante, nem completamente livre, nem completamente presa... Se ela pudesse ser completamente presa! Ao carácter inteiro de Assia (inteiro e mudável com a sucessão dos momentos, mas em cada um desses instantes era inteiro) nada era menos suportável do que o sim e o não ao mesmo tempo... Nada!... Antes o pior! Tentava, sinceramente, dar-se toda inteira à criança... Impossível! Era preciso ter a ilusão como aquelas mães que julgam ter posto o ovo de Páscoa e para quem o seu patinho depenado é o milagre dos milagres. Assia sopesava o pintainho na palma da mão e pensava: «Um medíocre a mais neste mundo. Sacrificar-lhe a minha liberdade, não. É demasiado!».

Que valia essa liberdade? Que faria dela? Em que a ocuparia?... Assia era demasiado franca para se enganar a respeito dela e a seu próprio respeito. Se nascera ávida e imperiosa, não tentava persuadir-se de que uma superioridade da natureza lhe assegurava, a ela e aos seus rebentos, direitos privilegiados. Não! tinha antes tendência para ver e para se provar sem ilusões a sua mediocridade. Medíocre de espírito, medíocre de coração e, talvez abaixo de medíocre, medíocre de corpo... digamos, feia! «Que me importa isso? Impede-me de ter fome? Tenho fome, como ele, esse sugador que tem

fome do meu seio. Para mim, procuro, como um cachorro cego, um seio para morder as tetas da natureza. Onde se oculta ele? Preciso dele e procuro-o com o nariz e as quatro patas. Se tenho esse homem comigo é para que me ajude a encontrá-lo e faça brotar do seio o leite (fora com o leite insípido!), o sangue que surge do coração da vida...»

AQUELE homem ajudava-a mal. Era, como ela, um cão cego. Procurava, em vão, no velho corpo da mãe Europa, um bico de seio murcho, cansado, quase inteiramente seco... Debatia-se no deserto do individualismo. Como fora isso possível? Fora, outrora, um grande vale umbroso, fértil, bem irrigado. Ontem ainda, quando tudo ardia, entre as ruínas da guerra, era um oásis de espírito livre e conservava a sua fonte fresca e as suas noites puras, sob as palmeiras. Presentemente, a fonte estava conspurcada e espezinhada. Derrubada a cintura de palmeiras, a areia corria através do muro arrombado; o céu era branco e o ar ardente: o deserto quase devorou tudo...

Falemos claro! É ainda dar muita honra a esses cobardes mascarar com imagens a sua capitulação, pois não se trata de outra coisa. O individualismo, o espírito livre, teve sem ruído, logo que a outra guerra acabou, o seu exército de Métis e o seu Sédan. Rendeu-se. Que resta dele? Alguns farrapos de bandeiras, ocultos no bolso, que se exibem em grupinho e em palavriado sem perigo. Quem ousa fazer frente ao Estado e aos seus cães: a opinião e a imprensa? Consideram-se livres, no seu quintal guardado à vista. Cultivam-no e deleitam-se com nobres versos, como esse Horácio, o sabujo, que, à trela, ladrava, altivamente, para a

posteridade. Esse, ao menos, tinha o cinismo de se gabar de ter atirado com o seu escudo. Eles, porém, desejariam fazer acreditar que são independentes quando comem da gamela.

Tàcitamente, ficou estabelecido entre esses altivos intelectuais e o seu senhor (o senhor muda mas a criadagem não) num contrato idêntico ao que rege os animais domésticos: «Toda a liberdade na tua tarefa e dentro da minha quinta; não penses em sair dela! Em compensação, engordo-te...» Adquiriram tão bem o hábito que não tentam sequer sair. Quando o dono os lança para o exterior, não se preocupam: têm a coleira. O número limitado que a tira, a ocultas, porque tem ainda uma certa vergonha, em vão exibe o pescoço: está pelado. Marcos corava por ver esses senhores a quem estimara, os mais velhos com quem contava, empenharem-se, miseràvelmente, a dissimular sob uma jactância de independência, o conformismo de pensamento a que tinham feito a sua submissão, por cálculo ou timidez.

Um tal exemplo desmoralizava os mais jovens e compelia, muito cedo, à prostituição do espírito. Vendiam-se ao que oferecesse mais; mas, à maneira das prostitutas de alto coturno, arranjavam as coisas de maneira para fazer crer que se davam, por amor, ao senhor do momento que os tinha por conta. Desde que uma ideia — vermelha ou negra, de guerra ou de paz — se tornava oficial, ou estava para o ser, corriam a pôr-se ao seu serviço e a aceitar os seus empregos. Se ela vacilava, vacilavam também, a farejar donde vinham os ventos; mas se morria, sùbitamente, de inanição, não perdiam tempo com os funerais, tratavam de aclamar o novo rei.

Isto é de todos os tempos; mas o que é do nosso, é que os nossos, os nossos homens, os nossos bens, os intelectuais e todos os seus santos sacramentos de ideologias democráticas, passam a desempenhar

o papel de cortesãos. Quando era uma aristocracia degenerada que se prostituía, pouco nos importava: «Abre a tua fossa, pois os meus campos, por cima dela, serão mais férteis!». Presentemente, porém, são os nossos campos que se estiolam e quem trai são as nossas ideias, as nossas palavras-luzes, as nossas frases-fontes, de que se alimentava o grande individualismo.

A Independência do Espírito... Para onde foi essa independência? Na melhor das hipóteses, faz a oposição constitucional a um regime que poupa por esperar vir a caber-lhe a sua sucessão. Por isso, assume encargos e legados da herança. Tornaram-se tão hábeis em navegar entre os compromissos de pensamento que, em certas ocasiões, não se distinguem os vermelhos dos negros, nem a mão esquerda da direita: tudo está misturado e os partidos no Parlamento, como cá fora, são mais ou menos anfíbios. Marcos pensava:

«Gosto mais dos *arrabbiati* da reacção. São francos como a lâmina do punhal que, um dia ou outro, me cravarão nas costas. Prefiro-os a esses socialistas do após-guerra, com os seus beijos de judas, que entregariam a Revolução e procuram cortar-lhe os jarretes porque ela os perturba no seu reformismo sem pressas e sem estragos!... Esses locatários do Estado procuram não arruinar a casa que um dia esperam dar de aluguer em seu proveito... Que tenho de comum com essas transacções de especuladores e esses aluguéis de preconceitos e de interesses?

«Se, ao menos, houvesse no Ocidente um quarteirão de homens livres, de homens decididos a procurar e a servir, custasse o que custasse, a verdade onde quer que a encontrassem! Fosse contra a sua pátria, contra a sua casta, ou fosse até contra eles próprios! A verdade é a pátria dos homens livres... Todos aqueles, porém, que vejo à minha volta são sem-pátria, escravos voluntários, enganam o dono

que os deixa actuar, mas os têm seguros. Esses jovens intelectuais e esses tubarões têm juntas lojas de ideologias e de negócios. Ontem, era a guerra, a nação, a civilização latina; hoje, é a paz, a paz da Europa, e, bem entendido, a liberdade que é o seu produto de escambo (valor cotado na Bolsa, está a baixar e compram-no hoje por nada)! Quem quiser ser livre precisa de dinheiro; quem quiser o dinheiro tem de vender a sua liberdade. Conflito de consciência? Isso não!

«A consciência actual tem um coração demasiado sensível para se expor a essas perturbações que afectam a sua saúde. Demonstra matemàticamente que, se é livre, está no seu direito de se vender: basta-lhe querer aquilo por que a compram, e ela quere-o. Basta-lhe dizer o que quer e a consciência fornecerá imediatamente os argumentos. Basta torná-los sonantes: ou oiro, ou lugares, ou papéis a desempenhar: o poder... Disse muito bem o que proclamou: «Querer é poder...» Querer o poder, querem-no todos. Cada um quer a sua parte! Que quer fazer com ela? Quando se encontram lá, querem lá ficar. Não é então que se poderá esperar deles desembaraçarem-se da meada dos compromissos em que se enredaram para subir. Ficarão lá para sempre enredados, como as moscas na teia. Onde está a aranha? Saciada, vigia o seu guarda-comidas. As varejas continuam a zumbir. Querem persuadir-se de que são ainda livres; mas já não o são. Cada movimento das suas asas acaba de as tolher».

A mãe vira-o, por exemplo, no seu zângão, no seu Timão. Fazia barulho e metia medo à sua volta. Não podia, porém, escapar-se e bem o sabia! Anita fora testemunha dos seus furores. Tudo quanto ele podia fazer era enrolar-se em mais teias. Com elas, enrolava também à sua volta os milhares de insectos que elas tinham apanhado. Estes, porém, só faziam à volta dos seus membros uma

mais sofucante espessura no sudário. Estava apanhado... Todos são apanhados, os grandes caçadores, os reis dos negócios, do aço, do petróleo, dos fósforos, dos armamentos! Estão presos aos fios viscosos da mesma rede. Quando um desses fios vibra, sentem-no nas suas entranhas porque são interdependentes. Todos juntos estão suspensos na teia da Aranha... O animal cego que atirou o seu falcão para a torrente da vida. O fatalismo económico rege a elíptica da sociedade humana e arrasta a reboque o Espírito...

Marcos protestava contra isso. Não consentia em assinar a capitulação. Pretendia manter livre em si o Espírito. Tomava como testemunha as suas duas aliadas, as duas frontes duras e obstinadas de independência: Anita e Assia. Anita dizia-lhe:

— Aguenta-te!

Assia, porém, sorridente e irónica, perguntava-lhe:

— Para que te serve o teu espírito livre?

Marcos sentia um aperto no coração. Protestava com violência, mas a estocada directa atingira-o... Esterilidade do individual... Bem procurava criar uma ilusão:

— Sou um mundo. Se o salvo, isso não vale nada?

Assia retorquia-lhe:

— Um mundo concentrado em si próprio, uma estrela vermelha que se extingue, já não aquece.

— Assia! Nem a ti?...

A mulher teve compaixão, mas era-lhe impossível mascarar a verdade:

— Sim, meu menino; mas aqueço, apenas, a ponta dos dedos.

Essa comiseração era ainda pior do que se Assia dissesse cruelmente: «O meu coração tem frio». Marcos tentava lutar:

— Não tens então o teu próprio foco, o teu fogo interior?

— Preciso de o alimentar.

— E o teu cervozinho?... (hesitou em acrescentar: «E o teu Marcos?...»)

— O meu cervozinho e o meu grande cervo... — riu Assia.

Marcos continuou com humildade:

— Não bastam para te alimentar?

Assia acariciou-lhe o rosto com a mão, que ele beijou de passagem, e disse:

— Certamente, certamente, isso faz um fogareirozinho...

— É tudo?

— É muito; mas (perdoa-me!) tenho necessidade de aquecer os pés na terra, quente ou fria, que importa? É nos meus pés que quero o calor, a andar, a correr, a agir.

— Muito bem; não podemos agir juntos?

— Sim, mas como? Que podes fazer?

Marcos demasiado conhecia a sua impotência, mas tentou protestar:

— Podemos fazer tudo; somos livres.

Assia sorriu incrédula:

— Livres para dar a volta à cerca! Não digas tolices! Bem sabes que a liberdade está encerrada em campos de concentração. É proibido sair! Poderiam estrangulá-la; mas são generosos! Basta deixar que a raça se extinga. Os últimos livres (livres de quê?) expô-los-ão em jaulas no Jardim Zoológico. Irás para lá.

— E tu, Assia?

— Eu não. Não sei ainda como, mas, livre ou não, sairei.

— Livre ou não? Para sair, renunciarias à liberdade?

— A liberdade é fora. Chama-lhe como quiseres! Deixo-te a palavra; mas quero para mim a coisa.

Assia era a mais franca dos dois. Marcos recusara-se sempre, raivosamente, a alistar-se em

qualquer dos partidos que disputam o terreno uns aos outros no campo das lutas e que, por trás da paliçada, negoceiam acordos e transigências. Queria conservar a sua liberdade. Pois que a conservasse! Ninguém tinha vontade de lha disputar. Para que serviria ela? Nem lhe dava que comer. Marcos precisava de passar os seus dias no escritório de uma casa editora. Os seus conhecimentos de três ou quatro línguas permitiam-lhe ter um lugar bastante ocupado na correspondência comercial, mas não tinha nada a ver com a parte literária.

Precisamente porque lhe reconheciam uma personalidade, abstinham-se de lhe confiar a leitura dos manuscritos. Se tivesse tempo para escrever um livro, não seria na casa onde estava empregado que teria a sorte de o editar. Conseguia publicar, de tempos a tempos, alguns artigos, com um pseudónimo literário, em um dos dois ou três jornais que mantêm ainda, com pouca despesa, a antiga reputação de independência, de liberdade de imprensa e outras patacoadas... Ainda há alguns leitores ingénuos para acreditarem nisso. Aqueles que sabem ler não se deixam, porém, iludir.

Trata-se, geralmente de uma inominável burundanga de transigências, em que é feita a corte ao senhor de hoje e ao de amanhã (da mesma forma os dois inimigos são compadres, ora se apertam as mãos, ora se agridem pelas costas). Cultivam na primeira página a paz e na terceira os armamentos; e os grandes tenores da companhia cantam a santa democracia e os sagrados direitos da humanidade, enquanto a direcção embolsa, para se calar e para fazer calar os redactores ingénuos, que tomaram a sério os preceitos idealistas, acerca dos crimes e dos dividendos do colonialismo.

Um dia ou outro, qualquer aborrecida indiscrição revela que esses grandes corações, esses cavaleiros dos Imortais Princípios, estão envolvidos em qualquer sórdida burla duma sociedade de negócios

ou aventuras, denunciada pelo bando rival. Fazem muito barulho para nada! Basta lhes replicar com a ameaça de revelar o escândalo praticado pelo outro bando de ladrões. De ambos os lados, entonquecem a gritar: «Justiça! Justiça!», durante uma semana ou duas; depois calam-se todos, porque fizeram um pacto: «Roubo à esquerda, roubas à direita, não falemos mais nisso!...» Boca fechada e algibeiras cheias. Só não ficam cheias as dos pobres diabos dos redactores, pessoas honestas, mas sem carácter, que aceitam desempenhar ao natural o papel de idealistas na equipa, a fim de atrair clientes.

Êsses não mentem, mas são a isca do habilidoso que pesca nas águas turvas e esforçam-se por esquecer esse ofício humilhante. Que poderiam, aliás, fazer? É preciso viver! Onde escreveriam? Persuadem-se de cumprir um sacerdócio. O seu negreiro tem a habilidade de os deixar remar «livremente», mas bem enquadrados no seu banco de galerianos! Bem sabe que não são perigosos e que as suas remadelas asmáticas não farão desviar o barco uma polegada da sua rota. É o barco que os arrasta, a eles e às suas patacoadas idealistas, como os tritões esculpidos na popa, enquanto à proa, no meio da espuma, opera a goela do tubarão.

De que se lamentariam esses «idealistas»? Têm toda a liberdade para expandir as suas virtuosas homílias! Basta aplicá-las a tudo em geral e a nada nem a ninguém em particular, para tudo correr bem, pois isso faz parte da parada. Raros, muito raros, são os espíritos pretensiosos, como o de Marcos, que se ofuscam com esse papel de tambores de feira. Marcos não tinha o bom gosto ou (se não fosse para ele, ao menos para os outros) a caridade de manter nos olhos a venda complacente que permite aos seus companheiros ser iludidos. Se o não são, serão cúmplices? É uma prova cruel a que não devem sujeitar-se essas boas pessoas quando têm feno na baia. Se renunciam a ele, onde comerão?

Já não são muito jovens, sentem-se fatigados e as outras baias estão ocupadas.

É um luxo de ricos pretender, sem se submeter a nenhuma canga, exprimir livremente os seus pensamentos acerca dos assuntos que tocam de perto os interesses de hoje. Naturalmente, os ricos têm mais que fazer do que minar o solo debaixo dos seus passos com a revelação de como é feita a sua riqueza. Aparecem, então, essas fênix intelectuais que, embora saibam muito bem a impossibilidade ou os perigos da liberdade actuante, fazem de mata moiros com ela e simulam desprezá-la: fora com o espírito que se escraviza às realidades da vida social e política! Toda a liberdade de espírito para esses valentes é estéril: «A fé que não actua...», se não se mantiver no empírio das Ideias cujo mecanismo de relógio só anda na loja do fabricante com as portas fechadas a todos os riscos e sobressaltos da vida. Sem dúvida, estão livres da vida, porque já estão mortos. Benda, o «clero» de cócoras (*) vela pelas ossadas brancas no vale de Josafate. Vela para que o Anjo não os acorde...

O apetite de Marcos satisfazia-se com essa liberdade funerária? Escarrava-lhe em cima com horror. Só há espírito e só há vida naqueles que actuam! Onde estão, porém, os verdadeiros vivos? Que fariam para se manter de pé sob o estalão que curva hoje todas as cabeças? Partir o estalão e furar o tecto! Ninguém o pode fazer sòzinho, pois partiria a cabeça. É preciso unir-se aos outros revoltados. Unir-se, porém, é abdicar; é aceitar as disciplinas dos partidos e as doutrinas de que esses partidos estão repletos. Marcos recusava-se a isso. Assia, a quem pedia aprovação, encolhia os ombros e dizia secamente:

—

(*) Alusão a Julien Benda e ao seu livro «La trahison des clercs» — *N. do T.*

— Quem quer o fim, quer os meios.

Marcos protestava:

— Assia! És tu quem fala de nos prendermos com cadeias.

Com um sorriso mau, a mulher retorquiu:

— Se as aceito hoje, livrar-me-ei delas amanhã.

O marido não riu ao dizer:

— As nossas também? As que existem entre tu e eu?

— Por que não? — proferiu ela num desafio. — Se és livre, deves sê-lo para te ligar ou desligar. Por mim, sou-o.

— Assia! Não brinques com essas coisas!

A mulher viu a sua expressão ansiosa, sorriu (dessa vez com o seu bom sorriso!) e abraçou-o:

— Meu menino!

Marcos ficou encostado ao seu peito, aliviado, mas um tanto vexado e disse:

— Sou o teu homem.

— Não, inteiramente.

— Então! Que te faz falta?

— Falta-me *um homem*. Se podes sê-lo, sê-o!... Ou então, cautela!

Assim brincava, mas as suas brincadeiras tinham sempre um fundo sério. Marcos sabia-o, perturbou-se e perguntou:

— Diz-me, então, o que devo fazer.

— Ah! não! — exclamou Assia. — Isso é contigo. Faz o teu papel de homem.

— E se, depois, isso te desagrada?

— Agrade ou desagrade, sabê-lo-ás mais tarde. Antes não! Tu és o homem. Primeiro do que tudo, sê-o!

Não o ajudava a actuar aquela recusa de falar e de discutir, aquela ameaça suspensa, aqueles olhos que o observavam sem indulgência e que julgavam todos os seus actos. Marcos sentia-se entalado. Se Assia não sabia claramente o que queria,

Marcos sabia muito bem o que ela pretendia dele, mas que ele não queria nem podia fazer. Via-a, já há algum tempo, farejar nos jornais e nos livros, nas conversas e no ar do tempo, os relentos da acção violenta que fumegavam nos flancos do velho mundo: à direita, à esquerda, por toda a parte, ao longe, ao perto, na América, na Rússia, na Itália, nos Balcãs, na Europa Central. Esses sobressaltos de frenesim, eram, na maior parte, desordenados, só parecia levarem à destruição; mas os mais sérios e os mais sangrentos eram uma revolta da vida. Tudo, antes do que ficar como estátuas jacentes! *Ignavia est jacere...*

Aquela revolta que se acumulava no fundo de Assia, facto que observava com uma avidez inconfessável (que não confessava a si própria), era igual à subida daqueles fascismos que tinham acabado de abater, à mocada, as anémicas liberdades da Europa. O seu instinto gregário, porém, a voz do sangue, levava-a, de preferência, para os combates na Rússia. Deslizava, num declive insensível, para os sangrentos destinos onde se elabora, pela violência, um mundo novo. Marcos pressentia, com a intuição do amor ameaçado, o trabalho misterioso que se operava no espírito de Assia emudecida. Via-a prestes a escorregar pela rampa e desejaria retê-la; mas ele próprio não ousava olhar para o declive, sentia a vertigem dessa Rússia, e evitava falar dela a Assia. Atacava-a de viés, acerca dos acontecimentos da Itália, e tentava arrancar-lhe uma censura, um sobressalto de repulsa contra aqueles crimes organizados. A boca de Assia mantinha-se cerrada e Marcos exclamava:

— Enfim, Assia, não me vais dizer que tens simpatia pelo que eles fazem!

A mulher replicava-lhe, duramente, sem se dignar, sequer, olhar para ele:

— Em todo o caso, tenho mais do que por «outros» que não fazem nada.

Marcos sentia-se atingido em pleno peito e não tinha nada para responder. Demasiado sabia que não fazia nada, que não podia fazer nada. A sua saúde nunca se restabelecera completamente após o terrível assalto de antes do casamento. Essa união permatura, com o louco dispêndio que fez das suas energias convalescentes, não fora de molde a restabelecê-lo. Teve, depois de um adiamento, de ser dispensado do serviço militar. Isso poupou-o à prova da recusa de o prestar, que estava decidido a fazer e à condenação consequente. Teria sido melhor para ele, talvez, suportar essa prova, pois o sentimento da sua resistência ter-lhe-ia dado confiança em si próprio. Quis tentá-lo, embora sem causa, visto que nada o obrigava a pronunciar-se; queria-o para se afirmar, por puro desafio. As suas duas conselheiras, porém, opuseram-se a isso.

Assia não podia compreender a vaidade das bravatas inúteis. A objecção de consciência parecia-lhe idiota... Vá ainda se fosse constrangido a tomar partido! Em todo o caso pensava, como os comunistas, que o dever estava, então, em entrar nas fileiras, a fim de tomar as armas ao inimigo e não em recusá-las! Anita, que conhecia a grandeza da atitude dos objectores de consciência, evitava compelir Marcos a isso por sentir serem as convicções do filho duvidosas e ser capaz de pôr na recusa mais amor próprio do que fé sincera. Demasiados motivos «razoáveis» indicavam que o rapaz aceitasse a escapatória: a criança que ia nascer, os seus pesados deveres de chefe de família e a sua saúde. Marcos aceitou a escapatória, mas o seu moral sofreu uma humilhação e conservou a mágoa duma batalha não travada, duma derrota (Assia pusera o dedo na ferida) «de aquilo que não tinha feito» e sentia-se diminuído.

Era-lhe preciso tirar a desforra por uma outra acção, fosse por palavras ou por escritos; mas os meios de que dispunha eram extremamente redu-

zidos para isso. Não podia fazer nada para actuar, nem sequer pela pena, pois só publicava, de longe em longe, algumas palavras sem eco. Estava amuralhado no cárcere do individualismo. Só recebia luz do alto, do céu vazio. Só a mãe poderia acomodar-se com isso (Acomodar-se-ia? Não dizia nada aos outros do que lhe faltava, nem que esse céu não lhe bastava... Apesar de tudo, respirava dele e esperava encontrar lá um além).

Marcos não esperava nada. Esse além era, tal como o reino do Infinito, o reino da morte. Marcos tinha necessidade de janelas abertas para o mundo dos vivos e de saltar para lá por uma das janelas... «Pois salta! Não vês por entre as pálpebras os olhos de Assia que espreitam os teus movimentos? Se te atiras pela janela, ela chegará lá abaixo antes de ti...» Sim, bem o via. Via que era isso o que ela queria dele, o que ela esperava... Não podia, porém, decidir-se. Havia, em baixo, aquela violência, aquela tirania da violência, que Marcos odiava. Odiava-a tanto mais quanto era certo estar ela no seu sangue... No seu sangue febril, demasiado inclinado a tiranizar.

Visto que — graças a Deus! — não o podia fazer (tremia, por vezes, ao pensar nos abusos que faria) não o tolerava nos outros. Toda a sua violência era concentrada em não ceder uma polegada do que lhe pertencia: o seu ser. Ah! se a Revolução fosse — como outrora quando abortava em fogos de artifício — uma livre explosão de revolta, em que se punha tudo no monte comum, cada um a sua! Actualmente, porém, militarizaram-na. É um quartel. A disciplina atinge tudo: os actos, os escritos, os pensamentos, até a filosofia e a ciência que os novos sacerdotes da foice e do martelo têm a pretensão de dirigir!

Não fulminaram eles com o seu anátema as livres hipóteses da física e da energética moderna, que se evadem dos canais do Evangelho marxista

materialista!... Estão, talvez, no seu papel, se consideram que o Ano I da Revolução é o Ano da Hégira: toda a guerra santa quer o seu Corão... Marcos, porém, rebelava-se contra os deuses impostos. Não aceitava domínios no campo do espírito. «O meu espírito pertence-me. Não te arrisques a tocar-lhe!» Isso era indiferente para Assia. O espírito é, como o corpo, de quem o toma, do mais forte. «O mais forte só o tomará enquanto eu quiser. Quando quiser, retomá-lo-ei...»

ASSIA afastava-se daquele francês que não sabia tomar uma atitude nem renunciar completamente e cuja energia era toda aplicada a não decidir nada. A mulher olhava em volta de si e começava a fazer comparações, que não eram nada vantajosas para o marido. Fora introduzida por Anita nos círculos franceses que procuravam, embora tìmidamente, uma aproximação cultural com a Rússia. Lá encontrara alguns russos das organizações soviéticas. Anita estivera em relação com alguns deles, no tempo em que trabalhava com Timão. Tinham tido tempo de a estudar e tiveram-no, também, para estudar a nora.

Assia recebeu encomendas de traduções de russo para uma Exposição Internacional de Artes Decorativas que preparavam em Paris: artigos sobre a arte popular russa, tecidos, brinquedos, lacas de Palekh, teatro, etc. Depois, foram brochuras de hábil propaganda intelectual. A seguir, trabalhos mais técnicos para a representação social soviética em Paris. Assia executava, a princípio, essas tarefas em casa. Mais tarde, após um tempo bastante longo de observação, corroborada pelo testemunho duma amiga de infância, empregada na embaixada dos sovietes e que se encontrava com ela, não sem reservas, de longe em longe, a porta entreabriu-se, prudentemente, e Assia foi admitida na anteâcmara.

Quando o seu pequeno foi desmamado (e a mãe não lhe pediu opinião para o fazer) desembaraçou-se dele. Confiou-o a Anita, que ficou bem contente com isso, e passou a ir trabalhar para a representação comercial da Rússia. Tal como os candidatos à cristianização, dos primitivos tempos, que só eram admitidos a acompanhar os ofícios religiosos debaixo do pórtico, fora do santuário, Assia teve a sua mesa de trabalho no vestíbulo, numa sala ao lado, onde, aos poucos, passava os seus dias. Sentia com isso uma satisfação, acerca da qual não procurava encontrar explicações. Não queria reconhecer que se encontrava no solo natal do seu pensamento. Afectava supor-se, e não sem rancor, libertada disso. Perante o outro solo em que tomara raízes, isso era, contudo, uma secreta evasão... «Não me têm... Nem tu, nem tu!...» e sentia um certo alívio.

À noite, ao sair da atmosfera russa, Assia sentia prazer em reencontrar o seu lar francês. Para o apreciar completamente, tinha necessidade de se afastar dele? Era uma boa desculpa que encontrava para o deixar! A desculpa, porém, não era boa para Marcos. Também Assia não lhe dava parte dela. Não teria condescendido em apresentar desculpas. O rapaz mantinha-se sombrio. Encerrava-se num mutismo rígido e irritado. Isso era o pior. Dava-se o ar de um senhor vexado. Vá ainda que tome o ar de senhor, quem é o mais forte; mas quando se é o mais fraco, que ridículo! A espinha dúctil duma Assia vibraria, não sem prazer, sob a garra, embora mais tarde tirasse a desforra! Não suportava, porém, aquele beiço caído, aquela testa franzida, aquele despeito impotente, que não se dignava (que não ousava) sequer exprimir-se... Era o bastante para lhe fazer sentir ter ele o querer, sem o poder, de a sujeitar, e a incitar a libertar-se.

Assia sentia uma satisfação hostil em gabar-lhe o que aprendera. Era fatal que se estabele-

cessem, no espírito de um e do outro, comparações entre a esterilidade da oposição de Marcos e a fecunda energia dos que actuavam na Rússia. Marcos, que fazia ele próprio essas comparações e sofria com elas, não tolerava que Assia lhas fizesse... O duelo dos seus pensamentos envenenou-se e ao exprimi-lo acentuavam o que os dividia. Marcos acabou por pedir a Assia, com um tom imperativo, que deixasse de ir ao seu escritório. A mulher respondeu-lhe desabridamente: «Não!», pois era livre...

Estranha maneira de afirmar a sua liberdade essa de procurar aqueles que tinham estabelecido, na imensa União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, a mão de ferro duma ditadura ideológica, social, económica e policial e que a pretendiam estabelecer no resto do mundo! Como reacção, porém, contra o liberalismo do Ocidente desorganizado, invertebrado, sem franqueza e sem vigor, que fazia o jogo dos piores exploradores, a brutalidade de Moscovo, que se aplicava ao serviço das classes exploradas, produzia o efeito duma aragem que estimula e desintoxica o sangue. Limpava o cérebro, pesado e oxidado pela ferrugem do pensamento sem vontade da França.

Nenhuma servidão mais repugnante do que a do mundo ocidental que aceitava tudo ilusòriamente ou amuava, sem reagir com virilidade. Assia sentia-se mais livre sob as duras coxas duma ditadura que cavalga os povos, para os conduzir à vitória, do que metida no redil duma pseudodemocracia, que deixa pastar os seus rebanhos — ou então rebentar de fome — sem lhes permitir que saiam e actuem, à espera da hora em que tenha de dispor deles, quer para a guerra, quer para a paz, quer para a tosquia, quer para o açougue. Poderiam garantir-lhe que beneficiaria, tanto ela como os seus, dum tratamento de favor, como essas democracias fazem com os vendidos da imprensa e do parla-

mento ou com um escol de engorda, que Assia escarrar-lhes-ia na cara os seus favores.

Tais favores são uma servidão, a mais baixa, a que se paga a dinheiro. Essa, ao menos, não a aceitaria nunca o seu Marcos; não havia riscos de lha oferecerem e era por isso que ele lhe era caro. Por que se recusava ele, porém, a aceitar essa servidão sem derrubar a ordem que a queria impor? Sem dúvida, só o poderia fazer no caso de se sujeitar a uma disciplina de combate, que seria um outro contrato de servidão, embora consentido e temporário, por um objectivo que legitimava os sacrifícios. É preciso acrescentar que o rigor destes parecia a Assia bastante diminuído quando os observava na rua de Grenelle (*).

As cadeias lá pareciam ténues, sobretudo para uma passeante livre que ia, sòmente, flanar. A ditadura é leve quando a pesamos de fora. Naquela altura, isso não entrava em linha de conta nos pensamentos de Assia, que não se preocupava com os meios e via só a obra e os fins. Uma e outros exaltavam-na. Construíam um mundo novo à medida dos cento e sessenta milhões de seres humanos que, de vontade ou à força, trabalhavam no grande estaleiro. A imbecilidade do velho mundo inimigo, incapaz de combater ou de aceitar, pretendera sufocá-los e bloqueara-os nas suas casas em ruínas e recusara-lhes o ar do exterior. Os russos aceitaram o desafio e fizeram da necessidade violenta a lei do seu ímpeto criador.

Nas ruínas das casas escalavradas surgiram as construções babilónicas do Espírito, que capta as forças dos elementos. O primeiro esboço anunciava-se nos grandes planos de que sairia essa fauna de monstros pré-históricos, os Dnieprostoi, os

(*) A sede da embaixada da Rússia em Paris.

Avtostroi, os Magnitogorsk, que com as suas trombas e as suas defesas agitam o sangue da água, do ar e da terra, e todos os povos de operários que fazem parte dos grandes rebanhos de mastodontes, os altos fornos e as fábricas e barragens ciclópicas. Uma exaltação severa e ardente conduzia essas equipas ao combate, crispava os seus músculos e as suas frontes, instituía entre elas emulações de rivalidades heróicas, para ver quem venceria primeiro a tarefa enorme e consolidaria as fundações indestrutíveis sob as quais se elevaria — se elevava, de dia para dia — a supremacia do Trabalho humano, livre, igualitário e soberano.

Nenhum mal presente, nenhum mal próprio ou dos seus, seria demasiado para pagar o bem futuro que se sonhava, se queria e se constituía para todos os homens de amanhã. Aqueles que se lamentavam no Ocidente, ou se indignavam com a destruição feita pela U. R. S. S. dos deuses, das igrejas, da religião, fariam melhor, esses mortos, se enterrassem os seus mortos! Nada sairá mais desses sepulcros caiados. Não viam, com as suas órbitas vazias, que, no Oriente, uma vez mais, nascera um deus! Essa juventude proletária, marxista, materialista, ateia, que se sacrifica com uma séria alegria à felicidade e ao bem estar social que virão quando ela já não existir, tem mais religião, no seu martelo e na sua foice, do que todos os padre-nossos clericais ou laicos dos falsos devotos do mentiroso Ocidente.

Fora da acção, tudo é mentira. Só a acção não mente. Apenas na acção podem ser julgados os de lá e os de cá! Na sua apaixonada injustiça, Assia fazia o balanço da vida do seu Marcos: nada. Bem sabia que a sua inacção era forçada e que o marido sofria com ela como um insecto preso com um alfinete numa colecção. Assia não tinha, porém, comiseração quando via outros insectos arrancarem-se ainda a sangrar do alfinete! Fizesse ele o mesmo!

Então ela beijaria as suas feridas como estivera prestes a beijar a cicatriz que cortava com um traço lívido a face larga de Dito Djanelidze.

Djanelidze encontrava-se em missão secreta do Komintern, em França, sem qualquer cargo oficial e era temido pelos que os tinham. Na representação comercial, onde entrava, passava e se instalava sem cerimónia, parecia aos visitantes uma testemunha muda, um tanto incómoda, mas sem importância. Fumava cigarros atrás uns dos outros, sem parecer interessar-se pelas conversas, mas o representante comercial procurava o seu olhar antes de dar uma resposta.

Djanelidze era alto, carnudo, de sólido arcaboiço, mas de movimentos elásticos e sem ruído. Tinha o cabelo espesso, duro, negro e emaranhado, numa testa muito baixa. A fronte estava retalhada por um profundo sulco transversal. Sob as espessas sobrancelhas erguidas, os olhos, levemente em amêndoa, praticavam a divisão do trabalho: um dizia astúcia e o outro dureza. Tinha o nariz comprido, largo em cima, grosso na extremidade, com narinas espessas mas apertadas; um rude bigode; faces largas; o maxilar avançado que parecia desdenhar enquanto espiava. No conjunto da fisionomia, notava-se a troça maliciosa, aliada a uma atenção implacável. Tinha menos de quarenta anos.

Assia depressa reparou nele, mas o homem parecia não lhe prestar atenção. O seu olhar dúplice tinha-a, contudo, apalpado e pesado bem, pêlo e penas; depois abandonara a caça; tinha coisas melhor para caçar. Assia sentiu-se vexada e concebeu uma violenta antipatia por ele. Simulava desconhecer a sua presença. No gabinete onde trabalhava, paravam por vezes para conversar; e, com a familiaridade eslava, Assia misturava-se às discussões sem interromper o seu trabalho. Duas ou três vezes, Djanelidze a interrompeu com uma palavra irónica, bastante desagradável. Assia enraivecida, sem o

mostrar, fingia não ter ouvido. O homem ria para dentro, mas do seu riso nada saía.

Um dia em que Assia estava sòzinha a trabalhar, Djanelidze foi sentar-se do outro lado da sua secretária. A mulher levantou a cabeça e viu, quase junto da sua, a larga face de olhos investigadores, com a sua ruga de troça ao canto da tromba. A ironia, porém, não tinha, dessa vez, nada de malévolo. Rancorosa, Assia franziu a testa e ele riu-se. Por mais que se esforçasse, Assia não conseguiu zangar-se. Para evitar ter de rir também, baixou a fronte teimosa e prosseguiu no seu trabalho. O homem estendeu a larga pata para o papel e disse-lhe:

— Basta! Conversemos.

— E se não me apetecer conversar?

— Apetece-me, porém, a mim.

Assia, irritada com esse descaramento, encarou com ele e disse:

— Não!

— Isso quer dizer: sim — corrigiu o homem tranquilamente.

— Em que língua?

— Na tua.

Antes de Assia poder replicar, ele ofereceu-lhe:

— Um cigarro, camarada?

O seu olhar, o seu tom e essa palavra «camarada», subjugaram-na. Despeitada, aceitou, porém, o cigarro e disse:

— Tenho o meu trabalho. Não posso perder tempo!

— Sim, és infatigável. Estarias melhor empregada na nossa terra.

— Que iria lá fazer? Sabes, sequer, quem sou?

— Naturalmente, sei.

— Estava com os brancos de Denikin.

— Mas agora já não estás.

— Quem to disse?

— Sei.

Assia sentiu-se tão revoltada com aquele certeza que, por um momento, desejaria ser ainda do outro campo, para lhe poder inflingir um desmentido. Era, contudo, demasiado franca e teve de se contentar em lançar-lhe um olhar furioso. Na garganta de Djanelidze fervia um riso mudo. Assia acendera, maquinalmente, o seu cigarro no dele e mastigava a ponta com raiva. Acabou por atirar fora a ponta que cortara e disse-lhe, provocante:

— Sabes também o que serei amanhã?

— Evidentemente: estarás connosco. Já o estás.

Assia já não ria. Calou-se. Estava vencida. Fumaram, durante um momento, em silêncio. Olhava para a janela. Era assaz claro: só havia aquele lado para onde ela poderia ir, para a acção dum povo — o seu povo — lá longe... Havia muito tempo que o sabia; mas aquele homem fora o primeiro a dizê-lo, por ela, em voz alta... Tentou ainda defender-se e disse como se falasse consigo própria:

— Não posso aceitar nenhum jugo. Prefiro rebentar a sacrificar a minha independência. Tenho sofrido tudo para a conservar.

— Mas casaste — observou o outro irònicamente.

— O meu marido é como eu. Pensamos da mesma maneira.

— Ele também se casou — repetiu o trocista.

Assia quis aparar o golpe e replicou com uma finta:

— Quando somos dois, somos mais fortes.

— E com cento e sessenta milhões ainda mais!

Era o que ela pensava; mas o seu individualismo repelia esse pensamento.

— Não posso, no entanto, casar com cento e sessenta milhões!

— Por que não? — retorquiu o outro —. És resistente.

— Sou-o; mas isso não me agrada.

— Há-de agradar-te.

Assia aceitara, contra vontade, aquele tom. Tinha de continuar. Os seus lábios proferiram (os seus ouvidos surpreenderam-se de o escutar):

— Camarada, o que me agrada é cá comigo. Faz o favor de te ocupares no que te diz respeito!

— Dizes-me respeito.

Fixaram-se, de olhos nos olhos, com o queixo apoiado nos punhos, e atirando para a cara um do outro o fumo dos seus cigarros. Assia proferiu.

— Tens muito descaramento.

— Tenho-o.

— Que queres de mim?

— Que nos sirvas.

— A palavra «servir» não está no meu dicionário.

— Está, sim; tu é que não sabes ler.

Assia irritou-se: havia já muito tempo que aquele tom de insolente certeza a exasperava. Exclamou, então, batendo com o punho na mesa:

— Afinal: és tu ou eu quem dispõe de mim?

— Nem tu, nem eu. É a lei.

— Que lei?

— A lei da natureza, a lei do combate. Ou por nós ou contra nós. Não podes ser contra.

— Já pude.

— Não pudeste!

— Não me desafies, ou conto tudo o que fiz!...

— É inútil. Queres que te dê alguns pormenores?

Inclinado para ela, a meia voz, por meias palavras, com os dentes cerrados na ponta do cigarro, Djanelidze apontou-lhe uma meia dúzia de factos que Assia julgava serem conhecidos, sòmente, de ela própria ou já esquecidos como aqueles que tinham sido cúmplices ou vítimas deles. Alguns vinham das florestas da Ucrânia, outros da sua mansarda solitária de Paris. O pêlo eriçava-se-lhe no corpo. Com a espinha gelada, impertigou-se:

— Basta! Os que te informam não roubam o que comem da gamela. Não contes que comerei disso! Se sou uma cadela, sou uma cadela magra e continuarei a sê-lo.

— São as melhores. Não espero que mudes. Sê sòmente aquilo que és; mas ousa sê-lo! Sê-o com franqueza! Não és daqueles que podem contentar-se em balançar indefinidamente entre o pró e o contra, como os dançarinos da corda bamba... como o teu marido.

Assia reagiu ante a brusca chicotada:

— Proíbo-te que fales dele.

Parecia uma gata assanhada que ia saltar-lhe à cara.

— Não tenho necessidade de falar — retorquiu o outro — pensas exactamente como eu.

— Não é verdade! — exclamou Assia — não és digno de lhe atar os atacadores dos sapatos.

— É uma honra que deixo para ti — proferiu o outro, trocista — mas tenho cá uma ideia de que os sapatos dele estão mal apertados.

— Espias também o meu quarto de dormir?

Djanelidze acabara de fumar. Agarrou com força no braço de Assia e, num tom bonacheirão, mas sério, disse-lhe:

— Basta de brincadeira, minha menina! Falemos sèriamente. Tudo que nos pode ser útil temos o direito (ou tomamo-lo) de o observar. Não são precisos, porém, óculos para ver que tu e ele não foram feitos para puxar o mesmo carro... Deixa-me falar!... Não digo mal do teu rapaz. Tem, ou pode ter, todas as virtudes; mas essas virtudes não são as tuas, e és tu quem escouceia nos varais. Tens razão.

— Não tenho razão — replicou Assia — ele vê o objectivo tão bem como eu e não tem medo de caminhar para ele. O seu ânimo é valente, mais do que o meu: mas a sua inteligência está demasiado imbuída por estas ideias do Ocidente que nos ba-

tem nas pernas e nos impedem de caminhar. É-lhe preciso ainda tempo para se libertar delas.

— Não temos tempo para esperar. Que se decida! Ou decide-te tu! Trá-lo para cá ou deixa-o. Os tempos não vão para os jovens hamlets plantados à beira do cemitério: «Ser ou não ser...» A quem não quer ser, enterrem-no! Tira-o do buraco ou atira-o lá para dentro! Antes, porém, sai tu! Vem! Encontrar-lhe-ás substitutos.

Assia olhou-o de alto a baixo com desprezo:

— Tu?

— Eu ou outro. Seja quem for! Não apresento a minha candidatura à sucessão. Tenho mais que fazer e tu também. Não percas o teu tempo com bagatelas!

Assia afastou-se, levantou-se e proferiu:

— Bruto!

Djanelidze continuou sentado à mesa e prosseguiu:

— Bem sei onde a bota te aperta. Pois que te aperte! Digo o que é. As tuas histórias particulares não contam ante a grande história que devemos escrever. Quando o ventre tem fome é preciso alimentá-lo; mas que se cale! É só um ventre e nada mais. Temos todo o animal humano a servir, esses milhões de seres famintos, não só de pão e amor, mas também de luz e liberdade.

Assia, ao abrir a porta para sair, disse:

— Vocês ousam falar ainda em liberdade!

Ouviu ainda, antes da porta se fechar:

— Ousamos, sim; e àqueles que não são capazes de ascender a ela sòzinhos içá-los-emos à força. Içar-te-emos também.

A rapariga atirou com a porta:

— Não!

Assia teve, em casa, uma altercação com Marcos, que considerava um crime qualquer imposição feita à alma doutrem. Estava na primeira fase da des-

coberta da não-violência de Gandhi. A mulher, mais perspicaz por espírito de oposição do que ele o era por admiração, disse-lhe:

— Não vês que isso é uma violência do avesso!

Marcos teimava na sua e ela teimava também ao dizer-lhe:

— Tudo é violência, até o amor. Sobretudo o amor. Faz escravos. Faz mentir à própria natureza. Envilece.

— Se pensas assim — proferiu Marcos, magoado — liberta-te!

A mulher replicou, com uma ruga amarga na boca:

— Obrigada pela autorização!

ASSIA voltou para o seu trabalho, mas jurou a si própria não aceitar mais conversas com o milhafre. Não teve o trabalho de lho dar a saber, pois Djanelidze estava ausente de Paris por uma quinzena e quando regressou não lhe prestou nenhuma atenção. Assia, mordida pela curiosidade, durante a sua ausência, procurou informar-se de tudo a seu respeito. Não era a única cuja atenção fora despertada pela personagem, que temiam e admiravam e de quem falavam com uma malevolência fascinada. No que contavam da sua vida, havia muito de lenda misturado com a verdade. Como diz, porém, o provérbio, «só se empresta aos ricos». O homem era filho de um carniceiro de Bacu. Tomara parte, muito cedo, em assaltos, atentados à bomba e «expropriações» violentas, organizados contra o tesouro público e os particulares pelo nascente partido comunista local, por volta de 1905.

Djanelidze fora cinco ou seis vezes preso e deportado para os confins da Ásia, donde se evadiu para recomeçar as suas proezas. Nos dias de Outubro, foi membro do conselho revolucionário de guerra e, mais apto para actuar do que para falar, foi expedido para todos os pontos onde era necessário atiçar o incêndio. Nunca recuava ante a mais perigosa ou a mais ingrata das tarefas. Não disputava aos ambiciosos e aos «gloriosos» do partido a gamela

do poder. O que queria para si era ossos para roer: o inimigo. O inimigo era tudo quanto ameaçava a causa; e para o suprimir todos os meios eram bons.

A acção que se pratica por uma causa nunca cheira mal. Era daqueles que, sem ruído, sem nome, estendem pelo mundo a teia duma vigilância oculta, para apanhar as moscas da outra aranha: o Intelligence Service, do Império Britânico. A sua robusta vida física satisfazia-se com pouco: comia qualquer coisa de pé e podia dizer-se que também de pé dormia; não tinha tempo para perder com uma mulher. Quando o seu olhar arguto descobria, no seu caminho, uma energia — a hulha vermelha — a captar para o serviço da causa, estendia a garra e marcava-a, de vontade ou à força, propriedade do Estado. Foi assim que marcou Assia.

Podia ignorar tudo da sua natureza feminina, do seu temperamento, dos seus desejos emanados do sexo, pois do feminino, do *ewig weiblich*, não se preocupava; conhecia, porém, melhor do que ela o *ewig menschlich*, os fortes instintos que, para além da porta do sexo, saem do nó de serpentes enlaçadas das entranhas humanas, da goela faminta do ser, macho ou fêmea, que é como um archote no fundo do ventre, ardente de ser, querer, criar, devorar, destruir e actuar. Não tinha necessidade de pôr a mão no ventre de Assia para sentir lá arder o archote. Assia bem queria resistir; mas foi ela quem o procurou. Um dia em que o homem saía sem sequer olhar para ela, a mulher que já tinha arrumado todos os seus papéis, levantou-se e disse-lhe:

— Camarada, queres que saiamos juntos?

Sairam. Djanelidze mostrava-se mais atento aos que passavam na rua do que à mulher que ia a seu lado. Certas perguntas que ela, no entanto, lhe fez, despertaram-lhe a atenção. Encarou com ela: o peixe mordia a isca. Assia interrogava-o, com um ardor ansioso, acerca dos problemas da Rússia nova e das possibilidades de triunfo que ti-

nha o combate travado. Não fingia nada, estava vivamente interessada. Djanelidze mudou de tom, e para poder falar de modo a não ter de erguer a voz, meteu o braço no de Assia e caminhou inclinado para o seu ouvido a ponto de um caracol da mulher lhe aflorar a boca. Assia sentia no ouvido o bafo que entrava nele ao mesmo tempo que as palavras. Só deram que a chuva caía depois de estarem molhados.

Para continuar a discussão, Djanelidze entrou com Assia num velho café de pequenos burgueses. Naquele dia não tinha pressa: as questões de que fora tratar a França estavam terminadas e partiria no dia seguinte à tarde. Sentados ao fundo duma sala mais do que três quartos vazia e mal iluminada, diante de uma espécie de chá, falavam sem ruído, com uma volubilidade de linguagem que só possuem, como os italianos, os eslavos. Falavam sem descanso, com as frontes quase a tocarem-se. A princípio, Assia fazia perguntas apaixonadamente. Em breve, porém, deixou de perguntar para se aplicar a ouvir.

Djanelidze sentia o interesse que provocava e deixava correr a sua torrente pesada e forte. Expôs a luta épica da U. R. S. S. contra as turbas de inimigos externos e internos. Acontecia-lhe falar dum papel episódico que desempenhara, mas citava-o como acontecido com outrem, ou melhor, como de qualquer membro dum monstruoso miriápode. A personagem central dos seus relatos fazia pensar numa termiteira. Assia, que por instinto tinha aversão por tudo quanto era gregário, sentia a surpresa de aspirar à embriaguês da formiga sem nome que toma parte numa vida multitudinária. Perdia o seu eu, em mergulhos até ao fundo dum poço de nafta gorda e fumegante; saía de lá em repelões de revolta; mas sentia que ia de novo mergulhar; as pesadas palavras de Djanelidze pareciam mãos a puxar-lhe as pernas.

Todas as suas concepções vacilavam, modificavam-se os valores ao passarem do plano individual para o colectivo. Só depois, quando estivesse sòzinha, lhe acudiria a recordação apavorada dessa sucção pelo polipeiro. Esse horror, porém, tinha um carácter sagrado, sobrepunha-se às suas forças para julgar. A sua razão estava perturbada pelos vapores da beberagem. A de Djanelidze estava habituada a isso, havia muito tempo. Conservava a cabeça fria e lúcida na embriaguês. Talvez a vertigem de Assia fosse tão forte por ter reencontrado o rio humano cujas ondas a tinham envolvido, havia anos, no pesadelo da derrota. Desta vez, porém, estava em cima da jangada, sentada junto do piloto e, sob as suas pernas, por entre as tábuas, via correr a água.

A cabeça andava-lhe à roda, fechou os olhos e as unhas cravaram-se-lhe nas mãos... Eram cerca de nove horas da noite quando deu por si sentada naquele café de bairro e se recordou da sua casa. Teve um sobressalto e despediu-se. Dirigiu-se a correr até cerca da sua residência. Bem sabia que Marcos mostraria má cara e concordava que ele tinha alguma razão, o pobre rapaz, com os seus hábitos de ordem e de regularidade, à francesa! Estava disposta a desculpar-se embora fosse sempre para ela uma espinha atravessada na garganta ter de prestar contas dos seus actos. Não tinha nada a ocultar, dizia tudo sem que lho perguntassem; mas era preciso não lho perguntarem... O desajeitado do marido, Assia bem o sabia, não teria a prudência de se calar... Paciência!

Por aquela vez, Assia consentiria em engolir a espinha e reconhecer não ter procedido bem... O marido poupou-lhe esse trabalho. Encontrou Marcos exasperado pela expectativa, que temera tudo, tudo supusera e a acolheu com ares de justiceiro. Imediatamente, Assia perdeu toda a disposição contrita de se explicar, risonha e afectuosamente. Dirigiu-se, sem dizer uma palavra, para o seu quarto,

para mudar a roupa molhada. De lá foi para a sala de jantar para servir apressadamente a refeição fria. O marido andava à volta dela, com o rosto severo, de garganta seca, a reprimir o seu interrogatório. Assia via-o de revés, sem mostrar que lhe prestava atenção. Tinha vontade de encolher os ombros. Finalmente, o marido, como um juiz de instrução, inquiriu:

— De onde vens?

Assia respondeu, secamente, que ao sair do seu escritório, tivera um encontro que a tinha demorado.

— Com quem?

— Com alguém que tu não conheces.

Ela própria julgou a resposta pouco satisfatória e ergueu os olhos disposta a sorrir. Quando viu o seu rapaz assim torturado, dirigiu-se a ele para o abraçar. Mal ela lhe tocou, Marcos repeliu-a com furor e exclamou:

— Enojas-me! O teu cabelo, o teu vestido, fedem a tabaco. Por onde andaste?

Embora magoada, Assia concordou que ele tinha alguma razão e respondeu:

— Estive num café e fiquei impregnada do cheiro que lá havia; mas tu podias ser mais delicado.

Marcos insistiu:

— Num café! Estiveste lá quatro horas?

Assia viu que ele não a acreditava e disse-lhe:

— Vejamos, meu amigo!...

Aproximou-se dele de novo; mas o rapaz, violento, nervoso, presa duma espécie de histerismo, num brusco ataque de ciúme, repeliu-a com desprezo e gritou:

— Não me toques!

Assia proferiu:

— Estás louco.

Sentou-se e pôs-se a comer. O marido foi para o quarto próximo e não voltou. Assia chamou:

— Marcos!...

O marido não respondeu. Assia acabou de comer

e lançou os olhos para o quarto ao lado. O marido, deitado num divã, não se mexia... Era uma criança grande e disse-lhe compadecida:

— Marcos, queres ouvir-me?...

O marido respondeu com uma voz gelada:

— É inútil, vais mentir.

O sangue de Assia subiu-lhe ao rosto. Já não tinha nem uma onça de comiseração.

— Que supões? — perguntou duramente.

Marcos não respondeu.

— Imbecil! — proferiu Assia, com um silvo desdenhoso.

Voltou-lhe as costas... «Creias ou não creias!...» Foi deitar-se no seu quarto. O marido ficou estendido no divã. Durante a noite, porém, Assia ouviu-o, mais de uma vez, andar de um lado para o outro.

Sòzinha no leito, sentia-se enraivecer. Nem um instante, na conversa com Djanelidze, a sedução ocupara qualquer lugar. Nem um nem outro pensaram nisso. Aquele idiota, porém, pensara por ambos, só pensava nisso e forçava-a a pensar também! Valia bem a pena poupá-lo!...

Uma malícia diabólica lembrou-lhe o ditado: «A enguia de Melun que grita antes de a esfolarem». «Grita, meu amigo! Hás-de gritar por alguma coisa...» Esta ameaça era, porém, apenas verbal. Assia não tinha nenhum desejo de esfolar o marido, esse pobre pequeno de pele tão fina... A comparação com o outro, com o rude coiro pelado do lobo impunha-se; sentiu nas costas um arrepio. Repeliu o lobo; mas estava sempre presente, até de noite sentia o seu bafo cálido na face. Voltava-lhe as costas irritada, mas ele continuava lá, e o bafo queimava-lhe o pescoço... Aquele imbecil que a obrigava a pensar nisso e a fazer comparações!...

Assia ruminava toda a conversa daquela noite, a torrente pesada de imagens e pensamentos, aquela sociedade máscula, feroz e lamacenta, aquele mundo novo que conservava, no entanto, no seu pêlo o

cheiro activo e familiar do solo natal e do passado. Farejava-o com uma repugnância hipnotizada e sentia que lhe impregnava todos os seus poros. Levantou-se febril para lavar as mãos, o rosto, o ventre. Voltou a deitar-se. Eram os lençóis que precisava, porém, de mudar...

No quarto vizinho, Marcos remexia-se. Assia voltava-se e tornava a voltar-se... «O imbecil! O imbecil!...» Punha-o num prato da balança em comparação com o outro. Não pesava muito com o seu estúpido ciúme, o seu egotismo, o seu despotismo, todos os seus pensamentos concentrados no seu eu, eu, eu e eu... «Pertences-me, és minha...» — «Pertencer-te? Não pertenço a ninguém. Se me dou, embora seja a mais de um homem, é a essas grandes forças que erguem e conduzem o mundo!... Sòmente nelas encontro o meu curso e o meu leito. Completo-me...» Assia sentia em volta dos seus flancos a posse daquele que estava atrás de si. Sentia-se triturada como numa mó e gritava no fundo do seu ser... Acendeu a luz e sentou-se na cama, sufocada, com os seios tumefactos e a respirar ansiadamente...

Saiu da cama e, semi-nua, sentada numa poltrona, recobrou o domínio de si própria. Examinou tudo com o ânimo mais frio. Procurava explicar o enigma daquele homem, que lhe ocupava o pensamento e tentava desarmar o seu mecanismo. Esforçava-se por separar nele o que era dele próprio e o que era da grande força misteriosa e multitudinária, da máquina em movimento de que ele era, sòmente, uma correia de transmissão. Persuadia-se de que a máquina era tudo e a correia não era nada. Aquela ou outra, fosse qual fosse, faria o mesmo serviço... Acudiu-lhe ao espírito que ele lhe dissera: «Eu ou outro...» Assia abanou a cabeça colérica... «Certamente, tu não!...» Pormenorizava-o, friamente, dos pés à cabeça, como se ele estivesse ali ua sua presença. Apalpou o pulso. Não se enganava: nem uma artéria batia com mais força ou mais

depressa. O seu íntimo não sentia desejo. «Esse homem, viva ou morra, que me importa?...» Voltou a deitar-se, com a respiração calma, a cabeça fria, e adormeceu até de manhã.

Ao reabrir os olhos, Assia ruminava naquele estúpido mal-entendido. Nem ela nem o marido tinham razão. Havia já alguns meses que a tensão se acentuava; embora cada um deles reconhecesse os seus erros, não tinham o bom senso ou a energia de modificar nada. O temperamento instável de Marcos era abalado por acessos coléricos, como rajadas nervosas que lhe quebravam as forças. Passava dum dispêndio desproporcionado de paixão ao esgotamento completo. A própria fadiga entregava-o ao furor não menos do que a paixão.

Assia tinha bruscas alternativas dum mutismo amuado e dum fluxo de palavras arrebatadas, de ciúmes, de susceptibilidades, de ideias fixas e malsãs que coincidiam com as suas marés ou eram provocadas por uma palavra, um gesto pouco hábil, aos quais a sua imaginação, já ferida, atribuía intenções que não tinham. Produziam-se fatalmente choques brutais e desesperados, em que um e outro perdiam a cabeça e depois dos quais voltavam com a lucidez dos remorsos, raramente, porém, de ambos os lados ao mesmo tempo.

No entanto, nem por momentos, até no mais vivo das palavras injuriosas como bofetadas, o grande amor estava ausente. Acaçapava-se, porém, envergonhado e magoado, no fundo do coração... Assia reconhecia nesse momento que não era completamente irresponsável da exasperação em que Marcos caíra naquela noite. Em vez de apaziguar a sua inquietação amorosa (de modo nenhum injustificada) de Assia lhe ser retomada pela alma estranha daquela Rússia que estava fechada para ele, um instinto mau impelira Assia a atiçar essas suspeitas. Prolongava as suas ausências de casa mais do que era razoável e recebera lá camaradas de acaso, rus-

sos da Representação Comercial, cuja familiaridade e conversas com Assia, naquela língua que o marido não podia compreender, provocavam em Marcos uma irritação estúpida.

Numa altercação que se seguira a isso, Marcos fora a ponto de proibir a Assia receber tais hóspedes na sua casa. Mal o disse, porém, reconheceu para si próprio que ultrapassava os seus direitos. O resultado fora Assia continuar a receber esses seus camaradas, mas fora de casa. As suspeitas aumentavam ainda mais com isso. Assia reconhecia não ser menos estúpido da sua parte tê-las provocado, pelo simples prazer de contrariar Marcos e de afirmar a sua própria independência. Por esse andamento, caminhavam direitos para a catástrofe. Assia era, assaz experiente para o prever. Estavam loucos... «Olá, olá!... Alto.»

Assia levantou-se decidida a repor as coisas no seu lugar. Se Marcos era um garoto malcriado, de olhos desvairados, cabia-lhe a ela levá-lo, maternalmente, para o bom-senso. No fundo do seu coração, Marcos era ainda mais seu filho do que seu marido e o melhor da sua reserva de amor disponível inscrevia-se na conta do filho. Quando abriu, porém, a porta do quarto, onde Marcos passara a noite, não o viu lá. O marido saíra de casa sem dizer uma palavra. Assia sentiu a desconsideração e, como quando se sopra a chama de uma vela, as suas boas disposições apagaram-se. Obrigou-se, porém, a esperar por ele (a fim, talvez, de lhe demonstrar a sua sem-razão). Renunciou a ir trabalhar, como de costume, para o seu escritório. Não confessava sentir nenhuma pena disso, embora fosse a última ocasião de ver Djanelidze antes da sua partida. Talvez, porém, esse pensamento a incitasse a não ir, a fim de lhe provar a sua indiferença. Que lhe importava?...

Assia ocupou-se a arrumar a casa, que precisava bastante disso! Andava sempre por fora e, de dia

para dia, a poeira e a desordem invadiam tudo. Encontrava-se em plena tarefa, de limpeza quando Anita foi buscar o pequenito Vania (conservava-o todo o dia consigo e só o levava a casa dos pais à noite). Assia não a deixou, porém, entrar, a pretexto de que estava tudo revolvido e fora do seu lugar e de não querer que vissem o seu cafarnaum. Passou-lhe a criança pela porta entreaberta e Anita pôde, apenas, entrever, na sombra do corredor a silhueta da nora de joelhos a esfregar raivosamente o sobrado, de cabeça baixa e de cabelo em desalinho que lhe pendia nas faces como caudas de rato. Vingava-se, na mobília, da raiva que lhe causava a ausência de Marcos. O marido não foi almoçar. Assia esperou, mas ele não voltou... «Idiota! Estás amuado!... Hás-de pagar-mas».

Comeu com impaciência e ao engolir os bocados quase se engasgava. Nem terminou a refeição. Vestiu-se e mirou-se ao espelho. Mostrou os seus dentes agudos de cachorrinha. Sentia desejos de morder. Estava prestes a sair... Sair para quê? Ir para onde? Ir para quem?... Este «quem?» apanhou-a de surpresa. Teve um sobressalto. Voltou a sentar-se vestida como estava, como se fosse uma visita. Pegou numa revista de cima da mesa e tratou de se interessar pela sua leitura... «Ora, bolas!...» A mão nervosa atirou com a revista para o fundo do quarto... Martelava o sobrado com os tacões... Bateram três horas. «Estou farta!» Assia saiu. Não tinha nenhum objectivo confessado. Lembrou-se de ir visitar, num armazém, uma exposição de roupa branca.

Tomou, porém, outro caminho. Só deu por isso quando já estava demasiado longe para poder voltar para trás. «Paciência! Ficará para outro dia. Hoje, que farei?...» Encontrava-se a dez minutos da Representação Comercial. «É demasiado tarde. Não irei...» No entanto, seguiu nessa direcção, a pensar que, naturalmente, não entraria... Não teve necessidade de entrar. No outro passeio do bulevar, viu

surgir no meio da multidão, a uns quarenta passos, os largos ombros e a cabeça de javali de Djanelidze.

Sentiu um choque e descobriu que, antes até de o ver, se dirigia para ele. Irritou-se e atemorizou-se com isso. Deteve-se, hirta diante da vitrina de um estabelecimento, de costas voltadas para a rua. Esperava que ele passasse, mas o homem não passou. Atravessou a rua e, sem dizer uma palavra, colocou-se ao lado dela diante da vitrina. Piscava-lhe o olho, de lado. Assia voltou a cabeça e mediu-o de alto a baixo. O homem não tinha o ar de a ver, mas os seus olhos de mongol riam e disse-lhe:

— Fizeste gazeta?...

Assia não respondeu à pergunta e disse:

— Julgava que tinhas partido.

Mentia, e ele bem o sabia: na véspera ela perguntara-lhe a hora da partida. Limitou-se a repetir-lhe:

— Parto agora. Vou direito para casa fazer a minha bagagem. Depois, vou para a estação. Estás livre? Acompanha-me!

Não lhe deu o braço. Mantinha-se a certa distância e dizia-lhe sem olhar para ela:

— Faz de conta que não me conheces! Sou seguido ou posso sê-lo.

O homem deu voltas e contra-voltas e tomou por travessas e ruas laterais, que o levavam para trás embora no mesmo bulevar. Com um breve olhar por cima do ombro, verificava se não era seguido. No entanto, arranjava as coisas de maneira que, com o focinho de perfil, no meio da dupla torrente de transeuntes, proferia palavras rápidas e mordentes, na sua linguagem nativa. Chegados ao limiar duma casa na esquina de duas ruas, relanceou ràpidamente em volta de si e disse:

— Subamos!

Assia hesitara e o homem acrescentou:

— Ajudar-me-ás a fazer a mala.

Pegou-lhe no braço e entraram. Impeliu-a para a escada íngreme e escura. Assia nem via onde punha os pés. Ele amparava-a com a mão nas costas. Essa grande mão parecia segurá-la como a um pássaro. Não era, porém, um pássaro de gaiola e a mulher impertigava-se duramente, para resistir, pronta a dar uma bicada talvez para melhor sentir depois a pressão da mão. No patamar estreito, o homem estendeu o braço pela sua frente para meter a chave na fechadura. Empurrou ao mesmo tempo a porta e a mulher. Encontravam-se num quartinho, mal arranjado, cuja janela, que dava para um pátio, estava fechada e tinha as cortinas corridas.

Djanelidze compartilhava, de momento, esse quarto com um companheiro operário, pois mudava de habitação de dois em dois dias. O quarto, àquela hora, estava vazio, pois o seu locatário só voltaria à noite. Toda a bagagem de Djanelidze, roupa branca e papéis, mais papéis do que roupa, cobria a cama, a mesa e o sobrado. Djanelidze apanhou as suas coisas num monte que meteu numa velha mala de coiro. Procurava encafuar lá tudo, mas não o conseguia de modo a poder fechar a mala. Assia tirou uma parte e arrumou tudo.

O ar viciado era sufocante e Assia sentia o suor correr-lhe pelas costas. Quis abrir a janela, mas ele opôs-se, para não ser visto pelos vizinhos. A mulher tirou o casaco e abriu a gola do vestido; o homem pusera-se em mangas de camisa. Falavam pouco, apenas do que estavam a fazer; ele passava-lhe os objectos que ela dobrava, sentada no chão com a garganta e a nuca descobertas. Sentia-se como que mergulhada num banho tépido... Teve uma breve vertigem e viu-se na noite anterior, no seu leito, sob a impressão dum focinho cálido que lhe soprava nas costas. Só teve tempo de se voltar. Inclinado para ela, Djanelidze farejava-a. Lançou-lhe a sua larga pata e deitou-a no chão...

Quando Assia voltou a sentar-se no sobrado,

tinha o olhar desvairado, a boca seca, o corpo em fogo e uma expressão feroz. Não disseram nada um ao outro. A mulher não pensava em acusá-lo nem em acusar-se. Estava escrito! Não se aventurasse ele, porém, a tocar-lhe mais uma vez. A barreira entre ambos voltara a cair. O homem compreendeu perfeitamente, pois tinha a inteligência mais rara que é a do corpo. Afastou-se e, de pé, a enrolar um cigarro, olhou para ela a seus pés, fria e sombria, a compor o cabelo. Não havia nele nenhum orgulho de vencedor. Não tinha preparado nem querido aquela posse; a natureza, por si só, fizera tudo: não havia lugar para pensar mais nisso.

Assia acabou de arrumar a mala, da qual tinha saído uma parte do conteúdo. Posto tudo em ordem, abateu a tampa, na qual ele fez força para a fechar e afivelar. Assia levantou-se, voltou a vestir o casaco e ouviu-lhe:

— Desce! É melhor para ti não sairmos juntos!

Assia viu-se num espelhinho de bolso. Quando se julgou pronta dirigiu-se para a porta. Djanelidze disse, ao estender-lhe a mão:

— Adeus, camarada.

Assia voltou-se e deu-lhe a mão. Enquanto ele a segurava (ao olharem um para o outro muito sérios, ela com a sua altiva fronte inclinada, mas com os olhos a sondarem os olhos), disse-lhe:

— Traz-nos o teu marido! Conto contigo e com ele.

Um tal apelo, naquele momento, era uma estranha falta de gosto. Assia nem o notou e Djanelidze acrescentou:

— Ele procura o seu norte. É pena que se perca. Sabes qual é o caminho. Mostra-lho! O seu lugar é entre nós.

Assia não replicou. Aquilo que ele dizia era o que ela pensava. Estava-lhe, porém, grata por o ter dito. Só mais tarde pensou que ele deveria ter mandado espiar Marcos. Isso, porém, que teria

causado furor ao marido, para ela era sòmente desagradável: habituara-se a pensar que essas coisas eram naturais, pois tinham o direito de se informar!... A sua mão ainda húmida correspondeu à pressão da grande mão e libertou-se, ao mesmo tempo que dizia:

— Adeus.

ASSIA saiu. Ia pela rua fora sem se voltar. Era o fim do dia. Os últimos andares das casas, dum lado do bulevar, estavam avermelhados pelo poente. Não pensava em nada; estava demasiado cheia para pensar. Não sentia prazer nem desgosto. Simplesmente, sabia-lhe bem o asfalto duro sob os seus pés... Numa volta, perto do Sena, inundado pela luz dos derradeiros raios de sol, Assia parou como se tivesse sido atingida por uma pancada e murmurou:

— Que fiz eu?...

Revia tudo, tumultuosamente, mas por um instante. No meio desse tumulto fez, com severidade, as suas contas. Mordia o lábio, humilhada. O balanço era contra ela. Imprudentemente, tinha jogado e perdido. Perdido? Se se tratasse só dela, não se preocuparia com isso. Perde-se ao jogo, e quando se perde não se pensa mais no caso! O facto em si só tinha a importância que lhe quisesse atribuir. Assia não lhe atribuía nenhuma. O seu maior despeito provinha, não do facto, mas de ter consentido nele por surpresa, quando a sua vontade não o desejava.

Assia sentia pouca estima por si própria. Havia muito tempo que tinha perdido essa estima. Não era compassiva para consigo. Orgulhosa, sim; mas

tinha o orgulho de não se lisonjear. Se fosse sòzinha, a conta estaria liquidada antes até de entrar em casa. Não era, porém, só. Em casa, havia o «outro», aquele cuja presença, cuja existência, era para ela um freio que a irritava, mas freio que gostava de morder e cujo gosto de ferro lhe dava mais sabor à vida; havia o «outro», o associado, em nome de quem as contas eram a meias. Que pensaria ele? Assia conhecia a terrível seriedade do marido em tais assuntos. Marcos considerava a honra como um velho burguês e colocava-a em sítios onde a honra não tem nada que fazer.

Assia havia muito tempo que ria dele a esse respeito, mas essa troça, sem que ela o confessasse a si própria, tornava o marido mais digno de respeito... Se não lhe dissesse nada da sua estúpida aventura, ele nada saberia e continuaria tranquilo, pois ninguém no mundo lho iria dizer... Essa era a questão! Era justamente a única eventualidade que excluía. Assia riscara isso das suas contas. O facto em si, o «delito» (ou como lhe quisessem chamar!) era-lhe relativamente fácil de suportar; mas o silêncio acerca do «delito» é que era para ela o verdadeiro delito. Não, não, não aceitaria essa responsabilidade. Desejaria fazer uma partida a Marcos, mas não queria «enganá-lo». «Enganar», para ela, era ùnicamente mentir (ou calar-se). Não enganava nunca. Não trapaceava.

Assia resolveu, portanto, no seu íntimo, dizer tudo ao marido. Tanto pior para ela! Acrescentava *in petto:* «Tanto pior para ele!...» Se não fosse a tolice de Marcos não teria saído naquele dia. Culpava-o por isso... (Exagerava um tanto!) A sua decisão estava tomada. Misturavam-se nela nobres instintos: rectidão de carácter, horror de mentir; e outros menos nobres: rancores secretos, e — quem sabe? — talvez essa inconfessada curiosidade psicológica dos eslavos que os leva sabe Deus a que acções, só para verem o que se vai passar em si

próprios. Como reagiriam ela e ele?... A experiência era perigosa, bem o sabia; mas o perigo era, a seus olhos, mais um pretexto especioso para o defrontar. Os riscos de um acto legitimam-no.

Quando Assia viu Marcos, sentiu-se perturbada na sua decisão. Esperava encontrar a continuação do mal-entendido da noite e encontrou um Marcos que reflectira e se arrependera, um Marcos comovente, que pedia perdão com um belo olhar humilde e terno que cortava o coração. Assia sentiu-se desarmada. Só podia acariciar-lhe o rosto com as mãos, que os lábios de Marcos apanhavam à passagem, as suas mãos impuras... Retirou-as e ocultou-as atrás de si. Estava numa falsa situação para lhe dar o perdão por ele pedido. Procurou pôr termo a essa inversão de papéis e disse-lhe:

— Basta, meu menino! Não falemos mais nisso! Já vai longe; o que é de ontem acabou-se.

Marcos, com ar feliz, murmurou:

— Então, está dito! Perdoaste?

— Sim. É agora a tua vez de perdoar.

O marido exclamou:

— Há muito tempo que isso está feito!

— Sim, para ontem; mas, para hoje?

— Para hoje?

Marcos sorria e Assia não sabia como começar. Tinha, no entanto, preparado tudo; mas em face da atitude dele, aquilo tornava-se terrível...

— Não olhes para mim assim! Tornas-me a coisa ainda mais difícil...

Assia voltou a cabeça do marido para o outro lado.

— Diz lá! — proferiu Marcos, que não a tomava a sério.

Assia via a sua face de perfil que sorria e bateu com o pé no chão:

— És estúpido! Não rias!

Marcos voltou a cabeça surpreendido:

— Que tens?

Assia fitou-o com olhar sombrio:

— Enganei-te.

Marcos, abriu os olhos, sem compreender.

— Não, não te enganei! — continuou Assia — não oculto nada do que faço... Hoje... eu... (estava perturbada, ante aqueles olhos espantados, medrosos, sem defesa, que a interrogavam...) não sei como isso se passou... (poderia ter dito: «fui agarrada», mas o seu orgulho recusava-se a tal; reagiu e foi brutal para sair da dificuldade) eu... acabo de ser doutro.

Assia não tinha necessidade de o nomear. Mais de uma vez, nos relatos provocadores que fazia das suas horas na Representação Comercial, atraíra a atenção ciumenta do marido para Djanelidze. Viu as pupilas de Marcos dilatarem-se e a boca abrir-se-lhe... Foi preciso algum tempo para a adagada penetrar. Assia reviu a cena dum garoto da rua que tivera a mão trilhada pela roda de um carro e que ficara a sorrir ainda durante um momento, até a dor atroz o despertar e obrigar a gritar... Marcos não gritou. Sùbitamente, porém, a face contraiu-se-lhe e a respiração parou-lhe na garganta. Soluçou:

— Mentes!...

Suplicou depois:

— Diz que mentes!

Assia retorquiu, gelada de orgulho e de pavor:

— Digo o que é.

Jamais poderia ter previsto aquele rosto de animal ferido, louco de dor e aqueles olhos de assassino...

Antes de Assia ter podido fazer um gesto, Marcos agarrara-lhe o pescoço e apertava. A mulher não fez nada para se defender... «Estrangula! Seja! É o teu direito...»; mas não baixou os olhos. Foi ele quem os baixou. Deixou-a, mas com uma tal dor no seu olhar!... Isso sim, era muito mais terrível.

Marcos ficou, alguns segundos, de ombros descaídos, com os braços a abanar como suspensos. Deu depois alguns passos para trás, titubeou e deixou-se cair num banco baixo, junto do parapeito da janela. Inclinou o busto e caiu com a fronte para a frente apoiada no parapeito, a soluçar. Os seus soluços não tinham nada de humano. Dir-se-iam dum animal ferido de morte. Assia estava perturbada. Queria gritar, correr, tomá-lo nos seus braços, e sentia-se paralisada. Nem uma palavra lhe saía da garganta e o rosto mantinha-se-lhe glacial. O inesperado excesso daquele espasmo petrificava-a; mas por dentro o seu coração era torcido como a roupa nas mãos duma lavadeira. Teve de assistir, rígida, de olhos secos, sem movimento, àquela agonia furiosa. Era um suplício que nenhum carrasco previra. Quando, num repelão, conseguiu arrancar-se a essa imobilidade e pôde, finalmente, mover as pernas e aproximar-se, murmurou:

— Meu filho, meu querido!... Se eu soubesse!... Não sofras!... Não vale a pena...

Marcos interrompeu, sùbitamente, os soluços, levantou a cabeça, mostrou uma face convulsionada, mas implacável, e disse:

— Vai-te embora!

Não teve necessidade de fazer um gesto. O seu olhar era como uma chicotada. Punha-a fora de casa.

De novo, a altivez de Assia foi-lhe nefasta. Não fez nada para se explicar. Apanhou do chão o seu casaco que caíra, apertou a gola do vestido de que os dedos furiosos do marido tinham arrancado o colchete e disse:

— Expulsas-me?

Marcos rugiu:

— Sim! — e recaiu com a fronte apoiada nas mãos no parapeito da janela.

Muda, Assia dirigiu-se ao outro quarto, abriu e fechou gavetas, tomou aqui e ali alguns objectos e voltou para a sala onde estava o marido com uma

malinha de mão. Olhou para Marcos esmagado de sofrimento, abriu os lábios para falar, dirigiu-se para a porta, abriu-a, voltou-se e chamou por uma derradeira vez:

— Marcos!...

Ele não se mexeu e ela saiu.

No andar de baixo, ao chegar ao patamar, Assia sentiu as pernas fraquejarem-lhe, encostou-se à parede, e, na sombra, chorou. As suas lágrimas eram como um ribeiro. Quis subir e dizer-lhe, dizia a si própria: «É um crime!... O que nós fazemos, o que tu fazes... Acaso uma tolice, acaso uma porcaria, é razão para destruirmos a nossa vida?...» Não queria reconhecer que ele tinha o direito de a repelir... Pensava: «Ama-me assim tão pouco?...»; mas não dizia: «Ama-me demasiado!...» Reconhecia perfeitamente a sua ofensa, mas não reconhecia que, na balança, essa ofensa pesava mais do que todo o amor. Era para ela tão pouco!

O pior ultrage parecia-lhe que fora o que ela fizera a si própria e não a ele. Se havia uma traição, fora ela a traída e não ele; ela é que se traíra. Aquela surpresa dos seus sentidos, aquele eclipse infame da sua vontade... Ah! se ele tivesse visto, naquele momento, a torrente de amor que corria para ele! Gostava muito mais dele, agora!... Agora, que o tinha feito sofrer... Agora, que ele sofria por sua causa... As suas mãos... Voltou a sentir a dor aguda das mãos de Marcos em volta do seu pescoço. Desejaria tê-las beijado... Subiu três ou quatro degraus... O seu orgulho, porém, reacendeu-se. Sabia que o outro orgulho era intratável... Não, não se rebaixaria a suplicar... «És tu que me repeles. Pois então, adeus! Só voltarei se me chamares! Se for para sempre, seja para sempre!»

Voltou a descer, com as faces em fogo e vestígios de lágrimas mal enxutas. Os seus pés de cabra faziam ressoar sob os saltos os degraus encerados da

escada. Passou em frente da porteira, de cabeça levantada, sem a cumprimentar. Na rua, desafiava os olhares curiosos que reparavam nos seus olhos sombrios que expeliam relâmpagos e nos quais secavam lágrimas retardadas. Não se importava já de nada. Caminhava sem destino. Sùbitamente, entrou no primeiro hotel que encontrou, uma casa sórdida e mal afamada. Alugou um quarto, sem o ver. Pagou-o antes de o ir ocupar e foi encerrar-se nele. Mais uma vida acabada! Outra vida!... Santo Deus! Quando é que todas as vidas se acabariam?

MARCOS não se mexeu do parapeito da janela onde tinha posto a cabeça como num cepo. Parecia esperar o golpe do machado. Nunca mais ser forçado a suportar a cabeça em cima dos ombros! Se lhe pudessem, também, dissipar da memória os dias e as noites! No seu crânio, porém, havia um tumulto... O ódio e a dor enlaçavam-se num amplexo convulsivo. A sua carne eriçada de nojo, tremia. Nem uma ideia compassiva ou de perdão, para aquela a quem acabava de expulsar! Nenhum esforço para a compreender! O macho ultrajado só se via a si e à injúria que recebera!...

Passinhos miúdos subiam a escada a saltitar... Marcos, de súbito, pôs-se de pé. Era Vania que regressava. Era preciso que a criança não desse por nada. Com movimentos bruscos, enxugou os olhos ardentes, pôs no seu lugar os objectos que tinham caído durante o breve corpo-a-corpo (apanhou o alfinete da gola), abriu a porta do patamar e debruçou-se no corrimão. Debaixo, Anita gritou:

— Estás aí, Assia? Trago-te o pequeno.

Marcos respondeu:

— Estou eu. Obrigado!

— És tu, meu filho? Assia saiu?

— Saiu, sim — retorquiu Marcos.

Vania chegara ao patamar. Anita disse ainda:

— Não subo. Estou fatigada. Boa noite, meu filho.

— Boa noite, mãe.

Marcos pegou na mão de Vania e voltou para dentro. Teve de explicar à criança que a mãe não voltaria naquela noite, pois ausentara-se por algum tempo. Vania, curioso, fazia perguntas. Quando o pai o julgava satisfeito, o pequeno apresentava outras à queima-roupa, que apanhavam Marcos desprevenido. Era preciso ter cuidado com todas as suas palavras, pois se, por esquecimento, caísse em contradição, o filho lembrar-lhe-ia o que dissera antes. Marcos tinha muito que fazer, de se ocupar da ceia e de deitar o filho. Desajeitadamente, despiu a criança, que lhe dizia com um ar de superioridade:

— Não é assim, papá! Não sabes...

Vania lembrava, então, ao pai o ritual consagrado, para o lavar e para o resto. Essas tarefas serviam, ao menos, a Marcos para se distrair da sua dor. Quanto a Vania, estava encantado com aquela novidade. Os dois homens estavam juntos e sòzinhos em casa; era uma situação interessante.

No dia seguinte, Marcos fez o filho prometer-lhe que não falaria à avó da ausência da mãe. Disse-lhe que a viagem de Assia era um segredo. As perguntas de Vania, que não se contentava com explicações vagas, deram-lhe que fazer. Atrapalhava-se e Vania viu perfeitamente que mentia, que lhe ocultava qualquer coisa, mas não disse nada.

Como um cachorrinho, arrebitou o nariz e as orelhas, muito intrigado com aquele mistério que, embora sem o mostrar, procurava desvendar. No entanto, cumpriu a sua promessa: não disse nada a Anita. Fez como o pai: mentiu. Teve até o topete de contar que a mãe fazia isto e aquilo. Sentia-se satisfeito por enganar a avó; tinha consciência de desempenhar um papel. Qual? Não sabia; mas sentia-se orgulhoso. Era já um homem...

No dia seguinte à partida de Assia, Marcos recebeu uma grande carta dela: vinte páginas a lápis, com letra apertada. Não manifestava nenhum desejo de se desculpar ou de voltar. Não se julgava, porém, quite perante o marido se não lhe contasse exactamente o que se passara. Não queria saber como veria ele isso. Considerava-se obrigada a prestar-lhe contas. Com estranho impudor psicológico, essa doença da análise de si próprias que possuem as almas eslavas, Assia não se poupava — não o poupava — à revelação de nenhum recanto da sua consciência; mostrava-lhe com toda a nudez os seus actos e pensamentos. Quando a expressão não a satisfazia, riscava-a, corrigia-a, completava-a. Não se queria poupar, mas não pensava que assim não o poupava a ele. Precisava de desabafar. Depois, sentir-se-ia aliviada. O próprio cilício serve de luva de crina: fricciona a pele e avermelha-a até o sangue.

Marcos, por seu lado, ficara pálido e as mãos tremiam-lhe ao percorrer aquela confissão. Apenas a folheou. Os seus olhos febris não podiam lê-la seguidamente. A desgraça foi que nesse amontoado de notas e de emendas em que se mostrava, apesar de tudo, a rude lealdade da mulher que o enganara, o seu olhar caiu sobre algumas linhas duma franqueza tão crua, que Marcos viu tudo vermelho. Deu um urro, fez uma bola com as vinte páginas, que esmagou, dilacerou, entre os dedos — o que desejaria fazer a Assia! — e atirou-a para o fogão, onde ardeu... Depois, sentiu o remorso, até à morte, de não ter lido aquelas páginas completamente. Por mais que fizesse, nunca viria a saber a verdade, pois Assia não se confessaria duas vezes.

Numa folha de papel separada da carta, que escapara à fogueira, Assia pedia que lhe fossem enviados ao hotel os objectos e a roupa que mencionava numa lista. Deixava, porém, a Marcos a alternativa de lhe fixar o dia e a hora em que poderia

ir ela própria buscar isso. Sem dúvida, havia no seu espírito uma vaga esperança de se encontrarem. Marcos encarregou-se, porém, de a desvanecer. Rangia os dentes ao pensar que ela poderia voltar a pôr os pés naquela casa. Apressou-se a reunir numa mala todos os objectos que Assia pedia e juntou, como uma bofetada, todos os retratos que tinha dela. Enviou-lhe tudo, no mesmo dia, por um moço, endereçado á sr.ª Volkov.

Quando recebeu a mala, o sangue afluiu ao rosto de Assia. Tirou da sua malinha de mão uma carteira e dentro dela um instantâneo que tirara com Marcos num dia feliz e que nunca a deixava, e fê-lo em mil bocadinhos, para acabar com tudo! De noite, como não dormia, foi procurar os pedaços até debaixo da cama, entre montes de poeira. Destruíra a fotografia a tal ponto que era impossível reconstituir aquela imagem! Guardou, no entanto, os pedacinhos num sobrescrito, que fechou para não ter a tentação de o reabrir.

Marcos dirigiu-se à Representação Comercial russa para esbofetear o homem que o tinha enxovalhado. Lá soube que o pássaro levantara voo e partira para o fundo da sua floresta. Teve de devorar sòzinho, noites e noites, os seus pensamentos de vingança insatisfeita.

Entretanto, Anita, que o casal separado se obstinava em deixar na ignorância dos acontecimentos, inquietou-se por não ver Assia e acabou por arrancar a verdade ao filho. Isso passou-se em casa dele, após o jantar. O pequeno dormia — não dormia nada — no seu quarto ao lado, uma espécie de alcova, que não era fechado por qualquer porta. Era preciso falar baixo, lado a lado, com os cotovelos em cima da mesa de escrita, sob o círculo luminoso do candeeiro.

Anita não precisou de muitas palavras para compreender tudo. Atalhou as amargas confidências, que não podia, naquele momento, aclarar nem

rebater. Desconfiava dos ouvidos da criança e não podia deixar sair da boca de Marcos as palavras ultrajantes que estavam ansiosas por sair. Era preciso salvar o pouco que restava da ruína. Sofria com o filho; mas era também mulher e sofria pela outra. Antes de a ter ouvido, não absolveria inteiramente o homem: era preciso ouvir as duas partes. Havia muito tempo que receava aquela saída para o amor dos filhos. Agora que a saída chegara, sentia mais compaixão do que censuras para a culpada: para os dois culpados, as duas vítimas.

Anita não podia, naturalmente, dizer ao filho o que pensava. Deitou-lhe os braços ao pescoço e calaram-se; mas sentia tremer a face de Marcos contra a sua. O rapaz nada temia mais do que mostrar a sua fraqueza. Receava, também, que a mãe ao lamentá-lo não dissesse: «Meu pobre filho, bem te dizia!...» Logo que pôde, sem ser traído pela voz, apressou-se a tomar o ar severo para falar das coisas domésticas: a mãe levaria consigo a criança; ele não ficaria com o apartamento, despedir-se-ia e iria viver para um hotel; os poucos móveis, enquanto não se decidisse a seu respeito, iriam para um depósito. Não era questão de consultar Assia. Foi Anita quem lembrou que a nora deveria ser ouvida. Marcos não queria que lhe falasse nisso e proferiu com dureza:

— Essa mulher não existe.

Anita indicou-lhe com o queixo o quarto do pequeno e disse:

— Ela está aqui.

Marcos enfureceu-se:

— Não tem nenhuns direitos sobre ele.

— Ninguém lhos pode tirar — replicou Anita docemente — assim como ninguém me pôde tirar os que tinha sobre ti.

Marcos não admitiu a comparação:

— Foi ela própria quem renunciou a eles.

— Não, meu filho, não confundamos: esposa e mãe são duas coisas diferentes.

Marcos, indignado, deparava com a maçonaria secreta das mães:

— Então, tomas partido contra mim?

— Meu filho, tu és eu própria. Até aqueles, porém, que nos ofendem têm direitos.

— Não os reconheço.

— Estás em pleno combate — observou Anita — e o direito emudece para só prevalecer a força. Não és, porém, o mais forte.

O rapaz indignou-se:

— É, então, ela?

— Nem tu nem ela, mas ele. (Designou mais uma vez a criança).

— Ele é meu! — exclamou Marcos — só meu ou não o quero mais!

— Ele é de si próprio — retorquiu Anita — e eu sou dele.

Anita teve dificuldade em descobrir o endereço de Assia. Marcos não lho deu e também não lho quis pedir, para ter os seus movimentos livres. Acabou por descobrir a ignóbil hospedaria que Assia aceitara de olhos fechados: que lhe importava que fosse esta ou aquela? Não tinha sentidos delicados e o seu nojo, naquela altura, por si, por Marcos, por todos os homens, não distinguia entre o mais e o menos: toda a vida era boa para vomitar. Mais do que os seus sentidos, o seu espírito estava indignado com a idiotice da aventura. Não a sua (acidente sórdido e insignificante como um respingo de lama na rua), mas toda a imbecil Aventura, sem tom nem som, da vida. No entanto, essa Aventura que desprezava, Assia não era mulher para a deixar a meio caminho: fosse qual fosse, levá-la-ia até o fim...

Assia encontrava-se por acaso no seu buraco (só lá ia para dormir), quando Anita bateu à porta. Não mostrou nenhum prazer com essa visita. Tinha

a boina na cabeça, estava pronta para sair, e não lhe ofereceu a única cadeira atravancada com coisas. O quarto sujo, sem ser varrido, a cama por fazer, a mesa de cabeceira engordurada entreaberta, montes de objectos dispersos por todos os lados, manifestavam uma completa indiferença por todas as convenções materiais e sociais. Anita sentiu a garganta seca ante o espectáculo. Sem um cumprimento, sem sequer ver a mão que Anita lhe estendia, Assia recuou para a deixar entrar e, encostada à mesa coxa, encarou a visitante com olhar torvo, franzindo a testa. Anita ficou por um momento desorientada. As palavras de simpatia morriam-lhe na garganta. Foi Assia quem falou:

— Está satisfeita?

Anita soltou um grito.

— Assia!

— Como? — continuou a outra — Não se passou tudo como esperava?

Anita estendeu-lhe os braços:

— Minha filha!

Assia empalideceu. Todo o seu corpo estremeceu. A sua expressão dura e gelada convulsionou-se e explodiu em soluços. O esforço que fazia para os reprimir modelava-lhe uma máscara duma fealdade grotesca. Anita, porém, não pensava em achá-la feia: era para si mais comovente do que o mais belo rosto. Atirou-se a ela e abraçou-a. Assia, com as mãos crispadas na borda da mesa, deixava-a fazer, com o corpo sacudido pelos soluços, a fungar, com as faces molhadas e os olhos e o nariz a pingar. Anita beijou aquelas faces, aqueles olhos, aquele nariz. Assia, vencida, apoiou pesadamente a fronte no ombro da mãe e enxugou o rosto no seu vestido.

Quando as suas grandes lágrimas abrandaram, Anita sentou-se com ela, procurou um lugar na cama por fazer e pegou-lhe nas mãos crispadas, cujas unhas em sobressaltos de violência se lhe cravavam na pele. Não tinham trocado ainda meia

dúzia de palavras. Nada fora dito. Tudo estava dito. Anita não precisava de confissões. Não pertencia ao número dessas mulherzinhas que sentem a necessidade de perguntar: «Minha pobre filha, como se passou isso?». Bem sabia como se passava; a história nunca tem nada de novo nem de muito apetitoso, para quem é mulher e viveu. Assia, porém, não podia passar sem lhe contar tudo. De bom ou mau grado, era preciso ouvi-la. À medida que desfiava a sua meada, Assia recobrava o seu aprumo e retomava o seu tolo orgulho de combate. Mostrava uma certa bazófia em estadear as suas confissões; não se desculpava e acusava. Bem ou mal fizera o que entendera. Estava no seu direito (desafiava insolentemente o olhar da mãe).

— O direito de fazer sofrer quem gosta de nós? — interrompeu Anita.

Esta observação feita a meia voz, como para si própria, desarmou na sua investida a narradora. Deteve-se por um momento. Depois, como se não tivesse ouvido, retomou a sua carreira e a sua narrativa. Anita ouvia-a sem nada dizer, até quando o seu filho estava em causa, apenas punha a mão na boca de Assia para lhe evitar as brutalidades de linguagem inúteis, que a selvagem soltava sem se sentir como os sapos do conto de fadas:

— Não sujes a tua boca!

— A sujidade está no fundo de mim e cuspo-a fora — dizia Assia, esfregando a boca contra a palma da mão de Anita.

Não era mulher para negar que a imundície fosse suja; mas mostrava ao expô-la um orgulho retrospectivo, a complacência oculta de tantas mulheres de hoje em mostrar as suas torpezas como os farrapos sujos que simulam grinaldas nas ruas do Sul. Era um *ersatz* do antigo abuso das confissões impúdicas ao postigo do complacente auditor de sobrepeliz, na sombra cúmplice da igreja. Anita disse-lhe:

— Recolhe a tua roupa! Não a torças sobre a cabeça de quem passa!

A boca aberta de Assia não terminou a frase começada. Ficou interdita e vexada. Esteve quase a ripostar. Depois, riu, apesar do seu despeito e do seu desgosto, e disse:

— Onde quer que a ponha? (com um gesto mostrava o cubículo) Não tenho selha.

— Deita-a ao fogo! — retorquiu Anita — Não farias mal se deitasses tudo que está aqui.

— E eu também — assentiu Assia — era do que tinha vontade; mas não vejo por que não faria o mesmo a toda a Paris!

— Será para outra altura — replicou Anita — primeiramente, ocupemo-nos de nós.

A conversa prosseguiu, noutro tom. Assia renunciara a contar o fim da história. A história também não interessava a Anita, e Assia acabou por perceber que a sogra sabia tanto como ela. Voltava, porém, com obstinação aos seus direitos numa união livre e leal. Poderia mentir e calar-se; não mentia, nem se calava. Por que se calaria? Procedera segundo o seu direito.

— O direito estrito — observou Anita — é nesse caso, como frequentemente, a suprema injustiça, porque é um pecado contra o amor e o amor verdadeiro é a suprema lei.

— Então por que há-de ser ele — retorquiu àsperamente Assia — o seu filho, que será o privilegiado, ao impor contra mim e contra o meu direito, contra o meu desejo, o seu estrito direito?

— Porque é o mais fraco — respondeu Anita.

— O mais fraco! — exclamou a outra.

— Todo o homem o é — confirmou Anita.

— Acha isso? — perguntou Assia, surpreendida.

— Também pensas assim.

Assia calou-se, reflectiu e concordou:

— Sim.

Estava surpreendida por concordar. Tentou ainda defender a sua tese e continuou:

— Isso é porventura uma razão para que o direito do fraco triunfe?

— Sim, para o meu coração, e também para o teu. É assim. Nós somos a mãe. Devemos ter compaixão do nosso filho.

O coração de Assia apertou-se-lhe. Não disse mais nada. Anita levantou-se e proferiu:

— Vim para te falar da criança.

— Qual? — perguntou Assia, que nesse momento só pensava na grande.

— Vania — respondeu Anita, num tom de censura.

Assia teve um gesto de indiferença. Aquela apaixonada não tinha, então, tempo de se lembrar do pequeno. Replicou:

— Ele é seu. Naturalmente, fica com ele.

— Assia! — exclamou Anita — Ama-lo assim tão pouco para não reclamares sequer a tua parte?

O coração de Assia deu um baque. Reviu o pequeno e, sùbitamente, sentiu-se faminta dele. Os olhos chamejaram-lhe. Estendeu os braços a tremer:

— Dê-mo! Quero-o!

Quase imediatamente, as lágrimas subiram-lhe aos olhos e deixou cair os braços desanimada:

— Que farei com ele aqui? Não; fique com ele! Está em melhores condições para o educar.

Anita perguntou:

— Estás decidida a não voltares mais para a tua casa?

Assia gritou:

— Jamais!

Todo o seu rancor contra Marcos se erguia como uma serpente firmada na cauda. Dardejou um olhar odiento. Anita sentiu a adagada e pensou: «Que mal lhe fez ele?»

Assia sentiu que a sua seta para atingir Marcos atravessara o coração da mãe. Procurou atenuar-lhe o efeito e com uma rudeza um tanto mais embotada, respondeu:

— Já não tenho casa. Nada do que lá existe é meu.

— Agrada-te esquecer — proferiu Anita — mas não esqueço que metade do que lá está é teu.

— Não tinha nada quando lá entrei; ao sair não tenho de trazer nada.

— Não admito — retorquiu Anita — que, se partes, Marcos te deixe sem ocorrer às tuas necessidades.

— Em primeiro lugar — ripostou Assia, erguendo-se nas suas tamanquinhas, para não perder nem uma polegada da estatura — em primeiro lugar sou eu quem deixo Marcos, não é ele que me deixa a mim. Marcos nem sequer é capaz de ganhar o seu pão. Acha que iria, agora, aceitar-lhe as migalhas?

Anita compreendeu que não obteria nada daquela orgulhosa se não tomasse outro caminho e disse-lhe:

— Não se fala mais nisso! Achas, porém, justo fazer-me pagar a mim o mal que Marcos possa ter-te feito?

O facto de Anita, em vez de a acusar tal como o rancor de Assia desejaria, assumir sobre os seus ombros a carga das queixas contra Marcos, sensibilizou-a e foi como um bálsamo. Num ímpeto ardente de gratidão, pôs as mãos nos ombros da sogra:

— Quem disse tal? Não se trata disso!

— Então, há razão, se o deixas, para me deixares também?

— Não a deixo — proferiu Assia a apertar-lhe os braços — não quero deixá-la; não posso.

— Nem eu, também; não posso, nem quero.

— É verdade? — perguntou Assia, ao abraçá-la com arrebatamento.

— Então — replicou Anita — fica entendido que a minha casa é território neutro! Irás lá quando quiseres. Compreendo a tua altivez, mas acho que não deves ser altiva comigo e, embora isso te custe, deves-me ao menos esse sacrifício. Por isso quando acontecer (a qualquer de nós isso acontece pelos tempos que correm) precisares de manteiga para pôr no teu pão ou só pão sem manteiga, vem, simplesmente, comê-lo a minha casa.

— Fá-lo-ei — assentiu Assia — mas a verdade é que, tanto como eu, não sabe o que será o dia de amanhã para si.

— Pois bem: uma das mãos lavará a outra!

— Combinado!

Assia sabia que não seria prejudicada na transacção e sentia a generosidade da proposta. Devorava Anita com os seus olhos ardentes:

— Ah! Que pena não ter casado consigo!

— Obrigada! — retorquiu Anita — É melhor, porém, assim.

Dirigiu-se para a porta e Assia praguejou:

— Se pudéssemos ver-nos livres de todos esses homens!

— Sim — observou Anita, calma e trocista — mas isso não é para já! Em todo o caso, não será para ti.

— Porquê? — perguntou Assia, que voltou a assanhar-se — Não quero saber mais deles. Que o diabo os queime como às raposas da Bíblia... e se eu voltar para eles, que me queime também a mim!

— Quem bebeu, beberá — observou Anita.

— Em todo o caso — replicou Assia, cujo ódio se reacendeu — não do seu vinho! Escarro nesse Marcos.

Escarrou. Anita encolheu os ombros e foi-se embora. Já na escada, Assia atirou-se a ela impe-

tuosamente, esteve quase a fazê-la cair, voltou a abraçá-la e murmurou:

— Perdão! Perdão!

Anita, já na rua, dizia para si, com comiseração e ironia: «Só podem odiar-se assim os que se amam.» Levantou os olhos para o Altíssimo, para o longíssimo, o surdo e mudo, e rezou: «*Libera nos ab Amore!*»

A vida cortada em pedaços — os dois do casal separados, a criança de ambos, a mãe dos três — prosseguiu o seu caminho aos solavancos. Havia demasiada vida em cada um dos pedaços para a vida poder parar. Quanto mais vida há, porém, maior é a capacidade de sofrer. O único a quem o o sofrimento não atingia era o pequenino. Não tinha que se lamentar com a mudança. Era, com a avó, o deus do lar. Davam a impressão de o querer compensar com mimos daquilo que não tinha a consciência de ter perdido. Era, contudo, como todas as crianças bastante esperto para não perceber, ràpidamente, o interessante do seu papel e não tirar proveito disso.

O verdadeiro sentido daquela aventura era para ele obscuro. Não deviam, porém, fiar-se muito nisso: se não sabia, farejava; a curiosidade estava nele à frente dos outros sentimentos. Nada comovido! Era um brinquedo divertido: procurar a pista; mas apenas um brinquedo mais entre muitos outros. Passava dum para o outro sem alvoroço. De longe em longe, recebia a visita da mãe ou do pai, ambos igualmente preocupados, apressados, de testa franzida. Julgavam-se obrigados, cada um pelo seu lado, levar-lhe ofertas e beijavam-no com muito mais vigor do que quando o tinham em sua

casa. Deixava-os fazer o que quisessem, pois era preciso ser bom como os grandes!

Gostava deles como de objectos que eram seus, enigmáticos, interessantes, que não ocupavam muito espaço; mas não tinha uma grande necessidade de afagos. Por astúcia natural, não era por isso menos hábil em explorar-lhe a concorrência (sentia-a, sem a compreender). Fechavam-se, cada um por seu lado, com Anita, com quem conversavam demoradamente. Bem podiam baixar a voz, que o ouvidinho à escuta sempre conseguia respigar alguma palavra. Essa palavra era arrumada no seu armário até ter um monte delas. Em seguida, ia buscá-las, ajustava-as, colava-as umas às outras. Felizmente, cansava-se e deixava o trabalho por acabar, incoerente, e entregava-se aos seus divertimentos.

Anita conseguira evitar que entre os seus dois filhos inimigos houvesse uma separação oficial. O divórcio não significava nada entre pessoas que nem uma nem outra tinham quaisquer bens, a não ser a criança (se é um bem!) que Anita tomara para si, a fim de partir ao meio a divergência. O processo obrigaria a uma perda de tempo que era bastante precioso para ganharem o seu pão. Isso sem falar da intromissão desagradável nas suas coisas íntimas dos olhos mexeriqueiros da sociedade. Tàcitamente, acordaram em prescindir disso. Não precisavam dum visto social para os declarar separados. Anita evitou cuidadosamente que chegassem a esse extremo; lá tinha os seus planos.

Enquanto esperava, Anita evitava que se encontrassem em sua casa e procurava parecer que mantinha iguais os dois pratos da balança. Era preciso evitar que pudessem temer que os quisesse influenciar. Devia deixar gastarem-se as suas más paixões, embora elas os pudessem levar a actos deploráveis, para se vingarem ou afirmarem a sua liberdade! Seriam os primeiros a arrependerem-se, se não houvesse quem pretendesse tal arrependi-

mento. Há erros que uma outra pessoa não nos pode evitar; cada um deve pagar com a sua experiência, do seu próprio bolso.

Anita impôs-se, portanto, a difícil obrigação de não ver nada, de nada saber, de nunca parecer imiscuir-se na vida privada de ambos. Essa vida estava lamentàvelmente desorientada, prestes a todas as loucuras de momento, se não tivesse, para a manter, o sentimento da presença (próxima ou longínqua, à sua vontade) daquela zona de apaziguamento onde, para entrarem, não lhes eram nunca pedidas contas dos seus actos e onde ninguém procurava sequer retê-los: «Vem quando quiseres! Parte quando te aprouver! Não me deves nada...» Nem um nem outro abusavam. Sabiam que tinham aquele porto de abrigo, para relaxar os nervos crispados e repousar, por alguns instantes, das dores do corpo e da alma.

Esse refúgio, contudo, não bastaria, se não tivessem outro freio que os impedia de se abandonarem às traições da alma: a pobreza, a fome que rói os estômagos jovens e que não deixa tempo de aparecerem os sonhos ávidos, a vingança, o desejo e o tédio que os engendra. Era preciso, todas as manhãs, partir à caça do bocado de pão e, todas as noites cair, vencidos pelo sono atrasado, sobre a própria fome.

Assia era esteno-dactilógrafa de lições e discursos, com a média de 230 palavras por minuto, em cinco a sete horas duma tensão ininterrupta. Para isso, era-lhe precisa toda a sua energia implacável e o seu mecanismo de aço: ouvido, dedos, cérebro. Quantos malogros, antes de completar a sua aprendizagem! Saía disso esgotada, com os olhos encovados: não tinha um pensamento, sòmente palavras e letras de imprensa que corriam na pantalha à desfilada... Basta! Basta!... Parecia ir furar-se a pantalha... Sim, uma bala na fonte... Vendeu a pistola, para não correr o risco de ser tentada a fazê-lo... Depois (ou rebentamos ou habituamo-nos), habi-

tuou-se. Uma vez bem exercitada, com uma inteligência viva e desimpedida, a mulher pode criar em tal ofício uma situação independente e assaz bem retribuída, ser enviada a congressos ou em missões no estrangeiro.

Enquanto esperava isso, quantas vacas magras!... Parecia ser uma delas quando se via toda escanzelada no quarto de banho de Anita. Anita possuía esse luxo e Assia não se coibia de usar dele. Era a única coisa que aceitava. Anita, porém, arranjava as coisas, quando a apanhava, para a fazer comer uma fatia de pão e de carne, de vontade ou por surpresa, que Assia devorava, embora a dizer que não tinha fome nenhuma. Vania compreendera isso e quando a mãe o ia encontrar a almoçar, espetava um bocado no garfo e dizia-lhe:

— Abre o bico!

Assia perguntava a si própria se devia rir com isso ou zangar-se; mas o filho mostrava um ar tão inocente que, depois de franzir a testa, abria o bico e o bocado não levava muito tempo para ser engolido. Anita empurrava-lhe uma cadeira, e Assia encontrava-se diante dum prato que, apesar de não querer, acabava por limpar. Tinha um lobo no estômago; mas era preciso não darem a impressão de o notar: bruscamente, afastava o prato e levantava-se irritada.

Teimava no seu rancor contra aquele a quem tinha enganado (não; enganado não!..., lesado; não! não admitia que ele tivesse qualquer direito; ultrajado (seja, se isso lhe agrada... estou vingada!). Vingada de quê? Desejaria que lho perguntassem, para responder a si própria, para dissipar quanto de obscuro e confuso lhe batia ao limiar do espírito. Chegava a ter a indelicadeza, para provocar um contra-ataque, de deixar ver esse rancor a Anita, que fingia não dar por isso e nunca tinha uma palavra para lhe replicar. O fogo apagava-se por falta de

tiragem da chaminé. Assia voltava a levar para o seu sujo quarto de hotel (obstinava-se em não mudar de lá) o seu ressentimento reprimido.

Por um estranho fenómeno do coração, Assia não voltara a pôr os pés no seu escritório, desde que se separara de Marcos, e afastava, ferozmente, do seu pensamento a imagem do outro homem... de quem não queria sequer lembrar-se do nome... Por muito curiosa que fosse, até a impudicícia, de ler no fundo dos seus mais secretos movimentos, evitava explicar-se a esse respeito. Foi preciso um brusco acesso de raiva, ao receber um postal de Djanelidze, para fazer surgir detrás da porta os pensamentos que lá estavam fechados a sete chaves. O bilhete-postal — três palavras insignificantes («Cheguei bem. Obrigado») — foi imediatamente atirado à latrina e Assia mijou-lhe em cima.

Assia sentia-se toda eriçada por um ódio feroz. Descobriu não existir o seu rancor contra Marcos; era contra o outro que o seu rancor se erguia. Decidiu-se a examinar essas coisas obscuras que tinha no fundo do saco e encontrou-se terrìvelmente desprovida de todas as suas armas, de todas as queixas contra o seu companheiro. Se atribuíra a si própria, até então, um crédito de rancor sobre ele, considerava-se já paga e estavam quites. Admitia (o que sempre se recusara a reconhecer) que o traíra. Não, porém, do modo que ele e os outros julgavam, pois o facto importava muito menos do que o pensamento.

O facto dizia-lhe respeito a ela e não a ele; era ela que tinha de se desculpar, ou não, a si própria. Bastava-lhe o seu desprezo, o seu nojo, para julgar esse facto, para se julgar. Marcos não tinha que se meter nisso. O grave, porém, era que, antes do facto, traíra Marcos, durante meses, no seu pensamento. Desertara dele e mantivera-se distante, estranha e hostil, noites e noites, embora deitada a seu lado na mesma cama. Que era o facto dum

momento de surpresa, em face dessa longa, tenaz e reflectida traição de espírito mudo, de dentes cerrados? O facto deixara nisso muito menos o seu selo do que o tinha partido. Sim, tinha até aliviado Assia dessa traição interior.

Por um paradoxo da natureza, fora no minuto — esse minuto sem ontem e sem amanhã — em que Assia se abandonara à posse estranha que se libertara da obsessão traidora e reencontrara o seu grande amor, profundo, fiel, único, por Marcos. Ninguém, além dela, o poderia compreender e até a própria Assia afastara de si tal pensamento. Mobilizara todas as suas forças de revolta, duras e más, para o evitar. Naquele momento, porém, o pensamento entrara por um buraco. Assia guardou-o para si. Não se tratava de dar parte disso a ninguém para tentar modificar fosse o que fosse. O que estava feito estava feito.

Assia tinha o orgulho de assumir as responsabilidades do seu acto, as consequências dos seus erros. Embora não alterasse em nada, por si própria, a apreciação do facto que provocara a ruptura, o amor que já não reprimia, o amor por Marcos, fez o milagre de lhe ensinar a considerar os seus próprios actos com os olhos de Marcos e não com os seus. Perfilhou o ressentimento contra ela do marido que a condenava, embora, a sós consigo, pensasse: «Era o meu direito (teimava sempre) e isso tem tão pouca importância! Passemos uma esponja». Não era, porém, do seu direito passá-la. Isso dizia respeito ao outro: «Pobre rapaz!... O meu grande garoto!... Odeia-me! Conheço-o. Não me perdoará nunca... Tanto pior para mim! Tanto pior para ele!»

Adquirida a consciência de tudo isso, Assia aceitava a falência com um fatalismo de asiática. A decisão era justa. Enganara-se. Ambos se tinham enganado. Não havia que se perder em lamentações estéreis ou em remorsos. Marcos poderia perdoar

ou não perdoar, como fosse do seu agrado. Ela perdoara-lhe. Depois disso, pôs-se a caminho para seguir o seu destino. Partiu para ir excercer uma tarefa de estenotipia, num congresso na Noruega. Tinha um incrível poder de renascimento. Nascia de novo e deixava atrás de si a casca, partida, do passado.

MARCOS mantinha-se preso ao passado. Era duma raça que tem os seus livros de contas. Não as faz em farrapos de papel soltos. Não sabe esquecer. É preciso reconhecer que, naquela aventura, Marcos teria mais mérito ao fazê-lo do que a outra. Aquilo que Assia deixava atrás de si era a injúria que fizera ao marido. Marcos ruminava-a amargamente. Não conseguia tirar-lhe o travo da boca. Arrastou durante muito tempo esse gosto de febre; farejava-o no seu próprio vestuário; e parecia-lhe que, onde quer que entrasse, os outros deveriam senti-lo nele.

Durante muito tempo, Marcos era presa, sùbitamente, de acessos que o faziam estremecer num frenesi de sofrimento, de ciúme, de amor e orgulho feridos e de intoleráveis recordações. Se isso se dava fora de casa, na rua, apressava-se a regressar e escondia-se durante essas crises. Quando dava por isso, Anita não tentava sequer forçar-lhe a porta; retirava-se. O seu instinto fazia-a adivinhar poder, como mulher, tomar parte no que alimentava o acre veneno da ferida do filho.

Era verdade. Nesses momentos, o ódio dele por qualquer mulher estendia-se a todas. O simples contacto da mão duma delas, o roçar por uma transeunte na rua, causavam-lhe repulsa. Como os

velhos pintores de danados, via, sob cada vestido, a goela voraz do Inferno: a «besta fera» que corrói e conspurca a carne dos homens. Sentia-se feliz por o filho ser um rapaz. Não poderia suportar uma filha. Era preciso, contudo, que uma intonação, uma imitação inconsciente, ou consciente (nunca se sabe nesses macaquinhos), não lhe lembrasse em Vania aquela cuja substância entrava por metade no pequeno que tinham engendrado: afastava-se dele e afastava-o brutalmente. Estava às vezes muitas semanas sem o ver.

Na obsessão desse ódio que o atraía, não era só o corpo de Assia que o perseguia e ao qual perseguia em pensamento para o destruir, era o espírito... Quem pode separar um do outro? Para os amantes e os odiantes, o espírito é carne, o espírito fareja-se, morde-se, apalpa-se, violenta-se; pode rasgar-se com as unhas e com os dentes... Marcos encarniçava-se contra o de Assia. Recordava, um após outro, todos os seus ditos, as suas ideias que tinham, dias após dias, durante meses, malhado o ferro contra as de ele. Partia o ferro, mas apanhava os bocados, para os partir ainda e ficava com as mãos a sangrar. Eram de duro aço as ideias de Assia! Defendiam-se e atacavam. Embora quebradas, entravam-lhe na pele. Feriam-no ainda mais, pois ficava-lhe a limalha nas feridas.

Marcos enraivecia-se contra os dogmas do comunismo russo que Assia, sem os ter adoptado, opunha hostilmente, na sua reacção de revoltada contra ele, às suas ideias individualistas (que no entanto tinham sido também as dela) e à vida que ele lhe fazia levar. Teimava, como contra-partida e para se sentir mais afastado de Assia, nesse individualismo que ela renegava e denegria. Mergulhava nele até o pescoço, até não poder respirar, pois a menos de descravar a grade que dava para o longo túnel da intuição mística, ao fim do qual se viam tremer na noite escura algumas estrelas, encontrava-se mu-

rado dentro de si, liberto do exterior... sim; mas por que preço? Entre as quatro paredes do seu cárcere! A vida da toupeira que abre a sua galeria debaixo do chão... A toupeira, porém, sai. Quando saíam de lá, esses intelectuais, esses individualistas, que se consideravam independentes, que galerias tinham construído?

Marcos, para consolidar um *Credo* (ou um *Spero*), que demasiadas dúvidas e demasiadas experiências tinham já abalado, aproximou-se, nessa altura, de Feliciano Lerond, seu antigo camarada na Sorbonne. Lerond conquistara, nos meios científicos, mais renome do que pecúnia, com as suas investigações acerca das reacções das celuloses nítricas, submetidas a diferentes irradiações. Realizava os seus trabalhos à margem, não só de qualquer acção, mas de todo o ruído social, absolutamente indiferente a toda a tragédia — à comédia igualmente — passada, presente e futura, da França, da Europa e da Humanidade inteira.

Isso seria revoltante, se esse desinteresse não se estendesse a ele próprio, às suas comodidades, à sua fama, a tudo quanto, fora do seu trabalho, lhe dizia respeito. Esse trabalho executava-o nas condições mais ingratas, sem subvenções do Estado para adquirir os seus instrumentos. Realizava, com meios de miséria completados com as próprias economias, as suas lentas e difíceis experiências, num cubículo estreito como um armário, onde tinha de entrar quase de gatas, no canto duma barraca de tábuas e argamassa, que se estava a desfazer e deixava passar pelos interstícios o vento glacial e a chuva. Tinha de tirar dos seus magros vencimentos para fazer frente às despesas mais urgentes. Fazia-o sem lamentos e sem surpresa, como uma coisa muito natural.

Muitos outros sábios tinham feito o mesmo sob todos os regimes, em todos os tempos. Parecia-lhes deselegante levar tais coisas ao conhecimento do

público. Consideravam isso um ponto de honra, como os rapazes que desprezam os outros que choramingam e vão fazer queixa ao mestre. Não há mérito em conseguir resultados com as faustosas instalações de que dispõem os investigadores americanos!

Embora os invejassem *in petto*, quando consertavam os seus aparelhos com arames, tinham orgulho de ser franceses. O mais cómico era a sua devoção ao regime. Não se poderia encontrar mais irritáveis opositores a qualquer transformação social. Essa atitude era comum a toda a gente da classe média, que hoje tem de apertar o cinto: laboriosos e sacrificados, nada têm a perder com a mudança; mas só as palavras bolchevismo ou comunismo quase os fazem cair em convulsões!

Não lhes digam que o seu trabalho será, então, mais justamente remunerado! Recusam-se a saber isso. Como as solteironas que julgam pretenderem todos atacar a sua virtude, põem as mãos no fogo para proteger a sua preciosa liberdade. Não querem saber se ela é uma jóia já bastante desgastada. Todos os aventureiros passaram por ela, depois, como antes, do estabelecimento no papel da sagrada Democracia. Só resta dela o que esses devoradores não se deram ao trabalho de levar.

O que resta a essa brava gente, como às velhas solteironas, é a sua honra. Querem mais a esse mono do que às meninas dos olhos. Vivem de bens fictícios, inexistentes, mais do que dos reais. Manter essa ilusão de propriedade sem rendimento é a arte daqueles que governam. Aqueles a quem despojam são-lhes gratos pela eloquência com que protegem esse tesouro secreto (tão secreto que ninguém sabe se existe!): a sua liberdade... Livres, livres: acerca dessa palavra, ladrões e roubados estão de acordo.

Marcos, que não era dos menos obstinados a estadear, contra Assia, uma liberdade que não tinha (enfeitava-se com ela como uma gravata posta no pescoço hirto), descobriu-lhe o grotesco quando a

viu ao pescoço de Feliciano e pareceu-lhe que ela o estrangulava. Disse-lhe:

— Grande parvo, tens muito de que te orgulhar! Pelo que a tua liberdade te rende!

O outro olhou para ele com olhos ofendidos e retorquiu, com um ar de dignidade:

— Não é uma questão de interesse. Há outros valores no mundo.

— Quais são? A tua bela alma? Velha faceira! Sorris-lhe ao espelho? Que se importa o mundo com isso!

— Não te compreendo — replicou Feliciano, plàcidamente, mas com mágoa. — Sempre te conheci cioso da tua independência. A quem, a quê te devotas hoje?

Marcos, envergonhado, pensou que o seu tom agressivo era um ricochete dos calhaus de Assia contra ele. Corou e depois teve uma grande vontade de rir. Vingava-se da sua derrota na sua caricatura. Reconhecer os motivos secretos da sua animosidade não o tornou mais indulgente. Pelo contrário! Obstinou-se em demonstrar a Feliciano o pouco, o nada, que valia a sua pretensa independência. Com insigne má-fé, censurava esse asceta da ciência, casado com a pobreza como S. Francisco, por não sair da sua cela, da sua actividade desinteressada, e não partir em guerra contra a sociedade e contra as iniquidades sociais.

Feliciano ouvia-o, calmo, surpreendido, com os olhos muito abertos, a limpar os óculos. Era doce, sereno, muito sereno. Grandes mãos pesadas, hábeis em manipular as suas provetas, um corpo cheio, com gestos lentos, pernas curtas, cabeça e tronco: pensamento sentado. Retorquiu:

— Ah! Que poderia fazer? Que se pode fazer? Não sou Einstein ou Langevin. Até deles próprios, de que servem os protestos? Fariam melhor se ficassem na ciência. Cada hora que perdem fora da ciên-

cia nada a compensa. A ciência é a nossa casa. É preciso ficar em casa.

— Varre ao menos diante da tua porta, como dizia o homem de Veimar!

— Não! Não me compete varrer as ruas. Já tenho bastante que fazer com conservar limpos os meus instrumentos de trabalho e verificar as minhas pesagens. Faça cada um o seu ofício! Se cada um o fizer, o mundo não ficará pior.

— É o que fazem os tubarões.

— E também os peixinhos.

— Achas isso bem?

— O mundo é assim. Não fui quem o fez. Não seremos nós quem o mudará.

— Torna-lo pior. A tua ciência está ao serviço dos tubarões. Todas as investigações que vocês fazem são imediatamente captadas para a carnificina. És cúmplice dos assassinos. Preocupas-te por os teus estudos dos derivados orgânicos nítricos e do efeito neles das irradiações servirem para esclarecer o problema da estabilidade e da conservação das pólvoras de guerra? Todos os materiais necessários à destruição por meio de explosivos, os seus gases asfixiantes, as suas iperites, as suas tolites, as suas melinites, os seus fosgénios, são vocês, cretinos de génio, que lhos fornecem.

— Os mesmos produtos que podem destruir, podem curar e servir o homem, em fábricas de tintas, perfumes ou de produtos farmacêuticos. Não é culpa nossa se o mal e o bem são as duas faces da mesma moeda. O facto é esse. Verificamos, explicamos, procedemos a análises e a sínteses, não temos que tomar partido.

— Impassíveis como a natureza? Raça de monstros e monstros vocês próprios...

— Anda, anda! A hidra de Lerna...

— Vocês é que são as suas cabeças.

— Agradar-te-ia ser o Hércules?

— Ah! Se tivesse músculos para isso. Tudo o que

conta na história do homens, a sua razão de viver, é domar a natureza. Hoje, porém, o domador foi domado. Vocês traiem. É preciso amarrá-los todos ao poste de execução.

— Quererias destruir a ciência?

— É toda a civilização que é preciso destruir — retorquiu Marcos furioso.

— Raio de bolchevique! Vai para Moscovo!

— Por que não?

Marcos mordeu a língua, enraivecido pelo que dissera; não queria, porém, desdizer-se. Prosseguiu:

— Fazer tábua rasa de tudo...

Feliciano, trocista, mas sempre calmo, refinou:

— A criação está por fazer. Até agora nada! É preciso recomeçar...

— Não comigo! — replicou Marcos — Uma vez basta. Por mim, safo-me!

Bateu com a porta ao sair. Feliciano teve um sobressalto e praguejou:

— Alma do diabo! Toma cuidado! Assim, partes-me a louça! A barraca não se aguenta!

Aquele homem tranquilo punha-se, por sua vez, furioso. Como reacção, Marcos abrandou a sua cólera e riu:

— Gosta mais das suas provetas do que dos homens.

Marcos não estava, contudo, satisfeito com o papel que desempenhara. Era a ele próprio a quem agredira no outro. Para cúmulo, aceitara que fosse com as varas de Moscovo... Teve um sobressalto de indignação e murmurou: «Nunca! Nunca me apanharão!!»

Duas operàriazinhas que passavam, gritaram-lhe:

— «Apanharam-nos»!

Marcos voltou-se, surpreendido. As pequenas já iam longe, a correr; mas uma, sempre a correr, torceu o pescoço como uma cegonha e deitou-lhe a língua de fora:

— E «apanhar-te-ão»!

«A mim não me «apanharão»!... Nem vocês, femeazinhas (maldito seja o cheiro da fêmea, todo o resto da minha vida não bastará para me ver livre dele!). Nem vocês, os grandes machos de Moscovo... Não me rendo. Sou como a velha guarda; mas não morrerei... Não é, porém, a vocês que direi a palavra do marechal! (*) É aos neutros de pensamento, a esses sábios que praticam, soberbamente, estùpidamente, a inumana «ciência pela ciência», sem se preocuparem com os resultados para a humanidade...»

O acaso fez que Marcos, ao parar ante o escaparate duma livraria, folheasse, de mau modo, um volume firmado por um ilustre bacteriologista e viu, com os seus olhos sempre à cata de imagens burlescas, pintadas por ele próprio, o sábio ocupado a criar em todos as suas peças uma doença infecciosa. Ainda não conseguira isso e deplorava não ter alcançado, por enquanto, «preencher brilhantemente essa lacuna»: transformar um micró-

(*) Alusão ao general Cambronne, que comandou um dos últimos quadrados da velha Guarda Imperial em Waterloo e teria respondido à intimação de rendição: «A Guarda morre, mas não se rende!» ou, segundo a lenda, proferido uma palavra de cinco letras, que ficou proverbial na frase «a palavra de Cambronne». — *N. do T.*

bio saprofita em micróbio patogénico. Consolava-se com o pensamento de que obtivera, pelo menos, o brilhante resultado de devolver a sua virulência a micróbios patogénicos que a tinham perdido, e até a elevar essa virulência a um grau de actividade até então desconhecido. Estava muito satisfeito com o sistema gradual de culturas e de inoculações lentas e progressivas, graças ao qual realizara a sua proeza, ao passar dum rato jovem a um adulto, duma cobaia jovem a uma adulta, e depois a um carneiro, a um cão... (Continua no próximo número...). Amanhã, será o homem!

Marcos deu uma gargalhada... É a tua vez, Molière!... Que esperas, Jules Romains? Lembrou-se depois dos sombrios dias em que a guerra dos gases ameaçava a Europa e nenhum dos grandes intelectuais, até os mais desejosos de a evitar, consentia em subordinar as investigações da ciência à salvação pública. A ciência *über alles*!... O seu rancor reacendeu-se. Não basta que esses maníacos da inteligência se entrincheirem por trás do seu desinteresse. «Salvam as suas almas? Pouco me importa! Arruinam a minha vida. Preferia que perdessem as almas e me salvassem a vida e a vida dos outros... Usam mal dos seus poderes. Têm contas a dar-nos e essas contas serão pesadas.»

A sociedade proletária do futuro estará no seu direito de os refrear ou, pelo menos, de os colocar sob a fiscalização dum Conselho da comunidade e talvez se imponham supressões de laboratórios e proibição de investigações. Por que não? *Primum, vivere*... A ditadura da Salvação Pública imposta à ciência... Marcos encaminhava-se de novo para Moscovo. Praguejou: «Não, não e não!... Pretendo salvar o meu individualismo, mas não encerrar-me nele como numa torre...» A torre periclitante de Feliciano, com as suas provetas e retortas... Revia-a, como ao sorriso cruel de Assia... Esse sorriso, porém, dirigia-se a ele, e repeliu-o com as costas da mão como

a uma mosca... A mosca voltou e foi pousar-lhe na boca... Sorria amargamente da vaidade, da inanidade, dessa atitude individualista, isolada do resto dos homens.

Não seria nada se a salvação individual fosse apenas um pecado de egoísmo, se fosse sequer possível. Não era, porém, possível: era uma falta de senso. Como salvar um ramo da árvore, se a árvore está condenada? Podemos admitir que continue a verdejar enquanto a árvore perece, mas é apenas um derradeiro sobressalto, e não tardará a secar também. Marcos refugiado no seu «eu» e a sondá-lo, reconhecia que esse «eu» só tinha seiva e duração, graças aos canais que provinham da comunidade. Para se salvar, era preciso salvá-la ou perecer com ela... «Então os génios, nas nações e nas idades desaparecidas? Sim, são a garrafa lançada ao mar, o último apelo quando tudo está perdido! Ainda assim, é preciso ter um apelo a lançar! Que tenho para dizer, eu, Marcos, que seja digno e capaz de sobreviver? Se não tenho (se não tenho ainda... quem sabe mais tarde?...) o meu único dever não será lutar, até o último momento, para que o navio não se afunde?»

Só desculpam o isolamento daqueles que lutam o génio ou a santidade, que não estão ao alcance do comum dos homens e reflectem um combate mais difícil ainda, ao transpô-lo para um plano de eternidade. «É preciso um sacrifício completo, uma renúncia, que está acima das minhas forças — pensou Marcos. — Só devo querer aquilo que posso; mas tudo que posso devo querê-lo e quero-o. Visto querer salvar o meu ramo de liberdade, devo salvar a árvore, defender-lhe as raízes contra os roedores; quero actuar e expor-me. Aqueles que pretendem ficar em sossego, ao abrigo dos choques, no seu pensamento almofadado, são pequenos burgueses pusilânimes e egoístas. As belas razões intelectuais com as quais mascaram a sua covardia tornam-na

ainda mais desprezível. Não há verdadeiro individualismo a não ser o que está disposto a arriscar-se, o que dá o corpo ao manifesto, e que perde, se é preciso, na batalha... Por que não? Sou sòmente uma pedra no tabuleiro do xadrez. Outros se baterão depois de mim. O nosso lema é: nunca ceder — até ao último!»

Para provar a si próprio — contra a insultante censura de Assia, que continuava a persegui-lo — ser o seu individualismo capaz de actuar e não marcado pela esterilidade, Marcos procurou grupos aos quais associar-se. Entre as várias causas cujas bandeiras se agitavam ao vento (passava bem sem bandeiras, desconfiava dos estandartes, mas os homens têm necessidade de ouropéis) havia três que, de entrada, solicitaram a actividade de Marcos: a causa da Independência do Espírito, a da Paz e a da Europa. Tinham a seu favor o terem sido perseguidas e vilipendiadas durante a guerra. Como a República de Forain, eram «belas sob o Império» (*); mas que restava da sua pureza. Marcos suspeitoso, mas curioso, quis ir ver.

Achou-as em más companhias. Essas belas pessoas, outrora desdenhadas, tinham agora numerosa companhia. Marcos impôs a si próprio vencer a repugnância que lhe causava a aproximação dos pretendentes de Penélope, jovens e velhos aventureiros que se tinham instalado na alcova da dama, se não no seu leito, que os atraía menos do que a mesa. Na primeira fila, velhos profissionais da política, cuja ductilidade invertebrada conseguia introduzir-se sempre nos partidos de acção idealista e os impregnava imediatamente do seu cheiro a podridão.

Havia, à direita e à esquerda, a saírem do solo

(*) Alusão à legenda dum desenho do pintor e caricaturista Forain, a qual se tornou proverbial em França. — *N. do T.*

por todos os lados, as galerias de toupeiras das internacionais do pensamento, os Pen Club, os congressos de escrevedores, as cooperações intelectuais e a culminar isso tudo o Conselho Permanente das Letras e das Artes da Sociedade das Nações. Não era questão de alcançar esses cimos, entre as fileiras desses ilustres. A admitir que os lugares não estivessem, como estavam, bem guardados, eram de todo o descanso, pois quanto mais alto se sobe menos se faz. Os «permanentes» não faziam nada: permaneciam e estavam muito bem sentados! Marcos ficara demasiado tempo, mal grado seu, com o assento na cadeira; tinha necessidade de provar a sua existência a andar. Sentia-se devorado pela comichão de actuar. Era em baixo, na planura, que tinha mais probabilidades de encontrar os «activistas».

Marcos encontrou-os em fileiras compactas, que se agitavam, não sem tumulto, nos seus jornais nos seus banquetes internacionais. Era, porém, por causa dos seus interesses profissionais, para salvaguarda dos seus direitos de autor, das suas edições, das suas traduções, da sua propaganda de livraria: trocavam a sua canela pela baunilha. Não temos o direito de os censurar: o seu desejo de serem lidos e vendidos é legítimo; é preciso viver! O nosso Marcos, porém, menos indulgente, não via a necessidade disso. Não se interessava pelo idealismo que «rende». Pensasse quem quisesse na presa, quando a batalha estivesse ganha; por enquanto estava travada. Eram os riscos que se deveriam buscar e não os lucros. Não lhe foi preciso muito tempo para ver que essa preocupação exclusiva limitava a acção dos seus companheiros. Obrigava-os a tantas cautelas que aceitavam da sociedade confiscação das liberdades, desde que a sociedade os aceitasse a eles, isto é: aos seus produtos e os pagasse.

Era maravilhoso que essa gente de olhos ágeis e profissionalmente exercitados fosse atingida por uma cegueira instantânea quando se tratava de cri-

mes sociais cujos factores eram «o anfitrião em casa de quem se janta» — ou então com quem se aspira a jantar —, os senhores franceses do poder, distribuidores da massa e das honrarias, e os ditadores dotados de boa mesa. Um diminuto número de escritores, sempre os mesmos, era assaz desprovido de espírito para protestar; mas os seus protestos magros, como eles, e monótonos, aos quais Marcos juntava o seu, não despertavam eco. Repetiam-se todas as semanas como os crimes que assinalavam. Acabavam por não fazer caso deles ou então o bom público, aborrecido, dizia: «Outra vez?» e deixava de assinar as folhas onde eles apareciam. Precisava de barómetros que assinalassem o bom tempo e tivessem as rãs no alto da escada. Preferia Clément Vautel (*).

O próprio Marcos fora invadido pelo aborrecimento que se desprendia desses copiosos protestos sem acção. Acabavam por ser uma escapatória da consciência, uma porta lateral que tomavam, para fugir aos perigos de actuar ou à dolorosa confissão da sua impotência. Depois de ter assinado uma dúzia, faltou-lhe o ânimo e a mão raivosa partiu a pena ao traçar o M da sua assinatura. Escreveu, em vez do seu nome, a tal palavra de cinco letras. Era preciso adubo para alimentar os cogumelos de cultura do pacifismo, que bruscamente, numa só noite, tinham surgido. Miraculoso rendimento. Ainda ontem, a paz era condenável. Falar dela era um crime de traição; hoje, era de bom tom! Era quem mais depressa deveria correr a florir com ela a boca, como as cigarreiras de Sevilha, ou então o bico da pena. Essas pombas da Arca vinham de longe! Havia algumas que, dez anos antes, eram corvos

(*) Jornalista que escrevia os ecos de «Le Journal», autor de obras como «Mon curé chez les riches», «Mon curé chez les pauvres», etc. — *N. do T.*

dos campos de batalha e crocitavam a pedir a cabeça dos pacifistas prematuros, sem patente.

A quem se mostrasse surpreendido com isso, teriam sem dúvida replicado que havia um tempo para tudo: ontem a guerra; hoje a paz. Marcos, cujo «inoportunismo» nato, herdado de sua mãe, farejava, desconfiado, a vinte passos os «oportunismos», considerava com olhar torvo a corrida súbita desses estranhos «guardiões da paz». Donde recebiam as ordens?... Não era preciso procurar muito. A paz que, oficiosamente, o Estado, a Igreja, a Universidade, os poderes públicos encorajavam era uma paz bem-pensante: a mesma que humedece a boca desses curas que os grandes patrões das indústrias instalaram nas suas igrejas construídas, como cubículos de porteira, à porta das suas fábricas, em frente da taberna e do bordel, a fim de santificar as suas explorações e infiltrar nos explorados, com a sífilis e o álcool, a evangélica aceitação: a paz do roubo legalizado e autenticado, a paz dos lucros dos tratados, a paz dos especuladores da paz (tal como os da guerra de ontem e da guerra de amanhã, pois são sempre os mesmos).

Os pobres não são da confraria. Não recebem nada; apenas dão. Substituem os seus lucros por sermões: o Deus dos ricos está sempre pronto a deixar cair sobre a multidão dos barrigas-vazias o seu maná de paz, de idealismo e de amor. Os velhos Jesus do Palais-Bourbon (*) pescam à linha os peixes ao recitar os seus manhosos sermões da Montanha. Intimam os pescados e os pescadores a amarem-se uns aos outros, os despojados a fazerem o sacrifício dos seus bens pelos belos olhos da Paz. Quanto a pregar esse sacrifício aos que engordaram dos despojos é outra história!... Esses velhos Jesus

(*) O edifício da Câmara dos Deputados da França. — *N. do T.*

fizeram a guerra. «Não falemos mais nisso! O que está feito é bem feito. Faremos melhor... Paz na terra aos homens de boa vontade! (a vontade é boa quando conduz ao êxito!) Abençoada seja a ordem estabelecida!»

Tratava-se de convencer disso os vencidos. Era precisa mais retórica; o idealismo do vencedor já não bastava. Cada vencido tinha o seu, que não era no mesmo tom: destoavam. Para restabelecer o concerto, era preciso tocar outras cordas, as do perigo e do interesse comuns. Como de encomenda *Pan-Europa* (*) restabeleceria a harmonia dos grandes peixes, pois são estes que dão o tom. São os donos do rio; têm vantagem em se associar para se defenderem contra quem ameaça o seu guarda-comidas.

A sombra gigantesca do Kremlin vermelho que se estendia sobre a campina da Europa era um papão que muito hàbilmente exploravam os senhores do jogo Paneuropeu, o jovem e fino aristocrata, de olhar frio de samurai, e o socialista renegado, o velho místico manhoso do Quai d'Orsay. Apressaram-se a reunir sob o seu cajado, no mesmo parque, os rebanhos dos vencedores e dos vencidos, para proteger a sua lã do concorrente comum: a União dos estados proletários, posta na sela com uma perna na Europa e outra na Ásia, como uma nova Horda mongólica, que ameaçava cavalgar o mundo.

Talvez o mundo — o das costas já curvadas sob o peso duma classe privilegiada — não quisesse

---

(*) Movimento pacifista e de unificação europeia, criado, após a guerra de 1914-1918, pelo checoslovaco conde Coudenhove-Kalergi, em colaboração com Aristide Briand, ministro dos Negócios Estrangeiros da França, aos quais a seguir é feita alusão na frase «jovem e fino aristocrata [...] e o socialista renegado». — *N. do T.*

outra coisa se não mudar de cavaleiro ou até de saltar para a sela, atrás da Horda, se soubesse que esta vinha para o ajudar a reconquistar a sua própria terra. Era isso, porém, que não convinha que soubesse. Não sabia. Era o que interessava. Os milhões de tosquiáveis, as boas pessoas, bem manobrados por uma imprensa de «Amis du Peuple», agrupavam-se, amedrontados, à volta dos seus tosquiadores e faziam frente aos que pretendiam libertá-los.

Os corações de carneiros mudam-se, por medo e estupidez, quando lhes sabem tocar as duas teclas, em corações de leões. Os engenheiros da *Pan-Europa* não tinham dificuldades em drenar as águas esparsas e estagnadas dos idealismos desocupados e trabalhavam para as reunir numa Cruzada de Deus e dos Dividendos contra o Materialismo expropriador de Moscovo. Príncipes da Igreja e barões das Forjas, pastores, rabinos e cruzes-gamadas, Cristo, Krupp e Creusot, pareciam de acordo. Os Pedros Eremitas não faltavam.

Um dos antigos amigos de Marcos, o gordo Adolfo Chevalier (*) tornara-se, entre o séquito de Briand na Sociedade das Nações, um dos porta-estandartes da *Pan-Europa*. Bem entendido, era, também, um apóstolo da Defesa Nacional, da Nação armada, desde o berço ao túmulo, machos e fêmeas, toda a matilha incorporada. Infatigàvelmente, a imprensa bem-pensante reproduzia a sua cabeleira bem cuidada de pianista e a sua figura popular de velha dama que faz o beiço de Robespierre. Via-se menos, ou não se via nada, a face próspera de Véron. Ver-se-iam de preferência as suas mãos ágeis e fortes, que não perdiam o seu tempo, iam e vinham, sempre a direito, mas a ziguezaguear entre a França

(*) V. o precedente tomo da «A Anunciadora»: «O Fim de Um Mundo».

e a Alemanha, ora a agarrar-se aqui ora ali às realidades dos negócios.

Véron estava, nesse momento, empenhado nos conciliábulos da Internacional industrial franco-alemã, com os Capacetes de Aço de Hugenberg (*). Foi João-Casimiro quem o disse a Marcos, porque o pobre diabo, metido no seu buraco, como o poderia vir a saber? Marcos tinha ainda acerca do antagonismo das forças da paz e das forças da guerra ideias simplistas. João-Casimiro esclareceu-lhas numa das suas idas a Paris. Conservara por Marcos a estranha fidelidade intermitente da pequena de vida fácil que procura, uma vez por ano, por devoção supersticiosa, por um impulso de recordação terna mesclada de troça, o seu primeiro amante.

Havia ainda naquele reencontro uma curiosidade que João-Casimiro não deixava transparecer. Estava naturalmente informado dos dissabores conjugais de Marcos; fora dos primeiros a prevê-los, a espreitá-los e não lhe desagradava descobrir-lhes os vestígios no rosto do seu amigo: era também um espectáculo. Marcos conhecia assaz o seu Sainte-Luce, para fazer descer o pano sobre a peça e mostrava-lhe uma máscara impassível. Não ganhava nada com isso. Sainte-Luce sabia espreitar pelos buracos do pano e dizia: «O javalizinho foi atingido!»

O interesse agitado que Marcos mostrava pelas coisas da política pareceu-lhe (e era) uma diversão dos tormentos de que, aliás, nem sequer suspeitava a intensidade, pois, para além da mulher, queimava-se no fogo da alma insatisfeita que se encarniça a pretender resolver o enigma do seu destino. João-

---

(*) A organização nacionalista alemã que preparou o advento do nazismo e colaborou com ele. — *N. do T.*

-Casimiro poderia, se quisesse, dar-lhe notícias da ausente, pois tinha-as muito recentes, por intermédio da embaixada de Estocolmo, cujos agentes tinham enriquecido com notas burlescas o processo secreto de Assia. Por malícia de rapariga trocista, nada má, mas que se vinga do que lhe ocultam, deixou sair, indiferentemente, a referência ao encontro que um amigo tivera o prazer de fazer, recentemente, «com a senhora Marcos Rivière em viagem». Marcos não pestanejou e esperou. João-Casimiro reparou nas unhas de Marcos que arranhavam a capa dum caderno, esperou, também, e voltou a falar da política.

Marcos esteve algum tempo até recuperar a serenidade, os ouvidos zuniam-lhe. Desejaria levar João-Casimiro para outra pista; mas já era tarde e deixou-se absorver, com furor, na conversa acerca das coisas do dinheiro, da astúcia e do poder, nessa política que odiava. João-Casimiro estava na altura — não por muito tempo — adido à embaixada em Berlim. Tinha razões para estar bem informado dos conciliábulos políticos e financeiros franco-alemães, nos quais desempenhava um papel. Como bom rapozinho que fareja donde vem o cheiro da presa, o bom cheiro (que nariz tapado pôde dizer que o dinheiro não o tinha?), escolhera dos dois poderes — o Estado e o Dinheiro — o mais real.

Servia os grandes senhores da indústria, sob a libré da embaixada. O seu próprio embaixador não sabia nada dos seus manejos. Havia duas políticas francesas simultâneas, não opostas, mas sobrepostas: a da fachada e a do fundo. João-Casimiro evolucionava da superfície ao leito do rio como uma mugem, entre duas águas. O que o guiava, como sempre, não era o seu interesse (embora fosse destro para caçar, mas tinha tão pouco apetite; bastava-lhe morder a ponta da isca!), mas o prazer do jogo. Poderia ser o rei do jogo, sem um defeito que não era pequeno: jogar bem as suas cartas divertia-o

menos do que adivinhar as do adversário. Tinha outro defeito, ainda pior: uma língua comprida.

João-Casimiro gostava muito de rir em companhia, quer na cama quer com qualquer companheiro de ocasião cuja fisionomia lhe agradasse. Sabia, contudo, melhor do que ninguém, por quanto se pagam os bons ouvidos. Fora, durante algum tempo, o fiscal de um batalhão de raparigas galantes. Tinha, porém, demasiado espírito para esbanjar. Confiava no seu espírito para reparar os rasgões que o seu espírito fazia ao jogo. Apesar de tudo, esse jogo era o seu, para divertimento do jogador, mas não para o ganho.

Afinal de contas, pouco se importava com quem ganhava ou perdia! Não ficaria até aborrecido, em certos dias, de fazer perder aqueles por conta de quem ganhava... «Cara ou cunho? Como me agradar!»... Como muitos dos seus senhores, os *condottieri* da finança imperialista, era um mestiço com a mentalidade dos libertos do Império Romano. As suas raízes não estavam cravadas no solo. Quando Marcos se pôs a tocar o violino da paz europeia, a sua língua de rapariga pôs-se a dançar. Divertia-se com a intrusão precipitada desse gafanhoto no vespeiro. Aquele pobre rapaz que imaginava estar a trabalhar para a paz do mundo! Disse-lhe:

— A paz, meu caro, já não se faz nem na imprensa, nem nos discursos, nem no Foro, nem no Parlamento, nem nas patacoadas dos ministros, nem nas conferências dos diplomatas, nem sequer na frente dos exércitos. Isso era no passado! Está fora de moda! A paz e a guerra estão nas mãos daqueles que têm os cordões da bolsa: uma dúzia. «A bolsa ou a vida!» Nem te oferecem sequer o direito de escolher. Fá-lo-ão por ti. A tua vida e a tua morte estão nas nossas mãos, meu rapaz; quando quisermos!

Não era preciso tanto para fazer saltar Marcos.

Que fatuidade! Não lhe importava que fosse irónica...

— Quando quisermos?... Quando quiserem? Quem? Vocês, quem? Tu, o Pulga? Não podes nada; não queres nada.

Sainte-Luce não era de susceptibilidades. Só queria, naquele momento, irritar Marcos. Sentia-se satisfeito por o ter conseguido. Retorquiu:

— Acabei de te pôr a pulga na orelha. Deixa explicar-te!...

Desfiou a meada das informações confidenciais. Marcos, amuado, deixava-o falar; mas à terceira frase, afitou a orelha; à décima tinha o pêlo todo eriçado. Rosnava. Acentuava as revelações indiscretas, com rugidos furiosos e estúpidos (no sentido clássico). Estava suspenso dos lábios do mercúrio indiscreto, que revelava as manhas do dono. João-Casimiro, complacentemente, desvendava-lhe a política — a verdadeira — a daqueles que puxam os cordelinhos da opinião e dos Estados: a Royal-Dutch, a Standard Oil («Gostas de óleo? Há-o por toda a parte...»), os conselhos de administração das Forjas, das Hulheiras, da Skoda, do Creusot, etc.

Citava-lhe, com um luxo de precisão (esse vicioso Scapin não esquecia nada!), as datas, os números, os locais dos contratos secretos, das convenções que ligavam os Estados sem os povos o saberem, com a cumplicidade dos seus lacaios: lacaios da imprensa e do governo. Enumerava, pelos dedos, os grandes jornais que se tinham vendido (quando e por quanto) a um ou outro desses tubarões, e a fiscalização que os seus caixeiros faziam na venda nos quiosques, nas livrarias, nos mostruários, dos grandes quotidianos, dos periódicos, das brochuras, de todo o pensamento impresso.

À medida que João-Casimiro avançava, Marcos afundava-se no charco. Sufocava. O pensamento livre ia a pique. Só restavam alguns borborismos, que faziam bolhas à superfície da água suja. Deba-

tia-se, protestava, contestava; mas ele próprio sentia que era *proforma*. Por cada esforço de desmentido, João-Casimiro amarrava-o a um facto a que só tinha a opor os «Não quero!», da criança, vestida, despida, lavada, batida e manipulada pelos grandes, que bem sabe pouco se importarem eles com a sua vontade. Por fim disse, aterrado:

— Então, tudo que fazemos, tudo que pode ser feito, não serve para nada! Só resta fazer saltar os miolos... Se pudéssemos, antes fazer saltar os deles!...

João-Casimiro, contente pelo efeito alcançado, estendeu, generosamente, a mão ao homem que se ia afogar:

— Quem sabe? Quem sabe? Isso virá, talvez, mais cedo do que se pensa... Não devemos desesperar da imbecilidade dos mais fortes... Naturalmente, se houvesse que contar com vocês, contigo, com os amantes platónicos da bela Europa, ela cairá ao poço ou ao Euxino, levada pelo toiro...; mas, graças a Deus, há o toiro, esse idiota! (Já viste uma corrida?)... Em lugar de um só toiro (a graça de Deus é infinita), há dois, há três, há uma meia dúzia, há o toiro branco, há o toiro negro, há o toiro vermelho, há o Union Jack, a Cruz Gamada, a Bandeira Estrelada e há (continência!) o Azul-Branco-Vermelho do cisne tricolor de Saint-Point, o senhor Alphonse de Lamartine (*) que flutua na casa-forte dos biliões do nosso Banco (digo o «nosso», percebes!) e no Império da nossa República onde o Sol nunca se põe...

«Todos esses toiros lutam e marram uns contra os outros de cabeça baixa. Não vemos, até no nosso

---

(*) Poeta romântico e estadista republicano (1790-1869), ministro da 2.ª República em França, que se retirou quando do golpe de Estado de 2 de Dezembro de 1851, e foi sepultado em Saint-Point. — *N. do T.*

prado, darem-se cornadas esses dois grandes búfalos que são o capital financeiro e o capital industrial? Cada um deles é apoiado pelos outros animais que estão fora do cercado: Londres e Nova Iorque. Ambos querem agarrar aquilo que é possível agarrar; mas cada um pelos seus próprios meios e em seu benefício particular. As políticas dos valores, dos ladrões (*), chocam-se na Bolsa e nos panos verdes dos Estados, quando não nos vermelhos dos campos de batalha. Assim, o jogo fica nulo e os povos que são o bolo beneficiam de uma hora ou duas de folga. Aproveita-as! *Carpe diem*! Rói o prado enquanto esperas, com os vitelos do ano passado!

— Já não tenho fome! — proferiu Marcos com ar sombrio. — Que irrisão engordar, à espera de amanhã ser comido!

— Quem sabe? Quem sabe? Isto pode durar ainda mais tempo do que nós.

— Durar sem actuar não é viver.

— Há sempre lugar na roleta. Disponho-me a jogar, e jogo, portanto: existo.

— Que podes jogar? Se tudo está tomado pela finança, que lugar fica para a política?

— É o jogo mais subtil. A política segura a balança. Hesita, oscila, e joga dos dois lados, espreita e aguarda qual dos dois será o mais forte. O jogo consiste em estar e querer com o mais forte, um minuto antes de ele o ser. Assim, damos a impressão de ir à frente e sucede que o próprio incauto se deixa iludir. Quando se inclina, por exemplo, o prato da alta finança, jogamos na aproximação franco-alemã; se é o prato da indústria pesada, denunciamos os armamentos da Alemanha e armamo-nos. Com força igual, batemo-nos na frente do armamento e do desarmamento. Na nossa cava-

---

(*) No original, jogo de palavras: «Les politiques des valeurs, des voleurs...». — *N. do T.*

lariça, temos sempre seladas as duas montadas: o Maginot e o Briand, a guerra e a paz (*). Os nossos cavalos brigam e mordem-se, mas é sobretudo para a galeria. São velhos cavalos bem ensinados, empenachados, muito orgulhosos de pertencer à cavalariça França. Aguardam cada um a sua vez. Seja qual for o número que sair, não perdemos nada.

— Porque não têm nada a perder. Seja qual for o jogo que joguem, jogam o jogo dos outros.

— Neste mundo, o que conta, meu velho, não é o que somos, mas o que parecemos.

— Para vocês, as sombras! Não para os senhores da finança, de quem acabas de levantar a máscara. Esses lá, ao menos, (compreendo-os!) gostam mais de ser do que de parecer.

— Assim, todos ficam contentes.

— Por mim, não o estou. Desejaria vê-los, a uns e aos outros, rebentar juntos.

— Isso virá. Já to disse. Não te impacientes!

— Se te importas tão pouco com o que virá, por que fazes tudo para que venha?

— Só tenho a fazer o que faço. O velho barco mete figura, mas também mete água. Roemos-lhe a quilha!

— Não será preferível passar para o outro barco, o dos Vermelhos, e limpar o mar desses arrojos?

— A Internacional de Moscovo? — proferiu João-Casimiro, afastando-se. — Não, meu menino! Não estou nada tentado. Isso não é para mim. O jogo que eles jogam é demasiado sério. Não dá gosto! Não gosto nada da promiscuidade.

(*) Alusão à política francesa da época: enquanto Briand, ministro dos Negócios Estrangeiros, defendia a paz, em Genebra e algures, o ministro da Guerra, o sargento Maginot, fazia construir a inútil linha defensiva que tomou o seu nome. — *N. do T.*

— Sim, sentes-te melhor entre os uropígios e os batoteiros! (*).

— Que queres? Gosto mais dos ladrões bem educados. Roo com eles o velho barco. É disso que gostamos!

— Nesse caso, goza à vontade! Roam, roam! Ele e vocês que vão para o fundo!

Marcos teve necessidade, nessa noite (sufocava), de ir procurar o bafo de sua mãe. Havia semanas que não voltara a casa dela. Não queria deixar-lhe ver a sua derrota. Dizia a si próprio: «Salvar-me sòzinho e mostrar-lho...» (Mostrar a quem? A Anita? Ou à outra, afastada de Paris, que estava em correspondência com a mãe?). Queria mostrar àquela que banira do seu pensamento (o seu pensamento, porém, trapaceava com ele), que «podia passar sem ela, que sem ela fazia a sua vida, a sua fé e a sua acção». Esse desafio secreto, que o sustinha, salvara-o da destruição. Deixar-se destruir seria dar razão a Assia...

Naquela noite, já não podia mais. Precisava de se apoiar no seio duma mulher e partilhar com umas mãos de mulher a carga demasiado pesada dos seus rancores e do seu furor. Desabafou tudo quanto acabara de saber. Anita não manifestou nenhuma surpresa. A sua amizade com Timão tinha-a instruído. Sabia que a política era um teatro de fantoches de que os palavrosos da Casa Branca, do Quai d'Orsay, da Wilhelmstrasse ou de Chequers são os bonecos nas mãos do grande Capital. Os cordelinhos estavam enriçados por o grande Capital ser um gigante com muitas cabeças. Sejam quais forem as cabeças ou as mãos que puxem os cordelinhos, o senhor da política é o Dinheiro. Que queria o senhor, então?

(*) No original, jogo de palavras: «... parmi les croupiers et les croupions», alusão cruel à tendência homossexual da personagem. — *N. do T.*

Anita interessou-se pelas novas informações de Marcos, mas acolheu-as com uma fleuma que o desanimou e o revoltou. A mãe percebeu-o e lembrou-lhe que já tinha visto muita coisa! Durante todo o tempo da guerra, enquanto os povos se destruíam, o Dinheiro das Forjas franco-alemães, que engordavam com a carnificina, não impusera aos dois Estados e aos grandes quartéis-generais dos dois exércitos a obrigação de respeitar religiosamente a sua galinha dos ovos de oiro, a bacia de Briey?

O contrato fora mantido lealmente, dos dois lados, enquanto os outros tratados dos soberanos, dos ministros e dos Estados, as Leis dos homens e de Deus, eram apenas farrapos de papel. Se a opinião mundial, no entanto advertida, se fizera surda para aceitar isso, que mais não aceitaria ainda? Não tinham de que se coibir! Anita mostrava uma surpresa irónica por os detentores da omnipotência se mostrarem tão moderados! Marcos não apreciava a ironia quando não era quem a manejava, e disse:

— Basta!... Se sabias tudo que só hoje sei, como pudeste aceitá-lo?

— Não aceito — replicou Anita. — É a minha razão de existir.

— Que queres dizer?

— Não aceito nada, meu rapaz. O que é, é; e sou o que sou.

— Que és? Que sou? Não basta não aceitar. Que queremos? Para onde nos voltar? Para os que apostam na paz ou para os que apostam na guerra? De ambos os lados, é um negócio. Com uma, a Europa (ou talvez seja demasiado, o nosso Ocidente) ganha, talvez, vinte a trinta anos de paz armada. Quando vemos, porém, o que isso encobre, o que para ela o resto do mundo paga e pagará, podemos, posso, porventura, associar-me a isso? Esses fabricantes de paz não é a paz que preten-

dem; é o dinheiro. O dinheiro quer, hoje, a paz, amanhã, a guerra. Não há paz.

— Não há nunca — disse Anita. — A guerra está sempre oculta sob a máscara. É isso a civilização deles. As flores cobrem as fossas. As boas pessoas não querem saber de mais nada. Basta-lhes ver as flores e não a fossa! Os seus inimigos não são os que abrem a fossa, mas os que obrigam a vê-la! O que querem é ir para lá o mais tarde possível. Querem ter a ilusão de serem esquecidos pelo coveiro. Assim se vive. A paz, a sua paz, é o murozinho do cemitério, por trás do qual não se vê, não se quer ver, aqueles que, do outro lado, se enterram: os explorados, os oprimidos, que pagam, como dizes, com a sua agonia a boa vida ou um luxo dos outros.

— Então, que fazer?

— Conduzir a «nossa» paz e a «nossa» guerra. Eles e nós não damos o mesmo nome a nada.

— Salto o muro do cemitério.

— Raspei o muro com as unhas e pela fenda vejo a claridade nos campos livres.

— Não, não vejo nada, não quero ver nada, se todos os outros não o virem comigo. Ou ser cego com todos, ou compartilhar com todos da claridade!

Anita beijou-lhe os olhos.

FOI por essa altura que encontrei Marcos, pela primeira vez. Eu estava de passagem em Paris, num hotelzito cerca da Sorbonne. Havia três ou quatro anos que não habitava em França. Marcos encontrara em casa da mãe o meu recente livro, acerca de Gandhi. Impressionara-se com ele. Uma claridade surgia no extremo do caminho, na noite da floresta. Perguntava se aquela rota poderia ser a sua. Hesitava na encruzilhada. Procurou-me, uma manhã, na salinha do hotel, onde passava gente a todo o momento. Não podia decidir-se a falar. Olhava para esse lobacho magro e ansioso, para as suas mãos nervosas; para os seus olhos ferozes, os seus belos olhos claros que pareciam sombrios. Compreendi-o. Levei-o para o meu quarto que ainda não estava arrumado: com a cama aberta, tudo em desordem. Não se tratava de me desculpar. Os belos olhos sombrios tinham-se esclarecido. À desconfiança que os armava sucedeu um ingénuo reconhecimento. Imediatamente, o rapaz pôs-se a falar.

Não era a primeira vez que me consultavam sobre os itinerários de vida. Era uma espécie de agência de viagens e dirigira mais de um jovem ou de uma mulher para a Ásia ou para Moscovo, pois cada um transporta nas suas pupilas o reflexo duma das estrelas que se erguem no Oriente. Nos olhos

daquele lobacho, via, porém, mais de uma estrela: os fogos cruzados chocavam-se; apagavam-se e acendiam-se; pesadas nuvens passavam e voltavam a passar.

Enquanto afirmava—precipitadamente, por jactos febris e entrecortados, à procura do seu caminho nos meus olhos — o seu assentimento às doutrinas de passividade heróica e de não-violência postas em prática por Gandhi, pude observar a violência daquela natureza, as suas paixões contraditórias e que não era a paz do amor que o atraía, mas os seus combates, não o repouso na fé, mas a febre de actuar segundo a «sua» verdade. Ora, essa verdade não a tinha; procurava-a, dividido entre caminhos opostos, com o seu jovem corpo crucificado e puxado por quatro cavalos.

Disse-lhe isso, pois era destes rapazes (isso notava-se, à primeira vista) que não podem trapacear consigo próprios para se criarem uma ilusão. Quando a colhem, porém, pesa-lhes como um remorso; não a podem digerir, não descansam enquanto não a vomitam. Disse-lhe:

— A «sua» verdade é a «sua» natureza. Não traia nem violente a sua natureza com a aceitação da de outrem! Não é talhado para o casamento (vi que a sua boca se contraía). Já tem bastante que fazer com casar consigo próprio! Tem o homem e a mulher, o pró e o contra, o sim e o não, a paixão e a aversão da violência, as exigências de um eu irredutível e a necessidade do sacrifício! Conserve isso tudo! Sofra, procure a mais bela harmonia, a que é o mel negro das dissonâncias!

— Fala disso muito à vontade! E se o acordo é impossível?... Se o é para mim?

— Numa natureza corajosa e sincera como é a sua...

— Que sabe diso?... Que sei eu próprio?

— Sei-o por si... Em si, se um tal duelo de alma é possível, se é duradoiro entre as forças, entre os

deuses interiores, que se envolvem em nuvens e relâmpagos, é que é uma coisa necessária do grande combate, da «Ilíada» que escreve e trava a humanidade. Quanto mais os golpes dados e recebidos são dolorosos, mais se afirma a heróica necessidade do combate.

— Mas se morro?

— Morre, meu rapaz; *Stirb und werde!* (Desculpe tê-lo tratado por tu).

— Não; faça o favor! Agradeço-lhe até...

Com um gesto impetuoso, pôs a mão no meu joelho e apertou-o com os seus dedos ternos e duros; depois retirou-a, envergonhado...

— Não me importa morrer. Não tenho medo. Não peço outra coisa!... Não queria, porém, morrer inùtilmente. Não por mim próprio! Não por mim só! Não para me salvar, como esses cobardes, esses egoístas da religião ou do pensamento!...

Senti por ele um grande afecto... Peguei-lhe na mão:

— Não te aflijas! A hora virá. Sacrificar-te-ás pelos homens. As ocasiões no nosso tempo não faltam. Sê paciente. A ocasião virá. Estás preparado!...

Marcos levantou-se e levantei-me também. O rapaz queria falar, mas não pôde. A sua mão na minha, falava, porém, por ele. Lançou-me um olhar de rapariga, que agradece, intimidada, e partiu.

Só o voltei a ver mais uma vez, mas de longe, sem que me visse (contá-lo-ei). Soube, mais tarde, que me ficara grato por não o ter poupado, por o ter tratado como homem sacrificado de antemão e que, por o ser, deveria sentir um alegre orgulho.

DE momento, as preocupações absorviam Marcos; o oiro do seu mel era obscuro. Uma visão trágica ensombrava-o. É difícil aceitar aos vinte e cinco anos a renúncia à vitória (no sentido do mundo, de que se pode desdenhar; mas os pés ardem para o esmagar!...). O coração de Marcos batia, porém, com mais força. Não seria filho de Anita se não concebesse uma outra vitória: a de Sócrates e a do homem crucificado, a de João Huss e a de Giordano Bruno, a dos que conseguem a alegria dos outros com o próprio sangue — *Durch Leiden Freunde* — com a lançada na fonte onde bebem os cervos sedentos... *Sicut cervi...*

Marcos sentia-se orgulhoso e triste (pobre homenzinho!) por o meu olhar o ter elegido. Estava, então, inscrito na sua fronte? Fosse como fosse, agradecia àqueles que lhe falavam segundo a lei, a única lei da verdade! Compreendia melhor do que nunca que essa lei era a sua: a missão de ser verdadeiro. Sofrer, errar, contradizer-se, cair até e manchar-se, mas ser verdadeiro! Lavar-se-ia e limpar-se-ia. Uma alma verdadeira não pode danar-se. O verme da morte não pode corroer a incorruptível verdade. O coração de Marcos enchia-se ao pensar que essa lei da própria verdade de que a sua alma estava marcada era também, sem que o soubesse, o

núcleo da alma daquele Ghandi, para o qual um cego instinto de defesa o impelira, embora não devesse seguir o mesmo caminho (revelara-lhe o «Credo» do homenzinho frágil e inquebrável, que conduzia trezentos milhões de homens: «A Verdade é Deus...»).

Tratava-se, portanto, de não renegar nada das forças profundas da sua natureza, até aquelas que eram inimigas entre si e que, a entredevorarem-se mùtuamente, lhe roíam, também, as entranhas. A independência do indivíduo e o sacrifício à comunidade: Marx e Ghandi. *Still voice* da alma eterna, filha de Deus, e a grande *Ananke* do materialismo histórico, com a bigorna e o martelo que forja e reforja a sociedade. Forjaria ele alguma vez juntos os dois metais, numa liga bela e durável? Ou ficaria desfeito entre a bigorna e o malho?... Quem morrer verá... Enquanto esperas, forja! Com a tua carne; com as tuas dores!... Queima-te se for preciso, mas não deixes nunca extinguir-se o fogo!

Anita ficou impressionada pelo que ardia, naquelas noites, nos olhos do seu rapaz. Marcos, porém, não lhe disse nada da visita que fizera. Essa exaltação manteve-se alguns dias e depois caiu com a usura dos choques quotidianos. Ficaram-lhe sòmente no fundo da alma os tições que não se apagariam jamais. Marcos, decidido a conduzir o seu combate, sòzinho e pelos outros, sem compromissos, viu-se, aos poucos, afastado de todos os partidos que o julgavam inassimilável. Não o repeliam brutalmente, não estava nos seus hábitos, os hábitos equívocos da época, mas deixaram-no de parte muito simplesmente. Os artigos que levava aos seus jornais eram, sem serem recusados, postos de lado.

Marcos sangrou-se para publicar uma brochura em que denunciava a aliança, que lhe fora revelada, entre os industriais nacionalistas da França e da Alemanha, sob a asa complacente dos seus governos. A brochura, porém, foi, automàticamente, afas-

tada de todos os quiosques e livrarias. Mais: desapareceu ao sair da tipografia. Quase toda a tiragem foi submersa, como se o público a tivesse absorvido. Seis meses depois, toda a massa impressa reapareceu, vomitada, amarelecida, rançosa, suja, invendida: nem um exemplar fora lido!

Em que fundo de loja, em que *in pace* das Messageries (*) que velam pela segurança pública, o pensamento de Marcos estivera de molho? A verdade foi que Marcos se encontrou com os seus farrapos de papel e uma linda conta a pagar por despesas de depósito. Cerrou os dentes, apertou o cinto, a devorar a sua raiva, e refugiou-se na sua tenda. A hora não tinha chegado. A hora viria em que o seu pensamento seria escrito com o seu sangue. Então, teriam de o ler!... Enquanto esperava, era preciso pôr a claro esse pensamento perturbado. Em primeiro lugar, porém, era preciso nutrir aquele ventre que fazia viver o pensamento. O Indiano (**) disse: «Não há Deus para os ventres vazios!»

Marcos tinha, felizmente, encontrado um emprego em casa dum velho patrão operário, individualista e libertário, à moda antiga, que fazia encadernações de arte. Essas profissões extinguem-se, por falta de clientes, com o velho gosto apurado do Ocidente. O ganho era apenas suficiente para fazer viver mal um. Eliseu Rateau poderia passar sem ajudante se não se tivesse deixado prender pela simpatia por esse jovem intelectual sem trabalho, cujas mãos magras de *trecentista* eram destras para o bom ofício e cuja altivez proba e susceptível de individualista lhe fazia cortina à Máquina da rua, à sociedade nova.

Não suspeitava sequer que a sociedade nova

(*) As Messageries de Presse, da Casa Hachette, de Paris, que distribuem jornais e outras publicações. — *N. do T.*

(**) Ramacrisna.

lhe entrava em casa com o espírito atormentado desse rapaz. Marcos cerrava os dentes sobre os seus pensamentos, calava-se e deixava falar o velho sem o escutar. Lado a lado, a trabalharem, monologavam, um de boca aberta, o outro de boca fechada, cada um pelo seu lado. O movimento preciso das mãos ocupadas não impedia nada o trabalho de sapa das preocupações no espírito.

Assia, expulsa, corrida, negada, reentrava no aconchego cálido daquele corpo, que o suco ardente dos seus beijos nunca deixara. Queimava-o em todos os seus membros, muda, pesada, inchada, como uma defluxão. Não poderia evocar as suas feições; sentia-a, difusa, na sua cabeça, no ventre, nos frémitos das suas mãos e na secura da língua. Por vezes, tinha um sobressalto ao ouvir uma voz ou ao ter um contacto que o deixava vazio, abandonado e perturbado como uma bússola doida. Era-lhe precisa toda a sua energia para recobrar o domínio da sua razão desvairada. A sua razão, porém, devia, para recuperar o seu domínio, arrancá-lo a si próprio, agarrá-lo pelos ombros, encará-lo e dizer: «Fica aí! Não se entra!...»

Era então que tinha tempo de olhar para si próprio, de alto a baixo! O olhar de Marcos, porém, trespassado por um choque eléctrico, caía, não ousava elevar-se acima do queixo, pois sentia-se devorado por aqueles olhos e não queria dar a impressão de lhes fugir. Num desafio, devorava com o olhar aquele corpo inimigo e tremia por não o poder dobrar debaixo de si. Já não era, no entanto, o orgulho ferido dos primeiros tempos, o ciúme que quer vingar-se. O mais forte da crise passara. Recomeçava, a fronte, a boca, os olhos colados a esse torso sem cabeça (não queria ver a cabeça) a embeber-se do odor selvagem daquele corpo, a dissolver-se nele como nas noites em que formavam apenas um, a perder o seu eu para o reencontrar, no fundo desse poço, o eu da outra e os seus pensamentos.

Tocava, então, com as pontas dos dedos as razões — as razões justas — da traição de Assia. «Justas» e «traição» entrechocavam-se com uma colérica contradição; mas não conseguia separá-las, fora agarrado e era arranhado pelas suas unhas. Respirava, com o odor dos flancos de Assia, o vácuo mortal desse individualismo sem janelas, sem portas para a grande estrada dos homens e para a acção onde pretendera murá-la com ele. Mais franca do que ele e mais louca, cruel, brutal, entregue ao instinto, Assia derrubara os muros. Passara sobre o seu corpo. O instinto vital não a enganara. Estava mais próxima da natureza. Fora verdadeira. Fugira da morte, como foge uma multidão presa de pânico que, encerrada num incêndio, se atira, desvairada, para a saída sem se preocupar com o seu companheiro.

— Ela fez bem!...

Marcos, mal-grado seu, confessava-o e ouvia os seus próprios lábios, onde a língua lambia o gosto da saliva de Assia, aqueles lábios que, contra sua vontade, se abriram para dizer:

— Salva-te, querida! Bendito seja Deus por te ter salvado!... Por mim, não soube salvar-te; oxalá me salve, se puder! Se não puder, que morra! Não te voltes para olhar para mim! Só a mim cumpre salvar-me e mostraste-me o caminho...

ESSA confissão, assim arrancada, abafavam-na, instantes depois, rajadas de orgulho ferido, que se empinavam e relinchavam: «Traído! Traíste-me!», e se recusavam a perdoar. Nesse tufão de paixões opostas, nesse vácuo, ruíam as ideias que o seu espírito arquitectara, construídas em conjunto, argamassadas, e que o tinham abrigado, mal ou bem. Sentia-se nu, vivo e chamejante como um archote de desejo. O seu jovem corpo faminto, que obrigava a passar fome, insurgia-se.

É uma disciplina perigosa o ascetismo, depois de mil e uma noites de amplexos ardentes e tempestuosos. O Desejo é como a cocaína: para a desintoxicação é necessário sofrer e ser prudente. Quando se corta de súbito, corre-se o risco de quebrar tudo: o corpo delira e a vontade perde todo o seu domínio. Marcos estava carregado de electricidade, como um dia de vapores secos e ardentes, uma febre sem suores, sob um desses céus brancos de Verão que pesam sobre Paris. A terra em fogo e gretada pela chuva sob a bátega abre-se e fumega. A bátega rondava, suspensa...

Embora o segredo tivesse sido bem guardado: a ruptura do jovem casal fora conhecida. Uma das primeiras a farejá-la, antes até de a notícia se ter espalhado, foi Bernadette Verdier (que mudara o

seu nome de ave: Passereau) e fora noiva de Marcos (*). Quando ele se casou, deixara cair a cortina sobre a sua decepção. Ninguém a notara, nem sequer Sílvia, que a conhecia e contava com o seu desgosto. Mostrou uma admirável indiferença. Sílvia ficou quase indignada com isso. Queria que a outra sofresse, gemesse, para a associar ao seu despeito. Bernadette deixáva-a, porém, ter despeito sòzinha; e a situação de Sílvia era ridícula. Não podia desempenhar, por sua conta, o papel de noiva abandonada! Indignou-se, portanto, com Bernadette quase como com Assia. Chamou-lhe: «Estúpida!»

Bernadette não se importou com isso. Nem por um momento abandonou o seu frio sorriso. Não representava para a galeria. Não poderia dizer exactamente por que estava assim, nem se era uma atitude de defesa. Não procurava saber o que se passava nela. Sim, sentia, em certos momentos, um atroz aperto no coração; e, no resto do tempo, um aborrecimento mortal, sob o qual estavam escondidos nas rochas, no fundo do buraco, as cabeças duras, triangulares, um nó de pensamentos, de longas formas coleantes, de olhos ferozes; era melhor não remexer as pedras...

Queria viver. Tratava-se de viver no único plano que uma Bernadette julgava admissível: a vida razoável e prática. Não era sensato estar com lamentações. Quanto aos rancores, não se constrói sobre eles; mas constrói-se; e no baú da roupa dobram-se os rancores entre naftalina: podem esperar. Bernadette também prosseguira no seu caminho; como era preciso um marido, arranjou-o. Arranjou-o por medida, segundo a sua razão prática em que estavam incluídas as três satisfações: a da ambição, da comodidade burguesa e da cama. O André Verdier que escolheu era um industrial de

(*) V. «A Anunciadora», tomo I.

trinta e cinco anos, associado a uma velha firma de renome (envelhece-se cedo em Paris!), construtora de automóveis.

Soubera, em dez anos, fazer o seu pé-de-meia, à espera da hora de lançar a sua própria firma, cujo primeiro cuidado seria fazer ir para o fundo a velha casa que o tinha formado e alimentado. Era um belo rapaz, de olhos azuis claros, traços regulares, sorridente, amável, acolhedor e prodigiosamente indiferente. Agradava muito às mulheres. Como pôde Bernadette agradar-lhe? Bastar-lhe-ia a ele atirar o lenço, para a mais bela e mais rica o apanhar. Foi essa a vingança, para Bernadette, do orgulho do corpo ferido. Tinha de conquistar aquele homem, visto outro homem ter desdenhado dela. Não era nada bonita — magra e escura — mas era alta e flexível e sabia fazer valer o que tinha de feio, segundo o gosto de então:

«...a magreza elegante
Do ombro ao contorno contrastante,
A anca um tanto aguda e o talhe requebrado
Como o dum réptil irritado...»

O Verdier, que era entendido em mulheres, leu na boca daquela, fina e crispada sob a maquilhagem, a promessa de noites sem aborrecimentos, e nos seus olhos, dum cinzento de aço, frios e precisos, a promessa de dias activos como as noites, mas a lavrar noutro terreno. Não lhes foi preciso muito tempo a ambos para se entenderem sobre uma valorização da vida, frutuosa e regrada. O avultado dote que Sílvia dava à sua pupila acabava de compensar da sua fealdade. O negócio foi resolvido antes que Sílvia soubesse de nada. Deu o seu consentimento de mau modo. Não tinha de que se gabar do seu casamento de outrora: não fora nada brilhante.

O seu Leopoldo era, pelo menos, dum forte te-

cido, para lavar e durar. Punha a descoberto as taras ancestrais do eleitor (ou do eleito) de Bernadette. Esta via-as tão bem como ela: sob o peitilho do arrivista insolente, de olhos meigos, estava a cobardia moral (por vezes física) e a mentira untuosa, que é uma forma e um efeito da cobardia, a insigne fraqueza de carácter, que se desvia e foge ante a verdade e cuja arte é disfarçar-se, um homem que nunca ousou ver a sua alma nua ao espelho, mas que sabia muito bem ver as dos outros, os seus vícios, as suas fraquezas e as suas taras, para as explorar.

Não via nunca as dores dos outros, e isso não lhe interessava e se interessasse, poderia incomodá-lo. Não gostava de fazer mal pelo mal, mas para seu bem. No entanto, em certas ocasiões, quando se sentia protegido pela impunidade, quer dum para outro (bem entendido: quando o outro era o mais fraco) quer quando se apoiava numa grande crise, guerra ou pânico, ou sobre a brutalidade elementar da opinião colectiva, podia muito bem tornar-se feroz... Era, em suma, o tipo da «pessoa bem», assaz frequente hoje: o burguês médio.

Desaprendemos de nos indignar desde que essas pessoas tenham em dia as suas contas e que a sua honestidade legal se exerça à custa de outros e não de nós próprios ou dos nossos rendimentos. Bernadette não se inquietava nada com isso. Frente a frente, não seria ela, dos dois, a mais fraca. Em público, sabia tão bem como ele, andar do lado da opinião, que é a mais forte, e quando nos apoiamos no mais forte sômo-lo também. As próprias fraquezas de Verdier eram uma garantia: tê-lo-ia na mão com mais certeza do que um Marcos, a quem seria bastante tola para respeitar, não por estima, mas por amor.

O matrimónio correu muito bem. O Verdier, devidamente açaimado, andava à trela. Sucedia o mesmo com ela: nenhum rasgão no contrato. Cada

um deles tinha muito que fazer: arredondar o montante dos negócios. O magro ventre de Bernadette teve ainda tempo para se arredondar por duas vezes. Enquanto se planta a fortuna, convém plantar, também, o herdeiro. O herdeiro veio. Primeiro, o macho; depois, a rapariga. Era preciso pensar no futuro, pois chegaria o momento em que seria preciso «fazer» um genro. Bernadette foi boa mãe como boa esposa, sem grande amor, o que não quer dizer sem afeição. Quere-se o que se tem e sobretudo arquilo que se fez e modelou; é o «meu» bem e cuida-se dele.

Na noite opaca dos pensamentos escuros que Bernadette tinha na sua cama, quando despia a alma por baixo da pele, durante as longas insónias, o seu velho desejo saía do buraco, silencioso, ferido, à espreita. Sem que ninguém desse por isso, espiava, com o olhar de viés, um olhar aguçado pelo rancor, o lar de Marcos. Antes de qualquer outra pessoa, descobrira que esse lar metia água. Quando a ruptura se produziu, soube-o (por que meios de escuta?) logo nos primeiros dias, antes de Anita.

Só cometeu um erro (e não se saberá nunca se esse erro não foi voluntário): falou nisso a sua irmã Colombe. Disso-lho, sem comoção, como um facto qualquer, a desorientação em que a traição da sua mulher lançara Marcos e a solidão moral em que este vivia. A sensível Colombe ficou muito comovida. O tom frio em que Bernadette falava, não sem uma pontinha de ironia, longe de prejudicar, contribuía para isso, pois Colombe sofria por Marcos. Sentia por ele uma atracção de infância. Pequenina ainda, conhecera-o através das conversas de Bernadette com Sílvia, que fazia, embora a brincar, o reclamo do seu potro, pois queria lançá-lo no prado da irmã mais velha. A pequena olhava por cima do muro do prado, com olhos muito abertos, em que se misturava a admiração e uma inocente inveja: submetia-se, a suspirar, ao destino feliz da irmã e,

quando esse destino se desfez, suspirou ainda mais do que ela.

Colombe tinha a alma terna, romanesca e ferida, eternamente ferida, pois a sua bela pele era, ao mais leve contacto, arranhada pela unha da vida. Essa bela pele, porém, nunca tentara Marcos, aliás bastante guloso. A pouca sorte fora que Marcos, vexado pela isca do casamento que Sílvia lhe lançara, envolveu na sua irritação toda a família. A perseguição interessada das pupilas cor de aço não o irritava mais nem menos do que a dos grandes olhos escuros extáticos de Colombe, que o bebiam com inocência. Eram bonitos, no entanto, esses olhos, mais bonitos do que os de Assia, como eram bonitos os seus braços, o pescoço, as faces e aquela boca, pura e triste, um tanto tola, mas saborosa...

O amor, porém, sopra onde quer. Não tinha soprado à popa para Colombe. Toda a sua vida deveria soprar de lado. Talvez por ela não saber manobrar? Esperava, aguardava e deixava correr. Pobre Colombe! Não correu nunca o seu pombo para encontrar o caminho do pombal... Sílvia dispusera do seu destino como fizera (sem resultado) do de Bernadette. A boniteza de Colombe, a graça natural dos seus movimentos, à qual uma ingénua simplicidade do coração aumentava o encanto, designou-a, aos olhos da perita abelha mestra dos divertimentos e brincadeiras parisienses, para *saltare et placere* e fê-la entrar na escola do *ballet*...

A florzinha estendeu as hastes finas e flexíveis das suas pernas. Trabalhava o melhor que podia, não sem êxito, mas sem prazer. Sonhava enrolá-las em volta do amado (fosse qual fosse, mas que fosse amado toda a vida)! Oferecê-las a uma multidão de amantes anónimos, custava-lhe, envergonhava-a. Não tinha nada, mas absolutamente nada, a vocação do teatro, nem sequer essa pontinha de cabotinismo natural, embora inocente, que dorme ou dança em quase todas as raparigas bonitas de Paris. Desejaria

passar a vida na sua casa, na sua cama, na cama para dois que são só um.

Sílvia podia gabar-se de ter um grande faro quando se tratava de psicologia! Não reconhecia, porém, não ter razão. Se a natureza reagia, pior para a natureza! A doce Colombe não protestava; suspirava, mas aceitava. Dòcilmente, deixou-se, depois da escola, contratar para o corpo de baile dum grande teatro que se fundara, metade *Music hall*, metade Ópera. A sua docilidade fazia que se mantivesse uma estrela de segunda ordem; mas, com os seus atractivos, uma mais fina tornar-se-ia, como disse Forain, um cometa da Grande Ópera.

Só lhe faltava um protector. Ora, os protectores não faltavam. A pobre rapariga não soube nem aceitá-los a propósito, nem recusá-los quando o a propósito faltava. Pretendia querer escutar o seu coração. O seu coração chorava, dizia «não» a todos os protectores «sérios», e depois, perseguido, desesperado, dizia «sim», para se ver livre deles, aos protectores sem seriedade. Depois, ia soluçar (já não ousava rir) para junto de Sílvia, que lhe dizia: «Grande parva! Quem me deu uma perua destas?» ou de Bernadette, que fazia uma careta de aborrecimento e dizia: «Não tenho tempo...», enquanto pensava: «Faz ou não faz; mas não o digas! Porventura, digo o que faço?»

Colombe só encontrava para desabafar o irmão, Ange, o seminarista. O pobre rapaz ouvia cada confissão! Era, porém, ou devia ser, o seu ofício. Tinha de se habituar! Habituava-se. Estava aliás acostumado, desde a infância, a receber confidências. Havia-as, na sua candura e na sua confiança, de todas as cores. As da irmã bem podiam irritá-lo, mas ouvia-as, recolhido, paciente, compassivo. Conhecia bastante bem a sua Colombe para não reconhecer, nos seus erros e nas suas vergonhas, a própria candura. Se tivesse de dar uma absolvição, dá-la-ia com ambas as mãos sobre aquela plumagem maculada. À

falta de água lustral, derramava a sua ternura e o bálsamo das suas homílias, às quais a bailarinazinha juntava, devotadamente, o seu arrulhar molhado de lágrimas.

O confessor não estava sempre disponível. Fazia os seus retiros espirituais. Depois de ordenado, foi nomeado para um curato da província. Como Colombe não tinha dotes para escrever, teve de guardar para si os seus infortúnios. Não há muita certeza se o compassivo Ange não se sentiu aliviado com isso. Continuava a enviar à irmã, de longe em longe, consolações pelo correio. Menos ainda do que ela, não possuía a arte, muito simples, de falar ao escrever. A falar e a escrever, era duas pessoas diferentes. O que enviava a Colombe pelo correio era florido e untuoso, próprio dum virtuoso padre cheio da palavra de Deus. Colombe lia-o, religiosamente, e fazia depois o sinal da cruz; mas sentia frio. Esperava, precisava, para se aquecer, a palavra dum homem, e os seus braços, o seu abraço...

A catástrofe conjugal de Marcos, que Bernadette lhe revelou, perturbou-a como se fosse com ela própria. Mais de uma noite deu voltas no travesseiro ardente. Também dava voltas a Marcos, inocentemente. A romanesca via um Marcos à sua imagem, amante, não amado, traído, abandonado. Desejaria aquecê-lo e aquecer-se com ele... Oh! Humildemente. Consolá-lo e consolar-se também... Depois, quem sabe? Nessas noites, não lia nada para diante... Recusava-se a voltar a página...

Certa manhã, encontrou-se — sabe Deus como! — no caminho de Marcos. Encantadora, discretamente pintada, o rosto fino avivado com um colorido sóbrio e agradável, artìsticamente apresentado, estava um apetite. O lobacho tinha fome. Nem um nem outro viu maldade nisso. A natureza encarregara-se de tudo. Na verdade, Colombe só pensava (assim o cria) em consolá-lo. Era isso o que o orgulhoso Marcos, ordinàriamente, tolerava menos. Por

uma astúcia, não calculada do instinto, a que era, por hábito, desajeitada, ofereceu-se a Marcos em toda a ingenuidade, como se fosse a um companheiro de armas, ferido como ela, mas mais forte, capaz de a consolar.

Poucas palavras, sòmente os seus olhos tristes, que não fitavam, que pousavam como uma leve mão num braço, com cuidado para não fazer pressão e de que se sente só, através do tecido, os dedos tépidos... Como eram bonitos aqueles dedos, aqueles olhos, que Marcos descobria pela primeira vez (estava em jejum)! Parecia, até (é incrível), serem inteligentes. O importante é que o eram, nesse momento. A carne amorosa, a bela cega, faz desses milagres. A desgraça é que não duram muito; mas se duram o bastante para atingirem o seu fim, é tudo o que ela quer.

Marcos deu por si, sem pensar no que fazia, com a mão no braço da jovem, a apertá-lo, enquanto caminhavam lado a lado na rua, e ela lhe fazia as suas confidências, afectuosamente. Colombe não lhe fizera nenhuma pergunta. Sem que ela o tivesse interrogado, Marcos dizia-lhe, com sóbria verdade, mas sem paixão, como se se tratasse doutro, a sua desventura. Colombe não dizia nem «Oh!» nem «Ah!» e não pedia mais nada do que aquilo que ele queria confiar aos seus ouvidos e ao seu coração. Não havia necessidade de insistir. Ela sabia e compreendia. Pelo menos os seus olhos davam-no a entender.

Marcos não podia ficar atrás. Descobria em si, por gratidão, a mesma inteligente simpatia pelos dissabores da outra. De entrada, a sua atenção deteve-se neles, pela primeira vez, pois até então nunca tinha pensado em tal. Tratou de se desprender um tanto dos seus, para se debruçar, fraternalmente, sobre os da bailarinazinha. As primeiras perguntas que lhe fez, Colombe respondeu com um olhar de reconhecimento, tão carregado de promessas que o rapaz esteve a ponto de perder a cabeça.

Sentaram-se à sombra duma estátua, num jardinzinho rodeado pelo ruído dos veículos. Colombe abriu-lhe a caixa de Pândora. O mesmo artifício ingénuo que a tinha até então guiado retinha na caixa as confidências deslocadas e só deixava passar entre os dedos as confissões doces e tocantes duma ternura pudica e magoada.

Embora Marcos não fosse um ingénuo e pudesse saber até onde iam os escrúpulos daquela Colombe de corpo de baile, era capaz, naquele momento, de lhe dar os sacramentos sem confissão. Era, porém, o diabo o que ela queria! O diabo também estava tentado... Marcos, porém, obstinava-se em defender a integridade da sua viuvez. De nada servia considerar morta a infiel. Justamente, fazia disso uma questão de honra! O orgulho era cúmplice do amor, embora negado e renegado, por aquela mulher que o enganara, e também do ódio e do desprezo furioso que se julgava obrigado a professar por todas as mulheres e de que não queria abdicar. Pensava, portanto, manter na zona neutra da amizade fraternal o interesse que consentia em manifestar pelos olhos lamentosos da bailarinazinha e pela sua boca de fruto carnudo. As zonas neutras são terreno perigoso nas guerras de hoje. Dum momento para o outro, acorda-se invadido...

A invasora era discreta. A tola tinha aprendido à sua custa, a retirar-se em pleno êxito, a fim de se tornar desejada. Tinha cuidado em não fatigar a paciência, demasiado recente para durar, do seu complacente auditor. Não esperou que ele se despedisse e foi a primeira a retirar-se. Dava grandes intervalos aos seus encontros e recusava a si própria conceder-lhe aquilo que ele esperava: o convite para ir a casa dela. Temia que o olhar experiente dele reconhecesse a proveniência do luxo em que vivia. Ao mesmo tempo, o impulso sincero dum amor puro fá-la-ia sofrer se recebesse no mesmo leito aquele de quem queria receber para lho dar,

fundido de novo, o dom duma virgindade perdida. Assim, a história arrastou-se por algum tempo, sem nada mais do que verem-se na rua por breves instantes.

Entretanto, crescia a fome do lobacho; mas a ovelhinha, desejosa de ser comida, recuperava toda a sua tolice, para correr, após cada encontro, a casa da boa irmã Bernadette, que lhe manifestava um caloroso interesse por conhecer os progressos da aventura e lhe dava bons conselhos. Colombe não deixava de lhe contar tudo, tão embebida no seu relato que não notava a cintilação dura das pupilas da irmã. Chegou o dia em que, sufocada por ter subido muito depressa (não pudera esperar pelo elevador) gritou a sua felicidade: (a mão seca de Bernadette colocou-se-lhe como tampão na boca): devia naquela noite ir a casa de Marcos. O orgulhoso rapaz tinha pedido tanto e ela deixara que lhe arrancasse o *Amen!* (teve de se conter para não lhe gritar: «Finalmente! Beijo-te as mãos... Obrigada! Obrigada!»)

Bernadette fez-lhe sérias recomendações, para ela não ir comprometer o seu triunfo, nem mostrar demasiado a sua fraqueza. Interessou-se pelo vestido que a amorosa deveria levar naquela noite. Discutiu, calmamente, todos os pormenores e recomendou, sobretudo, a Colombe que não chegasse antes da hora: era melhor fazê-lo esperar. Colombe partiu com o coração pleno de reconhecimento. Tudo era belo, tudo era bom: o céu, a terra, os homens e Deus. O mais belo, o melhor, era o bem amado que a esperava naquela noite... Ria sòzinha na rua; e no antegosto do que se ia passar, caía em transe como a Danae...

Marcos não tinha «pedido tanto»... Deixara que aqueles belos olhos asininos, iguais aos da «Fornarina», lhe arrancassem o convite para ir vê-lo na sua água-furtada. À força de as ler, escritas naquele olhar, Marcos acabara por dizer as palavras que

Colombe, mal saíram, absorvera ainda quentes. Já estavam ditas; era demasiado tarde para as recolher; mas não estava satisfeito consigo. Queria, sinceramente, ter recusado essa aventura que, no entanto, desde o primeiro dia, previra. Queria ter conservado contra Assia a vantagem da fidelidade, embora sem razão, para ter mais razões de a desprezar.

Não deixava de avaliar os perigos do compromisso tomado com a avidez sensual e romanesca daquela bonita jumentinha do Transtevere. Ai daquele a quem ela se atrelasse! Ela prendia. Marcos estava muito decidido a não se deixar prender. Ainda naquela noite, enquanto a esperava, enganava-se a dizer a si próprio que não iriam mais além duma conversa de pessoas sensatas. Ao defender-se, Marcos julgava-se obrigado a defendê-la. Mais velho do que ela, conhecera-a criança e julgava-se obrigado, por isso, a certos deveres para com ela. Repetia até a si próprio (que descaramento!) a lição que se propunha ministrar-lhe. Perdeu, porém, o fio ao discurso, ao repeti-la; estava distraído.

Contava os quartos do relógio da igreja vizinha. Não podia estar sentado... Retomava, pela décima vez, a frase de sereno acolhimento que pretendia dizer-lhe e que não conseguia levar ao fim. Ouviu, na escada, passos apressados, passos ávidos. O final da frase ficara esquecido e o começo também. A mão encontrou-se colocada no fecho da porta e esta foi aberta antes que ela batesse. Ainda sem se verem, ouviam, dos dois lados, o seu resfolegar de corredores...

A corredora da Maratona entrou. Marcos só teve tempo de entrever um busto inclinado para a frente, com a cabeça envolta numa mantilha, e a mão rápida que dera a volta ao comutador da electricidade junto da porta. Fechada a porta, ficaram ambos um contra o outro, na noite, colados como as duas tampas duma caixa e as bocas ávidas sorviam-se. Marcos fora apanhado e apanhara-a. Perdeu consciência lo

que se seguiu. Encontraram-se na cama, a rolar num turbilhão. O rapaz arquejava sob as bicadas do falcão. Que fera! Nunca estava satisfeita. Rolaram de novo na treva.

Quando aquela febre abrandou, os olhos de Marcos começaram a ver na treva e por cima do leito descobriu o bico e os olhos redondos da ave nocturna. A ave, porém, não era a que esperava. Libertou-se e tacteou. Apalpou, então, as coxas duras e os braços magros. Esticou-se para se levantar e chamou:

— Colombe!

Os braços magros seguraram-no. Contra a sua, a boca rasgada dela abria-se e ria, ria... Um dos compridos braços estendeu-se e foi dar a volta, por cima das suas cabeças, ao comutador eléctrico. Na luz viva que o encandeou, Marcos viu, por cima de si, com o busto soerguido, mas a aprisioná-lo com as pernas, a pega ladra, a morena e magra Bernadette, com ar triunfante... *Nigra sum, sed pulchra*... Era-o em todo o esplendor da sua volúpia, da sua malícia, da sua vitória. O rapaz olhou para ela estupefacto e, parvamente, repetiu:

— Colombe...

A mulher riu, com um riso agudo e disse:

— Acaba a semana de Lia e dar-te-emos, também, a outra, pelo serviço que nos farás durante outros sete anos!... (*)

O seu riso, os seus olhos, os seus dentes agudos, a sua grande boca que se torcia de excitação, de astúcia e de prazer, e, por cima de tudo, esse vapor da terra que se abre ao sol, esse corpo feliz que, pela primeira vez, vibra sob a boca que desejava, que queria, que conquistou, deram volta à cabeça

(*) O episódio bíblico das filhas de Labão, a quem Jacob serviu, sete anos, por amor de Raquel e só obteve como prémio Lia. — *N. do T.*

do vencido. Os protestos que tentava, em vão, formular com uma língua paralisada como a sua consciência, morreram antes de ter nascido. Nervosamente, o rapaz riu, também, agarrou em Lia e serviu-a por mais um ano...

Nesse momento, a arder em febre e inundado de suor, Marcos ouviu a «outra», que parava no patamar e batia à porta... Foi como um raio que o fulminasse! Como num relâmpago, despertou, traspassado; arrancou de si a hera viva; sentou-se na cama, com o espírito perturbado, aterrado... A «outra» esperava atrás da porta, ouvia, podia ver, pela fenda da porta, a luz que,... por esquecimento, ficara acesa. Marcos fez como um garoto apanhado a praticar uma maldade que procura negar. Estendeu, precipitadamente, por cima do corpo de Bernadette, cujos olhos penetrantes o varavam, um braço desajeitado, para apagar a luz; mas, na sua perturbação, falhou.

Entretanto, no patamar, Colombe, impaciente, recomeçava a bater à porta. Sob o seu corpo soerguido, Marcos viu a *gazza ladra* com a grande boca crispada num dos grandes risos que bem lhe conhecia. Fez uns olhos de espanto para lhe ordenar silêncio. Demasiado tarde!... O riso agudo partiu como uma seta, rolou por todo o quarto e estendeu os seus tentáculos por debaixo da porta e pelo buraco da fechadura. Marcos aplicou-lhe a palma da mão na boca, violentamente, como uma bofetada. Demasiado tarde!...

Ouviu-se, por trás da porta, um gemido... e, depois, mais nada... Marcos ficou paralisado, incapaz até de pensar, sem sentir sequer na palma da mão os dentes de Bernadette que se cravavam. No limiar, a outra estava, também, aturdida, colada à parede, como paralisada pela dor... Sùbitamente, soltou um grito pungente. Ouviu-se a fuga precipitada pelos degraus da escada... Marcos saltou do leito e repeliu, com uma punhada no peito, a que se

agarrava a ele, correu para a escada, debruçou-se e chamou:

— Colombe!

Chegou até a descer, atrás dela, um andar. Colombe, porém, que soluçava, não voltou para trás. Foi sobre os seus «ho, ho, ho!...» inarticulados que a porta se fechou. Marcos voltou para dentro. Bernadette, de pé, nua, espreguiçava-se diante do espelho. Tocou com o dedo a marca azulada do seio atingido pela punhada. Sentou-se na borda da cama e vestiu-se com calma.

Marcos, de pé, imóvel, olhava para ela estùpidamente; era à «outra» que via. Entre o seu olhar e a «outra», interpunha-se, porém, aquela mulher nua, magra e satisfeita, como um biombo: morena de pele, de crina selvagem, era a fealdade orgulhosa do triunfo e cada pormenor daquele corpo, as coxas lanosas, os pés ossudos, a espinha de gata descarnada, a dureza e elasticidade do busto inclinado, aquela estatura contraída, de joelhos pontiagudos sob o queixo de Arlequim que se calçava e o seu sorriso agudo de viés, tudo se gravava nos olhos do rapaz como se fosse entalhado à faca.

Marcos não fez nada, nem um movimento para a ajudar. Estava calado; ela também. Bernadette acabou de se vestir, lançou um último olhar ao espelho, viu o rosto sombrio e imóvel de Marcos, sorriu, voltou-se, pôs-lhe as mãos nos ombros, cravou-lhe nos olhos perturbados o seu olhar de aço, vasculhou-os e encontrou lá dentro, sob os escombros do desejo e do despeito, um ferro de lança: o ódio. Então, a sua vitória foi completa. Tivera a sua vingança e o seu prazer.

Ao retirar-se, Bernadette envolveu num derradeiro olhar, que avaliava tudo, o campo de batalha, a cama, o quarto e as faces do vencido. Estava tudo em ordem. Partiu. Depois das gargalhadas debaixo dos lençóis, não tinham quebrado o silêncio. Já de-

pois de estar no patamar, lembrou-se da mantilha, caída, quando entrara, a um canto do quarto. Voltou para dentro. Marcos baixou-se, apanhou-a e deu-lha. Agradeceu com um movimento de cabeça. Ao ver a perturbação em que o deixava, Bernadette humanizou-se à sua maneira e disse-lhe:

— Não te preocupes! — e saiu.

MARCOS, após uma noite de sono agitado, despertou com o corpo satisfeito, mas o coração envergonhado. O mal-estar moral adaptava-se pior ao bem-estar físico do que a uma doença. Uma ansiedade roía-o. Não teve tempo para pensar nisso; acordara tarde e tinha de correr para o trabalho. Não leu nenhum jornal. Subjacente, porém, a inquietação flutuou todo o dia, entre duas águas.

À noite, ao regressar a casa, ouviu no «Metro» duas raparigas que falavam duma bailarina que se atirara à água. Comprou um jornal no primeiro quiosque e leu à luz dum candeeiro, debaixo de chuva, no passeio empoçado, a notícia de rua que excitava, por algumas horas, a pasmaceira dos pequenos burgueses de Paris. O que lia, já o tinha lido, já o soubera, durante o sono agitado da última noite. Colombe, desvairada, fugira, correra a direito até o Sena e atirara-se à água junto da ponte de Saint-Michel. Tiraram-na do rio e levaram-na, semi-morta, para o hospital de Hôtel-Dieu. Só no dia seguinte fora conhecida a sua identidade. Estava ainda demasiado em perigo, para poder ser levada para casa.

O nome da bailarina ardeu com breve clarão nos jornais: o que não tinham podido fazer as suas figuras no tablado, o seu mergulho aureolava-a com

um fogo de Bengala. Acerca das causas do seu acto de desespero, as línguas desenferrujavam-se. A de Marcos secava-se-lhe na boca. O rapaz estava petrificado de horror. Não dava pela chuva que o encharcava. Errava pelas ruas e pelos cais e foi dar à ponte Sant-Michel. Observou as sombras negras dos arcos e as vidraças iluminadas do hospital. Voltou para casa febril.

Marcos, nos dias seguintes, levou a sua gripe para o trabalho e à residência do bairro da Étoile, onde foi saber notícias de Colombe. Disseram-lhe que não tinha voltado. Do hospital já havia saído. Não sabia onde colher informações, pois, por nada do mundo, voltaria a ver Bernadette. Esta não fez nada para o voltar a ver, embora nada fizesse, aliás, para o evitar. Conseguira o que queria: a sua vitória, o apaziguamento do obscuro desejo que a devorava havia anos.

Esse apaziguamento impedia qualquer remorso e adormecia por muito tempo a sua fome. Só lhe restava envolver o segredo do seu triunfo nas asas macias do esquecimento. Retomara os hábitos da sua vida doméstica, que uma meia noite de delírio, friamente calculado, apenas interrompera. O ruidoso mergulho de Colombe irritou-a: obrigava-a a pôr na mesa a vasa trapaceada ao jogo e ganha; sobretudo introduzia na respeitável família Verdier-Passereau a intrusão da opinião, o nariz no ar do «que dirão?» Nem sequer mandou saber notícias da irmã, pois o escândalo afectava-a na «sua honorabilidade».

Uma noite, ao regressar do trabalho, Marcos encontrou junto de casa, observado descaradamente pelas raparigas de vida fácil do bairro, um padre que passeava dum lado para o outro. Era Ange e tiveram no quarto de Marcos uma longa e estranha conversa. O bom sacerdote informou Marcos de que Colombe, convalescente duma pneumonia, se retirara para um recolhimento semi-religioso da província e se recusava a voltar para a sua antiga resi-

dência ou para o teatro. Ange que passara horas à cabeceira da irmã e ouvira da sua boca confidências ou as recebera, ainda quentes e nuas, saídas do delírio da febre, da enfermeira que velava, sabia mais do que dizia e, provàvelmente, mais do que se passara.

Marcos bem via que Colombe não fizera segredo da sua paixão por ele; mas Ange supunha que o rapaz correspondera a essa paixão e que tinham sido amantes. Talvez ela própria, à força de o desejar, o tivesse julgado assim. Em todo o caso, deixava-o supor. O bom cura, abanando a cabeça, olhava para Marcos com ar de censura, embora afectuoso. Tinha o ar de querer dizer o que não dizia e de esperar o que Marcos também não dizia... Que pretendia?... Hesitante, tossiu, falou doutro assunto, do próprio drama conjugal de Marcos de que estava bem informado; mas a palavra «conjugal» não foi pronunciada, como tinha o cuidado de não dizer a «sua mulher». Para ele, a união sem o sacramento, não era válida, e a ruptura, em suma, reconduzia Marcos ao bom caminho.

O padre fazia rodeios, tacteava o terreno... Sùbitamente, Marcos compreendeu: o santo homem desejaria que Marcos, tornado livre, desposasse virtuosamente Colombe. Assim, depois da penitência, todos os pecados seriam remidos, *ad majorem gloriam Dei* e de acordo com os interesses da família. O padre Ange era sincero na sua pena; sincero também o era o bom irmão, que desejava o bem da sua irmãzinha, e o astuto camponês de Paris que não esquece as leis humanas e os seus cordelinhos. Só restava a Marcos zangar-se ou fazer-se desentendido. Foi o que fez. Pareceu sofrer duma deplorável surdez. O padre Ange bem tossia e elevava o tom da voz. Só, num terreno movediço, deu alguns passos, enterrou-se, parou, olhou para Marcos, compreendeu, suspirou e, sem rancor, despediu-se e foi-se embora.

Marcos tinha pena de Colombe, mas não sentia

nenhuns remorsos quanto a ela. Era por causa da outra que os tinha. Era remorso ou despeito? Embora houvesse poucas possibilidades de a outra o saber, sentia-se mortificado por ter caído na mesma armadilha que o seu orgulho e a sua paixão tomaram como argumento para lhe dar o direito de desprezar Assia. Ainda por cima, fora encontrar no fundo da armadilha, em lugar duma pomba, uma pega. Isso parecia-lhe vergonhoso, duas vezes vergonhoso, como se fosse o caso duma raposa apanhada por uma galinha magra. Esse desaire, que o irritava contra Bernardette, fê-lo, por ricochete, meditar sèriamente a respeito do seu próprio caso.

Teve de reconhecer que não estava de modo nenhum autorizado a condenar sem remissão as fraquezas dos outros e que, entre o homem e a mulher não havia nada a lançar em rosto, pois não valiam grande coisa! A ocasião fazia mais do que a vontade! Marcos tão orgulhoso da sua, sentia que ela não pesava muito quando a grande fome se ergue do corpo. Não só fome de amor. Todas as loucuras, todas as paixões, em que o excesso de sangue do ser sobe à garganta da consciência e a afoga... Há um só remédio: servir-se dessas torrentes como dum grande fogo que alimenta os altos fornos e que as paixões e o desejo sejam a esporada que faz galopar as forças da acção! *Primum agere*... A acção é sadia e necessária. Onde exercer, porém, a acção?... Assia tinha razão em ir procurá-la longe dele. Tê-la-ia encontrado?

ASSIA corria pela Europa, no rastro da caça; mas ainda não a tinha apanhado. Milhões de homens, de homens e de mulheres — sobretudo de menos de trinta anos — corriam como ela. Desde que passara a fronteira, encontrara essas multidões febris da juventude que corriam, corriam, a tropeçar, a chocar uns contra os outros como carneiros, a caminho dum futuro vertiginoso. Era, naquela Alemanha de depois da guerra, um caos de almas perdidas até ao desespero furioso. Estava destruído tudo em que tinham acreditado: estado, família, sociedade, todas as tradições do pensamento, todas as formas de certeza e até a noção de certeza.

Toda a crença em algo estável e absoluto era repelida como uma mentira ignóbil e uma cobardia. Aqueles rebanhos de jovens danados de Dante que o egoísmo insensato dos vencedores franceses desencadeara como tornados dentro das paredes da sua prisão triste, nua de esperanças, tinham um único furor comum: o ódio contra as paredes que os sufocavam, contra a calma, contra a ordem, contra a segurança estúpidas dessa prisão do passado, que a França de então, enriquecida, satisfeita, a arrotar de vitória, simbolizava aos olhos do mundo, e cuja obesa arteriosclerose pretendia opor-se ao caos, à

desordem, ao combate, que são a circulação necessária do sangue do mundo.

Todos os rancores da derrota, todos os sofrimentos da ruína, eram hàbilmente captados, disciplinados, mobilizados, pelas astuciosas potências inimigas da França, pelos cínicos capitalistas alemães exploradores da miséria alemã e pelos pescadores de águas turvas das convulsões sociais, contra a França, único bode expiatório, única morta viva, única tornada responsável pela agonia atroz do mundo em revolta que pretendia ligar ao seu cadáver a apodrecer.

A imbecil suficiência dos Poincaré, Painlevé, Herriot, Tardieu — (todos se equivaliam no contentamento obtuso de si próprios e da sua certeza!), a segurança assassina de terem no bolso a verdade morta e o progresso ossificado, que tinham conquistados os seus antepassados dos Imortais Princípios sepultados (que cemitério!) levavam água ao moinho... «Moleiro, dormes!...» O moinho moía desespero e ódio. Preparavam-se novas guerras do Direito, que uma nova ideologia alimentava: direito à vida, direito ao movimento, às mutações, às explosões da massa humana comprimida que fermentava, direito ao caos...

O direito ao caos era um dos que a Alemanha aproveitava bem. Em todos os tempos, o caos fora o seu elemento. O espírito alemão compraz-se nele a pretexto de que o caos renova... *Stirb und werde!*... Pràticamente, porém, tudo acaba por organizações militares. Precisava de tanques fortes e de condutas a toda a prova onde lançar o metal fundido fumegante, para ser utilizado pelos fins dos Krupp, Thyssen, Hugenberg, das indústrias e dos negócios que presentemente dirigem o mundo.

Assia recolhia disso alguns ecos, no seu trabalho de estenodactilógrafa, que lhe fazia registar, como uma máquina viva, os conciliábulos dos delegados franco-alemães das grandes firmas da indústria pe-

sada. O seu virtuosismo técnico sem par e a sua inteligente impersonalidade, que a fazia apagar-se como se usasse no dedo um anel invisível, permitiram-lhe ocupar postos de confiança, no séquito dos grandes senhores franceses da política secreta e da finança. Só dela dependia aproveitar-se disso. Aproveitava apenas para a sua experiência e para a sede de vingança que acumulava secretamente contra a sociedade.

Assia acumulava também bastante desprezo pelas multidões de pobres, de explorados, de boas pessoas, que se deixavam conduzir por meio dum anel passado na ponta do focinho. Na Alemanha, faziam deles tudo quanto queriam. Graças à sua incoerência congénita, a essa febre cerebral que elegeu domicílio dentro do crânio de dois terços dos Alemães, daqueles que pensam ou julgam pensar, arregimentavam a sua revolta ideológica, sob o uniforme dos esclavagismos e dos fascismos, existentes ou por vir, da finança e da violência, dos castradores da liberdade.

Assia não compreendia por que todas essas correntes e todos esses ventos furiosos embatiam contra as paredes e carambolavam em ziguezague, ou então giravam em espiral, em lugar de meterem pelo único canal que se abria a Leste. À parte, porém, alguns núcleos comunistas, o orgulho obscuro e tenaz duma raça germânica privilegiada, o cretinismo ideológico do homem «ariano» 100%, fazia até aqueles que desejavam a Revolução, ao preço do próprio sangue, pretenderem-na, sem o confessar, *made in Germany*. Os esclavagistas aproveitavam com isso.

No entanto, por que não se metia Assia pela porta do Leste, por essa saída a que tinha preso o seu olhar? Andava à volta dela, aproximava-se, o vento da porta aspirava-a, sentia-se puxada por ele. No último momento, porém, recuava e arrancava-se à sugadora... Porquê? O seu verdadeiro lugar era lá. Persuadia-se disso, de dia para dia.

Outros também lho davam a entender. Não passava ignorada em Berlim ou em Oslo. Uma vigilância acompanhava-a. Djanelidze assinalara-a e sabiam que era uma sua aliada voluntária postada no campo inimigo.

Assia não esteve muito tempo sem reconhecer que não era a única nessa situação. Tal como nas vésperas das grandes invasões, os bárbaros se alistavam nos exércitos de Roma, a Revolução infiltrava-se nos grandes quartéis generais capitalistas, nas fábricas, nos escritórios, nos ouvidos aplicados às portas e nos dedos ligeiros que copiam os segredos dos estados-maiores. O olhar de Assia prendia-se a um ou outro dos seus colegas, dos seus cúmplices ignorados, inesperados, dactilógrafas ou secretárias dos grandes capitães da indústria. Farejavam-se sem dizerem uma palavra: o cheiro do clã! Não havia necessidade dum alistamento pago. O melhor alistamento é o do espírito livre, o do sangue.

Quando uma civilização treme, na véspera duma erupção, a crosta da terra fende-se, e pelos seus veios espalha-se o sopro de fogo. Pode comunicar-se, sùbitamente, tanto a um burguês filho de burguês do Ocidente como aos desclassificados ou desenraízados. O abalo de toda a economia europeia pela guerra, a ruína, a inflação, as falências, o desemprego, a fome, entregavam o corpo da Europa à invasão de todos os micróbios revolucionários. É por acaso outra coisa uma dessas grandes epidemias que fazem justiça aos organismos sociais arruinados e dão lugar, periòdicamente, a novas vagas de humanidade? O fenómeno manifestava-se mais implacàvelmente no centro da Europa, gretado à medida que se aproximavam do vulcão.

Assia, que era, contudo, uma dessas torrentes de lava, não procurava entrar para lá; o seu declive levava-a, por muito que não o quisesse, para o Ocidente. Era, verdadeiramente, para o Ocidente? Ou nesse Ocidente, era apenas um lugar, um ponto, um

Iman? Defendia-se disso. Só nos defendemos do que nos tem. Não ganhava nada em irritar-se. O seu corpo e a sua alma não tinham voltado a ser de sua plena propriedade. Outro sangue estava misturado com o seu. Não podia livrar-se dele. Teve de fazer inquietantes verificações. Solicitada, indirectamente, para comunicar aos seus companheiros de combate o relatório das deliberações secretas de que o seu emprego a tornava testemunha, não teria nenhum escrúpulo em fazê-lo, pois não tinha em sua consciência deveres para o inimigo.

No entanto, foi-lhe impossível fazê-lo. Parecia que uma tenaz, um freio, lhe apertavam a garganta. Quis passar por cima disso. Revoltou-se; mas a tenaz e o freio puxaram-na para trás. Roía esse freio. Reconhecia muito bem aquele cujos escrúpulos orgulhosos a retinham, o freio em que a sua boca se ensanguentava. Sentia o gosto de ferro na sua língua... Ah! Se pudesse sentir também a língua!... Por não a encontrar na própria boca, mascava a sua como se fosse a outra — com cólera e volúpia.

Assia não era mulher que se deixasse enganar por muito tempo. Sabia ver aquilo que não queria ver. Tinha-a ainda, então, esse Marcos odiado e repelido? Que tinha ele de que ela não era capaz de se descolar? Tivera vinte ocasiões de substituir esse companheiro. Nada a impedia... Não o fizera. No último momento, o outro (não, o outro não; um e único...) interpunha-se. Porquê o único? Não o fora, antes. Por que o seria, depois? Revoltava-se, insultava-o, punha-o a nu, para o amesquinhar, como a uma lebre magra de que o comprador apalpa os flancos no mercado. Era feio e esgrouviado, fraco e violento, terno e brutal, uma labareda doida, intermitente, medíocre na cama e apaixonado; triste caça... «Tome a sua lebre! Quem quiser que lhe pegue!... Atiro-lha à cara...» Apenas atirada: «Deixe ver! É minha!...»

Não queria, porém, ser dele, que ele dominasse

o seu espírito. Aceitou e marcou encontros, para se desenfeitiçar... «Espere-me à esquina!»; mas não ia... O único que esteve a ponto de a apanhar foi João-Casimiro, a quem encontrou e lhe fez uma corte descarada. Era por ser, para ela, um falso *alter ego* de Marcos. Ele, o gatuno, era, talvez, para fazer a partida a Marcos que pretendia pilhar o seu ninho. Logo, porém, que Assia o compreendeu (não demorou muito), lançou-lhe um olhar de raiva e odiou-o, odiou com desprezo, como à lama dos seus sapatos. «Marcos! Meu Marcos! De que serve que, para te fugir, te busque por estes vergonhosos artifícios? Que tens, então, tu para me prenderes?... Ah! Tens isto: sejas o que fores, és meu!»

Assia encontrava-se presente a um dos conciliábulos do seu patrão, o delegado do grande cartel da indústria, a fim de estenografar a discussão, quando se entregou a esse monólogo. Marcos, o seu Marcos, caíra-lhe em cima; cobria-a com as suas compridas asas, com os seus membros magros: «Meu magricela! Meu passarinho depenado! Meu coelho esfolado, todo carcaça, com as pernas que nem andas, os joelhos como picaretas e as duras mãos doces e febris que fazem nódoas negras... Os teus furores, as tuas fraquezas, ora criança, ora tirano, as tuas carícias, os teus insultos, os teus tormentos que magoam, que flagelam, e depois mendigam uma palavra terna de consolo, que curam o meu seio e o mordem ou o sugam!... Brutinho! Querido!... Vinguei-me. Não é bastante!... Morde-me mais! Mais forte!... Ah! Como desejaria fazer-te gritar!...»

Escrevia isto sem dar por isso. Encontrou-o estenografado, no meio das contas do carvão e do aço. Pouco faltou para o ter desenhado, em grosso (em magro) e a retalho. Ficou de boca aberta, quando, ao despertar, deu com essas páginas cabalísticas. Apertou os lábios e riu para dentro: «Marcos, meu Marcos!... Não vale a pena continuar a enganar-me! Engano todos, excepto a mim...»

A partir de então, Assia teve de confessar que gostava de tudo de Marcos, até, e sobretudo, do que nele a ferira mais... A sua altiva intransigência, a sua independência ainda que sem acção, sem objectivo, sem dureza, pareciam-lhe belas agora, sadias, boas para usar, boas até para justar com elas a ponto de fazer sangue, quando as comparava a todas aquelas almas de vasa, feitas de lama e de escarros... «Preciso de ele! Pouco me importa com a sua vontade... mas se, no entanto, é já demasiado tarde? Se refez a sua vida?... Ora, desfá-la-á!...»

Apesar de tudo, não estava tranquila. Não sabia nada de Marcos. As cartas de Anita, que aguardava ansiosa, falavam-lhe de ela, do pequeno, mas não lhe falavam do único de que esperava ver o nome e as notícias. Não as podia pedir. João-Casimiro, pèrfidamente, para se vingar (não ligava a isso grande importância), comunicou-lhe um boato de Paris que, a propósito de Colombe tirada do Sena, dava a entender aos iniciados que ela caíra, não de Caríbides em Cila, mas dum rio noutro (*). Assia compreendeu a alusão e cravou as unhas na palma da mão: «Porca comediante!...» Se estivesse na ponte de Saint-Michel, ter-lhe-ia, antes, metido o bico debaixo de água. «Ah! queres representar? Representa então o teu papel!...»

Assia voltou para Paris. Havia uns dias que hesitava, com a mala feita, que desfazia todas as noites. A última notícia decidiu-a. Tomou o comboio. Precisava de estar, embora sem o ver, mais perto de Marcos. Não se tratava de se render! No comboio que a conduziu, revia, obstinadamente, o processo, com redobrada hostilidade. Admitia ter cruelmente ferido Marcos. Aceitara casar com ele, sem nada ignorar do que ele era, do que esperava que

---

(*) Jogo de palavras com o apelido do protagonista; Rivière (rio) que se repete noutros passos da obra. — *N. do T.*

ela lhe desse, do que conservava para ele. Decidira-se, pensasse o que pensasse, a aceitar lealmente, na sua união, as limitações morais, sociais, do seu companheiro.

Admitia que, no primeiro arrebatamento da dor e da cólera, Marcos lhe tivesse batido, até que a tivesse matado. Estava pronta para isso: «são os riscos do ofício», como dizia o rei apunhalado. Não devemos fugir das consequências do que fazemos. Não suportava, porém, que ele a tivesse ultrajado e desprezado. O seu orgulho ficara tão ferido com isso como o seu sentido de justiça. Não via (talvez visse) que a paixão por ela continuava a viver em Marcos sempre igual em violência e desprezo e que esse desprezo provinha da paixão desesperada. Ainda nesse momento, no barulho do comboio, o seu sangue fazia um barulho maior e Assia repetia: «Jamais lhe perdoarei!»

Assia voltou a ver Anita e Vania. As duas mulheres conversaram acerca de tudo, salvo de Marcos. Anita evitava, cuidadosamente, falar do filho; era preciso que a raivosa fosse a primeira a falar de ele. Ora, Assia deixaria quebrar antes os dentes do que descerrá-los para proferir esse nome. Visitava, com frequência, a casa de Anita e procurava, para voltar lá, pretextos absurdos. Esperava, esperavam ambas, a espiar os lábios uma da outra. Até o momento em que Vania, que não tinha razões para se calar, e que talvez tivesse sido soprado pela avó, perguntou claramente, de nariz espetado:

— Quando voltas a dormir com o papá?

Assia empalideceu, corou, levantou-se furiosa, de testa franzida, toda eriçada; e saiu. Na escada, porém, riu-se e pensou: «O indecente! Que atrevido!» Depois, lembrou-se de que talvez Anita lhe tivesse ensinado a lição e impôs-se, para a castigar, não a ver durante um mês. Aguentou apenas uma semana. Depois, voltaram a ver-se todos os dias; mas estava resolvida a não ceder.

Marcos não era menos teimoso. Aceitava melhor confiar-se mais intimamente à mãe. A sós com ela, voltava melancòlicamente ao passado e não temia confessar o que era contra ele; não acusava os outros, mas a si próprio: os seus erros e o irreparável que causaram. Havia longos diálogos — entrecortados de grandes silêncios — ternos, amargos, irónicos e desprendidos, entre o filho e a mãe, sobre a loucura do amor que quer açambarcar para si um outro ser, as suas exigências tirânicas, as suas violências e furores infantis, o seu ciúme assassino. Como era ridículo e digno de compaixão!...

Anita observava o rosto emagrecido, precocemente envelhecido, do seu rapaz, as rugazinhas novas em volta dos olhos, a dobra da boca menos colérica, mais fatigada. O seu coração apertava-se. Sabia, porém, que só a lança de Aquiles podia curar a ferida que causara. Para a apanhar, bastava aos dois inimigos estenderem as mãos. Os dois loucos, contudo, recusavam-se a isso. Anita tinha a certeza de que ambos se amavam, ambos se queriam; mas nenhum deles queria ser o primeiro a querer. Só tinham querer para se destruírem.

Estavam, contudo, no extremo limite das suas forças; já não podiam mais não se ver! Marcos sabia que Assia regressara a Paris. Ambos tinham sido prevenidos por Anita dos dias e das horas em que recebia cada um, a fim de lhes evitar (dizia a boa mulher) a pena de se encontrarem. Arranjavam-se, de má fé, para se entreverem, nesses dias, nas proximidades da casa de Anita, cada um a procurar ver sem ser visto.

O interessante era que cada um ao entregar-se a esse jogo das escondidas, julgava ser o único a praticá-lo! De cada vez que, na rua, emboscados na porta dum estabelecimento, um agarrava com o olhar a silhueta do outro, o coração dava um salto no peito e sentia-se disposto a correr para ele, ou a cair, com as pernas moles, percorridas por ondas cálidas e

frias. Regressavam a casa esgotados, vazios de sangue, com a boca seca. Depois, o seu dia ficava perdido...

Uma tal situação não podia durar. A hora tinha de chegar. Chegou, um dia, em que Marcos estava em casa da mãe, quando Anita se decidiu, por fim, a sugerir a possibilisdade duma aproximação. Marcos recusou-a com clareza; cortou, pela raiz, rudemente, a proposta. Assia espreitava no outro passeio, em frente da porta de entrada. Esperava, por detrás dum camião, que Marcos saísse; mas ele demorava-se. Ela não se pôde conter mais; atravessou a rua e entrou em casa de Anita. Queria sòmente aproximar-se. Esperou, de ouvido à escuta, no começo da escada. Quando ouvisse abrir, no quarto andar, a porta de Anita, voltaria a sair. A porta abriu-se, e Assia subiu.

A sua vontade não influiu nisso; eram as pernas que a levavam. Subiu como uma sonâmbula. Não havia vestígios de qualquer reflexão. O ouvido, porém, amplificado, era uma caixa de ressonância onde soavam os passos do que descia. Deram um pelo outro a meio caminho: Assia acabava de atingir o patamar do segundo andar; três ou quatro degraus acima, numa volta da escada, Marcos descia. O sangue parou-lhes, mas os seus passos de autómatos não se detiveram. Em lugar de esperar no patamar, Assia, na sua perturbação, continuou a subir a escada estreita que mal deixava lugar para passarem duas pessoas. Passaram, muito direitos, rígidos, sem olhar um para o outro, roçaram-se, quase a cair: Marcos encostou-se à parede e Assia quase se suspendeu ao corrimão. Ele não respirava; ela, de boca cerrada, soprava pelo nariz...

Passaram um pelo outro... Marcos já estava no patamar. Voltaram-se ambos, ao mesmo tempo. Correram um para o outro... Marcos agarrou por baixo dos quadris Assia, que o dominava de dois ou três degraus. O rosto de ele ficava-lhe à altura do veu-

tre; afundou-se nesse ventre traidor, nesse ventre sagrado — o seu lar — perdido, reconquistado!... Assia perdeu o equilíbrio, escorregou pelos degraus e encontrou-se no patamar, boca com boca: todas as comportas se abriram...

Com o ruído do escorregão, no andar de cima abriu-se uma porta. Separaram-se. Que fariam? Onde encontrar o ninho e desaparecer no fundo do abismo da alegria reencontrada? Em casa de ele? Em casa de ela? Não tinham forças para andar, não poderiam fender os cardumes da multidão na rua. Não queriam ir afogar o seu amor nessa onda... Só havia uma saída: fugiram para cima até a porta de Anita.

Anita abriu e encontrou-os de dedos enlaçados, a devorarem-se com os olhos, como os amantes de Rafael no Transtevere. Teve sòmente um gesto de surpresa; riu de felicidade e afastou-se para os deixar entrar. Precipitaram-se para o interior. Não foi dito mais nada; «Os povos felizes não têm história...» Anita fechou sobre eles a porta do seu quarto. Passaram lá toda a noite.

A mãe ficou no outro quarto, sentada à cabeceira da criança. Conversava com o pequeno a meia voz. Vania estava muito intrigado, curioso, contente, demasiado informado. Adormeceu risonho, a segurar as mãos da avó... Na noite, Anita chocou a felicidade magoada, o amor que beija as suas feridas, o filho pródigo — e a filha também — os vagabundos que tinham perdido e reencontrado o seu lar. Voltaram. Tinha-os ali, do outro lado do tabique, na sua cama. Sobre o seu ventre, a mãe comprimia as suas mãos felizes; e, nesse ventre, estavam os seus dois filhos.

Segunda Parte

MAIO FLORENTINO

«APANHOU-A, beijou-a nos seus lábios doces, apertou-a contra o seu coração. Estiveram um bocado deitados e do resto também fizeram alguma coisa... Vamos, basta! Não direi mais nada...». Assim diz o conto popular de «Maria-a-Bela-Trança-Negra», que a «Trança-Negra», Assia, cheia de contos, contou a Vania, mais de uma vez.

Aquela lua não se parecia com a primeira lua de mel. Não era o mel das flores, o mel da Primavera; mas um mel de Outono (no entanto, eram tão jovens!), mel de pinheiros, de perfume acre, sombrio e doirado. É o mais ardente o amor amadurecido pela dor; não se prodigaliza em jogos inúteis. Só tem necessidade da presença, ali contra si, do bem amado. Não se cansa de o apalpar com todos os seus sentidos, com o que a vida nos dá, o corpo apertado, que nos desenha e nos limita sem nos conter inteiramente... «Bem amado, bem amado, és, com certeza, tu?...»

«Amantito, amantito,
Amante, amante,
Las pestañas me estorbam
Para mirarte!» (*)

(*) *Coplas* populares espanholas.

Voltaram a cair extenuados...

«Arrimado a mi querer
Como las salamandrinas
Se arriman a la pared.» (*)

O lagarto dorme de olhos abertos... Os olhos não vêem, bebem o sol. Aquilo que vêem é o flanco cálido contra a muralha, é todo o comprimento do corpo estendido... «Estás aí?...» Não tem sequer força para se mexer... Uma lassidão imensa, séculos de lassidão a reparar... Quem sabia que havia aquelas noites, aquelas noites sem sono a recuperar? Até quando pensavam dormir, nesse meses de exílio, longe da sua terra, esgotavam-se em sofrimentos e lutas, e a saudade insaciável corroía-os... Agora que se têm que se «re-têm», nem sequer sentem forças para retomar a sua posse; basta que a saibam ali, contra os seus flancos. «Durmo, tenho-te; tens-me, durmo...» Assia dorme, dorme... Não acabaria mais de dormir...

Quando começavam a despertar (por intermitências, nunca ao mesmo tempo), contemplavam a seu lado o outro adormecido. Assim como Psíque a segurar a lâmpada, perscrutavam o corpo do amado e o seu rosto, como um livro de amor magoado, que, no sono, se trai. Sentiam ambos uma comoção ao ler os segredos de dor e de revolta, que, durante os meses de separação, deixaram os traços das suas unhas nesse rosto conhecido que já não conheciam. Era o mesmo e outro... Que mudou?... Enquanto interrogavam o espelho desse rosto, daquele que dormia, descobriam, por reflexo, a imagem do seu. O seu também, o que velava e observava, já não era o mesmo, era outro... Que mudou?... Em ambos,

(*) *Coplas* populares espanholas.

dera-se um profundo trabalho de lavoura. A charrua passou e as sementes germinaram...

As primeiras de todas, primeiro grão: outro amor. O de antes ardeu. Outro brotou: um amor feito de gratidão e abnegação apaixonada. À custa dos seus sofrimentos, descobriram o que eram um para o outro e que não podiam viver um sem o outro. Quebrou-se o orgulho que os opunha um ao outro. Que felicidade ter-se quebrado! Abriu-se a porta entre os seus corações... «Sou o teu lar. Habita-me! Fico vazio, se me enches... Ah! Que maravilha, como diz Gorki, uma criatura humana!... Por que há-de ser esta? Não sei; o que sei é ser esta a quem amo. O seu amor faz-se ressurgir de entre os mortos... E fui eu quem a crucificou!...» (Assia, debruçada para o corpo de Marcos adormecido, beijava a chaga do lado...) «Nunca mais o farei sofrer!...»

Lia nos olhos de Marcos desperto o mesmo medo de a fazer sofrer, a mesma terna solicitude. Ambos, feridos, eram prontamente advertidos dos frémitos que afloravam a epiderme do amado. Essas atenções, que se manifestavam de mil maneiras imperceptíveis, modelavam o fundo da alma. Cada um se esforçava, em segredo, para fazer o que pudesse dar satisfação ao outro. Tinham um sentido de humildade mútua que lhes era desusado. Não se tratava já de ter razão contra o outro; era preferível não ter razão. Assia já não procurava impelir Marcos para fora dos seus limites ou antes de tempo. Colhia a sua alegria, nesses dias de «reencontro», em adaptar o ritmo dos seus passos aos do amigo. Bastava-lhe saber que caminhavam juntos... «Vai com o teu passo! Não te apresses! Estou a teu lado; temos tempo!...»

Ainda que Marcos não pudesse, sem forçar a sua natureza, atingir o fim que parecia natural a Assia, esta não faria questão de atingir esse fim sem ele. A sua primeira obra, o seu primeiro dever e a sua

felicidade, eram (o coração sentia-o agora) ajudar o amado a realizar-se conforme a sua natureza. Era o seu filho — o seu verdadeiro filho — mais do que o pequeno. Dera à luz o pequeno, uma vez por todas; mas o filho grande trazia-o sempre nos seus flancos; fazia-o, chocava-o, modelava-o com a sua ternura e o seu sangue... Lembrava-se das palavras de Anita após a ruptura: «Somos a mãe. Devemos ter compaixão do nosso filho...» Lembrou-lhas quando se encontraram a sós:

— É verdade. Até na posse, o sentimento mais forte (o mais obscuro, mas hoje vejo-o com clareza) é o sentimento de ser a mãe. Temo-lo em nós e é a suprema doçura embalar, no nosso corpo, aquele que nos toma ao entregar-se: o nosso filho grande.

— É preciso — disse Anita — não lho mostrar muito. A mãe prudente sabe poupar o amor próprio do seu pequeno, que se julga grande. Deve aprender a boa ciência de lhe servir de campo de experiências para exercer contra ela, desajeitadamente, a sua força que desponta. Deve suportar com indulgência as suas injustiças e até saboreá-las com uma secreta volúpia. Aquele a quem amamos, o nosso filho, fazemos dele um homem, torna-se um homem à nossa custa. Isso é o amor, o amor que começa por uma ferida.

— Fui eu quem o feriu, ao meu rapaz. Não fui uma mãe muito prudente.

— Só o aprendemos a ser depois de não o ter sido.

— As virgens prudentes são, para si, as loucas do ano passado? Não lhes fecharia a sua porta?

— Fechá-la-ia antes às prudentes, que recusam emprestar o seu azeite. Não sou uma boa evangelista.

— Sim, emprestou-me o seu azeite e a minha lâmpada reacendeu-se. O esposo voltou. Tenho-o, tenho-o e guardo-o; não o deixarei mais soprar a

minha luz... «A claridade da lua!...» Velo pelo meu rogo.

Marcos via, debruçado sobre ela, a vigilante. Via o seu cuidado em abrigar com as suas mãos a chama do amor reacendido, o clarão róseo da lâmpada no rosto terno e preocupado. As atenções de Assia para proteger a liberdade de Marcos e não o tolher no seu desenvolvimento não eram perdidas para ele. Sentia-se comovido por ela estar disposta a sacrificar-se à sua própria lei. Não era homem para o aceitar. Sentia assim mais os deveres que contraía com ela. O acto de fé que ela lhe fazia obrigava-o a tornar-se digno dela; a não a desiludir na sua expectativa; a andar para a frente.

Não era que pudesse sacrificar-lhe jamais a sinceridade da sua natureza. Sabia (ela também, agora, sabia) que seria a ele que trairia se, por franqueza ante ela, se traísse a si próprio. A sua sinceridade era a sua fortuna, os bens próprios da comunidade. Era preciso velar por ela, mas sem fazer que ficasse improdutiva, que essa força interior se realizasse, que abrisse o seu leito de torrente entre as montanhas. Era preciso resolver o enigma das exigências contraditórias do espírito, e, das leis, que se opunham na alma de Marcos, fazer brotar a lei mais vasta que os abrange.

Foi nisso que se revelou a virtude inesperada do amor, do amor novo que renovava o sangue de Marcos pela ferida. Ao despojá-lo de certas cálidas ilusões da vida cega, do egoísmo da carne, dessa doçura de açambarcamento do outro sexo, o amor levava-o a despojar-se do egoísmo do espírito — o mais mortal — o das suas ideologias e dos seus absolutos de pensamento. Ajudava-o a passar dum plano de vida para outro, do individual ao social. Da mesma forma que, nesses primeiros meses de *Vita Nuova*, Assia encontrava uma alegria natural em subordinar a sua independência e o seu orgulho ao serviço amoroso de Marcos, este encaminhava-se para o sacri-

fício do seu individualismo caótico, levado pela mão das exigências de acção social e de combate que lhe inspirava, sem o saber, o amor de Assia.

A mulher não tinha necessidade de lho pedir. Bastava que ela se tornasse nele para ele se tornar nela e descobrisse como seu esse vigor dos instintos elementares que era essencial na natureza de Assia. É evidente que tal aliança dos dois pensamentos só era possível no paroxismo dos primeiros tempos em que os dois corpos se tinham reencontrado. O laço deveria, depois, afroixar e manter-se o lado a lado independente das duas vidas interiores. É essa a lei. Desde o momento, porém, em que esses pensamentos se tinham penetrado até o amâgo e misturado a ponto de cada um ser mais o outro do que si próprio, conservavam uma impregnação que não poderia mais apagar-se.

Sentiam ambos esse gosto na boca. Ainda que quisessem lavar as suas línguas (havia horas em que essa obcessão sabia a febre), não teriam encontrado água suficiente para o fazer. Tinham de viver com o seu mal — com o seu bem — com a alma do outro enxertada no próprio corpo. Sentiam-na latejar como um dente que vai nascer. Eram dentes novos. Tal como os animais jovens, procuravam objectos para roer, para afiar os dentes. Tinham fome; fome de acção.

SUBSISTIA uma diferença entre eles. A fome de Assia era toda prazer; porque era sadia e sem preocupações: «Tenho fome, como... Tanto pior para quem é comido!» A fome de Marcos não podia esquecer, contudo, o direito à vida do que é comido como o de que come. Toda a vida em acção caminha sobre vítimas. Nenhuma sociedade verdadeiramente nova se edifica a não ser sobre as ruínas da que existia antes. Essas ruínas não são pedras, são corpos com sangue. Para conhecer o gosto desse sangue, bastava apenas a Marcos lamber as próprias feridas. No combate que se impunha à sua vontade, encontrava-se, pela sua natureza, dos dois lados: os golpes que vibrava recebia-os.

A crueldade do combate era sensível duas vezes: batia e era batido. A ideologia da luta chocava com a sua: esse espírito da massa proletária, esse materialismo dialéctico, ofendia-o pessoalmente no seu aristocratismo inveterado de individualista intelectual que, faça o que fizer, precisa de crer nos privilégios da inteligência e da casta com a qual se identifica; se já não crê, sente-se perdido!... Marcos não conseguia libertar-se disso a não ser por uma reacção ascética, que se punia — a si e à sua casta — da sua reconhecida indignidade, ao condenar-se ao rude

serviço da classe proletária e aos meios de combate que esse serviço implicava.

Gastara até o fio as velhas roupagens do individualismo destrutivo e estéril. Vira de perto e tocara, nos seus companheiros intelectuais, a prostituição das ideias que lhe eram caras: a liberdade do espírito e a não-violência. Todos os ideólogos da burguesia, pequenos e grandes, tinham comércio com essas ideias; essas ideias-prostitutas procuravam-lhes a voluptuosidade barata da inteligência magnânima e cómoda, que não arrisca nada. Havia disso para todos os gostos: objectivismo, idealismo, esteticismo, honra, piedade, respeito, virtude, livre consciência individual, humanidade... Tinham passado por tantos leitos que se adaptavam a todas as formas e todos os espíritos lhes serviam.

Esses homens evitavam assim o contacto penoso com o real, as mãos grosseiras, as mãos sujas e o sangue. Serviam-se das suas ideias, das suas prostitutas, para escapar às responsabilidades e aos riscos da acção social. Não era apenas, nos melhores, a pusilanimidade, o medo do sangue; era sobretudo o secreto orgulho ferido. Desejavam, em rigor, devorar-se pela causa do povo, mas sob condição de não perderem o seu lugar de honra, de continuarem a ser o escol privilegiado que dirige as massas mal educadas, os professores que dão aulas *ex cathedra*. Sob a ficção da democracia, não admitiam, sem ousar dizê-lo, a insolente igualdade dos proletários, aceitavam-nos, mas nas fileiras.

Quando a necessidade os forçasse, como na Rússia, a cooperar com as massas, por mais que fizessem, teriam de conspirar, ou em pensamento ou de facto, para estabelecer a oligarquia dos técnicos, da matéria ou do espírito. As suas origens proletárias ou pequeno-burguesas, na maioria, não os impediam de ter uma atitude protectora em relação àqueles para quem olhavam como menores. Em todos os tempos, os mais desdenhosos com o povo ou os mais

duros foram aqueles que, saídos do povo, se elevaram pela habilidade ou à força do pulso.

Os intendentes do antigo regime eram cães de guarda dos privilegiados. Os intelectuais e técnicos são hoje os cães de guarda da ordem burguesa. Marcos estudara-os a fundo. O que o ajudara a ler os seus pensamentos ocultos no fundo da cabeça fora o facto de na sua própria cabeça ter o mesmo pensamento, que tivera de extirpar. Era por isso que punha mais energia em combatê-los, pois neles era ele, era um dos seus «eus», um «eu» renegado, que combatia.

Numa noite de luta febril consigo próprio, uma dessas noites de 4 de Agosto (*) em que cada um se liberta dos seus privilégios, Marcos libertou-se da sua liberdade individual, para se colocar ao serviço da acção comum das massas que querem renovar a ordem social. O seu espírito não estava, porém, muito seguro acerca do lugar que ocuparia na ordem de combate. Não podia ultrapassar a noção do sacrifício; a da violência chocava-o. Por efeito da mesma reacção apaixonada que o obrigava a dominar, duramente, o seu individualismo, o seu espírito recusava-se a admitir, para si, o emprego dessa violência para a qual demasiado o impelia o seu temperamento.

Sabia, por experiência, que se metesse lá o pé afogar-se-ia. Tinha algumas razões para supor que, na maior parte dos casos, sucedia o mesmo. A violência é um vinho demasiado forte para os homens. Basta-lhes um copo para perderem o domínio da sua razão. No entanto, a Europa de hoje não pode actuar sem ela. Há muitos séculos que está habituada a esse álcool. Para a curar disso há que a fazer? Não são as palavras que operam. É sòmente

---

(*) Alusão à noite de 4 de Agosto de 1789, em que os nobres, em França, abdicaram dos seus privilégios e foi estabelecida a igualdade civil. — *N. do T.*

o exemplo da acção. É o sacrifício; mas ao serviço da ordem de combate.

Uma tal decisão apelava para as mais heróicas e puras energias. Faltava-lhe, porém, o toque de luz: a alegria que, só, aureola a acção. O grande esforço para se purificar, se sacrificar, renunciar, envolvia o jovem numa secreta melancolia. Ocultava-a a Assia, que não prestava atenção, pois a sua natureza, cuja substância não era menos complexa, mas de epiderme menos delicada, importava-se pouco com esses escrúpulos da acção.

Respeitava em Marcos os problemas que o atormentavam; mas deixava-o resolvê-los sòzinho. Bastava-lhe ter aceitado, antecipadamente, segui-lo na linha de acção que escolhesse. O amor fazia-a ter confiança em Marcos; mas que ele escolhesse e actuasse! Tudo, nessa mulher cheia de seiva, era acção, até o amor. Era uma árvore voltada para o sol, a vida em andamento, a onda dos dias. Conquistemos o dia! Dia após dia, tomemos o dia! A introspecção não é do nosso tempo.

Se Marcos queria dar parte a alguém dos seus debates de pensamento, era à mãe que procurava. Já saída da acção até meio corpo, banhava-se nela dos joelhos à planta dos pés e era feita para compreender a dualidade trágica do seu rapaz. Via-o sempre apaixonado pela vida, mas já não susceptível de ser enganado por ela: ao estreitá-la a si, julgava-a. O clarão da sua chama erguia-se através da vida, para um futuro, para um além, que não via, mas que desejava e buscava como uma serpente cega que se distende.

O filho falava pouco à mãe dessa vida secreta. Comunicavam-na entre si por contacto. O seu sangue ficava assim no mesmo grau de temperatura: atingia em comum o seu ponto de equilíbrio. Era o principal benefício desses colóquios incompletos, pois Anita podia muito bem ler no seu rapaz, mas não podia ler, para ele, mais além; era incapaz

de lhe aconselhar o que devia fazer. Marcos encontrava-se assim entre as duas mulheres que o amavam, mas que não podiam ajudá-lo a caminhar, a não ser se caminhassem a seu lado. Estavam prontas a acompanhá-lo para onde quer que fosse, mas não podiam, ou não queriam, dizer-lhe: «É por ali!»

Esperavam que ele lho dissesse. Marcos achava-o justo. Era ele o homem; mas querer, por elas e por si próprio, não simplificava nada o problema. Cada um dos três tinha a sua lei. Como encontrar o acorde perfeito das três notas que realizasse a sua plena harmonia? Enquanto esperavam que a inteligência o descobrisse, o instinto, mais prudente e mais sensível, encaminhou-se para ela. A permuta secreta das suas naturezas comunicava a Marcos, por Assia, a seiva ardente, o impulso de actuar, por Anita, a cabeça calma que contém as comportas da acção. Às duas mulheres, o rapaz oferecia o suporte firme, a árvore a que se fixar a vinha: casava-as.

CONFRONTAVAM as suas experiências durante os meses de vida à parte. As de Assia, na Europa central, eram pesadas de sentido, pois surpreendera, no seu posto de escuta, farrapos dos «segredos dos deuses», que completavam as revelações que Anita colhera na sua intimidade com Timão. Confirmavam as intuições e apreensões de Marcos, nas suas corridas de cão errante no asfalto de Paris. Era claro que a Europa e o mundo estavam entregues ao poder oculto de monstruosas forças industriais e financeiras que manobravam os estados. Democracias, fascismos, tudo lhes servia: reis dos Balcãs, príncipes vendidos que vendiam os seus povos, os *condottieri* e os *duci* a apontar os seus olhos como revólveres, as goelas a vociferar a guerra e os pogrons, os heróis do punhal, da moca e do rícino, ou então os pais nobres dos Imortais Princípios de 89, essas peras sorvadas, e os palradores dos Parlamentos.

Serviam-lhes Hitler, Horthy, Mussolini ou Pilsudski e — por que não? — os palradores de Paris, Praga, Londres, Genebra e Washington. Tudo pode servir, o banditismo e o idealismo, a nobre candura e a infâmia; basta pagar. O preço tanto pode ser a glória como o dinheiro ou o crime. Havia para todos os gostos! Os mais ingénuos eram

apanhados como os mais espertalhões: uma vez o dedo posto na engrenagem, todo o animal passava. O medo acabava por apanhar aquilo de que as lisonjas da vaidade e as ofertazinhas eram a isca: os grandes peixes eram ferrados pelo anzol.

A partida estaria ganha, sem duas condições: era preciso que esses senhores do mundo se entendessem para a partilha do mundo; e era preciso que se entendessem contra o único inimigo à sua medida que preparava a contra-ofensiva do mundo, a Rússia, que se armava por trás da muralha de aço fumegante dos seus grandes planos. Essas condições eram elementares. Uma criança tê-las-ia compreendido. Esses gigantes do dinheiro e dos negócios, membrudos e carnudos, tinham, porém, como dizia Timão, cérebros muito pequeninos.

Os seus grandes olhos de míopes, injectados de sangue, não conseguiam libertar-se das suas paixões antagónicas, das suas vaidades, dos seus interesses rivais, do momento presente. Durante anos, não foram capazes de fazer uma frente comum contra o inimigo. Esses compradores do mundo deixavam-se comprar; traíam-se mùtuamente por um bolo roubado ao outro, por um contrato contraído com o inimigo astuto que os beneficiava à custa do seu concorrente. Da mesma forma, tinham deixado crescer a enorme fábrica proletária que, dia e noite, forjava a sua ruína.

À undécima hora (já havia soado o primeiro quarto), acabaram por sentir a sombra da fábrica que se estendia por cima deles. Queriam estabelecer a união: a União Sagrada. Todas as trombetas e todos os sinos das suas igrejas a proclamavam. Era já tarde; a terra tremia. Os primeiros abalos tinham aberto brechas nas paredes do capitalismo. Alguns pilares maciços tinham, bruscamente, ruído: Stinnes, Timão, Loewenstein... Os que restavam, os mais fortes, tinham de fazer um bloco.

Assia assistira às tentativas para agrupar os

grandes cartéis industriais e os fascismos franco-alemães. Outros tentáculos se estendiam através dos mares, entre os países anglo-saxões, British Empire e United States of America, para recolar o *Oktopus;* absorviam os *bravi* à venda e os fascismos para todo o serviço da Itália e dos Balcãs. Uma nuvem de espiões e agentes provocadores zumbia, como moscas varejeiras, por todos os cantos. A França mantinha no seu próprio território um exército branco de mercenários, carne para metralha, pronta a ser lançada, em qualquer momento, aqui ou ali, no interior ou fora.

Entre Paris, Londres e Moscovo, por Praga, Riga e Varsóvia, era um vaivém de agentes secretos que se insinuavam na Rússia, para desorganizar, para sapar os trabalhos, para fomentar levantamentos, para cimentar o caminho destinado aos carros de assalto da invasão que, tolamente, com seis meses de antecedência, era cacarejada pela jactância dos generais brancos e o rei do petróleo holandês (*).

O «liberalismo» do Ocidente deixava andar. Os rancores dos socialismos, ulcerados pelas polémicas implacáveis dos vociferadores comunistas, fingiam não dar por nada. Uma oportuna surdez dispensava-os de intervir. Era preciso, por isso, forçá-los a ouvir. Também os intelectuais dos partidos da esquerda, gordos e quietos, que não queriam dar a impressão de se desinteressar do estrangulamento dum mundo novo, ainda menos queriam comprometer-se na sua defesa. Mostravam-se surdos e faziam «Méee!», como o pastor do advogado Patelin (**). «Espera aí! Vou despertar-te! O ruído dos S. O. S. acabará por te furar o tímpano...»

(*) Sir Henry Deterding, o magnato petroleiro da Royal Dutch. — *N. do T.*

(**) Alusão à comédia «L'Avocat Patelin», de Brueys e Palapart, tirada duma velha farsa e de que alguns ditos ficaram proverbiais em França.. — *N. do T.*

Onde instalar, porém, o instrumento? Marcos foi dos primeiros a organizar em França, com alguns rapazes que não tinham medo de se arriscar (tinham tudo a perder e nada a ganhar), grupos de propaganda da Rússia. Assia não fizera nada para o levar a isso. Nada mais do que ser, e ser amada. Marcos adivinhava-lhe os pensamentos como o cheiro da roupa. Entre dois companheiros de noitadas, o pensamento que tem necessidade de ser exprimido para ser aceite, é uma flor sem perfume. Exala-se do jardim de Assia ao seu cálido perfume de acácia. Era demasiado astuciosa para deixar Marcos perceber que levava nos pêlos do corpo o cheiro do seu pensamento: tinha o ar de seguir Marcos.

Em suma: ambos seguiam a pista que os levava ao seu verdadeiro destino, à acção justa, que é a maturidade de toda a vida cheia. Era a linha própria do seu desenvolvimento. Ajustava-se à da época, a caminho da Revolução necessária. Quando se fazem os grandes enrugamentos da terra, os regatozinhos seguem o declive dos grandes rios e juntos misturam as suas águas. A própria Anita que, pela sua idade e o seu trabalho de pensamento, chegara à parte inferior do declive onde a torrente se apazigua, tomava parte na mesma caminhada e, embora reflectisse um céu mais calmo, dirigia-se na mesma direcção.

Marcos juntou à oficina de encadernação do seu velho patrão, com o auxílio deste, uma tipografiazinha, donde saíam, irregularmente, as brochuras de propaganda e de combate social, as traduções de Marx, de Lénin, dos mestres da acção internacional, cadernos de documentação, apelos e panfletos que redigia. Assia era, naturalmente, a tradutora do russo e do alemão; e algumas vezes Anita, para o inglês e o italiano. A mãe, contudo, punha na tarefa menos ardor. Demorava as traduções, sobretudo quando eram de livros de economia ou de teorias sociais.

Anita fazia suetos com o pequeno Vania, a quem não deixara depois do regresso da mãe. Estava também absorvida pela sua vida de sonho, à medida que declinava o seu dia. Encontravam-na a devanear, como uma colegial diante do seu livro ou do seu caderno, de olhos ausentes. Era preciso chamá-la: «Eh, dorminhoca! É assim que guardas o nosso prado?...» Assia gostava de a abanar. Não desagradava a Anita ser abanada. Voltava, mas sem pressa, ao seu prado. Donde vinha não dizia a ninguém, embora Assia brincasse com ela para saber. A actividade galopante dos seus dois potros era um divertimento para Anita, que não procurava de modo nenhum moderá-la.

A mãe abriu-lhes outros horizontes. O seu velho liberalismo e as suas recordações da Roménia e da Itália faziam-na sentir mais vivamente os atentados dos fascismos nos países latinos. Conservara lá algumas amizades e contribuía para fazer da livraria de seu filho um dos lares da imigração antifascista italiana. Levavam lá a sua clientela menos rica de dinheiro do que de discussões. Não era fácil que se entendessem com o comunismo. Até entre eles próprios tinham dificuldade em entender-se.

Esforçavam-se por reconstruir um edifício democrático que a guerra minara e contra o qual as revoluções e contra-revoluções disparavam a tiros de canhão. Encontravam-se duplamente exilados: fora da sua terra e do seu tempo. Anita, compreendia-os, embora tivesse renunciado pelo seu lado a muito do que tinha, com a sua geração, acreditado e amado, aos ideais da sua juventude, que vira envelhecer com ela e dar lugar (é a lei da vida) aos ideais doutra juventude.

Por isso, Anita se tornara intermediária entre essas duas épocas de liberdade. Procurava fazer, mùtuamente, estimar por uns a grandeza moribunda do velho idealismo burguês, provindo das ruínas da Bastilha, e pelos outros a renovação do

mundo pelo materialismo heróico da Revolução proletária. Não pertencia ao número daqueles que se preocupam com as designações de escolas. Materialismo ou idealismo, chame-se como se chamar o fogo da vida, o que importa é que arda.

Marcos tinha tendência, como sua mãe, para simpatizar com os *fuoruscili*. A tragédia do seu destino, à margem do tempo, era-lhe secretamente aparentada, embora a sua vontade reflectida o afastasse disso. Tornava-se seu campeão. Assia achava que o seu D. Quixote defendia uma causa perdida. Impusera-se, contudo, a lei de não prejudicar as correrias do seu cavaleiro no Rossinante: gostava, embora risse delas, das suas compridas pernas e das suas lançadas. Estas valeram a Marcos o reconhecimento dos exilados e a honra, que teria dispensado de bom grado, de atrair as atenções dos agentes fascistas em França.

A ruazinha, pouco frequentada, onde se encontrava a livraria, animava-se com a presença de certos passeantes, que achavam um interesse extraordinário nas humildes vitrinas do local. A livraria tinha demoradas visitas de clientes, que folheavam livros, interminàvelmente, antes de se decidirem a comprar algum. Marcos recebeu, até em sua casa, admiradores italianos dos seus artigos, que manifestavam, com uma gratidão demasiado enternecida, um veemente antifascismo, cuja expressão fazia Assia arrebitar a orelha no corredor, quando fazia a guarda à porta do seu companheiro.

Marcos não era desconfiado. Era preciso lembrar-lhe que em política é preferível ouvir a falar, antes de actuar... Eram anos de moscardos, que pululavam na Europa desse tempo. Os da O.V.R.A. italiana eram especialmente irritantes em Paris. A colónia antifascista devia estar sempre na defensiva. Não era esse um dos seus menores motivos de perturbação, pois a ignomínia de pessoas, cuja honorabilidade parecia firmemente estabelecida, re-

velava-se dum momento para o outro. Até amigos, em quem tinham a maior confiança, mostravam, demasiado tarde, ser espiões da polícia secreta do fascismo, que iam colher as vítimas e atirá-las para as armadilhas.

Havia crescido muito, nas camadas turvas do após-guerra, especialmente entre a juventude desorientada, o apetite do lucro e da infâmia. Assia tinha um faro que raramente se enganava. Mais de uma vez queimara as asas de alguns insectos que se pretendiam introduzir junto de Marcos. Um certo tom, uma maneira de olhar, bastavam para os fazer eclipsar-se, sem vontade de insistir. Bastava, porém, uma hora de ausência. Marcos não sabia resistir aos apelos que dirigiam à sua compaixão ou ao seu orgulho e abria com facilidade a sua bolsa e a sua confiança.

O campo comunista pouco menos perigoso era. A guerra ensinara aos governos a utilizar os vícios vergonhosos ocultos na barriga de tantas «pessoas honestas» — *honnest Iago* — que só pretendem alimentá-los ou (ainda melhor!) ser alimentados por eles. As suas aptidões, que se ignoravam, para trair, espionar, denunciar, eram ricamente cultivadas. Conforme as normas experimentadas da velha santa Rússia dos czares e do grão-mestre em perfídias políticas, o *Intelligence Service,* sustentáculo do Império Britânico, os chefes da democracia francesa manejavam agora o agente provocador como um instrumento político.

Tinham-no, imparcialmente, em todos os campos da oposição, à esquerda, à direita, tanto entre o partido da Revolução como junto desses senhores do «Rey». O aparelho da polícia política crescera formidàvelmente em quinze anos. A exemplo do *Intelligence Service,* aspirava a ser um Estado dentro do Estado. Podia prever-se o tempo em que, para se manter, o primeiro-ministro deveria tornar-se o primeiro esbirro do Estado (ou o segundo: o sub-

-Chiappe (*). Só restava à liberdade uma hora para respirar antes de lhe torcerem o pescoço.

Façamos como Marcos, aproveitemos essa hora. Mais de uma vez, com os seus ataques, Marcos corria o risco de ser espancado (**) ou até alvo dum atentado, à noite, ao reressar, assaltado no vão duma porta por vagabundos patenteados. Não tinham, porém, contado com o revólver de Assia, que lhes fez frente e atirou para o monte: o ferido, porém, não se deu a conhecer. Depois disso, sem que Marcos nem Anita dessem por tal, Sílvia entrou em acção. Assia preveniu-a e as duas mulheres, que não gostavam uma da outra, fizeram um pacto em defesa do seu rapaz.

Sílvia tinha conhecimentos em todos os meios: na imprensa, no Parlamento. Gozava dos privilégios que em Paris são reconhecidos a certas vedetas femininas da moda, da vida galante e do espírito, sobretudo à medida em que se vão tornando maduras, pois para o nariz dos parisienses, as mulheres em voga ganham, com a idade, tal como o vinho, mais *bouquet*. Sílvia usou desse privilégio e da sua língua bem afiada para dar a saber a esses senhores da polícia que se abstivessem de fazer esperas ao sobrinho: era chão guardado, e cuidado com o escândalo! A Liga dos Direitos do Homem foi prevenida. Até o velho Rogério Brissot (***) foi metido no caso! (Se Marcos o soubesse, teria estrangulado Sílvia).

(*) Alusão ao reaccionário Prefeito da Polícia de Paris, posterior à época em que decorre a acção, mas que, no tempo em que o romance foi escrito, era um torvo ditador que dava ordens aos próprios ministros. Chiappe, que era corso, morreu num desastre de aviação durante a ocupação alemã. *N. do T.*

(**) O autor empregou a expressão «passage à tabac», que é a consagrada para designar os métodos brutais da polícia do País. *N. do T.*

(***) V. «Anita e Sílvia» e «Mãe e Filho».

Brissot era, então, ministro da Justiça, recheado de honrarias e de dinheiro, grande pilar de vinte conselhos de administração das mais fortes sociedades financeiras que partilham entre si o poder da França e as rapinas do mundo. Uma palavra sua era uma ordem. Estava no fim da vida, atingido pela doença — o fígado roído, o que lhe valeria daí a pouco funerais nacionais — enjoado de tudo e sempre esfaimado. A sua existência era um vácuo que se empenhava, em vão, a preencher. O Panteão, que ambicionava, não bastaria para encher o buraco. A glória de pedra é a morte. Era preciso a vida, a vida que se deixa atrás de si. Rogério não deixava nada, a não ser discursos que ressumavam aborrecimento e cheiravam a cadáver.

Rogério conhecia muito bem a existência de Marcos. As tentativas para anexar essa carne viva, saída de si, tinham ido embater com a mais ultrajante recusa (nem sequer directa, pois Marcos não lhe dera a honra duma palavra) por um humilhante intermediário. O que Brissot sentia, então, pelo rapaz, era qualquer coisa como o ódio. Desejaria varrê-lo do seu pensamento. Se Marcos chegasse a ser varrido da existência, quem sabe se Brissot não se sentiria secretamente aliviado?

Havia, contudo, muita gente que, por intermédio de Sílvia, conhecia a sua paternidade vergonhosa e renegada. Era contido pelo amor próprio, pela fiscalização secreta dessa opinião pública que temia. A não ter de representar o papel dos Brutos romanos que sacrificavam os seus rebentos no altar do dever (por muito que manejasse a retórica, essa era uma proeza oratória difícil de engolir!), via-se obrigado a proteger o seu rebento contra as emboscadas do Estado... «O Estado sou eu...» Era-o. Pôs pedra no assunto.

Brissot não era, em suma, um mau homem. Gostaria de amar aquele filho e, sobretudo, de ser amado por ele. Podia ser um homem de Estado corrompido;

como homem de família não deixava de ter virtudes, como a maioria dos grandes burgueses franceses. Talvez Marcos e Anita lhe tivessem sido benéficos, se consentissem em aceitá-lo. Foram, porém, implacáveis. Não os louvamos por isso. A desumanidade é demasiado natural nos jovens. Quanto à mulher até a melhor tem, com frequência, sombrios recessos no coração, uma dureza impenetrável, ressentimentos que não confessa a si própria para não ter de os discutir.

Anita julgava, de boa fé, que não pensava em Rogério Brissot. Não lhe queria mal, pois para ela estava morto. O mais terrível, porém, era que, no subconsciente, o matara; recusava-lhe o ar dos vivos. Há crimes que se ignoram em mais de um coração para o qual seriam um horror. Os melhores, os mais generosos, não são os menos perigosos. Não odeiam; suprimem. Vale mais o ódio do que esse calmo aniquilamento. Até um Brissot não seria capaz disso. Não tinha bastante energia pessoal. Os seus ódios eram, como os seus amores, incoerentes e de epiderme. Mandou dar instruções para Marcos não ser incomodado.

Marcos nunca soube o que ficou a dever a seu pai e à cumplicidade das duas comadres: a sua Assia e Sílvia. Não seriam elas quem lho iria dizer. Esse segredo, porém, aproximou-as uma da outra. Sílvia, sem nada retirar da sua animosidade contra a intrusa que entrara no ninho, arrumou os seus ressentimentos no fundo das suas gavetas (viria ocasião para os fazer sair) e consentiu em ir, com mais frequência, a casa do jovem casal. A sua liberdade de linguagem e o seu bom humor concordavam com os de Assia. Riam ambas de boa vontade, embora soubessem que a paz não estava estabelecida; mas era uma trégua franca e uma aliança: tinham que defender o seu Marcos.

Marcos continuou, portanto, a vender e publicar os seus livros e brochuras de propaganda anti-fas-

cista, anti-imperialista, pró-soviética, pró-gandhista, etc.... sem se decidir a tomar posição nítida entre essas diversas formações de combate. Procurava, contudo, estabelecer um laço entre essas forças para as levar (sonho utópico!) a formar uma frente única, contra a força maciça da Reacção. Bem entendido, não o conseguia: a única unidade, criada entre essas tropas de resistentes e de não-resistentes, de liberais e de violentos, foi a da ordem oficial de esmagamento comum sob a capa do silêncio.

Nenhum jornal falava dessas publicações e não era possível encontrar uma única em qualquer quiosque ou livraria. Nem por isso foram menos lidas e difundidas à socapa. O áspero e ardente génio de Marcos, que os combates e os desgostos tinham amadurecido — aliado ao espírito cortante de Assia, que não assinava, mas se juntava ao espírito de Marcos — não levaram muito para conquistar um público independente, que se encarregava de lhes fazer publicidade, de boca em boca. É a melhor, pois acende-se e transmite-se, através de todos os obstáculos, como esses fogos nos montes que transmitiam outrora os sinais.

Os seus sinais atingiam vigilantes isolados nos meios mais diversos e mais longínquos. A correspondência começava a afluir, com subscrições voluntárias. Anita rejubilava por ver aumentar o raio de acção do seu filho, sem querer ver onde essa acção o levaria. Não ignorava os perigos e não desejava que se expusesse; mas desejaria que fugisse a eles. Consolava-se com a esperança de que a acção perigosa não seria para já. Além disso, nela, como em todas as naturezas fortes, um fundo de fatalismo não se põe de acordo com a vontade («a minha vontade é o que deve ser: o que deve ser será».) A corrente do rio arrasta-nos. Só temos de segurar o leme do barco. O leme, o barco, a corrente: sou eu. Seja feita a vontade do rio!

De momento, o perigo estava longe. A acção de

Marcos parecia ainda inofensiva no país que a abrigava. Conservava um carácter generoso e geral, com o qual pode muito bem acomodar-se a hipocrisia dum Estado democrático. Tratava-se, então, sobretudo, para Marcos e o seu grupo, de defender os direitos dos oprimidos, dos exilados de toda a Europa, de ser ou de criar à sua volta um bastião das liberdades contra a Reacção universal. A França favorecida pela vitória, que lhe assegurava, ainda por alguns anos, na miséria e na febre do resto do continente, uma economia privilegiada, podia permitir-se esse luxo duma liberdade ideológica que não lhe custava nada.

Até a sua política de imperialismo capitalista encontrava nessa oposição uma justificação, aos olhos da Europa, e um biombo para as suas astúcias, à sombra do qual se reaquecia o equívoco duma democracia com as faces inchadas de nobres princípios, que, por trás da cortina, alimentava os fascismos da Iugoslávia, da Polónia e dos Balcãs, e, no seu próprio solo, mantinha os pretorianos, os guardas-brancos. Marcos e os seus amigos só começaram a tornar-se incómodos desde o momento em que atacaram essa mentira. Os outros arranjar-se-iam de maneira que os ataques desses rapazes tivessem pouca repercussão.

Não faltava nas suas fileiras bons cães de guarda do equívoco oficial, que conseguiam defendê-lo contra a juvenil intransigência desses filhos irreverentes da mãe França. Assim mantinham uma salutar divisão entre os opositores. O pequeno punhado de irredutíveis era bastante reduzido e os seus componentes assaz pouco notórios para se tornarem inquietantes. Toleravam-nos, e tinham-nos debaixo de olho. A encruzilhada dos destinos ia pôr o de Marcos em contacto com outros destinos, mais ricos de experiências e de influência, que deviam reforçá-lo, ao reforçarem-se com ele.

FOI nessa altura que voltou a entrar na vida de Anita — e, graças a ela, na de seu filho — uma velha amizade perdida, que se julgaria morta, e estava agora amadurecida e decantada das suas impurezas: a de Juliano Davy, o ex-namorado dos seus trinta anos (*). Anita estava então doente e era forçada a guardar o quarto. Desde a pneumonia contraída nos pântanos da Roménia, embora parecesse curada, era atacada, todos os invernos, por insidiosos acessos de gripe, aparentemente inocentes, mas que iam debilitando a sua robusta construção. Não se notava isso, de momento, a não ser nesses acessos inofensivos, que a obrigavam a uns quinze dias de repouso.

Durante essas semanas de inactividade, em que tinha tempo para ler, meditar e percorrer os caminhos do passado, Anita teve ocasião de encontrar o seu velho companheiro dos anos de outrora, que era, como ela, um isolado. Geralmente, Anita evitava esses antigos caminhos, onde deixara muito de si — amores, saudades, remorsos, meditações, aborrecimentos — agarrado, aqui e ali, aos silva-

---

(*) V. «O Verão», segundo volume de «Alma Encantada».

dos. Não há necessidade de os procurar, são como as sementes da erva dente-de-leão, que flutuam e se prendem à roupa, sem que nos possamos ver livres delas. Graças a Deus, já basta ter de escovar a poeira de cada dia! Se ainda temos de sacudir a do passado! Para cada dia basta o seu tormento...

Quando a máquina, porém, por acidente, se encontra, por momentos, imobilizada, o espírito, como o esquilo encerrado na sua roda, continua a andar à volta, e acaba por voltar para trás. Anita reencontrou a antiga Anita e o seu velho apaixonado, o seu Teseu, que abandonara Ariana: Juliano Davy. Não era a primeira vez, em vinte anos, que chocara com o seu nome. Embora não tivesse muito tempo para acompanhar as publicações científicas (e quando deixamos, algum tempo, de a seguir, a ciência caminha com tal velocidade que nos esfalfamos para a alcançar) Anita vira, algumas vezes, o seu nome em revistas e livros.

Nunca isso se dera sem receber um imperceptível choque. O primeiro movimento era desviar os olhos: «Não vi nada!» Num dos dias seguintes, porém, os seus passos levavam-na para o escaparate da livraria e o seu olhar indiferente não hesitava... Ia-se embora, mas o título do livro estava já inscrito na sua cabeça, assim como os títulos do autor. Juliano era professor no Colégio de França. Trabalhava bastante... O seu coração apertava-se-lhe, mas Anita ficava contente. Teria pena de deixar para trás aqueles a quem amara. Juliano avançava...

Em que direcção caminhava? Anita não procurou informar-se. Falar dele a outrem?... Não! Supunha que prosseguira a sua carreira no velho espírito da sua família tradicionalista e católica. Durante a guerra estivera demasiado ocupada com a própria acção e as suas paixões, para poder ouvir o eco abafado da voz de Juliano, em Paris. Não seria Juliano quem faria qualquer coisa para impedir que a sua voz fosse abafada! Era demasiado altivo para lutar

aos berros com o coro de cem goelas. Não falava para os outros; falava para si.

Foi um acaso que, tardiamente, levou alguns ecos das suas palavras a Anita. Trabalhava ainda com Timão e escrevia à máquina um dos seus artigos. A porta do gabinete estava aberta e, enquanto ditava, Timão falava com um ou outro, que entrava ou saía. Nesse tumulto, o nome de Juliano Davy surgiu e Anita aplicou o ouvido. Não perdeu nada do que Timão disse desse «derrotista», desse «pedante prefeito do Colégio da Prússia», que estava «a caminho de passar do azul de Berlim ao vermelho do Kremlim»:

— Qualquer dia — disse — dou-lhe um pontapé no...

Sem interromper a sua escrita, Anita perguntou:

— Que fez ele?

Entre duas frases do ditado, Timão retorquiu:

— Que tens com isso?

— Conheço-o e estimo-o — replicou Anita.

O interlocutor de Timão esperava que o gritador se voltasse contra a secretária imprudente, que opunha aos dele os seus juízos. Os frequentadores da casa, porém, sabiam o poder da dactilógrafa sobre o tirano. Timão, com um murro, esmagou o charuto na secretária, e sufocado rugiu:

— Ah! Conhece-lo? Ah! Estima-lo? A esse borra-botas!... — engoliu a grunhir o fumo e disse: — Eu também!... — mas para acrescentar: — Isso não impede que lhe arranque a pele!

Anita voltou a perguntar:

— Que fez ele?

— Visto que o conheces, por que o perguntas?

Anita explicou, em poucas palavras, que o conhecera, mas o tinha perdido de vista. Timão percebeu imediatamente. Anita sentiu o seu olhar trocista que a vareiava. De momento, porém, não insistiu. Contou, brevemente, com a sua brutalidade

ordinária, mas sem insultos para o «tipo», como Davy, durante a guerra, desempenhara o papel inoportuno de pacifista e de europeu, e, depois da paz (tinha o vício no corpo!), passara a desempenhar o papel oposto de advogado dos «homens-com-a-faca-entre-os-dentes» e de campeão da Anti-Europa (a Rússia, como pretendia Timão). Concluiu:

— Estás satisfeita? Que dizes a isto?

— Digo — replicou Anita — que se ele defendeu duas teses opostas, há uma com certeza que deve ser a que o senhor defende.

Timão riu às gargalhadas:

— Achas isso?

Anita sorriu:

— Não, não acho.

Sabia muito bem que não eram as teses que interessavam a Timão; eram os lucros. Melhor ainda: ganhasse ou perdesse, interessava-lhe o jogo. As teses eram para esses patetas de idealistas, esses prefeitos de colégio, simples peões que se deslocam no tabuleiro do xadrez. Então, valerá a pena clamar contra eles?... Ora! Isso faz parte ainda do jogo... Mais de uma vez, depois, Timão, quando estava sòzinho com Anita, trazia o assunto à conversa. Embora o fizesse sem muita delicadeza, as suas brincadeiras não eram malévolas; queria saber...

Coisa estranha, aquela Rivière que nunca revelara aos mais íntimos o seu segredo adormecido sob as águas, abriu-se, tranquilamente, à curiosidade daquele salteador. Nada comprometida, com o sorriso nos lábios, contou-lhe, não sem uma pontinha de ironia, a triste aventura dos seus trinta anos. Timão não pensou em abusar. Atirou-lhe, uma vez por outra, uma piada; mas era um sopapo de amizade. Anita era a primeira a desafiá-lo. Isso não impedia que o caso fosse sério, ou tivesse sido! Não se lhe devia tocar com mãos sujas. As pesadas pa-

tas de Timão não lhe tocaram. Sem que Anita lho pedisse, Juliano Davy nunca mais foi atacado no jornal; o seu nome era tàcitamente afastado. Timão contentava-se com dizer a Anita:

— Hem? O teu idiota é especialista em perder o comboio! Diz lá o contrário!

Anita não dizia o contrário, e pelo facto de o patrão dizer que o «perdera» sentia-se um tanto vingada... Tinha, então, necessidade de vingança?... Como? Após quinze anos de completo esquecimento, sobre o qual tantas paixões tinham passado, os vestígios ainda existiam, e sofria com isso?... Que mulher pode jamais esquecer o agravo feito no seu orgulho ou ao seu coração? Outra vingança não a queria, porém, Anita. Essa bastava-lhe. Se, ao menos, aquilo que o patrão acabava de dizer Juliano o pudesse pensar!... Oh! Apenas duas ou três vezes na sua vida... Não era preciso mais!

Anita não desejaria que essa mágoa fosse um espinho no seu caminho... Apesar de tudo, não tivera dificuldade em encontrar para ele *ersatze!*. . «Ele próprio, o pobre rapaz, seria para mim, provàvelmente, um *ersatz* daquele que procuramos toda a nossa vida, sem o encontrar... É muito melhor que cada um de nós tivesse seguido o seu caminho». Apesar de tudo, Anita não estava nada contrariada por o caminho de Juliano não se ter afastado muito do dela própria.

Era uma satisfação muito platónica. Anita nada fez para se aproximar desse caminho. Nada sequer para o conhecer exactamente. Não leu nada de Juliano até aquela doença que lhe dava vagares. Talvez lhe desse também uma pontinha de febre propícia a esses retornos de pensamentos. Ora, depois de conseguir, pela sua jovem nora, com um disfarce de curiosidade indiferente, um dos volumes de Juliano, depois outro, depois todos os outros («Quando se está de cama é preciso saber passar o tempo!»), Anita teve dias dum feliz palpitar do

coração. Assia, ao vê-la bocejar, com olhos sonolentos, dizia:

— Dorme! Farias melhor...

Anita, dócil, fechava os olhos sobre a sua alegria. Que era então que a alegrava e lhe causava comoção, nesses livros, em que os outros só viam um espelho do espírito desinteressado que reflectia as leis da realidade objectiva? Anita via, em primeiro lugar, a intrepidez do espírito que nada se parecia com as vacilações da pessoa tímida que conhecera. «Nada se parecia»? Parecia-se, sim. Ela, apenas ela, descobrira já nele, sob os seus temores, os impulsos abafados do pensamento para a heróica verdade. Chocara-os sob as suas asas. Reconhecia-os, aos seus pintainhos! Eram de ele e de ela. Tinham furado a casca com o bico.

Era esse o verdadeiro Juliano. «Meu Juliano... Finalmente! Nasceu!... De que ventre?... Do meu, do meu! Trouxe-o em mim e dei-o à luz. É filho do meu amor e da minha dor. Reconheço-o. Reconheço-me...» Como não o havia de reconhecer? Era ela própria quem falava, em certas expressões. Lembrava-se de quanto lhas havia dito... Quinze anos depois, Juliano repetia-as!... Era, às vezes, menos do que palavras, mas infinitamente mais: eram as suas próprias inflexões. O que Juliano dizia era dele; mas para o dizer servira-se da boca de Anita. O gosto ficara-lhe nos lábios...

No seu leito, com os olhos fechados, imobilizada dias inteiros, Anita banhava-se numa alegria de gratidão... «Querido Juliano!...» Não haveria nisso muito orgulho e, por orgulho, muita ilusão?... Ilusão?... Não, tinha a certeza. Era a única a saber; mas sabia. Não se podia enganar... Quanto ao orgulho, não dizia que não. Era verdade: havia-o. Muito?... Pouco? «Talvez mais do que pretendo! É verdade que tenho orgulho, em todos os meus actos, muito no fundo, até quando me julgo mais despojada de qualquer pensamento pessoal, quando o

quero ser; quando digo: «Enfim! Estou morta em mim...», não estou morta. A velhinha ainda vive... e de que maneira! Como reivindica os seus haveres!... O seu Juliano... Pensar que o tinha, há mais de dez anos, e que o ignorava completamente!...»

Não importava que Juliano tivesse crescido; era seu. Não pensava sequer em igualá-lo. Sentia quanto o pensamento de Juliano a ultrapassava. Acompanhava-o de longe, até tal marco da estrada. Atingido o marco, não podia mais e confessava-o. Seria preciso muito tempo para alcançar o avanço que a ciência e ele próprio tinham sobre ela, naqueles quinze anos. O seu orgulho, contudo, até nisso se revia. Juliano estava tão longe, tornara-se tão grande, o seu pequeno!...

Anita pensava no que poderia ter sido a sua vida com ele. Meditava nisso sem se mexer na cova do seu leito. Sentia ternura, tristeza e divertimento. A sua vida fazia-se e desfazia-se a meditar... Basta de sonhos! Estava curada... «A vida é um sonho...» Talvez!... É, porém, um sonho no qual não aparece o pão na mesa se não o ganhamos... Anita saltou da cama e pôs-se ao trabalho! «Meu Julianozinho, ver-nos-emos quando estiver desocupada! Não será já amanhã...» Não pensou mais nisso; mas Marcos disse-lhe:

— Rejuvenesceste.

A mãe sorriu:

— As pessoas como nós só quando estão doentes é que descansam...

JULIANO não descansava. Era desses homens que não o sabem fazer... Não podia viver sem trabalhar. No entanto, não tinha necessidade de trabalhar para viver. Necessitava, contudo, do trabalho para encher a sua vida de pensamento. O trabalho do pensamento intenso fecha a porta aos outros pensamentos. Fecha-a mal; a porta entreabre-se e passam as correntes de ar. Juliano nunca tinha calor; mas não se imobilizava, friorentamente, ao canto da sua velha lareira do bairro de Saint-Sulpice, como no tempo em que Anita o conheceu. Saiu da casa do passado. Arrancara de si e deixara lá todo o pesado vestuário dos preconceitos burgueses. Ao ler os seus livros, Anita bem o vira.

Foi preciso bastante heroísmo a esse pequeno burguês de França, tímido e timorato, dominado por uma mãe autoritária, entalado na casaca fora de moda de hábitos do espírito e costumes seculares, de família bem pensante, conservadora, clerical, para ousar, passados os trinta e cinco anos, examinar-se a fundo e, paulatinamente, sem tropeçar com o seu entendimento, despojar-se de tudo que considerou falso, depois de o ter acreditado. Em seguida, encontrar-se-ia terrìvelmente nu. Como se mostrar aos olhos daqueles que o conheceram vestido de mentiras, com que velavam sempre o seu

pudor ofendido aqueles que não querem ver a nudez do mundo e cobrem, horrorizados, com uma folha de vinha, a verdade do espírito como se fosse o sexo?

O caso era tanto mais grave para um Juliano por não ser um desses tristes despadrados que se fazem indemnizar do que deixam ao albergarem-se na loja do lado, para servirem as paixões rivais do anticlericalismo e do «livre pensamento». Ficou completamente nu, sòzinho, ao vento em plena rua. Foi muito duro; mas esse homem tímido não arrepiou caminho. Vivia, graças a Deus, num meio familiar que pouco se importava com os seus combates de pensamento. É uma grande perda não ter no seu lar alguém para permutar as suas cogitações; mas é também um descanso: que seria se tivesse em casa, a toda a hora, uma inimiga das suas ideias?

Sua mãe casara-o, pouco antes de falecer, com uma mulher sadia, bem-pensante, nula como tudo, ricamente dotada como convinha, bastante bonita e insípida, mas boa dona de casa, duma incuriosidade de espírito rara até na sua espécie. Quase nunca abria um livro. Aqueles que, em jovem, na instituição para meninas piedosas que frequentara, lhe eram dados para bocejar, tinha-os aborrecido tanto que uma das vantagens do casamento foi passar a ser livre para os poder fechar. Não a incomodava nada que seu marido passasse a vida entre os seus papéis. Os homens têm os seus assuntos que não a interessavam.

Gostava dele um bocadinho... também não o detestava. Não sentia nenhum desprazer — nem, santo Deus, grande prazer! — em encontrá-lo, todos os dias, à mesa ou no leito. Era demasiado gulosa; ele não o era nada. Em suma: gostava bastante dele, mas (como os normandos) não gostava o bastante para se interessar pelo que podia passar-se no espírito daquele homem. Aquele armário para arrumar não entrava no número das suas preocupações ca-

sciras. Assim, não daria pela crise que o fez sair, aos quarenta anos, da passividade satisfeita, que aceitava a ordem social e religiosa das pessoas chamadas «bem», se amigas bem intencionadas, e até o seu confessor, não lhe tivessem lembrado o dever duma esposa cristã quando o esposo causa, com o seu exemplo, um escândalo de espírito na comunidade.

Seguiram-se algumas intervenções lamentosas da mulher junto do marido. O efeito não poderia ser pior para a paz do lar e sem nenhum proveito para a ordem moral. A excelente Constança não tinha, naturalmente, compreendido nada do delito de seu marido e o que lhe podia dizer a esse respeito não era de modo a remediar nada. Juliano era muito firme em tudo que dizia respeito à sua liberdade de pensar. Em tal terreno, a imbecilidade de sua mulher espalhava-se de forma tão cega que não teve a caridade de lho ocultar. A própria Constança teve consciência disso; mas, como todas as parvas, ainda se tornou mais teimosa.

Sabe Deus como sairiam ambos disso, se o confessor, mais esperto, receoso do escândalo público em que se arriscara a meter a campeã desajeitada da religião, não se tivesse apressado a fechar-lhe o bico. Através do ralo do confessionário, onde a esposa, magoada, exalava a sua desordem verbal e as suas fungadelas, aplicou-se, então, a acalmar o palavriado incoerente e a funesta boa-vontade da sua penitente, com imprudência arrancada ao bendito não-pensar. Era preciso fazê-la voltar para lá.

Não houve dificuldade: Constança não pedia mais do que ser convencida de Deus não a tornar responsável pelas faltas de seu marido e de que, ao procurar contradizer o perdido, arriscava-se a aprofundar mais a sua perdição. O melhor que podia fazer era oferecer a Deus as suas orações pela salvação do infeliz. O resto era com Deus... (O resto era: se aprouvesse a Deus que Juliano fosse dana-

do... ou não o fosse... Constança esperava sinceramente que não o fosse; mas se, em todo o caso, o fosse, preferia não pensar nisso! Já lhe bastavam os seus próprios pecados!...)

Assim, quando Juliano, tocado, não sem remorsos, com o ar de vítima resignada que sua mulher passou a tomar, tentou, para se desculpar, explicar o seu pensamento, duma forma elementar, como um professor explica a uma pequenita de sete anos, a mulher teve um gesto de horror: «Não, não!» Era muito fatigante!... Depois, se chegasse a compreender!... Seria como na escalada duma montanha, quando nos encontramos presos pela corda ao louco que resvalou... «Muito obrigada! prefiro não ficar amarrada... Pobre Juliano!» Disse que era muito estúpida para compreender (sentia-se orgulhosa e feliz de o ser... «Bem-aventurados os pobres de espírito!») Pobre Juliano!... Só pensar que o pobre homem estava prestes a resvalar sòzinho fê-la mostrar-se toda doçura e preparar-lhe uma vida agradável, quieta, com boa cozinha... «Ao menos que tenha algum prazer na vida deste mundo!...»

Juliano não se iludia acerca do verdadeiro significado da bondade da sua companheira. Ao menos, tinha a paz no seu lar. Não era um fogo muito quente; mas a gola levantada, envolto na sua capa de pensamento, podia trabalhar sem correr o risco de ser perturbado. Era preciso não pedir muito à vida. Visto que a tinha «falhado»!... Porque a «falhara», tinha a certeza disso. Dominava-o a sensação surda e obsidiante dessa falência. Abstinha-se de a analisar. Para que servia, agora? A sorte viera, e fizera mais do que deixá-la passar; rejeitara-a. Divorciara-se da que deveria ser a verdadeira companheira da sua vida.

Bem quisera afastar-se dela. Havia dezasseis anos que a sua vida profunda decorria fora (e dentro) da sua vida aparente, do seu lar, da sua casa, dominada pela ausente. Era menos a figura de Ani-

ta, a sua imagem material (era-o também; mas os olhos daquele intelectual eram míopes para as coisas do coração e a imagem era desfocada), era menos a visão de Anita do que o seu sulco ardente deixado no âmago do espírito. O ser interior de Juliano fora transformado por ele. A partir desses dias longínquos de 1905, em que deixara de a ver, Anita não deixara de ocupar o seu espírito: a saudade e o remorso tinham-no, secretamente, modelado, conforme a imagem ideal que ela quereria dele ou que ele imaginava que ela quisesse.

Era assim que Juliano lhe devia o grande esforço da sua vida e o alargamento do seu espírito liberto. Esse fermento invisível mudou a água em vinho e nesse pensamento caseiro fez entrar as sementes da terra toda. Foram ainda assaz lentas em pujar. Durante muito tempo, sentiu em si esses hóspedes livres, antes de quantos o rodeavam — família, amigos, colegas — darem por isso. Não tinha pressa nenhuma de lhos mostrar.

As obras que escreveu durante esse período, quase todas consagradas à ciência, apresentavam vistas originais, mas estrictamente limitadas pelo quadro profissional. Prudência? Atenção com o seu meio, pois sabia que o iria ferir? Pouca vocação para lutar? Restos da sua timidez congénita, que mantinha o silêncio acerca do mais secreto de si? Ou, então, não seria um sentimento mais misterioso, um escrúpulo religioso do mais profundo, do mais precioso, para si e para a testemunha imaginária da sua vida interior: a sua Anita irreal?

O mais singular é que não procurava já voltar a ver a Anita real. Tinha até medo de se informar a seu respeito. Isso não era nada honroso! Com medo de ser perturbado, evitara saber se não teria mais de uma ocasião de lhe prestar auxílio, na necessidade ou no perigo. Era o coração «demasiado sensível», que se afasta do animal esmagado porque isso «lhe faz mal» ou «poderá fazer-lhe mal» e não

tenta, portanto, socorrê-lo!... Conhecem-se esses tristes marotos! Ser um deles e sabê-lo era motivo para ficar sufocado de nojo...

Ah! Foi-lhe preciso tempo para eliminar as velhas taras da sua natureza... Talvez nunca se limpasse completamente delas. Havia de ficar-lhe sempre uma borra, no fundo do vaso, uma ferrugem que as suas unhas se encarniçavam a raspar. Cada um, porém, tem a sua ferrugem e Anita tinha a sua. O essencial é que, na alma, a água corrente impeça as condutas da vida de se obstruirem. A água fresca, a água nova... A única podridão, para a alma, o irremediável, é a do pântano. O rio lava a sua vasa. A Rivière passara! Tinha-o arrancado à sua imobilidade tórpida, à resignação desse purgatório do espírito onde vegetam os milhares de infusórios humanos. Imprimira-lhe um impulso e revelara-lhe a vida com a sua paixão, a sua dor e a sua labareda na noite.

Para mais (é triste dizê-lo, mas é assim!), pelos sofrimentos que causara a Anita ele próprio se sentia redimido! Fazer sofrer injustamente um ser a quem amamos pode, quando temos a energia de tomar plena consciência disso, tornar-se numa revelação que enriquece. Juliano devia-lhe, graças ao remorso, uma visão mais profunda dos homens, um instinto de justiça, uma necessidade de reparar, com o bem feito aos outros, o mal feito a uma só. Anita pagara por ele. Juliano pertencia a uma velha burguesia francesa que tem vícios incrustados e dedos que se curvam para agarrar o dinheiro poupado; mas tem, também, a religião do que se deve e a preocupação febril de não morrer antes de pagar. Quando vão para o campo, esses burgueses não ouvem os passarinhos que cantam o amor e a Primavera; mas sim a galinhola que grita: «Paga as tuas dívidas!» Juliano pagou as suas.

QUEM o acreditará? Ele próprio chegou a sabê-lo?... Foi para as pagar que se encontrou, durante a guerra, lançado, mal grado seu, nessa agitação social de que tinha uma aversão física e moral. Durante o período anterior, em que o seu espírito, sem se revelar, enovelado em si próprio e com a respiração reprimida, acumulava energia para a sua independência, a invisível Anita não deixara de estar a seu lado. Não tinha necessidade de falar. Caminhava. Juliano não perguntava para onde o caminho o levava. Só havia um caminho: aquele por onde as belas pernas, junto dele, avançavam.

Nos seus trabalhos, Juliano inclinara-se, aos poucos, para a história e a filosofia das ciências. Por um duplo efeito de acções e reacções complementares, o espírito, ao mesmo tempo que se desprendia da rede de raízes católicas que lhe entravavam os membros, entranhava-se numa floresta de pensamentos que ultrapassavam muito os limites, não só da religião, mas da ciência e da razão dum tempo. Era uma expedição tão aventurosa como a de Vasco da Gama, e dobrava como ele, o Cabo das Tormentas. Uma vez saído do porto, não havia mais escalas; fora tomado pelos ventos e as correntes marinhas; dissera adeus à terra; a pátria estava em cima, ou dentro, do oceano.

Um católico, e um latino, quando acreditou e já não crê, não lança a âncora nas ondas da Dúvida, não pára como fazem os que «protestam» ou «protestaram» — há muito tempo — os Germanos e os Saxões. Vai ao fundo e não há fundo. Não cria para si, entre duas águas, como esses «reformadores» (os bem nomeados, que só rejeitam metade!) e esses metafísicos da Razão nórdica, pura ou prática, uma ponte de madeira suspensa no abismo. Está sòzinho e nu, e nada. É sustido pelos seus membros. Sabe que, num momento ou noutro, se afundará; mas não mendigará nenhum auxílio.

Juliano lançara-se na áspera razão desencantada que não admite nenhuma transigência. Como muitos daqueles que demasiado se vergaram sob a fé e sob o amontoado de constrangimentos impostos pela sociedade, conservava, por uma e por outra, um rancor que ultrapassava os limites da estrita justiça. Não era incapaz de o reconhecer; mas era-o de renunciar a essa vingança. Chamava-se a si próprio, amargamente, «Juliano, o Apóstata». Nessa ânsia de represálias que não tardou a transparecer nos seus escritos, havia um castigo contra si próprio, contra aquele que tinha sido.

Viu-se isso, primeiro, nas entrelinhas dos «Ensaios Filosóficos»; e foi, primeiramente, a religião que se sentiu visada. Ela disse-o demasiado e acusou os ataques, que redobraram. Embora, após alguns ásperos recontros, ela julgasse mais prudente retirar-se e guardar silêncio (por um maravilhoso acordo, toda a imprensa bem pensante não disse mais palavra das publicações de Juliano), a ruptura foi definitiva. Os cumprimentos trocados com os velhos conhecimentos não permitiam ter ilusões: «a mobilização geral não é a guerra», como dizem esses áugures; mas não riem ao olharem uns para os outros: a guerra chega, já aí está, e aguarda a sua hora.

Veio a outra guerra: a verdadeira guerra de 1914.

Todas as paixões acumuladas do período de antes da guerra encontraram o caldo de cultura onde proliferar. Não havia inimizades a satisfazer, a não ser contra o inimigo exterior. Como as suspeitas, os rancores, e os ódios reprimidos viram mais justo (é o costume) do que os amigos! Viram talvez mais justo do que o próprio Juliano, pois ainda não dera conta do espírito revolucionário que transportava em si.

No ruído monótono dos autocarros que rolavam entre duas fiadas de fachadas cinzentas, ao longo da rua de todos os dias, a revolta que monologava adormecia como o latejar doloroso da gengiva. Não havia nada para morder. Torpor calmo. Juliano sabia que a sua crítica ousada havia traspassado, para além da primeira crosta da sua fé defunta, a casca apodrecida da sociedade. Bastava-lhe cravar a ponta para pôr a nu o abcesso purulento. Não a cravou. Recuou no momento de verificar que toda a ordem social e as suas colunas morais estavam condenadas.

Ter-lhe-ia sido necessário ir à procura doutra casa; mas quarenta anos de vida caseira sempre lhe tinham feito encarar com terror uma mudança. Sabia, contudo, que estava despedido da antiga habitação. Esperava, porém, com fatalismo, que chegasse o fim do arrendamento em que deveria mudar-se... Entre esse caravançará do passado, havia ainda um grande bazar de que não se resolvia a dar a chave. Evitava até lá ir; fechara a porta e as janelas sobre a poeira dos séculos. Não era prudente dar-lhe luz e limpá-lo. Esse grande bazar era a Pátria.

Para os Franceses de antes de 1914, era a pátria o único Deus indiscutível. Todos os outros deuses estavam sujeitos à lei comum da vida: a morte, por junto ou a retalho, a doença, o caruncho que rói os altares. Nenhum outro deus era intangível, a não ser ela. Tanto para os crentes das religiões, como para os «livre-pensadores», talvez mais ainda para

estes, pois essa pobre gente, fora dela, não tinha onde pôr os pés. Era o grande grito de angústia, patética e lamentável (nos dois sentidos da palavra: compaixão) do grão-mestre da Universidade laica, o velho Lavisse (*): «Mas se me tiram a Pátria, que me resta? Por que terei, então, vivido?»

A esses homens velhos, até ao seu derradeiro momento, encerrados no harmonioso, mas estreito, horizonte das suas colinas, era precisa essa terra e, todos os seus mortos, quinze séculos de mortos, debaixo dos pés! Abalar-lhes a sua «pátria», era como se a terra se pusesse a tremer. Quantos se encontraram um dia num sismo conhecem a angústia única, inexprimível, que se apodera de todos os seres vivos: o ponto de apoio, o único, em cima do qual o homem construiu, retira-se; não há mais nada... Juliano era, antecipadamente, um sismógrafo ultra-sensível, que percebia os rugidos anunciadores debaixo da terra e a obscura amargura da alma que vai perder o seu suporte. Era preferível desviar os olhos. Ficava mudo, tolhido e tinha o cuidado de não tocar no derradeiro ídolo.

Alguns daqueles de quem se separara, padres habituados a ler nas consciências, o seu antigo director espiritual, um velho fino, de grande boca sem lábios, como a de Voltaire (mas os seus olhos não tinham lugar para a ironia e entravam em casa por astúcia ou arrombamento), viram, muito cedo, desde os começos da revolta, que o inssurrecto não teria a prudência de distinguir entre o *fas* e o *nefas*, que atacaria o grande feitiço; e, pacientemente, com os braços metidos nas largas mangas, aguardaram à espreita, a catástrofe.

Foram menos avisados esses laicos que imaginaram ver em Juliano um livre-pensador nada incó-

(*) O Prof. Ernest Lavisse, autor duma «Histoire de France» e de notáveis estudos acerca da Alemanha; falecido em 1922. — *N. do T.*

modo, que traíra a sacristia em benefício da loja e se alistara ao serviço da razão tradicionalista, nacionalista, burguesa, laica e obrigatória. Abriram-lhe, com as portas do Colégio de França, as da Academia das Ciências Morais e Políticas, enquanto esperava pela outra, a única que conta, a Imortal. Alguns dos grandes eleitores da casa já tinham lançado as suas vistas para ele e o seu velho mestre, aquele de que citámos acima a exclamação tocante e pueril, dera-lhe a entender que, dentro de dois ou três anos, a eleição estava assegurada: fazia disso uma questão pessoal.

O velho professor tinha, não se sabe porquê, uma certa ternura por Juliano. Vira-o, em criança, na sua aula no liceu, depois nos bancos da Faculdade. Sem se preocupar demasiado em penetrar o seu pensamento, prendera-se àquele rosto, cuja seriedade juvenil e lealdade lhe davam um agradável assento enquanto falava. Entre os dois olhares que sorriam estabelecera-se, no decorrer dos anos, relações mudas de pai e filho. O velho estava convencido de ter em Juliano um herdeiro espiritual. Juliano, reconhecido e respeitoso, nunca perguntara a si próprio, claramente, se correspondia à expectativa do seu mestre.

Quando veio a guerra e, espontâneamente, os intelectuais (os universitários na primeira fila) se alistaram ao serviço da pátria, o velho agaloado da Inteligência oficial, o marechal da Universidade, confiou, naturalmente, ao seu favorito um papel especial na equipa que organizava a nova Arma, o espírito, pela primeira vez militarizado, requisitado nas fábricas de munições e de canhões. A história, a ciência, a eloquência, tudo servia. Teria feito melhor em deixar Juliano na sombra. Juliano não pediria que o fizessem sair dela. Teria assim, provàvelmente, evitado discutir as conclusões que os mais velhos, os seus pares e colegas, lhe fariam ler e assinar. Pedir-lhe, porém, que as corroborasse e

tomasse parte nos seus segredos de fabricação, que imprudência!

Estavam de boa fé, à sua maneira. Essas excelentes pessoas estavam tão dominadas pelas suas paixões nacionais e pela convicção de que estas se identificavam com a verdade, que, quando esta fazia semblante de os contradizer, não hesitavam em fazê-la calar ou a obrigá-la a dizer o que queriam. Bastava apertar-lhe os membros no torniquete, depois de bem amarrada no potro (para alguma coisa havia a Sorbonne de contar nos seus ascendentes os homens de arte e de ciência que submetiam à «inquisição» os corpos daqueles de quem queriam ver surgir a verdade!).

Juliano era inábil para o ofício. Ouvia falar a verdade, e não sabia o que «inquisição» queria dizer. Relatava, ingènuamente, após estudo dos textos alemães, o que esses textos diziam. Não era isso que lhe pediam. Travou-se uma discussão e como levou a um confronto com os resultados, muito diferentes, dos seus colegas, a oposição revelou-se. Foi súbita, nítida e brutal. O intelectual, quando o irritam e tocam, imprudentemente, no ponto sensível, vê, não vermelho, mas branco (é como se sabe o grau mais intenso do fogo). Juliano, cujos lábios fremiam ao ouvir as transcrições dum dos seus colegas, deu um murro na mesa e exclamou:

— Isso é uma falsificação!

Que escândalo!... O homem a quem acabava de esbofetear era, até então, um amigo querido e estimado, um professor respeitável, não só pela sua ciência como pela integridade do seu carácter. Juliano logo se desculpou, procurou explicar confusamente o seu juízo, para o tornar mais aceitável. A face que recebera a bofetada, conservava, porém, a marca, tornara-se verde e nos seus olhos acendera-se a chama do ódio implacável. Nunca um intelectual perdoa a um confrade ver nele aquilo que ele próprio não quer ver, pois, faça o que fizer, de-

pois, sabe que o que não quer ver está lá. Juliano mais consternado talvez do que o próprio a quem acabara de ferir mortalmente, voltou para casa a repetir: «E este é honesto!»

Sabia que o outro o era e, por ele, poria a mão no fogo... Era um grande sábio... Uma vida de desinteresse e de culto pela verdade... Murmurou, amargamente: «A «verdade» das «pessoas honestas»!...» Era para Juliano uma derrocada. Ressentia-se da sua educação puritana. Os mais puritanos são frequentemente os que rompem com a religião. Quando imaginam fazê-lo por amor da liberdade, é o amor da pureza que os impele, a paixão da verdade pura, sem transigências. Julgava encontrar isso fora, entre os da razão livre. Não existia mais do que nos outros... Juliano, com mão febril, afastava as atenções com as quais protegera essas «pessoas honestas» que o rodeavam, e pôs-se a olhar para o fundo. Enterrou, nesses dias, muitos dos que lhe estavam mais próximos; mas não teve coragem para lhes pronunciar o elogio fúnebre. Tinha-os honrado tanto que a sua falência era a de ele próprio.

A mais dolorosa foi a ruptura com o velho mestre, pois ela deu-se sem ruído, como a morte dum pai no seu leito; e o moribundo fitou em silêncio o filho com uma recriminação pungente. O velho, sem cólera, recusara ler a memória que Juliano lhe levara (porque Juliano, posto, contra vontade na pista, não podia impedir-se já de procurar a verdade e levava o resultado ao mestre). O velho disse:

— Não; não quero; é inútil... — Pôs-lhe sobre a mão a sua pesada mão entumescida pela idade: — Meu amigo, aflige-me... Reflicta!... Perde-se... Falta a tudo quanto esperávamos de si... ao dever comum...

Juliano reagiu:

— O dever comum para nós, homens de ciência, é servir a verdade, custe o que custar. Foi o senhor quem mo ensinou.

O velho abanava a pesada cabeça e nos seus grandes olhos estriados de vermelho, acendeu-se uma chama:

— A verdade não pode nunca separar-se da pátria. As duas causas formam só uma.

— Seja; mas então que a pátria não se afaste nunca da verdade!

— A pátria em primeiro lugar! — exclamou o velho. — Estamos todos ao seu serviço.

— Todos, mas não...

O velho cortou-lhe a palavra:

— Tudo. Tudo que temos. Sem excepção.

Ambos se calaram. A chama do velho apagara-se. Evitara olhar para Juliano. Aguardava que Juliano falasse e dissesse as palavras que esperava. Como o silêncio se prolongasse, ergueu a grande cabeça de velho leão doente, as pesadas pálpebras que faziam pensar na tampa do caixão, e o seu olhar espesso, húmido, apoiou-se no de Juliano com ternura, medo e insistência. Juliano estava acabrunhado; mas não podia dizer outra coisa a não ser: «Não posso dar o que não me pertence, aquilo a que pertenço: a verdade».

Não o disse: para que dar mais um desgosto inútil? No entanto, deu-o. O velho leu o que ele não dizia. As pesadas pálpebras desceram e a grande cabeça inclinou-se para o peito. Depois de ter recobrado o alento, o patriarca, um momento acabrunhado, levantou-se, com dificuldade, da cadeira e apoiou-se com os dois punhos na mesa. Juliano apressou-se para o ajudar; mas, desajeitadamente, num gesto de homem ancilosado, sem olhar para ele, o mestre afastou-o. Partiu sem se voltar, de cabeça baixa, de costas curvadas, com os seus pesados pés a fazer estalar o soalho. Estava ferido de morte.

PARA um homem como Juliano, a ferida causada aos outros não é a menos dolorosa. Não chega a curar-se como as próprias; refaz-se a nossa pele, cicatriza-se; mas não se refaz a pele dos outros, e sente-se a dor das suas chagas... Para um homem como Juliano, esta obsessão não impede, porém, a implacável caminhada do espírito. Continua por cima dos seus feridos e dos seus mortos. Juliano não podia dizer à sua inteligência: «Alto!... O que viste esquece-o!...» Não esquecia nunca nada. Era uma enfermidade do seu espírito. Prosseguia. Não procurou a polémica e o seu método era sem ruído.

Juliano queria só esclarecer-se a si próprio. Não tinha pressa de esclarecer os outros, pois já sabia o bastante para não ignorar que não desejavam ser esclarecidos. A ideia, porém, da sua simples presença ao lado deles, da sua fiscalização silenciosa que os contradizia, do julgamento mudo que lhes aplicava (pois não podiam ignorá-lo) lançava-os numa irritação que a sua própria reserva exasperava. Um instinto cego impelia-os a pô-lo fora. O mais provocante era o amigo — o amigo morto — o inimigo mortal, cuja face conservava o ardor da bofetada.

Não permitiram a Juliano que se calasse. É muito cómodo não falar e pensar em liberdade! Puseram-no em presença duma declaração comum. Juliano

não a assinou. Exigiram que dissesse porquê. Juliano detestava qualquer profissão de fé pública; mas não fugia às suas responsabilidades, e disse por que era. Disse-o em termos tão nítidos, tão precisos, que uma vez ditos, os imprudentes que lhos tinham arrancado desejariam fazê-los engolir de novo. A sua paixão estúpida fizera-lhes ultrapassar o objectivo. Ao estenderem a armadilha ao adversário, eles próprios se tinham entalado.

Isso não seria nada se o seu furor tivesse ficado à porta fechada. Os jornalistas, porém, tiveram conhecimento do que se passara e um deles conseguiu obter cópia da perigosa confissão do herético. A tolice da censura fez o resto: permitiu o acesso ao paiol para exaltar a patriótica atitude do corpo do ensino superior, ao denunciar a indignidade de um dos seus membros. Certos cortes, ao acaso, de passos da declaração, nem mais nem menos audaciosos do que o resto do texto, estimulavam a imaginação do público a procurar as piores audácias. Juliano não foi o menos impressionado com a leitura do seu próprio texto. A sua timidez natural perguntava: «Mas quem? Mas quem me disse isto? Quem mo fez dizer?» Sùbitamente, calou-se. Por cima do seu ombro, Anita lia... Juliano levantou-se, andou dum lado para o outro no seu quarto, duas ou três vezes. Voltou a sentar-se e sorriu: «O que a mulher quer... Suceda o que suceder!...»

«Ela» conseguira os seus fins... Juliano quebrara as cadeias — assim como «ela» as quebrara — que o prendiam à velha ordem social. Agora, estava sòzinho — sòzinho como «ela» —; mas não era bastante sentimental para não saber que «ela» era só uma sombra do seu espírito. Teria necessidade da carne, do corpo vivo unido ao seu, para lutar contra o mundo de carne; mas não pensou sequer em procurá-la. Era demasiado tarde! A partida estava perdida. Era desses estóicos (saudo-os, que Deus os abençoe; mas não cobiço o seu manjar, que se

regalem com ele!) que nunca têm medo da derrota, mas nada fazem para a reparar e a aceitam.

Juliano ficou, altivamente, no deserto da sua casa, que, por felicidade, começava a ser alegrada com a turbulência duma criança... Havemos de a encontrar; mas, por enquanto, está ainda — não direi com as suas bonecas, pois não tinha nada dos gostos duma rapariga — mas com os seus brinquedos e brincadeiras de rapaz. Bem entendido: como filha dum «pacifista», só pensava em arranhões e galos na cabeça. Era Georgina, mas chamar-lhe-iam Jorge... De momento, só era conhecida pelos estragos que fazia em casa. Não havia uma semana sem qualquer derrocada! A mãe lamentava-se como Raquel; o pai calava-se; não ralhava nunca.

Fora, cavou-se um vácuo hostil. A carreira académica de Juliano ficou prejudicada. Os grandes-eleitores da Academia não teriam doravante outra preocupação que não fosse admitir os seus cúmplices: os ministros, os marechais ou os intelectuais que, como eles, traíram a verdade, para bem da causa... «Por Deus, pelo czar, pela pátria!...» a divisa de Miguel Strogov... O velho mestre e protector de Juliano não respondeu mais às suas cartas afectuosas e devolveu-lhe, sem a ler, uma brochura em que Juliano, com moderação e respeito por aqueles que pensavam de modo diferente do seu, expunha, objectivamente (apoiado em documentos), a sua tese das responsabilidades da guerra divididas e do dever de os intelectuais trabalharem para uma pronta reconciliação.

Os combatentes, acaçapados, da «Action Française», que se constituíram, com poucos riscos, «defensores da moral da retaguarda», organizaram manifestações de protesto nas suas aulas do Colégio de França. Felizmente, a solidariedade profissional, mais forte até do que a paixão patriótica, defendeu-o contra os violadores do recinto sagrado, igual àqueles em que, na Idade Média, os criminо-

sos não podiam ser capturados. Conservou o seu lugar de professor. Apenas fecharam o curso por algumas semanas. Os perdigueiros da «Action Française» tinham outros terrenos de caça.

Juliano não repetiu o escândalo; mas não teve nenhum mérito nisso: A censura, já informada, não deixava passar nem uma linha sua. Até as suas memórias arqueológicas se tornaram suspeitas: nenhuma poderia ser publicada antes do fim da guerra. Quanto a aceitar as ofertas que lhe faziam os partidos da oposição política, desejosos da adesão do seu nome às suas associações e aos seus comícios, aliás pouco frequentados e perseguidos, Juliano conservava ainda muito do seu duplo orgulho de intelectual e de burguês para se prestar a isso. Precisava ainda de muitos anos para se libertar do colarinho engomado. Embora liberto e descontraído, sentir-se-ia sempre mais à vontade com os seus livros do que com os homens da rua. O seu espírito, porém, era intrépido. Nada lhe faria abandonar a pista começada. Lealmente, o corpo, sem alegria, mas sem lamentos, seguiria o espírito para onde ele o levasse e, se fosse preciso, até as barricadas.

Não se chegou a isso. Entre 1915 e 1919, Juliano calou-se e meditou. O vácuo que fizeram à sua volta deu-lhe vagares. A sua solidão intelectual enriqueceu-o e estimulou-o. Aprendeu a passar sem os outros. Esses outros, que, ao quererem tirar-lhe o ar, lhe ensinaram a ir procurá-lo nos cimos, ficaram irritados com a contrariedade e a sua hostilidade agravou-se. Bem quiseram emparedar o escândalo. O escândalo estava mudo; mas vivia. A rude e ardente meditação de Juliano incidia nos homens ao mesmo tempo que nas ideias. As suas experiências da vida que o feriram foram um benefício para o seu espírito. Esclareceram-no acerca da natureza humana e dos caminhos tortuosos do labirinto.

Juliano saiu da ciência dos livros, e, de dia para dia, durante anos, penetrou nas catacumbas da alma,

em toda essa rede entrecruzada do subconsciente que percorre a terra vazia, sob os passos do pensamento que fala da mentira quotidiana. Explorou-as sòzinho, sem se servir muito da candeia dos grandes doutores da psicanálise. Tinha a sua própria lanterna. O seu atavismo religioso pôs-lhe nas mãos a chave duma singular intuição que tinha tanto do instinto animal como da inteligência raciocinante, mas que esta dirigia e ordenava.

O resultado foi um pensamento que, depois de ter errado, subterrâneamente, durante muito tempo à procura de saída, furou a crosta da noite e surgiu, em jacto artesiano de imagens, nos pontos mais fracos que o engenheiro assinalara. Sucedia que as ondas das profundidades, carregadas de símbolos que se ignoravam como peixes cegos, eram dum poeta-filósofo. Juliano levaria, porém, muito tempo até dar por isso. Como tinha pouca sensibilidade para o que admiram comummente sob o nome de poesia, julgava-se impenetrável às suas luzes, o que não lhe causava nenhuma pena. Quanto à filosofia, desde que a dúvida religiosa minara os seus fundamentos, imaginava que ela não tinha mais alicerces e troçava dos vãos esforços do espírito para os reconstruir.

De boa fé, Juliano cria já não crer em nada... É possível!... Já não cria; mas criava... Que é então criar se não crer?... Talvez não com o cérebro, mas com as vísceras. A voz do ser grita: «Concebe!» O cérebro tem de obedecer. É um pobre servo, em face das forças profundas da carne. Quando digo «carne», quero dizer «a alma» e os seus exércitos. Juliano tinha em si mais dessas energias do que pensava. Todos as temos; mas estão adormecidas e tememos despertá-las... A maioria dos que as temem não deixa de ter razão: não seria capaz de as dirigir. Ai do território onde esses bandos ficarem à solta! Juliano, embora seguisse os seus exércitos, comandava-os. Um intelectual da sua têmpera pode

lançar a sua barca na torrente; não abandona, porém, o leme.

Esse raro equilíbrio do espírito crítico e da inquietação deu vida aos seus «Diálogos do Povo sobre o Aventino», em que o povo da Alma, quebrados os laços que o prendiam à Cidade, deliberara tumultuàriamente. A última palavra, dessa vez, não foi a do homem que defende a causa do estômago; aquele que quer comer que trabalhe!... «Mostra as tuas mãos! Intelectuais, sábios, artistas, escritores, prestem as suas contas! Que fizeram, desde há cem anos em que foram reis — ou lacaios — da opinião?...». Era uma parada à Daumier (*). Todos os heróis da escrita no tablado! O verdadeiro drama, porém, era na alma do espectador — que virava o rosto com desprezo — nesse povo, acampado fora da cidade em volta dos grandes fogos da noite que via subir no abismo do céu as suas labaredas vermelhas, de que as estrelas tremeluzentes eram as faúlhas.

O espírito, sem guia, fazia a sua Revolução, à hora em que a Revolução se fazia, lá longe, com os punhos dos povos, no fundo da Europa. O espírito, contudo, não conhecia os factos; e não fazia nada para ser conhecido. Juliano não publicou as suas meditações. Embora depois de o estado de guerra e de censura terem acabado, não tivesse dificuldade em encontrar um editor, guardou-as em manuscrito; repugnava-lhe proclamá-las ao ar livre. Talvez por ser constrangido, então, a ver-se a si próprio a toda a luz. Desde o momento em que a luz exterior entrasse na sua casa, não poderia fechar a porta. Acabava a sombra!... A sombra acabara, mas demorava, complacentemente, o claro-escuro,

(*) O pintor e caricaturista francês (1808-1870) que flagelou com o seu lápis implacável os podres da política, ia burguesia e do foro. *N. do T.*

caro aos homens do pensamento... Acabara a penumbra à Rembrandt, em que do sol invisível, de que fogem os olhos muito sensíveis, se acendem, ao fundo do quadro, os clarões laranja aveludados... O sol entra e também a acção. Juliano adiava, o mais possível, o momento de abrir a porta à visitante.

Juliano contentou-se, então, com publicar, no período que se seguiu à guerra, as suas grandes obras de história das ciências. Julgava-as objectivas; mas a sua robusta personalidade, que a viril solidão alimentara e cujos anos de contenção tinham retesado o arco, não dava pelas flechas de bronze que disparava, em todos os capítulos, contra a mentira da inteligência do seu tempo e de todos os tempos. Como ele próprio estivera impregnado delas, era a si que visava. Quem visava, porém? Ele. O novo Juliano; o novo homem ensanguentado pelo seu esforço para se libertar. Era toda um período intelectual, toda uma época de sociedade agonizante, que recebia o golpe e o acusava.

Acusava-o o menos possível, a fim de não atrair a atenção pública para o arqueiro. A juventude, que não tinha tempo para ir procurar o pensamento no fundo das grandes obras construídas à maneira das catedrais, sem ocultar os seus arcobotantes (quero dizer: os suportes da sua monumental documentação), passava de largo, sem olhar. Aliás, se tivesse tentado olhar, teria compreendido? Admiti-lo-ia? Nos primeiros anos do após-guerra, a grande geração dos heróis do espírito, que se tinham acomodado, como Spitteler (*) e Thomas Hardy (**), com a altiva solidão e o pessimismo heróico de olhos valorosos, que olhavam de frente a trágica

(*) Escritor suíço (N. 1845), autor de «Printemps Olympien», notável pela altitude do pensamento.

(**) Romancista e poeta inglês (N. 1840). — *N. do T.*

realidade e não esperavam nada transformá-la, sofrera um descrédito rancoroso.

A Suíça, tão pobre em génios, encarniçou-se em sarcasmos quase odientos contra o poeta de «Printemps Olympien». Nunca Estocolmo, tão pródiga do seu Prémio Nobel, consentiu em dá-lo a Thomas Hardy. Não perdoava a esses homens o seu viril desprendimento que «sereniza» na implacável verdade. Acusavam-nos de egoísmo, que se satisfazia com um mundo mau e sem esperança, no qual tinham instalado a vida e a sua glória, sem se ocuparem em dar-lhe remédio. Não viam que essas grandes vozes de homens tinham sido dominadas, durante quase toda a sua vida, por um espírito de justiça ferida, que tiveram de fazer frente à dor, que, se se tinham entrincheirado, como Spitteler, numa couraça de indiferença e de superior ironia, era à maneira de Timão de Atenas, traído no seu amor pela humanidade... *Durchaus!*... «Apesar de tudo!...» A palavra de Prometeu e de Hércules, que não crêem nos homens pelos quais se vão sacrificar!...

Juliano fora alimentado por essa amarga substância, por esse pessimismo nietzscheano de velhos leões que riem. Pertencia, porém, a outra geração intermediária, entre esses grandes solitários do pensamento que não actua e a juventude do após-guerra que queria agir antes de pensar... para encher o abismo. (Não teria estrutura para o encher; os seus corpos e as suas almas esmagar-se-iam lá...) Juliano tinha como eles a visão abissal da Existência, do sorvedoiro humano. Essa visão, contudo, não o atingira no tempo da muda jovem, quando a carne e o espírito brandos não estão ainda formados. Já tinha a sua dura ossatura, não ficaria esmagado, não fraquejou.

Juliano sabia fitar de frente o Nada da sombria aventura. Essa noite iluminava-a com o clarão do espírito, que cria a «sua» verdade, a «sua» beleza,

a «sua» bondade. Sentia-as poderosamente e envolvia-se nelas com amor, sem perder, um único momento, a consciência nítida do abismo por cima do qual estava suspenso com tudo aquilo de que gostava. Aquilo de que gostava? De que gostava ele?... Estava só e desiludido dos homens que o tinham, e a quem tinha, a distância... Sim, o presente: aquilo que morre e amanhã estará morto! Não era para esses condenados, para esses homens do presente, que pesava, vivia e criava. Aquele que cria, pela carne ou pelo espírito (é a mesma coisa), transporta em si os homens do futuro. Como não haveria de gostar deles? Projectava-os na noite. Seriam eles que encheriam o abismo.

Esse grande solitário, que concebia intrèpidamente o seu pensamento, fazia o futuro sem o saber, sem dar por isso. Era o operário no estaleiro dos homens e dos povos do mundo, que trabalhavam, neste momento, para construir uma ordem e um mundo novos. Quando mais tarde o reconheceu — depois de os acontecimentos exteriores terem invadido o seu gabinete — encontrou-se alistado no exército da Revolução. Havia já dez anos que esse «revolucionário sem o saber» disparava as suas setas de bronze contra o pensamento inimigo. Quando ainda o ignorava por metade, Anita convalescente, que lia os seus livros no leito, descobriu-o à primeira vista. A alegria inundou-lhe o coração no peito, de que o antigo amor, sempre jovem, lhe entumesceu os seios. Ela, também, concebera... aquele a quem amava: o seu Juliano... O arqueiro...

OS velhos amigos estavam, portanto, muito próximos. Era de recear, porém, que o encontro entre um e outro não se tivesse produzido se duas mãos jovens não os empurrassem pelos ombros: «Avança! Avança!», mãos que eram hábeis em atirar a bola. O bom génio, o anãozinho que aproximou os dois velhos namorados separados pelos silvedos de vinte anos, na floresta mágica do Sonho duma Noite de Outono, só tinha dum Puck a alegria. Era ágil sem dúvida e o seu corpo elástico era capaz, dobrado, de tocar, de pé, com as mãos os calcanhares. Não passava despercebido. O que tinha debaixo dos pés segurava-o bem; cada um dos seus passos dizia: «Para mim!... Para mim, a terra! Para mim, a vida!...»

Este «mim» era uma jovem alta e robusta, como um rapaz, a cabeça redonda tosquiada, o busto liso, braços musculados, longas coxas, barrigas das pernas tostadas e pés arqueados. Era a filha de Juliano. Georgina de nome; mas era Jorge, um rapaz, e pronto a lutar com um dragão. Muito havia de rir ao ver contorcer-se sob o seu calcanhar o grande lagarto... Rir era o que mais sabia fazer, desde que viera ao mundo. Sabe Deus onde o aprendera. A casa triste de Juliano, o pai, a mãe e a avó, fora abalada desde os primeiros tempos em que a ouviu.

Ainda então, passados vinte anos de a ter, Juliano sentia, a todos os instantes, um emaravilhamento, inquieto e envergonhado de si: «Se este milagre acabasse!» Era realmente um milagre.

Juliano era tão pouco dotado para o riso! Ria tão mal! Sentia, ao ouvi-la, que era tão belo, tão bom! Quem lhe fizera aquele dom? Dizia para si que não o merecia. Não o merecia na verdade, por se atormentar com essa ideia de mérito ou demérito! Como se a gralha pensasse nisso! Acharia boas as uvas; Georgina achava boas as uvas. «Pilha!...» Ela pilhava... Quem diria à geração de Juliano que, sobre aquele campo de ruínas, onde juntavam, a gemer, os testos da sua escudela partida, a nova ninhada iria encontrar uma vinha? Nenhum dos antecessores lhe indicara o caminho. Estava sòzinha. Bastava olhar para ela. Georgina caminhava, com o busto levemente inclinado como uma corredora, os cotovelos nos flancos, as mãos para a frente, prestes a agarrar, boca entreaberta, o peito a ritmar a respiração, os olhos claros num rosto crestado pelo sol.

Nada lhe escapava do caminho; por dentro nada que a perturbasse. Bem dotada de corpo e de espírito, desenvolvera-se vigorosamente, sem pressa, sem escrúpulos e sem excessos. Para sua felicidade, nascera couraçada com uma surpreendente impermeabilidade à atmosfera da casa. A sua faculdade de não ouvir as lamentações e os ralhos fizera o desespero da mãe. Não era por má vontade; era pior: por indiferença pura e simples. Não ouvia aquilo que a aborrecia. Essa insensibilidade física não excluía, porém, um coração expansivo. Quando sua mãe, depois de ter falado, lhe perguntava:

— Compreendeste? Que te disse?

Georgina ria-lhe na cara e abraçava-a com tal entusiasmo que a pobre mulher não tinha coragem de lhe ralhar mais. Não lhe ficava, contudo, nenhuma dúvida, de que, mais uma vez, perdera o

seu tempo. Se ao menos pudesse compreender o que se passava naquela rapariga! Tudo, porém, era para ela um quarto cheio de mistérios, cujo limiar não franqueava. Ignorava o que pensava Georgina acerca daquilo que mais lhe interessava: a religião. A filha não fazia nenhuma objecção em acompanhar sua mãe à missa, rezar as suas orações e até, se tinham muito empenho, em ir lavar, periòdicamente, a sua roupa ao confesso: ia e vinha, porém, com o mesmo bom humor despreocupado que tinha para o colégio ou para jogar o ténis... Os seus pecados não lhe pesavam muito! Que pensava, contudo? Que pensava das palavras que lia no seu livro de missa, do Evangelho, de Jesus Cristo, da Virgem, da Igreja do Bom Deus e até do outro mundo e da ressurreição? Não havia maneira de se saber nada. A verdade era que não pensava nada. Nada disso lhe interessava...

Santo Deus, sim; Georgina pensava, como toda a gente, que se morria, mas isso estava ainda tão longe! Só morremos uma vez, ao passo que vivemos cem mil vezes em cada minuto do dia. Não há tempo para nos preocuparmos com o fim. Para que serviria? Que se sabe?... Sim, há precisamente a Igreja que diz isto; e há outros que dizem aquilo... «Por mim, tanto se me dá isto ou aquilo. Não me interessa discutir aquilo que não conheço. Tenho outras coisas que me interessam. Pensem por mim, se quiserem, acerca dessas coisas! Sobretudo, não se preocupem comigo! Saberei sempre tirar-me de dificuldades!...»

Não o dizia. Não se exprimia, talvez, claramente; mas lia-se isso na sua magnífica despreocupação. Razões de novos tormentos não faltavam à mãe, que se entregava a eles com uma certa alegria. (É preciso alimento para todas as fomes; alguns preferem o pão das lágrimas; Georgina não a contrariava...). Foi talvez uma sorte para ambas que a mãe partisse para o mundo que julgava melhor quando a filha ainda não tinha quinze anos. Sem dúvida,

disse e pensou: «Minha pobre mãezinha!» e chorou grossas lágrimas, como qualquer outra! Teve até, na ocasião, um desses grandes desgostos de criança, em que o nariz incha e os olhos não vêem com o choro; mas — não tinha culpa disso — passada a bátega, secavam os olhos e vinha o bom tempo: a «pobre mãezinha» não ocupava já grande lugar em casa.

Nem o pai nem a filha o quereriam reconhecer; mas encontravam-se muito mais à vontade. Por muito longe que Juliano estivesse do espírito de sua filha — terra desconhecida! — sentia por ela incompreensíveis complacências e ainda mais desde o momento em que, abandonada apenas à sua protecção, a criança se transformava em mulher. Não reprimira em nada o seu desenvolvimento e deixava-lhe uma liberdade de movimentos que teria aterrado a mãe. Georgina saía e entrava quando queria, organizava os seus dias como entendia, dava conta deles ou não conforme lhe parecia, fazia da sua vida o que lhe apetecia. Juliano não lhe pedia mais nada do que olhar pelo arranjo da casa, estar a horas para as refeições e, quanto ao resto, saber que confiava nela. Georgina sabia-o e era essa a sua mais eficaz disciplina.

Nos momentos em que o espírito desnorteia (sucede sempre isso no espírito duma rapariga), Georgina acalmava-se ao pensar: «Somos dois: eu e ele», visto o pai se entregar nas suas mãos! Se lhe fizesse imposições, se opusesse um veto aos seus actos, a filha, provàvelmente, teria saltado por cima disso, por brincadeira. Não era, porém, apenas o sistema da não resistência paternal que bastava para a conter! Poderia muito bem dizer: «E se eu experimentasse? Isso não lhe faria mal e, para mim, seria um bem...» Não tinha, contudo, vontade de experimentar. O amor era a última das suas preocupações.

Georgina era, no entanto, uma perfeita rapa-

riga. Nada lhe faltava; mas quê? Não tinha o apetite do homem. Achava isso até um tanto grotesco. Não pecava por ignorância. Lera — e de que maneira! — no grande livro da natureza. Fazia o seu curso de ciências físicas, químicas e naturais, e sabe Deus o que tinha visto e ouvido! Era, porém, como a chuva nas costas dum pato. Os espectáculos ou as frases mais ousadas faziam um «pluf!» no regato e desapareciam sem deixar traços. O seu riso forte de rapaz quebrava as pretensões dos mais atrevidos, que riam também, desarmados. Tratavam-na como um companheiro e contentavam-se em troçar da «invulnerável». Georgina era a primeira a troçar de si própria; mas não procurava mudar.

A paixão do desporto ocupara nela o lugar das outras paixões. Dava-se a ela de alma e coração. Era todas as alegrias numa só: a do jogo, a da acção, a do domínio de si própria, do orgulho, da paixão desinteressada, a embriaguez do sangue e a clareza do espírito, a plenitude das energias e o paroxismo em que a vida está suspensa por um fio. «O fio é sólido, a vida salta, o ar e a terra são meus...» Sem dizer nada ao pai (só o soube depois de toda a Paris o saber), Georgina submetera-se a treinos metódicos. Dissera, para si: «Farei tão bem como os outros, farei até melhor».

Ao vê-los correr na pista, o seu sangue jovem corria mais impetuoso e impacientava-se: tinha confiança nas suas pernas e na sua peitaça. Correu no estádio e bateu a marca dos «trezentos metros», que manteve, orgulhosamente, durante alguns meses. Tivera a sua hora de glória olímpica, nesse jovem mundo anacrónico, que revivia, sem pensar muito nisso, a Grécia antiga, na ponta da asa negra do caos que se estendia pelo céu da Europa. Era preciso vê-la, na explosão da vitória, excitada, a resfolegar, a luzir, a cheirar a suor, com o cabelo empastado, os olhos muito abertos, os traços marcados, um tanto atordoada, francamente feia,

indiferente à beleza e mais bela do que a beleza, radiante:

— Bati-a!

Quê? A marca?... Ah! Muito mais do que um êxito no estádio...

— Bati a minha última! Bati-me a mim própria!...

Que posse se compara com essa? Não há que fazer da dos amantes. Eis, muito pura, a alegria completa. Ninguém poderá juntar-lhe um grão mais... Sim, não dura muito... Nada dura... Quem a tem, porém, guarda o sol dentro de si. Que pode haver de mais sólido na terra?...

Uma voz secreta murmurava-lhe, certos dias, quando via pèzinhos que corriam no jardim ou um narizinho no ar que nem sempre estava assoado: «Há o filho...». A amazona não cortou o seio. O coração da mulher recordava-se... sorria para o que corria... «Sim, seria bom também, se não houvesse o homem». Havia, porém, o homem... «Ora bolas!...» Afastava então o filho dos seus pensamentos. Não se pode ter tudo! O que tinha bastava-lhe.

JULIANO que, na sua penumbra de velho Fausto triste no seu gabinete de alquimista, a contemplava sem ela saber e admirava com surpresa a rapariga livre que saíra dele, tremia todos os dias com medo de que ela lhe fugisse e todos os dias se tranquilizava, ao vê-la satisfeita, desprovida de inquietações e de desejos. Perguntava a si próprio: «Como foi possível? Que fez ela para sair de mim?...» Uma voz interior respondia-lhe: «Tu bem sabes! Tu reconhece-*la*...»

Quem era? Aquela que marcara a sua vida e que a sua vida rejeitara. Graças a Deus, porém, ela fora a mais forte. Nunca deixara a sua casa. Lentamente, havia penetrado no seu pensamento. Fizera mais: entrara no seu celeiro. Essa semente viva que provinha dele, Juliano queria convencer-se de que dimanava dela. Pretendia reconhecê-la. Descobrira certos pormenores imperceptíveis para outros olhos: uma sombra de penugem ao canto do lábio, o pescoço, a maneira de pronunciar certas consoantes, as reflexões que fazia e sabe Deus que mais!... Dizia para si: «Santo Deus! É Anita...»

Era ilusão sem dúvida. A sua visão, impregnada dela, projectava-a sobre tudo. No entanto, se o seu espírito estava assim impregnado por que não o estaria a sua filha? Pouco importava que fosse jo-

guete duma ideia fixa! Isso importava, porém, muito para a felicidade de Georgina. Sem que tivesse a menor suspeita, era a isso que devia a surpreendente indulgência do pai e o respeito enternecido que mostrava pela sua liberdade. Georgina dizia para si: «Tenho sorte!...» Não fazia ideia daquela a quem a devia.

Georgina acabou um dia por encontrar a sombra invisível que habitava na casa! Certamente que roçara por ela mais de uma vez, no limiar da porta do quarto de seu pai ou no seu olhar, desde os primeiros dias da sua infância. Estava, contudo, de tal modo habituado que nunca o tinha notado. Foi preciso que a sombra falasse... Falou...

Juliano fora a Londres tomar parte num congresso. Devia estar ausente quinze dias. Georgina aproveitou para dar caça à poeira no santo dos santos: o seu gabinete de trabalho. Como todos os verdadeiros trabalhadores, o pai não permitia a ninguém que lá tocasse; pretendia arrumar tudo sòzinho. Bem entendido, a sua arrumação era, para todos os olhos excepto os seus, a mais inextricável das desordens. Georgina, inimiga nata da confusão, aguardava havia muito tempo a hora de intervir. Aproveitou aquela em que o dono da casa não estava lá. Teria de lhe ouvir música, no seu regresso!... Pois que tocasse... «Toca, paizinho!...» Ria-se por antecipação, como uma garota: «Protestem, papéis! (Pegava neles às braçadas e atirava-os para o chão). Agora, sou senhora e dona destes domínios...»

Entregava-se à tarefa com tanto entusiasmo, a arrastar os massos de papéis, a fazer equilibrismo com as pilhas de pastas, que uma destas ao abrir a boca para protestar, deixou sair, como no conto de fadas, a torrente de palavras que tinha acumuladas lá dentro, cartas e mais cartas, mal amarradas, que se espalharam pelo chão. Que era aquilo?... Georgina sentou-se no chão para as apanhar, a rir de vontade: «Oh! Com os diabos! Se ele descobre

que mexi nisto!... Que hei-de fazer para as pôr pela ordem em que estavam? Não há outro meio se não lê-las, para ver as datas... Basta o princípio; isto irá depressa. A correspondência do paizinho deve ser muito aborrecida!... Olá! Olá!...»

As primeiras linhas da primeira carta não deixavam entrever nada de aborrecido... Aquele cordel, com um nó mal dado, que se desfizera e deixara escapar os papéis, era, tinha sido, uma fita... «Então, paizinho, que é isto?» Georgina não perguntou a si própria se leria, como se deve fazer decentemente quando se conserva um resto do pudor dos antigos tempos. Certamente que ia ler. Aquilo prometia ser muito interessante. Instalou-se còmodamente com as pernas cruzadas no sobrado, quase debaixo da mesa, entre as cartas espalhadas. Tirava uma, ao acaso, do monte. Não tinha nenhum receio de a irem perturbar.

Estava sòzinha em casa... «Se baterem, deixo bater...» A janela estava aberta, e lá fora cantavam os melros no jardim. O sol de Junho derramava-se à volta e acariciava por cima da sua cabeça as guarnições de cobre velho da secretária. Georgina estava num recanto de sombra e nas suas mãos enrolava-se a trepadeira daquela alma que surgia das cartas e levava às suas narinas o perfume do jasmim em flor do quintal. Cantarolava e sentia-se bem... Não calculava a extensão do seu delito?... Oh! Perfeitamente! Calculava e divertia-se com isso.

Não se importava com respeitar a moral da opinião pública. Sabia que não devia desafiá-la abertamente, porque era esperta e de bom senso; mas à porta fechada?... «Tem paciência! Minha velha!...» Era como Kitchener (*): uma vez passado o canal de

(*) Militar inglês (1861-1916), das guerras do Transval e do Egipto. Era ministro da Guerra quando se deu o conflito com a Alemanha (1914). — *N. do T.*

Suez, a moral é outra!... «Eu cá tenho a minha...» A sua (era uma sorte, certamente), boa e sadia, era talvez melhor do que a deixada no porto do outro lado do canal... Gostava sinceramente do pai. Talvez não (com certeza: não) como outrora as filhas gostavam dos pais. A dose de respeito diminuíra; não havia vestígios de medo. O verniz dessa antiga veneração estava muito estalado; mas a afeição teria perdido alguma coisa? Creio que não... Mediante a condição, bem entendido, que esse homem a merecesse!

«Por que seria obrigada a gostar dele, se não tivesse feito mais nada do que engendrar-me? Aqui para nós, paizinho, pela pena que isso te causou!... Sim, por me educar... Isso é outro caso... Cabe-me a vez de o julgar presentemente. Tanto pior para ti, se não quisesses ou não soubesses o que era o meu bem e o meu direito!... Quiseste-lo e soubeste-lo, meu velho, e tens tanto mais mérito nisso quanto é certo ser a tua filha uma cabrita difícil de guardar. Pisei todos os canteiros do jardim dos preconceitos! Não o esqueço; não esqueço nada. Se alguém se lembrar de te tocar, terá de se haver comigo. Somos aliados. Aqui para nós, velho companheiro, entre mim e ti, tenho todo o direito de não me importar e de meter o nariz nos teus papéis... Sim, não o admitirias, porque és dos velhos tempos. Por mim, sou do meu tempo. É quanto basta! Vou ler... Não saberás nada; é preciso não contrariar as crianças...»

Georgina acendeu um cigarro: «Cuidado! É preciso não largar fogo à barraca...» Chupou, silenciosamente, durante um momento, enquanto lia, a ponta do cigarro e o suco da carta... «Apre! Que paixão!... Não é possível que o velhote tenha sido amado assim!» O cigarro ardeu, ardeu, e apagou-se. Georgina só se lembrou que o tinha quando sentiu o calor na ponta dos dedos. Não pensou em acender outros. Estendeu-se ao comprido para ler melhor, com o ventre e os cotovelos no sobrado.

Leu, leu... Era uma torrente!... Parecia que banhava nela o seu ventre. Leu, sem julgar, sem tentar formar uma opinião, sem compreender bem.

Era, para ela, um mundo tão diferente!... O que ressaltava, porém, de cada linha, de cada encrespar da corrente, era uma mulher, uma mulher amorosa e sofredora, mas viril no seu lamento e no seu ardor, que dominava o outro — «aquele homem» — de toda a altura da sua alma altiva, que o conduzia pela mão e cuja terna energia o reconfortava, que se sacrificava, que por fim o consolava por o ter sacrificado... Ele, o homem, fazia perante ela uma triste figura melancólica de quem viu passar a felicidade e não teve força para a agarrar, e que não tinha nenhuma dúvida de que, ao recusá-la, se destruía, pois escrevera, com a sua mão pesada, no invólucro do masso de cartas: «A minha felicidade morta».

Georgina só leu esse grito no fim, quando procurava reunir as cartas dispersas. Parou de as juntar. Deitou-se de costas, com as mãos debaixo da nuca. Viu uma rosa vermelha, suspensa do parapeito da janela, que o vento de tempestade agitava. À sua volta, no pavimento, aquela sinfonia muda de amor... Trinta anos antes, outra mulher, outra filha, devassara assim os segredos amorosos de seu pai (*). O destino vingador entregava-a por seu turno. O pai dela estava, porém, morto; enquanto o pai de Georgina vivia. As cinzas remexidas ardiam ainda, queimavam, pelo menos, os dedos de Georgina que lhes tinha tocado...

Georgina sonhava, vogava em mares desconhecidos... Vinham-lhe eflúvios de ilhas polinésicas que via surgir da esmeralda marinha, linhas de madréporas e de mangueiras, com uma franja de espuma... Esses arquipélagos eram, para ela, um país

(*) V. «Anita e Sílvia», 1.º volume de «Alma Encantada».

estranho... mas, por isso, o seu perfume penetrava-a, talvez, com mais intensidade... Sob os seus passos, desencadeava-se o tremor da comoção que sentimos todos, com o choque de certos encontros, em lugares onde jamais passámos: «Já estive aqui...» Como? Ela estivera lá? Como poderia ser?... Não amara ninguém. Até nesse momento, estava livre e distante do amor...

No entanto, o amor daquela estranha ressoava-lhe no coração com um toque conhecido de sinos ao longe. Toda aquela história antiga era como um relato que já lhe tivesse sido feito, outrora, numa semi-sonolência e depois esquecera. Cada episódio, depois de o ter lido, parecia que já lhe fora contado antes de ter voltado a página. Daquela imagem de mulher, que lhe era, ao mesmo tempo, enigmática e próxima, não sentia tanto as penas como sentia os seus impulsos, não a melodia, o amor ou a alegria, mas o ritmo, a força, o jacto de fonte, o sangue. Iria jurar que já a tinha visto... Melhor: conhecido!... Melhor... Melhor quê?...

Georgina levantou-se e sentou-se tão bruscamente que a cabeça bateu no fundo da mesa: «Melhor... Sou eu!» A pancada despertou-a. Esfregou a cabeça. «Apre! Estou louca... Esqueci-me de almoçar». Comia sempre com apetite. Para se esquecer assim do almoço, era preciso ter perdido o norte. Reencontrou-o imediatamente; mas enquanto recuperava as bocadas atrasadas, não perdia a pista onde acabara de ficar à espreita. Não importava que dissesse para si: «É idiota.» Disse: «Amou-a antes de eu ter nascido».

Sabe Deus o que daí por diante, a sua imaginação feminina, recheada de ciência romanceada, iria construir com isso! Antes de serem arrumadas, as pobres cartas foram mais de uma vez relidas e estudadas. Georgina poderia, depois, discutir os factos e as datas com o pai. Se não o fez, pouco faltou. Certa noite, mordeu a língua, queria saber... Para

o diabo os preconceitos! Por que não se pode falar livremente de tais assuntos?... Não eram os assuntos que a tolhiam; mas não podia decentemente contar ao pai como se apoderara do seu segredo. Como era, no entanto, divertido e tocante!...

«Este pobre que está ali sentado do outro lado da mesa, que julga estar sòzinho no mundo com os seus mistérios, que não sabe que os conheço, que o vejo completamente nu, com a sua dor, o seu amor, as suas fraquezas, todas as suas feridas... e que o julgo... Julgo-te... Fizeste bastantes disparates! Não foste brilhante!... Ah! Como gosto de ti ainda mais!...» Ia beijá-lo... «Pobre paizinho!...» O pai não compreendia.

Georgina começou à procura. Decidira encontrar Anita. Não podia esperar que o pai a pusesse no bom caminho. Não foi fácil a descoberta. O nome da sr.ª Rivière não figurava nas listas dos telefones. Podia ter desaparecido ou estar casada. Era preciso tempo para se informar. Acabou, no entanto, por encontrar a pista: Assia primeiro e depois Marcos, cuja notoriedade começava a espalhar-se. Passou duas ou três vezes pela livraria, mas não encontrou Anita. Não se decidia a ir bater à sua porta. Tão perto do limiar e recuava. Bem podia fazer de rapariga atrevida que saltava por cima de tudo; tinha, no entanto, estranhas manifestações de timidez. Se a visse, que lhe diria? Era perturbante uma conversação com uma estranha tão íntima, uma desconhecida tão conhecida, a quem tinha, imprudentemente, arrombado o cofre dos segredos!...

Uma Anita, tal como Georgina a imaginava, não perdoaria se o soubesse. Sabê-lo-ia às primeiras palavras. Georgina sentia que, ante o seu olhar, se trairia. Perdia, antecipadamente, toda a linha e ficava de boca aberta, com o fio do discurso cortado, muito corada! Para sair da dificuldade, como os tímidos, tornar-se-ia brusca e abandonaria, canhes-

tramente, como num desafio, todas as revelações que retinha. Imediatamente, o olhar de Anita a gelaria e lhe fecharia a porta entreaberta da sua confiança. O fosso tornar-se-ia mais difícil de franquear do que antes... Georgina não se sentia com coragem de tentar. Não abandonava, no entanto, o seu projecto. Esperava, porém; não sabia que ocasião que a ajudaria ou a forçaria a ousar. A ocasião havia de vir. Viria!

A ocasião não vem para a maior parte daqueles que esperam passivamente. A expectativa de Georgina era, porém, como ela, sempre activa e pronta para agir. Não dormia enquanto esperava. Em suma, quando falta uma ocasião é muito menos por ela não ter vindo do que por não a termos visto vir e apanhado no ar quando passa. Não havia o perigo de uma Georgina a deixar passar! Um olhar, um salto, e apanhou-a como a uma bola de ténis.

QUEM, dessa vez, lhe atirou a bola? Um desconhecido. Um jogador vindo de Itália. Para ele, também, fora o acaso que lhe fizera encontrar Anita; mas não fora sòmente o acaso, fora o destino da vida, um parentesco de pensamento, que o aproximara de Juliano e que iria fazer dele, sob o impulso de Georgina, o mensageiro que reabriria as portas entre os dois velhos amigos.

Anita não o esperava!... Naquela manhã, estava sentada, fatigada sem sentir as pernas, a um canto do seu quarto, que estivera a varrer. Não tinha criada, uma mulher a dias sòmente, que ia, durante algumas horas, fazer os trabalhos mais pesados da casa. Estava sòzinha, assaz abandonada pelos filhos que, já sem desgostos para lhe dar, guardavam para eles as suas alegrias (a actividade a dois é um grande prazer!). Não tinha o mau gosto de se lamentar. Era da profissão de mãe! Quando os filhos estão satisfeitos, despedem-nas do seu pensamento como a empregadas que, feito o seu serviço, se vão embora...

Anita sorria; mas sentia as costas doridas. Já não era jovem e tinha carregado com mais do que a sua conta dos próprios tormentos e dos dos outros. Deixava-se invadir pela lassidão e os seus pensamentos, com o pano de limpar os móveis na mão.

A janela estava toda aberta para a rua. A frescura do ar gelava-lhe os ombros; mas não dava por isso, como não dava pelo ruído da rua. Meditava em como era bom amparar aqueles de quem gostamos; mas que seria também bom ser amparada por eles, de tempos a tempos! Isso era, porém, um luxo assaz raro. Não acusava especialmente ninguém. Ninguém pode dar se não aquilo que tem. Cada um dos homens que conhecera tinha justamente o preciso para si próprio.

Ante seus olhos perpassavam, com uma afectuosa ironia, todos aqueles que tinham bebido do seu leite. Desfilavam sem ordem e a sua reaparição era por vezes imprevista. Entre as figuras conhecidas e familiares, outras surgiam que julgava já esquecidas e no número destas rostos apenas entrevistos um dia, mas cujos verdadeiros traços se mostravam (talvez por contraste), pela primeira vez, em plena luz. Por um desses relâmpagos luminosos semelhantes a um raio projectado pelo instante que vai seguir-se, um rosto surgiu do abismo do passado. Anita disse: «Este não me tirou nada; deu-me.» Surpreendia-se de o ter podido esquecer, a ponto de, naquele momento, não se lembrar sequer do seu nome... Foi justamente nesse momento que a porta do seu quarto se abriu e a jovem serviçal, sem prevenir, sem etiqueta, mandou entrar:

— Minha senhora, é um senhor...

Anita teve um sobressalto e viu no limiar aquele a quem acabara de evocar: num rosto do tempo antigo, a barba branca, um belo sorriso e os olhos claros. Por muito pouco provável que fosse o encontro, Anita não teve um momento de dúvida e o nome que procurava acudiu-lhe imediatamente à boca. Estendeu as mãos para ele. Sòmente depois teve vergonha de se ter deixado surpreender naquele abandono de alma e de vestuário; mas riu, de boa vontade, ao ver que ainda tinha na mão o pano do pó. O visitante riu também com ela, ao mesmo

tempo que se desculpava e desculpava a criada a quem Anita ralhava. Vira nos seus olhos o ímpeto de alegria quente e franco que o esperava. O mesmo impulso o levava até ela. Embora fosse quase um velho, os seus olhos juvenis tinham vinte anos.

Havia sete anos que Anita o encontrara, no compartimento dum comboio que atravessava o Sul da Itália. Vinha, então, do seu estágio na Roménia (*). Acabava de sair da sua doença e, ainda febril, sentia uma necessidade voraz de dormir. Sentia-se, contudo, sempre na selva — o juncal de canas de que fugira ao meter-se até o ventre na vasa — as terras de febre, os grandes pântanos que o comboio italiano atravessava lembravam-lha. Por isso, se mantinha desperta, hirta e a tremer. Lutava contra o sono, que a dominava por instantes. Deixava pender a cabeça, que erguia em sobressalto, desconfiada, a observar, de testa franzida, os seus vizinhos. Eram quase todos gente do povo e da pequena burguesia italiana.

Viajava em terceira classe, numa carruagem do meio, cheia. Nas estações, entravam mais passageiros que se empilhavam, ao soco, em cima uns dos outros e chegavam a sentar-se nos joelhos dos já instalados. Uma mulher, de pé, oscilava dum lado para o outro e agarrava-se, aqui e ali, aos ombros dos vizinhos. Os homens fumavam e escarravam para o chão. Anita apertava-se a um canto, sem ousar sequer mexer os pés. Por cima da sua cabeça, um homem, de pé, apoiava o cotovelo na travessa que, a meia altura, separava o compartimento do outro ao lado.

Os passageiros eram quase todos magros, de faces cavadas e barbas de quinze dias. Um velho tinha uma argola na orelha peluda. Em olhos de febre, de globo amarelo, brilhavam algumas pupilas

(*) V. «A Anunciadora», 1.º volume.

de animais jovens. Um rapaz, que apoiava o queixo na travessa do outro compartimento, e uma pequenita sentada no chão entre os escarros, justamente em frente de Anita, não tiravam os olhos dela. Entre os dois compartimentos, trocavam-se frases numa linguagem rude e, uma vez por outra, um *fiaschetto* ou um pedaço de queijo de cheiro acre.

Anita sentia-se, no seu pesadelo de fadiga, como um animal doutra espécie, metido numa jaula de animais estranhos, inquietantes, que a farejavam e fechavam o cerco à sua volta. Bem queria valer-se da sua energia; mas via-os à espera do minuto de esgotamento em que cairia, para se atirarem a ela. A cabeça pesada descaiu para trás e bateu na madeira da carruagem. Sentiu-se afundar, com todo o busto que, arrastado, deslizava. Nesse segundo — a sua consciência não estava ainda morta, mas já não lutava, abandonava-se — sentiu, por trás de si, mãos doces, que a seguravam pelos ombros e debaixo dos braços, e que metiam um saco debaixo da sua cabeça. As suas pálpebras pesadas, abriram-se uma última vez e só teve tempo de entrever pela fenda dos olhos, aquele que, por cima da travessa, como o homem de Rubens na «Descida da Cruz», sustinha o seu corpo e o ajeitava. Então, foi o lago entre montanhas: uma impressão de perfeita segurança e deixou-se mergulhar no sono.

Quando Anita acordou, uma hora depois, o ar estava aliviado à sua volta. Os seus vizinhos, boa gente, tinham-na velado no seu sono. Encontrou debaixo da face um xale, de que uma velha camponesa lhe fizera uma almofada. A pequenita, à sua frente, que mordia numa laranja, ofereceu-lha. Todos, ao verem-na abrir os olhos a cumprimentaram com uma bonomia risonha. Respondeu-lhes no mesmo tom risonho e afectuoso. Não sentia já nenhum constrangimento: eram todos da mesma espécie. Sabia donde viera a pancada de varinha mágica que, ao contrário da de Circe, transformara os ani-

mais em companheiros. O mágico estava por trás dela. Não tinha necessidade de se voltar para o ver. A sua voz, cantante e grave, lançava uma rede sobre aqueles seres amontoados; fizera neles uma comunhão de simpatias e de interesses. Entre os três compartimentos, a conversa era geral e, sem que ele se impusesse em nada, era à sua volta que ela gravitava.

Quase todos os olhares dos que falavam convergiam para o seu lado e como tinham, para o atingir, de passar por cima da cabeça de Anita, paravam a meio caminho. Anita estava misturada na conversa. Aos poucos, o seu ouvido habituou-se ao falar deles e tomou parte na conversação, num italiano hesitante que os fazia rir de gosto. Ficou surpreendida ao ouvir aquele que não via responder-lhe num francês muito puro e selecto. Continuaram o diálogo sem que ela procurasse vê-lo. Informava-se, discretamente, donde vinha ela, para onde ia e informava-a acerca do trajecto.

O homem não falava de si e Anita não procurava informar-se. Os camponeses chamavam-lhe: *signor conte*. Sabia que era um homem de idade, pois fizera alusão a certos acontecimentos, de que fora testemunha na região, ocorridos mais de trinta anos antes. Exprimia-se com uma cortesia familiar. Anita punha-se a imaginá-lo sem o ver. Sabia, porém, que ele a via. Sentir-se como se estivesse sob a sua guarda não lhe desagradava. Era como se tivessem feito um acordo secreto: «Toma conta em mim; tenho confiança...» O curioso era que essa confiança se verificava no perigo. O comboio seguia aos solavancos, a abanar dum lado para o outro, sem nenhuma preocupação acerca do momento seguinte.

Sùbitamente, um choque tremendo, um barulho de ferragens, vidros e madeira partidos e o vagão, estalando como uma noz, partiu-se. Tudo se afundou no meio de rugidos de animais estrangulados.

Anita encontrou-se sob os escombros, de costas, entalada entre duas banquetas despedaçadas, pisada pelos pés do rebanho aterrado (os companheiros voltavam a ser animais). Para aumentar o pânico, o fogo começou a atear-se. Anita, depois de ter tentado em vão, libertar-se, com os quatro membros paralisados, abandonou-se ao seu destino.

Deitada de costas, a cabeça mais baixa do que o corpo, sentia um líquido quente correr dum entalhe no alto do peito, mas não sentia a ferida. No pandemónio que a rodeava, os seus olhos viam por uma fenda, entre os escombros, um pedaço de céu encantador, onde o Sol acabava de surgir. Sentia uma calma surpreendente. Ouvia o ruído sinistro do fogo que roía a madeira, e o vento abatia por cima da sua cabeça, no céu doce, o fumo negro onde explodiam, como no braseiro das castanhas, os nós de madeira a arder; a alguns metros do seu rosto imobilizado soprava-lhe nas faces o hálito ardente da fogueira. Anita esperava; esperava que *ele* a salvasse? Não tinha nenhuma razão para crer que *ele* estivesse vivo nem que se ocupasse dela; mas tinha a certeza. Não ficou nada surpreendida quando ouviu a sua voz chamá-la:

— *Cara Francia*, está aí?

— Presente, amigo! — respondeu Anita.

Quase imediatamente, ele deu por ela e Anita viu, através da fenda, o seu olhar ansioso e fraternal. Num volver de olhos, ele agrupara as boas vontades e à pressa organizava-as a fim de a libertar. O trabalho era perigoso. O menor erro de movimentos poderia fazer correr o risco de cair em cima dela as enormes massas que o acaso mantivera suspensas. No entanto, era preciso actuar depressa. As línguas de fogo quase lambiam os pés da mulher deitada. Anita não falava; deixava-os fazer. À medida, porém, que lhe libertavam os ombros sentia mais a ferida. Pensava que ia desmaiar. Sorria, porém, com confiança no seu salvador que a libertava

da ganga e que, com infinitas precauções, lhe segurava a cabeça com as mãos nas fontes e lhe dizia:

— Coragem! Isto está quase terminado.

— Não tenho medo; estou nas suas mãos — replicou Anita.

— Minha corajosa filha... — disse ele, enternecido com aquela confiança.

Com a dor, Anita perdeu o conhecimento, durante alguns minutos... Quase imediatamente, recobrou-o. Tinham conseguido libertá-la e levavam-na. Anita disse:

— Não! Quero e posso andar.

— Está ferida — disse-lhe o amigo.

— Há muito tempo para me pensar; é preciso, primeiro, salvar os outros — retorquiu Anita.

O vagão partido era um braseiro. Já não podiam aproximar-se dele. Os outros tinham resistido melhor, mas o fogo ia atingi-los por sua vez Ocuparam-se em retirar aqueles que se encontravam ainda debaixo dos escombros. O maior número fugira, a correr e a gritar, através da campina, como um bando de galinhas perdidas. Viam-se esbarrar e cair, a berrar em pleno campo. No seu pânico, nunca julgavam estar bastante longe do perigo. Houve grande dificuldade em reunir alguns. Foi nessa altura que o *signor conte* revelou a sua calma autoridade. Não gritava; não se agitava. Passava tranquilo no meio das gesticulações histéricas, tocava no cotovelo dum homem ou duma mulher e imprimia-lhes, imediatamente, a sua vontade; os gritos ficavam-lhes presos nas goelas. Dizia-lhes:

— Vem daí, minha velha... Vamos, meu caro, guarda o teu «dó» de peito para quando te estreares em San Carlo... Com esses pulmões, ao menos sopra para outro lado! Estás a atear o fogo...

Todos riam. Fazia deles o que queria. Em pouco tempo, acabaram de salvar o que era possível salvar. Depuseram os feridos, a alguma distância da via férrea, num fosso, ao abrigo dum talude.

O conde trazia um estojozinho de socorros médicos e ocupou-se a pensar sumàriamente os mais atingidos. Procurava com os olhos a francesa. Descobriu-a a alguns passos, encostada a uma oliveira torcida. Anita sentia-se ainda a dois dedos de perder os sentidos e mordia os lábios para se aguentar. Ele deixou os outros e disse:

— Agora, nós!

À volta deles, era a planície seca, nenhum abrigo, e todos aqueles olhos que a observavam... Anita disse:

— Na guerra como na guerra!

Desapertou-se. O sangue colara-lhe o vestido à pele. Com um canivete, ele cortou o tecido. Uma lasca de madeira do vagão partido cravara-se-lhe entre o seio e o ombro direito. Ao arrancar um bocado da camisa, um fiozinho de sangue surgiu. Anita mantinha o braço levantado e parecia uma Amazona em plena batalha. A multidão indiscreta exprimia ingènuamente as suas impressões de conhecedores em belas formas e boas feridas. O *signor conte* tacteou, lavou, pensou ràpidamente a ferida, com mão firme e delicada. Ajudava-o uma velha camponesa. Perguntou:

— Dói-lhe?

— Tenho tido dores piores!... Não é verdade, tiazinha? — disse Anita, dirigindo-se à velha — os homens têm muita vaidade dos seus ferimentos de guerra. Há muito tempo que temos os nossos! Não nos envaidecemos, porém, com isso.

— Em que batalhas? — perguntou o conde.

— *Si, signori!* Naquelas em que vos parimos.

A multidão riu. Um velho disse:

— Bravo! As marotas não fazem sòmente os vitelos, fazem-lhes também os cornos.

Anita fazia-se forte, para não desfalecer. Falava como no meio dum nevoeiro. O seu enfermeiro bem o via e disse-lhe:

— Agora, deite-se.

— Não há nada em que o possa ajudar? — obstinava-se Anita.

— Só nos resta aguardar, de Tarento, um comboio de socorro.

Tiveram muito que esperar. Era ainda o período da desorganização do após-guerra. Os sinistrados acamparam na planície. A noite era clara e fresca. Com o resto dos vagões fizeram grandes fogueiras. Anita e o conde conversavam, instalados à parte. Ao longe, à sua direita, fumegava o brasido do incêndio. De muito longe, levado pelo vento, chegava até eles o marulhar do mar Tirreno. As horas decorriam sob o dossel maravilhoso do céu nocturno italiano, onde os astros suspensos rolavam como cachos doirados numa ramada da qual se poderiam colher à mão.

Os dois companheiros de acaso trocavam cumprimentos afectuosos sobre a sua mútua coragem. Não tinham o mau gosto de não a conhecer. Anita, porém, atribuía a sua à confiança que o outro lhe inspirara. Perguntou-lhe a razão da grande calma que se desprendia dele e cujo benefício é tão raro na vida. Onde a fora buscar? Era daquele céu a que estava aparentado? O homem respondeu, com os olhos fixos no braseiro, cujas chamas e sombras movентes faziam passar um arrepio trágico no seu sorriso:

— Tirei-a desta terra que absorveu tudo quanto amei...

Anita inclinou-se para ele, sem falar. Sem olhar para ela, o homem continuou:

— Amiga, esta terra dura e seca, em cima da qual está deitada, parece-lhe morta como a dum planeta gelado. Não sente o fogo na forja. Aplique o ouvido! Ouvirá os martelos dos cíclopes. Não ouve? Por mim, nunca deixo de ouvir, de dia e de noite, o ritmo do jambo brônzeo... Oiça a derrocada de Messina...

— Esteve lá?... — perguntou Anita.

— Com todos os meus: minha mãe, minha mulher, meu irmão e os meus quatro filhos... Lá estão ainda. Debaixo da terra.

Anita, comovida, pegou-lhe na mão. Ele apertou-lha e conservou-a na sua, enquanto, na noite calma, calmamente lhe contou a sua vida.

Contá-la-emos, mais adiante. Fá-lo-emos, porém, menos sòbriamente. Muitos dos traços daquela figura só foram desvendados a Anita, bastante tempo depois, e aos poucos. Ele só lhe deu a conhecer, nesse primeiro relato, as grandes linhas. Nós, porém, os minúsculos deuses, que gozamos do privilégio de ler os destinos dos nossos filhos, abramos o Livro das suas vidas!

O conde Bruno Chiarenza pertencia a uma velha família siciliana. Era um nome antigo, ilustre desde o tempo dos Normandos. Possuía alguns belos restos de grandes bens, às portas de Messina, na parte alta da cidade; e, não longe das ruínas de Matagrifone, um antigo solar sem comodidades, cuja fachada dava para uma rua estreita, mas cujo portão era iluminado por um baixo-relevo de Della Robbia. Detrás, um laranjal descia em socalcos até o mar. Os Chiarenzas tinham passado lá, havia séculos, uma vida simples e rústica, com as nobres tradições dum humanismo de espírito um tanto fora de moda, mas harmonioso e transcendente ao mel de Teócrito. Embalavam o sono da sua velha turbulência dos antigos tempos em torneios de academias filológicas e poéticas da província, que tinham nomes de monstros heráldicos: Linces e Grifões. Dispensavam nisso muito duma engenhosa ociosidade e uma real erudição greco-latina, que transmitiam de pais a filhos e algumas vezes de pai em filha, pois a Grande Grécia, depois de Pitágoras, admitia as mulheres aos direitos iguais do espírito.

O conde Bruno, adquirira, a brincar, uma reputação merecida no helenismo académico. Ao mesmo tempo em que cultivava os seus laranjais e compartilhava com um irmão deputado os produtos

duma *solfatara*, publicava, com belo estilo, memórias epigráficas e uma «Antologia dos Órficos». Também poetizava, por sua conta, tanto em grego como em italiano. Chegara aos quarenta anos sem nada conhecer dos rigores da vida. Rodeado de afeições e ele próprio afectuoso, recebera, de pais inteligentes, com a abastança, o gosto pelo trabalho desinteressado, que é um prazer a mais, e o indulgente optimismo que não custa nada àqueles que quase nunca têm contactos com outra coisa a não ser o aspecto risonho da «Mãe».

Esses gentis-homens beletristas afastavam dos seus jardins os ecos das lutas bestiais que, na infância de Bruno, tinham agitado a espinha febril dos seus vizinhos da Calábria e da Basilicata — as guerras sociais entre *galantuomini* e *cafoni* — e a sua miséria tremenda. O conde Bruno nunca se dera sequer ao trabalho de visitar a *solfatara*, cujos rendimentos lhe permitiam alinhar as suas «rimas de oiro» ou então as de Pitágoras. Seu irmão, que lá ia raras vezes, tirara-lhe daí o sentido, amàvelmente, ao fazer uma breve alusão à poeira, à miséria e à necrose. Deplorava-as com sinceridade: eram, porém, um mal necessário. Não era, contudo, necessário que os condes de Chiarenza entristecessem as suas claras pupilas, onde se mirava a ninfa Galateia, sua vizinha da fábula mitológica. Cada um tinha o seu papel: os deles era realizarem beleza, pela pena (não eram dignos disso?) e pela vida que levavam.

Para uma tal missão, o conde Bruno era bem dotado. As suas belas mãos, hábeis e delicadas, afastavam sem esforços as sombras do seu caminho. Amável, sedutor e fácil de seduzir, não lhe tinham faltado amores que, pela graça da sua natureza encantadora, da sua bondade superficial, mas espontânea, soubera saborear, interromper, saborear de novo ou abandonar sem nada de amargo no fundo do cálice, nem para as suas companheiras nem para ele.

Muito cedo, aos vinte e seis anos, casara com uma jovem da rica burguesia do Norte da Itália, uma morena de Vicência, de olhos azuis, que o adorava e a quem queria muito. Foi uma união perfeita, coroada por quatro nascimentos, quatro filhos graciosos e sadios.

Nada de doenças nem de preocupações; uma felicidade constante e parecia que nunca poderia ser doutra maneira. O conde e os seus deveriam ser tentados a admitir que a desgraça é só para aqueles que não a sabem evitar ou cuja propensão desgostosa é um vício da natureza que deveria ser corrigido. Evidentemente, uma tal atitude permitia admitir uma boa dose de indiferença perante o resto do mundo. Esse egoísmo, porém, era tão amável e simples que nunca era ofensivo. É preciso também dizer, em sua defesa, que a desgraça dos outros tinha o bom gosto de não se mostrar muito. O desespero das populações do *Mezzogiorno,* atormentadas durante séculos, chegara a esse grau de apatia em que não ousariam mover um dedo para mudar, com medo de sofrer ainda mais. A sua sageza amarga exprimia-se por esta frase atroz: «Quando já não há forças para resistir, já não há nada a perder» (*).

Os velhos lobos da política, que o sabiam, evitavam mudar, fosse o que fosse, da sua miséria, pois correriam o risco de os despertar. Um desses áugures, Agostino Depretis, dissera: «É melhor não despertar as misérias que dormem». Os tempos, porém, viriam: e os tempos vieram. Desde os primeiros anos do século, os novos encargos públicos que eram a consequência dos desastres africanos e o espírito novo que começavam a soprar certos apóstolos galvanizavam a paralisia do *Mezzogiorno* e davam fúria ao seu desespero. Surgiram da terra ago-

(*) Em dialecto calabrês no original. — *N. do T.*

nizante as revoltas sangrentas da Apúlia e, na Sicília, os *fasci*.

O conde Bruno não teve outro remédio senão dar por isso. Não punha nenhuma má fé em ver as coisas tristes ou pouco agradáveis; contentava-se com não as procurar. Desde o dia em que viu à sua volta a miséria e o sofrimento, foi, assim como os seus, caridade até à prodigalidade. Era-o contudo, só duma forma ocasional e intermitente. Podia dizer-se: «Longe dos olhos, longe do coração...» Os seus olhos amáveis tinham tanto em que se ocupar! Pertencia ao número dessas naturezas felizes, favorecidas pela sorte, para as quais tudo é gozo sem grosseria: a inteligência, o trabalho, o prazer, todos os actos da vida quotidiana. Criava essa atmosfera de felicidade à sua volta...

Foi assim até àquela noite de Dezembro de 1908, em que a velha terra acorrentada se agitou num sobressalto de furor ou num soluço. Em três minutos, Messina inteira, dez séculos de glória, cento e vinte mil seres, foram engolidos. Toda a família do conde Bruno: a sua velha mãe, seu irmão, sua mulher e os seus quatro filhos ficaram sob os escombros. Na véspera, tinham-se demorado, em honra do irmão, que chegara de Roma naquele dia. Nos aposentos que davam para o laranjal, conversaram calmamente ou ouviam música no silêncio suave da noite.

A jovem cunhada do conde cantava Bellini. Tinha uma voz frágil e pura de rouxinol; e o conde Bruno de olhos fechados, saboreava isso amorosamente. A jovem sabia-o e enquanto cantava envolvia-o no seu olhar. O seu terno namoro não era um segredo e ninguém pensava em escandalizar-se. Tanto a esposa como a própria irmã se riam disso. Bruno era o menino amimado, todos achavam natural que fosse amado por todos e ele era o primeiro a achá-lo. Não se mostrava, no entanto,

enfatuado. Gostava de todos e todos gostavam dele. Assim, toda a gente ficava contente.

A sua filhinha, Sibila, a quem chamara assim em memória da última e encantadora rainha normanda, a mais nova e a preferida, estava sentada junto dele num tamborete e, com a face pousada nos seus joelhos, olhava para o pai adorado, cujas pálpebras se entreabriam para lhe sorrir, enquanto lhe acariciava o cabelo sedoso como se procurasse sob os seus dedos as comoções daquele crâniozinho redondo. Era uma criança muito terna, mais delicada do que os irmãos, cuja crise de crescimento era acompanhada por perturbaçõezinhas na sensibilidade, sombras de melancolia passageiras e ansiedades inexplicáveis, de que se riam. (Bruno deveria, mais tarde, recordar-se de tudo isso).

Ora, nessa noite, quando a jovem mãe, boa pianista, que fora em Roma aluna de Sgambati, ao dedilhar as teclas do piano, teve (porquê?) a impulsão obscura de fazer sair delas o misterioso *andante* da Sétima Sinfonia, desde o primeiro *crescendo* da lenta marcha, inexorável (chamam-lhe de núpcias, mas com quem? com a morte?) a pequenita começou a soluçar, gritou: «Não!» e fugiu. Mudaram de música, o pai pegou em Sibila ao colo e foram para a janela. A pequenita já estava a cantarolar e com uma das minúsculas mãos enrolava nos dedos da outra a barba do pai. As duas senhoras, a mãe e a tia, foram também para a janela respirar o ar embalsamado do jardim. Encostavam-se ambas, sem ciúme, ao ombro de Bruno, e Flora, a esposa, disse à irmã:

— Vamos, Gemma, beija-o, pois morres de desejo de o fazer, para ele me devolver o teu beijo!

Ouvia-se, lá em baixo na costa, o murmúrio dos lábios do mar contra a praia. No céu, por cima do tecto, o olho de brasa do cíclope: Sírio. Estavam os três, face contra face, calados. Nas suas mãos tinham aquela toutinegra, o coração da criança que

palpitava... As noites felizes não têm história. O abraço de amor esboça-se em sonho e nele se acaba. O pensamento não distingue em que momento começa e termina. Nessa derradeira noite, não se ouviu a criança Felicidade, hóspede familiar da casa, interromper a sua canção, sùbitamente, e fugir, a chorar, para fora de Messina...

Os dois esposos despertaram ao primeiro abalo. Bruno sentiu sobre o seu pé crispar-se o pé de Flora como um passarinho no ramo. A alva branquejava as vidraças. No mesmo ímpeto, acharam-se sentados no leito, de pernas nuas, prestes a levantar-se. O leito oscilava e a casa estalava de alto a baixo. Lá fora, era um barulho de telhas, de vidros partidos, duma chaminé que ruía... Nessas regiões, o tremor de terra é um visitante conhecido. Embora a despreocupação dos meridionais trate de o esquecer quando espaça as suas visitas, todos aprendem, de pais a filhos, e encontram, ao primeiro abalo, o que é preciso fazer. Não perdem o tempo a lamentar-se: fogem para os espaços descobertos, ou, se têm tempo, procuram nas grossas paredes um apoio.

Flora correu para os quartos próximos, onde as crianças já gritavam, para as levar para o jardim. O segundo abalo, seguido dum terceiro e doutros cada vez mais violentos, como vagas, fizeram dançar toda a casa. Como panos, as paredes dos quartos tufavam; os grandes *soffiti* dos tectos torciam-se; nos sobrados com fendas enfiavam-se os pés; e de fora subia o trovão da cidade e do mar. Era um clamor de Juízo Final... Tudo se passou no espaço de alguns segundos. Nesses instantes, o espírito aterrorizado só ouve o rugido do seu espanto.

Bruno compreendeu já não haver tempo de se escaparem pela escada. A gritar, disse a sua mulher que o seguisse, e dirigiu-se para a janela, pois o seu instinto, onde dormitava a semente duma

ancestral experiência, sugeria-lhe que, quando a casa rui, é preciso estar o mais perto possível da casca, para ter o maior número de probabilidades de ser retirado dos escombros. Depois, durante todo o tempo que viveu, sempre se recriminou por ter obedecido ao seu instinto, em lugar de correr para os outros, para os reunir e os salvar ou para morrerem juntos. Nenhum compreendeu o que pretendia e não teve tempo de lho explicar... Derradeira imagem... Na janela vizinha, os joveus seios nus de Gemma, que lhe estendia os braços... e as lágrimas de Sibila, que chamava: «Papá!...» Num barulho de trovão, o velho solar abateu. Tudo desapareceu e a consciência de Bruno também...

Bruno encontrou-se (quando?) no beliche dum navio que o levava para longe da costa maldita. Depois (relâmpagos de consciência, muito espaçados, saíam da noite e reentravam nela), num hospital de Nápoles, sujeito a perigosas operações. Tivera fractura do crânio e duma perna e uma comoção cerebral. Não podia lembrar-se de nada do passado. As primeiras coisas que sentiu foram angústia e dores; mas não podia fixá-las em nenhum ponto. Eram uma nuvem obscura. Sentia-se impotente para ligar ideias. Esgotava-se a querer esclarecer a treva, mas tremia do que a luz lhe revelaria... De repente, a nuvem abriu-se. Ouvia o frágil choro de Sibila. Gritou: «Minha filha!...»

Fez esforços para se levantar; mas estava imobilizado; sofreu como se batesse contra uma parede. As enfermeiras seguraram-lhe os braços. Continuava a clamar: «Meus queridos! Estou aqui! Já vou! Onde estão?» Esforçaram-se por acalmá-lo. Conseguia reconstituir, no seu espírito, os últimos instantes antes da queda. Suplicava que lhe dissessem onde estavam os seus; queria ouvir que estavam salvos. Abstinham-se de o contradizer; davam-lhe vagas informações, em que não acreditava, mas

exigia que lhas repetissem: sem isso, não poderia reviver, mas mal grado seu, o egoísmo da vida obrigava-o a viver.

Alguns dias mais tarde, depois de ter demoradamente pesado, no silêncio e no horror, os olhares dos que o rodeavam, assim como as suas recordações, dirigiu o olhar implorante ao médico, inclinado para ele, a quem conhecia (era duma família do *Mezzogiorno* que mantinha relações com os Chiarenzas) e disse-lhe:

— Eu sei... Não lhe pergunto quem perdi... Peço-lhe que me diga quem me resta!

Leu uma tal compaixão nos olhos que o observavam que, gelado de horror, agarrou-se à mão robusta pousada na cama e gritou:

— Não! Resta-me alguém... Quem?... Diga-me quem?...

O médico debruçou-se e abraçou-o. Foi como se tivesse caído uma segunda vez. Do fundo do abismo, proferiu a soluçar:

— Porquê? Por que me salvou?...

No dia seguinte, já não soluçava, nem tinha uma lágrima. De rosto devastado, mas calmo, pediu que lhe contassem todos os pormenores recolhidos pelas testemunhas. Fora encontrado, só ele, semienterrado, á beira dos escombros. O resto da casa era um monte de destroços e não havia meio de fazer lá escavações. Faltavam os braços. Toda a cidade ficara em ruínas. Algumas centenas de sobreviventes foram presa dum pânico bestial, em que o aguilhão da morte insatisfeita (a terra continuava a rugir e ouvia-se, de hora a hora, as últimas ruínas esboroarem-se) fazia sair do ventre desses danados a luxúria e a crueldade.

Havia todo um povo debaixo das ruínas. Deus também estava sob os escombros. Machos e fêmeas, os sobreviventes de almas mortas, acasalavam sobre e debaixo dos altares. Os primeiros socorros, que

chegaram por mar, seguiram-se ao saque atroz feito pelos bárbaros. Apenas uma hora depois da catástrofe, bandos de rapinantes abateram-se sobre os mortos para os despojar. Das montanhas desciam multidões de saqueadores de ruínas, que desde séculos esperam o ruir das cidades, como outrora, nas costas da Bretanha, se aguardavam os naufrágios. Por felicidade, Bruno só soube isso mais tarde. Já era bastante, para ele, defrontar a brutalidade da natureza.

Reuniu todas as suas forças e decidiu voltar ao local do desastre. Não lhe restava nenhuma esperança. Já tinham passado três semanas; mas queria ver e palpar... Ah! Quem sabe?... A Madalena que viu, com os seus olhos, a morte do Mestre e com as suas mãos tocou no seu corpo arrefecido, no dia seguinte foi procurá-lo vivo e encontrou o Jardineiro... Quem encontraria ele nos escombros?... Em vão se esforçaram por dissuadí-lo disso. Ainda estava imobilizado no gesso. Quis que o levassem de maca. Um amigo devotado acompanhou-o. Toda a noite, apesar do mau tempo, se manteve na ponte do barco, deitado, a olhar, como se quisesse arrancar do fundo da noite a terra cuja aproximação foi assinalada pelo fogo do Stromboli.

Tinha para proteger a sua ferida do crânio, onde fora feita uma prótese de prata com grampos de oiro, um capacete de coiro que lhe dava o aspecto de um cruzado normando. Também ia ao Santo Sepulcro!... Sepulcro dum povo... *Horror, Fetor*... Desde Régio, o vento levara-lhe o cheiro... O Deus gigante apodrecia sob as colinas das laranjeiras... Prestes a vomitar na sua maca, o cruzado fez que o içassem, com uma determinação implacável, até o ponto onde fora o seu ninho. A partir do primeiro dia do sinistro, nenhuma pessoa tocara nas ruínas, que desencorajavam todos os esforços. Elevavam-se numa pirâmide que, por irrisão do *Fatum*, estava coroada pelo brasão

apeado dos Chiarenzas. À luz duma lâmpada podia ler-se a velha divisa: *Per Chiarità Caritá.*

Sob a colina jaziam todos, toda a sua carne, toda a sua raça... «Amor, Clareza». A lâmpada apagara-se. Era o túmulo dos Chiarenzas. Que fique assim!... Jamais mandou reconstruir o solar. Depois, mandou cimentar o *tumulus* e na pirâmide gigantesca fez gravar: *Ruinae Sacrum.* Mais tarde, muito mais tarde, deveria consagrar o altar à «Grande Mãe», à «Terra Negra» (*). Quando regressou no barco para Nápoles, encontrou outro ferido, outro danado saído do Inferno, que contava, alucinado, que vira, nos escombros, homens a lutar, para despojarem as vítimas ainda quentes, vira partir o braço duma suplicante para lhe arrancarem os seus braceletes. Gritava:

— Que os matem todos! É todos os homens que é preciso exterminar. Quando terá a terra esmagado toda essa vérmina?...

No fundo do seu coração, Bruno agradeceu à Negra Mãe ter, ao menos, salvado os seus mortos do inferno dos homens.

Encerrou-se, cerca de um ano, numa casa isolada, na margem da Maremma, não longe de Ninfa e do cabo Circeo, que fazia parte duma das múltiplas propriedades da família, pois todas lhe pertenciam agora. Era, sem dúvida, a mais desgraçada. Nunca ninguém da família lá fora. A população muito reduzida, que pastoreava os seus rebanhos, nas ruínas, emigrava, quase durante oito meses do ano, para as montanhas e deixava como guardas das casas três ou quatro sacrificados, que a maláriа corroía.

Nenhum dos sobas proprietários, um dos quais dominava com o seu ninho de águia os pântanos, jamais lhes dera um grama de quinino. Os seus

(*) Em grego no original. *N. do T.*

olhos de aves de rapina compraziam-se naquela imensidade desértica de juncos e água. Bruno ficou lá durante o período da febre que o atacou. Que lhe importava? As únicas figuras humanas que teve ocasião de ver nesses meses: uma velha que o servia, uma sua filha pequena e um rapaz seu filho (não havia mais ninguém na região abandonada) tinham a febre como ele. Não se surpreendiam nada com isso. O rapaz (tinha treze anos e era um homem, o chefe da família) sabia, e dizia-o tranquilamente, que estavam condenados.

Tinha belas feições puras, a pele exangue, os olhos ardentes de inteligência, o aspecto grave e consciente da sua responsabilidade, a boca séria, que, de longe em longe, era animada por um sorriso infantil. Chamava-se Atanásio. Depois de alguns meses de silêncio amargo, que o seu companheiro respeitou, foi o único com quem Bruno consentiu em permutar de novo o pão das almas: a palavra. O rapaz soube, estranhamente, manter-se no diapasão. Ainda não tinha passado o oitavo mês, que assinalava o regresso dos vivos e dos seus rebanhos descidos das montanhas e já Bruno tinha concentrado nesse rapaz toda a paixão desesperada em que já não podia envolver os seus.

Tirou-o daquela terra que lhe chupava o sangue. Colocara em Tarento, com uma pensão, a mãe e a filha. Levou consigo o rapaz de olhos negros para uma vivenda, num dos últimos contrafortes das colinas que dominavam o golfo de Tarento, entre Metaponto e Sibaris. O rapaz parecia ter ouvido o mesmo apelo de alma. Instruiu-o e encontrou nesse espírito um campo maravilhoso. A solidão exaltada abrira-lhe alguns caminhos secretos do seu próprio pensamento que tinha até então negligenciado: o sentido oculto dos velhos mitos da Grande Grécia, cujos belos textos e as imagens tinham sòmente mobilado a existência divertida do seu diletantismo de erudito.

Como, durante os longos meses de silêncio vividos lado a lado, se desenvolvera, entre o velho e o jovem companheiro, uma estranha permeabilidade, Bruno lia, à medida que as enunciava, as suas próprias visões nos olhos do rapaz. Ao mesmo tempo, sem dar por isso, modelava-as nas formas obscuras daquele espírito que despertava, e, com ele, o génio dessa terra milenária onde dormia, tão perto deles, Pitágoras. Extraordinárias conversas em que o jovem ser, atento, ávido, mas sem surpresa, recebia da boca do velho, que as redescobria naquele olhar de abismo ardente, as lendas iluminadas de triplo sentido e a profunda teogonia dos Órficos: as seis gerações de deuses, Dioniso, o Sexto reino e os Titãs.

Para aquele rapaz que nem a escola nem a igreja tinham ido pescar ao seu pântano febril, Cristo era um *forestiere*. Só soubera da sua morte pelos sinos de lá de cima, das colinas: era um rico! Respeitava-o, mas de longe, sem nenhuma convivência. Para Bruno, cujo catolicismo praticante até a véspera da catástrofe, era amável e à flor da pele, a terra agitada de Messina tinha, com um empurrão, atirado a terra o edifício religioso como atirara o seu solar. Só restavam escombros desse edifício, por cima dos quais, durante meses, soprara o vento furioso do desespero. Nos primeiros tempos que se seguiram, odiara o Deus em que antes cria. O lugar estava livre para os outros deuses.

Os grandes mitos que dormitavam no seu pensamento de nobre erudito trinácrio abriram os olhos, à luz tarentina onde os do jovem Zagreos Dioniso, rei dos mistérios, florescera. Sem se deixar iludir como o rapaz que o escutava, Bruno ficava impressionado ao contá-los, com o seu simbolismo divinatório e a concordância com a cadeia implacável do destino que o esmagava. Como ele próprio, o siciliano esclarecido, não era muito menos

superstícioso do que o rapaz, não tardou a embriagar-se com o fumo desses sonhos que o sol fazia emanar daquela terra de fantasmas, com os odores enjoativos e adocicados da água dormente à flor do solo.

A sua cidade destruída evocava-lhe as convulsões de Tifeu, esmagado sob o peso do Etna e a ferocidade dos Titãs que, traiçoeiramente, raptaram Dioniso menino, o tinham feito em bocados e devorado, confundiam-se com o cego furor dos elementos que haviam aniquilado tudo quanto amara, tudo que, no egoísmo da sua dor, era a Vida... Esse amor e essa vida, porém, renasciam. Os seus olhos de visionário encontravam-nos naquele rapaz, que a sua necessidade de amar, o seu instinto vital, tinham adoptado.

Faziam mais: na sua semialucinação que engendrava no seu cérebro de poeta, abalado pelas convulsões, essa luz de miragem, o rapaz era para ele a própria imagem do pequeno Dioniso ressuscitado. Assim o viu uma noite, como o descreve o hino homérico, sentado «à beira do mar inesgotável, na extremidade saliente dum promontório, a sua bela cabeleira negra a flutuar pelos ombros», envolto, friorentamente, num farrapo vermelho, e «sorridente», febril, «com os seus olhos negros».

Com o deslumbramento da visão, entrou nele a ansiedade. O jovem deus, «o deus sofredor», não devia ainda morrer? Percebia, demasiado tarde, no pálido rosto do adolescente, a sombra da asa de Mefitis, rainha da Febre. Não tivera o cuidado de arrancar radicalmente a planta doente àquela terra envenenada, de a levar para longe, para o norte, para outro ar, para outra terra. Contentara-se com afastá-la, só algumas léguas, dos campos mortíferos, e de subir para as colinas, pouco mais ao longe, pouco mais acima. Não lhe restava sequer a perigosa fascinação de descer frequentemente com ela até a zona mágica das ruínas à beira mar.

Quem ouviu uma vez a voz das sereias, tem muita dificuldade em libertar-se delas. Pode estar esclarecido, mas como não ser sempre traído por esse apelo dos oásis no deserto, dessas sombras luxuriantes, entre as quais sorri o olhar da água vaga e sem curso, essa quietação enfeitiçada, essa flor dos reflexos do sol e do mar? Quando o viu, o mal estava feito e a sentença lavrada. Já não era tempo para apelar dela. Tê-lo-ia sido, aliás, um ano mais cedo? Desde que nascera, o jovem deus estava condenado. Milhares de dias, milhares de noites, o veneno acumulara-se nas suas veias, como nas linhas de água da planície. Com passos abafados, a febre caminhava, cavara até o mais profundo. Por fim, senhora da praça, soprava o seu hálito tigrino!

Bruno ficou assombrado com a violência do acesso, com o bater de dentes, com as ondas de gelo, que durante horas, de alto a baixo, abalavam o corpo em arrepios brutais, a que se sucediam vómitos incoercíveis, um braseiro, as faces em fogo e o delírio. Apertava nos braços o passarinho, a esforçar-se, em vão, ora para o aquecer contra o seu peito, ora para lhe soprar o fresco. Como fazem as mães, enxugava-lhe o suor que trespassava a roupa e os lençóis, secava-o e mudava-o. O pobre pequeno Dioniso, de cor terrosa, de ventre inchado, de membros magros donde a carne fugia de dia para dia, foi disputado por Bruno à morte, passo a passo.

Foi para ele tudo, nesse combate travado entre ambos: pai, mãe, irmão, irmã... Pusera tudo naquele ser, todos os seus amores. Aquela única chama era a última labareda do seu lar: o seu coração concentrara nela os restos do fogo desaparecido. Se escutasse o rugido da revolta interior, deixar-se-ia apoderar pelo frenesim, como os Titãs da lenda. Tinha, porém, o jovem Cristo de Metaponto, que transportava a cruz da sua paixão e que parecia

ter consciência disso. O rapaz não deixava de o fixar com o seu olhar profundo e sombrio, que, por momentos, no seu delírio, era um abismo, mas onde reinava, a despeito das sombras, uma estranha paz.

Quando a doença deixava uma aberta no corpo quebrado, o pequeno mendigava, suplicava, ternamente, ao amigo ainda outro dos seus belos relatos, a continuação ou então o recomeço. Bruno, como se fosse inspirado pelo apelo do jovem deus moribundo, revelara-lhe, ao mesmo tempo, o mistério do seu destino: o Salvador sacrificado do Evangelho dos Órficos, que vinte séculos antes do *Durch Leiden Freude* dos nossos heróis, ensinou aos homens, com o seu exemplo, a conquistar, pela dor e pela morte, a eternidade, o deus que quebra a roda dos nascimentos para reintegrar os seus eleitos na plenitude e na alegria do Um.

Quem poderia dizer se o rapaz compreendia esses pensamentos? O seu instinto, porém, adaptava-se a eles. O seu fatalismo de vítima original, amarrada na pira, tinha-o casado, desde a nascença, com essa natureza assassina que o devorava. Não procurava libertar-se disso. Aceitava essa esposa, essa senhora Febre, com os seus olhos de laguna soalheira e os seus colares de víboras nos canaviais. Era «assim»! Aceitara. Agora, iam consumar-se as núpcias. Apertava com força a mão do amigo, de quem ia despedir-se. Quando um arrepio o abalava, tinha o ar de se desculpar. Dizia-lhe, meio a sonhar, que partia em *pellegrinaggio pi l'Angile* (*) e acariciava a mão magra e a face de Bruno.

Um acesso pernicioso levou-o. Expirou, num dia de sol implacável, sobre a miragem dos pântanos, com os braços em cruz, os olhos dilatados, a beber o abismo do céu azul, azul sem uma ruga, que a

---

(*) Peregrinação ao santuário de San Michele al Gargano, o monte dos milagres, na espora da bota italiana.

boca aberta aspirava. No seu desespero, Bruno, inclinado para esse derradeiro alento do adolescente, julgou ver engolfar-se naquela boca o rio do mundo... Para completar o símbolo, desceu o dia de tardio Outono. Chegava o Inverno. Dioniso, o deus destruído, desaparecia. Ressuscitaria, como na Primavera aquele que saudavam as Tíades, o «Recém-Nascido».

Bruno fechou-lhe os olhos, lavou-lhe o corpo, enterrou-o sòzinho, na encosta da colina que descia para o mar, no meio dum grupo de amendoeiras novas. Sobre o sepulcro elevou uma simples estela com uma única palavra: «Imortal» (*). Em volta da seputura desse seu filho, zumbiam as asas das abelhas de dois «Versos Áureos». «No éter livre... o Deus da ambrósia, o Imortal» (*). Então, Bruno voltou para os «mortais».

(*) Em grego no original, com a explicação do autor para a palavra «Imortal» que recordava, também, o node do rapaz «Atanásio». *N. do T.*

CERCA de dois anos tinham passado depois do cataclismo, quando Bruno reapareceu entre os homens. Já poucos pensavam nisso; mas os que se lembravam, ao verem aquele fantasma, perguntavam se estariam a sonhar. Nenhum vestígio de tragédia se notava no rosto do conde Chiarenza, último da sua raça. Não só nunca falava nisso, mas afastava, sem parecer ouvi-las, as alusões compassivas. Os seus traços calmos tinham um grave sorriso desprendido. As dedadas da provação só estavam marcadas na sua cabeleira e na fina barba bem tratada, que tinham embranquecido prematuramente (ainda não ultrapassara os quarenta anos). Estava na plenitude da sua força, de corpo ágil e robusto.

Para quem não soubesse em que tecido de dissonâncias fora talhada tal harmonia, o espectáculo causava surpresa... Parecia-se com uma árvore que, podada de todos os seus ramos, cresce muito direita. As almas sensíveis não estavam longe de lho censurar. Compraziam-se, como Pécuchet, com a imagem da árvore fulminada. O conde Chiarenza não lhes dizia que o raio lhe entrara na medula e que, à semelhança da salamandra, o fogo era o seu elemento. Vivia só e nu. Todo o edifício da sua felicidade, as construções do seu pensamento, o seu

passado, tinham sido destruídos, cortados, arrancados do solo.

Bruno teve de recomeçar tudo de novo. Refez, sòzinho, os seus alicerces. Foi preciso... «quanto sangue!...» É esse porém o cimento necessário a tudo que se ergue para durar. Em tudo que construíra até então, o conde Bruno descobriu que o cimento faltara totalmente. Tudo quanto fizera, julgara fazer, amara, pensara, até então, era apenas um jogo... Ah! O belo jogo!... Só com evocá-lo, uma desgarradora nostalgia afogava-lhe a garganta com soluços... Mas era jogo. Como poderia surpreender-se de um sopro, um arrepio da terra, terem dispersado ao vento esse jogo?...

Ficava só o que não morre: o Espírito terrível do Um eterno, a sua luz implacável e a sua implacável paz. Encontrava-se ao fundo do vácuo cavado em si próprio e no olhar moribundo do «imortal» (*). Encontrava-se debaixo das tiras das múmias dos velhos pensadores trinácrios e jónicos, nos quais só vira, até então, preciosos objectos de museu. Apareciam-lhe sob a sua verdadeira luz, na atmosfera catastrófica que fora a sua. Eram-lhe aparentados. Agora que cumprira, após eles, a sua «descida aos Infernos» (*) tornara suas as suas vistas trágicas e serenas.

Não bastaria que a sua inteligência fosse conquistada, se o sorriso de agonia do seu jovem companheiro não tivesse conquistado igualmente o seu coração. Aspirava no seu derradeiro suspiro a «Aceitação» (*). Se podia impedir as suas feridas de se reabrirem durante a noite, era o único a ser testemunha disso. O sangue das feridas espalhava-se e a vítima, deitada de costas, apertava o coração com as mãos e oferecia o seu sangue em holo-

(*) Em grego no original. *N. do T.*

causto à celeste Harmonia, de que era um acorde pungente. Quando o dia voltava, a luz indiferente iluminava os olhos dos homens, não a dor de passagem, mas a Harmonia.

O aniquilamento total da sua raça acumulara nas mãos de Bruno toda a fortuna dos seus. Isso pesava-lhe; não teve dificuldade em encontrar-lhe emprego. Era na época em que a Itália acabara por descobrir a barbárie inominável, em que há séculos jazia, abandonado a si próprio, o seu infeliz *Mazzogiorno*. Toda uma geração generosa se votara ao cruciante problema, quase insolúvel, de arrancar à morte que a corroía aquela terra pútrida e selvagem. O próprio Parlamento — os palradores — à falta de actos, fizera leis em seu auxílio. A iniciativa privada suprira a insinceridade do Estado e criara obras de socorro e reconstrução na Basilicata e na Calábria. O conde Chiarenza aplicou nisso a maior parte da sua fortuna, que distribuiu por fundações de dispensários, orfanatos e escolas.

Seria atribuir-lhe um mérito injustificado (que seria o primeiro a repelir) prestar homenagem ao seu coração. Não nascera ainda para a fraternal caridade. Desde a catástrofe que levara todos os seus vivos, mantinha um rancor surdo, cego, inconfessado, pelos que ainda viviam. A própria iluminação do espírito não conseguira curar essa chaga infectada. Tinha vergonha dela e ocultava-a; secretamente aplicava-lhe o ferro para a queimar. Forçava-se a reentrar na companhia dos homens, a sorrir-lhes, a ajudá-los. Não podia, porém, vencer, o seu afastamento. Não conseguia sempre dissimulá-lo.

Alguns olhos tinham surpreendido a sua cintilação glacial. Então só podia constranger o espírito ao acto, mas sem a alegria quente do amor. Fazia o bem, torrentes de bem, por procuração. Não tinham que lhe agradecer. Desempenhava-se da ta-

refa como duma dívida que lhe pesasse. Mentalmente, dizia àqueles cujo crédito liquidara: «Agora, não me apareçam mais!» Foi-lhe preciso muito tempo ainda para se reconciliar com o rosto do homem. Era necessário que despertasse do túmulo o pequeno Dioniso.

O sol de Inverno durava ainda; durou anos. O conde Chiarenza ocupou-os no estudo e em longas viagens. Ao aprofundar os seus velhos sages, foi levado, pela estrela de Pitágoras e de Empedocles, para o Oriente. Já possuía umas tintas de conhecimento do sânscrito. Completou a sua instrução filológica. O restante da sua fortuna permitiu-lhe expedições longínquas. Fez na Índia e no Tibete estágios de muitos anos. Entre 1911 e 1914, desapareceu. Onde esteve e como viveu nunca se soube exactamente. Guardava silêncio acerca desse período, em que errou, como peregrino e a mendigar, nos planaltos da Ásia, ou se encerrou, por longos meses, na concentração iniciática de qualquer mosteiro lamaico.

Por muito retirado que estivesse no mundo dos vivos, podia crer-se que fora então que adquirira a surpreendente penetração que manifestou depois. Nessa luz dos cimos, o seu olhar de ave solitária, aguçou-se como a lâmina na pedra de afiar e como o cutelo cravou-se no coração do homem. Viu o fundo e descobriu a Dor e o Erro da civilização da Europa, a catástrofe suspensa sobre o Ocidente e a sua ruína. Pôs-se a caminho, no fim de Junho de 1914.

Deixou o seu ermitério himalaiano e desceu para as planícies do Ganges. Sentira debaixo dos pés rugir a terra. Ia ao encontro da guerra, que muito poucos, na Europa, nessa hora ainda, viam chegar. Encontrou-a em Calcutá. Lá soube da declaração da guerra da Chacina, por um cartaz numa rua onde corria um regato de sangue das cabras

degoladas, que saía debaixo da porta dum templo de Cáli.

Embarcou para a Europa. A intensidade da sua concentração solitária revelara-lhe, como o abraço de dois corpos que se penetram acasalados, a sua fulminante identidade com todos os vivos que o egoísmo do seu luto por muito tempo recusara aceitar. Queria ter a sua parte nas provações dos homens. Sabia o nada e o crime daquela guerra. Mal-grado a voz secreta do seu sangue latino e as suas simpatias pela França, esforçou-se por manter o seu povo fora da carnificina. O povo, porém, não era consultado, e, quando o viu levado para o matadoiro, o conde Chiarenza segui-o.

Alistou-se no serviço de saúde, organizou uma ambulância e devotou-se à tarefa. Encontrava-se nos lugares mais expostos, nas missões mais ingratas, na Albânia, na Macedónia, a acompanhar, nas suas retiradas desastrosas ou no seu apodrecimento nas trincheiras, as tropas do seu *Mezzogiorno* que o tifo exantemático e a malária devastavam. Comunicava a sua calma das profundezas ao seu pessoal, debaixo das granadas, e aos selvagens camponeses da Basilicata na agonia. Não considerava a sua tarefa terminada quando a vida estava perdida; era então que a verdadeira tarefa começava: ajudava-os na passagem. Recebeu a grande medalha das Epidemias e a Cruz de Guerra.

Terminada a chacina (ou suspensa por algum tempo), o conde Bruno consagrou-se ao ressurgimento daquele *Mezzogiorno,* que aprendera a conhecer melhor nos seus «jacentes», nos seus mártires. Não se contentou, dessa vez, com aplicar a melhor parte dos seus rendimentos às *Associazoni* e às *Opere nazionali* que se encarregavam do seu emprego, sem que os seus olhos vissem para onde iam os dons das suas mãos (porque a indiferença manifesta-se na abnegação da máxima que pretende seja ignorado pela mão esquerda o que a direita dá).

Instalou-se na própria região, em Potenza, onde centenas de famílias viviam, como vermes, debaixo do chão, nos *sotani:* caves, cisternas secas, cavernas.

Bruno alistou-se na cruzada para arrancar aos seus sepulcros esses «filhos do homem», traídos, entregues, abandonados, para disputar essa infeliz região aos três súcubos, às três deusas assassinas que o sugam e que o conde Bruno evocaria perante Anita na colina, que rodeavam, com um halo lunar, os miasmas mortais dos pântanos: a Miséria, a Febre e o Fogo subterrâneo. Pior do que as três, era a quarta, que se chama, segundo os casos: Aceitação, Resignação ou Apatia, e que é a imobilidade tórpida sob o punho dum destino que não procuram sequer afastar... «visto que é assim, há séculos, assim será *in saecula...*»

Essa idade média persistia, como uma úlcera, no flanco duma nação orgulhosa, que ruminava, então, a amargura pelos seus prejuízos na vitória e cujos retóricos incitavam a reivindicar a herança do *Imperium Romanum!* Dessa herança de guerra, de glória, de conquistas, e inchada de ideologia, uma única parte não os tentava nesses primeiros anos do após-guerra: a dos legionários da velha República, que, regressados ao lar, duramente domaram a sua própria terra, os que esvaziaram o sangue estagnado dos campos enfebrecidos e restabeleceram no grande corpo da Itália o sistema arterial dos seus poderosos aquedutos. Não era sòmente no corpo que se impunha que o sangue começasse a correr, era na alma dessas regiões, como tolhidas por sortilégios ou, como diziam, «tocadas pelo mau-olhado».

Contra o mau-olhado, os belos olhos claros do conde Chiarenza travaram combate. Percorria toda a região, pensava as chagas físicas e morais, fazia, alternadamente, o papel de médico, de apóstolo, de cabouqueiro, e deixava, por toda a parte, sob os

seus passos um rasto de luz. Era uma fita fina, mas como as pedrinhas do conto do Joãozinho permitia àqueles que o seguiam encontrar o seu caminho na floresta.

Na verdade, seguiam-no. Revelava a si próprio um génio de organização e uma febre de apostolado que nunca supusera ter. O seu idealismo apaixonado arrastava outras consciências; eram homens e mulheres das mais elevadas classes às mais baixas, uma pequena corte ardente e pura, como talvez não se encontre outra semelhante fora da Itália, onde os extremos da alma se tocam: a vasa e o fogo. Foi no decurso duma das suas excursões no *Agri*, ao sul de Pisticci, que Anita o encontrou no caminho de ferro, que segue o vale do Basento.

DE toda essa vida de largos voos, que abrangera paisagens tão diversas, os laranjais de Messina, o Dioniso da febre no espelhar dos pântanos, as tempestades de neve nos planaltos do Tibete, tantos cimos e tantos abismos, o conde Bruno só deixou à sua confidente duma noite o fugidio panorama. As grandes linhas, porém, estavam como gravadas a buril e imprimiram-se no espírito de Anita. Com a sua viva intuição penetrou no âmago oculto daquela trágica serenidade. Não a compreendia; mas tocava-lhe com as mãos. Não tentou interrogar o seu companheiro, que falara sem ela lhe fazer perguntas. Sem ele lhas fazer, Anita contou também a sua vida. Foi um impulso, como um agradecimento pelo que ele lhe confiara.

Quando voltaram para o comboio, eram já velhos amigos. Bruno velava pela ferida que estava ainda um tanto febril em consequência da sua pneumonia gripal mal curada. Embora o seu caminho não fosse o mesmo de Anita, não a abandonou antes de a deixar, depois de uma noite passada em Nápoles, instalada, com os mais afectuosos cuidados, no grande comboio que a conduziria a Paris. Fora tudo muito simples entre eles, a sua fraternidade não tivera nada de equívoco.

No entanto, não falaram em voltar a ver-se.

Cada um deles tinha a sua vida cheia com as suas obrigações. Bastava-lhes saberem que existiam ambos. Trocavam, regularmente, cumprimentos breves e fiéis pelo Primeiro de Janeiro. Anita, demasiado ocupada pelas suas tarefas, as preocupações da sua tripla ou quádrupla existência (a sua, a dos seus filhos e a do neto) não tinha tempo nem meios para acompanhar a carreira do seu velho amigo italiano. Não sabia que o nome do conde Chiarenza adquirira uma certa fama e não seria ele quem lho daria a saber.

O conde Bruno prosseguia no seu apostolado social. Ao mesmo tempo, porém, o antigo veio do seu espírito meditativo e erudito reabrira-se, consideràvelmente aprofundado e alargado. Os próprios que dirigia na Basilicata, para secar as águas infectas e irrigar as terras, tinham-no levado a descobertas arqueológicas, que revelaram o demónio da ciência e quebraram o selo do silêncio aposto, havia doze anos, na sua boca. Publicou, primeiramente, algumas brochuras e depois livros em que se juntavam ao seu vasto saber de helenista as novas aquisições da sua inteligência no domínio do orientalismo. Embora, com aristocrática discrição, mantivesse a sua personalidade afastada dessas investigações científicas, ninguém que soubesse ler deixava de perceber na objectividade desses quadros a profundeza dum espírito original e solitário e a harmonia dum pensamento e dum estilo mediterrânicos.

As honras procuraram-no; as academias estrangeiras, entre elas a das Inscrições de Paris, elegeram-no seu membro correspondente. Juliano Davy que, por caminhos muito diferentes, se encaminhara para os estudos de indologia, foi dos primeiros a descobrir a grandeza nova e antiga daquele espírito e entrou em correspondência com ele. O ponto de partida foi a discussão de textos pitagóricos, que Juliano estudava para os seus trabalhos de história das ciências. Ràpidamente a conversa-

ção se estendeu aos problemas mais íntimos do pensamento metafísico e religioso, em que os dois homens reconheceram a sua mútua sinceridade e análogas experiências do abismo, a despeito de serem tão diferentes entre si. Foram amigos antes de o dizerem, pois tinham ambos a mesma reserva altiva.

Estavam demasiado afastados da farsa política para poderem imaginar que um dia se misturariam a ela. A farsa, porém, tornara-se tragédia («*Commediante... Tragediante...*») e a desgraça dos tempos fizera que os senhores da opinião e seus guias, tanto políticos como intelectuais, depois de terem totalmente abdicado, ou traído, das liberdades da Europa e de todos os bens sagrados do espírito, que séculos de esforços conquistaram, os entregaram aos bandos de rapaces, que os punham em bocados. Era muito preciso que os raros homens, cuja consciência não tinha os olhos vazados, se fizessem os despertadores e vigilantes dos outros, embora não fosse esse o seu papel! Num naufrágio, o papel de salvador é de todos que o podem desempenhar... «Ou então, pereceremos todos juntos; mas perecerei de olhos abertos!...»

Os de Juliano já tinham recusado a venda, que os seus confrades tinham, com uma docilidade frenética, usado nos olhos durante a guerra. Rejeitara, desdenhosamente, as ofertas para tomar parte na infecção da opinião francesa pela mentira e pelo ódio. Com isso prejudicara a sua eleição para a Academia e, como vimos, tivera a honra de ser vaiado nas suas aulas do Colégio de França, por alguns dos valentes combatentes da retaguarda.

Não foram, porém, até fechar-lhe o curso. Tinha alguns fiadores bem-pensantes — apesar de tudo — pertencentes ao mundo conservador e católico, que temiam o escândalo de entregar um da sua casta, de quem sabiam (e, no fundo respeitavam) a escrupulosa lealdade. Contentaram-se em

pôr um apagador nessas manifestações «derrotistas» em que a assinatura de Juliano se comprometia. Eram raras e pouco conhecidas, porque a censura metia-lhes a tesoura, e à *alma sdegnosa* de Juliano repugnava qualquer reclamo. O seu pessimismo demasiado lúcido não tinha ilusões sobre a inutilidade duma acção isolada. Bastava-lhe ter dito aos traidores da sua confraria: «Não!»

Encontraram-se, depois da guerra, alguns daqueles de todos os países que o tinham dito. Naturalmente, isso aproximava-os e, sem o terem procurado, a força das coisas uniu esses homens numa frente internacional do Espírito que, muitas vezes, teve de se opor aos monstruosos abusos e crimes derivados da guerra e da paz fétida, do hálito do tigre. O mais ilustre desses heréticos era Einstein de quem uma das primeiras visitas em Paris foi para Julien Davy. Não se passou muito tempo sem que as suas fileiras se abrissem para dar um lugar ao conde Chiarenza. Este, porém, não tivera pressa de entrar nelas. Decididamente, ficava à margem da acção do dia à dia.

Quando se deram em Itália as perturbações comunistas e depois fascistas, Bruno não se preocupou durante muito tempo, enquanto a sua actividade e a sua obra social não foram afectadas. Trabalhava para aqueles que sofriam («Quem não sofre, no fundo?...»). Que lhe importavam os partidos? Não procurou nunca a política. A política, porém, procurou-o. O fascismo quis ter ingerência na sua obra, submetê-la e anexá-la. Bruno resistiu, com doçura e firmeza. Durante um período bastante longo, esses homens brutais, habituados a não poupar nada, toleraram-no no entanto, desarmados pelo seu desinteresse de que ninguém duvidava.

Supunham que, como lhe passavam pelas mãos milhões, segundo o excelente costume dos filantropos de profissão alguma coisa lhes ficava aderente. Não havia, porém, nada nas mãos brancas

do conde Chiarenza (mais brancas desde que manejavam a pá e a picareta). Acabara de se arruinar ao serviço da sua grande família de famintos. O lugar não dava, na verdade, lucros; não tentava por isso ninguém. À falta de lucros, o espírito de violência e de domínio não podia, contudo, deixar muito tempo em paz essas equipas de bons samaritanos que só pensavam em curar feridas em lugar de as abrir, o que é, segundo parece, a marca viril dos homens verdadeiramente homens, dos que fazem as guerras e as revoluções, a ordem nova ou do velho novo, ou que o desfazem.

Se não o atacaram pessoalmente, pois era protegido, sem o saber, por certos dignitários do novo poder (um inteligente e céptico filósofo, que dirigia a Instrução Pública e apreciava, não as ideias, mas o estilo harmonioso dos escritos do conde Chiarenza), perseguiam aqueles que se inspiravam no seu exemplo e executavam as suas instruções, os professores e professoras que se votavam ao duro apostolado de acudir às populações abandonadas.

Pretenderam obrigá-los a fazer assinaturas e juramentos de servidão política, que repugnavam às suas consciências, ao novo despotismo instalado sobre as ruínas do Estatuto, pela traição daquele próprio que se constituíra seu guardião. Para esses homens e mulheres de fé, a consciência não era um jogo como para esse ministro Gentile, que irònicamente respondera ao conde Chiarenza quando foi protestar contra a violência feita à alma dos seus discípulos:

— Mas, *caro mio*, não é o Evangelho que nos diz «ser preciso perder a sua alma, para a salvar»?

Bruno tivera de se resolver a sair do seu estaleiro de trabalho e a ir a Roma para defender a sua obra e os seus colaboradores. Uma vez saído, foi testemunha da luta atroz que devastava e enfraquecia, então, milhares de consciências italianas. Não se podia abster de ver, julgar e falar. As cir-

cunstâncias permitiram até que assistisse às violências cometidas contra um seu antigo companheiro de armas, médico, grande ferido, condecorado, respeitado, que um bando de moços vadios assaltou, insultou, espezinhou brutalmente na rua. Após ter recebido a sua parte de pancadas — pois naturalmente interviera — Bruno foi depor ante a justiça em favor do outro, a despeito das ameaças e gritos de morte que da sala se ouviam mugir lá fora.

Como podemos pensar, Bruno não se deixou intimidar com isso! Contava, mais tarde, a rir, que contra esses «Hum» (*), esses demónios negros (negros nas camisas e negros nas almas), sentira crescerem-lhe nos ombros as asas vermelhas do revolucionário. De defensor, transformou-se em acusador. Acusou o próprio tribunal e a polícia que autorizavam aquela violência feita à justiça e à liberdade de testemunhar. A sua figura imponente, o seu grande nome, a sua eloquência (dizia ter descoberto então em si uma garganta de tenor do Scala), assombraram por algum tempo a assistência. O ministério público desculpou-se, lamentàvelmente, e lá fora foi imposto silêncio. O conde Chiarenza pagou isso.

— E foi bem feito — dizia, a rir — para me lembrar a serena indiferença de que me gabava acerca da Roda das Aparências. O turbilhão de poeira envolvera-me...

Os «camisas negras» esperavam-no ao sair da sala: esteve prestes a ser feito em bocados. Nem por isso se tornou mais prudente; mas sim mais irónico e perfeitamente senhor de si. Em vão aqueles que se interessavam por Bruno nas altas esferas pro-

---

(*) Os *Hum*, em tibetano, são os negros habitantes dos purgatórios.

curavam afastar dele o perigo e afastá-lo de o procurar. Chegou, porém, um momento em que já não era possível poupá-lo. Recusava-se a ir para o estrangeiro, embora a vida em Itália fosse para ele cada vez mais difícil. Decidira ficar tanto tempo quanto lhe fosse possível, para diminuir alguma coisa os sofrimentos e ir em socorro dos oprimidos. Obstinava-se nisso, com uma doce tenacidade. Quando não lhe foi possível ajudá-los às claras, fê-lo clandestinamente, ludibriando com o bom humor italiano a vigilância da polícia. Correspondeu-se e colaborou, em questões de pura humanidade, com os adversários políticos do fascismo.

Posto em regime de *domicílio coatto,* achou maneira de continuar a sua acção nas barbas dos seus benévolos carcereiros. Há em quase todos os bons velhos italianos uma vocação da *Commedia dell'Arte* que lhes pode manter a alegria interior nos momentos mais trágicos e lhes presta grandes serviços nos casos aparentemente sem saída. O grave conde Chiarenza combinou os poderes mágicos dos seus lamas com os expedientes de *Pulcinella* para empregar os seus próprios guardas na partida em que jogava a bem da humanidade, embora corresse risco a sua cabeça.

Depois de os ter enganado muito à sua vontade e de os ter feito levar, sem o que o seu grande nariz se metesse nisso, as mensagens mais comprometedoras, na véspera do dia em que ia ser deportado para as ilhas Lipari, conseguiu sair, tranquilamente, de sua casa e deixar os bons carabineiros a esperá-lo não debaixo do olmo, mas à porta da retrete, donde saiu por uma claraboia que dava para a escada (era aos cinquenta e seis anos, lesto e elástico como um ginasta). Atravessou, como se estivesse a passear, sem nenhuma pressa, a cidade do Piemonte, onde os seus assuntos e a polícia o tinham largamente retido, e continuou fora da cidade, com o mesmo passo tranquilo, de dia e de

noite. Quando se ergueu, ante os seus passos, o muro dos Alpes, trepou-o.

Foi nessa altura que as suas experiências do Tibete lhe serviram. Conhecia bastante bem a região e possuía um mapa do estado-maior; mas estava muito mal apetrechado para andar pelos glaciares, em pleno Inverno. Em lugar de tomar a saída mais fácil que, naturalmente, era uma ratoeira, procurou a mais perigosa: a passagem de S. Teódulo. Encontrou, felizmente, cumplicidade entre os montanheses do vale que, sem darem a impressão de compreenderem, lhe forneceram sapatos ferrados, cordas, uma picareta, uma capucha de pastor e um guia até meio caminho.

Nem por isso Bruno correu menor risco, pois ao querer evitar os espias fascistas da fronteira, errou no meio da neve e perdeu-se. Teve de passar uma noite contra um muro de gelo, à beira dum abismo. Teria ficado gelado se não tirasse partido das suas práticas de *tumo* tibetano, que, pelo seu mecanismo psico-fisiológico, consegue estimular o calor interno e do qual o grande asceta-poeta Milarepa aproveitou e cantou as virtudes. Chegou, fatigado, eriçado de gelo, com estalactites nas sobrancelhas e uma banquisa na barba, a um refúgio, já em território suíço, onde encontrou um lume de lenha e uma bebida quente, que lhe prepararam os caçadores de gamos.

Só então Bruno teve consciência do frio de morte que o envolvia como uma carapaça e contra o qual, havia quinze horas, lutava o fogo interior. Esteve prestes a ir abaixo; mas um sono de chumbo num banho de suor, velado por aquela boa gente, enrijou-o. Depois de ter descido com eles a Zermatt, onde repoisou um dia ou dois, tomou còmodamente, em Viège, o comboio do Simplon para Paris.

Precedera-o o boato da sua evasão incompletamente anunciada e depois desmentida de modo canhestro, mas provada pelo despeito dos seus carce-

reiros, envergonhados, tristes, e do seu Senhor irritado, que descarregava o seu furor para cima deles. Os refugiados italianos de Paris, que os telegramas da Suíça preveniram, foram cumprimentá-lo à chegada e durante alguns dias Bruno foi presa dos repórteres. O malicioso italiano sabia, porém, defender-se. Contou-lhes a sua saída do *Inferno* e o seu *salto mortale* por cima dos montes, como se fosse uma cena da comédia veneziana. O riso de Paris à custa do tirano enganado revolvia-lhe o punhal na ferida; e do outro lado dos Alpes fez-se um silêncio de raiva.

No entanto, a aventura do conde Bruno interessou, durante duas ou três semanas, a crónica da Europa. O herói, porém, furtou-se à celebridade e aceitou o refúgio que Juliano Davy lhe dava em sua casa. Os dois homens tiveram a alegria de, finalmente, se verem, depois de tantos anos de intimidade a distância. À porta fechada, bem defendidos contra os curiosos, não foi a política que constituiu o principal assunto das suas conversas.

À primeira vista, reconheceram-se como do número daqueles que tocaram o fundo da trágica experiência humana e saíram dela sòzinhos, abrindo com as próprias picaretas a escada na terrível muralha do gelo. A escada não era, contudo, a mesma para ambos, nem o braço, nem a picareta, nem o espírito. Um escolhera a vertente, ao sol; ou antes: o sol tinha-o escolhido. A do outro era do lado da sombra; mas tinham atingido ambos o mesmo nível, com pouca diferença! Trocaram um olhar de fraterno entendimento.

O seu diálogo era frequentemente interrompido — iluminado — com a presença de Georgina. Estava então na irradiação dos seus dezoito anos felizes. Interessara-se pelo velho alpinista, pois era, sobretudo, a sua proeza desportiva o que a fascinara. Como Bruno vira nela essa alegria sã e sem preocupações do atletismo, da acção física e da aven-

tura, gostava de lhe contar as suas viagens no Tibete, embora deixasse de lado tudo que dizia respeito às suas investigações de pensamento. Ficavam assim horas a conversar sobre estes assuntos, que deixavam Juliano indiferente, mas que o velho Bruno se sentia tão feliz por contar como a jovem por o ouvir.

Contemplava com ternura aquele rosto redondo e alegre, aquela bela pele crestada pelo sol, o firme estofo daqueles braços, das faces, os olhos brilhantes onde não passava nenhuma sombra intelectual, nem um desgosto, nem um receio. Não havia nada «para lá»; mas o que tinha «para cá» era o mundo e era bastante! Como para o universo dos Antigos, *finis orbis terrarum*... Passadas as Colunas, era Calipso. Fiquemos do lado de cá, com Nausica e Penélope!... Chamava-lhe: *Mare nostro*... Mediterrâneo... e na boca de fruto, vermelha e doirada, não pintada, encontrava, com doçura e melancolia, como na miragem dum sonho enternecido, o sorriso descuidado e encantado da jovem cunhada, que cantava a «Belle Meunière» de Schubert e a canção de embalo do regato por cima do sorvedoiro de Polifemo.

Ora, certo dia em que todos três, Juliano, Georgina e Bruno, conversavam à mesa, Bruno falou duma mulher, duma francesa, que encontrara outrora nos caminhos — poderia dizer: nos carris — da Basilicata. Ao falar dela, disse o seu nome de família: a sr.ª Rivière. Georgina bateu palmas e exclamou imprudentemente:

— Anita?

Qual dos dois ficou mais surpreendido: Bruno ou Juliano? Como poderia este imaginar que sua filha pudesse conhecer aquela de quem nunca lhe falara? Não pôde ocultar a sua estupefacção, e Georgina corou... Mordeu o beiço. Era demasiado tarde!... «Pois bem, seja!...»

Tranquila, descaradamente, a sonsinha de olhos brilhantes voltou-se para o pai e disse-lhe:

— Tu conhece-la!

A rir, disse a Bruno:

— É também uma boa amiga de meu pai!

Acrescentou:

— E quero agora que também seja minha.

Juliano sentia-se extremamente perturbado, tanto que por fim Bruno deu por isso. Franziu a testa e, com um olhar severo, procurou impor silêncio à filha. Isso, porém, não a fazia deter; pensava: «Há já bastante tempo que espero a ocasião; a ocasião chega; salto-lhe em cima!» Proferiu:

— Convidemo-la!

— Que loucuras são essas? — protestou Juliano.

— É muito simples — replicou Georgina — Há vinte anos que desejo vê-la e vê-la-ei finalmente!

Sùbitamente Juliano perdeu a cabeça. Compreendeu que sua filha sabia tudo. Não podia era imaginar como o soubera. Nunca ousou perguntar-lho, nem sequer muito depois, tanto essas recordações eram sagradas para ele; não poderia falar delas com ninguém; a ideia de Georgina saber qualquer coisa a seu respeito fazia-o sofrer. Recusava tal convite e esforçava-se, com uma brusquidão pouco hábil, por mudar de assunto. Foi excelente para ele que Bruno fosse em seu auxílio e o livrasse daquele tormento.

A filha cerrava os lábios para não rir, mas irradiava malícia. Bruno observava-os a ambos, adivinhava, ria para dentro, tinha pena do velho rapaz e puxava pela orelha à jovem. Ficou combinado que a sr.ª Rivière seria convidada, não para casa dos Davys, mas para uma conferência que Bruno devia dar na sala das Sociétés Savantes.

Bruno não pudera esquivar-se, nem o seu amigo poupá-lo à obrigação de tomar parte num comício de protesto da Liga Francesa Antifascista, cujo conselho director contava Juliano entre os seus vice-presidentes. (Segundo o seu costume, Juliano nada

fizera para o ser ou o evitar). Foi assim decidido; mas Anita não compareceu à conferência de Bruno, que encantou a assistência pela sua linguagem simples e directa, que traçava o libelo implacável dos tiranos, com a serenidade nos olhos e a malícia ao canto dos lábios.

Anita estava com gripe, e ficou sentada em casa junto do fogo. Não lera os jornais, havia duas semanas. (Até as mulheres que menos se desinteressam da vida social, raramente têm a consciência de se interessar contìnuamente; a sua atenção tem eclipses; a vida do coração absorve-as). Não sabia nada da evasão e da presença em Paris do conde Chiarenza. O filho e a nora, que não deixariam perder a ocasião de ver e ouvir o *fuoroscito,* no comício, não pensaram em informar Anita. Viam-na pouco e distraìdamente. Entregues à alegria de se terem reencontrado, eram como estudantes em férias.

Georgina ficou desanimada. Em vão procurou na sala o rosto de Anita. Reconheceu (conhecia-os muito bem a jovem comadre de olhos brilhantes!) o filho de Anita e a sua «Mascote», como lhe chamava. Deu-se até ao prazer de os apresentar, embora eles não a conhecessem, ao conde Bruno, pois ambos ardiam no desejo de lhe apertar a mão. No aperto da multidão, que se comprimia em volta do estrado, não poderia manter-se uma conversa seguida. A presença do jovem casal era, porém, para Georgina, uma compensação insuficiente; era Anita que ela queria ver e ter.

Ora, visto que o queria (era então assunto decidido!) que diabo a podia impedir? Não descansou enquanto não convenceu o conde Chiarenza a ir visitar Anita e ofereceu-se para o acompanhar. Bruno não teve dúvidas acerca das suas intenções e, pelo caminho, fê-la, gentilmente, contar o velho romance que a sua perspicácia entrevira. Era o que Georgina queria. Havia já muito tempo que o segredo lhe pesava. O velho italiano tornara-se para ela um

camarada de loucuras, quase um cúmplice. Ao contar-lhe a sua descoberta, parecia-lhe que a tinham feito ambos, a meias.

Ante certas recordações cómicas, pararam no Luxemburgo, a rir até às lágrimas. Ao mesmo tempo, Bruno, a abanar a cabeça, dizia-lhe com os olhos: «Não tens vergonha? Mexeriqueirazinha? Não te envergonhas?...» Georgina tinha vontade de lhe responder: «E tu?...» Isso não impedia que sentissem ambos a comoção daquele pobre amor falhado, magoado. Calaram-se o resto do caminho. Quando já estavam perto da casa, Georgina disse:

— É, apesar de tudo, indecente o que fiz! Agora já não terá mais confiança em mim.

Bruno perguntou:

— Mas se tivesse de o voltar a fazer, não o faria?...

Georgina deu uma gargalhada:

— Naturalmente!

Subiram alegremente a escada. Georgina, apesar de tudo, sentia o coração bater descompassado. Era talvez por isso que ria alto. Recusava-se a entrar com ele e, a princípio, pretendia ficar à sua espera na praceta vizinha. Depois, consentiu, no entanto, em esperá-lo, sentada na saleta de entrada. Pensava (e receava) apanhar Anita à passagem, quando no fim da visita acompanhasse Bruno à porta. Foi Bruno, porém, que a foi buscar. Depois da troca das primeiras efusões, entre os dois velhos amigos, Bruno lembrou-se da sua Antígona e disse a Anita:

— Permita-me que vá buscar... uma apaixonada que enlanguesce à sua porta...

Foi buscá-la pela mão. Embora morresse de desejo de entrar, foi preciso puxar por Georgina.

GEORGINA imaginava uma Anita completamente diferente da real. Fizera-a, se não à sua imagem, ao menos parecida com ela. Gostava de imaginar que seu pai estava impregnado dessa imagem quando a engendrou. Sabia que isso era pura fantasia, troçava, mas acarinhava a ideia. Essa Anita inventada introduzira-a no mundo da paixão, onde a própria Georgina não procurava entrar. Era como se o seu duplo a dispensasse disso, se encarregasse de o fazer por ela.

O prazer dessa longa fantasia, que ardera longos anos, sem febre, sem ruído, fora reviver, à sua maneira e com toda a comodidade, as aventuras da outra Anita, como um romance que contava a si própria, à noite contra o travesseiro. Forjara, assim, uma vida apaixonada, que revivera como uma sonâmbula, por procuração. A sua vida real não era perturbada com isso; era até esse o contrapeso necessário para o equilíbrio da sua natureza robusta.

Há milhares de mulheres assim, que levam lealmente a vida tranquila e regular da família, e no fundo, muito no fundo do ser, amam, actuam, têm aventuras e se aliviam das energias e dos desejos inutilizados. Mons Colas, o Nivernense, diria, rabujento e sage, aos maridos: «Não se aborreçam ao

pensar que a vossa metade dorme com uma nuvem! Se têm de ser enganados, antes o sejam em sonhos! Paz aos sonhos e às sonhadoras! Quando voltam de muito longe, sem prestar atenção ao que lhes dizem, com um sorriso vago, um olhar estranho, os olhos pisados, sorriam de boa vontade às viajantes! Encontrarão, no regresso, mais tépido o lar...»

Nem todas são (mas muitas são-no) tão inocentes como o era Georgina. A sua inocência era de boa qualidade, da que não pensa nem no bem nem no mal. Sonhava... e era tudo. A andorinha deslizava no ar... Agora, a andorinha estava frente a frente com o seu sonho e esse sonho não era nada aquele que julgava. Anita não era o duplo de quem quer que fosse! Anita era Anita, ela própria e mais ninguém... Não importava! A andorinha era levada pelo impulso e engolfou-se no bico aberto... *Era* Anita. Esta poderia ser o que quisesse. Era a Anita de que precisava.

Olharam uma para a outra. Georgina, essa grande rapariga, robusta e brusca, de ar decidido, ficara sùbitamente hirta, intimidada, via-se o seio entumescido que arfava e o seu sorriso parado. Anita, com o seu cabelo branco, a sua fronte calma, o seu rosto fatigado, os seus grandes olhos salientes, abrangia, no seu olhar inteligente, a perturbação de afecto impetuoso da grande rapariguinha. Sob esse olhar, o grande coração da comprometida amazona fazia-se pequenino e os seus joelhos tremiam. Estava prestes a chorar de vergonha.

Como, ao levantar as pálpebras que baixara tìmidamente, encontrou o sorriso de Anita, que a compreendia, de súbito mergulhou, escondeu, a sua face ardente no colo daquela que lia os seus segredos e envolveu-a num apertado abraço. Anita exclamou:

— Olá!... Ela vai esmagar-me!

Georgina, confusa, deixou-a. Anita levàntou-lhe a cabeça e viu aquele rosto corado, feliz, envergo-

nhado, que tinha grossas pérolas nos olhos. O conde Bruno ria; Anita ria; e Georgina, enxugando com as costas da mão as lágrimas, como fazem as crianças, riu também. Anita perguntou:

— Quem é que me deu esta filha?

Georgina respondeu:

— Julien Davy. Sou sua filha.

Os grandes olhos de Anita dilataram-se ainda mais. Não disse nada. Pôs as mãos nos ombros de Georgina e contemplou-a. Por fim exclamou:

— Está bem! Adopto-te!

GEORGINA voltou no dia imediato, cedo. Tornou a ir, à noite e nos dias seguintes. O vestíbulo estava cheio de flores. Já não havia jarras para as conter. Levava-as às braçadas. Instalara-se na casa, tratava por tu Anita e tomara posse do rapazinho. Assia deixava-lho de boa vontade entreter, limpar e passear. Sabia aproveitar as dedicações daquela amazona para ser ama seca. Georgina era daquelas que têm, obscuramente, fome de crianças. Se fosse possível ter filhos sem o homem! Ora, ofereciam-lhe um já pegado e era um rebento de Anita. Era uma dupla felicidade e um pretexto para tomar raízes na casa!

Era preciso Anita lembrar-lhe que tinha a sua casa e o pai de quem cuidar. Georgina passava horas sentada aos pés de Anita, num banco baixo ou no chão, com o pequeno. Falava ou não falava; pouco lhe importava; o que lhe interessava era estar lá. A sua atracção era singular. Ela própria não a sabia explicar. Anita continuava para ela inexplicável. Se Anita via Georgina como era (ou quase,) jamais Georgina viu Anita a não ser conforme a imagem dupla, romanesca, que construíra para seu uso. Anita sabia-o e encolhia os ombros; não havia nada a fazer para desiludir Georgina.

Também não valia a pena fazê-lo, pois, no fim de contas, a verdadeira Anita gostava dela e Georgina não pedia mais nada. Anita ficara presa pelo

apelo mudo, ardente e verdadeiro da jovem. Não se regateia esse belo dom de si sem reservas! Quanto a Georgina, bastava-lhe que aceitassem esse dom. Tinha necessidade de Anita. Sentia-se feliz quando estava em sua casa, feliz quando sucedia Anita pousar a mão nela, feliz por respirar o mesmo ar. Era o amor informulado. Não era muito inteligente, não conhecia o seu mundo interior. Era como a expressão, que se ignora, da nostalgia que dominava, quando ela nasceu, o seu pai a sonhar com o paraíso perdido. Essa nostalgia estava satisfeita em Georgina: reencontrava a sua pátria.

O seu egoísmo satisfeito esquecia, por vezes, o abandonado. Só via seu pai à noite, à refeição, negligentemente. O pai sentia-a, em face dele, ausente. Comia à pressa para partir ou ir fechar-se no seu quarto, onde fermentava os seus dias. Do seu gabinete, o pai ouvia-a rir, falar sòzinha.

Foi Anita quem pediu a Georgina que levasse a sua casa o pai. Juliano acolheu friamente o pedido. No fundo do seu coração, sentia-se perturbado. Por uma infelicidade da sua natureza, que derivava tanto das suas fraquezas como das suas boas qualidades — o seu pudor de sentimentos, o seu orgulho, a sua humildade (os contrários estão frequentemente associados) — Juliano tinha uma incapacidade quase total de exteriorizar os seus mais fortes sentimentos. Quanto maiores eram a comoção e o amor, menos os mostrava; congelava. Era o primeiro a sofrer com isso.

Assim, perdera a sorte de ter uma comunicação completa com sua filha, que gostaria bem de se confiar a ele. Até nesses dias, Georgina teria gosto em contar-lhe tudo de que o seu coração estava cheio, todos os dias passados com Anita. Fosse, porém, contar a sua alegria àquela cara de pau, que tinha o ar, quando pressentia que o nome de Anita ou a sua imagem iam surgir na boca faladora da filha, de se retrair numa frieza hostil!

Georgina pouco se importava com o que o pai pensava... Tanto pior para ele!... Fatigava-se disso, com a sua impaciência da juventude, e procurava alturas onde desabafar. Por falta de réplicas, dava-as a si própria: «Agora nós, minha filha! Aqueçamo-nos! Tenho uma frieira na língua de a roçar contra aquele pedaço de gelo...»

Juliano, de semana para semana, achava novos pretextos para não ir a casa de Anita, sem que a filha insistisse. Georgina pensava: «Pois, não venha! Se me acompanhasse estragar-me-ia o dia...»

Anita não esperou sob o olmo, indefinidamente. Conhecia o seu Juliano doutros tempos. Vestiu-se, uma tarde, e disse a Georgina:

— Acompanho-te a casa. Teu pai estará? Subirei para o ver.

Georgina surpreendeu-se:

— Que irá ele dizer?

— Achas que me porá na rua?

Georgina ria:

— Isso não! Pobre velho! Sem o prevenir! É capaz de lhe dar um ataque!

— Se o preveníssemos, esquivar-se-ia e nunca lhe poríamos a vista em cima!

— Ah! Conhece-o bem, ao coelho alapado!...

— Filha sem respeito!

— Bolas para o respeito! Ele maça-nos.

— Nós, quem?

— A si e a mim.

— Não me metas no mesmo saco. Por mim, respeito tudo.

— Respeita tudo?... Oh! Lá... lá...

— Lá... lá... quê?... Amo e combato; logo: respeito.

— As regras do jogo?

— Não; o adversário. Não nos batemos bem, se não cremos nele.

— Para lhe aplicar, debaixo do queixo, um *upper cut!* Assim, também creio.

— Só pensas na brincadeira.

Talvez das duas mulheres aquela que só pensava na brincadeira esquecesse mais depressa que se tratava de jogo. Nem uma nem outra, porém, davam conta disso.

Subiram juntas as escadas. Georgina tinha a chave da porta. Precedeu Anita nos aposentos e ao abrir a porta do quarto, proferiu:

— Pai, apresento-te a tua boa amiga.

Se um raio tivesse caído aos pés de Juliano, não ficaria mais assombrado. Não teve sequer forças para se levantar. Anita disse-lhe:

— Perdoe-me, Juliano! A sua filha é endiabrada. Como fez para a fabricar assim?

— Por mim, sei em que modelo fui talhada! — exclamou Georgina.

Anita empurrou-a para a porta:

— Tu, minha menina, deixa-nos em paz! Desaparece daqui! E não vás (bem te conheço!) colar o ouvido à porta!...

Georgina protestou.

— Sim, sim! — repetiu Anita — Já sabes mais do que devias saber... Fora daqui! E já! Pensas que vamos representar, para te divertir, a cena dos dois velhos da «Arlésienne» (*)?

Georgina deixou-se pôr fora, a rir. Anita voltou para junto da mesa de trabalho, em frente da qual Juliano estava como petrificado. Disse-lhe, estendendo-lhe a mão:

— Meu velho amigo, mete-lhe medo esta velha?

Juliano repeliu bruscamente a cadeira e, inclinando-se para aquela mão, apoiou nela a fronte. Anita sentou-se; ele nem pensara em convidá-la a sentar.

— Não me queira mal por ter vindo — disse

(*) A célebre peça com letra de Alphonse Daudet e música de Bizet. *N. do T.*

Anita — Era preciso, visto que não se decidiria a ir ver-me. Não é verdade?

— Não iria — respondeu Juliano — nunca.

Levantara a cabeça e olhava para ela com um fraco sorriso de gratidão ainda medrosa.

— Bem, não falemos mais nisso! — disse Anita.

Os dois velhos amigos observaram-se. Estudavam aquele rosto que conheciam e as alterações nele produzidas. Quantas rugas naquela casa! Tomara, porém, uma pátina de sombra e de sol, como os frontões da velha Roma que reverberam dos assaltos do tempo e da calma augusta da resistência inencetada. Não permutaram os seus pensamentos.

Anita lia naquele livro fechado à chave, que não se abria, menos do que nunca, pois sabia que era observado e tinha muito que ocultar. Anita não tinha dificuldade em adivinhá-lo e sentia compaixão por aquela alma recalcada, que vivera toda a sua vida solitária, que temia a afeição mais do que a inimizade, pois não estava habituado a ela e, para se defender, não encontrava outras armas a não ser a fuga. Foi Anita quem quebrou o silêncio:

— Agradeço-lhe a jovem amiga que me deu.

— É sua — replicou Juliano — É o que tenho de melhor.

— Tem uma bela vida, meu amigo — proferiu Anita com um sorriso grave.

— Não a desejaria — retorquiu Juliano amargagamente — nem ao meu maior inimigo.

— Não a queria para mais ninguém, pois nenhum outro seria digno de a ter.

— Que sabe dela?

— Conheço-a. Estou a par das suas lutas. Li-o e o que não li vi-o (fechou os olhos). Sinto orgulho de si.

Juliano estremeceu:

— Eu... tudo que sou... tudo em que me tornei... é obra sua!... Deponho-a a seus pés!

Anita estremeceu por seu turno:

— Que fiz por si?

— Fez-me.

O abismo do silêncio reabriu-se. Uma torrente quente de comoção engolfou-se nele... Georgina que, detrás da parede, aplicava o ouvido, perguntava a si própria: «Estarão mortos?»

Anita ergueu para Juliano, cujo olhar estava suspenso no seu como o dum bom cão, os olhos enevoados que cintilavam. O rosto corara com uma onda de sangue que subira do coração. Para Juliano, aquelas faces e aquela fronte afogueadas eram mais belas do que a beleza. Anita disse:

— Assim, não perdemos a *nossa* vida.

Juliano esteve prestes a replicar: «Para que serviu a minha?». Ao ver, porém, a alegria de Anita, sentiu que seria ingrato. Desejaria ajoelhar diante dela. A sua ancilose moral impedia-o assim como a sua decadência. Via o velho ridículo que era... Balbuciou:

— Se não perdi a *sua*, todas as tristezas, todas as derrotas, todo o resto, nada é e tudo está certo.

Sorriram, permutando assim o seu grave e mudo reconhecimento. Depois, Anita levantou-se e disse:

— Basta de felicidade por hoje!

Partiu. No limiar da porta, Juliano perguntou:

— Para quando a continuação?

Anita replicou:

— Quando a for buscar. A porta do tempo está aberta.

Fim do 2.° volume de A Anunciadora

A seguir: o último volume do ciclo da Alma Encantada

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO
E IMPRESSO PARA A
PORTUGÁLIA EDITORA
NA TIP. LEANDRO, LDA.,
TRAVESSA DO NORONHA, 28,
30 e 30-A — LISBOA

ALMA ENCANTADA

IV

A ANUNCIADORA

(ANNA NUNCIA)

★ ★ ★

ROMAIN ROLLAND

ALMA ENCANTADA

IV

A ANUNCIADORA

(ANNA NUNCIA)

* * *

Tradução de
JAIME BRASIL

PORTUGÁLIA EDITORA
LISBOA

A ANUNCIADORA

LIVRO II

A GERAÇÃO

II

A Anunciadora compreende dois livros:

I. *A Morte Dum Mundo.*
II. *A Geração* (2 volumes).

SEGUNDA PARTE

Maio Florentino

OS velhos amigos viram-se com regularidade. Tinham as suas horas de conversa que lhes eram estritamente reservadas. Embora Juliano tivesse travado conhecimento com Marcos, Vania e Assia, e, em pouco tempo, conquistasse o seu lugar na família, não conseguia nunca abrir-se completamente com eles; parecia afectado. Assia intimidava-o e até Vania: não sabia falar com uma criança. Sòmente, Marcos lia na fronte preocupada do sábio e se mostrava ávido de decifrar nela o enigma do pensamento intrépido e severo. Juliano, porém, receava esse outro enigma: o olhar inquisidor dessa juventude, cujas preocupações estranhas, a aspereza e a ironia lhe escapavam, o inquietavam. Refugiava-se junto de Anita, que conhecia, tão bem como ele, as fraquezas, e, melhor do que ele, a grandeza daquela alma triste, daquela alma altiva, sem que ele tivesse necessidade de a explicar.

Até sem falar, Juliano libertava-se, ao aproximar-se dela, da sua carga de desânimo, acumulada como um fluido eléctrico. Em Anita, isso não pesava, antes a equilibrava, completava a sua carga, a flutuação do barco ficava melhor assegurada. Assim se cumpria, ao reencontrarem-se, uma lei

secreta das suas naturezas. A idade do amor passara; tratava-se de mais (e de menos): dum acordo final de dois seres, no qual terminava a curva preestabelecida de cada um dos dois destinos. Sem falar — e mais frequentemente, quando, de noite, duma à outra casa, cada um deles pensava, no seu leito —, rendiam graças um ao outro; e cada um via que nunca deixara de habitar o coração do amigo.

As duas casas não estavam igualmente habitadas; e na de Anita, Juliano só ocupava um quarto. À de Juliano faltavam móveis e habitantes. Além de Anita e de sua filha, que viviam lá eventualmente, só era ocupada pelos seus livros e as suas ideias: poeira com teias de aranha!... A casa de Anita estava cheia: cheia do passado, cheia do presente; ainda havia lá quartos à espera de visitantes que poderiam chegar no dia seguinte, que viriam. Não, a partida não era igual! Não o podia ser. Não haveria jogo, não haveria vida, se um não ganhasse e o outro perdesse, um que dá mais, um que toma mais.

Juliano dava mais porque tinha mais para dar: mais afeição em disponibilidade. Anita não podia dispor da parte que dera aos outros, ou que daria (porque o futuro retém a sua parte). A parte de Juliano era boa. Tinha de se contentar com ela. Se não era igual à sua fome, a culpa era dele: quando o coração de Anita estava ainda quase intacto, deixara-o escapar. Devia estar reconhecido pela parte que ela guardara para ele. Não sem mágoa, acusava-se das outras partes que não tinha, sobretudo daquela que um recém-vindo, um amigo novo, se atribuíra sem a ter pedido: o conde Bruno.

A esse homem feliz — feliz, a despeito de todos os azares que o atingiram — bastava apresentar-se em qualquer parte para ser amado. *Veni, vici...* Achava isso muito natural. Todos o achavam na-

tural, como ele. De ambos os lados, tudo era prazer. Não tinham de gastar os dentes como com Juliano, para morder o fruto, numa casca dura que fazia sangrar as gengivas. A casca era, tanto como o fruto, boa para comer. Sem nenhuma dúvida, a sua frivolidade entrava por metade no seu encanto; a outra metade era feita de afectuosa bondade e de sedução natural. Não projectava sombra à sua passagem.

Todas as mágoas da vida se reabsorviam nos seus olhos azuis e acariciantes, que não podiam impedir-se de parecerem aos outros um tanto inocentemente galanteadores. Esse velho menino, de barba sedosa e florida, que acariciava, como a um dorso de gato, com os seus dedos finos, tinha necessidade de ser amado por todos e de a todos amar. Isso não o impedia de os julgar, com uma lucidez surpreendente, que penetrava a direito no fundo e punha o dedo no oculto ponto sensível, tão doce e justamente, que o toque parecia causar uma secreta volúpia. Estabeleciam-se, então, entre o operador benévolo e o operador complacente, laços de misteriosa intimidade, de que guardavam ambos a chave.

De todos, a única que não se prestava a esse jogo era o duro ouriço com picos: Assia. Não gostava — «doçuras! doçuras!» — dos homens muito doces, das barbas muito bonitas, das mãos muito finas e muito cuidadas e desse olhar que se insinuava como uma carícia até o fundo do coração. Bem sabia que Bruno era bom, sapiente e via ao longe; mas não curava dessa sabedoria, dessa bondade nem dessa perspicácia... «Vejo ao perto, vejo o meu Marcos, bom ou mau, tomo-o tal como é; ele toma-me tal como sou; vai onde vou, e sei onde vou». Não podia impedir Bruno de ler nela, por trás do seu biombo; mas sentia com isso despeito e amargura. Bruno, bondosamente, fingia não ver; mas não podia impedir-se de o fazer, e, por trás da sua barba

perfumada, ria daquele focinho de gata sempre franzido.

Todos os outros estavam conquistados: a criança e Georgina, Marcos e Anita. Todos sentiam, à medida das suas necessidades, os benefícios desse optimismo, inatingível pelas catástrofes da vida e pela razão de olhos azuis. Por muito pouco razoável que pudesse ser esse optimismo, o qual, no fundo, trágicas experiências desmentiam, aliviava da «outra» clarividência de Juliano, da visão negra, do pessimismo que se aguenta bem, estóico, indestrutível, mas sem alegria de viver, sem entusiasmo. Esse optimismo era o único eficaz, pois só ele era vital: correspondia às leis profundas da *Natureza naturante* que quer viver sem se preocupar com o bem, o mal, o sofrimento, a inutilidade dos esforços.

Queria viver e vivia, a despeito das leis morais e racionais, que são as da *Natureza naturada,* do homem lógico, que não tem a prudência de deixar o fio do seu fuso, do homem que pensa até o fim — até não mais viver. Bruno não ignorava nada do pensamento; as suas mãos hábeis não tinham, porém, dificuldades em desfiar a meada; mas sabia ouvir o canto da roda de fiar, e, a responder-lhe, do interior da casa, o cântico do sonho, a sereia. Fora outrora a sua vítima; mas agora tinha-a apanhado na sua rede, à sereia da Sicília; a cantar para seu prazer e dos seus convidados como um passarinho de gaiola. Para quantos a escutavam, o seu canto era um alívio da pena de viver. A ave não ocultava nada do que causava pena. Nunca dizia:

— O que é não é nada.

Dizia:

— O que é, é; portanto é belo, porque é belo ser!

A sua bela voz de violoncelo, que, talvez, se

escutasse um tanto, iluminava, tudo que era belo ou feio, como um raio no mar azul ao pé do rochedo da morte: Cila. Era esse raio que tocara na fronte preocupada de Marcos. Nessa fronte jovem, o raio pousara, e tinham sido atraídos um pelo outro. Ao primeiro olhar, o velho e prudente siciliano fora impressionado pelo desencanto, puro e ardente, daquele rosto jovem: aquele apaixonado estava marcado pela morte; já lhe tinha franqueado o limiar. Bruno estava, também, tocado pelo grande esforço que lia naquela natureza atormentada, para se libertar dos demónios da violência e do egoísmo juvenis. Adivinhava esses combates silenciosos melhor do que a esposa, melhor do que a mãe.

Aquele rapaz irascível, duro, cruel até, orgulhoso, tirânico, ávido, desenfreado, que quebrava os ímpetos aos seus instintos de jaguarzinho, seduzia-o pelo próprio vigor dos seus instintos e pelo da alma que os tinha domado. Via-o encaminhar-se, por uma proeza de jovem atleta, para um estado de renúncia, de que a heróica e frágil harmonia era comovente a seus olhos. Alimentava por essa criança de vinte e cinco anos uma veneração secreta e especial, manifestada na maneira como, em certos momentos, lhe falava e lhe cedia o lugar. Não o fazia a nenhum outro, nem às mulheres, a não ser com uma nuança de cortesia mundana que lhe diminuía o sentido. Dir-se-ia que se inclinava ante um misterioso futuro. Talvez ele próprio não soubesse dizer o sacrifício que pressentia e se tinha a visão de Isaac a transportar a lenha para a própria fogueira. Anita, ao observar Bruno, perturbava-se e pensava: «Que vêem os seus olhos?»

Não ousava perguntar-lho. Marcos, porém, não prestava atenção a isso. Estava muito ocupado com o problema que lhe formulava o seu destino. Desempenhava o seu papel, a sua peça, cena por cena, sem se inquietar com saber qual seria o desfecho da

tragédia. Representava, porém, mal, pois, como os maus actores de que fala Diderot, estava «demasiado absorvido» com o seu papel e não se lhe sobrepunha. Para sair disso, tinha necessidade mais do sorriso de Bruno, que era uma paisagem nova, do que da amarga visão de Juliano, que estava muito próxima da sua.

O primeiro benefício que Marcos colheu, no seu contacto com o velho Ulisses, foi o apaziguamento que, sob as suas mãos, a alma inquieta sentiu ao entrar, gota a gota, a reconciliação consigo próprio. Não tinha de confessar a humilhação dos combates no seu corpo e dos intrusos que nele acampavam, essa turba de pensamentos indesejáveis da guarida dos quais não se orgulhava. Os olhos semicerrados de Bruno tinham-nos ido buscar ao ninho e, sem ter o ar de lhes tocar, haviam acolhido as aves espantadas no fundo da sua afectuosa ironia.

Um dia em que o jovem Marcos se atormentava, sem ousar dizê-lo, com recordações ou presenças inconfessáveis no seu pensamento, Bruno, com o ar de reviver qualquer história antiga, sem nenhuma relação com o homem ansioso que estava a seu lado, contou a sorrir uma anedota paradoxal da Índia. Tratava-se dum homem de bem que fora encontrar-se com um solitário e o instara para ser o seu guia. O *sannyasin*, depois de o ter observado, perguntou:

— Meu filho, sabes mentir?

— Deus me livre! — respondeu o bom homem. — Mentir, nunca o farei.

— Vai então aprender — disse-lhe o solitário. — Quando tiveres aprendido, volta.

Isto por a sabedoria do Tibete dizer: «incapacidade não é virtude, mas impotência».

— Ah! Isso não! — exclamou Marcos. — Não será disso que me poderão acusar!

A descarada Assia, que apanhara no ar, ao passar, a máxima e a réplica, confirmou:

— Não, a esse respeito, não há nada de que o censurar!...

Os dois homens riram; mas quando ficaram sòzinhos, Marcos disse a Bruno:

— Não sou dos que contam muito com a mentira; será o último dos animais a encontrar lugar na minha fauna, e suponho que não terá empenho em que o engorde! Preferiria fazer a criação doutros pecados capitais. Quanto a todos os outros, à canalha dos que não são capitais — os piores! — essa peste...

— Não irei a ponto — disse Bruno acariciando a sua barba sedosa — de repetir o ditado das comadres da sua terra (as da minha dizem o mesmo): «Os piolhos são uma garantia de boa saúde». No que diz respeito, porém, à vida profana, a verdadeira sabedoria é, talvez, como ensinam os solitários, não destruir (não destruir nada!), mas transmudar a substância das energias. As do mal são uma fortuna, como as do bem. Quem as recebeu no seu berço é um mortal abençoado pelos deuses.

— Então, sou-o — disse Marcos — e malditos sejam eles! Passaria muito bem sem essas prendas.

— Os jovens são ingratos — murmurou Bruno.

A palavra paradoxal seguira, contudo, o seu caminho e encontrara, na inteligência de Marcos, um bom terreno para ser compreendida e frutificar. Bem sabia de que valor vital eram para ele aquelas energias e como, privado delas, seria mais fraco e mais acessível... Ainda um dos Mil-e-Um-

-Contos do «Grande Lama», como irreverentemente Assia chamava a Bruno: a pergunta do rei Milinda:

O rei Milinda perguntou a Nagasena: «Qual é o maior pecador: o que peca sem saber ou o que peca sabendo o que faz?» — «Aquele que peca sem saber, pois dos que pegam com as mãos numa barra de metal ardente, qual é o que se queima mais? O que sabe ou o que não sabe? O mais queimado é o que não sabe».

Como verdadeiro francês e filho de Anita, Marcos sabia distinguir a barra ardente. Era função da sua inteligência saber pegar-lhe e saber utilizá-la. Infelizes os «pobres de espírito»! Está-lhes prometido o reino do céu; mas em nome do céu, para nossa salvação, que lhes seja vedado o reino da terra! «Simplicidade (aliás, tolice) é pior do que crime», atalhava Assia. A sabedoria eslava, a da Índia, a da França, todas as sabedorias estavam de acordo: — «Não sejas tolo!...». O bom-senso dos povos, por toda a parte, não é tolo.

O longo combate que Marcos travava, havia anos, em silêncio, sem o revelar aos mais íntimos, contra os seus monstros, encontrava-se facilitado pela presença a seu lado do mais velho, que os conhecia sem ter necessidade de falar deles, e que, afagando-lhes as crinas, os domava sem chicote nem botas de montar. O acordo do eu com o mundo (isso, não é nada ainda!), o acordo do eu com o eu, que o conde Bruno realizara, actuava, como por osmose, na natureza atormentada de Marcos. Parecia até que, dos seus tormentos e das suas renúncias, o sentido profundo e aliviador lhe fora revelado, como se fosse o resgate combinado para «libertar em si a pura humanidade»:

A pura humanidade resgata
Todos os crimes da humanidade...

Fora da boca de Bruno que Marcos ouvira esses belos versos e a «Ifigénia», de Veimar, que era, para o Orestes apaziguado de Messina, uma irmã preferida. O problema da violência, com o qual Marcos se debatia, essa violência inseparável do combate e cuja acção, até a mais despojada de toda a vontade de violência, como o *Satyagraha* de Gandhi, não consegue libertar-se: (pois que é se não violência a recusa a toda a cooperação que faz viver, essa máquina pneumática que esvazia a campânula e asfixia?) essa crueldade que a natureza inflige a cada um dos nossos gestos, a cada um dos nossos sopros se queremos viver, tornava-se mais respirável para os pulmões febris de Marcos pela aceitação inesperada do velho companheiro e pela sua serena ironia.

Bruno evocava com um sorriso, que não era de iludido, as estranhas ideias de «serviço e compaixão do próximo», que colhera, entre a poeira das neves, nos planaltos da Ásia. A razão do homem, que é, em toda a parte, o melhor sabão para lhe lavar as mãos, quando encontra manchas de lama ou manchas de sangue, soubera dar lugar ao crime, na compaixão que pregam os piedosos solitários. Procurara persuadir-se de o assassínio, simples acidente no decurso dos renascimentos do homem assassinado, poder actuar, em certos casos, como se fosse um choque salutar e encaminhar por melhores caminhos. Era, portanto, a caridade que evitava ao mau afundar-se mais no seu inferno e lhe oferecia a ocasião de se resgatar disso.

Bem entendido, Marcos revoltava-se: protestava contra os «beatos». Bruno defendia-os, com uma indulgência que era ainda pior, pois deixava entender («a bom entendedor...») que entre esses crimes por compaixão e os quotidianos, de que a vida das boas pessoas está cheia, só havia a diferença entre uma moeda e o seu troco. Na sociedade, tal como o

homem a fabricou, é muito difícil viver sem moedas, sem essa moeda do crime a que chamam justiça e que dispõe da vida do injusto para salvação da comunidade (as pessoas piedosas acrescentavam, para a sua satisfação ser completa: «Para a salvação do castigado!»)...

Bruno não dizia que saíra dessa sociedade. O «Caminho», que os directores de consciência lamaicos ensinam, ultrapassa esse primeiro estádio de «actividade justa ou virtuosa»; tem, ao cabo, a hospedaria com a tabuleta da «actividade vencida». Deixam a porta «actuar» e lá encontram o «ser» tão puro como o sol. Era o segredo que Bruno não revelava e do qual lhe vinha aquele reflexo dos cimos que acalentava outros olhos. Evitava, contudo, confiar a chave a Marcos: não era chegada para um jovem a hora de saborear o mais para além da acção! É um veneno, antes de o homem ter passado a linha da divisão das águas, da qual descerá a outra vertente, para o ocaso... «Sobe, meu amigo, sobe e actua! O «ser» está ao cabo; mas, primeiro, é preciso «fazer»!»

Não pensava como Juliano: «Para quê fazer? Para quê ser?...». Há duas espécies de humanidades (ou, como se diz em França, de magistraturas): a humanidade «sentada» e a humanidade «de pé». Juliano pertencia demasiado, como a sua casta de intelectuais de gabinete, aos que vivem e morrem sentados. No entanto, fizera esforços heróicos para elevar o seu pensamento! Projectara para a acção os seus magros braços como um aríete; mas se pudera abalar as muralhas da velha sociedade, ele voltara-lhe de ricochete e caíra em cima do homem que o tinha lançado. Quando se deitava, ruminava acabrunhado: «Deus! Como é pesada a humanidade!»

Sim, é a cruz do Gólgota. Foi sob o seu peso que caiu o homem-deus, muito mais que sob a sua

miserável cruz de madeira. Juliano sentia-se penetrado pelo sofrimento, a injustiça, a loucura demoníaca da humanidade, passada, presente e futura. Esse homem duma vasta cultura estava impregnado do pavor perpétuo do homem carrasco e vítima. Isso era terrível para transportar sòzinho, pois era assaz nobre para não querer partilhar a carga com outrem. Anita sòmente podia, com o olhar, sondar a sua mágoa e aliviá-la. Juliano não tinha o recurso demasiado cómodo de Bruno que se libertava da humanidade no sonho iluminado dum Cosmos oceânico. Juliano sentia-se amarrado ao velho campo onde o rebanho dos homens está encurralado: a terra; e compartilhava dos seus destinos. Não sabia livrar-se deles a não ser pela supressão de todas as ilusões que os fazem viver.

Desde o dia em que os seus olhos de antigo crente se abriram, tinham cavado até o fundo (não há fundo!) da negação. Não concebia sequer a ideia da imortalidade cristã, pela qual metade da sua vida fora enfeitiçada. Como conhecia melhor do que ninguém esses olhos cristãos e a sua visão, saboreava amargamente a pueril avidez, que se esgota a querer conservar na eternidade uma substância e uma forma efémeras. Não estava mais enfeitiçado pelos ídolos do espírito e do coração: a ciência, a arte e o amor. Bem lhes via os limites e os fumos — os fumos de ópio. Guardava em si um demónio destruidor de que apenas ele conhecia os acessos de lúgubre bufonaria. Eram, porém, repelidos pela sua bondade nativa, que receava magoar a fé e a esperança dos fracos, e por uma necessidade faminta, inconfessada, de ternura, de que a vida o tinha privado.

Havia, finalmente, aquela amizade que calara, durante mais de vinte anos, e de que acabava de descobrir o sentido negado da sua vida: — Anita. Bem via que por essa porta entravam nele, a passos

sorrateiros, a fé e a esperança de todas as ilusões que tinham saído pelas outras portas. Bem sabia... mas abdicava em plena consciência. Fazia-se humilde, a fim de ter em que crer, amar e venerar. Assim quer, para viver, a alma prisioneira, entre as grades da sua razão, que as suas raízes passem através delas, a fim de sugarem o sangue da terra.

AQUELE grande amor que se calava, se emparedava, não fugia ao olhar interior de Anita. Seria menos intenso se falasse. Desprendia-se dele como um sol entre muros. O pobre Juliano conservava sempre o seu foco, de calor oculto. Só deixava passar a luz, o espírito que ilumina sem aquecer. Aquele calor concentrado traspassava as paredes de tijolos nas quais as mãos de Anita se apoiavam; e ela sentia a tepidez surda desse velho coração fremente. Quanta ternura nele e quanta tristeza! Como ele se lhe tinha entregado! O de Anita era, nessa altura, partilhado entre os seus dois velhos amigos. Se seguisse a sua única tendência, seria para Bruno que se inclinaria. Bruno tinha mais que lhe dar; mas ela tinha mais a dar a Juliano. Para uma mulher da sua natureza, dar era a necessidade mais forte.

Sem dúvida, seria agradável deixar-se embalar pelo grande sonho rico de luz, pela sabedoria risonha e a afeição acariciante do conde Chiarenza. Uma alma de mulher fatigada por uma vida inteira de combates solitários, ferida, magoada, gostaria de se abandonar à tutela desse tranquilo e firme companheiro. Como resistir, porém, ao apelo mudo (que só ela podia ouvir) do outro, que fora

o amigo da sua juventude e cujo viril esforço para se libertar das cadeias duma sociedade, à qual fora acorrentado, o deixara, sem nada diminuir da sua intrépida lucidez, privado de felicidade?

Demasiado lúcido e demasiado só para o conseguir pelos seus próprios meios, muito orgulhoso e muito humilde para pretender a isso com o auxílio do único ser que era, para ele, portador da alegria e esperança, Juliano, a seu lado, calava-se, melancólico e reconhecido por ela se dignar tolerá-lo junto de si, dar-lhe um lugar, embora modesto, entre as suas amizades. Anita, contudo, descobria, no fundo desse coração que se ocultava, a súplica que o oprimia; e sentia-se impressionada com a timidez comovente daqueles braços de homem que tinham vergonha de se estender para ela.

Anita encontrava-se então num estado de espírito que a perturbava, entre esses dois seres igualmente queridos. Já não era possível entre eles, nas suas idades, qualquer questão de amor (porquê?), mas a amizade não era suficiente, porque o sentimento ultrapassava-a. Anita queria, contudo, mantê-la. Não concedia a si própria o direito de sair dela. Dizia que era mãe e avó, que o ciclo da sua vida estava completo, que pertencia à sua família. Corava, contudo, ao reconhecer que a sua vida prosseguia o seu caminho e o ciclo estava longe de se fechar. Aquela família não o fechava, pois ela própria constituía outro ciclo independente.

Por muito sincero que fosse para ela o amor dos seus filhos, estes formavam, fora dela, um mundozinho à parte. Era nele a hóspeda bem-amada; mas o hóspede vem e vai-se. Falta-lhe um lar próprio. Proibia-se de pensar nisso; mas não podia impedir-se de sentir, nas horas de fadiga, uma nostalgia, que condenava ou castigava pela ironia. Não aprendia nunca a envelhecer? A pior tolice,

a que os jovens menos perdoam, é conservar, sob o cabelo que embranquece, um coração de vinte anos!... Anita esforçava-se por fazer derivar aquela energia de sonho, sem aplicação, do rio do coração para o do espírito, para o do espírito que actua. Era bastante audaciosa para o fazer. Ultrapassava nisso os seus dois amigos.

OS dois homens, Juliano e Bruno, tão valorosos e tão lúcidos, não iam até ao extremo limite da acção. Podiam muito bem ser presas, por uma hora, dum arrebatamento da imaginação que os atirasse para a revolta, na recusa ao despotismo e à mentira. Mantinham-se, na sua consciência, resistentes à mentira e à falta de senso do estado social. A sua resistência, porém, circunscrevia-se, as mais das vezes, pelo limiar da consciência. Não saía do seu entrincheiramento, a não ser que fosse forçada a isso. Até nessas ocasiões, não respondia a um ataque por um contra-ataque; limitava-se a opor o seu «Não!» indestrutível... *Iche kann nicht anders*... Não trabalhavam para impor à sociedade, por todos os meios, o seu «Outra coisa!» *(anders)*.

Pertenciam a essa velha grande geração de intelectuais, cuja actividade estava intoxicada pelo pensamento. Até os mais generosos eram levados a atribuir ao seu pensamento uma situação privilegiada, que era, muito frequentemente, sem riscos. Depois de terem pensado, tudo estava dito, a sociedade podia continuar a sua ronda: eles observavam. Quanto mais vasto era o campo do seu pensamento, mais lhes parecia ínfima essa ronda; não valia a pena perder tempo com ela.

Juliano e Bruno, nos quais o coração se equilibrava com a inteligência, e que, ao contrário dos seus grandes confrades do espírito, não conseguiam desinteressar-se dos sofrimentos do mundo e dos seus esforços desordenados, podiam muito bem deixar-se envolver um momento pela ronda; mas tratariam, imediatamente, de sair dela, para voltar à sua actividade própria. Juliano soltara o seu grito no tumulto e fora dele e o seu sarcasmo implacável continuava, de longe em longe, para o aliviar, a demonstrar a falsidade dos princípios em que assentava a sociedade. Não seguia, contudo, no seu voo os seus severos pensamentos, que sabiam melhor denunciar e destruir os abusos do que reconstruir.

Bruno, em quem o instinto era mais forte, tomara parte, por várias vezes, na acção do socorro social. Arrastado pelo seu carácter e o seu sangue altivo de velho normando, lançara um desafio aos opressores. Isso era, porém, antes uma vingança do espírito contra a estupidez triunfante. Não contava tanto com a vitória (vitória, derrota, são episódios passageiros no longo filme que decorre!) como com poder rir na cara dos vencedores. O seu riso nunca seria mais sonoro do que em frente das espingardas e do poste de execução. Teria ficado aborrecido se se deixasse arrastar à violência pela violência dos outros. Fora-o, em curtos acessos de arrebatamento; mas censurava-se por isso. Juliano não tinha sequer essa censura a dirigir-se; os seus arrebatamentos só faziam mal a ele próprio: reprimia-os.

Ambos se afastavam, deliberadamente, por sua conta, da violência. Em Bruno, isso era uma espécie de desdém aristocrático. A sua inteligência compreendia-a; mas nos outros. Não tinha pressa de se parecer com eles. A violência parecia a ambos um atentado contra a liberdade do espírito;

não queriam ser cúmplices disso. Assim, tinham acolhido, complacentemente, as doutrinas de Tolstoi e da Ásia, que prescrevem a não-aceitação sem violência. Não era por a sua crítica de homens da Europa não os convencer da eficácia dessa táctica em todos os casos; mas o verdadeiro combate era, para eles, no campo do espírito, e o importante era, para eles, que o espírito fosse salvo... *Salvavi animam meam*...

Havia muito que isso não era bastante para Marcos! Nem a salvação da alma dos outros bastava se não lhes salvassem, também, o corpo. Esse miserável corpo, esse farrapo, essa vida de um dia de que falam, entre dentes, os «idealistas», que não têm muito de que se inquietar pois não estão mal providos!... «Não! O corpo, primeiro!» Nomeemo-lo pelo seu nome, o seu nome de glória e de desprezo: o ventre... Boas almas, desprezai-o!... O ventre esfaimado, o ventre que gera a vida, o ventre donde sai a árvore de Jessé — a raiz... Alimentem-na!... Vencer, primeiro, a fome, a pobreza, a miséria social... A alma florescerá, se lhe agradar, no extremo da árvore. Cavo a terra ao pé da árvore e estrumo-a. É desse estrume que nascerá Deus ou o homem-Deus...».

Nem Juliano nem Bruno contradiriam isso. Bruno conhecia as rudes palavras do doce Francisco de Assis da Índia (*) «Não há religião com as barrigas vazias!». Na verdade, tinha conformado com isso a sua vida, pois se despojara, para as encher, de quase tudo que possuía. Aí se detinha a sua parte de acção social. Bruno não pretendia obrigar os outros a fazer o mesmo. Se o seu raciocínio era bastante claro para ver que o sistema de compressão capitalista conduzia, forçosa-

(*) Ramacrisna.

mente, à explosão, nada fazia para a apressar ou retardar. Via já muito sangue derramado e as suas belas mãos não queriam manchar-se nele. (Elas tiveram de escavar nos escombros da cidade desmoronada e nos restos de carne empestada; o cheiro atroz ficara-lhe nas pontas dos dedos...)

Também sabia que não era possível impedir nada! A fatalidade social é tão cega e inelutável como os terramotos... O sentido muito nítido do fatal e o saber muito pesam na acção dos intelectuais, até dos mais livres e dos mais valentes. São como os espectadores que leram, antecipadamente, a peça representada, à qual não prestam atenção, e sucede que os actores ainda estão no âmago do conflito quando eles já chegaram ao desfecho.

Marcos estava ainda no começo da peça e a novidade da acção apaixonava-o mais do que o fruto. Gostava mais das mãos de Assia, que não receava sujar as unhas, do que das mãos demasiado brancas de Bruno. Tudo quanto pretendia desses mais velhos era saber se estava no bom caminho — na estrada real do grande Destino. Isso, justamente, podiam dizer-lho e diziam-lho: — *Via Sacra*... É a grande estrada, direita e recta, das legiões. Leva ao fim pelos combates. Os dois homens, Juliano e Bruno, estavam de acordo em não abalar o vigor da alma e dos jarretes do jovem combatente. Era o seu caminho. Era a sua lei.

A lei de Marcos arrastava-o para fora do seu clã... Podia dizer-se que pertencesse a um clã? Sim, pertencia! Era um homem do Ocidente, gostava da sua França, a sua França de ao Norte do Líger, com o seu céu azul pálido um tanto acinzentado, a sua terra loira e rosada como os corpos das suas raparigas, os seus horizontes, bosques e colinas, os seus rios de rouxinóis, o seu falar claro, o seu sorriso de fábula. Noutros tempos, fora (assim o julgava) feliz, como esses rios de França, no seu

leito. Esses rios, os mais próximos, aqueles de que conhecia a água e a corrente — Anita, Ruche — elas próprias tinham saído dos seus... *Per non dormire*... Dormitava-se demasiado naqueles vales onde os pescadores à linha se hipnotizam a olhar para a rolha...

Fazia também parte, apesar de tudo, da casta dos intelectuais; tinha as necessidades de espírito, as manias de lógica, o orgulho do escol, em vão cem vezes reprimidos. Todas as suas experiências dos últimos anos lhe tinham demonstrado, porém, que não podiam contar com eles! Não era tanto questão de inteligência como de entrada em acção. Não faltava entre eles quem visse a situação tão nìtidamente como ele próprio! Viam até o que era preciso fazer; mas quanto a fazê-lo, não mexeriam a ponta de um dedo.

Para uns, a sua prudência, astuta e covarde, de bons funcionários franceses desconfiava de tudo que pudesse perturbar o seu descanso, a sua caminhada a dormir (o seu chouto) para as honrarias e os vencimentos (os que tinham subido mais alto não tinham nenhum interesse em deslocar-se). Os outros, mais ou menos inconscientemente, tinham medo da derrocada. Os seus hábitos de burgueses bem arrumados teriam podido, a rigor, aceitar uma ordem diferente daquela em que estavam instalados; mas não suportavam a ideia da mudança, que baralharia os seus móveis e os seus papéis.

A Revolução só lhes agradava cem anos depois, quando estavam reinstalados. Como proceder, no entanto, para mudar de casa quando sabiam estar a sua velha barraca condenada? Porque muitos deles sabiam-no, mas diziam, para afastar a imagem penosa, a inevitável invasão do seu retiro pelos grandes pés e as mãos grosseiras dos que fa-

riam a mudança: «Ora! isto durará enquanto durarmos!...»

Era a eterna cantiga timorata, até dos partidos que preparavam, teòricamente, a Revolução dos socialistas e dos reformistas burgueses: «Amanhã! Amanhã!... Amanhã, vocês farão a Revolução, quando nós, os mais velhos, já cá não estivermos...»

Não era o último testemunho, a prova dos nove, da impotência congénita dos intelectuais, o facto de aqueles dois mais velhos, em quem Marcos apreciava e respeitava a independência e o desinteresse, o absoluto desprezo do perigo, Juliano e Bruno, não fazerem nada, não quererem fazer nada, para se integrar na acção necessária? Nada mais do que pensar. Algumas vezes, falar. Quando muito, escrever se lhes pediam a sua opinião. Então, expunham-na claramente. Não ousariam, contudo, impô-la, embora fosse para salvar aqueles a quem tivessem de constranger.

A acção social obrigava a pesadas cadeias, que não se preocupavam com levar ou fazer levar. Esses espíritos livres tinham esquecido as obrigações elementares do trabalho da terra. Para fazer crescer o trigo, é preciso arrotear, gradar, queimar as ervas daninhas, e depois carregar com força no arado para traçar o sulco direito, longo e profundo... Não basta o «gesto augusto do semeador»... É preciso forçar, forçar a terra que resiste, forçar os bois que penam sob a carga, forçar os próprios músculos, forçar o coração!...

MARCOS começou por joeirar as bonitas falas dos mais velhos, isto é: dos únicos que lhe davam, pela sua vida, uma garantia de não ser enganado. A primeira regra era: não ter em conta os grandes princípios, os «imperativos categóricos», bons para todos os tempos e todos os lugares, as verdades abstractas, augustas, indiscutíveis e eternas. Essas aplicam-se a tudo e não servem para nada. Numa sociedade em perpétua mudança, uma verdade que não muda é uma mentira, ou pior: — para a boa gente incapaz de distinguir a mentira — não é «nada».

Só é verdadeiro o real. A primeira lei da honestidade é observar exactamente e tirar daí as regras francas, viris e concretas de julgar e actuar. Nunca uma coisa sem a outra! Não amanhã ou dentro de algum tempo, mas agora e imediatamente, aqui mesmo, no terreno onde um dos pés sòlidamente se apoia e o outro, levantado e a caminho, vai encontrar novo ponto de apoio.

«Vejo o terreno. Vejo o hoje da humanidade, este mundo real da exploração e carnificina, entregue aos grandes rapaces pelos ruminantes de engorda da burguesia a pastar no seu velho campo que se esgota. Vejo-o entregue pelos animais de circo da inteligência e pelos cães da imprensa de

pescoço pelado. Vejo este saqueio do mundo tão fulminante e desmedido, na servidão dos anos da guerra e na desordem que se lhes seguiu, em que os indignos «conquistadores», de que quase nenhum ultrapassa a mediocridade desonesta, foram apanhados de surpresa pela sua vitória e não foram capazes de a organizar.

«Em alguns anos, só souberam baralhar a economia mundial, cuja bússola está desorientada, acumular montanhas de ouro e de riquezas naturais inúteis — mais do que inúteis, devastadoras — nos dois continentes arruinados. Vejo a guerra, guerras por toda a parte, em preparação ou em acção, a coberto da sinistra palhaçada de Genebra: a Sociedade das Nações. Vejo, sob a farsa vergonhosa do Desarmamento, o monstruoso crescer dos orçamentos de guerra, até nas nações que foram sangradas até a última gota, as quais nem consagram um décimo dos recursos que lhes ficam ao arranjo da casa, às obras públicas, ao pão dos desempregados, à instrução.

«Tudo que faz viver, todo o sangue dos outros, corre para a destruição: tudo para canhões!... Vejo por toda a parte a destruição dos valores vitais: o trigo queimado em países onde milhões de seres morrem de fome... (Este pensamento que lançava Marcos numa revolta exasperada apenas aflorava a indiferença timorata de milhares de boas pessoas, assaz egoístas e insensíveis para reagirem contra o que não esfola a sua preciosa pele). Vejo por toda a parte os fascismos utilizados, ou postos de reserva, como protecção da ordem injusta. Vejo a espantosa imoralidade do estado do mundo que só se iguala com o seu criminoso desvairamento.

«Esse estado não se limita a alguns indivíduos ou a alguns grupos, aos fascismos do punho ou da finança, que seria relativamente fácil estrangular. Está ligado, de forma indissolúvel, a todo o regime

capitalista desta burguesia degenerada. Incrustam-se nela, como os parasitas no pêlo, não só os crimes do presente, mas os crimes de amanhã que mùtuamente se determinam. Os dirigentes, os beneficiários, estão ao mesmo tempo dependentes do seu sistema; os esclavagistas são escravos, não podem arrancar o pescoço à canga dos negócios.

«Tudo é negócios, é isso o que lhes interessa; e tudo que têm torna-se crime. Quando os negócios não andam, não há outra saída para os senhores e servidores dos negócios a não ser na destruição dos valores da vida, das forças produtivas que os incomodam, e a opressão dos instrumentos humanos, das massas do trabalho proletário pelos fascismos e as guerras! As guerras — a guerra — de todos os negócios o maior e mais pingue, pingue de oiro, pingue de sangue, para os magnates, os fabricantes, os traficantes, das indústrias metalúrgicas e químicas, dos monopólios e *trustee*, do trigo, do algodão, das reservas de mercadorias acumuladas, é pingue de dividendos e de cupões, para a burguesia e as suas «acções» (as únicas «acções» de que se honram os filhos dos grandes burgueses de 89!). O resto do suco vai para a goela dos famélicos, dos plumitivos de ideias venais, sempre à venda para quem lhes paga!...

«Guerra, comércio e pirataria
São três em um consubstanciados.» (*)

«Essa trindade chama-se Capitalismo. Não há outra alternativa: ou destruí-la ou aceitá-la! O pacifismo de Genebra é traidor à «paz real». O seu verdadeiro objectivo e o seu efeito é entorpecer os povos inertes para os entregar. A «paz real» quer

(*) Goethe, «Faust».

que sejam eliminados primeiramente os senhores da guerra. Só o serão após o assalto das suas Bastilhas. As da Rússia já caíram. Quando irão as nossas? Estamos prontos?

«Por toda a terra, as massas operárias, melhor esclarecidas do que o resto do povo, rugem e agitam-se, mas a sua ameaça está ainda por organizar. Muitos elementos de desunião, de que os seus inimigos se sabem aproveitar, são empregados para neutralizar as suas energias: a intimidade mortal dos partidos que proclamam os mesmos princípios socialistas e, como os disputadores talmudistas, opõem injuriosamente os seus comentários de textos e as suas divergências de táctica; os chefes manhosos, suspeitos, tacanhos, mantêm essas divisões que lhes permitem prolongar o seu papel vantajoso de empreiteiros da Revolução, sem correrem o risco de ela se realizar no decurso da sua vida.

«As próprias massas proletárias não são difíceis de captar pelos grandes patrões da indústria da morte e da opressão capitalista: basta abrir-lhes — nos períodos de desemprego em que milhões de trabalhadores, por toda a Europa, são despedidos — novas fábricas de material de guerra e de produtos industriais e químicos com dois fins. Os mais revolucionários precipitam-se para elas e, por uma selvagem ironia, contribuem para forjar a morte que varrerá os seus irmãos doutras nações ou que lhes virá em ricochete com o sopro envenenado dos engenhos vendidos pelos seus mestres de forjas sem escrúpulos às nações inimigas.

«A burguesia, informada dessas traficâncias de alta traição, pouco se indigna com elas. Quando essas transacções fazem entrar nos cofres milhões de oiro, ninguém se preocupa com os milhões de sangue que elas fazem sair; e os mestres de forjas de nomes alemães que presidem aos destinos da França, os empreiteiros do assassínio da sociedade,

tornam-se uma glória da França!... *Noli os tangere!* Os operários, em vez de os estrangular, aceitam das suas mãos de apaches o pão amassado com o sangue dos outros e dizem: «Que querem? É preciso comer. Não somos heróis!...»

«Não somos heróis? Seja! Nem tu, nem eu. Tornamo-nos, porém, heróis quando queremos — quando é preciso! E é preciso. A opção é apenas entre dois géneros de morte: morrer escravizados e desonrados; ou morrer livres e vingados! Morrer para fazer viver os de amanhã libertados!... É o exemplo que deram as falanges da Revolução, sacrificadas, nos combates. Para isso, visto que não podemos contar, a fim de o repetir, com as classes burguesas do Ocidente nem com os seus ilustres intelectuais, os de ontem, apelemos para os de amanhã que não argumentarão com os seus privilégios de inteligência para fugir às responsabilidades e riscos da acção, para aqueles que não renegarão a sua fraternidade com o proletariado operário.

«Como o Terceiro Estado, em 89, o Quarto Estado, que não é nada, quer ser tudo, e sê-lo-á. Nada é possível sem as energias organizadas das classes operárias. É nos seus ombros e nas suas frontes — inteligência e força — é na sua vontade de devotamento que repousa a vida, a sorte do mundo. Em primeiro lugar, que esses milhões de peitos saibam, com uma só e implacável decisão, gritar o «Não!», que suspende a ordem de morte e quebra as pernas dos poderes assassinos! Às ameaças de guerras imperialistas que responda a greve e a revolta! Greve das forjas; greve das fábricas; greve nos transportes. O Trabalho sacode a carga dos ombros e diz: «Não! Os que pretendem comandar-me que tratem de actuar sem mim! Não poderiam sequer existir sem mim. Como certas espécies de formigas exploradoras, são incapazes de comer a não ser

o que o Trabalho lhes vomita. Capitulem! Voltem à sua nulidade! E reconquistem, a trabalhar, o direito a comer!...»

«Só há hoje uma causa sagrada: é a causa do Trabalho. Todo o resto, fé e cultura, razão pura, estado social, tudo deve ser feito de novo, desde o princípio, sobre os alicerces inabaláveis do Trabalho organizado. Uma tal organização, porém, em pleno combate, reclama forças de hércules. Não somos hércules, no entanto, — pensava Marcos a olhar, com tristeza, para os seus braços magros — far-se-á o que se puder. Daremos tudo que temos (a minha vida) e mais do que temos (a minha morte, se for preciso), todas as forças de devotamento. Se ao menos fôssemos um milhar (não era preciso mais no mundo!) a querer da mesma forma, bastaria esse núcleo para a massa informe se aglutinar nele; e seríamos a montanha que caminha...»

MARCOS tomara, portanto, uma decisão: consagrar-se à grande causa, preparar-se para a luta social que vinha, concentrar todas as forças que lhe eram próprias para a servir e contribuir, desde já, para a organizar. Isto era, na verdade, o mais difícil, porque um jovem intelectual como ele tinha dificuldade em encontrar o lugar adequado, nos quadros duma sociedade operária, na qual não lançara raízes, e no meio de medíocres políticos, cuja demagogia vociferante, que desaprendera de falar, só ouvia o seu próprio barulho e pouco se preocupava com raciocinar.

Seria necessário que o Ocidente proletário fosse formado pela rude disciplina dum partido revolucionário, que passara, como o da Rússia, por meio século de proscrições, de enforcamentos, de experiências sangrentas, cem vezes falhadas, renovadas cem vezes, e de meditações no exílio. A Comuna de Paris fora apenas uma fogueira. Tinha devorado tudo, a trouxe-mouxe, e só deixara a sua mancha vermelha no céu e os seus fumos. Os operários de França não tinham ainda adquirido a experiência dos combates sociais em que iam empenhar-se. Só a adquiririam, sem dúvida, à custa de mais de um desastre, como a Rússia revolucionária de antes de 1905. Com esta diferença, essencial, de agora existir a Rússia como exemplo e como apoio.

Era preciso aprender na escola dos estrategos de Moscovo, mas sem ignorar os recursos próprios do país, as suas necessidades de espírito e as tenazes tentativas dos velhos partidos da Revolução, dos seus reformados das campanhas do passado e dos seus jovens sindicatos. Marcos, daí por diante, aplicou-se a isso. Era sòmente um estudante; mas tratava de recuperar o tempo perdido. Era-lhe preciso estar pronto para o dia em que as forças de acção se contassem.

Juliano e Bruno observavam-no. Liam as suas intenções. Não faziam nada para o desviar. Eram assaz livres de espírito para as compreender e aprovar num rapaz, faminto como ele era, de actuar sem compromissos. Não tinham, porém, nenhum desejo de proceder como ele. Era o vício incurável dessa geração dos mais sinceros intelectuais. Viam demasiado longe, para verem bem de perto. Um via, fossem quais fossem os actores, o desfecho dos olhos vasados do Édipo sangrento da tragédia. O outro via o espectáculo: a máscara trágica ou cómica, e debaixo o mesmo rosto de Dionísio de olhos de pantera, do Sonho da vida coroado de pâmpanos.

Gostavam de, por alguns momentos, se deixar arrastar por esse espectáculo; mas gostavam mais de sentar-se a observar. Marcos irritava-se em vão a tentar fazê-los levantar do seu assento. Embatia contra aqueles olhos que o aprovavam afectuosamente, mas para os quais era um espectáculo vivo.

Se tivesse ao menos de os combater! Mas não. Parecia dizerem-lhe: «Vai, meu rapaz! Estás no caminho. Segue o teu caminho!...». Eles ficavam, contudo, fora desse caminho. Davam-lhe argumentos para ele actuar segundo a sua própria lei e não a deles. Ajudavam-no até a resolver segundo a sua ideia, e não conforme as deles, todos os problemas que o detinham, como o da violência. Havia, para

o rapaz, uma espécie de indulgência irritante nessa forma de o aprovar sem o querer acompanhar. Disse a Bruno, com despeito:

— Não posso tolerar o vosso desdém daquilo que faço ou quero fazer.

— Não sinto desdém, meu rapaz — retorquiu Bruno. — Digo-lhe: Bravo!

— Por que não: *bis*? Di-lo a mim como a um acrobata que vai ao circo executar um número.

— Já executei o meu, amigo — disse Bruno a rir.

Marcos, atingido, pegou-lhe na mão:

— É verdade. Desculpe! Teve uma rude tarefa. Se a minha, porém, é justa, se a aprova, por que não toma parte nela?

— Estou, agora, na reserva — respondeu Bruno — e Marcos no activo. Cada um por sua vez!

— O combate — replicou Marcos — tem necessidade de todos os combatentes.

— O seu combate — treplicou Bruno — é sòmente um episódio da grande batalha. Só ocupa um sector do campo. Não se preocupe com o resto do exército! Cada um dos seus corpos recebeu as respectivas ordens. Execute as suas. Para a frente!

— Onde está o chefe? — perguntou Marcos.

— O chefe está à frente — respondeu Bruno — como na ponte de Arcole. Alcance-o!

— Deixa-se ficar na ponte abalada, sem nos seguir?

— Quem sabe? — proferiu Bruno com um fino sorriso. — Talvez nos encontremos do outro lado!

SIM, era esse o mistério: embora se recusassem a tomar parte nas campanhas do activo, Bruno e Juliano não ficavam acaçapados no trem de equipagens do exército. Esses dois homens tão diferentes, o Demócrito e o Heráclito da lenda, tinham isto de comum: tinham-se evadido, ambos, embora por caminhos diferentes, da muralha da acção que encerra e defende a Cidade do homem, ambos se encontravam de guarda nas fronteiras, onde se travavam os mais perigosos combates. Dos seus observatórios, que não estavam de modo nenhum abrigados, sob os fogos cruzados dos dois campos, não se cansavam de estudar o ser em movimento; a sua curiosidade, precisa e bem informada, sabia determinar a inclinação e o seu espírito atravessava antecipadamente o leito da corrente.

É essa a natureza da alma do Ocidente. Embora encontre aberta a porta da fuga no sonho, ou então no nada, embora duvide de tudo e das razões de actuar, quer creia ou não creia, a alma do Ocidente vai, vai sempre... *E pur si muove*... Não se concede o demasiado fácil recurso da imobilidade na melancolia ou na volúpia da dúvida ou da fé. Cavalga o seu: «Que sei?» tanto como o seu «Credo». Tal como o Rocinante e o burro de Sancho, a alma do Ocidente caminha infatigàvelmente. Essa cami-

nhada incansável faz parte da corrida dos mundos na relojoaria eterna. Caminhar é, quer queiram quer não, ter fé. É uma fé que vale bem a da oração! A oração é o caminho que conduz ao Ser; mas caminhar é a estrada que abrem os pés do Ser. É pelo movimento que ele inscreve a sua trajectória no quadro negro da noite.

Foi por essa fé invencível na vida em movimento que Bruno e Juliano, sem serem nem quererem ser de nenhum partido, tiveram, necessàriamente, de cooperar com o partido de Marcos. Esses dois homens eram aptos para ler, como por meio dos raios de Röntgen, no grande corpo da humanidade, onde está a vida e onde está a morte. O seu sentido infalível fazia a escolha: onde estava a vida era a sua pátria. Encontravam-se em todos aqueles — indivíduos ou nações — que no trágico: «Morre e transforma-te!» do velho mundo tomaram parte na grande Mutação, pioneiros das novas ciências, das morais novas, das novas sociedades, todos aqueles que quebraram o cinto dos preconceitos e dos abusos (ou que o alargaram um furo ou dois, como dizia irònicamente Bruno).

A criança cresceu, precisa de um ponto acima. A sociedade criança do século das guerras e das revoluções universais fazia saltar todos os colchetes, todos os espartilhos, os deuses, as leis e as fronteiras que tinham estado até então até à medida dos seus membros. Não tinha, ao erguer-se, atingido com a fronte e rebentado o tecto do seu antigo Universo solar, passado a cabeça através das miríades da Via Láctea, e devassado com os olhos uma braçada de novos universos como medusas no fundo do mar, as cabeleiras, as gotas de esperma das grandes Nebulosas espirais?

Como poderia o espírito intimidar-se com os abalos da sociedade, as pancadas de aríete que, por toda a terra, abalavam as normas das velhas cida-

des? Até aquele burguês, que fora alimentado com as tradições da França clássica e católica, até aquele fidalgo da Sicília, que tinha a barba perfumada pela cultura greco-latina, não procuravam no futuro o passado, mas no passado o futuro que nasce, o jovem Hércules que no berço já estrangula serpentes. Não viam com maus olhos o Hércules adulto que com a sua maça limpava as estepes da Cítia.

Sentiam curiosidade pelos trabalhos da Revolução russa e seguiam-nos com uma simpatia que não excluía a crítica. Era, porém, a crítica de amigos velhos, que lamentam não poder tomar parte nessas labutas e até nos jovens erros que engendram uma Verdade e uma Vida novas. Ao farejar essa mágoa, Marcos sentia a alegria da ser jovem e de poder entrar nessa terra prometida, no limiar da qual eles ficavam. Era, para si, um sentimento novo. Não tinha, até então, apreciado bastante a sua sorte: a Terra prometida e a juventude tinham-lhe parecido uma terra maldita. Quando um dos seus amigos lha elogiava e lhe dizia: «Você tem sorte em contar vinte anos!», tinha vontade de o esbofetear. Via nisso uma troça atroz... Que idiotas!...

Aqueles dois homens, contudo, que pagaram, largamente, a sua quota parte das penas da vida, embora lamentassem não ter mais para dar, tinham o direito de falar! Ele não o tinha de fazer má cara à mesa, no começo do repasto. A sua Assia também não a fazia; mas ela não saberia dizer porquê. Os seus bons dentes podiam mastigar fosse o que fosse, bom ou mau. A sua fome de vida e de acção não se preocupava com razões. Marcos, porém, agradecia que lhas dessem, pois a inteligência era nele um motor tão poderoso como o instinto; e esse motor era preciso alimentá-lo.

Por muito faminto que estivesse de acção, por

muito disposto que se encontrasse a arriscar a sua vida, que força não era para a acção e que felicidade poder persuadir-se de a sociedade — esta sociedade do tempo presente, que lhe tiraria talvez a sua vida — valer esse dom de ser digna desse sacrifício! Era isso que Bruno lhe dizia, como se correspondesse ao seu secreto desejo, sem ter o ar de o fazer, ao referir-se à grande época, quando conversava com Juliano.

— Qual?

— A nossa, claro! Aquela em que sofremos; a que nos faz e nos desfaz e que fazemos, que constituímos, humildes alvenéis do plano gigantesco. Na confusão das obras e no consumo de milhões de vidas de operários sacrificados, tal como nos tempos dos faraós, não vemos crescer a pirâmide: os prodígios que nos rodeiam, as milagrosas descobertas e as conquistas da ciência, o reacender da alma religiosa e revolucionária, a ressurreição das velhas raças descidas ao túmulo, a Índia e a China e os grandes chefes que encarnam nas suas consciências os povos heróis: os Sun Iat Sen, os Gandhi e os Lenin?

Do seu convívio com os seus dois amigos, Marcos extraía um apaziguamento em profundidade, uma tranquilidade bem assente. Bruno comunicava-lhe por osmose a sua intuição (que Marcos não tinha tempo de verificar pela experiência) do ser em movimento e inspirava-lhe a sua confiança na caminhada da sociedade para a unidade, através da incessante confusão. Tinha o sentimento de que existia, por trás da cortina do caos, uma harmonia eterna, uma longínqua música das esferas, onde se revolviam as antinomias. Percebia-a por relâmpagos. Era o bastante para não cair na noite, viesse o que viesse. O exército podia lançar-se na batalha. Tinha a retaguarda assegurada.

QUE sucedia à vanguarda? À frente de batalha? Era claro que Marcos não tinha tempo de resolver, na confusão, todos os seus antagonismos de pensamento. A acção não podia esperar. A acção absorve. Uma vez agarrado, é impossível livrar-se dela! Nada mais de seu a reservar! Cada movimento comanda o espírito. O acto quer todas as forças do pensamento quando se está em face do inimigo. Quem distrai dele uma parcela corre risco de morte, arrisca muito mais, arrisca a ruína do seu partido e da sua causa... «Apressa-te, portanto, a pensar antes de o clarim tocar à carga! *Es muss sein*... É preciso que aconteça o que tem de acontecer; e não pode acontecer a não ser pelos nossos braços. O «Isso deve ser» é: «Eu devo ser». Somos nós o Destino!»

Ora, o Destino só pode cumprir-se, hoje (quem pensa sabe-o, sem possibilidade de escapatória), pelo desencadear das forças elementares, uma vaga de fundo, uma inundação, que arraste tudo. Não era permitido a Marcos ignorá-lo. Previa, via, como se já estivesse metido nelas, a ferocidade das lutas sociais que se preparavam, que já se travavam numa parte da Europa, e a terrível ameaça dos nacionalismos da Ásia, bêbados de vingança desorien-

tada, cujo punho está suspenso por cima da Europa.

Marcos tocava já, com a sua mão ardente, o punho, a garra, a era terrível, em que o mundo entrará, quando se abrir a comporta da Revolução. Como se decidir a isso sem angústia? Bruno contemplava com serenidade esses ciclones, por ver nisso uma fase da Necessidade que conduz os mundos, e o seu espírito contentava-se a contemplar. Marcos, contudo, tomava sobre si a responsabilidade inteira de todo esse Destino, desde o momento em que se decidiu a entrar nele. Sucedesse o que sucedesse, não concedia já a si próprio o direito de recuar. As tebaidas são uma covardia.

Estava resolvido, desde então, a servir, em todos os postos em que a ordem de combate o colocasse, no exército dos oprimidos que deve quebrar a velha ordem da injustiça social. As novas injustiças e os sofrimentos que o combate, fatalmente, causaria, sabia-os inevitáveis e, portanto, necessários, como necessário era que tomasse parte neles. Não tinha o direito de lavar as mãos e dizer aos outros: «Sujem as suas! Não tenho nada com isso.»

Antes arcar com os seus crimes do que renovar o gesto de Pilatos. Era preciso aceitar a sua parte nos sofrimentos, não só padecidos, mas causados. Isso era-lhe intolerável. Não falava nisso a ninguém, nem aos mais íntimos. Era inútil. Ninguém podia resolver por ele, nem afastar de si o peso do seu destino. Aceitava; não tentava mais discutir a ordem. Via chegar, com um aperto do coração, mas decidido, a hora da acção carregada de todas as suas esmagadoras necessidades. No seu coração, porém, dirigia a esse destino — essa força sombria que nos arrasta, como, na noite, a rotação dum mundo — uma súplica apaixonada:

«Oxalá que ao servi-lo, no meu posto de combate, não derrame outro sangue a não ser o meu

e não junte ao sofrimento, cujo monte cresce, de idade para idade, mais do que o meu próprio, numa oferenda, como um resgate!»

Marcos bem sabia, mas ocultava o seu medo secreto, que, uma vez presa da violência, rolaria nela como um Macbeth alucinado...

UM incidente brusco e brutal fê-lo raiar pelo delírio. O seu nome saíra decididamente da sombra. Já não o podiam ignorar. O apoio manifesto de Juliano Davy, cuja autoridade moral (e, mais ainda, académica!) estava estabelecida no mundo da ciência, o apoio das ligas de que Juliano e Bruno faziam parte, forçavam o público a ouvi-lo. A experiência do jovem combatente, precocemente amadurecido pela que lhes tinham transmitido os seus grandes amigos mais velhos, dirigia os seus ataques directos aos verdadeiros pontos em que o colosso capitalista era vulnerável. Ia direito aos piratas irresponsáveis da finança industrial, que forçavam a mão aos governos e detinham as alavancas do comando, aos homens das forjas e dos canhões, direito aos homens dos *trustee*, que assaltavam a imprensa e escravizavam a opinião! Desde o momento em que o combate não se dispersava em ideologias vagas e o ataque visava de frente os verdadeiros inimigos, os grupos, os homens, os Marcos Rivière tornavam-se um «perigo público» e, imediatamente, encontravam-se em perigo.

Os seus ataques implacáveis atraíam perigosos aliados, nas próprias fileiras daqueles que remavam nas galés dos procônsules dos altos fornos: os descontentes, os revoltados — operários, engenheiros —

que denunciavam os segredos de tráficos vergonhosos, de criminosas entregas de engenhos de morte a potências estrangeiras, amigas, inimigas, de ontem ou de amanhã (que importa, desde que paguem!). Eram por vezes os adversários da opinião de Marcos, os nacionalistas, os patriotas, indignados com o internacionalismo celerado dos seus tubarões dos conselhos de administração da indústria, que entregavam a Marcos os documentos da traição. Podiam, porém, introduzir-se, assim, entre esses revoltados, provocadores que traíam dos dois lados.

O terreno queimava sob os seus passos e todos os riscos eram mortais. Os procônsules atacados, minados, tomavam a dianteira. Não podiam ter ilusões acerca da possibilidade de vencer o adversário pelos meios habituais da astúcia, do dinheiro, da lisonja e do lucro. Era preciso, mais dia menos dia, eliminá-lo. Os meios para isso não faltavam. Os mais discretos eram os melhores; mas não excluíam nenhum. Havia a prisão, sucessivamente renovada, em que, por uma imprudência de linguagem promovida à categoria de lesa-pátria, é possível enterrar os Martys. Havia a armadilha dos tumultos fabricados pela polícia, em que se arranjam as coisas para fazer cair os agitadores desastrados. Havia, em caso de necessidade, a pancada bem dada, a bala perdida, a bengala com chumbo, nos comícios ou à sua porta, ou até (santo Deus! Sempre pode suceder uma desgraça!)... num passeio solitário ou em qualquer lugar retirado.

Não era preciso que o «acidente» se desse no terreno de caça reservado, no solo francês: o lamentável acaso poderia produzir-se aqui ou ali, em qualquer país, pois a fatalidade não conhece fronteiras, sobretudo quando é bem dirigida. Como a moda actual é a das internacionais, não as haverá sòmente de revoltados; as pessoas da ordem, os estrangula-

dores, terão a sua! Embora não se entendam entre si, entender-se-ão contra o inimigo comum. As pessoas de bem não recusam entre si a permuta desses serviços; uma das mãos lava a outra. Nessas condições, a caça é um prazer pouco fatigante. Basta sentarem-se de emboscada e esperar que lhes encaminhem a presa. A partir desse momento, Marcos Rivière foi marcado. Não se apressaram; observavam-no. Não perdia nada com a demora!...

Nem ele nem aqueles que o rodeavam conheciam suficientemente o perigo. Bem sabiam que o perigo existia; mas não o viam próximo nem preciso. Para eles, era uma nuvem vaga no horizonte: teriam tempo de se abrigar! A nobreza moral de Juliano Davy e do conde Chiarenza empanava-lhes as vistas, aliás experimentadas. Quanto a Assia, o ardor da tarefa, o arrebatamento da acção, faziam-lhe esquecer demasiado os riscos do seu companheiro. Anita, dominada pelo fim de Timão, era a única a sentir apreensões; mas a sua inquietação era intermitente e confusa.

Anita não se aventurava a falar delas, por saber que não as tomariam em consideração e troçariam da sua pusilanimidade. Marcos e Assia só a mantinham — aliás de modo muito incompleto — ao corrente das arriscadas diligências a que a sua campanha os levava. Só de maneira obscura pressentia as ameaças. Estava mais preocupada com a saúde de Marcos, o qual não se poupava, devorado tanto pela fadiga e as paixões, como pelos perigos do exterior. Desejava arrancá-lo à sua febril actividade e obrigá-lo a alguns meses de repouso. Nem ele nem Assia queriam, porém, ouvir falar nisso. Assim, a nuvem continuava a acumular-se, até uma descarga fortuita poder descobrir a extrema tensão da atmosfera e fornecer a Anita uma ajuda imprevista para afastar Marcos ao menos por algum tempo.

Marcos e Assia tomavam parte na campanha

internacional organizada anualmente pelo Socorro Vermelho, à volta do dia de luta de 18 de Março. Tinham ligado à comemoração da Comuna de Paris a acção de solidariedade proletária com todos os detidos revolucionários políticos no mundo inteiro, e esforçavam-se por mobilizar a opinião pública para defesa dos povos coloniais oprimidos pelo imperialismo dos grandes Estados. Nesses anos, em todos os pontos da terra, na Indochina, na China, na Síria, no Egipto, em Marrocos, no arquipélago malaio, no Congo, em Samoa, na Nicarágua, na América do Sul e em Cuba, a revolta acendia-se, era esmagada de maneira selvagem, mas sempre a renascer das suas cinzas e a ameaçar levar a sua labareda dum salto para além dos oceanos e dos desertos, como os incêndios das florestas.

Marcos tinha, mais de uma vez, denunciado o papel preponderante dos conselhos de administração das grandes indústrias nas guerras de conquista colonial e publicara documentos sobre o envio secreto de armas e munições pelos empresários da morte rendosa aos carrascos do Extremo Oriente, para as suas ferozes repressões e as suas expedições militares de rapina. Bem entendido, fora denunciado, por seu turno, como um inimigo da Europa e traidor à civilização. Não faltavam pessoas sinceras e violentas, açuladas pelas excitações dos homens das forjas, na imprensa copiosamente untada, que reclamavam a sua prisão. Na ausência de medidas do poder governamental, cuja fraqueza insultavam, declaravam que fechariam a boca ao traidor com os seus punhos. Havia muito tempo já que o diapasão das lutas de garganta era tão elevado que já não se ligava importância às ameaças homéricas desses apaches do Rei ou da República.

Ora, naquelas últimas semanas em que se anunciava a nova estação, o barómetro marcava, no ar, uma mudança de tempo. Naquela noite de 18 de

Março, desde a sua entrada no comício em que Marcos deveria falar, os seus amigos farejaram borrasca. Juliano Davy e Assia encontravam-se com Marcos no estrado (Anita e Bruno tinham ficado em casa, pois não gostavam daquelas reuniões). Uma efervescência desacostumada agitava a sala, antes de ser aberta a sessão. A seguir travaram-se discussões.

Nas primeiras filas e na periferia da sala tinham deslizado figuras excitadas e outras suspeitas, que parecia obedecerem a planos de ataque e de agrupamento. Marcos e Juliano foram alvo, à sua chegada, de gritos hostis, contra os quais o resto da sala reagiu. Os seus partidários eram mais numerosos, mas não estavam organizados. O tumulto acalmou-se no entanto, sùbitamente, como graças ao sinal dum chefe de orquestra. Assia, de olhos perspicazes, viu e compreendeu que se reservavam para melhor atacar ao sinal da batuta. Ela própria era conhecida e estava marcada; recebia de passagem olhares de ódio que a mediam de alto a baixo; sustentava-os ousadamente e desafiava-os.

O discurso de Juliano foi acolhido com alguns insultos, depressa reprimidos. A própria frieza da sua exposição desarmava-os. A sua categoria oficial de grande universitário, de sábio notório, impunha-se. Também, nele, era sòmente o pacifista, o «boche», que visavam, e isso era já uma história antiga, um prato requentado! Logo, porém, que Marcos se levantou, o furacão desencadeou-se, com assobios e vaias, a que os gritos dos seus partidários, ao oporem-se a eles, se juntavam. Marcos esperou que se fizesse uma clareira de silêncio, mas mal abria a boca, o tumulto redobrava. Era nítida a intenção de o impedir de falar. Gritou. As notas agudas da sua voz penetraram nos interstícios do barulho. Enraivecido, pouco senhor de si, impaciente, tornou-se, por seu turno, insultante. Algumas das suas palavras duras e cortantes iam aplicar-se, aqui e ali,

nas faces que visava. As faces esbofeteadas enfureciam-se. As pessoas levantavam-se e estendiam os punhos. Bruscamente, um empurrão!

Como uma vaga, a agitar a multidão, quebrando todas as resistências, um bando precipitou-se para o assalto ao estrado. Eram os jovens da «Action Française», ou dos grupos de Coty, a quem tinham aquecido ao rubro e eram atiçados pelas fauces brutais dos excitadores que pretendiam tirar rendimento do seu dinheiro. Do alto do estrado, Assia via-os vir, colocada em frente de Marcos, que um pequeno grupo de amigos queria defender, e não podia impedir-se de lançar aos que estavam em baixo apóstrofes provocadoras, acentuadas por uma mímica assaz expressiva: avançava os lábios e fazia menção, à maneira russa, de lhes escarrar em cima...

A vaga humana engrossou. Empurrados, levados pelas filas comprimidas atrás deles, cinco ou seis dos mais violentos saltaram para o estrado. O mais lesto, era um jovem da idade de Marcos, que se parecia extraordinàriamente com ele, magro como ele e como ele com um rosto fino de intelectual, mas de olhos fora das órbitas, louco de furor e de ódio, como um intoxicado pelo álcool. Vociferava, com a bengala levantada, e, correndo para Assia, ia bater-lhe em pleno rosto. Tê-la-ia deitado abaixo, se Marcos, saltando por cima da mesa, como um felino selvagem, não se tivesse atirado à garganta do atacante. Desviada a pancada, a ponta da bengala apenas bateu na face e a marcou. O jovem tigre, levado pelo seu salto, arrastou o outro, no pescoço do qual cravara as garras, e caíram abaixo do estrado.

O choque da queda foi terrível para o homem que se encontrava por baixo. Batera no chão com a nuca. Por cima de si, tinha aquele desvairado, doido por seu turno, que não afrouxava as garras mortais. Uma bruma de sangue velava os olhos de Marcos; o

seu cérebro e o seu espírito nadavam em sangue. Queria sangue. Os dentes rangeram. Teria lacerado com eles o inimigo. Não percebia que o homem que estava por baixo dele perdera os sentidos. Tiveram dificuldade em arrancá-lo do corpo inerte que esmagava. Só então viu a face lívida que se parecia com a sua.

Com a boca aberta, deteve-se. Foi, porém, só um instante. O frenesim do combate rugia ainda nele. À sua volta, o tumulto era selvagem. Com a cabeça baixa, como para se atirar de novo, seguiu com um olhar implacável o homem abatido que levavam. Pensava: «Vou rebentá-lo, uma segunda vez!...».

Junto dele estavam Juliano, que procurava acalmá-lo, e Assia, com a face tumificada e em sangue. Marcos não ouvia o que diziam. Bruscamente, fez-se noite; extinguiu-se a electricidade; a sala era uma bocarra de treva a uivar. Foram atirados para o monte três ou quatro tiros de revólver. Agarrado nos dois braços por mãos firmes, Marcos deixou-se arrastar às cegas, para fora da sala. Aos seus ouvidos, Assia ria nervosamente. Antes de ter tempo de dar conta do que se passava, estava fora, enquadrado por um grupo dos seus partidários e era despachado num táxi, com Juliano e Assia...

Então, veio a depressão nervosa e um arrepio convulsivo o abalou. Juliano segurava-lhe as mãos, falava-lhe. Ficara profundamente impressionado com o acesso de loucura homicida que se apossara do seu jovem amigo; mas procurava não o dar a perceber, a fim de ele se libertar disso o mais depressa possível. Proferia palavras calmas e cordiais, sem alusão à cena que acabava de se passar. Assia, porém, encostava a sua face ensanguentada contra a face pálida do marido. Marcos estremeceu quando, ao chegar ao seu quarto, viu esse sangue no seu

rosto, e no olhar de Assia, faladora, excitada, um clarão de triunfo.

Assia só pensava na batalha e nos perigos corridos em comum; mas Marcos atribuía a sua alegria a uma vitória ganha contra ele próprio. O marido fora tal como ela queria e ele não queria ser. A acção vencera o pensamento. Marcos fora — seria sempre — a despeito dos seus compromissos interiores, do voto feito e da sua vontade, arrebatado pela torrente da violência. Sabia que esta poderia ser — em qualquer altura, hoje, amanhã —, que seria — tal como acabava de ser — desenfreada.

As suas mãos, o seu coração, os seus pensamentos, já não eram dele; eram da força selvagem que dispunha deles e disporia. Prostrado, vencido, mas sem suportar a sua derrota, Marcos encontrava-se deitado no seu leito e Assia abraçava-o; mas, abandonado nos seus braços sem um movimento, Marcos estava como o corpo abatido do jovem inimigo que dominara e voltava a ver-lhe a face lívida com a estranha semelhança; e dizia para si: «Fui eu que matei!».

De novo, nessa noite, sob os beijos ardentes de Assia, febril como ela, mas com a alma distante, Marcos suplicou aos seus destinos que o salvassem de «aquilo» que via vir. Enquanto Assia, abandonado aquele corpo de que o espírito partira, caía, finalmente, num sonho pesado, entrecortado de sobressaltos, Marcos, solitário na estreita cama onde se tocavam, dos pés gelados aos flancos ardentes, pediu, pediu, desesperadamente «que a sorte lhe permitisse, nas batalhas que iam vir, — para diminuir a pena dos homens, para defesa dos oprimidos — ser ele o sacrificado, sem ter de sacrificar a vida dos outros».

ESTA súplica comovente, que nenhuns ouvidos escutaram, causou-lhe, então, o choque alucinante de ter sido registada. O contrato estava firmado!... O seu coração apertou-se; mas, corajosamente, aceitou. Se estivesse habituado às práticas da devoção, teria dito: «Assim seja!». Marcos era bastante livre de superstições e demasiado aferrado à sua autocrítica para poder acreditar num Destino, numa Potência desconhecida com a qual se conversa. A sua inteligência rejeitava, desdenhosamente, estas ilusões. A máquina humana, porém, não obedece sòmente à única alavanca da razão.

Marcos adquirira, havia muito tempo, o hábito (e nos últimos anos o hábito desenvolvera-se nas provações) dessas sondagens interiores em que nos encontramos frente a frente com as forças invisíveis que dirigem a vida. A vida, por seu turno, dirige essas forças, dita-lhes as respostas que espera delas e orienta-as no caminho em que devem em seguida arrastá-la. É o mesmo ser que faz o pedido e dá a réplica, mas cumpre o seu destino. O destino vem para aqueles que o procuram. Ninguém via (a não ser talvez Bruno) o destino para o qual caminhava o jovem sonâmbulo.

Anita só o soube depois de ele ter chegado; então, lembrou-se de que, antes, o vira. Nos olhos grandes de cisterna, passavam muitos reflexos, des-

percebidos pelos outros olhos, de que a sua consciência não consentia em dar conta. Inquietava-a, contudo, o estado de Marcos, nos dias que se seguiram ao tumulto. O filho mostrava-se ausente, acabrunhado. O corpo a corpo trágico daquela noite, de que o adversário não escapara, não teve para Marcos as consequências judiciárias que se poderiam recear. As testemunhas provaram que a vítima fora o agressor e que só o desastroso acaso da queda provocara a lesão fatal. A face ferida de Assia conservava gravada a brutalidade do ataque, que desculpava a da defesa. As investigações foram arquivadas.

Marcos, contudo, não esquecia a queixa que no seu coração formulava contra si próprio, pois era o único a saber a vontade de morte que o dominara. Se não falava nisso a ninguém, tinha, dentro de si, proferido a sentença. Estava enojado de si e do que fizera. Já não sentia gosto pelo trabalho. Desinteressava-se dos ataques furiosos que formulavam contra ele nos jornais inimigos. A própria Assia teve de concordar com Anita que o seu rapaz tinha necessidade de se afastar, por algumas semanas, do seu meio de Paris. Uma viagem seria a melhor cura para as preocupações que o cercavam.

As circunstâncias prestaram-se à execução do projecto. Uma importância em dinheiro assaz avultada coube a Marcos pelo *scenario* dum filme que elaborara. Assia declarou que esse dinheiro era preciso gastá-lo.

— Capitalizar dinheiro é imoral — dizia muito a sério —, os meus princípios não mo permitiriam. Autorizam-me, porém, a comê-lo, se eu, se tu, se nós o ganhámos. Comer é bom e útil para a comunidade.

— Não tenho muita fome — disse Marcos — mas, se a tens, regala-te, minha filha! Talvez que, ao ver-te comer, a fome me apareça. Faze o que

quiseres como ementa. Tudo me serve, desde que comamos no mesmo prato.

Assia não precisou de o ouvir duas vezes. Decretou que deixariam Paris por algum tempo. Havia sete ou oito anos que se estiolava entre pedras. Queria água, a água que corre das neves e das rochas, a água virgem, que a humanidade ainda não maculou!

— Queres levar-lhe — observou Marcos — as nossas febres e as nossas impurezas?

— Não! Ajoelharei diante dela — respondeu Assia —, pedir-lhe-ei perdão ao molhar nela o dedo para fazer o sinal da cruz na boca e na fronte.

Assia escolheu os Alpes. A vida de hotel?

— Não. Uma casinha que alugaremos, os três, para a época.

— Os três? Nós e a criança?

— A criança não se conta. Os três és tu, sou eu e a nossa Anita.

Marcos ficou agradecido por Assia pensar em levar sua mãe. Não opôs mais qualquer objecção à viagem. Assia reparou nisso e disse a Anita, que se fazia rogada, ser ela indispensável, pois Marcos não podia passar sem ela por estar mais enamorado da mãe do que da sua mulher.

— Tens ciúmes? — perguntou Anita.

— Não; porque não há meio de lutar contra isso. Esse lindo pássaro teve-o sòzinha para si! Por muito que eu faça, nunca terei mais do que um pedacinho...

Não repetiremos o que Anita respondeu. Para gaulesa de adopção, mas ainda verde, gaulesa experimentada! Foi Marcos quem corou.

Faziam juntos os seus planos, quando Georgina entrou com Vania, e ao ouvir as primeiras palavras do projecto, exclamou:

— Levem-me! Serei a ama.

— Por que não?... — disse Assia.

Georgina para tomar conta na criança, Anita para governar a casa... Assia achava sempre meio de unir o útil ao agradável: levar consigo duas boas companheiras e descarregar nelas todas as coisas aborrecidas. Tinha isto de refrescante: dizia-lho com toda a franqueza. Marcos, envergonhado, desculpava-se.

— Mas não, meu parvo — disse-lhe Assia. — Dou-lhes prazer. Georgina é formiga. Precisa da sua larva para lamber. Quanto a Anita, tem ainda leite nos seus seios: dou-lhe o seu menino: tu; e até mais outro: eu!

Georgina tinha vontade de puxar as orelhas à descarada; mas no fundo estava encantada. Anita ria. Era verdade! Tornara-se avó, como é próprio do instinto das mulheres sadias da sua idade, das quais o sangue já não dimana e que o reunem numa onda de amor. Poderia ainda amamentar alguns filhos mais.

Tomada a decisão, Marcos, que não tinha grande empenho na viagem, sentia-se, no dia seguinte, aliviado. A alegria comum conquistara-o (as duas mulheres tinham visto bem por ele) e sentia um consolo por fugir, por algum tempo, à atmosfera de Paris, saturada de preocupações, e evadir-se de si próprio. Também tinha o direito, depois de tantos trabalhos, de ser estudante em férias; esquecer tudo por três ou quatro meses. Não havia o risco de não encontrar,no regresso, todas as preocupações que deixava, sem faltar nenhuma! Até lá, gozar os dias, sem pensar! Fazer como as crianças... Tivera tão pouco tempo para isso, na sua vida de dores precoces e acabrunhamentos! Depressa, recuperemos o tempo perdido.

João-Casimiro que, de passagem, o fora visitar, na véspera da partida, encontrou Marcos contente, como nunca o tinha visto. Quando soube da viagem, manifestou a sua aprovação, que ninguém lhe pedia,

com um contentamento que surpreendeu. Marcos e Assia perguntaram-lhe as razões disso. Não deu explicações, mas disse:

— Que boa ideia! É melhor para ti que te esqueçam.

Assia chamou-o de parte e interrogou-o.

— Bem deve calcular — proferiu João-Casimiro, fitando-a — que o ofício que o obriga a fazer não é uma conezia!

Assia protestou:

— Que o obrigo a fazer?! Ele faz o que quer. Faz o que deve; e eu faço o que devo.

— Como quiser. Não discuto a ordem dos factores. O resultado não se altera por isso.

Assia forçou-se a não prosseguir no duelo para que se sentia disposta (santo Deus, como aquele Casimiro a irritava!), para saber aquilo que ele sabia, adoptou um sorriso sedutor:

— Então, na sua opinião, Paris não é muito seguro, neste momento, para Marcos?

— Não sòmente Paris. Tenham cuidado!

O homem abandonara o tom irónico. Assia retomou-o para reagir:

— São muito miseráveis!... Quinze dias de ausência, bastam. Esquecem depressa, em Paris.

— Os livros de contas não esquecem: Deve e Haver. Tudo está lá inscrito.

— Ajustaremos as contas, quando voltarmos. Também tenho uma dívida a cobrar — proferiu Assia, mostrando a sua cicatriz.

— Essa já está liquidada — disse João-Casimiro — e só tinha curso na praça de Paris. As suas dívidas, porém, seguem-nos por toda a parte para onde vão. Não conhecemos bem o consórcio internacional dos seus credores.

Assia encolheu os ombros. Aquele pretensioso supunha que a intimidava!... João-Casimiro não insistiu. Lá se aviessem! Cada um por si!

COMO estavam, os quatro, livres, ligeiros, contentes, à partida de Paris! Parecia-lhes terem deixado lá todo o peso das suas preocupações e a sombra do passado. A de coração mais jovem era Anita. Gozava com a felicidade que voltara para os seus filhos com aquelas férias que iam passar juntos. Se tivera escrúpulos em acompanhá-los, não pudera ocultar a sua alegria por Assia ter insistido para aceitar. Confessava-o, francamente, e o seu rosto radiante divertia Assia. Anita surpreendeu o olhar trocista:

— Estás a rir de mim?

— Admiro-me... de a ver assim!

— É a mesma coisa...

— Está com cara de ir recomeçar a sua vida.

— Recomeço-a todas as manhãs, com vocês, os que a começam.

— Não só connosco.

— Como? Não só?

— Recomeça-a, também, por sua própria conta!

— Palavra que tenho pena de que não estejas a falar verdade... É vergonhoso; não? Na minha idade!...

— Oh! Não! Quando eu chegar lá, desejaria ter a certeza de fazer o mesmo. Não sei, contudo, se poderei... Invejo os seus olhos... Tem os olhos duma recém-casada.

— Estás louca! — proferiu Anita, envergonhada e contente.

— Não; quem está é a mãe.

— Estão ambas — concluiu Marcos.

— E eu ! — reclamou Georgina.

Estavam loucos, todos quatro... *Beata stultitia*... Os quatro inocentes riam...

De madrugada, Anita velava sòzinha, sentada a um canto da carruagem. Os outros dormiam. Ela guardava-os. Quando a alva aclarou a orla dos planaltos, Anita pensou: «Já!...». Desejaria que a noite não acabasse nunca. Tinha sob as suas asas todos aqueles a quem amava. A seu lado o filho, com os olhos fechados, inclinava o rosto para o ombro maternal. Na sua fronte jovem, que as preocupações tinham riscado com as unhas, Anita debruçou-se para ler o livro dos dias dolorosos. Havia lá muitos segredos escritos... Ah! Se ela pudesse tomar para si as feridas do filho!... Colocou o ombro sob a cabeça do dormente que repousou nele. Os olhos de Marcos abriram-se e a sombra do rosto desapareceu. Sorriu para a boca da mãe, onde tocavam as suas pálpebras. Sem deixar o apoio do ombro, disse baixinho:

— A primeira noite em que viajamos juntos...

— Já houve outras — murmurou Anita.

— Quando?

— Ainda não tinhas nascido.

— Para onde íamos.

— Ia dar-te à luz no campo. Fugia...

— Como a vaca Io.

— Não; nenhum moscardo me picara. Tinha a felicidade no meu ventre.

— Eram os bons tempos! — proferiu Marcos com terna ironia.

— Não era mau para ti. Dançavas.

— Ainda bem! E tu que fazias? Cantavas?

— Exactamente!... O meu canto de Joana de Albert.

— Recomeçaríamos isso?

— Quê?

— O evangelho de Marcos?

— Sem saltar uma linha.

— Nem todos os capítulos eram bons. Fiz-te sangrar mais de uma vez.

— Fui quem te afiou as unhas.

— Que sorte para nós, na dura vida, termo-nos encontrado!

— Chamas a isso um encontro? Grão do meu campo!

— Donde vem o grão?

— Não sei nada. Fiz-te meu.

— E se o vento me tivesse levado para outro campo?

— Não poderias escapar-te. Fosse qual fosse o grão, ter-te-ia feito.

— Um nada de trigo, muito joio.

— E papoilas e centáureas... Nem tudo é bom para comer; mas com tudo fiz o meu ramo.

— Minha mais-do-que-mãe, minha amiga, há em ambos nós — tu deste-ma — a razão enredada na loucura.

— É o melhor. Teríamos vivido sem ela? Nos anos sem sol, a papoila e a centáurea iluminaram-nos.

— Dizes bem. Se não fui muitas vezes para o fundo, arrastado pelo desespero e pela vergonha, é porque dancei no teu ventre.

— Ainda danças ao ritmo da carruagem. Dancemos as nossas penas, meu rapaz, como os moscardos ao sol!

O primeiro raio de sol raspou a geada da vidraça. Marcos ergueu-se e com os seus olhos claros olhou para o raio na face da mãe e para o dia novo na planície e disse:

— Para os moscardos, mais um dia de vida! Dancemos!

GEORGINA e Assia passavam os dias a correr pela montanha. Disputada por duas paixões — o amor pela criança e o desporto — Georgina acabara por deixar a criança a Anita, que se oferecera para ficar com ela. Tinha uma certa vergonha; mas paciência! As suas pernas, o seu peito e todo o seu corpo de animal jovem buscavam a corrida para os cimos e o sol. Anita não se lamentava da tarefa. A princípio, quisera acompanhá-las com um ardor demasiado confiante nas suas proezas de alpinista nos tempos passados; o seu coração, porém, se encarregara de lhe lembrar que entre ontem e hoje tinha decorrido uma vida. Em pleno entusiasmo duma subida, teve de parar, atravessada por uma pontada. Sufocava, mas procedeu de forma que os outros três não dessem por nada:

— Vá, juventude! Por mim, vou no meu passo.

Fingiu ficar para trás a apanhar flores. Os trepadores, que riam, afastaram-se. Anita ficou sòzinha, sentada a dominar o vale, encharcada em suor, não tanto da rapidez da subida como do assalto ao seu coração. Recobrava fôlego e a mão, que comprimia na garganta a artéria, tacteava no campo do inimigo. Era forçada a reconhecer os seus limites; a doença, as gripes recentes, bem lhos ti-

nham lembrado. Recusava-se, porém, a admiti-los e dizia: «Bem; por um tempo, retiro-me. Logo que estiver curada, reconquistarei a minha fronteira do Reno!...».

Anita tinha de confessar que lhe era preciso recuar as suas fronteiras. Até onde? Até quando as poderia guardar?... Campanha de França... Ao cabo, os adeuses de Fontainebleau... Com um sorriso ao canto da boca entreaberta, a sua Ilíada. Ao fim de contas, todas se equivaliam! Como aquela formiga na encosta, tinha também arrastado a sua maravilha... Onde e porquê? A pergunta nem era para fazer. Bem basta pensar em arrastar a sua carga sem vacilar!... O curioso é que ao chegarmos ao ponto de a descarregar, dizemos: «Já!...»

Anita desceu devagar, até uma volta que dominava, uns cem metros acima, a vivendazinha a brilhar ao sol. Sentou-se na erva quente, com os joelhos levantados, as mãos enlaçadas nos artelhos. Ouvia, no pano de fundo rumorejante do vale, torrente e chocalhos, a voz muito próxima da criança, que, com as suas perninhas vacilantes, perseguia os pintos a piar. Ao cabo dum instante, no fundo do seu coração, tudo se confundiu... Onde estava? Era a avó, a mãe ou a criança?... O que é bom, quando se está no fim do caminho, é poder refazê-lo por completo, pois conhece-se tudo, goza-se com tudo. Não se pode fazer isso quando se está no começo.

Anita gozava tanto com a caminhada, que se demorava a meio do caminho. Via-se, trinta anos antes. Os bicos dos seios ardiam-lhe. O seu filho brincava a seus pés. Esquecera o sinal da idade, do instante anterior. O tempo bem podia puxar a corda. A sua tendência natural era para a juventude. O seu espírito não se enganava... «Bem sei, bem sei... mas fecho os olhos... Evado-me...» Não

procurava muito ler o que sonhava de olhos abertos, a escutar o zumbir doirado das abelhas a sugarem a genciana e a giesta.

Outro, no entanto, leu sem pedir autorização. Marcos inquietou-se com a ausência da mãe. Deixou as companheiras continuar a subida e desceu. Anita não o sentiu aproximar-se. O filho parou para a observar. Apanhava-a de surpresa. Surgira-lhe uma Anita inesperada, uma mulher que, no entanto, reconhecia no halo das suas recordações... Vira-a, com os seus olhos de criança, quando ela tinha a idade dele agora... Foi sòmente a visão dum momento. A sonhadora, avisada pela sua antena, voltou a cabeça, teve uma surpresa de alegria confusa, e dum salto, como uma andorinha, desceu para o presente. Marcos encontrou então a mãe.

Sentou-se ao lado dela e conversaram afectuosamente. Não esquecia, porém, o que vira nos seus olhos e naquela boca entreaberta: o sonho ingénuo e o desejo de renovação. Anita, confusamente advertida de que fora surpreendida como uma banhista no regato, não protestava, terna e envergonhada (o mal estava feito), tinha o ar de se desculpar: «Maroto, não olhes!... Viste-me... Desculpa!»

Ocuparam-se de assuntos familiares que não revelavam o fundo dos seus pensamentos. Sem quererem, contudo, entre os dois que conversavam, as posições eram inversas. Anita era a mais jovem e o filho o mais velho. Fazia-se como uma permuta das suas idades, que restabelecia o equilíbrio das contas. Sentiam-se ambos iguais e companheiros. Anita não se surpreendia dessa confraternização. Marcos, porém, ao calar-se, parecia pouco à vontade, e Anita também, pois pressentiu que ele ia tocar em qualquer segredo. Seu ou dela? Um leve frémito interior advertiu-a que era dela, quando o filho pousou a mão na sua e disse, de começo hesitante e depois calmo:

— Por que não casas com ele, mãe?

Anita ficou como fulminada. Nunca esperara que o segredo fosse desvendado... Que segredo? Era na verdade um, para ela. Aterrava-a que um tal pensamento, sufocado, que julgava morto, tivesse podido aflorar no seu olhar, a ponto de o lerem nele. Baixou a cabeça, esmagada. Desejaria ocultar a face nas mãos; mas não queria fazer nenhum movimento. Marcos ao observá-la viu a sua aflição. Tomou-a ternamente nos seus braços. Ela enovelou-se neles, ocultando os olhos, incapaz de responder uma palavra, mas o seu silêncio era uma confissão. Como era jovem e como essa confusão era tocante! Marcos disse-lhe:

— Perdoa-me!...

A mãe proferiu, sem erguer a cabeça:

— Tenho vergonha de que possam ler essas coisas em mim. Estás, porém, enganado.

Marcos quis levantar-lhe a cabeça com as mãos:

— Olha para mim!

— Não! — disse ela, voltando a mergulhar no esconderijo.

O filho sorriu e disse acariciando-lhe a cabeça:

— Não tenhas vergonha! Que há de vergonha nisso? Ele gosta de ti. Gostas dele. Todos nós gostamos dele. É digno de ti. Vale mais do que nós.

Anita levantou a cabeça, e, corando, mas com firmeza, olhou-o de frente:

— Que queres dizer?... Não sabes nada, meu rapaz... Não podes saber... É de Bruno que queres falar?

— De que outro seria?

— Não, não sabes... Se pensasse em casar, não seria a Bruno que desposaria.

— Não gostas dele?

— Embora gostasse.

— Não compreendo.

— Não queiras compreender! Deixa-me ao menos esse recanto secreto! Não se pode viver sem um cantinho de sombra.

Marcos calou-se. Compreendera. Anita viu que o filho ia ainda falar. Fechou-lhe a boca com a mão:

— Cala-te, pequeno!

O filho insistiu:

— Casa com o outro!

— Não, não quero.

— Porquê?

— Não posso... Deixemos isso! É ridículo... Uma mulher da minha idade...

— És tão jovem! És muito mais jovem do que eu.

— Fui. O meu tempo passou.

— Isso não é verdade. Há corações que estão gastos aos vinte anos. Para o teu, a vida é sempre nova. Pões-te a caminho todas as manhãs.

— Oh! Não! Oh! Não!... Não quero ser a judia errante, que caminha toda a eternidade... Basta de labutar! Basta de amar!

— Não te importas connosco?

— Só quero saber de vocês. Só tenho direito aos meus filhos.

— Não basta.

— Não bastam o meu Marcos e o seu Marcozinho!

— Não, porque os jovens partem para a caça e deixam Anita no sopé da encosta.

— Pobre Anita! Ela esperará... Corram, meus filhos! A cada um a sua vez!

O filho pôs-lhe a mão no ombro.

— Anita! — disse o rapaz sem reflectir; mas, a seguir, confundido: — Perdão! Mãe!

Anita ria:

— Agrada-te assim. Tornaste-te o chefe da família.

O filho hesitou, perturbado e depois prosseguiu:

— Anita, seja!... Não acho de modo nenhum justo que a vida pare no limiar dos filhos. Quando é ainda cheia de seiva como a tua, é um crime sufocá-la. Dá-me a impressão de ser um assassínio. Na natureza, quando a prole sabe voar, o pai e a mãe retomam o curso de sua viagem. Não foste feita para estares presa ao lar de outrem. O meu lar é teu; mas tem, também, o teu lar! E que seja meu também! Deixa-me ajudar-te a reconstruir a tua vida independente!

— Não corro nunca o risco de perder a minha independência. Meu rapaz, não tenho necessidade de ninguém para a tomar. Preciso muito mais dum ser que me tome.

— Não to obriguei a dizer! Amas ainda...

— A ti — disse Anita, voltando a cabeça.

— Oh, que mentirosa!

— Minto, eu? — fez Anita impetuosamente, apertando nas duas mãos a cabeça do filho.

— Mas sim, amas-me, já sei! Então, por que não me confias tudo?

— Que tenho para confiar? Indiscreto, entras em toda a parte. Sabes tudo.

— Então, se sei, confessa!

— Já confessei.

Fitaram-se de olhos nos olhos. Marcos, a meia voz, perguntou:

— Que te detém? Receias magoar um deles?

Anita, com a mão, intimou-o a que se calasse:

— Basta, meu Marcos! Não falemos mais nisso!... Talvez te volte a falar do caso, dentro de alguns meses. Tenho necessidade de o pensar, sòzinha. Perturbas-me... Gosto dessa perturbação, pois que vem de ti. Obrigada por me teres forçado a ver claro em mim própria!

Ficaram um ao lado do outro, sem falar, a olhar para o vale a seus pés. Anita disse:

— Meu grande filho!

— Sabes — retorquiu Marcos — que me contenho para não te chamar minha irmã mais nova...

— Sou-o — concordou Anita. — A gente diminui ao envelhecer. Tu cresceste. És agora mais velho do que eu!

— Apoia-te, então, em mim!

Anita apoiou-se. Ouviram o barulho dum comboio que passava no vale. Anita disse:

— É bom ter chegado a esta altura em que somos apenas dois irmãos. É a irmã que diz ao irmão: «És o chefe. Guia-me, por teu turno!»

Marcos pegara-lhe na mão. Nesse instante — as badaladas do meio-dia soavam, ao longe — tiveram ambos a impressão viva, embora não definida, de que um ciclo da sua vida se fechara. Era a luz intensa dum belo dia... Depois, porém, havia a noite. Para além daquele instante, não viam a sucessão dos dias que haviam de vir...

Essa paragem na vista apertou-lhes o coração como ante um perigo que não podiam compreender. Desceram, a caminho de casa.

DECORRERAM os dias felizes, os mais confiantes e mais íntimos. A mãe e o filho tinham ultrapassado a porta do silêncio, das falsas barreiras morais. Compartilhavam, fraternalmente, os segredos comuns, que evitavam, até então, confiar-se. Tinham o prazer de encontrar, um no outro, as suas próprias fraquezas, os seus arrebatamentos, as misteriosas correntes da sua vida. Assim, muitos enigmas do seu destino, que os perturbavam isoladamente e até de que cada um em separado se acusava, se esclareciam ou apaziguavam, por serem conhecidos por ambos.

Sorriam ao confessar as suas imprudências e os seus erros, o seu gosto pelo fogo, o seu amor do risco, que lhes fizera, mais de uma vez e à sua custa, procurar o perigo e queimarem-se nas almas «perigosas». Convinham preferir as suas queimaduras à tepidez tranquila de tantas «boas pessoas»... Estimavam-nas... a essas «boas pessoas»!... Eram como a égua de Rolando, sem defeito, mas que tinha morrido... Não havia nenhuma esperança! O fermento da vida, a revolta, faltava-lhes. Essa boa terra, esgotada, já não a produz. Seria preciso, para a renovar, o adubo e a relha, a «alma perigosa» e a lavra da revolta.

Era preciso revolver até o fundo o morno campo da honestidade estéril e lançar o jacto da semente, o grão ardente, que dá vida ao morrer! Só podia fazer isso quem fosse, ao mesmo tempo, não só a relha mas também o grão... Dar o seu corpo. Dar a sua morte... Marcos tinha demasiada certeza de a dar: isso era nele uma certeza inconfessada, em que confluíam o desejo e o receio (o espírito aceita, a carne jovem reage).

Anita pressentia esses pensamentos no filho; mas tentava afastá-los. Queria persuadir-se de que o sacrifício lhe seria poupado, como o tinha sido a ela, no decurso duma vida de riscos e combates. Cometia o erro habitual, ao avaliar o futuro pelo passado. Não via que a época em que entrara a vida de Marcos era a dos grandes abalos de terra, no limiar da qual a vida dela ficara... Tinha a certeza de não o ver? Desviava o olhar... Mais tarde! Haverá tempo de providenciar. Não perturbemos estes dias felizes! Um sopro de paz corre no ar...

ANITA caminhava a meio da encosta, na floresta. As árvores ainda seminuas começavam a refazer a sua folhagem da Primavera. Todas juntas, agarradas aos flancos abruptos da montanha, pareciam um exército que se lança ao assalto. Ouviam-se ao longe, lá para cima, as machadadas dos lenhadores e o barulho das árvores abatidas. O atalho, suspenso do flanco dos montes, formava um largo anel que, aqui e ali, cortava um ribeiro jovem, cavalgado por uma ponte de acaso, sem corrimão, grosseiramente construída, e formava apenas uma calha, abrupta e pedregosa, utilizada para fazer deslizar os toros de madeira. Nada o indicava aos estranhos, a não ser uma placa em alemão, que o vento abatera e o descuido da gente da terra não voltara a pôr no seu lugar, pois todos estavam informados.

Anita também o sabia, dada a sua experiência da montanha; mas à sua frente ia uma família de passeantes que o ignorava. O pai e a mãe, sentados a alguns passos do ribeiro, que formava nesse ponto um cotovelo, contemplavam, tranquilamente, os seus dois filhos e a governanta, a apanharem as primeiras violetas. A pequenita — de oito ou nove anos — aventurara-se até a borda do ribeiro e arriscara um

pé no declive, para apanhar um ramo de primaveras. Não era prudente andar a passear por ali e Anita quis chamar a atenção dos pais, quando a pequenita perdeu o pé no terreno resvaladiço que se esboroava e caiu no fundo do ribeiro. A criança ria com a aventura e não tinha pressa de subir.

Justamente nesse momento, gritos roucos anunciaram o lançamento do alto duma carga de troncos. Antes de os pais da criança terem compreendido do que se tratava, Anita debruçada à borda do ribeiro, procurando, em vão, agarrar a mão estendida da pequenita, saltou abaixo e arrastou-a para o abrigo dum promontório formado pelas raízes dum velho pinheiro incrustado num rochedo suspenso no estreito corredor. O alude de madeira e pedras passou com fragor, ao lado de ambas, sem lhes tocar. A família assistira desorientada à cena rápida como um relâmpago, antes de alguém, gelado pelo espanto, ter consciência de tomar uma decisão.

Quando a salvadora içou da margem a criança, que começava a sentir medo, foi recebida com grandes marcas de gratidão. O pai manifestava uma comoção quase histérica e abraçava Anita a chorar. Anita passava de braços para braços, atordoada com a catadupa de palavras, que a inundava tanto como as lágrimas, encantada por reencontrar a volubilidade da língua italiana de que tanto gostava. Depois de se terem acalmado os primeiros tumultos do sentimento e de terminarem os abraços, foram feitas as apresentações.

O homem, muito moreno, com as faces dum azul escuro, barbeadas de fresco, pelas quais as de Anita tinham raspado, tinha um comprido rosto assimétrico e olhos de fogo. Inteligente, hipernervoso, (Anita compreendeu-o ràpidamente) servia-se dos seus nervos como um actor que se apaixona pelo seu papel, mas se vê representar. Era um ban-

queiro do Véneto, a férias com a família num hotel vizinho da vivenda onde os Rivières se tinham instalado. Vira-os de passagem e a sua atenção, sempre alerta, reconhecera Anita, por a ter visto, uma única vez, no escritório de Timão, onde o rude patrão recorrera à memória da secretária para certos pormenores da correspondência e dos assuntos pendentes. O papel desempenhado por Anita junto do *condottiero* não deixara de lhe despertar a curiosidade. Tivera o cuidado de se informar e o que ouvira, bem e mal, tinha-o feito interessar-se por ela. Também ele conhecia os *condottieri!*

O seu olhar tomara as medidas da mãe, do filho e da nora e nenhum dos três lhe parecera indiferente. Convidou-os para jantar naquela noite. Era difícil fugir a isso, naquela terra em que eram os únicos viajantes, pois a estação apenas começara e o hotel estava aberto havia só oito dias. A gratidão dos pais tinha necessidade de se manifestar. O melhor era prestarem-se a isso de boa vontade. Tiveram, portanto, algumas horas de conversa cordial, em que o ardor comunicativo dos italianos conquistou até as reservas de Marcos e Assia. As suas expansões afectuosas não eram simuladas. A confiança manifestada pelo banqueiro não tinha nada a perder com os seus obscuros convivas, que lha pagavam na mesma moeda. Falaram com inteira liberdade.

Leão Zara era um judeu dálmata, duma velha família instalada em Veneza, que dirigia um dos mais importantes bancos de depois da guerra. Sua mulher, judia americana, pertencia também ao mundo da finança. O Banco do Adige e do Piave soubera, após a marcha sobre Roma, ligar-se com o regime de que era um dos apoios. Consagrava grandes partes do seu activo e dos depósitos dos seus clientes a operações que interessavam o fascismo: uma livraria do partido e a organização

dispendiosa da propaganda do livro italiano no estrangeiro. Fazia mais (mas Zara, pudicamente, apenas aflorara o assunto): subvencionava, com largueza, as personagens cuja fidelidade ao partido era preciosa (Zara piscava o olho com malícia) e tratava de dar a toda essa *gens* um trabalho generosamente remunerado: assim salvava a susceptibilidade dessas personagens. Zara alargou-se em mais pormenores a respeito das expedições, ao mesmo tempo políticas, comerciais e científicas, na Ásia central, mantidas com os fundos do seu banco.

Homem fino e instruído, duma velha raça cultivada, de maneiras corteses (Anita fazia a comparação com o seu rústico do Périgord), Zara possuía gosto pelas coisas de arte e do espírito. Tinha-o, também, pela colecção psicológica de tipos humanos. Para uso próprio, possuía um museu secreto de anomalias, de almas anormais, que as perturbações dos tempos tinham formado ou deformado, dos super-homens e dos que estão abaixo da cotação.

Manifestava orgulho pelos seus «monstros» e a palavra para ele nada tinha de depreciativo. Eram o jacto ardente da natureza que faz ensaios e frequentemente falha no seu objectivo ou passa mais além, dando um tipo novo... talvez o começo duma espécie. Não ocultava ter um espécime raro na pessoa daquele de quem estava à trela: o *Duce*... Amparavam-se mùtuamente: o Dinheiro e o Punho. Ambos eram teimosos, um de Roma, outro de Tiro e de S. Marcos...

Fez do dono um retrato vivo. Falava dele sem precauções, com entusiasmo, como no seu camarote um espectador fala dum tirano de teatro. Era assim que, segundo dizia, o *Duce* se fabricava a si próprio: como quem compõe um *scenario*. Ele próprio o dizia, esse *artifex* para quem o mundo era matéria a modelar! A tal ponto que, para o *comediante* (ou *tragediante*... pois não ria nunca!...),

tudo era matéria de teatro: os povos, o Estado, a salvação pública. Absorvia tudo no seu papel. Agarrava, violentava, as massas humanas e entrava lá dentro... Ficava de fora! Ficava só, até na posse. Um desejo forte, mas pouco amor. Pouca simpatia, pouco respeito pela humanidade. Muito mais uma força de ódio e, a cobrir tudo, uma profunda indiferença por todos esses homens de rastos, que se rojavam a seus pés.

A palavra «massa» tinha realmente para ele o sentido da massa de barro sob os dedos vigorosos do escultor. O que importava, no fim de contas, o que enchia a sua alma árida e ardente, não eram os homens nem os Estados, era a sua obra... Não era nada! Num *artifex* da sua medida, isso é muito mais do que o *ego* ordinário das dimensões da espécie média: mais do que vaidade, mais do que dinheiro, até mais do que a glória... Era o brandão fumegante da acção que, nos espaços solitários, travava uma sombria batalha — derrota, vitória, que importa? —; basta actuar. Actuar, combater, é a única afirmação contra o nada.

Anita seguia, nos longos e vibráteis lábios do banqueiro, que fazia caretas com um prazer apaixonado (era também um *artifex!*), a personagem por ele evocada. Via o aventureiro de Shakespeare, que batalhava contra a névoa opaca da vida e talhava o seu destino, a espadeiradas, na sombra espessa e sangrenta... Zara, que desempenhava também o seu papel na peça, dizia:

— Tanto pior, e tanto melhor, para os que têm a sorte (ou a desgraça) de ser um pedaço dessa matéria que o escultor esmaga entre os seus dedos para modelar a obra! Nesta época de enormes massas em fusão, de grandes energias, que a impotência democrática deixa desgastarem-se e destruir-se mùtuamente, só há dois altos fornos que as sabem aproveitar: a Roma do *Duce* e a

U. R. S. S. Esta, porém, destrói toda a anterior ordem de coisas e pretende fundar uma ordem nova. A outra acomoda-se com os elementos do passado, que renova ao mudar-lhes a forma mais do que o fundo. Não tem confiança nenhuma no progresso. Mantém a velha armadura, o rei, a igreja, o capital, a família, a propriedade. Inoculou os vírus novos: os sindicatos, as federações de profissões, as corporações, as organizações operárias, a fim de os tornar inofensivos...

Zara encontrava, naturalmente, vantagens na ordem antiga consolidada, aglomerada em cimento armado, com as suas velhas injustiças fundadas no direito romano, as suas jerarquias, as suas divisões de castas e ofícios, os seus privilégios de nascimento e de aventura e a sua plebe — *Populusque* — com o seu *Imperator*. Não tinha ilusões acerca do perigo que representava uma construção social que assentava no génio violento dum só homem. Conhecia, melhor do que ninguém, as taras morais e físicas desse homem, as fraquezas, as doenças, as bruscas e brutais oscilações, esses inquietantes sobressaltos de mau humor e de vontade, essa *alea* que abalava o solo como os tremores de terra que perpètuamente ameaçam a Roma eterna.

Dum dia para o outro, todo o edifício, mais de decoração de Piranesi do que de alicerces, podia ir abaixo. Apostar nele, na obra, no homem, era arriscado. O banqueiro, porém, como todos que lidam com a fortuna, era jogador. Ou apostar no Príncipe ou contra o Príncipe... Não havia que hesitar, para o dia de hoje. Para amanhã, ver-se-ia!... Tinha os dedos compridos e ágeis. Se o Príncipe lera Maquiavel, o lacaio também o lera. Não atribuía, aliás, uma importância excessiva à fortuna, que sabia ser passageira. Estava pronto, tanto para perder como para ganhar; entusiasmava-se pelo jogo, mas por brincadeira, e conser-

vava sempre fresca a sua ironia. A terrível seriedade do *Duce* não o contagiara, embora tivesse sabido colocar-se no tom. Era um judeu do «Eclesiastes»: febril, ávido e desprendido.

Ao falar, os seus olhos lúcidos tacteavam os de Anita. Complacentemente atribuía-lhe os seus sentimentos. Noutro tempo, noutra idade, Anita teria sentido uma certa curiosidade pelo *condottiero*. A idade e a experiência tinham-na, contudo, imunizado. Desinteressava-se da aventura que era a vida para os Cortezes e os Pizarros, para os *Duci* e os Timões. Não ficava impressionada, como os basbaques, ante aqueles grandes truões, de queixadas cerradas e de olhar vibrante como uma varada, que faziam baixar as costas das massas a suar, no íntimo, de medo e de prazer.

Tão bem como Zara, Anita sabia que essas grandes forças têm as suas fraquezas, que essas espessas paredes têm fendas e podem ruir dum momento para o outro. Ao contrário de Zara, era talvez por esse lado lamentável, oculto por eles como coisa vergonhosa, que lhes votava algum interesse. Dessas individualidades desenfreadas que retesam os músculos para se elevar acima do rebanho, Anita observava os esforços convulsivos para se arrancarem a ele e o dominar. Sabia de antemão que seriam vencidos... Aquele como os outros...

«*Duce* negro!... Serás vencido. Somo-lo todos, sê-lo-emos todos, ao fim de contas. É esse desfecho, pressentido desde o começo da tragédia, que nos interessa nesses vencedores: os Édipos-Reis, os Coriolanos, os Macbeths!... Um a mais!... Archote fumegante, extinguir-te-ás. Sonho vivo, agita-te e morre!...»

Marcos não sentia pelo archote romano nem a mesma atracção nem a mesma comiseração (que aliás, seria, para ele a mais sangrenta das afrontas). Queria esmagá-lo sob os seus pés... (O ódio é algu-

mas vezes uma forma de atracção: um escudo para proteger contra ela). O que Marcos via, sobretudo, no fresco pincelado pelo *Fa presto* do gueto veneziano, não era o homem da queixada e da vara, era aquelas costas, aqueles milhões de costas curvas sob as varadas, e que se erguiam, entusiásticas, depois de terem sido sovadas...

Esses jovens cobardes (demasiado os conhecia em França e noutros lugares!), que se lamentavam da fraqueza dos tempos e suspiravam por um *Duce* ou um *Führer*, precisavam um pontapé no rabo! «Se gostam tanto da força, que mostrem então a sua! Contar com a dum outro, delegar-lhe por procuração a sua, a que desejariam ter, que não têm, que não podem ter, que há de mais abjecto? Cães rastejantes! Cães de rabo entre as pernas! Chicoteiem-nos!»

Aquele macho jovem nutria (quem sabe?), ante os velhos machos que dominavam rebanhos servis, um sentimento de obscura rivalidade e de revolta. Nunca se poderia ter sacrificado por um homem. Era muito pouco. Tinha-lhe tirado as medidas. Abominava os *Qualis artifex!*... Precisava dum mais alto objecto de sacrifício: mais do que um homem, os povos, as próprias massas humilhadas e escravizadas, o conjunto dos homens... Não conseguia, porém, obter o equilíbrio entre os dois termos: servir os homens e actuar sobre eles — actuar por eles, contra eles, se for preciso —, a fim de actuar para eles! Saber compreender e obedecer: os dois pólos... (São precisos os dois pólos para fazer o globo...).

Assia, não menos inimiga do que Marcos das costas negras, não ocultava o seu interesse pela experiência fascista. Nela, a violência do combate, embora mortal, não excluía um fundo de simpatia pelo adversário, se ele era de força. Só sentia real aversão pelos que fogem ao combate, os que se mascaram, os que se untam com um verniz oleoso para escapar, os viscosos, as enguias que escorre-

gam pelas mãos, os eunucos, os impotentes, os amorfos.

O finório Zara captara de Assia a atracção sob a animosidade. Manejava o seu espelho mágico. Mostrava-lhe essa chama de acção, provocada nos cérebros da juventude italiana pelo sol negro, que encobriam, ao bater as asas, os milhares de aviões, da ninhada de aves de rapina de Balbo. Convidava o jovem casal a ir tomar o pulso acelerado dessa nova Itália, mal conhecida no estrangeiro e de que o fascismo fazia a criação, não para o estábulo, mas para a arena, como os toiros.

Assia não tinha dificuldade em apreciar essa chama de acção sempre alimentada, embora sob uma forma agressiva, que reunia esses jovens num exército pronto a avançar contra o inimigo... Os seus olhos de aço não se deixavam deslumbrar pelo espelho de atrair profanos... Perguntava:

— Quem é, porém, o inimigo, faz favor de me dizer? Esses batalhadores, contra quem guerreiam e contra quê? E por quem? Porquê? Para quê? Para onde vão? Sabem-no?... Não o digo por si, sr. Zara, pois é provável que o saiba. Não sou bastante indiscreta para querer que mo diga; mas os outros, os seus adeptos, as suas tropas, as tropas *dele*, ele próprio? Ele, o homem que os conduz, o encenador?! Sabe ao menos qual o fim da sua peça? Que quer ele, no fundo? Em que crê? Já sabe qual é o seu *scenario?* Já o modificou dez vezes e modificá-lo-á outras dez — a guerra, a paz, o murro na mesa, os pactos — se o público tiver paciência de acompanhar o espectáculo. Na hora actual, o ideal do fascismo italiano (mas os senhores mascaram-no!) não vai além da nação armada, equipada e cercada de arame farpado.

«Para esses bandos negros, prontos para avançar, quem não é inimigo? O inimigo é o que está lá fora, para lá da muralha, para lá do Império:

Roma em face dos bárbaros. Então, somos nós os bárbaros, somos nós o inimigo? Cartas na mesa! O seu combate é contra nós. Tem a certeza de que ele seja pela Itália? Tem um fim? Preocupa-se com isso? No melhor sentido, no mais elevado — o sentido trágico dos galos de letras que cantam o combate, mas não se batem e só fazem bater os outros: os nietzcheanos — o seu fascismo sopra em todos os povos esse espírito de luta e de primazia, o eterno imperialismo, que é, segundo o seu *Duce*, a própria fórmula da vida para todo o sempre. É o combate pelo combate, sem fim, sem progresso, sem esperança... («Não tenho necessidade de esperar para empreender...»). A música é conhecida! Pois bem, por mim, tenho necessidade de esperar e quero saber para onde vou. Para onde vão?

A grande boca de Zara torceu-se e disse a rir:

— Vamos. Que mais é preciso? Aquilo de que os homens precisam é, de longe em longe, de *animatori* que dêem corda ao relógio enferrujado da vida. Não acha que a França tem necessidade dum *animatore* como o nosso, que sacuda a sesta da sua inamovível democracia?

— Não para mim! — exclamou Assia — Venho doutro sítio. Não preciso de «animador». Sou uma cita. O combate que travamos na Rússia não é para erguer uma estátua a um «Estás a ver-me?». Combatemos por todos os homens, por um futuro melhor.

— Enquanto esperam — observou Zara — o presente é pior.

— Não o trocaria por outro — replicou Assia. — Está tal como eu quando tinha o meu filho no ventre. Transporta o futuro.

— Cada um come do que gosta! — proferiu o banqueiro com um sorriso encantador. — Para si, minha senhora, a bonita criança, o futuro! Por mim, contento-me com o presente.

Separaram-se como bons amigos, pois — graças a Deus! — parecia excluída a ocasião de serem inimigos. Cada um estava no seu campo. Aqueles jovenzinhos pareciam a Zara inofensivos (não conhecia nenhum escrito de Marcos). Uma mútua cortesia considerava as divergências de opinião como simples temas de conversação em sociedade. A única coisa séria do encontro estava, para Zara, no gesto salvador da mulher que arrancara a pequenita à morte. O amor da família era nele a única paixão que escapava ao cepticismo. O seu olhar vivo, que se divertia com as discussões dos seus interlocutores em encontros de acaso, sem atribuir a isso grande importância, só se prendia verdadeiramente à pessoa de Anita que envolvia na sua gratidão. A jovem ninhada dos Rivières beneficiava com isso.

Convidou-os a visitar a Itália e ofereceu-lhes a sua casa em Roma. Punha-se à sua disposição para tudo em que os pudesse servir. Não chegariam, porém, a abusar da sua complacência. O plano da sua viagem parava na Suíça e não pensavam em ir para além de Lugano. O tempo e a bolsa eram limitados. O tempo era-o mais ainda do que pensavam.

FOI, creio, na véspera da sua partida para o Tessino que os vi. Estava sentado num prado, por cima dum caminho no flanco da montanha. Não me viram. Reconheci Marcos pelo braço de sua mãe. Reparei nas atenções do jovem para fazer Anita, que parecia fatigada, atravessar um regatozinho. A criança corria, a apanhar flores, com Assia que ficava para trás e subia aos taludes como uma cabra. Chegou até junto de mim, por ter visto por cima do banco onde estava sentado um pé de violetas, e, sem se preocupar comigo, arrancou-o, aspergindo-me de terra, e saltou para baixo.

Tinha, também como as cabras, os olhos doirados. Reparei, sobretudo, em Anita. Uma grande felicidade parecia banhar as suas feições. No momento em que Marcos se curvou, à procura de pedras, a fim de lhe permitir vadear o regato, vi a forma como acarinhava com o olhar a cabeça do seu rapaz. Desapareceram numa volta do caminho. Pensei que os voltaria a ver, à noite, no hotel. Não estavam lá. Quando, no dia seguinte, me informei do seu endereço, soube que tinham partido no primeiro comboio.

O Sol desaparecera do outro lado do Gothard. Seguiram-no até Lugano. Encontraram, sob uma latada que cobria um caminho fundo, com os braços levantados para os cachos inacessíveis, a boca aberta como para os beber, Georgina que ria e se lhe lançou nos braços.

Georgina fora encontrar-se com o pai num julgamento em que ele era testemunha. Tratava-se daquele aviador italiano *fuoruscito* que lançara sobre Milão sacos de panfletos antifascistas e que, no regresso, partira as asas no Gothard. Ferido, tratado, fora preso por ordem do governo federal e comparecia perante o tribunal de Bellinzona, por ter infringido a neutralidade do território suíço. Não faltavam testemunhas de defesa. Iam dos principais grupos da imigração em que o aviador era conhecido e apreciado. Apelaram para Juliano. Por muito sobrecarregado de tarefas que estivesse e sempre a lamentar, no fundo, todos os minutos do seu tempo arrancados à ciência, não hesitava nunca, quando era preciso, a cumprir o seu dever de cidadão do mundo e a levar o peso da sua autoridade à balança onde pesavam os oprimidos e os revoltados contra os tiranos.

In tyrannos!... Eram as palavras de Schiller que

esse velho liberal tinha gravadas no coração! O seu depoimento causou sensação na audiência em que o acusado acabara por ser o acusador. Os grandes proscritos, idos de Londres e de Paris, aproveitaram a ocasião para esbofetear em público os seus proscritores. Os magistrados democráticos do cantão suíço, que ocultavam mal a sua simpatia pelos campeões da liberdade, concluíram pela absolvição. Em Berna, porém, o Conselho federal, inquieto com o ruído dum tal julgamento e desejoso de não ferir o amor-próprio convulsivo do seu perigoso vizinho, dourara a pílula e condenara *pro forma* o absolvido com uma pena de prisão insignificante.

Todas essas notícias excitavam a opinião e a alegre despreocupação de Lugano fora chicoteada. Sob as arcadas, nos cafés, era um zumbido de vespas irritadas. Os moscardos de dois pés não faltavam. Faziam o vaivém duma margem para a outra. Nesses tempos felizes, Lugano tinha as suas paredes forradas, como na festa do Corpo de Deus, de orelhas negras a escutar. Havia-as para todos: tanto nacionais como estrangeiros. Nem Anita, nem Georgina, nem Marcos, se importavam com isso. A experiência de Assia, porém, fazia-a estar de sobreaviso. Mal entrava numa reunião, farejava o ambiente.

O olhar de Assia, sempre em movimento, passava em revista os rostos e infalìvelmente descobria um peixe e, num gesto seco, atirava-lhe o anzol. O outro sentia a picada, agitava-se na cadeira, com a garganta seca, procurava libertar-se da linha, desviar a atenção, e, por fim, abandonava o lugar. Mais de um desses mudos duelos de olhares se travaram em volta dos três companheiros sentados à mesa duma *confetteria,* sem que os outros suspeitassem de nada. Nenhum dos três se abstinha de dizer alto o que pensava. Marcos divertia-se com uma criança, pelo prazer de provocar o bom riso infantil de Georgina, a agitar os guizos de Arlequim

nas costas dos «negróides», como chamava aos camisas negras, e abria os olhos surpreendido quando Assia lhe colocava a mão na mão e boquejava:

— Não fales tão alto!

— Porquê? — perguntava Marcos.

Assia reflectia e dizia para si: «Afinal, por que não? Tanto pior, ou tanto melhor, para esses peixes vorazes que espreitam! Vejo-os tornarem-se verdes no seu caldo. Um punhado de sal e vamos cozê-los!».

Os espiões que operam no estrangeiro estão habituados às afrontas; não parecia prestarem grande atenção às insolências de alguns turistas de passagem. Marcos, porém, não tardou a ser marcado, quando viram a sua intimidade com Juliano, cuja atitude no processo chamara a atenção. Davy figurava à cabeça da lista negra, na qualidade de presidente honorário da Liga Internacional Antifascista. Era alvo duma vigilância especial, a que não fugia e à qual desprezava. O seu jovem companheiro em Lugano compartilhou disso.

Entre os que procuravam tomar parte nas suas conversas, havia um jovem italiano que Marcos já havia encontrado nos meios antifascistas de Paris. Tinha um belo rosto inteligente, que assinalavam uma mancha vermelha na face e um certo tique: o bater nervoso duma pálpebra. Chamava-se Buonamico e mostrava uma excitação histérica contra o regime. Ia e vinha de Paris a Londres e Bruxelas. Visitava as diversas colónias de imigrados. Ardia numa santa agitação. Aquecia os tíbios que desanimavam e apresentava-lhes, por meias palavras, projectos vagos e violentos de bombas e conspirações, que evocavam os tempos dos conjurados *carbonari*.

Os velhos políticos da imigração consideravam-no como um romântico e desconfiavam dele. Os jovens, mais entusiastas pela acção, ouviam-no de boa vontade, mas, advertidos pela experiência, acolhiam com reservas as suas sugestões. Buonamico era tenaz

e paciente. Falava, com lágrimas na voz e uma raiva reprimida, da sua velha mãe e do seu irmãozinho, retidos em Faenza como reféns e cuja vida estava ameaçada. A sua comoção transmitia-se a esses proscritos, muitos dos quais sofriam os mesmos desgostos.

Buonamico tinha acesso junto de todos; era serviçal, activo, nada exigente. Só lhe conheciam a mania de deixar, ora em casa dum ora em casa doutro, uma mala ou alguns papéis, o que podia justificar-se, pois andava sempre em viagem. Não era, contudo, muito agradável ser escolhido como depositário. Aborrecimentos, ainda recentes, com a polícia de Paris revelaram não ser conveniente para um proscrito que a sua mão direita ignorasse o que a esquerda recebia. Geralmente, tratavam de passar o depósito a outro.

Marcos havia, mais de uma vez, recebido e guardado esses depósitos, embora sem entusiasmo, pois achava desagradável recusar-se a isso e sofria, por Buonamico, com tais suspeitas. Tinha, sem dúvida, a epiderme mais sensível do que a de Buonamico, o qual não manifestava nenhum aborrecimento e parecia não se lembrar disso, pois incansàvelmente recomeçava as suas tentativas junto daqueles que já as tinham afastado duas e três vezes. Se havia motivo para vergonha seria por parte dos que recusavam os depósitos, pois nada acontecera que justificasse a sua desconfiança.

Se Buonamico não guardava rancor por isso, não deixava de ser grato, pois favorecia Marcos com atenções especiais. Dois anos antes, quando trabalhavam na evasão de prisioneiros das ilhas Lipari, numerosas personalidades, homens e mulheres, dos meios liberais da França, Inglaterra e Bélgica, ocupava-se deles activamente. Marcos, que se apaixonava por tais tentativas, dera a perceber, com imprudência, que sabia delas mais do que

dizia. Buonamico não lhe pediu que lhe dissesse e confiou-lhe, sob o maior sigilo, um plano de evasão em que colaborava, pois, na febre de libertar os presos, organizavam-se, ao mesmo tempo, vários projectos. Marcos, em troca, revelou-lhe o que sabia do seu.

Não falara disso a Assia, a qual, logo à primeira vista, julgara desfavoràvelmente Buonamico. Marcos teve uma impressão desagradável quando soube, algumas semanas mais tarde, que as autoridades de Lipari, prevenidas, tinham feito malograr o seu projecto. À procura de contraprova para os receios que não gostava de discutir consigo próprio, lançou ao caso, sem indicar nomes, alguns pormenores do plano de Buonamico a personalidades bem informadas, que abanaram a cabeça negativamente e disseram:

— Não há nada de sério nisso tudo!

Marcos perguntara a si próprio se não fornecera ao burlão bom dinheiro por moeda falsa. Havia, porém, entre os antifascistas mais sinceros, tantas suspeitas mútuas que Marcos não via razões suficientes para aceitar os juízos duns contra os outros. Nada o autorizava a relacionar o malogro fortuito do projecto com uma indiscrição de Buonamico. Sòmente, evitou, a partir de então, encontrar-se com ele.

Depois disso passara mais de um ano, quando Buanamico lhe apareceu em Lugano. Mostrou uma viva alegria com isso, a que Marcos mal correspondeu. Buonamico, porém, não se deu por achado. Exaltava a temeridade do aviador que partira as asas; mas dizia, muito alto, que era um acto infantil arriscar a vida para espalhar uns bocados de papel; desde que estava decidido a actuar, não custaria muito mais ir lançar uma cabazada de explosivos sobre o *palazzo Venezia*.

Marcos não lhe deu resposta. Juliano, a quem

Buonamico sondou, não fazia nenhum esforço para se conservar calado: guardava os seus pensamentos para si. Assia aceitara as flores que Buonamico lhe oferecera. Fitara-o com um sorriso sem amenidade, cheirara o ramo, voltara-lhe as costas e deixara as flores em cima dum banco. A única do grupo que correspondera às amabilidades fora a boa Anita, que se deixara tocar pelos relatos que Buonamico lhe fazia da sua pobre mãe. Viam-nos, com frequência, juntos. Anita ouvia-o pacientemente, consolava o filho desgostoso, que enxugava por vezes uma lágrima, e, reconhecido pela simpatia, com um *tante grazie,* lhe beijava a mão respeitoso. Anita, porém, não tinha segredos a revelar. Buonamico, discreto, não abusava da companhia da consoladora e mantinha-se a distância do grupinho.

Apesar disto, não deixou de ficar imediatamente informado do projecto de viagem à Itália. Marcos e Assia tinham falado disso, pela primeira vez, na véspera à tarde, no *hall* do seu hotel quase deserto. Só estavam lá Juliano, Anita e, a alguns passos de distância, um velho *gentleman* muito correcto, que lia o «Times» em frente da sua xícara de café.

Desde que saltara o muro dos montes que projectam sombra sobre a terra desgraçada do Norte, Marcos sentia-se embriagado de sol. Acariciava com olhos desejosos os belos campos de Itália, que se mostravam ao alcance da sua mão, como uma flor, e no céu, para além das colinas caprichosas, havia a cálida miragem do lago de Como. Anita e Assia conheciam a terra encantada: Anita, por lá ter vivido na sua juventude, em vida de seu pai, e por, depois da guerra, a ter atravessado várias vezes nas suas viagens ao estrangeiro. Assia visitara-a duas vezes: no tempo da sua infância afortunada e do negro êxodo.

As duas tinham visto a dupla máscara daquele rosto: os *palazzi* coroados de rosas, e a febre, a fome,

a imundície. Em volta de ambas, porém, havia o círculo mágico da Circe, a luz, cuja serena voluptuosidade banha a riqueza e a miséria. Falavam disso uma à outra, com um sorriso de inteligência, como duma alegria secreta só evocada entre iniciados. Marcos era o único a ignorar o sabor do fruto e ardia no desejo de lhe meter os dentes. Bastava-lhe estender o braço para o apanhar...

— Se fôssemos à Itália...

As duas mulheres pegaram-lhe na palavra. Compartilhar com aquele a quem amamos um prazer que não conhece e nós conhecemos é como comer-lhe um fruto na boca. Juliano formulara certas reservas. Não achava essa viagem muito a propósito. Intimamente, previa-lhe os riscos. Sabia, porém, ser duma exagerada prudência. Por que estragar o prazer dos seus amigos e dar-lhes parte das suas apreensões se, na verdade, nada de sério as justificava?

Juliano não andava, aliás, muito em dia com os acontecimentos. Como a maior parte dos intelectuais liberais, até os da extrema esquerda, dava um lugar primacial às ideias no conflito social e estava insuficientemente informado do «económico». A sua solicitude por Marcos só via, nesse momento, nos riscos que corria o jovem polemista, os do antifascismo. Não contava com a Internacional dos interesses, com os feudais do imperialismo industrial, aos quais as campanhas de Marcos inquietavam. Contentou-se, portanto, com aconselhar-lhe a ter cuidado com as suas palavras quando passasse a fronteira. Marcos e Assia levaram isso a rir. Não tinham nada de que se acautelar: só pensavam em gozar quinze dias de bom tempo. Nada de política! As questões sérias estavam em férias... Deixariam Juliano e Georgina levar a criança para Paris. Por discrição, Anita ofereceu-se para regressar também; mas Assia disse-lhe:

— Se te pegassem na palavra, ficarias bem atrapalhada!

— Está bem — retorquiu Anita —, não me atrapalhes!

Nada estava, no entanto, decidido; e no dia seguinte ficaram surpreendidos quando Buonamico ao aproximar-se, de rosto sorridente, lhes perguntou:

— Quando é a partida?

Marcos fingiu não compreender e iludiu a pergunta. Assia, contrariada, acusou Anita de ter dado à língua; mas Anita jurou não ter falado de nada. Naquela tarde, quando Assia passeava entre as sombras do belo jardim à beira da água, entreviu, na volta duma alameda, o velho *gentleman* leitor do «Times» a conversar com Buonamico. Por isso, Anita ficou surprendida, à noite, no *hall* do hotel, quando o nobre ancião se foi instalar numa mesa junto da delas, por Assia a interromper no meio duma conversa, levantar-se e dizer, com voz bem nítida:

— Vamos conversar para outro sítio!

A explicação que Assia deu, na outra extremidade do *hall*, não satisfez Marcos. Não era por não o ter impressionado; mas impacientava-se com as perpétuas suspeitas de Assia. Fingia tomá-las como simples manifestação dum espírito feminino, inquieto e agitado. Chamava a isso pusilanimidade e nada podia mortificar mais Assia.

Foi por isso que Marcos levou a peito, nos dias seguintes, não evitar Buonamico, embora nenhum prazer tivesse em vê-lo. Pô-lo até ao corrente do seu projecto de viagem. Assia, contrariada, deixou-o proceder como entendesse. Buonamico felicitou Marcos com ardor. Traçou-lhe um itinerário e recomendou-lhe direcções de hotéis. Lamentava-se por não poder acompanhá-lo. Sofria muito por a entrada na terra natal lhe estar interdita.

A atracção dessa terra arrastou-o em passeios,

com Marcos e Assia, até à fronteira. Uma vez, além de Gandria, ultrapassou-a, insistindo com os seus companheiros a fazer o mesmo. Não tinham os vistos nos seus passaportes; mas Buonamico gabava-se de conhecer atalhos onde não encontrariam ninguém. Assia recusava-se a tomar parte nessa brincadeira de crianças na qual, em companhia dum *fuoruscito* (de que cor?) arriscava mais do que ele valia.

Marcos obstinou-se a ir. Que poderia recear? Buonamico arriscava-se muito mais. Pelo menos dizia-o; mas gabava-se de poder levar Marcos a uma enseadazinha, abrigada pelas rochas, onde encontrariam uma barca que os levaria, sem serem vistos, a Gandria, sempre ao longo da margem. Queria mostrar a Marcos como a emigração italiana tinha caminhos secretos para passar e fazer passar a sua propaganda.

Tudo se passou como Buonamico dissera. Marcos e Assia (pois ela, a quem Marcos desdenhosamente convidara a não os acompanhar, bem entendido, os seguira) encontraram a barca no local indicado, oculta por árvores abundantemente folhudas, e voltaram sem incidentes a Lugano. Assia, porém, nem por isso ficou com mais confiança em Buonamico, pois pensava que, para correr aquele risco, era preciso estar ele bem seguro de não perder a partida.

Assia guardou para si essas reflexões, assim como as do dia seguinte, quando soube, por Anita, que, na sua ausência, Buonamico, muito comovido, lhe entregara, confidencialmente, uma carta para a sua pobre mãe. Como a casa desta estava vigiada, tivera a preocupação, para não expor os mensageiros, de meter a carta noutro sobrescrito fechado, dirigido a um seu amigo de Milão, que se encarregaria de a fazer ir ao seu destino.

Assia calou-se. Discutir não serviria de nada: os dois ingénuos tinham aceitado o encargo. Para Anita, era um caso do coração; para Marcos, de

honra. Honra e coração não preocupavam muito Assia, quando aqueles a quem amava estavam em causa. Não se atrapalhava com escrúpulos inúteis. Na noite anterior à sua partida de Lugano, enquanto Marcos dormia, Assia levantou-se, foi ao casaco do marido, tirou da algibeira a carteira onde ele metera a carta, pegou nesta e, com a consciência tranquila, pô-la sob o travesseiro ao introduzir o seu corpo de gata nos lençóis, beliscando Marcos por brincadeira. Marcos, acordado com o beliscão, protestou, sem compreender por que a louca ria, ria...

No dia seguinte, Assia examinou o sobrescrito roubado com atenção. Descolou-o com todo o cuidado, leu e releu o seu conteúdo, de rosto franzido, olhar mau e a soprar pelo nariz. Ficou imóvel ante aquela carta, estudou-a, recitou-a da primeira à última palavra, depois rasgou-a em bocadinhos, cuspiu-lhe em cima como teria feito no focinho porco de quem a escrevera, e queimou-os. Feita justiça, mas não satisfeita, Assia passou a língua pelos lábios e escreveu outra, meditada, que meteu no sobrescrito intacto que voltou a colar. Tudo voltou para a algibeira de Marcos, na qual conseguiu, antes da partida, fazer entrar a missiva.

OS primeiros dias de passeios pelas margens ridentes do lago de opala onde florescem as Borremeus foram, tal como elas, ilhas de fadas. Os arrulhos das pombas surgiam da sombra cálida dos jardins como o aroma dos laranjais e conjugavam-se com os risos daqueles estudantes em férias e o cromatismo dos seus remos preguiçosos. Estavam todos três sem preocupações, sem peso, com o corpo feliz, a alma alegre, semelhantes a essas plumas que flutuam à superfície dos prados.

Anita não era a menos jovem dos três. Trepava alegremente, a despeito do seu coração. Desceu a pé do Mottarone para Baveno, pelos escorregadios e duros atalhos pedregosos. À noite, tinha os pés magoados e, no dia seguinte, os artelhos inchados. Não teve coragem de o confessar. Em Milão, porém, à chegada, teve de se render. Quando se quis levantar, começou a gritar, tinha os rins doloridos, e, por vinte e quatro horas, foi forçada a abdicar e a passar o tempo na cama.

Os dois outros pássaros não perderam pitada. Anita foi a primeira a expulsá-los do quarto: «Vão debicar para as ruas e para os museus!...». Só tinham por junto quinze dias para a volta à Itália. Era preciso não perder nenhum. Tanto pior para os estropiados!... Anita, a rir, fazia das tripas coração. Envolveu-se nos cobertores, evitou mexer-se para

não despertar as dores, com a janela aberta, os ouvidos cheios pelo ruído alegre, perdia o olhar em torno dos balaústres brancos, dos florões, das flechas da floresta de mármore do *Duomo,* a irromper por cima dos tectos, na fina bruma soalheira que nimbava o voo das pombas brancas.

As horas passavam sem que Anita as contasse; mas não se sentia abandonada. O casal só voltou para o almoço. Aprovou o seu egoísmo e leu o «Baedeker» de Milão, como um *ersatz,* para substituir o *giro* que poderia ter feito com eles. Adormeceu a lê-lo... Um ruído de passos no corredor e depois soaram à porta pancadas imperiosas... Anita teve um sobressalto... Deviam ser quatro ou cinco horas da tarde. Disse:

— Entre!

Entraram uma, duas, três personagens, de faces largas e mandíbulas barbeadas, que faziam rolar olhos terríveis e idiotas. Ante a sua atitude de Iagos de ópera-bufa, Anita reconheceu polícias, que rodeavam Marcos e Anita. Por trás da porta, que fora fechada, ouviam-se os passos militares dum quarto cão de guarda. Marcos estava pálido, com o rosto contraído e protestava, com uma voz estrangulada, que se esforçava por não gritar. Assia, muito à vontade, trocara com Anita, por cima dos ombros dos guardas, um breve olhar malicioso. Sem outras explicações, dois dos três homens revistaram as malas e as roupas. O terceiro instalado, sem cerimónia, à cabeceira de Anita, escrevia a parte policial.

Num momento, o quarto de Anita, assim como o quarto contíguo do jovem casal, ficaram juncados de peças de vestuário. As grandes patas dos polícias amarrotavam as camisas de Assia. Marcos, a bater os pés, a custo reprimia a sua raiva. Assia, sentada de pernas cruzadas, acendera um cigarro e mirava com olhar trocista os investigadores. Aconselhara o

comissário a tomar nota da marca das suas calças. A fleuma de Anita que os olhava de alto e o ar trocista da impudente Assia irritava-os. Pretenderam revistar também o leito da doente; Marcos pôs-se à frente, jurando que não o consentiria. Anita afastou-o com a mão e disse:

— Vamos, senhores, façam-me a cama!

Encostada à nora, com as pernas hirtas, Anita dirigiu-se tranquilamente para a mesa onde o comissário estava a escrever e fez o gesto de pegar no telefone. O comissário opôs-se.

— Muito bem — fez Anita, como se falasse com o porteiro do hotel. — Então, telefone para o Banco do Adige e do Piave e diga que Madame Rivière desejaria falar com o director Leão Zara!

O outro, surpreendido, perguntou:

— O *signore commendatore*? Para quê?

— Gostaria — retorquiu Anita — que ele assistisse à busca.

— Conhece-o?

— Pergunte-lho!

Os polícias, desorientados, olharam uns para os outros. Dois, que já tinham lançado as mãos ao colchão, ficaram indecisos e interrogavam com os olhos o seu chefe. O comissário decidiu-se e telefonou. A cara enfiada, que mostrou ao ouvir a voz de oiro (é a designação apropriada) do *commendatore* em pessoa, demonstrava a importância que atribuía ao sujeito.

Todos sabiam que Zara era um dos pilares do regime. Se o génio, ou o punho, faz os *duci*, é o dinheiro que os mantém; sem o seu apoio iam por água abaixo! O sorriso de obsequiosidade devota, que inundava a face do polícia, mudou para uma expressão consternada quando, ao enunciar a mensagem, a voz repetiu o nome de Madame Rivière, ergueu-se numa exclamação e soou depois indignada.

Houve um diálogo veemente, no qual o comis-

sário, confuso, explicava o que se passara, e o outro, invisível, o apostrofava. O comissário discutia, desculpava-se, batia em retirada. As duas mulheres e Marcos estavam calados, a procurar seguir a conversa, apreender a voz imperiosa que surgia do aparelho e as confissões desastradas do comissário, que dava a entender ter a polícia caído na armadilha que ela própria organizara, e, para cobrir o seu primeiro disparate, caíra noutro, pois não encontrara nada que legitimasse a prisão.

A reprimenda não abrandava. O comissário, esmagado, só replicava com protestos de dedicação. Anita pegou no aparelho (que ele se apressou a passar-lhe) e apresentou ao banqueiro as suas desculpas por aquele ridículo incidente. Agradeceu-lhe e aceitou o seu convite para ir a sua casa, em Roma, quando lá passasse em dia próximo, e procurou, generosamente, desculpar a grosseria dos polícias, que, ansiosos, a ouviam dizer estar o incidente sanado.

O comissário apressou-se a aquiescer e, desligado o telefone, confundiu-se em desculpas palavrosas. Ofereceu-se para, com os seus homens, encher de novo as malas que tinham vistoriado. Assia considerou que bastava já terem limpado uma vez as patas na sua roupa branca e dispensou-os disso. Passado o alarme e já tranquilizado acerca das consequências do passo que dera, o comissário recobrara a sua atitude de *galantuomo* e fez um floreado cumprimento à jovem. Felicitava-se pela vantagem que o mal-entendido lhe proporcionara, pois permitiu-lhe passar a tarde em tão agradável companhia.

— Também — replicou-lhe Assia — me felicito com isso, *signore cavaliere,* pois deu-me assunto para um artigo formidável no meu jornal.

Esperara pelo último momento para lhe dizer que era correspondente dum jornal americano. O comissário quase sufocava com o abalo. Anita acalmou-o

com um gesto e disse estar o caso arrumado. Marcos pôs termo aos protestos de dedicação, que recomeçavam, e apontou aos invasores a porta, com um gesto seco, sem uma palavra. Depois, bateu-lhes com ela nas costas, enquanto Assia ria com um riso estridente que exagerava.

Anita fê-la calar, censurou-a pela falta de prudência e pediu explicações do que se passara. Marcos contou o sucedido. Assia deixava-a falar. Observava, maliciosamente, as caras que fazia e ria, ao ouvir o relato furioso, confuso, pois o marido não conseguia compreender o que se passara, visto não conhecer a chave do enigma. Finalmente, Assia desvendou-o. Marcos fora entregar, na direcção indicada, a carta de Buonamico. Bem entendido, como ela esperava, os portadores da carta foram apanhados na ratoeira pelos agentes postados à porta. Quando a carta, porém, foi aberta na sua presença, o comissário lera nela, com os olhos esbugalhados: «Se querem apanhar o peixe, mudem de isca! O Buonamico foi descoberto!»

Marcos ficou com expressão atrapalhada:

— Que é isso? Como pode ser?! Pois foi ele quem me entregou a carta!...

Anita compreendera e disse a Assia:

— Marota! Que havia na primeira carta?

Assia recitou-a de cor. A carta expunha, como a um cúmplice, um plano fantástico de conspiração contra o regime. Era pedido ao suposto conspirador que desse a conhecer aos camaradas (aqui vários nomes de antifascistas notórios imigrados) informações precisas sobre a defesa antiaérea, os aeroportos, o serviço de vigilância, os quartéis da milícia, etc. Buonamico não assinara.

Marcos calara-se, abatido. Assia triunfava e dizia descaradamente:

— Quem tinha razão? Cretinozinho! Agora já sabes quem é o teu bom amigo?

— Há muito tempo que o sabia. Duvidava dele! — retorquiu Marcos com um encolher de ombros.

— Manhoso. Então fizeste de propósito?

— Tinha dúvidas e não provas. Admitia, contudo, que podia ser-se traidor e ter uma mãe, para quem somos sempre crianças fracas e sem maldade. Desprezava-o e lamentava-o... mas não compreendo...

— Que falta ainda compreender?

— Por que me escolheu, precisamente a mim, para me entregar, a mim, que o defendi dos outros (e ele bem o sabia!), a mim, que lhe evitei ser executado em Paris?

— Estava despeitado com os seus malogros. Precisava, a todo o custo, de realizar uma proeza. Ocultavas-lhe as tuas suspeitas?

— Não — respondeu Marcos —, desdenhava disso.

— Sim, nem lhe davas sequer a honra de o temer; e surpreendes-te por ele se ter vingado!

— Tu, minha filha — disse Anita —, és muito capaz de descobrir os erros dos outros. Então, por que fazes o mesmo? Não teria sido mais prudente evitar esta armadilha a fazer cair nela os caçadores para te rires à sua custa?

— Pequei — concordou Assia. — Peco e pecarei. Nunca posso resistir ao pecado... *Et ne nos inducas!*... É tão doce a vingança!

— Ele vingou-se; tu vingaste-te. Agora, de quem será a vez?

ANITA não dizia que, ao falar ao banqueiro, pelo telefone, da sua intenção de ir agradecer-lhe a Roma, a voz de Zara tomara uma entonação pouco à vontade e não corroborara a proposta. O banqueiro voltara a telefonar para o hotel onde estava Anita; mas esta saíra com os filhos e, quando regressou, o porteiro esqueceu-se de a informar e só se lembrou disso no dia seguinte, no momento em que os três viajantes iam tomar o comboio para Bolonha. Já era muito tarde para comunicar com Roma.

Assim, Anita nunca soube o que Zara queria dizer-lhe. Zara, depois do seu encontro na Suíça, colhera informações, e após ter vacilado entre dois caminhos, o da amizade e o da prudência, decidiu-se, definitivamente, pelo segundo e manteve-se silencioso. Era fatalista, na medida em que o fatalismo favorece a tranquilidade: visto a sorte não o ter deixado voltar a falar com Anita, na véspera, pelo telefone, ficaria por ali! Tinha cumprido o seu dever...

Anita achava prudente não continuar a viagem. Tais começos inquietavam-na. Aquilo, porém, encantava Assia, ufana por ter rasgado a teia da aranha estendida à porta. O seu temperamento amante de aventuras tinha o que queria. Interessava-se mais

pela Itália do presente do que pelos museus. Marcos apressara-se a afastar a nuvem do seu céu italiano. O acontecimento, porém, tivera nele repercussões que não dependia de si fazer sustar. Aquele breve contacto pessoal com o aparelho de defesa e provocação policiesca que protege os flancos da tirania tornara esta para ele mais intoleràvelmente real do que os relatos lidos nos jornais.

Marcos já não tinha a mesma alegria ao saborear o ar, o sol, os belos rostos, as mãos doiradas, a sã e altiva *giovinezza*, as flores, os frutos, as igrejas pinturiladas. Sentia um cheiro enjoativo de laguna ante as alambicadas olhadelas dos santinhos e das semivirgens de Gaudenzio e de Luini e os sorrisos sedutores dos andróginos de Vinci. Não percebia a serena amargura do espírito humilhado que, no tempo do *Moro* como no do *Duce*, se vinga do tirano por meio da ironia e do sonho. Julgou-os artifícios de escravos prostituídos. Via interporem-se ao Sol as asas das aves de rapina.

Essas asas cobriam as planícies da Lombardia. As almas medrosas escondiam-se, com o pescoço debaixo da asa, ou cacarejavam, fingindo ignorar a sua solidão e a ameaça iminente. Alguns amigos de Anita e do conde Chiarenza, que visitaram, em Milão e em Bolonha, manifestavam um penoso mal-estar ao recebê-los: lançavam olhares inquietos à sua volta; parecia recearem as palavras que poderiam sair das bocas dos visitantes; apressavam-se a falar muito alto, com uma animação desproporcionada, da chuva e do bom tempo. Alguns, mais ousados, atreviam-se a fazer entrar os seus auditores, depois de terem atravessado duas ou três salas, até ao fundo dos seus aposentos, e lá, com todas as portas fechadas, depois de terem mais uma vez verificado que ninguém estava à escuta no quarto ao lado, mostravam um rosto angustiado. Tinham o ar de pedir desculpa e diziam:

— Não se pode falar...

Sentiam-se esmagados pela vergonha. Não tinham confiança nem nos próprios filhos, alistados desde os dez anos e ensinados para descobrir e denunciar a caça. O pior era (como confessavam) o medo abjecto que pesava sobre uma parte da Itália e a constrangia a não dizer o que pensava. A mentira quotidiana das palavras, dos gestos, dos olhares, infiltrava-se nas almas como um hálito degradante. Os mais puros sentiam isso como uma adagada e nos minutos de intimidade mostravam-se frementes e devorados pela dor. Um furor inexpiável jazia no fundo de todos, mas tinham os membros quebrados. Por caridade, enchiam-lhes as bocas de terra:

— Sufoca e morre!...

Não faltavam outros italianos que se adaptassem alegremente à nova ordem, paga ao preço da liberdade. Eram dois temperamentos diferentes. Até entre as populações individualistas do Sul, duas espécies de individualismo, irredutíveis, estão perpètuamente em oposição: a da liberdade a todo o custo e a da ordem cesariana, desde que isso satisfaça o orgulho individual. É destes o maior número. São aqueles que não têm bastantes razões para se orgulharem de si próprios, quando postos a nu. Desprovidos de pensamento pessoal e de meios de acção, sentem-se aliviados se um senhor, ou um Estado, pensa por eles, actua por eles, muito satisfeitos por os associar à sua força e às suas promessas de glória.

Cada parcela leveda e torna-se massa; iludem-se com isso como a rã ante a imagem do toiro; e quando o toiro muge, os seus mugidos incham de vaidade os *brekekerex*. Aquilo que não são, que não podem ser, que sonham ser, orgulham-se de o vir a ser por procuração passada em branco ao ditador ou ao Estado. Beijam as botas do césar, verdadeiro ou de papelão, que mantém a ficção do feixe

em que cada uma das fraquezas reunidas crê formar uma força... «O Estado sou eu...» Pobre gente! Entretanto, o Estado «corporativo» engole as corporações, as associações, os cidadãos, por grosso e a retalho. O feixe empunhado. *Suum cuique*... Para uns, apanhar; para outros, ser apanhado!... «Apanharam-nos!...»

Sentiam-se orgulhosos com isso. Orgulhosos com esse punho. Apesar de tudo, por toda a parte, a esperança brotava (fosse no que fosse: construir, destruir...) dessa raça bela e fecunda, cuja inesgotável vitalidade a ergue acima dos desesperos do pensamento, desses campos de febre e de nada. Esses jovens, com o corpo castrado da alma livre, sentiam-se muito bem com isso, transbordavam de alegria animal e o seu orgulho sobreexcitado chamejava. O vento do *duce,* como o *scirocco,* alimentava as chamas e os fumos. Sob o penacho do vulcão, enquanto não vinha a onda de lava, a *giovinezza* vindimava! Talvez seja ela a vindimada. Quem a beberá?...

A alegria de Marcos ficava estragada. O seu olhar não podia deter-se nesse cenário de jovem império por sugestão, na alegria arregimentada dessa juventude que não sabia já o preço da liberdade, nessa fachada de construções sem fundamentos, nessas obras de parada que se mostram aos estrangeiros. Suspeitava o vácuo de alma que havia por baixo. Sentia como suas as febres e a miséria desse povo. Abraçava a querida Itália, com um ardor de amante jovem, mas sofria de a ver sujeita, humilhada e, pior ainda, por ter caído a um ponto tal que já nem sentia a sua humilhação!

Assia disse-lhe, no leito, acariciando-lhe amorosamente a fronte, os olhos, a boca:

— A culpa não é tua, querido! Não te aborreças por isso! Dir-se-ia que lhe queres tanto quase como a mim...

Pensava: «quando te enganei». Não o disse; mas Marcos mostrou, por um sobressalto, ter compreendido. Assia enovelou-se e disse em voz baixa:

— Perdão, perdão para ela e para mim...

Marcos apertou-a nos braços:

— Gosto mais de ti do que antes; mas estou triste por causa dela, de ti, de mim, de tudo que tem acontecido.

— Eu não — retorquiu Assia. — Se gostas mais de mim (e gosto mais de ti) do que antes, congratulo-me pelo que aconteceu.

— Então, ousas! — proferiu Marcos.

— Ouso e ousa! — replicou Assia mordendo-lhe o pescoço. — Não somos cisnes que se lamentem de ter manchado a ponta das asas. Somos patos selvagens, que só voam mais alto por terem mergulhado no lodo. Gosta da tua patinha! Gosta também da outra (autorizo-to), dessa Itália que, com o seu comprido pescoço de cisne metido no pântano, ergue para o céu o seu negro uropígio como uma tiara triunfal. Quando tiver devorado toda a lama, o longo colo erguer-se-á do fundo e a grande ave pôr-se-á a prumo e vogará a direito no lago, o *mare nostro*... Há um tempo para tudo: para o banho de lama e para o banho de ar livre. A Itália sucederá como a mim. Estou limpa da lama. Tomei o meu banho e tenho-te. Diz se não cheiro bem ao ar marinho!

— És a sereia enfeitiçadora — retorquiu Marcos abraçado e abraçando-a —, até a tua lama cheira a algas.

Com a sua firmeza, Assia dava-lhe alegria e confiança na vida. Não, não era possível que aquela Itália, aquela terra dos deuses e dos heróis, fosse tal como a apresentava uma imprensa às ordens dos *condottieri*, aquela decoração teatral, pintada para o cenário do *Duce*. Sob o silêncio das bocas amordaçadas, sabemos que há almas das mais livres como

a do nosso conde Chiarezza. Conhecemos muitas entre os vivos que evitaremos de nomear para só falar dos imortais sacrificados, dos Amêndolas, dos Matteottis e dos Lauro de Bosis, irmãos de Ícaro.

Os negros tiranos e os padres simoníacos que Dante — tão feroz como eles, mas que, no ódio como no amor, lançava as cintilações do seu génio de diamante — torturou no seu «Inferno», foram amassados com o mesmo barro que deu as rosas de Assis e foi regado pelo sangue de S. Francisco. A plebe abjecta que dilacerava, como nos divertimentos do circo, os nobres vítimas dos Bourbons era irmã dos mártires do *Risorgimento* e do povo mais humano do mundo.

Essa terra sagrada é sempre, para o nosso amor, a do apóstolo do direito dos povos: Mazzini. Vive ainda o nosso Mazzini nos corações desses homens oprimidos que o opressor nunca vergará. Bastou a Marcos encontrar um único, um jovem amigo do conde Bruno, o seu *alter ego* na obra mutilada do *Mezzogiorno,* que lhe lembrou, com um sorriso triste e altivo, as palavras heróicas de Euforião: «O peito de aço do homem é uma fortaleza inexpugnável...» (*) Firmou-se no seu íntimo a certeza de que todos os assaltos da tirania se quebrariam ao chocar com ela. «*Credo*... Creio!... Creio que a Itália ressuscitará. Creio na verdade e na vida.»

— Somos sãos — dizia Assia. — O mundo é são. O que não é são morre; o são viverá, o são vencerá. Ajudá-lo-emos a isso, meu amigo! Estamos ambos alistados na grande empresa dos varredores. Amanhã, limpeza geral! Cada um varrerá em frente da sua porta. Se cheirar mal diante das suas portas, se forem demasiado lentos estes *lazzaroni* em

---

(*) Goethe: «Segundo Fausto».

realizar a sua tarefa, varreremos em frente das portas deles! Se não se libertarem, libertá-los-emos... Entretanto, grande preguiçoso, desenferruja os teus membros! Corpo a corpo (a alegria é força) agarremos a alegria!

— Agarro a «minha» alegria — disse Marcos ao agarrá-la.

A alegria ficou presa. Durante todo o resto da viagem, não lhes saiu mais do corpo. Entre as duas feiticeiras, Assia, a gatinha, e a Primavera de Itália, não havia lugar para as preocupações. De que preocupação se afligir desde o momento em que sabemos o que faremos — está decidido! — e que amanhã actuaremos? Só temos de esperar até amanhã. Amanhã virá. Com a consciência tranquila, aliviados, saboreemos as últimas horas de hoje.

Saboreavam-nas a dois carrilhos. Nunca pardais nas vindimas mostraram mais apetite. Havia tanto tempo que estavam privados daqueles frutos doirados! Marcos nunca os tinha provado. Era a primeira vez que saía do Norte da França. Dizia com as lágrimas nos olhos:

— Então, sempre é verdade? A beleza existe, realmente, na terra!

— Isso não é nada lisonjeiro para nós! — dizia Assia a rir.

Marcos, confundido, desculpava-se:

— Não, não digo: tu; não digo: vocês; vocês são eu, não os vejo; Digo: tudo isto, tudo o que está à nossa volta... (mostrava o céu e a terra).

— Não te desculpes, vá, meu lobo! — dizia Assia. — Sei muito bem que quando for dez vezes mais feia do que sou agora gostarás de mim como

da mais bela. Não podes impedir-to! Porque tens-me e tenho-te. Entrega-te, portanto, a isto à tua vontade! A tua Assia não é ciumenta. Até, se te apetece, beija a boca destas raparigas de olhos em brasa, que levam cestos à cabeça e caminham na estrada como Vitórias, cuja nave ergue à proa o escudo dos seus seios duros! Transmitir-me-ás o gosto a limão... — acrescentou, a rir — ou então a cebola... Não tem importância! Não tenho ciúmes dum fruto. A tua boca é minha. Satisfaz a tua boca! Tudo é para mim.

A sua alegria aumentava ao avançarem na Itália. Teve o seu plenilúnio após a travessia dos Apeninos. As duas mulheres espiavam, antecipadamente, a comoção de Marcos, ao dar os primeiros passos em Florença. Ultrapassou a sua expectativa. Marcos perdeu o fôlego quando se viu encerrado nas ruas estreitas de grandes lajes, entre os muros implacáveis dos altos palácios e, erguida a trespassar o céu, a espada nua da torre da Senhoria. Primeiro, foi o terror. Não o confessou. A punhalada. As pernas vergaram-lhe e encostou-se à parede. A seguir, como sai da ferida o jacto de sangue, a admiração brotou aos gritos.

As suas companheiras riam: só viam a beleza. Do *Quattrocento* das chacinas, da morte emboscada em cada encruzilhada, os seus olhos só palpavam o vestido de arte e a cota de armas, fina e altiva, a *Armeria,* da qual os séculos, esses guardas de museu, tinham limpado as manchas de sangue. Marcos, porém, cão de bom faro, logo de entrada farejara a ferrugem. O sangue é sangue. Não tem idade. Era o de Matteotti?... Ao canto da praça, Anita mostrou-lhe onde fora queimado o bode de Deus, Savonarola... e mais adiante, os ganchos de açougue da fachada do palácio negro, onde foram penduradas as cabeças e os quartos dos conjurados...

As duas mulheres riam como riem, nos frescos

e nas pinturas dos museus, as raparigas loiras, magras, de grandes pés, ondulantes como juncos a cabeça demasiado pesada para o caule... Marcos riu. Também riu. A vida é bela. Perdoamos-lhe o ser cruel, quando o céu depõe na sua fronte, como na cumeada dos velhos palácios, a sua coroa de violetas. Sob essa fronte, florescem olhos ardentes como bocas e, nessas bocas, a música do melodioso falar toscano. Para completar a embriaguez do céu, da arte, dos belos corpos, um bom repasto regado com um fresco e cálido *fiascho* de Chianti...

Marcos não era de modo nenhum abstinente. Nem as suas companheiras, filhas de Noé. Rendiam graças a tudo quanto é bom... Se à noite, porém, quando regressavam, fatigados e felizes, dos seus passeios, as cabeças lhes andavam à roda, eram os seus olhos que haviam bebido, muito mais do que as suas gargantas, a irradiação do dia. Nos seus quartos, que comunicavam e cujas portas deixavam abertas, continuavam a palrar duma cama para a outra, a galinha criadeira e os seus patinhos, até o sono os vencer. Sucedia, porém, que, a meio da noite, Anita se levantava (depressa se satisfazia de sono) e ia, sem ruído, de pés nus, beber à janela o maravilhoso céu estrelado. Ficava lá horas, num êxtase entorpecido, até a aurora e o frio a levarem, transida, para a cama.

Uma vez, o seu Marcos foi juntar-se-lhe. Era na véspera da partida. Deviam, no dia seguinte à tarde, seguir para Roma. Cinco dias na cidade eterna; depois o regresso... Marcos aproximou-se sem ser pressentido. Pôs a mão na de sua mãe. Anita estremeceu e, precipitadamente, desculpou-se como uma criança apanhada a fazer uma maldade, e disse-lhe:

— Não ralhes comigo! Em tais noites, é um pecado dormir quando se tem já pouco tempo para viver!...

Marcos não protestou, como é costume fazer por delicadeza. Não disse: «não tens pouco, mas muito...», disse:

— É verdade.

(No dia seguinte à noite, a mãe lembrou-se disso...).

Marcos fora buscar um agasalho e cobriu os ombros de sua mãe. Então, Anita sentiu a frescura da noite e estremeceu. O filho pegou-lhe na mão e ficaram assim a contemplar a noite e os seus pensamentos. Da janela, no último andar, viam os tectos de Florença e, a emergir deles, os campanários e o *Duomo* robusto, apoiado nas patas como um insecto monstruoso prestes a saltar. De baixo, subia o murmúrio das fontes, e, como os galos, os relógios que, de quarto em quarto de hora, davam o alerta, a lembrar, infatigàvelmente, a fuga do tempo. Raros passos faziam ressoar as lajes. Do quarto vizinho (Anita e Marcos sorriam) chegava-lhes o ressonar brando de Assia. Anita perguntou ao filho:

— Querido, agora és feliz?

— Querida, obrigado! — respondeu o rapaz.

— Obrigado porquê?

— Por me teres feito viver.

Anita, com o coração inundado de ternura, retorquiu:

— Então, feitas bem as contas, não lamentas a aventura?

— A aventura de ser um homem? Não. Feitas bem as contas, misérias, vergonhas e crueldades, com a morte ao cabo, vale bem a pena ter vivido!... *Dimicandum*... É belo, é bom...

— Com a paz no coração.

— Paz na guerra, e com bons companheiros de combate como estes dois...

Indicou a que dormia e passou o braço em volta da outra. Anita disse:

— Aquele que cair, os outros dois levá-lo-ão ao fim.

(Era em si que pensava).

Marcos concordou:

— Combinado! Aquele que vencer vencerá pelos três.

Anita, orgulhosamente, disse:

— Por todos.

Marcos riu com gosto. Abraçou, com ardor, Anita que lhe retribuiu o seu abraço...

Um ruído de pés nus e uma voz trocista que murmurou:

— Flagrante delito!

Duas garras beliscaram-lhe o braço. Era a gata; Assia disse:

— Que vergonha! A mamã Anita perverte o meu marido. Traidor! Fazes o favor de voltar para a minha cama!

Ambos a receberam, porém, entre si, envolvidos todos pelo mesmo abafo. Assia beliscava um, beliscava o outro e ambos lhe faziam cócegas... Imobilizaram-se, porém, os três, ante a aurora cujos pés rápidos parecia correrem pelos tectos. A sombra fugia para os recantos. Sùbitamente, chamejou num raio de oiro a adaga duma cruz no alto dum campanário. O dia entrava de assalto.

SAÍRAM do hotel bastante tarde. Tinham prometido a si próprios não perder nada daquele último dia. Adormeceram, porém, ao voltar aos leitos e dormiram até tarde. Marcos e Assia acordaram nos braços um do outro e tiveram um sobressalto ao ouvir bater as onze horas. «Feitas bem as contas», como dizia a mãe, não acharam que o tempo tivesse sido perdido.

Anita não esperara por eles. Deixara um bilhete em cima da mesa a marcar-lhes o encontro, antes do meio-dia, no interior do *Duomo*. Procuraram-na lá e acabaram por encontrá-la, no local mais obscuro, à sombra do altar-mor, ao pé da trágica «Deposição da Cruz». De Miguel Ângelo era essa a obra que, entre todas, exercia no coração de Anita uma invencível atracção. Fora fazer-lhe as suas despedidas. Levaram-na de lá. Assia gostava pouco de Miguel Ângelo (gostava muito pouco da arte) e fazia uma careta desdenhosa para manifestar a sua aversão por essas larvas de pedra, envoltas na meia luz como numa teia de aranha. A aranha estava lá em cima, escondida, no fundo do poço da cúpula, com os seus enormes tentáculos.

— Apre! Saiamos! — fez Assia, arrastando-os de repelão.

Não se sentia à vontade, sob aquele deus crispado que espiava do fundo do buraco.

— O diabo — observou Marcos — não gosta da água benta.

— Gosto da água livre — retorquiu Assia —, a água da terra, ao sol. Quem quiser que beba da água sagrada de lavar as patas!

— Ainda gostas mais da água das vinhas!

— É o sangue de Deus — disse a diabinha, com ar fanfarrão. — Vamo-nos embebedar!

Encaminharam-se alegremente para o almoço. Tinham escolhido, cerca do Arno, uma *trattoria*. Pelo caminho, Assia troçou do gosto de Anita pelas sombras e a devoção. Dizia que, se o tivesse sabido mais cedo, não teria casado com ela. Anita respondia que a sombra é necessária para melhor saborear a luz.

— E a dor para saborear a alegria... Conheço a música — replicava Assia. — *Durch Leiden Freunde*... Obrigada! Prefiro a alegria sem ser misturada com água, como o vinho puro. A minha cabeça suporta-o bem. Não quero lágrimas no meu copo. O meu Marcos muito puro...

— O teu Marcos, o teu Marcos! Açambarcadora! Não o repartes comigo? Foi da minha cepa que ele saiu!

— Que papel desempenho em tudo isso? — protestou Marcos. — É ridículo! Calem o bico, senhoras comadres! Não me importo de ser comido e bebido, mas que seja ao menos pela grande goela da humanidade.

— A humanidade sou eu — disse a glutona, mas acrescentou: — Rimos, meu lobo, mas tens razão. É por isso que gostamos de ti. Não sou uma açambarcadora. Quero que o meu Marcos seja para todos. Que te comam, se têm fome! E que sejamos todos três comidos e bebidos juntos!

Na Ponte Velha, as duas mulheres ficaram para trás a comprar recordações nas lojas: mosaicos, capas de livros. Assia queria figas de coral, para afugentar

o mau olhado. Embora se risse disso, não tinha muita certeza de não acreditar nelas, no fundo da sua alma compósita. De religião não havia vestígios; mas superstições tantas quantas quisessem! A vida é um jogo e, para jogar bem, é preciso crer no que se joga. Enquanto andava a meter o nariz nos mostradores, não via à sua volta o mau-olhado que rondava.

Marcos, que não tinha como ela os olhos ocupados com o que faziam as mãos, notou, à entrada da ponte, camisas negras, rapazes à espreita, alguns dos quais faziam a ronda e ao passarem por trás dele o observavam. Surpreendeu, entre dois deles, olhares que o indicavam. Não disse nada disso às suas companheiras. Noutra altura, Assia teria visto antes dele e, possìvelmente, reconhecido algum, pois não era a primeira vez que se cruzava com aquelas figuras. Os feitiços de coral, como deuses de outro clã, vendavam-lhe os olhos para a levarem à armadilha.

Feitas as compras, as duas mulheres voltaram com Marcos para a entrada da ponte. Cruzaram-se com o grupo que estava à espreita e que mirou Marcos de alto a baixo. Assia, a chalrar e a gracejar, interrompeu-se de súbito e voltou-se, pois julgara ver (ilusão!) passar num táxi o respeitável *oldman* de Lugano, o confidente de Buonamico. Seguiu com o olhar o táxi, que parou alguns passos adiante e espreitou. Ninguém desceu. Enquanto olhava para trás, a *jettatura* enganava-a mais uma vez e a má sorte vinha pela frente...

Entravam no cais de Lungarno Acciajoli, quando contornou um canto da rua um homem de idade, de barba grisalha, um tanto curvado, com traços nervosos e emaciados de intelectual e olhos de míope por trás das lunetas. Ao andar, lançava à sua volta olhares perturbados e inquietos. Um rapazinho de catorze ou quinze anos ia à sua frente, e os seus

olhos vivos descobriram as negras aves de presa emboscadas, um momento antes de elas se precipitarem. Atirou-se, com um grito, para o pai e procurou arrastá-lo para a porta duma casa. O bando inteiro, porém, com um único rugido, caiu em cima deles.

Num instante, o rapaz foi atirado a dez passos de distância e rolou no solo. O velho, cercado, esbofeteado, com as lunetas partidas no nariz, recebeu um pontapé no ventre, dobrou-se em dois, titubeou, cambaleou, agarrou-se, gritou. Um dos assaltantes, a vociferar, levantou a moca. O rapaz, que se erguera, precipitou-se para a frente do pai, de modo a evitar a pancada, e recebeu a mocada no braço levantado que estalou como uma cana rachada e caiu. Foi então espezinhado ferozmente e arrastado pelo pescoço para a margem, como um cão que vão atirar à água.

Todo esse turbilhão de filme sonoro decorrera aceleradamente, antes de Assia ter tempo de prestar atenção a Marcos. Quando pensou nele, Marcos já se tinha precipitado. O seu grupo de três estava isolado no meio da rua. Todos os transeuntes, medrosos, tinham fugido ou espreitavam de longe, escondidos. Um oficial superior, de idade, condecorado, que passava num automóvel junto dos assaltantes e do rapaz que gritava por socorro, voltou a cara para o lado e o motorista acelerou. Marcos gritou:

— Cobardes!

O seu coração dera um salto, antes de ele próprio correr. Encontrou-se, sem saber o que fazia, no meio do bando negro, no qual penetrou como um bólide. Arrancou das garras dos outros o rapaz, que já tinha metade do corpo pendente para fora do parapeito. Isso, porém, não demorou muito. Quase imediatamente, deixou no passeio a presa salva e caiu, ao mesmo tempo que levava as duas mãos

ao lado esquerdo. Um fascista alto, que o dominava de quase meia cabeça (o mesmo que na ponte o tinha mirado), de queixada feroz, cravara-lhe com as duas mãos, de baixo para cima, a sua faca.

As duas mulheres viram vibrar a facada. Anita vacilou, como se a tivesse recebido também. Assia saltou como uma pantera, para defender a sua cria, e as suas dez unhas cravaram-se na face odiosa do carniceiro, meteram-se-lhe nos olhos. Os espectadores esperavam que a matassem... Produziu-se, então, uma mutação de teatro. Um homem que vigiava a cena a distância e que parecia dirigi-la, correu por seu turno. Bastaram algumas palavras suas e, num instante, o bando dispersou-se. Fez-se o vácuo à volta de Marcos e de Assia. Estavam sòzinhos sob o sol... com uma multidão que se tinha aglomerado a trinta passos a observá-los!...

Marcos estava morto, dum só golpe, com as duas mãos juntas sobre o coração. O sangue corria-lhe entre os dedos. Com a cabeça caída no pavimento, os seus olhos abertos, que não veriam mais, conservavam gravado, sob a cortina de sangue, o céu toscano... Anita, sòzinha, a quinze passos, olhava para ele de olhos espantados, com a respiração suspensa, de braços estendidos. A respiração voltou-lhe com um soluço, a resfolegar. A multidão, atrás dela, ouvia-o. Ninguém, contudo, se moveu para amparar aquela mãe. Anita dirigiu-se para o filho; mas as suas pernas pareciam de pedra. Cada passo custava-lhe um esforço sobre-humano.

Anita chegou junto de Assia, debruçada sobre o bem-amado, no seu sangue; afastou-a e sentou-se nesse sangue. Pegou no filho morto em peso, abraçou-se a ele e deitou-o no seu regaço. Bruscamente, toda a vida e, com a vida, uma onda de dor voltou como o degelo dum rio. Com o rosto erguido para o implacável céu vazio, pranteou, como uma *vociferatrice* corsa. A multidão, muda, resfolegava, por sua

vez, de comoção. Para a maioria, porém, essa comoção era teatro. Assia, aterrada, suspendera os seus soluços, para ouvir o *lamento*. A mãe chamava o filho:

— Volta, volta! Não te vás, meu querido!...

Implorava, exigia das outras mães, das fontes insondáveis da Vida; teria ido buscá-lo lá como Orfeu. Beijou-o, colocou a sua boca no buraco de sangue, na fonte do seu peito. A pungente melopeia brotava da boca sangrenta. Nem uma lágrima manava dos seus olhos...

A polícia entrou, então, em cena. Em poucos minutos, a multidão foi varrida para lá da ponte. A circulação foi suspensa nos quatro cantos. A toda a velocidade, saiu de Santa Maria um táxi, que foi parar junto das duas mulheres e do corpo. Saiu do carro o homem que parecia ser o encenador de tudo. De cabeça descoberta e ar compassado e solene, com as condolências oficiais, dirigiu-se a Anita. Fez um gesto e dois outros homens baixaram-se para pegar no corpo...

Então, o *lamento* parou sùbitamente. Anita fixou o «inimigo» e afastou-o. Sentia ainda ecoar ao longe a sua própria voz; reconheceu os latidos ferozes de Sílvia, a gritar no pavimento de Paris onde jazia a sua filha morta... (*) Apossou-se dela uma calma terrível. Não proferiu uma palavra e levantou-se. O seu olhar procurou Assia. Com o auxílio dela, ergueu o filho, o amante, o amado. Pegou nele pelos ombros; Assia pelas pernas. Sem um olhar para os homens que lhe ofereciam auxílio, afastou-os e levou o corpo para o táxi. Deitou-o lá e Assia subiu. Quando ia subir por sua vez, descobriu por trás do muro dos polícias, a alguma distância, o velho e o rapaz agredidos, por quem o seu filho morrera.

(*) V. «O Verão», 2.º volume de «Alma Encantada».

Olhavam para ela com olhos de cães batidos, sangrentos, enlameados, que pediam perdão. Saudou-os, gravemente, com a cabeça. A sua calma trágica parecia dizer:

— Está bem.

O táxi partiu. No percurso, na escada e no interior do hotel, nem um rosto: a polícia limpara o local. No quarto sob o tecto, onde vira, com o filho, nascer o dia, e que ardia agora sob um sol assassino, Anita lavou o corpo, ligou-o, vestiu-o. Não admitiu o contacto de nenhuma outra mão, naquela carne sagrada. Só Assia... mas Assia não lhe podia prestar nenhum auxílio. Embora habituada à morte, Assia sucumbia sob o peso do que acontecera. Não podia ver o corpo do bem-amado sem cair para cima dele, com soluços e beijos furiosos.

Anita encerrou Assia no quarto ao lado, para acabar a sua fúnebre tarefa. Quanto, terminada ela, abriu a porta, encontrou-a no limiar prostrada. Deitou-a, vestida, em cima da cama. Assia, como insensível, deixava-se levar. Tinha acessos alternados de torpor e de fúria. Em redor dos quartos, o silêncio era completo. Fora organizado tudo para o interpor entre as duas mulheres e o mundo externo. Nenhuma visita. Evitavam severamente que, fosse quem fosse, falasse com elas. As duas vítimas, salvas do assalto, pai e filho, em vão quiseram manifestar-lhes o seu reconhecimento. Elas nunca o souberam.

O que aconteceu foi abafado na imprensa. O médico legista compareceu *pro forma*. Ao fim da tarde, as autoridades italianas foram, também, para apresentar as suas condolências. Anita recebeu-as, de cabeça levantada, calma e severa. Teve a força de nada revelar dos seus sentimentos. Assia teve de se refugiar no outro quarto, para não mostrar o seu arrebatamento. Atirou-se para o leito e mordeu-o. O consulado francês, por seu turno, também se fez representar, embora tardiamente. Registou os

depoimentos e combinou com Anita os passos a dar para o funeral e a sua própria partida. Anita não queria ficar ali nem mais um dia; mas as formalidades arrastaram-se até o dia seguinte à noite.

Anita teve, portanto, de passar a noite na cidade assassina, a cidade de pedra que, em tantos séculos, se embebeu no sangue dos degolados. (Foi desse sangue que a flor da arte brotou... Naquele instante, Anita teria pisado aos pés essa flor!...). Assia quisera velar com ela. Ajoelhada aos pés do morto, que beijava, murmurava uma incoerente melopeia, que ora crescia, ora se quebrava. Acabou por mergulhar na noite do pensamento, sem dar acordo de si, com a face apoiada num pé nu de Marcos. Anita, sentada, de busto inclinado, de olhos secos, fitava o abismo. Por toda a parte, a noite; em cima e em baixo; a noite lá fora; a noite dentro dela. Asas negras sustinham-na suspensa no centro. Ela própria era a Noite.

O dia voltou. Uma nova era... *Post mortem*... Um sol estranho que os «seus» olhos não tinham conhecido. Anita pertencia, desde então, a um outro século... Não era tempo, porém, para fechar os olhos e deitar-se, como ele, junto dele, de mãos cruzadas sobre o peito. Havia deveres a cumprir. Anita foi arranjar-se e vestir outra roupa. Tratou de que Assia, embora contra vontade, tomasse algum alimento. Forçou-a a isso. Assia recusava-se, comia, chorava, misturava as suas lágrimas com o repasto. Por fim, teve uma ânsia e lançou fora tudo que comera.

Muito cedo, levaram o caixão duplo e soldaram o corpo na sua prisão de chumbo. Assia fugiu pelo corredor, desorientada, tapando os ouvidos com as mãos. Anita recusou retirar-se: via encerrar o seu filho. Dizia-lhe com a boca cerrada:

— Não tenhas medo! Meu filhinho, estou aqui...

Depois, ficaram sós, os três. Com as janelas

fechadas, todo o dia. Não se mexeram mais: o filho, a mãe e a esposa. Estavam todos deitados. Anita tinha junto de si, no leito, Assia, que não podia ficar sòzinha. Deitadas ambas de costas, lado a lado, pegava-lhe na mão. Assia, acabrunhada pela dor, ora caía num torpor sob os ruídos da rua, ora se agitava com o zumbir sinistro duma vareja no quarto. Então, a mão de Anita apertava a dela com mais força. De olhos abertos, fixos no tecto, Anita recordava toda a sua vida com Marcos.

O comboio partia, à noite, depois das onze horas. As duas mulheres encontraram, no cais, o cônsul de França, que as tomou sob a sua égide e não as deixou enquanto não as viu embarcar. Tinham um compartimento reservado. A debruçar-se à portinhola para um último adeus, Anita viu ainda, para lá duma barragem da polícia, o rapaz de braço partido que a intervenção de Marcos salvara. Conseguira introduzir-se na estação, mas mantinham-no longe da carruagem. Anita fez-lhe um sinal com a mão e manifestou ao cônsul o desejo de lhe falar.

Contrariadamente, o comissário deixou passar o adolescente, que se precipitou para o estribo, beijando, a chorar, a mão de Anita. Proferia com volubilidade frases que Anita não podia compreender, mas não havia necessidade de palavras. Anita soltou a mão, colocou-a na cabeça do rapaz e disse em voz alta, de forma que todos os presentes a pudessem ouvir, que o recomendava à atenção das autoridades, e pediu ao cônsul que, depois, a informasse do que lhe sucedesse. Queria, na medida do possível, evitar que fosse exercida alguma vingança, após a sua partida. Ninguém tinha interesse em que a cena se prolongasse. A locomotiva apitou. Anita sentou-se envolta no seu véu de luto e o comboio mergulhou na noite.

[redacted]

TERCEIRA PARTE

Via Sacra

SÍLVIA não se sentia lá muito bem, naqueles dias. Não o estava havia muito tempo; mas naquela manhã ficara prostrada. Uma opressão pesava-lhe nos membros. Tinha dificuldade em se levantar. Onde ia a sua vivacidade de outrora, quando, mal entreabertas as pálpebras, o espírito se evadia do sono e, ao mesmo tempo, atirava com os lençóis, as pernas nuas na borda da cama, os pèzinhos nus no tapete, arrebitando os dedos?... Ao levantar-se, naquele dia, sentou-se mole e a arfar, sem forças para vestir um pijama, coberta de suores e a tremer.

Teve de fazer um grande esforço para se lavar e vestir, parando e recomeçando várias vezes. Não era tanto a força física que lhe faltava como a vontade. Cada um desses movimentos que antes se realizavam automàticamente, um a determinar o outro, reclamava dela agora um esforço de vontade. O braço erguido para se pentear caía-lhe inerte ou ficava imóvel no alto da cabeça, se não lhe dissesse, a todo o momento: «Vamos, anda!...»

Era desesperante, porque, imediatamente a cada esforço, vinha aquela falta de fôlego... Via, no espelho, a sua cor amarelada, e, no pente, os cabelos emaranhados (como caíam!...). Embranqueciam já

nas fontes. Teve um sorriso de pena depreciativo. A sua energia voltava para o implacável julgamento daquele farrapo de corpo, daquele mísero trapo velho. Observava-lhe, cruelmente, as malhas lassas. Quando a sua mão palpou o ventre, sentiu uma dor aguda, como se lhe tivessem cravado uma faca.

Deixou-se cair, nua, na borda da banheira, dobrada em duas, com as duas mãos a comprimir a ferida. A dor pareceu abrandar, ir mais para o fundo; mas Sílvia eternizava-se naquela posição, seguindo o rasto doloroso dentro do seu corpo. Levantou-se, por fim, passou a mão na coxa esquerda, um tanto inchada em volta do joelho: a pele muito branca era fina e lisa e toda a perna pesava como uma pedra. Era dali que lhe vinha toda aquela fadiga; mas a fadiga não era nada sem a angústia que a pungia naquele momento. Não a podia explicar.

Não havia nenhuma razão para isso. As coisas iam como deviam ir. Envelhecia. A sua saúde, o seu vigor, a sua vida, desapareciam aos poucos. Bem sabia porquê! Quando sabemos porquê e que, se estamos usados, o fomos por própria vontade, por ter gozado de mais, não nos lamentamos, pois «quem corre por gosto...». Sílvia não regateava ante aquilo que tinha valor, assim como não deixava regatear nos seus negócios. Era de boas pagas!... Então, porquê aquele abatimento?

Não saiu de casa, durante todo o dia. O apartamento estava deserto. Bernardette e seu marido tinham aproveitado as férias da Páscoa, para dar uma volta de alguns dias, no seu carro, até Baiona. Sílvia, entorpecida diante duma gaveta aberta, arrumava-a, deixava cair velhas cartas e esquecia-se a meditar numa das suas linhas. A fronte doía-lhe, entre as sobrancelhas. Essa dor era uma companhia. O comprido dia vazio passou. Sílvia encontrava-se já à boca da noite. Deveria ter dormitado alguns instantes. Teve um sobressalto de inquietação por o

tempo correr tão depressa. Quereria poder retê-lo. Levaram-lhe os jornais da tarde. Abriu-os sem pressa, deitada na cama. Os seus olhos indiferentes percorriam as notícias. Nas «Últimas», cinco linhas breves:

Um francês, em Florença, vítima dum atentado...

Sílvia não leu mais (julgou não ter lido mais) do que a primeira linha. Não se deteve nela. Apagou a luz. Estava tão fatigada que deixou o jornal aberto em cima da cama... Sono: a fossa do informe... Ou o informe não será o esquecimento instantâneo das formas que se sucedem, insistentes e sem tréguas? Estamos como dentro dum saco, amarrado e atirado no vácuo, sem ar e sem luz; sem mãos, sem respiração e sem olhos... Sentiu-se levada assim, durante toda a noite. Arrancou-se a isso, fazendo rebentar o saco e recaindo, esgotada, durante horas...

Quando conseguiu, finalmente, evadir-se, acendeu a luz e viu que ainda não era meia-noite. Só tinha dormitado menos de uma hora. Uma angústia intolerável oprimia-a. Pegou num livro e procurou ler. O seu olhar dirigiu-se para o jornal em cima da cama. Pegou nele de novo; reencontrou, sem ter consciência de a ter procurado, a linha sobre «o francês em Florença», leu, mais adiante, «Ribière» e teve um aperto no coração... (Só então deu que já deveria ter lido aquele nome da primeira vez...).

Ficou com o jornal na mão, a soletrar cada frase... Lá estava: «Ribière... morto, na margem do Arno, numa disputa com camisas negras.» Encolheu os ombros, atirou com o jornal, voltou a apagar a luz, procurou assim que a noite descesse no seu espírito. Que tinha ela pensado?... «Imbecil!... Só sabes inventar coisas...» O que lá estava era um «b»...

Sílvia ajeitou a cabeça no travesseiro... Apesar de tudo, era tranquilizador saber que o seu sobrinho e sua irmã estavam na Suíça... Graças a Deus! Teve

necessidade de a si própria o repetir, mais de uma vez, durante aquela noite. A razão estava convencida; mas o instinto não o estava de modo nenhum. Não confessava que sustinha a respiração sempre que ouvia passos a subir a escada. Amanheceu sem que tivesse dormido mais; mas respirava melhor. Não viera telegrama nenhum. As más notícias correm sempre velozes.

Não foi um telegrama; foi um bilhete postal com boas notícias. Há boas notícias que são mais terríveis do que as más. O carimbo do correio marcava «Florença»; e era Marcos quem lhe escrevia!... Uma onda de sangue passou diante dos olhos de Sílvia, que não viu mais nada. A dor no ventre apunhalou-a uma segunda vez... Debatia-se numa espécie de nevoeiro. Queria ler; mas foi preciso esperar que a onda se dissipasse. As mãos tremiam-lhe...

Marcos escrevia-lhe, vivia portanto. Em que data?... Antes de ontem. O sobrinho mostrava-se alegre, terno, malicioso. Brincava, familiarmente, com a velha amiga. Mandava-lhe um bilhete postal ilustrado que representava a «Madona» do castiçal, de Crivelli, do Museu Brera. Era uma bela pessoa, fresca e sadia, de traços nítidos, finos e um tanto secos, que fazia um trejeito decidido, num trono sumptuoso e rústico, sob um baldaquino, engrinaldado de frutos, e que com a sua mão robusta, de dedos longos, dava uma pêra ao menino.

O garoto (o de Paris) escrevia-lhe: «Reconheces-te?» (Era verdade: parecia-se com ela, tal como era outrora! Ele via-a, então, ainda assim?). O sobrinho acrescentava: «Em volta do teu trono, todas as tuas vitórias. São sumarentas todas essas pêras!... O castiçalzinho aos teus pés... sou eu.» (O grande maroto! Escrevia-lhe num bilhete postal aberto...). Marcos dizia ainda:

«Não! Não faças essa cara zangada! Perdão!

Estou louco! Este sol doirado embriaga-me. Tudo quanto vemos, estas velhas pedras, estas flores jovens, estas belas raparigas de outrora e de hoje. Ah! Como é belo! Como é bom viver! Minha querida velhota, por que não estás aqui connosco? A falta que me fazes! Quando te vi nesse quadro, estive quase a beijar a «Madona»; mas não o disse a Assia... Faz a cara zangada!...»

Sim, Marcos devia ter bebido, o louco, uma taça de sol a mais. Como ele era jovem! Como se sentia jovem ao lê-lo... Sílvia sorridente estendeu a boca e beijou as linhas do bilhete... Depois, de novo, a sombra e a angústia... Comparou o dia e a hora do carimbo do bilhete postal com os da notícia... «Não! É impossível!... Só pensar nisso é um crime!... Não me teriam prevenido pelo menos vinte vezes, desde ontem de manhã? Velha maluca!...»

UM minuto depois, Sílvia saltou da cama e precipitadamente vestiu-se. Os seus dedos febris pela primeira vez enganaram-se ao apertar os colchetes. Sem tempo para tomar o seu café (era um rito do levantar), saiu, depois de meter no peito, junto da pele, o bilhete de Florença... «Maluca» era-o na verdade, pois, apesar da ameaça da perna inchada (era entendida em doenças e sabia de que se tratava), quis subir a pé até o alto da colina de Montmartre, para ir rezar na basílica. Era uma promessa.

Subiu, de dentes cerrados, arrastando a grilheta, por fim deslocando a perna, dum degrau para o outro, com as mãos, os duzentos e vinte e cinco degraus. Tê-los-ia subido de joelhos, se não temesse não poder reerguer-se. Chegou lá extenuada. Deixou-se cair num genuflexório diante da imagem da Virgem, e rezou, rezou. Não conseguia, porém, separar as suas orações. Perdia-lhes o fio. Saía-lhe da boca, no meio de cada uma, uma afirmação monótona, insistente, imperiosa: «Ele vive, vive, vive... quero que viva!...».

Queria impor a sua ordem à divindade e repetia-se até o esgotamento. Depois, interrompeu-se um instante, para respirar, e encontrou-se com a cabeça vazia, de coração seco. Ergueu os olhos para a

Madona, inclinado por cima dela e recordou-se da outra, da que era o seu retrato. Não pensou, nem um momento, na irreverência da comparação. Falou-lhe de igual para igual, como se o fizesse à sua imagem num espelho. Disse-lhe: «Eu quero! Quero», como se estivesse no lugar da outra, no pedestal.

A outra, contudo, mantinha-se triste e resignada de mãos abertas. Ela «não queria»... Sílvia, em baixo, protestava, e a raiva apossava-se dela. Continuou no seu bichanar precipitado e martelava sempre: «Ele vive; vive». Tentou subornar Deus. Ofereceu-lhe uma importância em dinheiro e, depois, coisas insensatas: obrigações de piedade, ou sem piedade, penitências físicas e morais, que não significavam nada, sacrifícios e tormentos absurdos... Que poderia Deus fazer com isso?... Teve essa impressão e disse: «Porventura, sei o que queres? Diz, tu! Farei tudo que quiseres».

Mergulhou num abismo de humildade interesseira; mas tocava no chão com uma só queda e o abismo não era muito fundo. Reencontrava-se perante a sua alma seca, o seu eu ardente, que não sabia esquecer-se de si. Arranhava-se com as unhas, para fazer brotar um jacto de fé que atingisse o rosto de Aquele que dorme, de Aquele que pode e não quer, para que esse jacto o forçasse a querer segundo a «sua» vontade. Nada brotava e Aquele que dormia, dormiu...

Não dormia... Sílvia sentia que a espreitava por entre as pálpebras... Bruscamente, sentiu como um trovão... «*Está consumado!...*» Oh! não por ele, o petrificado, o impotente, o mudo! Bastava olhar para a pálida intercessora, a que recebera o pedido e trazia a resposta, como seu ar de vencida e as suas mãos de derrotada: «*Não posso fazer nada!...*»

— Então, por que te rezamos?

Sílvia repeliu violentamente o seu genuflexório,

que caiu com o movimento feito para se levantar. Não ouviu, porém, o ruído da queda, que ecoava. Só ouvia o trovão dentro do crânio que repetia a lamentável desculpa: «*Não posso fazer nada. É o Destino...*». «E dizes que és Deus!... Mentiroso! Mentiroso!... Cão de destino! Cão!...» Falava em voz alta. Por felicidade, havia poucos devotos à volta. Só se ouvia um rugido sem distinguir as palavras... O sacristão, atraído de longe por esse barulho, chegou e só viu uma mulher furiosa, que saía a arrastar as cadeiras à sua passagem.

Sílvia deu por si sob o céu morto, por cima do círculo da cidade morta. Desceu a titubear a íngreme escadaria das Sete Dores. Havia uma a mais àquela hora!... Agarrou-se ao corrimão, para não cair... Chegaria sempre a tempo lá abaixo! Sabia o que a esperava. Estranhamente, já não tinha uma dúvida. De facto, porém, não sabia mais do que quando subira... Sabia tudo! Seria inútil discutir com ela... À medida que descia, o seu rancor contra os lá de cima cedia. Eles não podiam nada; eram vencidos como ela, como todos os pobres idiotas que via subir, por sua vez, tal como ela subira, uma hora antes. Só tinha vontade de lhes gritar:

— Não vão lá! Os lá de cima não são capazes de os ajudar. Como poderiam ajudá-los? Bem vêem que ele morreu também, o Filho da Mulher, o Filho lá de cima!...

À medida, porém, que descia, assim como a sua cólera, o último resto das suas forças desaparecia. Arrastava-se. Com inaudita dificuldade, atingiu a sua casa. A despeito do seu orgulho, obstinado, de não pedir nenhum socorro aos outros, teve de dizer à porteira, que espairecia à soleira da porta:

— Sr.ª Boireau, quer ajudar-me a subir?

Não ouviu nada do que a boa mulher lhe dizia. No patamar do segundo, encontrou, porém, Georgina, que a esperava. Tinha a certeza. Georgina

estava vestida de preto e chorava. Sílvia não chorava e disse-lhe:

— És tu, Georgina?

Despediu a sr.ª Boireau, que teria gostado de ficar, e disse:

— Espera que encontre as minhas chaves!

Depois, abriu a porta, entrou e fechou-a... Quando as duas ficaram sòzinhas no quarto, Georgina, sem poder conter os soluços, estendeu-lhe os braços e balbuciou:

— Sílvia... Sílvia...

Sílvia disse-lhe:

— Sim, sim, já sei...

Deixou-se cair numa poltrona, pálida, esgotada, de olhos fechados, semimorta. Foi então que disse:

— Agora, conta!

GEORGINA recebera, na Suíça, um telegrama de Anita com o encargo de preparar Sílvia para a notícia, e voltara, com a criança, no comboio da noite. Mal chegou, correu a casa de Sílvia. Com surpresa, encontrou uma Sílvia já preparada, sem um sobressalto, sem um grito, sem uma lágrima. Foi só depois de ter desabafado o seu grande desgosto de jovem, que se alivia expandindo-se em torrentes e com ruído, que Georgina notou a lividez da mulher de olhos fechados. Alarmou-se. Pegou-lhe nas mãos geladas, tocou-lhe na fronte, palpou-lhe o peito no coração, apertou-a nos braços. Sílvia continuava calada; mas acabou por abrir os olhos. Não era, contudo, para Georgina que olhava.

A robusta Georgina pegou-lhe e foi colocá-la em cima da cama. Despiu-a. Viu o inchaço do corpo e avaliou exactamente o perigo. Até serem prestados outros socorros, fez-lhe uma ligadura e deitou-a no leito. Sílvia deixou-a fazer tudo sem se mexer. Em vão Georgina procurava obter dela uma palavra. Sentou-se à sua cabeceira, para a velar. Não sabia que fazer entre a criança que deixara em casa e aquela mulher a quem não queria abandonar. Sílvia percebeu a sua indecisão, fez um esforço para a fitar e disse:

— O pequeno está à tua espera. Vai buscá-lo!

— Não posso, porém, deixá-la sòzinha!

— Estou habituada.

— Que fará, se tiver necessidade de qualquer coisa?

— O que sempre tenho feito: passarei sem ela.

— É preciso, porém, que não se mexa.

— Não me mexerei. Farei como «ele».

Georgina estremeceu e as suas jovens lágrimas brotaram. Encostou às de Sílvia as suas faces molhadas. Sílvia sentiu o sabor do sal no canto dos lábios e disse-lhe:

— Tens muita sorte por poderes chorar!... Vamos, vai-te embora! Tenho necessidade de estar só. Não me mexerei até à noite. À noite, volta. Tenho de sair.

Georgina levantou a cabeça, de olhos enxutos, para protestar...

— Tenho de sair.

Georgina disse que não; proibia-lho; zangava-se...

— Tenho de sair.

Georgina dissera que Anita anunciava o seu regresso à noite. Imediatamente, Sílvia decidira ir esperá-la à estação. Era inútil discutir.

— Arrisca-se, porém, à morte! — protestou Georgina.

— E isso que importa?

Georgina insistiu; Sílvia cortou:

— Basta! Virás, para me ajudar; ou então irei sòzinha.

Georgina calou-se e saiu. Sílvia ficou só, deitada, e não fez nenhum movimento durante toda a tarde. O seu corpo estava como morto. O seu pensamento acompanhava o comboio que, nesse momento, vinha, a rugir, através da Suíça e da França. Estava todo consagrado a Anita. O velho amor das duas irmãs tinha-as atirado uma para a outra. Em ambas, isso fora uma diversão salutar na sua dor. Cada uma

pensava: «Pobre mulher!» (Anita: «Como, sem mim, receberá ela a notícia?») (Sílvia: «Como recebeu ela, sem mim, o rude golpe?»).

No seu luto, ambas procuravam como aliviar a irmã. Poderiam ter estado muito tempo separadas de facto, separadas pelo coração; mas tinham a certeza de aquele luto ser tanto duma como da outra. Parecia terem feito, juntas, aquele filho; tinham-no alimentado, criado, compartilhado. Já não pensavam em disputá-lo entre si. Morriam juntas com a sua morte. Como ambas estavam próximas, no seu túmulo! «Vem, deitemo-nos, minha pobre Anita!» Sílvia revia as duas cabeças que se tocavam, inclinadas sobre o berço...

Ao cair da noite, Sílvia levantou-se, a despeito da proibição. Examinou nos armários os seus farrapos, pegou na tesoura e na agulha e reajustou um dos vestidos. Georgina voltou, cerca das oito horas. Visto que não a podia impedir de sair, devia fazer tudo quanto fosse possível para os riscos serem menos graves. Renovou o penso e a ligadura e ajudou Sílvia a vestir-se. Sílvia tirou duma gaveta um espelhinho e a caixinha da maquilhagem. Não queria que o seu aspecto pudesse inquietar Anita. Georgina, sustendo-a com os seus braços de jovem atleta, desceu a escada com ela. Um táxi levou-as à estação.

O comboio do Simplon foi pontual, como os reis (dizem) e a desgraça. Pouco depois das dez horas, as duas mulheres que esperavam viram, entre a torrente dos passageiros, os véus negros das duas outras mulheres. A mais jovem ocultava o rosto com o seu; Anita de face descoberta, muito direita, sem se apressar, metera o seu braço no da nora; mas os olhos penetrantes de Sílvia descobriram, à primeira vista, que não era para se apoiar, pois a mais jovem era a menos firme.

De longe, Anita reconheceu Sílvia. Sem que o seu andar se apressasse, a partir desse instante o seu olhar não deixou mais o da irmã. Sílvia via esses olhos aproximarem-se: estavam terrìvelmente calmos, como a grande boca, severa e cerrada. Anita via o rosto devastado de Sílvia. Não se deixara enganar com os expedientes: sob a maquilhagem de empréstimo, descobria o rosto entumescido e pálido. Quando as duas irmãs se abraçaram, não trocaram nenhuma palavra; mas nesse abraço sentiram o dilacerar dum só corpo.

Georgina e Assia misturaram as suas lágrimas. Quando trocaram de companheira, no curto momento em que Georgina abraçou Anita, esta informou-a da saúde de Sílvia. À pressa, Georgina falou-lhe ao ouvido. Anita voltou-se para Sílvia, passou-lhe o braço em volta da cintura. Amparava-a, sem o mostrar, pois Sílvia, desejosa de ocultar o seu estado, empertigava-se. Sentiu então, sob os seus dedos os frémitos daquela carne mortificada que estremecia. Levou sua irmã para casa.

A primeira coisa que fez foi ir beijar a criança que dormia. Ficou sòzinha, alguns minutos, com ele, no quarto não iluminado, no qual se filtrava uma claridade vaga pela porta entreaberta. O pequenito, ainda adormecido, disse:

— Boa noite, papá...

Depois, semidesperto:

— Olha, não é ele, é a mamã Anita.

— É ainda ele! Dorme, querido!

A criança voltou a adormecer. Anita foi para junto das outras e pôs termo com um gesto a todas as conversas. Disse a Sílvia:

— Vais dormir comigo. É melhor do que ires para casa sòzinha e isso far-me-á bem; mas não falaremos. Prometes?

Deixou-a, para ir ocupar-se da nora. Obrigou-a a comer alguma coisa. Assia não queria; só chorava.

Anita confiou-a a Georgina, que a levou, e recebeu instruções para o dia seguinte: as formalidades a cumprir, quanto ao falecimento. Ao saírem, as duas jovens, que não conseguiam estancar a torrente dos seus olhos, diziam:

— Como pode ela, como podem ambas, não chorar?

Quase que se sentiam revoltadas com isso, mas também aterrorizadas. Georgina disse alto o que Assia pensava:

— Meu Deus, meu Deus! Deve ser o inferno, não poder chorar!...

As duas irmãs sentaram-se na cama e olharam uma para a outra com infinita ternura. Anita ajudou Sílvia a vestir-se e deitou-a ao lado dela na escuridão. Envolveram-se num abraço e a sua energia quebrou-se. A mais nova aconchegou-se à mais velha e esta abraçou-a. Sílvia foi a primeira a gemer:

— O nosso pobre pequeno!

Então, só então, a torrente do coração brotou... Derrubou o dique e as lágrimas inundaram-nas... Ninguém o podia ver. Nem elas. Cada uma bebia, no rosto da outra, os dois regatos ardentes que se misturavam num rio... Triste rio! (*) Era o seu nome e a sua sorte. Era feito de febre, de amor e de dor; mas era puro e santo, naquele momento. A sua torrente era sem mancha. Levava consigo os últimos restos do egoísmo... Nenhuma delas pensava em si, mas no outro — no «pobre pequeno» — e no desgosto da irmã. Quando a forte torrente passou, deixando-as cheias duma ternura apaixonada, beijaram-se mùtuamente nos olhos. Enxugaram-se com as mãos e acariciaram as suas faces e as bocas...

(*) No original: «rivière».

Depois, Anita libertou-se dos braços da irmã. Ambas deitadas no leito, lado a lado, de mão dada como se caminhassem através da noite, a mais velha contou tudo à mais nova. Referiu, em termos breves e descarnados, o que foi o último dia e a hora fatal. A sua voz era baixa, sem timbre, lenta, e detinha-se, aqui e ali, para recobrar energia, ou quando a sua mão sentia na mão da irmã que esta pedia compaixão. Chegaram assim ao fim do relato. Fez-se um silêncio que se prolongou. Sílvia retirou a sua mão e inclinou-se para o peito da irmã e colocou a boca no lugar do coração. A sua cólera da manhã passara. Farrapos de palavras religiosas emergiam das suas recordações: *Stabat mater dolorosa...*

Anita, imóvel, deixava-a actuar. Sim, ela estava — *stabat* — de pé na noite. Acariciou maternalmente a cabeça da irmã e depois disse:

— Agora, descansemos! O dia será fatigante, amanhã.

Voltaram-se as costas, apoiadas uma contra a outra. A mesma torrente corria nelas. Nem uma nem outra dormiu. Depois de muito tempo, pela noite dentro, Sílvia perguntou angustiada:

— Onde está ele? Onde está?

A voz de Anita respondeu:

— Onde estamos nós?...

Os dois corpos encostados um ao outro estremeceram... Foi um minuto depois — ou uma hora — quando Sílvia continuou:

— Não compreendo; não compreendo...

Anita, sem falar, fez pressão com os ombros nas costas da irmã. Sílvia, como uma criança com medo perguntou:

— Que é a vida? Que é a morte?

Anita respondeu:

— É tudo a mesma coisa.

ANITA resolvera, com Assia, que Marcos repousaria, não em Paris, mas no cemitério duma aldeiazinha cerca do Yvette, onde o jovem casal passara dias de encantamento, depois do regresso dos dois filhos pródigos ao lar... Muito poucos dias! Menos de uma semana... (não podiam conceder licença!...) mas fora do tempo!... Marcos manifestara esse desejo, perante Assia e a mãe, sem pensar muito na sua realização. Anita e Assia encontravam-se, porém, de acordo, para dar ao ser querido essa última satisfação (era a elas que a davam).

Isso exigia numerosas formalidades. Georgina, porém, desembaraçada, e seu pai fizeram, ràpidamente, tudo que era necessário. Anita e Georgina foram retirar o corpo da estação e encaminhá-lo para o seu último destino... Para o escoltar, Anita, porém, ficava sòzinha. Tinha, de manhã, examinado cuidadosamente a irmã e decidido que Sílvia não se levantaria até o seu estado ter melhorado. Sílvia quis revoltar-se contra isso. Mais, porém, do que a vontade de Anita, fê-la vergar a afeição que lia nela e a súplica instante que os seus olhos lhe dirigiam. Não, não tinha o direito de lhe recusar nada em tal ocasião, nem de arriscar a sua vida, quando essa vida podia ser de algum valor

(bem o via) para a sua irmã mais velha. Pensou: «Não quero morrer. Ela tem necessidade de mim.»

Quanto a Assia, tivera, durante a noite, uma febre alta. O médico a quem chamaram reservara o seu diagnóstico e proibira-lhe a mínima fadiga. Seria imprudente que se expusesse a novas comoções. Assia, desolada, protestava que queria acompanhar Anita. No seu subconsciente, porém, revoltava-se: «Não, não, não irei!...» Tinha medo do cemitério; medo da simples vista daquele caixão. Tinha medo, aquela mulher que atravessara tantos campos de morte, os da guerra e da revolução!... Justamente, por os ter atravessado.

Fora depois disso que o seu horror, lentamente, mordera o aço. A sua energia nervosa estava tensa; e o último golpe tinha-a quebrado. Não suportaria um dia frente a frente com o morto. Não importava que estivesse invisível! Se o visse, seria menos terrível... «O que vejo está fora de mim; o que não vejo e está presente assalta-me e penetra em mim...» Anita não insistiu. O seu desejo era estar só; mas não ousava formulá-lo. Dispensou o auxílio de Georgina, que desejaria estar ao lado dela, mas não pôde recusar o de Juliano Davy.

ERA um cemitèriozinho de aldeia. Para além do muro de pedra solta, viam-se erguer, certos dias, os montículos de terra avermelhada revolvida pela charrua. Ouvia-se, ao longe, o tinir da relha contra as pedras e a voz do lavrador a falar ao gado. As roseiras bravas floresciam nos valados. O ar tépido e puro era como o hálito duma boca jovem. Todo o resto era silêncio em que se esboroava a terra seca a bater no caixão. Anita lá estava, inclinada, e ouviu e viu tudo, até o fim. Dizia-lhe: «Estou aqui. Dorme!».

Parecia-lhe que aconchegava o seu filho no leito. Mandou embora Juliano. Ficou sòzinha e passou, toda a tarde, sentada na berma da sepultura. Pensava: «Meu filho, meu filho!... Como estás longe, já! Passaste-me à frente. Poderei alcançar-te?» Uma espécie de visão permitia-lhe ver o morto, como se fosse um vivo que se afastava a grandes passos. Os seus olhos seguiam, para além dos muros do cemitério, uma silhueta de homem que caminhava através dos campos. Subia uma colina e, quando chegou ao cimo, a silhueta começou a diminuir e desapareceu do outro lado. Anita estendeu o braço e disse:

— Espera-me!

A imagem foi absorvida pela terra. Anita, a tremer, ergueu-se. O seu olhar, porém, desceu para

a fossa e a paz voltou a entrar no seu íntimo. Voltou a sentar-se... Ele estava ali!... Não importava que desaparecesse por trás do cimo da colina. O fundo da terra estava próximo. A mãe saberia juntar-se ao seu filho... «Meu querido, meu grande!...» Ah! como ele tinha crescido desde que o chocara no seu seio! «Agora, ultrapassas-me... Ontem, eras o meu fruto; hoje, a minha árvore...»

Anita olhou para fora, na curva do caminho que subia e viu uma bela faia de ramos estendidos como asas, junto da qual uma velha, carregada com um molho de lenha, se detivera para respirar, à beira duma cruz. Continuava a murmurar ternamente: «Meu querido!... Ampara-me! Sou tão fraca! Tenho tantos desgostos!... Bem sei, não devo, tu proíbes que os tenha... Sim, meu valente, é preciso agora que seja digna de ti... Sê-lo-ei, se estiveres comigo. Não me abandones! Dá-me a tua mão... Verás que a tua mãe te honrará. Manter-se-á, se a mantiveres. És tu agora o pai; e eu o filho... Vamos, meu querido!...»

Ergueu-se. Uma chuvinha de Maio caía e trespassava-a. Caía também na sepultura. Unia assim o filho e a mãe. Era como se cada gota que lhe molhava o pescoço e os ombros fosse saciar a sede do morto. Anita continuou: «É teu tudo quanto é meu; a água e a terra. Compartilhamos tudo. Dás-me a tua morte e eu a minha vida. Não me vou embora. Fico deitada junto de ti. Não me vou embora. És tu quem vai, e sigo-te. Vais à minha frente... Coragem, Anita! Caminha, Marcos! A tua velha mãe não te deixará pelo caminho. Fomos um; seremos um...»

Quando se debruçava, para acariciar com as mãos a terra molhada, ouviu um passo leve e apressado. Voltou-se e viu chegar, a largas passadas, uma jovem, alta, esguia, vestida de luto, que se aproximou e lhe disse:

— Eu vim... Desculpe-me!... O meu comboio teve duas horas de atraso...

Anita olhou para o seu rosto comprido e os seus olhos cinzentos, que se franziam como um sorriso e donde, sùbitamente, duas grossas lágrimas brotaram. Calara-se, à espera, porque nunca a tinha visto antes. A outra disse, então:

— Ruche (*). Ele conhecia-me.

Anita, cuja face triste se iluminou, disse:

— Recordo-me do seu nome. Foi a boa companheira do meu pobre zângãozinho.

Ruche inclinou-se, num movimento rápido (conservara a sua espinha elástica de lebréu) e antes que Anita lho pudesse impedir, afundou nas suas molhadas e cheias de terra a sua face longa. Quando se endireitou, tinha no rosto as marcas fúnebres. Os seus olhos de chinesa do Líger pestanejavam, como para conter a sua comoção. Anita, porém, lera-lhes no fundo e, abrindo os braços, beijou naquelas faces as marcas que tinham deixado as suas mãos: as marcas do filho. Ruche, ao abraçá-la, tocou-lhe nas costas que a chuva traspassava. Filialmente alarmada, disse:

— Mãe, não deve continuar aqui. Apanhará um resfriamento. Partamos ambas.

Ruche lançou-lhe pelos ombros o seu casaco. Anita a sorrir tristemente disse:

— Tenho agora muitas filhas!

— Não tem nenhuma que sinta por si mais respeito e amor — replicou Ruche.

Anita tomou-lhe o braço e ao retirar-se do cemitério, a passos miúdos, como a custo, perguntou:

— Por que nunca mo disse, antes?

— Estava a mais — respondeu Ruche. — Já tinha outras.

— Desde quando deixou de ver o meu filho?

(*) V. o volume I de «A Anunciadora».

— Desde há sete anos, quando nos despedimos em Paris.

— Porquê, se continuam a ser amigos?

— Ele casou-se; eu casei. — Acrescentou, precipitadamente: — Não julgue, porém, que houve entre nós qualquer laço secreto! Não fui «sequer» sua amante.

Havia na palavra «sequer» uma certa pena. O ouvido de Anita apreendeu-a. Ruche, a quem a palavra escapara, quis emendá-la:

— Não desejaria que o pudesse supor...

Anita olhou para ela, sem deixar de caminhar, e disse:

— Se o supusesse, que tinha isso?

— Sim, disse mal — retorquiu Ruche, corando. — Pois bem, então digo: se o supusesse, desejaria que tivesse sido verdade.

Anita apertou sob o seu braço a mão nervosa que o envolvia e disse:

— Minha filha sincera, nada a poria mais próxima de mim do que essa simples confissão.

— Nem a mim mais próximo dele, se fosse verdade... Não quero ocultar-lhe nada... Agora, isto pertence-lhe: é dele, é seu; devo-lho... Se tivesse sido verdade, mentiria se dissesse que não teria menos pena. Mentiria, também (acredita-me?) se lhe dissesse que tal como as coisas são (ou não são) isso é para mim ainda mais belo e mais querido...

As duas mulheres regressaram, debaixo de chuva, à hospedaria da aldeia, à espera do comboio que reconduziria Anita a Paris. Ruche velava por ela. Anita tinha ainda de cumprir algumas fúnebres formalidades, de se entender com a florista e o marmorista acerca dos cuidados a ter com o túmulo, e quis voltar lá. Ruche acompanhou-a por toda a parte, auxiliando-a com o seu espírito prático.

A chuva cessara. As duas mulheres, após uma

longa visita à sepultura, deram juntas, antes de ir para a estação, uma volta em torno do montículo de terra e foram sentar-se um tanto mais acima, em pleno campo. Ruche contou o que Marcos fora para ela, nos dias passados juntos e também nas noites. Falava com uma franqueza nua, exacta, sem véus, sem vacilações, sem dificuldades, tal como um desenho nítido, de traço firme, sem correcções.

Havia uma ausência total de sentimentalidade, e, na sua precisão realista, nada de vulgar ou de acentuado. A memória da narradora era um espelho infalível, de bom cristal. Anita, debruçada sobre ele, calava-se. A despeito do seu desgosto, aflorava-lhe um sorriso pálido como o sol através daquela chuva de Maio, ao evocar as duas crianças abandonadas que, na noite febril de Paris, se entretinham na mesma cama cada uma delas com os pés da outra nas mãos. Ruche dizia:

— Ele salvou-me. Ia afundar-me. Se ainda sou alguma coisa e tudo aquilo que sou é a essa noite que o devo, a esses poucos dias passados juntos, a essa prudência, a essa bondade inesperada, que encontrei no seu rapaz. Nunca lho disse. Não gostávamos de nos enternecer. Aquilo que possuíamos de mais íntimo, o reconhecimento e a afeição, tí-tinham na mesma cama cada uma delas com os pés o ver! Isto parecia tolice (porque apesar de tudo, via-se!...). Aquilo que se semeia em boa terra cresce melhor. A plantazinha daquela noite tornou-se numa árvore dentro do meu peito. Tenho aqui (batia no seu seio seco) a recordação desses momentos e contra a minha face os pés do seu Marcos. Beijo esses pés...

Anita recordou-se... Uma outra, um dia, na noite do tempo, dissera o mesmo (*)... Apoiou a

(*) V. o canto de Anita, no fim de «O Verão», 2.º volume de «Alma Encantada».

sua fronte cansada de velha na palma firme da jovem, cujo corpo servira de travesseiro ao seu filho. Ruche continuava a contar a sua vida. Regressada à sua província, havia sete anos, casara com um moço advogado de talento, Renato Cordier, de quem já tinha três filhos. Ao retomar a vida burguesa, não quisera abdicar de nada. Tinha gosto em que a sua casa estivesse bem arranjada; mas não se confinava em casa. Pusera a sua inteligência ao serviço de seu marido e este ao serviço das causas sociais, das cooperativas, dos sindicatos. Tornara-se a sua secretária, colaborava com ele, e havia a certeza (Ruche não o dizia) de que o inspirava e lhe abrira largos horizontes.

Esse homem de espírito nobre (Ruche dizia que era muito melhor do que ela) aceitara, desde o começo, a condição por ela posta para a sua união: respeito mútuo pela vida própria de cada um, confiança mútua uma vez por todas. O marido respeitava, lealmente, o seu compromisso. Deixava-a quando ela queria, como ela queria, ir e vir, viajar e ver o que lhe agradava, sem lhe pedir contas dos seus actos. Isso era o melhor com uma mulher como Ruche. Não causaria a mínima contrariedade a quem lhe dava um crédito total. A quem não lhe pedia contas, ela prestava-as com exactidão. O marido não ignorava nada dos seus pensamentos. Sabia o que Marcos tinha sido para ela. Fora ele próprio quem lhe dissera:

— Vai, minha amiga! Iria também, mas a minha presença poderia tolher-te.

Anita pensava na vida que poderia ter tido com Rogério. O que ela queria e Rogério lhe recusara tinham-no realizado aqueles dois jovens, trinta anos mais tarde. Estava tão absorvida pelas suas recordações que confundiu o presente com o passado e disse:

— Agradecerá por mim ao seu Rogério.

Ruche, sem compreender, emendou:

— Renato. Enganou-se no nome do herói!...

Ruche acompanhou Anita a Paris. Já era tarde. Deixou-a à porta da sua casa. Recusou passar a noite com ela. Pretextou ter de regressar imediatamente a Lião, e tomou o comboio da noite. Na verdade, não tinha pressa nenhuma de voltar para casa; mas não se queria encontrar com aquela com quem Marcos casara. Bem sabia não ter nenhuns direitos e pretendia não ser ciumenta; mas uma mulher nunca pode ser amiga da amiga do homem que teve um dia no seu leito. De Lião, escreveu a Anita e, fielmente, a correspondência manteve-se. Foi preciso, porém, para a voltar a ver, que Anita, mais tarde, a fosse procurar ao seu lar.

O mais custoso ainda não tinha passado. Naqueles dias terríveis, Anita sentia-se levada por uma labareda de heroísmo apaixonado que a presença do filho muitó próxima lhe comunicara. Enquanto o seu corpo estava perto, continuava a ser o seu companheiro e, até no sofrimento e na morte, falava-lhe. Ao regressar a casa, porém, achou-se sòzinha. A chama apagara-se com a tensão sobre-humana dos últimos dias. Estava esgotada, sem forças para reanimar, por si só, a apaixonada ilusão. Viu bem que era ilusão. Foi sòmente então que a morte começou.

A atmosfera tornou-se irrespirável para Anita. Nunca aquela natureza, toda vida, pudera aceitar (quem o pode aceitar?), jamais pudera tolerar, a aproximação do nada. Quando evocava as suas recordações, as daqueles a quem mais amara, de seu pai, de Germano, parecia-lhe ficar suspensa à beira dum abismo e sentia-lhe o horror. O seu «tudo», porém, não estava, então, envolvido e podia evadir-se. Agora, o seu «tudo» tinha jogado e perdido. Sentiu-o, sùbitamente, com viva comoção.

Bem sabia (que mãe não o sabe?) que o seu filho era para ela mais do que a própria vida. Isso, porém, são gritos de paixão. Só provam o amor, prestes a lançar-se ao fogo para salvar o amado.

Não deixam avaliar o lugar real daquele a quem amamos, na realidade da nossa existência, e o que restará desta quando aquele a quem amamos for arrancado dela. Ora, parecia sùbitamente a Anita que «não lhe restava mais nada». O filho amado era «tudo».

Não dera por isso nem no auge da sua paixão maternal. A labareda, perpètuamente alimentada, da sua vida ardente e inquieta, parecia poder passar sem ele e tinha, muitas vezes, roído outros alimentos. Em momento algum, contudo, o filho estava ausente. Com vontade ou sem ela, bem sabia estar o filho sempre presente e precisar dele como a chama precisa do óleo da candeia. A labareda pode pegar nas cortinas do leito e em toda a casa; mas o seu foco é na candeia. O filho era o único desse fogo; o resto eram labaredas que passavam.

Quando fazia o balanço de tudo que o filho fora para ela, Anita não encontrava nada na sua vida de que ele não fosse o âmago. Eram trinta anos de vida em comum de que o filho nunca estivera ausente um único dia. Antes de ele ter nascido, Anita encontrava-o já no fundo da sua carne como o seu impulso eterno, o seu objectivo e fim, a sua essência e razão de existir... «Amor, tenho-te; sou tu; és eu; somos um...»

Todas as decepções da vida não puderam apagar aquela fé. O filho era o seu duplo, o seu verdadeiro eu, o melhor do seu ser. Quer ele quisesse ou não, quer gostasse ou não, quer fosse ou não verdade, era esse o seu acto de fé secreto, constante, inexprimido. Exprimia-o agora pela mortal verificação de que, partido o filho, «não lhe ficava mais nada». Tudo o mais era a fronde opulenta duma planta parasita à qual tiram bruscamente o seu suporte. Tudo ruía e se transformava em poeira.

Como? Nenhum outro suporte? Não era então nada por si própria? Projectara o melhor da sua

força, das suas esperanças, nesse segundo eu? Não lhe restava nada para o primeiro? Sem razão? Talvez. Que fazer, porém, quando se nasceu mãe e se esteve, uma vida inteira, indissolùvelmente entrelaçada com a do filho? Que outros podem ajudar a reparar os rasgões? A própria Sílvia nunca, a não ser em curtos momentos, compartilhara dos segredos daquela vida de que só Marcos tinha comido com a mãe o pão quotidiano.

Todos os demais eram recém-chegados. A afeição duma Georgina dirigia-se à Anita dos últimos três ou quatro anos: toda a sua vida anterior era para a jovem um mundo desconhecido; e desse mundo, Anita já não encontrava um único ser vivo. A vida tornara-se para ela num deserto. A criança, Vania, era, sem dúvida, um renovo do filho. Para recomeçar, contudo, essa vida desde o princípio, já não tinha coragem nem forças físicas! Quando se sabe como termina a subida, como encontrar fôlego para a subir uma segunda vez?

Restava a consolação ilusória de dizer: «O meu querido morto não morreu; está sempre comigo...» Anita dissera isso nas primeiras horas do desvairamento da dor. O desvairo, porém, fora passageiro; o que ficara era a mentira. Bem podia repetir: «Ele está aqui comigo...». Bem sabia que não estava! A ilusão idealista é muito pouco para uma natureza forte, tão carnal como era a de Anita. A não ser que caísse na alucinação; mas isso não o desejava ela.

Anita era muito sadia e muito leal. Sentia horror de se entregar à loucura que roda sempre no limiar, até (e mais ainda) se essa loucura promete: «Vem! Consolar-te-ei». Ouvia: «Mentirei! Mentiremos juntos...». Jamais! Seria, para ela, conspurcar o seu luto e o seu morto. Devia ser verdadeira, como ele fora. Ficava, portanto, sòzinha em face do filho e do seu abismo. Só lhe restava morrer com

ele; e morria... Tinha dias e noites de agonia interior, de que ninguém sabia nada. Fechara a sua porta. Nenhum amigo poderia intervir. Devia travar os combates sòzinha. Terríveis combates.

Quando, mais tarde, saiu deles, tinha quebrada a paixão mais vital que a retinha «encantada». Não fora apenas o filho que as forças desconhecidas lhe tinham dado e depois tirado. Era ela própria, a mãe, a mulher, que deixara na outra margem. A sua vida seguia-a ainda. Era, porém, uma sombra prestes a fundir-se com a grande Sombra que se estendia pela planície. Que lhe restava? Que era ainda? Era, sob a imensa pálpebra dessa Sombra, o olhar interior do Ser que a aspira.

Um dia, levantou-se como se fosse do túmulo. Era um espírito sem corpo. A sua vida parecia-lhe separada de si própria. A sombra só lhe chegava aos pés... Nesse dia, o seu velho amigo italiano, regressado duma viagem longínqua, foi a sua casa. Não a vira depois da morte de Marcos. Anita estava sentada no seu quarto quando ele entrou. Nem um só dia consentira em meter-se na cama. Não queria sujeitar-se aos cuidados dos seus e à sua comiseração. Assim, não notavam muito a sua saúde abalada. Aparentemente engordara e o seu rosto estava corado. Essas cores eram enganosas. Tinha nas veias o veneno de febres quase crónicas e o coração começava a ser atingido.

Bruno ficou surpreendido com a transformação. Viu a revolução que se dera. Anita acolheu-o com olhos afectuosos; mas esses olhos, fatigados, pareciam indiferentes à presença do amigo. Tudo que pretendia dizer a Bruno parecia-lhe inútil e deslocado. Não falou daquilo em que pensavam. Nada sobre a morte nem acerca do morto. Estabeleceu-se entre ambos um grande espaço de silêncio. Bruno reencontrava-se a si próprio, trinta anos atrás, num

daqueles silêncios, sob o sol do Marema, onde, na febre, amadurecera o seu luto. Revivia, sob a luz cegante e tórpida, a «Grande Treva»: Nada no coração, nem um movimento...

A alma despojada, «que se fez o não-amor», toma o seu primeiro contacto com o Um... É a hospedaria da primeira noite, no caminho áspero que leva à libertação e à paz. Não podemos evitar essa peregrinação àqueles a quem amamos. É preciso sòmente que sejam capazes de ir até o fim. Anita sê-lo-ia. O olhar de Bruno prescrutava o rosto inchado da amiga, que parecia ausente, esse vermelho-tijolo do sangue fixado nas faces, que dorme, como dormia a febre, sob os juncos dos pântanos floridos ao sol... «Desperta! Surgi, lágrimas! Sangue, recomeça a correr!...». No silêncio, a meia voz, Bruno, a sonhar alto, contou uma misteriosa história, a parábola de Narada:

Um dia, Narada disse a Crisna: «Senhor, desvenda-me Maia!» Passou algum tempo. Crisna levou Narada para um deserto e caminharam juntos vários dias. Crisna disse: «Narada, tenho sede; vai buscar-me água!» Narada partiu para procurar água. Chegou a uma aldeia. Bateu a uma porta. Uma linda rapariga abriu-lhe. Desde que a viu, esqueceu tudo a olhar para ela. Embriagado de amor, pediu-a em casamento. Casaram e ela deu-lhe dois filhos. Viveram juntos doze anos. Narada era feliz com a sua mulher, os seus filhos, os seus rebanhos e os seus campos.

Certa noite, o rio encheu. Submergiu toda a aldeia. As casas ruíram e homens e animais foram arrastados. Narada nadava, lutava contra a corrente e levava sua mulher e seus filhos. Um dos seus filhos caiu. Ao procurar salvá-lo, deixou cair o outro. Sua mulher foi arrancada dos seus braços pela violência da torrente. Narada foi arremessado sòzinho

para a margem e soluçava amargamente... Então, por trás dele, uma voz docemente perguntou:

— Meu filho, onde está a água? Foste buscar um copo de água e esperava-te. Há meia hora que partiste...

— Meia hora! — exclamou Narada.

Tinham passado doze anos. Doze anos de alegrias e de dores... Tinham passado os olhos de Maia.

Anita escutava. Às últimas palavras, estremeceu e disse:

— E o copo de água, nem sequer o trago!...

— Chegou à fonte. Só tem que o encher — retorquiu Bruno.

Anita levou as mãos ao rosto e chorou. Quando levantou a cabeça, viu também lágrimas nos olhos de Bruno; mas a sua expressão era calma. Pegou-lhe na mão, dizendo:

— Meu caro amigo, conhece também a fonte! Chegou lá antes de mim.

— Somos uma multidão.

— Que silêncio!

— Escute bem!...

— Não ouço nada.

— Aplique o ouvido.

Nesse momento, passava ao longe, numa rua, um som de flauta de pastor dos Pirenéus. Anita estremeceu. Bruno disse:

— A flauta de Crisna.

Calaram-se. Anita tinha os olhos iluminados e dizia para si: «Sonhei? Tudo é Sonho?».

NA noite seguinte, Anita, deitada, com os membros dormentes, envolta num torpor como num sudário, ergueu-se, atirou com os lençóis e disse: «Não, não quero nada do pastor!... Por que o copo de água seria mais verdadeiro do que o meu pobre Marcos enterrado? Ou a minha dor é uma ilusão, assim como o Um; e tudo é nada; ou tudo é verdadeiro, tudo é real, o mal e o bem, a morte e o Um. Posso estabelecer a diferença entre ambos? Só o meu desejo e o medo fazem inclinar um dos pratos da balança. Não sei nada. Que tenha a coragem de nada saber e de fazer frente a «O quer que sejas — ou Nada ou Tudo —, irei até o fim do meu destino! Porque isso só, isso ao menos, pertence-me: a minha vontade. Não ceder. Ver sem pestanejar. Morrer a caminho...»

Não basta um desses espasmos de verdade ou de coragem para conquistar de assalto o «Que sei eu?» heróico e cravar lá a sua bandeira. Quando estamos prestes a chegar, o terreno esboroa-se sob os nossos passos, encontramo-nos na encosta e enterramos os pés em cinzas como as do Vesúvio. Cerca de nós, estão esses salvadores, que espreitam o nosso esgotamento para nos oferecer, para nos impor, um apoio... A flauta de Crisna... Soava bem, às vezes, aos ouvidos de Anita, quando lhe faltava o ar. Mais

de uma vez a sua lassidão acolheu-a e à sua esperança inextinguível... Por que rejeitá-la? No tribunal do «Que sei eu?», a fé, a esperança, conservam os seus direitos como a outra face do possível, de todos os possíveis. Os possíveis, porém, não têm o direito de passar à frente do real. Não podem fazer que o que é não seja...

«Eu sou. Sou uma mulher que teve um filho e esperava sobreviver nele. O meu filho morreu. Sobrevivo-lhe. O meu único recurso e o seu recurso é que sobreviva em mim. Prometi-lho. Àquele que cair o outro levá-lo-á até ao fim. Não tenho o direito de ficar deitada, envolta nas minhas recordações, na minha dor, na minha esperança. De pé! Não sou eu, é ele quem anda. Dou-lhe o meu corpo. No meu corpo, porém, caminhará morto até mais longe do que andou vivo».

Anita viveu, a partir de então, a vida de seu filho. Ultrapassara a ária da flauta do pastor. O copo de água era para Marcos, que lhe dera ordem de o ir buscar. Actuar por ele! Era a mais certa realidade. Tudo o mais era o Sonho, em que a alma se deita entre a tarefa de dois dias, para repousar. À medida que as suas pernas se tornavam mais pesadas e que era obrigada a sentar-se, à beira da estrada, para respirar, envolvia-se no Sonho como num xale posto sobre ombros húmidos de suor. Levantava-se, porém, e continuava a andar, sem se afastar jamais da sua rota.

ANITA teve ainda muitos desertos a atravessar. Os mais áridos estavam na sua frente, à medida que os seus passos se afastavam dos areais requeimados, sob os quais brotava o jacto sangrento. Uma autodefesa do organismo faz que este reaja, na exaltação e na dor que o embriaga, como se fosse com um álcool. Desaparecida, porém, a embriaguez, o organismo encontra-se mais fraco e mais prostrado. Houve meses dum desespero cinzento, morno, sem uma aragem. Não foram só meses nem semanas nem dias ininterruptos. Não podia viver. A torturante bondade da natureza quer, porém, que a alma retome alento, para continuar, num ritmo desordenado, que lentamente restabelece o equilíbrio. Periòdicamente, a vaga cava-se ou incha. Anita mergulhava e voltava à superfície. Essa grande onda rolava, porém, longe das margens. Não consentia nenhum olhar e todos os olhos fugiam dela. A desolação desses espaços oceânicos é como a alegria que ultrapassa os limites: não tolera nenhuma partilha. Está-se só e quer-se estar assim.

Anita estava só; Assia também. Cada uma tinha a sua parte. Cada uma se fechava sobre si com o seu morto. Marcos era dois para as duas mulheres que o tinham amado e possuído: aquela cujo ventre o tinha gerado e aquela cujo ventre gerara por obra

dele. Anita ficava em casa envolta nas recordações materiais de seu filho, da sua roupa e dos seus papéis que arrumava. Revivia toda uma vida de que só conhecia uma parte, pois embora Marcos tivesse sido íntimo com as duas mulheres, guardara sempre para si a maior parte dos passos do seu espírito, por orgulho de homem. O da mulher não é menor. Cada um tem o seu. Ninguém é obrigado a partilhar da árvore mais do que os frutos. Os canais secretos por onde a seiva abre o seu caminho são propriedade de cada um.

Anita leu as suas cartas e os seus apontamentos, as folhas dispersas de um diário onde o filho registava, irregularmente, os dias e dúvidas de coração e de pensamento. Para melhor se aproximar dele, procurou conhecer aqueles que tinham estado em relações de amizade com o filho. Muitos tinham morrido ou desaparecido...

Um dia, ao fim da tarde, vi entrar na minha casa cerca do lago Leman, uma mulher de doces olhos míopes, com as faces emagrecidas das virgens mães de Vinci e o sorriso comovente ao canto dos lábios onde a ternura e a tristeza se misturam com o «para quê?...». À primeira vista, reconheci-a. Revi aquela que, um dia, atravessara o regatozinho pelas poldras, apoiada ao seu filho. Dirigiu-se a mim com a altiva sem-cerimónia que lhe era natural, de matrona romana. Li, porém, nesse rosto (mal começámos a falar) uma tocante timidez, que procurava as palavras para se desculpar. Disse-me:

— Não tinha o direito de vir incomodá-lo; perdoe-me. Não tive, porém, força de resistir. Sou a mãe de um daqueles a quem ajudou.

— Há alguns minutos — respondi — não sabia que viria; mas agora que veio, parece-me que a esperava.

No seu rosto calmo, onde o espírito não deixava

transparecer a comoção, as pupilas míopes dilataram-se e disse-me:

— Não sabe quem sou.

— Sei, sim. É Marcos Rivière.

As suas faces emaciadas pelos longos dias frente a frente com o seu luto, donde o sangue fugira para afluir ao interior, coloriram-se, sùbitamente de duas manchas escuras, nas quais vi a violência desse sangue apaixonado.

— Como, como... — disse-me — pôde?... Não me pareço com ele...

— Ele habita em si. A casa, na verdade, nada tem que se lhe assemelhe; mas ele está lá. Olha-me pela janela.

Era verdade. Via-o pelas janelas daqueles olhos... Um mimetismo inconsciente faz que o rosto se modele, sem o saber, à imagem do amado que o preocupa.

— Ah! — exclamou Anita — que felicidade ouvir-lhe isso! Ele está, portanto, em mim? (apertava as mãos contra o seio) Consegui então guardá-lo?...

Ficámos algum tempo sem falar. Anita estava demasiado oprimida. Para não a amargurar, desviei os olhos. Depois de uma hesitação, a sua mão tocou na minha e disse-me:

— Obrigada!

Retorqui-lhe:

— Não é a primeira vez que a vejo.

Perguntou:

— Onde foi a outra?

Contei-lho e ouvi:

— Assim, os seus olhos foram testemunha da minha felicidade. Conserve-mo. Quando me sentir muito amargurada, lembrar-me-ei que o meu filho está sob a sua guarda, e talvez me permita que venha aqui, para me assegurar que ele está ainda vivo.

Fez uma pausa e continuou:

— Eu, também, o vi. Não nesse dia. Não vi o seu

rosto; mas a sua bondade para o meu filho e o seu reflexo no espírito dele.

— Fiz muito pouco.

— Esse pouco foi, quando ele errava perdido, a mão que mostra o caminho.

— Cabe-me a vez de lhe perguntar como o soube?

— Ele escreveu-o. Quer ler? Copiei-o para si. Também lhe trago as suas cartas. Perdoe-me! Li-as.

— As cartas são suas. Quanto a esse caminho que, segundo diz, lhe indiquei, não me queira mal pelos precipícios a que ele o conduziu!

— Não os podia prever.

— Não podia prever de maneira nenhuma o do Arno; mas, de qualquer maneira, o seu caminho estava bordado de precipícios.

— Embora o soubesse, dir-lhe-ia: «Vai»?

— Disse-lho. Não podia proceder de outro modo.

Anita baixou a fronte e em seguida ergueu-a para dizer:

— Também eu lho teria dito. Era o seu caminho. Quando o fiz nascer e o vi crescer bem sabia que o seu caminho seria perigoso. Não pode deixar de o ser, hoje, excepto para os cobardes. Mais de uma noite, chorei, antecipadamente, a sua morte. Esperava, porém, que ela aguardasse, pelo menos, a minha. O que me dilacera é não ter ela, sequer, esperado que ele tivesse vivido. Agarrou-o logo aos primeiros passos da sua vida de homem, quando a luz começava a surgir nele e antes que pudesse fazê-la irradiar para fora de si.

— O seu filho derramou o seu sangue e esse sangue puro é uma luz.

— Aquela a quem ele amava, a sua jovem esposa, molhou nele os seus olhos, e eu, a mãe, pus nele a minha boca.

Vi, então, as duas mulheres, inclinadas sobre o morto e o sangue do morto em volta daquela boca e dos olhos doirados...

— Deixe-me — disse-lhe — pôr a minha mão nas suas mãos que tocaram nele.

Beijei-lhe a palma das mãos. Anita levantou-se. Perguntei-lhe:

— Quer partir? Já?

— Não posso mais, por hoje. Comungámos nele.

No limiar da porta que o sol poente doirava, perguntei-lhe:

— Voltarei a vê-la?

— Voltarei a vê-lo — disse Anita e partiu.

Escreveu-me duas ou três vezes — uma vez por ano, nas proximidades do aniversário — cartas breves, que paravam nas primeiras linhas. Não voltou mais. Só a tornei a ver raramente. Não tínhamos necessidade de palavras, comungávamos, como ela dissera, no seu filho.

ANITA deixara-se penetrar pela vida e pela morte de Marcos. Aprendera a compreender a sua missão, melhor do que ele próprio a conhecera. O filho caíra antes da batalha, como parlamentário do exército. A sua bandeira branca da não-violência, tinta com o seu sangue, era agora vermelha como o estandarte de milhões de sacrificados. Anita não hesitou: apanhou-a. Não podia ficar fora do combate. A arte e a fé, o pensamento puro e a natureza, são como a sombra de um grande bosque e a fonte onde a alma fatigada vai repousar e matar a sede. Ninguém, contudo, tem o direito de se limitar a isso. A vida está onde estão as penas dos homens e os seus combates, sob o sol e as rajadas.

Assia tinha, também, suportado sòzinha a pesada carga da sua dor. Não era possível compartilhá-la com outrem. O luto não aproxima, isola. Não há ninguém a quem se possa falar do «seu» morto... «O «meu» morto... é meu... como a «minha» dor... é tudo quanto me resta». Deitamo-nos em cima disso como o dragão sobre o seu tesouro e guardamo-lo nas garras contra o ventre e rasgamos a carne com essas recordações. Não podemos dar nada disso aos outros...

No entanto, Assia não pudera, nos primeiros

tempos, ficar sòzinha onde tinha vivido com Marcos. Era terrível. A todo o momento, reencontrava aquele que não estava lá. Era como se, em cada movimento, vacilasse à beira de um abismo. Não havia meio de respirar. Ou cair, ou então, sair de ali... Foi habitar para um quarto de hotel. Recusara, peremptòriamente, sem explicações, o quarto que Anita lhe oferecera em sua casa. Anita também não insistiu. Compreendia-a. Nem repetiu, sequer, a pergunta que lhe fizera, para saber, ao menos, qual era o endereço de Assia. Precisavam, ambas, de muito tempo para ruminar os seus desgostos... Tal como Anita, Assia viveu, nas primeiras semanas, como num túmulo.

A viúva era ainda demasiado jovem para poder manter-se lá muito tempo. Reapareceu, uma noite, em casa de Anita, pálida, magra, a tremer, como alguém que se perdera e ia procurar um refúgio contra os seus pensamentos. Anita instalou-a numa cama improvisada junto da sua. Isso, porém, não bastou. Durante a noite, as mãos de Assia foram crispar-se em volta das suas. Não diziam nada. Seguravam-se pelas mãos como aqueles que caminham nas montanhas, à beira dos abismos ligados por uma corda.

Quando amanheceu, Assia voltou para o seu hotel. Reapareceu, contudo, mais de uma vez, ao cair da noite. Depois, decidiu-se a regressar à casa onde vivera com o morto; mas voltava, à tarde, para tomar as suas refeições com Anita, e, quando o seu espírito se sentia demasiado abalado, passava lá a noite num divã. Por fim, acabou por se reinstalar completamente. Fora combinado que a criança ficaria, provisòriamente, em casa da avó, onde Assia a ia ver todos os dias. O provisório tornou-se definitivo, sem que jamais falassem a esse respeito. Não faltavam boas razões para isso: o bem que a presença do pequeno fazia a Anita. De toda a evidência, o rapazinho estava melhor em casa da avó

do que com a mãe. Assia não tinha dúvida em confessar a sua inaptidão como educadora. Anita, depois de ter com discrição tentado, para bem de Assia, prendê-la mais estreitamente à criança, não insistira. O seu próprio egoísmo procurava conservá-la.

Como passava Assia os seus dias? Era demasiado activa para poder remoer, indefinidamente, as suas recordações. Depois de ter começado a arrumar todas as suas relíquias e todos os seus papéis no apartamento comum, não tivera gosto para continuar. Deixara tudo em meio, na pior das desordens, e não havia maneira de lá encontrar nada!... Por mais que fizesse, o presente de ontem recuava, dia a dia, para o passado. Assia, porém, continuava a avançar, só podia levar consigo aquilo que, do passado, se prestava a avançar com ela.

Havia, em primeiro lugar, o rancor motivado pelo atentado, a sua sede de vingança contra os que lhe tinham arrancado o seu Marcos. Onde e como, porém, os poderia apanhar? Os «bem informados» estavam-no talvez menos do que o pareciam, e, se o estivessem mais, não desejariam dar a saber como se encontravam no «segredo dos deuses». João-Casimiro, a quem era difícil ver, afirmava não ter previsto a catástrofe. Tentava, até, diminuir o alcance das advertências que fizera na véspera da partida. Dizia terem sido, sòmente, simples conselhos de «prudência geral», inspirados por uma «experiência geral»... Quando Assia, porém, de nariz franzido, o perseguia nessa trincheira e queria saber qual era então a sua «experiência geral», João-Casimiro iludia as respostas, evitava qualquer precisão e falava sòmente dos riscos que correm aqueles que ameaçam interesses todo-poderosos. Dizia:

— Conhece-os tão bem como eu... — e acrescentava imediatamente — mas, no caso de Marcos, isso nada tem a ver com o acaso desastroso de que foi vítima...

Havia épocas em que o acaso era epidémico. Fora ele, também, que atingira Timão... e outros assassinados por engano ou por acidente... Era inútil esperar de Zara que a pusesse na pista do crime! Enviara as suas condolências, como se se tratasse duma catástrofe em caminho de ferro... Muitos anos depois, quando Assia o encontrou na América, Zara, instado por ela, fugira ao assunto e dera a entender que o golpe viera de muito longe, de mais alto do que «o chefe».

— Donde partiu então? Quem é, para vocês, mais chefe do que «o chefe»?

Zara encolheu os ombros e respondeu:

— Ele nem o é sequer da sua polícia!...

Não se saberia nada por enquanto; os que sabiam sem ter feito, assim como os que tinham feito talvez sem saber, não diriam coisa nenhuma... Assia rangia os dentes com raiva... Que necessidade tinha ela, porém, de saber mais? Já sabia. Sabia o *Is fecit qui prodest*. Sabia se não «quem», ao menos «onde» estava o inimigo. Também sabia onde estavam as armas para o atacar. Tinha pressa de voltar para o seu campo: o da revolução, o da grande união proletária. Persuadia-se de que, ao fazê-lo, cumpria a vontade de Marcos, executava o seu testamento. Aquilo que ele não pudera fazer fá-lo-ia ela. Tal como nas velhas crenças, a alma do morto tem de ser, não sòmente vingada, mas alimentada com a acção que é a vida que lhe tiraram. Assia dar-lhe-ia a libação do sangue, do seu sangue ansioso por se derramar e, além disso, se pudesse (e podê-lo-ia!) o sangue do inimigo.

A vingança e a fome de acção não enchiam, contudo, a alma perturbada de Assia, alma que tinha perdido o seu eixo e precisava de encontrar um para actuar. Todos os seus dias, todas as suas noites, procuravam um companheiro a seu lado. Embora fosse Marcos, a sua sombra, o seu bafo, os

seus membros quentes da noite, não era ele: o amplexo febril alegrava o vácuo. Continuava insaciável. Ante a torrente impetuosa da vida que de dia para dia aumentava contra a comporta, Assia, feroz e revoltada, crispava os punhos contra o peito, roída pela fome, a fome de Marcos, do companheiro.

De dia para dia, os punhos crispados e a revolta abrandavam. O companheiro devia vir. Era preciso viver!... Acrescentava: «Viver para Marcos!...» Mal o disse, teve um sobressalto e, diante do espelho, cuspiu na própria face. Na noite seguinte, recomeçou: «Viver ou morrer... Meu querido filho, de que te serviria que morresse inùtilmente? Queres que viva para ti. Ajuda-me! Se não me podes ajudar é preciso quem me ajude. Não o posso fazer sòzinha. Arranja-me um companheiro!»

Encontrou-o. Se não fosse aquele seria outro qualquer. Assia descobrira um e refazia o seu eixo de direcção. Não chegara a isso sem um longo e tortuoso combate. Assia nunca se deixava enganar, nem sequer pelas ilusões necessárias que construía. Quando é, porém, necessária, a ilusão para retomar pé na realidade, é por a ilusão ser também um pedaço dessa realidade. Tinha direito a realizar-se... O direito e a força... Era preciso conquistar o seu direito. Conquistou-o duramente, tempestuosamente... Assia desapareceu, durante semanas. Não voltou a ser vista em casa de Anita. Depois, Sílvia foi contar, venenosamente, que tinham visto a jovem viúva em reuniões, muito festejada, e que falavam do seu namoro com um americano. Anita acolheu essas notícias sem manifestar os seus sentimentos e não reduziu em nada a sua afeição por Assia.

No entanto, quando, passado um eclipse de várias semanas, viu Assia voltar, sentiu uma perturbação que não procurou esconder. Ocultá-la-ia dificilmente. Assia também não era mais hábil do

que ela para disfarçar. As duas mulheres sentiam ter qualquer coisa de muito grave a revelar uma à outra, mas nenhuma se decidia a falar. Assia passou a ir, então, quase todos os dias, a casa de Anita; mas não se demorava. Mal entrava, punha-se a olhar para a janela e para a porta como se procurasse evadir-se. Ora se mostrava muito afectuosa e beijava infinitamente Anita; ora era irritante e respondia com impaciência. Outras vezes entrava, nem se sentava, batia com dedos impacientes num móvel. Dirigia-se a Anita, que tinha os olhos baixos sobre o seu trabalho, parecia ir falar-lhe, mas não dizia nada ou falava de coisas insignificantes. Nalguns dias, sentava-se num outro quarto, não se mexia durante meia hora, partia bruscamente e mal abria a boca para dizer adeus.

Um dia, em que estava mais taciturna ainda do que costume, de pé ao lado da sogra sentada, e aparentemente a observar-lhe o trabalho para o qual ela se inclinava, Anita (que via, de lado, as mãos de Assia frementes) ergueu os olhos do trabalho e encarou com ela. Assia desviou o olhar; o queixo pôs-se-lhe a tremer, e disse, irritada:

— Por que está a olhar para mim assim?

— É proibido?

Assia, obstinada, prosseguiu:

— Que têm todos a recriminar-me?

— Eu, minha filha?

— Quer prender-me? Não serei livre para fazer a minha vida?

Anita deixou cair o trabalho, pegou nos pulsos de Assia, puxou-a para si, envolveu-a com os braços, apoiou a face contra o seu peito e, com os olhos erguidos para a boca que se crispava de amargura, como se estivesse a sentir uma dor ou a quisesse causar, ternamente murmurou:

— Minha pobre filha!...

Assia deixou-se cair de joelhos e ocultou a face no colo de Anita, que lhe afagava o cabelo:

— Certamente que és livre para fazer a tua vida! Achas que não seria capaz de defender a tua liberdade, se alguém a quisesse contestar?

Assia levantou bruscamente a cabeça. Tinha as faces vermelhas. Pegou nas mãos de Anita e perguntou:

— Defender-me-ia?

— Não o fiz sempre?

Assia beijou-lhe as mãos com arrebatamento e de novo escondeu o rosto no colo de Anita, que esperou uns momentos para lhe dizer:

— Vamos, conta!...

— Não ouso...

— Ousa, minha filha... Aquilo que ousamos fazer, temos de ousar dizê-lo. Eu sei...

Assia ergueu tìmidamente os olhos:

— Que sabe?...

Anita levantou-lhe as faces entre as suas duas mãos:

— Acaso este rosto tem para mim alguma coisa de oculto?

— Ah! como deve desprezar-me!

— Não, minha filha: lamento-te e invejo-te por estares de novo tomada pela vida. Já o fui bastantes vezes, para saber o que isso é. Graças a Deus, para mim, agora, acabou-se; mas não, graças a Deus, para ti! Cara juventude, vejo ainda nos teus olhos (não os desvies!) muitas alegrias e muitas penas. Aceita tudo, minha filha! Tens esse direito.

Anita beijou-lhe as pálpebras e Assia lamentou-se:

— Ah! É terrível!... Eu não queria!...

Anita ergueu-a do chão, ternamente, sentou-a nos seus joelhos, enxugou-lhe os olhos com o lenço e assoou-a como se faz a uma criança. Assia passou-

-lhe um braço em volta do pescoço e ficou com a boca apoiada no ombro de Anita e os olhos enevoados. Anita colou-lhe os lábios ao ouvido e disse-lhe baixinho:

— Dize lá: de quem gostas tu?

Assia, com voz baixa e opressa, mas que, aos poucos, se reanimava, contou.

ANITA mostrou-se, sobretudo, atenta ao que Assia lhe disse daquele com quem se tinha ligado. Era um jovem engenheiro americano que trabalhara alguns anos na Rússia e que, ido para trabalhar, acabara por ser presa dos trabalhadores. Howard Drake chegara à Rússia embebido no seu orgulho de tecnocrata americano, para quem as massas são, como o mundo da matéria, um instrumento nas mãos hábeis dos senhores técnicos. Tinha a lealdade de confessar que, se tinha ensinado às massas russas a maneira de pôr o homem ao serviço da máquina, elas tinham-no ensinado, em troca, a pôr a máquina ao serviço do homem. Era uma velha verdade que o individualismo americano julgava sua e que esquecera, sem dar por isso. Não era demasiado tarde para o reaprender na escola dos seus alunos do velho mundo rejuvenescido. Drake sentia até um prazer paradoxal em apresentar esses materialistas da Rússia, esses inimigos de Deus contra quem o individualismo da Europa e da América fazia cruzada, como verdadeiros idealistas sem o saberem contra o materialismo mascarado, disfarçado, dos falsos beatos e dos bem pensantes do Ocidente.

Anita quis conhecê-lo e viu um rapaz alto, de pêlo ruivo e olhos cândidos e sorridentes, no qual

se aliavam, como em muitos outros da sua raça, um espírito empreendedor duro e teimoso a uma solidez de sentimentos duma frescura repousante. O rapaz gostava sinceramente de Assia. Não via nenhuma das diferenças entre as duas naturezas e as duas raças. Numa reacção contra os preconceitos da sua, queria acreditar que todas as raças eram iguais e punha em afirmá-lo a mesma teimosia de vistas curtas daqueles que se julgam da raça eleita e recusam reconhecer a igualdade das outras. Não deixava, contudo, de reconhecer os riscos que lhe levava uma companheira cujo passado já tinha história. Podia ter-se a certeza de que Assia não lhe ocultara nada, pois era leal até ao vício. Drake, porém, aceitava esses riscos.

O rapaz tinha a absurda e vigorosa confiança do homem enamorado e do americano que crê na sua força, pois é essa, apesar de tudo, a melhor maneira de os outros crerem nela. Possuía (o que era ainda melhor) esse respeito americano pela mulher e pelos privilégios que os machos anglo-saxões, voluntàriamente, atribuem às suas fêmeas a fim de as valorizarem aos seus olhos.

Anita disse, afectuosamente, a Assia, ter ela mais sorte do que merecia. Depois de terem discutido isso, aprovou a sua escolha. Mostrou-se, em todas as circunstâncias, verdadeiramente a mãe de Assia. Só tinha em consideração os interesses dessa fliha. Do seu filho morto não se tratava. Foi Assia quem falou dele. Calar-se acerca daquilo que tinha no profundo do seu ser e que a pungia era uma virtude que não praticava de modo nenhum. Disse, então:

— Meu Deus, meu Deus!... O meu pobre Marcos! Como ele sofreria, se soubesse!...

Anita teve uma pequena crispação, ao canto da boca, mas disfarçou, imediatamente. Infeliz Assia! Como era forte para se torturar e aos outros com

tais pensamentos, sem nada fazer para evitar os actos cujo pensamento a torturava... Anita disse então:

— Marcos gostava muito de ti; não poderia ficar contrariado com a tua felicidade.

Assia insistiu:

— Sou-lhe infiel...

— Lá, onde ele está, essas palavras não têm valor; já não pode reclamar os seus direitos de proprietário.

— No ponto onde estou, porém, traio-me.

— A traição é a vida. Tranquiliza-te!

— Não me tranquilizo. Amei, dei-me. Liguei-me a ele.

— Desligo-te... Não serás livre por muito tempo.

— Não posso sê-lo! Se não o sou, também sofro. Que faria no meu caso?

— Gasto as minhas cadeias.

— Ah! por mim gasto, também, a pele, pois estão incrustadas na minha carne. Fazem-me sofrer; mas preciso delas. Só as arrancarei com a própria vida.

— Vive com elas! Ama a tua dor! És feita para ela. Imaginas possível uma vida sem cadeias e sem revoltas contra elas? Oh! o caro tormento!

— Caro tormento!... Sim, sou-o. Sou-o para mim e para todos de quem gosto... Gosto de si... mas não compreendo como pode gostar de mim!

— Que queres? — disse Anita com um sorriso terno. — Sou como tu, gosto do meu caro tormento (apertou-a contra o peito). Ele torna-me jovem.. Sê-o por muito tempo!...

As duas mulheres abraçaram-se; a menos jovem não era a de cabelo branco.

QUANDO o casamento de Assia foi anunciado, Sílvia ia sufocando de indignação. Georgina ficou aterrada. Sem dominar os seus sentimentos, não queria encontrar Assia. Evitava-a com grosseria. Quando lhe ouvia a voz à entrada da casa, saía, precipitadamente, por uma porta do lado. Se a visse não poderia dissimular o seu ar glacial. O ar de Sílvia não era de gelo e não procurava dissimulá-lo. Mostrava-se dura e depreciativa. Dir-se-ia que Assia lhe fizera uma ofensa pessoal. Na verdade, não estava longe de pensar que Marcos lhe deixara os seus bens à sua guarda e que a ofensa feita a ele o era também a ela. Anita teve muitas dificuldades para se interpor entre essas duas guardas do morto, o qual, aliás, não lhes pedira que o guardassem, e a desconfiada Assia que se eriçava como um gato selvagem ante aqueles rostos hostis que espelhavam a censura. Quando Sílvia soube que Anita concordava, voltou-se contra ela com cólera. Anita disse-lhe:

— Vamos, vamos, deixemo-la viver!

— Então, isso não te faz nada a ti?...

— O que isso me faz a mim, só a mim diz respeito; o que te faz a ti também só a ti interessa. Trata-se, porém, dela. Está no seu direito.

— O seu direito? O direito de abandonar a

criança, e menos de um ano após ter estado a viver com ele na mesma cama!

— A criança tem a vida na sua frente. A nossa está já para trás, com aqueles que caíram. Bastamos para velar por eles. Que os jovens prossigam no seu caminho! É bom caminhar direito na sua frente, Sílvia, sem olhar para trás quando ainda se não tem trinta anos!

— Não tolero que ela esqueça!

— Tu privaste-te disso?

— De quê? De esquecer? Nunca! Não esqueço nada do que amo nem nada do que odeio.

— Não te gabes! Não me enganas. Nem tu nem eu teríamos podido viver sem o esquecimento. O esquecimento, feroz e caridoso, que nos faz morrer e ressuscitar. Sílvia, Sílvia, quantas vezes morremos e ressuscitamos, deixando atrás de nós as nossas mortas?...

— As nossas mortas? Quem?

— Nós próprias. Onde estão as Anitas e as Sílvias de outrora?

— Tenho-as sempre presentes, às Anitas, todas as Anitas — disse Sílvia, pegando-lhe nas mãos com os olhos sùbitamente adoçados por um clarão de ternura —, encontro todas as pedras de Joãozinho que semeaste pelo caminho.

— Pois bem, procura então o calhauzinho duro e ardente que era a Sílvia na idade dessa pequena e oxalá isso te incite à indulgência!

— Não sou indulgente para mim. Por que o seria para essa gata?

— Não fales agora como as beatas! Gosto mais de ti como gata do que como beata; os gatos, pelo menos, têm bonitos olhos. Faz os teus olhos bonitos!

— Vê-os! Para ti, por ti; mas não para ela. Por ela não, não e não!

— Não tens razão. Perdoa!

— Não tenho razão... talvez... mas agrada-me não ter razão... Nunca lhe perdoarei. Case ela com quem dorme e que o seu gato de botas nos livre da sua presença! Boa viagem! Rasparei com as unhas até os traços da sua passagem.

Anita ergueu os ombros e calou-se. Quando Sílvia estava enraivecida nem o bom Deus a poderia fazer calar.

Assia e Anita arranjaram as coisas entre si de modo a passarem juntas os últimos dias. A hostilidade dos outros ou a sua desaprovação polida, que Assia descobria até nos cumprimentos de Juliano e de Bruno, assim como a secreta ponta do remorso que a verrumava, faziam-lhe apreciar melhor a compreensão de Anita. Tinha necessidade disso, até para si própria, para proclamar o seu direito. Tinha a certeza de que estava no seu direito, nem sequer se poderia pôr isso em dúvida; mas era daqueles que nenhum escrúpulo impede de vencer e que, obtida a vitória, voltam atrás para procurar os escrúpulos deixados à porta. Sentem necessidade de os outros, a quem não ligaram importância para fazer o que entendiam, os ajudarem depois a varrer o pó levantado pelos seus passos.

Muito pouco se importava com isso! Ninguém varre diante da porta dos seus vizinhos, antes todos se sentem inclinados a enviar para o lado deles o seu lixo. Anita devia empenhar-se em tornar brilhante o limiar da porta de Assia, a sua consciência perturbada. Como as almas jovens são ávidas, após um luto, por absorver a felicidade que lhes oferecem, Assia só queria deixar-se convencer e mostrava-se radiante. No entanto, havia em Anita, apesar de tudo, quando se encontrava sòzinha em casa, uma pungente melancolia. Não é possível agradar a todos, a todos que amamos, ou temos no coração, os vivos e os mortos.

Cada um lamenta: «*A minha alegria, a minha dor...*»; mas o que faz a alegria de uns faz a dor de outros. Cabe aos mais velhos ceder a sua parte. Sòzinha, fechada com o seu filho, o seu mais velho (os mortos são sempre mais velhos do que os vivos) Anita ouvia-o dizer: «Dá a minha parte! Que poderia fazer? Oxalá ela aproveite. Oxalá seja feliz, a nossa filha, e possa amar ainda! Fiquemos contentes por a ver reviver!»

Nunca Assia se mostrara tão filial e tão terna com Anita como naqueles derradeiros dias. Revelava-lhe os mais longínquos segredos da sua vida passada e da sua alma presente, alguns dos quais não confiara a ninguém, nem sequer a Marcos no travesseiro, e só Deus sabia quantas coisas lhe dissera que ele não se importaria nada de não revelar! Esses segredos, frequentemente, não eram lisonjeiros para ela. Parecia-lhe, contudo, não ter melhores provas a dar-lhe do seu reconhecimento do que essas confissões que a despojavam de todo o prestígio. Entregava-se, sem véus e sem defesa, nas mãos de Anita. Bem sabia que essas mãos lhe aceitariam tudo e não lhe rejeitariam nada.

Era um grande alívio! Poder uma vez, uma única vez na sua vida, mostrar-se tal qual era, como na nudez que mal ousa mirar-se ao espelho, e ouvir dizer, depois disso: «minha filha...», só era possível até com a própria Anita porque iam separar-se... Sim, Anita acolhia e compreendia tudo. Compreendia o valor do presente que, no espírito de Assia, tinha essa confissão completa. Não deixava de sentir um frémito na ponta dos dedos. Todo aquele fundo de alma que não é costume agitar... Tinha, no entanto, visto e conhecido muito, durante a sua vida! Aquela jovem, porém, revelava-lhe, ainda, certos aspectos inesperados: monstros do coração e do pensamento!... O seu pobre Marcos tinha dormido ao lado disso! Teria dado por eles?... Ti-

nha também outros!... «Também tenho os meus... tudo é uma selva!... Está-se, apesar de tudo, mais tranquilo lá aonde ele se encontra...»

Anita apertava nos braços a filha querida, aquele corpo terno que concentrava aquela febre e aquelas trevas cruéis e que, no ímpeto da sua confiança, feroz, lhe ia fazer dom de tudo isso. Assia fez-lhe ainda um outro dom, mais belo e mais puro, e que lhe custou muito a fazer: confiou à avó a guarda da criança. É preciso confessar que ela a teria incomodado. Quando se começa a lua-de-mel, não convém levar na bagagem um quarto da lua anterior. Isso lembrar-lhe-ia, demasiado, as noites passadas. No entanto, não deixava de ser um sacrifício para ela. Podia acusar Anita de gostar pouco daquilo de que gostava, salvo do seu amante. Gostava desordenadamente, mas não podia acusá-la de falta de amor pelo filho. Gostava dele com arrebatamento, numa posse animal... «É meu! fi-lo. Está ligado a mim ainda pelo umbigo. Pertence-me...» Não estava, porém, disposta a pertencer-lhe.

O instinto de Assia não se preocupava nada com justiça naquela transacção. Esquecia-o e retomava-o. Não podia fixar nele a sua vida e a sua paixão. Como a sua inteligência era justa, capaz, pelo menos, de ver justo, compreendia perfeitamente que prejudicava a criança e que a prejudicaria ainda mais no seu futuro. Ver isso, porém, não a faria modificar um ponto do seu procedimento. O maior esforço da vontade em que poderia consentir era renunciar àquela posse, visto não poder cumprir os deveres a que tal posse obrigava. Não se privava, contudo, dela sem ficar com o coração dilacerado. Queria que Anita apreciasse o sacrifício que lhe fazia. Tal sacrifício não o faria a mais ninguém. Anita sabia isso e apreciava-o. Um sacrifício idêntico ela própria não o faria a ninguém. Nem sequer (confessava-o para si, nesse momento) se o bem-estar

da criança o exigisse. Eram feitas para se compreenderem por meias palavras, as duas apaixonadas!

Na véspera da partida, na última noite que passaram juntas, Assia, presa de um violento acesso de desespero, gritou que não queria voltar a casar-se, que não queria deixar o seu Marcos, que queria ficar com Anita, para tomar conta nele... Anita disse-lhe:

— Vai, minha filha! Vai para a luta! É por Marcos que o fazes. Combate por ele, por aquilo que ele quis, pelo que não pôde fazer! Pela nossa causa!

Assia estremeceu. Pegou nas mãos de Anita e perguntou:

— Pela nossa causa? Então também pertence?...

Anita baixou a cabeça:

— Estou com o nosso Marcos. Marcos está comigo. As leis do mundo foram invertidas. Fui eu que o gerei e é ele que me gera por sua vez...

Assia abraçou-a:

— Mãe do meu Marcos! Filha do meu Marcos!... Tudo o que me resta do meu lar!...

— Não esqueças a tua chamazinha, o teu Vania!

— Conserve-ma nas suas mãos!

— Conservo-a e conservo-te... Vai, minha filha. Aconteça o que acontecer a ambas, terás sempre em mim a guardiã do lar, para te acolher e defender, se for preciso, contra o mundo inteiro.

— O mundo não é nada e dele me encarrego eu! — exclamou Assia. — Defenda-me de mim própria. Serei o seu braço; seja o meu coração!

Assia partiu com o marido. Anita ficou sòzinha com o seu Marcos. Devia, agora, substituir perante ele aquela que tinha partido. O filho estava ali, no quarto, com o olhar vivo, de braços e pernas paralisados, mas de espírito ardente, que lhe dizia: «Caminha por mim! Actua por mim! Combate por mim!»

A época das batalhas reabrira. Desde havia vinte anos, não se fechara. A grande guerra de 1914 fora, porém, apenas, a porta de entrada. Por essa porta tinha passado a revolução. Não fora sòmente uma explosão social que agitara o solo num ou noutro país. Minara, também, profundamente, todas as formas do espírito. Todas as concepções morais e sociais tinham sido, surdamente, modificadas por ela. A razão pura, que atingira o conhecimento da universal Relatividade, fora, por direito de primogenitura, a primeira a ser o teatro da revolução necessária. Pretendem que foi a última nascida, mas julgo o contrário; embora seja assim, tal como Jacob, ela apoderou-se desse direito.

Sem que ninguém desse por isso, a razão pura exerceu o seu verdadeiro papel de «excitadora soberana do movimento humano». Como dizia Schopenhauer: «Sim, se a vida não é um contrasenso e uma decadência, a Revolução é tudo, envolve tudo e torna-se numa grande metafísica.» (*) Simplesmente o severo budista de Francoforte acrescentava: «Desconfiem das metafísicas melífluas! Não esque-

(*) Conversações de Schopenhauer com Frederico Morin, em 1858 («Revue de Paris», 1864).

çam que o grande problema não é o do bem, é o do mal. Uma filosofia em que não ouvimos, através das suas páginas, os ruídos das lágrimas, dos gemidos, do ranger dos dentes, do formidável pandemónio do assassínio universal, não é uma filosofia».

O rugido desse mar enchia o mundo. Era preciso ser surdo, como queria estar uma burguesia egoísta que se enclausurava nos últimos restos, ameaçados, das suas comodidades, para não ouvir esse fluxo que crescia de sofrimento e de revolta. Os ouvidos de Anita não deixavam, porém, de o escutar. Graças a Juliano Davy, que recebia, diàriamente, de todos os países martirizados, em especial do Leste da Europa, uma montanha de cartas, de documentos, de apelos, Anita mantinha-se em comunhão com essa Paixão da humanidade.

Anita não se sentia sucumbida com isso, como Juliano, para quem era pesada a monotonia desse lamento e a sensação da sua impossibilidade de socorrer as vítimas. Por si, pagara a sua dívida com o seu grande amor, o seu filho, sacrificado à dor dos homens. O que tinha de mais caro dera-o. Não era, portanto, uma espectadora da tragédia, deprimida pela inconfessada vergonha de ter sido poupada. Tinha o direito de ocupar a primeira fila entre as massas oprimidas. Como já não tinha nada a perder, via mais claramente o caminho por onde os povos deviam passar.

O Caminho encontrava-se, naquele momento, bloqueado. A Revolução na Europa deixara tomar à reacção a iniciativa da ofensiva. Privada de apoio efectivo da Rússia, absorvida pela necessidade da sua enorme reconstrução — dessa Rússia semelhante a um animal gigantesco que deve, durante o período da muda, enquanto a sua nova pele está ainda frágil, manter-se à margem dos combates — a Europa revolucionária não soubera reorganizar-se. Uma incrível timidez paralisara os partidos socia-

listas, que, em duas gerações, o parlamentarismo despojara de fé e de energia. Mantinham-se atados numa absurda preocupação de legalidade, com a qual os seus adversários, os grandes burgueses fascistas, que tinham evolucionado, não se preocupavam nada para os esmagar.

Pelo mais irrisório dos paradoxos, aqueles que deviam, por todos os meios e por todo o preço, abrir caminho à ordem nova, tornavam-se os sustentáculos amedrontados da velha ordem e dos seus princípios devorados pela traça, nos quais os chefes cínicos e lúcidos da reacção já não acreditavam. Estes só se serviam deles quando esses princípios serviam os seus interesses e violavam-nos quando os incomodavam. Os socialistas legalistas, cujos rancores fratricidas contra os comunistas os atiravam, dia a dia, para o passado, fugiam do combate, não só por medo da luta, mas por temerem, também, os seus resultados. Temiam a derrota, mas também a vitória. Tinham perdido a confiança em si. O sangue da acção faltava-lhes.

Aqueles em quem esse sangue corria, os comunistas, não sabiam em que o empregar, esgotavam-no em disputas vãs e ameaças, em punhos levantados, em cânticos de parada, em fanfarronadas, que dispensavam as silenciosas e tenazes disciplinas preparatórias da acção real organizada e provocavam o inimigo, incitando-o a armar-se. Esse inimigo tomara a dianteira. Os seus chefes tinham sabido explorar o pânico que esses palradores da Revolução, com as suas ameaças imprudentes, inspiravam aos rebanhos inquietos. Por toda a Europa, o fascismo blasonava de defensor da ordem moral e social, do pé-de-meia, do cofre-forte, da família, da pátria, da «mãe doente» e do Pai, Deus.

Os grandes burgueses, pouco confiantes, e com razão, nas próprias energias, tinham sido assaz astutos para dar o chicote aos «*Duci*» e aos «*Führer*»

saídos do povo, cuja energia estava intacta e que de lobos se tinham transformado em cães de guarda. À ditadura do proletariado, opunham a ditadura de proletários traidores à sua classe, investidos, temporàriamente, de poderes ilimitados, para a atirar às feras. Dum país ao outro, propagava-se a peste, ora negra ora castanha, do fascismo. A sua virulência crescia com os êxitos. Até a França e a Inglaterra, últimos bancos de depósitos que guardavam nos seus cofres as liberdades democráticas, tinham desaprendido o uso delas e retiravam-nas da circulação.

Os tempos não eram para tergiversações. Ou se era a favor ou contra. As discussões académicas sobre violência ou não violência estavam postas de parte. Tratava-se de fazer um bloco de todas as forças, tanto as da violência como as da não violência, contra o bloco de todas as forças da reacção. Tudo devia incorporar-se no exército: a desobediência civil organizada por Gandhi e as tropas de assalto de Lénin. A objecção de consciência, as greves nas fábricas e nos transportes, a insurreição, tudo eram armas boas para o ataque, que o espírito de Anita agora aceitava. Reconhecia ser o combate necessário. Longe de se retirar do sonho do Um, que lhe tinha mostrado a flauta do pastor, Anita sugava, com as suas raízes, as energias do fundo da terra e transformava-as em acção. Que seria do Um, se o sangue da acção não circulasse mais? O Um é um acto. O Um é o movimento. Se parasse, um só momento, tudo ruiria.

Tudo ruiria, para Anita e para os seus irmãos e irmãs do Ocidente. Isto por o pensamento tomar o aspecto da vontade viva na qual se verte como um metal ardente no cadinho. O próprio pensamento que, nas veias do Gautama, é o sorriso de Nirvana, nas de uma mulher da Europa é o sorriso de Ateneia no combate. Quando o conde Bruno do Chia-

renza repetia a palavra dos sages das neves do Tibete: «*fazer nada é; desfazer é tudo...*» (desfazer o biombo, desfazer o eu que se interpõe entre o espírito e o sol), Anita entendia isso (e não tinha a certeza de Bruno entender também) como um apelo à Revolução. Desfazer a rede apertada das ilusões e dos preconceitos que abafava o velho mundo; desfazer as cadeias do prisioneiro de Miguel Ângelo. Fazer ir pelo ar, sob o impulso da vida nova, os diques do passado, da vida velha...

Quando Anita se encontrava nesse rio de reflexos entrecruzados, em que o seu São Bruno do Himalaia lhe mostrava a imagem do eu em miríades de individualidades, quando via, entre as outras, passar o seu reflexo e toda a ronda que caminha em turbilhão para o Oceano tal como o cortejo do Baco indiano, não havia nenhum risco de essa sabedoria, esse delírio sagrado da Ásia, que desperta na alma da Europa ressonâncias profundas (porque ambas são filhas da mesma mãe) lhe fazer perder a sua devorante actividade. Só se perdia nessa massa em movimento para se encontrar nela multiplicada. Nessa farândola do espírito-Ganges, que corre em borbotões para o Oceano, não era o Oceano que a atraía, era o rio. Adoptou-o. Ouvia bater nas suas artérias os passos do Grande Exército.

NÃO demorou muito a ser conhecida, nas assembleias populares, aquela mulher de luto, de rosto calmo, um tanto pesada, de olhos bovinos, que parecia, em repouso, dormitar, distraída, distante, apagada, mas que, ao levantar-se e a falar, se iluminava, instantâneamente, duma onda de juventude e que, sem pressa, sem subir o tom, numa voz pautada, que não hesitava nunca, lançava no espírito da multidão as suas palavras firmes que indicavam sempre uma acção precisa. Juliano Davy ficara muito surpreendido quando Anita lhe pediu que a acompanhasse a um desses comícios de luta contra o fascismo por ele presididos. Anita não ficou menos surpreendida quando se sentiu impelida, pela primeira vez, a pedir a palavra.

Até então, nunca se sentira atraída pelas discussões públicas. Quando assistia a elas, ao fundo da sala, limitava-se a ver e ouvir os oradores do estrado. Naquele momento, estava sentada no estrado, tinha a multidão na sua frente, recebia no rosto o sopro das massas e observava a sua expectativa apaixonada. Essa expectativa raramente era satisfeita pelos palradores, que se limitavam a seguir o fio dos seus discursos. Perdiam-se em questões de partidos, a que eram indiferentes os seus ouvintes, e não percebiam o apelo mudo que lhes

era feito: «Mostra-nos o caminho, o caminho direito que devemos seguir!...» Anita, porém, ouvia esse apelo, como se fosse ela própria quem o soltasse. Visto ninguém responder, levantou-se e sentiu-se forçada a repeti-lo, em voz alta, tal como o corifeu fazia no drama antigo.

Surpreendeu-a o som da sua voz, logo às primeiras palavras. Essa voz parecia-lhe a de uma outra que a ultrapassava, dum outro eu, avolumado pelas ondas da assembleia. Quase imediatamente, realizou essa fusão de quem fala com as multidões que o escutam e que é a força do orador nato. Não havia nada na sua maneira de falar que se relacionasse com a eloquência. Actuava, apenas, pela sua absoluta simplicidade e pela calma, que davam relevo à ousadia dos seus raciocínios. Essa calma inspirava aos auditórios uma confiança exaltante neles próprios e na causa que defendiam. Anita tornou-se ràpidamente popular. Sentia, nessas assembleias, que seu filho estava junto dela. Estava, na verdade, aos olhos de muitos daqueles que a escutavam, pois prontamente souberam a história de Marcos, que se tornara lendária. Assim, viam juntos o filho e a mãe.

Anita contribuiu, pela sua nitidez de visão e pelo espírito feminino, simplificador e prático, a operar uma reclassificação, necessária, dos partidos. Indiferente ao rótulo e ao formalismo burocrático, obrigava os elementos das duas Internacionais, irmãs e inimigas, a contar uns com os outros no terreno da acção. Mais tarde discutiriam as suas teorias! A verdadeira linha de demarcação dos partidos é a que separa os que desejam actuar dos os que não o querem. Todos os pretextos ideológicos para não o fazer eram sòmente máscaras. A mão da mulher arrancava-as, sem considerações, perante a irritação dos políticos dos partidos de quem perturbava as maquinações equívocas.

A multidão, porém, é feminina e aprovava-a. Tinha necessidade de situações claras. Anita velava para que os debates não se perdessem no confusionismo oratório. Era perita em sintetizá-los, no fim, numa moção clara e prática. Despendia, também, muito esforço ao tomar parte activa nos organismos de auxílio e acção internacional, nos socorros vermelho e operário, nas ligas contra o imperialismo, o fascismo e a opressão colonial. Uma vez metida a mão na engrenagem, todo o corpo passava. Gastava mais do que lhe restava no seu saco. A famosa calma, que admiravam nela, custava-lhe uma supertensão da vontade contra a tensão interior. Sob a aparência da fleuma duma mulher alta, sadia, assaz corpulenta, que a idade tornara um tanto pesada sem afectar a sua energia, o coração, fatigado, começava a traí-la.

Os médicos, segundo os seus hábitos, ocultavam-lhe a sua verdadeira doença. Contam sempre com o gosto ansioso pela vida. Não podem imaginar que, para toda a gente, perder a vida não seja a suprema desgraça e cause um terror inconfessado. Como se o fruto, amadurecido no fim do Outono, não sentisse uma certa volúpia em desprender-se da árvore!... Anita sorria das suas explicações cautelosas. Sabia bastante acerca das doenças, dada a sua experiência de enfermeira, e a intimidade com médicos práticos, como Filipe Villard, seu antigo amante (*).

Vira Villard recentemente. Estava um velho, de fronte devastada, de olhos sempre a arder num fogo insatisfeto, a boca pesada e desdenhosa, carregado de honrarias de que nunca estava satisfeito como Berthelot, o Grande — o do outro século, de quem diziam ser o seu sepulcro no Panthéon o único

(*) V. «O Verão», 2.º vol. de «Alma Encantada».

lugar de que não tinha pressa de tomar posse (se não tinha pressa, era por ter a certeza de que o lugar estava certo: aquilo de que se tem a certeza deixa de apresentar interesse). Filipe Villard, cheio de tudo, mas insaciável, procurava, sem tréguas, como o lobo, *quem devoret*; e enraivecia-se com a exiguidade da presa: um mundo roído até ao osso.

Tanto Anita como ele não tinham procurado voltar a ver-se, embora nunca se tivessem perdido de vista; depois da morte de Marcos, que provocara alguns ecos na imprensa de Paris, Filipe Villard encontrou, na rua, a mãe de luto, que caminhava direita e altiva, de cabeça levantada, tal como as mulheres italianas que transportam à cabeça pesados fardos. Presa de admiração, abordou-a. Já não tinham quase nenhuma ideia comum. Em política, Villard era partidário das ditaduras. Tratava as massas humanas como rebanhos inimigos que era preciso domar e aproveitar, como o homem (o homem digno desse nome: o Senhor) soubera fazer aos outros animais. Os movimentos de massas pertenciam, segundo o seu duro espírito, às forças cegas da Natureza, como as epidemias.

Entre Juliano Davy e ele, havia uma antipatia profunda que, embora não se exprimisse por atenção a Anita, era implacável. No entanto, quando Filipe Villard e Anita estavam sós não se chocavam nas suas opiniões. Continuava a existir entre ambos aquilo que os ligara, as relações antigas, essas profundas raízes da carne (carne é espírito). Conheciam-se no amor e no combate; conheciam as suas forças e as suas fraquezas; as de cada um pertenciam um tanto ao outro e ambos tinham compartilhado delas. Havia ainda o segredo que os aproximava: sabiam-se, um e outro, condenados.

Às primeiras perguntas que Anita lhe fez sobre a sua doença, Villard foi direito ao fim, pois não costumava usar de meias palavras. Espontânea-

mente, descreveu-lhe os sintomas que ela sentia, aquela dor que lhe dava no peito e irradiava ao longo do braço esquerdo, até às unhas. Distinguia-lhe sob as pálpebras, o inchaço azulado da face, e a palidez da mão... Eram indícios conhecidos e lia-os à primeira vista. Aquele corpo fora o da mulher a quem possuíra.

Embora ambos se lembrassem disso, Villard perscrutava-o, naquele momento, com o olhar frio do médico. Tal como ele, Anita via-o do exterior e sentia-se estranha a esse corpo. Perguntou:

— É angina do peito?

— A angina clássica — respondeu Villard.

— Nisso, ao menos — gracejou Anita —, não pode dizer que sou romântica.

No fundo, foi sempre uma clássica sem o saber.

Enquanto se voltava a vestir, Anita perguntou:

— Em que altura, porém, está isto?

— Já não está no princípio.

— Isso bem o sei.

— Já está bastante adiantada.

— Que lhe posso fazer?

— É conforme. Trata-se de poupar os seus passos.

— Quase não ando nada.

— Embora sem se mexer, encontrarás sempre meios de correr como uma louca.

— Conhece algum meio para o impedir?

— Não sei; mas se soubesse, provàvelmente não o diria, pois há remédios que matam mais ràpidamente do que a doença.

— Morrer da doença ou da medicina!... Antes, então, seja da doença.

Villard concordou, pois ele próprio se sabia condenado por uma afecção dos rins das que não perdoam. Não falava nisso a ninguém e continuava a exercer a sua actividade, como se devesse viver eternamente. Deixaria, portanto, Anita prosseguir

na sua, dada a sua experiência de governar o próprio barco. No entanto, pô-la de sobreaviso quanto à sua actividade nos comícios e nas ligas. Nisso, a prescrição do médico estava de acordo com a sua antipatia pela acção social de Anita. Era uma boa ocasião para acabar com isso. O seu antidemocratismo era reforçado por uma aversão especial pela mania de as mulheres se imiscuírem na política. Anita não se enganava a esse respeito e naturalmente continuou nas suas tarefas. A doença, porém, encarregou-se de a chamar à ordem. Tinha o suficiente bom-senso para não persistir. Afastou-se. Filipe foi imodesto no seu triunfo.

— Não se apresse a cantar vitória! — disse-lhe Anita. — Tenho mais de uma corda no meu arco.

— Não se esqueça, amazona, de que só tem dois braços para o retesar!

— Engana-se. Cresceram-me outros.

ANITA tinha, lá longe, a sua filha Assia, e perto de si o pequeno, o filho do seu filho. Encontrava-se, como trinta anos antes, a formar uma criança. Nada, porém, recomeça. A criança não era a mesma, como ela já não era a mesma mulher. Depois de percorrer trinta anos de caminho com um filho, ao recomeçar a tarefa, já não há a mesma febre de expectativa. Já se sabe aonde o caminho conduz e, como no jogo da glória, onde se encontram os poços ou as prisões, escalonados no trajecto. Há sempre o risco do que darão os dados, mas a trajectória já não tem as ansiedades do imprevisto: é caminho já trilhado. Bem entendido, nem sempre é assim. A paisagem, no intervalo, foi modificada pela passagem de uma geração. Outros precipícios se abriram, embora muitos dos antigos tenham sido atulhados. Corre-se até o risco, mais de uma vez, de ter um engano no caminho, pela fidelidade às próprias recordações.

Além disso, aquele serzinho novo de quem não havia dúvidas de estar feito com pedaços do antigo, era, porém, outro, num outro mundo, num outro tempo. Isso era, na verdade, perturbante. A criança tinha os mesmos olhos e os mesmos traços... Antes de ter falado, porém, sentia-se, sabia-se, que era um hóspede novo e uma nova era que tinham en-

trado em casa. Aquele serzinho, acabado de chegar, a quem ensinavam a andar, encontrar-se-ia, de súbito, num terreno que, antes de ter explorado, já conhecia muito melhor do que os outros. Estava ao nível do dia de hoje. Entendem-se bem um e outro e nós ficamos à porta... Depende de nós atravessar o limiar. Ousemos penetrar no futuro! É muito fácil para quem se liberta do passado! Anita, contudo, não queria, não podia fazê-lo; não desejava sacrificar nem um nem outro. Para chegar a estabelecer entre ambos uma harmonia, foi preciso mais de um dia. Nos primeiros tempos, Anita limitou-se a observar, maternalmente, o neto. Tinha tanto a aprender com ele como a criança com ela. Georgina servia-lhes de intermediária.

A mais estranha e a mais encantadora aliança se estabelecera entre a jovem e o pequenito. Separavam-nos quinze anos, mas dir-se-ia que os uniam. O rapazito de menos de oito anos e a jovem de mais de vinte e três tinham, por um secreto acordo, decretado que eram rei e vassalo um do outro... «Pertences-me. És minha propriedade...» Não houvera necessidade de estabelecer condições. Não tinham ambição alguma! «Sou tua propriedade. Pertenço-te». O tratado fora firmado!... «Não é a tua vontade; é o meu prazer e o meu prazer é o teu...» Qual poderia ser o terreno comum entre a criança e a jovem? Todos os terrenos lhes eram comuns, assim como todos os laços que podem unir um ao outro dois seres humanos, fora daquele que junge os dois sexos.

Estavam justamente, um e outro, na linha de partilha das águas, onde se pode beber de todas as fontes. Havia a fonte fraternal: a irmã mais velha e o benjamim. Havia a fonte maternal: quando o pequenito se enovelava, com um desgosto ou uma alegria demasiado pesada para os seus bracinhos, nos braços fortes da jovem, esta sentia um afluxo

de alegria quente nas suas entranhas, como se aqueles pèzinhos dançassem nela. Havia ainda a fonte do amor, do único, do verdadeiro (só há um para todos os seres), aquele que dorme ou vela, sonha, murmura, fala alto, nos corações dos machos e das fêmeas (é preciso que estes belos nomes brutalizados sejam restabelecidos na sua dignidade). Era esse amor que os fazia arder eternamente no desejo de se unirem como as duas metades de um ser único... O amor sagrado que, no mistério do seu refúgio, não conhece nenhuma barreira, salta por cima das idades e, embora tenha as suas raízes mergulhadas na carne, não cura disso no seu impulso ilimitado, para unir os seres, para além dos mares e através do espaço e dos anos...

De onde vinha essa necessidade de mútua adopção, que se satisfazia sem perturbações nem constrangimentos? Para o pequeno, dos primeiros dias em que a sua memória retivera o fio do tempo sem o soltar. Desde há três anos (parecia-lhe que desde sempre) via rir, por cima dos seus olhos, os belos dentes da grande amiga. Naquelas noites de Estio, quando, nos prados, pela janela, se ouvia o rumor dos moinhos ou o rugido longínquo da torrente (fora na Suíça, naquelas semanas em que seu pai se dirigia ao encontro do punhal florentino) a criança ouvira o sopro calmo desse grande corpo deitado (ela levava-o para a sua cama) e sentira a curva do seu braço quente em que apoiava a face. Felicidade e paz... Nada poderia abalar essa impressão fundamental, nem nos dias de luto que se lhe seguiram, apesar das inexplicáveis perturbações da casa... Ambos, quando estavam sòzinhos, sem a presença de estranhos, não sabiam o que eram perturbações ou luto... *Gioia. Pace.* Não se pode explicar isso a quem não conhecer esse estado. É uma sorte única. Só uma vez em mil a natureza alcançará esse acordo perfeito, esse acorde.

Para a jovem, parece que a vontade deveria representar, na adopção, um papel mais importante do que para a criança. Tinha sido indispensável que aquele companheirozinho se introduzisse, num determinado dia, na sua vida, que antes não conhecia. Eis, contudo, o mais estranho: quando a rapariga pensava nisso, parecia-lhe impossível que na sua vida anterior não o tivesse conhecido. De outro modo, como seria possível reconhecê-lo perfeitamente quando ele chegou? Recordava-se bem: Anita, um dia, pusera-lhe a criança nua nos braços. A mãe deveria ter saído por uns instantes e ela ficara sòzinha com o pequeno. Perturbada pelo doce contacto desse corpo doce de passarinho sem penas, curvara-se para ele e o *bambino* sorrira.

Uma súbita alegria a atingira, a inundara dos joelhos à garganta, a ponto de os seus seios se terem endurecido. Descobrira a sua maternidade. Jamais antes, na sua vida arrapazada, ruidosa, activa, desportiva, sentira, um momento que fosse, esse frémito. Só então ele se lhe revelara, num jacto fulminante, a ponto de não querer sequer admitir a possibilidade de ter vivido sem ele. Vivera para ele, na sua expectativa... Todo esse tempo da sua vida anterior o passara atordoada pelo movimento e pelos jogos desportivos. Durante todo esse tempo, mantivera oculto, formado, alimentado, embalado, aquele pequeno, o *seu* pequeno!... Todo aquele corpinho era novo para ela, mas todo ele era já seu conhecido, desde as minúsculas unhas dos pés (ria de ternura ao olhar para elas) até ao seu cheiro de pão quente.

Naturalmente não ousava dizê-lo em voz alta diante das outras pessoas. Havia aquela outra que era a mãe. (Georgina, ciumenta, considerava sê-lo mais do que ela); havia Anita... (a qual sorria ao ver a criança e Georgina, que não sabia se ela não leria no seu íntimo e não ousava procurar a certeza disso); havia todos os outros, Sílvia e o pai, que era

incapaz de a compreender... Não lhes podia revelar o seu segredo... Do que tinha a certeza, porém, podia jurá-lo, era que ele, o pequenito, a compreendera! Era um segredo só para ambos. Tinha razão. Simplesmente, a criança achava isso muito natural e não podia imaginar que fosse segredo.

Anita tivera de velar, sem deixar transparecer nada, para que a susceptibilidade de Assia não se ofendesse. Assia, porém, nas semanas anteriores ao seu novo casamento, estava demasiado ocupada pela sua paixão, pelas suas preocupações, para poder observar atentamente a criança. Quando, no meio do seu turbilhão, se lembrava dela, entrava em casa como um pé-de-vento, arrancava-a ao que a ocupava, fossem os brinquedos ou as conversas com a amiga, açambarcava-a, aprisionava-a nos seus braços, mergulhava os seus olhos nos dela, esmagando-a com perguntas que não esperavam resposta e com abraços, sem curar se o pequeno sentia prazer nisso ou não. Depois, saciada, deixava-a e voltava às suas penas e às suas esperanças.

Anita era a única a seguir, com o olhar de lado, as reacções morais da criança. Ainda assim, só via metade. Operava-se nesse homenzinho um trabalho secreto de que as pessoas grandes nem suspeitavam. Vania (era rico de nomes nas duas línguas: Jean, Ivan, Jeannot, Vanneau, Vania e Vaniucha) depressa compreendera ser inútil e até talvez prejudicial opor uma resistência à passagem desse tornado... «Por que será que ela me abana tanto? Parece que tem esse direito. É minha mãe...» O melhor era esperar que passasse a tempestade. Por isso, o pequeno lhe abandonava o corpo passivamente. Era bom observador. Notara que nesses últimos tempos, anteriores ao segundo casamento, sua mãe se tornara mais bonita e cuidava mais de si. Cheirava bem. O seu nariz de cachorrinho não lhe farejava, apenas, a pele, mas também os pensamentos

que a percorriam. Percebia, com uma curiosidade não despida de ironia, toda aquela agitação interior e todas aquelas palavras volúveis, bruscas e cantantes, que o divertiam, o fatigavam, mas de que não perdia uma.

O filho tinha o seu pensamento próprio e fazia acerca do novo casamento as suas reflexões. Não as fazia, porém, a ninguém. Também evitavam de lhe falar a esse respeito. Maior razão, portanto, para pensar nisso! (As pessoas crescidas não sabem que os assuntos de que evitam muito falar despertam, assim, a atenção de crianças). A mãe era para Vania um curioso problema vivo. A curiosidade ultrapassava a ternura; mas era, apesar de tudo, um atractivo. Que teria ela lá dentro? Não perguntava nada disso a respeito de Georgina. Qual das duas tinha a melhor parte? De momento, esperava que a invasora, que se apoderava dele, o deixasse. Já havia notado que todos os aborrecimentos têm um fim.

Quando Assia partiu, viu-a afastar-se para longe sem grande pena. Apreciou-a melhor depois de ela se ter ausentado. Pareceu-lhe que faltava qualquer coisa no seu céu... Não era a afeição maternal! Desta tinha à volta de si tanta quanta quisesse. Entre as suas mães, estabelecera, secretamente, uma jerarquia. A da América, que o tinha deixado, não foi — talvez, precisamente por esse abandono — aquela a quem quis menos. As censuras contra ela, que surpreendera ou adivinhara nos que a rodeavam, actuavam num sentido muito diferente daquele que os censores podiam supor. Embora não compreendesse as razões do procedimento de sua mãe e se julgasse lesado por elas, não estava menos interessado pelo que se passava. Estava-o até mais.

Vania não era uma destas crianças enfezadas e desconfiadas que recalcam, com medo, as suas ofensas secretas e os seus rancores, assim como os desejos proibidos. Sentia-se abundantemente provido

de afeições (as que recebia e as que dava) para uma, que parecia afastar-se dele, lhe causar excessiva amargura. Tinha a certeza de que, se quisesse, a recuperaria. Até, se ela não voltasse mais... Passaria bem sem ela! Esse homenzinho tinha uma confiança imperturbável em si e na vida. Se a pudesse exprimir surpreenderia as mulheres de quem descendia: Assia e Anita. Não era um excesso de optimismo. Desde muito pequeno que vira bastante à sua volta para saber que a vida não era feita de belos sorrisos; ternos e doces, nem de boas mamãs ou de santinhos bem pintados, penteados e barbeados, como os das vitrinas dos armazéns da Rua de S. Sulpício.

Roçara-se, muito cedo, desde os seus primeiros dias, pelo pêlo dos lobos, a começar pela mãe e a acabar (isso não acabaria!) por aqueles que lhe tinham matado o pai. Pouco lhe importavam os lobos! Era do seu bando. O essencial não era que a vida fosse agradável, mas que fosse vida. Quanto mais vida há, mais alimento. O rapazinho tinha apetite a bons dentes. Nas outras pessoas, boas ou más (são sempre um alimento!), gostava, em primeiro lugar, que fossem interessantes. Aquela mãe tempestuosa que levantara voo para além do Atlântico, interessava o garoto! Não compreendia, mas farejava nela o ar marinho (ou o vento das estepes?...) Que sabia disso a não ser que soprava! Muito amor, muito ódio e aquelas tempestades (apanhara no ar as suas palavras arrebatadas) contra a sociedade... A «sociedade» — que era isso? Era aquilo onde estava?... «Ver-se-ia mais tarde! Saberei julgar por mim próprio...»

Enquanto esperava, Vania mantinha-se reservado contra *aquilo* onde estava, as tempestades que agitam a atmosfera. Assia era a mãe de execpção, a mãe dos grandes dias. A outra, Georgina, era a mãe de todos os dias. Disse-lho, muito simples e francamente: «Uma para as festas (festa ou tempestade), a outra para usos correntes». Georgina riu às gargalhadas.

Aceitava a sua parte. Era a de todos os dias! Deixava o resto a Assia. Compreendia que Vania reservasse esta para os dias de festa. Ela própria era demasiado sensível à atracção tempestuosa de Assia para não se mostrar generosa. Não era como Sílvia, cujo rancor nunca desarmara. Se diante dela atacavam Assia, defendia-a e interdizia-se de a recriminar fosse pelo que fosse. O pior do que a acusavam não era ter feito à própria Georgina o dom do seu filho? «O nosso rapaz. O meu! O meu pão. Obrigado à padeira!...»

A vida a dois organizou-se. Ao princípio, Georgina ia todas as manhãs a casa de Anita, mas tinha de regressar a casa de seu pai, para a refeição do meio-dia; depois, voltava, para passar a tarde com a criança, a quem deixava, com mágoa, quando ia jantar. Juliano vivia, então, em Passy e Anita no Luxemburgo. Georgina devia andar sempre a correr e ninguém estava satisfeito com isso. Juliano lamentava-se de nunca ver a filha, que aparecia às refeições sempre atrasada. Pertencia ao número desses burgueses de França que não podem tolerar uma falta de pontualidade e a quem isso torna isuportáveis. O pequeno nunca queria deixar partir Georgina. De todas as vezes, eram adeuses e chamamentos e novos adeuses enamorados. Anita, divertida e comovida com isso, sugeriu ao seu velho amigo que deixasse Georgina tomar a refeição do meio-dia com ela. Juliano consentiu: sofria menos ainda com a ausência da filha do que pelos atrasos dela.

Juliano, depois, comoveu-se também com o caso. Após levar tempo a compreender que Georgina deixasse tudo, a sua casa, os seus trabalhos, os seus interesses, por aquela mania, acabou por ver (Anita emprestou-lhe os seus olhos de que ele gostava) a beleza daquela misteriosa chama maternal que ardia no coração virgem de sua filha. Foi ao encontro do

seu desejo. Êra homem para se sacrificar muito simplesmente. Foi ele próprio quem propôs a Anita que ficasse com Georgina como sua pensionista. Pretextou, para tirar à filha qualquer remorso, ter projectado, havia muito tempo, uma viagem de estudo à América, onde passaria, provàvelmente, um ano. Sentir-se-ia tranquilo por saber que a sua filha estava sob o tecto de Anita. Anita não se deixou enganar pelo pretexto; Georgina, porém, aceitou-o com facilidade e, no egoísmo da juventude, soltava gritos de alegria e beijava, furiosamente, o pai, Anita e a criança. Anita, quando ficou sòzinha com Juliano, fitou-o, sorriu, e disse:

— Meu caro Juliano... agora é a minha vez!

Beijou-o e Juliano, comovido, perturbado, tossiu e disse, procurando as palavras:

— No fim, a minha Georgina... bem sabe... pertence-lhe...

Anita pôs a sua mão na dele e concluiu:

— Compreendo... É de nós ambos... meu caro amigo!...

Mudaram de conversa. Nas suas idades já não há necessidade de falar. Sabe-se. A instalação fez-se ràpidamente. Foi grande a alegria das duas crianças. Georgina ocupou o antigo quarto de Assia; a caminha de Vania ficava num estreito compartimento ao lado, cuja porta se mantinha entreaberta. Anita ouvia-os, através da parede a que se apoiava a sua cabeceira, murmurar e rir, de manhã, como pardais, e os pés nus que arrastavam no soalho, para se visitarem de um quarto para o outro. Foi depois decidido, visto nenhuma obrigação os reter em Paris, instalarem-se nos arredores.

Alugaram na orla do bosque de Meudon uma casa simples e clara, com algumas árvores e um jardim à volta, onde se sentiam mais à larga. Havia até um quarto para Sílvia, se ela quisesse; mas ela fazia-se rogada. O melhor meio para ela concordar

em ir era dar a impressão de não terem empenho nisso. Não era por ela não sentir a necessidade de ser amada, embora proclamasse não acreditar na afeição. Estava, porém mais faminta de independência, e, com a idade, tornava-se mais rabujenta. Mantinha-se sempre na defensiva contra tudo que lhe parecia poder afectar essa independência.

— Pois bem — dizia Anita —, encerra-te na tua torre! Sairás de lá quando quiseres. Ficaremos contentes se vieres; se não vieres, paciência...

Aquele universozinho a três estava completo: Ana, a virgem e o menino. Como nos retábulos florentinos, Santa Anita, de sorriso leonardesco, feito de ironia e ternura, sentava nos seus joelhos a grande filha que tinha ao colo o *bambino*. Se ela, porém, só os via a ambos, os dois só se viam um ao outro. Anita demorou muito tempo a mandar o pequeno para a escola. Descobrira o génio de educadora que aquela maternidade de eleição fizera surgir na virgem-mãe. Por isso, para começar, abandonou a argila macia daquele corpinho nas mãos hábeis e robustas da modeladora.

Vania passava uma parte do tempo, seminu, no jardim, ou nos bosques, vestido só com umas bragas de jovem gaulês. O instinto de Georgina ditava-lhe, como primeiro ensino a ministrar, habituar o seu rapaz à resistência, não estóica, bem entendido (pois essa é o recurso dos desesperados), mas à resistência que dá alegria. O princípio da alegria tem sido, justamente, reivindicado pelas escolas novas do Ocidente, desde há um quarto de século. Georgina, sem nada saber dessa pedagogia, juntava à noção do prazer que é fruto das brincadeiras livres da criança, a noção viril do esforço que inclui a necessidade do sofrimento para a alegria ser plena. Dizia ao seu pupilo:

— Se fazes o que podes é muito pouco! É preciso fazer, de cada vez, algo mais do que podemos.

O prazer é bom para sugar (não digo que não!), mas isso está ao alcance de qualquer vitelo. O melhor, o verdadeiramente bom, é quando começamos a mastigar a nossa dor. Nada equivale a esse gosto na boca. Lambe o teu suor!... Um bocadinho mais; mas não demasiado! O demasiado seria próprio de um tolo. Nem tolo nem vitelo... Vamos! Faz o que te digo!... Ainda uma vez! Ainda outra!... Alto!... Cuidado com o excesso!... Amanhã iremos mais longe.

Nessas brincadeiras, as quatro patas e a caixa do rapazinho bronzeavam-se. O espírito não perdia nada com isso. Georgina ensinava-lhe a mesma ginástica do esforço. A filha de Juliano manejava destramente o arco da inteligência. Os problemas abstractos da ciência, sob os seus dedos ágeis, desenovelavam-se tão simplesmente que os dedos rápidos do macaquinho repetiam, ponto por ponto, os mesmos movimentos, sem reparar nas dificuldades. Os dedos do espírito iam à frente do pensamento; o instinto resolvia os problemas antes de ter raciocinado «como». Era esse o bom caminho, a linha recta: o «como» viria depois, após ter chegado. Se, para partir, esperarmos que isso seja alcançado, passaremos a vida toda à espera! Caminhar sempre! O «como» acabará por nos apanhar...

Georgina comunicava a Vania a sua intuição, tanto a do espírito como a das mãos. Raciocinà-la era, depois, uma bela charada que se divertiam a resolver, com vagar, à noite. Durante o dia, porém, era preciso ver e agir! Ver para agir, pois os dois movimentos são apenas um quando se é sadio. Teremos tempo de compreender! Compreender? Como se o olhar e a mão, à primeira vista, não tivessem já compreendido! Não são precisas palavras para pensar; mas quando a hora soava para as palavras nem Georgina nem Vania estavam desprovidos delas. Não tinham a língua paralisada. Ah! como

gostavam de discutir!... Anita ria ao ouvi-los. Até a pensar e a discutir, davam a impressão de lutar, braço a braço, de brincadeira.

Podemos acreditar que os problemas da existência, cujos tormentos tinham feito sangrar a geração anterior, os preocupavam tanto como as solas dos seus sapatos! (Aliás, andavam de pés nús nas sandálias). Em primeiro lugar, ambos, a jovem e o rapaz, tinham boa saúde. Não sabiam o que era uma doença. Não conheciam por si próprios (não o conhecer é uma grande falta!) a miséria e a crueldade da luta pela existência. Se as conhecessem, era muito provável que estivessem aptos a defrontar-lhes os assaltos, pois, para uma Georgina, a vida inteira era um estádio. Seria muito bonito se fosse assim! O próprio estádio é um luxo. Não podia dissimular-se que a vida de Georgina e a criança, por muito simples e sã que fosse, era um luxo. O maior luxo não é o do dinheiro, mas o do isolamento.

Essa educação individualista estava à margem dos destinos comuns. Anita sentia com isso um surdo mal-estar. Mais claramente do que ela, Sílvia teria alguma coisa a dizer a esse respeito. Só o dizia, contudo, raramente, pois tinha poucas ocasiões de se misturar ao que se passava em casa da irmã. Anita, que uma grande fadiga e uma necessidade invencível de solidão entorpeciam, desde os primeiros tempos de convalescença da sua ferida, abandonava a Georgina a direcção da casa. Para dar tranquilidade à sua consciência, dizia a si própria que interviria mais tarde, pois não havia, jamais, tempo perdido. Não o havia, com efeito. Georgina batia o ferro na bigorna, antes de o temperar. O pequeno Vania seria de aço sólido, pois a jovem não deixaria que tivesse qualquer falha.

O rapaz não tinha nenhuma dessas perturba-

ções ou dessas fugas ante as sombras e ante os monstros, que correm tantas vezes, sem que se pense nisso, o espírito inquieto das crianças. A vida decorria clara sem a obsessão do desconhecido. A despeito do choque que poderia ter sido para Vania a trágica desaparição de seu pai, não parecia preocupar-se muito com o sombrio termo que espera o corredor ao fim da carreira. Georgina preocupava-se com isso tanto como ele. A sua tranquila indiferença a respeito desse «depois» era, para Anita, um alívio que não deixava de a maravilhar, embora tivesse dificuldade em o compreender. Tinham-lhe sido precisos tantos esforços e penas para chegar à sua aceitação, após reiterados malogros! Aqueles dois pareciam estar instalados nisso muito à vontade.

Georgina habituara Vania a considerar a morte simplesmente como um acto natural, normal, fácil, nada aterrador. O espírito sólido e ordenado da jovem, semelhante a uma casa bem organizada, estabelecera o equilíbrio do implacável estudo da medicina com o vigor do desporto e a alegria dum corpo sem defeitos. Era dotada de uma alegria calma e de uma inteligência precisa e clara, que se interessava por tudo quanto existe. Sabia o segredo de falar, naturalmente, a Vania de todos os assuntos naturais: a morte, a doença, as questões do sexo. Nunca tivera para ele uma reticência, uma falsa vergonha, ou, ao contrário, um impudor, uma excessiva liberdade: dizia-lhe aquilo que é. O que é é como é. Quando é bom, temos de o aproveitar; quando é mau procuremos torná-lo bom. Em ambos os casos, não há motivo para tapar os olhos. Vê-se; é sempre interessante observar. Até quando o espectáculo decorre em nós próprios, sobretudo, em nós! Somos, então, espectador e espectáculo.

— Olha para a tua peça! Não te apresses! O actor agita-se; mas o espectador está sentado

num bom lugar e é livre para aplaudir, patear ou bocejar. Quando o espectáculo nos aborrece, temos liberdade para dizer: «basta!»

Vania assistia sem perturbações ao despertar ingénuo e despreocupado da sua puberdade. Estava satisfeito por ser um rapaz. O mundo parecia-lhe uma rica invenção. Como tudo nele era engenhoso! Os mecanismos da vida obedeciam a leis claras. Não se pode pensar numa revolta contra essas leis! Todas as máquinas obedecem às suas leis. É preciso aprender a manejar a máquina. «O meu corpo, a minha vida, é o meu carro...»

— Não é verdade, Georgina?

— É sim, Vania, condu-lo bem e não vás de encontro aos transeuntes!...

Como é divertido viver! Quanta alegria ao partir, na manhã fresca, pela estrada branca, com o carro novo e brilhante, sem ter ainda um grão de poeira nas suas belas peças polidas e que voa como um pássaro, obediente à mais leve pressão das mãos, levando junto de mim a camarada que já percorreu uma parte do caminho e o repete para gozar dele, mais completamente, a dois! Por mim, gozo do que ela viu e de quanto vejo e ainda do que ela vê com os meus olhos...

Parecia-lhes que as suas vidas só eram completas quando estavam juntos. A cada um, quando sòzinho, faltava-lhe um pedaço. O passado próximo de que era fruto — seu pai, sua mãe e os outros —, como conseguiria Vania compreendê-lo sem Georgina, que fora testemunha dele? Era como se dispusesse de um vague-mestre que o precedesse para explorar o caminho. Por seu lado, não o explorava menos para Georgina, porque estava escarranchado no seu pescoço, com as pernas cruzadas por debaixo do seu queixo (os queridos joelhinhos!...) e o olhar agudo do observador a pairar por cima da cabeça daquela que o conduzia. Visava e alcançava

mais longe do que o dela. Mais de uma vez, sem o querer fazer, explicou a Georgina o seu próprio pensamento. A jovem via assim mais claramente o seu caminho. Estabeleceu-se, desse modo, uma curiosa igualdade, e, frequentemente, era ela quem perguntava ao pequeno:

— Diz, Vania, que pensas tu disto?...

Naquilo em que Georgina lhe seria muito útil, era a respeito do pai, que a criança conhecera pouco e mal. Marcos andava demasiado ocupado com as suas paixões e a sua acção, para se ocupar muito do pequeno. A essas paixões e a essa actividade a criança naturalmente só prestara uma atenção distraída. No tempo da crise entre os seus pais, a sua memória começava, apenas, a libertar-se das brumas, e os fragmentos de recordações que os seus olhos de pardal tinham entrevisto ficavam sem coordenação. Mais tarde, habituara-se a fazer vida à parte da desses dois seres apaixonados, que, aliás, procediam do mesmo modo com ele.

Depois de lhe terem sido bruscamente arrancados, o instinto de Vania levava-o a sentir que era um pedaço de eles ou eles de ele. Desejaria recuperar o perdido, mas era muito tarde!... Nunca é, porém, demasiado tarde quando a vontade tem o recurso de um espírito imaginativo, decidido a forjar aquilo que lhe falta. Georgina auxiliava-o muito nisso: evocava-lhe a miragem da sua infância e contava-lhe as cenas daqueles anos que não tinham deixado traços na sua memória e se projectavam no fundo do seu quadro, naquele horizonte inacabado que acolhe todas as ilusões. Antes de Georgina terminar de contar esse passado, os passarinhos fugidos de Arca encontravam fàcilmente lugar para se aninharem nas moitas das recordações de Vania. Proliferavam até e quando Vania, por sua vez, contava a sua história, acrescentava-lhe, de boa fé, algum pormenor. Era muito capaz de dizer: «Não

foi assim! Sei-o melhor do que tu, Georgina, pois deu-se comigo!»

Ambos não tiveram nenhuma dificuldade em fazer de Marcos um retrato exagerado. Georgina estava tanto mais disposta a secundar os votos secretos da criança quanto é certo que ela própria havia conhecido muito pouco Marcos. Este exercera nela uma atracção de curiosidade romanesca que, no breve tempo das suas relações, não tivera tempo de ser satisfeita e fora excitada pela explosão trágica da sua morte. Como Anita não dizia nada, fosse a quem fosse, daquele filho que queria só para si, a imaginação de ambos podia pintar à vontade o fresco da sua vida. Esta tomara, aos olhos de Georgina, um colorido de lenda. Pouco faltava para que Marcos não tomasse o aspecto de S. Jorge: o jovem grave, de olhar recto, que oferece o peito às lançadas do destino... O facto de ter caído, dessa vez, no combate, heroificava-o ainda mais.

— Sou seu filho; vingá-lo-ei...

— Vingá-lo-emos...

Desde que Vania passara a ser seu filho, Georgina era a viúva, que recebera as cinzas do morto e a sua vingança... Havia, porém, a outra mulher: a outra mãe... Eram, portanto, duas. Tinha de confessar que a outra recebera de Marcos a melhor parte, que não era a lendária. Georgina era demasiado sincera para se iludir, em tais assuntos, e atribuíra à lenda uma superioridade sobre o que era real. Ao menos, porém, no que dizia respeito a Vania, o real era que ela o possuía. Quem vai ao ar perde o lugar! Assia tinha-o perdido e não parecia, graças a Deus, ter pressa em reivindicá-lo. A sua vida nova absorvia-a. De longe em longe, um acesso de saudade atacava-a e escrevia a Anita uma carta de amor e de remorso, que era como uma torrente de lava...

Uma vez a lava atravessou o mar: Assia seguiu a sua carta e apareceu, imprevistamente, sem dizer nada, em Meudon, onze meses após a sua partida. A violência da sua paixão procurava apaziguar-se nas conversas com Anita e encerravam-se as duas a falar. Ao primeiro encontro, Vania mostrou-se retraído, com uma afabilidade demasiado polida que fez sustar o entusiasmo da mãe. Assia ficara intimidada com o olhar do filho, a analisá-la enquanto ela falava. O pequeno, no entanto, mostrava-se amável, afectuoso, cheio de atenções, talvez demasiadas!... Aquele olhar, porém, observava-a estranhamente. Assia sentia vontade de velar o coração com as mãos... e não sòmente o coração! Trazia dentro de si outro filho e embora a sua gravidez, hàbilmente disfarçada, mal se notasse, o olhar de Vania perturbava-a quando se pousava nos seus flancos. Que via a criança? Que pensava? Assia sentia-se ferida no seu pudor, como nunca o estivera diante de um homem. Não ousava perguntar o que se passava na cabeça do filho. Talvez ele próprio nem o soubesse. Numa ocasião, porém, em que menos o esperava, a boca de Vania abriu-se para perguntar:

— Estás contente com o teu marido?

Assia, que não era nada tímida, perdeu a respiração e não soube que lhe responder. O pequeno continuou:

— Gostas mais dele do que do papá?

— Oh! não! — respondeu Assia com sinceridade.

— Então porque casaste com ele?

A pergunta acabou por a desorientar. Respondeu, confusa:

— Não podia ser de outra maneira...

O filho não insistiu. Assia ficou inquieta acerca do que ele pensava:

— Não querias? Diz: fiz mal?...

— Não; compreendo; não podes viver sem um marido.

Assia sentiu-se como perante um chefe de família que lhe concedia a sua indulgência. Sentiu-se, ao mesmo tempo, intimidada e mortificada com isso. Foi desabafar a sua amargura no seio de Anita. Não podia, contudo, acusar ninguém. Todos eram cheios de gentileza para com ela. Até Georgina se dava ao luxo de a lamentar. Era o cúmulo! Por pouco não lhe dizia: «Quer levar consigo o pequeno?» Estava assim tão convencida de o conservar!... «Conservá-lo? Tens a certeza disso... tiro-to...»

Assia esteve a ponto de agarrar Vania e de lhe dizer: «Levo-te comigo. Vem! Imediatamente...». Que faria ela, porém, se ele lhe dissesse: «Prefiro ficar...», ou, então, se lhe pegasse na palavra: «Muito bem! Vamos!...». Que faria com ele, lá longe, juntamente com o outro filho, com aquele outro homem?... Por outro lado, que faria o filho, com aquele seu olhar de seriedade prematura e aquela ruga de decisão na boca? Não; era melhor que ele ficasse, tanto para ele como para ela...

Assia vingou-se, contudo, de Georgina, ao apontar-lhe os vícios de educação do pequeno. À primeira vista, o seu olhar agudo e o seu ciúme tinham-lhe feito ver aquele isolamento de burguesinho privilegiado (o privilégio empobrece da substância da vida em comum...) e aquela falta de contacto com o mundo das outras crianças, sobretudo daquelas que, desde os primeiros passos, têm de se defrontar com as realidades duras e sãs (sãs? malsãs?... São é, porém, o combate).

Assia desejaria mergulhar lá o filho. Georgina foi sensível às suas ásperas censuras, que despertaram as por Anita, secretamente, dirigidas a si própria. As duas jovens discutiram diante dela, com paixão. Cada uma defendia a sua tese até ao exagero e não

era só o bem da criança que as dominava. Georgina sentia que no fundo Assia tinha razão; mas não queria privar-se do seu companheirinho. Felizmente, Assia fornecia-lhe, com os seus violentos exageros, pretextos plausíveis para se defender.

Precisamente nessa altura, Sílvia ocupava a sua febril ociosidade com problemáticos ensaios numa espécie de escola, ou colónia, para os pequenitos vagabundos dos bairros pobres. (Contamos mais longe essa aventura). Assia, quando o soube, não hesitou: no arrebatamento da discussão, falou de mandar para lá Vania. Georgina opôs-se a isso, indignada. Anita sorria; mas Assia teimava. Foi o pequeno quem decidiu, ao dizer:

— Não!

— Como não? — disse a mãe. — Não peço a tua opinião.

— Mas eu dou-a — retorquiu o rapaz — e digo: «não!».

Vania abanava a cabeça com ar decidido. Assia chamou-lhe, com desprezo:

— Pequeno burguês!

Vania fechou os punhos e gritou:

— Isso não é verdade!

— Tens medo de te sujar com os garotos da rua?

— Não tenho medo de me sujar com ninguém; mas não irei!

— Porquê?

— Não irei!

Recusava-se a dar explicações; mas Anita, atraindo para si o rapazinho de fronte teimosa, murmurou:

— Não queres ir para casa *dela*?

O pequeno abanou de novo, a cabeça enèrgicamente.

— Que estão para aí ambos a conspirar? — perguntou Assia.

— É cá connosco; compreendemo-nos muito bem.

Alguns dias antes, Sílvia tinha ido a casa da irmã. Por sorte, Assia saíra, mas Sílvia, que encontrou sòzinha Georgina e o pequeno, soube por eles da chegada inesperada da mãe. Era incapaz de velar os seus sentimentos. Era mulher capaz de se fazer cortar em pedaços por aqueles de quem gostava, mas também capaz de cortar em pedaços os que odiava, e só o Diabo sabia por vezes por que amava ou odiava! (Ela, porém, sabia-o... Isso bastava!). Era implacável até ao desvairamento, até correr o risco de envenenar o coração daquele rapazinho a quem tanto queria. (Gostar de alguém não significa sempre querer o seu bem, mas querer o bem de si próprio!).

Não foi Sílvia a ponto de, diante de Vania, contar a Georgina — a qual, por seu lado, ficou tão desorientada que não procurou afastar a criança — as loucuras do coração que estiveram prestes a devastar a vida conjugal dos pais? Bem entendido, apresentava-as sob o aspecto o mais injurioso possível para a mãe... Anita regressara nesse momento: apanhou no ar algumas palavras e viu a palidez da criança. O seu rosto também mudou de cor; o olhar chamejou; agarrou em Sílvia pelo ombro e, violentamente, empurrou-a para a porta:

— Vai-te embora!

Nunca Vania, nem Georgina, lhe tinham ouvido aquela voz. Sílvia não replicou, e, de cabeça baixa, partiu. Anita fechou-lhe a porta nas costas, de narinas frementes e de sobrancelhas contraídas. Vania nunca tinha notado como eram espessas: formavam uma barra por cima do nariz. Anita voltou-se e deu com o olhar do neto. Acalmou-se, instantâneamente, sorriu, encolheu os ombros e disse:

— Vamos, meus filhos, se vos dissesse para não pensarem mais nisto, não os impediria de pensar; mas não concluam nada! Não temos o direito de

julgar. Cada um de nós tem as suas alegrias, os seus desgostos, as suas razões e sem-razões. Cada um tem a sua carga! É consigo e com ninguém mais. É proibido aos outros meterem lá o nariz! Se aqueles a quem amamos sofrem ou estão enganados, são por isso mais de lamentar e devemos gostar mais deles. O nosso dever é pedir perdão, se, sem o desejar, surpreendermos os seus segredos! Vania proferiu, então, de mau modo:

— Pois *ela* que peça perdão!

Ela podê-lo-ia, porém, pedir, que ele não lho concederia. Ficara com rancor a Sílvia e nada o faria ir para casa da que ofendera sua mãe.

À força de instar Anita sobre o segredo da criança, Assia acabou por saber, sob forma discreta, a causa da recusa de Vania. Afectava indiferença pelo mal que podiam dizer dela e continuou a ser severa para com o filho. O facto, porém, de ele se ter apaixonado tanto com a ofensa, foi um bálsamo para o seu coração ferido. No dia da partida, ao passar junto de Vania como um pé-de-vento, com ar de quem não via, voltou atrás, atirou-se a ele e abraçou-o com violência:

— Meu Marcos! Meu Marcos!...

Assia passou as últimas horas junto de Anita, ajoelhada, com lágrimas e gritos abafados, a desabafar naquele coração, que sabia ser-lhe devotado, todos os seus segredos, os seus arrependimentos, as suas paixões, tudo quanto ocupava a sua alma insaciável. A mão de Anita acariciava a cabeça da virgem louca, aquela fronte ardente, os olhos ardentes, o nariz ardente, que se roçava como o dum cão, a boca a arder, que lhe teria lambido as mãos, se ousasse. Assia, aliviada, perguntou-lhe:

— Pode ainda gostar de mim?

— Casei contigo — respondeu Anita.

— Ah! Isso não é uma razão! — retorquiu Assia, irónica.

— Não o é para ti, rapaz atrevido! — retorquiu Anita a rir.

Abraçaram-se e Anita concluiu:

— Que queres, minha filha? Se és louca, sou-o também, pois gosto de ti assim. Temos de nos resignar!...

Vania e Georgina, depois da partida de Assia, ficaram alguns dias perturbados. Sem compreender bem, farejavam uma tempestade de alma que acabava de atravessar a sua atmosfera e essa atmosfera ficou, durante algum tempo, saturada dela. Georgina conservava nas faces os vestígios da sua disputa com Assia; mas esta, à partida estendeu-lhe francamente a mão e dissera: «Obrigada!», ao fitá-la com lealdade nos olhos. Georgina sentia-se, então, dividida entre a mágoa de não ter podido continuar a luta com Assia, até a vencer, e o desgosto ardente de não a ter abraçado.

Vania esfregava a cara, que a boca voraz da mãe tinha comido de beijos, e repetia o seu grito: «Meu Marcos!» que tanto o tinha perturbado. Como ela o amava, a Marcos, ao seu pai!... Fora Marcos que ela beijara ao beijá-lo... Ele era, então, Marcos? Sim, era-o. Sê-lo-ia... Uma onda ardente de gratidão casava-o com aquela mãe que lhe confiava a sobrevivência do homem que era objecto do seu culto secreto.

A comoção da morte de Marcos tivera em Sílvia efeitos muito mais aparentes do que em Anita.

O desgosto afectara a sua arruinada saúde e modificara inteiramente a sua maneira de viver. Aborrecera-se com os seus filhos adoptivos e declarara, de um dia para o outro, que sairia de casa deles: queria viver sòzinha. Bernadette (*) julgou-se obrigada a insistir para a reter. Sílvia disse-lhe: «Tens o meu dinheiro. Que mais queres?». Bernadette empalideceu com a afronta. Não falou de devolver o dinheiro; mas guardou a ofensa mortal e disse-lhe:

— Parta!

Sílvia não tinha razão ao pôr em dúvida o afecto de Bernadette, cujo devotamento era real. A despeito da falta de efusão, era esse o único sentimento de ternura que humedecia um tanto as raízes daquela alma seca. O amor próprio, porém, era mais forte. Uma vez ferido jamais perdoava. Bernadette fechou-lhe a sua porta e proibiu-se de pensar, de aí em diante, em Sílvia.

De que provinha, contudo, o rancor de Sílvia?

(*) V. «A Anunciadora», I: «A Morte dum Mundo».

Da terrível indiferença que vira em Bernadette após a morte de Marcos? A indiferença parecer-lhe-ia ainda mais terrível, se tivesse sabido das relações que existiram entre ambos. Quem poderia dizer, contudo, se as não farejara? As narinas de Sílvia eram muito finas. Descobriam, por vezes, mais coisas do que a sua inteligência...

Sílvia lançou as suas vistas para um apartamentozinho de três peças, uma mansarda, no sexto andar de uma casa velha, ao canto de uma rua, no seu antigo bairro, na Avenida do Maine. A casa era à maneira antiga, sem nenhuma das comodidades modernas. Os seus amigos protestavam contra isso. Depois do bem-estar de que gozara, não deveria renunciar às suas comodidades, sobretudo desde o momento em que tinha a saúde abalada. Sílvia, porém, teimou. Tudo quanto puderam obter dela foi servir-se do elevador até ao quinto andar, em vez de subir os degraus empinados da escada de serviço, que conduzia directamente ao sexto. No quinto andar, por uma porta de serviço, poderia, então, tomar a escada de que só teria um lanço a subir.

Fora mais fácil obter para isso a aquiescência do senhorio do que a da teimosa Sílvia, que se obstinava, por simples bravata, depois de obtida essa autorização, a subir os seis andares, com «o seu pé leve», como dizia. (Teve, porém, de reconhecer, que já não era tão leve como isso!). Quando não a viam, parava mais de uma vez, encostada à parede, com o sangue a tumultuar-lhe nos ouvidos. Alguns dias, sufocada, era obrigada a sentar-se nos degraus. Isso deu-se até ao momento em que as pernas inchadas a advertiram de que essa brincadeira não poderia prolongar-se por mais tempo. Então teve de se meter no elevador. Nas primeiras vezes que se serviu dele, foi obrigada a reconhecer, *in pello*, que isso era muito agradável. Evitou, contudo, dizê-lo aos

outros, que deram a impressão de o ignorar, para não a ferir na sua susceptibilidade.

Ninguém compreendia, (salvo Anita) aquela súbita mania de ascetismo. Não o era, contudo, para Sílvia. A sua vida fora demolida pelo meio em que vivera. De toda a construção, do que fora entre os vinte e cinco e os cinquenta anos, só restavam ruínas. De que servira o fruto do seu duro trabalho? Aqueles a quem mais queria não tinham aproveitado dele. Quanto àquela Bernadette!... Basta! Nada é nada... Voltava ao seu ponto de partida: à habitação da Avenida do Maine, que dava para o comprido corredor comum, de tijolo, onde os passos impacientes de Anita tinham ido, uma tarde, procurá-la (*).

Sim, a irmã mais velha compreendia-a. Eram, contudo, segredos do coração; o outro coração que os compreendera não procurava esclarecê-los. Cada um tem o seu esconderijo para os entretenimentos humildes: as recordações e os sonhos! Se o revelasse, até a quem lhe era mais próximo, morreria, pois era essa a sua última razão de viver. Anita também tinha o seu esconderijo, muito mais profundo e secreto. Sem ele, donde lhe viria a calma que nada devia explicar na sua vida viúva do seu filho, essa calma com a qual Sílvia, fremente, acabava de chocar e que a teria desorientado e irritado se não tivesse acabado de conhecer a fundo aquela alma cheia de surpresas. Sílvia aprendera também (não sem dificuldade) a prudência de se calar acerca dos segredos da alma de Anita, como Anita a respeito dos de Sílvia.

Se Anita parecia menos afectada do que ela pela morte de Marcos, Sílvia bem sabia que não

---

(*) V. «Anita e Sílvia», I volume de «Alma Encantada».

era assim. Não lhe desagradava, porém, atribuir-se essa superioridade, embora trapaceando com aquilo que sabia. Marcos, desaparecido, ocupava nela um espaço muito maior do que Sílvia poderia pensar enquanto ele era vivo. Era todo o seu passado. Sílvia, ao relê-lo, da primeira à última linha, achava ao livro já terminado um sentido muito mais íntimo do que quando o escreveram juntos. Dava a si própria a ilusão de ter estado muito mais próxima de Marcos do que qualquer outro ser, até da própria mãe. Não falava de Assia, a quem se obstinava a afastar com um desdém irritado: «Não és dos nossos. Renego-te!».

Sílvia não reconhecia outra rival além de Anita. Sob certos aspectos não se enganava inteiramente. Fora testemunha, confidente e cúmplice de toda uma parte da vida da adolescência que Marcos não confessara a sua mãe. O rapaz foi o seu meio-filho, o seu aluno, o seu aprendiz... (Desses *Lehrjahre* não contámos tudo...) Até àquela noite louca da Avenida de Antin a que se tinham seguido anos dum estúpido mal entendido... A estrangeira aproveitara-se disso para lho tirar... Mais um risco enraivecido em Assia!... O estranho ciúme das duas mulheres bem procurara dominar-se, obrigar-se às atenções, aos sorrisos, sobretudo depois do luto comum. Estavam sempre uma contra a outra, irreconciliáveis e duras, sobretudo depois desse luto comum. Felizmente havia entre elas o poço do Atlântico. Quando Assia o atravessou, evitaram-se.

PRIVADA do seu dinheiro, da sua profissão, da sua vida agitada e, ainda por cima, da sociedade, de todos os «outros» (à parte uma meia dúzia que não eram «outros», mas um pedaço dela própria), Sílvia não sentiu, nem um único instante, o vácuo à sua volta. Respirava! Há uns pobres seres (o maior número na nossa sociedade mecanizada) que na idade da reforma, quando lhes tiram os esteios dos hábitos que sustinham a sua vida, caem em ruínas. Sílvia, porém, era de boa pedra de França, bem lavrada, aparelhada sòlidamente, como as de Chartres ou Laon.

Sílvia possuía como elas o mesmo grão, duro e fino: o «eu». Um «eu» que era muito dela, só dela, de mais ninguém. Não tinha necessidade de pontos de apoio. Tirados os andaimes que tinham atravancado mais de vinte e cinco anos da sua vida, Sílvia encontrava-se liberta e queria gozar o ar livre. Tinha-o em abundância, no seu observatório que dominava os tectos, os terrenos vagos, as concavidades e as colinas, cobertos pelo pulular do imenso formigueiro e os espessos fumos que serpenteavam por cima da cidade. Sílvia, ao reentrar na sua concha de costureirinha, voltara a ser uma delas e isso rejuvenescia-a.

Só sucedeu assim nos primeiros tempos. Foi

um Verão de S. Martinho; mas esses bonitos dias não foram perdidos. Em primeiro lugar, ocupou-se a ajeitar bem o seu ninho. Nada de luxo, mas comodidade. A anacoretazinha não renunciava a nenhuma das suas gulodices, nem para a boca nem para as mãos, nem para as costas: uma boa cama, mole, bem fofa para o assento e os ombros; um tapete agradável para a vista e para os pés nus; uma poltrona onde podia sentar-se còmodamente, alguns móveis de boa madeira, sólidos, simples, cómodos, agradáveis ao tacto; papéis alegres nas paredes e nada de cortinas nas janelas. Como não tinha vizinhos, não era preciso ocultar nada. Embora os tivesse, Sílvia pouco se importaria com isso! «Espreite quem quiser! Por mim espreito este belo amanhecer que surge. Quero vê-lo completamente nu, e pouco me importo que me veja também da mesma maneira!».

Tinha pupilas de falcão, claras e duras; os seus olhos não pestanejavam nunca. A cabeceira da cama estava voltada para a claridade, tanto a do dia como a do luar: nunca havia luz de mais para ela. Quando o seu reinozinho de três compartimentos ficou instalado (o seu grande luxo eram as flores que serviam para limitar as suas fronteiras e em cada janela subiam pela parede até ao tecto), Sílvia pensou, como os antigos barões nos seus ninhos de águias, em fazer incursões na planície. A sua febre de actividade voltou-lhe. Foi preciso empregá-la sem tardar.

Acudiu-lhe, então, a ideia — lançada em conversa por uma professora sua amiga — duma escola ao ar livre a criar para as crianças dos arrabaldes e da zona pobre da cidade. Criou-a, com essa amiga, em terrenos vagos das fortificações. A despeito das suas velhas pernas pesadas e custosas de transportar, bateu a várias portas do bairro. A sua boca de oiro, que era imperiosa e sedutora, convenceu as

autoridades e os pais. A garotada não tardou a aparecer, como os bandos de pardais acodem às migalhas de pão. Não lhes dava apenas migalhas para o espírito, mas também para o estômago, e uma boa parte das economias de Sílvia consumiu-se nisso. Uma vez conhecido o caminho da pitança, os pardais não o esqueceram mais. Estavam sempre lá, de manhã à noite.

Foi preciso alugar, para os dias de mau tempo, barracas de trapeiros que se remendavam como era possível, assim como velhos sapatos, que os garotos se aplicavam a consertar. Tinham muito que fazer para se remendarem a eles próprios. Foi desenvolvido entre eles o auxílio mútuo, sob a direcção de pequeninas matronas e de pequenos «matrões» (nada de patrões) que eram nomeados chefes de família e que deviam olhar pelo seu clã, assoar, limpar, remendar. Organizaram-se, também, esboços de oficinas. Sílvia conseguiu recrutar algumas boas vontades: rapazes e raparigas, doentes dum idealismo social (que não duraria muito tempo) e velhos pequenos burgueses, sem ocupação, que se tornavam, sobretudo, um tropeço, pois as novas ninhadas eram-lhes mais estranhas do que os povos de outras raças. Como não empregavam a mesma linguagem, qualquer contacto era um choque.

Uma vez por outra, algum operário do bairro, um dos pais, aproveitava uma tarde de sábado ou umas férias por doença, para ir ver o que se passava, interessava-se e dava uma ajuda ou uma lição de coisas. Eram, porém, aves raras: o operário, cumprida a sua tarefa, desinteressa-se do trabalho, tem necessidade de o esquecer. O dinheiro faltava. Os bicos dos pardais eram um sorvedoiro e a palavra de Deus, ou de Sílvia, não enche as barrigas vazias. Sílvia reduzia a sua comida para a distribuir aos seus passarinhos; mas não era Vicente de Paulo: não se desfaria do seu vestuário para vestir os nus,

até a metade do manto de S. Martinho seria muito: «Não posso andar com o rabo de fora!» — dizia.

O bom-senso gaulês não abdicava dos seus direitos. Entre o pelicano que alimenta os filhos com o seu sangue e Ugolino que os comia a fim de lhes conservar um pai, havia lugar para a boa samaritana de Montparnasse, que queria alimentar-se a si primeiro e a seguir aos outros... «Que vantagem, se eles me comessem? Quem lhes daria de comer depois? O Deus que se ocupa dos passarinhos?...» Com esse Deus, Sílvia estava zangada, desde que ele deixara matar o seu sobrinho. Pusera-o de quarentena. Tinha de passar sem ele, como ele passava sem ela. Não punha os pés na igreja. A sua igreja era, agora, a sua escola, e a sua impiedade orgulhava-se, insolentemente, de dar mais do seu corpo a comer aos seus pequenos do que o Deus da hóstia: «Bela refeição! Trato-os melhor...»

Ela própria, contudo, não se iludia; sabia que não os alimentava quanto era preciso! Ia então mendigar, num tom imperativo, para os seus pupilos, a casa de todos os seus conhecidos e até de muitos que não conhecia. As suas pernas doentes não lhe agradeciam os muitos degraus que ela as fazia subir e descer. O resultado foi que, depois dessas colectas, não medíocres (não eram numerosos os solicitados que ousassem regatear a esmola que a terrível irmãzinha mendicante exigia deles!), Sílvia viu-se obrigada a semanas de imobilidade na cama. Para se entreter, levou para casa cinco ou seis das suas pupilas mais necessitadas e fez-lhes um curso de costura.

Os primeiros resultados foram satisfatórios. Em Paris, as mãos são quase sempre inteligentes e prouvera ao Céu que o resto o fosse também! Houve, contudo, sérios inconvenientes. As garotas, apinhadas nos três compartimentos, que a enferma não podia constantemente vigiar, arranhavam os móveis

com o calçado, rasgavam o papel das paredes, deixavam, por toda a parte, marcas dos seus dedos sujos, arrancavam por maldade as flores das trepadeiras das janelas, e, finalmente, Sílvia descobriu, um dia, que lhe tinham vasculhado as gavetas e tirado uma caixa de xarão. Independentemente do valor dessa recordação, Sílvia não suportava que a roubassem. O velho instinto da propriedade não admitia nenhum atentado. Era pouco provável que atingisse o estádio em que se diz: «Leva, se queres! nada é meu.» Diria antes: «Dou-o *porque é meu.* Proíbo-te, contudo, gatuno, de lhe pores as patas em cima sem meu consentimento!» Acabou por pô-las todas na rua.

Entretanto, enquanto Sílvia estava de cama, a escola, privada do seu remo, naufragou. Deu que falar mais do que Sílvia desejava. Alguns dos pequenos chefes de família, as matronas e os «matrões», tomaram o seu papel demasiado a sério ou talvez pelo lado que o era menos. Houve, entre os rapazes e as raparigas assim acasalados, brincadeiras que não figuravam no programa.

— Ora, coisas sem importância! — declarou Sílvia, encolhendo os ombros, quando o soube. — Resolveria isso com umas palmadas; mas não me venham maçar com tais disparates! Corja de parvos! Imaginam que estávamos a educar meninos do coro? Experimentem pô-los debaixo de forma aos meus cachorrinhos da zona! Por mim, deixava-os em liberdade. Claro que isso não se passava sem alguns rasgões, que se podem remendar. Não façam tanto barulho por nada!

Bem sabiam o que faziam! A imprensa burguesa, que já via com maus olhos aquele ninho suspeito de anarquistas, mostrou-se alarmada com a ameaça à moralidade de Paris. Houve uma investigação, com interrogatórios aos garotos que, menos intimidados do que desvanecidos, por verem o seu

caso nos jornais, aumentaram ainda o relato das suas proezas. Houve coros indignados de pais e da galeria das pessoas bem... Sílvia, doente, chamada a depor, disse-as boas ao magistrado, que, como se pode pensar, não gostou muito disso. Se escapou, por um triz, não foi graças ao direito que lhe assistia, mas aos rasgões que, no seu tempo, ela própria fizera à «virtude». No número dos seus antigos amigos, havia alguns no Palácio de Justiça. Esses amigos nunca foram ingratos para ela. É essa uma grande arte numa mulher, e Sílvia soubera usar dela. Por isso, não teve mais aborrecimentos; mas a sua escola das fortificações foi encerrada. Para os cachorrinhos continuarem as suas brincadeiras, ficavam-lhes os fossos; mas a moralidade deu-se por satisfeita.

ESSA aventura desgostou Sílvia da sua cruzada de acção social. Se fosse mais nova, teria feito frente aos opositores e recomeçado. Sentia-se, porém, traída pelos seus próprios membros e assim não vale! Era preciso, pelo menos, a sua velha guarda, para formar o quadrado de Waterloo. Só lhe restava o general. Proferiu a palavra dele e mostrou as costas — o fundo das costas — à sociedade. Tinha a sua vida e já era bastante... Como era estranho! Descobriu que a sua verdadeira vida começava no momento em que se afastava de tudo... Sem terem dito nada uma à outra, a irmã mais velha, por seu lado, fizera a mesma descoberta, mas mais profunda e mais cruel desde que perdera o filho...

Em tais ocasiões, as almas ordinárias não têm mais nada que as prenda à vida e vão-se embora. Outras há que se descobrem, no preciso instante em que nada mais as prende, nem as mais sagradas afeições. Renascem então e inauguram um período de inesperada actividade. Em Anita, surgiu uma pujante vida interior, cuja irradiação se ia extinguindo, aos poucos, numa invencível doçura. Sílvia, que não tinha esse farol no seu oceano, acendia uma lâmpada ardente no crepúsculo que caía. Seria, portanto, uma dessas almas fora do ordinário que

se descobrem, como acabamos de dizer?... «Alma!» que palavra tão pretensiosa! Se lho dissessem teria protestado:

— Eu, totalmente?... Tenho de me ir embora... de deixar tudo isto... tudo isto? Tudo quê? Eu. Tudo que tenho cá dentro e de que não fiz nada... Tudo que não sabia sequer que tinha!... Perdi então o meu tempo! Apressemo-nos a aproveitá-lo, para o levar no sudário sob as garras recurvas! Seria terrível, ao partir o expresso, deixar no cais o melhor de nós, ter tomado a bolsa e esquecido a vida...

Dessa vida, a garotinha de Paris julgava no entanto ter-se enchido até à saciedade. Estava convencida de ter saboreado bem os melhores bocados. Levantava-se da mesa pesada. Sentia-se enjoada com o cheiro da comida e o fumo do charuto... Eis que se abria uma janela, e o ar fresco e uma fome nova entravam...

Curiosa aventura!... Sílvia instalara em casa, para encher o vazio aborrecido dos seus serões (na verdade, previdente, receava-o antes ainda de se ter dado o primeiro abrir de boca) um aparelho de rádio. Nos primeiros tempos, chapinhara, ao acaso, naquele pântano onde coaxavam as rãs de Roma a Tolosa e da torre Eiffel a Bratislava. Isso parecia-lhe uma farsa e divertia-se a misturar aqueles arrotos e soluços, como uma criança que chapinha na água e na lama. Essa barulheira satisfazia o seu bom humor e a sua necessidade parisiense de barulho. «Vive-se, porventura, sem ruídos?»...

Depois de ter provado assim a sua existência pela barulheira, ficava fatigada e com mão nervosa e impaciente dava a volta ao botão, para obter uma clareira de silêncio. Ficava sentada na sua poltrona, junto da janela, sòzinha no seu quarto, durante as primeiras horas da noite. A grande noite, que fugira ante o ruído, ao encontrar lugar livre descia-lhe até ao fundo da alma. A alma, entorpecida,

recomeçava a ouvir a dor oculta nos velhos membros e no coração. Apanhada desprevenida, não podia fazer um movimento e o frio da noite caía-lhe nos ombros. Sentia-se pobre, nua e magoada. Esperava o golpe de misericórdia.

Foi então que a graça desceu sobre ela. Do fundo do quarto, dum canto escuro, detrás de si, surgiu uma música maravilhosa. Essa música expandia-se em ondas largas, fortes e tranquilas, que docemente banharam os pobres pés inchados e lentamente subiram ao longo das pernas e em volta do corpo. Como se fosse um longo arrepio na floresta, a carne vibrou e a voz misteriosa do sexo ergueu-se como um apelo no fundo dos bosques. O canto, a lamentação e a embriaguez, aos poucos avassalaram o resto do corpo e banharam-lhe os seios e os ombros. Depois, a boca, seca e ardente, bebeu a largos haustos, e a fronte foi o último cimo que a cheia atingiu. As grandes vagas da música só alcançaram o pensamento quando todo o corpo ficou mergulhado nelas. Noutros, a cabeça é a porta de acesso ao coração; mas Sílvia tirava toda a sua ciência das raízes da sua carne.

Quando, por fim, todo o espaço ficou inundado e o cimo começou a despertar, Sílvia, assim invadida, tomou consciência como Dánae da nuvem de ouro que a envolvia e a penetrava por todos os poros. Jamais conhecera tal amplexo. Com a boca entreaberta, extasiada, estendeu os braços para o Amante. Bem entendido, nunca soube o nome da obra que assim a tinha possuído. Só tinha uma vaga ideia da sinfonia e das cem vozes dos seus instrumentos. Para ela, só havia uma única voz, mas era todo o ser que falava, não com as palavras usadas da linguagem, mas em frémitos inexprimidos de todos os ramos da grande arte que abrange nos seus muros de silêncio a torrente da vida. Quem falava? Quem era aquele ser? «Eu!...»

Sílvia ficou deslumbrada pela descoberta duma

tal fonte de comoções desconhecidas e pelo facto de essa fonte ser ela própria. Não queria saber se essa melodia era obra de músicos. A identidade da frase musical com a sua própria substância e o ritmo dessas ondas com o do seu sangue — esse milagre que sente em todas as salas de concerto qualquer ouvinte eleito pela graça do coração — era ainda mais peremptório na solidão daquele quarto, cujas paredes nuas repercutiam a voz inesperada dos mundos interiores. Voz muda durante tanto tempo e completamente ignorada!... Como traduzir em palavras o que ela disse?

— Meu Deus, meu Deus! não compreendo... mas bem sei que falas verdade, que entras em mim, no mais secreto do meu ser que nenhum olhar desvendou, nem o meu próprio, que toda eu vibro sob os teus dedos como uma corda que desperta do sono de toda uma vida. Mais! Mais!...

Sílvia procurou de novo ouvir essa voz, nas noites seguintes, mas sem resultado. O instrumento, ainda imperfeito, e as ondas caprichosas respondiam irregularmente ao seu apelo. As respostas, por vezes, eram fantásticas. Sílvia, que não era guiada por nada, esforçava-se, com mão enraivecida, por destrinçar da baralhada sem nome em que, de pernas para o ar, o norte e o sul grasnavam, a ave mágica cujo apelo a tinha despertado. Chocava, as mais das vezes, contra os reclamos proclamados pelo homem de Tolosa ou contra o *jazz* sem nervos e sem saber de qualquer *dancing*.

Quando, por acaso, alcançava a ave rara, esta deixava-lhe duas ou três penas nas mãos e evadia-se para a floresta, onde surgia qualquer monstro que a esmagava com as patas. Sílvia praguejava como um carroceiro e atirava o animal zurrante para o abismo. A satisfação, porém, (era, na verdade, uma!) de calar a boca àqueles burros não compensava a perda da ave canora. Depois de se-

manas de perseguição, a argonautazinha deu conta de que o meio mais seguro de lançar a mão à sua Cólquida não era esperar que ela viesse, mas investi-la *manu militari*, com a sua mão forte e imperiosa.

Com mais de cinquenta anos, Sílvia aprendeu a tocar piano. Não estava na sua natureza manter-se passiva fosse no que fosse e sobretudo no que dizia respeito ao seu prazer. A música, se a adoptasse, devia ser activa. Pôs nisso a sua costumada energia. Não disse nada a ninguém. Um dia, porém, Anita, depois de subir os seis andares, abriu muito os olhos ao descobrir um piano num canto do quarto. Era assaz prudente para não troçar da irmã; mas não pôde ocultar a sua surpresa. Sílvia deu por isso e explicou:

— Sim, dei-me agora a este objecto. É uma mania. Deve dar-te vontade de rir! Na minha idade, porém, não nos importamos já com o ridículo. Fazemos o que nos apetece.

— Sempre o fizeste, em todas as idades, minha velha — retorquiu Anita — e não será nesta agora que me porei a criticar-te. Rio, sim, mas de prazer, por encontrares algum nesta distracção.

O rosto de Sílvia iluminou-se ao dizer:

— Entre loucas, compreendemo-nos.

— À força de viver, desbotámos de uma para a outra.

— Não me bastavam as minhas manias; tive de ir buscar as tuas.

— Não te aflijas! — concluiu Anita. — Ainda me restam muitas!

Ofereceu-se, discretamente, para lhe ensinar piano; mas Sílvia só aceitou dela algumas indicações elementares e recusou que invadisse o seu terreno. A sua susceptibilidade sempre alerta tinha consciência da sua ignorância e queria poder fazer disparates à vontade, sem que a espiasse um olhar,

até (sobretudo!) o mais íntimo. Preferia, para os conselhos, indispensáveis, dirigir-se a um auxiliar anónimo e remunerado.

Só tivera da música umas noções de solfejo, tomadas nos cursos populares, na sua juventude, segundo o método Galin-Paris-Chevé. Essas lições tinham sido intermitentes; a gatinha dos telhados dispunha, nesse tempo, doutra música para ocupar os seus serões. Quanto às cantigas da rua e dos *ateliers*, uma rapariga de Paris não tem necessidade de pauta para as aprender. Tinha o ouvido e a voz afinados e aguçados: era fauno por cima, e fauno por baixo; até ao lábio inferior, fino, em bico de palheta, que avança a morder o fio e dá o som agudo da flauta.

Além disso possuía uma memória imperturbável. Não havia música apanhada no ar que não ficasse lá presa. Vinte anos depois, poderia encontrar a melodia. O seu ouvido foi educado por Anita, nos dias felizes em que a irmã, na casa da Borgonha, deixava as mãos sonhar no teclado. Esses sonhos, de que então Sílvia troçava por não os compreender, tinham entrado no seu viveiro. Não os compreender não impedia de os aceitar. Sílvia nunca deixava perder nada; sonhos ou fitas, apanhava e arrumava tudo: «não serve para nada... Nunca se sabe se virá a ser preciso!... Há sempre um momento em que tudo serve».

Mais tarde, nos seus tempos de esplendor, dera concertos em sua casa. Eram, bem entendido, as dissonâncias da última hora, os atonalismos em moda. Não compreendia nada disso e, no fundo, troçava das canseiras que aqueles pobres rapazes tinham para ferir os tímpanos dos outros. Por um curioso instinto, contudo, nunca esses ruídos a aborreciam ou a submergiam: navegava no meio deles como um peixe cego, que se deixa conduzir, muito à vontade, no meio da noite, e agita a cauda

nas ondas. Um mundo de sons era para ele um elemento natural. Quando a ocasião chegava, movia-se no meio dele, sem choques, de olhos fechados.

Não julguem que não escutava nada! Era a si própria que ouvia. A música tornava-a viva e bem disposta, estimulava as suas actividades. Outros, marcham a passo e vão deixar-se matar sob o ritmo, sem réplica, dos clarins e dos tambores. Em Sílvia, era o cérebro que marchava. Nunca o seu pensamento estava mais alerta, preciso, prático, pronto e claro como quando ouvia (não escutava) a música. Chegara até a fazer, de cabeça, as suas contas de fim do mês, durante a audição de uma sinfonia de Beethoven!...

Boas almas, estou a vê-las morder o beiço. Não lamentem muito, de alto, a enfermidade musical de Sílvia! Servia-se melhor da música do que muitos que a conhecem teòricamente e a escutam impassíveis com uma frieza matemática. Sem que pensasse nisso, a música infiltrava-se nela como um fermento e incorporava-se no seu sangue para se transformar em energia. Não é esta a menos maravilhosa das alquimias. Muitos a praticam, sem o saberem, os ignorantes desprezados pelos profissionais que teriam aliás, bastantes dificuldades para a realizar.

Sílvia nunca tivera tempo, até àquela altura, de reflectir nas correntes das suas acções: actuava e deixava-as correr. Naquele momento, era-lhe preciso sentar-se à borda do seu regato a ouvi-lo cantar. Aplicava-se a distinguir o sentido do que lhe dizia, desde a sua infância, e ela nunca pudera ouvir, pois falavam ao mesmo tempo. Calava-se... Calar-se era uma ciência, uma arte (se quiserem!) que fora sempre desconhecida de Sílvia. Quando a aprendeu, que descoberta! O silêncio... a mais povoada das harmonias... a matriz amadurecida e

cheia com todos os filhos dos nossos desejos... Sílvia chocava as ninhadas dos seus sonhos...

Depois, aprendeu, com um dedo cego no teclado, a trazer à luz os frémitos ordenados desses esboços de seres. Ao longo da escala, surgiam as suas silhuetas graves ou graciosas, envoltas numa cauda de harmonias. Entre um e outro, estabeleciam-se atracções ou conflitos. Estes, como aquelas, não decorriam, porém, diante dos olhos, num cenário exterior. Inscreviam-se pelo lado de dentro da pantalha, como se fossem projectados lá pelo espírito. Era nela própria que tocavam. Perdia-se nisso... Tratava-se de encontrar o seu caminho.

Pacientemente, a impaciente submeteu-se às lições elementares, tomadas nas lojas dos vendedores de pianos, onde o barulho dos autocarros na rua estreita fazia vibrar as caixas dos instrumentos. Estudou, na sua mansarda, durante horas, os velhos métodos, comprados em segunda mão a um alfarrabista do bairro. Com uma tenacidade, fria e teimosa, atrelou os seus dez dedos à roda das gamas que se rolam e desenrolam. A passagem do polegar foi-lhe, durante algumas semanas, o *to be or not to be*. Para uma Sílvia, a resposta não oferecia dúvidas. Ver-se-ia se as suas patas não obedeciam à sua vontade!

As suas patas, dúcteis, pacientes, astutas, eram as duma rapariga de Paris hábil em todos os jogos da vida, do vestuário, da profissão e do amor... A idade não exercera presa nelas. As dificuldades eram até um atractivo. É permitido, contudo, duvidar, se o seriam, também, para os vizinhos do lado. Esse, porém, era o último dos seus cuidados! Sílvia aprendeu o caminho dos concertos. Ia para os lugares mais baratos, primeiramente por uma razão: a falta de pecúnia; e a seguir, por gosto, pois só se sentia à vontade entre a juventude e aqueles para quem a arte e os seus prazeres impõem

sacrifícios. São os únicos que sabem gozar dela. Não se limitam a provar com a ponta da língua, ou com um dedo desdenhoso, como os enfastiados que estão nos camarotes. Atiram-se de cabeça e mergulham, de narinas bem abertas, até rebentar. Quando saem é com os olhos fora das órbitas.

Sílvia tinha esses olhos ao ouvir certos trechos da *Damnation* e os finais de Beethoven. Ao último acorde, vibrava toda, e os vizinhos, divertidos, designavam aquela mulherzinha imperiosa, de rosto perturbado pela comoção, que resfolegava e fungava. Sílvia parecia nada ver. A orquestra e os coros só tocavam para ela. O resto da sala não existia. Acharia muito natural gritar ao maestro: «Bis». Aquilo era dela; tinha, portanto, o direito de dispor à sua vontade... Aquela onda de cólera, aqueles transportes, ou aquele langor, aquela volúpia... eram seus!... «Bis!».

Sílvia, gritou-o, certa vez, com uma voz e um gesto sem réplica. Riram à sua volta. Aplaudiram-na e fitou-os surpreendida. Depois, ao despertar do seu sonho, trocou com os seus vizinhos um piscar de olhos e um sorriso de inteligência. No fundo, sentiam todos o mesmo. Eram todos da família. De que família? Da daquele que falava por eles, fosse Berlioz, Beethoven, ou Wagner, o nome pouco importava. O que contava era a família, eram eles. Quando exclamavam: «Bravo!» era a si próprios.

Sílvia era o seu corifeu. Já a conheciam nas galerias e a sua lenda divulgara-se. Quando descia, hesitante, os degraus muito espaçados, apressavam-se algumas jovens ou um adolescente, cortês, impertigado, perturbado, que a amparavam, respeitosamente, pelo braço. A sua hora de celebridade, apagada para o mundo dos efémeros — essa toda Paris dos lugares da plateia — conservava ainda uma fosforescência na sombra do povo miúdo do galinheiro. Continuava a ser, para a imaginação dessa gente

nova, a velha rainha de Sabá, a imperatriz da costura, a feiticeira das festas galantes, a Sílvia... nome evocador das fantasias à Watteau...

Formavam para ela uma espécie de corte, quando descia a escadaria, mas prudentemente, a distância do privilegiado, a quem ela dava a honra, não de conduzir a sua cauda, mas de se apoiar no seu punho, pois tinha maneiras bruscas de os fixar ou de responder às suas amabilidades. Ao chegar abaixo da escadaria, despedia-os a todos com um gesto breve e peremptório. Uma Sílvia não tinha necessidade de muletas para andar. Não suportava, ao sair do concerto, que a perturbassem nos seus pensamentos.

Muitas vezes, depois de ter sacudido o seu séquito, Sílvia tinha um riso trocista e benévolo, para esse povinho, esses jovens, a quem acabava de despedir. Voltava para casa sòzinha. No quarto frio, antes de se despir, ia tactear no teclado à procura da impressão na felpa dos belos pés nus da melodia que, pouco antes, tinha caminhado pelo seu coração. Conseguia-o frequentemente, à sua maneira, que deformava a linha exacta e o verdadeiro sentido para os adaptar à sua vontade. Não era assim, no entanto, que o jovem príncipe dos artistas, Rafael, copiava, deformando-os, os antigos? Aquilo de que se gosta muito, torna-se nosso e comemo-lo. Fora com o respeito, pois gosta demasiado! Não é bastante!

O trem de vida de Sílvia estava tão reduzido quanto possível. Não tinha criada e as suas despesas eram comprimidas. À parte algumas infracções à mais estrita economia, para satisfazer, de longe em longe, um acesso de gulodice, (nunca abdicara completamente do seu bico doce de francesa) ou outro capricho pela roupa fina na pele (foi a última volúpia a que renunciou), vivia como uma monja. Poderia dizer-se que o Diabo se fizera ermitão. O pouco capital que lhe restava, depois de se ter desfeito, para os seus filhos adoptivos e para as suas obras sociais, do melhor dos seus réditos, chegava exactamente para lhe garantir uma independência de anacoreta.

Era, contudo, aquilo de que então precisava. Por um trabalho interior e imperceptível, a mulher livre, que se enchera, até mais não poder, de todos os frutos do seu vergel de desejos, encontrava agora prazer numa pobreza rigorosa. «Virtude» tornara-se-lhe «necessidade». Era como o prazer da nudez. Havia ainda, no fundo desse despojar-se de tudo, uma sensualidade. Que podia haver para Sílvia que não fosse sensual? Até a renúncia absoluta! (Nisso, diferia muito dos ascetas?...)

Evitava, no entanto, introduzir espectadores na sua modesta habitação, que, de semestre para semestre, se empobrecia, pois vendia, um após outro, os seus móveis, para satisfazer os caprichos do seu último senhor e amante: a música. Não abdicara, porém, do seu orgulho. Achava-se muito bem nessa pobreza, mas era um caso estritamente pessoal. Não lhe agradava que os outros metessem o nariz na sua vida e o franzissem com um ar de comiseração indiscreta. A compaixão era um artigo que Sílvia não tinha na sua loja e que não aceitava, de maneira nenhuma, dos outros: «Guarda para ti a tua comiseração, meu amigo!».

Esse orgulho amargo era apenas o menor motivo da sua reclusão voluntária. O verdadeiro motivo era achar-se bem assim. Jamais praticaria um sacrifício que não lhe agradasse. O prazer era, continuava a ser, a sua lei. Era gata, e, como todas as gatas, depois de ter passado a noite a correr pelos telhados, procurava um móvel, num canto, para se aninhar. Os seus sonhos eram de gata: profundos, doces, intermináveis, impenetráveis... Invejem-lhos!... Dão um paraíso mais certo do que o que nos prometem as Escrituras... Dormir, dormir... «Sonhar, talvez...».

Sem dúvida, Sílvia, a gata, sonhava! Antes, nunca sonhara muito (não tinha tempo e passava do desejo ao acto). Agora, deixava-se vogar no sonho, para recuperar o passado da sua vida e por todas as vidas ainda por vir... Teria grande dificuldade em dizer quais eram os seus sonhos (quem, na verdade, o pode fazer? Só apanhamos deles algumas migalhas que se esfarelam nos dedos...). No entanto, os sonhos ressoavam nela como num campanário e, por momentos, sentia a sua vibração até às pontas dos pés. Toda uma rica vida interior, de que não fizera nada no decurso dos anos passados, uma vida do coração, uma vida dos sentidos

(pouco da inteligência, embora a tivesse para dar e vender, mas nunca abstracta, sempre precisa, prática, «aplicada») toda essa vida se lhe revelava.

Não era de modo nenhum nova. Acumulara-se no decorrer dos dias; mas era como se, até àquele momento, tivesse estado escondida em gavetas ou em caixas, no fundo de um armário. Sílvia abrira o armário e, agora, passava dias e dias a fazer arrumações... A arrumar?... A desarrumar!... Surpreendia-se amodorrada, com os seus sonhos nos joelhos, e espalhados no sobrado, sonhos e mais sonhos... Pegava num, deixava-o cair, pegava noutro; voltava a pegar no primeiro, sem já se lembrar que o tivera na mão e o abandonara... Quando dava por isso, dirigia-se alegres injúrias: «Cabrita, que no prado róis o que já tens mordido...».

Isso não servia de nada; pois imediatamente fazia o mesmo, no seu torpor de indigestão e de embriaguez... Era uma situação tão agradável... Também era perigosa. A cabeça congestionava-se. O sangue subia-lhe à face, à fronte e aos olhos. Dava por isso, ao sentir dores no crânio. Apalpava com o dedo no pescoço as bolinhas que batiam na artéria. Bem sabia que a sua imobilidade, durante todo o dia junto dum fogão sobreaquecido, com aquele outro calor no cérebro, não era bom para quem, como ela, tivera sempre uma vida activa. Pensava, porém: «Estou a picar a amarra!...».

Havia de ser o que fosse! Fazia o que lhe dava gosto, tal como sempre fizera. Os que a procuravam — Georgina ou Anita — ralhavam-lhe. Era como se nada fosse. Ninguém pudera, jamais, influenciá-la. Após pequenos desmaios (houve um mais sério, em que deu com a fronte no fogão, mas de que não falou a ninguém), consentiu em fazer algum tratamento: purgou-se e pôs sinapismos nos pés; mas não mudou nada na sua vida. Como, após dias de quase jejum (por lassidão, indiferença, preguiça,

aborrecimento por ter de descer e voltar a subir a escada), lhe davam apetites, em que o estômago e o paladar se mostravam exigentes, satisfazia-os com uma porção de ostras, de *foie-gras,* de queijo e de Vouvray. Num desses dias, teve a sorte de a porta para a escada ficar aberta por negligência e de a porteira lhe ir levar uma carta.

A porteira encontrou Sílvia caída numa poltrona, com a cabeça pendente sobre o ombro e o corpo descaído para o chão. Acabara de ter uma congestão. Como no prédio habitava um médico, os primeiros cuidados não se fizeram esperar e Sílvia retomou, ràpidamente, o conhecimento (pretendia que nunca o tinha perdido), quando Anita, avisada, apareceu. Foi esse, contudo, o seu último acto de independência. Anita declarou que não toleraria por mais tempo, visto Sílvia ser incapaz de se conduzir, que a irmã continuasse a viver sòzinha, afastada de todos. Pegou nela e levou-a, para a ir instalar em sua casa.

Anita retomara, nessa circunstância, o seu rosto «de mandona», dos antigos tempos. Sílvia sorriu, tentou protestar pro-forma; mas a língua custava a mover-se e esboçou o rosto da Inocência, submetida pela Força, que se abandona sem resistir, mas apela para os deuses. Estava, *in petto,* bastante contente. A indignação, nada simulada, de Anita e o seu ar autoritário, com o aperto das suas mãos afectuosas, recordavam-lhe os bons velhos tempos em que a irmã mais velha lhe aparecera, num turbilhão, à procura da modistazinha doente na sua mansarda e a levara consigo. No mesmo momento, Anita, inclinada para Sílvia, vira nos seus olhos a imagem do antigo rapto. Riu ao dizer-lhe:

— Minha velhinha, queres recomeçar os teus vinte anos?

— Bem vês! — disse Sílvia apontando no espe-

lho o seu rosto inchado e o corpo espesso. — «Quando eu era pajem do duque de Norfolk...»

— Estás como as galinholas — retorquiu Anita, beijando-a —, quanto mais gordas melhores são para comer.

— Então, leva-me para assar! Só sou boa agora para o espeto do bom Deus!

SÍLVIA recusou-se, obstinadamente, a deixar a sua Paris. Dizia:

— Fui plantada aqui. Se me transplantam, secam-se-me as raízes. Não me fales de me expatriar. Até nos arrabaldes, até na tua Meudon, quando lá vou passear, procuro com os olhos tristes a torre Eiffel. Desde que passo a circunvalação, sinto-me logo no estrangeiro. Invejo o primeiro comboio de regresso que cruzo. Só em Paris se pode respirar. Rebentarei aqui, mas de boca aberta, para me entrarem pelo gargalo o seu bom cheiro e os seus bons ruídos!...

Como Anita não a queria contrariar nem deixá-la naquele estado, arranjou as coisas de maneira a ficar em Paris, no apartamento dos Davy, que Georgina pusera à sua disposição na ausência do pai. As duas irmãs instalaram-se lá. Georgina e Vania continuavam na casa de Meudon e iam visitá-las uma ou duas vezes por semana. Nos outros dias, era Anita que lá ia, e o telefone transmitia sempre o bom-dia e a boa-noite da casa da cidade para a do campo.

Um tal regime, que trazia aborrecimentos e, para Anita, fadiga, só podia ser provisório. A vida de Sílvia também o era. As duas irmãs não tinham nenhuma ilusão a esse respeito, mas pensavam nisso o menos possível. De dia para dia, Sílvia era, natu-

ralmente, a menos preocupada. Era, também, a mais voraz de cada dia. Era um mais que ganhava! À noite, quando ia adormecer, dizia para si, ao recapitular as horas que acabara de passar: «Ainda um que os prussianos não apanharão...». No dia seguinte, ao despertar, tacteava o terreno e dizia, surpreendida e satisfeita: «Isto recomeça...».

Sílvia dormia num quarto de esquina, que dava para o cruzamento de duas ruas. Não quisera o melhor da casa, o de Georgina, do lado do jardim. Precisava de ter sob os pés a sua Paris. O quarto da irmã era em frente, do outro lado do corredor. Deixavam as suas portas abertas. Dum leito para outro, evocavam as suas vidas passadas. Por si, Anita, sem dúvida, não teria começado. Guardaria para si toda a estriga. Fora Sílvia que, impossibilitada de ocupar as mãos hábeis, a torcer o fuso, sobretudo de madrugada, quando emergia do abismo do sono congestionado, começara como num pipilar, numa linguagem incerta de criança ainda mal acordada. Anita ria no seu leito, ao ouvi-la cantarolar ou contar uma história que não tinha pés nem cabeça. Sílvia dialogava consigo própria, dando-se, por vezes, réplicas inesperadas, atrevidas e engraçadas. Era a primeira a ficar surpreendida com elas e algumas cortavam-lhe o fio do discurso. Anita, então, dizia-lhe:

— Bravo! Estás bem disposta!

Ou então, se a irmã continuava calada, Sílvia não se podia conter e perguntava:

— Anita, estás a dormir?

Fazia-o com uma voz terna, sedutora, suplicante, impaciente, que começava baixinho, depois mais alto e acabava por explodir:

— Bom dia, bom dia! Diz-me ao menos: bom dia!... Dormes, Anita? Não estás a dormir. Estás é a fazer pouco de mim... Diabos te levem! Vou puxar-te as orelhas...

— Vamos, dorme! — ralhava Anita — deixa-te estar quieta!...

— Felizmente! — dizia Sílvia tranquilizada — faz bem ouvir-te! Se a minha Anita muge é porque ainda estamos no prado dos vivos...

Algumas vezes, contudo, o seu pavor do silêncio manifestava-se de maneira mais angustiosa. Ao sair daqueles buracos de sonho em que mergulhava, como uma morta, não tinha inteira certeza de estar ainda viva. De dia para dia, à medida que as suas energias se diluíam, reaparecia o despertar como uma cisterna quente de afeição que tinha necessidade de se derramar e também de beber afeição em troca.

Anita não resistia a tais apelos. Saltava da cama e ia passar os braços em volta do pescoço e da nuca gorda da irmã mais nova. Um torpor se apoderava do corpo mole de Betsabé. Aqueles seios pesados estavam inundados de suor e a respiração era um tanto ofegante. Sílvia, contudo, conservava a delicadeza dos pulsos e o seu belo rosto, mais belo ainda porque um sorriso quente o iluminava.

Não sentia nunca a melancolia do passado. Movia-se, com surpreendente tranquilidade, no meio das catástrofes das suas duas vidas. Recordava a morte da sua filhinha, mas no seu relato não havia nada de amargo: acariciava a mão de Anita, durante todo o tempo em que o contava, com uma estranha doçura. Este apaziguamento era um grande bem para Anita. Sílvia transmitia-lho. Anita observava-a com respeito; mas o seu coração apertava-se-lhe. Quando se chega a esse ponto de desprendimento, os últimos laços não podem durar muito...

Esses laços, no entanto, aguentavam-se. Sílvia continuava presa à sua terra. Em nenhum momento podia perder o contacto com ela. Não estava, como Anita após a morte de Marcos, aborrecida da ilusão e capaz, como ela depois, de caminhar nesse mar sem se afundar. Um travo da morte, que lhe dera

um novo aviso da doença — uma febre com grandes oscilações, uma paralisação da consciência, como a do insecto descrito por Fabre, que se vê roer vivo e desaparecer aos bocados sem poder fazer um movimento — causaram-lhe uma brusca inquietação.

Não compreendia o que se passava. Perdia pé. Um mundo despojado de formas, que era o seu universozinho, não tinha sentido para ela. Precisava da sua Anita, do seu Marcos... e se eles lhe fugissem!... «mas que é isto? que é isto?...». Sílvia ficava desorientada com isso, que lhe causava um tremor, embora o procurasse afastar do pensamento. Uma vez, escapou-lhe um grito de amargura e amor:

— Ah! — disse, sùbitamente, uma noite, ao mesmo tempo que deixava cair tudo que tinha nas mãos — oxalá possa haver, em qualquer parte, lá longe, nesse Nada, um lugar onde reencontremos aqueles a quem amamos, para lhes dizer, finalmente, todo o amor que não lhes confessámos!...

Anita ficou comovida. Ao menos uma vez, uma única vez, se revelara, naquela natureza seca, irónica e prática, um fundo de ternura imensa, que reprimira durante toda a sua vida. Após um longo silêncio, Anita disse, como num sonho:

— Não tens a impressão, algumas vezes, de que, entre aqueles que desejaríamos reencontrar, há outros além daqueles que encontrámos nesta vida?

Esta pergunta inesperada surpreendeu Sílvia, que disse:

— Como conseguiste pensar nisso? Antes de to ouvir, parece-me que jamais o tinha pensado. Contudo, depois do que disseste, parece-me que já o pensara. Que queres dizer? Que crês tu?

Anita passou a mão pela fronte e respondeu:

— Já não me lembro.

— Como é estranho! Quem sabe? Vivemos mais

de uma vida? Minha querida, minha amiga, encontrar-nos-emos na próxima? — perguntou Sílvia, implorante, como em sonho.

— Importas-te muito com a próxima?

— Importa-me que nos encontremos... — acrescentou, muito fatigada — mas depois de um bom sono, pois labutámos muito!...

Sílvia, a infatigável, não estava desanimada, mas cansada, abandonando-se à natureza devastadora, como uma planta, nos últimos dias soalheiros, na bruma da ante-estação. Disse a Anita, com o pensamento em Marcos, depois de terem acabado de falar das tempestades suspensas sobre a Europa e dos perigos do dia de amanhã:

— É melhor não deixarmos ninguém atrás de nós...

Anita não pensava assim, mas julgou inútil exprimir o seu pensamento. Pôs ternamente a mão na cabeça da irmã e perguntou-lhes:

— E o pequeno?

Na verdade, Sílvia, esquecera-se dele; mas Vania passava tão bem sem elas! Lembrou-se de que lhe poderia dizer: «Pode ir-se embora! Não se preocupe! Eu fico...» No entanto, sentia pena por ter de o deixar. Desejaria levar consigo todos os seus. Não era, certamente, por pusilanimidade; mas sim por saber que não estaria a seu lado para os defender. Enquanto vivesse, por muito fatigada que estivesse, as penas de cada um encontrariam com quem desabafar!

Sílvia não queria estar deitada, durante o dia. Até na mais acabrunhante lassidão, só consentia em sentar-se numa poltrona. A despeito de todas as interdições, lá se ia arrastando, descia e subia vinte vezes a escada, por um nada, por um brinquedo, ao qual o pequeno mal prestava atenção. Tudo quanto se fazia por ele era tempo perdido.

— Grande maroto! Não nos ligas importância

nenhuma — resmungava Sílvia entre dentes. — Não sabes que poderia ser tua mãe?

— Que estás para aí a dizer? — perguntou Anita.

— É uma recordação dos tempos antigos.

— A vinha está vindimada.

— O vinho, porém, fermenta na dorna. Prová-lo-emos no Paraíso.

— Esperas levá-lo contigo lá para cima?

— Evidentemente. Levarei também a minha caneca e beberemos com o Velho.

— Com quem?

— Com o bom Deus.

— Não tens vergonha?

Sílvia não tinha vergonha nenhuma. Brincava com o Velho. Pensava que ele até acharia graça. Na verdade, não tinha muito a certeza se ele existia. Isso, porém, não a atormentava. Nunca procurara esclarecer as suas incertezas de garota de Paris, em quem o voltaireanismo popular se conjuga com a fé do carvoeiro. Achava-se muito bem assim. Anita abstinha-se de a perturbar. A sós, as duas irmãs compreendiam-se tão bem! Isso era o essencial para ambas. Aliás, no fundo, isso tinha tão pouca importância!... Não o «que sei?»; mas: «que sabemos nós?»

— Crê, se queres, se isso te faz bem! Duvida, se isso não te faz mal!... Embora haja alguém lá em cima, que prejuízo isso lhe poderá fazer? Deve ser bastante esperto para compreender. Rirá de boa vontade... connosco... (Como tu fazes, Anita!...) *Credo*... «Creio...» Se ele assim o quiser!... Não lhe posso recusar nada... Senhor, entrai! Deixo a chave na porta, tenho confiança e adormeço... Se, durante a noite, não entrar ninguém, muito bem, Anita, dormirei... É bom dormir, é bom amar... Tudo é bom para mim... Não eu, mas vós, Senhor, escolhei!...

Na tarde daquele dia é que foi feita a escolha. Sílvia, apesar de tudo, estivera sempre agitada, durante toda a tarde. Ainda àquela hora, em vez de se ir deitar, ficara a pé, encostada à janela. Aspirava, debruçada, o cheiro da sua Paris, a poeira e o ruído, o alcatrão no pavimento de madeira, os últimos raios de sol que aqueciam o seu rosto e, do jardim vizinho, os cachos de acácias. Murmurou um canto e deu um «ai!»... muito doce, que parecia uma nota no seu cântico.

Anita levantou os olhos e viu a irmã vacilar. Correu para ela justamente a tempo de a receber nos seus braços. Ela própria, enfraquecida, adoentada, vacilou com o peso. A galinholazinha era pesada e caiu como uma massa, como se o chumbo do caçador a tivesse atingido. Anita, de joelhos, deitou-a no chão. Sílvia olhava para ela, mas já de longe. A irmã debruçou-se para os seus lábios que se agitavam e bebeu, mais com os olhos do que com os ouvidos, um murmúrio de adeus:

— Anita, meu amor...

Os seus olhos voltaram-se. Uma andorinha passou, a pipilar junto da janela. Por cima das trompas dos automóveis, lá ao longe como na outra noite, ouvia-se a flauta do pastor... Últimas imagens que dançam, revoluteiam e se emaranham no espelho... Uma cabra a trepar uma ruela do velho Montmartre... Que havia lá em cima? Não teve tempo de o saber. Morreu, a trepar... sem saber que morria.

COM Sílvia, foi Marcos que morreu mais uma vez. Foi ainda pior: para Anita, foram quarenta anos da sua vida. A última testemunha de todos esses dias partira. Desaparecida ela, tinha a certeza de que os vivera?... Sim, havia a criança, o filho do filho, a carne da sua carne, o fruto do mar, do mar que, ao retirar-se, o deixara na margem... «Onde está, porém, o mar? Onde estou eu?... Há o rumor longínquo do Oceano... a praia vazia... A areia está lisa. O vento salgado passa, senhor do espaço... É portador duma terrível embriaguez que convém dissimular...»

Um amigo japonês contou-me que, ao encontrar, em Tóquio, no dia seguinte a um tremor de terra, um amigo que tinha perdido — tal como o conde Chiarenza — todos os bens, tudo quanto tinha, todos os seus, lhe exprimira a sua compaixão, e ouviu o outro dizer, com um sorriso estranho:

— Oh! Sentimo-nos tão aliviados.

Quando todo o manto da vida cai, sentimo-nos nus. Sentimo-nos: Quem? Nós?... Bruno diria a palavra mística da Índia: «OM»... O Todo, o Nada, que são, talvez, as duas faces do Um... Seja ele o que for, tudo ou nada, é o senhor do espaço, é o vento salgado que passa. Quanto mais somos sós,

mais nus estamos (e sentimos debaixo dos pés o frio da areia da praia), mais o vento sopra, sopra em nós. Arrebata e dispersa os farrapos do nosso vestuário do passado. Possui-nos, abre as portas, faz ruir as paredes da casa e entra até ao fundo. Somos dele, somos ele, a vida do mundo palpita nos nossos flancos.

QUE podemos, contudo, fazer, quando a doença, dum ano para o outro, dum mês para o outro, nos encerra num círculo cada vez mais estreito, no nosso jardim, na nossa casa, no nosso quarto e quando nos impede toda a acção? Que irrisão! Quando a grande vida do exterior nos inunda, quando nos sentimos submersos por ela a ponto de não poder respirar, onde despejar essa torrente da terra? Escrever? A torrente não conseguirá esgotar-se por meio do estreito bico da pena. Anita nunca escrevera muito. Salvo a seu filho e àqueles a quem estimava: precisava de ver o rosto cujos olhos leriam as suas cartas. Não podia escrever ao Anónimo; precisava de contacto directo com a multidão e esse contacto era-lhe, agora, recusado.

Imobilizada, a torrente interior batia por baixo dos seus seios e na polpa dos dedos. A música, durante muito tempo abandonada e que dormitava no fundo da sua carne, retomou, por momentos, o primeiro lugar. Era a garganta aberta pelo rio na barragem do espírito, o grande rápido. Anita passou horas ao piano, a entreter as mãos e o pensamento com misteriosas associações de acordes, que repercutiam, no fundo do ser inacessível ao olhar das palavras, vagas da vida interior. Mais raramente,

estudava com Georgina, boa violinista, alguma sonata. Ambas, contudo, eram demasiado independentes para saberem sentir bem em conjunto e porem-se a passo. Cada uma tinha tendência para improvisar variações da obra escrita e reescrevê-la com o seu ritmo. Um conhecedor seria severo; mas, os «conhecedores» são-no raramente no sentido da Bíblia. Não possuem a obra no seu leito. A verdadeira música é uma posse.

Essa posse foi ainda demasiado para Anita. Essa última actividade muscular foi-lhe, pouco depois, interdita, embora se entregasse a ela, como fazia para tudo, sem contar, e a dor a advertisse demasiado tarde. Teve de fechar o seu piano. Resistente à dor, mais por hábito do que por natureza (não era daqueles que a cultivam ou a provocam, por prazer, por orgulho, ou por virtude), sabia compor-se com ela. Aceitava-a, quando isso se impunha, e aceitava, também, as suas advertências. O teclado de marfim calou-se; mas, no do pensamento, as mãos de Anita corriam ainda com mais agilidade.

A partir de então, os dias e as noites mergulhavam numa música contínua. O decurso das horas, o fluxo do tempo, corriam como as ondas líquidas duma sinfonia, em que se desenrolavam, em contraponto, os pequenos e grandes acontecimentos, as comoções do dia, tanto o rir da criança como o eco selvagem dos combates dos povos, tanto o despertar primaveril da Natureza como a revolta dos oprimidos. Via-se como se tecesse uma tapeçaria. Não fora ela quem a concebera, não lhe desenhara o cartão, nem reunira as sedas de variadas cores. Era, sòmente, como a lançadeira e a mão que tece a obra encantada. A mão é cega e, no entanto, vê, palpa, o conjunto oculto de harmonia, que se realiza sob os seus dedos a cada toque novo que acrescentam, cálido e vibrante, ao quadro preexistente no seu espírito. Sob as suas mãos obedientes, a obra

preconcebida nasce e cresce, malha a malha, momento a momento. Tudo que existe faz parte dela. As tragédias e as tempestades da história são os seus vermelhos, negros e doirados.

Que era, então, nisso tudo, a sua parte, a sua obra pessoal? Não era mais do que um simples instrumento? Anita não tinha chegado a esse grau de desprendimento. Enquanto se vive e se é mulher, há necessidade de criar e de dar à luz corpos ou espíritos: sentir correr noutra boca o seu próprio leite e noutras veias o seu sangue, transmitir a sua vida, irradiar o sonho da sua acção... Arde sòmente! Nenhum fogo é perdido na noite... Anita contemplava nesse momento, pela sua janela, completamente aberta para a noite de Estio, a Cassiopeia. Repetia, então, religiosamente, a palavra do antigo Egipto: «Faz que me torne semelhante às constelações!» O seu voto, contudo, era mais humilde. As constelações estão demasiado longe, demasiado alto! Bastava-lhe estar incrustada na mais modesta constelação cá de baixo. Não duvidava de ser ela própria uma constelação.

ANITA não estava sòzinha. Lado a lado, naquela mesma tela que tecia, a criança, Vania, tecia o seu sonho. Perfeitamente são, sem uma tara, alegre, activo, equilibrado, tinha, a despeito da vida dos seus dias cheios como um ovo, os seus campos, os seus bosques, e os seus vales de sonho interior. Também tinha as suas cisternas, das quais não se conhecem nunca os fundos. Mergulhava de cabeça, bruscamente, sem que ninguém notasse o mergulho. Nem Georgina, a despeito dos seus prémios de natação, poderia ir lá buscá-lo. Dificilmente dava conta da sua ausência. Falava-lhe, mas o rapaz estava longe... Quando regressava, a jovem não dava conta disso, como não dera de ele ter partido. Vania, porém, reencontrava-a, sempre a falar, no meio duma frase ou doutra: isso não tinha importância! Reencontrava-a, risonho e distraído: era a sua caixa de música...

Em que momento se produziam essas fugas? As principais eram de noite. De dia, tinha corrido tanto, com as pernas e com o espírito, que caía de sono ao despir-se. Tinham de lhe arrancar os calções como a pele de um coelho, pois adormecia com as mãos presas aos botões, atravessado na cama. Deitavam-no, metiam debaixo dos lençóis as suas patas nuas e as pernas firmes e gorduchas: não sentia nada, já havia partido, tinha o ar de um

bem-aventurado. Também o era quem o via. Até de manhã, não o ouviam mais mexer... Despertava, porém, ao romper da alva, com os pássaros do jardim. Quase todas as manhãs, no espaço de alguns minutos (talvez cinco, talvez menos, mas parecia-lhe ser uma hora ou duas...) tinha um voo planado em que o seu pensamento vibrava numa iluminação exaltada, muito diferente da do dia.

Essa iluminação era feita, em parte, da fosforescência dos sonos que acabara de segregar e dos quais, ao emergir do sono, procurava ruminar o sabor e o sentido. Era também feita, nesse instante privilegiado, de misteriosas recordações esquecidas, que subiam como um fumo da sua vida de criança em que tinham sido registados sem que desse por isso. Uma estranha intuição, despertada durante um segundo, fazia reconhecer neles a chave dos seres a quem a sua vida estava ligada: o pai, a mãe, Anita, Georgina — os seus satélites. Perscrutava-os e, por vezes, sentia um baque no peito, quando fazia, ou julgava fazer, uma descoberta proibida... Ver sem ser visto... Ver aquilo que não deve ser visto... Possuía o anel das Mil e Uma Noites...

Depois voltava a dormir, como uma pedra, de punhos fechados, até Georgina o acordar. Não se lembrava mais do que se passara durante a revelação anterior. Nada, no entanto, era perdido. Tudo se inscrevia no livro interior, cuja redacção continuava de noite em noite. Bruscos clarões brotavam dele, ao longo do dia, em momentos imprevistos. Muito raramente, era nos minutos de descanso, que eram de um repouso pleno («não penso em nada!») ou nas horas de estudo (com o olhar fixo, seguia a pista de uma ideia: «não vejo outra coisa...»). Ou então em plena acção, no segundo em que, de músculos tensos, lançava a bola, ou durante a corrida... Faltava-lhe o fôlego. O peito estava prestes a rebentar... e tudo se iluminava...

Outras vezes era (isto não se diz, mas visto que se faz...) quando estava na latrina, na hora cómica em que a voz da prudência se deixa ouvir, imprevistamente, por certas criaturas de Deus, e da qual o nosso sem-deus-nem-senhor d'Alambert dizia cìnicamente, à Lespinasse, que era a satisfação mais pura concedida aos mortais. Tão grandes exemplos autorizavam Vania a abrir essa porta de iluminação... *Spiritus flat ubi vult*... Riria com vontade se pensasse nisso! Era da terra de Rabelais... Tinha, porém, outras coisas em que pensar. Sonhava... Sonhava de tal maneira que, uma vez regressado ao meio daqueles que têm os pés assentes no chão, tinha um sobressalto envergonhado, ao ouvir Georgina dizer-lhe:

— Vania, abotoa as calças!

Voltava da Lua. Ninguém sabia o que vira. Anita, porém, suspeitava de que tivesse tido encontros extraordinários. Bastava-lhe recordar-se dos seus próprios. Analisava-lhes os reflexos nas pupilas da criança. Observavam-se mùtuamente. Não sabiam grande coisa um do outro. Estavam tão afastados pelo tempo! Farejavam-se, contudo, ternamente, como dois animais da mesma raça. As suas narinas aspiravam nas suas peles o mesmo odor, o bom odor do sonho do mesmo sangue... Quando tinha corrido bastante, brincado, lutado, gritado com Georgina, Vania ia sentar-se aos pés de Anita, apoiava a face nas pernas da avó, e olhava para ela, calado, enquanto não se apaziguava o tumulto do seu sangue. A mão de Anita acariciava o rosto do animalzinho familiar. Bruscamente, este pensava em voz alta:

— Manita (para seu uso, formara um nome com a primeira sílaba de mãe e a última de Anita), há muito tempo que vives!

Não perguntava, afirmava. Anita respondia-lhe:

— Já não sei. Muito ou pouco, na altura em que

vou agora, é a mesma coisa. Quando cá chegares, verás.

O pequeno não ouvia e prosseguia na sua ideia:

— Manita, que fizeste para não teres morrido há mais tempo?

— Achas que já duro demasiado?

— Oh! Isso não... Mas como o papá morreu...

— Ele estava destinado a durar mais do que eu. Mataram-no.

— E então, a ti?

— Isso não é para todos. Há muitos que vivem tranquilamente.

— Sim... Os outros!... Mas nós não!

— Nós, quem?

— Nós.

Vania tinha o queixo fincado entre os joelhos de Anita e metia-se lá como um pássaro no ninho.

— Queres dizer: tu? Sabes, porventura, o que te acontecerá?

— Oh! eu — retorquiu o pequeno tranquilamente — serei morto como o papá.

— Olha que ideia! Não há nenhuma razão...

— Há, sim, porque farei a Revolução.

— Onde a farás? Na França?

— Na França não. São demasiado velhos. Será na América.

— Não é possível?! No meu tempo, pensávamos na América pela caça aos índios. É noutra caça que pensas. Onde será isso, meu filho? Em que América? Aquilo é muito grande. A do Norte? A do Sul?

— Isso é indiferente. A Revolução, não é verdade?, é preciso fazê-la em todo o mundo.

— Acabará em França, a última de todas? Pobre velha!... Estás louco!... Foi a tua mãe que te pintou assim de vermelho?

— Oh! Tu também!

— Eu? Achas que sou vermelha?

— É-lo por dentro.

— Tens olhos de furão! Quem te permite olhar para dentro das pessoas?

— Sou eu que me permito. É divertido.

— Ah! Isso diverte-te? Divertimos-te? Achas que a vida é divertida?

— Oh! É muito engraçada!

— Então, porque diabo falas de morrer?

— Não é de morrer; é de me fazer matar.

— É a mesma coisa.

— Não é; bem o sabes!

— Não sei nada.

— Sabes, sim. Morrer é quando se espera, e isso é aborrecido; mas fazer-se matar é interessante.

— Como jogo, é sério.

— Quanto mais sério, mais divertido.

— Ora a carpinha a dar lições à carpa! Mas, tens razão.

— Não és uma carpa; és uma truta.

— Porquê?

— Não é verdade que as trutas sobem os regatos?

— É verdade.

— E quando encontram uma barragem saltam por cima dela?

— Dizem isso.

— Não as tens saltado?

— Ah! É verdade, diabrete!

— Quando saltavas eu estava no teu ventre.

(Os mistérios do nascimento não existiam para ele).

— Estavas, sim.

— Então, o caminho que percorreste, não tenho necessidade de o repetir.

— Isso também é verdade. Poupei-te, preguiçoso, um bom bocado de caminho.

— Sim, mas quando tu morreres, eu continuarei.

— Continuas, sim. Em meu lugar. Salta, trutazinha! Cada um por sua vez!

Anita ria; mas, no fundo do coração, sentia-se comovida, orgulhosa e perturbada. Não morreria; o seu Marcos também não. Continuavam-se...

ANITA reconhecia aquele gosto do sal, aquele odor das algas do mar; toda a sua vida fora impregnada pelo vento do eterno. Era o melhor que tinha recebido; restituía-o. Impregnara com isso a sua raça. A sua raça... quem? Aquele pequenito?... Toda a sua constelação. Tinha outros filhos. Os mais próximos nem sempre são os do mesmo sangue. Não esquecia a sua filha americana.

Assia também não a esquecia, embora as suas cartas fossem espaçadas. Diziam pouco acerca da sua vida: ou eram breves e apressadas, ou um turbilhão de paixões; mas com muito poucos factos. Sentia-se presa da acção e da febre americana, essa febre seca e calculista, essa alta tensão dos nervos e da vontade que, por rajadas, atinge os sentidos e se alivia violentamente.

Juliano Davy, que encontrara Assia no decurso das suas viagens de conferências nos Estados Unidos, ficara impressionado com o ascendente que a jovem soubera tomar em certos círculos directivos da política e do dinheiro. Difícilmente a reconhecera. Assia tinha engordado. Causara-lhe o efeito, nos salões, duma bonita gata de pêlo lustroso, de passos abafados, que se deixava adormecer indiferente. Desde, porém, que se encontraram a sós, essa indiferença caiu, instantâneamente. Dir-se-ia

que a sua gordura fundia, as faces cavavam-se-lhe, os lábios adelgaçavam e as pupilas acariciadoras lançavam cintilações de aço. Parecia devorada pela paixão do combate.

Assia conduzia, no Oeste americano, perigosas campanhas a favor da Internacional Socialista Operária e em defesa do comunismo perseguido. Lançara nisso seu marido e os amigos dele, sem se preocupar com os riscos. Agrupara à sua volta um escol de jovens americanos: universitários, engenheiros, escritores, proprietários independentes de vastos domínios que exploravam em proveito das obras sociais, ricos ou pobres, na maior parte dessa espécie de gente da Nova Inglaterra, pura, direita, intrépida, um tanto ingénua, de que conhecemos belos tipos. Essa frescura de alma, assaz fora de moda, mas remoçada por um entusiasmo de acção e uma bravura sem transigências, fazia sorrir Assia. Sabia, porém, o valor desses jovens e apreciava-os.

As suas relações com eles eram, em geral, as de uma irmã mimada e admirada. Não podiam ter ciúmes dela entre si: Assia era igualmente de todos, e seu marido era, sòmente, um deles, o mais velho. Fazia tudo quanto podia para não despertar nesses rapazes sentimentos perturbantes. Se lhe era difícil, por vezes, defender-se das súbitas e violentas ondas que faziam erupção do fundo da sua natureza, Assia não o deixava ver no meio desse ciclo fraternal. Fugia do círculo, durante alguns dias ou algumas semanas, e ninguém do grupo procurava saber onde estava. O marido admitia que sentisse necessidade de estar só e reconhecia-lhe o direito a dispor de si. Reconhecera-lhe esse direito, uma vez por todas, numa conversa muito séria em que foi selado um pacto entre ambos.

Com a lealdade própria dos melhores anglo-saxões, que os latinos, sem razão, julgam baseada na frieza (não vêem nisso o calor da confiança, con-

cedida uma vez por todas), o marido nunca procurara fazer a revisão desse pacto. Recusava-se a fiscalizar a vida oculta da sua companheira. Assia dava razão a essa confiança. Empregava as suas fugas, os seus eclipses, em concentrar-se e retomar-se a si própria, quer em mergulhos de esquecimento num lugar solitário, como quem faz uma cura num sanatório, quer cansando os seus velhos demónios interiores em fadigas musculares, em grandes caminhadas pelas montanhas e as florestas.

Se, aqui ou ali, imprevistamente, no acaso dum encontro, o diabo se intrometia, como as más línguas pretendiam, não o sei; em todo o caso Assia não o queria e evitava as tentações. Se era, porém, assim, não arrastaria depois remorsos nem saudades; isso contava tão pouco ante os grandes, os únicos, sentimentos sagrados!... Apagava tais recordações e voltava para junto dos seus amigos e do marido como um caderno novo depois de lhe terem arrancado a folha. Retomava o seu livro de contas, no ponto exacto em que o deixara, cada vez mais presa à casa (isto é: a todo o grupo) e à causa comum que os ligava. A opinião poderia difamá-los, ela e eles não se dignavam dar atenção a isso.

Davam-se a todos os grandes movimentos de protesto contra as iniquidades da lei e do poder americano. Empenharam-se, furiosamente, para salvar Sacco e Vanzetti e por arrancar Tom Mooney da sua prisão. Dum ponto a outro dos Estados Unidos, velavam para denunciar à opinião do mundo os abusos do poder e os crimes. Tinham de se haver com ferozes inimizades, com os caceteiros e os estripadores profissionais e mascarados do banditismo capitalista e do bestial obscurantismo cem por cento. Muitos desses generosos jovens eram assaltados bàrbaramente, espancados, envolvidos em alcatrão e penas, calcados aos pés. Um ou outro morreria mutilado e assassinado nos postes de tortura.

A «russa» não corria riscos menores. Era denunciada pelos pregadores do Ku-klux-klan como um diabo fêmea que era preciso eliminar pelo fogo. Os seus amigos, porém, formavam uma guarda à sua volta sempre de olhos bem abertos. Além disso, Assia beneficiava de certas altas protecções que não se mostravam, que não desejavam dar-se a conhecer, mas que ela não ignorava e actuavam em segredo para a defender. Até entre os elementos oficiais, havia homens esclarecidos que apreciavam a obra desinteressada dessa diminuta Liga da melhor América e tinham amigos entre os seus membros.

Depois de peripécias variadas, de que Anita não chegou a saber nada, Assia viu-se, no entanto, forçada a deixar os Estados Unidos. Seu marido, a quem, por duas ou três vezes, fez perder a sua situação, mas que não se lamentava disso e a admirava, teve de procurar onde exercer a sua actividade como engenheiro, no México e depois na Bolívia e no Peru. Assia acompanhava-o, mas por onde ela passava não tardava a acender-se um novo foco de agitação. Era a causa dos Índios da América que então a apaixonava. Procurava ligá-la aos grandes movimentos de emancipação asiática, fomentados pela Liga anti-imperialista.

Percorreu os Andes e, de tempos a tempos, voltavam a vê-la, fatigada a refazer o seu lustre e a sua gordura, nos salões de S. Francisco ou nos grandes hotéis de Xangai. Pretendiam até tê-la encontrado no Transsiberiano, pois retomara o contacto com Moscovo. Nessa vida de movimento perpétuo, achou maneira de dar dois filhos ao marido: um rapazinho que teve sùbitamente a fantasia de levar a Anita (tinha o pequeno então cinco para seis anos) e uma pequenita, que, por ser muito pequenina ainda para a travessia, ficou para a viagem seguinte...

O afastamento de alguns anos não contara muito para Assia. Quando voltou a percorrer o caminho que conduzia à casa da orla do bosque de Meudon, parecia tê-la deixado na véspera. Não esquecia nada. Tinha a memória dividida em três ou quatro compartimentos sobrepostos que fechava ou abria à sua vontade. O mais profundo, o mais secreto, era aquele que destinava a Marcos e Anita. Só o abria de longe em longe, de preferência naqueles períodos de evasão em que desaparecia do círculo dos seus amigos americanos. Isto por o odor que emanava do cofre ser muito forte. Assia sufocava... «Marcos!...» Sòzinha, numa casa perdida cerca de Cuzco ou num quarto de hotel chinês, atirada para cima da cama ou duma esteira, durante horas, devorava as suas recordações, mastigava-as e remastigava-as até desfalecer de amarga volúpia e de dor. Macerava-as, durante dias e dias, em vinagre e ervas perfumadas... Não podia dar-se ao luxo dessas sensações no meio da acção. Durante ela, o cofre mantinha-se fechado!...

Quando o levava para Meudon, a fim de as mãos de Anita o reabrirem, as sensações apaziguavam-se e depuravam-se, a amargura transformava-se em doçura: eram os dias antigos que voltavam, sem feridas... Não entravam em conflito com os dias novos, com a vida reconstituída e que enxameava à sua volta. Anita sorriu para o rapazinho americano, ruivo e bochechudo, que lhe disse «minha senhora», ao olhar para ela com ar sério e intimidado. Anita beliscou-lhe o queixo, e emendou:

— Diz-se «avó», meu lobacho vermelho. Não sabes que esta grande rapariga é minha filha?

Quando o lobacho vermelho, que se chamava Waldo, se encontrava, porém, frente a frente com Vania, os dois rapazes observavam-se severamente. Waldo franzia a testa e examinava, com desconfiança, da cabeça aos pés, aquele meio irmão, que era antes um irmão e meio, pois tinha o dobro da

sua idade. De testa franzida, via-se que fazia um esforço para compreender. Vania tinha compreendido. Sabia o bastante acerca dos filhos da sua mãe. Tinha um sorriso um tanto protector, apesar de tudo amável, que mais de uma vez mortificara a mãe e mortificava, também, o rapazinho. Julgava de seu dever mostrar-se cordial e fazer as honras da casa. Por pouco não fazia as honras de sua própria mãe, pois essa mãe era dele, se a quisesse reclamar, visto ser o filho mais velho. Consentia, porém, em emprestá-la, e afectava, até, desinteressar-se dela... «Passei bem sem ela...» (não era verdade; a mãe não deixaria, nunca, de ocupar o seu pensamento; mas ninguém o saberia).

Waldo votou ao irmão uma forte animosidade. Os punhos ferviam-lhe nos bolsos e acabaram por sair impetuosamente. Na curva duma alameda do bosque, quando nenhum olhar podia ver os dois garotos, o pequeno ruivo, sem nenhum pretexto, atirou-se ao mais velho e bateu-lhe com esses punhos duros e raivosos... Pum... pum... pum... Os peitorais de Vania, que encaixava as pancadas, ficavam-lhe à altura do nariz. Como estava apoiado só num pé, quase caiu. Retomou o equilíbrio e segurou, surpreendido, o borreguinho que então lhe atirava cabeçadas contra o ventre. Como se baixasse para o interpelar, o crâniozinho ruivo ergueu-se como um malhete e deu-lhe no nariz.

Vania, dessa vez, zangou-se e agarrou com força no irmão. Waldo debateu-se com os quatro membros; mas Vania, em três movimentos, estendeu-o ao comprido no chão; segurou-lhe os dois pulsos afastados e imobilizou-lhe as pernas, sentando-se em cima dele. Examinou o escaravelho estendido de costas. Estava furioso: fora atacado contra as regras, deslealmente. Desde que viu, porém, a face crispada do vencido, coberta de sardas, que piscava os olhos còmicamente, para não confessar a sua

vergonha, Vania desatou a rir e deitou-lhe a língua de fora.

O seu riso acabou de esmagar o outro e as lágrimas saltaram-lhe. Vania atirou-se ao pescoço do mais pequeno e ambos rolaram, qual de baixo, qual de cima, ao longo do caminho. Beijavam-se desesperadamente e Waldo, sempre a chorar, punha nisso o mesmo furor que pusera a dar marradas em Vania. Este assoou-o paternalmente. Seria a última injúria, para esse homenzinho, que se julgava já desonrado por ter chorado!... Engolira, porém, toda a vergonha e essa injúria, vinda daquelas mãos — explique-o quem quiser! — era-lhe agradável. Vania, que o via esfregar as faces molhadas com os dedos sujos de terra, disse-lhe:

— Atenção! Vais apagar esses bonitos pontinhos vermelhos que tens pintados no nariz.

Riram ambos às gargalhadas. O nariz de Vania sangrava, mas quando chegaram a casa, disse, magnânimo, que, quando andava a correr, tinha batido contra um tronco. Waldo levou muito tempo a adormecer naquela noite; pensava em Vania com paixão.

As duas crianças, desde que o oceano, de novo, as separou, escreviam-se. A pena de Waldo era, porém, como a sua língua, incapaz de exprimir o que lhe aquecia o coração. A pena de Vania, que era ligeira como a sua língua, sentia ser o jogo desigual entre eles. Assim como quando troçou do escaravelho imobilizado debaixo de si, o mais velho deitava a língua de fora ao mais novo. Não era possível manter uma conversação, mas apenas gritos de guerra: «Alô! Waldo! Hoiotoio! Irmãos de combate! Alalá! Na próxima vez que nos virmos, beberei o teu sangue, beberás o meu e iremos para a batalha!...» O compromisso, para Waldo, não era uma brincadeira. Não sabia qual seria a batalha; mas sabia que a de Vania seria a sua. Assia, de

noite, disse a Marcos: «Bem vês, não me queiras mal! Dei-te mais um tobacho...»

Assia voltou da sua visita a Meudon clarificada. Por muito pouco que Anita tivesse falado (todo o tempo fora ocupado pelo fluxo das palavras de Assia, de que ela, depois, se recriminava amargamente), a jovem via melhor em si, depois de Anita a ter visto. As suas caminhadas ofegantes, as febris revoltas do seu caminho em ziguezague reencontravam a direcção e o sentido da pista. A Revolução tomava, nos olhos de Anita, no seu olhar de pupilas dilatadas que se abriam serenamente ante a inelutável caminhada do destino, uma calma certeza que ultrapassava a linha do horizonte formada pelos traços desordenados dos combates de hoje. Entrevia-se, de través, para lá da trajectória que não se desviará nunca, o terno ruído da maré cósmica que não vaza, a lei dos mundos em movimento em que se apazigua a vertigem dos turbilhões que passam.

Anita foi, contudo, a última a conhecer o que revelavam os seus olhos. Vemos os outros e eles vêem-nos; mas só nos conhecemos por reflexo. Anita só tomou consciência do alcance do seu foco pelos fogos que acendera. A mulher de idade, solitária, viúva do seu filho, descobriu a sua fecundidade.

OUTRA linhagem, mais perturbadora, foi revelada a Anita naquela altura. Recebeu a visita de Bernadette. As relações das duas mulheres tinham sempre sido frias e distantes. Só se estreitaram mais, durante algum tempo, por causa de Sílvia. Depois da zanga desta com a sua filha adoptiva, não tinham procurado mais ver-se. Se, da zanga, Bernadette ficara desgostosa ou despeitada, nunca o deu a conhecer. Levou a sua impenetrabilidade até ao ponto de não escrever uma palavra de condolência a Anita, após a morte de Sílvia. Anita não o esqueceu. Sem saber o que se tinha passado entre seu filho e aquela mulher, sentia por Bernadette uma secreta antipatia.

Por seu lado, Bernadette nunca manifestara o menor interesse por Anita. Até nas suas relações com Marcos, a mãe do rapaz estivera sempre à margem do seu caminho; não lhe podia ser útil em nada. A rapariga, fria e calculista até nas suas loucuras do cérebro ou do baixo ventre, não dava nenhuma importância àqueles com quem não tinha nada a fazer. Por que, então, fora procurá-la? Colocadas em presença as duas mulheres, Anita mostrou-se de veludo, mas um tanto desconfiada (os olhos enganar-se-iam, mas não as mãos de uma mulher). Esforçou-se, contudo, por mostrar a obrigatória cortesia de quem recebe em sua casa.

No entanto, enquanto proferia expressões de polidez, as suas narinas hostis farejavam a intrusa. Não ficaram, porém, muito tempo crispadas. Bernadette não estava sòzinha. O olhar de Anita — que a percorrera da cabeça aos pés, como quem não quer a coisa — dera com a pequenita que acompanhava a visitante, e ficou preso a ela. Bernadette, cujos olhos vivos, penetrantes, fugidios, de doninha magra e esgalgada, não deixavam nenhum dos mínimos movimentos da dona da casa, embora continuasse a proferir palavras amáveis e vazias de sentido, espreitava esse olhar fixo na isca. As suas pálpebras tiveram um breve bater e pensou ìntimamente: «Pronto! A experiência deu resultado...»

A pequenita, de oito para nove anos, era o retrato, embora retocado, doutra criança de quem ninguém no mundo se lembrava mais a não ser aquela mulher de idade que a fitava, pois era a única que a tinha visto. A pequena tinha as mesmas pupilas móveis e febris, a oval magra e fina do rosto, a fronte ossuda, a palidez e o ar resoluto. Havia mais: até o próprio vestido a evocava: a grande gola à marinheira, o casaco azul com grandes botões e o cabelo comprido e liso à Bonaparte. Como fora possível reconstituir tudo? Como pudera aquela mulher ter a audácia de lançar mão de uma relíquia, uma fotografia de criança, amarelada e esbatida, de que Sílvia fora a única, com Anita, a possuir um exemplar?... A pior das audácias não era ainda a composição do rosto, do cabelo, da gola, do vestuário, era aquele próprio ser que estava lá dentro... «Quando e como mo roubou?...»

As duas mulheres não trocaram uma palavra do diálogo violento que se travou nos seus pensamentos:

«— Onde o encontraste?

«— Reconhece-lo?

«— Não, não; é uma falsificação!
«— É autêntico!»

Anita, porém, com uma voz tranquila, que tremia um tanto, puxou para os joelhos a pequena Marcela (porque a descarada dera-lhe esse nome) acariciara-lhe o cabelo, enquanto conversava, e puxou-lhe a cabeça para trás, mergulhando o seu olhar ávido nesse espelho do filho desaparecido. Estava prestes a estreitá-la num abraço, mas dominou-se; afastou rudemente a pequenita e disse à mãe:

— Leve-a!

Anita levantou-se, pretextando fadiga. Bernadette despediu-se, mas bem sabia que Anita a chamaria. Efectivamente, no dia seguinte, Anita escreveu-lhe; mas esperou três semanas para enviar a carta. Essa carta, que fora feita e refeita várias vezes, era, ao cabo, um simples convite de cortesia a pedir-lhe que lhe levasse a criança num daqueles belos dias de Verão. Vania e Marcela travaram conhecimento. Falavam pouco um ao outro. Vania, em presença da pequenita, perdia a sua loquacidade habitual. Não deixaram de se observar quer um em frente do outro quer de lado. Ràpidamente, a pequena compreendeu que lhe interessava. O rapaz irritava-se com isso e algumas vezes mostrava-se rude. Isso, porém, não a perturbava.

O mais rude dos dois nem sempre é o que mais o mostra. A pequena esperava, com uma frieza determinada, a compensação que viria, sob a forma de pequeninas ofertas e atenções, por vezes encantadoras e outras vezes ridículas, que recebia como se lhe fossem devidas. Não deixava entrever, aliás, nem galantaria nem vaidade. A sua maneira de falar não tinha nada da afectação de sua mãe em sociedade: falava pouco, clara e directamente, até com certa aspereza. Aquele sabor de groselha verde irritava os dentes de Vania e atraía-os. Era alguma coisa que faltava na sua alimentação.

Anita, que os observava e comparava, surpreendia-se de o sangue de Marcos correr nas veias azuis da pequenita. Nas de Vania, porém, corria o sangue dela. Nem uma vez Bernadette confessou o seu segredo, nem Anita lho perguntou. Continuavam a conversar, como numa visita. Anita, no entanto, não lhe abria a porta da intimidade. Mantinha aquela mulher a distância. Bernadette não fazia nenhum esforço para entrar. Então por que fora lá? Que móbil a impelira? Naquela natureza tão complicada, não era fácil descobrir o que a dominava, se o mal, se o bem, pois estão misturados, pela mão hábil da mulher de Paris, que sabe sempre ordenar a desordem em seu proveito.

Na sua vida de casamento ou de negócios, faz sempre exactamente as suas contas. O casamento é também um negócio. Esse negócio não foi mau para ambos os seus participantes: casa bem posta, rendimentos crescentes, despesas moderadas, grandes encomendas das indústrias (a fábrica produzia motores para automóveis e aviões), quatro filhos sadios e a fita na botoeira. Para apanhar esse trapo e florir com ele o marido, a mulher não foi inútil. Quanto aos filhos, o marido não tinha de que se lamentar: contava, pelo menos, um a mais do que lhe competia.

Sejamos justos: desde que, na noite de Marcos, ela voltou para o seu leito, não parece ter tido mais vontade de sair de lá. Tinha o que lhe era preciso em casa. Poucas distracções; mas nem o marido nem ela se preocupavam com isso. O que os ocupava e absorvia era ver o saldo dos seus negócios aumentar, não para acumular ou para gozarem com isso, mas para que hoje ultrapassasse ontem e que amanhã ultrapassasse hoje. Era um prazer como o das corridas de automóveis: a paixão de acelerar...

Às vezes há acidentes, em campo raso; mas ninguém se gaba disso! Num dos seus, Bernadette,

enquanto se ocupava a reparar o seu motor, no meio da poeira, engordurada debaixo do automóvel, encontrou na sombra cálida da saudade o abraço duma noite em que a sua obsessão de adolescente, seca e febril, se satisfez... Feitas as contas, foi e era essa a única alegria completa da sua vida: o espírito e o corpo atingiram o seu objectivo. Valham o que valerem, espírito, corpo e objectivo, por uma vez, ao menos, os três juntaram-se: é a isso que se chama vitória. Essa vitória não morreu: Marcela vive.

Um dia chegou, contudo, em que para melhor saborear essa vitória, para a defender, talvez, contra a dúvida, («Venci? Vivi?...») Bernadette teve necessidade de a ver nos únicos olhos que poderiam ser a sua pedra de toque. Os olhos de Anita viram e falaram. O coração de Bernadette, impenetrável, rejubilou. Foi como se tivesse Marcos uma vez mais; como se o tirasse à mãe, à mulher, ao filho... «Tive-o. Tenho-o...»

Bernadette exibia Marcela com uma satisfação provocante. A pequenita beneficiava com esse contentamento reprimido. Por vezes, era também o emissário em quem se descarregam os velhos rancores contra o outro, quando a ruminada amargura sobe à boca. A pequena não se comovia muito com isso: quer a sacudissem, quer a lisonjeassem, fazia as suas reflexões e guardava-as para si. Tinha a pele da alma impermeável, como a de sua mãe.

O que estava dentro dela, era preciso ser Anita para o ler, pois só ela conhecia o alfabeto: o daquele sombrio tamborzinho de Arcole, de Marcos criança, de alma orgulhosa e obstinada, que ocultava as suas perturbações e a sua ternura, de que não queria dar contas a ninguém, antes de as ter esclarecido, que desconfiava daquilo de que gostava mais do que desprezava ou odiava, pois quando odiava ou desprezava era caso julgado.

Por isso, a pequena desconfiava de Anita e a sua desconfiança era o que a atraía, como um íman, para aquela mulher idosa. Por vezes, abandonava o seu companheiro de brinquedos, e, enquanto Vania a procurava no jardim, Marcela ia para casa sentar-se, sem ruído, no quarto onde Anita lia. Instalada numa cadeira, a alguns passos de distância, hirta e muda, observava-a. Se Anita lhe falava, respondia-lhe, apenas, por monossílabos.

Anita compreendia-a, conhecia esses silêncios teimosos, esses solilóquios mudos a dois e esse olhar de pequeno Oliveiro Twist entre os ladrões que se introduzia entre as grades, para lhe roubar o coração. Deixava-a fazer, mas sorria, e esse sorriso advertia a pega ladra de que fora apanhada. Retirava-se, então, com as penas eriçadas, o bico estendido, o olhar mau. Então, Anita, ria abertamente e ia beijá-la. Era, porém, um bloco de gelo que beijava. O gelo, contudo, também funde. Anita dizia-lhe ao ouvido:

— Minha marota, bem te vejo... Tenho-te e tens-me pelo beicinho... Qual de nós levará a melhor?

Anita sentia, então, nas suas mãos o corpinho hirto abandonar-se e ouvia-lhe o riso abafado. Mordia-lhe a ponta da orelha e dizia-lhe:

— Somos amigas?

Marcela atirava-se-lhe ao pescoço e, sem olhar para ela, murmurava-lhe ao ouvido, precipitadamente:

— Sim, sim, sim...

Não simulava nada, assinava um pacto. Que se passava naquela cabeça? Aquela pequena que se sentia em sua casa, sabe Deus porquê, uma estranha, agarrava-se — como uma andoriuha ao velho beiral da casa do ano passado que reconhecia — ao pescoço de Anita e encontrava naquele velho coração o seu ninho, o do pai. Tinha o seu cheiro...

Anita, de noite, sonhava acordada. Via-se avó duma tríplice família — quádrupla ninhada, una e diversa. Não se preocupava com distinguir entre os passarinhos aqueles que a lei ou a virtude autorizava. Todos tinham saído dela e a mesma força que a conduzia os lançaria a todos, em losango, no grande céu, em direcção ao mesmo fim longínquo, que a sua própria flexa não atingiria nunca.

ANITA podia incluir, também, no grupo, um filho adoptivo: Sílvio Moroni, aquele por quem o seu Marcos fora morto. O pai só ganhara, com o sacrifício de Marcos, alguns meses de vida. O encarniçamento dos seus inimigos acabara por o apanhar: foi encontrado assassinado no seu leito. Sílvio, porém, deportado para as ilhas, conseguira evadir-se, numa barca que a tempestade atirara para a Córsega. Foi para Paris, onde encontrou os banidos, os irreconciliáveis do antifascismo. Não pudera, porém, misturar-se nos seus partidos. Era uma alma de poeta, alimentada dos grandes sonhos da Grécia e do idealismo romântico. A política repugnava-lhe. Não tinha medo dos combates. O seu coração jovem ardia por se sacrificar; mas o combate a que aspirava era nas nuvens, como o dos deuses de Homero, melhor: mais alto ainda, na luz, como Ícaro.

A sua ideologia, demasiado literária, fazia sorrir os jovens do pós-guerra, os «realistas». Nenhum deles, porém, estava disposto a colocar ao serviço das «realidades» perigosas uma devoção maior do que ao serviço da sua literatura punha a intransigência apaixonada do jovem Shelley italiano. Não se adaptava, de modo nenhum, à atmosfera de dis-

cussões e de suspeitas, de dissídios acres e venenosos, ou de compromissos pouco limpos dos partidos que a infelicidade do exílio exasperava. Afastou-se deles e viu-se sòzinho, com os seus sonhos de poesia e de acção amodorrados sob a cinza dos dias de trabalho em que difícilmente ganhava a sua vida. Quando tinha uns momentos de folga, acorria a Meudon, onde fora levar, logo no primeiro dia, a sua gratidão e os seus remorsos, pois não esquecia que a sr.ª Rivière perdera por ele o seu filho. Anita também não o esqueceu e aceitou Sílvio (disse-lho) por preço do sangue:

— Pertences-me.

Sílvio tomou isso muito a sério. Estava enfeudado. Gostava de o dizer e punha nisso um sentimento cavalheiresco de honra. Talvez trapaceasse um tanto consigo próprio. Talvez não fosse tão assíduo a Meudon se não o atraíssem outros olhos. Georgina fascinava-o e o rapaz sentia-se incapaz de lho ocultar. Exibia os seus sentimentos com uma ingenuidade fogosa. Georgina ria-se disso. Havia entre ambos seis anos de distância: Sílvio fizera, havia pouco, vinte anos e Georgina estava a meio caminho da encosta dos vinte e seis para os vinte e sete. Sílvio, contudo, não se preocupava com essas bagatelas. Ambos eram bons cães de raça, sólidos, bem talhados. Ao aproximar-se dos trinta anos, Georgina tinha o tipo duma Manon Roland, forte e fina, loira e rósea, de colo firme e abundante. Levantava e arrastava atrás de si, impacientada, os desejos dos homens que passavam no seu caminho. Achava-os maçadores. Anita dizia-lhe:

— Apaga a tua lanterna! Amortece esse fogo!

— Porquê? — perguntava a jovem. — Porventura olho para eles?

— Tens demasiada vida. Provocas-lhes a fome.

— Será talvez preciso que a encerre num armário?

— Receio muito que, embora debaixo de chave, vão lá dar com ela, pois isso tem um cheiro muito activo!

— Obrigada, obrigada pelo cumprimento! Então, navegar a todo o pano!... Em todo o caso, não cheiro, como esses pobres tipos de Paris que me seguem, a bolor e a rato morto!

O rato italiano estava bem vivo! A própria Georgina não deixava de o reconhecer. Concedia-lhe a sua simpatia. Reconhecia que era um bonito rapaz e não muito estúpido quando não falava de amor. Bom companheiro, ágil, destro, desembaraçado, não a maçava com intelectualidades, tinha um olhar agudo, mãos hábeis para desenhar, modelar, entalhar a madeira, e sabia aguentar-se no terreno comum dos desportos. Se não se tratasse de mais nada do que de disputar um desafio ou uma partida de *footing* ou de *camping* juntos, Georgina aceitá-lo-ia com prazer. Acrescentemos que o rapaz sabia comer, o que ela também sabia muito bem, e conhecia receitas de cozinha.

Tudo isso era perfeito e Georgina admitia-o de boa vontade em todas as circunstâncias, à mesa, na cozinha, na oficina, na marcha, na corrida ou em repouso, mas menos na cama, como lhe disse quando ele lhe começou a fazer a corte. O rapaz ficara magoado, escandalizado, por ela lhe cortar as suas efusões líricas com esse apelo cru às realidades.

Protestava que o seu amor era puro como o fogo e desinteressado. Georgina ria com mais força e dizia-lhe que não o supunha tão canário! No entanto, se o era e se precisava por força de cantar, dignasse-se variar de assunto ou de objecto dos seus cantos! Era maçador estar sempre a tomá-la pela Dulcineia. Se era assim desinteressado, que lhe importava o objecto? Fosse cantar para a rua!... Sílvio amuava, contrariado; mas, no dia seguinte, recomeçava.

Vania troçava com Georgina das grandes frases de Sílvio e dos seus olhos brancos de pupilas negras: imitavam-no. Anita ralhava com eles e lamentava o pobre rapaz. Georgina dizia não ser ele tão pobre como isso. Visto ter prazer em vê-la, não o privava de regalar os olhos. Quanto aos suspiros, eram uma doença do crescimento, como os soluços: desapareceriam quando crescesse!

Em suma, esse regime não desagradava a nenhum deles. Estavam presos um ao outro. Georgina, contudo, era um enigma para Sílvio. Era mulher, muito mulher e muito pouco! Aquela vida cálida, aquele belo corpo florescente, aquela boca gulosa, aqueles seios ricos que pujavam... mas naquela carne, em flor e fruto, como um pomar de limoeiros, nem o seu coração nem os sentidos a incomodavam.

Realizava, com pouco sacrifício da sensibilidade, a independência moral da mulher que Anita procurara toda a sua vida, mas que a sua natureza apaixonada não lhe consentira ter, a não ser nos últimos anos (e ainda assim, não tinha muita certeza). Georgina não era, em princípio, hostil ao amor e à união, livre ou oficializada; mas não tinha pressa de experimentar e dizia:

— Ora! Falemos de assuntos menos aborrecidos!

Sílvio ameaçava-a de que um dia a natureza se vingaria. Georgina replicava:

— Isso seria engraçado!

Era demasiado sensata para dizer: «Dessa água não beberei». Mas pensava: «Não tenho sede». Acrescentava que os médicos recomendam beber só depois de jantar. Se, contudo, lhe acontecesse ter de se casar (todas as desgraças podem acontecer!) só se casaria depois de ter comido uma fatia (e nada pequena, pois tinha a boca grande) da sua boa vida pessoal. O casamento era uma espécie de reforma... E Vania? E o filho?... Quanto aos fi-

lhos, considerava não poder passar sem eles... Um ou mais... Uma meia dúzia e não adoptados, anónimos, como aqueles que as formigas neutras lambem para a comunidade... «Não, isso não! Da comunidade, da sociedade anónima, pouco me importo!... Digo: um filho meu, fabricado por mim...»

— Então como será isso? — perguntava Sílvio.

— Que seja só meu. Nada de complicações masculinas no negócio!... Por que não o poderei fazer sòzinha?...

Anita, divertida, dizia:

— Tempos virão. À ciência nada é impossível!

Sílvio fazia uma cara horrorizada. Tomava tudo a sério e ambas abusavam disso. Discutia os seus ditos maliciosos com paixão. D. Quixote, de lança em riste, atirava-se aos moinhos... Os moinhos passavam-no de asa para asa... Acabava por se encontrar estatelado no chão e via-as a rir às gargalhadas... As diabinhas!... Por muito susceptível, porém, que fosse, os seus risos não tinham para ele nada de ofensivo. Gostava delas e bem sabia que gostavam dele. Não da maneira que desejaria; mas, fosse qual fosse a maneira, não era tão parvo que recusasse...

Deplorava, sòmente, em Georgina o descarado positivismo que a jovem exibia. Anita parecia aprová-lo! Georgina mostrava, com ar fanfarrão, uma completa ausência de preconceitos. Por uma obscura e longínqua reacção contra o que passara na juventude de seu pai, tinha-se, segundo dizia, amputado de qualquer sentimento religioso até na acepção mais laica da palavra, de todas as congeminações «categóricas» e levava o dedo à testa ante a evocação dos veneráveis «imperativos».

Sílvio, que cria neles sem discussão, com uma candura mazziniana, sofria com esse ateísmo moral. Anita, contudo, sabia o que devia pensar disso. Conhecia Georgina melhor do que esta se conhecia a si própria. Aquela pureza, em que Georgina só

queria ver um instinto de limpeza, aquele grande amor por Vania, aquela fraternidade apaixonada que a jovem não saberia explicar, mas a que se deixaria sacrificar sem discutir, assim como outros sentimentos profundos e sem razão, faziam parte, sem que ela desse por tal, duma fé... O mais curioso era ver aquela jovem límpida, cuja vida parecia decorrer sem um recanto de sombra, na plena luz dum alegre bom-senso e duma saúde perfeita — tudo à vista, nada oculto — perder o domínio de si própria desde que pegava no seu violino.

Georgina tocava duma maneira incorrecta; mas, à primeira arcada, sentia-se a presença do demónio interior. Tirava das quatro cordas gritos de alma, que iam direitos ao coração e o perturbavam. Ela própria, os seus olhos, as suas feições, transformavam-se. Empalidecia. A sua boca, cerrada, endurecia. A ossatura da fronte, tensa, acentuava-se. Ficava marcada por uma seriedade trágica, uma paz cruel. Bruscamente, soavam o vento na planície, galopes de alegria e de cólera, chicotadas do arco à cigana... Em toda a casa se fazia silêncio, para a ouvir; mas cada um ficava no seu quarto; ela também, e todos evitavam mostrar-se, pois a jovem teria imediatamente atirado com o arco.

Vania era o único a quem ela tolerava, com a condição de não dar por ele. O rapaz deitava-se no chão, de bruços no tapete, no qual mergulhava o nariz e os dedos crispados a arrancar com as unhas, presa de comoção, os pêlos de cabra do Tibete. Quando Georgina voltava a si, dava-lhe um sopapo... Sílvio, de pé, no jardim, encostado à parede junto da janela, fumava e, convencido de não ser visto na escuridão, deixava correr, pelas faces sem ruído, grossas lágrimas... Anita, sentada no seu quarto, sem luz, com o coração iluminado, ouvia o deus desconhecido, que passava no coração da sua filha.

FAÇAMOS o acorde no teclado! A dissonância — o sofrimento — é, no acorde, um elemento de harmonia; e a dor, como a morte, embota o seu aguilhão... Anita conhecera o tempo em que o aguilhão lhe rasgava as entranhas e as revolvia, nos seus flancos, com uma paixão desesperada. Agora, chegara a noite de S. João, em que a alma dança, com a chama, que sobe, longa e direita, na fogueira!...

Como o oceano a que afluem as águas, — se enche delas e conserva o seu imutável equilíbrio, — assim, do ser a que afluem todos os desejos, — sem que o desejo o domine: é esse o senhor da calma (*).

Anita vivia, então, uma dupla visão: uma no plano dos dias que passavam e de que fazia ainda parte como da equipagem dum barco o homem à proa que fende as ondas, e a outra no seio do abismo interior, onde descia a planar, como uma folha duma nogueira cujo tronco se inclina no flanco duma vertente. Não sabia se era ela que descia ou se era o abismo que subia. Este, porém, não tinha nada de terrível. Envolvia-a na sua noite serena e, por fim, alcançara o poder de ler nele. Os seus olhos

(*) *Gitâ*, II, 70.

salientes tinham adquirido o olhar suave da coruja. Sílvio e Georgina, cada um por seu lado, repararam nisso. Quando, um dia, trocaram impressões a esse respeito, Georgina, pedante, (não era grande a sua bagagem de ciência e por isso gostava de a mostrar) evocara Palas Ateneia.

Sílvio fixou-lhe a fronte e os olhos, sem rosto, entre asas abertas, num estranho medalhão, que esculpiu num pedaço de pereira. Colocou-o na verga da porta de entrada, como uma coruja crucificada. Anita foi a única a não se reconhecer. Deixava-os dispor da casa, e só reservava para si o seu quarto. Dentro, estava, um círculo mágico, que diminuía de dia para dia, mas no interior do qual havia um mundo. Olhara, distraìdamente, para os grandes olhos do medalhão, abertos no limiar, sorrira, dizendo, sem supor que eram os seus:

— A ave vela.

— Sim — dizia Sílvio a Georgina —, só a posso imaginar com os olhos abertos. Já os viu alguma vez fechados?

— Sim, já vi — respondeu Georgina —, mas não me fio nisso; por entre as pálpebras, observa.

Anita observava sempre, para fora, para dentro, e os dois planos acabavam por formar só um. Aqueles olhos tinham tomado posse da habitação e ocupavam-na toda. Anita, que sofrera, toda a sua vida, dum excesso de lucidez, acabara por não saber perder a consciência. Vivia num estado de insónias claras e calmas, em que a consciência ardia, perpètuamente, sem ruído e sem fumo, como uma candeia, mas que consumia o óleo da lâmpada.

Todo o estado que se prolonga tende para o *nihil*. A sua intensidade não o defende disso. Com a continuação, o tudo e o nada são irmãos gémeos. O mais pungente contacto carnal, se não se interrompe e não se renova, funde-se no abismo do ser. A consciência perpétua transforma-se numa luz sem

sombras e, portanto, sem contornos nítidos. Os olhos, solitários, enchem tudo e, como nada os limita, perdem-se. A coruja, de pupilas dilatadas, não distingue entre a luz cegante de fora e a noite clara de dentro. Ao mesmo tempo que Anita se identificava com os outros seres — um após outro, ou todos juntos — despojava-se do seu, que os possuía. Então, que possuía ela? Nada? A inteligência e o amor eram os seus órgãos de pressão do universo, mas se esse ser, se o seu eu, de que esses órgãos faziam parte, escapava à sua posse, era o universo que os arrastava como um tubarão na extremidade da corda do arpoador, e a barca ficava, vazia, no mar.

Anita apressava-se a mergulhar, para fugir à angústia dessa terrível solidão debaixo do sol; mas sabia que um dia, uma hora, que estavam próximos, acabaria por lá chegar. Teria de morrer, sòzinha. Ao pensar nisso, um suor glacial humedecia-lhe as frontes. Morrer nada era, para uma Anita. Não era nada despir as roupas inúteis, a camisa do corpo, com as suas febres e os seus deslumbramentos mortais... Mas às mais caras afeições seria preciso que, por fim, as deixasse cair também?... Crispava-se e dizia: «não!, não». O «não» ou o «sim» pertenciam-lhe? Poderia dispor deles quando as forças desconhecidas dispusessem dela?... Já as sentia trabalhar no fundo e começarem a dispor... Era demasiado sincera para cerrar os ouvidos ao negro tumulto do que vinha... Espalmava as mãos no seu leito, decididas, e dizia: «Cada dia tem a sua batalha!... Bater-me-ei até o fim!».

OS dois amigos de Anita, seus companheiros de idade e de combates — Juliano Davy e o conde Chiarenza — estavam longe. As suas vozes tornavam-se raras e parecia virem doutros planetas. Bruno retomara as suas peregrinações na Ásia central. Tomava parte em escavações de cidades mortas, amortalhadas na areia. Parecia também enterrar-se nela. Durante meses, desaparecia. De longe em longe, uma notícia nos jornais assinalava, desfigurando-lhe o nome, uma descoberta que fizera de certa inscrição sumeriana. Raramente, contudo, a sua voz fiel faltava ao apelo duma data aniversária: o dia de Marcos. Se ainda não chegara, vinha a caminho. Vinha, por vezes, de lugares muito afastados daqueles em que os jornais, sempre atrasados, assinalavam a sua presença. Daquilo que fazia, no que se ocupava, não dizia quase nada. Retomava, sob qualquer variante engenhosa, a lenda de Naraba, que era como o tema dos seus pensamentos...

A esse respeito, já não tinha muito que ensinar a Anita. Sobre esse tema, a amiga podia também bordar variações. Nem um nem outro, contudo, tinham pressa de levar o copo de água!... A alma do Ocidente não se rende jamais: actuar, agir, eternamente... Goethe, perto da morte, dizia que «A convicção da outra vida procedia nele da noção de

«actividade». Somos muitos, no Ocidente, que não nos preocupamos com a outra vida; mas nenhum de nós — dos verdadeiros vivos — abdicaria, em troca da eternidade, de um dia ou de uma hora de acção. Ao mesmo tempo que Bruno se deixava embalar pelo rugido oceânico do Infinito sem formas e sem margens, ocupava-se, tenazmente, a decifrar, a conquistar, polegada a polegada, alguma coisa mais do campo de acção do homem, do finito.

Entregava-se, lá longe (embora não o dissesse), nos desertos, a um combate contra as areias, contra a sede, contra a fome, contra o sol, contra o frio, contra os homens e a natureza, e contra o seu corpo, a sua velha armadura, que rangia e pedia descanso... «Caminha sempre!...» Além disso, (ainda menos o dizia) entregava-se, clandestinamente, aos movimentos sociais que agitavam os povos da Ásia. A sua actividade de arqueólogo era para ele, embora real, um biombo. Estava em contacto com as associações de camponeses e operários da Índia, cujos chefes se encontravam presos em Meerut. Forçara, perigosamente, o bloqueio que pesava na província de Peshavar em estado de sítio, e serviu, mais de uma vez, de intermediário entre os membros dispersos do Congresso Nacional Indiano.

Fizera-se missionário do *satyagraha* gandhista que os opressores britânicos julgavam sufocar no cárcere de Poona, e propagava, para fora da Índia, a mensagem do homem que, sòzinho, mantinha ainda a barragem contra a massa das águas rugidoras da violência, prestes a irromper. Não violência, ou violência, por estes dois caminhos, com estes dois pés e a passo igual, caminha e aproxima-se a Revolução. São dois ramos da mesma árvore... *Uno avulso, non deficit alter*... Bruno era um dos pioneiros desse exército. Embora o seu espírito tivesse ultrapassado o objectivo da sua acção, quando se empenhava nela dava-se sempre totalmente.

A sua comadre do Ocidente, Anita, que fizera já as suas malas e estava preparada para se mudar, sem pensar em voltar, nunca cultivara o seu jardim com tanto amor. Pouco importava estar imobilizada: tudo do exterior acudia ao seu espírito, que o aspirava. Todo o exterior é do espírito. O espírito agarra, Anita que, sinceramente, julgava ter renunciado, só renunciara a si própria mas de modo nenhum a agarrar. Não dava por isso, estava de boa fé. Se, na verdade, se esquecia, de boa fé, era por ter muito que fazer para poder lembrar-se que existia.

O que existia para ela era tudo aquilo que estava no exterior, que estava para além dela. Sentia a avidez de conhecer e abraçar cada vez mais, cada vez um nadinha mais, tudo aquilo que ia deixar. Esforçava-se por adoptar a vida de espírito dos seus dois amigos. Seguia de perto as publicações orientalistas e as revistas científicas. Embora com dificuldade, alcançou a equipa do pensamento ocidental. Juliano Davy ajudava-a ainda, como o fazia, nos tempos da sua juventude, na biblioteca de Santa Genoveva.

Nunca disseram nada um ao outro do pensamento que Marcos surpreendeu nos olhos de sua mãe, naquele dia de Verão, na montanha, em que Anita, a sonhar, traíra o seu segredo. Talvez Juliano tivesse também lido (ou julgado ler) esse segredo; mas era demasiado humilde e demasiado tímido em amor para não duvidar dele. Compreendera bem que a morte de Marcos pusera termo a qualquer projecto de vida em comum: só o morto reinava no lar. Juliano compreendia-o a apagava-se. No entanto, nunca os seus corações tinham estado tão próximos. Estabelecera-se, entre aquele homem velho e aquela mulher de idade, um secreto entendimento, grave e terno. Não tinham necessidade de palavras para o exprimir.

De longe em longe, Juliano voltava a ver Anita, entre as longas viagens de conferências e estudo que fazia na América, onde a fundação Carnegie lhe atribuíra um posto. Consagravam então, um ao outro, alguns dias. Sucedia, até, algumas noites, quando a conversação se prolongava, ou quando o tempo estava mau, Georgina emprestar a sua cama ao pai e ir acampar no quarto de Vania. Anita, que estava sempre acordada, pensava, nessas noites, que tinha sob as suas asas a sua ninhada e o velho marido.

Juliano não dormia também muito, e mal ousava voltar-se no leito, tão perto das suas costas sentia o bafo da companheira, pois tinha medo de um movimento lhe dissipar a ilusão. Os seus sentimentos por Anita eram, por igual, demasiado fortes e profundos e estavam há tanto tempo reprimidos e mortificados para lhe ser possível exprimi-los. Quando ela estivesse morta, pensaria talvez com dor, como o velho lavrante de pedra de Florença, que não beijara viva aquela boca. Era daqueles que não saberão nunca desabituar-se do gosto da saudade.

Aqueles que o sabem, como Bruno, pareciam-lhe (por muita estima que tivesse por eles) secretamente monstruosos. É uma força o esquecimento, ou é fraqueza? É egoísmo ou leviandade? Pode ser que sim: nem um nem outra faltavam a Bruno. Misturavam-se com o seu heroísmo e a sua bondade. Era dotado dessa «feliz» natureza italiana, no fundo da qual — paixões, dores e alegrias — há sempre uma boa dose de indiferença. Daqueles de quem gostava, gostava muito, mas esquecia-os... (oh! completamente...), durante meses. Anita sabia-o e sorria disso.

Juliano não podia compreender tal sorriso; mas não o discutia; aceitava-o, visto esse sorriso ser de Anita. Esse sorriso, porém, inquietava-o: pactuaria

ela, também, no esquecimento? Sabe Deus, no entanto, que bem desejaria não lhe ver na fronte a ruga do luto inapagável! Gostava demasiado dela para não se regozijar por vê-la deixar pelo caminho a mortificadora carga do passado. Esse «regozijo», porém, era triste, como todas as alegrias de Juliano. Não se explicava a esse respeito com Anita. Ela, contudo, percebia-o, e, um dia, pôs-lhe a mão na fronte e disse-lhe:

— Meu pobre Juliano! Como tem necessidade de uma onda do Letes!...

Davy abriu os olhos com surpresa e Anita repetiu, em alemão, as palavras de Goethe: «... uma onda etérea do Letes...»

Juliano franziu a testa e disse:

— Não preciso disso.

— Um copinho na fonte, todas as manhãs!

— Não, não, nada de curas!

— Pois bem — retorquiu Anita — conserve o seu mal! A dois, não poderia tornar-se um bem?

— Não desejaria, por nada, descarregar o meu mal sobre si. Seria uma triste oferta, menos que nada. Há momentos em que apenas ouso fazer um movimento, tanto receio prejudicar a fé daqueles a quem amo mais do que à vida.

— Ouça — disse Anita — as palavras que Bruno me enviou, como prenda do Novo Ano: «Quando não acreditamos já em coisa alguma, é chegado o momento de fazermos donativos».

Juliano sentiu-se atingido. No fundo do seu ser, aquelas palavras encontravam eco. A sua inteligência, porém, desconfiava do que se passava fora do domínio da sua razão. Perguntou:

— Quando não temos nada, que resta para dar?

Anita recitou-lhe, na sua voz cantante, o cântico de Milareta, no seu leito de morte: «O pensamento do nada gera a compaixão. / A compaixão suprime a fronteira entre ti e o teu próximo. / A identidade de

ti e do teu próximo realiza em ti o teu próximo. / / Quem realiza em si o seu próximo une-se a mim. / Quem se junta a mim será Buda».

Juliano calou-se após tê-la ouvido, e, por fim, disse:

— É belo... demasiado belo para mim... Nunca serei Buda... E Anita? Em nome do céu, diga-me que não o é!

— Egoísta!... Infelizmente, parece-me que serei sempre Anita até o fim!

Juliano respirou com alívio:

— Ah! que sorte!

— Até o fim — repetiu ela, numa ameaça —, depois, porém, depois... açambarcadores que me guardais! Ah! que sorte evadir-me!

— Depois, depois!... — fez Juliano com ar céptico — que tenha o «antes»! — Entristeceu ao dizer: — Não o tive.

Anita aproximou dele os seus olhos jovens de mulher idosa, dizendo:

— Querido desajeitado!... Nem é capaz de ter aquilo que não teve!... Pois eu, tenho-o.

Juliano perguntou-lhe:

— O passado?

Anita fez-lhe sinal para escutar. Ouvia-se a voz de Georgina no jardim, e disse:

— O teu passado... é meu.

Juliano inclinou-se sobre as suas mãos, que beijou, proferindo:

— É de ti.

Passado, presente, e até aquilo que será, um momento chega em que tudo nos aparece no mesmo plano. Comunicamos com todos os vivos. Essa comunhão é perpétua. É inquietante. Está subjacente e realiza-se, sem que pensemos nela, a todos os instantes do dia. Sentimo-nos escorregar... Anita dava por isso pelo aperto do coração que lhe causavam as notícias contadas ou lidas no jornal: inundações,

chacinas na China, perseguições aqui ou ali, os sofrimentos do mundo ou então as suas alegrias (aliás muito raras!)... propagavam-se no seu sangue, ao longo dos seus membros. Antes do espírito, o corpo tomava parte nelas, o ventre — a abóbada que cobre o campo sagrado do trabalho — é como uma concha onde repercutem as palpitações da terra. Não está cortado o cordão que liga a criança ao mundo. Quem toca na criança toca na mãe e percorrem-nas as mesmas ondas, quentes ou glaciais... Durante a noite, Anita mergulhava na deleitação magoada dessa estranha maternidade e murmurava com os olhos fechados: «Filhinho, pequenino mundo, não estavas melhor em mim? Porque saíste?...»

AS almas do mundo são como sinos, uns próximos, outros longínquos. Havia dias em que Anita se julgava regressada àquela hora da montanha, em que, deitada junto do seu filho, na erva rude, no mentastro selvagem e na genciana de olhos azuis, ouvia subir as ave-marias de todos os ecos do vale. Todos os sinos não soavam ao mesmo tempo: uns começavam, outros acabavam. Alguns campanários tinham-se calado. O ouvido, atento, continuava a seguir no espaço as vibrações, alucinadamente, depois de terem cessado. O sino de Bruno era abafado. Anita era a única a dar ainda por ele. Talvez fosse, apenas, a sua recordação que lhe prolongava as ondas.

Havia mais de um ano que não tinha notícias de Bruno. Estava morto ou vivo? Desaparecera numa das suas perigosas missões? A última carta recebida dele falava, vagamente, do seu próximo regresso. Da Índia, virtualmente em estado de sítio, os raros amigos com quem se correspondiam parecia terem-lhe perdido o rasto. Em que *ashram* acabara ele por esquecer o tempo? Ou, então, teria saído do tempo? Um sentimento inexplicável fazia com que Anita o acreditasse. A datar de um dia, de uma hora precisa (de momento, não pensara em tomar nota disso), Bruno deixara de ser para ela um amigo longínquo que imaginava a caminhar, a penar, num

recanto rude da crosta da nossa terra e de quem o seu coração, inquieto, procurava seguir os passos. Estava no claro-escuro do quarto, na sombra e na claridade que envolviam cada um dos seus movimentos. Não tinha já necessidade de evocar o seu rosto e as suas palavras. Estava misturado no ar que respirava...

Outro sino ia desprender-se do campanário; mas ninguém o pressentia. Anita não duvidava de que os dias de Sílvio estavam contados — contados por ele. No entanto, tinha uma grande parte na decisão do jovem. Era um fenómeno singular ver aquela mulher, semi-paralisada e a quem a usura do corpo, a doença, o desprendimento interior, tinham afastado da acção, irradiar acção, sem o querer, naqueles que se aproximavam dela. Da mesma forma que o sacrifício de Marcos saíra dela, dela que desejava (que mãe não o deseja?) para o seu filho uma vida tranquila e cheia, outras chamas de sacrifício iriam acender-se no seu fogo calmo, sem ela o desejar.

Era, justamente, esse desprendimento que fascinava e nutria as jovens energias que se ignoravam e tinham fome de devotamento. A sua aparente imobilidade era uma cratera onde ardia um lago de matéria em fusão. O lago parecia adormecido e sem rugas; mas ninguém se podia aproximar dele sem lhe sentir o calor nas faces e ficar penetrado até à medula.

O fogo não tem necessidade de falar. Em quem lhe toca diz: «Arde!...» Àquela calma mulher bastava-lhe olhar. Se ela o soubesse (quem sabe?) fecharia os olhos. Quando, a sós, ouvia Sílvio, e o jovem lhe confiava as negras amarguras do exilado e a sua vergonha pelo povo que deixara envolto no silêncio do túmulo, bastava Anita pôr a mão na cabeça do rapaz, sentado junto dela, de fronte caída, de costas curvadas pela dor, para ele ouvir: «Acorda o morto do seu túmulo! Não sabes o preço pelo qual o seu *risorgimento* foi comprado? Vai pagar».

A boca de Anita mantinha-se cerrada; mas a palma da sua mão transmitira àquela fronte a ordem muda do espírito. Bastara que uma única vez, ao olhar para ele, Anita lhe tivesse dito: «Não és filho de Mazzini?» Nem uma palavra mais. O moço levantara a cabeça, como sob o baptismo que limpa a alma obscura e lhe dá a certeza. Não se sentia esmagado pelo destino. Via qual era o seu, e ardia por poder cumpri-lo.

Sílvio despediu-se da casa de Meudon. Anita só recebeu dele, depois, breves notícias espaçadas. Indirectamente, soube que Sílvio ganhava a sua vida, como intérprete, num hotel de Londres. Isso não a surpreendia. Os exilados sem recursos aceitam e procuram todos os empregos. Anita procurou, por intermédio de Juliano, obter-lhe uma ajuda modesta, para lhe permitir continuar os estudos em Paris. Sílvio recusou, sem dar explicações. Parecia querer juntar algum dinheiro. Não se sabia que emprego desejava dar-lhe. Como os seus amigos insistiam, deixou de lhes escrever.

Sílvio sentia-se desiludido com o marcar passo palavroso e sem nada fazer da imigração antifascista. Enojava-se com as suas eternas discussões, dissensões, suspeitas, pobreza de idealismo activo, verbalismo, velho parlamentarismo a apodrecer, que não podia já acompanhar a marcha do mundo novo. Também não lhe agradava toda a jovem geração do Ocidente pelo seu cepticismo, gosto dos prazeres, espírito de prudência e de complacência, snobismo medroso de ser ou parecer idealista, ausência total de espírito de sacrifício...

O rapaz sentia-se impelido, numa reacção de jovem e sã vitalidade, para a ardente concepção dum acto de heroísmo desesperado, que esbofeteasse a cobardia do mundo. O seu romantismo poético de jovem Schelley retardado aliava-se nele à fé estóica do seu pai espiritual: Mazzini... Durante um ano,

perderam-lhe o rasto. Sòmente Anita, ao procurá-lo na noite, ao ouvir do seu leito o murmúrio das árvores na floresta, tinha o pressentimento, não definido, de que, um dia, o fugitivo ressurgiria por meio duma acção inesperada.

Houve ainda nesse ano uma breve reaparição de Assia. Estava de novo viúva. O seu marido americano deixara-a a meio do caminho. Era mulher para fatigar os seus companheiros nas duras pedras dos atalhos que pisavam os seus pés invulneráveis. Howard Drake morrera da luta, ao sair das prisões infectas do Peru, para onde fora lançado e torturado. Só o soltaram quando ia morrer do tifo. Morreu sòzinho. Assia, prevenida demasiado tarde, atravessara toda a América, mas só chegara quando ele já estava debaixo da terra. O lutador mantivera-lhe, até ao último momento, a sua plena confiança. Não se lamentava de nada e mandara-lhe dizer, ao partir: «Obrigado por tudo! Assia, querida, não pares; continua para a frente! Boa sorte às tuas sólidas pernas!»

Essas pernas tinham retomado a caminhada. Assia voltara, com a sua ruiva ninhada de ianquezinhos, para a Rússia, onde o seu conhecimento dos meios indo-americanos era muito apreciado. Fora encarregada de ir lá desempenhar diversas missões. No decurso duma delas fez, mais uma vez, escala por Meudon. Voltaram a vê-la bronzeada, polida, endurecida, com as palmas das mãos rudes, tal como deveria ter a planta dos pés, mas o seu rosto não tinha uma ruga — a não ser por momentos, no duro franzir da testa — e a pele das faces e da fronte era lisa e unida, impermeável a qualquer prova do céu ou da terra.

A mãe levara a Vania estranhas recordações das suas viagens: peles de répteis dum branco prateado, feitiços grotescos e terríveis, um punhal com cabo de chifre esculpido. Cada uma dessas ofertas era

acompanhada dum breve relato das circunstâncias em que fora obtida. A brevidade dele aumentava ainda o interesse do exótico. A Anita, Assia oferecera uma caixa de laca pintada de Palekh, na qual os camponeses artífices da Rússia tinham evocado, num prado, que lembrava Bizâncio e Ravena, uma dança de roda, bárbara e ordenada.

Assia ficou impressionada com a alteração das feições de Anita, nas quais não reparavam quantos a viam todos os dias. Chamou Georgina de parte e intimou-a a preveni-la telegràficamente ao primeiro alarme, pois, donde quer que estivesse, voltaria. Georgina não pensou em magoar-se com esse tom imperativo; estava também, tal como Vania, secretamente impressionada com os riscos temerários daquela vida.

Aquela mulher, de quem Georgina não gostava, impunha-se-lhe, menos ainda pelo que dizia do que pelo que não dizia e se imaginava. Não por Assia se preocupar em ocultar fosse o que fosse. Nunca se emendara da sua indiscrição e gosto das confidências (salvo no que dizia respeito ao seu serviço); mas andava sempre apressada, interrompia as narrativas com uma palavra cortante ou um riso brusco, no meio duma frase e sempre nos momentos de maior interesse. Deixava a imaginação excitada. Bem o via, nos olhos de Vania, que procuravam a continuação. Os seus duros olhos riam, ao dizer-lhe:

— Mais tarde! Não tenho tempo. Verás por ti próprio; mais tarde.

Assia partiu de novo. Georgina e Vania seguiram-na ainda com os olhos no espaço, depois de o seu sulco ter desaparecido. Ocupavam-se com mais frequência do que se passava na forja vermelha da Rússia. A atenção e o amor próprio de Vania eram aguilhoados pelas missivas que recebia, embora raras, breves e escritas à pressa, do seu meio-irmão o rapazinho Waldo. O homenzinho de dez anos sen-

tia-se muito inchado com a sua nova importância moscovita.

Falava ao irmão do «nosso» Plano Quinquenal como se fosse ele que o fizesse andar. Era «outubrista» (era esse o título dos rapazes da sua idade); mas anunciava com orgulho que passaria, em breve, à categoria de «pioneiro», o que implicaria deveres austeros, dos quais se orgulhava como de direitos. Tinha pressa de vir a ser «operário de choque» e perguntava, com um ar de comiseração protectora, quando Vania e os atrasados do Ocidente se decidiriam a realizar alguma coisa e a fazer, finalmente, a sua Revolução.

Vania ria às gargalhadas dessa prosápia. Via o nariz arrebitado de Waldo, crivado de sardas, que trombeteava ao assoar-se, enquanto o minúsculo hércules, de braços estendidos, erguia os «quinquenais», os planos-quilos. Secretamente, porém, sentia-se vexado por não lhe poder dizer o mesmo. Mais lhe invejava ainda o ensino politécnico do trabalho, que Waldo recebia na sua escola média de Moscovo. O liceu de Vanves parecia-lhe antiquado. Embora tivesse conseguido receber fora lições de marcenaria, não se tratava de condições de trabalho vivas (concretas, como diziam lá) e de camaradagem nas oficinas em que Waldo e os seus companheiros aprendiam a técnica da madeira, do coiro ou do metal e produziam objectos úteis para a humanidade.

Lá, não brincavam aos operários, nasciam operários e cooperavam, desde a infância, na grande obra. Era lá que, todos unidos, formavam um só corpo. Vania invejava-os, ele o individualistazinho, filho, neto e bisneto de individualistas! O seu sadio instinto e, talvez, a secreta confiança na sua força diziam-lhe que, no grande corpo duma vigorosa comunidade, o seu individualismo sentir-se-ia mais à larga e seria capaz de ocupá-lo todo.

Vania pediu a Georgina que o esclarecesse sobre

as teorias marxistas e as suas aplicações na Soviécia. Georgina, que as ignorava, pôs-se sèriamente a estudá-las e tomou gosto por isso. Tinha, aliás, muito do jovial bom-senso e do cepticismo francês, para poder alistar-se numa causa política tão extremista; mas, por outro lado, sentia-se completamente desprendida de todos os riscos que qualquer perturbação social pudesse fazer correr a si e aos seus, sobretudo ao «seu», aos seus bens. Os riscos entram por metade no prazer que se saboreia ao viver. Começou, tranquilamente, a traduzir do alemão e depois do russo — que aprendeu, para seu prazer e de Vania — uma série de brochuras subversivas, que lhe propuseram editar, o que causou sobressalto aos seus parentes e amigos burgueses.

Georgina criou assim uma reputação de propagandista de Moscovo. Ria-se com isso. Fazia igualmente troça dos que a excomungavam e dos que pretendiam anexá-la. Mantinha-se livre e tranquila, na inquietação, na incerteza, no «venha o que vier!», como no «faz o que deves!» do senhor seu pai... «Pobre papá!...» Êle que arriscava, deliberadamente, com as suas opiniões, muito mais do que a filha, tinha sempre necessidade de se agarrar a um «dever», a uma sombra de absoluto, a uma sobrevivência da sua defunta fé religiosa. Não podia compreender que sua filha circulasse, fresca e alegre, no meio da perpétua mudança, no vago e no relativo daqueles tempos, como o peixe no rio... «Vivo do dia a dia! Acomodo-me com todos os dias. Se me trouxerem uma derrocada, saberei cair de pé. Conheço o esqui, sei saltar. Salta, sociedade!...»

A humanidade dos séculos de ordem espanta-se com a simples ideia das catástrofes que espreitam, à esquina, a espécie. Não pensa que a espécie muda e se adapta às catástrofes como à ordem. Logo que a sua pele aprende a contentar-se com a mordedura do gelo polar ou o calor do sol equatorial, esta-

belece-se uma harmonia entre as circunstâncias catastróficas, e a fauna humana retoma a sua vida. Onde os velhos morrem, por falta de pulmões assaz flexíveis para respirar, os jovens folgam galhardamente. Talvez a eles a ordem respirável de seus pais é que causaria asfixia. Vinte deuses! Georgina e Vania não teriam trocado, pelo mais elísio dos climas, o do seu tempo, carregado de trovoadas e pés-de-vento!

Não são as aves que voam na tempestade que fazem o mau tempo. É a tempestade que as faz, ao tornar-se o seu clima ordinário. No ponto onde o termómetro marcava a febre para os de ontem, sentem os novos a temperatura normal. A razão aprendida com os antepassados é arrastada também pela tempestade, ultrapassa o limiar do ontem e, dum salto, atinge outras conclusões. O espírito bem desejaria manter-se independente na batalha, o temperamento, porém, toma partido antes que a consciência o compreenda. Por muito absurda que parecesse a Georgina a ideia de luta de classes, achava-se do outro lado da barricada, sob a bandeira «proletária», enquanto continuava ainda a troçar da palavra «proletário».

Certa vez em que Anita fizera uma breve viagem ao estrangeiro, para consultar um especialista do coração, Georgina e Vania, que a acompanhavam, tinham-na deixado no hotel, para ir vaguear pelas ruas. Anita viu-os entrar excitados, de olhos chamejantes. Georgina ria com um riso provocador. Vania, de punho erguido, mostrava uma bala de metralhadora que tinha apanhado numa praça onde, bruscamente, sem aviso prévio, a força armada atirara sobre uma multidão de manifestantes sem armas. Georgina dizia:

— Esta servirá, na próxima vez, contra o inimigo.

O «inimigo?» Havia então um para Georgina?

Tinha escolhido?... Ela, não; mas fora ele, o inimigo, que a escolhera! Quando se quer negar o conceito de classe, ele é-nos imposto, brutalmente, por uma classe dominante da qual fazemos, talvez, parte pelo nascimento, mas de que nos expatriamos e que sacudimos como à lama dos sapatos, quando a vemos, para garantir os seus lucros e as suas fraudes, sem lhe bastar as leis em que repousa a sua democracia, violar essas leis, derrubar ela própria a sua democracia, apelar para os *duci*, renegados do socialismo, que, saídos do povo, têm dele a rude queixada e a pescoceira, e que se vendem ao serviço desses senhores enfraquecidos (depois de o povo ser amordaçado, ajustarão contas com eles!). A democracia traiu-se. Ela própria desfez a mentira dum regime que blasonava de «liberalismo», enquanto podia livremente praticar os seus abusos. Quando é necessária a força para os garantir, o «liberalismo» torna-se fascismo. A declaração de guerra está lançada e foi o partido da «ordem» que a lançou. Ordem contra ordem, força contra força!...

ANITA via, nìtidamente, os perigos e sofrimentos que esperavam aqueles a quem queria bem: os filhos, os seus amigos e familiares. Não deixavam de lho lembrar. O Dr. Villard e Juliano Davy estavam surpreendidos com a sua tranquilidade. Anita não achava que os seus filhos fossem muito de lamentar!... Filipe Villard, irritado, não lhe ocultava que o seu partido não perdoaria nada ao de Anita, nem a ela própria, que, aliás, o compreendia perfeitamente. Sabiam, contudo, ambos que morreriam antes do combate e desafiavam-se com um sorriso de guerra e de amizade.

O pessimismo habitual de Juliano Davy redobrara. No seu último regresso da América (fora no dia seguinte ao ciclone hitleriano; o socialismo ruía na Alemanha como um castelo de cartas; os chefes entregavam-se sem combater: a derrota das derrotas!...), Juliano não ocultava o seu medo do esmagamento das liberdades do Ocidente... Anita mostrava-se calma e sorridente. Não considerava como uma desgraça irremediável que sofresse uma derrota aquilo que defendemos. A desgraça irremediável seria que essa derrota fosse aceite...

— Não o será nunca por mim, nem por aqueles a quem amo, os meus filhos, os meus amigos, os meus companheiros, nem por si, Juliano. Então, por que nos afligirmos? Não somos já crianças que pre-

cisam de ter logo na mão aquilo que desejam. Dez, vinte, cem anos não significam nada para a nossa vontade. Se sabemos o que é justo e o que deve ser, sabemos que isso será. O que está inscrito no nosso espírito é um destino, que se cumpre, tanto pela nossa vida como pela nossa morte. Praza aos céus que possa viver ainda bastante para lhe poder dar a minha vida em holocausto!

«Sei que, pelo menos, os meus saberão dar a sua com a mesma alegria que poria nesse dom. Morta ou viva, tomarei parte em tudo... *Quos non accendam!* Basta alimentar naqueles a quem amamos a energia e a fé. Os desgraçados são aqueles cuja energia não é igual à fé (a fé também fraqueja nesse caso!), aqueles que não têm nada a que se sacrificar. A época é dura e cruel, mas é bela para os fortes. Pode ser forte até o mais débil fisicamente. É preciso ser à medida do seu tempo.

— Então — perguntou Filipe — por que desempenhou o papel de pacifista? Por que, durante os anos da guerra, manifestou tanto horror pela guerra?

— Porque tenho horror ao absurdo; porque esta guerra das nações era baseada na mentira e na estupidez; porque era uma regressão ao passado. Lamento os milhões de vítimas, com dor e revolta; mas não é tanto o seu sacrifício que me indigna como a falta de senso desse sacrifício. Quando se trata, realmente, de salvar a comunidade humana e o seu futuro, não há sacrifícios... «Não, não é nada um sacrifício!», como canta Alceste. Sabemos que não é, amamos e damo-nos.

— Dão os outros!

— Não. Coloco os outros em estado de discernir o que vale aquilo por que se dão. São, porém, livres de decidir!

— Não o são, desde o momento que atira para a balança as suas paixões...

— A minha razão...

— A sua razão, seja! É a mais cega das paixões.

— Quer queiram quer não, tudo é combate. O pensamento claro e firme exerce forçosamente a sua acção. Pesa nas decisões das almas fracas e incertas. Não lhe podemos fazer nada! Está bem que seja assim. Não quererá que o mais pesado pese menos. É a lei da gravidade.

— É, no fundo, mais desumana do que eu. É uma pedra.

— Oxalá que fosse uma daquelas com que será construída a Cidade de Deus! — Interrompeu-se, com um sorriso de melancolia, e acrescentou: — Não esqueça que essa construção cimentei-a com o sangue do meu filho! A pedra sangra; está viva.

Vania ouvia e meditava. Depois de o Dr. Villard e Juliano Davy terem partido, o pequeno perguntou:

— A «Cidade de Deus»... por que dizes isso?... Mas, Manita, Deus não existe!

Nem Georgina nem Assia se preocupavam com ele. Era verdade: por que proferira essa expressão? Não acreditava naquilo que os outros entendem por ela. Como dizer, porém, o que nos enche o coração e dura até quando tudo passa, o que é tudo quanto amamos, mortos ou vivos, todo o amor que temos por eles, a comunhão de todos os seres no além?... Anita sorriu ao responder:

— Digo aquilo que amo. O resto é ou não é, como quiserem.

— Não podemos amar o que não é.

— Então, *é*, visto que o amo.

Vania tentava compreender, mas a avó disse-lhe:

— Não te preocupes!... Uns crêem nisto, outros crêem naquilo... Isso não tem grande importância. As palavras são os postes indicadores da estrada. O vento pode abatê-los e a chuva apagar as indicações; mas o que importa é a estrada. Temos a nossa

bússola... Caminhemos juntos! Um olha para a direita, outro para a esquerda; mas seguimos corajosamente o mesmo caminho... «Passeamos nos bosques!» O lobo, porém, lá está... Atenção ao lobo!

Isso compreendia-o Vania! Estava atento; mas a avó era para ele, assim como para Georgina, cheia de mistério, como os bosques. Sentiam ambos por Anita a mesma atracção não despida de receio. Estava ali muito próxima (nenhum ser do mundo estava tão próximo) e também muito longe. Em certos momentos, era coração com coração; mas nunca sabiam o que pensava. O que pensavam também ela não o sabia sempre. Não era a familiaridade de todos os instantes e o terra-a-terra que existiam entre Vania e Georgina. Era algo menos e muito mais. Duas idades do mundo, dois mundos diferentes.

Penso que os crentes das nossas aldeias falam assim com a Boa Senhora, confiam-lhe mentalmente os seus casos, sabem que é bondosa, têm fé, gostam dela; nunca têm, contudo, a certeza do que há nela. Há tanta coisa nela que já havia antes deles! Não decifram completamente o seu sorriso e o seu olhar. Não sabem que os seus olhos são também para ela misteriosos. Há tanto neles que será depois dela!...

Anita, a sonhar, com a janela aberta, de noite, de dia, de Inverno, de Verão, via sucederem-se as estações que lhe pareciam todas o mesmo Ano.

FOI num desses dias que a vi, pela última vez, sòzinha em Meudon, na casa da orla do bosque.

Os seus filhos tinham levantado voo. Corriam por Paris e pelos campos e estavam, dias inteiros, ausentes. Georgina tivera, a princípio, certos escrúpulos; mas Anita tirara-lhos (era o que eles queriam!). Intimara os *Geschwister* (*) a aproveitar os belos dias da Primavera para fazer excursões pela Ilha-de-França, nas suas bicicletas ou a pé, dormir pelo caminho em qualquer aldeia ou, se o tempo o permitia, ao ar livre, e voltar no dia seguinte. Anita ficava sòzinha na vivendazinha, a ouvir, na noite, o ladrar dos cães. Não se sentia abandonada. Seguia com o pensamento os vagamundos. As pernas deles, os seus braços, os seus olhos, gozavam por ela da vida que se ia, renovavam-na...

Encontrei-a fatigada, demasiado fatigada até para poder ir até o jardim. Estava semi-deitada, na varandinha do seu quarto. Embora os seus olhos muito míopes, cuja vista declinava como num longo fim de tarde, não pudessem distinguir quem pas-

(*) Irmão e irmã.

sava, reconheceu-me antes de ter atravessado o limiar do jardim. Proferiu o meu nome e, saudando-me com a mão, disse:

— Suba!

Não havia ninguém em casa. A criadinha saíra, sem lhe dizer nada, e censurei essa imprudência. Anita pediu-me que não me zangasse com a pequena. Ouvia-se, não sei onde, ao longe, a grasnada da música dum carrocel, o tumulto duma feira. Naturalmente, à volta dos cavalinhos de pau, zumbiam como moscas rapazes e raparigas. A mocinha correra a juntar-se-lhes...

— Na idade dela, teria feito o mesmo!... — exclamou Anita.

— Mas, se tivesse necessidade de qualquer serviço? (Queria dizer de «qualquer socorro»; mas compreendeu-me).

— Que é que uma velha pode recear? — perguntou. — Já não tenho mais nada a não ser os meus sonhos. É a nossa vantagem sobre a juventude. Estamos carregados de bens, que, por muito que façamos, perdemos pelo caminho e que nos obrigam a andar dobrados sob a carga. Hoje, podem levar-me tudo, até a minha concha. Já saí dela, só lá tenho presos os pés, como nestas pantufas... (tirou para fora um pé nu). Estamos muito melhor fora!

— Deixe-se estar dentro ainda um bocado! Não fuja dos seus amigos! Somos nós, também, as suas pantufas.

— É as minhas e sou as suas. Sim, vestimo-nos e calçamo-nos, toda a vida, daqueles a quem amamos: dos pais, dos filhos, dos amigos, dos amantes e desta boa velha terra — olhe para ela! —, que nos sopra o seu hálito quente de Primavera, e de tudo aquilo que nos prende — animais e pessoas — e é por vezes bastante incómodo!... Mas, vou-me embora. Já não tenho para muito tempo.

— Não seja vaidosa em mostrar o seu contentamento!

— Desculpe-me — retorquiu, a rir —, mas deixo-lhe, meu amigo, a sua parte de contentamento. Não o levo todo. Também se irá. Já vai indo. Tudo se vai daquilo que amamos e, igualmente, desta boa e velha terra. Não, não somos egoístas! Nada de privilégios! O que é para um é para todos. Igualdade!

— Democrata!

— Não! Comunista, até na morte!

— Um com todos.

— Sim, um em todos.

— Onde encontrará, então, a libertação, o despojar-se de toda esta sociedade que a espartilha?

— No meu rio interior... Como é curioso!

Ao falar, fechara os olhos e ficámos alguns segundos, não mais de quinze, em silêncio... Depois, continuou:

— ...Acabo de mergulhar no passado. Revi, revejo (santo Deus! como é longe!) um lago vermelho no meio dos bosques (*). Banhava-me e encontrei nessa água doirada a vasa que aderia aos meus calcanhares e as ervas grossas em volta das coxas... (Não, não pode compreender!...). Estive prestes a afundar-me. Tive de lutar até se abrir a comporta!... Como? Não sei... Não foi decerto só as minhas forças. Sòzinha, não teria podido... A comporta, porém, abriu-se e a torrente da água doirada, da água dormente — comigo dentro — escoou-se para a água viva, para o rio; e o rio foi dar ao mar. Estava salva...

— Sim, é a felicidade encontrar o seu caminho. A vida não tem outro objectivo. Quanto ao resto, quanto ao fim, o rio se encarregará de nos levar lá.

(*) V. «Anita e Sílvia»: a visão do começo.

Basta fundirmo-nos com ele; unirmo-nos com a torrente dos vivos. Nada que estagne! A vida que caminha... Para a frente! Até à morte, a torrente leva-nos.

Anita pegou-me na mão e disse:

— Até na morte, estaremos à frente...

Deixei-a, depois dessa promessa. Ao levantar-me (Anita desculpava-se de ficar deitada no sofá) calcei-lhe uma das suas pantufas que caíra e disse:

— Como recordação da nossa conversa, legar-mas-á, se for a primeira a partir?

Retorquiu-me:

— Leve-as!

No caminho do bosque, encontrei, ao voltar-me, Georgina e Vania, que regressavam. Estavam corados e dourados pelo sol. Reconheceram-me bem e vi que tinham vergonha de eu ter encontrado Anita abandonada em casa. Georgina desculpava-se, desajeitadamente, com grandes risos de comprometida. Não quis, porém, estragar-lhes a sua alegria e disse-lhes:

— Passámos muito bem sem vocês.

CHEGOU a hora em que a vida se encaminha para o seu fim e em que, por relâmpagos, os extremos se identificam: o movimento vertiginoso e a imobilidade são a mesma coisa. O ciclo do ser acaba-se. As duas pontas separadas unem-se; é a serpente da eternidade que morde na própria cauda. Já não se sabe o que é o futuro nem o que é o passado, pois não há começo nem fim. Aquilo que se viverá já se viveu. Quando essa hora chega, é tempo de fazer as malas. A mala de Anita estava feita quando passou o jovem pioneiro que lhe abria o caminho.

Na manhã de 26 de Julho, o carteiro levou-lhe um sobrescrito, no qual se espalhava a larga caligrafia de Sílvio. Dentro havia estas palavras: «Louvores a Santa Ana, a fim de que ela louve o Senhor!» e por baixo: «*Benedica suo figliuol', o gran Madre!* (Ó grande Mãe, abençoa o teu filho), com uma madeixa do seu cabelo.

Era, com efeito, dia de Santa Ana. Ninguém pensava nisso naquela casa desabituada dos aniversários; mas o sino italiano acordava na memória de Anita o tilintar longínquo dos que soavam, na sua infância, no dia dos seus anos, e as imagens de frescos florentinos que vira pelo braço de Marcos. O céu do Estio tinha, em volta dos bosques

de Meudon, a claridade mate dos *Londi* (*) do Perugino, em que se salientam, num fundo prateado, as silhuetas, finas e altivas, de árvores novas como de gente jovem. Georgina e Vania tinham ido, mais uma vez, em excursão por todo o dia. Anita ficou só até à noite, a acariciar entre os dedos a madeixa de cabelo castanho. Que estranha oferta! Dir-se-ia a de um animal a sacrificar no templo. Abençoou a fronte de que a madeixa fora arrancada.

Anita sentia no braço esquerdo e no peito um peso que lhe causava uma vaga angústia. Não ignorava as suas causas. Quis, contudo, aproveitar a ausência dos seus filhos para fazer alguns arranjos na casa. Quando estavam lá, tornavam-se uns mentores severos. Georgina, advertida pelo Dr. Villard, proibia-lhe que se fatigasse. Anita era, geralmente, dócil. Quando somos velhos, há uma certa doçura em deixarmo-nos repreender pelos jovens que nos estimam. Em desobedecer-lhes, quando isso é possível, há, contudo, seja qual for a idade, um malicioso prazer de criança de escola... Anita entregou-se a esse prazer de não ser vigiada! Depois de ter remexido todas as suas gavetas e armários, de ter subido e descido a escada cinco ou seis vezes, da cave ao sótão, quando se sentia já muito fatigada, quis dar uma volta pelo jardim, inspeccionando tudo, baixando-se para limpar e acariciar as plantas preferidas, tactear o solo e, quando o achava seco, fazer o percurso entre a bomba e esses serzinhos sedentos.

Fê-lo tantas vezes que sentiu uma dor no coração. Teve de deixar o regador e sentou-se no atalho, cruzando os braços sobre o peito. Não podia respirar, a dor invadia-a, teve a sensação de morrer, olhou para as suas mãos pálidas donde o sangue

(*) Quadros redondos.

fugira e pareceu-lhe que ela, também, se ia evadir. Sentia dores, mas não mágoa do que tinha feito. Pensava: «Se é o fim, é melhor que seja aqui...».

Deitou-se. Em volta da sua cabeça zumbiam as abelhas e, no céu, o motor de um avião... Em todo o corpo, o seu coração imenso... estava prestes a estalar. Com a boca aberta, voltada para o céu, de olhos fechados, nos seus ouvidos amplificava-se o zumbido do avião. Devia passar-lhe por cima da cabeça... Quando voltou a abrir os olhos, já tinha desaparecido por trás da massa da floresta. O ruído e a dor atenuavam-se. Gotas de suor corriam-lhe das fontes. Com grande esforço levantou-se e voltou para casa. Não queria que seus filhos, no regresso, soubessem da sua escapada. No limiar da casa, voltou-se. Os pés e as mãos despediram-se da sua boa terra: «Boa noite, minha terra! Não te digo adeus... Encontrar-te-ei...»

Anita deitou-se. Pouco depois, Georgina e Vania entraram. Antes, porém, de os ter visto, o ouvido de Anita surpreendeu-se. Não ouvira de longe, como de costume, aproximarem-se as vozes alegres. Foram direitos ao seu quarto e não viram nas suas faces os vestígios do combate que se travava, nem lhe perguntaram como estava. Via-se que ambos eram presa duma exaltação. Georgina tinha nas mãos jornais abertos e disse com uma voz rouca, que recalcava um soluço:

— Ele caiu em Roma, do alto do céu!

— Ele, quem? — perguntou Anita (antes de ter compreendido, já sabia).

— Sílvio! — gritou Vania sufocado.

Anita pegou nos jornais, mas na meia luz do quarto, que não queria dissipar com medo de, ao acender-se a luz, lhe verem os traços fatigados, os seus olhos cansados mal podiam ler. Apenas adivinhava, nas suas grandes linhas, a louca epopeia do jovem Ícaro que penetrara no coração da Itália

e ousara ir desafiar, no seu fojo, o tirano a quem odiava. A despeito da grande frota aérea do inimigo, tinha sobrevoado Roma de avião e lançado aos punhados, sobre o *Senatus populusque,* as proclamações que incitavam à revolta e esbofeteavam o ditador escondido no seu palácio fortificado. Anita devolveu os jornais a Georgina e disse-lhe:

— Lê!

A jovem deu-os a Vania, que leu, com a sua voz de garoto na muda, uma voz que se apressava e tropeçava no fim das linhas, a engolir a saliva. Tinha entonações enfáticas e pueris: a alegria transparecia sob a comoção. Georgina estava calada, de fronte abatida, como estupefacta. Anita fechava os olhos, para ouvir melhor... Ouvia o zumbido do avião...

O jornal antifascista italiano de Paris publicava o testamento de Sílvio, que este deitara no correio em Nice, minutos antes de levantar voo para «a outra margem». Prevenia-a e anunciava-a; era a morte que buscava. Queria, com o seu sacrifício, redimir da vergonha e reanimar a chama «do povo de Mazzini». Repetia as palavras (Anita estremeceu) que ela lhe tinha dito. Dizia aquilo que ela não dissera, mas que reconhecia como seu, pois sabia que ele lera no seu pensamento...

«Por que está tão pobre de heroísmo a terra que foi pátria do *Risorgimento*? Porque espera o exemplo do dom de si próprio, da imolação voluntária, do orvalho de sangue que anuncia a aurora vermelha. Ó *juventú,* faminta de viver, juventude, que tens de renunciar à tua vida, despojares-te das tuas esperanças, das alegrias, e das dores do teu futuro, para as ofereceres em holocausto expiatório! Não é o crime que liberta, é o sacrifício. Mato o tirano mais seguramente, ao atirar-lhe à face o desafio da minha morte, do que matando o cão que treme no seu canil... Levanta-te, povo! Não conheces a

tua força. Até sem combate, de braços cruzados, se dizes «Não!», o tirano cai.»

O avião lançara estas palavras sobre o Forum, onde Cícero fustigara António que o matou; e desaparecera na noite, perseguido pela matilha de asas de aço. Depois, ninguém mais o vira... Vania terminara a leitura. Ardia por continuar a falar; mas o silêncio das duas mulheres intimidava-o. Tentou quebrá-lo, mas não lhe responderam. Cada uma delas, imóvel na noite, meditava. O rapaz calou-se também. Passados alguns minutos, Anita disse do seu leito:

— Vão dormir, meus filhos!

Georgina levantou-se e deixaram-na sem ter acendido a luz.

Vania deitou-se. Georgina fechara-se no seu quarto. Um silêncio cálido enchia a casa. Os bosques calavam-se. Na fosforescente noite de Estio, ergueu-se um som de violino. Anita e Vania suspenderam a respiração para ouvir. Ergueu-se, a princípio incerto, deteve-se numa frase, esperou, retomou-a, esperou. Depois, aos poucos mais senhor de si, pareceu reconhecer o seu caminho. Retomou a frase do começo e desenvolveu-a completamente. Era grave, mas sem tristeza. Em breve, a sua linha nua, que ondulava como um ramo, floresceu em jovens variações, claras e ridentes, tal como uma cerejeira na Primavera. O vento passava nos ramos que se desfaziam numa chuva de harpejos. Voltou o tema, nu. A sua linha pura e altiva parecia o *largo* de Haendel...

O violino calou-se. Vania dormia com a face apoiada no braço. Georgina despiu-se no escuro, com o corpo quente e a alma fresca, aliviada. Não procurava raciocinar o que se passava no seu pensamento. O violino encarregara-se disso. Era um caso arrumado, estava tudo bem... e adormeceu com a sua grande respiração regular.

Anita velava, uma vez mais; mas, desta vez, não velava em vão. O Visitante ia passar... Pensava nos seus filhos sacrificados — Marcos e Sílvio — cordeiros de Deus. Tinham-se oferecido ao holocausto. Fora ela que os oferecera. Bem podia querer defender-se disso, procurar na sua memória as provas de que nada dissera para os impelir e que eles tinham procedido sem ela. Bem sabia que era dela que partira o impulso do seu sacrifício. Sob o seu olhar, que lhes via o caminho muito antes deles próprios, essas duas crianças, esses violentos, quase mau grado seu, tinham-se oferecido ao cutelo. Era como se, com as suas próprias mãos, os tivesse levado ao altar. «Deus de Isaac, que o salvaste, não salvaste os meus filhos! Eram-te precisas essas vítimas. Estás contente?»

O deus, porém, não estava saciado. Anita bem o sabia. Sabia que ele esperava outras... Quem, ainda mais? «Tudo que tens; todos os teus.» Anita fazia em vão esforços para ignorar que aquele rapazinho adormecido ali, por trás da parede, entregue aos seus brinquedos e aos seus sonhos do dia, e aquela grande rapariga, sadia e alegre, que troçava das paixões do mundo e das ideias alucinadas, iriam direitos aos tiros da batalha de amanhã, assim como a sua outra filha da Rússia, que se alistara no grande exército, estavam todos votados à morte exaltada pela chama, por essa chama que ela, cega, contribuíra, dia após dia, para alimentar.

Anita, que quisera aquecer com essa chama o coração daqueles a quem amava e agrupá-los à sua volta como numa lareira, tinha lançado fogo à casa. A chama que alimentava no seu seio e que, nela, subia direita iluminando sem a consumir, fizera fundir as paredes em volta e propagara a outras almas o incêndio. A sua missão fora levar nas mãos calmas, para iluminar o seu pensamento, o archote da acção. Outras mãos, porém, tinham-lho arrancado

e o vento abatera as labaredas sobre a sua própria casa... A Alma Encantada e a sua ninhada, como a Fénix, estavam destinadas à fogueira. Glória à fogueira, se das suas cinzas, como da Fénix, renascer uma humanidade mais alta!... «Queima-me, pois, com os meus! Chegou a hora. Carrasco, estendo o meu pescoço ao teu cutelo...»

Anita sentiu que o cutelo lhe mergulhava no peito. Traspassou-a uma dor atrós e fulgurante, do coração à garganta. Cerrou os punhos sobre a ferida, para não gritar. Havia na ferocidade da dor uma alegria exaltada por tomar parte no holocausto dos seus filhos. Carregava com os punhos no cabo do cutelo... «Penetra!...» Até que, de dentes cerrados, num espasmo, desmaiou...

FOI Vania que, ao despertar com a aurora, ouviu o estranho murmúrio que se evolava do quarto contíguo. Esteve algum tempo sem compreender. Parecia-lhe, no seu semi-torpor, que um animal ferido andava à volta da casa. Depois, teve um sobressalto de medo e chamou Georgina, que dormia com a cabeça do lado da parede a que se encostava a cama de Anita. O rapaz abanou-a, mas a jovem não acordava, pois quando ia para a pastagem do sono tinha de ficar saciada. Logo que entreabriu a porta dos sentidos, fechada à chave, toda a consciência voltou de roldão. Atirou-se para fora da cama, antes ainda de ter aberto completamente as pálpebras pesadas, e correu, a tactear as paredes como os cegos, para junto do leito donde partira o lamento.

Anita estava inconsciente e não sabia que gemia. Georgina alarmou-se com a alteração das suas feições. Logo à primeira vista, avaliou o resultado fatal da batalha. Não perdeu tempo. Mandou chamar Filipe Villard e Vania correu ao telégrafo com um telegrama para Assia. Quando o médico chegou não teve prescrições a fazer além do que Georgina, perita enfermeira, havia já feito: compressas quentes ou geladas. O seu olhar frio de velho atleta, habituado à arena, que lia com antecipação as peripécias do combate, julgou inútil atormentar aquela

que lutava na sua noite: a partida estava perdida. Ter-lhe-ia abreviado o caminho, como faria para si quando se visse assim vencido; mas Anita recusara a sua oferta quando, anteriormente, lha fizera. Proibira que dispusessem da sua vontade, enquanto lhe restasse um sopro de vida, embora esse sopro fosse um furacão ardente de sofrimento...

— Não consinto de modo nenhum que interrompam o combate. Deixem-me sòzinha!...

Villard deixou-a assim. A sua grande mão, de dedos de ferro que sabiam ser de veludo, pegou, debaixo dos lençóis, nos pés já frios de Anita e apertou-os com ternura...

— Descansa!... Adeus, Anita...

Na noite seguinte, um avião desceu cerca de Meudon. Uma ave febril bateu nos vidros. Georgina abriu... Era Assia que chegava num pé-de-vento. O telegrama tinha-a alcançado na cidade escandinava onde se encontrava em missão. Partira imediatamente. Pouco lhe importava o risco que corria e de dois lados: em França, tinha quase a certeza de ser presa e expulsa; por outro lado, o Partido não lhe perdoaria ter comprometido, por um capricho ou uma paixão, o seu carácter oficial ou oficioso. O individualismo pode pôr-se, sinceramente, ao serviço colectivo, mas nada quebra os seus bruscos arrebatamentos e ninguém consegue prevê-los, nem ele próprio. Em Assia, o acto precedera as reflexões. Só as encontrou à cabeceira da moribunda. Aconteça o que acontecer! Cumprira a sua palavra...

— Mãe, aqui estou. Acompanho-te até a última volta do caminho...

ASSIA prometera o que ninguém tem o poder de cumprir. Na última hora, não há companheiros. Anita percorria sòzinha o fim da sua rota. Estava envolvida, como os deuses nos combates da Ilíada, por uma ardente muralha de fumos. Os que se debruçavam sobre o seu corpo deitado não a viam; só viam a muralha por trás da qual caminhava. De longe em longe, a espessura fumosa adelgaçava-se: abria-se um buraco e Anita descobria, pela frincha, os objectos... Tudo à sua volta eram objectos... A voz daquele rapazinho a quem não via (estava, porém, ali, muito próximo da sua cabeça; bastava-lhe voltá-la para o ver; mas não tentava...) não lhe despertava qualquer comoção... Ele estava ali, era... Era um objecto... A clareira no fumo fechava-se. Ainda se ouvia a voz, através... Como era longe! Como tudo que vivia estava já longe!...

Anita despejava fora o braseiro do seu corpo. As preocupações do seu espírito nos dias anteriores objectivavam-se com os fenómenos da febre, que, imediatamente interpretados no sentido do sonho que a imaginação compunha, tomavam o seu lugar na cena... Julgava ter voltado ao seu apartamento de Paris. Paris ardia... O bater e ribombar das artérias eram descargas de artilharia e crepitar de fogo. Batiam-se nas ruas. A sua garganta, que sufocava,

sentia o gosto acre do fumo. Pela janela aberta, o fumo entrava sob os seus olhos. O incêndio atingia, trepava, lambia as paredes da sua casa...

Anita não se surpreendia de que o rosto de Assia estivesse inclinado para ela. Ligava a sua presença à da Revolução. Parecia-lhe natural que Assia estivesse lá. Da distância donde a via, a de Oslo a Paris não contava mais do que a dum quarto para o outro. Toda a Terra estava no mesmo plano. A distância também desaparecera entre a máscara da vida — aqueles olhos, as bocas, as mãos, os gestos, as palavras — e o espectáculo interdito dos pensamentos que os vivos ocultam aos outros e a si próprios. Uma extraordinária lucidez permitia-lhe ler, como num relâmpago, até o fundo dos seres de quem a separava uma cortina.

Naquela filha bem-amada, que velava junto do seu leito, Anita palpava, na noite, uma alma hostil que, contra a vontade de Assia, a invadia. Reintegrava, porém, ao transpô-lo para o seu sonho, todo esse fundo das almas em que tocava. Imaginava que o fogo subia pela casa e que os seus filhos a abandonavam. Via Georgina e Vania, que fugiam pela janela e pelo tecto. Georgina apostrofava os assaltantes e parecia uma Liberdade de Delacroix em cima das barricadas, uma Revolução de seios jovens, que cantava e ralhava. Junto dela, havia um garoto armado, que ria... Assia, sòzinha, obstinava-se em não a deixar; mas estava impaciente por ver acabar aquilo e, no fundo do seu coração, repetia:

— Despacha-te!...

A moribunda, procurando mexer os lábios, pensava dizer (mas nenhum som articulado saía):

— Despacho-me; mas as minhas velhas pernas não andam depressa. Não me esperes! Vai-te embora, minha filha!...

Assia afastava, com mão fatigada, os horríveis pensamentos. Quisera, a despeito da sua fadiga,

velar Anita. Obrigara Georgina e Vania a irem repousar. Estava sòzinha em face da moribunda, e Deus sabia a afeição apaixonada que tinha por Anita! Era a única mulher no mundo de quem tinha gostado. Amava Marcos em Anita; amava nela a mãe, mais sua verdadeira mãe do que a do seu sangue. Amava a amiga, aquela que confiara em si, que entregara, nas mãos da estranha, da errante, da rejeitada, o que tinha de mais precioso, o seu filho e o tesouro da sua intimidade, a que tivera fé nela — mais do que nunca a tivera em si própria — e que por duas vezes a pusera de pé, limpando a lama dos seus pés, a que a salvara.

Não tinha a certeza, finalmente, se não amaria mais Anita do que Marcos e se em Marcos não era Anita de quem gostava mais. Ambos, naquela hora pelo menos, faziam tão ìntimamente um só corpo que já não os distinguia. Era a ambos que abraçara, com furor, ao atirar-se sobre o corpo inundado de suor da agonizante... No mesmo instante, porém, a alma hostil entrara. Assia sentia-se penetrar por uma glacial indiferença. Deslaçou o abraço e deixou-se cair, sentada, a alguns passos. Estava fatigada e vazia de toda a energia despendida durante dias e noites sem repouso.

Estava despojada de amor e de interesse. Fora retomada pelas outras preocupações da margem dos vivos, de que a moribunda a distraíra por tempo demasiado. Pensava nos riscos da sua viagem, que aumentavam em cada hora com a sua permanência naquela casa. Calculava, com olhar duro, naquela face inchada que repousava (que combatia) sobre o travesseiro, o número de horas que lá estava inscrito e pensava: «De qualquer maneira, está perdida. Que se despache!»

Com uma ferocidade de rancor subconsciente, pegou, à bruta, num livro para ler. Isso quebrava toda a comunhão com a mulher que arquejava. Só

pôde folhear algumas páginas. As frases ficavam-lhe presas na garganta e escarrou-as. Fechou o livro, enojada. Quando de novo viu a face da agonia, teve um súbito horror de si própria e medo do crime do seu pensamento. Rojou-se de joelhos e beijou, entre lágrimas, a mão que pendia de veias inchadas... Que fizera! (O pensamento é acto perante a morte). Em vez de a assistir no derradeiro assalto, assassinava o ser a quem mais amava. Gemeu:

— Mãe! Não fui eu! Perdoa-me! Liberta-me!...

O rosto de Anita mantinha-se, contudo, impassível e longínquo. A agonizante percebera tudo; mas não sentia pena nem revolta. Era como se aquilo não lhe dissesse respeito. Estava sòzinha... Em volta da sua morte, o abismo do mundo cavava-se. Grossos rolos de fumo subiam de todos os lados do edifício: na Europa, na Ásia, por toda a parte, guerras e revoluções; a humanidade ardia nos quatro cantos. Até o céu estava bloqueado pelo escudo dos aviões que se abatiam sobre as cidades asfixiadas. Fora da janela da morte, onde havia refúgio? O abandono, pelas almas as mais amadas, acabava o sufocamento na solidão.

Não basta, contudo, que essa solidão da agonia consista, como se julga, ùnicamente no afastamento irremediável, entre os que vivem e os que morrem. Essa solidão tem o seu núcleo de vida essencial no afastamento de si próprio, que se opera no íntimo daquele que morre. Anita já não estava em Anita. A que se extinguia no travesseiro estava só. O seu Duplo, o Outro, retirara-se. Tratava de se mudar. Mudava-se com todos aqueles fumos, aquele ruído, aqueles gritos, aquela agitação, todo aquele tumulto de multidões e de peixões, toda a batalha...

Sobre as ruínas da casa, pousavam os pés da Paz. O corpo distendia-se para receber na sua febre o hálito fresco... Nos espasmos, porém, para quebrar os últimos liames, o frágil cordão que resistia,

Anita foi brutalmente levada, como um pássaro preso a um fio, a essa argila de dor de que queria fugir. Antes de quebrar essa forma duma alma, o lago do coração em que o universo se reflecte e o absorve, a Força-Mãe de toda a vida lembra a quem vai morrer, uma derradeira vez, a consciência aguda de tudo que foi.

Pela contracção do sofrimento e o esforço que exige o supremo arranque, essa força fá-la chocar, cruelmente, com os ferros da lança, com os testos cortantes nos muros do seu envólucro, que a ferem, e ver, dum lado e outro, os seus limites, no leito mortuário do seu corpo, nas paredes entre as quais, como uma abelha, construiu o seu alvéolo de vida — sessenta anos de vida — para que meça, naquele segundo, do salto mortal, num relâmpago, o curto espaço da sua vida, a sua razão de ser e de morrer. Abre-se a cortina. Apressa-te e olha!...

ANITA olhava, àvidamente, com os seus grandes olhos que iam morrer. Os que estavam ali, à volta do leito, julgavam-na mergulhada numa síncope. Não sabiam que via e ouvia. Não viam que estava a caminho e subia a derradeira encosta. Com ela, o sofrimento subia, subia... Numa adagada, a dor traspassava o cérebro com este pensamento fulgurante: «Sofrer é aprender...». O relâmpago dessa frase anulava o próprio sofrimento. A carne vacilante insensibilizava-se. Nada mais restava do que os olhos — os olhos voltados para dentro — e a concha marinha do ouvido.

A moribunda percebeu, como do exterior, o seu próprio resfolegar entrecortado. O ouvido atento espreitava esse sopro que crescia e lhe parecia o arrastar dum comboio em andamento... Quem estava em andamento? Ela ou outrem? Já não distinguia entre o que era seu e de outrem, os postes fronteiriços acabavam de ser arrancados por um pé-de-vento. «O não-eu sou eu; eu sou o não-eu». Tudo era uma massa obscura que se amalgamava no abismo da noite, como uma nafta compacta numa cisterna. O nível subia. A massa atingia a borda do orifício, inchava numa empola, hesitava um segundo, depois, trasbordava e caía... A torrente de lava caía «para cima»! As leis terrrestres estavam invertidas. A gravidade *zienht uns hinan...*

— Sou rio (*) (é o meu nome: desde a origem, o meu destino estava escrito, mas só se aclara hoje), rio do ser, rio dos seres, rio das idades, que atravessa a serpentear os flancos escarpados do monte. Por baixo de mim, ao debruçar-me, vejo os elos indefinidos que se enrolam e desenrolam. Por cima, vejo a cabeça alongada da serpente que se ergue, abrindo o seu caminho, tacteando as asperezas das rochas que a dominam e içando-se até elas. Muito lá em cima, muito ao fundo, para lá dos cimos, o abismo do céu oceano...

A cada ímpeto, de que um arrepio a percorria, Anita retesava-se: a flecha do arco ia partir... Aqueles que à sua volta tinham olhos para não ver viam apenas as suas mãos magras crisparem-se no lençol. Sob o dedo que palpava, o seu pulso extinguia-se; mas ela ainda ouvia bater o seu coração. Já não distinguia sequer a sombra da cabeça de Assia, de quem sentia o bafo na face; mas ouvia, distintamente, as vozes que já não se disfarçavam.

O seu corpo, crivado de injecções de óleo canforado e de cafeína, estava, exteriormente, insensível; mas o ouvido persistia e, na invasão da noite, toda a luz se concentrava nele. Derradeiros murmúrios da terra... A torrente passava como um expresso, donde se viam, pelas portinholas, as janelas iluminadas das casas que ficavam para trás. Anita desejaria estender-lhes os braços, mas os seus braços eram de pedra. Sorria, apenas uma leve claridade se esboçou nos seus lábios, mas Assia com a face colada contra a sua surpreendeu-a... A claridade reentrou na sombra. O comboio estava já longe. A viajante fora levada...

Sùbitamente, a torrente avolumou, a pele eriçou-se, rugas percorreram a toalha de água — a

---

(*) No original: *Rivière.*

toalha de sangue... De repente, o rio imobilizou-se por completo, da fronte aos calcanhares. Era de ferro; estendida, como uma escada gigantesca aplicada ao flanco do monte, uma cremalheira de vermelho metal fundente, de que cada vivo forma um degrau. Com ela trepava um desses Alpes, que os pés de Anita tão bem conheciam e de que tanto gostavam, que os seus jarretes outrora tinham escalado com os batalhões das árvores no assalto — para além das fronteiras das florestas —, uma pirâmide de basalto, com uma cabeleira de glaciares e uma espuma de nuvens espessas agarradas à sua crista de neve, que se recurvava como o bico dum Matterhorn...

Da escada metálica, do fundo do abismo, subia um passo pesado, que fazia estremecer, de baixo a cima, todo o metal erguido como uma seta que vibrava atirada contra o céu. A escada, de fogo duro e congelado, gemia sob o peso. Cada degrau estremecia com o vibrar de todos os outros, que se ampliava à medida que os passos se aproximavam, e todos estavam, da base ao cimo, ligados pelo mesmo frémito. No entanto, tal como os caules das ervas altas dum campo, inclinados pelo vento no mesmo sentido, todos se inclinavam para o que subira, para baixo.

De cada vez que a garra invisível mordia um degrau da escada e o triturava, o mundo inteiro inclinava-se para esse ponto de agonia, que suportava ao sucumbir a massa inteira do Destino. O degrau vivo que estalava combatia e morria por todos e no seu espasmo se reuniam todos os alentos dos vivos. Logo que o combate terminou e o Triturador invisível passou, só deixando atrás de si cinzas, a erva, agitada pelo vento de fogo, endireitou-se à sua passagem voltada para cima. O degrau de vida calcinada vibrou, então, os combates que se darão em cima, no futuro. A corrente do ser correu inteiramente daquele que a vida acabava de deixar para

aqueles em que mergulhará a corrente, para a embocadura...

Aquela que foi, entre os vivos, Anita, que só o era por um instante, a fim de assistir ao seu esmagamento no lagar, via, através duma névoa, subir de baixo o passo do Triturador de cachos... A cada passo que o aproximava, tornava-se mais espessa a névoa vermelha e negra... A grande Treva, num ruído de pregas, abateu sobre a alma que caía as duas abas do seu manto. O Inominável saiu do fundo, com um rugido de trovão. A serra penetrou e tudo foi vasculhado, tudo foi mordido pelos seus dentes: os flancos, os olhos, a boca, o sexo, tudo foi aspirado: era, na dor sem nome, o inominado deleite da cópula mortal. A alma esmagada, distendida, dilatava-se, tornava-se carne com o Ser soberano que de toda a evidência a encorporava em si: «És minha e sou teu...»

Ó plenitude! Identidade!... Nesse segundo, compreende-se tudo, o além do bem, o além do ser... O *Erleben* total acabava. Acabou-se o ciclo da Alma Encantada... Era um degrau da escada, lançada no vácuo, numa volta do caminho. Quando o passo que subia se apoiou nela esmagando-a, o degrau aguentou-se voltando-se e o Senhor atravessou o abismo sobre o arco tenso do seu corpo. Toda a dor da sua vida foi o ângulo de flexão da caminhada para a frente do Destino... «Destino! Caminha! Obrigada por me teres tomado por estribo!... Sigo-te. Destino sou.»

O suco do racimo que o pé do Vindimador esmagou seguia o seu curso. A onda de vida que se escapava era aspirada para cima, numa vertigem apaixonada, como por uma boca. Uma última vez subira, de baixo, um grito de ave. Era Vania que chamava:

— Avó!...

Amados! Os que ficam para trás de nós!... Não

ficam para trás, estão à frente. É sobre os seus degraus, por baixo do nosso, que o Vindimador que sobe passará. Nós, os que nos tornámos o seu rasto, passaremos, também, sobre os que amamos, tomaremos parte nos seus últimos combates, ajudá-los-emos com o nosso abraço misturado com o que os esmaga, tal como os nossos amados, mortos antes de nós, se nos juntaram e nos abraçaram na nossa morte. Fazemos o caminho juntos. O mesmo rio...

— Adeus, Anita!... Agora, compreendi. *Nunc dimittis...*

Deu um suspiro. Assia, debruçada sobre a sua boca, aspirou-lhe, bàrbaramente, o último alento. A Alma Encantada atravessara — jacto de sémen no sulco que abre a Morte, para o buraco do céu, no alto do monte — a grande barragem por onde corre a Via Láctea, colar das noites, serpente dos mundos, que desenrola nos prados do Infinito os seus anéis de Ser...

FIM

A Maria

Dez anos de combate contra si próprio.
É preciso combater-se, para se ultrapassar.
Dez anos duma paz, filha da guerra, mãe da guerra.
Não te lamentes jamais! A paz está ao cabo.

Caminhemos ao seu encontro!
Minha amiga, minha mulher, ofereço-te as minhas feridas.
São o melhor que a vida me deu,
Pois cada uma é a marca dum passo em frente.

R. R.

Setembro de ~~1933~~ 1933

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO
E IMPRESSO PARA A
PORTUGÁLIA EDITORA
NA TIP. LEANDRO, LDA.,
TRAVESSA DO NORONHA, 28,
30 e 30-A — LISBOA